

AZULEJARIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

CORPUS DA AZULEJARIA PORTUGUESA



AZULEJARIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

por

J. M. DOS SANTOS SIMÕES

Edição revista e actualizada



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

2010

Nas guardas:
SANTO ANTÃO DO TOJAL – Palácio da Mira («porteiros»)

NOTA PRÉVIA

Esta tão esperada reedição do volume do Corpus dedicado ao século XVIII, teve por base um projecto de investigação^() apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desenvolvido entre 2004 e 2007 – tendo como parceiros o Museu Nacional do Azulejo e a Fundação Calouste Gulbenkian –, cujo objectivo fundamental era a actualização do Inventário do Património em Azulejo do século XVIII.*

A ideia de elaborar uma edição revista e actualizada desta obra – a exemplo do que já tinha sido feito para os séculos XVI e XVII – proposta ao Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian acolheu de imediato o maior entusiasmo, assumindo esta instituição os custos da nova edição bem como a atribuição de subsídios à equipa de investigação para a continuidade de um trabalho minucioso de comparação e actualização da informação sobre os conjuntos azulejares ainda in situ ou recentemente desaparecidos.

Ao revisitar os espaços com núcleos azulejares mais importantes e significativos, procurou-se recuperar a antiga ideia de Brigada, ao efectuar um registo do azulejo in situ, seguindo a proposta inovadora de João Miguel dos Santos Simões para o que viria a constituir o elenco do Corpus da Azulejaria Portuguesa.

Desde a 1.ª edição em finais da década de 1970, o conhecimento e a valorização artística e patrimonial do azulejo setecentista evoluiu em conteúdo e em forma, num novo entendimento da obra de azulejo e a arquitectura, conhecimento de novos conjuntos, novas tendências, novas realidades de produção, de gosto, de utilização do azulejo como suporte de imagem e de mensagem. Tornava-se assim premente completar e aprofundar esta obra de referência, honrando o sonho e a visão do seu autor, o Engenheiro Santos Simões.

*No difícil compromisso entre a necessidade de actualização e o respeito pela obra deste investigador, e tendo em atenção o seu texto original^(**) – a lógica de inventariação e o projecto de investigação que lhes estão inerentes –, tentámos preservá-lo, não o refazendo, antes aprofundando as linhas já definidas, seguindo o seu modelo e estrutura organizativa, procurando fazer actualizações, principalmente a partir dos novos dados decorrentes de recentes investigações e dissertações ao nível do património em azulejo do século XVIII em Portugal Continental, tais como: dados históricos relevantes do edifício que informem sobre a encomenda dos azulejos e permitam uma contextualização da obra; em muitos casos, uma revisão mais extensa do conjunto,*

^(*) O Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Portugal Continental. Constituição de Repertórios Iconográficos. POCTI/HAR/45609/2002.

^(**) Embora seja já uma edição póstuma revista por Flávio Gonçalves, é este o texto considerado original e que constitui o *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, um projecto original e ambicioso da autoria de J. M. Santos Simões.

a verificação de alterações significativas no conjunto azulejar nas últimas décadas, uma correcção ou extensão da identificação da iconografia, nomeadamente com a transcrição de legendas e inscrições, sempre que tal foi possível; e, por fim, novas informações sobre a cronologia ou autoria de muitos conjuntos azulejares.

A principal ideia subjacente a esta reedição foi, desde sempre, manter a essência da obra, a estrutura, o formato e a sua própria legitimidade.

Este apurado trabalho de revisão foi levado a cabo por uma equipa reduzida de investigadores: Alexandra Gago da Câmara, Celso Mangucci, Patrícia Roque de Almeida, Teresa Verão e Susana Carrusca, contando igualmente com a colaboração de Joana Campelo no capítulo sobre os registos e de Diana Santos no conjunto geográfico da zona de Coimbra.

O trabalho de reedição e actualização desta obra teve presentes alguns critérios, de entre os quais destacamos os seguintes.

O capítulo sobre os artistas da azulejaria portuguesa do século XVIII, apesar de incompleto, como todo o volume, representa o maior esforço de síntese das investigações de José Miguel dos Santos Simões, reflectindo um olhar abrangente sobre o corpus da azulejaria setecentista em Portugal. A sua actualização impunha-se desde o início pela ausência da identificação do pintor Manuel dos Santos, um dos expoentes do ciclo dos mestres, com obra anonimamente elogiada pelo próprio Santos Simões. Falta, aliás, já assinalada aquando da primeira edição em nota de Flávio Gonçalves.

Com a actualização dos núcleos referenciados no Elenco, com novos dados sobre uma grande parte dos pintores de azulejos, oleiros e mestres-ladrilhadores, justificava-se que, em nota, se desse conta dos novos estudos sobre esses artistas.

Evitou-se, por outro lado, a exaustiva compilação de mestres-ladrilhadores, oleiros e pintores aprendizes e colaboradores secundários, cuja menção obrigaria a uma excessiva intervenção num capítulo que, como referimos, é dos mais personalizados e completos da primeira edição.

Nos restantes capítulos iniciais, manteve-se o texto original, introduzindo-se uma nota de edição com actualizações breves de estudos, publicações e interpretações recentes.

Todos os novos contributos constituem uma adenda, destacada graficamente em cor azul, de modo a preservar o texto original de João Miguel dos Santos Simões.

No que ao trabalho de edição de texto diz respeito, deveremos referir duas intervenções de maior significado, para além da correcção das gralhas existentes. Por um lado, procurámos acertar a maior

uniformidade possível de critérios de marcação tipográfica, como sejam, entre outros, o uso de itálico, de abreviaturas, de maiúsculas iniciais, quer em títulos como em designações de estruturas arquitectónicas.

Por outro, e no que às notas de rodapé diz respeito, levámos a cabo uma numeração sequencial por distrito, incluindo as que já existiam: aquelas que constam do texto original de Santos Simões, as acrescentadas por Flávio Gonçalves na edição póstuma e as da actual reedição (também com marcação específica a azul) todas uniformizadas em termos de tipos tipográficos.

Toda a bibliografia citada foi normalizada, o que tornou as notas abreviadas – a única grande alteração de fundo – e remetendo para uma bibliografia final actualizada.^(***)

Refizeram-se todos os índices remissivos, manteve-se e recuperou-se a maior parte das estampas. Foram também realizados novos registos fotográficos.

Optou-se por incluir a localização geográfica dos núcleos azulejares distribuídos em três grandes zonas: Norte (distritos de Viana do Castelo a Leiria; distrito de Lisboa, e Centro – Sul (distritos de Santarém a Faro)).^(****)

Ainda que a actualização deste corpus se apresente em muitas partes obviamente incompleta, pois um inventário a este nível poderá ser uma «obra de gerações», procurou-se visitar e actualizar um elenco de casos que se mostrassem suficientemente significativos para permitir um estudo e uma interpretação mais aprofundados nesta área de trabalho e investigação.

Deste modo, tencionámos reabilitar e trazer à estampa esta obra – há muito esgotada –, metodologicamente inovadora no domínio da História de Arte (e da cultura) portuguesa.

Esperamos que se possa tornar um instrumento útil de trabalho, a juntar aos desafios impostos pelas novas tecnologias do trabalho científico, contribuindo para um maior conhecimento do património azulejar do século XVIII em Portugal.

LISBOA, OUTUBRO DE 2010
MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA

^(***) Optámos por incluir a bibliografia da autoria de João Miguel dos Santos Simões na Bibliografia final e não manter a separação como estava na edição antiga.

^(****) Ver mapas.

Agradecimentos

*Aida Mata e Dr. Paulo Oliveira,
Mosteiro de São Martinho de Tibães
Alexandre Pais, Museu Nacional do Azulejo
Ana Barata, Biblioteca Geral de Arte
da Fundação Calouste Gulbenkian
Ana Mântua
Ana Paula Correia, Escola Superior
de Artes Decorativas
Ana Paulo Gordo, Biblioteca Geral de Arte
da Fundação Calouste Gulbenkian
António Campos, Museu de Sines
Belmiro Jordão, Ordem Terceira de São Francisco
de Guimarães
Biblioteca Geral de Arte da
Fundação Calouste Gulbenkian
Cândido Jacob
Carolina Leite, Museu Nogueira da Silva, Braga
Celeste Vaz, Instituto Monsenhor Airosa, Braga
Cláudia Pinho e Melo, Museu de Aveiro
Cónego António Macedo, Braga
Cónego Capelão Amadeu, Sé do Porto
Cónego Doutor José Paulo Abreu,
Museu Pio XII, Braga
Constança Rosa, Biblioteca Geral de Arte
da Fundação Calouste Gulbenkian
Diana Santos
Eduardo Pires de Oliveira
Escola Superior de Educação de Portalegre
Fausto Sanches Martins
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação Robinson de Portalegre
Governo Civil de Portalegre
Hospital de São Marcos, Palacete do Raio, Braga
Inês Gato, Associação LASA
Isabel Maria Fernandes, Museu Alberto
Sampaio, Guimarães
Joana Campelo
João Castel-Branco, Amigos do Museu Nacional
do Azulejo
João Pedro Monteiro, Museu Nacional do Azulejo
Joana Balsa Pinho
Jorge Moleirinho
Jorge Rodrigues, Serviço de Belas-Artes
da Fundação Calouste Gulbenkian
José Costa Reis, Museu dos Biscainhos, Braga*

*José Emídio
José Meco
Luísa Arruda
Manuel da Costa Cabral, Serviço de Belas-Artes
da Fundação Calouste Gulbenkian
Manuel Joaquim Moreira da Rocha
Margarida Rebelo Correia, Museu Nacional
de Soares dos Reis
Maria Antónia Matos, Museu Nacional do Azulejo
Maria Augusta Marques, Câmara Municipal
do Porto, Divisão de Património Cultural
Monsenhor Manuel Mota
Museu do Tesouro da Sé Catedral de Braga
Museu Municipal de Vila Franca de Xira
P.^o António Nabais Fernandes, de Sousel
P.^o Marcelino Caldeira, de Cano
P.^o Marcelino Dias Marques, Sé de Portalegre
P.^o Paulo Henriques Dias, do Crato
P.^o Pereira de Sines
Paróquia de São Vítor, Braga
Patrícia Aguiar, Sociedade Martins Sarmento
Paulo Henriques
P.^o José Manuel Macedo
P.^o Manuel José Dias Amorim, Diocese do Porto
P.^o Rodrigo da Cunha, Vila Nova de Gaia
Pedro Rema Barros Cruz
Rede Temática de Estudos de Cerâmica e Azulejaria
João Miguel Santos Simões
Ricardo Ávila Ribeiro
Rosário Carvalho
Santa Casa da Misericórdia de Sousel
Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo
Senhora Maria de Vale de Guiso
Susana Branco, Museu Municipal
de Viana do Castelo
Susana Flor
Susana Mota, Seminário de Santa Maria/
/Museu de Arte Sacra/
/Igreja do Colégio de São Lourenço
Susana Rosa
Teresa Jacinto
Turismo de Portalegre
Vítor Sousa Lopes
Vítor Serrão*

A todas as pessoas e entidades que nos facultaram informações e dados úteis para esta reedição.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ADB – Arquivo Distrital de Braga

ADP – Arquivo Distrital do Porto

AHMF – Arquivo Histórico do Ministério das Finanças

AHMOPTC – Arquivo Histórico do Ministério das Obras
Públicas, Transportes e Comunicações

AHTC – Arquivo Histórico do Tribunal de Contas

AINSM – Arquivo da Irmandade de Nossa Senhora
de Monserrate

BA – Biblioteca da Ajuda

BCA – Biblioteca da Academia das Ciências

BESBAP – Biblioteca da Escola Superior de Belas-Artes
do Porto

BGA – Biblioteca Geral de Arte da Fundação Calouste
Gulbenkian

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BMPP – Biblioteca Municipal Pública do Porto

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPE – Biblioteca Pública de Évora

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

CML – Câmara Municipal de Lisboa

CMP – Câmara Municipal do Porto

DGEMN – Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos
Nacionais

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

FCSH – UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

IAN/TT – Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património
Arquitectónico e Arqueológico

MNA.z – Museu Nacional do Azulejo

MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

SS. – Santos Simões

cap. – Capítulo

cx. – Caixa

ed. – Edição

fasc. – Fascículo

fl. – Fólio

lv – Livro

p./pp. – Página/s

proc. – Processo

ms. – Manuscrito

mç. – Maço

s. d. – Sem data

s. l. – Sem local

s. n. – Sem nome

vol. – Volume

t. – Tomo

AGC – Maria Alexandra Gago da Câmara

CM – Celso Mangucci

DS – Diana Santos

JC – Joana Campelo

MTV – Maria Teresa Verão

PRA – Patrícia Roque de Almeida

SC – Suzana Carrusca

ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO (<i>da primeira edição</i>)	XV
APRESENTAÇÃO (<i>da segunda edição</i>)	XIX
PREFÁCIO	XXIII
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I (<i>Influência Holandesa</i>)	13
CAPÍTULO II (<i>Artistas da Azulejaria Portuguesa do Século XVIII</i>)	19
CAPÍTULO III (<i>Temas Iconográficos e suas Fontes</i>)	43
CAPÍTULO IV (<i>Composições Ornamentais</i>)	53
CAPÍTULO V (<i>Azulejaria «de Figura Avulsa»</i>)	71
CAPÍTULO VI (<i>Registos de Azulejos, Ex-Votos e Painéis de Azulejos Marinheiros do Século XVIII</i>)	79, 85
ELENCO	91
ESTAMPAS	567
BIBLIOGRAFIA	669
ÍNDICES	
<i>Onomástico</i>	705
<i>Iconográfico</i>	715
<i>Cronológico</i>	725

APRESENTAÇÃO

da primeira edição

A publicação, pela Fundação Calouste Gulbenkian, do volume do «Corpus» da Azulejaria em Portugal no Século XVIII, tem duas finalidades: – a primeira é complementar uma obra de grande projecção artística e histórica; a segunda prestar homenagem à memória do Engenheiro Santos Simões, que a iniciou e que para o referido volume reuniu em vida uma soma valiosíssima de material.

Embora não seja um historiador de arte, é-me profundamente grato deixar aqui assinalada a minha grande admiração pelo alto nível da obra a que Santos Simões se abalçou, e que incansavelmente prosseguiu até que a morte o prostrou, e o meu agradecimento a todos quantos, tomando por base os materiais por ele reunidos e classificados, a completaram em condições por natureza particularmente penosas.

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

APRESENTAÇÃO

da segunda edição

A reedição do mais procurado volume do Corpus da Azulejaria em Portugal, do Eng.º João Miguel dos Santos Simões – aquele que é dedicado ao século XVIII e aos grandes programas iconográficos que encheram as nossas igrejas, conventos e palácios barrocos – vem possibilitar o acesso de um número alargado de investigadores e de um vasto público interessado a uma obra de referência da nossa história dedicada à arte azulejar.

Constitui também uma homenagem porque, ao actualizar esta obra, a Fundação Calouste Gulbenkian coloca de novo à disposição de todos não só o conteúdo original, de uma obra há muito esgotada, mas também o resultado da recente investigação neste campo, assim cumprindo os desígnios do saudoso Eng.º Santos Simões de fazer progredir sempre a investigação no campo da azulejaria, à qual dedicou a sua vida.

É neste sentido que agradeço o esforço e dedicação desenvolvidos pela equipa de investigadores liderada pela Professora Alexandra Gago da Câmara, bem como o empenho posto pela equipa gráfica e de produção de Jorge Silva, na forma como actualizou este volume respeitando a obra original.

Com a publicação deste volume completa-se o ciclo de reedições do Corpus da Azulejaria em Portugal, que incluiu também os volumes dedicados ao século XVI e ao século XVII.

EMÍLIO RUI VILAR
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

PREFÁCIO

É finalmente possível trazer a lume o presente volume do «Corpus» da Azulejaria em Portugal no século XVIII. Falecido o seu Autor algum dia descremos de o conseguir. E é contudo, escrupulosamente, uma obra de Santos Simões, a sua última obra, a obra póstuma.

Deixara-nos um conjunto de fichas em que havia acentuadas variantes de proporções e extensão e até falhas; deixara-nos um conjunto de fotografias cuja relação com as fichas havia que encontrar e aqui, sobretudo, com lacunas.

Santos Simões foi um dos homens que mais trabalhou com o recurso à fotografia. Para ele era parte de um método e não um fim. Era um método de análise e servia a comparação.

Dizia-se então e, dir-se-á porventura ainda, que eram «fotografias de trabalho», tal como nalgum tempo se designaram, mas não «fotografias de arte».

Assim, relativamente a vários casos importantes, existiam fotografias de trabalho, mas noutros, entre os mais significativos, não se encontrou documentação fotográfica. É que o Autor sabia que teriam de ser fotografadas por um técnico devidamente apetrechado pelas exigências de qualidade que impunha a publicação.

Esses casos mais importantes, simultaneamente, com os mais próximos, correspondem às zonas mais cinzentas da documentação. E bem se compreende que o Autor se reservara para atacar no fim do trabalho.

Além de um bloco de fotografias e dum bloco de fichas com as dificuldades de «seriação» e articulação já assinaladas, tínhamos alguns capítulos para uma obra de que não se encontrou plano ou guião. Havia que estudar a montagem possível, de acordo com o exemplo dos anteriores volumes. Mas, rigorosamente, os dois volumes que Santos Simões previra, afinal condensados em um, provam bem que estava longe, também sob esse ponto de vista, de dar a obra por concluída.

Que mais terá tido intenção de escrever? Como ordenar o material? Teria que fazer-se, pois, uma lenta «releitura» de tudo o que nos ficou, dar laboriosa atenção a tudo quanto nos deixou, espiando o propósito que foi definido e se esvaiu antes que o conhecessemos.

As fichas tinham por vezes um tom leve de quem lança dados para a elaboração futura, ou uma codificação de registo que nos escapa sem a chave.

E depois que é que Santos Simões considerava mais importante na Azulejaria do Século XVIII, que equilíbrio previra na distribuição dos exemplos e que casos considerava mais típicos em cada região? Que relação fundamental, em termos de obra, e não em termos de registo de inventário, entre as suas notas e as suas fotografias, entre umas e outras, e a explanação exemplar do livro, definindo prioridades de significados e exemplaridade?

Com este monte de dificuldades partimos para a tentativa de restituirmos o pensamento de Santos Simões, servindo-nos não apenas do material que nos deixara, mas também dos seus outros volumes da Azulejaria e de toda a sua obra. E o que se fez, com a demora com que tinha de ser feito, foi um profundo exame dos métodos de trabalho e da «teoria» própria sobre o azulejo, de quem, em Portugal, indiscutivelmente se consagrou como seu grande especialista.

E assim se chegou a um texto ilustrado, possível. Mas entendeu-se ir mais longe e desse modo se pediu a um historiador de arte português que se tem encontrado também, e de maneira muito significativa, com o azulejo, Flávio Gonçalves, que revisse o trabalho de Santos Simões que nós conseguiríamos articular.

A sua cooperação foi preciosa e da maior utilidade, cabendo deixar-lhe aqui o nosso público agradecimento.

Flávio Gonçalves compreendeu muito bem os nossos desejos e as nossas dificuldades. Concordou em que não deveríamos fazer nova investigação, nem tentar aditar ou alterar o texto de Santos Simões. Podemos assim assegurar que não se trata de uma obra de colaboração, mas de uma obra integralmente de Santos Simões. Na revisão geral que fez de todo o texto do grande ceramógrafo, Flávio Gonçalves procurou sobretudo evitar equívocos nas referências geográficas e na localização das peças, velando ainda pelo respeito das regras adoptadas na inventariação dos conjuntos e pela fidelidade das peças, velando ainda pelo respeito das regras adoptadas na inventariação dos conjuntos e pela fidelidade das legendas azulejares transcritas. Por outro lado redigiu diversas notas de rodapé, em que ora se corrigem alguns lapsos constantes do texto original, ora se referem elementos documentais revelados já depois do falecimento de Santos Simões, ora se indicam, em casos especiais, registos bibliográficos de esclarecimento (segundo critérios apontados pelo Autor do volume, que não teve tempo de os respeitar na totalidade das situações). A fim de que estas (e outras) notas se não possam confundir, convencionou-se utilizar diferentes tipos gráficos para a impressão das notas: as do próprio Autor, as dos organizadores do volume (comigo, Dr. António Manuel Gonçalves, Dr.^a Maria Emília de Oliveira Machado, Maria Isabel Ribeiro Marques e Emílio Guerra de Oliveira) e as de Flávio Gonçalves. Sistema talvez um tanto complexo, mas que procura respeitar honestamente a parte de cada um, dando a César o que é de César e não confundindo responsabilidades.

Fica assim saldada, ainda que com demora mas esperamos que com alguma virtude, a nossa «dívida», moral e intelectual, para com a memória de Santos Simões, que profundamente reverenciamos.

ARTUR NOBRE DE GUSMÃO

Esta obra foi editada pela
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

*com fotografias do Autor, do Prof. Robert C. Smith,
dos Estúdios: Mário Novais, Teófilo Rego, e Foto-Baía,
além das gentilmente cedidas por: Museus Nacionais
de Arte Antiga, de Lisboa, e Machado de Castro, de Coimbra.
Câmara Municipal de Lisboa (Direcção dos Serviços Centrais e Culturais)
e Dr. Luís Augusto Pinto Garcia.
A planta esquemática de S. Vicente de Fora é do Autor,*

Realização Gráfica das oficinas de
GRIS IMPRESSORES, S. A. R. L. • Cacém • Portugal

*Impressão de textos e reprodução de desenhos e fotografias
em fotolito sobre papel Couché «Printomat».
Encadernação em tela de origem alemã.*

1979

A reedição desta obra esteve a cargo da
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Com coordenação científica de
Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara
e por uma equipa de investigadores
Celso Mangucci, Patrícia Roque de Almeida,
Teresa Verão e Susana Carrusca

*Com fotografias de José Manuel Costa Alves
e da Divisão de Documentação Fotográfica do Instituto
dos Museus e da Conservação.*

*Revisão de am edições, antónio alves martins
com a colaboração de Luís Milheiro*

Design gráfico de Silva! Designers
Impressão de Textype, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 318215/10
ISBN: 978-972-678-046-5

2010

INTRODUÇÃO



O período genericamente conhecido por Século Dezoito aquele em que, definitivamente, se vinculou o azulejo português. Para a maioria das pessoas, o próprio termo *azulejo* identifica a produção desse longo período, caracterizado pelas exuberâncias decorativas do Barroco, que encontraram na decoração cerâmica das expressões mais eloquentes: muitos são ainda os que crêem que a palavra azulejo define o que era feito em azul, e o azul foi a cor que dominou a azulejaria da primeira metade desse século.

Introduzida e aceite no século XVI, a decoração mural com azulejos, ela veio a atingir em Portugal proporções de monumentalidade no decurso do século XVII, animada principalmente pela clientela eclesiástica e, em menor escala – na segunda metade daquela centúria – pelas classes nobres ou nobilitadas, restritas em número e pouco exigentes em qualidade. O azulejo

«nacionalizara-se» português na temática decorativa da padronagem policroma e nas escalas de aplicação parietal, com atrevimentos das decorações de paredes inteiras, caso particular entre as concepções ornamentais do Ocidente.

Caracterizamos no volume do *Corpus* dedicado à *Azulejaria em Portugal no Século XVII* (tomos 1 e 2) o que julgamos constituir os termos de uma gramática de estilo próprio da época, cuja nota dominante foi a utilização de uma paleta cromática variada, com insistência nas tonalidades amarelas, azuis e roxeadas. No entanto, e dentro do rigorismo cronológico, são ainda do século XVII as primeiras manifestações do influxo de uma cerâmica em que predominam as colorações azuis, com exclusão progressiva de todas as outras.

Ainda que esboçadas as razões e causas desta limitação colorista, prometemos que seria ao estudar a Azulejaria do século XVIII, quando o *azul e branco* se vem confirmar, que desenvolveríamos a matéria.

Se é lícito falar de um «espírito» seiscentista e de um «espírito» setecentista, ligando-os intimamente com os fenómenos evolutivos da Arte, vemos que o azulejo português reflecte esses estados, acompanhando na sua morfologia ornamental a viragem do gosto que se operou em toda a Europa. Depois dos maneirismos em que caíra o Renascimento, temperado pelas austeridades teóricas saídas do Concílio Tridentino – a chamada Contra-Reforma – vem a reacção naturalista do Barroco, este, por seu turno, acusando diferenciações adjectivas, mais ou menos livres. Sendo certo que o Barroco internacionalizado já estava aceite na Europa desde os princípios do século XVII, a verdade é que, entre nós, ele titubeava indeciso e cauteloso, tomando feições que são outras tantas soluções de compromisso entre uma arte teimosamente apegada ao «romano» da Igreja progressiva – nesta altura informada pela Sociedade de Jesus – e uma ou outra tentativa de novidade, manifestando-se principalmente nos ramos ornamentais – explicitamente na talha de madeira, no mobiliário e no azulejo.

Na arquitectura, que aqui se entende como arte de construir, o Barroco com as suas soluções movimentadas apenas esboça alguns atrevimentos, estes mesmos de origem genericamente estrangeira. Guarino Guarini projecta, em Roma, um templo para os Teatinos a erigir em Lisboa (1653) – a Igreja da Divina Providência⁽¹⁾ – e italianos são os arquitectos inovadores que transplantam para Portugal as formas complexas das plantas movimentadas ou as fachadas e torres de planos descontínuos e exaltações curvilíneas, culminando, já no século XVIII, com Nazoni no Porto e Ludovice em Lisboa.

No azulejo, especificamente ornamental, aceitam-se com entusiasmo os novos termos gramaticais e são ainda do século XVII as primeiras manifestações de curvas e contracurvas, de volutas e mísulas em consola, de folhagens contorcidas, de urnas e fogaréus, repelindo a disciplina geométrica das simetrias axiais.

A simplificação dos processos técnicos, com o uso exclusivo dos azuis de cobalto, presta-se a uma maior liberdade de desenho, tratado ao gosto e à semelhança dos acessórios usados em enquadramentos gráficos. A decoração com padrões repetitivos, cujo efeito decorativo era determinado por gradações rítmicas, onde o «decorativo» era entendido como preenchimento de espaço sem preocupação anedótica, cede lugar à representação figurativa, à historieta contada, com o seu cortejo mitológico, hagiográfico ou simplesmente profano – as caçadas, as paisagens, as cenas bucólicas ou palacianas – outras tantas «ilustrações» de textos facilmente legíveis.

Esta tendência em animar com figuração os temas ornamentais é fenómeno bem conhecido e que caracteriza a viragem do gosto, na recordação de um «renascimento» que não ficara de todo esquecido. É este acento dramático que parece informar a arte do período Barroco, dramático no sentido puro do termo quando ele define simultaneamente drama como exteriorização de vida e drama como «teatro». E teatro é tudo o que se exterioriza, tudo o que se pretende mostrar para emocionar.

Dois factores se me afiguram igualmente importantes na multiplicação do azulejo do século XVIII. Um, que já se começara a notar desde o último terço do século anterior, é o aparecimento de uma classe aristocrática, construtora de palácios ou casas nobres, conhecedora das modas internacionalizadas nas cortes europeias, exigindo para quadro da vida o cenário da decoração. Outro é, sem dúvida, o enriquecimento geral do País, resultante da exploração do Brasil e do alargamento do comércio interno, proporcionando os meios para o supérfluo. A Igreja é ainda o grande cliente da arte e a piedade torna-se mais teatral e megalómana, com necessidades estéticas e exigências qualitativas consentâneas com o espírito do século. A vida mesma, nessa passagem dos séculos XVII-XVIII, é uma «representação», onde cada um personifica outrem, procurando emocionar pelas maneiras de falar, de trajar, de se movimentar, criando um mundo imaginário, de grande consciência estética e mística, ou apenas simbólica.

E o Grande Teatro do Mundo, vasto palco onde se movem os actores principais e onde a multidão anónima dos figurantes está ali para servir de fundo, de cenário humanizado. A pintura, a escultura, a própria cidade, são acessórios que ajudam à encenação de narrativas irreais, onde há grandes senhores que se pavoneiam, grupos de cavaleiros que caçam ou se divertem, deuses que expõem as suas nudezas e contam os seus amores e aventuras ou, no mesmo plano estético, os passos mais dramáticos da história bíblica ou da vida de personagens sagradas, particularmente o drama cristão, desde o ciclo humano de Cristo até aos mistérios marianos, com acentuação particular nos *dolorosos*.

A azulejaria do século XVIII é eminentemente narrativa, o que não exclui – antes pelo contrário – os enquadramentos ornamentais, ou seja, fundamentalmente o que sugere a «boca de cena» e os «bastidores». A vida é comédia e os comparsas movimentam-se como nos palcos e tablados, personificando caracteres de pura ficção. Tudo é hiperbólico, desde a fala e o comportamento, às mais simples manifestações sociais. É, diríamos, um século em permanente festival, exigindo enquadramento estético em que o elemento riqueza seja bem patenteado. É o século dos doirados, das fulgurâncias nos tecidos, no requinte das complicações formais, no rebuscamento das curvas, na movimentação dos volumes, no dinamismo dos jogos de luz. Enorme máquina de teatro para os olhos, ele traz consigo a génese da sua própria negação.

(1) BNL, 1924, vol. I, p. 349.

Século de minorias autocráticas e formalistas, de confusão social, beneficia dos progressos técnicos de comunicação, expressos principalmente na actividade da tipografia e da gravura.

O livro, agora ilustrado, não é apenas veículo de ideias mas compêndio normalizador, onde tudo se ensina pela imagem. As concepções estéticas e as directrizes artísticas são espelhadas em edições luxuosas que vão decorar as bibliotecas e livrarias dos nobres ou dos conventos. Aí estão os modelos, os protótipos, as regras, os riscos, as inspirações, logo adoptadas e servilmente seguidas pela corte de artistas e artífices, cada vez menos conscientes das suas capacidades criadoras. A Itália cede o lugar à França bourbónica e os Luíses tornam-se soberanos da Arte. Do Louvre a Versalhes saem os *diktats* e Paris, no que tem de majestoso e frívolo, é a metrópole do «gosto».

Que admira que Portugal – país de província por definição – agora rico e pacificado, acolha com avidez esse «gosto» prestigiado por Luís XIV. A própria Igreja, tão ligada ainda ao predomínio «romano», acaba por ser vencida e afrancesa-se nos figurinos litúrgicos do mobiliário, da imaginária e da ourivesaria. Só a pintura se mantém fiel à ancestralidade italiana, como aliás acontecia ainda na França de Colbert e de Mazarino.

O azulejo português reflecte todo este clima e demonstra o poder de impregnação das ideias «lá de fora». À parte os primeiros esforços inovadores de artistas mais responsáveis, o que se pratica é o decalque dos modelos nas suas expressões gramaticais, a cópia de anedotas e figurações convencionalizadas nos «cahiers» de ornamentos ou nas estampas religiosas e profanas. O que fica de português é afinal a herança da integração arquitectónica implantada no século XVII e que perdurará como característica diferenciadora durante, pelo menos, a primeira metade do século XVIII. É aqui, na composição das grandes superfícies, que o azulejador de Portugal dará a medida das suas possibilidades criadoras, para as quais não podia obter regras do estrangeiro. Para o público a que se destinava, o que impressionaria era o conteúdo narrativo das cenas pintadas, a graciosidade das figurações ou a emotividade dos passos religiosos. Para nós, analistas e críticos do azulejo como manifestação artística, tais acidentes – válidos é certo – são acessórios e em pouco ajudam a compreensão do valor estético da decoração azulejar, o qual só é relevante quando considerados os conjuntos em que se integram.

Ao longo dos cem anos, de 1700 a 1800, é este o espírito que prevalece, apenas variando no tempo a gramática puramente ornamental, já que a figuração narrativa como que se estabiliza em verdadeiros protótipos que aguentam teimosamente a passagem do tempo.

Assim, para o estudo tipológico e estilístico da azulejaria setecentista interessa, sobretudo, considerar os elementos «variáveis», ou seja, os termos gramaticais da ornamentação. Aliás, a parte figurativa – aparentemente de maior relevância – tem pouca originalidade, uma vez que, salvo raras excepções, ela é decalcada no repertório de estampas e ilustrações profusamente distribuídas pela imprensa e postas à disposição do azulejador pelos clientes ou constituindo mesmo o seu mostruário privativo.

É notável, no entanto, a forma sábia como esses artistas dispunham as figurações, simplificando-as ou adicionando-lhes elementos estranhos aos originais e com os quais preenchiam os espaços a decorar. De facto, só ocasionalmente, uma gravura ou estampa tinha as dimensões próprias para, por ampliação, preencher os painéis de azulejos, todos diferentes em tamanho consoante os destinos. Por vezes era necessário eliminar figuração, alargar ou espaçar as figuras, introduzir um acessório cénico – uma árvore, um edifício, uma paisagem – meter mais um animal, inventar um rio, torcer uma perspectiva, encher o céu com nuvens e aves, tantos «truques» de composição que acabam por fazer desaparecer os motivos originais que se copiavam dos modelos. E todo este trabalho de encenação é, na verdade, aquilo que mais valoriza o labor do artista e onde ele se individualiza. Em algumas oficinas há autênticos «narizes de cera» a que se recorre rotineiramente: é o caso de painéis de azulejos onde aparece a despropósito a figura de um músico cego guiado pelo moço atravessando uma ponte, ou grupos mais ou menos numerosos de camponeses, de pescadores ou barqueiros, inseridos como figurantes.

Mais genuínas, ainda que não inteiramente originais, são as decorações dos azulejos ditos «de figura avulsa», fabrico de importância secundária onde parece ter havido mais liberdade expressiva. Mas é o «painel» o que marca a personalidade artística da azulejaria do século XVIII, descendente requintada dos ensaios feitos já no século XVII.

*

* *

Assistimos, no século XVII, à eclosão de uma «arte» considerada e definida nos aspectos técnicos e de aplicação. Fixaram-se certas regras de composição e de integração e limitaram-se os campos de aplicação – padrões, painéis ornamentais ou figurativos – destinados à decoração de superfícies mais ou menos vastas. No entanto, e apesar da sua versatilidade, o azulejo é ainda circunscrito a certos edifícios, nomeadamente ao interior dos templos, alastrando-se com o andar dos tempos para a arquitectura profana. Reveste-se sempre de um carácter sumptuário de certa nobreza nas composições onde o utilitarismo é transparente mas não determinante.

No século XVIII, o azulejo democratiza-se e distribui-se quase sem limitações de aplicação, engalanando ao mesmo tempo as grandes igrejas, as humildes capelas, os palácios de aparato ou os recantos escusos das habitações modestas. É, além do elemento decorativo, «material» de revestimento com carácter funcional. O mestre-de-obras vai utilizando o azulejo para o acabamento, preferindo-o ao reboco estucado ou à decoração pintada, esta, finalmente, relegada para os tectos.

Há agora necessidade de mais azulejos e, principalmente, de azulejos próprios para as várias aplicações e acessíveis a várias bolsas. Desde os grandes quadros com ampla figuração anedótica, destinados ao revestimento de vastas superfícies, até ao azulejo barato, produzido em grandes séries e que podia ser levado a qualquer canto. Alguns documentos revelam-nos as facturações onde se especificam os preços consoante os tipos de azulejo. Assim, no meado do século, havia como que uma tarifa comercial, combinada certamente entre os oficiais azulejadores conscientes da necessidade de disciplinar a concorrência.

Por aí se vê que continuava a adoptar-se a terminologia anterior, agora alargada a várias espécies diferenciadas. São azulejos «de brutescos», todos aqueles onde se pintavam histórias, pressupondo-se que eram produzidos seguindo os «riscos» especiais para cada caso. Eram necessariamente os mais caros, fixando-se o preço em 30 000 réis o milheiro, ou seja, 30 réis por azulejo. Este preço incluía a colocação.

Seguiam-se os azulejos de «vasos» ou de «urnas» que eram como que o compromisso entre o azulejo figurado e o azulejo de padrão, este, como vimos, herdado dos modelos seiscentistas. O seu preço, colocado, andava por 20 réis a peça.

Finalmente continuavam no repertório os azulejos «de ramos» ou de «lavors», cotados a 12 réis e, novidade para o século XVIII, os azulejos ditos «de estrelinhas», a que hoje chamamos «de figura avulsa», estes custando 10 réis.

Tecnicamente, a fabricação simplificara-se a partir dos últimos anos do século XVII com a adopção generalizada da pintura apenas em tonalidades azuis o que, só por si, barateava a oferta. Só depois do meado do século se nota o regresso à policromia, mas parece que este acréscimo na paleta não veio a influir nos preços. Pelo menos, em 1780, ainda os azulejos de brutesco valiam, colocados, os mesmos 30 réis, apesar de serem pintados com várias cores.

É, por virtude do desenvolvimento artesanal que se vinha a reconhecer desde os finais do século XVII, principalmente quando se tornou necessário lutar contra as importações da Holanda, que aparece como figura central do movimento azulejar a figura do azulejador.

É o azulejador quem centraliza todo o comércio de azulejos, autêntico empresário no sentido moderno do termo. Houve-os famosos, como Manuel Borges ou Bartolomeu Antunes, e havia outros mais modestos, com clientela menos exigente.

O azulejador conhecia profundamente o ofício. Fora, primeiro, aprendiz de pintor de azulejos ou de oleiro de vidro; praticara ele próprio a pintura ou trabalhara em forno de oleiro, sabia tirar «riscos» ou mesmo desenhava as «amostras» que submetia ao cliente. Era, sem dúvida, honrado, empreendedor, dinâmico e de gosto, capaz de aconselhar e dirigir, maleável perante o freguês mais erudito. Disponha de material gráfico – estampas e livros ilustrados – que o ajudavam a orientar os pintores, fornecendo-lhes os temas. Conhecia a arte do ladrilhador – tão importante – e sabia exactamente como os azulejos deveriam ser colocados, no respeito das áreas limitadas.

O azulejador tomava em geral a obra na sua empreitada global e, ao receber a encomenda, comprometia-se a dá-la completa, isto é, o azulejo colocado, sem mais encargos para o cliente. Comandava assim uma autêntica equipa de artesãos e artistas, desde o oleiro que fabricava o ladrilho em chacota, ao transportador que levava esse azulejo à oficina de pintura, ao «pintor de azulejo», a quem dera os elementos para as composições, ao oleiro de vidrado que cozia os azulejos nos fornos «de Veneza», ao cortador e recortador que desbastava arestas ou talhava os azulejos para as molduras recortadas, finalmente ao ladrilhador que os havia de colocar.

Se bem que os primeiros tivessem as suas oficinas em Lisboa – também em Coimbra e no Porto – os últimos eram itinerantes ou havia-os espalhados pelo País, podendo deslocar-se com os seus oficiais aí, onde a obra havia de ser assente.

Movimento aparentemente complexo, ele processava-se com extraordinária rapidez, pressupondo organização cuidadosa e experimentada. Conhecemos casos de contratos relativamente importantes que se cumpriam em prazos curtíssimos. Assim, por exemplo, certa deliberação de mandar azulejar a Igreja da Misericórdia em Viana do Castelo foi tomada em 1720 e já estava executada em 1722!⁽²⁾ No entanto, a obra era extremamente complexa e avultada, sendo os azulejos feitos em Lisboa. Nessa mesma época, o mesmo azulejador tomava de empreitada o azulejamento da Igreja de São Lourenço, em Almancil, próximo de Faro, e ainda outras nos Açores e na Madeira!

Até ao advento das «Fábricas» organizadas em moldes «industriais» – cerca de 1780 – o mercado do azulejo estava nas mãos dos azulejadores, muitos dos quais se sucediam hereditariamente. Depois tudo mudou, e a fábrica dispunha de pessoal assalariado para todos os trabalhos. No entanto, o azulejador não acabou totalmente e serviria ainda de intermediário comissionado acabando por se confundir com o ladrilhador.

É ainda dos nossos dias esse artífice especializado a quem o freguês se dirige quando «precisa de azulejos». Apenas de pintura a azul até cerca de 1755, os painéis vão regressando à policromia, nunca, aliás, nos motivos historiados propriamente ditos, que continuavam como que consuetudinariamente a ser pintados a azul (mais tarde também a manganês) mas nos enquadramentos ornamentais.

É aqui que podemos esboçar a evolução estilística e que nos permite, na grande maioria dos casos, atribuições de datas de fabricação com impressionante precisão. De facto, tal como já observámos no século XVII, mantém-se a preocupação da «novidade» e, pouco a pouco, quase insensivelmente, os motivos ornamentais, mesmo os mais teimosos, acabam por ceder o passo a outros mais «modernos», numa sequência de tal forma precisa que não é possível confundir um azulejo feito em 1730 com outro já de 1740, e menos ainda um de 1740 com um de 1750. A amplitude destas variações é por vezes de dois ou três anos!!

O «painel» era por definição um quadro de dimensões variáveis, concebido e realizado propositadamente para o local a que era destinado. Mesmo nos casos mais espectaculares de grandes revestimentos parietais, eram eles compartimentados em «painéis» interligados pela ornamentação que assim dava unidade aos conjuntos.

De princípio, isto é, numa primeira época do século XVIII, os enquadramentos limitam-se a barras de 2, 3 ou 4 azulejos de largura, já simplesmente ornamentadas com folhagens repetitivas, já enriquecendo-se com elementos mais «barrocos» – anjinhos, pássaros ou fontes, até chegar aos festões. Estes emolduramentos limitavam perfeitamente a área do «quadro» figurado, rectangular, e em muitos casos é notório que constituíam especialidade de alguns artífices, diversos dos que pintavam a figuração anedótica.

Com o tempo passa a dar-se a hipertrofia dos enquadramentos não só nas dimensões mas numa mais perfeita integração com a parte figurativa e passado o meado do século, com o gradual regresso

(2) ARAÚJO, 1963.

Sousa Viterbo (VITERBO, 1903, p. 53) diz: «No Livro das Obras de Misericórdia, 1720, fl. 69, vem mencionada uma encomenda de azulejos a Manuel Gomes, os quais vinham de Belém em 48 caixotões. Estes azulejos ter-se-iam perdido, pelo que em 1722 se fez nova encomenda (Livro de 1722, fl. 246), agora ao mestre-azulejador Manuel Borges, da cidade de Lisboa, de 948 azulejos de brutesco fino para o coro, à razão de 30 000 réis o milheiro».

da policromia, a ornamentação enquadrante toma maior importância, como que esmagando e quase fazendo desaparecer o interesse propriamente narrativo centrado nos painéis. É, de novo, a vitória do espírito decorativo abstracto que no final do século XVIII tende para as formas gramaticais simplificadas do neoclássico.

*

* *

É só nos finais do século XVIII, nomeadamente após as tentativas industrializadas do Marquês de Pombal, que aparece a «Fábrica» como organismo centralizador de toda esta complexa actividade. Recordaremos aqui que a célebre «Fábrica do Rato» – a Fábrica Real da Louça – só inicia a laboração em 1767, sendo duvidoso que tenha desde logo fabricado azulejos. Foi, isso sim, o grande alfobre onde se criaram e instruíram quase todas as cerâmicas do país, individualizando-se em outras tantas fábricas não só em Lisboa como extravasando para o Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Juncal e Estremoz.

O grande Terramoto de Lisboa vai determinando uma chamada de azulejos para as reconstruções urbanas e mesmo rurais. Inteligentemente se organiza uma fabricação em série, com recurso a azulejos de padrão, simples e rápidos de fazer, com que guarnecem as novas construções ditas «pombalinas», mas que na sua maioria só se completam depois da «Viradeira», o que, no entanto, não exclui as encomendas mais exigentes em painéis, agora reduzidos a lambris que raras vezes excedem os 8 azulejos em altura. Nos templos reconstruídos ou feitos de novo, a azulejaria é também limitada a silhares e não mais volta a haver a preocupação dos paramentos totais, nem mesmo nas capelas-mores, onde anteriormente eles eram de regra e onde agora se favoriza o estuque e a pintura.

A riqueza privada do meado do século manifesta-se em palácios mais ou menos pretensiosos, em jardins e capelas e os azulejos afloram por vezes nas fachadas voltadas para os pátios e logradouros. Não é ainda o «azulejo para fachada» – que virá a entrar na moda só no segundo terço do século XIX – mas são as primeiras exteriorizações em pequenos painéis devotos – «registos» – em medalhões ou grinaldas, sobreportas, enquadrando janelas e portões, etc.

Paralelamente ao azulejo para painéis – sempre figurativo e teatral – dispunham os azulejadores de outros esquemas ornamentais que se tornaram extremamente comuns. Além dos últimos azulejos de «padrão» que praticamente se extinguem na primeira década do século XVIII – sempre de pintura azul – havia uma gama de azulejos de série que vai do azulejo dito de «figura avulsa» aos azulejos de jarras, de cestos, de urnas, etc., muito apropriados para o enchimento de silhares, cujos preços permitiam combinações económicas.

Uma diferenciação se nota na azulejaria dos anos 1740: os silhares com as cabeceiras caprichosamente recortadas, trabalho de ladrilhadores especializados. Tais fantasias ornamentais aumentam consideravelmente o interesse decorativo e chegam, em alguns casos, a requintes de virtuosidade. A moda do «recorte» manifesta-se ainda nas curiosíssimas figuras de «porteiros» os quais serviam para animar certas dependências dos edifícios – átrios, escadas e jardins. Nos casos mais comuns eram alabardeiros ou figuras de libré como que escoltando o visitante, damas ou simples criados, dando as boas-vindas (muitas vezes com legendas saíndo das bocas!) e, mais tarde, figuras imponentes de janízaros de amplos turbantes, guerreiros de armadura, ou soldados perfilados.

Tais figuras «de respeito» – como eram chamadas – são principalmente do foro da residência civil e nobre. Usaram-se mais parcimoniosamente nas edificações eclesiásticas, já incorporadas em silhares dos quais se destacam, já isoladamente.

A versatilidade do azulejo e a sua adopção como solução para problemas decorativos, multiplicou as formas e aplicações, não se podendo esgotar a sua análise. Particularmente são no entanto de salientar os azulejos setecentistas concebidos para a decoração de cozinhas. Aqui os temas eram geralmente afins com a natureza do compartimento e, já em azulejos de figura avulsa, já em painéis, é toda uma teoria de virtualhas, de aves, de peixes, de enchidos, de doces, que se pintam e alegram as cozinhas, desde as mais amplas às mais comedidas.

*

* *

Para o estudo da azulejaria do século XVIII, tão extensa como complexa, adoptámos o sistema descritivo no respeitante à tipologia gramatical e reduzimos o Elenco aos exemplares que reputamos mais representativos. Seria impossível enumerar todos aqueles que colhemos no País e, só os da Capital, preencheriam mais de um volume!!

Metodologicamente a azulejaria portuguesa do século XVIII pode dividir-se por «épocas», cada qual bem caracterizada no tempo e na fisionomia:

- 1.^a época: *Grande Pintura* (1700-1725)
- 2.^a época: *Grande Produção* (1725-1755)
- 3.^a época: *Post-Terramoto* (1755-1780)
- 4.^a época: *D. Maria I* (1780-1808)

E assim dividido em três tomos o volume V do *Corpus da Azulejaria Portuguesa* que, propositadamente, terminámos em 1807, ano da saída da Família Real Portuguesa para o Brasil, marco que limita o tempo que podemos chamar o do favor do azulejo.

Depois de um hiato de quase trinta anos (1808-1840) em que praticamente deixam de se fazer e aplicar azulejos em Portugal, o «gosto» renasce informado por outro espírito mais materialista, burguês e utilitário, na cobertura de fachadas dos prédios urbanos, gosto que se deve ao movimento da «torna-viagem» dos brasileiros, válido é certo como manifestação estética, mas que foge aos tipos autenticamente nacionais dos séculos XVII e XVIII.

É desejo do Autor que este último capítulo seja especialmente tratado pelos seus colegas e discípulos brasileiros, já que na sua opinião é a eles que compete levar mais longe o facho, como prolongamento de uma tradição renovada, dignamente inserida num complexo cultural luso-brasileiro unitário nas formas e no espírito.

INFLUÊNCIA HOLANDESA

INSISTIR na importância que tiveram as importações de azulejos da Holanda do último quartel do século XVII, no desenvolvimento e evolução da azulejaria portuguesa do século seguinte, não deve ser considerado como redundância. Na verdade, o aparecimento no mercado português dos produtos holandeses determinou, em pouco tempo, uma «viragem» no gosto e na produção nacional que totalmente modificou as soluções estéticas que haviam sido aceites no século XVII.

Não insistiremos no processo histórico dessa «viragem», o qual foi tratado extensivamente em trabalho monográfico⁽³⁾, apenas convindo localizá-lo no tempo para melhor compreensão do fenómeno e suas repercussões.

Conheceram-se azulejos «de Holanda» em território português desde, pelo menos, 1631⁽⁴⁾, data em que os supomos levados para a Ilha de São Tomé pelos efémeros ocupantes holandeses. De próxima datação serão os exemplares encontrados e ainda existentes na sacristia da igreja do antigo Colégio dos Jesuítas em Angra do Heroísmo e, um pouco mais tardios, mas ainda da segunda metade do século XVII, os que os Holandeses levaram para Pernambuco e os que se encontraram na Capela de Nossa Senhora da Guia, da Horta (Faial).

Em 1687 já eram comuns no mercado de Lisboa os produtos cerâmicos holandeses, cuja concorrência ao produto nacional determinou o edital passado pelo Conselho da Fazenda, proibindo a sua importação. De facto, datamos de 1670-78 os primeiros grandes painéis de azulejos «de Norte» instalados nas salas do Palácio do Marquês de Fronteira, em Lisboa, pressupondo já então aceite e até vulgarizado tal tipo de azulejos.

A proibição de dar despacho ao azulejo de Holanda não deve ter atingido os fins em vista, ou seja, a protecção da produção nacional, já por reacção do mercado, cada vez mais exigente, já pela incapacidade do artesanato português corresponder em qualidade às necessidades de uma clientela que tomara o gosto pelo azulejo «fino», como então se dizia para distinguir o que vinha de Amesterdão, de Roterdão ou de Harlingen. É o que depreendemos do facto de, em 1698, o edital proteccionista ser revogado, libertando-se o «despacho ao azulejo que vier de Holanda», a não ser que, no decurso dos onze anos que mediaram entre estes dois diplomas, a produção nacional tivesse atingido nível suficiente para dispensar protecção.

Os exemplares averiguadamente portugueses que conhecemos, datados ou datáveis de 1687 e 1698, não demonstram qualidade material ou artística que justifique a reabilitação do azulejo português em concorrência com o da Holanda. Houve, é certo, tentativa de melhoria técnica e adoptou-se rapidamente o esquema da pintura azul que caracterizava a produção neerlandesa, mas o observador menos preparado pode constatar a grande diferença qualitativa entre os produtos rivais.

No início do século XVIII é o azulejo holandês o que marca o rumo da azulejaria portuguesa, particularmente para a clientela mais evoluída. Mantém-se a fabricação seriada de azulejos de padrão – agora azuis – e assiste-se, como veremos, à eclosão da «grande pintura», esta procurando competir com os

(3) SIMÕES, 1955.

(4) SIMÕES, 1955, p. 31; GUIMARÃES, 1932, p. 58.

painéis vindos da Holanda. Porém, só passada a primeira década do século XVIII se reafirma a produção portuguesa independente, quando verdadeiros artistas-pintores se voltam para a pintura azulejar, dispensando definitivamente os esquemas decorativos teimosamente arreigados no conceito «azulejo». As importações da Holanda vão-se reduzindo pouco a pouco a encomendas especiais e serão de cerca de 1715 os últimos painéis vindos daquelas bandas – os «panoramas» do Palácio Saldanha, à Junqueira – que atribuímos à autoria de Cornelis Boumeester.

Não se julgue que este decréscimo de importações corresponde a qualquer quebra na qualidade do azulejo holandês: pelo contrário, naquele país o azulejo estava em franco progresso e atingia a maioridade impondo-se no mercado europeu como único exigido pela clientela de qualidade. São precisamente das primeiras décadas do século XVIII os azulejos que vão guarnecer os grandes palácios da Europa, desde a Polónia (Nieborow e Lazienski), à Alemanha (Nymphenburg, Brühl, Amalienburg), à França (Rambouillet, Versailles, Trianon, Beauregard) ou Inglaterra (Hampton-Court), sem falar na clientela miúda e doméstica da Frísia do Norte ou do Schleswig-Holstein e Dinamarca.

Curiosamente Portugal liberta-se dos produtos da Holanda quando os mercados holandeses mais se esforçam por levar a todo o mundo os seus produtos: Constantinopla, Pérsia, Rússia e Índia, para não falar de Espanha (Cadiz), onde até ao fim do século chegam azulejos holandeses.

Se, como vemos, a recepção de azulejos holandeses entre nós foi relativamente curta no tempo, nem por isso a sua influência deixou de prevalecer e informar a azulejaria portuguesa, a tal ponto que ainda no meado do século XIX alguns historiógrafos da Arte Portuguesa consideravam como «holandeses» todos os melhores azulejos «azuis» que se encontravam em Portugal, ignorando mesmo como portugueses alguns daqueles que melhor exemplificam o que foi a azulejaria nacional do século XVII.⁽⁵⁾

Não é necessário grande esforço para compreender o impacto que o azulejo holandês da última parte do século XVII teve no meio português. Entre nós esgotara-se o gosto que admitira durante quase um século a ornamentação abstracta e policroma da padronagem repetitiva. Não se chegara a afirmar em qualidade o azulejo figurado, cuja bela promessa nos fora legada por Marçal e Francisco de Matos. Era um azulejo vistoso, certamente, mas que não podia corresponder às exigências estéticas de uma sociedade áulica, mais culta e viajada, fornecida com informações gráficas e contagiada pelas megalomanias aristocráticas do «Grand Siècle» de Versailles.

A mensagem europeia do azulejo holandês, com a novidade do azul vibrante sobre os brancos imaculados, com as figurações bebidas directamente no novo mundo da imaginária, servidas por desenhadores-artistas, verdadeiros profissionais gráficos, atraía e deslumbrava. Azulejo mais fino, mais leve, mais tenaz, mais regular e desempenado, era como que material novo e aliciante, particularmente para os ladrilhadores que assim viam facilitada a tarefa da colocação. Também o génio mercantilista neerlandês conseguia uma oferta vantajosa em preço, apesar da sobrecarga dos direitos e do transporte, justamente porque o azulejo pesava menos de metade do seu congénere português e a sua fabricação era seriada em moldes mais expeditos, com economia de materiais – cores – e mão-de-obra.

Facilitou certamente a introdução do azulejo holandês em Portugal o facto de serem holandeses os seus apaniguados directos, muitos dos mais importantes mercadores da praça de Lisboa, alguns dos quais ocupavam postos importantes na governação: os Vanvessem, os Braamcamp, os Sinel de Cordes, os Kramers, os Gildemester e outros, chegados aos meios da finança e nobilitados com grandezas. Na segunda metade do século XVII, depois de firmadas as pazes com as Províncias Unidas, estreitaram-se as relações com a jovem Holanda, com abundantes trocas de produtos, dos quais o sal era a nossa principal exportação. Não deixa de ser curioso notar que, precisamente os maiores centros exportadores de sal – Setúbal, Figueira da Foz, Aveiro e Viana – receberam azulejos da Holanda em maior ou menor quantidade.

Como dissemos, a grande novidade que o azulejo holandês trouxe foi a insistência da coloração azul sobre branco. Era, como é sabido, o reflexo no azulejo da nova moda que avassalava a cerâmica, toda ela

(5) O Visconde de Juromenha ao informar o Conde de Raczynski, e mesmo Sousa Viterbo, ao criticar a Exposição de Arte Ornamental, não receiam afirmar que os «melhores azulejos que se encontram em Portugal são holandeses». É provável que se tenham deixado influenciar pelos revestimentos assinados da Igreja dos Cardais de Lisboa ou pelos grandes painéis da Igreja de Nossa Senhora da Nazaré.

procurando imitar a porcelana trazida da China, nesse tempo ainda subordinada ao esquema cromático das últimas fabricações dos Ming. A coloração azul consubstanciava-se com a «qualidade» e parecia ser atributo particular dessa louça semipreciosa. Bastava que uma peça fosse azul para se valorizar aos olhos do público consumidor, e esta exigência do mercado foi largamente alimentada pelos argutos produtores cerâmicos da Holanda.

Juntamente com o azul propunham as oficinas de Delft, de Roterdão, de Amesterdão, de Utreque, de Harlingen e de Makkum, novos temas figurativos, relegando os ornatos geométricos ou fantasiosos dos anteriores azulejos policromos. Eram agora os azulejos avulsos com a sua iconografia popular, graciosos e bem desenhados, com figurinhas orientais, jogos infantis, tipos populares, animais, vasos floridos, alegorias quiméricas, barcos, paisagens, cavaleiros e soldados, cenas bíblicas ou de guerra, enfim um mundo de imagens, alegre e recreativo, fácil de entender.

Primariamente feitos para a escala doméstica holandesa, esses «enkele tegels» não poderiam satisfazer as exigências decorativas de grandes superfícies a que Portugal se habituara e, daí, o pouco sucesso e pequeno mercado que tais azulejos teriam neste país, mas, em breve, os intermediários holandeses, cónscios da potencialidade do mercado português, ofereciam as soluções de painéis dimensionados para cada caso e que eram, fundamentalmente, ampliações dos azulejos avulsos. É com estes que vão impor um novo gosto decorativo, sugerindo aliás o que se verificava em outros ramos das artes ornamentais. É a imagem, a vida-comédia com os seus figurantes convencionais, explorada à saciedade pela imprensa ilustrada, fonte de inspiração de artistas, gramática de artífices, deleite do público.

Vemos que foram gravadores flamengos, holandeses e alemães quem primeiro forneceu os modelos das suas estampas para os pintores de azulejos dos finais do século XVII, logo substituídos pelas gravuras italianas e francesas durante o século XVIII.

Neste movimento artístico-comercial o cliente português aparece-nos como elemento passivo e apenas receptor, limitando-se a indicar com as encomendas qual ou quais os temas desejados. Assim, no caso concreto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, templo carmelita, exigiram-se figurações adequadas e é mesmo provável que as madres fabriqueiras tenham indicado como fonte iconográfica a *Vita B. Virginis Teresiae a Iesu*, impressa em Antuérpia em 1613, com gravuras de Adriaen Collaert e Cornelis Galle. Van Oort não fez mais do que transpor para os azulejos que fez em Amesterdão aquela figuração, seguindo-a fielmente. O mesmo se teria dado quando da encomenda dos azulejos para a Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, cuja temática foi tirada por Van der Kloet⁽⁶⁾ de estampas ilustrando a vida de José do Egípto e do rei David, com adição de passos de Jonas e a Baleia.

Para a igreja do Convento da Madre de Deus, parece que foi dada maior liberdade aos executores da encomenda e que teriam deixado ao seu arbítrio a escolha dos temas. Na verdade, cada painel apresenta-se com uma temática diferente, sem ligação aparente: cenas de ermitões, Aparição no Monte Sinai, composição de jardim e floresta, grupo de camponeses, etc. Características comuns e importantes destas grandes composições figurativas são a limitação dos «quadros» por barras de 2 azulejos e disposição desses quadros sobre um silhar ornamental de azulejos, que servem de «base» às composições propriamente ditas.

Estes elementos ficaram na azulejaria portuguesa do século XVIII e são, por vezes, a parte esteticamente mais válida dos conjuntos em que se integram. Parece-nos que esta compartimentação em duas zonas – a inferior ou de «basamento» e a superior e mais importante – vem dos esquemas seiscentistas onde, como vimos, as áreas a decorar eram subdivididas com alternância de padronagem.

Que os artistas holandeses tenham frequentado Portugal antes ou durante a sua actividade na Holanda e, daí, tenham conhecido os esquemas decorativos que usávamos, é hipótese a admitir. De um temos notícia que, tendo sido pintor de azulejos em Haarlem, veio naufragar na costa de Portugal, tendo vivido algum tempo em Setúbal, antes de regressar à Holanda, onde haveria de ser um dos melhores pintores de assuntos navais.⁽⁷⁾

(6) Diversos modelos gravados serviram de inspiração aos azulejos deste espaço. Veja-se sobre o trabalho deste artista: VV. AA., 1994 e MARGGRAF, 1991. (AGC)

(7) Referimo-nos a Vroom, segundo as notícias de Van Mander.

Quanto à outra hipótese, apresentada por Vergílio Correia, de que tenham trabalhado em Lisboa azulejadores holandeses, não encontramos qualquer confirmação até ao presente. Aliás, o produto holandês distingue-se principalmente pelas suas inconfundíveis características técnicas, não havendo qualquer possibilidade de ser reproduzido entre nós: as matérias-primas e os processos de fabricação são específicos.

Ainda que o «azulejo holandês» internacionalmente aceite e conhecido seja o que o mercado antiquário negoceia com o nome genérico de «azulejo de Delft» – segundo aliás a nomenclatura inglesa que faz do topónimo «Delft» o genérico para o que chamamos «faiança» – o certo é que não foi este o que mais influenciou a azulejaria portuguesa do século XVIII. Ele está sugerido na nossa azulejaria dita de «figura avulsa», se bem que nunca em Portugal – a não ser muito recentemente – ele tenha sido «copiado». O nosso azulejo avulso adquiriu logo inicialmente caracteres próprios que o afastam dos protótipos holandeses. Foram, sim, às grandes composições figuradas vindas propositadamente da Holanda para Portugal – e também para Cadiz – que os azulejadores nacionais foram buscar os modelos para o encaminhamento dos seus novos azulejos. Esta a grande contribuição da azulejaria holandesa, que, finalmente, é «holandesa» por ser feita na Holanda, à margem da produção normal que a caracterizava no próprio país de origem.⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ A azulejaria holandesa conheceu nos anos 1990 em Portugal importantes estudos e trabalhos, infelizmente nem todos publicados. *Vide*: JOLIET, 1992; MARGGRAF, 1991; MARGGRAF, 1992. (AGC)

CAPÍTULO II

*Artistas da Azulejaria Portuguesa
do Século XVIII*

ARTISTAS DA AZULEJARIA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII

GABRIEL DEL BARCO

ANTES de terminar o século XVII, marcando já nitidamente o caminho das novas formas de um barroquismo evoluído, aparece no panorama da azulejaria portuguesa o *opus* de Gabriel del Barco. Seria talvez duvidoso atribuir-se-lhe toda a originalidade da nova pintura cerâmica, até porque, em boa verdade, esta já era conhecida na artesanaria lisboeta do último terço do século XVII e estava sendo processada sistematicamente pelas oficinas da Holanda encarregadas de fornecer azulejos à Península.

Seja como for, o certo é que Gabriel del Barco se coloca cronologicamente entre os primeiros artistas que em Portugal são chamados a concorrer com os holandeses e é, sem dúvida, o mais operoso na última década de Seiscentos.

Algumas – não poucas – das suas obras estão assinaladas com o seu nome, o que por si só revela da parte do autor a noção de responsabilidade artística, a distinguir-se das que anteriormente eram anónimas. Gabriel del Barco é, assim, um dos primeiros pintores de azulejo a ter consciência do valor do seu próprio trabalho e desejoso de o marcar para a posteridade. A presença e insistência de assinatura chamou a atenção de quantos se têm dedicado à arte do azulejo, já assinalando os locais onde tais obras se encontram, já procurando levar mais longe as investigações sobre a vida e obra de Del Barco. Depois das referências de Joaquim de Vasconcellos, de José Queiroz, de Liberato Teles, de Gabriel Pereira e de Sousa Viterbo – todas do século passado – é nos trabalhos de Vergílio Correia e de Gustavo de Matos Sequeira que se voltam a encontrar, em tempos mais recentes, referências particularizadas às obras e à vida do pintor. É certo que qualquer destes estudiosos, ignorando a biografia de Barco, supuseram que se tratava de artista feito em Espanha – Sevilha ou Talavera – e vindo para Lisboa apto a exercer a sua profissão. Todos, mais ou menos, conheceram em espécie painéis assinados e, por exemplo, Gabriel Pereira nos seus «Estudos Eborenses» (fasc. n.º 4, p. 13) revela a assinatura nos painéis da Igreja de Santiago de Évora, acompanhada do cronograma 1699. Vergílio Correia, entre 1918 e 1919 publica nos seus artigos de revista – «Águia» e «Atlântida» – mais alguns núcleos assinados por Gabriel del Barco, nomeadamente os da Igreja do antigo Convento dos Lóios de Arraiolos, os da Igreja Matriz da Charneca, da capela da Barcarena e o que fora do Palácio dos Condes da Ponte, a Santo Amaro de Lisboa, aliás, os dois primeiros, já notados por Sousa Viterbo.

Matos Sequeira em *Depois do Terramoto* faz larga referência a Del Barco e revela alguns documentos sobre a sua vida, dando-o casado três vezes⁽⁹⁾ mas julgando-o ainda «talaverano».

Com o avanço dos estudos sobre esta matéria, foram-se juntando elementos que, se não permitem ainda um conhecimento total da vida e obra do pintor, ajudam no entanto a colocá-lo no tempo e auxiliam certamente futuras investigações.

(9) SEQUEIRA, 1967-83, vol. IV, p. 62, nota 1.

Deduz-se do Processo 195 dos *Sumários Matrimoniais da Câmara Eclesiástica de Lisboa*⁽¹⁰⁾ que Gabriel del Barco nasceu na freguesia de São Pedro de Sigüenza, em Espanha, em 1649, sendo filho de Manuel del Barco e de Apolónia de Palência. Veio para Portugal na companhia do Embaixador de Castela, Conde de Humanes logo depois das pazes com Castela, em Janeiro de 1669. Seis meses após a sua chegada, tem licença para casar sob fiança a banhos – 9 de Julho de 1669 – com Agostinha das Neves, órfã de António Luís Basquerene e de Leonor da Silva, moradora na freguesia do Loreto. Entre as testemunhas do casamento figuram João Calderon Davarca, também natural de Sigüenza, imaginário, de 18 anos, morador na Rua dos Calafates, também vindo a Lisboa «há seis meses». Depreende-se que Gabriel e Juan Calderon *Da varca* eram parentes e não deixa de ser curiosa a similitude de apelidos do «imaginário» – Juan Calderon de la Barca – com o grande comediógrafo Pedro Calderon de la Barca! (1600-1681). Simples coincidência, segundo julgo...

Gabriel del Barco não aparece com profissão definida, mas vamos encontrá-lo em 1681 e 1682 a receber avultadas quantias respeitantes à pintura e douramento do tecto, coro e arco da capela-mor da Igreja de São Luís dos Franceses, em Lisboa.⁽¹¹⁾ Todos os recibos desta obra estão assinados por Gabriel del Barco, «morador (em 15 de Abril de 1681) na Rua Direita, que vai da Igreja do Loreto para a Cruz de Pau».

Neste último ano de 1682 o nosso artista adoeceu gravemente e prometeu ao Convento dos Paulistas uma imagem de Nossa Senhora d'Atocha, se alcançasse salvar-se.⁽¹²⁾ De facto, uma vez restabelecido, ofereceu aos Paulistas um quadro com a imagem de Nossa Senhora d'Antigoua, na sua forma «madrilena» de Nossa Senhora d'Atocha, quadro que ainda se conserva naquela igreja.

Matos Sequeira, no seu *Depois do Terramoto*, escreve que Del Barco casou três vezes. Já vimos o assento do seu matrimónio – que foi certamente o primeiro – com Agostinha das Neves, em 1669, ou seja, quando contava 20 anos. Nos *Registos Paroquiais da Freguesia de Santos-o-Velho* estão os assentos do óbito de Agostinha das Neves – em 18 de Janeiro de 1701 – e o do casamento de Barco com Maria Teresa Baptista – em 18 de Abril do mesmo ano, ou seja, exactamente três meses depois da viuvez!⁽¹³⁾ É de notar que Agostinha das Neves foi sepultada no «jazigo de Nossa Senhora da Tocha sito na Igreja dos Religiosos Paulistas».

Não voltei a encontrar qualquer outro matrimónio nem tão-pouco notícia da data e local de falecimento de Gabriel del Barco, sendo, até ao presente, a data do casamento com Maria Teresa Baptista – 1701 – o termo das notícias sobre a sua vida. É também esta data o limite para as suas obras assinadas, pelo que depreendo que deve ter desaparecido ou abandonado a actividade.

Gabriel del Barco foi, portanto, «pintor». Não o vejo inscrito na Irmandade de São Lucas – o que é de facto estranho – nem Sousa Viterbo lhe endossa outra actividade artística para além da pintura dos azulejos por ele assinados em 1692, 1695 e 1699. Seria artista secundário? Trabalharia por sua conta à margem das organizações embandeiradas? Não o sabemos nem o conhecemos ligado a outro trabalho de pintura mural, além do que fez para São Luís dos Franceses em 1681-82.

No entanto tudo indica que Gabriel del Barco estava ligado às actividades artísticas. Casou com 20 anos com Agostinha das Neves, a qual vivia em casa do pintor Marcos da Cruz, de quem era cunhada. Marcos da Cruz, pintor de nomeada⁽¹⁴⁾ teve vários discípulos, entre os quais, provavelmente, António de Oliveira Bernardes⁽¹⁵⁾ que viria a ser o mais notável pintor de azulejos do seu tempo. É de notar desde já que Gabriel del Barco era mais velho do que Oliveira Bernardes – este teria nascido cerca de 1660 – e que teria frequentado a oficina de Marcos da Cruz após o casamento, ou seja, precisamente em 1669-70.

(10) Secção de Reservados da BNL maço 2 do ano de 1669. Devo esta informação, e tantas outras, ao meu Querido e Saudoso Amigo Jorge de Moser, infatigável perscrutador de arquivos e permanente auxiliador de quantos a ele recorriam.

(11) DAUPIÁS, 1958, p. 17, nota 18. Os documentos são os recibos de 3 de Abril de 1681 a 4 de Outubro de 1682, cx n.º 1, L.º das deliberações da Irmandade, parte final.

(12) SANTA MARIA, 1707-23, vol. I, p. 326. É curioso notar que Agostinha das Neves foi sepultada na Capela de Nossa Senhora d'Atocha.

No L.º 1 de Óbitos da Freguesia de Santos-o-Velho lê-se: «Aos 18 de Janeiro de 1701 faleceu Agostinha das Neves mulher que foi de Gabriel del Barco Hespagnol moradora nesta freguesia junto ao Convento das Inglesas fez testamento em que deixou por seu herdeiro e testamenteiro o dito seu marido e foi sepultada no jazigo de Nossa Senhora da Tocha sito na Igreja dos Religiosos Paulistas».

(13) L.º 6 de Casamentos da Freguesia de Santos-o-Velho de Lisboa, fls. 66: «Aos dezoito dias do mês de Abril de 1701... se receberam Gabriel del Barco viúvo de Agostinha das Neves que faleceu nesta freguesia de Santos-o-Velho com Maria Thereza Baptista, filha legítima de Francisco Baptista e de Maria Simões natural da freguesia de São Lourenço da Vila de Azeitão. Foram testemunhas Manuel Rodrigues morador na freguesia dos Anjos «morador na Rua da Maya» e Manuel Livramento morador na freguesia de Santa Catarina «na rua de João Braz»».

(14) Cyrillo alvitra que tenha sido mestre de Bento Coelho da Silveira.

(15) Vergílio Correia (CORREIA, 1918b) escreve que tem boas razões para pensar que Marcos da Cruz foi mestre de António de Oliveira Bernardes.

No entanto observa-se que Gabriel del Barco já pintava azulejo em 1692 e 1695.⁽¹⁶⁾ Na primeira destas datas morava com sua mulher aos Poiais de Jesus – bairro de pintores ceramistas – próximo de Francisco Ferreira de Araújo, irmão este de José Ferreira de Araújo, cunhado de António de Oliveira Bernardes e seu procurador.⁽¹⁷⁾ Em 1695 mora na Rua das Parreiras juntamente com Braz da Costa, da numerosa família dos Costas, oleiros e pintores de azulejos e azulejadores⁽¹⁸⁾ e, em 1699 tem um aprendiz de nome Luís; o qual, provavelmente, o auxilia na prodigiosa produção dessa época.

Podemos supor que Gabriel del Barco enveredou pela pintura de azulejos em época vizinha de 1687 quando precisamente havia sido lançado o embargo à importação de azulejos vindos da Holanda e que, como já algures acentuei, determinou a necessidade da produção nacional concorrer em qualidade artística com os azulejos de Amesterdão.⁽¹⁹⁾ É este o período de gestação da azulejaria setecentista e Del Barco, sendo dos primeiros, não foi certamente o único artista a tentar a nova carreira. De um discípulo temos notícia documental – o tal Luís – mas outros companheiros terá tido, entre estes, muito provavelmente, António Pereira e o próprio Oliveira Bernardes, como ele aprendiz de Marcos da Cruz.⁽²⁰⁾ Apenas este último haveria de se dedicar extensivamente à azulejaria. Outros pintores e desenhadores tiveram efémera actividade e permaneceram no anonimato.

Como quer que seja, Gabriel del Barco é, de longe, o pintor mais prolífero nesse desandar do século xvii. Além das obras que assinou muitas outras lhe podem ser atribuídas por semelhança estilística e técnica, não sendo estranha também a sua parte em trabalhos de colaboração com outros artífices, aprendizes e companheiros. Aliás o seu «estilo» é marcado de tal personalidade que é facilmente reconhecível, mesmo por observador menos experimentado. Há em todos os seus trabalhos uma constante estética bem característica, já no desenho forte e livre, quase sintético, pouco correcto no respeitante a perspectivas, mas vigoroso, já na técnica da pintura em azul forte – por vezes contundente – no tracejado das folhagens, contornos e esbatidos dos céus enublados e tantos outros pormenores de composição. São bem características as suas mãos grosseiras, as musculaturas exageradas e cabeleiras revoltas.

Utilizou gravuras e estampas, como era de costume, mas, também, terá improvisado algumas composições de acordo com os pedidos dos encomendadores.⁽²¹⁾ Foram os azulejos da Holanda que o terão guiado quando limita os painéis figurados com bordaduras de folhagem retorcida, destacando-se de fundos azuis. São ainda os modelos de Amesterdão que o levam a levantar os painéis principais iconográficos sobre silhares ou rodapés altos onde se figuram meninos e anjinhos brincalhões. Sirva de exemplo bem concreto o embasamento do revestimento da capela-mor da Igreja dos Lóios de Arraiolos, pura e simplesmente decalcado sobre o que Van Oort fizera para a igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais de Lisboa (figs. 1/a e 1/b). Mais curioso ainda é o exemplo do embasamento da Igreja da Madre de Deus de Lisboa. Aqui o problema posto a Del Barco – e de nenhum outro poderia ser a solução – era completar o revestimento de azulejo a colocar em parte da parede do lado da epístola (na nave) com um embasamento que se ligasse com o restante vindo da Holanda. O nosso pintor, sem procurar uma «imitação», compôs os seus meninos dançantes à maneira holandesa, seguindo os azulejos originais que envolvem o resto dos paramentos da igreja.

(16) Havia um painel com a sua assinatura, datado de 1695, no muro de suporte da Quinta do Mestre de Campo Domingos Dantas da Cunha, sob o Torel, em Lisboa (SIMÕES, 1956f, p. 33). Os azulejos que ainda ali se conservam confirmam o «estilo» de Gabriel del Barco.

(17) SOUSA, 1966, vol. III, p. 105.

(18) Registei os seguintes Costas: Alberto – «mestre-oleiro», falecido em 1706; Inácio – filho de outro Inácio – com alvará de oleiro em 1666; José – azulejador activo em 1740; Manuel – mestre-oleiro de pintado, fornece azulejos em 1722; Manuel – pintor de louça, casado com Maria da Costa, pai em 1672 de um António; Valentim – azulejador que em 1709 e 1710 fornece azulejos pintados por António de Oliveira Bernardes.

(19) SIMÕES, 1955, p. 30.

(20) Outro nome que encontro na órbita destes primeiros pintores de azulejo figurado azul e branco é o de Raimundo do Couto ou do Coto, que assinou os azulejos do Palácio dos Marqueses de Tancos, e que se encontra inscrito na Irmandade de São Lucas em 1710 (*vide* a nota 70).

(21) Como por exemplo no caso da decoração dos Lóios de Arraiolos, ou em São Vitor, de Braga.



1/a
ARRAIOLOS – Igreja do Convento dos Lóios



1/b
LISBOA – Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais

Vejamos agora o que nos ficou do seu trabalho de cerca de 10 anos

Obras assinadas:

- 1692 – Painéis para a Capela dos Sinel de Cordes⁽²²⁾ na sua Quinta da Barcarena.
- 1695 – Painéis para um muro da Quinta do Mestre de Campo Dantas da Cunha, ao Torel, Lisboa.
- 1697 – Painéis para um prédio do Largo do Terreiro do Trigo, em Lisboa.⁽²³⁾
- 1697 – Painéis do antigo Palácio dos Condes da Ponte, a Santo Amaro de Lisboa.⁽²⁴⁾
- 1698 – Painéis da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres de Beja.
- 1698 – Painéis que eram de um prédio demolido na Calçada de Santo André, de Lisboa.⁽²⁵⁾
- 1699 – Painéis da capela-mor da Igreja de São Bartolomeu da Charneca.
- 1699 – Painéis da Igreja de Santiago de Évora.
- 1699 – Revestimento da nave e capela-mor da Igreja do antigo Convento dos Lóios, de Arraiolos.

Já datados de 1672 são os painéis com batalhas navais (Matos Sequeira julgava poderem representar a batalha de Lepanto) que estão no Palácio da Quinta do Calhariz, junto a Azeitão, onde julgo antever certa maneira de Del Barco. Aliás, na capela desta Mansão, o grande revestimento azulejar, datado de 1696 é, sem dúvida, deste pintor.

Muitos e importantes são os núcleos onde se encontram composições atribuíveis a Gabriel del Barco.⁽²⁶⁾ Daquelas que temos conhecimento e de cuja atribuição não duvidamos, destacaremos:

(22) Lembrarei que os Sinel de Cordes eram mercadores holandeses aos quais não seria estranho o mercado de azulejos.
(23) O prédio, legado à Misericórdia de Lisboa, foi demolido. Alguns azulejos – oito – recolheram ao Museu de São Roque, entre os quais aquele portador da assinatura e data.
(24) Fazem hoje parte da Coleção Alpoim, em Anha, Viana do Castelo, depois de terem estado na Coleção do Conde do Ameal, de Coimbra.
(25) Um dos painéis, infelizmente incompleto, está no Museu do Azulejo.
(26) A obra de Gabriel del Barco continua a merecer a atenção dos estudiosos, principalmente do historiador José Meco. *Vide*: MECO, 1979; MECO, 1981; MECO, 1985, pp. 45-49; MECO, 1989, pp. 215-217; PEREIRA, 1989, pp. 66-69; SERRÃO, 2003, pp. 121-124. (CM)

BRAGA – *Igreja de São Vítor*. Notável pela vastidão. Robert Smith⁽²⁷⁾ não tem dúvida em atribuir a Gabriel del Barco a autoria do imponente conjunto, seguindo a opinião de Reynaldo dos Santos e abonando-se com comparações estilísticas. Somos também de opinião que Gabriel del Barco não foi estranho a esta obra monumental mas julgamos que nela tiveram forte intervenção colaboradores de méritos variáveis, o que aliás não tira valor ao extraordinário conjunto.

Quando, em 1963, o Prof. Flávio Gonçalves me deu parte do documento de 1692 encontrado no Arquivo Distrital pelo Padre Dr. Domingos Pinho Brandão⁽²⁸⁾, logo fui levado a concluir que os azulejos seriam das primeiras obras de Gabriel del Barco o que explicaria certas imperfeições técnicas e menos correcção do desenho. O pintor, só depois e mercê de trabalho continuado, terá chegado à perfeição que se nota nas suas últimas obras, nomeadamente nos revestimentos dos Lóios de Arraiolos.

LISBOA – *Palácio Almada (no pátio)*.

CALHARIZ – *Capela do Palácio Palmela*, datados de 1696.

VISTA ALEGRE – *Capela de Nossa Senhora da Penha de França*.

LISBOA – *Hospital de Santa Marta*; dois dos grandes painéis com figuração de Santa Clara. Eram, provavelmente, do antigo Convento.

FARO – *Sé Catedral*, revestimentos das paredes da antes Capela de Nossa Senhora do Rosário, hoje do Coração de Jesus. A serem de Gabriel del Barco, como suponho, trata-se de trabalho de grande requinte, quando o artista teria atingido o auge da sua carreira, depois de 1700.

ALMADA – *Seminário*. Aqui foram colocados grandes painéis de revestimento de alguma capela-mor, figurando passos da Vida de Tobias, muito semelhantes no estilo e na técnica aos da capela da Sé de Faro.⁽²⁹⁾

ÉVORA – *Convento do Espinheiro* – silhares da capela-mor. Revestimento parietal da sala da Confraria da Igreja de São Mamede.

LISBOA – *Palácio dos Marqueses de Abrantes* – Embaixada de França – painéis da capela.

Serão ainda do pincel de Gabriel del Barco outros trabalhos de menores dimensões incorporados em igrejas e palácios, tais como, por exemplo, os da capela-mor da igreja de Carcavelos.

Teria Gabriel del Barco sido, na verdade, o iniciador do novo movimento figurativo da azulejaria portuguesa? Foi, sem dúvida, dos primeiros e o mais importante pela quantidade da obra produzida. É, como dissemos, o primeiro em data que «assina» azulejos, conferindo-lhes assim uma paternidade artística, no que seguia a prática dos holandeses – Van der Kloet, Jan van Oort e Cornelis Boumeester. Não é no entanto o único. Em 1699 há um Garcia Ramirez que marca com o seu nome os azulejos feitos para a Igreja das Francesinhas de Lisboa, infelizmente demolida.⁽³⁰⁾

Do princípio do século XVIII são os já citados azulejos de Raimundo do Couto e começa nessa altura a afirmar-se o labor de António de Oliveira Bernardes. Permanecem no entanto envoltos em névoa alguns azulejos que se colocam estilisticamente entre o final do século XVII e a primeira década do XVIII, de incontestável mérito qualitativo mas cujos autores não se dignaram assinar.

Tenho em mente, em primeiro lugar, os notabilíssimos revestimentos das capelas-mores das igrejas de São José de Ponta Delgada e de São Francisco da Horta ambas no arquipélago açoriano. A este mesmo pintor – de bem melhor qualidade do que Gabriel del Barco – atribuo os azulejos que do Convento de Sant'Ana de Lisboa vieram guarnecer as paredes da Sala dita «de D. Manuel» do antigo Convento da Madre de Deus (Museu do Azulejo), e ainda os notáveis painéis da capela-mor da Igreja de São Tiago do Sardoal, datados de 1703.

(27) Ver o extensivo estudo de SMITH, 1970, p. 49. Neste estudo exaustivo, como o são todos os do eminente professor, se publicam os documentos que em 1692 se firmaram com o ladrilhador João Neto da Costa, de Vila do Conde, para assentar o azulejo «que veio de Lisboa» e que deveria ser colocado pelo Mestre António Antunes daquela cidade, o qual se escusou. De dois Antónios Antunes conhecidos, este deve ser o que contratou os azulejos para a Igreja de São Pedro de Elvas, em 1696. Era o mais importante «Mestre do ofício de oleiro de azulejo e mestre ladrilhador» (QUEIROZ, 1913, p. 91).

(28) Vide, no Elenco deste volume, a nota relativa à Igreja de São Vítor de Braga.

FLÁVIO GONÇALVES

(29) Julgo que nestes dois últimos exemplos Gabriel del Barco teve a colaboração de outros artistas, provavelmente de António Pereira.

(30) O azulejo com a assinatura foi recolhido por José Queiroz e está actualmente no Museu do Azulejo. Por ele não é possível avaliar as potencialidades artísticas do autor.

Ao observar qualquer destes conjuntos tive a impressão de que teriam sido importados da Holanda. Na verdade, a tonalidade brilhante dos azuis e a perfeição do desenho conferem a estes trabalhos uma «qualidade» particular que não se encontra na azulejaria averiguadamente portuguesa desses primeiros anos do século XVIII. No entanto, e por outro lado, verifiquei que o material, as dimensões e a tonalidade leitosa dos brancos se podiam incluir nas características portuguesas.

Constituem estes magníficos painéis de azulejos um dos «mistérios» da azulejaria portuguesa e têm sido baldados os esforços para identificar o autor. Os conjuntos da Igreja de São Tiago do Sardoal, alusivos à hagiografia do orago estão marcados com a data de 1703, gravada em azulejo junto ao canto esquerdo do painel do lado da epístola. Tomamo-la como sendo a data da montagem dos azulejos não tendo encontrado no, aliás copioso, arquivo da igreja, quaisquer referências à obra.

Nos outros casos – os das igrejas de São José de Ponta Delgada e de São Francisco da Horta – as atribuições cronológicas foram feitas por comparação estilística com os azulejos do Sardoal, já que não se encontraram documentos permitindo outras mais seguras.⁽³¹⁾

O autor destas obras, quem quer que tenha sido, revela-se magnífico desenhador e já possuidor das técnicas da pintura azulejar. São particularmente de notar como características do seu estilo, a delicadeza no tratamento das mãos, as cabeças bem modeladas, a economia da tinta aplicada em pinceladas largas, o equilíbrio das composições. As barras que limitam os painéis e a parte supedânea destas são igualmente de bom desenho, e anunciam os motivos ornamentais que iremos encontrar em várias glosas na azulejaria dos grandes mestres que se seguiram.

No dia em que se possa identificar o autor destes azulejos, a historiografia da especialidade ficará notavelmente enriquecida.⁽³²⁾

Desta mesma época serão ainda os magníficos painéis com cenas de caçadas e motivos galantes que fazem parte da Coleção Coelho (Alverca), em Lisboa, saborosamente inspiradas na grande azulejaria holandesa. A este ciclo pertencem, ainda, azulejos que adornam a magnífica casa nobre da Quinta do Torneiro – a Porto Salvo – e que acusam as mesmas características pseudo-holandesas ilustrativas de uma primeira fase de emulação entre artistas pintores. E a fase em que se poderia incluir genericamente o ciclo oficial de Gabriel del Barco e que ocupa o último decénio do século XVII e o primeiro do XVIII, quando se fixam solidamente as bases de um novo gosto em que se hipertrofia a produção azulejar portuguesa nas suas monumentalidades barrocas e a que, com certa propriedade, se tem chamado de «D. João V».

Difícil é, como se vê, estabelecer com rigor a sucessão dos artistas que simultânea ou imediatamente acompanham a actividade de Gabriel del Barco. Grande parte dos seus trabalhos continuam faltos de assinaturas identificadoras e só é possível agrupá-los por caracterizações estilísticas, estas, como é sabido, falíveis ou pelo menos duvidosas.

Da documentação retirou-se alguns nomes de artistas ligados a azulejos que estavam activos nos últimos anos do século XVII e ainda nas primeiras décadas do XVIII, mas de nenhum conhecemos obras seguras.

Porque temos neste momento em mão não só a maior parte dos seus nomes, como também bastantes notas sobre as suas vidas, particulares e profissionais, passaremos a enumerá-los por ordem alfabética:

ABREU, António de: Era «azulejador» em 1722, como se depreende da carta de 5 de Setembro de 1722, transcrita no «Copiador de Cartas» do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Cidade do Salvador da Bahia⁽³³⁾. Morava na «Rua do Almada», junto a Santa Catarina do Monte Sinay, em Lisboa, e é tratado por «azulejador». A carta refere-se à encomenda dos azulejos para as obras da igreja da Santa Casa. Na mesma carta se recomenda que, no caso do azulejador estar ausente, se deveria dar a encomenda por intermédio de Miguel Teixeira «confeiteiro ao pé da Calçada do Congro...».

(31) SIMÕES, 1963a, pp. 62 e 114. Est. XIII a, XXXV e XXXVI.

(32) Robert C. Smith, partindo da obra já identificada do pintor de azulejos Manuel dos Santos, atribuiu a este artista os painéis da capela-mor da Igreja Matriz do Sardoal. Vide SMITH, 1975b, p. 1. FLÁVIO GONÇALVES

(33) Vide artigo «Os azulejos da Igreja da Misericórdia», de Marieta Alves, in jornal *A Tarde*, do Salvador, de 7 de Abril de 1958.

ALMEIDA, Domingos.⁽³⁴⁾

ALMEIDA, Valentim de: Em 1762 figura como proprietário do prédio n.º 2 da Rua do Capelão. No assento do livro respectivo da «Décima da Cidade»,⁽³⁵⁾ é referido como *pintor de azulejo*, morador ao Mocambo.

Entre Agosto de 1729 e Agosto de 1731 forneceu azulejos para a Sé do Porto, como se pode ver nos papéis da *despesa da Mitra do Porto*.⁽³⁶⁾ Pela documentação se deduz que houve dois fornecedores, sendo um das «Olarias» e outro do «Mocambo». Parece, no entanto, que Valentim de Almeida era o responsável pela totalidade da encomenda, cujo pagamento era feito em prestações. Assim, recebeu, por uma vez, duas parcelas totalizando 70\$050 réis e, mais tarde, outra parcela de 38\$400 réis «para continuar na factura do azulejo». ^{(37) (38)}

ALMEIDA, Sebastião de.⁽³⁹⁾

ANTÓNIO, Pedro: Figura como «fornecedor de azulejos» para as obras de adaptação a Hospital do Colégio dos Jesuítas em Lisboa, entre 1770-73, conjuntamente com Pedro Martins e Manuel Nunes de Carvalho.⁽⁴⁰⁾

ANTUNES, António: É referido por José Queiroz.⁽⁴¹⁾ Era casado com Inês da Costa e irmão de Simoa dos Santos, falecida em 11 de Março de 1703 de quem foi testamenteiro e que com ele vivia na Rua do Pé de Ferro ao Mocambo. António Antunes aparece no testamento de sua irmã como «mestre do ofício de oleiro de azulejo». Enviuvou de Inês da Costa em 2 de Março de 1706. Julgo que é este António Antunes o mesmo que foi testemunha de Adrião Gonçalves, mestre-ladrilhador, em 1693,⁽⁴²⁾ e com toda a probabilidade o que forneceu em 1696 os azulejos para a Igreja de São Pedro de Elvas.⁽⁴³⁾ Forneceu também os azulejos da Igreja de São Vítor de Braga em 1697.⁽⁴⁴⁾ Teria sido «oleiro de azulejos» e provavelmente azulejador. É nesta última qualidade que intervém nas encomendas para Braga e, sendo assim, deve ter tido estreitas relações com Gabriel del Barco a quem, como vimos, deve ser atribuída a autoria das composições da Igreja de São Vítor.⁽⁴⁵⁾

ANTUNES, Bartolomeu: Aparece-nos ligado à produção de azulejos desde, pelo menos, 1737 até 1753, data em que faleceu. Vergílio Correia, in *Oleiros e Pintores de Louça e Azulejo de Lisboa*⁽⁴⁶⁾ revela o seu nascimento na freguesia dos Anjos, em Lisboa, em 1688. Em 1716 casa com Catarina, de quem tem pelo menos uma filha, que veio a casar em 1745 com Nicolau de Freitas, pintor de azulejos.

(34) Há dúvidas sobre a natureza da actividade desempenhada por Domingos de Almeida. Vítor Serrão atribui-lhe o assentamento dos azulejos do tecto da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Faro, em 1761 (SERRÃO, 2003, p. 220), enquanto José Meco considera-o pintor, atribuindo-lhe diversos trabalhos (MECO, 2005 e 2006). Na sua estadia algarvia desenha o retábulo da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Tavira, em 1780 (LAMEIRA, 2000, p. 293). (CM)

(35) Arquivo do Tribunal de Contas, maço 1160.

(36) 111 A v., n.º 112 do Arquivo Distrital do Porto.

(37) Informação do Prof. Robert Smith.

Vide também, no Elenco deste volume, a nota relativa à Sé do Porto.

FLÁVIO GONÇALVES.

(38) Nos últimos anos a importância da obra de Valentim de Almeida (1692-1779) e da sua oficina no contexto da grande produção joanina e do período rococó tem sido objecto de sucessivas reavaliações. Veja-se, para além dos trabalhos citados por Flávio Gonçalves, MECO, 1985, p. 58; MECO, 1989, pp. 230-32; MANGUCCI, 1998a, pp. 69-81; MANGUCCI, 2003a, pp. 428-433 e 2003b, pp. 139 e 147. (CM)

(39) Sebastião de Almeida (1727-79), mais conhecido na bibliografia da especialidade pela sua actividade como administrador e director artístico da Fábrica do Rato, era filho do pintor Valentim de Almeida, oficina em que se formou (MANGUCCI, 1998a, pp. 73 e 80). Forneceu azulejos para a Quinta da Piedade em Vila Franca de Xira (MANGUCCI, 1998a, p. 73), pintou azulejos para o mestre-ladrilhador Bartolomeu Antunes (MANGUCCI, 2003b, pp. 139 e 148) e, muito provavelmente, foi responsável pela introdução ou pela extensão do fabrico de azulejos na Fábrica do Rato (MECO, 1985, p. 68; MECO, 1989; pp. 238-239; PAIS, 2003). (CM)

(40) VASCONCELOS, 1883-84, n.º 102.

(41) QUEIROZ, 1913, p. 91, n.º 35.

(42) QUEIROZ, 1913, p. 84, n.º 22.

(43) O extracto desta conta de azulejos foi publicado por PIRES, 1899, p. 70.

(44) SIMÕES, 1971b, vol. II, p. 193.

Vide também: SMITH, 1972a, p. 50.

FLÁVIO GONÇALVES

(45) Para um breve historial da olaria dirigida pelo mestre-ladrilhador António Antunes. Vide MANGUCCI, 1996, pp. 160, 161 e 166. (CM)

(46) CORREIA, 1918a, p. 538.

Bartolomeu Antunes praticou a pintura azulejar, tendo oficina na Calçada do Monte.
Dos seus trabalhos assinados temos:

- 1736 – VILAR DE FRADES – *antigo Convento dos Lóios*
- 1736 – MATAÇÃES – *Igreja Matriz*
- 1737 – SALVADOR (BRASIL) – *Convento de São Francisco*
- 1742 – VILAR DE FRADES – *antigo Convento dos Lóios*
- 1744 – PORTO – *Igreja de São João Novo.*

Bartolomeu Antunes refere ainda no seu testamento que fez azulejos para a Sé de Lisboa, para as quintas de Joaquim Marques Bacalhau, em Arroios e para o Convento de Santa Catarina de Riba-Mar.⁽⁴⁷⁾

Nos azulejos identificados por assinatura se reconhece o seu estilo de pintar; por comparação lhe poderão ser atribuídos outros.

Bartolomeu Antunes foi certamente dos mais operosos fabricantes de azulejos e, na sua oficina no Bairro das Olarias de Lisboa, se devem ter feito muitos revestimentos entre 1730 e 1750. Julgo mesmo que a actividade desta oficina determinou um verdadeiro ciclo oficial, caracterizado pela ornamentação das cercaduras, onde é notória a evolução dos motivos postos em voga pelos Oliveira Bernardes. De algum modo Bartolomeu Antunes sucede àqueles azulejadores e transforma-se ele próprio em Industrial Azulejador, para quem trabalhariam pintores e oleiros. Um deles foi Nicolau de Freitas que casou com sua filha Catarina e foi sócio e provavelmente sucessor do sogro, ainda que por pouco tempo, visto ter falecido dois anos depois deste.

Foi Bartolomeu Antunes⁽⁴⁸⁾ o azulejador mais responsável pela fabricação desse segundo quartel do século XVIII mas, também, aquele a quem se deve o abaixamento da qualidade artística que caracterizara os trabalhos dos seus antecessores – e talvez seus mestres – os Oliveira Bernardes.

ANTUNES, João: Mencionado como «mestre... do ofício de azulejador» em 1701, ano em que faleceu⁽⁴⁹⁾ morava a Santo André e, como «azulejador» nos aparece fornecendo azulejos fabricados por outrem. A esta família dos Antunes pertenceria ainda Bartolomeu Antunes que haveria de ocupar papel importante entre os azulejadores do meado do século XVIII.

BARROS, Francisco Xavier de: Citado por Vítor Ribeiro⁽⁵⁰⁾ como mestre-ladrilhador em 1794, pedindo para ser admitido na Confraria da Misericórdia.

BORGES, Manuel: Casa em 1712 com Inácia Maria, residindo a São Julião. Em 1719 muda-se para a Madragoa onde vive até 1724. Em 1742 temos notícia de que ainda era vivo. Em 1747 é citado⁽⁵¹⁾ um Manuel de Borges Palma que é mestre-azulejador e põe azulejos na Quinta de D. João Pedro de Mendonça Corte-Real, em Benfica.

(47) CORREIA, 1918a, *supra*.

(48) Novos documentos revelados sobre o percurso profissional de Bartolomeu Antunes (1688-1753) confirmam a sua acção como mestre-ladrilhador e não como pintor de azulejos, reforçando, no entanto, a importância da sua actividade no segundo quartel do século XVIII, período em que assegurou a colaboração dos melhores pintores do período. Com o mesmo perfil profissional, contam-se o pai, Domingos Antunes (m. 1715), o filho António Antunes, o irmão João Antunes, e o sobrinho João Nunes de Oliveira (*vide* entrada nesse capítulo). *Vide*: ARRUDA, 1993, pp. 95-98; MANGUCCI, 2003a, pp. 428-433 e 2003b. Para as obras de azulejos atribuíveis à parceria Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas. *Vide*: MECO, 1985, pp. 58-61; MECO 1989, pp. 232-234. (CM)

(49) QUEIROZ, 1913, p. 86. Aparece ainda João Antunes ladrilhador, morador a Santo André, como padrinho do assento de Baptismo de uma filha do pintor António Gonçalves de Moira (ou Moura) em 1687.

(50) RIBEIRO, 1911.

(51) LAMAS, 1924, p. 13.

Há notícia de seus trabalhos em:⁽⁵²⁾

ÉVORA: *Igreja da Misericórdia*, em 1715

VIANA DO CASTELO: *Igreja da Misericórdia*, em 1722

LISBOA: *Igreja de Santos*, em 1741 (provavelmente seria já seu filho)

NAZARÉ: *Igreja de Nossa Senhora*, em 1714

ÉVORA: *Igreja dos Lóios*, em 1711

LISBOA: *Quinta de D. João de Mendonça Corte-Real*, em 1747

Bibliografia:

VERGÍLIO CORREIA – «Azulejadores e pintores de azulejos de Lisboa», in *Águia* 77/78, 1918, p. 173.

GABRIEL PEREIRA – «Estudos eborenses», in *Loyos* – Évora 1886, pp. 13 e segs.

SOUSA VITERBO – «Notícia de alguns pintores», I, 1903, p. 38; II, p. 53.

J. M. DOS SANTOS SIMÕES – «Alguns azulejos de Évora», in *Cidade de Évora*.

FELICIANO GUIMARÃES – «Azulejos de figura avulsa», Gaia 1932, ver. loc.

BORGES DE PALMA, Manuel.⁽⁵³⁾

BRIOSO, Manuel da Costa: Forneceu em 1775 azulejos para a Sala do Palácio (da Universidade de Coimbra).^{(54) (55)}

BRITO, Joaquim de: Pintor de azulejos que executou várias pinturas e retoques em painéis e pintou bastantes outros para o Hospital de São José, entre 1775 e 1778.^{(56) (57)}

CARVALHO, Manuel Nunes de: Figura como fornecedor de azulejos para o Hospital de São José, entre 1770-73, juntamente com Pedro António e Pedro Martins.⁽⁵⁸⁾

COSTA, Alberto da: Mestre-oleiro, era casado com Isabel Rodrigues e morava na Rua do Acipreste, na freguesia de Santos. Fez testamento a 22 de Setembro de 1706 e morreu a 5 de Outubro do mesmo ano. No testamento declara-se que devia a Luís Gomes Henriques, morador em Santarém, 500\$000 reais, procedidos de «*humas tendas de oleiro q lhe comprei e casas anexas a ellas*». Adiante declara ainda que vivia numas tendas de oleiro «com *huma morada de casas anexas a ellas e huns almazens defronte em q meto tojo e palha*»,⁽⁵⁹⁾ as quais deixa em testamento e bem assim deixa a «*fabrica da minha tenda corrente*». Testemunham o acto cinco oficiais do ofício de oleiro, moradores na Rua da Oliveira, na Rua das Parreiras, na Travessa do Benedito, na Rua dos Marcos e na Travessa de Santos e, mais um – Pedro da Costa – às Olarias.⁽⁶⁰⁾

(52) Veja-se, ainda, o artigo de José Meco sobre o conjunto das suas obras (PEREIRA, 1989, pp. 96-97). (CM)

(53) Como se conclui pela nota biográfica de Manuel Borges, Santos Simões reconhecia a actividade de um descendente do mestre-ladrilhador. Manuel Borges de Palma manteve uma actividade importante a partir dos anos 40 do século XVIII, chegando a arrendar uma olaria em Santos-o-Velho, em 1762 (MANGUCCI, 1996, p. 166). (CM)

(54) CARVALHO, 1933, p. 273.

(55) Sobre a actividade de Manuel Costa Brioso em Coimbra vide também SANDÃO, 1975-86, vol. I, pp. 233-235; MECO, 1985, p. 68.

(56) RIBEIRO, 1911.

(57) O pintor trabalhou para o mestre-ladrilhador Bartolomeu Antunes, segundo uma certidão de dívida datada de 1754 (MANGUCCI, 2003b, pp. 139 e 148). (CM)

(58) RIBEIRO, 1911.

(59) QUEIROZ, 1913, pp. 91-92.

(60) Para um breve historial da olaria dirigida pelo mestre-oleiro António da Costa vide MANGUCCI, 1996, p. 167. (CM)

COSTA, Francisco Jorge da: Em 1765 forneceu azulejos de «brotescos de cores» para o Palácio de Queluz. Voltou a fornecer para o mesmo palácio, em 1784, estes parece que para o corredor «das mangas»,⁽⁶¹⁾ e em 1787 para o Paço de Samora Correia azulejos que se destinavam a Queluz.⁽⁶²⁾ Veio ao meu conhecimento um recibo, assinado por Francisco Jorge da Costa e que consta do seguinte teor: «*Obra que fiz do azulejo na Salla do Passo Velho por ordem do Ulmo. Snr. João Diogo de Barros Leitão Carvalho*»:

<i>Por 100 azulejos para a fábrica a 1500 reis o milheiro</i>	1\$800
<i>Pellos ditos de pintura</i>	\$800
<i>Por 4 dias do official que assentou o dito azulejo novo algum velho de obra</i>	2\$400
<i>Importa tudo em quatro mil e setecentos reis cuja quantia recebi do dito Snr.</i>	4\$700

COSTA, José da: É mencionado no «*Livro para se lançar a despeza da Igreja do Invicto Mártir Santo Estevão que esta Irmandade do Ssmo Sacramento lhe reedifica novamente*» no Arquivo da Igreja de Santo Estêvão de Lisboa:

Fls. 38 (1744) «Dispendeu mais com o q pagou (o tesoureiro) ao ajolijador José da Costa por hum rolo de jornaes e metriaes pertencente ao seu officio doze mil e quinhentos e sincoenta reis».

Fls. 40v. (1744-45) «Com o Remate de azulejos da sacristia como consta do Rol de Joze da Costa 2\$970».⁽⁶³⁾

José da Costa encarrega-se da obra de azulejo da Casa nobre de Lázaro Leitão, à Junqueira, em 1745-46.⁽⁶⁴⁾ Julgo que seja o mesmo azulejador que é mencionado como «Mestre azulejador» na documentação referente aos azulejos da sacristia da Igreja da Madre de Deus, em 1746.⁽⁶⁵⁾

COSTA, Manuel da (I): Em 1712 era morador na Rua de São Bento às Trinas. Testemunha no testamento de Catarina Pereira, viúva de Manuel Domingues Jorge como «pintor de azulejo».⁽⁶⁶⁾ Em 1714 no Assento da Irmandade de São Lucas⁽⁶⁷⁾ declara-se que é casado com Joana Maria, morador no Poço dos Negros (será o mesmo?).

COSTA, Manuel da (II): Em 1722 contratou o fornecimento de 4144 azulejos finos para a Capela do Senhor dos Passos, na Graça, pela quantia de 157\$472 réis e mais 3227 azulejos ordinários para as dependências por 54\$859 réis. São os azulejos que revestem a escada e a tribuna da capela e ainda a Sala das Sessões.⁽⁶⁸⁾

Em 1771 faz a avaliação dos azulejos colocados em casas que se edificam na rua da antiga Misericórdia (Conceição Nova, em Lisboa) e que foram colocados por António Manuel Godinho. Manuel da Costa era então «Juiz do officio de ladrilhador».

COSTA, Valentim da: No arquivo Histórico do Ministério das Finanças (Maço 108, n.º 6) vem um «Escrito de Valentim da Costa para azulejar a igreja (de Nossa Senhora da Conceição da Luz)», com documentação que vai de 1709 a 1710. Os azulejos «de brutesco» eram pintados por António de Oliveira.⁽⁶⁹⁾

(61) PIRES, 1924-1926, vol. I, p. 405, atribui-lhe os azulejos da parte superior do «corredor das mangas».

(62) Além dos azulejos de Queluz, atribuem-se a Francisco Jorge da Costa os importantes conjuntos de azulejos do Colégio Militar da Luz, em Lisboa, os painéis das salas do capítulo dos conventos de Santo Tirso e Tibães e os azulejos da Misericórdia de Santarém. Para uma avaliação global da obra do pintor que teria deixado a sua actividade por volta de 1805, vide: MECO, 1985, pp. 68 e 73; MECO, 1989, pp. 239-240; PEREIRA, 1989, pp. 36-39. (CM)

(63) Informação de Robert Smith, de 8 de Junho de 1962.

(64) LAMAS, 1925, pp. 140-141.

(65) KEIL, 1921, p. 37.

(66) QUEIROZ, 1913, p. 95.

(67) TEIXEIRA, 1931.

(68) SALES, 1934, pp. 88 e 94.

(69) Vide estudo sobre António de Oliveira Bernardes.

COSTA ROSADO, Manuel da: Caldeira Pires⁽⁷⁰⁾ no seu trabalho sobre o Palácio de Queluz, informa que, em 1777, Manuel da Costa Rosado tinha fábrica sua em Lisboa e, ainda nesta mesma data e em 1780-84 são enviadas remessas de azulejos para Queluz. O autor atribui a esta fábrica os azulejos da parte inferior do «corredor das mangas» do Palácio de Queluz.

COUTO, R. M. (ou do Couto): Com a assinatura *de R. M. Docotto Fecit* existem azulejos numa das salas do antigo Palácio dos Marqueses de Tancos em Lisboa. Até à data em que os vi (16 de Março de 1957) ninguém me tinha falado nestes azulejos assinados, nem a eles vi qualquer referência. Julgo tratar-se de Raimundo do Couto, registado como irmão na Irmandade de São Lucas.

Os azulejos do Palácio de Tancos serão de cerca de 1715-18, provavelmente da mesma época dos outros do mesmo palácio que atribuo a Oliveira Bernardes. É muito provável que Raimundo do Couto tenha sido aprendiz de António de Oliveira Bernardes.

DANIEL: Liberato Telles⁽⁷¹⁾ escreve que os azulejos do Claustro de São Vicente de Fora, em Lisboa, são obra portuguesa do notável pintor Daniel (?).

DEUS, João de: No livro dos Arrendamentos do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros, vem a fls. 36 um assento, em que se referem azulejos pagos a João de Deus em 1770, por 293\$000 réis (?). Seriam provavelmente os da nave da igreja.

FARIA, Joaquim José Monteiro de: Em 1949 apareceu à venda na Holanda⁽⁷²⁾ um painel de 3 × 4 azulejos representando *Santo António*. O painel tinha a legenda: IOAqVIM:IOZE:MONT^{ro}: DE FARIA:0 FES:EM / Lx^a:A 20 = DE YANEIRO: DE = 1740 / S:ANTONIO

FERREIRA, Sebastião Gomes (act. 1733-50).⁽⁷³⁾

FREITAS, Nicolau de: Vergílio Correia⁽⁷⁴⁾ e Joaquim de Vasconcelos⁽⁷⁵⁾ dão-nos nas suas obras a cronologia deste pintor. Assim, em 1703 Nicolau de Freitas nasce em Lisboa, sendo baptizado nos Anjos a 10 de Setembro. De 1720 a 1724 é discípulo de António de Oliveira Bernardes e, em 1726, está inscrito na Irmandade de São Lucas. Morava então na Travessa da Bica, aos Anjos, e depois muda-se para a Travessa dos Curas, também aos Anjos. Em 1745 casa com Joana Catarina Rosa, filha mais velha de Bartolomeu Antunes e, em 1765, morre.

Dos seus trabalhos assinados destacamos:⁽⁷⁶⁾

1734 – BRAGA: Painel assinado na Igreja dos Terceiros

1736 – VILAR DE FRADES:⁽⁷⁷⁾ Painel assinado e datado na Igreja dos Lóios

1744 – FUNCHAL: Pequeno registo na Rua da Conceição

(70) Para o registo na Irmandade de São Lucas *vide* o trabalho de TEIXEIRA, 1931. Raimundo do Couto pertence à primeira geração de pintores de azulejo figurativos tendo realizado também composições a fresco (SERRÃO e DACOS, 1992, p. 48).

(71) TELLES, 1896, p. 212.

(72) Informação do Senhor L. J. van Merlen.

(73) A carreira do pintor Sebastião Gomes Ferreira parece ter-se desenvolvido exclusivamente integrada na oficina de Valentim de Almeida (MANGUCCI, 1998a, pp. 72, 80-81). (CM)

(74) CORREIA, 1918a, pp. 531-540.

(75) VASCONCELOS, 1883-84, vol. II, p. 7.

(76) Para uma visão de conjunto da obra de Nicolau de Freitas *vide*: MECO, 1985, pp. 59-61; MECO, 1989, pp. 233-234; PEREIRA, 1989, p. 198; SERRÃO 2003, p. 224. Para uma revisão do papel desempenhado por cada um dos intervenientes na parceria Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas veja-se ainda MANGUCCI, 2003b. (CM)

(77) Joaquim de Vasconcelos deu a notícia em primeira mão mas diz que não tem data; de facto, não tem data mas está na mesma capela dos azulejos de Bartolomeu Antunes, estes datados de 1736.

GODINHO, António Manuel: Em 1771 assentou os azulejos de «mouzado» na obra de umas casas que se andavam a fazer à Conceição Nova. Foi avaliador o juiz do ofício de ladrilhador Manuel da Costa.

O mesmo forneceu, em 1787, os azulejos para a Irmandade de Nossa Senhora da Consolação de Aqualva.

GOES, Manuel António de: Pintor de azulejos, é referido por Cyrillo Wolkmar Machado como «pintor numa fábrica de azulejos do tempo do Marquez de Pombal». ⁽⁷⁸⁾ É dado como «pintor de figura» e foi pai do artista Bernardo António de Oliveira Goes, discípulo de Cyrillo. ⁽⁷⁹⁾

Segundo Cyrillo era natural de Lisboa, baptizado na freguesia do Socorro e faleceu com 54 anos em 1784. Nasceu portanto em 1730. A sua actividade como pintor de azulejos deve ter sido por volta de 1760. ⁽⁸⁰⁾ ⁽⁸¹⁾

GÓIS, José de: Mestre-azulejador assenta os azulejos dos «Gerais» da Universidade de Coimbra em 1696, 1701 e 1702. ⁽⁸²⁾

GOMES, António: Trabalhou nas obras do Convento de Mafra. Figura como testemunha num «auto de doação» (?) no qual se diz «*António Gomes oficial de azulejador morador na Real obra desta vila de Mafra*». ⁽⁸³⁾

Este António Gomes pode tratar-se do mesmo mencionado por José Queiroz ⁽⁸⁴⁾ o qual figura como testemunha, em testamento de Gonçalo da Costa Pedreiro (Agosto de 1717) e que morava na Rua do Asipreste (*sic*) como oficial de oleiro.

GOMES, Francisco: É citado por Vítor Ribeiro ⁽⁸⁵⁾ como trabalhando entre 1770-73 na «obra de azulejo do hospital de São José», juntamente com Pedro Mazo, Pedro Martins, Ricardo José e mais cinco oficiais.

O mesmo é mencionado como *azulejador* naquela obra, conjuntamente com Francisco Gomes, Pedro Mazo e Ricardo José.

GOMES, Manuel: Sousa Viterbo, nas suas *Notícias de alguns pintores*, ⁽⁸⁶⁾ a p. 53, escreve: «No Livro das Obras da Misericórdia de Viana do Castelo, referente ao ano de 1720, fls. 69, vem a notícia e vinda de azulejos de Belém, em 48 caixões, encomendados a Manuel Gomes. Estes azulejos perderam-se, tendo-se feito nova encomenda em 1722 (Livro de 1722, fls. 246) agora ao mestre-azulejador Manuel Borges, da cidade de Lisboa».

GUÁLTER: No Museu Grão Vasco, de Viseu, está um painel representando *Santa Brígida* e tendo, na parte inferior, a legenda: S. BRIZIDA / G^{ter}ME F 1729.

O Director do Museu, Dr. Russel Cortês, que adquiriu este painel no Porto, atribui-o a um oleiro de nome Guálter, talvez artífice de Gaia.

JORGE, Domingos: No Arquivo do Tribunal de Contas, Erário Régio, Junta da Inconfidência vem, respectivamente, no Fundo Geral, Maço 115, n.º 332 o «*pagamento em 1759 de 196\$770 réis a Jorge Domingos*», sem mencionar a natureza do trabalho que originou o pagamento; no Maço 119, n.º 336 vêm mencionados pagamentos que se lhe fizeram em 1760, por trabalho da sua arte (mestre-ladrilhador) que fez no Convento de São José de Ribamar, a saber:

(78) VASCONCELOS, 1883-1884, vol. II, p. 39.

(79) *Colecção de Memórias* de Cyrillo Wolkmar MACHADO, 1922, p. 218.

(80) PEREIRA, in *Torres Vedras: Notas de Arte e Arqueologia*, p. 25, atribui a Manuel António Goes ou a seu filho Bernardo António de Oliveira Goes os azulejos da Casa do Despacho da Irmandade de São Pedro de Torres Vedras.

(81) Manuel António de Goes, com a idade de 24 anos, já está activo em 1754, quando testemunha uma certidão de dívida ao pintor Joaquim de Brito (MANGUCCI, 2003b, pp. 139 e 148). (CM)

(82) CORREIA, 1946-78, vol. I, p. 144.

Sobre a actividade de José de Góis *vide*, também: GARCIA, 1923, p. 255.

FLÁVIO GONÇALVES

(83) Esta comunicação foi-me dada pelo Dr. Rafael Salinas Calado, o qual me ofereceu o documento, infelizmente não datado.

(84) QUEIROZ, 1913, p. 96, n.º 46.

(85) RIBEIRO, 1911.

(86) VITERBO, 1903.

– 42 ½ braças de ladrilho roçado a 2\$800	119\$000
– 67 ¼ braças de ladrilho cortado a 2\$5000	169\$500
– 7 ¼ braças de azulejos de flores e faixa a 6\$500	48\$100
– 36 alizares a \$050	1\$800

No Maço 120, n.º 337, Domingos Jorge aparece, em 1768, como artista das obras da construção do novo quarto que Sua Majestade mandou construir no Palácio do sítio da Ajuda.

JORGE, Domingos: Era dono das olarias e suas tendas na Travessa do Benedito (freguesia de Santa Catarina), onde vivia.⁽⁸⁷⁾ Em 3 de Fevereiro de 1686 fez testamento, declarando ser viúvo de Maria de Sousa e casado «ao presente» com Catharina Pereira. Nesse testamento diz que o Marquês de Cascais lhe deve 40\$000 réis de azulejos. Também era credor de Manuel João «*official de oleiro, morador em Villa nova do Porto, de 40\$250 reis de barro e azul que lhe mandei desta cidade para a sua tenda*». Também o oficial de oleiro, João Fragoso, que morava na freguesia de Santos lhe devia 7\$500 de um fornecimento de barro. Do oficial ladrilhador Manuel de Sequeira, de Santarém, era ainda credor de 24\$000 de um saldo de contas.⁽⁸⁸⁾

Catarina Pereira parece que foi casada duas vezes, talvez a primeira vez com Manuel Jorge e, enviando deste, casaria com seu irmão Domingos, também mestre-oleiro. Faleceu Catarina a 13 de Setembro de 1712, morando nessa altura na Travessa do Benedito. No testamento diz que era irmã de António Pereira, e deixa a António Costa, oficial de oleiro, casado com Maria Pereira, filha daquele, 50\$000 réis. Foram testemunhas deste testamento (feito em 9 de Setembro de 1712) entre outros Manuel Ramos, pintor de azulejos, Manuel da Costa, também pintor de azulejos e Francisco da Costa, oleiro, este morador na Travessa do Benedito.

Depreendo que os irmãos Jorge, principalmente Domingos, eram grandes artífices ceramistas. A oficina da Travessa do Benedito adquiriu grande importância.

JOSÉ, Bernardo: No livro referente à freguesia de Santos da «Décima da Cidade», ano 1762-63⁽⁸⁹⁾ figura como morador na *Travessa da Oliveira, indo da Rua da Bela Vista para a Rua do Pinheiro*, na casa n.º 3 um Bernardo José,⁽⁹⁰⁾ *official de pintor de azulejo*. É curioso notar que eram seus vizinhos, respectivamente nas casas n.º 1 e n.º 2 um *José Pinto official de pintor, Gregório João, official de ladrilhador e José Luís official de pintor*.

A Travessa da Oliveira, no bairro então chamado do Mocambo, ficava junto aos fornos de louça e de azulejo, pelo que é legítimo supor que estes pintores e ladrilhador estivessem ligados à actividade oficial da cerâmica e azulejaria.

MARTINS, Pedro: Figura como fornecedor de azulejos para o Hospital de São José, entre 1770-73, conjuntamente com Pedro António e Manuel Nunes de Carvalho.⁽⁹¹⁾

O mesmo é mencionado como *azulejador* naquela obra, conjuntamente com Francisco Gomes, Pedro Mazo e Ricardo José.

NETO, João: Mestre-azulejador ou ladrilhador que fez o rascunho para os azulejos da Igreja do Senhor da Cruz, de Barcelos, conforme consta da Acta de 18 de Maio de 1728. Os azulejos foram feitos em Lisboa e colocados em 1730.⁽⁹²⁾

(87) QUEIROZ, 1913, p. 80.

(88) QUEIROZ, 1913, p. 94.

(89) Arquivo do Tribunal de Contas, mc. 1023.

(90) Em 1778, em colaboração com o mestre-oleiro Joaquim Henrique, fornece azulejos para a Quinta da Piedade em Vila Franca de Xira (MANGUCCI, 1998a, p. 81). (CM)

(91) RIBEIRO, 1911, p. 102.

(92) Sobre o azulejador João Neto da Costa, com larga acção no Norte do País, vide: SIMÕES, 1962a, p. 2; BASTO, 1964, pp. 187-188; GONÇALVES 1970, p. 48; SMITH, 1970, p. 50. FLÁVIO GONÇALVES

NUNES, Domingos: No Livro de Arrendamentos do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros, a fls. 44, vem um assento de azulejos entregue a Mestre Domingos Nunes, para colocação no coro, Casa do Capítulo, corredores e sacristia, em 1773.

Este Domingos Nunes não pode ser o mesmo de quem existe o desenho de uma alegoria, que deve ter servido para algum painel de azulejos. Na *Colecção de desenhos da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*⁽⁹³⁾ diz-se que Domingos Nunes era da Vidigueira. No artigo de Luís Silveira in «A Cidade de Évora»⁽⁹⁴⁾ transcreve-se uma carta de Xavier da Costa, na qual este dá «a máxima importância ao desenho 124, por ter a rubrica: Docms. Nunes da Vidigueira M.º de J. Manuel da Rocha».

Sabendo-se que Domingos Nunes foi estudar para Roma cerca de 1720 e voltando ao reino cegou pouco depois, não pode portanto ser o mesmo Domingos Nunes azulejador em 1773.

Em qualquer caso, os desenhos apresentados têm muita semelhança com os azulejos, nomeadamente a *Ceia* (n.º 124).

NUNES DE OLIVEIRA, João: Em 1755-56 fez todo o trabalho da «Ribeira» no Palácio de Queluz (lago) a qual terminou em 2 de Setembro de 1756.^{(95) (96)}

OLIVEIRA, Francisco de Paula e.⁽⁹⁷⁾

OLIVEIRA, João de: Mestre-ladrilhador, morador na Rua da Talaya, citado como testemunha em 1704.⁽⁹⁸⁾

OLIVEIRA, Manuel de.⁽⁹⁹⁾

OLIVEIRA BERNARDES, António de: Da vastíssima produção portuguesa de azulejos destaca-se marcadamente o labor artístico dos Oliveira Bernardes: António e Policarpo. O extraordinário interesse que o estudo das suas obras desperta, não pode ser satisfeito dentro dos limites deste resumo, nem o estado actual dos conhecimentos sobre as suas vidas e trabalhos, permite traçar de maneira exaustiva a órbita das suas actividades. António de Oliveira Bernardes não é desconhecido dos eruditos e curiosos, e o seu nome, revelado nas assinaturas de revestimentos azulejares, tem sido recolhido e registado por quantos têm vindo a chegar notícias sobre a arte em Portugal.⁽¹⁰⁰⁾

Até à publicação dos notáveis estudos do Professor Vergílio Correia,⁽¹⁰¹⁾ repetiam-se as parcas notícias biográficas fornecidas por Cyrillo, o qual dava António de Oliveira Bernardes como nascido ocasionalmente em Moura, filho de um pintor António Rodrigues, de Beja.⁽¹⁰²⁾ Vergílio Correia rectificando a notícia em artigo seguinte, esclarece, apoiando-se em documentação, que António de Oliveira Bernardes fora filho de Pedro Figueira e de Isabel Rodrigues.⁽¹⁰³⁾

(93) SILVEIRA, 1941. Desenhos n.ºs 124, 125 e 126.

(94) SILVEIRA, 1945, pp. 3-15.

(95) Doc. in PIREZ, 1924-26, vol. I, p. 400.

(96) O mestre-ladrilhador João Nunes é sobrinho de Bartolomeu Antunes, com a actividade destacada no período, que inclui também o fornecimento de azulejos para o Palácio das Necessidades, em 1747 (MANGUCCI, 2003b, pp. 138-139 e 142-145). (CM)

(97) Ao pintor Francisco de Paula e Oliveira, o mais importante pintor do último quartel do século XVIII, atribui-se uma extensa obra. A sua actividade desenvolve-se por quase quatro décadas, desde sua aceitação como aprendiz de oleiro, por volta de 1781, até ao seu despedimento em 1821. Vide: MECO, 1985, pp. 68, 73-74; MECO, 1989, pp. 240-241; PEREIRA, 1997, pp. 27-36. (CM)

(98) QUEIROZ, 1913, p. 90.

(99) Manuel de Oliveira, pintor de azulejos, executou os azulejos da capela da Ordem Terceira de São Francisco, em Santarém, no ano de 1717 (SERRÃO, 2003, p. 224). (CM)

(100) Os contributos mais recentes para o conhecimento da obra do pintor António de Oliveira Bernardes (1662-1732) procuram definir e descrever a sua carreira como pintor a óleo, sublinhando a interdependência entre todas as vertentes artísticas que praticou. Vide, entre outros, MECO, 1985, pp. 50-51; MECO, 1989, pp. 222-225; PEREIRA, 1989, pp. 179-181; FRANCO, 1993; SERRÃO, 1996-97; SOBRAL, 1999b; SERRÃO 2003, pp. 212-218. (CM)

(101) Subsídios colhidos nos artigos de CORREIA, 1918b.

(102) Notas corroboradas pela referência na *História da Fundação do Convento de Jesus Cristo das Religiosas Capuchinhas*, p. 273, citado por VITERBO, 1911, p. 124.

(103) No Arquivo dos Registos Paroquiais, anexo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, está o Livro de Casamentos da Freguesia de Santa Catarina de Lisboa, dele se extraindo que António de Oliveira Bernardes, baptizado na freguesia de Santa Maria, da cidade de Beja, era filho de

Se conhecemos os nomes dos pais de António de Oliveira Bernardes, ignora-se ainda a data do seu nascimento, e só podemos conjecturar que teria sido cerca do meado do século XVII, próximo de 1660. Começamos a ter notícias concretas sobre Oliveira Bernardes em 1684, quando se assentou como «irmão», em 7 de Agosto, na Irmandade de São Lucas de Lisboa. Dez anos depois assina como juiz da mesma corporação um assento em 17 de Junho.

Em 1696 morava a Santa Catarina, à Rua das Casas Caídas, sendo já casado com Francisca Xavier de Araújo e tendo já nascido o seu primeiro filho Policarpo. Segue-se Inácio de Oliveira Bernardes, nascido em 1 de Fevereiro de 1697,⁽¹⁰⁴⁾ José e Valério,⁽¹⁰⁵⁾ Apolinário – que era menor em 1731, conforme consta do testamento de António de Oliveira Bernardes –, Maria da Conceição e Aurélia Maria Bernardes.⁽¹⁰⁶⁾

António de Oliveira Bernardes morre no dia 4 de Dezembro de 1732, nas suas casas da Rua das Casas Caídas, após doença que o manteve entevado desde 1730. A viúva, Francisca de Araújo, veio a falecer nessas mesmas casas em Março de 1750.

A actividade artística de António Oliveira Bernardes pode dividir-se em três grandes períodos, não perfeitamente definidos no tempo. O primeiro seria preenchido com a pintura a óleo ou a têmpera – até cerca de 1700 –, o segundo quando se inicia na pintura de azulejos, trabalhando para o azulejador Valentim da Costa e para o genro deste, Manuel Borges – de 1705 (?) a 1715 (?) –, o terceiro, durante o qual a sua oficina se transforma numa autêntica «escola», com a colaboração de discípulos e aprendizes, produzindo a grande maioria dos revestimentos que lhe são atribuídos ou onde é possível ainda encontrar a sua intervenção – 1716 a 1726 (?).

Trabalhos assinados:

BRAGA – *Sé Catedral* – Capela de São Pedro de Rates
 BRAGA – *Igreja de Nossa Senhora do Pópulo*
 ÉVORA – *Igreja dos Lóios*, assinados e datados de 1711
 ÉVORA – *Capela de Nossa Senhora da Cabeça*
 LISBOA – *Igreja de São Domingos de Benfica*
 LISBOA – *antiga Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da Luz*
 PAÇO D'ARCOS – *Ermida de Porto Salvo*
 PENICHE – *Igreja de Nossa Senhora dos Remédios*
 PONTA DELGADA – *Convento da Esperança e Museu*, datados de 1712

Trabalhos atribuídos:

ALCÁCER DO SAL – *Igreja de São Tiago*
 BARCELOS – *Igreja do Terço* (1713)
 BRAGA – *Sé* – Capela de São Geraldo
 BRAGA – *Capela de São Sebastião das Carvalheiras*

Pedro Figueria (*sic*) e de Isabel Roiz. Residia, à data do casamento – 13 de Março de 1694 – na freguesia de São Paulo. A noiva era Francisca Xavier, natural da freguesia das Mercês de Lisboa e moradora na de Santa Catarina, filha de Francisco Ferreira de Araújo e de Madalena da Costa. Foi testemunha Joseph Ferreira de Araújo, pintor, morador na Rua dos Poiais.

⁽¹⁰⁴⁾ Em 1736 é dado como «pintor» e morador na Rua do Caldeira. Em 12 de Janeiro de 1735 teve alvará de fiança a banhos, para casar com Anastácia Tereza Romanet, que era pobre e foi baptizada na mesma freguesia a 22 de Maio de 1717, filha de Manuel Romanet e de sua mulher Caetana Maria de Miranda. Em 16 de Fevereiro de 1735 foi desobrigada a fiança e já estavam recebidos na referida freguesia de Santa Catarina (notas fornecidas por Jorge de Moser em 28 de Abril de 1962 e tiradas dos *Sumários Matrimoniais da Câmara Eclesiástica de Lisboa*. Mç. 2, proc. 127, ano 1736 e Maço 3, proc. 125, ano 1735 dos Reservados da BNL.

⁽¹⁰⁵⁾ José de Oliveira Bernardes nasceu em 1702. Foi pintor, morador na freguesia de Santa Catarina em 1735 (proc. 125 supra). Professou no Convento da Ordem de Cristo, em Tomar.

Valério de Oliveira Bernardes foi presbítero. Teria nascido entre 1703 e 1705, já que em 1735 declara ter 30 anos, e em 1736 diz contar 33 (!) conforme se lê nos processos 125 e 127 citados.

⁽¹⁰⁶⁾ Aurélia Maria Bernardes veio a casar em 1727 com António Correia Barreto, o qual faleceu na freguesia de Santa Catarina. Voltou a casar em 1736 com D. Diogo Lopes Galhardo, este por sua vez também viúvo de D. Mariana Josefa Botelho.

CASCAIS – *Capela de Nossa Senhora da Nazaré*
CASCAIS – *Capela da Casa do Dr. Manuel Espírito Santo* (revestimento que foi de Frielas)
COLARES – *Capela da Piedade*
ESTREMOZ – *antiga Igreja da Misericórdia*
ÉVORA – *Igreja da Misericórdia*
FENAIS DA LUZ (São Miguel) – *Igreja* (1713)
NAZARÉ – *Igreja de Nossa Senhora da Nazaré* (corredor e sacristia)
PENINHA – *Igreja* (1711)
PORTALEGRE – *Sé* (sacristia)

Trabalhos atribuíveis à «escola Bernardes»:

AZEITÃO – *Igreja de São Lourenço* (capela-mor)
BRAGA – *Capela de São Sebastião*, datados de 1717
CARNIDE – *Igreja de São Lourenço* (desaparecida). Os azulejos foram recolhidos pela Câmara Municipal de Lisboa e estiveram colocados no jardim do Palácio Galveias.
Um dos painéis foi depois transferido para o Jardim da Rua das Amoreiras
CASCAIS – *Capela de Nossa Senhora da Nazaré*
CHARNECA – *Igreja Matriz* (capela do lado da epístola)
COLARES – *Igreja Matriz* (capela-mor)
ESTREMOZ – *Câmara Municipal*
LISBOA – *Igreja de Nossa Senhora da Saúde*
LISBOA – *Igreja do Convento de Jesus*
NAZARÉ – *Igreja de Nossa Senhora da Nazaré* (corredor e tribuna)
OUTÃO – *Capela*

OLIVEIRA BERNARDES, Policarpo: Policarpo, filho mais velho de António de Oliveira Bernardes, nasceu, como vimos, em 1695. Casou em Santa Catarina, a 23 de Fevereiro de 1726, com Tomásia Maria Baptista Travassos,⁽¹⁰⁷⁾ irmã do pintor João Baptista Carvalho e filha de Pascoal de Carvalho e de António da Assunção, morando na mesma Rua das Casas Caídas. Policarpo, provavelmente o primeiro discípulo de seu pai, parece não ter praticado a pintura a óleo. De muito novo deve ter ajudado na oficina paterna, especializando-se no debuxo e pintura dos enquadramentos decorativos. Sentimo-lo presente em algumas composições a partir de 1715. A partir de 1726 é Policarpo quem parece estar à testa da oficina das Casas Caídas, ainda que o velho António continue a pintar e a conduzir os aprendizes. Em 1738 parece que se teria mudado para Loures.⁽¹⁰⁸⁾

Trabalhos assinados:

ALMANCIL – *Igreja de S. Lourenço* (datados de 1730)
BRAGA – *Igreja da Penha*
GRÂNDOLA – *antiga Misericórdia*
PAÇO D'ARCOS – *Ermida de Porto Salvo* (datados de 1734)
SETÚBAL – *Capela do Forte de São Filipe* (datados de 1736)
VIANA DO CASTELO – *Casa particular*
VIANA DO CASTELO – *Igreja da Misericórdia*
VILA VIÇOSA – *Igreja de Nossa Senhora da Conceição*

(107) Bibliografia: TEIXEIRA, 1931, p. 93; CORREIA, 1917, pp. 198-208; VITERBO, 1903, pp. 6-11.

(108) Sobre a obra de Policarpo de Oliveira Bernardes *vide*: MECO, 1985, pp. 51-52; MECO, 1989, pp. 225-226; PEREIRA, 1989, pp. 83-84; SERRÃO, 2003, pp. 218-221. (CM)

Trabalhos atribuídos:

ABRANTES – *Igreja da Misericórdia*
 ARRAIOLOS – *Igreja da Misericórdia*
 BEJA – *Igreja da Conceição* (1741)
 ESTREMOZ – *Câmara Municipal*
 ESTREMOZ – *Palácio Rosado*
 ESTREMOZ – *Capela da Rainha Santa*
 FRONTEIRA – *Igreja do Senhor Jesus dos Mártires* (1720?)
 LISBOA – *Convento de São Vicente de Fora*
 LISBOA – *Convento das Trinas* (átrio)
 PORTALEGRE – *Convento de São Bernardo*
 SANTARÉM – *Capela do cemitério* (sacristia)
 SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO – *Igreja*
 SETÚBAL – *Capela do Forte do Outão*

PMP: Um dos mais activos e destacados pintores de azulejo do primeiro quartel do século XVIII, com toda a probabilidade aprendiz e colaborador dos Oliveira Bernardes – a cuja obra aparece intimamente ligado – assinou alguns dos seus trabalhos com as iniciais PMP.

Não temos tido a fortuna de identificar tal artista nem na documentação nem em quaisquer referências, mantendo-se no seu meio anonimato, e assim passou para nós a ser simplesmente o PMP...

É certo que Vergílio Correia – que, ao que me conste, nunca viu esta assinatura – refere entre os *Azulejadores e pintores de azulejos de Lisboa*⁽¹⁰⁹⁾ os irmãos Phelippe e Paulo Pellemon, pintores vivendo em 1736 com Pedro Massart de Rochefort, na Rua do Caldeira.⁽¹¹⁰⁾

De todos os pintores que vêm mencionados na bibliografia da especialidade, ou que por qualquer via informativa chegaram ao nosso conhecimento, nenhum encontrámos cujo nome e apelidos correspondam a PMP e, se lembrámos a referência de Vergílio Correia, foi apenas pela presença dos dois pês finais... Quanto a Pedro Mansart de Rochefort, só o *P* e o *M* se ajustam...⁽¹¹¹⁾

Aliás, analisando cronologicamente as obras assinadas ou francamente atribuíveis ao PMP, verificamos que ele está particularmente activo em 1723 (Santarém, sacristia da Igreja de Santa Cruz) e talvez mesmo já em 1717, colaborando com Policarpo de Oliveira Bernardes (Guimarães, Igreja das Capuchinhas), ou seja, anos antes daqueles em que conhecemos os Pellemont e Rochefort. A sua prodigiosa produção – mais de cinquenta núcleos lhe podem ser atribuídos entre 1717 e 1725-30 – demonstra cabalmente que era artista muito popular e aceite, e, de facto, os seus trabalhos são, sem dúvida, dos mais agradáveis e atraentes.

Pintor de grande acentuação gráfica, desenhador correcto, PMP coloca-se na órbita dos Oliveira Bernardes e não é difícil encontrar influências directas dos mestres. Não era, provavelmente, um pintor de primeiro plano (parece não ter entrado para a Irmandade de São Lucas) antes um bom profissional, paciente e acomodaticio, seguindo escrupulosamente as indicações dos mestres azulejadores, encarregado – pelo menos de princípio – da composição ornamental de silhares, logo empenhado em maiores empreendimentos na pintura de figuração de painéis, até poder acarretar com obras de maior vulto e responsabilidade.

(109) CORREIA, 1918b, pp. 171-172.

(110) Este Pedro Massart de Rochefort era de Paris e, viúvo de D. Francisca de Chene, voltou a casar em Lisboa a 14 de Abril de 1727 com Cecília Leotar, nascida na freguesia de São Paulo desta cidade. Foram então morar para a Rua Nova dos Olivais, a São Bento – bairro de pintores e ceramistas – onde lhes nasceu um filho em 1729. Em 1731 muda-se para a Rua da Esperança, e em 1733 para a Rua do Caldeira, onde hospeda um João Falcão e, em 1734-36, os irmãos Pellemont.

(111) Continuam como hipóteses de investigação a identificação das iniciais PMP com o pintor Pedro Monteiro, inscrito na Irmandade de São Lucas, em 1712, ou com o padre arquitecto Manuel Pereira, oratoriano e capelão da Rainha (SERRÃO, 2003, p. 221). O estilo delineado e facilmente reconhecível das suas fisionomias tem permitido a identificação de uma obra notavelmente vasta: MECO, 1985, pp. 51-52; MECO, 1989, pp. 227-228; PEREIRA, 1989, p. 364; ARRUDA, 1993, pp. 90-95; SERRÃO, 2003, pp. 221-222. Para o papel do pintor PMP na «invenção» das «figuras de convite» vide o estudo de ARRUDA (1993, pp. 93-95). (CM)

Trabalhos assinados:

BARCELOS – *Igreja do Terço* (capela-mor)

CASTANHEIRA DO RIBATEJO – *Quinta de São José do Marco*

LISBOA – *Solar dos Marquesses de Olhão* (a assinatura encontrava-se separada dos painéis)

SETÚBAL – *Capela do Corpo Santo*

Trabalhos atribuíveis:

PAÇO DO LUMIAR – *Capela de São Sebastião* (capela-mor)

SAMORA CORREIA – *Igreja Matriz*

MATACÃES – *Igreja Paroquial* (capela-mor)

VILA DO CONDE – *Capela de Nossa Senhora*

VILA FRANCA DE XIRA – *Igreja Matriz* (casa consistorial) ⁽¹¹²⁾

PAIVA, Agostinho de: Oleiro e pintor de azulejos fornece, em 1701 e 1702, azulejos para a obra da Universidade de Coimbra, respectivamente para as salas de Exame Privado e para os Gerais.

De 1720 a 1724 é referido por Prudêncio Garcia ⁽¹¹³⁾ como tendo fornecido azulejos para o claustro e escadaria da Sé Velha de Coimbra. ⁽¹¹⁴⁾

PASSOS DIAS, Manuel de: Pintor de azulejos trabalhava em Lisboa e, em 1734, recebeu uma encomenda de azulejos para a Misericórdia da Baía, os quais entregou em 1735, importando estes em 74\$841 réis. ⁽¹¹⁵⁾

PEDRO, S.: Assina azulejos do antigo Convento dos Borrás, em Coimbra. Em 3 azulejos lê-se: S. PEDRO / PINTOR / SOV EV, e noutro azulejo FINIS LAVS DEO 1707. ⁽¹¹⁶⁾

PEREIRA, António: Assina azulejos no Brasil, de época que julgo de cerca de 1720. Faz-lhe referência Mário Barata. ⁽¹¹⁷⁾

Assina «*Anto. pra. f.*» no painel representando a Samaritana, da Igreja da Misericórdia da Vidigueira.

Atribuo-lhe os dois painéis do coro da Capela de Nossa Senhora das Candeias, no Alvito, assim como os painéis da Capela de São Pedro, do antigo Convento do Carmo, sobre Colares. ⁽¹¹⁸⁾

PINHEIRO, José dos Santos: Pintou o painel de 173 azulejos, representando São José, para o Hospital de São José, em 1771. ⁽¹¹⁹⁾ ⁽¹²⁰⁾

(112) Outros trabalhos têm sido atribuídos ao Mestre PMP. Vide: SMITH 1973a, pp. 399-401 e nota 15; SMITH, 1974a, p. 47 (e nota 40).

FLÁVIO GONÇALVES

(113) In *Instituições Christãs*, VII n.º 6, 2.ª série (GONÇALVES, 1898, p. 231).

Vide também: GARCIA, 1923, pp. 254-255. Sobre a actividade de Agostinho de Paiva na Universidade de Coimbra, vide: CORREIA, 1932, pp. 369 e 375; texto reproduzido em CORREIA, 1946-78, vol. I, pp. 146 e 154.

FLÁVIO GONÇALVES

(114) Sobre a obra de Agostinho de Paiva vide: MECO, 1989, p. 228; PEREIRA, 1989, p. 343.

(115) DAMÁSIO, 1852, p. 29.

(116) GONÇALVES e CORREIA, 1947-1952, p. 153.

(117) BARATA, 1955.

(118) A partir dessas primeiras identificações, a obra do pintor de azulejos António Pereira tem vindo a ganhar personalidade e importância nos finais do século XVII. Vários conjuntos de azulejos têm-lhe sido atribuídos (MECO, 1985, p. 49; MECO, 1989, pp. 219-220; PEREIRA, 1989, pp. 349-350), mas o dado mais significativo foi a sua identificação com o pintor António Pereira Ravasco (act. 1683-1712) autor das telas da Igreja de São Miguel de Alfama pelo historiador SERRÃO (1996b e 2003, pp. 210-211). Recentemente, ao seu pincel foi também atribuída a série de pintura a óleo da hagiografia de São Pedro de Alcântara do Museu de São Roque (CAETANO, 1998, pp. 10-22). (CM)

(119) RIBEIRO, 1911.

(120) José dos Santos Pinheiro, «professor da arte de pintar azulejos», trabalhou para o mestre-ladrilhador Bartolomeu Antunes, segundo uma certidão de dívida datada de 1754 (MANGUCCI, 2003b, pp. 139 e 147-8). (CM)

PINTO, José: Mencionado como morador na Travessa da Oliveira, indo da Rua da Bela Vista para a Rua do Pinheiro. Era oficial de pintor.⁽¹²¹⁾

RAMOS, Manuel: Pintor de azulejo, morava na Rua da Cruz, a Jesus. Citado no testamento de Catarina Pereira, viúva de Manuel Jorge e Domingos Jorge, de 1712.⁽¹²²⁾

RIFARTO, António Vital: Nasce a 5 de Maio em Elvas, filho de António Rifarto Frágoso. A 24 de Outubro de 1723 tem assento na Irmandade de São Lucas.⁽¹²³⁾ Em 1727 trabalha no Porto, onde casa, em 1729 com Cecília Teresa. De 1733 a 1734 existe contrato para os azulejos da Sé do Porto⁽¹²⁴⁾ e, em 1738, ainda trabalha na Sé.

O Dr. António Cruz⁽¹²⁵⁾ informou-me que encontrara documento pelo qual constava ser António Vital Rifarto o autor dos azulejos da Sé do Porto (claustro?).⁽¹²⁶⁾ Também parece que eram deste os azulejos da Igreja de Santa Cruz de Coimbra.^{(127) (128)}

RODRIGUES, António: Em 1759 é credor do Colégio de Santo Antão, de Lisboa, pela quantia de 5200 réis «de duas adições, uma de 20/XI/1756 e outra de 28/XI/1758 a vencerem juros de 3%, e que por conta dos juros se lhe tem pago em azeite várias importâncias».⁽¹²⁹⁾

ROIZ, António: No Livro de «Receitas e Despesa da Irmandade dos Clérigos Pobres» de Torres Vedras, referente a 1747, vem a fls. 122 v.º o assento do *Ajuste do azulejo q foi feito com o ladrilhador de Lx.ª António Roiz*, de 2380 azulejos a 35\$000 o milheiro, recortados e colocados. São os azulejos da sala consistorial, anexa à Igreja Matriz de São Pedro.

ROIZ, Joaquim: Na «Contadoria Geral da Corte»⁽¹³⁰⁾ a fólho 49 vem mencionado o pagamento pelo trabalho do seu ofício (de ladrilhador) que faz nas obras do Palácio de Nossa Senhora da Ajuda. Pagamento em 30-VIII-1780 de 18\$900.

ROSADO, Manuel da Costa: Tinha fábrica sua em Lisboa. Em 1777, 1780 e 1784 envia remessas de azulejos para o Palácio de Queluz. Caldeira Pires⁽¹³¹⁾ atribui a esta fábrica os azulejos da parte inferior do «corredor das mangas».

SANTOS, Francisco dos: É citado por Vergílio Correia como «mestre de azulejos», em 1704 e 1711, filho de Domingos Francisco, e dirigente da olaria da Travessa do Benedito, entre 1707 e 1710.

Em 1 de Dezembro de 1718 tinha mais ou menos 45 anos, sendo «mestre na officina de azolleijo pintado», como consta de um processo em que figura como testemunha.⁽¹³²⁾

(121) In «Arquivo do Tribunal de Contas», Livro do lançamento da Décima da Cidade de Lisboa, freguesia de Santos, anos 1762-64.

(122) QUEIROZ, 1913, p. 95.

(123) TEIXEIRA, 1931, p. 91.

(124) BASTO, 1940, vol. III, fasc. 2.

(125) CRUZ, 1947.

(126) António Vital Rifarto pintou, de 1733-35, os azulejos da galeria superior do claustro da Sé do Porto, e de outras dependências da Sé. Sobre o assunto *vide*, no Elenco deste volume, a nota relativa à Sé do Porto.

(127) Sobre a actividade de António Vital Rifarto *vide*, ainda: FREITAS, 1973, pp. 306-308.

(128) Sobre a obra do pintor António Vital Rifarto *vide* mais recentemente: MECO, 1989, p. 235; PEREIRA, 1989, pp. 414-415. (CM)

(129) Informação do Sr. Luíz Bivar Guerra, retirada do Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Junta da Inconfidência, Colégio de Santo Antão, Lisboa, maço 25, n.º 96, 1759.

Vide: GUERRA, 1969, p. 16 (nota).

(130) Arquivo do Tribunal de Contas, Erário Régio – Contadoria Geral da Corte, mc. 9, l. 36, 1780.

(131) PIRES, 1924-1926, vol. I, pp. 403 e segs.

(132) Habilitações para Ordens, da Câmara Eclesiástica de Lisboa, mc. F-23, proc. 13 – Reservados da BNL (informação do Sr. Jorge de Moser, em 16 de Julho de 1962).

SANTOS, Joaquim dos: Mestre-azulejador, fornece azulejos para o Convento de Santo António, de Cascais; documento de 1761.⁽¹³³⁾

SANTOS, Manuel dos.⁽¹³⁴⁾

SANTOS, Theotónio dos: Aparece entre 1707 e 1711 como aprendiz e depois como oficial em casa de António de Oliveira Bernardes. Deve ser o mesmo que assina os azulejos da Capela de Nossa Senhora da Esperança, no Ladário (próximo de Castendo e Aguiar da Beira). Vergílio Correia⁽¹³⁵⁾ supõe que pertenceria à família de Francisco dos Santos, «mestre de azulejo» em 1704 e 1711, filho de Domingos Francisco e dirigente da Olaria da Travessa do Benedito entre 1707 e 1710. Foi inscrito na Irmandade de São Lucas em 12 de Fevereiro de 1718. Morava aos Poiais de São Bento.⁽¹³⁶⁾

SILVA, Braz da: Mestre-ladrilhador, trabalha no ano de 1760 na colocação dos azulejos da escada do edifício do Colégio (hoje Hospital de Arroios).⁽¹³⁷⁾

SILVA, Diogo: Mestre-ladrilhador, trabalhou igualmente no ano de 1760 na colocação dos azulejos da escada do edifício do Colégio.⁽¹³⁸⁾

SILVA, Manuel da: Teria feito os azulejos para o claustro e escadaria da Sé de Coimbra (Velha), nos anos de 1720 e 1724.^{(139) (140)}

SILVA, Teodósio da: Mestre-ladrilhador trabalhou em 1760 no edifício do Colégio de Arroios. Não indica a natureza da obra que realizou.⁽¹⁴¹⁾

SOUSA, José Rodrigues da Silva e.⁽¹⁴²⁾

SOUSA, Salvador de: Segundo Amadeu Ferraz de Carvalho⁽¹⁴³⁾ teria sido o pintor mais responsável pelos azulejos assentes na Universidade de Coimbra, entre 1773 e 1775. Segundo documento tirado do Livro 1.º da Despesa das Obras da Universidade, julgo que pertencente ao arquivo da mesma, o azulejador era Manuel da Cruz e Salvador de Sousa o pintor.⁽¹⁴⁴⁾ Teria havido também a intervenção de Manuel da Costa Brioso.

Este Salvador de Sousa já era conhecido através de Feliciano Guimarães e Prudêncio Garcia.⁽¹⁴⁵⁾ Seria o mesmo que Sousa Carvalho, que assinou os azulejos que foram do Convento de Semide em 1784, actualmente no Museu Machado de Castro? Ou seria este parente (filho?) de Salvador de Sousa? O estilo de pintura é muito semelhante, ainda que se notem diferenças na coloração, particularmente dos verdes.

(133) Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, corpo «Casa Real».

(134) A falta de uma entrada referente ao pintor Manuel dos Santos já tinha sido notada quando da primeira edição por Flávio Gonçalves, que assinalou o trabalho de SMITH (1975) na nota (36) desse capítulo em relação ao comentário de Santos Simões a autoria dos azulejos do Sardoal, de São José da Ponta Delgada e de São Francisco da Horta. Sobre o conjunto da obra de Manuel dos Santos *vide* principalmente MECO, 1980; MECO, 1985, pp. 49-50; MECO, 1989, pp. 220-221; PEREIRA, 1989, pp. 437-438; SERRÃO, 2003, pp. 211-212. (CM)

(135) CORREIA, 1917, p. 207; CORREIA, 1918b, p. 178.

(136) Para o conjunto da obra do pintor Teotónio dos Santos *vide*: MECO, 1985, pp. 56-58; MECO, 1989, p. 230; PEREIRA, 1989, p. 442. (CM)

(137) Colégio e Noviciado de Arroios, Maço 32, n.º 124, Arquivo do Tribunal de Contas, Erário Régio, Junta da Inconfidência.

(138) *Op. Cit.*

(139) Prudêncio Garcia, in «Instituições Cristãs», ano n.º 6, 2.ª série (*apud* GONÇALVES, 1898, p. 231).

Vide também: GARCIA, 1923, pp. 255-256.

FLÁVIO GONÇALVES

(140) Para outras obras atribuídas ao pintor Manuel da Silva e a influência recebida de Gabriel del Barco *vide* MECO, 1989, p. 228.

(141) Colégio e Noviciado de Arroios, Maço 32, n.º 124, Arquivo do Tribunal de Contas, Erário Régio, Junta da Inconfidência.

(142) José Rodrigues da Silva e Sousa foi o proprietário e fundador, em 1780, da Fábrica do Juncal, tendo falecido em 1824 (SANDÃO, 1975-1986, p. 237; MONTEIRO E PAIS, 1997, pp. 66-67). (CM)

(143) CARVALHO, 1933, pp. 273 e segs.

(144) GARCIA, 1923, p. 238.

(145) É muito provável que se trate do mesmo pintor. *Vide* a nota de Diana Santos sobre a Universidade de Coimbra e sobre a Casa-Museu Bissaya Barreto. O pintor de azulejos Salvador de Sousa nasceu no ano de 1729 e formou-se provavelmente com os pintores Valentim de Almeida e Sebastião de Almeida, servindo como testemunha das dívidas de Bartolomeu Antunes para com estes no ano de 1754, ainda com residência em Lisboa (MANGUCCI, 2003b, pp. 139 e 147-148). Luísa Arruda atribui-lhe a pintura das figuras de convite do Solar do Couto do Mosteiro (ARRUDA, 1993, p. 106). (CM)

SOUSA CARVALHO: No Museu Machado de Castro, em Coimbra, estão azulejos que pertenceram ao Convento de Semide, entre eles um registo datado e assinado: *No ano de 1784... fes Souza Carv.*⁽¹⁴⁶⁾

VICTORINO, José: Azulejador, a quem são pagos os azulejos encomendados em 1760 pela Santa Casa da Misericórdia de Tavira.⁽¹⁴⁷⁾

VIEIRA, Custódio: Parece ter sido fabricante de azulejos. É o que se depreende de uma passagem do «Elogio Fúnebre» de Vitorino Manuel da Serra,⁽¹⁴⁸⁾ na qual se diz que Vitorino Manuel da Serra «pintou muito nas casas de Custódio Vieira e lhe deu os riscos para os azulejos...».

(146) QUEIROZ, 1907, p. 399, marca 601, publica o *fac-símile* de assinatura dos azulejos, que pertenceram ao claustro do antigo Convento de Semide.

(147) In *As Misericórdias do Algarve*, de Maria Helena e Vítor Mendes Pinto, p. 117, nota 26.

(148) *Apud* VITERBO, 1903, p. 138.

TEMAS ICONOGRÁFICOS E SUAS FONTES

É a preocupação icónica e narrativa o que determina a escolha da azulejaria setecentista. Figurações humanas vão demonstrar a vida frenética e exuberante, já em representações cénicas, já apenas simbólicas ou emblemáticas. O Homem, que fora a norma do Renascimento, transfigura-se no século do Barroco em agente simbólico, e tudo é compreendido desde que seja humanizado, não só nos seus aspectos realistas mas em exaltações hiperbólicas.

Esta exigência da figuração é alimentada pela multiplicação de temas arrancados à história sacra e profana, à mitologia clássica, ao epigrama e à anedota dramática. A natureza, quando aparece, serve de «fundo» para enquadramentos, e só em contados casos presume de verdadeira. Arquitecturas, jardins e interiores são sempre acessórios cenográficos, arbitrariamente distribuídos para preenchimento do espaço.

Para esta necessidade iconográfica, o azulejador ou o seu cliente dispõem de abundante material impresso, servindo-se dos livros ilustrados que proliferam nos séculos XVII e XVIII, de estampas e gravuras avulsas, ou recorrem a pintores criadores, que fornecem os modelos. Veremos no entanto que poucos foram os pintores de azulejos que, de facto, criaram as suas pinturas.

Os azulejadores, cada vez mais familiarizados com o mercado, vão, pouco a pouco, constituindo o seu repertório de temas, guardando, de encomenda para encomenda, os «riscos» e «picados», que se utilizam mais tarde, quando se possam adequar a idênticas exigências.

Também em breve se reconhecem verdadeiras normas para as distribuições dos temas, em geral em função do número de painéis ou superfícies a cobrir num mesmo conjunto.

O azulejo setecentista é essencialmente utilizado na cobertura de áreas parietais bem definidas – troços de paredes entre portas e janelas – o que se consegue com os «painéis». Uma sala, uma nave ou capela de igreja, uma galeria de claustro, uma caixa de escada, um muro de jardim, são sempre possíveis de compartimentação, consoante os acidentes arquitectónicos. Assim, os problemas que se põem ao azulejador são equacionáveis em «número» de painéis ou quadros que deverão, para equilíbrio estético ou anedótico, obedecer a um mesmo tema. Há a preocupação de unidade temática expressa em verdadeiras «séries» iconográficas, algumas das quais se mantêm durante longos anos.

Assim, para os vários casos e consoante o número de painéis necessários para uma unidade decorativa, adopta-se imaginária convencional. Enumeramos alguns exemplos, consoante o número de painéis ou quadros necessários:

DOIS: Sol e Lua; Dia e Noite; o Bem e o Mal; Justiça e Verdade e, mais tarde – já no século XIX –, Comércio e Indústria; Comércio e Agricultura; Guerra e Paz; Amor divino e Amor terreno. Na imaginária religiosa: São Pedro e São Paulo; São Cosme e São Damião, etc.

TRÊS: As Virtudes: Fé, Esperança e Caridade; a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo); ou ainda Pão, Carne e Vinho.

QUATRO: As partes do Mundo: Europa, Ásia, África e América; as Estações: Estio, Primavera, Outono e Inverno; os Elementos: Ar, Terra, Água e Fogo; os Evangelistas: São João, São Mateus, São Marcos e São Lucas.

CINCO: Os sentidos: ouvir, cheirar, ver, gostar e palpar.

SEIS: Os dias da criação; os deuses do Olimpo; as ninfas ou os rios.

SETE: As dores de Maria; os planetas; as Musas; as virtudes teologais; as Obras de Misericórdia.

OITO: Por vezes, alternando, as Estações e as partes do Mundo, ou escolhendo oito cenas de quaisquer séries maiores como, por exemplo, as Caçadas ao veado, ao urso, ao leão, à avestruz, ao touro, ao coelho, ao crocodilo, ao tigre.

NOVE: As Artes: Óptica, Mecânica, Poesia, Música, Gramática, Retórica, Matemática, Escultura e Pintura.

DOZE: Os Apóstolos; os meses do Ano; os símbolos do Zodíaco; os passos da Via Crucis.

No caso de painéis isolados ou de elementos acessórios, utilizavam-se os «emblemas» ditos «de Horácio», ou as vinhetas da «Iconografia» de Cesare Ripa, sucessivamente editados no século XVIII, manancial inesgotável para inspiração de artistas.

Para casos de números maiores, não faltava a iconografia tirada das Bíblias icónicas, das Vidas dos Santos, dos martirólogos, as Fábulas de Esopo e, depois, as de La Fontaine, as narrativas mitológicas, as cenas de batalhas terrestres e navais, enfim, um impressionante repertório de imagens, de símbolos, de emblemas, que se adaptavam a todas as circunstâncias.



Alguns Livros Ilustrados que serviram para as composições de azulejos do século XVIII

Das fontes iconográficas mais glosadas pelos pintores dos séculos XVII e XVIII, destacam-se os frescos que Rafael e a sua equipa fizeram para o Palácio do Vaticano – as Logge – e que bem cedo foram reproduzidos em estampas e gravuras. Podemos dizer que a revelação daquelas obras-primas se deve às gravuras de Marcantonio Raimondi, e que foram estas, e não os «frescos» propriamente ditos, que se multiplicaram em cópias, já reproduzindo fielmente os originais gravados, já com pequenas alterações, amputações ou aditamentos. Também dessas gravuras se aproveitaram apenas trechos ou figurações, que, reagrupadas, dariam novos temas iconográficos. Lembramos, por exemplo, que do «fresco» do «Incêndio di Borgo» se aproveitaram figuras de fugitivos, que passaram a ser «Eneias fugindo de Tróia» (Quinta das Torres, Azeitão).

São em grande número as séries ou estampas avulsas desta origem, contando-se por dezenas as que foram editadas nos séculos XVI, XVII e ainda no XVIII, particularmente aquelas em que se representam cenas bíblicas.

Temos presente, por exemplo, o livro editado em Roma por Pedro Paulo Montagnano, com o título: *PICTURAE PERISTYLI VATICANI, MANVS RAPHAELIS SANCI... ANNOM DCC LXXXX*, o qual condensa gravuras de Aloysio Cunego, Joan Petrini, Hier. Caratoni, G. Morghan, Alex. Mochetti, Jacob Bassi e outros.

São os álbuns iconográficos relativos ao Antigo e Novo Testamento os mais vulgares, e cujas estampas foram mais frequentemente reproduzidas pelos azulejadores. Editores houve que se dedicaram quase exclusivamente a este género, tal como Jacobus de Rubens, de Antuérpia, que em 1674 dedica à Rainha Cristina da Suécia as *IMAGINE VETERIS AC NOVI TESTAMENTI*, com gravuras de Petrus Áquila. Na portada dedicatória, o retrato de Rafael foi desenhado por Carlo Maratta.

Do maior interesse para o estudo da azulejaria do século XVIII são os álbuns e tratados de «ornamenti», verdadeiros compêndios gramaticais do estilo então em voga, onde os pintores iam encontrar as últimas novidades de ornatos. Tais álbuns figuravam nas bibliotecas conventuais, e tenho presente, por exemplo, um grosso volume que pertenceu ao Convento da Graça, de Lisboa (Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 65 Est.) o qual poderá ter servido para orientação de algumas encomendas de azulejos:

NVOVE INVENTIONI D' / ORNAMENTI D'ARCHITETTURA / E UINTAGLI DI-VERSI / VTIL...

Foi editado em Roma por Domenico de Rossi, herdeiro de Giovanni de Rossi, no ano de 1698. Nesse tomo há Altares, Ostensórios, Órgãos, Tocheiros, Relógios, Coches, Carteias, Dosséis, Berços, Fontes, Custódias, Taças, etc. É manifesto que se pretendiam mostrar objectos, mas as gravuras serviram para inspiração de pintores.

No mesmo volume foram agrupadas outras gravuras ornamentais – folhagens – desenhadas por Poliphilo Giancarli, e gravadas por Lucas Ciamberlano, estas datadas de 1628, e ainda uma série de

ornatos fitomórficos, dedicados ao Marquês de Carpio, Embaixador de Espanha em Roma, por Giovanni Marco Paluzzi, com desenhos de Pedro Carino, Luigi Scalzi, Steffano Della Bella; aves de Henry le Roy; cartelas de SDB, abertas por Collignon; grandes ornatos de folhagens de Pietro Antonio Prisco Napolitano, de 1610, 1611, 1617 e 1624.

VENARIA REALE / PALAZZO / *Di Piacere, e di Caccia, Ideato / Dall'Altezza Reale di / CARLO EMANVEL II / Duca di Savoia, Re di Cipro &c. / Disegnato, e descritto dal Conte / Amadeo di Castellamonte. / L'Anno 1672 / In Torino / Per Bartolomeo Zapatta / 1674.* Edição fac-símile, de poucos exemplares, de Bottega Erasmo, Torino, 1967. Da edição original, de 1674, se serviu o azulejador de Coimbra (Sousa Carvalho?) para compor painéis de azulejos. Os mais importantes são os que se encontram na casa nobre dos Condes de Anadia, em Mangualde.

É provável que tenham sido os próprios construtores do Palácio quem tenha fornecido as estampas – não apenas as deste livro mas de outros – para os azulejos que tanto enriquecem o solar. Os que foram tirados da *Venaria Reale* destinaram-se à decoração da escadaria, incluindo os patamares. Para as paredes das rampas e dos patamares escolheram-se as estampas com «Amazonas» e «Diana», compondo o azulejador os painéis consoante as dimensões e formato das superfícies a cobrir. Assim, nas paredes que ladeiam o primeiro lanço da escada, estão as cenas mitológicas, respectivamente, à esquerda a «Metamorfose de Actéon», – cuja estampa, desenhada por G. B. Braubil e gravada por G. Tasniere, reproduz a pintura de J. Miette que ocupara um dos painéis do tecto da Sala do Palácio da Venaria – e, à direita, a «Libertação de Britomarte», com Diana matando o dragão (da estampa dos mesmos autores). Num e noutro caso, o azulejador teve que ajustar as composições aos painéis triangulares, enchendo os espaços com motivos de paisagens.

Nas paredes externas dos lanços superiores da escadaria e dos patamares, utilizou as estampas das «Amazonas e Cavaleiros», que reproduzem as pinturas das paredes do Palácio da Venaria – pinturas de C. Delphinus, Spirito, J. Mieî, Monbasilio, B. Caranoglio, todas desenhadas e gravadas por Braubil e Tasniere. Tem interesse especial a reprodução do quadro onde se representava «Elisabetta Maria Francesca di Savoia Regina di Portugallo», acompanhada por «Madame d'Estrade» – que no texto se lê: «Dama Francese di qualità desiderabili». Parece que não houve qualquer preocupação da parte dos azulejadores – ou mesmo dos encomendadores da obra – de distinguir a figura de D. Maria Francisca Isabel de Sabóia (esposa sucessivamente de D. Afonso VI e D. Pedro II) de entre as demais «amazonas». Aliás, os azulejos, feitos em Coimbra, são de cerca de 1745-50, época em que as figuras das estampas já haviam perdido a sua significação histórica.

Da mesma colecção da *Venaria Reale* foram aproveitadas para os azulejos do Palácio dos Anadias, as estampas que reproduziam as estátuas de dois dos quatro «*schiaï Mori*» que estavam à entrada do Palácio: servem de guarnição aos painéis do átrio, à entrada da escadaria.

Também são desta mesma fonte inspiradora algumas das figurações dos azulejos que foram colocados – em péssimas condições – no pátio do Museu Machado de Castro, de Coimbra, provenientes da Quinta da Conraria.

Igualmente no pátio dos «Gerais», da Universidade de Coimbra, há azulejos com figuração inspirada nas estampas da *Venaria Reale*. É certo que os azulejadores de Coimbra, desta época (cerca de 1745), tinham no seu repertório as estampas, servindo-se delas para várias encomendas, seguindo, aliás, o que se praticava igualmente – mas em muito menor escala – em Lisboa.

HISTOIRE SACREE / de la / PROVIDENCE / et / DE LA CONDUITE DE DIEU / sur les hommes / ... 3 vol. por Demarne, gravem ordinaire de Sa Magesté... 1730. Na parte inferior do frontispício, o autor (Demarne) anuncia que poderá vender 500 estampas da obra, separadamente, e do tamanho de papel que se quiser. Tem o maior interesse, pois foi uma das obras de que se aproveitaram os pintores de azulejos a partir de 1740.

Série de Gravuras de Jean Jouvenet e Louis Simonneau (col. do M.N.A.A. Cx. 14, n.º 5418). Representam «alegorias às artes». Serviram de modelo aos azulejadores da época da grande produção, do século XVIII. Há painéis reproduzindo estas estampas, por exemplo, em Alcoitão, na Quinta Patino, adquiridos no mercado antiquário de Lisboa.

ESTATUAS E PALACIOS DE ROMA: Joaquim Cabral Madeira, in *Memória Explicativa dos Principais azulejos do ginásio do Colégio Militar...* (Lisboa, s.d. 1929?) tenta identificar as fontes inspiradoras dos azulejos do antigo Palácio Mesquitela com as estampas da obra *Estátuas e Palácios de Roma*, gravadas por Francisco Perrier.

La SAINTE BIBLE contenant le Vieil et le Nouveau Testament enrichie de plusieurs belles figures... A Paris chez Gerard Jollain, rüe S. Jacques à l'Enfant Jesus 1703. As edições ilustradas da Bíblia que se tornaram comuns a partir da segunda metade do século XVI foram a grande fonte de inspiração dos pintores de assuntos religiosos. Os azulejadores fizeram uso de várias estampas e não é fácil identificar exactamente os modelos, até porque eles se repetiram, com maiores ou menores alterações.

No século XVIII foi muito popular a edição francesa de estampas bíblicas, nomeadamente a obra atrás citada. Trata-se de um álbum de 268 gravuras de cobre, algumas assinadas por G. Iolland. É manifesto que nem todas são devidas a este gravador, havendo não poucas que foram abertas utilizando estampas flamengas do século XVII.

BÍBLIA SACRA... Sixti V Pontificis maxjussu Recognite et Clementis VIII auctoritate edita... Vébetiis, M. DCCX, apud Nicolaum Pezzano. Para esta edição popular serviram reduções de estampas flamengas dos fins do século XVII.

A grande fonte inspiradora dos azulejadores do século XVII – no assunto respeitante a Caçadas – e mesmo dos anos que se seguiram, foi o álbum de estampas *De Venationes...* de Johan van der Straat (Johanes Stradanus). No entanto foi certamente nas edições de Sevilha de 1582, do *Libro de la Monteria*, de Gonzalo Argote de Molina – onde as gravuras de cobre de Stradanus foram *traduzidas* em xilogravuras, que os nossos artífices se devem ter inspirado. São exemplos notáveis os azulejos do Museu Agrícola do Ultramar, em Lisboa.

No Palácio da Mitra, em Santo Antão do Tojal, numa das salas há painéis alegóricos às Artes; entre eles, o que representa a PINTURA, foi inspirado numa gravura de Jean Jouvenet, gravada por Louis Simonneau (col. MNAA, cx. 14, n.º 5418). É curioso notar que a gravura serviu a ceramistas estrangeiros do século XVIII, como o prova um prato da colecção do Paço de Vila Viçosa, marcado CROS e que julgo de origem francesa.

Também no Brasil fui encontrar precisamente o mesmo assunto em azulejo (Pintura). Parece que foi comprado em Lisboa e está na casa do Senhor Raimundo de Castro Maia, na Floresta da Tijuca, Rio de Janeiro.

Grande gravura de R. V. Auden Aerd, do quadro de Caracci – *Natividade da Virgem Maria* novamente feita por Jacob Frey, em 1728 (MNAA, cx. 14, n.º 5617). Serviu de modelo ao painel grande que está na sacristia do cemitério de Santarém.

Gravuras, estampas e ilustrações de livros que podem ter sido fonte de inspiração dos pintores de azulejo

VENATIONIS, PISCATIONIS ET AUCUPII TYPI, com gravuras de Philip Galle, segundo desenhos de Hans Bol. Antuérpia 1582.

THESAURUS VETERIS TESTAMENTI, de Gerard de Jode, Antuérpia 1585, com gravuras de António Wierix.

HORTUS FLORIDUS, com gravuras de Crispin van de Passe, Arnhem 1614.

METAMORPHOSES, de Ovídio, com gravuras do mesmo, publicado em 1602.

SPECULUM DIVERSARUM IMAGINUM SPECULATI VARUM, publicado por Johannes Galle, em Antuérpia 1638, com gravuras de Maarten van Heemskerck.

QUADRINS HISTORIQUES DE LA BIBLE, publicado em Lyon 1553 por Jean de Tournes. Outros gravadores: Peter de Jode com desenhos de Martin de Vos.

Gravuras que serviram aos azulejos

Na BIBLIORUM / SACRORUM / LATINAE VERSIONES ANTIQUAE / SEU / VETUS ITÁLICA / ... Opera & studio D. PETRI SABATIER, (O.S.B.)... Parisiis... M.DCC.LI (B. ANBA V/6/7 e segs.): As gravuras, pelo menos algumas, são abertas por Marne. Reconheci algumas que devem ter servido a azulejos como, por exemplo:

- Tomo I, Deus separando a luz das trevas (Santo António do Recife)
 Criação do céu e da terra (*id.*)
 Criação do sol e da lua (*id.*)
 Criação dos animais
 A queda de Adão
 Punição de Adão
 Noé construindo a Arca (Santo António do Recife)
 Construção da Torre de Babel (*id.*)
 Isaac benzendo Jacob (não confundir com a bênção de Saul)
 74 Castidade de José (tirado de desenho de Rafael)
 71 José vendido pelos irmãos
 Sonho do Faraó
 95 Moisés salvo das águas
 97 Deus aparecendo a Moisés: le Buisson Ardent, Exod. III, 2 Apparavit ei Dominus etc. (É sensivelmente a representação do painel da Madre de Deus.)
 122 O vitelo de ouro
 129 A Arca da Aliança
 137 A coluna de fumo. Exc. Cap. 33-9-10 (ver um dos pratos de Vila Viçosa, tirado de um desenho de Rafael).

No álbum ECUEIL D'ESTAMPES... DE LA GALERIE ET DU CABINET DE S. E. M^r LE COMTE DE BRUHL... I partie, Dresde 1754, há uma gravura com o título «Préparatifs pour la chasse», tirada da pintura de De la Fosse, gravada por Moitte e que me parece ser a fonte de inspiração do painel de azulejo que se encontra no Palácio dos Machadinhos.⁽¹⁴⁹⁾

(149) Nas últimas décadas avançou-se significativamente na investigação das fontes iconográficas na azulejaria portuguesa em geral e na azulejaria setecentista em particular. O desenvolvimento e exploração da via iconográfica na abordagem da obra artística gerou a produção quantitativa de conhecimento das fontes; tendo em consideração a real vastidão desta abordagem queremos apenas apresentar uma perspectiva e actualização de obras e estudos fundamentais elaborados desde a 1.^a edição desta obra (*vide*: ALMEIDA, 2007a; CAMPOS, 1991; CARVALHO, 2007a; MECO, 1999).

O trabalho de Santos Simões foi ponto de partida e referência, mas novas contribuições surgiram igualmente a partir de estudos comparativos realizados para a pintura dos séculos XVII e XVIII, pelos paralelismos na utilização das mesmas fontes, mas também pela organização do meio oficial que levava o pintor a trabalhar em diferentes suportes, nomeadamente o azulejo. Como caso mais paradigmático, mencionamos António de Oliveira Bernardes, com formação nas oficinas de pintura e com obra diversificada ao nível pictórico (FRANCO, 1992; SERRÃO, 2003), embora o seu grande contributo fique para a História de Arte ao nível da azulejaria. Deste autor apenas foi identificada uma obra, depois herdada por um seu discípulo, o pintor André Gonçalves – *Livre de Diverses Grotesques Peintes dans le Cabinet et Bains de la Reyne Regente, au Palais Royal, par Simon Vouet, Peintre du Roy, et gravés par Michel Dorigny, Paris, MDCXLVII* (exemplar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ICON-19-1-12, com o ex-líbris de Guillaume Good e anotação manuscrita de haver pertencido ao pintor André Gonçalves; *vide* CARVALHO, 2007).

Tal partilha e interacção artística verifica-se não apenas no plano compositivo, na figuração dos elementos historiados, como em toda a produção ornamental, dos motivos de *brustesco*, de todo o vocabulário arquitectónico-decorativo em geral.

No âmbito da associação iconográfica entre pintura e azulejaria, gostaríamos de registar o contributo fundamental que a elaboração de catálogos associados a exposições para os estudos de iconografia em geral, não podendo deixar de mencionar *São Bernardo (1090-1990): Catálogo Bibliográfico e Iconográfico* (LEROUX, 1991), *Jerónimos. 4 Séculos de Pintura* (FRANCO, 1992; MARKL, 1992), *Portugal e Flandres. Visões da Europa. 1550-1680* (SERRÃO e DACOS, 1992), *Bento Coelho e a Cultura do seu Tempo: 1620-1708* (SOBRAL, 1998b), *Cristo Fonte de Esperança* (VV. AA., 2000), *Pintura Portuguesa do Século XVII. História, Lendas, Narrativas* (SOBRAL, 2004), *O Santo do Menino Jesus: Santo António, Arte e História* (VV. AA., 2000), *Igreja da Madre de Deus. História, Conservação e Restauro* (VV. AA., 2002a), bem como os artigos e estudos de SALDANHA, 1989 e 1995; ou de CASIMIRO, 2004, 2 vols.; FLOR, 2002, 2 vols.; MACHADO, 1995; SERRÃO, 1993, 1996a, 1996b, 1996-1997, 1998a, etc.

A reprodução de grandes séries iconográficas verificou-se quer ao nível da azulejaria sacra, quer ao nível da azulejaria profana, mas a multiplicidade de gravuras em circulação, muitas de modo avulso, permitia a sua conjugação e interpretação de acordo com o gosto e vontade do encomendante, sensibilidade e criatividade do pintor de azulejos. Assim, como verificamos, o leque de pesquisa amplia-se substancialmente.

Como fonte iconográfica de inspiração de motivos ornamentais e arquitectónicos, a tratadística revelou-se fonte inesgotável de inspiração em pormenores e detalhes, na aprendizagem da perspectiva, escala e proporção, acompanhando a modernidade ou prevalecendo formas de gosto.

De Alberti a Serlio, de Vignola a Palladio ou de Pozzo a Bibiena, sem esquecer Dietterlin ou De Vries, de todos algo se encontra nas molduras e enquadramentos, na arquitectura de fundo das cenas representadas, e recebendo, então, as novidades do século:

Andrea Pozzo (*Perspectiva Pictorum et Architectorum*. Roma: Typographia Antonii de Rubeis in Platea Cerensi, 1717).

Jacques-François Blondel (com o *Traité d'Architecture dans le Goût Moderne De La Distribution des Maisons de Plaisance et de la Décoration des Edifices en General*. Paris: Charles-Antoine Jombert, 1737, 2 vols.; e *Architecture Française ou Recueil des Plans, Elevations, Coupes et Profils Des Églises, Maisons Royales, Palais, Hôtels & Edifices les plus considérables...* Paris: Charles-Antoine Jombert, 1752; *Livre Nouveau ou Régles des Cinc Ordres d'Architecture par Jacques Barozzi de Vignole. Nouvellement revû, corrigé et augmenté par Monsieur B.*** Architecte du Roy...* Paris: Chez Carpentier, 1757; *Cours d'Architecture ou Traité de la distribution & Construction des Bâtimens*. Paris: Chez Desaint, 1771, 9 tomos).

Charles-Étienne Briseux (*L'Art de Bâtir des Maisons de Campagne*. Paris, 1743, 2 vols.).

Ferdinando Galli Bibiena (*Direzioni della Prospettiva Teorica Corrispondenti a quelle dell'Architettura Istruzione Á Giovani Studenti di Pittura e Architettura Nell' Accademia Clementina dell' Instituto dlle Scienze*. Bolonha: Stamperia di Lelio dalla Volpe, 1753, 2 tomos).

C. A. Aviler (*Cours d'Architecture...* Paris: Charles-Antoine Jombert – Librairie de l'Artillerie & du Génie, 1760).

Thomas Chippendale (*The Gentleman & Cabinet-Maker's Director: being a large Collection of the most elegant and useful Designs of Household furniture, in the most fashionable taste*. Londres: T. Chippendale e T. Becket, 1762).

Henri-Louis Duhamel Du Monceau (*L'Art du Serrurier*. Paris, 1767).

Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une Société de Gens des Lettres. Mis en Ordre et publié par M. Diderot [...], et, [...] quant à la partie mathématique, par M. d'Alembert... Paris: Briasson, 1751-1780.

William Hogarth (*The Analysis of Beauty...* Londres: W. Strahan, 1772). Entre muitos outros.

Ainda nas fontes de modelos ornamentais para azulejo, onde a lista é muito vasta, podemos mencionar alguns nomes importantes que já foram identificados como: Cornelis Bos (c. 1560), Crispin de Passe (1601), Marcus Geerarts (c. 1565) e Benedetto Battini (1553); Heinrich Aldegrever (1530 e 1552), Bartolomeo d'Agnelli (meado do século XVII), Marcantonio Raimondi, de Domenico Bonaveri, Leipzig, Alexis Loir (terceiro quartel do século XVII: *Fait par A. Loir à Paris chez N. Langlois aux privilège*), Paul Androuet Ducerceau, Chaudière, Jean Bérain, Gilles Marie Oppenordt, Claude Gillot, Watteau, Jacques de Lajoue, Jean Mondon, François de Cuvilliers (c. 1750), P. E. Babel (c. 1750), Gottfried Bernhard Goz, Johann Wolfgang Baumgartner, Joseph Sebastian e Joseph Baptist Klauber ou Franz Xaver Habermann (cerca de 1760 e cerca de 1755) entre muitos mais, por exemplo para guarnições e molduras (nomeadamente as molduras *rocaille* que a Fábrica do Rato vai utilizar em larga escala); ou dando também como exemplo *Homem a Subjugar Uma Harpia*, copiado do conjunto gravado da *História de Eneias*, executada por Giuseppe Maria Mitelli, em 1663, a partir dos frescos pintados pelos Carracci para o Palazzo Fava, em Bolonha, que António de Oliveira Bernardes utiliza na capela da Ramada (Casa de Santa Maria, Cascais, cerca de 1698), no Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em Peniche (c. 1720), na Capela de Santa Apolónia, na Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, em Braga, e na Misericórdia de Viana do Castelo. (vide: ALEIXO, 2000, 2 vols.; ALMEIDA, 2004, vol. 1 e vol. 4; ARAÚJO, 1996, vol. 3; CÂMARA, 2000, 2005 e 2007; CÂMARA, no prelo; CAMPOS, 1991; CARVALHO, 2007; CORREIA, 1992; MANDROUX-FRANÇA, 1974; MANGUCCI, 2005, pp. 113-118; MELO, 1996, 2 vols.; RUÃO, 1996; SERRÃO e DACOS, 1992, pp. 37-53; SMITH, s.d., 2 vols.; SOBRAL, 1999b; MECO, 1999; etc). Sobre a serralharia artística e os modelos artísticos para as obras nacionais, que muitas vezes surgem na azulejaria da segunda metade do século em gradeamentos fingidos, vide ALMEIDA, 2004a, pp. 777-789.

No que toca à paisagem e todo o conjunto de elementos associados à natureza, a fontes de inspiração para cenas fluviais, marítimas, batalhas navais, docas, carregadores, estivadores, nas gravuras de Aegidius Sadeler II segundo Jan Brueghel, de Jan van Almoloveen, de Paul Brill, de Jacques Callot, cenas bucólicas e pastoris, carros de bois, moinhos, com Sebastien Le Clerc, Adam Perelle, Jean-Baptiste Huet, Poussin, Pillement, etc. ou *chinoiseries* e temas orientalizantes (vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1 e vol. 4; CÂMARA, 2000, 2005 e 2007; CÂMARA, no prelo; MANGUCCI, 1998b, pp. 141-145 e 2005, pp. 113-118; SANTOS, 2007; SOBRAL, 1999b; etc.).

A produção de estudos iconográficos progrediu igualmente na vertente civil, profana, nomeadamente no que à mitologia clássica se refere exponencializada nas *Metamorfoses* de Ovídio, de Alegorias, bem como em toda uma diversidade de cenas galantes, cortesãs, de bailes, jogos, música e dança, de batalhas e caçadas (vide: ALCÂNTARA, 1999; ARRUDA, 1989, pp. 13-18 e 1993; CIDRAES, 2005; CORREIA, 1997, 1998-1999, 2001, 2005, 2006, 2007; FREITAS, 1994; GOULART, 2004, pp. 211-238; TÉRCIO, 1997; TRIBE, 1993, pp. 59-76), no estudo da iconografia de Lisboa (HENRIQUES, 2004; MECO, 1994). Citem-se ainda as *Fábulas de La Fontaine* em São Vicente de Fora, Lisboa (ver entrada sobre o mosteiro e MARTINS, 2001). Não é possível esquecer a presença das *Fábulas de La Fontaine* nos azulejos do Mosteiro de São Vicente de Fora com os seus trinta e oito painéis de azulejos inspirados nas gravuras de Jean-Baptiste Oudry publicadas em Paris, em 1755 (vide: MARTINS, 2001c).

Em simultâneo, começaram a surgir pesquisas e reflexões directas entre azulejaria e fontes iconográficas de inspiração, a partir da análise dos grandes ciclos ligados às ordens religiosas, nomeadamente associados aos santos fundadores e às devoções principais. Ao desenvolver as linhas de investigação deixadas por Maur Cocheril para a Ordem de Cister (COCHERIL, 1974, 1986; LEROUX, 1991), avança-se na análise das fontes gravadas e da relação iconológica entre imagem, mensagem, espaço, encomenda-encomendante. Assim sucedeu relativamente aos azulejos dos mosteiros de Santa Maria de Cós e Santa Maria do Bouro e recentemente do Mosteiro de São Bento de Cástris (vide: PAIS, 1995-1999, pp. 91-100; PAIS e PEREIRA, 2000, pp. 225-232; VERÃO, 2009), dando a conhecer – para a iconografia de São Bernardo – a série *Vita et Miracula D. Bernardi Claravalensis abbatis* com gravuras de António Tempesta, publicadas em Roma, em 1587, exemplar existente na biblioteca do Mosteiro de Alcobaça e utilizado nos azulejos de Cós, e a série gravada de Gottfried Bernhard Goz, *Historia Vitae S. Bernardi* (c. de 1764) em Cástris (fontes também referenciadas em SOBRAL, 1998a, pp. 432-465 e 2000, pp. 233-246). A devoção mariana e as associações bernardinas com a Vida de Cristo nos azulejos do mosteiro cisterciense de Portalegre foi também já abordada, bem como o culto do Desterro nas capelas de Alcobaça e Salzedas (SOBRAL, 1996 e 2000, pp. 407-424; CARVALHO, 2008, pp. 67-95).

Para a Congregação dos Monges Negros de São Bento e do mesmo modo para as instituições femininas beneditinas assiste-se a uma maior variedade e complexidade iconográfica. Nos grandes ciclos azulejares dos mosteiros de Tibães, São Bento da Saúde em Lisboa ou Pombeiro ou na Capela de São Bento do Mosteiro de Santa Cruz de Lamego a série de gravuras – reproduzida quer nas imagens, quer nas legendas explicativas que a acompanham – foi o *Speculum et Exemplar Christicolarum, Vita Beatissimi Patris Benedicti Monachorum Patriarchae Sanctissimi* per R.P.D. Angelum Abbatem Congregationis Cassinensis Carmine Conscripta, Florença, 1.ª edição em 1586, com 52 gravuras desenhadas por Bernardino Passeri e incisas por Alipandro Caprioli; a 2.ª edição em 1587 e 3.ª edição em 1611 com o título de *Vita Beatissimi Patris Benedicti Monachorum Patriarchae Sanctissimi* (SILVA, 2002) com estudo comparativo com outras séries beneditinas e igualmente em relação a outros conjuntos, caso da série *Vita et Miracula Sanctissimi Patris Benedicti Ex Libro II Dialogorum Beati Gregorii Papae et Monachi Collecta, et ad instantium Devotorum Monachorum Congregationis eiusdem Sancti Benedicti Hispaniarum aeneis typis accuratissime delineata*. Roma, 1579, com gravuras desenhadas por Bernardino Passeri e executadas por Aliprando Caprioli; ou a série de 33 gravuras assinadas «Sebastianus Le Clerc», realizadas provavelmente entre 1658-1659 em Paris com o título *Vita et Miracula Sanctissimi Patris Benedicti*, sendo as obras identificadas mais importantes para a azulejaria, embora outras já estejam identificadas para a iconografia beneditina em geral (vide: ALMEIDA, 2004, vols. 1, 2 e 4; ALMEIDA, 2007a). Em conjuntos menores como nas igrejas de São Bento de Viseu e Viana do Castelo as fontes não estão totalmente identificadas. Ao nível da emblemática beneditina há que mencionar a obra *O Príncipe dos Patriarcas São Bento* (PRAZERES, 1685-1696) explanada em azulejos no excepcional conjunto da igreja das beneditinas de Barcelos (ALMEIDA, 2004, vols. 1, 2 e 4; VINHAS, 1996). Como citações de simbologia da Congregação mencionamos ainda a gravura do frontispício do tomo I ao livro de Fr. Alonso S. Vitores, *El Sol del Occidente N. G. mo P. e S. Benito Príncipe de todos los Monges, Patriarca de las Religiones todas. Comentarios sobre su santa Regla* (S. VITORES, 1645; vide ALMEIDA, 2004, vols. 1-2).

No Mosteiro de Santa Marta, em Lisboa, no revestimento azulejar da Sala do Capítulo, um dos temas representados remete para episódios da Vida de Santa Teresa de Jesus, fundadora das Carmelitas Descalças. Esses azulejos reproduzem de modo bastante fiel o essencial das gravuras do álbum de 25 águas-fortes com legenda em latim: o *Vita B. Virginis Terestiae a Iesu*, impresso em Antuérpia (1613) por Adriaen Collaert e Cornelis Galle (LÉON, 1993, pp. 161-181). Um outro grande ciclo iconográfico no contexto da iconografia carmelita que foi estudado e identificado corresponde à *Vida e Apoteose do Profeta Elias* no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra, a partir das gravuras do *Speculum Carmelitanum*

Sive Historiae Eliani Ordinis (Antuérpia, 1680, obra redigida por Daniel de la Vierge Marie) da autoria de Abraham Van Diepenbeeck, sobre o desenho de Adrien Lammelin (ATANÁSIO, 1990; CORREIA, 2006; SANTOS, 2007, vol. 1; SEBASTIÃO, 1991).

Na capela doméstica do Colégio das Artes, em Coimbra, os Jesuítas optaram pela representação da vida do seu fundador Santo Inácio de Loiola. Como fonte iconográfica, foi usada a obra gravada *Vita Beati Patris Ignatii Loiolae Societatis Iesu Fundatoris*, com gravuras de Jean-Baptiste Barbé sobre desenhos originais atribuídos a Rubens, publicada em Roma em 1610. Outra obra similar é publicada em Antuérpia em 1610, com gravuras abertas por Theodor e Cornelis Galle e Hieronimus Wierix também ilustrando a biografia de Santo Inácio do jesuíta Pedro de Ribadeneyra (SANTOS, 2007, vol. 1, pp. 255-266).

Ainda no contexto monástico-conventual temos um pequeno estudo sobre o revestimento da igreja do Convento de São Pedro de Alcântara (CARVALHO, 2004, pp. 60-72). Na Igreja de São Pedro de Palmela, revestida com azulejos associados à Vida de São Pedro, identificou-se a escolha de gravuras maneiristas flamengas de Karel von Mallery, de Adriaen Collaert e dos irmãos Jerónimo e Anton Wierix, integradas na obra *Evangelicae Historiae Imagines* de Jerónimo Nadal, publicada em Antuérpia em 1593 (SERRÃO e MECO, 2007). Para a iconografia de São Tiago, avançou-se na identificação de fontes literárias e na leitura interpretativa das cenas representadas em diversas igrejas dedicadas ao santo (MONTEIRO, 1992, pp. 22-37; vide também a nota de Flávio Gonçalves relativa à Igreja de São Tiago em Almada, distrito de Lisboa) e veja-se a apresentação da supracitada série de gravuras *Evangelicae Historiae Imagines* como fonte de inspiração de ciclo pictórico para a vida deste apóstolo, como para outras figuras associadas à Vida de Jesus Cristo (SERRÃO, 2009).

Santo António de Lisboa, devoção maior no mundo português, e os seus milagres constituem um dos temas mais reproduzidos de todas as formas artísticas ao longo de toda a época moderna e o azulejo não foi exceção. Dentro da produção de registos hagiográficos avulsos encontram-se diversos modelos para alguns painéis de azulejos (ALMEIDA, 2004; COSTA, no prelo; SANTOS, 2007), e apesar de serem conhecidas algumas fontes gravadas importantes – como a *Vita Sanctii Antoni Paduani* (12 gravuras da autoria de Martin Engelbrecht sobre desenhos de Thomas Scheffer) segunda metade do século XVIII em Augsburg, sob o título de *Vita Sanctii Antoni Paduani, Ordinis Minorum, Magnis Miraculis, Signis ac Prodigis Illustrata* (MECO, 1995; VV.AA., 1998c) e Mimma Pasculli Ferrara fazer referência a 29 águas-fortes da *Relazioni di Sant'Antonio di Padova*, (obra escrita por Lelio Mancini Polizano, publicada em 1654 por Paolo Frambotti em Pádua, assinadas *Ruffonus Fecit*, reportando-se a Jacopo Ruphon) –, verifica-se que há uma prevalência iconográfica de modelos sugeridos por obras pictóricas emblemáticas e a interpretação das fontes literárias consoante o período artístico (ALMEIDA, 2004; AZEVEDO, 1996; FERRARA, 1996, vol. 2, p. 119; MECO, 1995).

São Francisco de Assis tem vários ciclos hagiográficos que lhe são consagrados em conventos franciscanos e diversas representações avulsas em espaços religiosos. Entre as fontes gráficas mais conhecidas contam-se a série de 20 gravuras sobre a Vida de São Francisco publicadas em Antuérpia, em 1587, por Philippe Galle, a série de *S. Francisci Historia* de Francesco Villamena, Roma, de 1594 (ALMEIDA, 2004), e a série da *Vita S. Francisci* de Philippe Tommassin; de 1631, são as gravuras de Gillis van Schoor e do *Epitomae Vitae et Miraculorum S. Francisci* (vide: VV.AA., 1982-1999; SOBRAL, 1998b; SOBRAL, 2002, pp. 28-51). *São Francisco e o Menino Jesus, Visão da Porciúncula, a Estigmatização*, são alguns dos temas mais reproduzidos em gravura avulsa dentro da iconografia franciscana: de Jerónimo e Anton Wierix a Dürer, a Annibale Carracci, a Justus e Raphael Sadeler, Philippe Galle e Sebastien Leclercq (para as fontes literárias, além das obras citadas vide também VV.AA., 1994).

Na iconografia de Santa Clara de Assis a fonte gráfica mais importante é constituída pelo *Icones Sanctae Clarae* de Henricus Sedulius de 1613, com 34 gravuras de Adriaen Collaert, encomendadas a Antuérpia van Noort em Anvers e dedicadas à Arquiduquesa Isabel Clara Eugénia, filha de Filipe II de Espanha (FARIA, 1994, p. 25), enquanto a fonte escrita para a sua biografia mais antiga é a *Legendae Sanctae Clarae Virginis*, por muito tempo atribuída a São Boaventura e actualmente a Tomás Celano, de cerca de 1255 (vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1; EUSÉBIO, no prelo; SOBRAL, 1998b; SOBRAL, 2004; VV.AA., 1996a), por exemplo no Hospital de Santa Marta ou no Mosteiro do Lourçal.

Ainda azulejos com representação de episódios da Vida de São Francisco Xavier (vide: SERRÃO, 1992a, pp. 55-69; SERRÃO, 1993), São Sebastião (AZEVEDO, 2005), São Lourenço (CARRUSCA, 2001a, pp. 283-263; MECO, 1999, p. 40) povoam espaços religiosos exaltando e glorificando a virtude exemplar dessas figuras.

Para a representação de cenas eclesásticas é possível ter ainda em consideração imagens associadas aos Cerimoniais dos Bispos, caso da *Histoire Générale des Cérémonies Moeurs, et Coutumes Religieuses de tout les Peuples du Monde*, 1741 (ALMEIDA, 2004, vol. 1).

Para temas bíblicos referentes ao Antigo Testamento, para lá das Bíblias ilustradas e obras citadas por Santos Simões, poderíamos acrescentar uma outra versão ilustrada muito interessante: *Biblorum Sacrorum Latinae Versiones Antiquae, ..., Opera & Studio D. Petri Sabatier, Ordinis Sancti Benedicti à Congregatione Sancti Mauri. Tomus Primus*. Paris: Apud Francisco Didot ad Ripam Augustianorum (...). Ex Regia Reginaldi Florentain Rhemensis Typographiae, 1751.

Uma análise atenta revela que muitas das cenas do Antigo Testamento representadas em azulejo, no que ao livro do Génesis diz respeito, partem de gravuras que fazem uma interpretação da obra de Rafael Sanzio nas Loges do Vaticano na *Histoire Sacrée de la Providence... Représenté en cinq cent Tableaux Graves d'après Raphael et autres Grands Maîtres...* Paris, 1730, editada por Demarne (vide MECO, 1999), ou pelos seus seguidores Giovanni Lanfranco (1638, *Cenas Bíblicas*), Sisto Badalocchio, Francesco Villamena, Schiaminossi (vide *Noé a Construir a Arca*, no Mosteiro de Pombeiro, *Moisés e a Sarça Ardente* da Igreja da Madre de Deus em Lisboa, por exemplo), sendo que toda a inspiração se bebe em Miguel Ângelo e na Capela Sistina, uma vez que não é possível esquecer as contribuições de toda a pintura precedente (vide entrada relativa ao claustro do Mosteiro de Pombeiro, Felgueiras, ou à Capela dos Coimbras, Braga; vide ALMEIDA, 2004, vols. 1, 2 e 4). Por outro lado, a influência de Albrecht Dürer é também perceptível, assim como Cranach, Antonio Tempesta, ou Matheus Merian nos *Icones Biblicae* de 1625-1630 (vide Capela dos Coimbras, Braga).

A representação dos Patriarcas bíblicos surge também muitas vezes em azulejo, caso do ciclo da Vida de José do Egipto (Nazaré, Tibães, Serra d'Ossa e Évora), de inspiração na série de Antonio Tempesta para o Antigo Testamento que revela influência directa nas gravuras de Baldassare Aloisi Galanini e Giovanni Lanfranco (ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 272 e segs; vol. 4). Na sacristia do antigo Mosteiro da Madre de Deus em Lisboa, pela mão de André Gonçalves um ciclo pictórico é também dedicado a José do Egipto, segundo gravuras de Pier Francesco Mola de cerca de 1660 (MACHADO, 1995), no entanto, não parece ter-se traduzido em geral influência no meio da azulejaria setecentista, tal como a série gravada de Jean LePautre para o mesmo tema. Rainer Marggraf apresenta referência para a igreja da Nazaré a uma gravura de Jan Sadeler I da *Reconciliação de Jacob e Esaú* que é utilizada para a cena de *David Aclamado pelo Povo de Israel*, bem como gravuras de Gérard de Lairaisse publicadas em Amesterdão na obra «...opus elegantissimum... ipsa manu tam aeri incisum, quam inventum et per N. Visscher... editum» (MARGGRAF, 1991; VV. AA., 1994). Dos ciclos iconográficos sobre os Profetas, relembramos o ciclo supramencionado da *Vida e Apoteose do Profeta Elias* no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra.

Temas marianos e cristológicos dominam naturalmente a iconografia religiosa da azulejaria setecentista e, como tal, reflectem e correspondem a uma abundante riqueza ao nível das fontes gravadas e outras. A representação da Vida de Nossa Senhora, da Infância de Jesus, ou da Vida de São José, entrelaçam-se muitas vezes e dão lugar a complexos programas aliados à simbologia e emblemática.

Entre as obras gravadas, Cornelis Cort ressalta como um nome cuja obra tem grande repercussão e divulgação em Portugal. Existem várias versões de trabalhos seus por Federico Zuccaro ou mestre desconhecido, e é indispensável mencionar Albrecht Dürer que em diversas obras produziu os modelos para o tema mais copiados e apreciados, pelo que muitas obras subsequentes exploram e reproduzem as gravuras de Dürer. É o caso de Stradanus e Adriaen Collaert ou do *Nascimento de João Baptista*, de Cornelis Cort, segundo Giulio Clovio, aqui tendo em consideração o episódio do *Nascimento da Virgem* (AZEVEDO, 1998; ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 4; MARKL, 1992, vol. 2, pp. 114-129; SOBRAL, 1998b e 2004). O *Evangelicae Historicae Imagines* de Jerónimo Wierix, segundo Nadal (1593), é das obras mais divulgadas e utilizadas como inspiração, a par das gravuras baseadas em Marten de Vos e copiadas por Jan Sadeler ou Jean-Baptiste Barbé, publicadas por Adriaen Collaert; gravuras de Aegidius Sadeler II e de Ludovico Ciambelano segundo Raphael Sciaminossi ou Antonio Tempesta, dos *Mistérios do Rosário*, Bernardino Passeri do *Rerum Sacrarum...* ou na série de Hendrick Goltzius, de cerca de 1594, *A Vida da Virgem*; ou ainda as pequenas imagens do *Officium Beatae Mariae Virgine* (Antuérpia, 1731 e 1746), gravura de Pietro de Po, a partir da pintura de Nicolas Poussin para Cérísier em 1658, entretanto desaparecida (para a representação da *Fuga para o Egipto*, vide Ermida do Rei Salvador do Mundo, Castelo de Vide.), gravura de Annibale Carracci para a *Adoração dos Magos* segundo Ludovico Carracci (vide: Vilar de

Frades) ou do mesmo tema Rubens gravado por Lucas Vosterman (*vide*: Quinta de Santa Clara, Ameixoeira); gravura de Giorgio Chisi a partir de Bronzino e gravura de Aegidius Sadeler II, cerca de 1595 (Verona), para a *Adoração dos Pastores* (*vide*: Capela de Nossa Senhora do Socorro, Vila do Conde). No que toca à representação da Assunção e da Glorificação de Nossa Senhora prevalecem as interpretações da gravura já citada por Santos Simões e confirmadas por José Meco (*vide*: Igreja das Mercês, Lisboa, Capela do Forte de São Filipe, Setúbal, Santuário de Nossa Senhora, Nazaré, Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, Peniche, Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, Beja, Capela de Santo Amaro, Oeiras, etc.), mas sem esquecer os modelos propostos pelos Carracci, Guido Reni (*vide*: Santuário de Nossa Senhora da Ajuda, Peniche, e Igreja Matriz do Crato, etc.). Para representação da Imaculada Conceição ver ainda gravura a buril de Cornelis Cort por desenho de Federico Zuccaro, 1574 (*vide*: Igreja de Santa Clara, Caminha). Dada a extensão da lista com a enumeração exaustiva das fontes e das obras associadas remetemos ainda para: ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 4; CARVALHO, 2003, pp. 145-180; MECO, 1999; SOBRAL, 1994, 1998b e 2004).

Da Vida de São José, o episódio do *Sonho* constitui, a par da representação da *Morte de São José*, a especificidade iconográfica associada a esta figura, por integrar iconografia da Vida da Virgem e da Infância como supramencionado. No Mosteiro de Santo Tirso, em ciclo dedicado com emblemática associada, esse episódio apresenta grandes semelhanças com a gravura de H. Goltzius por Adriaen J. Collaert. Na azulejaria portuguesa do século XVIII é conhecida uma outra variante em que São José está sentado, segurando a cabeça com a mão, adormecido e o anjo está a seu lado de pé, sugerindo o conteúdo da sua visão/sonho (Igreja do Mosteiro de São José, Évora), ou esvoaçante (como na Igreja de São José dos Carpinteiros, Lisboa), mais próximo da gravura de Nicolau Poussin ou da tela de Philippe de Champaigne, datando de cerca de 1665, da National Gallery, Londres, proveniente do Convento dos Mínimos de Paris (ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 177-178, vol. 4, pp. 231-274).

Dentro da iconografia mariana, a simbologia e a emblemática adquirem relevância particular nomeadamente em torno do culto da Imaculada Conceição e muitos foram os autores a espelhar todo o seu significado em imagens transpostas, depois, para os azulejos. A crescente moda dos emblemas e divisas emblemáticas, que emergiu de variadas tradições humanistas e tinha raízes em conceitos literários e ideológicos, teve como precursor o citado Andrea Alciato com o seu *Emblematum Libellus*, de 1531. Foi ele o divulgador do termo *emblema* como equivalente moderno dos antigos hieróglifos na tradição do hermetismo pela via simbólica literária e iconográfica, em paralelo a Cesare Ripa com o seu *Iconologia* (em relação a esta obra *vide* «Pregifurações marianas no Convento da Madre de Deus, em Lisboa», CAMPOS, 1999, pp. 109-116). No seguimento da sua obra, surge uma multiplicidade de autores que exponencializam este estilo. Assim, começamos por destacar os trabalhos de Luís M. Sobral, «Tota Pulchra Est Amica Mea – Simbolismo e narração num programa imaculista de António de Oliveira Bernardes» e gravuras de Joachim Camerarius, de Jacques Callot e a *Vie de la Mère de Dieu représentée par Emblèmes*, Sebastian de Orozco y Covarrubias em *Emblemas Morales* (1610), Andrea Alciati na *Emblemata*, *Alegoria da Imaculada Conceição* de Philippe Tomassin, Adão e Eva de Agostino Carracci (1581). Também neste contexto, é conhecida a fonte iconográfica para os azulejos da Igreja de Jesus em Setúbal: a *Elogia Mariana*, de A. C. Redêlo, com gravuras da autoria de Thomas Scheffler, gravadas por Martin Engelbrecht, publicada em 1732 em Augsburg (FALCÃO, 1990, pp. 103-109; (ainda sobre símbolos marianos em azulejo, na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Braga, e no Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1; GARCÍA ARRANZ, 2000-2001, pp. 59-76).

Ainda no âmbito da emblemática, está já bem estudado o grande ciclo do Convento de São Francisco da Bahia baseado no *Theatro Moral de la Vida Humana y de toda la Philosophia de os Antiguos y Modernos*, versão castelhana do *Quinti Horatii Flacci emblemata imaginibus in aes incisus notisque illustrata*, livro de emblemas publicado em Antuérpia em 1607, ilustrado por Otto van Veen, e com transposição para azulejo em diversos conjuntos: Casa Goês Calmon, Salvador, Convento de São João de Deus, Lisboa, painéis do Palácio dos Coruchéus, Museu da Cidade de Lisboa (*vide*: MAIA, 1998-1999, pp. 88-99; MECO, 1999; PAIS, 1998-1999, pp. 100-113).

Regista-se o estudo sobre os *Pia Desideria* dos azulejos da Casa da Irmandade da Igreja de Santa Cruz da Ribeira, Santarém, e Sala do Capítulo do Convento de Santa Marta, Lisboa, baseados em *Pia Desideria Emblematis...* da autoria de Hugo Hermann, com ilustrações na 1.ª edição (Antuérpia, 1624) de Boetius van Blomswert (MONTEIRO, 1999, pp. 61-70); o estudo que deu a conhecer a obra *Regia via Crucis* (Antuérpia, 1625) dos azulejos da galeria superior do claustro do Convento dito dos Grilos, actualmente no Museu Nacional do Azulejo (SEBASTIÁN, 1991a; SOBRAL, 1994; MONTEIRO, 1999).

Para a Vida de Cristo, Dürer gravou toda uma série entre 1508-1509 que se torna referência, nomeadamente para as cenas da Paixão, e é necessário mencionar de novo o *Evangelicae Historicae Imagines*, bem como gravuras de Philipe Galle, segundo Johannes Stradanus (c. 1580) ou Agostino Carracci segundo Annibale Carracci (c. 1581) para o *Baptismo de Jesus* (SOBRAL, 1994 e 2004) – também em relação com a iconografia de São João Baptista (*vide*: Sé de Viseu, por exemplo) –, a série de H. Goltzius de cerca de 1598 e gravuras de Raphael Sadeler I, por A. Schiavone por exemplo de *Cristo no Horto* (*vide*: semelhanças na Igreja de São Simão da Junqueira, Vila do Conde, ou Santuário do Bom Jesus da Cruz, Barcelos). Ver ainda a leitura iconográfica, cristológica e imaculista proposta para um núcleo cisterciense (CARVALHO, 2008, pp. 67-95).

O estudo da iconografia e iconologia associado às Misericórdias teve grande desenvolvimento em termos de investigação historiográfica, aprofundando o significado dos ciclos associados à obras de Misericórdia Corporais e Espirituais na sua interacção e paralelismos bíblicos (ARAUJO, 1954; BOTELHO, 2001; CARVALHO, 2007; CARVALHO, no prelo; GARCÍA ARRANZ, 2004; MANGUCCI, 2002; TEODORO VALLECILLO, 1991; TORRINHA, 1989). No entanto, apenas se conhecem quatro painéis directamente baseados na série em gravuras específicas do tema: *The Seven Acts of Mercy*, de Giovanni Suizero, publicado por Matthias Bolzetta, cerca de 1650 (*vide* CARVALHO, 2007; CARVALHO, no prelo). Em Viana do Castelo, identifica-se o painel *Jesus e a Mulher Adúltera* como sendo parcialmente copiado da gravura a buril de Jean-Baptiste Barbé (c. 1578-1649) segundo Maarten de Vos (c. 1532-1603), e, em Arraiolos, verifica-se aproximação entre a figuração da obra *Dar de Beber aos Que Têm Sede*, e a composição de Maarten de Vos, subordinada ao mesmo tema, gravada por Crispin de Passe, Rijksmuseum, Amesterdão, em 1581. José Julio García Arranz avança com o estudo da obra emblemática da Misericórdia de Évora mas apenas o emblema referente aos enfermos e que ilustra um boticário pode ser aproximado de um outro muito semelhante presente na obra *Imago primi saeculi Societatis Iesu a provincia Flandro-Belgica eiusdem societatis repressentata*. Antuérpia: ex officina plantiniana Balthasar Moreti, 1640, p. 454 (GARCÍA ARRANZ, 2004; *vide*: CARVALHO, 2007; MANGUCCI, 2002).

A devoção dos santos padroeiros e intercessores, a devoção mariana e cristológica encontra também expressão na produção de registos, que seguem naturalmente a reprodução e inspiração em fontes gravadas (*vide*: CAMPELO, 2008).

Finalmente, a iconografia dos eremitas em ciclos mais desenvolvidos ou aparecendo de modo isolado é uma constante em toda a azulejaria setecentista, com inspiração em fontes associadas às ordens religiosas e à vida dos santos fundadores, nomeadamente, como já foi referido, ou a partir de fontes próprias, específicas. É o caso da série de 25 gravuras – na origem 29 – de Jan Sadeler I e Raphael Sadeler I, com indicação no frontispício do *inventor* Maarten de Vos, de cerca de 1585-1586, que, por sua vez, dá origem à série de 30 incisões *Solitudo sive Vitae Patrum Eremitarum...*, de 1606, do Monogramista NB, que *Thomas de Leu. executit.*, tratando-se de uma cópia da obra dos Sadeler (e com poucas diferenças na representação e iconografia dos santos (identificados para a sacristia da Ordem Terceira do Carmo, Viseu, Capela de Nossa Senhora dos Remédios, Viseu, Capela de Santo António do Convento da Madre de Deus, Museu Nacional do Azulejo). Segundo a obra dos Sadeler, publicaram-se ainda séries com o título de *Illustrium anachoretarum elogium siue religiosi viri museum* de Giacomo Cavacci com edição de 1625 em Veneza e outra em 1661 em Roma, sendo as 29 gravuras da autoria de Francesco Valesio – *disegnati, ed intagliati dal celebre pittore Gio Luigi Valesio* (com muitas semelhanças a um dos painéis de eremitas do claustro do Mosteiro de São Martinho de Tibães, ou da Sala do Capítulo do Mosteiro de São Bento da Vitória). Citamos ainda as gravuras que ilustram as biografias – hagiografias – dos santos, caso de *Les Vies des SS. Peres des Deserts d'Orient. Avec des figures qui représentent l'austérité de leur vie, & leurs principales occupations*, edição de 1757, assinadas Mat. Elias prinx e Mariette ex. (*vide*: Tibães, Convento da Serra d'Ossa). É importante mencionar a representação de *São Francisco e o Menino Jesus ou São Francisco Penitente*, a *Estigmatização*, etc. como indelévelmente interligadas com a iconografia dos eremitas; *vide*: Jeronimo Wierix, ou as representações de Marcantonio Raimondi, Guido Reni, Carracci, Gentilleschi, etc.; São Jerónimo amiúde reproduzido – Jeronimo Wierix, século XVI, Cornelis Cort, pintura de Joachim Patenier – ou Santo Antão e São Paulo Eremita, da obra dos Sadeler, de Dürer, etc. (galeria superior do claustro da Madre Deus, Igreja da Madre de Deus, Serra d'Ossa, etc.). Os azulejos da entrada da Igreja da Misericórdia de Évora – São Paulo Eremita e Santo Antão, Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís – são extraídos da série de 25 gravuras *Silva Anachoretica* de Boetius Adam Bolswert, de 1612 (*vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, p. 344 e segs. e 2005, pp. 261). (PRA)

CAPÍTULO IV

Composições Ornamentais

##

COMPOSIÇÕES ORNAMENTAIS

AO declinar o século XVII observa-se uma viragem no gosto pelo azulejo, manifestada, em primeiro lugar, pela gradual substituição dos esquemas cromáticos da paleta de «quatro cores» – azul, amarelo, verde e manganês – para a pintura apenas a azul. Simultaneamente, e talvez como consequência, abandona-se pouco a pouco o sistema de revestimentos parietais com padronagem de repetição que haviam sido de regra quase geral desde o princípio daquele século, e cuja evolução estudámos na altura própria.

Outros são os esquemas decorativos que substituirão aqueles, mantendo-se no entanto o «espírito» do azulejo na sua função ornamental específica; tomam vulto, a partir de cerca de 1680, as composições tendo como motivo central a figuração anedótica, moda generalizada na Europa barroca onde a expansão dos processos gráficos das estampas punha à disposição dos artistas e artífices modelos e reproduções de quadros logo transpostos para a tapeçaria, para o vitral e para a pintura decorativa propriamente dita.

Na azulejaria portuguesa observa-se, desde o meado do século XVII, a introdução nos conjuntos de padrões de pequenos painéis figurados, particularmente com santos ou alegorias religiosas – custódias, cruzeiros, pombas, etc. – mas sempre em número reduzido e sem grande relevância decorativa. Um motivo parece ter merecido predilecção especial por parte dos azulejadores: os vasos floridos. De facto, são ainda do século XVII alguns dos mais belos exemplares do género, cujo emprego parcimonioso se confinava à parte inferior das composições parietais. É ainda nestas localizações que vamos encontrar os vasos floridos, agora reduzidos apenas a azul, durante praticamente toda a primeira metade do século XVIII constituindo uma classe perfeitamente diferenciada. Nos poucos documentos referentes a encomendas de azulejos, este tipo de decoração é referida com o nome genérico de «azulejos de jarras», distinguindo-se dos dois outros tipos mais comuns – os «azulejos de estrelinhas», de figuração avulsa, e os «azulejos de brutescos», ou seja, os painéis figurados e historiados.

Para efeitos de método chamamos especificamente «composições ornamentais» aquelas que desde os fins do século XVII se utilizavam para a decoração de silhares, sem preocupação de temática figurativa, mas onde havia a preocupação sumptuária de enriquecimento. São fundamentalmente os «azulejos de jarras» que permitiam o guarnecimento de vastas superfícies, desenvolvendo-se no sentido do comprimento, e destinados, quase sempre, a compartimentos secundários, a corredores, a sacristias, a escadas ou a alegretes de jardins.

Estes azulejos, ainda que feitos em série, permitiam, pela inteligente combinação dos elementos, uma extraordinária variedade de esquemas, a tal ponto que poucos são os que se repetem. Os azulejos «de jarras» são afinal para o século XVIII o que os azulejos «de padrão» haviam sido para o século XVII e com eles mantêm os azulejadores o espírito decorativo da azulejaria portuguesa nas suas características de monumentalidade e de modernidade.

Os esquemas decorativos eram escolhidos pelos azulejadores consoante as exigências ou possibilidades económicas da clientela, mas sempre norteando-se por princípios ou regras de densidade e equilíbrio. Em primeiro lugar a altura do silhar, ocupando a parte inferior das paredes, seria de certo modo proporcional à

vastidão das paredes e ao pé-direito dos compartimentos. Essa altura, no entanto, estava limitada entre 6 e 10 azulejos desde o pavimento: essa dimensão na vertical, por sua vez, determinava o estudo das composições e o seu desenvolvimento. O comprimento era condicionado não só pela extensão linear das paredes a cobrir mas ainda pelos vãos, ou seja, pelos espaços entre portas e janelas. As paredes assim seccionadas seriam cobertas com «painéis ornamentais», semelhantes entre si no respeitante aos motivos decorativos e aos enquadramentos.

Cada painel tinha obrigatoriamente uma cercadura ou barra que o limitava e isolava, havendo muitos casos em que a fiada inferior, ou rodapé, era composta com azulejos lisos, marmoreados ou esponjados, independentes dos painéis propriamente ditos. Essas cercaduras ou barras, por sua vez, funcionavam com independência, sendo relativamente em pequeno número os modelos que se empregavam para este tipo de decoração; as mesmas cercaduras ou barras vamos encontrar limitando composições obtidas com azulejos de figura avulsa, painéis com figuração ou simplesmente enquadrando elementos arquitectónicos. O estudo e análise desses elementos comuns é feito separadamente, ainda que seja impossível conceber as composições ornamentais propriamente ditas sem aquelas barras ou cercaduras.

CERCADURAS – Alguns exemplos mais comuns no século XVIII



1



2



BARRAS – Alguns exemplos mais comuns no século XVIII





4 – Este foi o modelo de barra mais usado no século XVIII.
Os quatro elementos acessórios completam-na⁽¹⁵⁰⁾



⁽¹⁵⁰⁾ Porque estas guarnições (cercaduras e barras) funcionam como já era uso no século XVII, remetemos o leitor para o capítulo de Guarnições para Tapetes, do mesmo autor, in *Azulejaria em Portugal no Século XVII, Tomo I – Tipologia*. FCG



5



6

Para a análise da decomposição gramatical da azulejaria ornamental vamos circunscrever o estudo aos elementos com os quais o azulejador jogava para a composição do campo decorativo limitado pelas cercaduras ou barras.

Como já dissemos, o termo genérico dado a este tipo de azulejos era «de jarras» e, de facto, durante a primeira metade do século XVIII são as jarras (a) e vasos floridos (b) o tema do azulejador, tema que ele aliás glosa em variedades, ao sabor da sua fantasia ou das imposições das modas.



(a) e (b) – Expressão mais simples do tema de Vasos Floridos e Jarras

Para obter uma continuidade na decoração e resolver os vários problemas de espaço, tanto no sentido da altura como, principalmente, no do comprimento, utilizavam-se inteligentemente motivos de ligação ou de separação que permitiam o equilíbrio decorativo simétrico, sempre a partir de um eixo central de cada painel. Uma vez conhecido o comprimento e altura de cada composição, e calculado o número de azulejos necessários, o azulejador agrupava os vários elementos, dispondo os motivos principais e de ligação por forma a obter um conjunto equilibrado.

Podemos, assim, dividir esses vários elementos em três grupos principais:

- Motivos centrais.* Eram em geral vasos floridos, cestos com flores ou frutas, urnas, etc., constituindo uma unidade em painéis.
- Motivos de ligação.* Jarras, balaústres, sereias, golfinhos, anjinhos, festões, etc.
- Motivos complementares.* Azulejos criteriosamente desenhados para poderem completar as composições, adicionando-se aos outros motivos principalmente para a obtenção das alturas desejadas: peanhas, flores, pássaros, ornatos, etc.

Com estes elementos o azulejador tinha grande liberdade inventiva e podia resolver os problemas mais complexos, uma vez que podia alargar ou encurtar as composições introduzindo motivos de ligação, preenchendo com motivos complementares os espaços «mortos».

Por vezes estes três tipos de motivos, ou alguns deles, tinham ligações mais íntimas a fim de evitar soluções de continuidade. Há casos de azulejos que participam dos motivos principais e dos motivos de ligação, por exemplo os querubins, cujas faces estão no motivo de ligação e as pontas das asas são «complementares» dos motivos centrais.

Há ainda casos em que as barras e cercaduras funcionam como elementos complementares, mas, por via de regra, aquelas funcionam independentemente. Empregavam-se ainda combinações de motivos centrais com azulejos totalmente brancos, ficando portanto aqueles isolados na composição, assim como há muitos exemplos de combinações de motivos centrais com azulejos de figura avulsa, sendo estes, portanto, os motivos de ligação.

Nos exemplos que damos seguidamente, apenas nos preocupam os casos gerais, ou seja, aquelas combinações obtidas com o jogo dos motivos centrais, de ligação e complementares. Apresentamos isoladamente os elementos do vocabulário do azulejador e damos algumas das variantes que ajudarão a melhor compreender as extraordinárias possibilidades que este tipo de ornamentação oferecia. Sempre que possível indicaremos as épocas em que determinados tipos fazem a sua aparição, ainda que seja praticamente impossível determinar com rigor a órbita evolutiva, uma vez que este tipo de azulejo foi favorecido durante mais de meio século e que os modelos mais comuns eram reproduzidos à saciedade.⁽¹⁵¹⁾



a

(151) Um *corpus* alargado de formas e combinações de distintos elementos rotulados de «ornamentais» pode subdividir-se em diferentes tipos ou categorias; composições geométricas, padrões, azulejos de repetição linear capazes de utilizações extraordinárias na arte de dinamizar os espaços físicos. Embora com linguagens ornamentais diferentes, os pintores de azulejos mantiveram em muitos casos a mesma importância entre a figuração e o aparato ornamental. *Vide:* MECO, 1982; MONTEIRO, 2007. Mais recentemente sobre a azulejaria de padrão e ornamento pombalino, *vide:* CORREIA e SILVA, 2004, pp. 184-195.

Este repertório decorativo – volutas, grinaldas, cornucópias, carrancas, conchas, entre outros –, em paralelo com a figuração, apelam à extravagância e artifício do Barroco, encontrando campo especialmente favorável na azulejaria, no estuque e na pintura ornamental de tectos e de cantarias. *Vide:* SERRÃO e DACOS, 1992, pp. 41-55; MASCARENHAS, 1997, pp. 36-43. (AGC)



a



a

Elementos (a) e (b) susceptíveis de combinação (b-a-b)



b



b



a



a



b

Elementos (a) e (b) susceptíveis de alternância



a



b

b) – Elementos esquerdo e direito



b



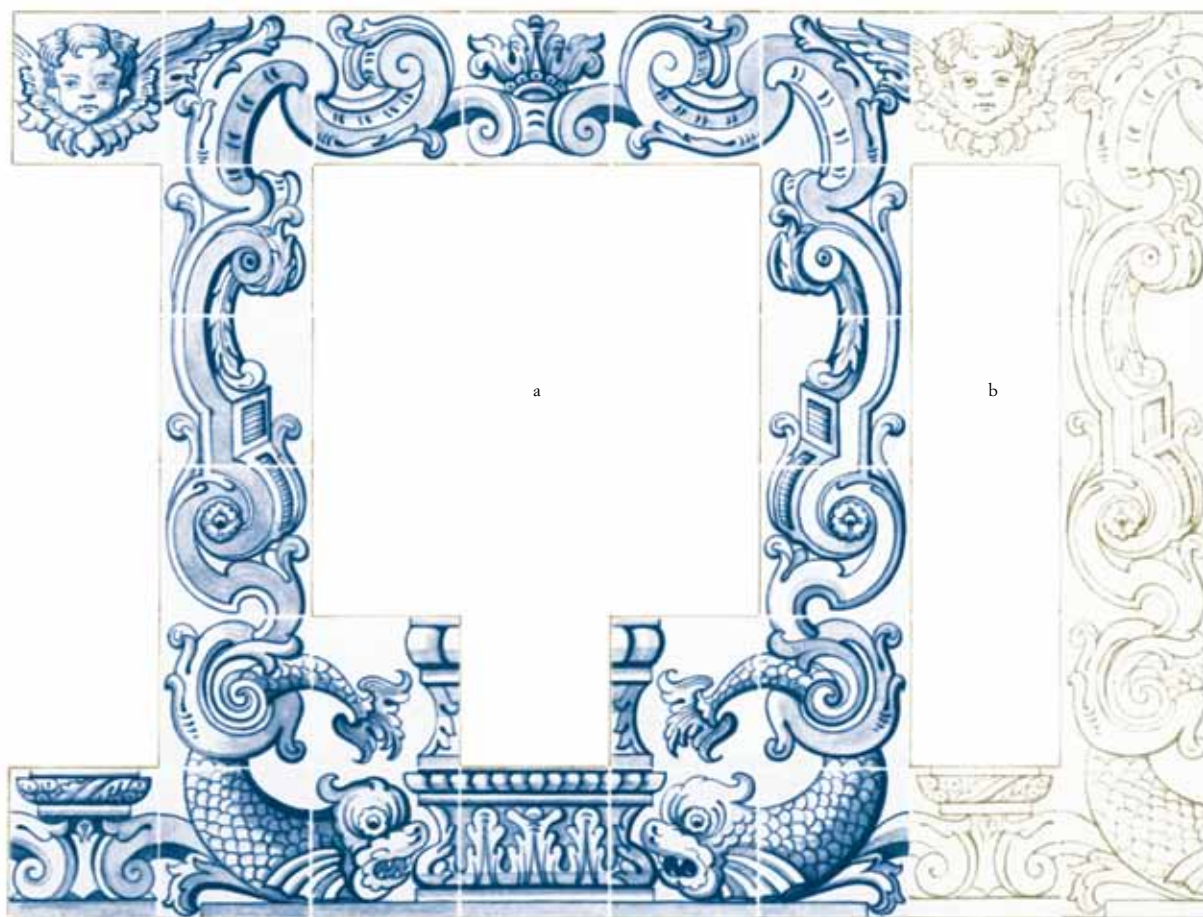
a



b



a



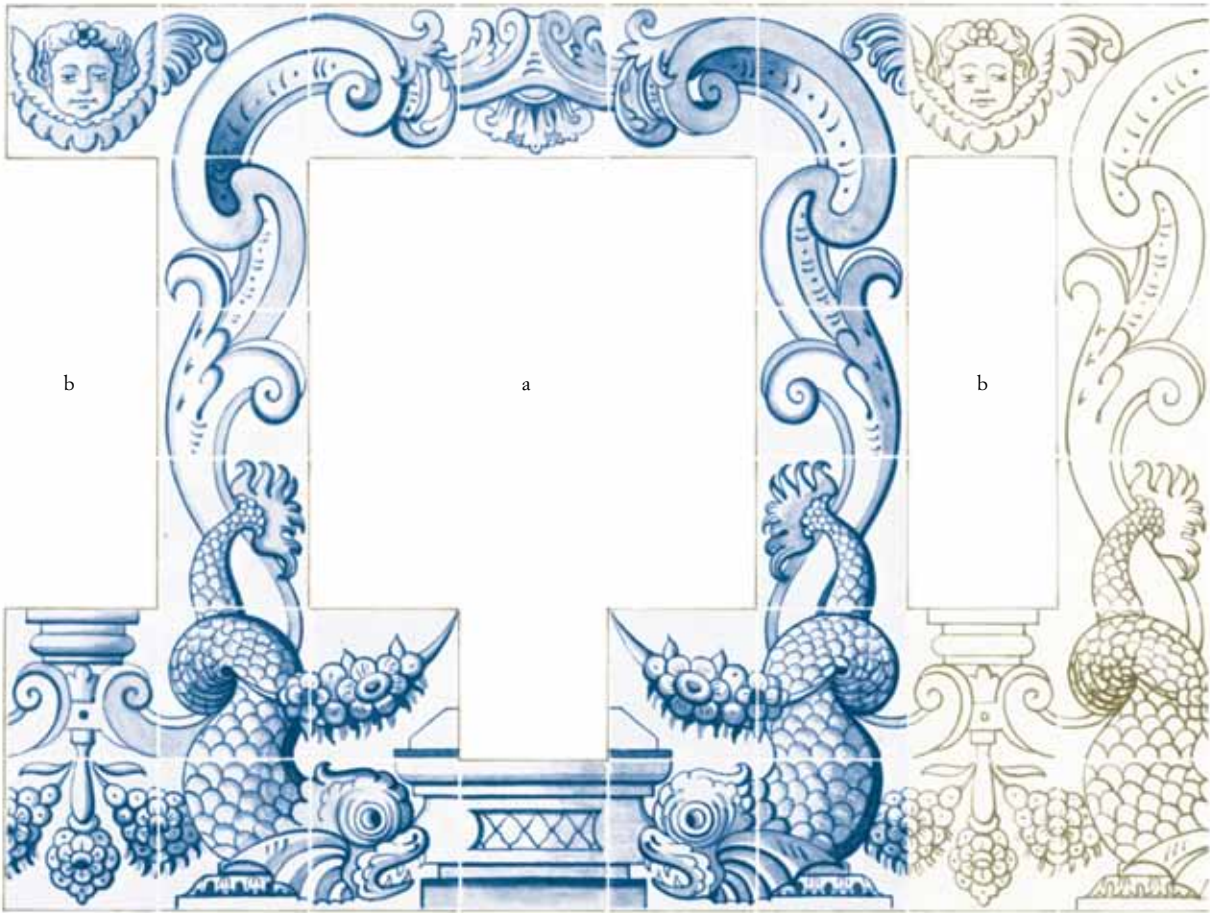
ELEMENTO COMPLEMENTAR (c) – Elemento envolvente de alternância (a-b)



a



b



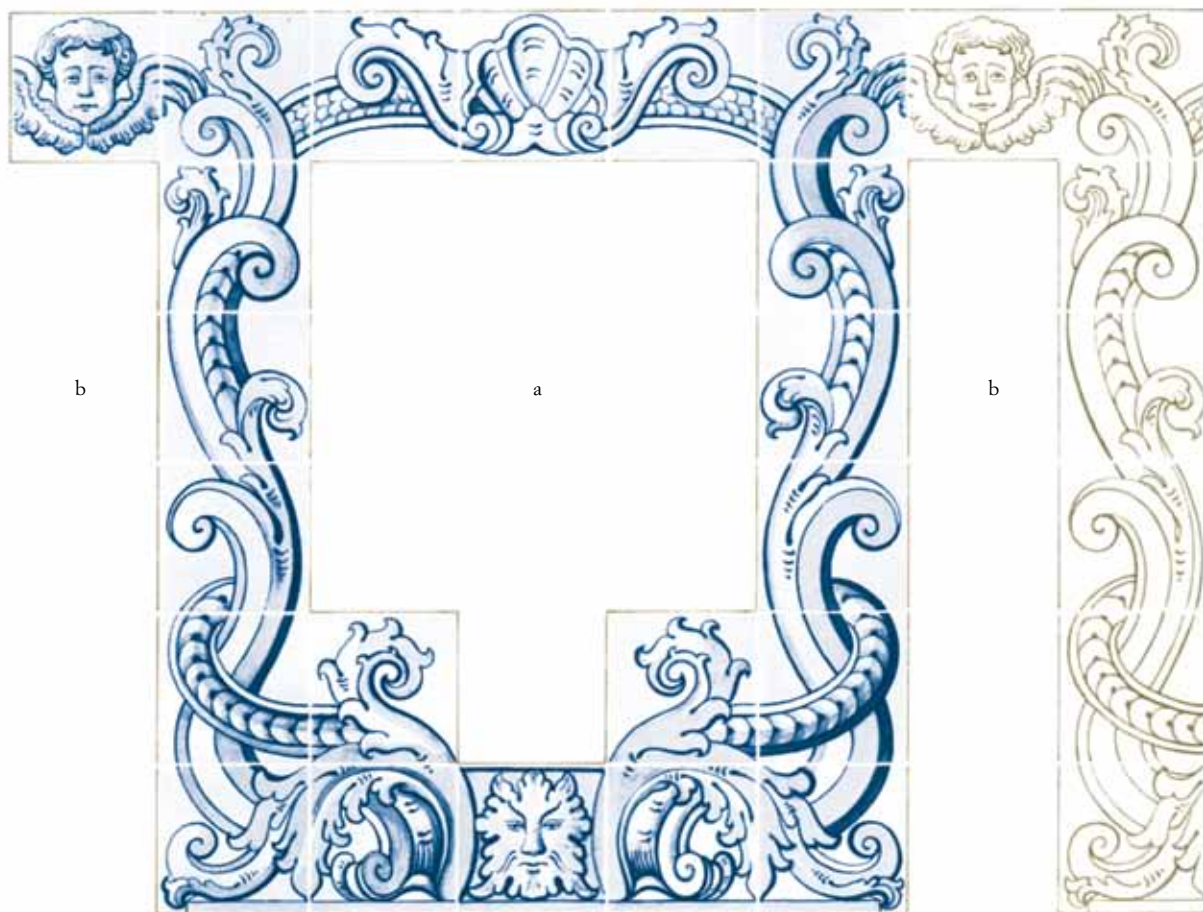
Elemento – c



a



a



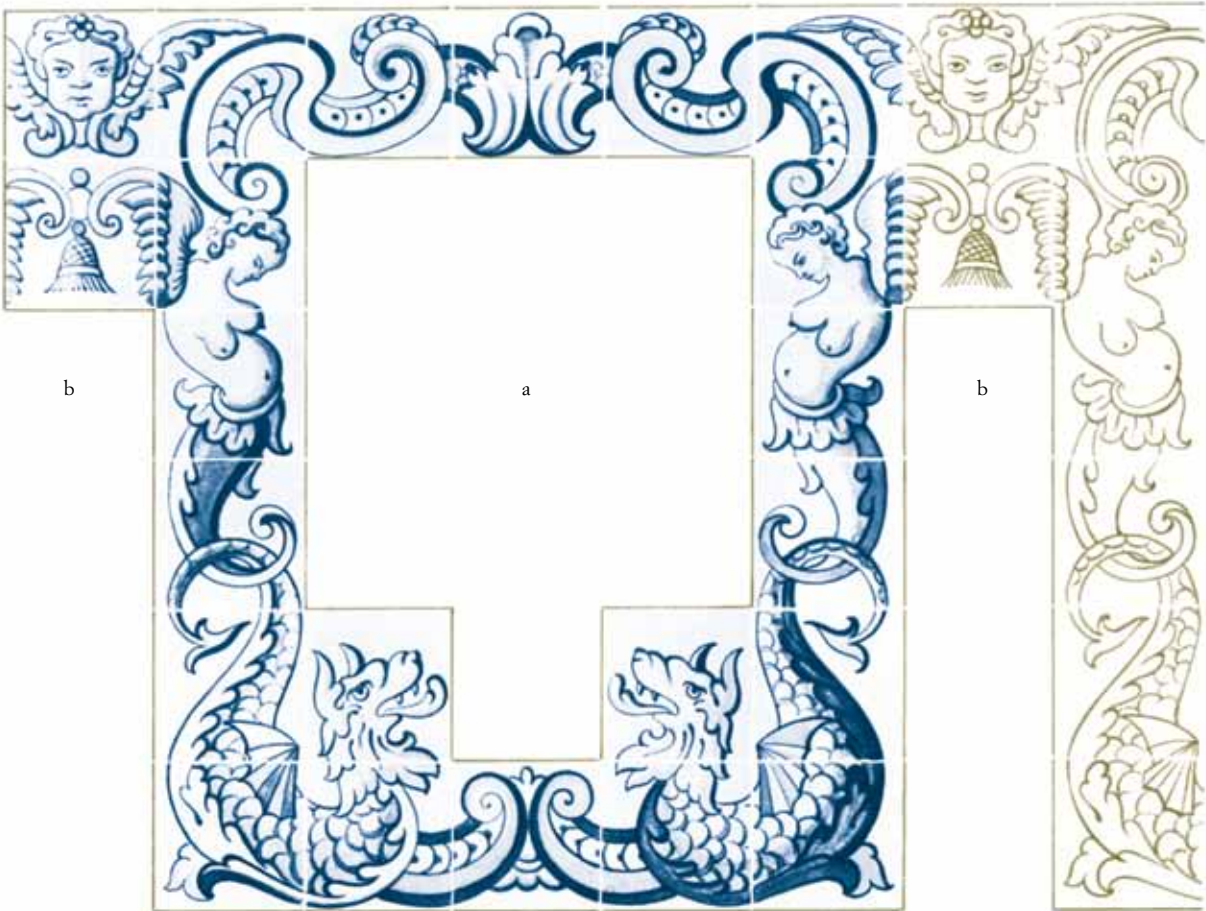
Elemento – c



a



a



Elemento – c



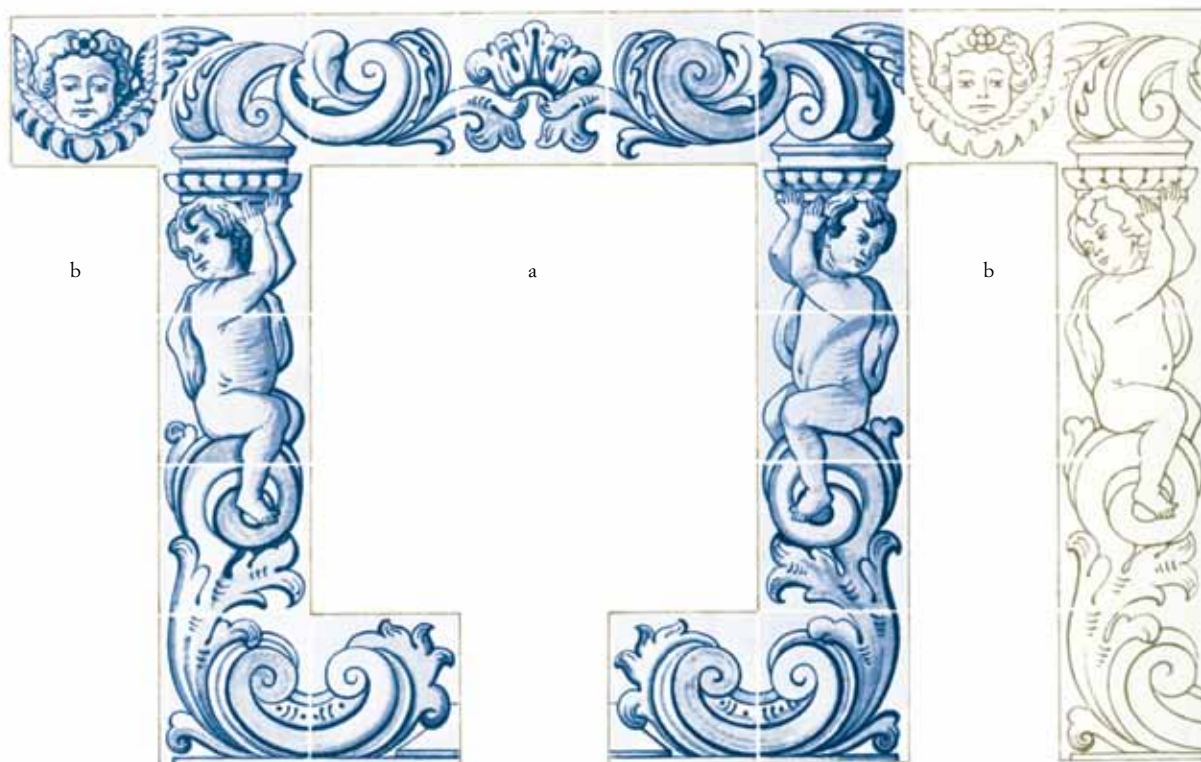
Elementos – b

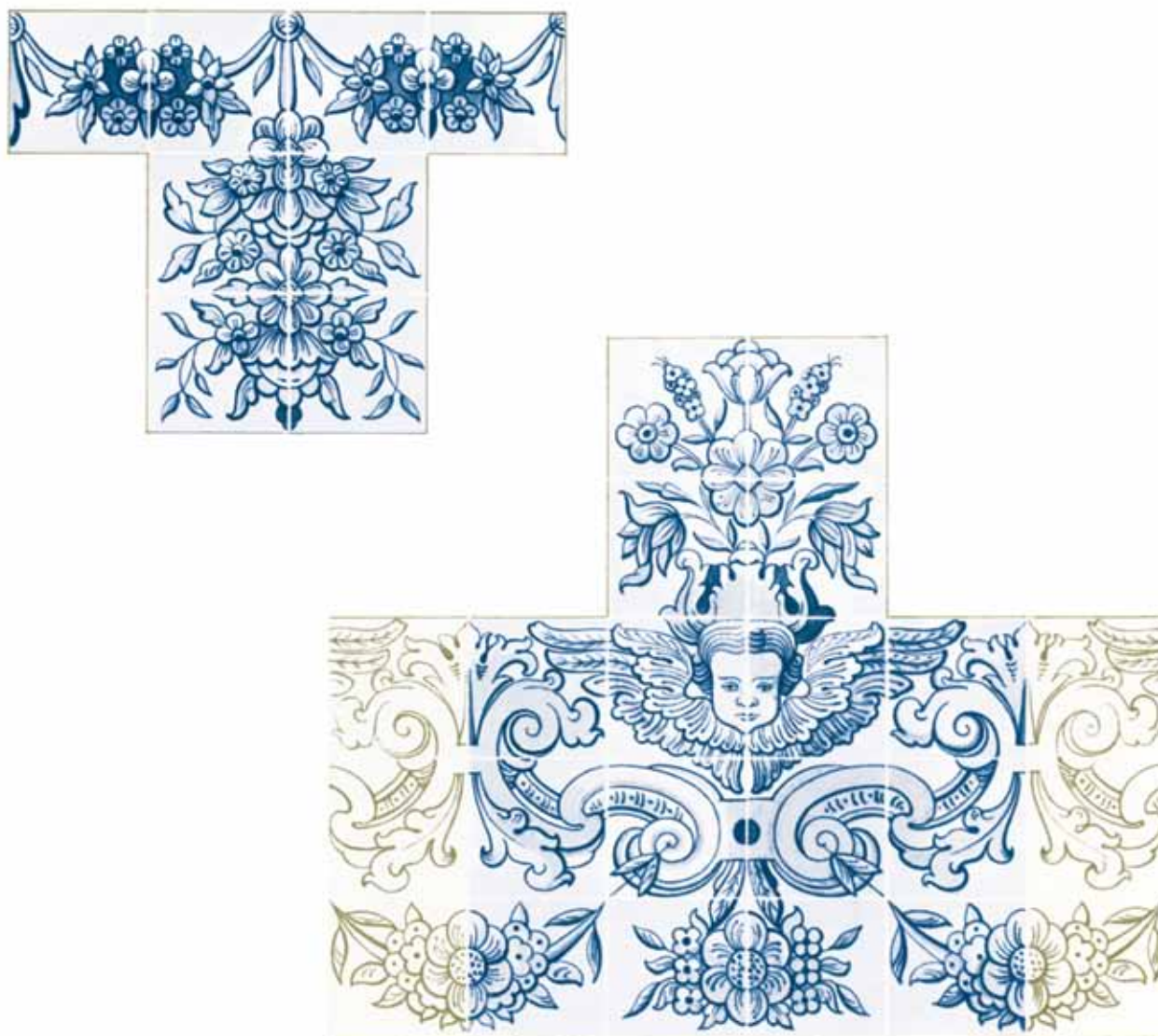


Elementos – b



Elementos – c





Exemplo de dois elementos que funcionando em conjunto se podem considerar como uma síntese dos motivos (a) (b) e (c), podendo também funcionar isoladamente adicionando-lhes uma combinação de 2×2 azulejos (inclusive de azulejo branco).

CAPÍTULO V

Azulejaria «de Figura Avulsa»

AZULEJARIA «DE FIGURA AVULSA»

N O repertório oficial dos azulejadores do século XVIII, avultam pela quantidade e interessam pelo pitoresco os azulejos ditos «de Figura Avulsa». Esta designação, criada por Rocha Peixoto, foi aceite e repetida por todos os estudiosos de azulejaria e corresponde na sua forma simples e expressiva ao tipo de azulejo que identifica⁽¹⁵²⁾ aquele em que cada azulejo contém em si mesmo um motivo principal – flores, aves, personagens, paisagem, barcos, etc., etc. – geralmente, mas nem sempre, ornado nos quatro cantos com pequenos ornatos, constituindo como que elementos de ligação óptica.

Tais azulejos aparecem designados na documentação coeva com vários nomes, sendo o mais corrente o de «azulejo de estrelinhas». Eram vendidos nas «tendas de oleiros» às dúzias ou aos centos e correspondiam à produção mais barata, acessível às bolsas menos abastadas.

Foi durante quase todo o século XVIII o azulejo mais popular e versátil, feito em grande série para a freguesia comum, ou especialmente por encomenda para casos especiais, em que se impunha uma temática para os desenhos. Apesar do seu preço inferior – fixado durante quase todo o século XVIII em cinco réis – o azulejo de figura avulsa de forma nenhuma destronou a azulejaria ornamental de painéis: podemos admitir que, de certa maneira, veio tomar o lugar do azulejo de padrão seiscentista. O seu interesse reside principalmente na ingenuidade dos motivos pintados, na grande variedade de assuntos e, sem dúvida, no seu aspecto claro e limpo, prestando-se admiravelmente ao revestimento de dependências secundárias, tais como corredores, cozinhas, pequenas salas, alegretes de jardim, etc. Não se adaptava a decorações mais dilatadas e o seu valor ornamental é diminuto quando em concorrência com a padronagem de repetição ou com os painéis decorativos.

Não dispomos de informações precisas quanto aos sistemas de fabricação destes azulejos, isto é, como se processava a produção e distribuição, mas sabemos que pelo meado do século XVIII havia oficinas «especializadas» nos azulejos de figura avulsa. Nos róis de confessados da freguesia de Santa Catarina (de Lisboa) há registos de mais de um oleiro de vidro onde se empregavam crianças na pintura de azulejos «de estrelinhas». Convém lembrar que o recurso à mão-de-obra infantil era então prática corrente e que às crianças se entregavam certos labores menos pesados, nomeadamente a «pintura» destes azulejos. Quando escrevemos «pintura» é evidente que não nos referimos à «criação artística», mas pura e simplesmente ao acto de cobrir com tinta os contornos deixados no azulejo pelos «picados» ou «matrizes», estas, por sua vez, tiradas de desenhos originais ou de estampas. Com algum treino as crianças podiam adquirir a «mão» necessária para o tracejado, tanto mais quanto se tratava de grandes séries rotineiras.

(152) Rocha Peixoto, em artigo datado de Outubro de 1900, publicado com o título de «Azulejos», no *Primeiro de Janeiro* de 20 de Março de 1902 e, mais tarde, na *Portugália* (I, 1901, p. 585-590) com o título «Uma Iconografia Popular em Azulejos» – reproduzido na íntegra em PEIXOTO, 1967 – emprega indistintamente os termos «azulejos avulsos», «azulejo figurado avulso» e «de pintura solta».

Manuel Monteiro, em 1907, intitula Azulejos de Figura Avulsa um artigo (MONTEIRO, 1907). Em 1932, Feliciano Guimarães consagra a terminologia na sua monografia *azulejos de figura avulsa* (GUIMARÃES, 1932).

Apontando a data correcta da publicação do estudo de Rocha Peixoto, e a importância desse estudo, J. M. dos Santos Simões corrige aqui o lapso – para o qual lhe foi chamada a atenção – que deixara escapar no volume III do seu *Corpus da Azulejaria Portuguesa*. Vide: SIMÕES, 1969a, pp. 21 (e 26-29); prefácio de Flávio Gonçalves em PEIXOTO, 1967, vol. I, p. XXXIX, nota 3.

FLÁVIO GONÇALVES

É vulgar encontrarem-se revestimentos de azulejos de figura avulsa em que «não há dois azulejos iguais». De facto não podia existir uma perfeita igualdade mecânica já que não só as matrizes variavam, mas principalmente porque, ao cobrirem-se os contornos, havia sempre a possibilidade de variar o traço, ficando mesmo certa margem para pequenas alterações. Observando atentamente tais colecções descobre-se que, finalmente, eram relativamente poucas as «matrizes» originais e que o resto era deixado à maior ou menor liberdade interpretativa.

Qual a origem do azulejo «de figura avulsa» português? De uma forma geral todos os que têm posto esta interrogativa encontram a resposta na influência da azulejaria holandesa, e assim deve ter sido. Simplesmente despreza-se o elemento básico que vem da Itália renascentista e que está, por sua vez, na origem do azulejo flamengo dos fins do século XVI e, sequentemente, do holandês dos séculos XVII e XVIII.

Ladrilhos para pavimentos, decorados individualmente com pequenas figuras, foram relativamente frequentes na Toscana e na Úmbria e estão perfeitamente integrados na linha de produção da «majóllica». Na azulejaria dos países islamizados já existiam azulejos de «figura avulsa» – particularmente produzidos nos centros de Raghès e de Kashan, e ainda na Península Ibérica aparecem certas interpretações de figuração humana ou animalista, *v. g.* em Córdoba (século XIV) e no Levante (séculos XIV e XV).

No entanto o azulejo de figura avulsa que se fixa entre nós é o que, iniciado nas oficinas italo-flamengas de Antuérpia, se vai propagar nos Países Baixos, influenciando por sua vez certa produção espanhola, particularmente na região de Toledo, onde se fundem com elementos de tradição mudéjar. São aqui, por exemplo, os azulejos ditos «de cetreria», com um coelho que é ameaçado por um falcão, termo que já se encontrava na azulejaria mudéjar. Para nós, porém, é de facto da Holanda que se receberam as espécies e as ideias. Este movimento está na sequência lógica das importações que tiveram início cerca de 1660, se bem que limitada a painéis encomendados e onde o azulejo de figura avulsa não tem grande importância.

A história e a análise tipológica do azulejo de figura avulsa neerlandês – o *enkele tegel* – estão feitas pelos especialistas, sendo notáveis as investigações e colheitas de Dingeman Korf. Conhecemos hoje praticamente todos os tipos produzidos na Holanda e sua evolução, não sendo necessário repetir o que se já se escreveu noutros estudos.⁽¹⁵³⁾

Resta conhecer com maior precisão o processo de introdução deste tipo de azulejo no nosso país e qual o papel que poderão ter tido os próprios holandeses do meado do século XVII. É curioso notar que os tipos mais recuados de azulejos de figura avulsa holandeses se encontram em território português, precisamente em locais que os navegadores e mercadores batavos mais frequentavam. Ainda do século XVII são, por exemplo, os núcleos dos Açores, nomeadamente os extraordinários azulejos da sacristia da Igreja do Colégio de Angra. Mais para o sul deixaram os holandeses na Ilha de São Tomé os azulejos que decoravam a Capela da Madre de Deus e, para o Brasil, teria João Maurício de Nassau levado grande quantidade de «tegels» para adorno do seu Palácio do Recife⁽¹⁵⁴⁾, encontrando-se ainda exemplares seiscentistas dispersos pelo Rio de Janeiro e outros locais.

Em Portugal continental, porém, só a partir dos finais do século XVII, e, com maior insistência na primeira década do XVIII, se vulgarizaram os azulejos de figura avulsa holandeses e, curiosamente também, limitados a localidades portuárias: Viana do Castelo, Figueira da Foz, Lisboa e Setúbal. Concluímos assim que não teria havido um comércio regular para este tipo de azulejo da Holanda, antes ele seria encomendado e trazido por virtude de meras relações pessoais entre os mareantes e os seus clientes portugueses.

Verifica-se também – o que parece confirmar a presunção atrás – que, à parte o caso dos azulejos holandeses que profusamente ornamentaram as casas dos Meios da Figueira da Foz – Casa do Paço – e de Lisboa – hoje Hospital de Santo António dos Capuchos – não houve grandes encomendas. Por outro lado, sendo holandeses os grandes revestimentos em painéis das igrejas da Madre de Deus, de Nossa Senhora

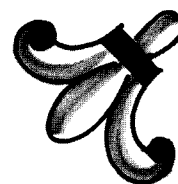
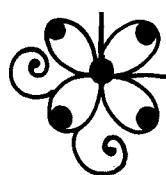
(153) SIMÕES, 1955.

(154) SIMÕES, 1959d.

da Conceição dos Cardais de Lisboa, ou da Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, aí se não encontram azulejos de figura avulsa da mesma proveniência.⁽¹⁵⁵⁾

Os investigadores e metodólogos holandeses costumam compartimentar os «enkele tegels» consoante o tipo de ornato dos cantos dos azulejos, consoante os motivos centrais ou ainda conforme as técnicas de pintura. Os ornatos cantonais serviam para permitir uma certa continuidade óptica, formando, na junção de 4 azulejos um centro de interesse rítmico.

O motivo fundamental destes ornatos parece ter sido a *flor-de-lis* que, de estilização em estilização, veio a dar o ornato conhecido por *ossekopje* (cabeça-de-boi). O outro ornato comum é uma flor de quatro pétalas a qual, por sua vez, se vai simplificando no *spinnekopje* (aranhiço) até se fixar no século XVIII. O azulejo holandês de figura avulsa que primeiro deve ter inspirado o azulejador português é o tipo de canto de flor-de-lis, logo transformado e simplificado. No entanto foi o «aranhiço» aquele que prevaleceu e que deu, por simplificação, o canto bem conhecido das «estrelinhas».



Além destes ornatos estandardizados, outros foram usados, acabando por se adoptar a estrela de oito pontas, já na segunda metade do século XVIII sempre de pintura azul⁽¹⁵⁶⁾.

Cabe desde já assinalar a presença de um tipo mais raro de azulejo de figura avulsa de pintura policroma sem dúvida de fabricação lisboeta da segunda metade do século XVII, no qual o motivo ornamental principal é uma flor – também por vezes um barco – sem cantos de ligação e cujos principais exemplos representativos são os da antiga Capela de Santa Luzia⁽¹⁵⁷⁾ e da Sacristia de São Domingos de Viana do Castelo, da Capela de Santo António sobre São Martinho do Porto, os da capela da Quinta do Anjo, e os da Igreja da Misericórdia de Vila Verde dos Francos, e da Capela do Corpo Santo de Setúbal.

Fabricação esporádica, segundo julgo, estes azulejos, aliás deliciosos nas cores e nos desenhos, representam casos isolados na linha de produção portuguesa.

(155) O *enkele tegel* holandês passou a constituir objecto de colecção e encontra-se regularmente no mercado antiquário. Na sua grande maioria são importações recentes da Holanda, onde se mantém uma indústria fornecedora de «azulejos dos séculos XVII e XVIII» nomeadamente em Delft e em Makkum.

(156) Para Vergílio Correia (*apud* Feliciano Guimarães, *Op. Cit.* p. 46) os azulejos de figura avulsa mais antigos não tinham ornatos cantonais. É difícil, se não impossível, aceitar tal afirmação, já por não se encontrarem exemplares datados ou documentados destes tipos, já por, de certa maneira, contrariar a lógica ornamental vinda do século XVII, que impunha «centros de rotação» como elementos de ligação óptica. De resto, se, como se admite, os azulejos de figura avulsa portugueses derivam dos protótipos holandeses, é ali que melhor se exemplificam os ornatos dos cantos.

(157) Segundo Feliciano Guimarães (GUIMARÃES, 1932, p. 48) os azulejos da capela estavam datados de 1701 em um dos painéis hagiográficos, representando São Pedro.

É de tal forma numerosa e variada a gama da azulejaria portuguesa de figura avulsa que se torna impossível esboçar sequer uma enumeração temática. Ela alonga-se no tempo desde a primeira década do século XVIII até ao final do século, prolongando-se ainda hoje, ao sabor da fantasia dos azulejadores ou dos seus clientes. Tudo servia para pintar nesses modestos azulejos, desde simples flores nas mais variadas posições, às aves e animais, aos emblemas, às figurinhas caricaturais. Casos houve, e não poucos, em que se favoreciam temas específicos para as aplicações, tais os motivos de culinária destinados a cozinhas – o prototipo é a conhecida cozinha do pavimento térreo do Palácio do Correio-Mor, em Loures – ou figuras de frades capuchos – como, por exemplo, no Convento franciscano de Vila Viçosa. Tem-se procurado ver nessas representações o reflexo dos usos e costumes portugueses da época, dando-lhe exagerada importância como documentos etnográficos. Ainda que haja numerosas figurinhas populares identificáveis com modestas actividades portuguesas, a maior parte eram inspiradas em estampas e gravuras estrangeiras, tais os marinheiros fumadores de cachimbo, chineses de sombrinha, patinadores, etc., etc.

Lisboa foi, ainda para este tipo de azulejo, o grande centro produtor e aqui se fixaram certos termos ornamentais específicos: os cantos de estrelinhas. No entanto, a facilidade e barateza de produção deste azulejo tão simples atraiu todos os outros centros alfareiros de Portugal, e em cada um se fixaram verdadeiros tipos que permitem diferenciações regionais.

Coimbra produz, desde o princípio do século XVIII, um azulejo de figura avulsa típico e inconfundível. O motivo central ocupa praticamente toda a superfície do ladrilho, sem necessidade de ornatos nos cantos.

No Porto (Gaia) o azulejo de figura avulsa é praticado em abundância e variedade, podendo mesmo considerar-se mais de um tipo diferenciado. Enfim, em Viana do Castelo e ao longo da Ribeira Lima⁽¹⁵⁸⁾ encontramos outro tipo deste azulejo, com características próprias, que julgamos originário de Viana do Castelo, se bem que não se possa enquadrar tecnicamente na produção da Fábrica de Darque, esta, como é sabido, fundada em 1774. Teria havido alguma oficina cerâmica ou simples olaria onde, por 1740, se tenham feito tais azulejos?⁽¹⁵⁹⁾

Quanto à fabricação portuense ela é caracterizada por mais de um tipo de azulejo, sempre de pintura em azul-escuro e pouco vibrante. Um modelo que teve grande aceitação e que deve datar dos primeiros anos do século XVIII mostra-nos cabeças humanas, ou fantásticas, de perfil, em muitas das quais é comum ver-se uma flor saindo da boca. Estas cabeças, acentuadamente burlescas, enchem toda a superfície do azulejo, não havendo ornatos cantonais. Tais motivos não são originais, antes serviam também para a decoração de louça popular, pelo que se conclui que tais azulejos eram produzidos em olaria de louceiros.

Um segundo tipo encontrado entre a produção do Porto-Gaia é o azulejo que ostenta uma grande flor, ocupando toda a superfície, tipo aliás também encontrado em Coimbra mas, ao que parece, ignorado na azulejaria lisboeta.

Fabricaram-se ainda nas oficinas do Porto azulejos de «cantos», seguindo os modelos lisboetas (ou holandeses) mas onde o desenho acusa certos traços de inabilidade, aproximando-se dos tipos acima mencionados. Agora os motivos – flores, casas e pássaros – apresentam-se isolados no centro do azulejo ou assentam no bordo inferior. Os ornatos são as «estrelinhas», algumas de desenho muito miúdo. Finalmente depara-se-nos outro tipo, semelhante ao anterior, mas com figuração humana ou animalística, de azul-escuro e desenho tosco, mal centrado. Em muitos casos a posição das figuras faz supor que os azulejos se destinavam a ser colocados diagonalmente, talvez destinados a escadas. Os poucos exemplares que conhecemos fazem supor que não se tratou de produção intensiva e antes ela seria esporádica e responderia a encomendas ou caprichos. Na verdade não lográmos encontrar estes azulejos colocados *in situ*, mas apenas recolhidos em colecções e museus.

(158) Feliciano Guimarães (*Op. Cit.*, p. 44) refere os azulejos da sacristia da igreja do antigo Convento de Santo António de Ponte de Lima, atribuindo-lhes datação ao redor de 1740.

(159) Sobre esta hipotética oficina *vide*, no Elenco deste volume, a nota que acompanha o texto relativo ao antigo Convento de São Bento dos Arcos de Valdevez.

Têm os azulejos de figura avulsa – devido à graciosidade da figuração, facilidade de colocação e, de certo modo, baixo preço – sido objecto de comércio antiquário, abundando no mercado mercê das destruições de edifícios urbanos, particularmente em Lisboa. Irão certamente rareando e, dentro em pouco, serão objecto de especulação.

Convém, portanto, registar desde já alguns tipos menos comuns, sendo praticamente impossível elaborar um «catálogo» de todas as variedades. Assim, assinalamos aqui algumas «séries», consoante as temáticas:

- a) flores e frutos
- b) animais
- c) alegorias
- d) figuras
- e) embarcações
- f) paisagens

Está fora do âmbito deste volume, por pertencer já à produção do século XIX, certo tipo de azulejo de figura avulsa portuense, extremamente gracioso, e cuja curta prevalência no tempo o torna raro. Eram azulejos feitos provavelmente na Fábrica de Miragaia, em época vizinha de 1830-40.⁽¹⁶⁰⁾ Fabricação ocasional, utilizando o processo da «estampilha», estes azulejos têm saboroso cunho caricatural e político. Reflectem, na sua ingénua decoração, tipos populares da época das lutas liberais, tais como a efígie de D. Pedro IV, os «corcundas», vendilhões do Porto, de mistura com temas florais e animalísticos. A sua expansão foi pequena e, fora do Porto, apenas os encontrámos em Campanhã e em Viana do Castelo.⁽¹⁶¹⁾

(160) Quando das obras da Avenida Marginal do Douro, precisamente no local onde foi a fábrica de Miragaia, foram encontrados e recolhidos alguns destes azulejos, integrados hoje na coleção do Exmo. Senhor Engenheiro Bernardo Ferrão.

(161) Veja ainda sobre este assunto: VV. AA., 1994, pp. 47-63; VV. AA., 2007, pp. 67-80. (AGC)

REGISTOS DE AZULEJOS

Os pequenos painéis devocionais que tanto se popularizaram no século XVIII e que, por semelhança com as estampas que lhes deram origem, passaram a ser conhecidos em Portugal por «registos», são tão abundantes que a sua enumeração avolumaria demasiadamente o Elenco da azulejaria do século XVIII. Por esta razão, e dado o seu interesse monográfico, serão os registos objecto de um estudo complementar, ainda que integrados no *Corpus*.

No presente volume apenas nos limitamos a identificá-los tipologicamente, servindo como exemplo os que consideramos mais representativos de cada fase evolutiva.

O «registo» aparece isolado da decoração e é, na maioria dos casos, um tipo especial de ex-voto, encomendado com intenções piedosas. Ainda que estes quadros provenham dos pequenos painéis do século XVII, eles individualizam-se no século XVIII com características específicas, atingindo o auge de proliferação a partir de 1755, justamente, por virtude do Terramoto de Lisboa. Na verdade, de 200 «registos» conhecidos, cerca de 80% datam de depois daquela data e contêm, na sua imaginária, figuras de grande devoção popular, algumas tidas como intercessoras contra os terramotos e os incêndios: São Marçal, São Francisco Xavier, etc.

Tipologicamente os registos enquadram-se na própria evolução estilística do azulejo da sua época, passando dos formatos rectangulares para os quadros recortados nos quais os enquadramentos tomam grande valor ornamental. De pintura azul até cerca de 1760 eles vêm a enriquecer-se, depois, com amarelos, verdes e manganês, tal como na restante azulejaria.

Estes quadros ou eram propositadamente encomendados com destino certo, ou seriam fabricados para a clientela menos exigente, a quem apenas interessava uma aplicação convencional. Assim, as próprias dimensões eram ditadas pelos espaços que iriam ocupar pela importância relativa dos edifícios a que se destinavam, ou, feitos em série, em formatos standardizados.

Apesar da enorme produção destes quadros votivos, não se encontram dois perfeitamente iguais, a não ser quando constituíam pares ou agrupamentos equilibrados.

O registo compõe-se sempre de duas partes principais: a área central e a moldura. Na primeira figuravam as imagens religiosas e na segunda frequentemente se inseriam imagens secundárias, metidas em pequenas cartelas, assim como na grande maioria dos casos a inscrição votiva, com o título da imagem – raras vezes dos doadores – e os cronogramas correspondentes ao ano da fabricação. Assim os registos constituem das mais copiosas fontes cronográficas para o estudo da azulejaria e tanto basta para que sejam considerados principalmente como documentos históricos.

Quando não possuem datação esta é facilmente acertada por comparação estilística, consoante os termos gramaticais dos ornatos. Por via de regra o registo recortado – o mais vulgar – era encimado por uma cruz. Parece mesmo que este remate era de regra o bastante para dar ao quadro a categoria de «registo».

No Elenco que acompanha este volume omitiram-se os registos, a não ser nos casos em que eles aparecem conjuntamente com outra azulejaria setecentista. Para informação mais geral enumeramos a seguir os painéis deste tipo que consideramos paradigmáticos, ordenados cronologicamente.⁽¹⁶²⁾

- 1698 – ÉVORA – Igreja de Santa Marta
- 1698 – LISBOA – Colecção Doutor Coelho da Cunha
- 1714 – JUNCEIRA – Igreja de São Mateus
- 1721 – LISBOA (Marvila) – Rua de Marvila, 131 [R]
- 1725 – CARNIDE – Convento de Santa Teresa
- 1728 – PAIO PIRES – Rua José António Rodrigues, 66
- 1732 – LISBOA (Olivais) – Quinta da Chapeleira
- 1733 – LISBOA – Colecção Vilhena
- 1735 – VILA VIÇOSA – Porta dos Nós
- 1736 – ÉVORA – Capela de Nossa Senhora da Cabeça
- 1737 – LISBOA – Rua do Castelo Picão, 39 [IS]
- 1737 – LISBOA – Rua do Espírito Santo, 31-33 [Santos Simões duplica esta localização, indicando as datas de 1737 e 1757, sendo esta última a referência correcta]
- 1740 – Registo que apareceu à venda na Holanda, em 1948
- 1743 [1742] – LISBOA (Benfica) – Travessa da Cruz da Hera [Era], 2-4 [R]
- 1744 – LEIÃO – Prédio sobre a estrada
- 1744 – LISBOA – Rua das Amoreiras
- 1747 – LISBOA (Palma) – Rua Direita da Palma de Baixo, 6 [IS]
- 1747 – LISBOA – Rua do Possolo [R]
- 1748 – ALENQUER – Rua do Avelar
- 1748 – LISBOA – Calçada de Carriche, 15 [R]
- 1748 – LISBOA – Colecção Vilhena
- 1749 – LISBOA – Rua do Poço dos Negros, 112 [R]
- 1749 – LISBOA – Rua dos Remédios, 145 [IS]
- 1750 – LISBOA – Casa do Senhor Dr. Fausto de Figueiredo, ao Campo Grande
- 1750 – LISBOA – Colecção Vilhena [D] [correspondência possível com MNaz, inv. 6109]
- 1750 – MOITA – Rua da Vila
- 1750 – MONTIJO – Rua dos Combatentes
- 1750 – VILA VIÇOSA – Rua dos Gentis
- 1751 – ALCÁCER DO SAL – Rua da República, 20
- 1751 – COIMBRA – Museu Machado de Castro
- 1751 – LISBOA – Rua do Lumiar, 87 [R]
- 1752 – LISBOA – Travessa de São Pedro de Alcântara [IS]
- 1754 – ÉVORA – antigo Convento dos Lóios
- 1754 – LISBOA – Rua dos Cegos, 2 [R]
- 1754 – LISBOA – Colecção Vilhena [D] [correspondência possível com um registo com origem no Beco do Colégio dos Nobres, 4-6, Lisboa]
- 1754 – BELAS – Ponte de Carenque
- 1754 – ÉVORA – Rua da Celaria, 42

(162) Indicamos informações suplementares relativas à situação actual de alguns registos com proveniência da cidade de Lisboa e que constam do corpo de estudo da dissertação de mestrado com o tema *Registos de Santos em Azulejo, Fontes Gravadas*, da autoria de Joana Campelo (*vide* também, CAMPELO, 2008): D – Destacado, hoje pertencente a colecção pública ou privada; IS – *In situ*, ainda hoje inserido no edifício de origem; R – Removido do edifício de origem e sem confirmação do seu desaparecimento ou da situação actual; RI – Registo colocado no interior do edifício. Em alguns exemplares, a atribuição de «removido» não é segura pelas ausências simultâneas de uma imagem que permita afirmar se o exemplar é um registo de fachada ou de interior e da verificação do interior do edifício, ou dúvidas no arruamento indicado. De seguida, enumeram-se outros registos datados para a cidade de Lisboa, ordenados cronologicamente e com informação suplementar da mesma natureza. (JC)

- 1755 – LISBOA – Calçada da Bica Grande, 43 [R]
 1757 – LISBOA – Escadinhas dos Remédios, 1 [IS]
 1757 – Lisboa – Rua de Buenos Aires [R?]
 1757 – LISBOA – Rua do Espírito Santo, 31-33 [IS]
 1757 – RIBEIRA BRANCA – Fachada de um prédio
 1757 – SETÚBAL – Largo da Misericórdia, 40
 1758 – LISBOA – Beco do Belo, 3 [IS]
 1758 – LISBOA – Coleção Vilhena [D] [correspondência possível com MNaz inv. 6112 e com referência de José Queiroz para a Rua Vicente de Borga (?), 79]
 1758 – LISBOA – Estrada da Luz, em frente ao n.º 63 [R]
 1758 – LISBOA – Rua do Sacramento à Lapa, 24 [IS]
 1758 – SINTRA – Praça
 1759 – LISBOA – Estrada do Paço do Lumiar [muro da Quinta dos Duques de Palmela] [R]
 1760 – BARREIRA ALVA – em frente da Capela de Nossa Senhora da Lapa
 1760 – LISBOA – Largo do Calhariz, 17 [Palácio Valada-Azambuja] [RI?] [2 registos formando um par, sendo apenas um datado]
 1760 – LISBOA – Coleção Vilhena
 1760 – MOITA – Estrada do Montijo
 1760 – MONTIJO – Moinhos do Alto das Barreiras
 1760 – MURGEIRA – Em frente de uma capela, na estrada para Encarnação
 1760 – PRAGAL (Almada) – Palácio dos Condes das Antas
 1760 – SAZES (Penacova) – Capela de São Francisco
 1763 – CHAMUSCA – Casal de São João
 1763 – IGREJA NOVA – Fachada à entrada da povoação
 1763 – LISBOA (Castelo) – Rua das Flores de Santa Cruz, 4 [R]
 1764 – LISBOA (Charneca) – Campo das Amoreiras [actual Largo da Charneca do Lumiar], 43 [R]
 1764 – LISBOA (Sé) – [Beco do] Arco Escuro, 7 [R]
 1765 – LISBOA (Bairro Alto) – Rua da Barroca, 36 [R?]
 1765 – LISBOA (Baixa) – Rua da Conceição, 103 [R?]
 1766 – LISBOA (Baixa) – Rua da Conceição, 107 [RI] [R]
 1767 – LISBOA (Lumiar) – Rua do Lumiar, 164-166
 1767 – LISBOA – Rua do Comércio, 130 [RI] [IS]
 1767 – LISBOA – Rua d’El-Rei [actual Rua do Comércio. Possível sobreposição com a referência anterior]
 1767 – LISBOA (Mouraria) – Rua de João do Outeiro, 60 [R]
 1767 – QUINTANILHA – Quinta das Maduras
 1769 – CARNOTA – Quinta da Carnota
 1770 – LISBOA (Alfama) – Beco do Maquinez, 10 [IS]
 1770 – LISBOA (Baixa) – Rua Nova do Almada, 53 [RI] [IS]
 1771 – BELAS – Largo das Amoreiras
 1771 – SINTRA – Quinta do Ramalhão
 1773 – CORUJEIRA – Ermida de Nossa Senhora da Penha de França
 1774 – VENDA DO PINHEIRO – No muro de uma quinta
 1775 – CARAMUJO (Almada) – Sociedade Industrial «Aliança»
 1776 – ÓBIDOS – Igreja da Misericórdia
 1776 [1777] – LISBOA (Mouraria) – Rua da Amendoeira, 6 [R]
 1779 – COIMBRA – Museu Machado de Castro
 1779 – TAVIRA – Rua da Corujeira Pequena, 57
 1780 – CONDEIXA-A-NOVA – Rua da Condeixinha, 111
 1780 – LISBOA (Lumiar) – Estrada da Torre, 73 [R]
 1782 – CONDEIXA-A-NOVA – Rua Principal

- 1783 – LISBOA – Rua Nova da Piedade, 35 [R]
 1786 – CANEÇAS – Largo da Igreja, numa fachada
 1786 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1786 – LISBOA – Rua do Crucifixo, 8 [R?]
 1787 – GUERREIROS – Quinta
 1787 – LISBOA – (Amoreiras) – Rua das Amoreiras, na ábside da Capela de Monserrate [IS]
 1787 – LISBOA – Rua de São Julião, 55 [R]
 1787 – LISBOA – Rua da Madalena, 27 [R]
 1788 – ERICEIRA (SÃO JULIÃO DA) – Numa fonte a caminho da praia
 1788 – TOMAR – Avenida Torres Pinheiro
 1789 – LISBOA (Ajuda) – Rua de Trás dos Quartéis, 15 [R]
 1790 – LISBOA (Ajuda) – Calçada da Boa Hora, 180-182 [180-184] [R]
 1790 – LISBOA – Colecção Vilhena [D] [correspondência possível com um registo com origem na Rua de São Marçal, 51, Lisboa, hoje na coleção MNAz, inv. 6105. Elemento de um par, com um segundo registo datado que pertenceu à mesma coleção, e com origem na fachada oposta do mesmo edifício]
 1790 – LISBOA (Baixa) – Rua dos Fanqueiros, 221 [R]
 1790 – LISBOA – Rua das Flores, 18 [IS] [RI]
 1790 – LISBOA (Carnide) – Rua das Parreiras, 16-18 [IS] [dois registos datados formando um par]
 1790 – SETÚBAL – Igreja de Santa Maria da Graça
 1791 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1792 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1794 – CANEÇAS –
 1794 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1794 – LISBOA (Pedrouços) – Rua da Praia de Pedrouços, 77 [R]
 1795 – LISBOA – Calçada da Boa Hora, 149 [R]
 1795 – LISBOA (Corpo Santo) – Travessa do Ferragial [R]
 1795 – COIMBRA – Museu Machado de Castro
 1796 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1797 – LISBOA – Rua da Procissão [actual Rua Cecílio de Sousa] (arrancado) [R]
 1799 – ESTREMOZ – Museu da Biblioteca
 1801 – LISBOA – Travessa dos Coruchéus
 1802 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1803 – LISBOA (Olarias) – Travessa do Terreirinho, 10 [R]
 1804 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1805 – CASAL COCHIM (Sobral de Monte Agraço) – Quinta Nova de Nossa Senhora
 1807 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1808 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1815 – LISBOA (Graça) – Rua da Senhora da Glória, 93 [R]
 1816 – LISBOA – Colecção Vilhena
 1818 – BARCARENA – Prédio atrás da Igreja Matriz
 1819 – LISBOA – Colecção Vilhena⁽¹⁶³⁾
 1821 – LISBOA – Rua da Palmeira, 47 [IS] [dois registos justapostos, sendo apenas um datado]
 1825 – LISBOA (Bairro Alto) – Rua Luz Soriano, 158 [R]
 1826 – LISBOA – Rua Direita da Palma de Baixo, 3 [R]
 1833 – ALDEIA GALEGA – Em um moinho de vento

(163) A propósito deste assunto, recorde-se o que o Eng.º Santos Simões escreveu no volume IV – Tomo II da *Azulejaria Portuguesa do Século XVII*, a p. 94: «Da vasta e notável coleção de azulejos reunida pelo Comandante Ernesto Vilhena, destacam-se os painéis devocionais – “registos” – com os quais se guarneceram os muros do jardim e a fachada do prédio que lhe faz face. São, na sua maioria, exemplares do século XVIII, recolhidos principalmente em Lisboa».

- 1833 – SINTRA – Calçada de São Pedro, 29
 1852 – ALCOCHETE – Moinhos de vento
 1858 – LISBOA (Charneca) – Estrada de São Bartolomeu, 11 [R?]
 1867 – BARREIRO – Igreja de Nossa Senhora do Rosário
 1867 – LISBOA – Rua dos Remédios, 126 [R]

[Outros registos datados da cidade de Lisboa e da antiga Colecção Vilhena:

- 1733 – LISBOA – Antiga Colecção Vilhena (D)
 1742 – LISBOA – Azinhaga da Fonte (Quinta de Santo António) (IS)
 1744 – LISBOA – Palácio Pimenta, Campo Grande (IS)
 1745 – LISBOA – Antiga Colecção Vilhena (D)
 1750 (?) – LISBOA – Estrada de Benfica, 661 (R)
 1758 – LISBOA – Travessa do Calado, 2 (D) (Museu da Cidade, inv. AZU.R.0013)
 1757 – LISBOA – Travessa da Oliveira à Lapa, 3 (?) (D) (Colecção particular)
 1771 – LISBOA – Antiga Colecção Vilhena (D) (Colecção MNAz, inv. 1643)
 1772 – LISBOA – Rua da Misericórdia, 85 (IS) (RI)
 1790 – LISBOA – Calçada da Boa Hora, 180 (R)
 1798 – LISBOA – Igreja dos Santos Reis Magos, Campo Grande (D?)
 1801 – LISBOA – Rua do Vale de Santo António, 184 (R)

Da análise de tantos exemplares, resulta a presunção de que, pelo menos entre 1755 e 1770, os registos eram feitos em oficinas especializadas, dispondo de um vasto repertório de imagens estampadas, e de «ris-cos» de molduras. No entanto, como já se disse, não há dois registos precisamente iguais, o que pressupõe uma actividade de espantosa variação.

A esta categoria podem juntar-se os pequenos exemplares de «alminhas», já contidas num único azulejo, já em quadras de 4 azulejos. A figuração é convencional, mostrando as «almas» em meio-corpo, emergindo das chamas do purgatório. Muitas estão acompanhadas de legendas, ou simplesmente das iniciais: P.N.A.M. – *Padre Nosso Ave Maria*, P.A. – *pelas almas*; O.P.N. – *ora pro nobis*. Seriam os produtos mais económicos ao alcance das bolsas mais modestas, bastantes para uma afirmação de fé. Espalham-se, no tempo, desde os princípios do século XVIII, e sobrevivem, ainda que esporadicamente, no século XIX.

EX-VOTOS E PAINÉIS DE AZULEJOS MARINHEIROS DO SÉCULO XVIII

E RA natural que os temas marítimos tivessem inspirado os azulejadores portugueses dos séculos XVII e XVIII. Na verdade, estando as oficinas estabelecidas em Lisboa, em bairros «marinheiros» – Santa Catarina e Mocambo – e sendo Lisboa o famoso porto atlântico, animado com a presença de navios de todos os portos e nações, seria de esperar que os artistas e artífices se deixassem impressionar pelo espectáculo naval, tão belo quão sugestivo.

É forçoso porém admitir que, dentro da espantosa quantidade de azulejos produzidos, são relativamente poucos os exemplares vultuosos representando navios ou cenas náuticas. Os navios ocorrem no azulejo – como aliás na pintura e na gravura – em circunstâncias várias e que podemos sistematizar:

- a) Como meros acessórios em composições, como em vistas de portos ou paisagens litorâneas; e
- b) Como elementos fundamentais na reprodução de batalhas navais, esquadras festivas, viagens ou em quadros votivos.

Na maioria dos casos usavam-se estampas correntes, destacando delas os elementos com os quais se compunham os painéis. Em poucos casos tratava-se de desenho feito propositadamente para os azulejos de acordo com o assunto que especialmente se tratava. Nunca, porém, houve da parte do azulejador preocupação verista e, ainda menos, cuidados técnicos quanto ao retrato dos navios, sendo convencionais e arbitrárias as formas dos cascos, a disposição do aparelho, a exactidão da manobra. Os navios aparecem-nos como que estereotipados e, em geral, arcaizantes, já por negligência dos pintores, já por utilizarem modelos antigos e que eles próprios alteravam em tentativas de actualização morfológica. Não são portanto «documentos» nos quais os nautologistas possam confiar, mas constituem, sem dúvida, dos mais atraentes azulejos historiados.

Na produção azulejar holandesa avultam as representações de barcos e de fainas marítimas, já nos deliciosos azulejos avulsos, já em painéis mais ambiciosos: os *Tegeltableaux*. Os pintores de azulejos recorriam a estampas ou desenhos alheios, tendo, no entanto, grande cuidado em reproduzir tão exactamente quanto possível os modelos.

Todos os autores que têm estudado o azulejo holandês referem os trabalhos de Boumeester e de Graaf e preocupam-se em buscar as fontes inspiradoras destes azulejadores.⁽¹⁶⁴⁾

Os velhos pintores e gravadores vindos dos séculos XVI e XVII, como Romeyn de Hooghe, R. Savery, C. J. Visscher, A. de Verwer, J. Hondis, D. Lons e Rainier Nooms forneceram temas para os azulejos holandeses, mas foi sobretudo a partir de 1740 que se popularizaram os painéis com motivos navais, quando se publicaram as três séries de estampas de A. van der Laan (1690-1742): cenas de mar, *A Grande Pescaria* e *A Pequena Pescaria*.

(164) Na obra da Baronesa Dr.^a C. H. de Jonge – JONGE, 1971 – há um capítulo dedicado à pintura de navios em azulejos (p. 83), no qual se compilam várias notícias de outros autores, avultando as que Jan Pluis condensou no opúsculo «De invloed van de etsen van A. van der Laan op tegelschilders von Schepentableaux» (publicação do Museu Marítimo de Sneek, 1968).

Os azulejadores, principalmente de Harlingen e de Makkum, exploram aquelas gravuras, reproduzindo-as fielmente ou aproveitando-as para novas composições. No final do século e durante praticamente todo o século XIX os quadros de azulejos com navios tornaram-se comuns e eram procurados principalmente pela gente do mar – armadores, capitães, etc. – para adornarem as suas moradias. Ainda hoje alguns se conservam *in loco* – por exemplo em Hallig Hooge, Wyk auf Föhr, centros importantes durante a época áurea da pesca da baleia.

Portugal, onde os azulejos da Holanda chegaram no terceiro quartel do século XVII – quando ainda ali se não tinha generalizado o uso dos «Schepentableaux» – não foi atingido por esta moda, antes os navios e cenas marítimas aparecem de mistura com outros elementos figurativos.

Se não tivemos, como a Holanda, marinhistas especializados transpondo para a cerâmica decorativa as estampas tão vulgarizadas ali, se não tivemos um Boumeester ou um G. D. Graaf, praticámos no azulejo uma infinidade de temas traduzidos desses mesmos modelos que os Países Baixos, a Alemanha, mais tarde a França e a Inglaterra punham no mercado.

Na Holanda desde cedo os «tegelmakers» procuram nas embarcações motivo para os seus azulejos mas, ali, não faltavam as fontes de inspiração, na vida quotidiana e contacto íntimo com a navegação interna e externa. A Holanda é um pedaço de terra rodeado de mar por todos os lados... O barco foi o veículo por excelência, algumas vezes mesmo a habitação e fazia parte do cenário da vida, tal como entre nós eram as montanhas e colinas, os bosques e os campos arados. Ali a classe dominante eram os mercadores burgueses, todos quase sem excepção ligados ao mar; aqui era uma aristocracia eclesiástica, marcial ou cortesã, distribuindo os ócios entre os prazeres da mesa, os mistérios da religião e da piedade ou os exercícios venatórios.

Poucos se aventuravam no mar por prazer. Esteio importante da economia nacional, a marinha era uma «profissão» e as viagens uma «obrigação», nunca, que saibamos, um «divertimento». Só os sucessos dramáticos – tempestades, naufrágios, combates – podiam interessar uma clientela emocional e, sobre estes aspectos, vemos debruçarem-se os pintores de azulejos do século XVIII.

Casos raros nos oferecem certas representações que fogem à regra. A mais notável é a dos painéis do salão do Palácio do Correio-Mor, em Loures, onde a vida de um barco é simbolicamente emparelhada à vida humana. Em cenas portuárias, representando Lisboa, os navios são acessórios ainda que apresentados em primeiros planos. De destacar são as «Vistas de Lisboa» no Museu do Azulejo, ou os painéis da Ordem Terceira de São Francisco do Salvador (Baía, Brasil).

Batalhas navais são em geral apresentadas nos seus aspectos religiosos como parte da iconografia de Santos, ou mariana: a Batalha de Lepanto, ligada à Instituição da devoção do Rosário, é fantasiada na capela do Barruncho. Vitórias navais sobre mouros e argelinos ligam-se a representações gráficas de Santiago. A própria vitória do Cabo de Matapan, em 1717, é apresentada num azulejo, para exaltar a fé.

As cenas em mares tempestuosos explicam os «milagres» e são outros tantos ex-votos marinheiros, como os quadros e «memórias» que os marítimos dispunham nas igrejas e capelas de oragos milagreiros.

Os núcleos mais notáveis de painéis de ex-votos em azulejo, vão-se encontrar, curiosamente, em território extra-europeu. Já os vimos no Brasil, integrados no famoso conjunto da capela-mor da Igreja da Boa Viagem, em Itapagipe, arredor da cidade do Salvador (Baía)⁽¹⁶⁵⁾, onde se representam «milagres» devidos à intercessão de Nossa Senhora da Boa Viagem, acontecidos a viajantes das frotas do Brasil, respectivamente em 1726, 1731, 1720 e 1737. Os painéis, executados simultânea e expressamente para a decoração da capela-mor da igreja, terão sido encomendados em Lisboa, em data próxima de 1743-46, conformando-se com os tipos mais comuns daquela época. Nas próprias legendas, que explicam cada um dos painéis, está expressa a sua origem, quando se lê que o milagre representado se deu nas viagens «vindo das ilhas para Lisboa», «vindo na frota do Brasil para Lisboa», ou «vindo do Maranhão». Nos quadros, as naus estão representadas com bastante veracidade, o que não é muito vulgar em trabalhos deste tipo.

(165) SIMÕES, 1965a, p. 97.

Também em Luanda (Angola), a Igreja de Nossa Senhora da Nazaré é escrínio de magnífica azulejaria votiva, com painéis ilustrando o «Milagre da Nazaré», e um «naufrágio» – ou pelo menos perigo de naufrágio – com a aparição da imagem de Nossa Senhora, entre nuvens. Parentes muito chegados dos azulejos de Nossa Senhora da Boa Viagem, de Itapagipe, deverão ser da mesma época: 1740-50.

Em Portugal revelam-se, neste género, os painéis da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, do Hospício da Boa Viagem e ainda os da sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, todos em Cascais. É curioso notar a coincidência dos locais e a das épocas de fabricação cerca de 1740. Não é de estranhar que tais motivos apareçam precisamente nas povoações marinheiras, e é natural que a piedade dos pescadores e embarcações nelas encontrasse motivo de devoção.

Ainda em Cascais, a Capela de Nossa Senhora da Nazaré contém outro repositório de ex-votos, em azulejo, integrados na decoração parietal: agora não são prodígios náuticos, mas «milagres» comuns de acidentes. No mesmo género e também em acção de graças à mesma Nossa Senhora, são os azulejos da capela, da sua invocação, existentes no Funchal, e de que já tratámos no volume dedicado à *Azulejaria nos Açores e na Madeira*,⁽¹⁶⁶⁾ estes de época mais próxima de 1720.

A esta mesma inspiração se devem as figurações de não poucos azulejos de figura avulsa, onde são frequentes as imagens de barcos de pesca. Aqui, porém, é sensível a influência holandesa, e em alguns dos casos, as embarcações foram decalcadas de estampas daquela origem, com barcos próprios das águas do Zuiderzee ou do Mar do Norte.

(166) SIMÕES, 1963a, p. 162.

Ao ordenar o *Elenco* deste volume, seguiu-se o critério usado por Santos Simões no volume 3.º do «Corpus» – *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI* – cuja introdução ao *Elenco* se transcreve:

A ordenação obedece a um critério geográfico seguindo a ordenação por distritos, do Norte para o Sul.

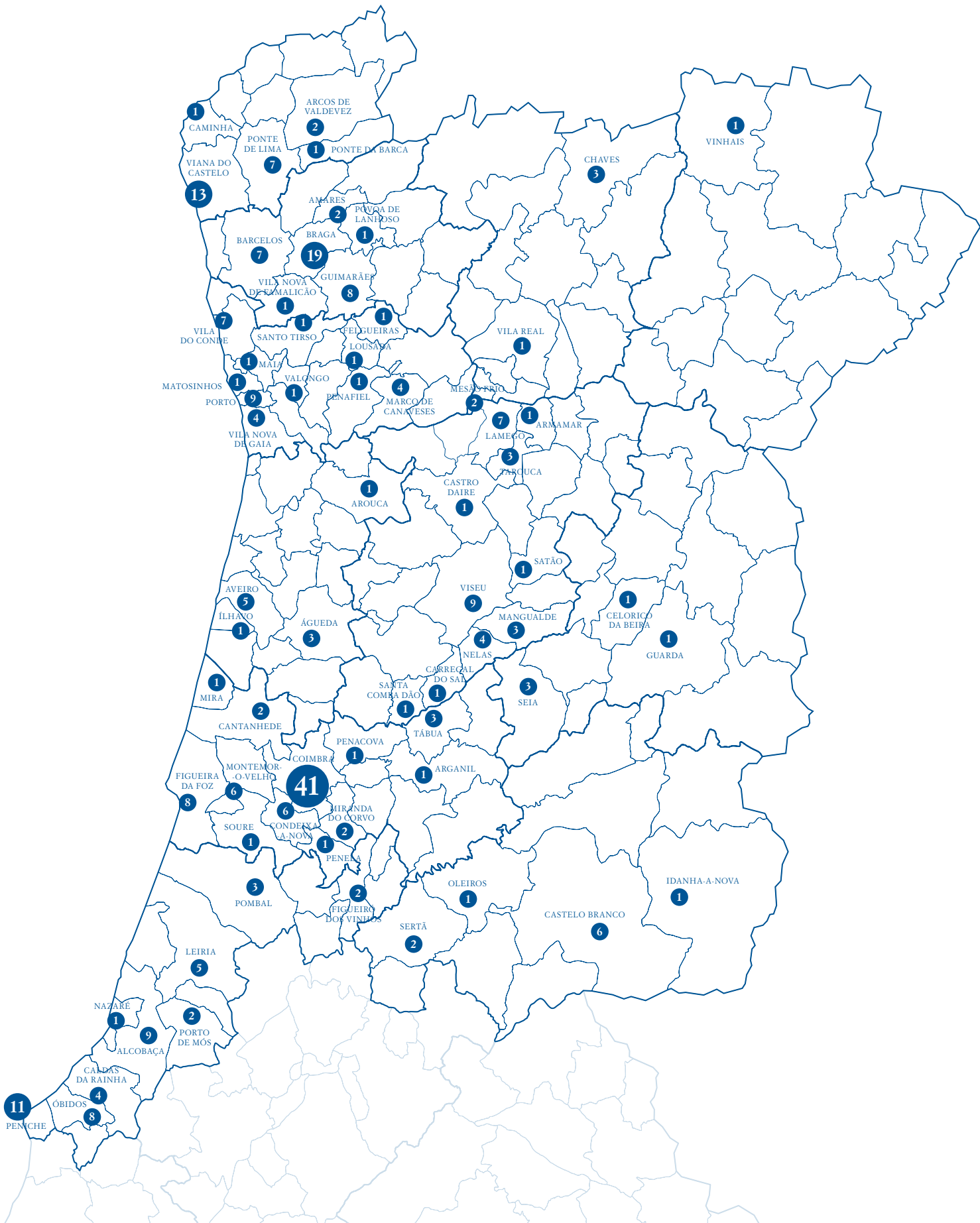
Dentro de cada concelho seguir-se-á uma ordenação alfabética por localidades, independentemente da sua importância relativa e, dentro desta, se enumerarão os núcleos pelas denominações por que são conhecidos. Em cada núcleo se destacarão em observações os elementos informativos julgados indispensáveis, assim como nos casos mais importantes se dará uma nota da bibliografia a eles respeitante. Procura-se assim reduzir ao mínimo as notações identificadoras no espaço e no tempo remetendo o leitor ao corpo do texto onde mais largamente alguns desses núcleos ou tipos morfológicos tenham sido tratados.

Na margem exterior ficarão as chamadas às páginas do textos e às ilustrações correspondentes.

O ELENCO não é um «inventário» com pretensões exaustivas, antes um «guia» e «elucidário» onde se registaram exemplares típicos da época em estudo, dispersos pelo país, e, por via de regra, visíveis em locais públicos. Oxalá os exemplares aqui mencionados possam merecer uma protecção oficial, ou pelo menos o respeito por parte das entidades que têm a responsabilidade da sua conservação!

ELENCO

DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS AZULEJARES DOS DISTRITOS DE VIANA DO CASTELO A LEIRIA



DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ

ARCOS DE VALDEVEZ

São Francisco, igreja do antigo Convento de (vulgo de São Bento)

A igreja, do tipo capucha, contém de grande interesse a decoração cerâmica, obtida exclusivamente com azulejos de figura avulsa, do tipo vianense, de que possui a maior colecção até agora vista.⁽¹⁶⁷⁾ Torna-se praticamente impossível enumerar os temas destes azulejos, onde há que admirar a ingenuidade e a extraordinária fantasia, executadas com a maior liberdade. O silhar principal, no corpo da igreja, tem 13 de altura, incluindo 1 de cercadura.

Na capela-mor o silhar é mais alto, de 16 azulejos e, na capela lateral do lado da epístola, de 12. No átrio, sob o coro, os mesmos azulejos numa guarnição de 7 de alto, aqui misturados com outros de tipo diverso: padrões policromos e estampilhados.

Deste modo haverá uns 4000 azulejos. Na grade do pórtico, datado de 1726, uma cena do *Martírio de Um dos Mártires de Marrocos*.⁽¹⁶⁸⁾

Na sacristia – em rodapé de 3 azulejos de altura –, bem como na igreja do lado da epístola na Capela de Nossa Senhora das Dores há testemunhos de recolocação e reaproveitamento de azulejos com forte componente decorativa, entrevedo-se anjinhos e consolas, remetendo para as décadas de 30-40 do século XVIII, aqui a colmatar falhas nos azulejos de figura avulsa.⁽¹⁶⁹⁾

PAÇÔ

Casa das Cortinhas

Silhares de azulejos de 7 de altura, policromos, de feição neoclássica do tipo da produção da Fábrica do Rato (1790-1800). Encontram-se no exterior da fachada nascente, na varanda e no interior da casa em diversas dependências. O Dr. Francisco Teixeira de Queiroz (Bento Moreno de nome literário) trouxe-os de Lisboa de um edifício demolido na Rua da Conceição.⁽¹⁷⁰⁾

CONCELHO DE CAMINHA

CAMINHA

Santa Clara, igreja do antigo Convento de – Escola Tecnológica, Artística e Profissional do Vale do Minho

Na igreja, agora afecta ao Internato Silva Torres, conservam-se os tapetes de azulejo de P-462, limitados por barra de folhagem branca sobre fundo azul. É nestas barras que se inserem três painéis figurados, cada um de 15 × 12 azulejos, com a imagem de Nossa

(167) Vide: GUIMARÃES, 1932, pp. 32 e 53 (este autor equivoca-se ao dizer que o azulejo reveste «de alto a baixo as paredes da igreja»).

J. M. dos Santos Simões liga estes azulejos – como outros da zona da Ribeira Lima – a uma hipotética oficina que teria existido em Viana do Castelo no segundo quartel do século XVIII (conforme escreve na Introdução ao presente volume, no capítulo sobre azulejaria de «figura avulsa»). Note-se, todavia, que nenhum documento surgiu até agora provando a existência de tal oficina. Por outro lado, os azulejos de «figura avulsa» da igreja do antigo convento de Cabanas (Afife – Viana do Castelo), que J. M. dos Santos Simões considerou de «fabricação de Viana, de cerca de 1740», e «semelhantes» aos da igreja do Convento de São Bento dos Arcos de Valdevez, são afinal de fabrico lisboeta, embora de à volta de 1745 (veja-se a nota que acompanha, neste volume, o texto relativo à igreja do convento de Cabanas). É pois muito provável que os azulejos dos Arcos de Valdevez, Ponte de Lima e Viana do Castelo a que J. M. dos Santos Simões atribuía uma origem vianense, tivessem vindo de Lisboa. FLÁVIO GONÇALVES

Também nada confirma e aponta para a autoria de Manuel Borges na pintura dos azulejos, como afirmado por OLIVEIRA, 1923. (PRA)

(168) Na grade surge o brasão dos Franciscanos e não o dito episódio dos *Mártires de Marrocos*. (PRA)

(169) Para a história do convento vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 95-99, e vol. 3, pp. 79-102; COSTA, 1984, pp. 18-19; DAMÁSIO *et al.*, 1989-93; FIGUEIREDO, 2008, 2 vols. (PRA)

(170) REIS, 1984, pp. 59-62. Para azulejaria similar vide: HENRIQUES, 2003, pp. 448-489; MECO, 1986, pp. 120 e 125-126; PEREIRA *et al.*, 1997, p. 138; PEREIRA, 1999, pp. 211-237; VV. AA., 2003b, p. 516. (PRA)

Senhora da Conceição, colocados na parede fundeira sobre a grade do coro, e dois de 12 × 9, respectivamente com as imagens de Santa Clara e de São Francisco, este último datado de 1716.⁽¹⁷¹⁾

CONCELHO DE PONTE DA BARCA

PONTE DA BARCA

Santo António do Buraquinho, capela do solar de Ponte da Barca (casa da cultura)⁽¹⁷²⁾

A capela apresenta silhares de 16 azulejos de altura sobre rodapé de 4 ½ azulejos em marmoreado manganês, o qual na fiada superior tem círculos em marmoreado azul. Trata-se de padronagem pombalina do terceiro quartel do século XVIII com florões em azul sobre fundo liso inseridos em malha de xadrez diagonal de motivos fitomórficos ondulantes com florões nos pontos de intersecção e pontos intermédios em manganês igualmente sobre fundo liso. Cercadura simples em azul com moldura arquitectónica a delimitar a padronagem.

CONCELHO DE PONTE DE LIMA

BERTIANDOS

Solar de Bertiaandos

Casa senhorial de raiz quinhentista com importantes intervenções nos séculos subsequentes. Capela com painel de azulejos no exterior 8 × 18 de pintura em tonalidades de azul, reportando-se a cena com figuras atacadas por pequenos demónios.⁽¹⁷³⁾

BRANDARA

Paço de Cardido

Na varanda que dá para o pátio, painel figurado azul, com barra de azulejos de acantos. Será de cerca de 1730-40.⁽¹⁷⁴⁾

Na capela foram colocados há anos vários painéis de azulejos que pertenceram a alguma igreja da Misericórdia. Formam silhar corrido, de 20 de alto, sobre um rodapé amarelo. Os painéis referem Obras de Misericórdia e a figuração está separada e enquadrada por ornamentação concheada de grande beleza. São obras lisboetas de cerca de 1750-60, de desenho convencional.

A capela apresenta seis painéis historiados na nave com legendas em latim correspondentes, então, às Obras de Misericórdia.⁽¹⁷⁵⁾ Do lado do evangelho as obras de misericórdia corporais:

- 1) *Inspientes anim advertere Prov 8. 5. (Castigar com caridade os que erram; abrange também a parede fundeira)*

(171) O painel da Imaculada Conceição baseia-se nitidamente em gravura a buril de Cornelis Cort por desenho de Federico Zuccaro, de 1574 (reproduzida em SOBRAL, 2004).

Para uma leitura iconográfica e síntese da cronologia do imóvel *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 323-343, 353-356 e vol. 3, pp. 103-118. E também: COSTA, 1706, t. I; ESPERANÇA, 1666, t. 2; FERNANDES, 2000a, p. 62; SOLEDADE, 1709. (PRA)

(172) Centro Cultural Freia Cruz e D. Bernarões/Associação de Revitalização Integrada e Património em Ambiente Rural. *Vide*: CARDONA, 2004, vol. 1, pp. 614-624; FERNANDES, 2000a, p. 81; www.monumentos.pt, 2009. (PRA)

(173) AURORA, 1956 e 1959; AZEVEDO, 1969; SILVA, 1958, vol. 1, pp. 275-282; *vide* «Solar de Bertiaandos», www.monumentos.pt, 2008. (PRA)

(174) A casa data de 1769 por iniciativa do Capitão-mor de Minas Gerais, Francisco Malheiro de Araújo; *vide*: CASTEL-BRANCO (coord.), 2002, pp. 25-27.

Rosário Carvalho dá-nos conta que o «actual proprietário, Dr. Miguel Portela Morais, apenas tem conhecimento que os azulejos foram trazidos para esta capela na década de 1960 pelo seu avô, Raul Lello Portela, encontrando-se várias caixas com azulejos numa arrecadação. Todavia, como a casa tem várias salas com revestimentos cerâmicos setecentistas, é possível que estes caixotes correspondam a outras séries». CARVALHO, 2007a, vol. 1, p. 239. Assim, também os restantes azulejos serão aplicações posteriores à sua época de produção e terão outra proveniência. (PRA)

(175) Para uma leitura iconográfica deste conjunto azulejar no âmbito das obras de Misericórdia *vide* CARVALHO, 2007a, vol. 1, pp. 241-245. (PRA)

- 2) *Ignorantes docere Cap. 18 v. 13 (Ensinar os simples)*
- 3) *Rectum Dare consum Numer 24 14 (Dar bom conselho a quem o pede)*

Do lado da epístola, as três obras de misericórdia espirituais:

- 4) *Sitim sedare Proverb. 25 21 (Dar de beber aos que têm sede)*
- 5) *Nuãos vestire Ezech 18 (Cobrir os nus)*
- 6) *Esurientes pascere Isai 58. 7 (Dar de comer aos famintos; abrange a parede de entrada)*

GEMIEIRA

Solar do Barreiro

Esta casa de raiz seiscentista, possui na ala norte sala com revestimento de silhares de 6 azulejos de altura. Apresentam cercadura de acantos e azulejos de figura avulsa com motivos diversificados e cantos com motivo dito de «estrelinha», de inícios do século XVIII. ⁽¹⁷⁶⁾

PONTE DE LIMA

Casa de Nossa Senhora da Aurora

Casa senhorial da família do Conde d'Aurora, antiga casa do Arrabalde, e onde morreu o Arcebispo de Braga D. José Bragança. ⁽¹⁷⁷⁾ Foi reconstruída no século XVIII, altura em que a Capela recebe lambril de azulejos de padrão barrocos. ⁽¹⁷⁸⁾

Santo António, igreja do Convento de (actual Museu dos Terceiros)

Na sacristia silhar de 8 de alto em painéis com azulejos de figura avulsa, azuis, de «estrelinha», tipo e fabricação de Viana, com cercadura própria. Mantém-se aqui a temática vianense, agora notavelmente enriquecida com figurações humanas, tipos populares, carros de bois, damas com «fontange», pássaros e flores, cabeça coroada com legenda «ai,ai», malhador, Cupido com a legenda «BORACHA», um escudo com leão rompante, tudo num total de 326 azulejos. ⁽¹⁷⁹⁾

QUEIJADA

Casa do Baganheiro

Casa senhorial construída no século XVII com ampliações e intervenções posteriores. Possui silhar neoclássico proveniente do refeitório do Mosteiro de Refóios do Lima. ⁽¹⁸⁰⁾

REFÓIOS DO LIMA

Escola Superior Agrária de Viana do Castelo, antigo Mosteiro de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho

Na casa do Capítulo restam alguns azulejos de 11 de alto, em painéis com medalhões, ilustrando vários hábitos de Cónegos Regrantes:

⁽¹⁷⁶⁾ Vide: CUNHA, 1994a; vide «Solar do Barreiro/Casa do Barreiro», www.monumentos.pt, 2008. A casa possui também diversos painéis da autoria de Jorge Colaço, nomeadamente no jardim e junto à capela. (PRA)

⁽¹⁷⁷⁾ AURORA, 1959, pp. 111-112. Vide: AZEVEDO, 1969; SEQUEIRA, 1950, pp. 30-31; SILVA s.d., vol. 2. (PRA)

⁽¹⁷⁸⁾ www.monumento.pt, 1996 e 2006. A capela tem a data de 1731, embora as obras na casa tenham decorrido entre 1714-18. (PRA)

⁽¹⁷⁹⁾ Acerca destes azulejos atribuíveis a cerca de 1743-44, vide: OLIVEIRA, 1923, pp. 248-255; GUIMARÃES, 1932, pp. 44-45. Quanto à localidade onde teriam sido feitos os azulejos, veja-se a nota que no presente volume acompanha o texto relativo ao antigo Convento de São Bento de Arcos de Valdevez. FLÁVIO GONÇALVES

Fr. Pedro de Jesus Maria José na *Crónica da Província da Conceição* deixa uma descrição da sacristia embora não mencionando os azulejos. Vide JOSÉ, 1760, t. II, l. I, pp. 123-124.

Sobre o azulejo, vide: ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 3; ARAÚJO, 1991, n.º 9, pp. 87-94; FELGUEIRAS, 1981, t. VI, pp. 196-213; MECO, 1989, 146-151; REIS, 1981, p. 12.

Para investigação recente sobre o edifício, sua evolução arquitectónica, opções artísticas e estilísticas, vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 95-99, e 41-144, vol. 3, pp. 49-68; FIGUEIREDO, 2008, pp. 63-67, 133 e segs., p. 334. (PRA)

⁽¹⁸⁰⁾ CUNHA, 1994b.

- 1) OS CONEG. R. DA / CATHD. DE PANPEL-
- 2) OS CONEG. R. DA CONG. / DE S. COSME
- 3) OS CONEG. R. DA CONG. / DE UALUERDE
- 4) (...) CONEG. R. DA CONG. / DE S. TIAGO
- 5) OS CONEG. R. DA CONG. / DE S. SALVADOR
- 6) OS D. D. PRIOR DA CONG. / DE PORT. EM HAB. PERLAT.
- 7) OS CONEG. R. / DE S. VITOR

São azulejos do tipo de grinaldas.⁽¹⁸¹⁾

Na cozinha, revestimento total de azulejos brancos, contornados por cercadura branca e peças pintadas.⁽¹⁸²⁾

Na sala de jantar, silhar de painéis almofadados, com florões em fundo marmoreado amarelo.⁽¹⁸³⁾

Toda esta azulejaria, como a demais que guarneceu o antigo refeitório, etc., é de cerca de 1800-05.⁽¹⁸⁴⁾

CONCELHO DE VIANA DO CASTELO

AFIFE

São João de Cabanas, igreja do antigo Mosteiro de

Azulejos de figura avulsa, semelhantes aos da igreja do Convento de São Francisco, de Arcos de Valdevez.

Fabricação de Viana, de cerca de 1740.⁽¹⁸⁵⁾

(181) Actualmente encontra-se o conjunto da Sala do Capítulo (ou Capela de São Teotónio segundo GUIMARÃES, 1934), no lado poente do claustro, incompleto, com apenas oito painéis policromos de desenho classicizante, alguns deles prevalecentes apenas ao nível do rodapé. Os silhares assentam em embasamento a imitar granito em tonalidade azul-claro de almofadas rebaixadas e florão na direcção do centro de cada painel; são delimitados no topo e base por barras em tons de castanho e amarelo, dando lugar a fundo liso azulado, sobre o qual surge decoração com finos festões floridos, que lateralmente se ligam a vaso florido sobre finas volutas em ferragem e acanto nos extremos, e no centro com cartela elíptica rodeada de acantos simetricamente dispostos em aletas, contendo na reserva interior figuração em azul e branco referente à iconografia dos Cónegos Regrantes e dos hábitos específicos respectivos, conforme explícito em legenda. É perceptível intervenção recente de consolidação e limpeza (entre 1988-1994) integrada na recuperação e reconversão do edifício em Escola Superior Agrária de Viana do Castelo, inaugurada em 1992 sob projecto do Arquitecto Fernando Távora. Vide www.monumentos.pt, ficha n.º IPA: 1607370006; TÁVORA, s.d., pp. 70-103. (PRA)

(182) O diálogo entre função e decoração revela-se bem conseguido e enriquecedor na cozinha através da decoração azulejar com a representação de alimentos suspensos de ganchos de ferro: presuntos com ramo de loureiro, réstias de cebolas e de alhos, peixes, chouriços e outros enchidos. (PRA)

(183) Esta última sala, hoje sala da Associação de Estudantes, tem silhares de azulejos bem conservados, com rodapé em marmoreado ocre e castanho de 2 azulejos de altura, seguido de silhar de 6 de altura em fundo azul rebaixado e almofadas a amarelo que enquadram o florão central, elíptico, com botões nos cantos e festão florido na parte superior; nos painéis mais estreitos a almofada adquire forma apontada nos extremos verticais mas apresenta igualmente o festão florido suspenso dos botões laterais. (PRA)

(184) A maioria dos azulejos descritos por Mendes Norton (NORTON, 1888) foi arrancada e vendida a particulares e antiquários, encontrando-se dispersa. O Dr. Luziano Brites, de São Pedro do Estoril, tem na sua casa alguns desses painéis.

Feliciano Guimarães no *Arquivo de Viana do Castelo* (1934, vol. I), a criticar o livro de Mendes Norton descreve os azulejos que ainda viu em Refóios de Lima, em 1934. Compara judiciosamente os azulejos de Refóios com os do claustro de Coimbra: «Não serão eles de fabrico lisboeta-Rato ou Bica do Sapato?». Aproxima os azulejos de Refóios dos da Igreja da Vitoria, de Lisboa, descritos por José Queiroz na *Cerâmica Portuguesa*.

J. M. SANTOS SIMÕES

António Matos Reis, no seu estudo sobre o mosteiro e seus azulejos, documenta a aquisição de mil azulejos em 1807, provenientes de Lisboa. (REIS, 1988, pp. 44-45).

O Museu Nacional do Azulejo possui em depósito painel proveniente do refeitório deste mosteiro adquirido em 1995. Ver entrada referente à Casa do Baganheiro. Vide: HENRIQUES, 2003, pp. 448-489; MECO, 1986, pp. 120 e 125-126; PEREIRA *et al.*, 1997, p. 138; PEREIRA, 1999, pp. 211-237; VV. AA., 2003b, p. 529.

Existem ainda azulejos: no ante-refeitório em silhares com 8 azulejos de altura de padronagem de motivos fitomórficos policromos e rodapés em marmoreado manganês de 4 azulejos de alto; no *De Profundis*, espaço hoje conhecido como «Sala do Nauta» (todos de cerca de 1800-05). A colecção da Fundação Berardo possui exemplar de painel proveniente deste espaço que hoje *in situ* apenas apresenta rodapé de 5 azulejos de altura, a que se acrescentariam os painéis de molduras arquitectónicas de linguagem neoclássica e figuração na reserva central de 19 azulejos de altura. Vide: PEREIRA *et al.*, 1997, p. 142; VV. AA., 2003b, p. 530. (PRA)

(185) Os azulejos de «figura avulsa» do Convento de São João Baptista de Cabanas (Afife) vieram de Lisboa durante o triénio de 1743-46. Vide SMITH, 1972b, p. 86.

Recorde-se que a chamada fábrica de Viana só foi fundada, em Darque, em 1774. Vide, entre outros: GUERRA, 1891, p. 78; QUEIROZ, 1907, p. 212 ou 2.ª ed., 1948, p. 231. FLÁVIO GONÇALVES

Os azulejos encontrar-se-iam na igreja conforme atesta a documentação mas actualmente já não existem, segundo informação do Prof. Doutor Manuel Engrácia Antunes que visitou recentemente o espaço. (PRA)

ANHA

Paço de Anha

D. José de Alpoim adquiriu em Lisboa painel figurativo (6 × 6) proveniente do Palácio dos Condes da Ponte, Santo Amaro, que já pertencera à coleção de José Maria Nepomuceno e à do Conde de Ameal. Representa dama em fundo paisagístico correspondente a figura alegórica, com a particularidade de estar assinado por Gabriel del Barco e com a respectiva data: *G.el del Barco F. / 1697*. Existe igualmente painel *rocaille* com moldura em asas de morcego correspondente a cena fluvial.⁽¹⁸⁶⁾

Estes azulejos encontram-se actualmente em depósito no Museu nacional do Azulejo.

DARQUE

São Sebastião, Igreja Paroquial de

Na capela-mor, revestimento com azulejos de oficina de Lisboa de meado de Setecentos. A pintura é em azul com composições ornamentais em torno de quatro medalhões suspensos por laçaria e segurados lateralmente por anjinhos, quer no topo, quer na parte inferior, interligadas por festões floridos; cada medalhão apresenta um dos evangelistas com os respectivos atributos iconográficos (São Marcos e São Mateus do lado do evangelho e São Lucas e São João do lado da epístola).

Junto ao altar desenvolve-se a figuração historiada alusiva a cenas da Vida do Orago remetendo para o *Martírio e Morte de São Sebastião* (lado da epístola e lado do evangelho, respectivamente).⁽¹⁸⁷⁾ Gradeamento fingido surge a revestir o vão da janela em cantaria do lado do evangelho, mantendo a simetria espacial, com as grades em quadrícula em manganês e o fundo em azul-claro. Azulejos de figura avulsa com motivos florais em fundo liso preenchem falhas nas paredes.

MONTARIA

São Lourenço, Igreja Paroquial de

Visitei a igreja já muito tarde e sem possibilidade de a documentar fotograficamente. Pelo que vi com velas reconheci dois painéis de 10 de alto, incluindo a cercadura, de pintura azul, tipo PMP, forrando a parte inferior das paredes da capela-mor.

Do lado da epístola a cena representa a paisagem de um rio onde emerge um jacaré com patas e barbatanas. No meio do rio outro jacaré é alvejado por um índio com arco e flecha. Do lado esquerdo do painel uma bela dama, recortada, mostra um decote exagerado; está numa rede que é levada por quatro negros – um em cada ponta – enquanto outro protege a dama com uma umbela. Na paisagem destaca-se um grupo de edifícios com uma torre redonda e casas cobertas de colmo, rodeadas de palmeiras. À direita um fidalgo ajaezado parece contemplar a paisagem.

Do lado do evangelho o painel mostra, do lado direito, uma família de negros – homem e criança ao colo de mulher – saindo de uma casa. Ao centro uma dama, empunhando um leque de plumas, acompanhada de um cavalheiro e de uma criança negra – pequeno escravo uniformizado, com um papagaio no dedo –, passeia nas propriedades. O fundo é formado por paisagem semelhante à anterior, com palmeiras, mas desta vez com macacos, um a passar e outro a trepar. O grupo do casario é também semelhante ao

I

(186) Vide entrada sobre Gabriel del Barco no capítulo referente aos artistas neste volume. MECO, 1989, p. 210. Vide: FERNANDES, 2000a, pp. 69 e 81; VV.AA., 2007, p. 299. Não nos foi autorizada visita. (PRA)

(187) Francisco José Carneiro Fernandes (FERNANDES, 2000a, p. 80) é o primeiro a apresentar este conjunto azulejar; no entanto, faz confusão iconográfica dos Evangelistas com os Doutores da Lei e identifica uma das cenas como sendo a *Flagelação de Cristo e Pilatos*, o que não sucede de facto, tratando-se de cena que condensa alusão ao julgamento e condenação de São Sebastião – à esquerda – e o martírio – à direita. Para iconografia geral de São Sebastião vide AZEVEDO, 2005.

De 1742-43, é a obra de madeiramento da capela-mor até à porta principal da igreja. Vide CARDONA, 2004, vol. 3. (PRA)

anterior, agora com uma casa que parece o telheiro do engenho e uma torre quadrada e ameada. À esquerda uma boa figura de índio com arco e aljava. É manifesto que se pretendeu representar uma paisagem brasileira. O azulejo é típico de cerca de 1720-25.⁽¹⁸⁸⁾ O mesmo tipo de azulejo – no que respeita aos elementos ornamentais – vê-se no intradorso do arco cruzeiro.⁽¹⁸⁹⁾

PERRE

São Francisco Xavier, Capela de

No pavimento grande pedra brasonada, datada de 1749, sem mais qualquer inscrição. As paredes laterais têm dois painéis de azulejos figurados, de 12 × 23 representando, do lado do evangelho, o *Milagre do Caranguejo*, que traz a cruz à praia; do lado da epístola *São Francisco Xavier pregando aos índios* (estes de penas na cabeça). Sob as frestas, na parede fundeira, mais dois painéis de 3 ½ × 6 com emblemas florais.⁽¹⁹⁰⁾

SUBPORTELA

Solar de Cortegaça, capela do

A capela deste solar quinhentista apresenta silhares de azulejos de figura avulsa, a par de azulejos de padrão do século XVII, reaproveitados.⁽¹⁹¹⁾

VIANA DO CASTELO

Capela das Almas

Na fachada principal, a ladear a porta de entrada, existem actualmente dois painéis de azulejo recentes – a substituir duas tábuas pintadas como prova registo fotográfico de 1953⁽¹⁹²⁾ – cada um rematado por urna de azulejos recortada setecentista em pintura a azul, o mesmo sucedendo no óculo do topo do portal.⁽¹⁹³⁾

Misericórdia, Igreja da

....⁽¹⁹⁴⁾

....⁽¹⁹⁵⁾

....

II

(188) ARAÚJO, 1936, n.º 4. Notícia sobre os azulejos da igreja. Transcreve a inscrição datada de 1714. Não identifica o Padre Inácio de Guizenrode (?) que figura na inscrição, supondo que seria francês e que teria vivido (na região) entre 1703 e 1732, ano em que falece.

O Autor julga que o motivo é tirado do Cântico dos Cânticos e aventa a hipótese de que sejam italianos ou «preferentemente nacionais». Refere a seguir os azulejos da Casa Barbosa Maciéis, em Viana, de Policarpo de Oliveira Bernardes. J. M. SANTOS SIMÕES

Robert C. Smith atribui ao enigmático monogramista PMP os painéis da capela-mor da Igreja de São Lourenço da Montaria. Vide: SMITH, 1973a, vol. 97, n.º 134, p. 406, nota 15; SMITH, 1974b, p. 47, nota 40. FLÁVIO GONÇALVES

(189) José Meco mantém a atribuição ao Mestre PMP e aproxima a data da manufatura para 1714. Vide: MECO, 1989, pp. 183-184, e também CARDONA, 2004; FERNANDES, 1990, pp. 22-23, e FERNANDES, 2000, p. 76. (PRA)

(190) Trata-se de símbolos marianos como o Sol, Lírio, Lua, livro, etc. Francisco J. C. Fernandes atribui os azulejos a Bartolomeu Antunes (FERNANDES, 2000a, p. 75). Painéis de temática similar existem no Colégio das Artes, em Coimbra. Para iconografia de São Francisco Xavier, vide: OSSWALD, 2006; SERRÃO, 1993. (PRA)

(191) Vide: «Solar de Cortegaça», www.monumentos.pt, 2008; AZEVEDO, 1969. (PRA)

(192) Substituem duas tábuas pintadas, como provam fotografias antigas reproduzidas em CARVALHO, 2005. (PRA)

(193) Na fachada principal existiu até 2008-2009, do lado da torre sineira sob o nicho à esquerda, silhar com vaso florido no centro, cercadura e azulejos de figura avulsa indicando colocação desordenada a par com azulejos oitocentistas. A capela resulta de reedificação de 1719 (CALDAS, 1990). (PRA)

(194) ARAÚJO, 1963. J. M. SANTOS SIMÕES

(195) Sousa Viterbo, nas *Notícias de Alguns Pintores*, s. v. Manuel Gomes e Manuel Borges. Em 1720, encomendaram-se azulejos a Manuel Gomes, os quais vinham de Belém em 48 caixões (*L' das Obras da Misericórdia de Viana*, 1720, fl. 69). Estes azulejos ter-se-iam perdido, pelo que, em 1722, se fez nova encomenda, a Manuel Borges, na cidade de Lisboa: 948 azulejos de brutesco fino para o coro, à razão de 30 000 réis o milheiro (*L' 1722*, fl. 246). J. M. SANTOS SIMÕES

Foi Joaquim de Vasconcelos quem primeiro referiu a assinatura de Policarpo de Oliveira Bernardes nos azulejos da capela-mor da Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo. Vide VASCONCELOS, 1883-84, vol. III, n.º 2, p. 8 (ver nota) e n.º 5, p. 221.

Luís de Figueiredo Guerra referiu também essa assinatura a Sousa Viterbo, e Vergílio Correia depois reproduziu-a num dos seus trabalhos. Vide: VITERBO, 1906, p. 56; CORREIA, 1917, p. 203; QUEIROZ, 1948, vol. 2, p. 89, n.º 496.

Mais tarde publicaram-se importantes aditamentos à documentação que Sousa Viterbo (VITERBO, 1906, p. 53) havia revelado. Vide: ARAÚJO, 1954; ARAÚJO, 1963, pp. 23-47.

Este edifício, com sua obra notável de azulejaria, apresenta na edição original apenas entrada com notas bibliográficas de Santos Simões, notas e comentários posteriores de Flávio Gonçalves. O texto de Santos Simões passa agora a integrar o *corpus* de texto, para uniformizar a compreensão dos conteúdos.

O edifício de construção quinhentista, logo de início recebeu rico programa decorativo com a escolha de André Padilha para as obras pictóricas. Em 1714, o mau estado da igreja foi avaliado pelo engenheiro Manuel Pinto Villalobos e outros e, em 1716, avança-se com a obra de reedificação da igreja orientada por Villalobos, concluída em 1718.⁽¹⁹⁶⁾ Nesse mesmo ano, fazem-se as medições para a obra de azulejo, por duas vezes, e contrata-se a obra do retábulo-mor e imaginária com Ambrósio Coelho e pintura da cúpula e do tecto da nave com Manuel Gomes, prosseguindo nos anos seguintes a demais obra de talha e pintura de brutesco da nave.⁽¹⁹⁷⁾

Toda a campanha de encomenda, respectivos trâmites e ajustes, transporte e assentamento, está bem documentada como Flávio Gonçalves registou. Muito tem sido escrito sobre a autoria dos azulejos da nave e capela-mor, mas há consenso historiográfico em atribuir a autoria dos azulejos da nave a António de Oliveira Bernardes e os da capela-mor ao seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes, conforme inscrição em medalhão no lado do evangelho: «Policar= /pus /oliua / fecit». ⁽¹⁹⁸⁾ Na última década avançou-se no estudo da obra de azulejaria também na vertente iconográfica e iconológica de um programa de associação das *Obras de Misericórdia* – Corporais e Espirituais – com a mensagem e visão cristológica, a partir da dialéctica fornecida por prefigurações bíblicas, veterotestamentais, e da Vida de Jesus, sem esquecer a devoção mariana intrinsecamente ligada às Misericórdias.⁽¹⁹⁹⁾

Assim, na nave surgem representadas as *Obras Espirituais* no lado do evangelho (da esquerda para a direita):

- 1) *Dar Bom Conselho* (2.^a obra espiritual); representação: *Conversão de Mateus, Cobrador de Impostos*; legenda: «SEQVREME ET SVR / GENS SECTVS EST EVM. Math. 9v.9.».
- 2) *Ensinar os Ignorantes* (1.^a obra espiritual, «ENCINAR OS IGNORANTES»); representação: *Jesus entre os Doutores da Lei*; legenda: «ERAT ENIM / DOCENS EOS. / Marc. I. V. 22». Em medalhão no embasamento, representa-se um vaso florido a ser regado, acompanhado da legenda «Claves alimenta ministrat».
- 3) *Consolar os Tristes* (4.^a obra espiritual, legendada em cartela inferior «CONSOLAR / OS TRISTES / 3.º»); representação: *Consolação de Job*; legenda: «VENIENTES / VISITARENT EVM / ET CONSOLAREN / TVR. Job. 2v.11.».
- 4) *Castigar os Que Erram* (3.^a obra espiritual, com legenda «CASTIGAR / OS QVE ERAO»); representação: *O Castigo de Heliodoro*; legenda «TVAVTEM A DEO / FLAGELATVS / Macab 3.v.34.».
- 5) *Perdoar as Injúrias* (5.^a obra espiritual, «PERDOAR / AS INIVRIAS»); representação: *Reencontro de José do Egípto com os Irmãos*; legenda: «ILLI / CLEMEN / TER ACCE / DITE INCVIT ATME / Genes 45 v. 4».

Mas deve-se a Reynaldo dos Santos a distinção entre os azulejos da capela-mor da igreja, devidos a Policarpo de Oliveira Bernardes (e consagrados a cenas da Vida da Virgem Maria) e os que revestem as paredes da nave – estes magníficos – atribuíveis, pelo estilo, a António de Oliveira Bernardes (e representando as Obras de Misericórdia). Vide SANTOS, 1957, pp. 118, 122-124, e 127-128; J. M. dos Santos Simões parece que não distinguia os dois conjuntos de azulejos. Vide, neste volume, o texto relativo à desaparecida igreja da Misericórdia de Grândola. FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹⁹⁶⁾ Vide ALVES, 2000, vol. II; ARAÚJO, 1983; CALDAS, 1990; CARDONA, 2004, vol. 3; HOMEM, 2001; RUÃO, 1996; SERRÃO, 1998b; SMITH, 1963a; SOROMENHO, 1991, vol. I; VALE, 1991, pp. 29-38. (PRA)

⁽¹⁹⁷⁾ ARAÚJO, 1983; CARDONA, 2004; SANTOS, 1995, pp. 123-156; SERRÃO, 1998a; SMITH, 1963a. (PRA)

⁽¹⁹⁸⁾ Vide nota anterior de Flávio Gonçalves; vide: BOTELHO, 2001; CARVALHO, 2007a; GONÇALVES, 1984; MECO, 1989. (PRA)

⁽¹⁹⁹⁾ Vide: BOTELHO, 2001, pp. 178-203; CARVALHO, 2007a, vol. 2, pp. 54-86. (PRA)

- 6) *Sofrer com Paciência as Fraquezas do Nosso Próximo* (6.^a obra espiritual, «SOFRER COM / PASIENSIA AS FRA / QVEZAS DO NO / SO PROXIMO»); representação: *Jesus e a Mulher Adúltera*; legenda: «NEC EGO TE / CONDENABO / Joan 8. v11».
- 7) *Rogar a Deus pelos Vivos e Defuntos* (7.^a obra espiritual, «ROGAR A DE / OS PELOS VIVOS / E DEFUNTOS»); representação: *Colecta Feita pelos Macabeus para Redimir os Seus Que Haviam Morrido em Combate, por Terem Pecado, Levando Consigo Ídolos*; legenda: «SALVBRIS EST. CO / GITATIO PRO DEFV / NCTIS EXORARE / Macab. 12. v.46.».

No registo inferior, representa-se ainda *O Rei David a Tocar Harpa* – «IN AETERNVM / MISERICORDIA / AEDIFICABTVR / Psal 88 v. 3». E o nicho com imagem do Senhor da Cana Verde é acompanhado pelas inscrições em azulejo: «PRECIPIO TIBIVT / APERIAS MANVM / FRATRI TVO EGO / NO ET PAVPERI. Deut. 15.v.7» e «SEMPER / ENIM PAV / PERES HA / BEBITIS VO / BISCVM. Marc. 14.v.7», no topo e base, respectivamente.

No lado da epístola, os azulejos apresentam as *Obras Corporais* (da direita para a esquerda):

- 1) *Enterrar os Mortos* (7.^a obra corporal); representação: *Tobite Manda Enterrar os Israelitas Mortos pelos Assírios*; legenda: «SEPELIEBAT COR / PORA EORVM / tob. 1. v.21».
- 2) *Remir os Cativos* (1.^a obra corporal, em legenda «REMIR / OS CAPTI / VOS.»); representação: *Moisés e a Passagem do Mar Vermelho*; legenda: «LIBERAVIT / QVE DOMINVS / INDIE ILLA ISRA / EL DEMANV E / GISCIORVM / Exod. 14. v.30».
- 3) *Dar Pousada aos Peregrinos* (6.^a obra corporal, «DAR POVZA / DA AOS PERE / GRINOS»); representação: *Abraão e os Três Anjos*; legenda: «CVCVRRIT IN O / CCVRSVM EORVM / DE OSTIO TABER / NACVLI SVI. Geni. 18v.2».
- 4) *Visitar os Enfermos* (2.^a obra corporal, «4.º / VIZITAR OS / ENFERMOS.»); representação: *Jesus Cura a Sogra de Pedro*; legenda: «VENIT IESVS IN / DOMVM PETRI VI / DIT SOCRVM EIVS / IACENT. Math. 8. v.14».
- 5) *Vestir os Nus* (3.^a obra corporal, «3.ª / VESTIR OS NVS.»); representação: *O Filho Pródigo*; legenda: «PRO FERTES / TOLAM PRI / MAMET INDVITE / ILLVM / Luc. 15. v.22».
- 6) *Dar de Beber a Quem Tem Sede* (5.^a obra corporal); representação: *Moisés faz brotar água do rochedo*; legenda: «DA NOBIS AQV / AM VT BIBA / MVS. Exod. 17 v.2.».
- 7) *Dar de Comer a Quem Tem Fome* (4.^a obra corporal, «DAR DE CO / MER A QVEM / TEM FOME.»); representação: *Multiplificação dos peixes e dos pães*. Legenda: «DATE ILLIS / VOS MANVCA / RE. Math. 14. v.16.».

No lado da epístola, o nicho com imagem da Paixão de Cristo apresenta a inscrição «BEATI MISERICOR / DES QVONIAM IPSE / MISERICORDIAM / CONSEQVENTVR. Math. 5.v.7», no topo, e a inscrição «EXEMPLVM / ENIM DEDI VOBIS VT / QVEM ADMODVM / EGO FECI VOBIS / ITA ET VOS FACI / ATIS. Joan 14.v.15», na base.

No arco triunfal, representa-se Nossa Senhora da Misericórdia, com a inscrição ao centro: «SVBTV VM / PREZIDIVM / CONFVGI / MVS».

Do lado oposto, no coro alto, lateralmente, surge quadrícula de barra de padrão 2 × 2, painel de albarrada e azulejos de figura avulsa. Ao centro, atlantes suportam mísulas da tribuna e, no topo, representa-se *Agnus Dei* – numa *Glorificação do Cordeiro Místico* –, rodeado por anjos e santos, com a inscrição «TIMETE / DEVN ET / DATE ILLE / HONOBEM».

Na capela-mor, dispõem-se painéis com cenas da Vida de Cristo no lado do evangelho:

- 1) *Natividade* – «ET VENI / MVS ADO / RARE DO / MINV».
- 2) *Adoração dos Reis Magos*, coroados com o dístico «GLORIA IN EXCELSIS DEO» – «CHRISTVM / CANAMVS / PRINCIPEM / NATVM MA / RIA VIRGINE», no registo superior, junto a representação de fonte no centro.
- 3) *Apresentação de Jesus no Templo* – «NVNC DIMITTIS / SERVVM / TVVM DOMINE Luc. 2 v29». No enquadramento arquitectónico deste painel, surge a inscrição relativa à autoria: «POLICAR / PUS / OLIUA / FECIT».
- 4) *Circuncisão de Jesus* (sem legenda), no registo inferior.

E, no lado da epístola, cenas da Vida de Nossa Senhora:

- 5) *Nascimento da Virgem* – «QVASI / AURORA COM / SVRGENS».
- 6) *Apresentação da Virgem no Templo* – «IN SANCTA / SANCTORVM / IN DOMO TVA / DOMINE», no registo superior, também com a representação de fonte no centro.
- 7) *Casamento da Virgem* (sem legenda).
- 8) *Anunciação* – «FIAT MIHI / SECUNDVM VER / BVM TVVM.», no registo inferior.

Museu Municipal (Casa dos Barbosa Maciéis)

No palácio, alizares de 12 azulejos, azuis e com centros representando caçadas, as quatro partes do mundo, jardim e fontes. Na capela revestimento azul, assinado:

Policarpus
aboliua Ber^d
Pinxit⁽²⁰⁰⁾

O Museu Municipal de Viana do Castelo, inaugurado em 1926, está instalado no edifício conhecido como Palacete da Família Barbosa Maciel. Na realidade, trata-se da antiga residência do Cônego António Felgueiras Lima,⁽²⁰¹⁾ também destinada às vilegiaturas do Arcebispo Primaz de Braga, D. Rodrigo Moura Teles, tendo o edifício sido adquirido, em 1730, por João Barbosa Teixeira Maciel. Da época da utilização do edifício como habitação são os revestimentos das três salas dianteiras do piso nobre e o revestimento da capela.

Os primeiros conjuntos referidos datam das décadas de 40 e 50, atribuíveis à oficina de Valentim de Almeida,⁽²⁰²⁾ e apresentam-se em silhares de enquadramento arquitectónico salientes nos extremos e profusa decoração de grinaldas floridas, volutas acantonadas e *putti*, num repertório retirado da mitologia e alegoria. Na sala central predomina a representação dos Quatro Continentes: América, Europa, Ásia e África, na sala nascente surgem cenas palacianas e na sala poente cenas fluviais e de caçadas.

A Capela é um espaço de exíguas dimensões dominado pelo retábulo de talha joanina, com os azulejos de pintura assinada por Policarpo de Oliveira Bernardes distribuídos por três paredes correspondentes a três painéis historiados inseridos em enquadramento arquitectónico *trompe-l'oeil* ao nível do rodapé, em torno de vãos de janelas e portas, do armário das alfaías litúrgicas ou da pia de água benta. Do lado do evangelho, representa-se *Jesus e Nossa Senhora em concílio com as santas virgens* (?)⁽²⁰³⁾, do lado da

III

(200) *Vide*: VITERBO, 1906, p. 58; SANTOS, 1957, pp. 127-129.

FLÁVIO GONÇALVES

(201) Foi o Cônego Felgueiras Lima que mandou construir o edifício em 1720-23, com autoria atribuída ao Eng. Manuel Pinto de Vilalobos e responsabilidade dos mestres-pedreiros Jerónimo de Oliveira e Manuel de Oliveira, embora em 1725 a construção ainda não se tivesse iniciado. *Vide* SOROMENHO, 1991, pp. 186 e segs.; CALDAS, 2005, pp. 172-181). (PRA)

(202) MECO, 1989, p. 231. (PRA)

(203) FERNANDES, 2000a. (PRA)

epístola o pequeno mas delicado painel de *São João Baptista Menino* e, sobre a porta de entrada num painel de recorte semicircular na parte superior e sobre o frontão curvo da porta de entrada, a Visitação, com a particularidade iconográfica da representação de São José e São Joaquim saudando-se em segundo plano do lado esquerdo, enquanto Santa Isabel saúda Nossa Senhora em primeiro plano do lado direito.

Do espólio do Museu faz ainda parte um silhar rectangular aplicado no patamar da escadaria nobre de azulejos azuis e brancos de decoração envolvente com motivos fitomórficos apontamentos em asa de morcego e temática de iconografia dos eremitas⁽²⁰⁴⁾ que será proveniente do antigo Convento franciscano de Santo António de Viana (sede da Província da Conceição), bem como um painel formado por 4 azulejos com a inscrição «Fabrica de Vianna/Anno de 1793», do mostrador do relógio da torre da igreja conventual⁽²⁰⁵⁾, que teriam sido removidos em 1888 e vendidos a particular antes de ingressarem na colecção do museu.⁽²⁰⁶⁾ Do século XVIII, existem ainda alguns exemplares de azulejos de figura avulsa, de proveniência desconhecida, bem como azulejo branco liso aplicado em diagonal delimitado por cercadura em azulejo de pintura azul com acantos e torçal de louros, os quais aparentam ser aplicações posteriores em silhares no átrio de entrada.

Nossa Senhora do Carmo, igreja do antigo Convento de

Na *sacristia* da igreja carmelita: silhares de azulejos de 8 ½ de altura, motivos de figura avulsa e decoração em estrelinha nos cantos com barra de acantos em fundo azul-escuro. No *coro alto* subsistem azulejos em monocromia branca com barra fitomórfica de acantos.

Na actual Capela do Sagrado Coração de Jesus – que liga ao claustro – silhares de albarradas, silhares de azulejos azuis e brancos de 10 azulejos de altura, com composições ornamentais de repetição e respectiva barra de acantos em padrão 2 × 2. Trata-se de composições que jogam com alternância de módulos decorativos com módulo principal formado por vaso florido sobre pedestal junto a dois peixes dispostos simetricamente na base, suportando volutas que se unem no topo, ao centro, enquanto o módulo de separação é composto por jarra com flores dispostas à maneira de palmito e rematadas por cabeça e asas de anjinho.⁽²⁰⁷⁾

Santa Luzia, antiga Capela de

No local onde se ergue o monumental Santuário de Santa Luzia, sobranceiro à cidade, houve uma velha ermida devocional que, no dizer dos que ainda a conheceram, estava repleta de azulejos. Fez-lhes referência o Dr. Manuel Monteiro no artigo *Azulejos de Figura Avulsa* e, mais tarde, Feliciano Guimarães nos *Azulejos de Figura Avulsa*.⁽²⁰⁸⁾

No jornal *Notícias de Viana* (n.º 315 de 19/X/1932) o crítico Feliciano Guimarães⁽²⁰⁹⁾ esclarece: «os azulejos (de figura avulsa) encontram-se em poder da Comissão de Melhoramentos do Monte, que tem no seu plano a reconstrução da capela em local apropriado». No entanto, o próprio Dr. Feliciano Guimarães me informou que, pelo menos, alguns dos azulejos retirados desta capela tinham sido transferidos para a sacris-

(204) ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 344-352, e vol. 4, pp. 221-228; ALMEIDA, 2005. (PRA)

(205) REIS, 1981, p. 162. (PRA)

(206) Espólio do Dr. Figueiredo Guerra; *vide* FIGUEIREDO, 2008, vol. 1, p. 351. (PRA)

(207) Documento escrito aquando da avaliação dos bens do convento deixa-nos descrição referente ao claustro: «vindo da Portaria para a porta travessa da Igreja tem uma capela com retábulo dourado com as imagens de Nossa Senhora e Santo Elias e vindo da Igreja para a porta que entra para a escada uma capela vestida de azulejos da invocação de Nossa Senhora da Conceição, com retábulo dourado e pintado com uma imagem pequena de Santa Teresa de Jesus e frontal pintado». *Vide* www.monumentos.pt, 1992, 1995, 2004. *Vide* também: CALDAS, 1990; CARDONA, 2004, vol. 3; FERNANDES, 1990; FERNANDES, 2000a, p. 80; REIS, 1995, pp. 155-200. (PRA)

(208) GUIMARÃES, 1932; MONTEIRO, 1906b, pp. 14-15. (PRA)

(209) Equívoco. O artigo do *Notícias de Viana* de 19 de Outubro de 1932, intitulado «Livros e jornais», é da autoria de Alberto Meira (crítica ao livro *Azulejos de Figura Avulsa* de Feliciano Guimarães). FLÁVIO GONÇALVES

tia da igreja do antigo Convento de São Domingos, de Viana.⁽²¹⁰⁾ Segundo uma informação de Feliciano Guimarães lia-se num dos azulejos a data de 1701.⁽²¹¹⁾

Santo António, antiga igreja do convento franciscano de

Na capela-mor, vulgarmente conhecida por «casa dos mortos», silhar de 10 de alto, constituído por azulejo de figura avulsa, azul em dois tons e cantos de «estrelinha». A cercadura é de um azulejo de folhas de acanto. Trata-se, segundo a tradição, de azulejo de fabricação local, do que não duvido.⁽²¹²⁾ A temática segue de perto o azulejo deste tipo fabricado no Porto e em Coimbra, nos finais do século XVII e princípios do XVIII: o desenho é de flores grandes de desenhos simples, romãs abertas, cabeças humanas por vezes com uma flor na boca, figuras populares, cabeças de querubins, pássaros e animais. Como novidade encontro um esqueleto da morte, dois passarinhos afrontados e, muito curioso, um coração com duas setas atravessadas e com a palavra «amor», como as bolsas das lavadeiras. O mesmo tipo de azulejo se encontra num silhar de tipo baixo na sacristia.⁽²¹³⁾

São Bento, igreja do antigo Convento de

Na capela-mor preside o notável retábulo de quatro arquivoltas e centro vazado para trono. De cada lado há uma magnífica pintura sobre tela ricamente emoldurada em talha dourada, o todo sobressaindo do revestimento do azulejo.⁽²¹⁴⁾ Este tipo de historiado azul, vai do pavimento à sanca de 44 m de altura, deixando apenas a descoberto as cantarias e a própria talha. Trata-se de composições convencionais figurando quatro passos da Vida de São Bento, numa pintura um tanto irregular e certamente de algum aprendiz da escola dos Bernardes. Mais notáveis são os emolduramentos que dão a ênfase ao conjunto, com elementos ornamentais fitomórficos de fundo azul. Os azulejos serão de cerca de 1725-30. Santos Simões não identifica a presença de assinatura de Teotónio dos Santos:

Theot.^{io} dos S.^{tos} / o Pintou

no canto inferior direito do painel do lado da epístola, junto ao retábulo-mor, como posteriormente foi publicado por José Meco, remetendo para uma fase de aprendizagem deste pintor de azulejos e propondo nova datação.⁽²¹⁵⁾ Os painéis representam a *Morte de Santa Escolástica*, *Última Comunhão de São Bento*, *Exéquias de São Bento* e *Glorificação do Patriarca Fundador*.⁽²¹⁶⁾

(210) Quando Feliciano Guimarães escreveu sobre azulejos policromados, de «figura avulsa», do anexo desta sacristia, não afirmou que eles tivessem vindo daquela, já então demolida, Capela de Santa Luzia; antes sempre se lhes referiu como peças independentes da capela. *Vide* GUIMARÃES, 1932, pp. 35 e 43.

Tudo leva a crer que os azulejos do anexo da sacristia da Igreja de São Domingos de Viana do Castelo não pertenceram à antiga Capela de Santa Luzia. Sobre estes dois conjuntos *vide* também: BARREIRA, 1934, p. 58. FLÁVIO GONÇALVES

(211) Dos azulejos da antiga capela, inicialmente dedicada a Nossa Senhora da Abadia, restam os referidos azulejos de figura avulsa, vários padrões policromos seiscentistas, bem como fragmentos de dois painéis também policromos, ambos datados, sendo a inscrição mais completa «[a]NNO 1701» e os personagens representados identificados como São Pedro e São Paulo.

Estavam aplicados nas paredes do arco cruzeiro da capela, um de cada lado, representando, respectivamente, São Pedro e São Paulo, com 6 azulejos de altura e 4 de largura. GUIMARÃES, 1932, p. 42. (PRA)

(212) Sobre a localidade onde teriam sido feitos estes azulejos veja-se a nota que aqui no presente volume acompanha o texto relativo ao antigo convento de São Bento de Arcos de Valdevez. FLÁVIO GONÇALVES

(213) Referidos por ARAÚJO, 1968a. J. M. SANTOS SIMÕES
O convento, sede da antiga Província da Conceição da Ordem dos Frades Menores, é hoje propriedade da diocese de Viana do Castelo e tem a igreja encerrada por perigo de ruína, segundo os respectivos responsáveis. Parte do edifício conventual foi primeiro aproveitada para a instalação de um Hospital Militar e, recentemente, de um infantário e Centro de Apoio Paroquial.

Exemplares de painéis de azulejos provenientes do convento existem no Museu Municipal da cidade. *Vide* entrada respectiva. Haveria ainda azulejos noutros espaços conventuais. *Vide* FIGUEIREDO, 2008.

Outra bibliografia: CALDAS, 1990; CARDONA, 2004, vol. 3; CONCEIÇÃO, 1740; FERNANDES, 1990; JOSÉ, 1760. (PRA)

(214) Referidos por ARAÚJO, 1968a. J. M. SANTOS SIMÕES

(215) GONÇALVES, 1984, p. 30; MECO, 1993, pp. 221 e 230.

O programa decorativo e iconográfico da igreja – compreendendo talha, pintura e azulejaria – segue um esquema semelhante a outras igrejas monástico-conventuais da época sob patrocínio de D. Rodrigo Moura Teles, Arcebispo de Braga, salientando-se as similitudes com a congénere beneditina de Barcelos (ALMEIDA, 2004, vol. 1 e vol. 2). A data da encomenda e aplicação do revestimento azulejar recuará a 1707-15, momento em que se procede à reconstrução da capela-mor com o patrocínio de José Barbosa Teixeira e a bênção do Arcebispo. *Vide*: ARAÚJO, 1942, p. 10; MECO, 1989, pp. 221 e 230. Ver ainda: CAPELA, s.d.; CARDONA, 2004, 4 vols.; REIS, 1990; ROCHA, 1999; SÃO TOMÁS, 1974, t. II; VALE, 1986, pp. 33-56; VALE, 1987, pp. 19-52. (PRA)

(216) Para uma leitura iconográfica *vide*: ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 4. Ver também entrada referente à igreja do antigo Mosteiro de São Bento, Viseu. (PRA)

DISTRITO DE BRAGA

CONCELHO DE AMARES

BOURO

Santa Maria do Bouro, igreja do antigo Mosteiro de

É na sacristia da igreja, quadra bastante notável pelo seu tecto em caixotões de talha, que se encontram os melhores azulejos deste convento.

Por cima do arcaz estão os painéis, de cabeceiras lisas, revestindo a parede numa altura de 21 azulejos. Representam cenas da Vida de São Bernardo.⁽²¹⁷⁾ Os panos centrais são circundados por cercadura de 2 azulejos de folhas de acanto, com anjinhos nos centros. Nas outras paredes onde se encontram portas e armários, os azulejos são ornamentais, com medalhões, ladeados de anjos e grinaldas, ou ainda, à entrada, duas figuras alegóricas, uma com cruz e outra com catedral e chaves na mão.

Os arcos da sacristia são circundados por barra de acantos, nos centros da qual se colocaram vasos floridos.

É um conjunto bastante notável de trabalho lisboeta de cerca de 1720.⁽²¹⁸⁾

São sete os episódios representados da Vida de São Bernardo:⁽²¹⁹⁾

- 1) *A Cura da Endemoinhada*
- 2) *São Bernardo Recusa-se Receber Humbelina em Claraval pelo Luxo do Seu Traje*
- 3) *Milagre da Ponte – Afogamento de Um Demónio*
- 4) *Milagre da Carroça*
- 5) *Bênção do Cálice*
- 6) *Milagre da Carta Que não Se Molha*
- 7) *Conversão do Duque Guilherme de Aquitânia*

IV

RENDUFE

Santo André, claustro do Mosteiro de

O mosteiro pertenceu à Congregação dos Monges Negros de São Bento, destacando-se não só pela arquitectura da sua igreja, mas principalmente pelo conjunto da obra de talha *rocaille* de Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça. De azulejaria só é conhecido o revestimento do claustro – muito afectado na sequência de incêndio em 1877⁽²²⁰⁾ –, o qual não foi contemplado na investigação de Santos Simões.

O claustro mantém, então, vestígios muito parciais do revestimento nos seus quatro lanços com silhares de azulejos azuis e brancos de 8 azulejos de altura, com composições ornamentais de repetição e respectiva barra em padrão 2 × 2, ocupando o espaço entre vãos, sendo que apenas três painéis permitem uma leitura estilística. Trata-se de compo-

(217) Sobre os temas destes painéis, *vide*: MONTEIRO, 1906a, pp. 272-274; COCHERIL, 1972, p. 155; COCHERIL, 1974, p. 207.

Robert Smith, confirmando a iconografia dos painéis, atribui a pintura dos seus azulejos ao monogramista PMP e a uma data de à volta de 1713. *Vide*: SMITH, 1974a, pp. 46-47. FLÁVIO GONÇALVES

(218) José Meco aponta a data aproximada de 1715 para o revestimento azulejar da sacristia e atribui a autoria a Teotónio dos Santos (MECO, 1989, p. 221). (PRA)

(219) Para além da bibliografia citada de D. Maur Cocheril, para a análise e interpretação iconográfica deste conjunto *vide* também: PAIS, 1995-99, pp. 91-100; PAIS e PEREIRA, 2000, pp. 225-232. Estes trabalhos de investigação avançaram na identificação das fontes gravadas para a iconografia de São Bernardo, caso da série *Vita et Miracula D. Bernardi Claravalensis abbatis* com gravuras de António Tempesta, publicada em Roma, em 1587, exemplar existente na biblioteca do Mosteiro de Alcobaça e utilizado nos azulejos do Mosteiro de Cós, e a série gravada de Gottfried Bernhard Göz, inspiração-base da azulejaria do Mosteiro de São Bento de Cástris (*vide*: VERÃO, 2009), ficando no entanto por identificar as fontes relativas aos azulejos de Bouro. É de salientar a dialéctica Vícios-Virtudes a par da exaltação da Vida de São Bernardo desenvolvida no programa iconográfico da sacristia (PAIS e PEREIRA, 2000, pp. 227-229).

Bibliografia relevante para o entendimento do período artístico em questão e toda a campanha de obras em Bouro é também: BRANDÃO, 2001; MOURA, 1998, pp. 328-375; SMITH, 1968b; SMITH, 1974a, pp. 108-121; SOBRAL, 1998a, pp. 432-465; SOBRAL, 2000a, pp. 233-246. (PRA)

(220) CALDAS, 1887. (PRA)

sições que jogam com alternância de módulos decorativos à maneira de albarradas com módulo principal formado por vaso florido sobre pedestal junto a dois dragões dispostos simetricamente, suportando sereias aladas e, no topo, volutas de acantos, enquanto o módulo de separação é composto por jarra com flores dispostas à maneira de palmito e rematadas por cabeça e asas de anjinho.

A encomenda dos azulejos e sua condução para Rendufe recua ao triénio de 1725-28 e o assentamento faz-se ainda no triénio seguinte que termina em 1731, conforme registado nos Relatórios trienais da Congregação, embora não especifique a proveniência nem outros dados.⁽²²¹⁾

CONCELHO DE BARCELOS

BARCELOS

Câmara Municipal, antigo Hospital do Espírito Santo e Capela de Santa Maria/antiga Igreja da Misericórdia

A antiga igreja, após a recuperação e adaptação do edifício, é actualmente usada como salão nobre do município, prevalecendo vestígios de azulejos setecentistas monocromos a azul na nave e capela-mor, do lado do evangelho, com barra de acantos e volutas, no que seria um silhar de 12 azulejos de altura.⁽²²²⁾

Igreja Matriz/Igreja de Santa Maria Maior

O que ficou livre de cantaria foi completamente forrado de azulejos azuis historiados, constituindo um dos mais notáveis exemplos de aplicação azulejar do século XVIII a um templo gótico! O azulejo espalha-se pelos arcos e foi sabiamente composto para se casar com a arquitectura. A figuração é mariana, de bom desenho, talvez ainda de Policarpo de Oliveira Bernardes, pelo menos a Capela de Nossa Senhora das Dores. É pena que os azulejos não estejam íntegros; antes se acham muito deslocados.

Citando documentação da Colegiada de Barcelos, Carlos Alberto Ferreira de Almeida⁽²²³⁾ dá a conhecer todo o processo de renovação do revestimento azulejar da igreja matriz, abandonado o esquema geometrizar da padronagem seiscentista.⁽²²⁴⁾ Assim, em 1709 um mestre proveniente do Porto tomou medidas da igreja, considerando este autor que os azulejos da sacristia com cenas de caça datariam desta encomenda; em 1721, de novo se regista que um mestre veio do Porto para tirar medidas para o azulejo, conforme nota de despesa.

A igreja desenvolve-se em planta com três naves definidas por arcaria e é nas paredes laterais e nos arcos que se apresentam os azulejos com episódios da Vida de Nossa Senhora distribuídos de modo não sequencial:

- 1) *Educação da Virgem*
- 2) *Apresentação da Virgem no Templo*
- 3) *Desposórios*
- 4) *Anunciação*
- 5) *Visitação*
- 6) *Adoração dos Pastores*
- 7) *Adoração dos Reis Magos*
- 8) *Circuncisão*

(221) SMITH, 1971, p. 38. A intervenção de renovação do claustro seiscentista iniciara-se no triénio de 1719-22 e prolonga-se até 1731. *Vide*: SMITH, s.d., 2 vols.; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 4-164, e vol. 2, pp. 349-372. (PRA)

(222) (PRA)

(223) ALMEIDA, 1990, pp. 77-78. (PRA)

(224) 1728 – A Colegiada vende ao Santuário da Abadia 2070 azulejos tipo «tapete» retirados das suas paredes por 13\$200. ALMEIDA, 1990, p. 78. (PRA)

- 9) *Apresentação de Jesus no Templo*
- 10) *Fuga para o Egito*
- 11) *Descanso na Fuga para o Egito*
- 12) *Regresso da Sagrada Família*
- 13) *Jesus entre os Doutores*
- 14) *São José Carpinteiro*
- 15) *Bodas de Caná*
- 16) *Trânsito de São José*
- 17) *Ascensão*
- 18) *Visão de Jesus Cristo – Hominum Salvator*
- 19) *Pentecostes*
- 20) *Dormição de Nossa Senhora (225)*
- 21) *Coroação de Nossa Senhora*
- 22) *Assunção*
- 23) *Imaculada Conceição*

A capela lateral no lado da epístola apresenta revestimento de azulejos no que parece ser um aproveitamento de azulejos da nave – em disposição puramente ornamental –, enquanto a capela do lado do evangelho, dedicada a Santa Catarina, tem revestimento, que embora mantenha o mesmo esquema decorativo com meninos atlantes, volutas em consolas a suportar o entablamento e composição de volutas acantonadas na parte inferior, tem a representação de figura feminina, de pé, a segurar na mão esquerda cabeça decepada de homem e a erguer espada na mão direita, mais lembrando Salomé.

Na sacristia, existem silhares de 8 azulejos de altura de pintura em tonalidades de azul, cercadura com friso em meia-cana de motivos fitomórficos em torçal sobre fundo azul escuro nas bordas. São cenas de caça e campestres típicas das *Venationes*⁽²²⁶⁾ e fontes comuns a esta temática (caça ao javali, caça ao veado, etc.) além de reaproveitamento de azulejos das naves em falhas e a servir de rodapé (2 de alto).

Senhor da Cruz, Igreja do

Transcrição do texto de *Breves Notas sobre alguns azulejos de Barcelos*: Azulejos da mesma época dos da Matriz (1749) – um pouco posteriores – «são os que adornam o interior da Igreja do Senhor da Cruz, esse tão notável exemplar do barroco nortenho. Notabilizam-nos, principalmente a forma como foram aplicados, numa preocupação decorativa que busca o perfeito casamento com a arquitectura. É um exemplo frisante de conjunto barroco, confundindo-se a cerâmica com a pedra em perfeita unidade estética. A um edifício de planta complexa, correspondem ângulos e recantos onde o azulejo assentou com maestria. Já depois de terminadas as obras construtivas, foram encomendados em 1728, conforme consta da acta da confraria, de 18 de Maio desse ano ao mestre João Neto» «na cid.^e de Lx.»⁽²²⁷⁾

Vieram os azulejos para Barcelos em 1730 tendo sido colocados por conta do mesmo mestre. Este João Neto⁽²²⁸⁾ era um dos famosos «azulejadores» de Lisboa, contratador

(225) Este é o único painel historiado ao nível do pavimento, apresentando supedâneo arquitectónico com os elementos decorativos presentes nos demais painéis mas também medalhão sustentado por anjos onde surgem pequenos querubins e o do centro segura *Espelbo* oval, remetendo para a simbologia mariana. *Vide*: AZEVEDO, 1998; BARREIROS, 1955, vol. I, fascs. III e IV. (PRA)

(226) *Vide*: CORREIA, 1999, n.º 3/7, pp. 5-22; MARTINS, 2001a; SANTOS, 2007. (PRA)

(227) SIMÕES, 1962a.

FLÁVIO GONÇALVES

(228) Segundo as informações do Senhor Joaquim Paes de Vilas Boas, no Livro de Actas da Irmandade do Senhor da Cruz há os seguintes assentos: Acta de 18 de Maio de 1728 – resolveu-se mandar fazer na cidade de Lisboa azulejos conforme rascunho que fez mestre João Neto.

1728 – A confraria entregou ao D. Prior de Barcelos André de Sousa a importância de 40.000 réis + 57.600 réis + 19.200 réis + 91.000

1730 – Frete marítimo até ao Porto de 32 caixões 19.600

Idem por carreteiro (carro de bois) para Barcelos 7.860

ou empreiteiro de obras e não pintor, como seríamos inclinados a supor pelo documento. Para ele trabalharam alguns dos melhores artistas do tempo, nomeadamente Bartolomeu Antunes.

São azulejos de pintura azul ilustrando passos da *Via Sacra* e emblemas da *Paixão* com enquadramento de anjos e folhagens que aqui assumem especial importância decorativa. Na capela-mor há painéis de época moderna, assinados por Domingos Costa, artista que trabalhou numa fábrica de Gaia.⁽²²⁹⁾

Nossa Senhora do Terço, Igreja de (antigo Mosteiro de São Bento)

Notabilíssimo templo onde avultam os azulejos! O corpo da igreja, incluindo o arco cruzeiro, está totalmente forrado de azulejos. Nas paredes, o revestimento comporta uma parte inferior – silhar de 10 azulejos de alto – com medalhões figurados e epigrafados, e acima deste, em 20 azulejos de altura, grandes composições com passos da Vida de São Domingos.⁽²³⁰⁾ Ainda acima destes, em painéis colocados entre as janelas, os quadros representam cenas historiadas e, na parede do norte, janelas pintadas em azulejo – com amarelo e azul – espelhando as que lhe ficam fronteiras. O tímpano, sobre o coro, é igualmente azulejado e mostra-nos São Domingos [*São Bento*] *Dando as Regras da Ordem*.⁽²³¹⁾ O arco cruzeiro ornamentado com azulejo de folhagens tem no fecho, e em parte encoberto pela ornamentação de talha, a data de 1713 – que julgo inédita.

Não tenho a mais leve dúvida de que todo este forro, talvez com a excepção do silhar, é de António Oliveira Bernardes! É mesmo provável que a assinatura esteja ainda nos azulejos, encobertos pelo altar lateral do lado do evangelho, que corresponde ao canto direito do painel, onde sem excepções se encontram todas as assinaturas do mestre. Na capela-mor a parte inferior das paredes laterais é forrada com azulejos azuis historiados, os quais se estendem sobre as portas laterais. No painel do lado do evangelho, no canto inferior esquerdo a marca PMP, já minha conhecida.⁽²³²⁾

Os painéis representam, respectivamente, o *Lançamento da Primeira Pedra do Convento* e a *Inauguração* do mesmo, o que aliás está descrito nas sobreportas nas seguintes inscrições:

«ANNO DNI MDCCVII DIE VERO / XIV AVGVSTI D. RODERICVS / DE MOVRA TELLES
ARCHI- / EPISCOPVS BRACHARENSIS / HISPANIARVM PRIMAX / HVIC EDIFICIVM
PRIMVM / INJECIT LAPIDEM»

Cal vinda do Porto para assentamento: 21 sacos.....	14.700	
Areia para assentamento	1.120	
João Neto por assentar os azulejos: 9\$.900 a 5.000	54.450	
Idem ao mesmo por colocar azulejos partidos.....	8.640	
Ao ajudante que gramou a cal: 132 dias	21.260	
Um rapaz ajudante.....	2.270	
Bento pereira carpinteiro que fez a prancha.....	13.300	145.470
Custo dos Azulejos	91.200	
Por aqui se vê que o custo total dos 9.900 azulejos foi de 236.670 réis ou sejam 23.00 por milheiro.....	236.670	

J. M. SANTOS SIMÕES

(229) O repertório iconográfico da *Paixão de Cristo* é sabiamente assimilado na pintura dos azulejos em termos de cenografia do espaço religioso em associação com a arquitectura, com o circuito em deambulatório em torno da nave, de ambos os lados, na nave e coro.

Todos os espaços disponíveis são, então, preenchidos por azulejos de forte pendor decorativo – na interessante opção por fundo com estrelas junto às portas da sacristia e festões floridos pendentes dos lados –, mais acentuado na parte inferior da estrutura arquitectónica *trompe-l'oeil*, como também pela profusão de símbolos e atributos iconográficos associados à *Paixão de Cristo* e à liturgia eucarística, presentes não só nas cartelas do supedâneo inferior como também nos painéis menores com os anjos que seguram esses atributos: *martelo, cálice, dados, bandeira* com a inscrição «SPQR», pano do *Santo Sudário, coroa de espinhos, cravos, espada e elmo, lança, alicate, ampulbeta, bacia e gomil, espiga, vara com a esponja envinagrada, palma, cruz, escada, coluna e cordas*. Representa-se na parte do deambulatório: *Jesus no Horto das Oliveiras Consolado pelo Anjo, Prisão, Flagelação/Senhor da Cana Verde e O Senhor da Coluna*.

Bibliografia a ter em atenção: ALMEIDA, 1990; FERREIRA-ALVES, 2001a; PEREIRA, 1867; TRIGUEIROS, 1998. (PRA)

(230) Aliás Vida de São Bento. J. M. dos Santos Simões, num outro trabalho, indicou correctamente a temática destes painéis. Vide SIMÕES, 1962a.

FLÁVIO GONÇALVES

(231) O painel representa São Bento entregando aos monges e monjas da sua ordem a regra e os Estatutos.

FLÁVIO GONÇALVES

(232) Vide: SIMÕES, 1949, p. 4 (nota 2); SIMÕES, 1962a, p. 2; SMITH, 1974b.

FLÁVIO GONÇALVES

Do lado da epístola:

«ANNO DNI M.DCCXIII DIE VE- / RO VIII IVII IDEM D. RODE- / RICVS DE MOVRA
TELLES AR- / CHIEPISCOPVS BRACHARENSIS HIS- / PANIARVM PRIMAX MONIALES /
IN HOC A SE FVNDATVM CENOBIVM / A BRACHARA TRANSTVLIT ET RECLV- / DIT»

A Igreja de Nossa Senhora do Terço, antigo Mosteiro de São Bento de religiosas beneditinas, apresenta um rico programa iconográfico azulejar complementado com a pintura do tecto de caixotões, quer na capela-mor quer na nave, sendo a chave de leitura principal a Vida de São Bento de Núrsia, fundador da ordem. Na capela-mor, encontram-se os azulejos do mestre PMP, conforme assinatura do lado do evangelho, com a cena historiada referente ao *Lançamento da Primeira Pedra do Mosteiro* e à *Entrada das Religiosas no Mosteiro* – no lado da epístola –, reforçando o papel mecenático do Arcebispo Primaz de Braga D. Rodrigo de Moura Teles e a protecção régia de D. João V, também representado num dos painéis, papel reforçado pelos símbolos da mitra e coroa nas cercaduras destes registos.

Na nave, encontra-se um dos conjuntos mais ricos em termos de iconografia beneditina, principalmente na interligação das cenas historiadas dos registos superiores com o notável conjunto de vinte emblemas apresentados em cartelas ao nível do rodapé, num programa iconográfico que se estende ao tecto de caixotões pintados. Sobre o embasamento e os emblemas, nas paredes laterais as cenas historiadas organizam-se em dois registos, com o registo inferior a permitir o desenvolvimento de grandes painéis com representação da Vida de São Bento. A leitura iconográfica inicia-se na parede do coro, passa ao lado da epístola, depois ao lado do evangelho para terminar triunfalmente no remate da parede do coro. Estão representados:⁽²³³⁾

São Bento Eremita
Vitória sobre a Tentação da Carne
Pastores Visitam São Bento na Gruta de Subiaco
O Copo Partido com o Sinal da Cruz
Os discípulos Mauro e Plácido chegam ao Mosteiro
Água da Pedra do Alto do Monte (?)
Como Uma Pedra Pesada Se fez Leve
A Vasilha Escondida Descoberta em Espírito
A Destruição do Templo de Apolo e a Construção do Mosteiro de Montecassino
Como do Fundo do Lago Veio a Foice ao seu Cabo
A Oferta do Pão Envenenado
A Simulação de Tótila
Descoberta a Simulação de Tótila
Profecia Feita a Tótila
Exéquias de São Bento
A Regra: Legado de São Bento

É notável o tratamento dos elementos paisagísticos, do jogo de luz-sombra, do relevo dado à composição e à aplicação de regras de perspectiva, nomeadamente a partir dos elementos arquitectónicos, mas também na disposição dos personagens, caso do painel de remate da parede do coro alto, com monges e monjas dispostos a ladear São Bento, ao centro, adaptando-se ao contorno superior do tecto e ao esquema – quase – piramidal disponível.

⁽²³³⁾ Os títulos das cenas seguem designação de D. Gabriel de Sousa, OSB, na sua tradução da fonte principal no âmbito da iconografia beneditina, numa tentativa de normalização das mesmas. Vide S. GREGÓRIO MAGNO, 1993. (PRA)

Trata-se de um dos conjuntos mais extensos de azulejaria emblemática,⁽²³⁴⁾ com a particularidade de apresentar, além da imagem, divisa em latim e complementar legenda em português, com inspiração, quer quanto a fonte gráfica, quer quanto a fonte literária, na obra de Fr. João dos Prazeres OSB, *O Príncipe dos Patriarcas São Bento* de 1685-1696.⁽²³⁵⁾ Mesmo com a imagem, a divisa e legenda a compreensão do emblema nem sempre é fácil – seguindo a tradição emblemática erudita –, sendo necessário o conhecimento da vida da Patriarca Fundador dos Beneditinos bem como as considerações do referido autor. Começando a leitura do lado da epístola, seguindo a direcção do ciclo historiado:

- 1) Sol antropomorfizado brilha iluminando os campos – divisa «NON QVIESCITI», legenda «NA RELIGIÃO NAM / HADE HAVER O= / CIOSIDADE».
- 2) Uma trovoadas – divisa «FORTIOR IN ADVERSARIOS», legenda «QVANTO AS TENTAÇOENS FOREM MAIS FORTES, MA= / IS FORTE HADE SER A RESISTENCIA».
- 3) Um pássaro voa, «NÉ SUCVMBAT», completado com a legenda inferior: «HÀDE VOAR O ESPIRITO, / PARA O CORPO NAM SENTIR OS RIGORES / DA RELIGIAM».
- 4) Uma fonte de duas taças e tanque circular sobre degrau tem um repuxo com água acompanhada do mote latino «QVO PRESSA ALTIVS» e da legenda «A HVMILDADE NA RE / LIGIÃO HÈ A QVE FAZ / AUVLTAR A VIRTU= / DE».
- 5) Um animal selvagem vira-se contra outros animais de diferentes espécies, desde aves, felinos a caninos e répteis. «IN ODOREM CVRRIMVS» e «A RELIGIÃO HÁDE SE / BVSCAR PELA FAMA / DA SVA VIRTUDE».
- 6) Uma figura masculina conduz boi a lavrar terreno; «TV CEDE» e «NAM HÁ DE [...] QUERER [...] ANDE AO SEO PASSO».
- 7) Representa-se uma casa em ruínas; «SINE CVLMINE CORREVVT» e «NAM SE CONSERVA / A VIRTUDE SEM ORAÇAM».
- 8) Sol antropomorfizado com seus raios de sol, rodeado por oito símbolos do zodíaco; «NON VLTRA VIRES» – «O SUPERIOR DEVE TOMAR INDIVIDUAL CONHESIMEN / TO DOS SVBDITOS».
- 9) Num campo com arbustos, o sol radioso ao centro do painel para o qual se dirigem dois olhos lacrimejantes; no topo «ALLEVAT, ET VEXAT» e na base: «O SVPERIOR ASSIM COMO CASTIGA, HÁ DE PREMIAR».
- 10) Surge um pequeno arbusto com flores em torno das quais voam abelhas. «NON EX OMNI FLORE CARPITVR MEL» – «NEM SEMPRE HADE ACHAR / O SUPERIOR IGUAL PROCE- / DIMENTO NOS SVBDITOS».
- 11) Uma mão estende, do lado direito, uma tocha ardente na direcção de uma hidra de sete cabeças; «NON EXTINGVETVR IGNE» e «SÓ COM O AMOR DIVINO / SE EXTINGVE O AMOR / PROFANO».
- 12) Um casaco e uns calções dispostos sobre uma mesa. Com a divisa: «A GOSTO E A MEDIDA», e a legenda: «A ELEIÇAM DO HÁBITO / HÁDE SER VOLVNTA= / RIA».
- 13) No cume de uma montanha, uma águia faz o seu ninho; «NE PEREAT IMVNITAS» e «O SAGRADO DA CLAUZURA / NAM SE VIOLA SÓ PE= / LAS PORTAS».
- 14) Uma águia e suas crias voam em direcção ao sol; em cima, «PROBANTVR UT CORONENTVR» e, em baixo, «A OBSERVÂNCIA DA REGRA / DE S. BENTO HE CERTO CA= / MINHO DE SALVAÇÃO».

(234) Sobre diferenciação do conceito de emblema e símbolo *vide* DIAS, 1979. E também: RODRIGUEZ DE LA FLOR, 1995; VV. AA., 1992c. (PRA)

(235) *Vide*: VINHAS, 1996. Este autor neste artigo faz a identificação da obra de Fr. João dos Prazeres e uma leitura iconográfica relacionando a legenda em português com a imagem representada. Para uma leitura conjunta da imagem, divisa e legenda em consonância com a obra literária e emblemática de inspiração além da associação iconológica aos demais episódios beneditinos representados, *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 284-308, vol. 2, pp. 397-462, e vol. 4, pp. 5-113 (para as várias fontes dos azulejos da iconografia de São Bento). (PRA)

- 15) Um basílico observa a sua imagem reflectida num espelho. «SE IPSVM CONSP-
VRCAT» e «SO SE COMPOEM BEM, / QVEM SE VE AO DIVI= / NO ESPELHO».
- 16) Uma ovelha encosta as patas dianteiras a uma árvore no campo, comendo a ra-
magem. «ODVMBRAT, ET ALIT» e «O RELIGIOSO TVDO TEM / NA RELIGIÃO».
- 17) Cena de interior, vendo-se uma porta ao fundo e no centro um homem sentado
à mesa a segurar um copo. «FACILE CONCILIANTVR» e «NA RELIGIÃO NAM
HÁ= / DE HAVER ÒDIOS».
- 18) Uma mão, à esquerda, segura uma vara, da direita surge um freio. «NON SVFFICIT
VNVM» e «NÃO SE PODE CONSER / VAR A RELIGIÃO SEM / CASTIGO»
- 19) Foíce sem o seu cabo caída em terra. «IMPOSSIBILITA SVPERAT» e «A OBEDIÊN-
CIA HADE / SER CEGA».
- 20) Uma mão colhe uma flor de um vaso de asas com flores de diversos tipos. «QVIA
OLET» e «A INVEJA NA RELIGIÃO HÁ= / DE SER PARA IMITAR E / NAM PARA
DESTRVIR». ⁽²³⁶⁾

Igreja da Misericórdia (do antigo Convento de São Francisco)

No nártex da igreja, encontram-se dois painéis pertencentes a uma Via Sacra, nomeada-
mente da «I. ESTAÇÃO.» e «XIV. ESTAÇÃO.». Trata-se de painéis recortados em forma de
cruz com cartela com símbolos na parte inferior e legenda, em pintura a azul-cobalto.
A cruz apresenta como contorno barra exterior azul e barra interior branca que nas
extremidades se transformam em enrolamentos para o interior e tem almofada com
pintura a imitar marmoreado, raios em resplendor na intersecção dos braços da cruz,
repousando em cartela inserida em fundo rectangular liso formada por finos elemen-
tos acantonados de composição simétrica; aqui surgem símbolos alusivos à Paixão de
Cristo: a coluna com as cordas, ao centro, chicote e um cilício da flagelação, no primeiro
painel, uma arca e píxide, no segundo painel. ⁽²³⁷⁾

LAMA

Torre dos Azevedos, Solar e

Propriedade particular, tem esta torre uma sala guarnecida de azulejos em 10 de altu-
ra. Os painéis de cabeceiras lisas, mostram cenas guerreiras, possivelmente referentes
à Vida de São Tiago. Os painéis são ladeados de pilastras aguentadas por anjos e a
cercadura e de folhagens. O painel maior, que ocupa o centro da parede, tem 10 × 33
azulejos. São azulejos de boa pintura, de cerca de 1740. ⁽²³⁸⁾

Convento dos Lóios

Ao visitar este antigo convento, em 1947, levava-me o interesse de conhecer finalmen-
te os azulejos assinados e datados, tão repetidamente referidos, desde Joaquim de
Vasconcelos, que pela primeira vez os revelou. Ignorava, porém, que a Igreja, ou me-
lhor as igrejas, possuíam tamanho valor arqueológico e foi para mim surpresa agrada-
bilíssima tomar conhecimento com este venerável e notabilíssimo monumento. Não são
apenas os azulejos assinados e datados que merecem atenção: outros se encontram na
igreja, anteriores àqueles, e que representam um tipo de fabricação bastante curiosa,
provavelmente do Norte e dos princípios do século XVIII.

⁽²³⁶⁾ Para a história do Mosteiro e seus azulejos *vide*, além da bibliografia citada, ARAÚJO, 1999, pp. 459 e 485; CASTRO, 1996, pp. 43-76; FERREIRA, 1932, vol. 3; MECO, 1989; OLIVEIRA, 1996; PEREIRA, 1867; SMITH, 1970; SMITH, 1973a; THADIM, 1764; TRIGUEIROS, 1998. (PRA)

⁽²³⁷⁾ (PRA)

⁽²³⁸⁾ «Notável a sala nobre da torre, cujas paredes são revestidas de azulejos, figurando cenas dos feitos dos Azevedos e que conserva um belo tecto de madeira, dourado e policromado, e que assenta sobre mísulas trabalhadas.». *Vide*: «Solar dos Azevedos», www.monumentos.pt, 2008; AZEVEDO, 1969; SEQUEIRA, 1950. (PRA)

São azulejos historiados, que se encontram nas capelas laterais do lado do evangelho, tendo longas inscrições referentes aos santos e factos que se apresentam. É evidente que o seu calor artístico não é grande, mas ilustram um tipo que pode considerar-se de bastante raro.⁽²³⁹⁾

Os azulejos mais notáveis são os que estão em duas capelas do lado da epístola, respectivamente a penúltima e a última. Na primeira⁽²⁴⁰⁾ o revestimento é lateral e completo, tendo do lado direito e na fiada inferior o nome:

Nicolao de Freitas, a Pintou⁽²⁴¹⁾

Ao passo que no lado esquerdo se lê:

Bartholomeu Antunes afes em Lix^a no anno de 1.7.3.6.

Na última capela, também o forro é total e parietal, com painéis representando a Natividade e a Adoração dos Magos.⁽²⁴²⁾ Os azulejos estão marcados:

*Bartholomeu Antunes
a fes em Lx^a nas olarias
no anno de 1742*⁽²⁴³⁾

Não se trata, a meu ver, de uma assinatura propriamente dita, isto é, pessoal e intransmissível, antes de um letreiro para indicar o autor, visto que, em todos os casos, o tipo caligráfico é precisamente igual e formal. Do mesmo tipo exactamente é a marca dos azulejos dos «Terceiros», de Braga.⁽²⁴⁴⁾

(239) Em 1706, há documentação que atesta um contrato para o assentamento de azulejos pelo oficial Dionizio António, pela quantia de 4 mil réis o milheiro, embora não especificando a localização dos mesmos azulejos (VINHAS, 1998, p. 243). Em Março do ano seguinte, confirma-se a conclusão de toda a obra.

Nas capelas laterais do lado do evangelho, bem como da epístola, existem painéis em silhares delimitados por barra de acantos em voluta retratando personagens importantes da história da Congregação dos Lóios (Cónegos Regrantes de Seculares de São João Evangelista), os quais poderão eventualmente corresponder a esta empreitada, pois há referência a obras então promovidas de recolocação dos azulejos da capela-mor na Capela do Santíssimo Sacramento e nas capelas laterais do lado do evangelho entre 1752-1754 (VINHAS, 1998, p. 243), acompanhados de legendas:

«D. ANTONIO CORARI / CARDEAL OSTIENT / NEPOTE DO SO. P. GREGO / RIO 12 Q. POR SVA MVI / TA VIRTUDE E SANTID.E / DEIXOU O PALACIO DE ROMA / E SE METEO NA / NOSSA CONGREGAÇÃO».

Na parede do lado oposto:

«O P. AFONSO NOGUEIRA HUM DOS N. / P.ºS. FVNDADORES O QVAL / FOI A ROMA E ALCANÇOV O HABITO DE QUE / HOJE VZAMOS / DIVINALMENTE DADO PELA VIRGEM M.ª S. NOSSA E NOSSAS / CONSTITVISOIS BP.º DE COIMBRA, ARCEBISPO DE LISBOA».

Noutra capela pode ainda ler-se:

«O P. JOÃO ROIZ ZO GE / RAL DESTA CONGRE / GAÇÃO QVE NÃO / ASEITOV O BPDO DE CO / INBRA POR SVA MTA HVMILDADE / SENDO PRO / MOVIDO NELE POR EL / REI D. AFONSO 5.º DE SVA M. / HERA CONFESOR E DA RAINHA / D. IZABEL SVA MOLNER».

Em capela lateral do lado da epístola, igualmente painel legendado em cada uma das paredes acompanhado da representação do personagem citado:

«NOSSO P.S. LOURENÇO / IVSTINIANO PATRI / ARCA DE VENEZA / HUM DOS NOSOS / FVMDADORES DE S. / JORGE EM ALOA / EM ITALIA».

«GREGORIO 42 SVMMO / PONTIFICE CHAMA / DO ANTE SANGELOCOTS / HV DO SPP.ºS FVNDADORES / DA NOSSA CONGREGAÇÃO / DE S. JORGE DALCA EM VENEZA».

Para a história artística do convento neste período, vide: BARREIROS, 1919; CORREIA, 1922, vol. 1, p. 81; FERREIRA-ALVES, 2001a; VINHAS, 1998, 2 vols. (PRA)

(240) Trata-se da cena de *Santa Rita a Receber o Espinho da Coroa de Cristo*, de um lado da capela, e do *Martírio de Santa Quitéria*, do outro lado, ao nível do registo superior, cenas de cavaleiros no registo inferior em ambos os lados e contendo ao nível do embasamento cartela central com palma envolta por três coroas e coroa de flores do martírio e palma do martírio, respectivamente. (PRA)

(241) O *Guia de Portugal* (BNL, 1927 vol. II, p. 42) ao descrever Vilar de Frades – distrito de Beja (*sic*) – acrescenta: «No convento dos Lóios, nas proximidades da vila, havia ainda há pouco tempo grandes composições em azulejo, pintadas por Nicolao de Feitas e Bartolomeu Antunes (1736-1742)»!

J. M. SANTOS SIMÕES

(242) Segue inspiração em gravura de Annibale Carracci segundo Ludovico Carracci. (PRA)

(243) As legendas dos azulejos desta igreja têm sido muito reproduzidas. Vide: VASCONCELOS, 1883-84, vol. III, n.º 5, p. 224; QUEIROZ, 1907, p. 257 (ou 2.ª ed., vol. I, Lisboa 1948, p. 281); BARREIROS, 1919, p. 7; CORREIA, 1922, pp. 78-81 (ou 1956, vol. 1, pp. 81-85); SIMÕES, 1962a, pp. 7-8; etc.

FLÁVIO GONÇALVES

(244) Sobre a questão da autoria como pintor de azulejos de Bartolomeu Antunes e a parceria com Nicolau de Freitas, vide: MANGUCCI, 1996; MANGUCCI, 1999; MANGUCCI, 2003b; MECO, 1989, p. 222. (PRA)

CONCELHO DE BRAGA

BRAGA

Biscainhos, Museu dos

É esta uma das mais notáveis casas solarengas de Braga e, como tal, justamente conhecida e apreciada.

Encontramos aqui dois tipos de azulejos de figura avulsa perfeitamente distintos:⁽²⁴⁵⁾ na escadaria o silhar é muito curioso, de desenho mau e técnica confusa, da mesma oficina do artista que fez os painéis da Capela de São Roque, de Vila do Conde, e ainda alguns painéis que se guardam no Museu de Soares dos Reis.

O outro tipo encontra-se no grande e belo salão nobre – notável também pelo tecto pintado. É um enorme silhar em cujos centros há cenas de jardins com figuras de damas toucadas «em pente». Semelhantes e certamente da mesma oficina do autor dos azulejos que se encontram na Sala do Cabido da Sé do Porto e de tantos outros do mesmo género usados nas decorações civis entre 1720 e 1740.⁽²⁴⁶⁾

Numa escada interior e noutros compartimentos existem azulejos de grinaldas, dos finais do século XVIII, azulejos que provavelmente não foram concebidos para aqui, antes transplantados.

A Casa dos Biscainhos recebeu em 1712 obra de pedraria para reconstrução e renovação ajustada pelo Deão da Sé de Braga, Francisco Pereira da Silva, para aí estabelecer sua residência com o arquitecto e mestre-pedreiro Manuel Fernandes da Silva.⁽²⁴⁷⁾

Os azulejos do salão nobre atribuídos ao Mestre PMP como referido por Flávio Gonçalves serão de data aproximada do seu tecto abobadado a castanho com pintura a óleo com a data de 1724 e comemorativo do centenário da morte do Beato Miguel de Carvalho, atribuído a Manuel Furtado de Mendonça.⁽²⁴⁸⁾ O salão nobre da Casa dos Biscainhos apresenta cenas de temática cortesã e caçadas de âmbito recreativo em silhares de guarnição constituída por cercadura de 2 azulejos de largura, em que os elementos representados sobre fundo azul-escuro se dispõem simetricamente em relação a um eixo central que corresponde a cartelas das quais saem volutas que *putti* seguram por entre folhagem de acantos que se ligam nos cantos através de elementos tipo concheado. O grande painel de fundo organiza-se a partir de um eixo axial, através da presença de uma fonte monumental com os pares de damas e cavalheiros, os músicos e demais personagens dispostos lateralmente. Os outros painéis são de menores dimensões e apresentam várias cenas de caçadas, cenas fluviais, campestres, de pesca.

A escadaria nobre é escadaria adossada organizada em três lanços, enriquecida com silhares de azulejos recortados e delimitados por pilastras rematadas por urnas decoradas, conferindo ritmo e alguma monumentalidade ao conjunto. No entanto, a qualidade de execução e desenho como Santos Simões notou não alcançam a qualidade do conjunto supramencionado, com mais evidência na figuração de temas campestres e exóticos, com personagens de turbante e vestes orientalizantes e introdução de figuras de carácter mitológico, com Baco e Ceres (?) – fora de escala – a dominar a composição, que alguns visitantes apontam semelhanças com obra de António Vital Rifarto na Galeria Superior do claustro da Sé do Porto.

(245) A expressão correcta seria «dois tipos de azulejo», uma vez que não existem na casa azulejos de figura avulsa. (PRA)

(246) Robert Smith atribui ao monogramista PMP, e a cerca de 1725, os painéis de azulejos do salão nobre da Casa dos Biscainhos (Braga). *Vide* SMITH, 1968d, fig. 188. Os azulejos da sala capitular da Casa do Cabido da Sé do Porto (dos quais J. M. dos Santos Simões, que não os inventariou, aproxima os azulejos da Casa dos Biscainhos de Braga) denunciam também a órbita do Mestre PMP e vieram de Lisboa em começos de 1719. *Vide* GONÇALVES, 1970, p. 48. FLÁVIO GONÇALVES

(247) ROCHA, 1996, pp. 168-172; *vide* OLIVEIRA, 1999b, pp. 181-184. (PRA)

(248) CASIMIRO, 1933; EÇA, 1990; MELO, 1995; MELO, 1996; OLIVEIRA, 1999b, pp. 181-184. (PRA)

Os conjuntos que Santos Simões considera terem sido transplantados correspondem à passagem do século XVIII para o século XIX, de linguagem neoclassicizante,⁽²⁴⁹⁾ e dispõem-se no gabinete e na sala de jantar em conjuntos policromos com o ocre, vinoso e verde como tons dominantes. Na sala de jantar, a decoração em azulejo complementa e prolonga a decoração pictórica das paredes, com os silhares de 6 e ½ azulejos de altura delimitados por barra amarela decorada com ornatos vegetalistas e plumas em «S» entrelaçados, sobre um rodapé liso com azulejos esponjados azuis; a composição organiza-se respeitando os princípios da simetria, a partir de um eixo axial, com elementos de *feronnerie*, pássaros que delicadamente suspendem festões floridos, folhagem e volutas e em cada extremidade dois medalhões de paisagens monocromáticas em tons de vinoso sobrepujados por vasos também floridos. No gabinete o esquema é similar, não obstante a superfície murária lisa, com os silhares de 6 ½ azulejos de altura, os medalhões ovais de pintura a azul ao centro da composição que se desenvolve num entrelaçar de festões floridos, *feronneries*, pássaros, volutas e laçaria. É mais notória a intervenção de substituição de azulejos neste conjunto. No jardim, de 1755-70⁽²⁵⁰⁾, existem – por entre panos de azulejo de padrão do século XVII – azulejos setecentistas de pintura a azul aplicados arbitrariamente nos muros, mas deixando entrever elaboradas molduras arquitectónicas com decoração de anjinhos e acantos, painéis historiados com pincelada similar aos azulejos guardados na colecção do museu. Trata-se de painéis muito fragmentados e de proveniência desconhecida, removidos da cozinha, onde estariam aplicados também de forma avulsa ainda em 1963, como atesta registo fotográfico na posse do museu. Prevalece um painel de 5 x 4 azulejos correspondente à representação de um eremita meditando com o livro aberto sobre os joelhos, de pintura a azul, com datação da década de 20.

Coimbras, Capela de Nossa Senhora da Conceição dita dos (ou do Senhor Morto)

Todos os espaços livres de cantaria são forrados de azulejos. A pequena capela é de planta quadrada e os azulejos revestem não só as paredes como as meias calotes – da entrada, da frente e do lado direito.

No painel da frente está uma cidade portuária. Do lado direito, centrada pela figura de Cristo, em pedra, estão anjos e raios azuis. Na parede da entrada o painel mostra uma cena do Génesis: o *Nascimento de Adão e Eva*. Este painel é bastante curioso, vendo-se Adão sentado e Eva levantando-se, enquanto o Criador, com dois pequenos coelhos aos pés, lhe aponta o dedo indicador da mão direita. A paisagem é de vegetação. As molduras destes painéis são de um azulejo de acantos, com máscaras ao centro e aos cantos. Abaixo deste painel, e ladeando a porta de entrada, vêem-se pequenos painéis que figuram a *Criação do Mundo*. Na parede fronteira, abaixo do painel da paisagem portuária, vê-se o painel da *Expulsão de Eva do Paraíso* e, mais abaixo, painel com dama amamentando um bebé, enquanto outro brinca sobre os joelhos e um cão deitado, olha a cena, simbologia que aliás não identificamos.

Do lado oposto, o painel representa a *Tentação de Eva*, com a serpente portadora de cabeças de diabo. O quadro da parte inferior está tapado por um armário. Aqui, nestes painéis, as cercaduras são de 4 azulejos, com anjos entrelaçados em acantos.

Na parede do lado direito, abaixo do painel do resplendor de Cristo, existe uma porta e uma janela. Ambas são retratadas do lado direito por azulejo imitado, toscamente, a grade de janela e uma porta.

É um núcleo bastante notável que deverá datar de cerca de 1710-20, talvez de mais de uma encomenda.

(249) Vide: HENRIQUES, 2003, pp. 448-489; MECO, 1986, pp. 120 e 125-126; PEREIRA *et al.*, 1997; PEREIRA, 1999, pp. 211-237. (PRA)

(250) OLIVEIRA, 1999b, pp. 181-184. (PRA)

A capela quinhentista de Nossa Senhora da Conceição⁽²⁵¹⁾ recebeu no século XVIII revestimento azulejar, obra talvez coeva de outra patrocinada pela família dos Coimbras, José Coimbra de Andrade e Lourenço José Coimbra, pai e filho, em 1706, no espaço adjacente nomeadamente com a construção de uma outra capela, dedicada a Santo António Esquecido – entretanto demolida.⁽²⁵²⁾ A casa dos Coimbras terá tido a sua edificação cerca de 1515, provavelmente obra de um dos Castilhos, com a sepultura de D. João de Coimbra provisor da mitra de Braga, em 1525, e o retábulo atribuído a João de Ruão a remontar a cerca de 1515-28 com a representação da *Deposição no Túmulo*, vulgo o *Senhor Morto*; as esculturas exteriores são atribuídas a Hodart.

O revestimento cerâmico foi esquecido das reflexões e abordagens historiográficas do século XX sobre este imóvel, mais voltadas para a leitura arquitectónica e sua filiação estilística e tipológica enquanto exemplar do manuelino bracarense.⁽²⁵³⁾ São azulejos de pintura a azul atribuídos ao Mestre PMP,⁽²⁵⁴⁾ com um notável núcleo de iconografia bíblica retirada do Génesis (Gn 1-4), os vários registos de limites definidos por barra de folhagem, flores e enrolamentos de acantos, que junto ao arco do lado do evangelho apresenta fiada de 2 azulejos com acantos pontuados por meninos. Logo na parede da porta de entrada, ressaltam os painéis que remetem para a *Criação do Mundo*, a *Criação dos Animais*, o *Jardim do Éden*, com notável tratamento da paisagem e diversidade de representação de animais (desde pavões, elefantes, pantera, vacas, ovelhas, porcos, coelhos, vários tipos de pássaros, avestruzes nomeadamente). A rematar a entrada o painel único da *Criação de Eva* a partir da costela de Adão com a figura de Deus-Pai antropomorfizada com um nimbo triangular, remetendo para a iconografia trinitária, os coelhos a seus pés a lembrarem a pureza do paraíso. Junto ao retábulo-mor, à esquerda a *Tentação de Adão e Eva* e, à direita, a *Expulsão do Paraíso*, no registo superior, *Adão e Eva Fora do Paraíso* com Adão a cavar a terra e Eva a fiar, à esquerda, *Adão e Eva com Caim e Abel*,⁽²⁵⁵⁾ à direita no registo inferior, introduzem a fase da queda da Humanidade já longe das facilidades do Jardim das Delícias, da abundância e harmonia edénica, e alertam os crentes para a Redenção e Salvação, a remeter para Crucificação-Ressurreição no painel de topo do retábulo e patente no painel do lado da epístola, sobre o túmulo, como cirro de nuvens e querubins a envolver a estátua do Bom Pastor.

Casa-Museu Nogueira da Silva

O Museu alberga a diversificada colecção de Nogueira da Silva, nomeadamente no âmbito da cerâmica artística, naquela que foi sua residência bem no centro da cidade de Braga abrangendo o amplo jardim. É no jardim que se encontram dispostos nos muros e muretes painéis das mais distintas proveniências, estilos e datações, dos últimos três séculos. Destacam-se de imediato os dois painéis holandeses atribuídos a Willem van der Kloet,

IX

(251) OLIVEIRA, 1999b, pp. 93-94 (*vide* bibliografia nas notas seguintes). (PRA)

(252) ROCHA, 1996, pp. 132-135.

(253) *Vide* trabalhos de BARREIROS, 1922b; BARREIROS, 1927; FEIO, 1923; MATOS, 1931. (PRA)

(254) MECO, 1989, p. 228. (PRA)

(255) A representação da *Criação de Eva* faz-se a partir de gravura de Cornelis Cort, que segue de perto os frescos de Miguel Ângelo na Capela Sistina, mas mais ainda a versão veiculada desde Rafael para os episódios do Antigo Testamento nas *Logge* do Vaticano e seus gravadores mais fiéis de Giovanni Lanfranco a Schiainossi.

Na *Tentação de Eva* a leitura não é tão fácil, ressaltando a presença da serpente antropomorfizada com rosto de mulher (similar na ilustração do livro por Ritter von Turn de 1493 onde alcança maior semelhança ou na gravura de Dürer de 1511, ou nos frescos da Capela Brancacci em Santa Maria del Carmine em Florença de Masaccio e Masolino), o posicionamento dos personagens a distanciar-se de versões mais conhecidas do tema.

A *Expulsão do Paraíso* tem algumas semelhanças pertinentes com a gravura de Matthaeus Merian, o *Velbo*, da série dos *Icones Biblicae*, de 1625-30, recorda mais uma vez Rafael nas *Logge*, com o anjo a aparecer do lado esquerdo e a erguer a espada na direcção de Adão e Eva, na senda da gravura de Dürer de cerca de 1511, embora a representação dos azulejos seja mais expressiva e dinâmica. A gravura de Merian é significativa pois os aspectos paisagísticos de fundo assemelham-se aos azulejos com cenas da *Criação dos Animais*, tal como a gravura do mesmo autor para a *Tentação de Eva*.

Para os painéis de *Adão e Eva* e depois com *Caim e Abel* toda a abordagem iconográfica parte uma vez mais de Rafael nas *Logge*, através de gravura de Giovanni Lanfranco de 1638 com o mesmo esquema compositivo dos azulejos de Braga, embora numa versão simplificada.

Estes painéis foram confundidos com a representação da Sagrada Família, o que o contexto, bem como a informação sugerida pelas fontes iconográficas, contrapõem e desmistificam (*vide* gravuras de Lanfranco, 1638: ALMEIDA, 2004). (PRA)

com datação de 1707, que fizeram parte de conjunto mais extenso do Palácio Galvão Mexia em Lisboa.⁽²⁵⁶⁾ Correspondem aos *Jogos num Terraço e Músicos num Terraço*.

Existe ainda um painel proveniente do Mosteiro de São Martinho de Tibães com iconografia de Nossa Senhora da Conceição e com molduras correspondentes estilisticamente aos painéis do claustro do cemitério do referido mosteiro (1769-70). Corresponde à Fonte de São Beda da Cerca que em 1965 fora vendida a Afonso Correia Leite, passando posteriormente a integrar a coleção do Museu.⁽²⁵⁷⁾ Tem 18 azulejos de altura e 23 de largura, é recortado no topo, com fantasiosas pilastras quase absorvidas pelos elementos decorativos, com os dois anjinhos de cada lado no rodapé a segurar concheado, sobrepujado por jogo de concheados, flores e folhagem em festões a partir de cornucópia, numa policromia de ocre, vinoso, verde e azul exclusiva ao emolduramento, com a cena figurada da reserva central em tonalidades de azul. Trata-se da representação de «N.ª S.ª DA CONCEIÇÃO», conforme legenda na base do globo, sobrepujado pela lua em quarto crescente, no qual se encontra Nossa Senhora, rodeada de muitos anjinhos, uns segurando lírios e rosas, outros a coroa sobre o nimbo raiado de estrelas. O painel foi aplicado sobre silhar de 6 azulejos de altura de padrão pombalino, com cercadura composta por elementos entrelaçados, um deles liso, pintado a azul e o outro canelado de cor vinoso, com combinação de padrões florais dispostos em xadrez, aproveitando o jogo de cores distintas em azul e ocre.

Padronagem pombalina existe igualmente a enquadrar quatro painéis historiados com cenas de batalhas em varandas recuadas das traseiras do edifício; estes painéis de 9 azulejos de altura e largura variável, apresentam-se em silhares com enquadramento decorativo de cariátides que partem de volutas sobre bases perspectivadas interligadas por festões floridos em torno de cartela central, da década de 1760. São envolvidos, na parte inferior, por dupla cercadura azul em fundo branco e alternância de florões circulares a manganês e os típicos florões azuis de folhagem em «X» e, na parte superior, em barra 2 × 3 com medalhões sobre fundo azul-claro a imitar granito, de contornos fitomórficos a azul e fundo amarelo que alternam com elemento vegetalista a manganês; no remate surge ainda barra de 3 azulejos de altura com cercadura azul em fundo branco e azulejos de padrão com florões circulares a alternar com florões de folhagem em «X» a azul.

Junto a patamar de varanda, surgem outros quatro painéis em dois registos sobrepostos, com a mesma temática de batalhas – com acampamentos e militares de armaduras «à romana», batalhas navais e a cavalo. Trata-se de conjunto de cinco silhares de 9 azulejos de altura em pintura a azul, de datação mais recuada que o anterior conjunto, das décadas de 1740 e 1750. Nos extremos surgem as cariátides com parte inferior em voluta, dando lugar a área recuada que permite a sobreposição na base de medalhões, volutas, anjinhos e festões dispostos a partir de eixo central simétrico. Estes silhares inserem-se nos painéis com padronagem pombalina, classicizante, em quadrícula em amarelo tipo treliça permeada de folhagem verde ou formada por padrão de flor a amarelo e manganês com fina ramagem verde em «X» e respectiva cercadura agora em azul e branco colocada em espelho, como barra 2 × 2. Exceção a esta envoltória é um dos silhares barrocos – apenas com 7 azulejos de largura – com representação de um «general», colocado junto à porta de acesso à varanda.

(256) O Palácio Galvão Mexia situava-se na Rua dos Mouros, em Lisboa, e foi demolido em 1899, com a dispersão do seu espólio azulejar. O conjunto de cerca de vinte painéis de 1707, incluía os azulejos da capela – assinados – e de duas salas, a que pertenceriam estes dois painéis. MECO, 1989, p. 62; VV. AA., 1994, pp. 11-12, 23-24 e 82-83.

Estes painéis foram depois integrados na coleção do Eng.º José Manuel Leitão e, posteriormente, de Alfredo Keil, sendo então adquiridos por Nogueira da Silva, talvez em leilão na década de 1950, não havendo dados mais precisos. SIMÕES, 2002, p. 181, ou SIMÕES, 1959f, pp. 53-61. (PRA)

(257) www.monumentos.pt – IPA n.º PT010303420232. (PRA)

Convertidas, Igreja das (do antigo Recolhimento de Santa Maria Madalena)

O Recolhimento foi fundado em 1720 pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, que patrocinou a construção do mesmo – com inauguração em 1722 – e o dotou de verbas em testamento.⁽²⁵⁸⁾ Existem ainda silhares de azulejo de figura avulsa de motivos fitomórficos predominantes com cantos de «estrelinha».

Museu Pio XII

No espólio deste museu de arte sacra e arqueologia bracarense, recolhem-se várias caixas com azulejos do século XVIII. Destacam-se os fragmentos de silhares policromos de 1765⁽²⁵⁹⁾ provenientes do lado norte do claustro do cemitério do Mosteiro de São Martinho de Tibães, completando-se, assim, a leitura iconográfica desse conjunto.⁽²⁶⁰⁾ Embora estejam realmente muito fragmentados,⁽²⁶¹⁾ é possível identificar as cenas representadas:

- 1) «Partida para Roma», sendo que a parte inferior do painel, que consta da base, cartela com legenda e parte inferior da figuração ainda prevalece em Tibães;
- 2) segue-se o painel da «Partida de Roma», restando ainda parte da legenda do lado direito – «(...) Capitolia foedis, / (...) it ab urbe pedem: / (...) ublimia lucis, / (...) amica Deum.»;
- 3) o painel seguinte corresponde ao «*Milagre do Crivo Partido*», conforme partes da legenda permitem identificar «Vas g (...) actum Nutrix, qu (...) / C (...) andi fru (...) t egena rudeis. / Hanc puer afflict (...) ans, in frusta cape (...) / Vas, solidat (...) ter per (...)»;
- 4) a «*Imposição do Hábito pelo Monge Romão*», «Diuino excitur monitu Romanus eunti / Occur (...), quo petat inde (...) / Dum s (...) ano Benedictus (...) / Pellibu (...) itur, clauditur ul (...)»;
- 5) finalmente, o painel de «*A campainha quebrada pelo demónio*» com parte da legenda e da cartela com um anjinho do lado esquerdo quase completo – «Dum ferus inuidiae facibus succenditu (...) / Rumpitur, et fracto profugit (...) n / At pia Romanus Benedicto f (...) equentat, / Et solita obsequium strenuitat (...)».

Existe um outro painel – de proveniência desconhecida – com composição ornamental em tons de azul em cartela delimitada por torçal de louros que teria volutas acantoadas a toda a voluta, com inscrição epigráfica em letras maiúsculas em azul-escuro. No interior da cartela, na reserva central de forma convexa, lê-se:

«ESTA CAPELLA * / ERIGIO * O * DOUTOR / MANOEL * DE * ALM / EIDA * PASSOS * ES / SVA * MOLHER * D. AMIANA * / MARIA DA SILVA TEM PARA / FABRICA E LEGADOS. / O QUE * DE SEVS TES / TAMENTOS . C / ONSTARA». Há outras inscrições parciais do mesmo painel em que não é perceptível a sequência: «VENI GLORIA / CORONAM ACCEP / TVRVS»; «(...) V LAO TVDO PARA TODOS.»; «(...) IVLIANO (...)»; «(...) APOSTATA (...)».

Nossa Senhora da Conceição dos Pelames, igreja do antigo Mosteiro de (Instituto Monsenhor Airoso)

Este templo notabilíssimo é singularizado pela extraordinária talha do altar-mor, dos altares colaterais, dos dois púlpitos e do órgão.

(258) THADIM, 1764. *Vide*: FERREIRA, 1932, t. II; MELLO, 1995; OLIVEIRA, 1999b; OLIVEIRA, 2002. (PRA)

(259) *Vide* entrada relativa ao claustro no Mosteiro de São Martinho de Tibães. (PRA)

(260) ALMEIDA, 2007b, pp. 71-80; ver também ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 167-169, 215-263, e vol. 2, pp. 51-140. (PRA)

(261) Deste conjunto de painéis há vários fragmentos das molduras e enquadramentos em depósito que não é possível identificar com certeza a que painel pertencem. (PRA)

Na nave mantém-se o silhar azulejado, em 13 de altura, com oito painéis decorativos, de belo azul, pintura convencional – concheado e anjinhos – emoldurando cartelas centrais com emblemas da ladainha mariana. Tem particular interesse o navio, por mostrar uma nau de carreira, típica da primeira metade do século XVIII.

Sob os púlpitos os azulejos apresentam apenas composições ornamentais tendo ao centro, grandes vasos floridos. Trata-se de azulejaria de Lisboa, do ciclo oficial mais vulgar, de cerca de 1750.

Na capela-mor o revestimento é do mesmo tipo da nave, infelizmente truncado. Do lado da epístola o painel é corrido, com figurações de ermitões.

A actual igreja⁽²⁶²⁾ foi construída em 1725-28 por iniciativa do Arcebispo Primaz de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles,⁽²⁶³⁾ tendo sido contratado o arquitecto e mestre-pedreiro Manuel Fernandes da Silva para execução da obra de pedraria da nova igreja⁽²⁶⁴⁾ com a obra a estender-se pelos anos e décadas seguintes, nomeadamente no que diz respeito à obra de talha e imaginária⁽²⁶⁵⁾ ou de azulejaria.

Tem revestimento em silhares de azulejos azuis e brancos das décadas de 1740-50 nas paredes da nave e capela-mor, num programa iconográfico mariano. Os silhares da nave e dois da capela-mor contêm a representação de símbolos marianos inseridos em exuberantes composições ornamentais em dois módulos levemente distintos que se alternam, interrompidos sob os púlpitos por painéis com vasos floridos. As imagens traduzem a simbologia das ladainhas e litanias da Virgem e ritos próprios baseados nos livros sapienciais da Bíblia – *Salmos*, *Cântico dos Cânticos* e *Livro da Sabedoria*, *Provérbios* e *Eclesiástico* – numa leitura associada ao culto de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da igreja. Assim Maria é a *rosa*, *nau*, *lírio*, *estrela*, *escada*, *porta*, *espelho*, *lua*, *torre*, *sol*⁽²⁶⁶⁾ nos azulejos da igreja concecionista bracarense.

Na capela-mor há ainda dois painéis distintos, mais compridos e estreitos (o do lado do evangelho cortado pela introdução do cenotáfio de Monsenhor Airosa, falecido em 1931), com cenas da iconografia dos Eremitas. No conjunto são 16 painéis, incluindo os enquadramentos das portas laterais da capela-mor.

Nossa Senhora da Penha de França, Igreja da

A igreja, composta de corpo e capela-mor, não é grande, mas sim de grande beleza. A capela-mor ostenta um magnífico retábulo de talha, encimado pelo escudo do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. As paredes são inteiramente cobertas de azulejos azuis, de rica ornamentação acessória, enquadrando as janelas e as portas. Junto ao altar-mor e até à sanca tem 32 azulejos de alto. A parte inferior das paredes representa, do lado da epístola, a *Adoração dos Pastores* e a *Circuncisão*, e, do lado do evangelho, o *Nascimento da Virgem* e o *Nascimento de Jesus*. Neste painel, separado do anterior por uma coluna no azulejo, está a assinatura:

IX

Policarpus ab oli / va fecit

(262) A primitiva Igreja de Nossa Senhora da Conceição pertencia ao mosteiro com esta invocação fundado em 1625, de religiosas da Ordem da Conceição, de carisma mariano e influência franciscana, que professaram, de início, a Regra da Ordem Terceira da Penitência e, posteriormente, a 1.ª Regra de Santa Clara. *Vide*: FREITAS, 1890, vol. 2, p. 151 e vol. 5, p. 208; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 388-398 e vol. 3, pp. 155-184. Em 1883, aquando da morte da última religiosa, passou a Asilo/Colégio da Regeneração fundado por Monsenhor Airosa que hoje dá nome ao instituto instalado no antigo mosteiro; religiosas dominicanas instalaram-se no mosteiro e aí permaneceram até 2003, altura em que o instituto ficou totalmente na responsabilidade estatal. (PRA)

(263) ROCHA, 1994c, pp. 204-205. (PRA)

(264) SMITH, s.d., vol. 1, p. 318, nota 64; ROCHA, 1994, pp. 204-205; ROCHA, 1996, pp. 257-259, doc. 30 e p. 112. *Vide* também: THADIM, 1764, fls. 326 e 329. (PRA)

(265) De 1733, data o retábulo-mor, encomendado a Pedro Salgado, entalhador de Landim (SMITH, s.d., vol. 1, p. 168) e, de 1735, o contrato com o mestre-entalhador Jacinto da Silva para execução da talha parietal da capela-mor (SMITH, s.d., vol. 1, p. 318, nota 64). (PRA)

(266) *Vide* ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 388-397 e vol. 3, pp. 155-184; AZEVEDO, 1998, p. 11; BARREIROS, 1955, vol. I, fascs. III e IV; SOBRAL, 1999b, n.º 3/7, p. 84; RÉAU, 2000, vol. 1, t. 2, 2.ª ed. (PRA)

Na parte superior das paredes, entre as janelas do lado da epístola e em pequenos painéis, vemos a *Apresentação de Nossa Senhora no Templo* e o *Casamento de Nossa Senhora*; do lado oposto a *Anunciação* e a *Visitação*.

O interior do arco triunfal é guarnecido de azulejos que se casam com o centro, em flores e festões.

No corpo, todo forrado até à sanca em 37 azulejos de alto, os painéis ilustram cenas da Vida de São Francisco, sendo particularmente notáveis os dois painéis da Morte e da Glória do Seráfico.

Só os azulejos da capela-mor me parecem ser de Policarpo e de data próxima de 1717, se bem que os dois últimos painéis da Vida de São Francisco lhe possam ser atribuídos, mas com a intervenção de outro artista.

Os painéis do corpo são já de outra oficina, se bem que de época muito próxima de 1730. Talvez anteriores a 1728, data da morte do Arcebispo Moura Teles.⁽²⁶⁷⁾

As janelas falsas têm azulejos com vasos floridos com grades e a manganês.

A Igreja de Nossa Senhora da Penha da França é de pequenas dimensões, de arquitectura com planimetria e volumetria muito simples, como sucedia em grande parte das construções conventuais coevas e de mecenato de D. Rodrigo de Moura Teles, com a atenção concentrada no portal de entrada e o interior enriquecido e transfigurado pela introdução da talha, pintura e/ou azulejo.⁽²⁶⁸⁾ Pertencia à Ordem de Nossa Senhora da Conceição, da família franciscana, assim se entendendo as opções iconográficas específicas para o principal espaço religioso: o notável conjunto da capela-mor com cenas da Vida de Nossa Senhora⁽²⁶⁹⁾ e a representação de episódios da *Vida do Seráfico São Francisco* na nave e coro. O primeiro conjunto está assinado por Policarpo de Oliveira Bernardes, no entanto para a autoria atribuída por Santos Simões dos dois painéis laterais da nave – *Morte de São Francisco* e da *Visão do Carro de Fogo* (anteriormente identificado como a Glória do Seráfico) – não há nenhum elemento concreto que o confirme, denotando-se problemas de escala e proporção fisionómica na representação dos personagens, e não se verificando a suavidade e domínio da pincelada, do jogo lumínico, da atenção ao detalhe e riqueza de pormenores patentes nos azulejos de iconografia mariana da capela-mor; além disso, o enquadramento ornamental da cena historiada apresenta elementos idênticos aos demais painéis da nave.

(267) Os azulejos da nave devem ser, de facto, à volta de 1728. Em Junho de 1727, com a igreja pronta, já as freiras se instalaram no edifício conventual – também quase concluído. D. Rodrigo de Moura Teles pagara, antes de falecer, todas as despesas de construção da igreja, mormente o revestimento azulejar.

Quanto aos azulejos da capela-mor, não podem ser de cerca de 1717. A primeira pedra do templo foi lançada em 1720; e em 18 de Dezembro de 1721 teve lugar a cerimónia da primeira missa celebrada na nova igreja. Os painéis de Policarpo de Oliveira Bernardes serão, assim, no máximo, de 1721-22. *Vide*: THADIM, *Diário bracarense* (manuscrito concluído em Braga em 1764), fls. 91 e 93 (há uma xerocópia deste manuscrito na Biblioteca Pública de Braga); FREITAS, 1890, t. I, pp. 302-309, t. II, pp. 211 e 221 e t. V, pp. 441-442. FLÁVIO GONÇALVES

(268) Ver entrada relativa a outros imóveis reformados e construídos sobre o mecenato de D. Rodrigo Moura Teles: igreja das Oficinas de São José em Guimarães, Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Braga. (PRA)

(269) Regista-se a peculiaridade iconográfica do episódio do *Nascimento de Nossa Senhora* com a representação de São Joaquim sentado a uma mesa do lado direito da composição, com Santa Ana em plano de fundo e ao centro o grupo de damas, serva e escrava – assim estão representadas – que lavam a Virgem recém-nascida. A introdução de São Joaquim deste modo é uma novidade, e o tratamento do grupo central também revela originalidade e liberdade na interpretação das fontes. António de Oliveira Bernardes, em 1721, executa para a Ermida de Nossa Senhora da Cabeça, em Évora, azulejos com o mesmo tema, e Policarpo dá igualmente cunho individualizador à sua obra. O mesmo sucedendo com o painel da *Natividade*, em que a análise das fontes, a comparação com obras pictóricas coevas revelam sempre a subtilidade da interpretação iconográfica e estilística. Pelo contrário, a *Adoração dos Reis Magos* segue quase fielmente gravura de Jan Sadeler por Marten de Vos. A *Apresentação da Virgem no Templo* é simplificada em relação à gravura de Cornelis Cort, segundo Taddeo Zuccaro (1576), transversal à iconografia do tema em Portugal, na esteira da abordagem iconográfica de Albrecht Dürer, mas tem nítidas semelhanças. A *Visitação* remete para Albrecht Dürer (gravado por Michel le Blon, cerca de 1505) que tornou-se paradigma para as obras posteriores do tema (até nos gravados de Aegidius Sadeler II), com Santa Isabel e a Virgem a abraçarem-se à porta de casa onde surge Zacarias. *Vide* ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 369-382 e vol. 4, pp. 253-324.

Para bibliografia associada a este tema da iconografia mariana, *vide*: CASIMIRO, 2004; LOPES, 1997, pp. 619-668; MARKL, 1992, vol. 2, pp. 114-129; FLOR, 2002, 2 vols; RÉAU, 2000, vol. 1, t. 2; SERRÃO, 1996a, pp. 89-147; SOBRAL, 1996; SOBRAL, 1998b, p. 220 e segs; SOBRAL, 2004. (PRA)

No âmbito da iconografia franciscana, os azulejos da nave apresentam um programa rico, perpassando aspectos fundamentais da biografia do santo de Assis, com destaque nos painéis maiores a representação do seu nascimento como se de um presépio se tratasse, na inevitável comparação com a *Natividade de Cristo*,⁽²⁷⁰⁾ a renúncia aos bens terrenos e imposição do hábito como também a aprovação da Regra, com muitas representações de São Francisco associado à natureza ou em oração e contemplação dentro da iconografia específica dos eremitas,⁽²⁷¹⁾ episódios com significação para as religiosas, como também para os crentes. A simbologia franciscana está igualmente presente nos elementos arquitectónico-decorativos, nas estípites com brasões e os Estigmas de São Francisco a lembrar as Cinco Chagas de Cristo, ambos representados no emblema da Ordem dos Frades Menores sobre a porta de entrada. Estão então representados:

- 1) *Nascimento de São Francisco*
- 2) *São Francisco Oferece as Vestes ao Cavaleiro Pobre*
- 3) *São Francisco e o Crucifixo de São Damião*
- 4) *A Mãe de São Francisco Liberta-o do Cativo*
- 5) *A Renúncia aos Bens Terrenos e a Imposição das Vestes*
- 6) *A Aprovação da Regra*
- 7) *A Visão do Carro de Fogo*
- 8) *São Francisco e o Peixe Devolvido à Água*
- 9) *A Porciúncula Concedida aos Frades Menores*
- 10) *São Francisco e a Natureza*
- 11) *São Francisco Consolado pelo Anjo Músico*
- 12) *Sermão de São Francisco aos Pássaros*
- 13) *São Francisco Penitente*
- 14) *São Francisco, Frade Mendicante*
- 15) *São Francisco em Oração*
- 16) *Milagre da Porciúncula*
- 17) *Agonia e Morte de São Francisco*
- 18) *Abertura do Túmulo de São Francisco pelo Papa Nicolau V*⁽²⁷²⁾

No claustro existem ainda dois painéis com vasos floridos sobre pintura fingida de gradeamento idênticos aos da igreja, na nave do lado da epístola, nos vãos falsos de janelas.

(270) As fontes literárias principais identificadas como fonte de inspiração dos azulejos são diversificadas mas bem conhecidas no contexto do mundo espiritual, cultural e artístico franciscano. Citam-se, assim, as obras de Tomás de Celano na *Vita Prima* (1228) e na *Vita Secunda* (cerca de 1247), São Boaventura com a *Legenda Maior* e a *Legenda Menor* (1260-63), o *Espejo de Perfeição/Speculum perfectionis* (1318), a *Legenda Perusina* (cerca de 1310-12); a *Legenda dos Três Companheiros* (1246 ou finais do século XIII), o *Anónimo Perusino* (1240 ou 1263-70), as *Fioretti* ou *Florinbas de São Francisco* (finais do século XIV), o *Actus Beati Francisci et sociorum eius* e *Wadding* nos *Annales Minorum* (vide: VV. AA., 1994a e 1996a, vols. 1-2; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 323-343 e vol. 3, pp. 217-253). O nascimento de São Francisco, no entanto, não é relatado nas fontes hagiográficas principais e não foi muito divulgado até ao período pós-conciliar, surgindo a lenda à sua volta. A representação mais antiga encontra-se nos frescos de Benozzo Gozzoli, na Igreja de São Francisco de Assis em Montefalco. Vide ALMEIDA, 2004, vol. 1, p. 327.

As fontes gráficas para a Vida de São Francisco são igualmente múltiplas, desde séries de gravura, gravuras avulsas, ciclos pictóricos, em fresco nomeadamente, ou as famosas tábuas retabulares do século XIII. Podem-se citar: a série de vinte gravuras de Philippe Galle sobre a Vida de São Francisco publicadas em Antuérpia, em 1587, a série de *São Francisci Historia* de Francesco Villamena, Roma, de 1594, e a série da *Vita S. Francisci* de Philippe Tommassin, as gravuras de Gillis van Schoor e do *Epitome vitae et miraculorum S. Francisci*, de 1631; gravuras de Wierix, Marcantonio Raimondi ou Albrecht Dürer, Bernardino Passeri, Justus ou Raphael Sadeler, a gravura de Pierre Landry a partir da pintura de Laurent de la Hyre. O ciclo de frescos na Basílica de Assis, caso dos frescos de Giotto, as obras da Capela Bardi em Santa Croce, Florença, de Berlinghieri, Margheritone d'Arezzo, Zurbaran, El Greco, dos Carracci entre muito outros, tornaram-se obras paradigmáticas, amiúde reproduzidas nas obras pictóricas. Assinala-se em Portugal a proximidade das opções na pintura em azulejo e das opções na pintura a óleo de Bento Coelho da Silveira (SOBRAL, 1998b, 2002, pp. 28-51; SOBRAL, 2004, pp. 133-135).

Para a iconografia da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França em Braga vide ALMEIDA, vol. 4, pp. 163-220. (PRA)

(271) ALMEIDA, 2005, pp. 261-279. (PRA)

(272) Vide entrada sobre a pintura de Marco da Cruz e respectiva análise iconográfica no catálogo da exposição «Pintura Portuguesa do Século XVII» (SOBRAL, 2004, pp. 133-135). (PRA)

Nossa Senhora do Pópulo, Igreja de

Neste majestoso templo fomos encontrar um dos mais extraordinários revestimentos azulejares desta região.⁽²⁷³⁾ Os azulejos cobrem não só as paredes da capela-mor e da nave, como igualmente todas as capelas laterais. Na primeira quadra eles atingem uma altura de 60 azulejos até à cornija, seguindo-se de mais 19 até à abóbada. O forro é composto de grandes painéis, que principiam acima do riquíssimo silhar ornamental dos que enquadram as portas. Os temas são referentes à Vida de Santo Agostinho, distribuídos por dois quadros hagiográficos. Serão de cerca de 1730 (?).⁽²⁷⁴⁾

A capela do lado do evangelho, dedicada a Santa Apolónia, tem nas paredes dois painéis figurando o *Martírio da Santa*. Um deles está assinado: *Antonius aboliva/inventor*.⁽²⁷⁵⁾

Na Capela de Santa Mónica o azulejo é idêntico ao anterior, apenas o desenho não apresenta tão boa qualidade. A figuração é de dois passos do hagiolégio de *Santa Mónica*.

À entrada sob o coro, ladeando a porta, forro do mesmo azulejo tipo dos da capela anterior, agora com figuração de Santo Agostinho.

A antiga Capela de Nossa Senhora da Penha tem dois painéis, um deles referente a uma procissão, na qual se representou a bandeira da Ordem.

A capela de Santa Rita tem um forro notável, provavelmente também de António de Oliveira Bernardes ou de um seu imediato discípulo, sem legendas. Um dos painéis representa *Santa Rita dirigindo-se para o Convento de Santa Madalena de CASSIS (sic)*.

Numa antiga capela – hoje de Nossa Senhora das Dores – o forro, também completo, é do tipo da capela-mor.

Na parte superior das paredes da nave, ocupando ambos os lados do coro, painéis de 23 × 11 azulejos, com figuras de dezasseis santos da Ordem, colocados entre as janelas. O «Convento do Pópulo», antigo Colégio de Nossa Senhora da Graça do Pópulo, é um imenso complexo que hoje se reparte entre o património da Igreja e da Câmara Municipal de Braga, esta com todo o edifício monástico adjacente. A igreja seiscentista foi sendo remodelada ao longo do século XVIII, estando a fachada principal actual atribuída a Carlos Amarante, cerca de 1775-80⁽²⁷⁶⁾ e a construção da nova fachada da área monástica, em 1745.

A igreja tem diversificado revestimento azulejar, de datação aproximada, seja na capela-mor, na nave e coro alto como nas capelas laterais. Na capela-mor da igreja, conta-se a Vida de Santo Agostinho em três registos sobrepostos, o superior entrecortado pelos vãos de janelas, o inferior sobre um imenso silhar de elaborada composição ornamental com cartela quadrilobada por entre acantos, volutas e aletas, sanefas, anjos e *putti* segurando festões floridos e em que se representa – do lado do evangelho – uma coluna com igreja no topo ladeada pelo sol e pela lua e – do lado da epístola – um braço com manga de hábito monástico e mão a segurar um martelo sobre cabeças com turbantes, numa simbologia agostiniana que se multiplica nos medalhões entre os painéis da vida do santo fundador da Ordem com os símbolos: o *Coração flamejante*, o *Sol sobre a cidade* – a *Civitas Dei* –, a *Estrela*, a *Mitra*, a *Águia bicéfala mitrada*, a *Rosa*, *Livro e Estrela*, o *Lírio*. Representam-se os episódios mais emblemáticos como: a *Visão da Trindade no escritório*, *Visão de Santo Agostinho/Conversão sobre a*

(273) Nos finais do século XIX já Liberato Telles aludira à importância do conjunto de azulejos desta igreja de Braga. Vide SILVA, 1986, p. 210. FLÁVIO GONÇALVES

(274) Nuno Catarino Cardoso afirmou erradamente que estes azulejos com cenas de Vida de Santo Agostinho estavam assinados por Nicolau de Freitas. Houve provável confusão com os azulejos da igreja bracarense da Ordem Terceira de São Francisco, onde existem, na verdade, azulejos assinados pelo dito Nicolau de Freitas. Vide CARDOSO, 1936, p. 13. FLÁVIO GONÇALVES

(275) Vide: QUEIROZ, 1948, 2.^a ed., vol. 2, p. 28, n.º 39. FLÁVIO GONÇALVES

(276) Vide: OLIVEIRA, 1988; OLIVEIRA, 1994; OLIVEIRA, 1999b, pp. 111-113; ROCHA, 1994b, pp. 16 e 77; SMITH, 1970; SMITH, 1974a; VELOSO, s.d.; www.monumentos.pt – IPA n.º PT010303410031. E também MALHOA, 2003, pp. 159-163. (PRA)

Figueira – com a inscrição «Tolle lege, tolle lege» que parte do anjo em direcção ao santo –, o *Baptismo de Santo Agostinho por Santo Ambrósio*, *Viagem de Roma a Milão*, *Ensina em Milão*, *Imposição do Hábito*, *Aprovação da Regra*, *Santo Agostinho perante o Imperador*, *Ensino na Universidade de Cartago*, *Concílio de Niceia e de Constantinopla*, *Santo Agostinho Apresenta a Regra da Ordem*, *Santo Agostinho Medita sobre a Santíssima Trindade*, *Alegoria do Conhecimento de Deus com o Menino Que Esvazia a Concha no Mar*, *Contemplação da Santíssima Trindade na Eucaristia*, *Santo Agostinho Lava os Pés a Cristo Disfarçado de Peregrino*, *Sagração de Santo Agostinho como Bispo*, *Milagres de Cura de Enfermos*, *Milagres Póstumos*, *Morte e Exéquias de Santo Agostinho*.⁽²⁷⁷⁾

Na nave, painéis de cada lado da porta de entrada, introduzem o crente na iconografia predominante. Do lado do evangelho, representa-se Santo Agostinho nimbado e vestido com hábito monástico preso na cintura de onde pende a cruz do rosário, a segurar na mão direita um coração flamejante erguido sobre o peito e tendo a outra mão sobre o seu coração; da sua boca sai a legenda: «ORA PRO POPVLO S. AVC SERM. IS.» sobre raios luminosos que sobem para o céu; dois pequenos anjos dispostos lateralmente em relação ao personagem principal seguram uma mitra e um báculo, à esquerda e à direita, respectivamente. Do lado oposto, representa-se um milagre de Nossa Senhora do Pópulo, com o Menino Jesus ao colo e a inscrição «VADICAUI IN POVSO ECDEZ 24» num cirro de nuvens perante um grupo de cinco figuras masculinas ajoelhadas que contemplam as figuras sagradas. O enquadramento é rico, adaptando-se aos contornos da arquitectura de suporte e tem a atenção concentrada no medalhão com símbolo e brasão da Ordem dos Cónegos Regrantes, com um coração flamejante sobre um livro inseridos em cartela ladeada por águia bicéfala de cujos bicos pendem fitas e cujas patas seguram, à esquerda, o sol e, à direita, a lua, rematado por uma mitra e um ceptro.

Ao longo da nave, sobre as capelas laterais e estendendo-se pelo coro alto, surgem grandes painéis rectangulares ladeando as janelas representando figuras importantes e santos ligados à Ordem de Santo Agostinho:

S. IOÃO BOM
 S MARTINIANO / Martir
 S. LIBERATO / Martir
 S. ANTONINO / Martir
 S. ALIPIO / Bispo
 S. PROSPERO / Bispo
 S. CARLOS BORROME (...) / Papa
 S. PATRÍCIO / Bispo
 S. FULGENCIO / Bispo
 S. POSSIDIO / Bispo
 S. ROGATO / Martir
 S. BONIFACIO / Martir
 S. SATVRNIANO / Martir
 O BEATO SIMÃO / DE CASSIA
 S. SIMPLICIANO / ERMITA

A primeira capela do lado do evangelho é, então, dedicada a Santa Apolónia com azulejos de excepcional qualidade assinados por António de Oliveira Bernardes. O esquema apresentado vai reproduzir-se posteriormente nas capelas adjacentes, com o revestimento azulejar a ocupar toda a superfície parietal lateral da capela, apenas com abertura

(277) Vide: RÉAU, 1955-58, vol. 3, t. 1, pp. 149-157. (PRA)

para a porta intercomunicante entre as capelas e a nave, com contraste cromático do azul e branco dos azulejos e o dourado do retábulo. A cena historiada é enquadrada por emolduramento de vincado desenho arquitectónico em dois níveis: o inferior correspondente a um embasamento que ocupa toda a largura do painel num jogo de aletas e consolas de expressão volumétrica acentuada e o superior, rectangular, de disposição simétrica dos elementos componentes da moldura exterior formada lateralmente por uma espécie de pilastras que na base apresentam duas figuras: uma figura humana masculina que domina outra figura demoníaca antropomorfizada, mas com orelhas pontiagudas, patas em vez de mãos e atitude bestial ao tentar morder a primeira figura; estão desnudas representadas ao modo de *ignudi michelangelescos*, elementos presentes noutras obras deste autor; sobre os plintos sucede-se uma sobreposição de consolas, as primeiras com festões pendendo do topo e as segundas com três anjinhos de pequenas asas que seguram uma cornucópia de frutos e flores, representados a três-quartos, em perspectiva a partir de eixo central. As consolas do topo são mais pequenas e sustentam pequena cornija que ao centro sustém medalhão em cartela similar ao do frontão do vão com inscrição em latim. No painel do lado esquerdo:

OMNES EI CONTV / SI VT EUVLSI / SUNT DENTES

E no painel do lado direito:

APOLLONIA SPIRI / TVS SANCTI FLAM / MA ACCENSA INI / GNEM SE INJECTIT

Na capela seguinte, dedicada a Santa Mónica, mãe de Santo Agostinho, o esquema compositivo mantém-se, com o registo superior historiado e o registo inferior ornamental, agora numa linguagem mais convencional. É de salientar a representação no frontão sobre o vão intercomunicante entre capelas do símbolo agostiniano com a águia bicéfala sobre o coração flamejante e o livro, coroada pelas duas mitras, que se repetirá nas capelas subsequentes à excepção da Capela de Santa Rita de Cássia. No painel do lado da epístola representa-se a *Visão de Santa Rita de Cássia*, com a santa ajoelhada e amparada por dois anjos perante um altar com um crucifixo, saindo da testa de Cristo um raio directamente ligado à testa da santa. No lado do evangelho, é a *Morte de Santa Mónica* o tema do painel, alusivo – pelo raio de luz que sai das nuvens rodeado de três anjos – à visão do Menino Jesus antes de morrer. A terceira capela do lado do evangelho, a Capela da Santíssima Trindade, tem lateralmente o revestimento a azulejo com esquema decorativo idêntico à anterior capela, apresentando no registo superior a figuração de temas cristológicos da Paixão: um dos painéis representa o episódio em que *Verónica Enxuga o Rosto de Jesus* e o outro com a serpente envolta na cruz, painel entrecortado por pedra de armas epigrafada.⁽²⁷⁸⁾

Do lado da epístola, a Capela de Nossa Senhora do Pópulo, actualmente de Nossa Senhora das Dores, respeitando o esquema anterior ainda que no registo inferior apresente medalhão de configuração similar ao da capela-mor – embora de dimensões adaptadas ao espaço disponível –, repetindo-se a representação da igreja sobre uma coluna no interior do lado esquerdo e de um braço que sai das nuvens, correspondendo a manga de hábito monástico, a segurar um martelo sobre cabeças com turbantes. O revestimento azulejar é dedicado a São Nicolau Tolentino, da ordem agostiniana.⁽²⁷⁹⁾

(278) A capela tem a pedra de armas e a inscrição referente a Salvador de Magalhães Machado, datando do século XVII. «ESTA CAPELA HE DE / SALVADOR DE MA / GALHÃES MACHADO / E SEVS ERDEIROS / COM OBRIGACÃO / DE DUAS MISSAS CO / TEDIANAS. 1647» (www.monumentos.pt IPA n.º PT010303410031). (PRA)

(279) RÉAU, 1955-58, vol. 2, t. III, pp. 989-990; VELOSO, s.d. (PRA)

O retábulo está atribuído a Marceliano de Araújo, cerca de 1740-50, tal como o da Capela de Nossa Senhora da Conceição, e a sua colocação será posterior ao revestimento dos azulejos, da década de 1930. OLIVEIRA, 1999b, pp. 111-113; SMITH, 1970. (PRA)

No registo superior, os painéis estão encobertos num dos extremos pela talha dourada do retábulo, ainda assim, de um dos lados, representa-se o episódio em que *São Nicolau Tolentino Preside à Eucaristia pelas Almas do Purgatório* e, do outro lado, representa-se o *Milagre da Cura pelos Pães Abençoados*.

Segue-se a Capela de Santa Rita, terceira capela do lado da epístola, é a que apresenta decoração dos motivos azulejares mais aproximada da Capela de Santa Apolónia, no entanto mais simplificada e sem a riqueza plástica desta; registo superior tem configuração rectilínea com a quadratura fornecida por sucessão de consolas e *putti*, festões floridos e atlantes, volutas e acantos, enquanto o registo inferior é de linhas mais depuradas, classicizantes, com o embasamento arquitectónico com dois atlantes junto ao vão de passagem e onde se senta um anjo, de grandes dimensões, de veste comprida, sandálias, longas asas, que inclina a cabeça, segurando para o lado oposto medalhão em cartela com enrolamentos a toda a volta com inscrição no interior. A estrutura por trás do anjo na parte superior tem moldura rectangular em torçal de louros sobre fundo liso, dando lugar ao remate com uma sucessão de frisos decorados. No painel do lado esquerdo, representa-se *Visão e Êxtase de Santa Rita*, ajoelhada e amparada por dois anjos diante de um altar com um crucifixo com um raio de luz em direcção à testa da santa, lendo-se em filacteria sustida no topo por dois anjos e na inscrição da cartela do registo inferior:

SIGN ASTI DOMINE FAMVLAM TVAM RITAM
SIGNO CHARITATIS, ET PASSIONIS TVA

POIS DE DEOS SOIS ES=
TIMADA,
DE IMPOSSIVEIS PRO
TECTORA;
SEDE NOSSA INTER=
CESSORA
RITA BEMAVEN
TURADA

Do lado direito, representa-se a entrada de Santa Rita na Ordem, guiada por um anjo e pelos santos – «S. AVGUST.^O», «S. IOAM BAPT.^A», «S. NICOLAO DE TOLENT.^O» – sai de casa, para o mosteiro de «S. M.^A MAGDAL.^A DE CASSIS» junto «ROCCA PORENA» e «SCHYOPPO», conforme legendas; no topo, na filacteria e na cartela do registo inferior lê-se:

IN CAENOBVIM MIRABILITER INTRODVTCTA
A VIRGINIBVS MIRACVLO PERMOTIS BENIGNE
SVSCEPTA EST

RITA BEMAVEN
TURADA
FOI FREIRA, E FOI
COM TAL MODO,
QUE HE P.^A O MUN=
DO TODO
DE IMPOSSIVEIS
ADVOGADA

Finalmente, a Capela de Nossa Senhora da Conceição da Penha de França é congénere da Capela de Santa Mónica quanto aos emolduramentos. Do lado do evangelho representa-se a *Procissão de Santo António* com a imagem do santo com o Menino Jesus⁽²⁸⁰⁾ em andor levado por religiosos, enquanto do lado da epístola a cena corresponde ao *Milagre e Visão de Nossa Senhora da Penha*, representado em primeiro plano, com um crente prostrado em oração diante do altar da mesma invocação em plano de fundo à esquerda.

Nossa Senhora do Pópulo, antigo Mosteiro de (serviços da Câmara Municipal)

No antigo Convento dos Agostinhos a escadaria tem silhar em painéis recortados, de tipo vasos e emolduramento de sanefa. A figuração é convencional, com ermitões. A pintura é azul e o desenho não é de boa qualidade. Será trabalho de cerca de 1740? No edifício das dependências monásticas do Pópulo, ocupado que esteve pelo Quartel do Regimento de Infantaria 8 desde 1848, funcionam actualmente serviços da Câmara Municipal desde 1990. Da portaria e do claustro⁽²⁸¹⁾ – no lado oposto –, chega-se por tripla arcaria à elaborada caixa de escadas rematada por clarabóia oitocentista: acede-se ao primeiro patamar através de duplos lanços laterais convergentes e, daí, parte-se para o piso superior através de lanços centrais divergentes, onde se destaca a elegância simples do desenho arquitectónico conjugado com a guarda em ferro forjado, com as pilstras de granito e seus remates como que transpostos para a azulejaria, enquadrando as cenas da iconografia dos eremitas em alusão ao fundador e vivência dos primeiros monges da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, numa grande diversidade de variantes de elementos iconográficos⁽²⁸²⁾. Os painéis encontram-se em mau estado de conservação, alguns vandalizados e outros deslocados para os patamares superiores, perdendo o efeito de perspectiva pictórica de adaptação à inclinação do lanço de escadas. Esperemos que um dia possam ser repostos na posição original.

Paço Arquiepiscopal, antigo (entrada do lado sul)/Reitoria da Universidade do Minho

A escadaria primitiva tem silhares contornando as rampas e patamares, em 9 azulejos de altura, com cercadura de folhas encurvadas de 2 de largo. Os centros são figurados com várias cenas: tocador de ocarina, sapateiro, etc. Tem bastantes azulejos restaurados. No átrio vemos dois painéis recortados que faziam parte do claustro de Tibães, de moldura concheada policroma, centro azul, figurando passos da Vida de São Bernardo, com inscrição latina.⁽²⁸³⁾ As suas dimensões são de 15 ½ × 22 azulejos. Julgo estarem atribuídos ao Rato e a sua data será de cerca de 1780.⁽²⁸⁴⁾

(280) Dito São Nicolau Tolentino, devoção dos Eremitas de Santo Agostinho, in VELOSO, s.d. (PRA)

(281) O claustro foi construído sob orientação do mestre-pedreiro e arquitecto de Braga, Manuel Fernandes da Silva e seu pai Pascoal Fernandes. Em 1755 iniciaram-se as obras de reconstrução da fachada principal e da portaria. OLIVEIRA, 1999b, pp. 111-113; ROCHA, 1994c; ROCHA, 1996. (PRA)

(282) Para a iconografia dos eremitas vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 344-352 e vol. 3, pp. 221-228; ALMEIDA, 2005, vol. 4. (PRA)

(283) Os dois painéis evocam cenas da legenda de São Bento de Núrria: um representa São Mauro a salvar o monge Plácido de morrer afogado, sob a bênção de São Bento, e o outro alude ao papel de São Bento na expurgação das heresias dos bárbaros.

Também os painéis do claustro do Mosteiro de São Martinho de Tibães, nos arredores de Braga (a cujo conjunto estes dois pertenciam), se referem a Vida de São Bento. São painéis de 1770 (vide, no lugar respectivo, a nota acerca dos azulejos do claustro do Mosteiro de São Martinho de Tibães).

FLÁVIO GONÇALVES

(284) No início do século XVIII (1709), o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles vai ampliar o edifício, alterando as fachadas das alas viradas para o Largo do Paço e construindo uma capela. Posteriormente, nas décadas de 40-50, o Arcebispo D. José de Bragança amplia novamente o Paço, mandando construir novo corpo do edifício, desta feita virado à Praça do Município (FEIO, 1920; MILHEIRO, 2000, vol. 1; OLIVEIRA, 1999a, vol. I, p. 248).

A escadaria do Paço Arquiepiscopal remonta às obras de início de Setecentos e apresenta revestimento de azulejos coevos das primeiras décadas. Organiza-se num lanço de escadas central, que se liga ao patamar, do qual partem lanços laterais de acesso ao piso nobre. A cercadura tem padrão 2 × 2 com concheados nos ângulos e sequência de folhagem de acantos em enrolamento com florão central, que surgem em negativo em branco sobre o fundo azul. Nas reservas figurativas dispõem-se diversos temas relacionados com o ensino e recreio, bem como actividades ligadas a acções de caridade e às profissões.

O átrio de entrada transformou-se no século XX num pequeno mostruário de azulejaria dos séculos XVII e XVIII, apresentando diversos painéis para lá dos dois referidos silhares *rocaille* de iconografia beneditina provenientes de Tibães, a par de azulejos de padrão em azul e branco idênticos aos da galeria do claustro desse mosteiro. Do demolido mosteiro franciscano de Nossa Senhora dos Remédios, da cidade de Braga, serão dois silhares – de 13 × 10 – recortados, com motivos ornamentais puramente *rocaille* quer na reserva central, quer nos elementos

Paço de Palmeira

Trata-se de quinta de recreio mandada edificar pelo Arcebispo Primaz de Braga, D. José de Bragança, filho natural de D. Pedro II (em Braga 1741-58), e responsável por avultadas intervenções artísticas na cidade de Braga e todo o arcebispado.

A capela da quinta⁽²⁸⁵⁾ apresenta-se revestida, ao nível da nave, com azulejo em pintura a azul, em painéis de 18 azulejos de altura, de molduras e enquadramentos arquitectónicos profusamente decorados com anjinhos, festões floridos, volutas. A iconografia é mariana, com cenas da Vida de Nossa Senhora nas reservas figurativas: *Nossa Senhora da Conceição*, *Massacre dos Inocentes*, *Fuga para o Egipto*, do lado do evangelho, e *Educação de Nossa Senhora por Santa Ana*, a *Chegada das Virgens Hebraicas para Cuidarem de Nossa Senhora* e o *Repouso da Sagrada Família*, do lado da epístola. Na parte inferior, os painéis apresentam símbolos marianos que remetem para as litanias da Virgem: *Porta do Céu*, *Espelho de Sabedoria*, *Torre de David* e *Poço*.

A fachada lateral nascente apresenta ao nível do piso térreo painéis de azulejos entre os vãos das portas, com o topo ao nível do lintel das portas. A sua disposição indica que foram alvo de recolocação. Trata-se de silhares de moldura rococó de pintura policroma a azul, verde, manganês e ocre sobre fundo azul a imitar granito e friso no topo e base em meia-cana ocre, de 6 azulejos de altura e figuração a azul no centro, típicas da produção de Lisboa. Estão representadas cenas de caça, marítimas, pastoris, cenas galantes e *chinoiserie*, com painel puramente ornamental num dos extremos.

Palácio do Raio, Hospital de São Marcos

Actual dependência do Hospital da Misericórdia,⁽²⁸⁶⁾ este belo Palácio tem a escadaria nobre revestida de silhares recortados nas rampas e lisos nos patamares. Nas rampas as cenas são de caçadas vulgares, enquadradas por concheado *rocaille*, com azulejos entre os degraus. No primeiro patamar o silhar corrido tem 55 azulejos de largo, com cena de jardim ao centro. À esquerda a representação é pitoresca, com cena de mulher numa fonte. A pintura é azul de cerca de 1760.⁽²⁸⁷⁾

No patamar superior os painéis são em número de dois, com 16 de largo, representando damas merendando e cena campestre com duas damas ouvindo dois músicos. Uma das damas tem no regaço uma pauta de música.

Numa sala (hoje dividida em dois quartos) silhar de 9 de alto, de tipo ornamental policromo, *rocaille*, com pequenos medalhões figurados a manganês. A ornamentação é invulgarmente rica, com amarelos, verdes e manganês, quase sem azuis.

de enquadramento, para os quais Robert Smith propôs gravura de Franz Xaver Habermann como fonte gráfica de inspiração (*vide* SMITH, s.d., vol. 1). O Mosteiro dos Remédios seria um dos mais ricos no seu recheio artístico na cidade de Braga e à data da demolição, em 1919, houve ainda uma tentativa de preservar testemunhos cerâmicos. Quanto ao século XVIII, está documentada em 1725 a aplicação de «azulejo que veio de Lisboa para a igreja em 8459 azulejos a preço cada milheiro a 33\$000», numa encomenda que revela um conjunto de grandes dimensões, sugerindo um conjunto de painéis com um ciclo narrativo, registando igualmente despesas com os caixões para o transporte do azulejo desde Lisboa, os carretos dos caixões por «almocreves e mariolas» até ao barco que os transportou para o Porto, as despesas com o barco e «meios direitos» (ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 135-136 e vol. 3, pp. 143-154). Da época da demolição do mosteiro, ficam referências a um ciclo de azulejos com a Vida de São Francisco da primeira metade do século XVIII, por Eduardo Oliveira; deste conjunto, este autor ainda considerou a sua deslocação para a Capela de São João da Ponte na cidade de Braga, o que não se terá verificado, afinal, como o próprio confirmou, e cuja eventual existência actual e localização são desconhecidas (*vide* OLIVEIRA, 1992, p. 144). Outros painéis de azulejos expostos na Reitoria remetem para o século XVII (ALMEIDA, 2004, vol. 3, pp. 143-154). (PRA)

(285) Sobre a questão de reutilização de ruínas da capela proveniente de outro local e história do paço e quinta, *vide*: CARVALHO, 1983; FARIA e BRITO, 2008; STOOP, 1993, p. 78. (PRA)

(286) O Palácio do Raio foi mandado construir por Duarte de Faria, cavaleiro da Ordem de Cristo, em 1754-55, sendo André Soares responsável pelo projecto. Foi posteriormente adquirido a José Maria Duarte Peixoto por Miguel José Raio, Visconde de São Lázaro, 1853, por donde lhe adveio a denominação. Em 1882, os herdeiros de Miguel José Raio venderam o palácio ao Banco do Minho. Actualmente é uma extensão do Hospital de São Marcos da Santa Casa da Misericórdia. OLIVEIRA, 1999b; PEREIRA, 1989, p. 456; SERRÃO, 2003, pp. 270-271; SMITH, 1968e; SMITH, 1973b, pp. 496, 503-505; STOOP, 1993. (PRA)

(287) Data da pintura da escadaria. Ver ficha com IPA n.º PT010303420019 em www.monumentos.pt, 1994. Robert Smith considera este conjunto da autoria de Bartolomeu Antunes, embora não exista nenhum dado concreto que o relacione ao edifício bracarense e menciona a temática da escadaria como contendo características que a associa ao Norte do País, algo que também nos parece ser uma generalização. SMITH, 1973b, p. 504. (PRA)

No andar nobre existem duas salas revestidas com silhares de azulejo de datação aproximada. Uma delas é a sala referida por Santos Simões com sua rica policromia e desenho delicado e requintado dos elementos decorativos. A outra sala – igualmente subdividida em dois consultórios – apresenta esquema similar embora com cromatismo distinto: os silhares apresentam-se sobre rodapé em manganês de 8 azulejos de altura, pintados em diferentes tonalidades de azul: mais escuro nas molduras *rocaillé* e mais leve na decoração de delicados motivos fitomórficos, concheados, aves e cestas floridas a envolver simetricamente a reserva central com cenas fluviais e campestres.

A escadaria de acesso ao andar nobre tem os painéis de azulejos em mau estado no lanço central ainda que actualmente protegidos por placas de acrílico. Destaca-se o carácter exótico de um dos painéis de caçadas, como a caça à avestruz com os personagens usando turbantes e vestes orientais, para lá da convencional cena de caçada ao veado ou javali inspiradas nas *Venationes*⁽²⁸⁸⁾, as cenas de festas com fantasias de arlequins.

São Francisco, Igreja da Ordem Terceira de (dita dos Terceiros)

Visitei esta igreja em 1945 e nessa ocasião colhi uma fotografia do painel da capela-mor, do lado do evangelho. Voltei lá em 1947, na companhia do Dr. Manuel Monteiro, o qual me mostrou, na parte inferior do painel fronteiro, a marca e data:

Nicolao de Freytas afes / no anno de 1734⁽²⁸⁹⁾

A aplicação de azulejos decorativos na capela-mor da igreja é tardia em relação à construção, de raiz da Igreja da Ordem Terceira franciscana de Braga. Teve uma longa campanha de construção, estando documentada a participação dos mestres-pedreiros e arquitectos Pascoal Fernandes e Manuel Fernandes da Silva desde 1702, substituindo o mestre Domingos Moreira⁽²⁹⁰⁾; a participação de Manuel Nogueira – responsável pela obra da fachada principal –, entre outros, registando-se a dificuldade na construção da abóbada da nave.⁽²⁹¹⁾

Só em 1734, conforme inscrito no painel do registo inferior do lado do evangelho, se procede à decoração azulejar. A documentação da Ordem Terceira, no *Livro de Termos* na entrada de Janeiro de 1734, regista como se preferiu investir o dinheiro das esmolas numa obra de azulejos «por ser a obra necessaria» e, no Livro das Despesas para esse ano, apontam-se os 24 mil réis dados a Manuel de Sousa para azulejo, decerto o intermediário com a oficina de Nicolau de Freitas em Lisboa.⁽²⁹²⁾ Em 1753, o testamento de 13 de Novembro desse ano do Dr. Manuel da Silva Bacelar incluía quantia destinada a azulejar o corpo da igreja, obra não realizada.⁽²⁹³⁾

O programa azulejar setecentista restringe-se à capela-mor da igreja, com grandes painéis de desenvolvimento horizontal com a representação de momentos-chave na história da Ordem Terceira e painéis menores nos extremos do registo inferior, encimados pelos esguios vãos de janela, entre os quais se apresentam medalhões contendo a efígie de personagens históricos ligados aos Terceiros no registo superior e santos da Ordem.

(288) Vide capítulo «Temas Iconográficos e Suas Fontes». Vide CORREIA, 1999, n.º 3/7, pp. 5-22. (PRA)

(289) Vide: QUEIROZ, 1948, vol. 2, p. 85, n.º 467.

(290) ROCHA, 1994c, p. 73. (PRA)

(291) ROCHA, 1994c, pp. 142, 147, 149, 151-152, 179-181. (PRA)

(292) Algumas informações documentais: «(...) foi proposto que se havia de rebocar a capela mor, ou azulejar (...) se venceu (...) que por haverem esmolas que avultavam prometidas para a dita obra e para se não perderem se venceu se fizesse de azulejo e o que faltasse das esmolas pedidas para a dita obra se fizesse por conta da casa por ser a obra necessaria» (Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco de Braga – *Livro de Termos*, n.º 2, fl. 185 – 17 de Janeiro de 1734); «d[espendi] com Manuel de Sousa para azulejo.... 24\$000» (Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco de Braga – *Livro de Recibo e Despesa 1708-1739*, fls. 70v-73). Agradecemos estas informações a Eduardo Pires de Oliveira. (PRA)

(293) Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco de Braga – *Livro de Termos*, n.º 4, fls. 235-237. (PRA)

Assim, do lado do evangelho:

S. Francisco pregando a Regra / da 3.^a ordem ao pouo
S. Margarida De Cortona
NICOLAUS IV – S. Roque da 3.^a Ordem
ALEXANDER V – [S. Fra] (...) ncisco

Do lado da epístola:

S. Francisco dando a Regra a S. Lúcio e a /
sua mulher S.ta Bona primeiros desta ve /
nerável ordem 3.^a – e a inscrição citada por Santos Simões.
S. ROZA [de Viterbo]
MARTINVS. IV. – S. Francisco rece [b] endo as cha [gas]
XISTVS. V. – San [ta Isabel Raí] nha de ungri [a]

São Sebastião das Carvalheiras, Capela de

Esta pequena capela, situada na parte mais elevada da cidade, é inteiramente forrada de azulejos, datados na rótula, sobre a entrada, de 1717.

Podem considerar-se, no interior, dois tipos de azulejos diversos, ou sejam, os painéis historiados que revestem os lados direito e esquerdo da entrada, a capela-mor e as paredes sob os púlpitos, e os de tipo ornamental, que preenchem o restante das paredes, arcos, pilastras, etc. É nestes que está a data. Os azulejos historiados relatam cenas da Vida de São Sebastião e são certamente de António de Oliveira Bernardes, considerando-os mesmo dos seus melhores trabalhos em desenho.

A Capela de São Sebastião das Carvalheiras destaca-se pela sua planta original com a nave octogonal de risco atribuído a Manuel Pinto Vilalobos⁽²⁹⁴⁾ e construção da responsabilidade do arquitecto e mestre-pedreiro Manuel Fernandes da Silva,⁽²⁹⁵⁾ benzida e inaugurada em data registada nos azulejos da nave – «ANNO» «1717» – pelo Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Teles. É de registar o sucedido com a ampliação posterior da capela-mor, que levou a prolongar o esquema decorativo azulejar com a pintura sobre gesso de azulejo fingido.⁽²⁹⁶⁾

Todos os espaços são preenchidos por azulejos em esquemas decorativos de pendur arquitectónico *trompe-l'oeil*, mesmo nos triângulos junto aos arcos, onde são representados querubins com símbolos do martírio: as palmas, setas e coroa de flores. As cenas representadas da vida do santo protector das pestes e flagelações, de grande devoção no arcebispado bracarense,⁽²⁹⁷⁾ estão identificadas com legendas em latim, numa disposição não sequencial em termos de espacialidade. Assim, surgem na capela-mor, do lado do evangelho:

- 1) Um dos milagres de São Sebastião – «Zoeamissam Vocem sebastiani oratione / recuperat.» (registo inferior)

(294) OLIVEIRA, 1993, p. 54; OLIVEIRA, 1999b, pp. 103-106; SOROMENHO, 1991. (PRA)

(295) ROCHA, 1996, pp. 143-146. (PRA)

(296) A 3 de Janeiro de 1890, regista-se como se irá preencher os dois pedaços junto ao altar-mor com azulejo ou pintura que o imite, de modo a não destoar do existente. *Vide* Arquivo da Irmandade de São Sebastião, vol. 73, *Livro de Termos* (1862-1898), fl. 82v. É desse ano a decisão de revestir de azulejos os alçados exteriores: a 27 de Dezembro de 1890 «Finalmente resolveu-se reparar a pedraria da fronteira da capela e que parte da alvenaria seja coberta a azulejo»; *Vide* Arquivo da Irmandade de São Sebastião, vol. 73, *Livro de Termos* (1862-98), fl. 85v. (PRA)

Em 21 de Setembro de 1767, já se regista nos livros da Irmandade deliberação que reflecte preocupação em preservar os azulejos, estabelecendo-se que a partir dessa data não haveria armação no dia da festa por fazer ser grande despesa ao mordomo mas também por danificar os azulejos e estuque em prejuízo da capela; *Vide* Id., vol. 65, fls. 138v-139v. Agradecemos a Eduardo Oliveira as indicações documentais. (PRA)

(297) O exaustivo e importante estudo efectuado sob a direcção de Carlos M. Azevedo, com a inventariação das capelas devocionais dedicadas a São Sebastião, estranhamente não contempla a pequena capela bracarense e o seu conjunto de azulejos de qualidade relevante pictórica e iconograficamente é ignorado. Avança-se, no entanto, em toda a análise da iconografia do santo em todas as áreas artísticas e a abordagem às fontes gráficas. *Vide*: AZEVEDO, 2005; RÉAU, 1955-58, t. 3, pp. 1190-1199. (PRA)

- 2) Encontro do santo com o Imperador Diocleciano – «Diocletianus Sebastianu afide Conatur auestere.» (registo superior)

No lado da epístola:

- 3) Prisão de São Sebastião – «Sebastianus diocletiani Impietatem Constantero accusat» (registo superior)
- 4) Morte – «Dioclesianus Sebastianum, ad palum alegatum / sagitis configi jubet» (registo inferior)

Na nave e junto à porta de entrada, do lado do evangelho:

- 5) Tortura – «Sebastianus virgis Caesus Spirat»
- 6) Glorificação do mártir – «Sebastianus Victor Caelum / ingreditur»

No lado oposto:

- 7) «Marçu et Marçilianum infide roborat»
- 8) O nobre Sebastião – «Sebastianus Dux prima Cohor / tis»

São Vítor, Igreja de

Este notabilíssimo templo, mandado erigir pelo Arcebispo D. João Luís de Sousa em 1686 está revestido de azulejos, num total de mais de 11 700!

Tanto o corpo como a capela-mor estão totalmente cobertos de azulejo azul, tendo a nave 64 azulejos de altura. A decoração é constituída por inúmeros painéis, divididos entre si por cercaduras de folhagem de 2 azulejos de largura. Os painéis têm representações alusivas à hagiografia de vários santos, com as respectivas legendas.

Assim, na parte inferior da nave, vemos:

S. SENHORINHA
S. ROSENDO
S. ASISOLO
S. FELISTORCÃO

VIII

No arco triunfal, apresentam-se em registos sobrepostos rematados por composição cenográfica de anjos músicos:

S. AVSBERTO
S. TOLOREV
S. FREI GIL
S. SALAMÃO

Na parte superior da nave:

S. LEODICISIO
S. QVITERIA
S. BAZILIO ARSB
S. EVFEMIA
S. PROFVTVRO
S. NARCISO

e representação de santo eremita

No coro, no tímpano enorme, composição com *São Paterno presidindo a um Concílio em Toledo*, com a inscrição:

S. PATERNO ARCEBISPO
Q FOI DE BRAGA PREZEDIND ...
O AHV CONSILO DE TOLEDO
Cunha fl. 222 n.º 6

Na parte inferior, aliás dividida pela extraordinária ornamentação do óculo, dois painéis com *Santo Antão Abade* e um *Bispo baptizando (?)*.
Ainda na parte superior das naves:

S. MARINHA
S. LIBERATA

X

Na capela-mor os enormes painéis referem a Vida de São Vítor. A edícula baptismal tem no fundo uma cena do baptismo, com as legendas:

BAVTISMO DO GLORIOZO
S. GONSALO

Neste painel é de notar a cabeça de um oficiante, que tem nítida semelhança com as primeiras obras de António de Oliveira Bernardes.
À entrada, sob o coro:

S. CVCVFATE
S. MARCIANA

Cada vez que vejo estes azulejos mais me convenço que eles pertencem a uma das primeiras oficinas lisboetas, talvez de Gabriel del Barco e dos últimos anos do século XVII. Há, no entanto, a intervenção de mais de um artista, incluindo, provavelmente, o próprio António de Oliveira Bernardes. O desenho é vigoroso, mas por vezes pouco correcto, enquanto que o azul é claro e luminoso. Os azulejos podem ter sido mandados colocar durante o arcebispado de D. João de Sousa, entre 1696-1703.⁽²⁹⁸⁾

A construção da igreja, expoente da arquitectura barroca do Minho, terá estado a cargo do engenheiro militar Miguel Lescole⁽²⁹⁹⁾ sendo mestres-pedreiros Pascoal Fernandes e Domingos Moreira.⁽³⁰⁰⁾ Toda a igreja está repleta de azulejos num esquema de grandes painéis em dois registos sobrepostos inseridos em quadrícula simétrica formada por barra de acantos de 2 azulejos de largura e com painel ornamental sobre os vãos, constando de querubins que sustentam grinalda de flores sobre cartela arquitectónica.

(298) Segundo informação do Dr. Flávio Gonçalves, o Dr. Pinho Brandão (professor do Seminário do Porto) encontrou um documento onde consta que os azulejos foram colocados em 1692 por um tal João Neto, de Vila do Conde, na escusa do Mestre António Antunes, de Lisboa, que tinha sido o fornecedor. GONÇALVES, 1964, p. 34, nota 43.

Posteriormente Robert C. Smith não só atribuiu a Gabriel del Barco os azulejos da Igreja de São Vítor de Braga, como publicou a documentação relativamente ao assentamento dos referidos azulejos (assentamento executado por João Neto da Costa de 1692 a 1694). Vide: SMITH, 1970, p. 85, nota 2 do cap. 8; SMITH, 1972a, pp. 50-58 e 81. J. M. SANTOS SIMÕES

Já Reynaldo dos Santos, em 1957, notara que nos azulejos da Igreja de São Vítor de Braga mostravam fortes afinidades com o estilo de Gabriel del Barco. Vide: SANTOS, 1957, p. 114; J. M. dos Santos Simões, na Introdução que escreveu para o presente volume, aceita também a intervenção de Gabriel del Barco no revestimento cerâmico da igreja bracarense, achando embora que outros artistas colaboraram nesta obra. FLÁVIO GONÇALVES

No Cartório Notarial de Lisboa existe, nas notas de José Rodrigues Torres referentes a 1695, 29 de Outubro, procuração pela qual o mestre-pintor e ladrilhador António Antunes, morador no Mocambo, freguesia de Santos, nomeia seu representante Francisco Simões a fim de cobrar em Braga junto ao Cabido da Sé a obra de azulejo da Igreja de São Vítor na quantia de 60 mil réis (GAN-TT, Cartório Notarial 11 antigo (actual 6), cx. 91 (362 a 367), l. 362, fls. 95-95v). João Neto da Costa vai então substituir António Antunes em 1692-94 no assentamento dos azulejos, mas um ano depois a polémica mantinha-se com o Cabido bracarense pelo fornecimento do revestimento. Vide MANGUCCI, 1996. (PRA)

(299) OLIVEIRA, 1981. (PRA)

(300) OLIVEIRA, 1993, p. 47; OLIVEIRA, 2001; ROCHA, 1994a. Vide também: COSTA, 1979. (PRA)

Na capela-mor, domina a iconografia da Vida de São Vítor representando-se a *Conversão*, *São Vítor perante o Imperador*, *do Martírio e Flagelação do Santo e da Coroação do Mártir*, num total de nove episódios que terminam com a *Glorificação do Santo* no interior do arco triunfal. Na nave, no que Robert Smith qualificou de «panteão dos santos do Minho»,⁽³⁰¹⁾ mantém-se o esquema de dois registos sobrepostos, estando todo o espaço disponível preenchido com azulejos, mesmo no interior dos púlpitos e suas escadas de acesso apresentam interiormente revestimento de azulejos figurativos, que, do lado da epístola, consta de cena do martírio de um santo numa interessante composição em que a figura surge cadáver rodeado de raposas, enquanto do lado do evangelho se trata de iconografia sacra não identificada; no lado oposto ao baptistério, o painel está incompleto apenas se entrevedo a parte superior com as cabeças de três anjos.⁽³⁰²⁾ A sacristia contém revestimento de azulejos de idêntica datação e estilo, aplicados como silhar, com barra de acantos a delimitar os painéis e contornando vãos. No entanto apenas são perceptíveis querubins por entre nuvens e parte de uma construção arquitectónica junto a uma árvore, verificando-se o que aparenta tratar-se de sobras do revestimento da igreja aplicados aleatoriamente, tal como sucede nas escadas para o coro e nas escadas dos púlpitos. No acesso ao coro denota-se a particularidade dos azulejos estarem aplicados em tapete axadrezado aproveitando azulejos figurativos e azulejos de fundo liso ou quase liso.

São Vicente, Igreja de

Todo o revestimento da nave, se bem que curioso, é relativamente moderno, dos finais do século XIX.⁽³⁰³⁾

Do século XVIII apenas vemos os azulejos da capela-mor, estes de muito boa qualidade. São oito painéis de cabeceiras lisas, separados uns dos outros por pilastras ornamentais e anjos. Representam passos da Vida de São Vicente, com legendas explicativas. Serão estes painéis de cerca de 1730-40, possivelmente de fabrico lisboeta.⁽³⁰⁴⁾

A capela-mor da Igreja de São Vicente começou a ser construída em 1689, com vários contratempos na edificação do edifício que levam a que, em 1717, o mestre-pedreiro Manuel Fernandes da Silva seja contratado para terminar a fachada principal, embora entre 1718 e 1730 prossigam os trabalhos de obra de pedraria por Domingos Gonçalves Saganha.⁽³⁰⁵⁾

A documentação situa a encomenda dos azulejos em Maio de 1728, com recolha de esmolas no mês seguinte para prover ao seu pagamento.⁽³⁰⁶⁾ O assentamento dos azulejos provenientes de Lisboa ocorre ao longo do ano seguinte,⁽³⁰⁷⁾ referindo-se a colocação de azulejos na sacristia (Setembro de 1729), hoje inexistente.⁽³⁰⁸⁾

(301) SMITH, 1972a, p. 12. (PRA)

Sobre iconografia dos santos «do Minho», incluindo São Vítor, *vide História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga* de D. Rodrigo da Cunha, 1634-35; CUNHA, 1989, 2 vols. (PRA)

(302) Flávio Gonçalves ressalta como a questão historiográfica em torno da autoria de Gabriel del Barco – ao que se acrescenta a questão historiográfica em torno de João Neto da Costa e António Antunes – tem afastado a apreciação da riqueza artística deste conjunto (GONÇALVES, 1984, pp. 67 e segs.), bem como o esquecimento da sua riqueza iconográfica. (PRA)

(303) José Queiroz, que visitou esta igreja em 1915, escreve que estes azulejos haviam sido feitos «há cerca de vinte anos» (L' de Notas II, p. 16).

J. M DOS SANTOS SIMÕES

(304) Há que realçar as semelhanças estilísticas dos elementos ornamentais e arquitectónicos, bem como nas fisionomias dos personagens, com os painéis da nave da Igreja de Nossa Senhora da Penha da França também em Braga, aproximando datas de encomenda e intervenção. (PRA)

(305) Sobre a história do edifício *vide* COSTA, 1991; OLIVEIRA, 1999b, pp. 125-128; e OLIVEIRA, 2001; ROCHA, 1994c; ROCHA, 1996; SMITH, 1972a; SMITH, 1973b. (PRA)

(306) A 13 de Maio de 1728, a Irmandade decide comprar azulejos para a capela-mor e pintar por cima da abóbada todos os «claros» e arco cruzeiro. E a 27 de Junho de 1728, pede-se esmola para o azulejo que se mandou vir de Lisboa. (Irmandade de São Vicente, vol. 3357. *Livro 4 dos Termos* (1720-1736), fls. 166v-167). (PRA)

(307) No Livro de Contas para o ano de 1729 registam-se:

«o pintor de retocar o azulejo da capela mor \$960

(...) o homem que pôs o azulejo na capela mor 4\$090

(...) o carreteiro que trouxe o azulejo que veio do Porto \$380

(...) com o frete do caixão do azulejo fez (sic) de Lisboa até ao Porto \$510 (Irmandade de São Vicente, vol. 3317. *Livro de Contas* (1680-1730), fls. 253 e 254). (PRA)

(308) Irmandade de São Vicente, vol. 3357. *Livro 4 dos termos* (1720-1736), fl. 194v.

Assim, do lado do evangelho no registo inferior:

- 1) O NASIMENTO DE S. VISENTE
- 2) S. VALERIO BISPO ORDENANDO DE EVANGELHO / LANCANDOHE
A DEALMATICA SOBRE S. VICENTE

No registo superior:

- 3) A SIDA DA OSCA PATRIA DONDE NASCEO S. VICENTE
- 4) TIRANDO A DEALMATICA EVESITIDURA A S. VICENTE / E O LEVAM
P^A O MARTÍRIO

Do lado da epístola representam-se no registo inferior separados por uma porta policroma em *trompe-l'oeil* em simetria com o vão de porta no lado oposto:

- 5) S. VICENTE PREZO E PROSVIDIDO A QVE / ADORE AHV
- 6) RETARTO DE DEOCLECIANO OQ REPVN
- 7) EVTQVIO PAI DE S. VICENTE DANDO HVM LIVRO PARA ESTVDAR
- 8) [Martírio de S. Vic]ENTE
- 9) NA CIDADE DE SARAGOÇA CABE / SSA DO REINO DE ARAGÃO / DONDE
ESTVDOV S. VICENTE. ⁽³⁰⁹⁾

Sé Catedral

Capela Baptismal: Fazendo fundo ao recesso do baptistério, está um painel de azulejos, de pintura azul, atribuível à oficina de António de Oliveira Bernardes e cujo desenho representa um curioso simbolismo, ilustrado com a divisa:

«AEQVO PVL CAT / PEDE», e no qual, a mão da morte, empunhando uma foice, corta o pé a três flores coroadas, respectivamente com uma mitra, um chapéu cardinalício e uma tiara; a flor coroada com a mitra já foi cortada.

Da mesma época destes azulejos – cerca de 1715 – são os azulejos que forram a parte interna da lanterna do cruzeiro.

Capela de São Geraldo: As paredes da capela, independente do corpo da Sé, estão decoradas com quatro grandes painéis de azulejo, em 23 de alto incluindo a barra de 2 que os enquadra. São grandes composições figurando passos da Vida de São Geraldo, primeiro Arcebispo de Braga, tendo várias legendas em latim, explicativas das cenas representadas. São, sem dúvida, obra de António de Oliveira Bernardes, com a colaboração de apren-

O registo das despesas com os azulejos ao longo desse ano de 1729 prossegue:

«D com os fretes do estuque e azulejo de Lisboa até esta cidade 14\$490

D com Inacio Pereira, carpinteiro 9\$600 das estadas q fez para a obra da pintura e azulejo

D com um trabalhador que amassava a cal \$220

D com o jornaleiro de agramassar (sic) a cal que traz dois dias \$300

D com os assentadores do azulejo dos seus jornais 11\$500. (...)

D com o custo do azulejo que veio de Lisboa com o corte e recorte que nele se fez 143\$640

D com 11 caixões de madeira em que veio o dito azulejo e pregos e arcos e carretos dos homens de levar em barcos até o pôr no pataxo 9\$360

D com o despacho do dito azulejo 3\$280

D com o despacho do estuque e rolão e carretos para a casa \$080.» (Irmandade de São Vicente, vol. 3317. *Contas* (1680-1730), fls. 241v-244, 245v-246v.)

Em Dezembro de 1765 volta a registar-se referência aos azulejos da capela-mor, provavelmente relativa a despesas de limpeza ou arranjo (Irmandade de São Vicente, vol. 3349. *Livro 7 dos termos* (1765-1772), fl. 19v).

Já no século XIX (1873-74), estende-se o revestimento de azulejo para a nave:

«D com o azulejo e colocação do mesmo 709\$150

(...) com azulejos 18\$000». (Irmandade de São Vicente, vol. 3474. *Livro de Receita e Despesa* (1862-1888), fl. 40), azulejos atribuídos a José Joaquim Teixeira Lopes (LEÃO, 2005, pp. 120-128; ver também OLIVEIRA, 1992, p. 144). (PRA)

(309) Vide RÉAU, 1958, pp. 1324 e segs. (PRA)

dizes na feitura das barras, e de uma época que coloco em cerca de 1717, um pouco posteriores, portanto, aos azulejos da Capela de São Pedro de Rates, no cruzeiro da Sé⁽³¹⁰⁾. *Capela de São Pedro de Rates*: A capela colateral, do lado do evangelho, tem as paredes totalmente revestidas de azulejos em seis grandes painéis de pintura azul, historiando passos da Vida de São Pedro de Rates. Os quadros são circundados com barras de folhagens, tudo de boa pintura azul. Em um dos painéis lê-se a assinatura:

An.^{to} do Oliu.^{ra} Bernd.^{es} f.⁽³¹¹⁾

São magníficos exemplos do trabalho daquele pintor, revelando-se principalmente nas arquitecturas e na composição figurativa. Por comparação estilística pode atribuir-se-lhes uma época vizinha de 1715.

Cúpula do transepto: Foi o Dr. Manuel Braga da Cruz que chamou a minha atenção para os azulejos que guarnecem as lucarnas do cruzeiro, azulejos de forte pintura azul, nos quais julgou ver semelhanças com os azulejos da Igreja de São Vítor. A posição e a altura destes azulejos dificulta a sua análise e, mesmo com o auxílio de um bom binóculo, não foi possível chegar a uma visão perfeita. Não há dúvida que esses azulejos apresentam ornatos e anjinhos que se assemelham muito aos de São Vítor. No entanto é desconcertante observar que eles enquadram perfeitamente as molduras das lucarnas, estas datadas de 1742 (?).⁽³¹²⁾ Ora, ainda que não houvesse identidade entre estes azulejos e os de São Vítor, do que não há dúvida é que, tipologicamente, eles nos parecem pertencer ainda ao primeiro quartel do século XVIII.

O conjunto que reveste a *Capela de São Pedro de Rates* na Sé Primacial de Braga, obra de António de Oliveira Bernardes, está datado entre 1707-12.⁽³¹³⁾ Corresponde ao Arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles que promove intervenções artístico-decorativas na Catedral no sentido da sua barroquização/modernização, incluindo a obra de talha dourada e pintura em perspectiva do cadeiral e órgão do coro, bem como a remodelação de outros espaços, nomeadamente o zimbório, pia baptismal, Capela de São Pedro de Rates e Capela de São Geraldo; terá mandado igualmente revestir com silhares de azulejos toda a nave, revestimento removido pelos seus sucessores, provavelmente D. José de Bragança.⁽³¹⁴⁾

São Pedro de Rates é uma das devoções mais antigas e importantes da Diocese e foi também o primeiro Bispo de Braga⁽³¹⁵⁾. À entrada da capela, de cada lado, estão representadas sobre peanhas figuras de convite, à maneira de esculturas, as quais fazem o gesto que convida ao «SILENCIO», como a legenda na base sublinha. De episódios da vida do santo encontra-se o *Milagre da Ressurreição de Um Morto*, *Martírio de São Pedro de Rates*, *Papa Concede Privilégio à Capela de São Pedro de Rates* acompanhado da inscrição «*Breve da altar Pre / vilegiado Perpe / tuam. te para to / dos os dias p.^a Ca / pela de S. P.^o de / Rates p.^a*

(310) Há equívoco da parte de Nuno Catarino Cardoso quando diz que os azulejos desta Capela de São Geraldo estão assinados por António de Oliveira Bernardes e representam passos da Vida de São Pedro de Rates; houve confusão com a Capela de São Pedro de Rates que está no transepto da Sé. Vide CARDOSO, 1936, p. 13.

J. M. dos Santos Simões tencionara estudar melhor os azulejos da Capela de São Geraldo da Sé de Braga. Vide CRUZ, 1976, p. 375.

(311) A data foi revelada por Joaquim de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1883-84, II, p. 4) e igualmente publicada por Sousa Viterbo (VITERBO, 1903, p. 118). FLÁVIO GONÇALVES
J. M. SANTOS SIMÕES

Joaquim de Vasconcelos revelou pela primeira vez, em 1883, não a data destes painéis (que neles não está exarada), mas a assinatura de António de Oliveira Bernardes, que se vê num dos painéis do lado da epístola; identificou também na mesma altura os temas das composições azulejadas da capela. Vide VASCONCELOS, 1883, III, pp. 220-221 [ou pp. 3-4 da Sep., 1884].

Esta assinatura de António de Oliveira Bernardes foi, posteriormente, apontada por diversos autores. Vide: VITERBO, 1903, p. 118; BELINO, 1900, p. 83; BARREIROS, 1922a, p. 23, etc. FLÁVIO GONÇALVES

(312) A data, duplamente indicada nas janelas da cúpula, parece ser 1722. Vide CRUZ, 1976, p. 375. FLÁVIO GONÇALVES

(313) MECO, 1989, pp. 224-225; OLIVEIRA, 1999a; PEREIRA, 2001, p. 41. (PRA)

(314) OLIVEIRA, 1999a, p. 242. Sobre as várias intervenções na Sé Catedral com mais influência no revestimento de azulejo: MELO, 1995, pp. 157-188; MILHEIRO, 2000; OLIVEIRA, 1999b; PEREIRA, 2001; ROCHA, 1994a e 1994c. (PRA)

(315) CUNHA, 1989, 2 vols. (PRA)

a Sé de / Braga Primas / das Espanhas. O / Concedo o Papa Gregório XIII ao S.r D. / Fr. Bartholomeo / dos Martires no anno / de 1578.», do lado do evangelho, e dois painéis com Milagres de S. Pedro de Rates e o Enterro do santo, do lado da epístola.

A *Capela de São Geraldo*, dedicada inicialmente a São Nicolau, foi remodelada por D. Rodrigo de Moura Teles para sua capela funerária, inaugurada em 1712, apresentando um programa iconográfico que alia azulejo – registo inferior – e pintura – registo superior, com a obra de talha dourada. Os azulejos têm autoria atribuída a António de Oliveira Bernardes.⁽³¹⁶⁾ Os painéis que ladeiam a porta de entrada constam de arvoredos e paisagem apenas, sendo estreitos em relação aos grandes quadros cerâmicos laterais. Do lado do evangelho:

- 1) «PRINVM CONIVGIT FRVCTVM / DEO VOVENT» – Vê-se a família de São Geraldo ajoelhada em oração perante o altar numa cena de interior, de aparato, a composição com ponto focal duplo: quer na imagem de Cristo e no grupo ajoelhado à direita, quer no exterior da janela à esquerda, onde se lê – «PATRIA D. GERALDI».
- 2) «DEO OBLATVS IN ALTARI BI PE / TRI» – É a legenda inscrita no altar do painel seguinte apenas separado do anterior por plinto e arranque de arco, introduzindo outra cena de interior. No centro, diante do altar e olhando a imagem exposta, encontra-se uma criança – São Geraldo – ajoelhada como os demais personagens, mulheres, entre as quais uma mulher negra. Corresponde à consagração a Deus e a São Pedro de São Geraldo pelos seus pais no Mosteiro de Moissac.⁽³¹⁷⁾ Ressalta a riqueza e variedade das fisionomias, o jogo de luz e sombras a desenvolver-se com intensidade no contraste da esquerda para a direita, a partir do referido arranque de arco, a volumetria dos panejamentos e detalhe do desenho dos tecidos do frontal.
- 3) «PROVEZITANDIS FRATRIBVS DELLIGITVR» – É o grande painel junto ao retábulo, com uma cena da vida monástica do santo (a lembrar a representação de São Bento em Barcelos). Nítido domínio da perspectiva na composição, a desenvolver-se da esquerda para a direita, os personagens em primeiro plano de pé junto ao edifício à esquerda ou ajoelhados mais ao centro para receberem bênção, dando lugar à paisagem e expandindo ilusoriamente os limites do painel à direita, que finaliza junto ao retábulo com abertura de pórtico, em segundo plano, dois monges saudando-se.
- 4) «ARCHIEPISCOPVS. BRACHARENSIS. CREATVR» – É a legenda que, na base, identifica a sacração de São Geraldo como bispo. Trata-se de cena de interior, de aparato, ao centro com armação de dossel e estrado revestidos com brocados, os dignitários eclesiásticos paramentados conforme o seu estatuto. São Geraldo está ajoelhado recebendo a estola e usa pluvial com representação pormenorizada de diferentes motivos; um personagem de pé em primeiro plano, à esquerda, voltado para o espectador, aponta para a cena ao centro, recordando as figuras de convite. Encontra-se junto a balaustrada de vão que se abre para paisagem urbana de edifícios apalaçados identificada pela legenda como correspondendo a «ROMA», e do outro lado do dossel, à direita, uma janela mais pequena com a legenda «BRAGA».
- 5) «SUFRAGANEI BRACHARENSES D. GERALDVS» – Remete para a presença de São Geraldo no Concílio de Palência, conforme identificado também em legenda no topo superior esquerdo «PALLENCIA». Este painel ocupa toda a parede

(316) MECO, 1989, pp. 224-225. Sobre as obras na capela, que substituíram revestimento anterior em azulejo (Fr. Agostinho de Jesus, embora já tivesse azulejo do tempo de D. Diogo de Sousa), *vide*: FERREIRA, 1932; OLIVEIRA, 1999a; PEREIRA, 2001; ROCHA, 1994c; ROCHA, 1996; SMITH, s.d.; SMITH, 1972a, vol. I; THADIM, 1764. (PRA)

(317) PEREIRA, 2001, p. 42. Sobre a Vida de São Geraldo *vide* também: S. TOMÁS, 1974, vol. II, pp. 285-309. (PRA)

desde a porta lateral à parede fundeira, a composição a centrar-se no arcebispo que preside ao evento, sentado em trono junto ao altar, e rodeado de outros bispos, todos paramentados com mitra, pluvial e cruz pontifical, ou diáconos, e onde o pintor demonstra toda a sua arte de domínio do espaço, fisionómico, das proporções e posturas,

Existem ainda no *topo das escadas* de acesso ao coro alto silhares de azulejos (12 de alto) azul e branco com barra 2 × 2 de acantos em voluta, flores, anjinhos e peixes, medalhões nos cantos, que serão provavelmente recolocações com um dos painéis a remeter para a iconografia dos 4 Elementos, correspondendo ao «AR», conforme inscrição no escudo, a par de cenas de caçadas; um painel com uma mísula decorativa apresenta-se entre o vão da porta e o corrimão das escadarias com uma linguagem estilística distinta. Na colecção do Museu do Tesouro da Sé existe o silhar correspondente à «TERRA» e prevalecem outros fragmentos de painéis de cenas de caçadas e cenas fluviais alguns com barras de acantos de diferentes tipologias, proveniências e autorias assim como a figuração; 2 azulejos de figura avulsa azuis e brancos a lembrar a produção holandesa no tipo de desenho, pincelada e motivos dos cantos; dois silhares (10 de alto) de um conjunto elaborado (vocabulário com pendôr arquitectónico, tipo embasamento, com ornamentação sobreposta de modo expressivo e os querubins suspensos com fitas e flores a lembrar a mão dos Bernardes), o mais largo com medalhão acartelado tendo no centro paisagem decerto a remeter para iconografia simbólica e para a emblemática acompanhada da legenda «PLURES ONER / QVAM HONOR».

Seminário de Conciliar de São Pedro e São Paulo, igreja do antigo Colégio

No átrio da entrada foram colocados dois «quadros» de azulejos provenientes da Igreja de Santa Leocádia, de Geraz do Lima (conforme rezam as tabuletas).

Quando da transferência destes azulejos notou-se que eram de 1702, data, ao que parece, documentada na igreja de onde vieram.⁽³¹⁸⁾

São, respectivamente, um painel de 10 × 8 incluindo barra de 2 azulejos de folhagem sobre fundo azul. No centro (6 × 4) vaso florido do tipo «escamas» com dois pássaros em pintura azul forte. O painel seguinte é igualmente de 10 × 8 azulejos, incluindo ½ barra de folhas, tal como as anteriores. O centro tem 48 azulejos de figura avulsa, azuis sem cantos, com representação de flores, animais e frutos, típicos do porto. Se os azulejos são, de facto de 1702, testemunham uma das mais recuadas datas para este tipo.

Na capela-mor da igreja do seminário o revestimento parietal é composto com duas grandes composições de 29 de alto, incluindo barras de 3 azulejos de folhas encurvadas. Estes painéis estão colocados acima de um silhar de azulejos ornamental. Os painéis são de pintura azul e um deles mostra uma paisagem com arquitectura e duas figuras junto a uma fonte monumental. O outro, também em fundo de paisagem, representa um ribeiro, junto ao qual se vê um pescador e um ancião.

Podem estes azulejos ser atribuídos ao monogramista PMP, sendo neste caso um dos seus maiores trabalhos. Serão de cerca de 1720.

Na capela-mor da igreja do antigo Colégio dos Jesuítas em Braga, estão representadas duas cenas da iconografia bíblica referentes à Vida de Cristo nos grandes paramentos laterais sobre supedâneos com medalhões centrais e consolas laterais, nos extremos junto ao retábulo com falhas e aplicação aleatória de parte dos azulejos. Os painéis são delimitados no registo superior por barra de acantos com 3 azulejos de largura e medalhões nos cantos. Alcançam grande efeito visual, apresentando os personagens em primeiro plano e todo o

(318) Vide: ARAÚJO, 1968b.

Os dois painéis de 1702 referidos por Santos Simões já não existem no Seminário nem são conhecidos ou lembrados pela actual direcção. (PRA)

enquadramento de arvoredos e arquitecturas, primeiro como artifícios no caso das ruínas do painel do lado do evangelho, depois com as cidades e povoações dos planos de fundo e a notável aplicação das virtualidades da perspectiva, que expandem todo o cenário. Os episódios representados são tratados iconograficamente com subtileza e, se no painel da epístola, temos um *Encontro de Jesus e a Samaritana na Fonte*, no painel do evangelho o espectador, o crente terá uma reflexão e a possibilidade de interpretação iconográfica dúbia, ou múltipla, do momento em que *Cristo Diz a Pedro Que Será Pescador de Homens*, mas também poderá remeter-se ao *Cântico dos Cânticos* e a toda uma linguagem poética e simbólica que lhe estão associados e que a mão do Mestre PMP bem conhecia.⁽³¹⁹⁾

PRADO

Tibães, Mosteiro de São Martinho de

O claustro era rodeado de silhar recortado, onde houve cerca de quarenta painéis dos quais uma parte está deteriorada, tendo alguns desaparecido totalmente: dois dos painéis estão em Braga, no átrio da entrada sul do antigo Paço Arquiepiscopal.⁽³²⁰⁾ Notável é a grande Sala do Capítulo, situada no extremo sul do edifício. São, também, silhares de painéis recortados ilustrando cenas da Vida de José do Egípto. Constituem um grupo impressionante e que se conserva em magnífico estado de conservação. Completando o conjunto, há composições ornamentais policromas enchendo os vãos livres de painéis historiados.⁽³²¹⁾

O conjunto de painéis de azulejos do claustro constitui o mais extenso núcleo de iconografia beneditina em suporte cerâmico no mundo português, com a valia de serem conhecidas as fontes de inspiração para os 49 painéis (dos quais prevalecem 35 episódios representados identificados *in situ*) com legendas em latim⁽³²²⁾ – à excepção dos painéis dos cantos do claustro – (a remeter para a iconografia dos eremitas), tal como apresentam as gravuras do *Speculum et Exemplar Christicolarum, Vita Beatissimi Patris Benedicti Monachorum Patriarchae Sanctissimi*.⁽³²³⁾ Os painéis têm a cena historiada representada em pintura a azul, envolta em molduras policromas, numa linguagem *rocaille*, festiva, inserindo-se harmoniosamente no espaço arquitectónico, seja na articulação com as arcadas e tecto de caixotões, seja com as portadas de Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça, coevas da obra.

As legendas e os episódios representados numa sequência narrativa:

- 1) *Nascimento de São Bento* – «Nursia quam foelixz, nitet hinc Benedictus, ut alto / Aethere Sol, ab agro Lilium, et alba Rosa: / Hic totum irradiat diuino lumine Mundum, / Hic mundum uite pascit odore piaie».
- 2) *Partida para Roma* – «Post lachrymas, post ampiexus, post creba parentum / Oscula Nursinus carpit Ephebus iter, / Nursia quem genuit Benedictum Roma docendum; / Aurea Romuleae dogmata pubis alit».

(319) Robert C. Smith atribuiu estes painéis ao mestre PMP, e a cerca de 1722. Vide SMITH, 1974, p. 47, nota 40. FLÁVIO GONÇALVES
Sobre as principais intervenções arquitectónicas e artísticas vide: MARTINS, 1994, vol. 1, pp. 491-588; OLIVEIRA, 1994; OLIVEIRA, 1999b, pp. 135-6; ROCHA, 1994c, p. 78. (PRA)

(320) Os painéis de azulejos do claustro do Mosteiro de Tibães vieram de Lisboa em 1770. Vide SMITH, 1966b, vol. XXIX, n.º 1-2, p. 231, nota 5.

(321) Estes painéis de azulejos da Sala do Capítulo foram executados em Lisboa em 1785. Vide: SMITH, 1966b, pp. 240-241; SMITH, 1968d, p. 235; SMITH, s.d., pp. 377-378 e 634. FLÁVIO GONÇALVES

(322) ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 215 e segs. e vol. 2, pp. 51-140. Actualmente estão identificados os desaparecidos painéis do claustro, que se encontram recolhidos no espólio do Museu Pio XII em Braga. Vide ALMEIDA, 2007b, pp. 71-80. (PRA)

(323) Vide SILVA *et al.*, 2002, p. 40; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 215 e segs. A obra intitula-se *Speculum et Exemplar Christicolarum, Vita Beatissimi Patris Benedicti Monachorum Patriarchae Sanctissimi* per R. P. D. Angelum Abbatem Congregationis Cassinensis Carmine Conscripta, Florença, 1586, 1.ª ed. – 52 gravuras desenhadas por Bernardino Passeri e incisas por Aliprandino Caprioli; 2.ª ed. em 1587 e 3.ª ed. em 1611 com o título de *Vita et Miracula Beatissimi Patris Benedicti Monachorum Patriarchae Sanctissimi*. Uma das fontes inicialmente consideradas para os painéis era a série *Vita et Miracula Sanctissimi Patris Benedicti Ex Libro II Dialogorum Beati Gregorii Papae et Monachi Collecta, et ad instantium Devotorum Monachorum Congregationis eiusdem Sancti Benedicti Hispaniarum aeneis typis accuratissime delineata*. Roma, 1579, com gravuras desenhadas por Bernardino Passeri e executadas por Aliprandino Caprioli. A fonte literária associada é o II Livro dos Diálogos de São Gregório Magno (Vide: S. GREGÓRIO MAGNO, 1993). (PRA)

Seguem-se quatro painéis em falta correspondentes à *Partida de Roma*, *Milagre do Crivo Partido*, *Campainha Quebrada pelo Demónio*, *Imposição do Hábito pelo Monge Romão*, actualmente no Museu Pio XII.

- 3) *Ceia Pascal em Subiaco* – «Paschate quas coxit lautas sibi presbiter escas / Fert ad eremicole septa iubente Deo / Qui pullos corui pascit, qui rore cicadar / Nutrit, eremicolam senta per arua cibatur».
- 4) *Pastores Visitam São Bento na Gruta de Subiaco* – «Senta inter loca mitantur ephebum / Hirsuta obiectum pello uagante grege / Quis celare potest ignem, cui fumus obumbrat / Justarunt mores abdere nemo ualet».
- 5) *Tentação nas Silvas* – «Foetida profligat merulae simulachra procatis / Non ense, aut arcu, sed praece, vepre, fame, / Callidus uceps inter sentis omne cruentat / Corpus, ab obsessa mente repellit auem».
- 6) *O Copo Partido com o Sinal da Cruz* – «Preside defuncto Benedictum pro duce poscunt / Siluicole fratres, sic fide ut ore mali; / Cuius dum miseri spernunt documenta veneno / Apposito calici, perdere atroce student».
- 7) *Os Discípulos Mauro e Plácido Chegam ao Mosteiro* – «Tertullus Placidum Benedicto interprete, Maurum / Dedicat Equitius, lilia ut alba Deo, Sunt duo Romani, mihi crede, micantia regni / Lumina, erunt gemini sydera bina poli».
- 8) *A Conversão do Monge Pecador* – «Demon ab aede sacra puerum trahit, hunc pater, íctu / Percutiere virge, cogit adesse chotro. / Est chorus arx cilecta Deo, prolecta supernis / Caelibus sathane valde odiosa domus».
- 9) *Água da Pedra no Alto de Um Monte* – «Cum procul à claustris flueret, fons, pastor obortís / Lachrymulis fronteis tres propre claustra fodit. / Quas nequeunt deferre pigri sine murmure fratres, / Fratibus en dat aquas supplice uoce pater».

Os dois painéis subsequentes encontram-se na Reitoria da Universidade do Minho, antigo Paço Arquiepiscopal, estando prevista a sua transferência para Tibães. Correspondem às cenas dos milagres: *Como do Fundo do Lago o Ferro Veio ao Seu Cabo* e *Como Um Discípulo de São Bento Caminhou sobre as Águas*.

- 10) *O Pão Envenenado Levado para Longe por Um Corvo* – «Presbyter infectam Benedicto destinat escam / Quam sibi porrectam coruus abhorret auis. / Nam iubet pater deferri, coruus adunco / Arreptam rostro, fert, ubi nemo manet».
- 11) *São Bento Parte para Monte Cassino* – «Dum nequit antistes Benedictum perdere uiro / Perdere discipulos qua ualet arte studet, / Nam iubet ante illos nudas gestire puellas, / Et choreas hilari, ducere fronte uagas».
- 12) *O Monge Punido* – «Presbyter abscessu gaudet Patris, unde puellae / Instituunt choreas, et domus omnis ouat, / Mox domus è coelo quatitur, ruit, opprimit, omneis. / Scriptitat hoc Maurus retrouocando Patrem».
- 13) *A Destruição do Templo de Apolo em Monte Cassino* – «Templa casinei, scandit Pater auia montis, / Et memore incenso, dadt, simulachra solo. / Illustrem estolens Baptistam in Apollinis aram, / Martino aediculam non sine laude sacrat».
- 14) *Como Uma Pedra Pesadíssima Se Fez Leve* – «Nursius à tetro depressum Daemone saxum / Tolit in alta crucis ui comitante preces. / Daemona qui pellit, potis est extollere saxum, / Quod nulla possunt arte mouere fabri».
- 15) *O Incêndio na Cozinha* – «Igne uident fratres rapido flagare culinam, / Quem Pater explosa Daemones arte fugat. / Protinus extinguit Sathanae ignem, qui Dei amore / Ardet, et in fratnam res pictate calet».
- 16) *É Restituída a Saúde a Um Monge Esmagado pela Queda de Um Muro* – «Labitur ex muro Puer, impellente maligno, / Quem Pater ad uitam, mortis ab unque

- trahit. / Daemon ab egregio superatur Patre, puellus / Fortior ad fabricam, quàm fuit antè, redit».
- 17) *Duns Monges Que Tomaram Alimento contra a Regra*. A legenda já não existe, mas é conhecida pela fonte gravada: «Dum procula claustris comedunt ientacula fraters, / Prospicit haec vates lumine cuncta senex. / Hos uelut osores legis monet, ultro professi / Sígula, dant poenas, quas meniere pareis.» Os painéis seguintes foram totalmente consumidos no incêndio, não permitindo a identificação dos episódios.»
 - 18) *Descoberta a Simulação do Rei Tóttila*. Os azulejos também estão muito danificados mas conhece-se a legenda, tal como nos dois painéis seguintes: «Totila quem mittit Benedicto Regis amictum / Purpura, hic ensiferum detegit esse uirum. / Nil latet obtutum vatis, qui cernit Olympi. / Gnduperatorem, cernit humi famulum».
 - 19) *Profecia Feita a Tóttila* [«Inlatur ut nouit Benedictum Totila vatem. / Mox toto startus corpore, adorat eum. / Consulit ultró Dei serum quam ducere uitam / Debeat, audit eam, quae dat in astra uiam»].
 - 20) *O Clérigo Desobediente* [«Clericus à diro cruciátur Daemone, liber, / Dum Sancti spernit iussa, prophanus obit. / Vita Sacerdotis, Christi caro iuncta ctuori / Quam qui edit indigné pharmaca mortis edit»].
 - 21) *Pensamento de Orgulho Revelado* – [«Stat puer accensa face, murmurat ante Magistrum. / Mente alta, ipse humili corde reppendit eum: / Quis sum ego! Quis uerò hic seruio! Corde uolutat; / Tu puer elatus, Sanctus hic, atq; humilis»].
 - 22) *Duzentos Moios de Farinha à Porta do Mosteiro em Tempos de Fome* – «Quinque uidens tantum penu in esse querenteis, / Solatur fratres spe, meliore, senex. / Prae foribus monachi (ò Deiamor) mane esse farinae / Biscentum modios sup-plice Patre uident».
 - 23) *O Monge Sepultado Que a Terra não Aceitava* – «Interit ad uomitum rediens vir amore parentum / Quem vomit urna, sacro pane quiescit ibi. / Qui redit ad Christum, Christus complectitur ulns, / Non fugat, effuso sanguine pascit eum».
 - 24) *Do Monge Que, Saindo do Mosteiro contra a Vontade de Bento, Encontrou no Caminho Um Dragão Que o Ameaçava* – «Claustra puer fugiens Satanae sub pelle Draconis / Obuiat, ac tremulo in claustra pavore redit. / Saepè, quod exhorret, repetit celer agnus ovile, / Non canis officio, sed feritate lupi».
 - 25) *Os Soldos Miraculosos* – «Quois debet solidos grato preroluit amico / auper, agente illi numera digna sene / non marra, non ense pater lucratur egenti / Post biduum nummos, sed locuplete prece».
 - 26) *Cura de Uma Elefantíase* – «Lurida vir libans aconita e vertice plantas, / Usque scatet lepra, quae prece Patris abit. / Nulla magis medicina iuuat, quàm oratio pura, / Tum melior, lachrymis si madefacta roget».
 - 27) *Talha Vazia Que se Encheu de Azeite* – «Vas iacit ex specula sanctus, ne fundit oliuum, / Nec vitrum frangit, petra quod icta capit. / Larga facit, quod auara nequit manus, implet oliuo / Dolia pro phiala sanctus oliuifera».
 - 28) *O Falso Médico* – «Daemona dum sanctus medici sub imagine cernit / Succinctum phialis, quo meat, ultro petit: / hic ait, ad fratres meo, tunc fratrem arripit unum, / Vnde Patris diro verdere pulsus abit».
 - 29) *O Rústico Manietado Solto com Um Olhar de Bento* – «Miles ab agricola detorquens paupere nummos, / Hunc laqueo admirans oculo Benedictus acuto, / Detruncat laqueum, liberat agricolam».
 - 30) *A Criança Ressuscitada* – «Pauperis arctatus lachrymis Benedictus in astra / Ingemit, ac puerum suscitatur exanimem. / Quem pater incolumem cernens, renetur olympum, / Et geminat palmis oscula grata senis».

- 31) *Encontro de São Bento e de Santa Escolástica* – «Postulat, vt frater maneat, soror vnica nocte: / Hic negat; à superis ista precatur opem; / Qui prece non ultro mansit, prece vindice, coelum / Hunc terret inuitum, fulgure, vento, et aquis.».
- 32) *Visão da morte de Santa Escolástica* – «Virgo columbina sub imagine functa per aethram / Ad superos geritur, fratre vidente, choros. / Germanae aspiciens, animam Benedictus, in vrna, / Quam sibi condiderat, corpus inesse iubet».
- 33) *De como São Bento Viu o Universo Concentrado ante Seus Olhos e a Alma de Germano, Bispo de Cápua* – «Nocte Pater media prospectat ab arce sub uno / Max solis radio quicquid in orbe latet / Germani aspiciens animam super astra choreis / Deferri angelicis, ardet amore senex».
- 34) *São Bento Dá a Regra aos Monges e Monjas* – «Angelicam duxit visam Benedictus ab orsu / Quam sua ommendat lex, & hónesta manus, / Hunc quicumque sequi cupit hac selege venustet, / Mursius alter erit, pastor inorbe pius».
- 35) *Profecia de São Bento sobre a Sua Morte* – «Pane sacro sacroqꝫ cítabus sanguine, mortem / Praeuenit, ac vitae gaudia pastor auet: / Ad tumulum effertur Benedictus in aethera cuius Spiritus angelico scandit auante choro».

XI

Posteriores são os azulejos da Sala do Capítulo Geral da Congregação dos Monges Negros de São Bento, datando de 1785 como Robert Smith já identificara.⁽³²⁴⁾ O desenho e pintura não são tão requintados e cuidados como no anterior conjunto do claustro, mas o resultado em termos de unidade estilística decorativa na conjugação com o mobiliário, retábulo, iluminação e pintura (actualmente com cópias a partir dos originais de Fr. José da Apresentação e também dos abades-gerais beneditinos) conferem-lhe interesse acrescido, no que seria um esquema estilístico e decorativo das salas de capítulo da Congregação noutras casas espalhadas pelo país como em São Bento da Vitória (Porto), Santo Tirso e São Bento da Saúde (Lisboa).⁽³²⁵⁾ A sequência narrativa inicia-se pelo painel do lado direito da porta de entrada e percorre toda a sala, com as opções iconográficas a respeitar os episódios e características mais tradicionais na interpretação da Vida de José do Egipto:⁽³²⁶⁾

José Conta o Sonho aos Irmãos
José É Metido no Poço pelos Irmãos
José Vendido aos Ismaelitas
Entregam a Túnica de José a Jacob
Judá e Tamar
José e a Mulher de Putifar
José Levado para a Prisão
Os Sonhos das Vacas Magras e das Espigas

(324) Vide nota 321 de Flávio Gonçalves. (PRA)

(325) Vide: entrada para a casa da Rua de São Miguel, 2 no Porto, Mosteiro de Santo Tirso e para Assembleia da República, Museu, em Lisboa. (PRA)

(326) RÉAU, 1955-58, vol. 2. A fonte literária de inspiração é o livro do Génesis, 37-50. As fontes iconográficas de referência para uma abordagem à Vida de José do Egipto – e para este conjunto em específico – são diversificadas, destacando-se a série de gravuras do italiano Antonio Tempesta para o Antigo Testamento, no século XVI. Torna-se, no entanto, fundamental associar uma constante no fornecimento de modelos para temática relacionada com as Sagradas Escrituras que é a obra de Rafael Sanzio de Urbino, nomeadamente o seu incontornável legado nas *Logge* do Vaticano, divulgado nas obras gravadas subsequentes de Baldassare Aloisi Galanini, Sisto Badalocchio ou Giovanni Lanfranco. Pier Francesco Mola, entre 1656 e 1657, produziu um conjunto de desenhos e gravuras de impacto relevante na arte portuguesa – veja-se o caso da sacristia do Mosteiro da Madre de Deus em Lisboa (MACHADO, 1995; SALDANHA, 1989; SERRÃO, in VV.AA., 2000, p. 93.), mas que não parece ter-se traduzido em geral influência no meio da azulejaria setecentista, tal como a série gravada de Jean LePautre. Também Cornelis Cort tem obra gravada sobre o tema.

Os painéis da Sala do Capítulo de Tibães revelam uma oscilação no modo de vestir dos seus personagens, entre uma *atualização* nas vestes e a adopção de adereços *à romana*, tal como nos azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, foi adoptado um estilo orientalizante, a lembrar marajás indianos (VV.AA., 1994, p. 79); no Museu dos Biscainhos existe colecção de gravuras com episódios da Vida de José do Egipto que se aproxima desta visão orientalizante. Ainda na Sala das Disputas do antigo Colégio do Espírito Santo (Universidade de Évora) existe um conjunto de painéis de azulejos de 1749 dedicado igualmente a José do Egipto, cuja fonte de inspiração é nitidamente a série em epígrafe, reforçando a abrangência de influência de Tempesta em Portugal, por exemplo no que diz respeito à representação dos trajes militares à romana ou aos camelos.

Para uma leitura iconográfica e iconológica mais extensa deste conjunto, vide ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 272-283 e vol. 4, pp. 135-161. (PRA)

José Interpreta os Sonhos do Faraó
José Intendente do Egípto
Os Irmãos de José Vão Buscar Benjamim
O Encontro de José e Jacob

Nem Santos Simões nem Flávio Gonçalves fazem referência à Capela de São Bento na cerca do Mosteiro onde igualmente se encontram azulejos com episódios da vida deste santo. Trata-se de uma pequena capela seiscentista que coroa todo o percurso ascensional pelo escadório chamado das Virtudes, com suas fontes,⁽³²⁷⁾ empreitada de c. 1728-34, atribuída à parceria Nicolau de Freitas-Bartolomeu Antunes por afinidades estilísticas, estando documentado Matias Carneiro, de Afife, como assentador dos azulejos.⁽³²⁸⁾ Do lado do evangelho, representa-se o *Nascimento de São Bento e de Santa Escolástica*, do lado da epístola *Profecia de São Bento aos Irmãos acerca da Sua Morte* e sobre a porta de entrada *Glorificação de São Bento*, sobre embasamento arquitectónico com medalhões com símbolos abaciais e beneditinos. O programa completa-se com a pintura de tecto *trompe-l'oeil* com quadro recolocado central representando São Bento, atribuída a Manuel Furtado de Mendonça.⁽³²⁹⁾

Outros espaços monásticos receberam azulejos setecentistas e que ainda prevalecem *in situ* a par de cópias recentes, caso da Ouvidoria, de cerca de 1700-04, em silhares de 8 azulejos de altura compostos por azulejo de padrão e respectiva cercadura em azul sobre o vidrado branco. Trata-se de revisitações da padronagem seiscentista correspondendo ao P-440, 4 × 4, que no conjunto forma motivo quadrilobado em barra dupla em tons de azul em que se insere motivo fitomórfico estilizado em cruz, que tem entre os lados motivos flor-de-lisa-dos em azul mais claro e que fora dos quadrilóbulos cria florão de oito pétalas com elemento circular central e folhagem de acanto branca sobre fundo azul à volta; a cercadura não foi identificada no inventário de Santos Simões para o século XVII e o friso é o F-13.⁽³³⁰⁾

Nas escadas de acesso ao coro permanece idêntico padrão, no entanto com cercadura policroma (também não catalogada por Santos Simões), com a particularidade de a documentação referir a sua colocação em 1736, sendo talvez fruto de recolocação de azulejos provenientes de outro espaço e conjugando o padrão ainda produzido no século XVIII com a cercadura e friso seiscentistas.⁽³³¹⁾

Também na galeria superior do claustro ou varanda, como refere a documentação, encontram-se azulejos de padrão em azul e branco com intervenção a ocorrer entre 1728-30⁽³³²⁾ incluindo assentamento de azulejos nas paredes interiores; é padrão 4 × 4, o P-493 do inventário de Santos Simões, com motivo floral ao centro com folhagem de acanto que se abre em duas volutas simétricas enquadrando motivo floral secundário, e a cercadura é delimitada exteriormente de ambos os lados por barra lisa azul, seguida de uma outra em branco, com motivo floral nas extremidades que unem duas folhas de acanto dispostas em sentidos contrários uma em relação à outra sobre fundo azul liso. Padrão idêntico existe na fachada da Capela de São Bento deste Mosteiro e na Reitoria da Universidade do Minho, proveniente também de Tibães.⁽³³³⁾

(327) Vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 202-206 e 258-259, vol. 2, pp. 169-182; COSTA, 2002; MATA, 2002, pp. 80-85; ROCHA, 1994c e 1996. (PRA)

(328) Vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 258-259, vol. 2, pp. 169-182. (PRA)

(329) MELO, 1995, pp. 157-188. (PRA)

(330) Os azulejos foram limpos, restaurados e recolocados, por vezes juntamente com cópias no segundo semestre de 2004.

Alguma bibliografia de referência para lá da já citada no que ao mosteiro e seu percurso histórico-artístico diz respeito será: AMARAL, 2003a; DIAS, 1993; DIAS, 2001c; MATA e COSTA, 1988 e 1998; MATA e OLIVEIRA, 1996; OLIVEIRA, 1970; OLIVEIRA, 1973; SÃO TOMÁS, 1974; SMITH, 1968a; SMITH, 1970; SMITH, 1972a; SMITH, 1975. (PRA)

(331) ADB – Fundo monástico-conventual, *Tibães*, n.º 461, Livro das Obras, 1736; vide ALMEIDA, 2004, vol. 2, p. 31 (PRA).

(332) Vide: ALMEIDA, 2004, vol. 2, pp. 25 e 184-185; SMITH, s.d. (PRA)

(333) Existe ainda no Museu Nogueira da Silva painel proveniente da Fonte de São Beda deste mosteiro – ver entrada correspondente. (PRA)

SANTA LUCRÉCIA DE ALGERIZ

Quinta da Igreja

Na capela desta quinta os azulejos estão dispostos em painéis de 16 de alto, de cabeceiras lisas separadas por pilastras. Os centros mostram cenas cortesãs. O rodapé é de anjos portadores de medalhões. O painel maior tem 16 × 30 azulejos e estes serão de Lisboa de cerca de 1740. ⁽³³⁴⁾

CONCELHO DE GUIMARÃES

AZURÉM

Nossa Senhora da Conceição, Capela de

No lugar de Azurém (ou Azurey), hoje arrabalde de Guimarães, encontra-se a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição, típica na sua arquitectura, alpendrada, do fim do século XVII. No interior há revestimento azulejar na nave e na capela-mor.

- a) *Capela-mor*: Forro parietal em toda a altura, envolvendo as janelas e portas da sacristia. É um painel contínuo, azul, com figuração mariana, convencional, enquadra com ornamentação arquitectural. Serão azulejos de cerca de 1740, do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes. O tímpano interior está igualmente forrado de azulejos de grinaldas e anjinhos. ⁽³³⁵⁾
- b) *Nave*: Os azulejos cobriam a totalidade das paredes, em 30 de altura, mas hoje encontram-se mutilados e com bastantes faltas. Assim mesmo têm estes azulejos grande interesse, pois que podem seguramente ser atribuídos ao monogramista PMP e ser colocados em cerca de 1720. A figuração, muito curiosa, era do *Cântico dos Cânticos*, e está assinalada por legendas em latim. É importante ligar estes azulejos a outros que se encontram em Guimarães, igualmente atribuíveis a PMP, nomeadamente os da Igreja das Capuchinhas, datados de 1717, e os da Igreja de São Dâmaso.

CREIXOMIL

Capela da Quinta de Laços

A capela, com a data de 1685, detém azulejos de pintura azul do primeiro quartel do século XVIII, de cerca de 1720, atribuídos ao Mestre PMP, e constam de painéis laterais com cenas da Vida de São Paulo, e ao fundo com a *Estigmatização de São Francisco* com guarnição. ⁽³³⁶⁾

GUIMARÃES

Museu Alberto Sampaio

O museu possui na sua colecção de azulejaria setecentista amostragem diversificada, na quase totalidade de proveniência desconhecida, e chegada ao museu por doação das colecções do Dr. Abílio Rebelo de Carvalho, em 1974, e Eng. Agostinho Guimarães, em 2000. Encontram-se exemplares de azulejos de figura avulsa – sem cantos, com cantos de estrelinha e moldura à reserva central –, respectivas cercaduras, bem como 3 azulejos de figura avulsa holandeses.

⁽³³⁴⁾ Tratar-se-á de iconografia do *Cântico dos Cânticos*. É de registar que os medalhões não apresentam qualquer motivo, atributo ou inscrição. Vide SOUSA, 1997, pp. 247-261.

É interessante verificar que, a 20 de Julho de 1720, D. Teresa Maria Ferreira Santarém, Senhora da Casa da Igreja casa com Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e Melo, Senhor da Casa das Brolhas, em Lamego, unindo as duas casas (ver entrada respectiva). NÓBREGA, 1972, vol. 2, pp. 10-15. (PRA)

⁽³³⁵⁾ São azulejos atribuídos a Valentim de Almeida: *Anunciação*, *Visitação* e *a Apresentação no Templo*. MECO; 1989, p. 231; vide GUIMARÃES, 1997. (PRA)

⁽³³⁶⁾ GUIMARÃES, 1997. (PRA)

Existe painel de silhar de albarrada com vaso e flores enquadrados por meninos atlantes que suportam as volutas de topo. De maior dimensão é o painel de meado do século, a azul e branco, silhar de 7 azulejos de altura, reconstituído parcialmente e de iconografia sacra, de proveniência desconhecida. Há ainda muitos azulejos avulsos. É interessante verificar a variedade de padronagem pombalina e também da fase neoclássica.

Museu Martins Sarmiento

Este Museu, instalado no edifício neo-românico do Arq.º Marques da Silva, alberga a extensa colecção de arqueologia e etnografia de Martins Sarmiento. Contém igualmente azulejos na sua colecção em exposição e na reserva. São várias caixas com azulejos de figura avulsa de motivos florais, padronagem (caso do padrão conhecido como P-440) e respectivas barras e cercaduras de acantos e motivos fitomórficos, fragmentos de diversos conjuntos e diferentes datações, desde painéis historiados com iconografia religiosa, nomeadamente um fragmento de 2 × 2 azulejos com a representação de São Bento em tudo similar ao existente no claustro do cemitério do Mosteiro de São Martinho de Tibães, fragmentos de composição ornamental com colunas ornadas com acantos em pintura a azul de inícios do século XVIII que teriam anjinhos com cornucópias e flores como indiciam pequenos fragmentos.⁽³³⁷⁾

Oficinas de São José, Igreja (dita das Capuchinhas, antigo Mosteiro da Madre de Deus)

Na capela-mor painéis azuis historiados, separados por cercadura de folhagens e anjinhos. Centros com assuntos marianos. Painéis datáveis de 1717.⁽³³⁸⁾

O mosteiro franciscano da 1.ª Regra de Santa Clara foi fundado em 1716, sob o mecenas de D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo Primaz de Braga, nos antigos edifícios do recolhimento de terceiras franciscanas regulares, que para o efeito terão recebido obras e a igreja terá sido reedificada⁽³³⁹⁾. Os azulejos dispõem-se em registos delimitados por barra 2 × 2 de acantos, anjinhos e cartelas (nos cantos e centro das molduras) sobre supedâneo arquitectónico – entretanto intervencionado e adulterado – com as consolas em perspectiva nos extremos. São atribuíveis à oficina do Mestre PMP,⁽³⁴⁰⁾ encontrando-se a data inscrita no intradorso do arco triunfal. Os episódios representados reportam-se a Vida de Nossa Senhora e de São José. No lado do evangelho:

- 1) *Morte de São José*
- 2) *Apresentação de Jesus no Templo*
- 3) *Fuga para o Egípto*

No lado da epístola:

- 4) *Adoração dos Pastores*
- 5) *Desposórios da Virgem e de São José*
- 6) *Adoração dos Reis Magos*

(337) O Catálogo do Museu Martins Sarmiento de 1981 faz referência a azulejos hispano-árabes, azulejos portugueses antigos e azulejos portugueses modernos sem mais detalhes (VV. AA., 1981, p. 17). (PRA)

(338) Vide: CALDAS, 1882, vol. II, pp. 135-138 [ou 2.ª ed., 1996, pp. 346-347].

FLÁVIO GONÇALVES

(339) Por morte do Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, Thadim faz um balanço das obras patrocinadas pelo Arcebispo e respectivas despesas (vejam-se as similitudes programáticas na Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a demolida igreja do Mosteiro dos Remédios, em Braga, Igreja do Terço/São Bento em Barcelos, Igreja do Mosteiro de São Bento em Viana do Castelo, etc.). Para o Convento da Madre de Deus registou: «As Religiosas Capuchas de Guimarães 1.600.000»; vide: THADIM, 1764, ms. 1055, fl. 36; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 382-388 e vol. 3, pp. 119-142; ARAÚJO *et al.*, 1989; FERREIRA, 1932, pp. 249-251; CALDAS, 1996, pp. 343-344. (PRA)

(340) Vide: MECO, 1989, p. 227. (PRA)

Para uma leitura iconográfica no âmbito da Vida da Virgem e de São José, vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 382-388 e vol. 3, pp. 119-142; para a história do antigo Convento da Madre de Deus vide também: ARAÚJO *et al.*, 1989, p. 37; ARAÚJO, 2000, n.º 166, Jan-Abr., p. 145; GUIMARÃES, 1997, pp. 91-92; PIMENTA, 1940, pp. 145-146; SERRÃO, 1996a, pp. 89-147. (PRA)

Santa Marinha da Costa, Pousada do Mosteiro de

Na parte conventual, de momento ocupada por um armazém de atalhados, vemos, na escadaria, painéis recortados, separados por pilastras e representando cenas guerreiras, em 14 azulejos de alto.

Na antiga Sala do Capítulo, os azulejos sobem num silhar de 16 de alto, com alegorias às *Artes* e aos *Elementos*. Os painéis são ao todo oito, com separações feitas por pilastras seguras por anjos sentados. As legendas são em português.

No salão seguinte o silhar é mais baixo, de 6 azulejos, neste caso de cabeceiras lisas e cenas pastoris. Tanto esta sala como a anterior estavam cobertas com montes de toalhas que dificultaram a visão completa dos painéis. Serão no entanto azulejos de cerca de 1740-50.⁽³⁴¹⁾

O mosteiro é actualmente uma pousada, com projecto arquitectónico de reconversão e integração bem-sucedida dos antigos espaços conventuais com a arquitectura contemporânea derivada da nova funcionalidade da autoria do arquitecto Fernando Távora.⁽³⁴²⁾

Data da década de 80 do século XX, a intervenção de conservação dos azulejos remanescentes ao incêndio⁽³⁴³⁾ referido por Flávio Gonçalves, da qual resultou a recolocação de azulejos do dormitório no refeitório, actual área de restauração, em pequenos quadros. Trata-se de cenas profanas e galantes em jardins com elementos arquitectónicos como fundo, cenas de pesca ou caça, de eremitas, bem como uma reunião de comensais, cenas de jogo e recreio, ou alusivas ao comércio.

Na escadaria e na Sala do Capítulo, embora de qualidade pictórica, não há nada que em concreto aponte para a participação nestas obras de Policarpo de Oliveira Bernardes como indicado por Alfredo Guimarães (ver nota de Flávio Gonçalves),⁽³⁴⁴⁾ não obstante a indiscutível marca de uma grande oficina de Lisboa seja patente. Na escadaria, surgem elaborados emolduramentos arquitectónicos desafiando a inclinação do lanço de escadas e a articulação entre desníveis com suas cenas de batalhas, seja de cavalaria ou náuticas, ou cenas de caçadas. Na Sala do Capítulo, ressalta o esforço de introdução de profundidade na perspetivação dos elementos arquitectónicos, mais notório nas pilastras de separação coroadas por três urnas, e a presença de temas alegóricos – muito raros no Norte do país – seja com as *Artes* e dos *Elementos* em alternância: «PINTURA», «ARCHITECTURA», «FOGO», «TE[R]RA», «AR», «PRIMAVERA», «ESCULTURA» e «AGUA».⁽³⁴⁵⁾

Na varanda de Fr. Jerónimo, construída em 1682 ao tempo do triénio de Fr. Jerónimo dos Anjos com alpendre e chafariz (1707), existem dois silhares recortados com vasos

(341) Além dos azulejos referidos existem ainda, deles coevos, os dois painéis da varanda do fundo do antigo dormitório – um evocando a apresentação pelo Duque de Bragança D. Jaime, a Fr. António Moniz, da bula pontifícia que em 1528 concedeu o mosteiro, dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho, aos monges de São Jerónimo, e outro representando uma sala de aula da antiga escola do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, com Fr. Jorge de Belém a ensinar os infantes D. Duarte e D. António (filhos bastardos de D. João III e do seu irmão Infante D. Luís. O incêndio que, em 1951, devorou o dormitório do mosteiro, fez desaparecer os 50 painéis de azulejos, de temas profanos, que em monumentais lambris se desdobravam pelos dois lados do corredor das celas (corredor que terminava na varanda atrás citada). Por cima das portas das celas havia também sobreportas azulejadas – e numa delas, justamente na primeira, lia-se, nos azulejos, a data de 1747.

Alfredo Guimarães, que nos deixou esta notícia, atribuía o conjunto de painéis do mosteiro a Policarpo de Oliveira Bernardes. *Vide*: GUIMARÃES, 1926, pp. 48-49; GUIMARÃES, 1935, vol. II, pp. 63-65; GUIMARÃES, 1940, pp. 171-172 (ou pp. 180-182, da 2.ª ed. 1953).

Reynaldo dos Santos reafirmou aquela atribuição (SANTOS, 1957, pp. 132-135). E num manuscrito vimaranense de 1748 declara-se peremptoriamente que o azulejo da (agora desaparecida) galeria das celas (ou dormitório), da varanda, da sala capitular e da escadaria de acesso era «do melhor de Lisboa». CAMELO, 1957, p. 171.

Durante o triénio à frente do mosteiro, Fr. Pedro de São Jerónimo manda azulejar o novo refeitório (1739-42) e, cerca de 1747, Fr. Francisco de Santo António manda azulejar o novo dormitório, escadas, Sala do Capítulo, a Varanda de São Jerónimo e escadório da cerca. (PRA)

(342) TÁVORA, 1985, n.º 130; *vide* também BRANDÃO, 2001. (PRA)

(343) Por alturas do incêndio era dada como proprietária D. Antónia de Araújo Fernandes Leite de Castro, seguindo-se aos Jesuítas que aí tinham instalado em 1932 o Seminário Maior de estudos filosóficos a funcionar entre 1934 e 1951. BRANDÃO, 2001. (PRA)

(344) António Oliveira e Lígia Correia de Sousa Oliveira ao direccionar a sua investigação para os *Artistas Bracarenses Que Trabalharam em Guimarães e seu Termo no Século XVIII* encontram documentação notarial para o Convento da Costa referente às obras de 1748 e ao contrato do mestre-ensamblador Alexandre Pinto Moreira para toda a obra da sacristia, que incluiria aplicação de azulejos «com figuras ao moderno» em todos os panos de parede livres. *Vide* OLIVEIRA *et al.*, 1997a, pp. 8-16. Esses azulejos já não existem. (PRA)

(345) Para a iconografia dos *Elementos*, etc., *vide* FREITAS, 1995. (PRA)

nos lados e que servem de espaldares dos bancos corridos que ladeiam a porta do extremo do dormitório poente, de cerca de 1747, por iniciativa de Fr. Francisco de Santo António. São de pintura azul com representação de iconografia associada à história do Mosteiro e da Congregação, apresentando legendas identificativas dos personagens representados:

D. JAIME DUQUE D BARGANÇA E DE GES
FR. ANTONIO MONIS
Clemens VII
FR. JORGE DE RELEM
D. ANT.
INFANTE D. DUARTE ⁽³⁴⁶⁾

Finalmente, permanecem os azulejos da escadaria de acesso ao piso superior disposta transversalmente com lanços que partem do claustro e da cerca, unem-se em pátio e divergem para o lado oposto do edifício. São silhares recortados similares aos anteriores com cenas de batalhas, representação de batalhas navais e cavaleiros com traje coevo da sua produção, como cenas de militares de traje «à romana». Nos lanços superiores, no interior da guarda de granito, há também revestimento azulejar mais simples de cenas de caçadas e moldura em torçal de louros no topo, junto aos degraus com florões.

São Dâmaso, Igreja de

O templo dedicado a São Dâmaso encontrava-se primitivamente no «Campo da Feira», extramuros da cidade, para a banda do sul. A igreja era azulejada na capela-mor com painéis historiados da Vida de São Dâmaso, individualizados por cercadura de folhagens e anjinhos. Enquadrando as janelas, guarnições arquitecturais, tudo de pintura azul. ⁽³⁴⁷⁾ O estilo do desenho conduz a atribuir a obra ao monogramista PMP, que aqui em Guimarães estaria já representado na capela-mor da Igreja das Capuchinhas e na Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Azurém. Quanto à data julgo-a vizinha de 1720. Em 1960 a igreja foi desmontada e transferida para o Terreiro do Castelo, onde ocupa, em magníficas condições, o topo norte. A igreja foi cuidadosamente reconstruída e os azulejos foram poupados e recolocados. ⁽³⁴⁸⁾

- 1) *Batismo,*
- 2) *a apresentação ao Papa Libério,*
- 3) *o Diaconado,*
- 4) *o Presbiterado,*
- 5) *o Vicariato na Igreja de São Lourenço, em Roma,*
- 6) *a ascensão ao Pontificado,*
- 7) *milagres operados ainda vivo, ex.: confortando os pobres*
- 8) *morte e a*
- 9) *veneração do seu túmulo* ⁽³⁴⁹⁾

(346) Vide: GUIMARÃES, 1926, pp. 46-53.

Em Janeiro de 1986, um parecer do Museu Nacional do Azulejo afirmava ser tarde para salvar os azulejos da varanda de Fr. Jerónimo aconselhando a sua remoção e substituição por cópias (vide BRANDÃO, 2001). É hoje notória grande intervenção de conservação e restauro. (PRA)

(347) Vide: ALMEIDA, 1960.

FLÁVIO GONÇALVES

(348) Em 1960, é decidida a demolição, transladação e reconstrução da Igreja de São Dâmaso, devido à execução do projecto de renovação urbanística da cidade; no entanto, as obras só se iniciaram dois anos mais tarde e com final em 1966. A 28 de Maio de 1967, a igreja é reaberta e inaugurada a nova paróquia. RIBEIRO, 1990b, pp. 61-94. Para a história da igreja e seus azulejos vide: ALMEIDA, 1960; CALDAS, 1996, pp. 336-339; GUIMARÃES, 1997; MECO, 1989. (PRA)

(349) Vide: GUIMARÃES, 1997. (PRA)

São Francisco, Igreja de

XV

Monumento nacional, foi este convento concedido em 1400 aos Franciscanos por D. João I.⁽³⁵⁰⁾ Com o decorrer do tempo a igreja sofreu alterações, às quais escapou o pórtico. É, no entanto, um conjunto deveras valioso e belo, onde a talha e o azulejo se conjugam perfeitamente.

Forrando o arco triunfal, de mistura com a talha, estão grandes painéis azuis, historiadados, admiravelmente integrados na arquitectura. A grande altura a que se encontram tornou difícil a sua interpretação. Na capela-mor, o painel do lado direito representa Santo António pregando aos peixes, numa dimensão de 34 × 60 azulejos. O do lado esquerdo mostra outra cena da vida do Taumaturgo. A cercadura, em baixo, é de anjos com medalhões. Os painéis estão separados da base por 3 azulejos de acantos. Perto do altar-mor vemos mais dois painéis, de 5 × 20 azulejos cada.

Este conjunto é deveras notável e os emolduramentos, tonalidades do azul e tipo de desenho indicam tratar-se de obra oficial do ciclo dos Bernardes. Será trabalho lisboeta de cerca de 1720-30.

Actualmente, a obra de azulejaria está atribuída, com base em análise estilística, a Teotónio dos Santos, com intervenção de Manuel dos Santos ao nível do rodapé.⁽³⁵¹⁾ Para a datação é possível restringir os limites a cerca de 1720-26.⁽³⁵²⁾

Na capela-mor, transfigurando em azul e branco o espaço gótico, representam-se, do lado do evangelho: o *Milagre do Pé Decechado*, o *Milagre de Santo António em Guimarães* (reporta-se a evento ocorrido em 1710 em que um ladrão tentou roubar o altar de Santo António e foi impedido com a queda de uma janela, convertendo-se posteriormente);⁽³⁵³⁾ e do lado da epístola: *Pregação de Santo António aos Peixes* e o chamado *Milagre Eucarístico/Milagre da Mula*.

O grande paramento cerâmico do arco triunfal, que se estende lateralmente pelo transepto, inclui a representação de milagres antonianos, em que o santo é representado com os seus atributos iconográficos mais comuns: o Menino Jesus, a cruz, o livro, a açucena.⁽³⁵⁴⁾ Mantém-se a delimitação em quadrícula com barra de acantos, mas sabidamente acentua-se a parte central com a introdução de elementos verticais de grandes festões floridos com anjinhos suspensos em fundo liso branco e no topo penhas com serafins, numa imponente convivência com a talha dourada.⁽³⁵⁵⁾

CONCELHO DA PÓVOA DE LANHOSO

PÓVOA DE LANHOSO

Nossa Senhora de Porto de Ave, Santuário de

Este santuário, dos mais concorridos do Minho, está historiado numa pequena «Descrição».⁽³⁵⁶⁾ A igreja, constituída por corpo e capela-mor é um belo exemplar do barroco de Braga, sóbrio e elegante. Segundo a mesma fonte informativa, a nave foi construída entre 1740-44, acrescentando-se-lhe a capela-mor entre 1744-50. Foi nesta segunda fase

(350) Sobre a história do edifício e das várias intervenções artísticas desde a sua fundação *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 138-139 e vol. 3, pp. 5-34; AZEVEDO, 1845; BELÉM, 1750; BRANCO, 1981; BRANDÃO, 1962; CALDAS, 1996; CONCEIÇÃO, 1740; ESPERANÇA, 1656; ESPERANÇA, 1966; GONÇALVES, 1981; OLIVEIRA, 1962; OLIVEIRA *et al.*, 1997a; OLIVEIRA, 2001; RIBEIRO, 1946; RIBEIRO 1952; TEIXEIRA, 2000; TEIXEIRA, 2004, vol. 1. (PRA)

(351) MECO, 1986. (PRA)

(352) Em 1726, Craesbeeck refere que a capela-mor era «toda cuberta de rico azulejo». (CRAESBEECK, 1992, p. 181 – 1.ª ed. em 1726; *vide* ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 138-139 e vol. 3, pp. 5-34). O retábulo-mor data de 1743 foi executado por Manuel da Costa Andrade, segundo risco e apontamentos de Miguel Francisco da Silva, com a obra de reformas do cruzeiro e transepto a iniciar-se em 1746 prolongando-se pelos anos seguintes; *vide*: BRANDÃO, 1962; CALDAS, 1996, p. 320; TEIXEIRA, 2000, pp. 29 e 39. (PRA)

(353) ARAÚJO, 1996, pp. 103-120; BAIÃO, 1735; SOLEDADE, 1721; GUIMARÃES, 1895, pp. 131-139. (PRA)

(354) Para uma leitura iconográfica e iconológica de todo este conjunto *vide* ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 357-368. Sobre a iconografia antoniana em geral e em azulejo: ALMEIDA, 2006c, pp. 238-241; AZEVEDO, 1996, pp. 15 e segs.; DUCHET-SUCHAUT, 1994, pp. 97-98; LISBOA, 2001, pp. 149v-150v; MECO, 1995, vol. 3, pp. 47-58; SANTOS, 2007, vol. 1; RÉAU, 1955-58, vol. 3, t. I; VV.AA., 1996c; VV.AA., 1998b, vols. 2 e 3. (PRA)

(355) Para a obra de talha ver obras citadas. (PRA)

(356) «Descrição do Santuário e Romaria de N. S.ª do Porto d'Ave» (COUTINHO, 1889).

dos trabalhos que vieram os azulejos que cobrem totalmente a movimentada nave. O corpo da igreja está forrado até à sanca com azulejos de pintura azul, historiados, com passos da Vida de Nossa Senhora. Na parte inferior – 10 de altura – silhar de cestos, vulgares, com sua barra de folhagens. Acima espalham-se painéis de formato irregular, enquadrando janelas, portas, púlpitos, altares e órgão. Cada painel contém a figuração de um passo mariano, explicado por legenda em português. O desenho é fraco, de ciclo oficial mais corrente. O arco triunfal, na face voltada à nave, é também azulejado com ornatos de anjinhos e motivos concheados. A parede fundeira do coro tem um extraordinário paramento em painel único, onde se representa a Assunção da Virgem, segundo a iconografia consagrada pelas estampas do quadro de Rubens.⁽³⁵⁷⁾ É, na verdade, um notável e bem conservado conjunto, que bem demonstra o favor que o azulejo merecia nesta região. Notável é também a colecção de ex-votos!

CONCELHO DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

LANDIM

Santa Maria, Mosteiro de (Igreja e Quinta)

Já mencionada no livro dedicado ao século XVII, possui ainda esta casa um pavilhão de jogos, situado na parte cimeira da cerca, onde estão aliás os melhores azulejos da quinta. São silhares de painéis recortados, de 16 de alto, tendo cada painel, mais ou menos, 21 azulejos de largura. Os painéis são encimados por pequenos balaústres azuis e a separação é feita com colunas floridas. Nos centros contam-se cenas marianas e de santos, segundo legendas em português. A parte inferior dos painéis é ornamental, com medallhões ladeados de anjos. Assim vemos:

ASSUMPSÃO D. S.^A; VISÃO DE S. FRANCISCO DE ASIS E S. ANTONIO;
JESVS, MARIA JOZE e, S. THEOTÓNIO C. R. e S. TELLO C. R.

São azulejos de muito boa qualidade, de fabrico lisboeta e de cerca de 1750-60. Nos intervalos entre as janelas os azulejos são ornamentais, com anjos segurando árvores simbólicas.⁽³⁵⁸⁾

SÃO JOÃO DE REI

Casa da Lage, Capela de Santo António de Requeixo

A casa nobre conserva praticamente na integridade a planta do século XVIII. A capela,

(357) Vide MECO, 1999, n.º 3/7, pp. 23-60.

1) Nascimento da Virgem – «NASSIMENTO DE / NOSA SENHORA»

2) Educação de Nossa Senhora – «SANT'ANA ENSI / NANDO N.S.^A»

3) Apresentação da Virgem no Templo

4) Desposórios

5) Anunciação – «ANUNSSIAÇAM / DE NOSA S.^A»

6) Visitação (legenda tapada pela talha)

7) Natividade

8) Circuncisão

9) Adoração dos Pastores

10) Adoração dos Reis Magos – «VINDA DOS REIS»

11) Sonho de São José – «ADEVERTEN / SIA A S. IVZÉ»

12) Fuga para o Egito – «NOSA S.^A INDO P.^A / O EGITO»

13) Jesus entre os Doutores da Lei?

14) Dormição e Assunção de Nossa Senhora, na parede do coro alto.

O santuário teve na origem pequeno oratório mandado edificar por Francisco Magalhães Machado, pertencente à Ordem Terceira franciscana, no ano de 1730, para acolher uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. A veneração da imagem e fama de «Senhora dos Milagres» levou à construção de capela de pedra, terminada em 1734 e, hoje, no local da actual Capela da Natividade de Nossa Senhora ou de Santa Ana (construída em 1865), ao fundo do escadório, a sul do templo actual. Só com D. José de Bragança, Arcebispo de Braga, se avança para a construção do santuário, provido de uma escadaria, à semelhança do Santuário do Bom Jesus, em Braga. MATOS, 2007, vol. I; RODRIGUES *et al.*, 2006. (PRA)

(358) Trata-se da Casa do Paço ou Casa da Pela na Cerca deste Mosteiro da Congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Vide: ARAÚJO, 1962, vol. 1; JAIME *et al.*, 2005, pp. 192-199; SILVA, 1998. (PRA)

destacada do solar, tem gravada na verga da porta a data de 1725.

O interior, de impressionante unidade estilística, recebeu uma decoração azulejar de figura avulsa, já mencionada por Manuel Monteiro.⁽³⁵⁹⁾ São dois os tipos de azulejos, quase certamente de fabricação portuense. Pintura azul, ingénua, sem cantos, com figurinhas, flores, ornatos, todos muito curiosos e raros.

No lavabo da pequena sacristia colocaram-se azulejos do tipo que se me afigura mais antigo, ainda que o seu aspecto, mais simples, possa ser devido a artífices menos hábeis. Trata-se de um notável conjunto no género, exemplificando uma fabricação esporádica.⁽³⁶⁰⁾

DISTRITO DO PORTO⁽³⁶¹⁾

CONCELHO DE FELGUEIRAS

POMBEIRO

Santa Maria, claustro do Mosteiro de

O claustro do antigo mosteiro beneditino sofreu um grave incêndio durante as invasões francesas, no entanto o revestimento azulejar sobrevive parcialmente, mantendo-se mesmo com as obras de construção da nova ala, interrompidas com a extinção das ordens religiosas.⁽³⁶²⁾ Santos Simões não inventaria este núcleo, muito fragmentado, mas que escavações recentes permitiram ampliar ao revelar os testemunhos remanescentes do lado poente, soterrados pelo passar dos tempos e pela utilização agrícola do terreno.

A documentação identifica a campanha de azulejamento do claustro que, a par de todo o projecto de remodelação deste anterior ao referido incêndio, terá sido no triénio de 1776-80, e especificando os temas representados: 33 painéis do Antigo Testamento nos lados norte e nascente, 16 da Vida de São Bento no lado poente e 16 da Vida de Nossa Senhora no lado sul,⁽³⁶³⁾ este totalmente desaparecido, enquanto os demais se encontram muito destruídos e fragmentados. Apesar de todas as vicissitudes é possível a identificação iconográfica de 20 painéis, seja pelas legendas, seja pelas fontes gráficas de inspiração. Apresenta-se a Vida de São Bento enquanto parte da História da Salvação da Humanidade, exemplo de santidade, revivificação dos Patriarcas e Juizes do Antigo Testamento, fiel seguidor da mensagem de Cristo e devoto de Nossa Senhora.⁽³⁶⁴⁾

Identificam-se os seguintes episódios do Antigo Testamento, nos lados norte e nascente, por vezes ainda com as legendas:

- 1) *Criação dos animais (?)*
- 2) *Fábrica da Arca de Noé⁽³⁶⁵⁾*
- 3) *Arca de Noé (?)*

(359) MONTEIRO, 1906, pp. 14-20.

J. M. SANTOS SIMÕES

(360) STOOP, 1993, pp. 90-95. (PRA)

(361) Na edição original a primeira entrada referia-se ao concelho de Amarante e a Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Travanca. Ora, verificou-se confusão geográfica na interpretação das fichas de Santos Simões, uma vez que se trata da Igreja de São Tiago Maior de Travanca do Mondego, Penacova, distrito de Coimbra – ver entrada respectiva. (PRA)

(362) O mosteiro tem uma longa história e mantém na sua igreja a estrutura arquitectónica medieval, mercê de todas as transformações e vicissitudes históricas. Relativamente às intervenções da época moderna, caso do claustro, *vide*: AQUINO, 1767; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 169-170, vol. 2, pp. 317-319; AMARAL, 2003b, n.º 5, pp. 107-111; ANTUNES, 2007, vol. 1; AQUINO, 1767; CRAESBEECK, 1992; DIAS, 2001b, vol. 1, p. 206; FERREIRA-ALVES, 1989; FREITAS, 2003, n.º 5, pp. 112-118; LINS, 2002; MEIRELES, 1942; SÃO TOMÁS, 1974, t. 2, p. 75; REGRA DE OURO, 2003, pp. 119-121; SMITH, s.d., 2 vols. (PRA)

(363) SMITH, s.d., vol. 2, pp. 457-458; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 169-170, vol. 2, pp. 317-319. (PRA)

(364) As fontes são exactamente as mesmas do Mosteiro de São Martinho de Tibães e do Mosteiro de São Bento da Saúde. Algumas das gravuras estão reproduzidas em SILVA, 2002 e as restantes em ALMEIDA, 2004, vol. 4, pp. 5-114. Para uma interpretação iconográfica e iconológica do conjunto *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 264-271, vol. 2, pp. 316-348, vol. 4, pp. 5-114. (PRA)

(365) Reconhece-se a cena retirada de gravura de Giovanni Lanfranco em 1638, a partir da obra de Rafael nas *Logge* do Vaticano. A figuração nos azulejos está em negativo em relação à gravura, mas a fidelidade de representação permite identificar nos elementos remanescentes no claustro de Pombeiro o episódio da construção da arca, já com a armação estrutural ao fundo, enquanto trabalhadores desbastam a madeira sob a orientação de Noé. *Vide* ALMEIDA, 2004, vol. 2, p. 324 e vol. 4. (PRA)

- 4) «Sacrifício de Abraham»
- 5) «Trabalhos de Job»
- 6) «(...) a Jacob»
- 7) «Samsám queima as / searas dos Philisteos»
- 8) «Booz permite a Ruth / colher Espigas»

E, no lado poente, o ciclo da Vida de São Bento:

- 9) «Jornada p.^a Roma» – Partida de São Bento para Roma
- 10) *Imposição do hábito pelo monge Romão*
- 11) «Quebra-se a Campainha / p.^a se não ouvir o socorr[o]» – *Campainha quebrada pelo demónio na gruta de Subiaco*
- 12) *Como do fundo do lago o ferro veio ao seu cabo*
- 13) «Amaro suspende pelos / cabellos a Placido»
- 14) *Pão envenenado levado para longe por um corvo*
- 15) «Idolos quebrados, e Cape / llas erigidas» (*Destruição do templo de Apolo em Montecassino*)
- 16) «Pedra movida afugen / tádo o Demónio»
- 17) «Vaso de vinho transformá / do em Cobra»
- 18) «Vela acesa [...] / gada no Peito [...] / repr [...]» – Trata-se do episódio do *Pensamento de orgulho revelado. Paineis idênticos existem em Tibães*
- 19) «De sinco Paes se mul / tiplicação duzentos moyos» (*Duzentos moios de farinha à porta do mosteiro em tempos de fome*)
- 20) «Régra de S. Bento»

CONCELHO DE LOUSADA

PIAS

São Lourenço, Igreja Paroquial de

A grande Igreja de São Lourenço é uma surpresa para o visitante. Exemplar típico do barroco joanino, é notabilizada pela talha e pelos curiosíssimos azulejos que decoram a capela-mor. Dispostos em silhar, os azulejos distribuem-se em seis painéis, três em cada parede, atingindo ao centro 21 azulejos de altura.

A ornamentação envolvente é relativamente sóbria, com elementos ornamentais de festões e pilastras perspectivadas. A pintura azul e o próprio estilo de desenho permitem identificar estes azulejos com a fabricação do Porto, sendo de notar as suas dimensões: 131 m/m de lado. O que confere maior interesse a esta colecção é a figuração historiada, que deve referir-se a qualquer prodígio milagroso ligado a tentações diabólicas.

O desenho das figuras é de grande ingenuidade, o que aumenta o charme do conjunto. Não logrei encontrar pessoa que me interpretasse a história representada nos azulejos.

CONCELHO DA MAIA

SILVA ESCURA

Santa Maria, Igreja de

O lindo pequeno templo, de corpo e capela-mor, tem de notável o tecto pintado *rocaille*, em forro abobadado. A talha do arco triunfal com os dois altares colaterais também é notável, com seus nichos e frontais.

Na capela-mor está o forro parietal de azulejo, que cobre do pavimento até à sanca em 34 de alto em grandes painéis figurando passos marianos. A pintura é azul e a cercadura de folhas contorcidas.

Os painéis são, do lado da epístola:

- 1) *Adoração dos Pastores*
- 2) *Adoração dos Magos*
- 3) *Descanso na Fuga para o Egipto*

Do lado do evangelho:

- 4) *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*
- 5) *Assunção*
- 6) *Visitação a Santa Isabel*

O desenho e a pintura da figuração acusam nitidamente a «escola» de Oliveira Bernardes, e a sua intervenção directa reconhece-se, por exemplo, na face da Virgem e do Menino, no painel do *Descanso para o Egipto*. Será provavelmente trabalho de cerca de 1720-25. Notável é o revestimento interno do arco triunfal, infelizmente prejudicado por um quadro eléctrico – montado em 1942 – e onde o artista pintou duas colunas salomónicas e perspectivou o sobrearco.

A parte superior e inferior dos painéis é rematada por um friso de 3 azulejos de alto, provavelmente de cerca de 1740, com cartelas de emblemas marianos.⁽³⁶⁶⁾

CONCELHO DE MARCO DE CANAVESES

ALPENDURADA

Hotel do Convento de Alpendurada (antigo Mosteiro de São João Baptista)

O antigo mosteiro beneditino de São João Baptista de Alpendurada (ou Pendorada) foi adquirido em finais do século XX pelo actual proprietário, o coleccionador de arte Taveira da Mota, que adquiriu diversos conjuntos de azulejaria setecentista de proveniência desconhecida e os aplicou nos antigos espaços monásticos, agora convertidos à hotelaria.⁽³⁶⁷⁾

Numa sala junto à antiga portaria, dispõe-se a toda a volta da sala um silhar de azulejos tipo albarrada com guarnição de 8 azulejos de altura; a guarnição tem padrão 2 × 2 e o modo de colocação actual é uma adaptação criativa: trata-se de motivo de folhas de acanto que surgiram aplicadas em sequência repetitiva, neste caso surgem a formar motivos – de acanto – simétricos, com enrolamentos nos cantos a partir de elemento central e a meia altura. O módulo central da albarrada é constituído, neste caso, por 4 azulejos de altura por 3 de largura, com vaso florido ao centro com festões floridos no topo e base a percorrerem o silhar, interligando os vasos.

Sobre a lareira, surge um silhar de azulejos historiados com pintura a azul de 6 azulejos de altura por 19 de largura. O painel apresenta moldura fina com menos de 1 azulejo de largura com folhagem e motivos ornamentais em asa de morcego em tom de azul mais escuro. Representa cenas ao ar livre com árvores ao centro a subdividir a composição, com dois personagens masculinos em diálogo, à esquerda, e um par numa típica cena galante. Segue-se salão com acesso pelo corredor do dormitório vindo da portaria e galeria superior do claustro, onde estão colocados três silhares recortados de molduramento arquitectónico com pilastras laterais e querubins sobre consolas, bem como no frontão com

⁽³⁶⁶⁾ Guarnição de acantos de 2 azulejos de largo, na tradicional disposição em registos sobre supedâneo arquitectónico junto aos degraus de acesso ao altar-mor, aqui com a excepção de os medalhões com os emblemas estarem como remate superior, pertencendo possivelmente a introdução posterior.

Em 1997, procede-se à fixação dos painéis de azulejos figurativos na capela-mor. www.monumentos.pt, 1998. (PRA)

⁽³⁶⁷⁾ Da época dos Beneditinos apenas se contam azulejos de padrão do século XVII na portaria do antigo mosteiro. Além dos painéis setecentistas espalhados pelo hotel, há ainda conjuntos que imitam estilo e motivos do século XVIII, alguns bastante fiéis, caso dos painéis da fonte do jardim. (PRA)

reserva para símbolo alusivo à cena representada na parte central, de temática sacra, da Paixão de Cristo. O desenho e composição são pouco cuidados, embora se verifiquem intervenções recentes. Um dos painéis inclui a representação de *Cristo no Monte das Oliveiras* com a coroa de espinhos como símbolo correspondente, contendo o painel adjacente a *Flagelação* e símbolo de três cravos presos por corda; um painel mais largo apresenta o momento da *Prisão e Traição de Judas* com a lança junto da vara com esponja. Estes painéis encontram-se sobre silhares em azul e branco de 8 azulejos de altura que assenta em meio azulejo de marmoreado vinoso, definido por barra formada por folhas de acanto em padrão 2×2 e azulejo de padrão 4×4 , em que o módulo apresenta elemento floral central seguido de folhagem de acanto da qual partem duas volutas que se entrecruzam em volutas com motivos papiriformes nos cantos. O mesmo padrão existe em pano de escada anexa a este espaço.

Na galeria superior do claustro, nos corredores poente e sul, foram colocados azulejos de padrão pombalino em silhares de 3 azulejos de altura com cercadura a toda a volta e fiada de azulejos com motivo central floral estilizado em azul e amarelo.

SOALHÃES

São Martinho, Igreja Paroquial de

A igreja estava em obras quando da visita em Dezembro de 1970. É um monumento deveras notável, em que a talha e o azulejo se confundem, numa profusão de belas tonalidades azuis e douradas.⁽³⁶⁸⁾ O tecto da nave é todo coberto de painéis pintados, separados por belas molduras de talha, o mesmo acontecendo nas paredes da mesma quadra.⁽³⁶⁹⁾ Todo o resto é azulejo azul, que contorna as molduras, as portas e todos os acidentes arquitectónicos. Os azulejos, do lado esquerdo de quem entra, representam *Moisés e a Serpente de Bronze*. Segue-se uma representação de *Jesus e a Samaritana* e *Jesus Falando aos Discípulos*. As molduras são de cabeceiras lisas, separadas por emolduramentos de pilastras e centradas por grinaldas seguras por medalhões.

Do lado direito, grande painel representando *Moisés Fazendo Brotar Água da Fonte do Deserto*. Este painel é extraordinário em tamanho e beleza das figuras, tendo 20×48 azulejos e apenas cortado pelo confessionário e pelo pequeno púlpito, em talha. Mas até estes acidentes são habilmente realçados com azulejo ornamental! Ainda deste lado se vê outro painel com uma cena jesuína.⁽³⁷⁰⁾

Numa capela do lado esquerdo, dedicada a Nossa Senhora de Fátima, vemos um painel com 22 azulejos de alto, figurando *São Miguel Salvando as Almas do Purgatório*, com moldura igualmente de pilastras e medalhões seguros por anjos. Na capela do lado esquerdo, vemos *São Miguel em Luta com o Diabo*, enquanto almas se escapam para o céu. A varanda do coro está datada de 1733 e a obra de azulejo deverá datar de cerca de 1740-50.

Na sacristia existe um silhar de azulejo de figura avulsa, com cantos de estrelas, e motivos de barcos, pássaros, etc. A moldura é de acantos. Na parede fronteira – fazendo equilíbrio com o que parece ter sido um pequeno retábulo de altar – dois anjos azuis, que devem ter vindo de outro local.

Na altura da nossa visita o Prior tencionava mandar azulejar a capela-mor, inacreditavelmente nua de todos estes mimos artísticos.

(368) Igreja de origem românica, transfigurada interiormente pela decoração barroca. Vide ALMEIDA, 1986, vol. 3, pp. 51-130. (PRA)

(369) Para a obra de talha setecentista da igreja, e respectivo enquadramento histórico, vide: RODRIGUES, 2001, 2 vols.; RODRIGUES, 2004, 3 vols. (PRA)

(370) Sob estas duas cenas, surge medalhão com molho de espigas como símbolo iconográfico. (PRA)

VILA BOA DO BISPO

Quinta do Mosteiro

No antigo refeitório, permanece revestimento com azulejo em silhares *rocaille* recortados de pintura em tonalidades de azul rematados lateralmente por vasos floridos, de 1750-60. As molduras constam de concheados e motivos em asa de morcego e enquadram composições puramente ornamentais em tom de azul mais claro com pássaros e motivos fitomórficos.⁽³⁷¹⁾ Rodapé arquitectónico com almofadas centrais e marmoreado à altura dos bancos corridos ao longo do refeitório.

Santa Maria, Igreja Paroquial de (antigo Mosteiro)

O templo primitivo era um belo exemplar românico, vendo-se ainda vestígios característicos nos elementos de uma porta ou janela da fachada e no que ficou da primeira abside. A igreja foi completamente alterada nos séculos XVII e XVIII e, deste último período, são as guarnições de talha dos altares, do coro e do órgão.

Foi nessa altura – cerca de 1740 – que se revestiu a capela-mor com a azulejaria que cobre as paredes laterais em 38 de alto. Empregaram-se azulejos de figura avulsa, dos tipos mais vulgares de «estrelinhas» e silhar de vasos e golfinhos em painéis de 4 × 4, separados entre si por fiadas de jarros. O conjunto é envolvido por barra de folhas contorcidas, também de tipo vulgar.

CONCELHO DE MATOSINHOS

LEÇA DA PALMEIRA

Museu da Quinta de Santiago

Possui azulejos de figura avulsa provenientes do extinto e desaparecido Mosteiro de São Bento da Ave-Maria (aplicados no quarto do mordomo, actualmente espaço dos serviços de apoio do museu, bem como na sala). Terão sido adquiridos aquando da demolição do mosteiro (1894-1900) e, posteriormente, utilizados na construção da casa, nesses anos finais do século XIX, pelo seu proprietário João Santiago de Carvalho.⁽³⁷²⁾

CONCELHO DE PENAFIEL

PAÇO DE SOUSA

Casa do Gaiato, Capela

No pequeno nártex da capela sita na propriedade da Casa do Gaiato⁽³⁷³⁾ encontram-se silhares com 8 azulejos de altura, incluindo a respectiva cercadura, e pintura em tonalidades de azul. São azulejos de padrão 4 × 4 e barra 2 × 2 de folhas de acanto enroladas, padrão correspondente ao P-440 de motivos quadrilobados, no qual se insere motivo fitomórfico estilizado em cruz associado a motivos flor-de-lisados e respectivas cercaduras em azul sobre o vidrado branco. Tratar-se-á de reaproveitamento de azulejos do antigo mosteiro beneditino de São Salvador de Paço de Sousa, estando a instituição instalada nos antigos terrenos da cerca do referido Mosteiro, que sofreu um incêndio em 1927, danificando e perdendo-se muito do espólio ainda remanescente. Existe referência documental do azulejamento da Sala do Capítulo no triénio de 1725-28,⁽³⁷⁴⁾ embora não especificando o tipo de azulejos aplicados.

(371) Para a história do Mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, *vide*: ALMEIDA, 1986, vol. 3; AZEVEDO, 2001a; SILVA, 1998. (PRA)

(372) (PRA)

(373) A Casa do Gaiato em Penafiel foi fundada em Abril de 1943 dando-se início a obras e já com a construção das primeiras casas em 1951. (PRA)

(374) «Dourousse o retabolo do Capítulo e se pintou o teto delle e se azolejou». ADB – Fundo Monástico-Conventual, CSB, n.º 99, Estados do Mosteiro; *vide* ALMEIDA, 2004, vol. 2, pp. 372-382. São azulejos de padronagem idêntica aos da Ouvidoria do Mosteiro de São Martinho de Tibães, e a barra é idêntica à utilizada na nave da igreja do Convento de Santa Clara de Caminha. (PRA)

CONCELHO DO PORTO

PORTO

Casas da Rua das Flores, n.ºs 66-67 e n.ºs 68-68A/Largo de São Domingos

Este edifício é exemplar típico da arquitectura civil portuense dos séculos XVI a XIX, actualmente subdividido em duas fracções.⁽³⁷⁵⁾ A aplicação de azulejos das décadas de 20-30 do século XVIII faz-se por meio de recolocação de conjuntos de proveniência desconhecida, talvez dos extintos conventos das proximidades⁽³⁷⁶⁾, no saguão do edifício. Circundados por padronagem oitocentista a imitar modelos do século XVII e outros, surgem silhares em registos sobrepostos com molduras de acantos 2 × 2 e reservas de 7 azulejos de altura com cenas de caçadas. No n.º 68-68A, na cozinha situada no piso superior, surgem na parte interior da lareira azulejos de estampilha do século XIX rodeados por cercadura de acantos em voluta por entre festões floridos, igualmente do primeiro quartel de Setecentos.

Casa na Rua de São Miguel, n.ºs 2-4

No alçado principal deste edifício de rés-do-chão e dois pisos, prevalecem os azulejos sobreviventes do conjunto que outrora ornou a Sala do Capítulo do Mosteiro de São Bento da Vitória, nas proximidades do qual se encontra.⁽³⁷⁷⁾

XVI

São azulejos de Lisboa, *rocaille*, do triénio abacial de 1776-80, com a documentação a revelar informações sobre a sua disposição em registos sobrepostos, o superior com cenas da Vida de Nossa Senhora.⁽³⁷⁸⁾ No piso superior, por entre os vãos, painel recortado com a *Coroação da Virgem*, pelas figuras da Santíssima Trindade, acompanhado da legenda em cartela inferior: «Veni de Libano es/pona mea, veni de/Libano, veni corona/beris, Cant. 4, 5, 6». Nos pisos inferiores, há silhares de menor altura com cenas profanas (a típica cena campestre, cena portuária/urbana e cena fluvial) além de painel com *Monge Eremita em Meditação e Oração*.⁽³⁷⁹⁾

Biblioteca Municipal

Na entrada, azulejos de figura avulsa azuis. Pertenceram ao Mosteiro de São Bento da Ave-Maria. Vindo da Igreja do Colégio de São Boaventura, de Coimbra, vemos um painel representando *São Francisco Recebendo as Chagas*.⁽³⁸⁰⁾

No claustro existem azulejos de várias proveniências, dos quais destacaremos vários de figura avulsa, tipo de desenho miúdo e outros de flores azuis.⁽³⁸¹⁾

O piso térreo da Biblioteca Municipal funciona como pequeno museu da azulejaria. Logo no átrio surgem – a par do citado painel coimbrão – três painéis provenientes do refeitório do Mosteiro de São Bento da Vitória, beneditino, dois deles com cenas da Vida de São Bento de Núrsia – *Pastores Visitam São Bento na Gruta de Subiaco* e *Pão Envenenado Levado para Longe por Um Corvo* –, o restante em painel de fina com-

(375) Vide: AFONSO, 2000, pp. 260-261. (PRA)

Agradecemos à Dr.ª Maria Augusta Marques, da Câmara Municipal do Porto, a indicação deste conjunto. (PRA)

(376) Convento de São Domingos, Convento de São Francisco, Mosteiro de São Bento de Ave-Maria e Mosteiro de São Bento da Vitória. (PRA)

(377) SMITH, 1968c. (PRA)

(378) «Por dentro se azulejou em altura de treze palmos com painéis d'azulejo fino de cores, e recortado, no qual se figuram os passos da Vida de Nossa Senhora e por baixo das frestas ate os assentos com painéis». ADB – Fundo Monástico-Conventual, *CSB, n.º 105*, Estados do Mosteiro; SMITH, 1968c.

Os painéis do claustro do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro têm datação aproximada (c. 1776-80) dos painéis do Mosteiro de São Bento da Vitória, e terão idêntica proveniência, embora não exista até ao momento nenhuma prova documental para o efeito. Vide ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 176-177 e vol. 2, pp. 219-226. (PRA)

(379) Apesar da referência ao *Cântico dos Cânticos*, não é possível estender qualquer interpretação iconográfica comum aos demais painéis remanescentes. (PRA)

(380) Vide: VASCONCELOS, 1914; FERREIRA, 1937, pp. 218-221

FLÁVIO GONÇALVES

(381) Vieram de antigos conventos de Santa Clara e de São Bento de Ave-Maria, Porto. Vide: PEIXOTO, 1902, pp. 126 e 132; VITORINO, 1958 p. 201
FLÁVIO GONÇALVES

posição ornamental de vaso florido em supedâneo decorado com acantos e motivos em asa de morcego ladeado por dois anjos com folhagem e fruta; são silhares recortados, policromos em tonalidades de ocre, manganês, verde com a figuração historiada e dois anjos em azul, sobre fundo a imitar granito em azul-claro, de 1758-61.⁽³⁸²⁾ Ainda desse Mosteiro, no espaço adjacente ao átrio, é o conjunto de três painéis⁽³⁸³⁾ de fundo azulado a imitar granito com uma moldura em azul mais claro e outra sobreposta em conchea-dos manganês e ocre; o painel mais largo tem reserva para cena de pesca, enquanto os restantes têm motivo central fitomórfico.

Do desaparecido Mosteiro de São Bento de Ave-Maria,⁽³⁸⁴⁾ prevalecem no átrio de entrada os azulejos de figura avulsa referidos por Santos Simões, dos inícios do século XVIII, num total de 33, maioritariamente com representações antropomórficas, de perfis de personagens de cuja boca saem flores ou folhagem. No claustro existem mais 78 azulejos de figura avulsa de motivos exclusivamente florais, os quais apresentam – à semelhança dos anteriores – grandes dimensões ocupando a quase totalidade da superfície disponível, sem cantos. Deste núcleo, são originários os cinco silhares de 13 azulejos de altura definidos no topo e base por barra de padrão de 2 × 2 em diversas tonalidades de azul, enquadrando módulos de 4 e 5 azulejos de largura, os primeiros constando de vasos floridos à maneira de albarradas, os seguintes com colonelos laterais e figuras sobre plintos hexagonais, seja jovem seminu a segurar cornucópia florida, seja dama de trajes galantes, toucado e leque, que se alternariam.⁽³⁸⁵⁾

Do Mosteiro de Santa Clara, do Porto, é proveniente o painel rectangular composto por um total de 72 azulejos de figura avulsa, sendo os motivos centrais de tamanho bastante reduzido e com o chamado motivo de «estrelinha» nos quatro cantos, sendo a pintura em várias tonalidades de azul. Tem variedade de elementos fitomórficos, com predominância para flores, elementos zoomórficos, nomeadamente pássaros representados isoladamente ou sobre construções, e elementos arquitectónicos, os «castelos».

Museu Nacional de Soares dos Reis

Colocados no muro de suporte do pátio interior, painéis de pintura azul com cabeceiras recortadas. A parte do alizar propriamente dito, tem 11 de alto, atingindo as cabeceiras a altura de 9 azulejos. A figuração é de ermitões (*São Jerónimo?*), paisagens com pescadores e arquitecturas, sege, cena que parece ser a instituição de uma ordem franciscana. O desenho é fraco. Pela técnica e pela colocação parecem-me ser de fabricação de Coimbra de meado do século XVIII.⁽³⁸⁶⁾

(382) Data em que se documenta a obra em curso nesse espaço do «novo azulejo que se esta fazendo» no «novo e magnificus Refeytorio». *Vide*: AQUINO, 1767; SMITH, 1968c, p. 52; ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 185-186 e vol. 2, pp. 189-230.

A obra terá tido tal impacto que nos *Elogios dos... Abades Geraes da Congregação* o refeitório do Mosteiro de São Bento da Vitória é qualificado como «o melhor que tem a Congregação», obra patrocinada pelo Abade-Geral. AQUINO, 1767, pp. 377-378. (PRA)

(383) Deste conjunto, existem outros cinco painéis nos espaços do antigo mosteiro, agora Arquivo Distrital do Porto. Fausto Martins aponta este conjunto como integrante do revestimento da Sala do Capítulo (MARTINS, 2001a, pp. 66-69), mas a comparação de molduras, enquadramentos e até o uso distinto da policromia não o parecem indicar (ver entrada para a Rua de São Miguel, no Porto). (PRA)

(384) Ficaram relatos anteriores à demolição que dão conta da existência de muitos espaços azulejados, caso das celas, da Sala do Capítulo, corredor do dormitório, entre outros. *Vide*: MIRANDA, 1997-98, pp. 222-224, 226; PINHO, 2000, vol. 1, pp. 98-100; VITORINO, 1958, p. 188. (PRA)

(385) Esta tipologia encontra-se em colégios de Coimbra (SANTOS, 2007). Na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, há azulejos em depósito que são muito similares. Ver entrada respectiva. (PRA)

(386) Agostinho Guimarães menciona como em 1941, aquando da abertura do museu, se procedeu à transferência dos azulejos de uma casa senhorial da freguesia da Sé da cidade do Porto, mas decerto com outra proveniência de origem, de algum núcleo conventual (GUIMARÃES, 1986, p. 252).

As cenas historiadas reportam-se à iconografia dos eremitas (*vide*: ALMEIDA, 2005, pp. 261-279), com Agostinho Guimarães a identificar São Jerónimo nos painéis, mas podendo tratar-se de São Francisco de Assis, com o último episódio representado a recordar a concessão da Regra à Ordem Terceira, tal como Santos Simões já sugerira. Um dos painéis mais amplos representa uma sege que se dirige para um edifício de portal nobre e desenho arquitectónico apurado, distinguindo-se dos demais. O conjunto encontra-se ao ar livre com o vidrado dos azulejos desgastado, por vezes fracturados, à mercê das intempéries. (PRA)

Ordem Terceira do Carmo (edifício do hospital)

Na Sala dos Despachos, que teve início em 1791⁽³⁸⁷⁾ há silhar de azulejo ornamental, do tipo de grinaldas com pássaros policromos sobre rodapé de 2 azulejos marmoreados manganês.

Trata-se de produto influenciado pela fabricação de Lisboa (Rato?) dos princípios do século XIX, mas onde se nota diferença na técnica da pintura e coloração. Julgo que são azulejos feitos em qualquer das fábricas do Porto ou Gaia.

São três os painéis maiores, de 10 de alto, incluindo o rodapé de 2 e 6 mais pequenos guarnecendo também as janelas. Os centros figurados contêm ave ornamental emplumada de várias cores segurando grinaldas nos bicos. Em cada painel há ainda quatro passarinhos cada um com sua cor (verdes, azuis, manganês e ocre) que seguram nos bicos colares de pérolas.

A riqueza da policromia é grande, se bem que o desenho seja um pouco rude quando comparado com os congêneres de Lisboa.⁽³⁸⁸⁾

XIX

São João Novo, Igreja de

Na grande igreja dos Agostinhos portuenses apenas existem azulejos na Capela de Santa Rita, a primeira lateral do lado do evangelho. As paredes laterais onde se abrem as portas de comunicação, estão revestidas de azulejos que deixam na parte superior dois grandes painéis com 16 de largo. Representam, o do lado esquerdo, a *Aparição de Cristo Crucificado a Santa Rita no Interior de Um Convento*. Na parte superior, contida na cartela está a legenda:

*B.^{meu} Antunes.
a fes em Lx.^a nas
olarias anno de 1741*

Na parede fronteira um painel de idênticas dimensões mostra a *Entrada de Santa Rita num Convento de Freiras Agostinhas*, acompanhada de São João Baptista e dois religiosos daquela Ordem.⁽³⁸⁹⁾ A pintura é azul e o enquadramento de ordenação arquitectónica com anjinhos esvoaçando e pilastras com ornatos «capitonés».

Trata-se de um importante testemunho do trabalho de Bartolomeu Antunes e que permite caracterizar o seu estilo de desenho e género de ornamentação.⁽³⁹⁰⁾

Todo o altar tem grande interesse artístico, destacando-se duas notáveis imagens em madeira, respectivamente de São Tomás de Vila Nova e de Santa Mónica.

São Lourenço, Igreja de (dita dos Grilos)

Nesta magnífica igreja, anexa ao Seminário Maior e que foi do Colégio de São Lourenço, dos Jesuítas e, depois, dos Agostinhos Descalços (vulgo «Grilos»)⁽³⁹¹⁾, não há azulejos a não ser na sacristia. O silhar é de 12 de alto, ladeando o lavabo e contornando-o na parte inferior com uma composição ornamental, azul, de bom desenho. Os painéis laterais, desiguais no comprimento, são-no também na técnica da pintura. Se bem que obedecendo a um mesmo «risco», parece mesmo provirem de oficinas diferentes, ou

(387) Acerca da gravura francesa que, ao pintor dos azulejos, serviu de modelo para o cenário fundeiro de um destes painéis, vide SMITH, 1973a, vol. 97, n.º 134, p. 402. FLÁVIO GONÇALVES

(388) Vide também: GUIMARÃES, 1986, pp. 112-114; MARTINS, 2001a, pp. 80-85. Vide: HENRIQUES, 2003, pp. 448-489; MECO, 1986, pp. 120 e 125-126; PEREIRA *et al.*, 1997; PEREIRA, 1999, pp. 211-237. (PRA)

(389) Trata-se de Santo Agostinho e São Nicolau Tolentino a assistir à entrada de Santa Rita no Convento de Santa Maria Madalena em Cássia e, do lado do evangelho, o célebre episódio de *Santa Rita a Receber o Espinho da Coroa de Cristo*. Para uma proposta de leitura iconográfica, com indicação da fonte literária de inspiração, vide: MARTINS, 2001a, pp. 60-64. E também MECO, 1989. (PRA)

(390) Sobre a autoria de Bartolomeu Antunes como pintor de azulejos vide: MANGUCCI, 1996; MANGUCCI, 2003b; CALADO *et al.*, 1998. (PRA)

(391) A bibliografia mais relevante sobre a igreja e colégio dos Jesuítas foi desenvolvida por Fausto Sanches Martins. Vide: MARTINS, 1986; MARTINS, 1994, 2 vols.; MARTINS, 2001a, pp. 72-77; MARTINS, 2001b, pp. 64-67. (PRA)

pelo menos foram executados por artífices diversos. O painel do lado direito é de boa qualidade, exemplar típico das oficinas lisboetas de cerca de 1730. Está infelizmente mutilado e, da figuração, apenas se percebe um castelo e os restos de dois navios com os pavilhões turcos e portugueses e que me parece terem pretendido representar a *Batalha do Cabo Matapan* (1717). O painel da esquerda acusa uma fabricação menos cuidada e faz lembrar os produtos de Coimbra. Em ambos os casos as cercaduras são do tipo barroco de pilastras com anjinhos.⁽³⁹²⁾

São Francisco, Hospital da Ordem Terceira de

Prevalece fiada de 4 azulejos sobreviventes de diversos painéis e tipologias considerados provenientes do demolido Convento de São Francisco, hoje Palácio da Bolsa. É possível identificar legenda de painel figurado «Sacramento Corporis Domini/totus mundus subjugatus est S. Elia».⁽³⁹³⁾

Sé, núcleo da Catedral e Casa do Cabido⁽³⁹⁴⁾

XX e XXI

No claustro encontram-se grandes painéis de azulejo forrando as paredes livres e, bem assim, os espaços livres entre algumas portas.

Serão painéis de cerca de 1730, nem todos com a mesma coloração, a qual varia de azul-cinzentos escuros a azul-anil vivíssimo.

As cercaduras são semelhantes, variando os motivos, segundo creio, tirados do Antigo Testamento. São ao todo sete painéis.⁽³⁹⁵⁾

Na Casa do Cabido – anexa à Sé – nas salas do andar nobre vemos silhares de azulejo. Na sala grande, entre as janelas e as portas, oito painéis azuis: fonte decorativa, fidalgo e mulher saindo do palácio enquanto um moço segura os cavalos (painel muito curioso), cenas de caça ao veado e javali, cenas campestres e o conhecido «cego» atravessando a ponte.

Na sala do canto sudoeste, silhares recortados, de colocação azul-acinzentada. Representam as Quatro Estações e um São Miguel. Puro barroco.

Na galeria superior do claustro, na parede sul, grande composição que primitivamente ocupou toda a parede, num total de sete painéis centrados por uma alegoria, possivelmente a *Assunção da Virgem*. Hoje apenas vemos cinco painéis com cenas várias: caçadas ao avestruz, dragão e leão e, no centro, alegorias talvez ao Nascimento de Vénus.

No claustro gótico, nos sete painéis historiados encontram-se representadas cenas inspiradas no *Cântico dos Cânticos* com legendas e inscrições em latim (a começar pelo lado direito):⁽³⁹⁶⁾

(392) Vide também: MALHOA, MONTEIRO e PAIS, 1996, pp. 57-67. (PRA)

(393) Vide GUIMARÃES, 1986, pp. 250-252.

Joaquim J. Ferreira-Alves deu a conhecer a documentação referente a conjuntos azulejares das capelas dos terceiros franciscanos quando ainda tinham espaço integrado no Convento de São Francisco adjacente à actual igreja. Este convento viu também os azulejos dos seus espaços desaparecidos e destruídos com a expropriação das Ordens Religiosas e todas as vicissitudes posteriores, nomeadamente a demolição dos edifícios conventuais para a construção do Palácio da Bolsa, apenas existindo hoje a igreja; vide: FERREIRA-ALVES, 2003, pp. 347-364. Vide também: FERREIRA-ALVES, 1989-1990. (PRA)

(394) Identificada na edição anterior como Paço Episcopal. (PRA)

(395) Os painéis de azulejos do claustro gótico da Sé do Porto foram fabricados em Lisboa de 1729 a 1731, tendo sido pintados por Valentim de Almeida. Vide GONÇALVES, 1972. Quanto à sua temática, os painéis desenvolvem trechos do *Cântico dos Cânticos*. Vide: VASCONCELOS, 1914; CRUZ, 1946, pp. 203-209.

Não confundir estes azulejos do claustro gótico com os azulejos (não inventariados por J. M. dos Santos Simões) que se encontram em outros anexos da Sé – na galeria superior do claustro, na antiga Sala do Cabido e nas capelas de São Vicente e de Santa Catarina do claustro gótico –, todos devidos a António Vital Rifarto, e de 1733-35. Vide: BASTO, 1940, p. 269 (ou 1963, p. 67); CRUZ, 1946, pp. 196-203 e 210-216.

Robert C. Smith, devido a uma leitura precipitada de documentos, chegou a supor que os azulejos da galeria superior do claustro eram de cerca de 1728-33, «desenhados por António Vital Rifarto e executados em Lisboa, talvez por José Valentim de Almeida». Vide: SMITH, 1966a, p. 196, nota 60; SMITH, 1968d, p. 234. FLÁVIO GONÇALVES

(396) A sequência segue leitura iconográfica e iconológica proposta em MARTINS, 2001a, pp. 17-34. (PRA)

- 1) *Cântico dos Cânticos* 1, 6-7 – Diálogo entre os personagens: «INDICA MIHI, VBI PASCAS, VBE CVBES, / IN MERIDIE, NE VAGARI INCIPIAM POST / GRECES SODALIVM TUORUM»; «SI IGNORAS, TE, O PVLEHERRIMA, MVLIERV, EGREDERE, / ET ABI POST VESTIGIA, GREGVM / ET, PASCE, HAEDOS TVOS IVXTA TABERNACVULA / PASTOTUM». No topo a inscrição em filactera: «IN MERIDIE».
- 2) *Cântico dos Cânticos* 6, 1-3. As legendas: «DILECTVS MEVS DESCENDIT / IN HORTVM SVVM»; «PVL CRA ES AMICA MEA, / ET DECORA, SICVT IERSALEM».
- 3) *Cântico dos Cânticos* 4, 12; 9; 8, 2 – «VVLNERASTI CORMEVM, SEROR MEA SPONS. / VVULNERASTI CORMEVM IN VNO OCVLORVM TVORVM»; e «APPREHENDAM TE, DVCAM IN DOM= / VM MATRIS MEAE IBI COCEBIS ET / DABO TIBI POCVLEX VINO / CONDITO». Com o dístico em filactera no topo: «FONS SIGNATUS».
- 4) *Cântico dos Cânticos* 2, 3; 5; 7 – «ADIVRO VOS, FILIAE SERVSALEM NE / SVSEITE-TRIS, NEQVE EVIGILARE FACIATIS DILECTAM»; «FVLCITE ME FLORIBVS, / STIPATE ME MALIS»; e «SVB VMBRA ILL= / IVS, QVEM DESI= / DERAVERAM SEDI».
- 5) *Cântico dos Cânticos* 4, 8 – «VENI DE LIBANO SPONSA MEA VENI DE LIBANO / VENI, CORONABERIS DE CAPITAMANA DE VERTICE / SANIR, ET HERMON, DE CVVELIBVS LEONVM DE MON / TIBVS PARDORVM»; e as inscrições sobre os montes representados: «LIBANVS», «AMANA», «SANIR», «HERMON», «JORDANIS».
- 6) *Cântico dos Cânticos* 4, 4 e 6. – As legendas: «HECE TV PVLCHER ES DILECTE MI, / ET DECORVS»; «HECETV PVL CRA ES AMICA MEA / SICVT TVRRIS DAVID COLLVM TVVM»; e as inscrições: «MILLE ELIPEI PENDENT EX EA» e «VADAM AD MONTEM / MIRRAE ET / AD COLLEM THVRIS».
- 7) *Cântico dos Cânticos* 2, 1; 1, 3. – «TRAHE ME: POST TE CVRREMVS IN / ODOREM VNGUENTORVM EVORVM»; «EGO FLOS CAMPI ET LILLIVM / EONVALIVM».

No edifício da Casa do Cabido, adossado à Sé, surgem os primeiros conjuntos de azulejos do século XVIII do núcleo da Catedral portuense. A primeira intervenção registada consignava a *escadaria* de acesso ao andar nobre desde o claustro gótico, o vestíbulo e sala capitular do Cabido com data de Fevereiro de 1719 referente a pagamento de azulejos de Lisboa, conhecendo-se o nome do assentador destes azulejos com pagamentos entre 1719-20: João Neto da Costa.⁽³⁹⁷⁾ Existe igualmente um recibo que menciona o assentamento de azulejos na sala capitular e também na sacristia da Sé ainda em 1722 pelo mesmo artista.⁽³⁹⁸⁾ A escadaria tem pequenos silhares de cerca de 6 e ½ azulejos de altura com cercadura integrada em semicírculos vazados por flor de quatro pétalas e de temática campestre, incluindo caçadas e cenas agrícolas.

Quanto à Sala do Capítulo, António Cruz avançou com a identificação das *Metamorfofes* de Ovídio como inspiração subjacente à iconografia representada e Fausto Martins, mais recentemente, desenvolveu a leitura iconográfica e iconológica do conjunto.⁽³⁹⁹⁾

De 1733, é a encomenda feita pelo Dr. Domingos Barbosa em nome do Cabido da Sé – que então vivia um período de *Sede Vacante* – a António Vital Rifarto, de azulejos para a galeria superior do claustro, sacristia e Sala do Cartório, obra concluída no ano seguinte, como a documentação revela.⁽⁴⁰⁰⁾ A sacristia não detém revestimento azulejar.

(397) GONÇALVES, 1970, p. 48; GONÇALVES, 1987. Sobre João Neto da Costa ver a entrada relativa à Igreja de São Vítor em Braga e a bibliografia associada: SMITH, 1970a, p. 85, nota 2 do cap. 8; SMITH, 1972a, pp. 50-58 e 81; MANGUCCI, 1996. (PRA)

(398) BASTO, 1964, pp. 187-188. Para as obras de talha *vide* além das obras citadas: FERREIRA-ALVES, 2001a; FERREIRA-ALVES, 2001b, pp. 20-25. (PRA)

(399) MARTINS, 2001a. Sobre a iconografia das *Metamorfofes* na azulejaria portuguesa *vide*: CORREIA, 1998-1999; CORREIA, 2001, pp. 81-86, e da mesma autora, o capítulo respectivo em VV.AA., 1998a. (PRA)

(400) CRUZ, 1947, p. 20. *Veja também*: BASTO, 1964. (PRA)

Por sua vez, a Sala do Cartório apresenta revestimento com silhares recortados de ornamentação profusa sobre arquitectura *trompe-l'oeil* de volumetria e formas barrocas, quase ofuscando os medalhões onde surge a representação das *Quatro Estações*.⁽⁴⁰¹⁾ E a galeria superior do claustro com revestimento de azulejos na ala sul e oeste que, segundo Fausto Martins, prolongam o programa iconográfico de todo o piso superior com *Alegoria do Ar* e *Alegoria da Água*, directamente representadas em medalhões ovalados, a par de cenas de caça, cenas galantes e cenas mitológicas de fontes diversas.⁽⁴⁰²⁾ Em 1738, paga-se a António Vital Rifarto⁽⁴⁰³⁾ os azulejos da Capela de São Vicente e da Capela de Santa Catarina terminando a campanha de azulejamento da Sé. Na primeira capela referida destaca-se a iconografia cristológica da Paixão associada à simbologia da *Fénix* e do *Pelicano* representados. Na segunda capela, no lado do evangelho, surge São Caetano junto ao altar e acesso fingido à antiga Casa do Cabido com degraus, balaústres e corrimão, enquanto do lado da epístola surge Santa Catarina.⁽⁴⁰⁴⁾

CONCELHO DE SANTO TIRSO

SANTO TIRSO

São Bento, antigo Mosteiro de

XXII

Os coruchéus piramidais das duas torres da igreja são forrados com azulejo, formando composições ornamentais a azul e branco. Muitos dos azulejos estão deslocados, não se percebendo bem os motivos alegóricos.

Na sala onde hoje é a capela da escola agrícola, está um revestimento de azulejo em painéis recortados, colocados entre as janelas e sobre as portas. Ao todo são oito maiores, com centros azuis figurados, representando passos da Vida de São José, e dois menores, sobre as portas, com símbolos emblemáticos e suas legendas:

- 1) Dois corações atravessados por uma seta: *Unuum in Deo*
- 2) Duas palmeiras lado a lado: *Castum Coniungium / sed Fructuosum*
- 3) Espelho reflectindo a lua: *Qualem accepi Re= / ddidi*
- 4) Vide enleada em árvore: *Tautumodo ut / fulgimentum*

Cercadura concheada policroma acima de supedâneo ornamental marmoreado.⁽⁴⁰⁵⁾
Episódios representados, no lado do evangelho, por entre os vãos das janelas:

- 1) *Sonho / Visão de São José*⁽⁴⁰⁶⁾
- 2) *Natividade*
- 3) *Adoração dos Pastores*

(401) Para iconografia das Quatro Estações *vide* FREITAS, 1995.

Ver entrada referente ao Museu dos Biscainhos. (PRA)

(402) CORREIA, 1998-99; CORREIA, 2001; FREITAS, 1995; MARTINS, 2001a; MECO, 1989, p. 224. (PRA)

(403) CRUZ, 1947. *Vide*: BASTO, 1940; BASTO, 1964; GONÇALVES, 1987. (PRA)

(404) *Vide*: www.monumentos.pt, 2008. Além da bibliografia mencionada *vide*: BRANDÃO, 1984; FERREIRA-ALVES, 1988-90, 2 vols.; FERREIRA-ALVES, 1989, 2 vols.; FERREIRA-ALVES, 2001a; FERREIRA-ALVES, 2001b; MONTEIRO, 2001; SMITH, 1974b. (PRA)

(405) Os painéis de azulejos deste salão – antiga Sala do Capítulo do mosteiro – são de cerca de 1782. *Vide*: SMITH, 1966b, pp. 240-242; SMITH, 1968d, p. 235; SMITH, 1972a, vol. II, p. 633. FLÁVIO GONÇALVES

(406) O painel de Santo Tirso apresenta grandes semelhanças com a gravura de H. Goltzius por Adriaen J. Collaert. Na azulejaria portuguesa do século XVIII é conhecida uma outra variante em que São José está sentado, segurando a cabeça com a mão, adormecido, e o anjo está a seu lado de pé, sugerindo o conteúdo da sua visão/sonho (Igreja do Mosteiro de São José, Évora), ou esvoaçante (como na Igreja de São José dos Carpinteiros, Lisboa), mais próximo da gravura de Nicolau Poussin ou da tela de Philippe de Champaigne, datando de cerca de 1665 (National Gallery, Londres, proveniente do Convento dos Mínimos de Paris). Para uma leitura iconográfica e iconológica do conjunto *vide*: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 177-178, vol. 2, pp. 231-274, pp. 309-322. Para a história e evolução artística do mosteiro *vide* também: AQUINO, 1767, pp. 304, 320; BRANDÃO, 1984, vol. 1; CORREIA, 1991; CORREIA, 1994; CORREIA, 1998; CORREIA, 2000; LINS, 2002, vol. 1; PASSOS, 1956; SMITH, 1973b; S. TOMÁS, 1974, t. II, p. 41. (PRA)

Junto ao altar:

- 1) *Regresso da Sagrada Família do Egipto*
- 2) *São José e o Menino na sua Oficina / São José Carpinteiro*

No lado da epístola, entre os vãos falsos, com pintura sacra (Visitação, São João Baptista, educação de Nossa Senhora e São Joaquim):

- 1) *Circuncisão*
- 2) *Adoração dos Reis Magos*
- 3) *Apresentação de Jesus no Templo*

E, finalmente, na parede da porta de entrada:

- 1) *Desposórios da Virgem e de São José*
- 2) *Fuga para o Egipto*

CONCELHO DE VALONGO

CAMPO

São Martinho do Campo, Igreja de

A sacristia da igreja apresenta revestimento de azulejos do segundo quartel do século XVIII em pintura a azul com desenho de pouca qualidade e aplicados arbitrariamente, na grande maioria em recolocação. Os limites dos painéis e vãos são definidos por barra de três azulejos de largura com *putti* segurando cornucópias nos extremos verticais e decoração de concheados, fores e cabeças de anjinhos junto a mascarões. É perceptível a predominância de iconografia dos eremitas num enquadramento de natureza com construções em planos de fundo, montes e arvoredos; os monges aparecem solitários em postura de meditação/contemplação, um representado com livro aberto, outro com leões, ou com a caveira e cruz.

O lavatório em granito tem contorno rectilíneo, com 1 azulejo a toda a volta em cercadura com folhagem de acanto. A reserva interior apresenta, do mesmo modo, azulejos recolocados, desta feita com nuvens na parte superior e montes e rochedo na parte inferior, tendo ainda 12 azulejos de figura avulsa (flores) na parte central junto à cruz de remate do referido lavatório.

É importante mencionar que a Igreja Matriz de Campo foi construída entre 1902 e 1910, mas apresenta elementos de construções dos séculos precedentes, caso dos azulejos na sacristia e do retábulo-mor em talha dourada.⁽⁴⁰⁷⁾

CONCELHO DE VILA DO CONDE

AZURARA

Santa Maria, Igreja de

Notável exemplar de templo manuelino. Apenas restam os azulejos da parte inferior das paredes da capela-mor. São painéis figurados de cerca de 1740.

Avulta ainda a face que espelha a porta da sacristia, imitando esta em 16 de altura. Pela leitura parece azulejo de Coimbra, se bem que de desenho correcto.⁽⁴⁰⁸⁾

⁽⁴⁰⁷⁾ <http://sweet.ua.pt/~isca5780/Valongo.htm>. (PRA)

⁽⁴⁰⁸⁾ Os azulejos da capela-mor da Igreja Matriz de Azurara datam de 1718 e foram pintados por António Vital Rifarto. Vide FREITAS, 1973, pp. 306-308. FLÁVIO GONÇALVES

José Meco data-os de 1737-38 (MECO, 1989, p. 235). Do lado do evangelho, representa-se o *Pelicano a Alimentar as Crias* no centro do medalhão de profusa decoração ornamental, enquanto que, do lado da epístola, se representa a *Fénix Renascida*. (PRA)

JUNQUEIRA

Quinta do Mosteiro, claustro da

No lindo claustro do Mosteiro os actuais proprietários da quinta colocaram painéis de azulejos de molduras recortadas policromas, centros azuis, figurando passos da Vida de Cristo. Parece que vieram do Sul (Lisboa) e são dos tipos vulgares de 1770-80, desenho de figuração medíocre, molduras bem compostas.

Em 1770, com a extinção do Mosteiro de São Simão da Junqueira, que fora dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, este passa a propriedade privada. O conjunto azulejar existente ao nível do claustro sugere data aproximada, talvez posterior, não obstante a temática sacra de iconografia da Vida da Virgem. O facto de os azulejos apenas se encontrarem aplicados em três dos lados do dito claustro e de modo disperso, muito espaçado entre cada painel, indicia a provável recolocação dos painéis, havendo ainda no local caixas com azulejos.

O conjunto desenvolve-se em silhares com representação de estrutura arquitectónica *trompe-l'oeil* de linhas severas em policromia de ocre e azul e com cartela sobreposta de linguagem *rocaille* com acantos estilizados e motivos de asa de morcego a definir reserva maior para figuração e para pequeno apontamento na parte inferior. No remate e largura há dois tipos de silhares: um recortado no topo e rematado lateralmente por urnas, outro mais estreito e rectangular, havendo ainda o revestimento decorativo de uma porta com pilastras e frontão.

No lado poente do claustro, surge a representação em figuração convencional do *Nascimento da Virgem*, seguido dos *Desposórios da Virgem e São José, Anunciação*; no lado norte, está o *Sonho e Anúncio do Senhor a São José*, seguido da *Visitação, Natividade, Adoração dos Pastores, Adoração dos Reis Magos*; no lado sul, a *Apresentação de Jesus no Templo, Circuncisão, Fuga para o Egipto*, o raro episódio do *Massacre dos Inocentes*, o *Regresso da Sagrada Família, Jesus entre os Doutores* e a *Assunção de Nossa Senhora*.

Junto ao portão de entrada para a casa, no que seria a antiga Porta de Carros, existe um painel de «S.^{ta} Rosália» conforme identificado por legenda. É painel de 8 × 6 azulejos delimitado por cercadura parecida com a C-100 do Inventário da *Azulejaria do Século XVII*.⁽⁴⁰⁹⁾ Santa Rosália surge nimhada e com coroa de flores, com vestes de eremita penitente, ajoelhada junto a um tosco altar de pedra, com crucifixo e livros, que contempla segurando cilício, enquanto um raio de luz incide na figura do Crucificado.

São Simão e São Judas Tadeu, igreja do antigo Mosteiro de

Esta antiga igreja conventual de finais do século XVII, serve agora de Matriz. As suas proporções podem ser comparadas com as congéneres de Moreira da Maia, Grijó, etc. É um magnífico exemplar arquitectónico, com nave, coro, transepto e capela-mor. É nesta última que se encontram os painéis recortados, formando silhar de 28 de alto. Os painéis, a 3 por lado, estão intervalados por painéis rectos que ficam sob as janelas que iluminam a capela-mor. A figuração dos painéis recortados refere passos da Vida de Jesus, segundo os evangelhos. Os outros sob as janelas têm os *Quatro Evangelistas*, se bem que dois tenham repetido o nome de São Marcos. Os outros dois não têm inscrição mas têm os atributos próprios de São Lucas e de São João. A pintura é azul de cerca de 1750, com rodapé marmoreado roxo. A qualidade e composição é boa. Os edifícios do antigo Convento dos Agostinhos, aos quais a igreja estava anexa, foram adaptados a residência particular e constituem a casa da Quinta do Mosteiro.

(409) SIMÕES, 1971b. (PRA)

No lado do evangelho:

- 1) com a legenda «Ascendit in montem...acce / sserunt Discipuli eius, & / docebat eos. Math. 5.1.» correspondente ao *Sermão da Montanha*, está representado Jesus sentado no alto de um monte junto a uma árvore e rodeado de uma multidão de pessoas que o escutam;
- 2) segue-se a representação de «S. MATEOS» de pé a segurar a pena e as escrituras e com o anjo à sua esquerda;
- 3) o painel seguinte pela legenda refere-se à escolha dos Apóstolos que surgem reunidos em torno de Cristo: «Apostulus nominavit...Si / monem, qui vocatur Ze / lotes, & Judam Jacobi Luc. 6.15»;
- 4) o painel de «S. MARCOS», com o leão a seu lado, numa cena de interior com pequena mesa com rolos e o livro aberto;
- 5) finalmente, o *Milagre da Multiplicação dos Pães*, «Se debat cum Discipulis / suis... dixit ad Philippum / Unde ememus panes / Joan. 6.3.3».

No lado da epístola:

- 6) o milagre em que *Jesus Caminha sobre as Águas* correspondente à legenda «Dixit eis Millite in dexteram / navigii rete, & invenietis. / Joan. 21. 6»;
- 7) o evangelista São João, verificando-se a ausência de legenda;
- 8) episódio do jovem rico a quem Jesus recomenda que venda os bens e os distribua pelos pobres – «Sivis perfectus esse, vade, / Vende quae habes, & da / / pauperibus. / Math. 19. 21»;
- 9) São Lucas está representado com o boi a seus pés, também sem legenda identificativa;
- 10) e a terminar o ciclo iconográfico surge *Cristo no Horto* – «Apparuit illi Angelus / / de Caelo, confortans / eum. Luc.22.43», na variante em que aparece o anjo – do lado esquerdo – num cirro de nuvens, erguendo o cálice e a cruz, perante Jesus ajoelhado e de braços abertos, e, no centro da composição, os Apóstolos adormecidos, em segundo plano.

VILA DO CONDE

Capela dos Caveirinhas, Igreja da Ordem Terceira de São Francisco (claustro)

Na pequena capela⁽⁴¹⁰⁾ remanescente do que foi o claustro do Convento de Nossa Senhora da Encarnação da Ordem dos Frades Menores, actualmente pertencente aos Terceiros desta Ordem,⁽⁴¹¹⁾ encontra-se silhar de 4 azulejos de altura de padrão 4 × 4 pintados a azul, com respectiva cercadura. O padrão está colocado aleatoriamente, assemelhando-se a variante dos padrões P-479, P-480 e P-481 e em que a cercadura não consta do inventário de Santos Simões, tipologias que poderão ser da transição dos séculos XVII-XVIII.

Nossa Senhora da Guia, Capela de

A devotadíssima imagem de Nossa Senhora da Guia está recolhida na sua capela, sobre a boca do Ave. A parte correspondente à capela-mor foi forrada no meado do século XVIII

(410) Em lápide funerária fica a memória do patrono, a família Dinis Pinto Cordeiro, com a data de 1607. Vide ALMEIDA, 2004, vol. 3, pp. 35-48. A igreja, claustro e parte da cerca do convento – fundado em 1522 em terrenos cedidos pelo Convento de Santa Clara – foram pedidos pela Ordem Terceira de São Francisco de Vila do Conde para o culto religioso em 1839. GNA-TT, AHMF, *Convento de Nossa Senhora da Encarnação de Vila do Conde*, cx. 2263; ALMEIDA, 2004, vol. 3, p. 46. (PRA)

(411) Não há documentação conhecida referente a este conjunto. A única referência a azulejos setecentistas identificada data de 1789, embora já não haja vestígios materiais: «Por pôr o azuleijo na Igreja, saibo, cal, e areya a dita obra 2\$500.». GNA-TT, OFM, *Convento de Nossa Senhora da Encarnação de Vila do Conde*, l. 4, Livro de Inventários, fl. 145; Vide FREITAS, s. d., p. 235. (PRA)

com azulejo figurado azul, fabrico de Coimbra, cobrindo as paredes até à sanca, e incluindo esta. A figuração engloba anjos segurando cornucópias e a *Aparição de Nossa Senhora da Guia a Um Navio*. Vemos ainda a cena do Pentecostes, tudo numa altura de 17 azulejos.

A exígua capela-mor tem revestimento de azulejos nas suas paredes com valorização dos elementos ornamentais com voluptuosos acantos, volutas e cartelas segurados por anjinhos, festões floridos ao longo da sanca sobrepostos aos enquadramentos arquitectónicos *trompe-l'oeil* que contornam rodapé e tecto, a janela lateral e a porta da sacristia, com as suas reservas centrais para a cena historiada. Salienta-se ainda, no topo, o friso florido com altura de 1 azulejo, que nos cantos junto ao arco triunfal – de modestas dimensões – adquire forma de pendente achatado triangular com azulejos na parte inferior, representando dossel e cortina, como se de armação se tratasse.

No lado do evangelho, do lado esquerdo da porta da sacristia, o painel do *Milagre de Nossa Senhora da Guia*, representada coroada com o Menino Jesus ao colo num cirro de nuvens onde espreitam anjinhos e que irradia raios de luz; inclina-se para o lado direito da composição, onde mais abaixo se representa uma nau no mar revolto. No lado oposto, à janela, representa-se o *Pentecostes* numa composição convencional, destacando-se a simetria dos personagens e elementos compositivos, desde a pomba do Espírito Santo cercada de raios de luz, Nossa Senhora no centro rodeada pelos Apóstolos. Sob a janela, representa-se ainda uma figura de um eremita numa cova/ /gruta, seminu, ajoelhado contemplando o crucifixo que tem na mão direita e com um cilício na mão esquerda, a caveira a seu lado; no eixo da composição, no medalhão de topo segurado por anjinhos encontra-se uma *coroa*, que corresponde no evangelho a *coroa de flores e palma*. Finalmente, junto à nave, representam-se de ambos os lados anjo sobre pedestal, de plumagem na cabeça e envolto por panejamento disposto cenograficamente, cornucópia com flores e ramagem na mão do lado da parede e grinalda também florida na mão do lado do vão, sobre fundo de montanhas e aves voando.⁽⁴¹²⁾

Nossa Senhora do Pilar, Capela de (ou de São Roque)

O corpo da capelinha foi outrora forrado de azulejo em painéis figurados. Hoje apenas existe o paramento da parede do lado do evangelho, este mesmo truncado. O conjunto é interessantíssimo, já por estar datado de 1746, já por apresentar características que revelam uma fabricação influenciada pelas oficinas do Sul. O azul é baço e o esmalte pouco transparente. As dimensões são de 130 m/m. O desenho, mau e ingénuo, é no entanto curioso, representando passos de Nossa Senhora do Pilar, além de outros painéis truncados e de difícil interpretação. No coro está a legenda:

ESTA OBRA DE AZVLEIO
MANDARAM FAZER OS DEV
OTOS de N. S. DO PILAR
NO ANNO DE 1746

Os motivos ornamentais inspirados na azulejaria típica daquela época são também de desenho inferior.⁽⁴¹³⁾

Junto à porta de entrada do lado do evangelho representa-se *Monge Orando a Nossa Senhora do Pilar*, segue-se *Imposição do Hábito por Nossa Senhora do Pilar*, a *Dormição da Virgem* (painel que suscitaria dúvidas iconográficas não estivesse Nossa Senhora identificada por nimbo raiado, pelo enquadramento arquitectónico e ambiente de interior setecentista, com um dos Apóstolos junto a caldeira e hissope, outro lendo livro onde se

(412) FERREIRA, 1928c; GONÇALVES, 1977; NEVES, 1992, pp. 20-22. (PRA)

(413) Vide: CORTEZ, 1946.

lê «IEZV / MARIA»), junto à porta lateral e cortado à direita por retábulo representa-se *Nossa Senhora, o Menino Jesus e São João Baptista*, tendo do outro lado do retábulo painel entrecortado com *Religiosa Trespasada por Seta (Santa Teresa?)*. Do lado da epístola, surgem: *Visão de Nossa Senhora por São Tiago, Construção de Capela de Nossa Senhora do Pilar, Intercessão e Milagres de Nossa Senhora do Pilar, Visão de Santo de Nossa Senhora*, com desaparecimento do revestimento junto ao púlpito. No coro: *Santo a Escrever Inspirado por Nossa Senhora*, do lado esquerdo, seguindo-se o medalhão acartelado com a inscrição citada e *Santo António, o Menino Jesus e Nossa Senhora*, do lado direito. Símbolos marianos estão inscritos em medalhões no topo e supedâneo dos painéis, embora aí menos perceptíveis pela recolocação arbitrária de azulejos. Aliás, o remate superior das molduras faz-se por anjos dispostos em simetria que seguram palmas e o Sol e a Lua. Ainda se identifica a torre, palma, rosa.⁽⁴¹⁴⁾

Nossa Senhora do Socorro, Capela de

Revestimento interior de azulejo azul historiado, formando painel contínuo e desenvolvendo-se desde o altar-mor. Altura de 26 azulejos até à sanca.

A composição compreende um supedâneo de 10 de alto, de tipo ornamental com grandes anjos ladeando cartelas de paisagens. Acima estão os painéis historiados propriamente ditos, contidos por cercadura de 3 de largo.⁽⁴¹⁵⁾

Desenho bem conhecido, tipo «PMP». Os painéis representam:

XXIII

- 1) *Adoração dos Magos*
- 2) *Fuga para o Egipto*
- 3) *Jesus entre os Doutores*
- 4) *Apresentação da Virgem*
- 5) *Casamento de Nossa Senhora*
- 6) *Anunciação*
- 7) *Adoração dos Pastores* – «GLORIA IN EXCELSIS DEO»⁽⁴¹⁶⁾

CONCELHO DE VILA NOVA DE GAIA

GRIJÓ

Quinta da Cerca do Mosteiro

A quinta integrava o Mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, sendo agora propriedade privada. Mantém na cerca jardim com revestimento de azulejos setecentistas de diferentes períodos. Identificam-se conjunto de silhares de azulejos de meado do século com figuração de eremitas em azul e apontamentos manganês e figuração policromada *rocaille* tipo «Rato» com figuras recortadas, simulação de gradeamento nas paredes do extremo oeste.

(414) NEVES, 1992, p. 1920. Conforme inscrição no alçado principal da igreja, em 1580, em agradecimento por se terem salvo da peste, a população manda construir esta capela. Inscrição em azulejos (*vide*: www.monumentos.pt, 2009) remete para indulgência pelo Arcebispo Primaz de Braga D. Gaspar de Bragança. (PRA)

(415) O que ressalta nesta capela é a originalidade planimétrica da sua arquitectura, com a planta redonda ao nível da nave e capela-mor rectangular, a decoração em azulejo acompanhando toda a curvatura e transfigurando as paredes lisas com as suas arquitecturas fingidas e volumetria da decoração *trompe-l'oeil* ao nível do rodapé. Aqui estamos perante o esquema de consolas laterais perspectivadas, medalhão central ladeado por anjos que o sustentam por entre volutas e acantos sobre almofada rebaixada ornamentada; nos medalhões, representam-se cenas de tratamento bucólico, ligadas à pastorícia e caça. Todo o registo inferior mencionado ganha expressão relativamente ao esquema linear da quadratura rectangular do registo superior com a barra de acantos na horizontal e os atlantes segurando vasos e querubim nos extremos verticais, verificando-se problemas no tratamento das fisionomias e proporções, de modo algum mantendo a qualidade da figuração sacra central ou do rodapé. Vítor Serrão sublinha a atribuição do conjunto ao Mestre PMP e prossegue considerando inspiração «segundo modelos rubensianos, desenhados com convenções e compostas sobretudo como *registos* que simulam pintura parietal de cavalete envolta por uma complexa cercadura de motivos estilizados». *Vide*: CORTEZ, 1946; FERREIRA, 1928a; FERREIRA, 1928b; MECO, 1989, pp. 218, 226-228; NEVES, 1992, pp. 13-18; SERRÃO, 2003. (PRA)

(416) Sobre a iconografia representada *vide* ALMEIDA, 2004, vol. 4. (PRA)

OLIVEIRA DO DOURO

Fonte Formosa, Quinta da

A fonte que deu o nome à Quinta das «Boucinhas», tem um tanque rodeado de alto espaldar onde foram colocados azulejos de cerca de 1750. São azuis e brancos, com assuntos fluviais e variadíssimas cenas galantes, duelos, etc. Infelizmente encontram-se muito mutilados, com faltas e misturas. Deveria ter sido um magnífico conjunto. É aqui nesta quinta que se encontra uma das maiores colecções de pintura de Abel Salazar, que durante muitos anos foi frequentador assíduo da casa.

VILA NOVA DE GAIA

Santa Marinha, Igreja Paroquial de

Na capela silhar recortado de azulejos azuis. Emolduramento rococó em 19 de alto, no centro. Representam os *Quatro Evangelistas*, a *Queda do Maná* e a *Prisão de Cristo*. É fabrico de Lisboa de cerca de 1750.⁽⁴¹⁷⁾

Há documentação que revela importante intervenção, em 1763, na capela-mor por se encontrar em ruína, e que incluiu obra de pedraria, novo lajeamento e também um novo retábulo-mor, em 1766. Neste sentido talvez seja apropriado considerar uma datação para os azulejos aproximada das obras na década de 1760.

A conjugação do azulejo com a obra de arquitectura e talha resulta eficaz e equilibrada, com os vãos de janela a enquadrar pintura com moldura praticamente no centro do silhar, que se subdivide lateralmente em registos menores, sob as janelas, correspondendo à representação dos Evangelistas. «S. MATHE / US» e «S. MARCUS» estão, no lado do evangelho, a enquadrar a *Queda do Maná*, com dois anjos a segurarem cartela de concheados com representação de um molho de espigas na parte inferior. No lado da epístola, «S. LUCAS» e «S. IOÃ» ladeiam outro episódio bíblico do Antigo Testamento *O Sacrifício de Melquisedeque* com cachos de uvas e videiras na cartela.

Serra do Pilar, Mosteiro da

Existem vários caixotes de azulejos de diferentes datações e tipologias que foram inventariados, em 2006, estavam ainda à guarda da DGEMN em espaço do Mosteiro. Para lá de azulejos dos séculos XVI e XVII, existem painéis e fragmentos de cerca de 3200 azulejos. Conhecem-se exemplos de painéis de pintura a azul, com representação de festões, frutos e *putti*, ou de enquadramentos arquitectónicos e decorativos da década de 40.⁽⁴¹⁸⁾

DISTRITO DE BRAGANÇA

CONCELHO DE VINHAIS

Seminário dos Missionários Apostólicos

O seminário fundado por José de Morais Sarmiento em 1752, teve o padroado real de D. José em 1777.⁽⁴¹⁹⁾ Os azulejos devem datar dessa época, provavelmente de fabrico portuense. No claustro vemos treze cruzeiros de azulejo correspondentes a outras tantas estações da *Via Sacra*, faltando a da 6.^a estação. São cruzeiros de 5 de alto e 2 ½ na base, pintura a azul e rosa.

(417) www.monumentos.pt, 2008. Sobre os azulejos e intervenção no século XVII também ao nível de revestimento cerâmico vide LEÃO, 1999, pp. 206-211. (PRA)

(418) MALHOA, 1998, pp. 70-75. (PRA)

(419) Este convento, pertença da Ordem dos Franciscanos-Missionários de Varatojo (Torres Vedras), foi fundado por José de Morais Sarmiento, em 1751, tal como se pode verificar na inscrição que se encontra no lado direito da porta de entrada da Igreja de São Francisco: «ESTE SEMINÁRIO JOSÉ DE MORAIS SARMENTO, FIDALGO DA CASA REAL, MESTRE DE CAMPO DE AUXILIARES, E NATURAL DESTA VILA DE VINHAES, NO ANO DE 1751. CEDEU O PADROADO DELE NAS MÃOS DE SUA Magestadde e faleceu no ano de 1762.»

DISTRITO DE VILA REAL

CONCELHO DE CHAVES

CHAVES

Misericórdia, Igreja da

Templo notabilíssimo. É notório que foi muito influenciado pela Misericórdia de Viana do Castelo, nomeadamente na arquitectura. O interior, à parte algumas imagens comerciais modernas, que destoam, é deveras notável.

As paredes laterais, incluindo o coro, estão totalmente revestidas de azulejo numa altura de 52 azulejos de pintura azul. São enormes composições figuradas, separadas entre si por pilares com anjinhos. Na parte inferior, sob o púlpito até 10 de alto, está o suporte ornamental de anjos e grandes figuras. Acima uma primeira série de painéis figurados, cada qual com sua legenda.⁽⁴²⁰⁾

Na parte superior três composições e mais uma depois da porta.

O tecto está datado de 1743.⁽⁴²¹⁾

Toda a azulejaria é de Lisboa de cerca de 1735.

O programa iconográfico aborda as Obras de Misericórdia a partir da prefiguração em episódios bíblicos, em alternância entre uma temática mariana e cristológica, estando a sua abordagem historiográfica em aberto.⁽⁴²²⁾ Do lado do evangelho no registo inferior:

- 1) *Bodas de Caná* – «VINVM NON HABENT» – *dar de beber a quem tem sede*;
- 2) *Boa Samaritana* – «FATIGATVZ... SEDEBAT SIV Joan (...)» – *dar de beber a quem tem sede*;
- 3) *Ressurreição de Lázaro* – «LAZARE VENI FORA» – *consolar os tristes*;
- 4) *Ressurreição de Jesus e Aparição a Maria Madalena* – «DEXTERA CHRISTI AD OMENS FRIGENDOS EXMENEIO» e «ABITERVNT RETROSVM, Joan 19» – «EGO SVM (...)»;
- 5) *Cura do Servo do Centurião* – «IMPERABIT FEBRI, Luc Cap. 7».

No registo superior:

- 6) «OMNIA PER MANVS MARIAE (...)» – «(...)»;
- 7) *Babilónia* – «REFVGIVM PECCATORVM EXLITANIA» – «DERECINQVAMVS EAM HIER, cap. 51» – «MIMOR ERES BABILONIS... / ps 66»;
- 8) *Jesus e a Parábola do Homem Rico* – «ELLEVIT SVPER ILLAM 2 LVC. Cap.13»;
- 9) *Incêndio de Sodoma* – «PLVET SVPER PECCATORES (psalmo)» – «CIVITAZ REFGII S.G (...)» – *Castigar os Que Erram*;
- 10) *Jesus...?* – junto ao coro alto.

Na capela-mor do templo, situam-se as sepulturas do fundador do convento e de um dos seus irmãos, podendo ler-se o seguinte, na sepultura do primeiro:

«AQUI JAZ JOSE DE MOARES SARMENTO, FIDALGO DA CASA DE SUA Magestade, Mestre de Campo de Auxiliares, Cavaleiro Professo na Ordem de Christo, Fundador deste Seminário, e da Ordem Terceira de esta Villa de Vinhaes – Ano de 1762». *Vide*: CLETO e FARO, 2000, pp. 21-22. (PRA)

(420) CERIMÓNIAS, 1927.

FLÁVIO GONÇALVES

(421) Na legenda, repartida por quatro cartelas, lê-se: «ESTA PINTURA FES / HERONIMO DA ROCHA BRAGA / ANNO DE 1743 / SENDO PROVEDOR IOÃO EVANG[ELISTA] DE CARVALHO» (PRA)

(422) CARVALHO, 2007a. Esta autora realça o facto de que, no período considerado para a realização desta obra, a oficina dos Bernardes – a quem se atribui a autoria (LOPES, 2001, p. 193) – era nessa altura já da exclusiva responsabilidade de Policarpo, uma vez que António de Oliveira Bernardes havia falecido em 1732. (PRA)

XXIII

Do lado da epístola, no registo inferior:

- 11) *Cristo e a Adúltera* – «DEPREHNSA IN ADVLTERIO S. Joan Cap. 8» – «LAM AMPLIVS / NOLLI PECCARE cap 8» – «(...) SINE PECCA / (...) EST IN ILLAM LAP^A IDEM MITTAT...S. Joan. 8» – *perdoar os que erram*;
- 12) *Milagre* – «DE NOCTE SURREXIT DEDIT QVI CIBABIL (...) cap. 51» – «EAM SVM RESVRRECTIO, S. Joan Cap. 16» – «NON MORIET IN AETERNUM, S. Joan Cap 16» – «CON FIDIT IN EA CORNIRI / SVM, Proverb 34»;
- 13) *Multiplicação dos Pães* – «SATVRATI SVNT, S. Mac. Cap. 4.» – «MISEREOR SVPER TVRRAM S. Marc. Cap. 8.» – *dar de comer aos famintos*.
- 14) *Santa Ana e a Educação da Virgem (?)*

Registo superior:

- 15) *Calvário* – «CVNEIA COMPONENTEN, Proverb. (...)» – *sofrer as injúrias com paciência*;
- 16) *Jesus Acalma as Águas do Mar* – «SALVA NOS PERIMVS, Mt. cap. 8»;
- 17) *Milagre* – «QVI SANAT OMNES INFIRMITATES» – *curar os enfermos*;
- 18) *Milagre da Cura do Doente Hidrópico* – «APPREHENSVM SANAT TEVM . LVC. Cap. 14» – *Curar os enfermos*;
- 19) *Visitação (junto ao coro alto)* – «A (...) CVM DESTINATION...»;

Na varanda do coro, da esquerda para a direita:

- 20) *Última Ceia* – «MIZERATOR DOMINVS Ps»;
- 21) *Glorificação de Nossa Senhora, Rainha dos Céus* (Nossa Senhora da Conceição rodeada de anjos que tocam instrumentos em cujas pautas se lêem as inscrições seguintes e com o título): «REGINA ANGELORVM CL. S. Maria» – «MISERICORDIAS DOMINI» – «CANTATE DOMINO Ps. 95» – «IN ETERN / VM CAN / TABO»;
- 22) *Lava-pés* – «MAIOR AVTEM EST CHA (...)».

Santa Maria Maior, Igreja Matriz de

Ladeando a capela colateral do lado do evangelho (Capela do Santíssimo) vemos dois revestimentos de azulejo, de 25 × 7, azuis, com figuras alegóricas em nichos: Justiça e Caridade.⁽⁴²³⁾ O fabrico será de Lisboa, de cerca de 1740, tipo «Bartolomeu Antunes». Revestimento de azulejos do arco triunfal com a *Assunção de Nossa Senhora com barra de acantos a delimitar o painel de azulejos, numa linguagem estilística aparentemente anterior aos azulejos da Capela do Santíssimo.*⁽⁴²⁴⁾

São Francisco, antigo Convento de⁽⁴²⁵⁾

A igreja em ruínas não tem azulejos. Na sacristia, azulejos de figura avulsa, de estrelinhas (muito notáveis), com cercadura própria, em 18 de altura. Só pude ver da janela, visto não dispor de chave para entrar.

Na sacristia estão caixotes com azulejos que foram retirados da cozinha do convento. Eram painéis figurados de cerca de 1740, fabrico lisboeta. Convinha recolhê-los no Museu ou então colocá-los novamente.

Guarnecendo a parte inferior do nicho, no pavimento alto do claustro, azulejos como os da sacristia, com cercaduras.

(423) Segundo a ficha de inventário do sítio www.monumentos.pt (Isabel Sereno 1994/António Dinis 2004), representam a Justiça (epístola) e a Fé (evangelho); no entanto, mantemos a versão de Santos Simões. Sobre a iconografia da Virtudes *vide*: MARTINS, 2002, vol. 1, pp. 173-202. (PRA)

(424) Sobre fontes iconográficas relativas à Assunção, *vide*: MECO, 1999, pp. 23-60. (PRA)

(425) Pertencia à Província de Santa Maria da Soledade. *Vide*: SANTIAGO, 1762; MEDINAS, 1994.

Os espaços do Forte de São Francisco e os edifícios do antigo convento foram adaptados a pousada, com intervenção arquitectónica entre 1994-97, data de inauguração da unidade hoteleira (obra com projecto do arquitecto Eduardo Coimbra Brito e Pedro Jalles Ferreira). (PRA)

CONCELHO DE MESÃO FRIO

SANTA CRISTINA

Casa nobre do Conselheiro José Maria de Alpoim

O lindo solar que pertenceu ao notável político do final da monarquia encontrava-se em obras quando da minha visita. Apenas nos foi dado verificar nos muros do jardim existência de vários painéis ornamentais de cercadura concheada policroma e centros azuis. São azulejos de cerca de 1780, instalados *ab initio* e provenientes das oficinas lisboetas.

O conjunto de azulejos a que Santos Simões se refere reporta-se a doze painéis recortados como medalhões com iconografia dos doze meses do Zodíaco, acrescido de um painel lateral na escadaria, presentemente muito degradados pela sujeição às intempéries climáticas. Dispõem-se na parede de suporte do terreiro que faz varanda para o soalco do jardim.

A casa foi construída de raiz em meado do século XVIII, estruturando-se em dois pisos com a caixa de escadas ao centro e a capela no extremo direito.⁽⁴²⁶⁾ O amplo *salão de entrada* apresenta silhares de 10 azulejos de altura, de pintura azul apenas com o rodapé em marmoreado manganês e almofadas policromas nos elementos de separação apilastrados, a maioria de feitura recente. Apresentam paisagens campestres e fluviais típicas da produção coimbrã da segunda metade do século, com a intervenção de restauro por substituição de muitos azulejos, nomeadamente junto às ombreiras das portas, bem identificáveis.

O salão dá acesso à *escadaria* de um lanço axial que, de um patamar, se subdivide em lanços laterais, os quais, por sua vez, conduzem ao corredor longitudinal que percorre a casa e conduz ao salão nobre e à sucessão de salas voltadas para o terreiro, bem como liga ao coro da capela. Os azulejos da escadaria são também de fabrico coimbrão, com 7 azulejos de altura – por vezes com rodapé marmoreado manganês –, de carácter vincadamente ornamental, apenas com motivo de concheados e volutas em *feronneries rocaille* na reserva central e que, nos painéis do patamar superior/corredor, tem as habituais cenas campestres e fluviais em manganês e verde, com o silhar corrido a ganhar movimento no jogo de parcelas recuadas e salientes, as áreas de figuração e as áreas apilastradas, respectivamente.

O *salão nobre* tem silhares de 19 de alto, incluindo rodapé de 2 azulejos marmoreados. São silhares recortados e simétricos com pilastras e vasos floridos a definir o ritmo, o espaldar elevado (com 7 azulejos de altura), num conjunto de pendor ornamental *rocaille* tal como na escadaria, a partir do jogo cromático entre o azul base, o ocre dos motivos centrais de topo e flores, o verde da folhagem e dos marmoreados junto com o manganês.

A primeira *sala* adjacente apresenta silhares com 6 painéis com cenas campestres e pastoris. Mantém-se o esquema de silhares perspectivados em relação ao eixo central com as áreas apilastradas duplamente salientes. Tem rodapé marmoreado manganês com friso verde no meio, desenvolvendo-se em tonalidades de azul-claro a imitar granito, almofadas delineadas por fino concheado manganês, idêntico nas pilastras, à excepção do florão ocre; as áreas de figuração têm pequenos medalhões concheados no topo e base, à semelhança do que acontecia no *hall* de entrada e correspondendo ao esquema geral dos conjuntos azulejares da casa.

(426) Em 1999, após obras de recuperação, nomeadamente dos azulejos, inaugurou-se funcionamento como Turismo de Habitação e, em 2003, passou a integrar a rede Pousadas de Portugal. www.monumentos.pt, 2008. (PRA)

A sala seguinte segue esquema similar: a separar os painéis policromos de concheados manganês e apontamentos florais com reserva para figuração a azul, surgem módulos em azul com moldura em meia cana e concheados que cria reserva para esquema de treliça simplificada com pequenos florões quadrilobados nas intersecções. Apresentam cenas pastoris e bucólicas, comuns na produção coimbrã. Um painel idêntico ao deste conjunto existe no espaço que antecede a sala de jantar, subdividida em duas áreas, uma delas com azulejos recentes – caso de duas figuras de convite –, a outra com o esquema mais parecido com a primeira sala, com evidentes sinais de intervenção de restauro, tal como nas restantes dependências.

A pequena capela surpreende com seu retábulo joanino em talha dourada com apontamentos em azul e o tecto em *trompe-l'oeil* com representação de Nossa Senhora e o Menino ao centro, de elaborado enquadramento arquitectónico, revelando a unicidade e a actualidade estilística da obra, a riqueza e poder do seu proprietário. A obra em azulejo em silhares policromos similares aos das salas e com a mesma temática de cenas campestres, fluviais, caçadas.

Santa Cristina, Igreja de

A igreja paroquial fazia parte do antigo Convento de São Francisco,⁽⁴²⁷⁾ em cujos edifícios está actualmente instalada a Câmara Municipal. A capela lateral, do lado do evangelho, dedicada a Nossa Senhora das Dores, apresenta revestimento com silhares de 8 azulejos de altura sobre rodapé de 1 azulejo de altura em marmoreado manganês com friso verde. A pintura é em azul e branco, apenas com apontamentos de policromia no marmoreado das almofadas que surgem lateralmente salientes e centro dos concheados no topo e base dos silhares a enquadrar as cenas figuradas, além do referido rodapé. Oficina de Coimbra da década de 70-80 (ou posterior pelas novas propostas de cronologia da azulejaria coimbrã).⁽⁴²⁸⁾ Representam-se cenas da Paixão de Cristo: a *Flagelação* e o *Senhor da Cana Verde*.

CONCELHO DE VILA REAL

VILA REAL

São Paulo ou Capela de São Pedro Novo (ou dos Clérigos), Igreja de

Na nave, silhar de 14 de alto em painéis figurados azuis, cercadura concheada com arquitrave. A figuração de mau desenho, representa passos da Vida de São Pedro: *São Pedro Ajoelhado com Homem a Voar, São Pedro entre Hereges junto a Um Altar* onde se lê IGNOTO DEO, *Naufrágio, Cristo Salvando Pedro*.⁽⁴²⁹⁾ Fabrico lisboeta (?) de cerca de 1750.⁽⁴³⁰⁾

(427) Pertencente à Província de Portugal inicialmente e depois à Província do Seminário Apostólico dos frades franciscanos do Varatojo.

O convento é instituído apenas no século XVIII, e foi construído a partir da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, apontando-se 1737 como data provável da fundação, com Cipriano Ribeiro como mecenas. Em 1790, é transferida a tutela para os frades do Varatojo. Vide www.monumentos.pt, 2008; AZEVEDO, 2001a. (PRA)

(428) Vide SANTOS, no prelo e d. (PRA)

(429) Os painéis representam, respectivamente, os seguintes passos das biografias de São Pedro e de São Paulo: *Oração de São Pedro e Queda de Simão Mago; São Paulo Pregando em Atenas junto do Altar Dedicado ao «Ignoto Deo»; Naufrágio de São Paulo junto da Ilha de Malta; Vocação de São Pedro*.

Há ainda, na capela, um outro painel, representando *São Pedro curando os doentes com a sua sombra*.

Sobre estes temas iconográficos vide: RÉAU, 1955-58, t. II, pp. 311-312; RÉAU, 1955-58, t. III, pp. 1046, 1047, 1088 e 1094. FLÁVIO GONÇALVES

(430) Está em curso investigação por Joaquim J. B. Ferreira-Alves que trará novos dados documentais sobre a arquitectura da igreja, sua história e também sua azulejaria. Lobo Ferreira refere como estes azulejos vieram substituir anteriores e como vieram de Lisboa por mar até ao Porto e todas as despesas com o transporte dos mesmos (FERREIRA, 1980-83). Vide também: FERREIRA-ALVES, 1984; SALAVESSA, 1996 (cit. www.monumentos.pt); SMITH, 1966a.

Para a iconografia de São Pedro, embora com fontes gráficas distintas, vide SERRÃO, 2007b. (PRA)

DISTRITO DA GUARDA

CONCELHO DE CELORICO DA BEIRA

AÇORES

Santa Maria, Igreja de

Constituindo o centro da aldeia – notável pelas casas nobres que ainda conserva – está a igreja matriz, notabilíssima em mais de um aspecto.⁽⁴³¹⁾

Ainda que a tradição faça remontar a tempos imemoriais a fundação de uma capela ligada ao prodígio de um aparecimento de Nossa Senhora – o que aliás parece ser comprovado por uma inscrição tumular datada de 1204 – o certo é que o templo actual é dos princípios do século XVIII. A peça mais notável é o tecto pintado que cobre a nave, exemplar ímpar no seu género, datado de 1719. Na verga da porta lê-se a data de 1755. As paredes do corpo da igreja receberam profusa decoração azulejar com 18 de altura, disposta em painéis limitados por barra de folhas contorcidas, de pintura azul. O interior dos painéis é cheio com azulejos de figura avulsa, azuis, de cantos de estrelinhas e com 12 cm de lado. As figurações são variadíssimas e extremamente pitorescas, fugindo no desenho e mesmo nos temas aos tipos vulgarizados em Lisboa. Serão azulejos feitos em Coimbra, de cerca de 1740 e que se podem considerar de raros. Nos onze painéis contam-se 1410 destes azulejos.

CONCELHO DA GUARDA

GUARDA

São Vicente, Igreja de

Na nave e na capela-mor silhar de painéis recortados.⁽⁴³²⁾

Capela-mor: os painéis atingem 26 azulejos de altura no centro. Enquadramento notável de concheados rococó, pintura azul com marmoreados amarelos e manganês. Na parte superior do coroamento há flores e folhagens verdes de cobre. A parte figurada apresenta passos da Paixão: do lado do evangelho *O Escárnio*; do lado da epístola *Verónica* e *Ecce Homo*.

XXIV

Há ainda painéis mais pequenos sob as janelas, com emblemas do martírio. Do lado do evangelho está o fingimento de azulejo (pintura manganês) da porta da sacristia, muito notável.

Corpo: os painéis são idênticos, atingindo 26 de alto, agora com figuração mariana. Do lado do evangelho, junto à porta, *Virgem no Templo*. Na parede do lado do evangelho *Casamento* e *Anunciação*; na parede do púlpito *Torre Simbólica* e *Visitação*; na parede da epístola *Adoração dos Pastores* (curiosos); na parede do púlpito *Templo Simbólico* e *Adoração dos Magos*.

O baptistério também tem azulejos do mesmo tipo, com a representação do Baptismo. Aqui está a lápide que reza:

IN HOC BAPTISTERIO
NOMEN ACCEPIT HIERO-
NYMUS EPISCOPUS EGI

(431) Igreja com sucessivas reconstruções, mantendo alguns elementos da primitiva edificação românica. É atribuída a data de 1700 para a execução dos azulejos que revestem totalmente o interior do imóvel. Este edifício está registado no inventário do IHRU:DGEMN/DSID. Vide: www.monumentos.pt/Monumentos/ (acedido em 27 de Janeiro de 2010). (AGC)

(432) Todo o programa decorativo azulejar deste edifício se centra em temática mariana e cristológica. Estamos em presença de um conjunto decorativo policromado exuberante com profunda decoração fitomórfica recortada, destacando-se as molduras policromas e o rodapé contracurvo. Este edifício está registado no inventário do IHRU:DGEMN/DSID. Vide www.monumentos.pt/Monumentos/ (acedido em 27 de Janeiro de 2010). (AGC)

TANIENSIS, CUJUS OPE
 ECCLESIA ISTA AFUN (sic)
 DAMENTIS REEDIFICA
 TA FUIT ANNO M.D.C.C. LXXXX

Junto à porta a *Fuga para o Egipto*. Trata-se de azulejos de Coimbra, típicos de Sousa Carvalho.

CONCELHO DE SEIA

PARANHOS

Solar de São Julião

Velha residência senhorial que já sofreu algumas remodelações. Para aqui foram trazidos vários azulejos, nomeadamente painéis instalados no pátio de entrada, trazidos de Coimbra. Pertencem à fabricação coimbrã de cerca de 1770-80, cercadura *rocaïlle* policroma e centros figurados azuis. Os assuntos são do tipo venatório, distinguindo-se uma curiosíssima cena tauromáquica, valioso documento iconográfico deste desporto nacional.

SANTA EULÁLIA

Igreja Paroquial

Consta ter esta igreja possuído um apreciável revestimento de azulejos. Não obtive confirmação, apenas se conservando restos de azulejos de aresta, colocados nas ilhargas das capelas colaterais, visivelmente para aqui transplantados nos finais do século XVIII. Na capela-mor avulta um notável retábulo do século XVIII, em cujos nichos se colocaram boas imagens do século XVI. O tecto é de caixotões, pintado. As paredes laterais tiveram painéis de azulejos azuis, de testeiras recortadas, típicos da fabricação de Coimbra de cerca de 1730-40. Estão relativamente bem conservados os da parede do lado da epístola, cujos centros mostram o *Escárnio* e *Jesus Orando*. Os painéis do lado do evangelho estão mutilados e com falta de azulejos, a tal ponto que as cenas não são reconhecíveis.

TOURAIAS

Casa da Prebenda

Edifício nobre de dois pavimentos e fachada corrida, ostentando sobre a entrada a pedra de armas dos Nápoles, fidalgos de Viseu. A construção deve ser do meado do século XVIII e encontra-se em estado assaz precário de conservação.

Na escadaria nobre, a que não falta monumentalidade, está o silhar de 11 azulejos de altura, de cabeceiras recortadas, pintura a azul acompanhando as rampas em todo o seu desenvolvimento. O silhar é composto por uma sucessão de painéis figurados – assuntos venatórios – desenho pouco correcto e convencional, copiado certamente de gravuras do princípio do século XVIII. Os azulejos serão, no entanto, de cerca de 1760, o que deduzo pelo tipo da pintura e enquadramentos concheados. A cor um tanto baça do azul e a imprecisão do desenho indicam a fabricação de Coimbra. Alguns dos azulejos têm caído e não foram repostos.

DISTRITO DE VISEU

CONCELHO DE ARMAMAR

ARMAMAR

Nossa Senhora da Conceição, Capela da Casa de

A capela, construída no século XVII, é revestida por azulejo da transição para o século XVIII: é padronagem 2 × 2 de motivos fitomórficos em tons de azul com guarnição também 2 × 2 a formar motivo floral de oito pétalas e folhagem em «X». ⁽⁴³³⁾

CONCELHO DE CARREGAL DO SAL

PAPÍZIOS

São Miguel, Igreja Paroquial de

Só na capela-mor existe revestimento parietal de painéis recortados com 35 azulejos no centro. São azulejos azuis, tendo 6 de rodapé marmoreado roxo. Os emolduramentos são da transição barroco – concheado. Os centros figurados sobre pintura medíocre e convencional representam, do lado do evangelho, a *Adoração dos Pastores* e *Anunciação* e, do lado da epístola, *Almas no Purgatório* e *São Miguel* com balança na mão. São fabrico de Coimbra de cerca de 1750. ⁽⁴³⁴⁾

CONCELHO DE CASTRO DAIRE

MEZIO

São Miguel, Igreja Matriz de

As paredes interiores da igreja estão repletas de pequenos quadros e silhares de 7 azulejos de altura em azul e branco de fabrico de Coimbra, da segunda metade do século XVIII ⁽⁴³⁵⁾, notoriamente numa recolocação imaginativa de antigos painéis.

Esses quadros/registos de tamanho diverso, tal como os silhares, revelam agrupamento de motivos: flores e festões, folhas de acanto, cabeças de anjinhos, mãos, atributos iconográficos (como as espadas de Nossa Senhora das Dores). Na capela-mor ainda é possível perceber parte do painel relativo a «O BAPTISMO / DE NOSSO / SENHORE», conforme legenda em cartela, o rosto de Jesus e a seu lado São João Baptista, apenas se vendo o rosto e a mão a segurar a concha; no topo a pomba do Espírito Santo. Pontualmente preservam-se as inscrições: «(...) TE SALUDAMUS / Tomo 6:1 Psalte 13:11», «VERBUM AUDITE DEIUM», «(...) EGITTO», «S' ANTONIO D' LISBOA» aqui também com parte do painel, «AVE GRATIA PLENA / TECUM OMIN (...)», «[TO]RRIS DAVIDICA», «DOMUS AUREA», «FOEDERIS ARCA», «PORTA CELI», «REGINA CELI LETARE / ALLELUIA», «NOSSA SENHORA DA ENCA (...)», «N (...) SRA DA / ASUNÇÃO», «JESUS / MARIA / JOSÉ», «SURGE ET ACCIPE PUER / LATREM EIUS ET / IN AEGYPTUM», «MATER», «DEUS, ELEGIT», etc. Pelas inscrições depreende-se que predominava iconografia mariana.

⁽⁴³³⁾ Vide: COSTA, 1992, vols. III e VI. Mais sobre a capela em www.monumentos.pt, 2008. (PRA)

⁽⁴³⁴⁾ A igreja foi reedificada em fins de 1763, como revela a documentação (ALVES, 2001, p. 146). Assim, os azulejos poderão ser desta fase, uma vez que a cronologia da azulejaria coimbrã tem variações estilísticas e prolongamento no tempo de fórmulas decorativas. A presença de típicos concheados e acantos *rocaille* nas molduras e, principalmente, nos vasos de remate das pilastras contribuem para uma nova proposta. (PRA)

⁽⁴³⁵⁾ A pintura dos tectos data de Agosto de 1788 (António Pinto Carneiro) decerto na sequência de uma renovação dos interiores da igreja da segunda metade do século, em que se inclui a obra de azulejaria (embora o retábulo e talha para a capela-mor sejam de Maio de 1741). Vide: ALVES, 2001; EUSÉBIO, 2005b. (PRA)

CONCELHO DE LAMEGO

ALMACAVE

Nossa Senhora da Graça, Igreja de

Pertencia ao Mosteiro dos Eremitas de Santo Agostinho, de que apenas resta esta igreja. A par do revestimento seiscentista com padronagem a azul e amarelo (as obras de construção da igreja concluíram-se em 1647), existe fragmento de painel de pintura azul do que seria o extremo esquerdo de um silhar de moldura arquitectónica da década de 30 ou 40 do século XVIII. Tem consola de acantos e festão florido pendente na parte superior a suportar pilastra, supedâneo recuado com decoração sobreposta de acantos e concheados e vê-se ainda parte da figuração com enquadramento fluvial.⁽⁴³⁶⁾

CAMBRES

Quinta do Monsul, Capela de Santo António

Tem um silhar de 8 de alto de vasos floridos azuis, fabrico de Lisboa de cerca de 1760, muito vulgares.⁽⁴³⁷⁾

LAMEGO

Casa das Brolhas

Na escadaria, de lanço central que se subdivide no patamar intermédio em lanços laterais até ao piso nobre, encontram-se silhares do tipo «albarradas» com barra de acantos 2 x 2 e friso de motivos fitomórficos na parte inferior.⁽⁴³⁸⁾

Santa Cruz, igreja e antigo Convento de

Na fachada principal está a data de 1607. Na parte do Convento ocupada pelo quartel apenas há azulejos na escada que vai do claustro ao 1.º andar. É um silhar de 10 de alto, de figura avulsa de «estrelinhas», com barra de folhagens azuis. É curioso que alguns dos azulejos têm a figuração na diagonal, o que parece indicar que foram feitos intencionalmente para aqui. São azulejos de fabricação de Lisboa e julgo-os muito dos princípios do século XVIII, ou de alguma oficina secundária.

Na igreja propriamente dita o revestimento é muito mais importante. Assim, na capela-mor as paredes laterais têm paramentos azuis, figurados, ocupando a parte inferior das paredes em 21 de alto. A figuração compõe-se com paisagens de jardins e grupos de fidalgos. Na parte superior, entre as janelas e o arco, painéis de emolduramento barroco centrando a figuração dos *Quatro Evangelistas*.⁽⁴³⁹⁾ Tipologicamente serão azulejos de cerca de 1735, do ciclo artesanal de Bartolomeu Antunes.

(436) ALVES, 2001, vol. III; GONÇALVES, 1986. (PRA)

(437) Trata-se de silhares de albarradas que ao longo da nave alternam vasos com flores e frutos com esguias jarras com flores. Apresentam moldura em barra de acantos 2 x 2 comum em tons de azul-escuro. A capela foi instituída em 1599 por Gaspar de Carvalho de Lucena e Leonor Gouveia Leitão, conforme data inscrita no portal e teve importantes obras de reconstrução no século XIX e princípios do século XX. Actualmente, a quinta encontra-se inserida no Alto Douro Vinhateiro – Região Demarcada do Douro. *Vide*: www.monumentos.pt; FAUVRELLE, 2001, pp. 135-160. (PRA)

(438) Em 1777, verifica-se a reedificação da antiga casa, conforme escritura nas notas do tabelião José de Carvalho Freire (12 de Julho de 1777) que revelam que Rodrigo Pinto de Sousa contrata o mestre-carpinteiro António Azevedo de Cambres para fazer casa na Quinta do Couto; *vide* ALVES, 1979, p. 433.

Segundo António Lambert Pereira da Silva, Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e Melo, nascido em Braga, foi o construtor da casa das Brolhas e contraiu matrimónio em 1720 com D. Teresa Maria Ferreira Santarém, Senhora da Casa da Igreja Santa Lucrecia de Algeriz (Braga – *vide*: entrada); *Vide*: SILVA, 1958, vol. 1, pp. 143-144; SILVA, sd.; SOUSA, 1997. *Vide* também: AZEVEDO, 1969; CASTEL-BRANCO, 2002, pp. 58-60; GONÇALVES, 1986, vol. V, pp. 373-374; SEQUEIRA, 1950. (PRA)

(439) Do lado do evangelho, surge cartela com inscrição dedicada ao patrono fundador do convento: «TVMVLO / DO DVTOR LOVRENDO MOV / RAÕ HOMEM - / IVRA DABAM DVM VITA / COMES, NUNC - / HORRIDA MORTIS IVRA - / FERO PARVO COMDITVS - / HOC, TVMVLO -»; nos registos superiores verticais de ambos os lados da capela, representam-se cenas alusivas a São João Evangelista e ao Apocalipse, estando representado com os seus atributos – a águia, o livro e a pena – que surgem nos medalhões do supedâneo, destacando-se o interessante e peculiar painel com a figura com cabeça de Sol, as pernas como colunas entregando o livro escrito a São João. LARANJO, 1992, pp. 39 e segs.; RÉAU, 1955-58, vol. 3, t. 2, pp. 708-734. (PRA)

No transepto, do lado do evangelho, servindo de espaldar à arca tumular de Manuel Pinto da Fonseca, Bailio, está o grande paramento cerâmico que preenche toda a parede, enquadrando a janela. A composição tem figuração relativa a um santo não identificado⁽⁴⁴⁰⁾: Santo recebendo o hábito de um frade; Santo em meditação no que parece ser uma gruta ou um poço, alimentado por um frade que lhe desce um cesto com campainha; na parede lateral, um grupo de frades levantando uma pedra na construção da igreja, com a aparição de um santo que afugenta o diabo.⁽⁴⁴¹⁾ A parede central inferior tem o grande brasão de armas dos Pintos, Manuéis, Coutinhos (ou Fonecas) e Sousas, e bordadura de castelos. Sobre estes numa tarja segura por anjos trompeteiros lê-se:

ANNO DE 1727 LAMEGO

É sem dúvida trabalho de Policarpo de Oliveira Bernardes.⁽⁴⁴²⁾

No transepto do lado da epístola, composição com as mesmas dimensões, agora dedicada a Santo António, com as figuras bem conhecidas do *Milagre da Mula*, *Ressurreição do Condenado* e *Sermão aos Peixes*. Na cartela inferior a cruz dos Bulhões.

XXV

No revestimento parietal está, do lado esquerdo, um brasão com elmo. Debaixo lê-se o seguinte: *ESTA CAPELA COMPROU D. JOÃO DE BRITO E VASCONCELLOS BISPO Q / FOY EM ANGRA, FILHO DE MEL DA COSTA SOARES FIDALGO DA CAZA DE SUA / MAGESTADE E D. CATARINA THEREZA DE VASCONCELLOS E NETO DE JOÃO DE BRI / TO DE VASCONCELLOS / FALECEO EM 29 DE NOVEMBRO DE 1718 ANNOS E FICOU FLEXIVEL*. Junto está o túmulo do Bispo João de Brito, armoreado e datado de 1718. Os azulejos serão de cerca de 1730 e de fabricação lisboeta.⁽⁴⁴³⁾

A *Capela da Sagrada Família* tem as paredes e ilhargas do retábulo forradas com azulejos de figuração azul, representando o *Sonho de São José* e *Casamento da Virgem*. Emolduramento concheado com anjinhos, tendo os painéis 29 azulejos de alto. Ladeando a entrada e revestindo o arco, azulejos com anjos portadores de emblemas marianos.⁽⁴⁴⁴⁾ Trata-se de azulejos de fabricação lisboeta de cerca de 1755.

São Francisco, igreja do antigo Convento de

A igreja é relativamente pobre. Na capela lateral do lado do evangelho – da invocação de Nossa Senhora das Dores – as paredes laterais têm revestimento de azulejos em dois grandes e belos painéis azuis figurados, com 25 de alto, representando respectivamente a *Descida da Cruz* e o *Passo de Verónica*. A figuração está contida em molduramento rectangular de anjinhos. Desenho e pintura de PMP, de cerca de 1725, sobre supedâneo com emblemática da Paixão.⁽⁴⁴⁵⁾

A nave tem silhar de azulejo branco, de 11 de alto em panos limitados por cercadura de folhas azuis.⁽⁴⁴⁶⁾

(440) Trata-se de cenas da Vida de São Bento de Núrsia. Vide FLORIDO, 1967, pp. 30-31.

FLÁVIO GONÇALVES

(441) Estão representados: *Imposição do Hábito pelo Monge Romão*, *Campainha Quebrada pelo Demónio*, *Pedra Pesada Que Se Tornou Leve com o Sinal da Cruz* Para uma actualização na leitura iconográfica deste conjunto vide: ALMEIDA, 2006c, vol. 1, pp. 238-241; e também: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 217 e segs.; SILVA et al., 2002. (PRA)

(442) Vide: CORREIA, 1923, p. XXVIII.

FLÁVIO GONÇALVES

(443) Azulejos atribuídos a Valentim de Almeida (MECO, 1989, p. 231). Vide também: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 364-365; ALMEIDA, 2006c, vol. 1, pp. 238-241. (PRA)

(444) Trata-se da vara florida, atributo de São José, integrando-se no programa iconográfico da azulejaria da capela. Para iconografia de São José vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 309-322.

Sobre a história e percurso artístico do convento vide: ALVES, 2001, vols. II e III; COSTA, 1986, vol. V; LARANJO, 1992; QUEIROZ, 2006, vol. 1; RESENDE, 2006, vol. 1. (PRA)

(445) COSTA, 1986, vol. V, p. 653. Vide também: FIGUEIREDO, 2008, 2 vols. (PRA)

Do lado do evangelho surge medalhão com a representação dos atributos iconográficos da Paixão: martelo, cravos envoltos pela alicate e coroa de espinhos da Crucificação, enquanto do lado da epístola estão representados, numa mesa circular os dados, o chicote e a vergasta da Flagelação. (PRA)

(446) A capela-mor, bem como a escadaria interna de acesso à igreja, apresentam revestimento idêntico. (PRA)

Sé Catedral (Capela de São João Baptista)

Situada no claustro da Sé tem esta capela um retábulo de talha verdadeiramente extraordinário! As paredes laterais são totalmente azulejadas com grandes composições figuradas, a azul, atingindo 64 azulejos na altura, ao centro, por 47 de largura.

Do lado da epístola nota-se que os azulejos primitivos sofreram um «remendo» na parte inferior, onde foi aplicado um painel, também azul, tendo ao centro uma figuração de eremitões em fundo de paisagem. Toda a restante composição é, com grande probabilidade, de Policarpo de Oliveira Bernardes, cujo traço é reconhecível nos acessórios ornamentais e na própria figuração. Esta apresenta, na parte principal, a cena joanina de um bispo junto à celha onde estão quatro meninos⁽⁴⁴⁷⁾, uma casa uma bandeira (insígnia com um galo) e uma mulher camponesa. Na parte superior um santo, paramentado de capa de asperges, está ajoelhado no interior de uma prisão, enquanto dois anjos lhe aparecem trazendo a mitra e o báculo.

Do lado do evangelho a disposição é idêntica, incluindo o «remendo». Agora a parte figurada principal mostra o santo com correntes nos pés levado ao céu por uma mão que sai das nuvens e o segura pelos cabelos, enquanto de um lado e do outro há grupos de homens (infiéis) em atitude de espanto.⁽⁴⁴⁸⁾ A parte superior é agora ocupada pela tribuna, ladeada de azulejos ornamentais. Estas composições serão de cerca de 1720, ao passo que os «remendos» já têm as características de cerca de 1730-40.

A parede onde se abre a porta que dá para o claustro está recamada de azulejos, colocados a granel, mas é manifesto que pertenceram a composição do género das que vimos nas paredes laterais.⁽⁴⁴⁹⁾

VILA NOVA DE SOUTO D'EL-REI

São Sebastião, Igreja Paroquial de

As ilhargas dos altares laterais têm azulejos figurados azuis de desenho ingénuo, com figuras e paisagens, típicos dos princípios do século XVIII, também de fabricação portuense.

Os dois painéis apresentam emolduramento disposto algo aleatoriamente fruto de intervenções posteriores, bem como a introdução de azulejos de padrão de raiz seiscentista, caso do P-440 em azul e branco, provavelmente a colmatar falhas. Tem emolduramento em friso com pequenos frutos e enrolamentos, com festões pendentes na parte superior da reserva figurativa, onde se representa num dos silhares uma paisagem campestre na qual estão duas figuras em primeiro plano, um cavalheiro de chapéu e uma dama com uma coroa de flores na mão, e no outro silhar – muito semelhante – encontram-se duas figuras, uma com um ramo de flores, outra com uma cesta.⁽⁴⁵⁰⁾

CONCELHO DE MANGUALDE

ALMEIDINHA

Solar dos Viscondes de Almeida

Conforme se deduz da inscrição lapidar que se encontra na capela, esta teria sido mandada fazer por Gaspar Pais do Amaral em 1590 e reedificada por Manuel Osório do Amaral, em 1741.

(447) Tanto este painel como os outros da capela representam cenas da Legenda de São Nicolau de Bari. Vide: RÉAU, 1958, t. III, pp. 976-988; AMARAL, 1963, vol. XII, n.º 2, pp. 51-53. FLÁVIO GONÇALVES

(448) Para uma leitura iconográfica da azulejaria deste conjunto, vide: ALMEIDA, 2006b, pp. 236-237; AMARAL, 1963b; LARANJO, 1990, pp. 79-80. Sobre a história da capela vide: GONÇALVES, vol. V, 1986, pp. 597-600; QUEIROZ, 2006, vol. 1; e sobre a iconografia nicolina vide também: PEREIRA, 2001, p. 13. (PRA)

(449) Estes azulejos da parede de entrada encontram-se em mau estado de conservação, mas mantêm idêntico esquema rodapé – registo intermédio – registo superior ao nível do arranque das ogivas. (PRA)

(450) FRIAS, 2006, vol. 2, p. 62. (PRA)

Depois desta última data, no meado do século XVIII e ainda mais tarde, foram feitos vários acrescentos, ainda que com o cuidado de conservar uma certa unidade estilística. Foi numa destas obras, provavelmente nas de 1740, que se mandaram vir azulejos de Coimbra com os quais se forraram algumas dependências, nomeadamente o espaldar de uma fonte ao fundo do jardim.

Era um grande painel de pintura azul, tendo ao centro qualquer alegoria mitológica, hoje praticamente irreconhecível pela falta de muitos azulejos e mau estado dos que restam.⁽⁴⁵¹⁾ No interior há silhares em dois compartimentos, sendo estes azulejos mais recentes do que o painel da fonte, mas igualmente de Coimbra. Pintura azul, pouco correcta, com cenas campestres convencionais.⁽⁴⁵²⁾

MANGUALDE

Misericórdia, Igreja da

O interior condiz com o exterior, que é bastante notável.⁽⁴⁵³⁾ Na nave, coberta com magnífico tecto de madeira em arco abatido, pintado, e em relativo bom estado, as paredes têm painéis recortados, azuis, de fabricação coimbrã⁽⁴⁵⁴⁾ e com figurações, respectivamente, do lado do evangelho a *Queda do Maná*⁽⁴⁵⁵⁾ e, sob o púlpito, emblemas clericais. O altar do lado do evangelho, dedicado a *Santa Bárbara*, tem frontal de azulejo azul, de 7½ × 15, com cartela central figurando a *Flagelação*. Na parede fronteira a esta, sob o órgão, outro painel com as *Bodas de Caná*. Entre duas portas um painel, também de 27 de alto com *São Martinho de Tours Dando a Capa a Um Pobre*.

Noutro altar lateral, do lado da epístola, dedicado a São Bartolomeu, painel correspondente ao frontal do altar, colocado ao nível da parede, com *Jesus no Horto*. De cada lado do arco triunfal, enquadrando pequenas credências em forma de concha, há azulejos com anjinhos.

Na capela-mor avulta o lindíssimo retábulo com imagens próprias de Nossa Senhora da Conceição, São João Baptista e São Simão. Na parede do lado do evangelho, está uma pedra em escudo, com inscrição. No pavimento a laje brasonada da sepultura de Simão Pais do Amaral. As paredes estão azulejadas até à altura de 23 azulejos idênticos aos da nave. São painéis azuis figurados, de fabrico de Coimbra de cerca de 1724.⁽⁴⁵⁶⁾ De um lado e de outro do altar os painéis têm, como figuração, o *Jardim concluso* e a *Porta Coeli*. Ainda na capela-mor está uma bela tela com a *Visitação* e, no tecto, em quinze caixotões, outras tantas telas com passos marianos, de muito boa mão.

(451) Recentemente removidos. (PRA)

(452) Em Setembro de 1741, Manuel Osório de Amaral, morgado de Almeidinha, tirou licença para se benzer a capela que de novo reedificou, sita no pátio das suas casas (ALVES, 1965, p. 65). Foi Semião do Amaral Osório que prosseguiu as obras e terá mandado revestir três dependências do andar nobre – o salão e dois quartos nobres – com silhares de azulejos de molduras com decoração fitomórfica e concheados, que no salão nobre apresentam rodapé em marmoreado a manganês, já na segunda metade do século. Vide: ALVES, 2001, vols. I e II; ARAÚJO, 1962, vol. I, pp. 211-214; CASTEL-BRANCO, 2002, pp. 94-95; SILVA, 1958; TAVARES, 1986. (PRA)

(453) A primeira pedra foi lançada em 1721 e o templo foi sagrado em 1724, mas os azulejos só terão sido aplicados após 1729. O risco foi encomendado a Gaspar Ferreira, de Coimbra, arquitecto e mestre-entalhador (ALVES, 1993b, p. 7; ALVES, 1959, p. 29).

A cartela da capela-mor em pedra ança celebra o patrono da igreja: «SIMÃO PAES DE A / MARAL FIDALGO DE-EL REI MANDOU FA / ZER AS SVAS CVSTAS E / STA CAPELA MORE A / DOTOV E FES A MAIO / R PARTE DAS DESPEZ / AS DESTA IGREJA / ANO DE 1724». A inscrição no lintel do portal principal da igreja perpetua a memória da sua edificação e do seu patrono: «SIMÃO PAES DE AMARAL MANDOU FAZER ESTA MISERICORDIA ANNO DE 1724». O retábulo-mor data apenas de 1729 com risco de Luís Pereira da Costa (ALVES, 1959, p. 35; EUSÉBIO, 2002; EUSÉBIO, 2005b). (PRA)

(454) Serão de cerca de 1746, provenientes de Coimbra. Vide ALVES, 1993b, p. 15. (PRA)

(455) Trata-se de facto da *Multiplicação dos Pães* e não o episódio do Antigo Testamento da *Queda do Maná*. (PRA)

(456) Em Agosto de 1724, como nota Rosário Carvalho, ainda não estariam aplicados os azulejos pela análise do documento de receita e despesa referente 1721-24 (publicado por ALVES, 1959, pp. 53 e segs.); vide: CARVALHO, 2007a, vol. 2, p. 119. Esta autora faz a leitura iconográfica dos vários conjuntos azulejares no contexto das Obras de Misericórdia: CARVALHO, 2007b, vol. 2, pp. 118-123. (PRA)

Palácio dos Condes de Anadia

À *entrada* lateral, sob o alpendre, silhar de 18 de alto formando três painéis recortados, com vasos nos cantos. Os enquadramentos são barrocos com pilastras e cenas de combates entre cavaleiros turcos e cristãos. A pintura é azul, com rodapé marmoreado roxo, típicos de Coimbra e de cerca de 1750.

Na *sala de estar* de azulejos de padrão de «almofada» com cercadura de fitas.

Escadaria: O patamar inferior da escada nobre tem painéis recortados onde figuram escravos negros à guisa de porteiros, com suas librés de alamares, segurando grandes vasos floridos à cabeça.

XXVII

Forrando as paredes triangulares do primeiro lanço desta escadaria vemos duas composições com cenas alusivas à mitologia: *Diana* e *Acteón*.⁽⁴⁵⁷⁾

O patamar intermédio e os dois lanços laterais têm grandes painéis de cabeceiras recortadas com figuras de amazonas, como que em cortejo. As paredes dos corrimões têm também seu paramento de azulejo com figurinhas infantis.

A face do patamar que dá para o primeiro lanço está forrada com azulejos, tendo ao centro o brasão de armas dos Pais do Amaral com coroa de conde. Nas paredes do patamar do piso nobre continua a série de painéis recortados com amazonas.⁽⁴⁵⁸⁾

O *salão nobre* tem as paredes forradas a uma altura de 28 azulejos com painéis recortados, de enquadramentos barrocos de extraordinário desenvolvimento. Na parte central estão figurações mitológicas reconhecendo-se os principais deuses e heróis das *Metamorfoses*.⁽⁴⁵⁹⁾

É o conjunto mais imponente no género de que tenho conhecimento.

As *saletas* que ladeiam este salão têm silhares de 8 de alto, de padrões azuis, típicos de Coimbra, em repetições de 2 x 2 e cercaduras a condizer.

O *salão*, cujas portas abrem para a varanda sobre o alpendre, tem o curioso silhar de 12 de alto onde, enquadradas por emolduramento concheado policromo, estão as cenas do Mundo às Avessas. São:

XXVII

- 1) O marido a ficar com o bebé ao colo e a mulher armada que vem da guerra (ou da caça).
- 2) A Terra no Céu, acima das nuvens e a lua e o sol na terra.
- 3) Os porcos matando o homem.
- 4) Torneio em que os cavalos vão a cavalo dos cavaleiros.
- 5) A filha a dar a papa à mãe.
- 6) A aluna a dar açoitões à professora.
- 7) Os burros tocam os moleiros. O moinho de vento (na Standard Molen) está de pernas para o ar e não tem velas.

(457) Os painéis de azulejos do átrio de entrada representam *Diana no Banho*; *Acteón Metamorfoseado em Veado*; cenas de caça ao veado e ao javali. Vide www.monumentos.pt, 2009. (PRA)

(458) Os painéis da escadaria, e bem assim as figuras de escravos do átrio, foram directamente decalcados das gravuras de um magnífico álbum que reproduz os quadros do palácio venatório dos Duques de Sabóia, junto a Turim. Sua Majestade o Rei Humberto II de Itália possui um exemplar e foi ele quem chamou a minha atenção para a identidade das gravuras, levando a sua amabilidade a oferecer-me um exemplar da edição fac-similada: VENARIA REALE, Palazzo Di Piacere E Di Caccia, Ideato dall' Alteza Reale di CARLO EMANUEL II, Duca di Savoia, Ré di Cipro, Disegnato, e descritto dal Conte Amadeo di Castellamonte. L'Anno 1672. In torino Per Bartolomeo Zapatta, 1674.

A edição fac-similada, de um reduzido número de exemplares, foi feita na Bottega d'Erasmus, Torino, 1967.

Estes mesmos modelos serviram para uns azulejos transplantados de uma quinta para o Museu Machado de Castro em Coimbra, onde se encontram a servir de cornija no pátio. J. M. SANTOS SIMÕES

(459) Na Sala Nobre representam-se as Quatro Partes do Mundo e os Quatro Elementos personalizados por deuses mitológicos: Ar – Juno; Água – Neptuno; Fogo – Vulcano; Terra – Vénus, os quais como os da escadaria principal também são de 1740 e da autoria de Sousa Carvalho. Vide ALVES, 1972, pp. 75-88.

Sobre a iconografia na azulejaria portuguesa das *Metamorfoses* bem como das *Venationes* – mencionadas na nota seguinte por Santos Simões, vide artigo de Ana Paula Correia. CORREIA, 1999, pp. 5-22; SANTOS, 2007, p. 180.

Alexandre Alves reproduz no seu artigo fotografia que revela existência de silhares de azulejos pombalinos de 6 azulejos de altura incluindo a cercadura no topo e base com padrão 2 x 2 formando quadrícula diagonal com florão ao centro (ALVES, 1972, p. 84). Não obtivemos resposta para autorização de visita ao palácio. (PRA)

- 8) As mulas e os burros conduzem homens carregados com albardas.
- 9) Cavaleiros caçando animais dentro de água (corças, javalis, raposas) enquanto os peixes andam no ar.
- 10) Peixe, com cana de pesca na boca, pesca um rapaz que está dentro de água.

Na varanda sobre o alpendre, três painéis recortados mostram vários trabalhos do campo: vindima, etc.

Toda esta azulejaria é tipicamente de Coimbra, de cerca de 1750. É natural que o azulejador dispusesse das gravuras, das quais se servia quando necessitava representar caçadas.⁽⁴⁶⁰⁾

CONCELHO DE NELAS

NELAS

Casa de Tavares

Na segunda metade do século XVIII, a casa terá sido reconstruída, quando era proprietário Francisco Cabral de Sacadura e Figueiredo, a partir das construções quinhentistas do que fora a sede do concelho até ao século XVII, altura em que passa a ser habitada pelos senhores do prazo de Chãs de Tavares, datando de 1638 a fundação da capela da Casa de Tavares por Francisca de Moraes da Cunha.⁽⁴⁶¹⁾ O andar nobre tem silhares de azulejos de figura avulsa na sala de entrada e sala de estar, bem como na varanda. No terraço painéis de azulejos de figurativos a azul, ocre e manganês.

ORGENS

São Francisco, igreja do antigo Convento de

Na nave e capela-mor alizar de 10 de altura com azulejos de figura avulsa, azuis com cantos de quatro pintas. Figuração usual e alternância de figuras. Trabalho de Coimbra ou Porto.⁽⁴⁶²⁾

SANTAR

Casa dos Condes de Santar

No andar nobre o corredor é ladeado por silhares de azulejos de padrão pombalinos com respectiva cercadura junto à sala de jogos e sala de música, enquanto um outro corredor apresenta silhar de azulejos de figura avulsa. Na sala de jantar, existem silhares de azulejos de padrão.

No exterior, ao lado da cozinha velha,⁽⁴⁶³⁾ nos muros da fonte, encontram-se colocados aleatoriamente azulejos azuis e brancos de várias épocas e tipologias, desde azulejo historiado com anjinhos ou cenas de caçadas a composições ornamentais tipo «albarradas», e com cercadura ainda parcialmente existente na parte inferior. São de 1700 e assinados por Gabriel del Barco.⁽⁴⁶⁴⁾

(460) *Vide também*: ALVES, 1972, pp. 82-83.

FLÁVIO GONÇALVES

(461) A capela foi demolida nos anos 70 do século XX. CARDOSO, 1995; EUSÉBIO, 2005a. (PRA)

(462) A semelhança tipológica dos conventos franciscanos da província da Conceição é evidente no que às opções de decoração azulejar diz respeito. Encontramos a mesma tipologia de azulejos de figura avulsa com motivos idênticos em Arcos de Valdevez, Viana, Ponte de Lima, seja nos motivos fitomórficos com flores e frutos, seja nos motivos antropomórficos com os bustos, figuras satíricas ou nos motivos zoomórficos, verificando-se aqui uma grande predominância do mesmo motivo de pássaros e fruta. Ver entradas respectivas a estas igrejas.

Para a história do convento *vide*: ALVES, 1991, vol. 3, pp. 397-400; CONCEIÇÃO, 1740, p. 51; FIGUEIREDO, 2008, 2 vols.; JOSÉ, 1760. (PRA)

(463) CARVALHO, 2001, apresenta fotografia onde ainda se vê no interior da cozinha velha, no interior da lareira, recolocação de azulejos historiados. (PRA)

(464) SOUZA, 1999, p. 71; cit. in EUSÉBIO, 2005a, pp. 247-248. (PRA)

Na varanda alpendrada azulejos recortados com as figuras antropomorfizadas das *Estações*.⁽⁴⁶⁵⁾

No jardim existe uma série de terraços e num dos muros encontra-se fonte monumental, mas provavelmente já posteriores.⁽⁴⁶⁶⁾

Casa do Soito e Paço dos Cunhas

Os dois imóveis são propriedade da mesma família desde o século XIX e a Casa do Soito, construída no século XVIII, segue modelo do Paço dos Cunhas construído um século antes. O azulejo encontra-se no jardim em bancos revestidos a azulejo de figura avulsa delimitados por barra de acantos e grande banco de topo com azulejos figurativos com cenas de caça e cortesãs a azul e branco com cercaduras em roxo e amarelo.⁽⁴⁶⁷⁾

CONCELHO DE SANTA COMBA DÃO

COUTO DO MOSTEIRO

Casa Nobre dos Gomes Pires

XXVIII

O solar que foi mandado edificar por Luís Gomes Pires conserva a azulejaria com que foi engalanado no terceiro terço do século XVIII.

Escadaria – No patamar do rés-do-chão destaca-se um «porteiro» que sobressai do silhar de 7 de alto, de tipo ornamental azul e enquadramentos concheados simples, manganês. O «porteiro» é um guerreiro atarracado, de lança na mão. A parte correspondente à face e mão que segura a lança é pintada em massa, substituindo os azulejos em falta.⁽⁴⁶⁸⁾

Salas do andar nobre – Silhares de 7 de alto divididos em painéis com figuração, emoldurados por cercaduras concheadas. Na sala de jantar a cercadura é manganês e os centros azuis, representando paisagens com vários personagens de tipo rústico: um deles está...urinando.

Noutras salas a combinação é invertida – moldura azul e centro manganês – com o mesmo tipo de paisagens. Há também guarnições ornamentais azuis, do tipo «Necessidades» e ainda outras apenas com azulejos de «almofadas» pombalinas.⁽⁴⁶⁹⁾

Capela – Foi anexa ao solar, com o qual comunica por passadiço superior. Sobre a porta, uma lápide afirma ter sido a capela feita por Luís Gomes Pires em 1766.⁽⁴⁷⁰⁾ É dedicada ao Senhor Jesus. No interior está um revestimento de azulejos em alizar de 13 de altura uniforme, incluindo 3 azulejos de rodapé marmoreado de roxo. Os painéis, de emolduramentos concheados, são de pintura azul e contêm figurações da *Paixão*, *Nascimento de Jesus* e *Santo António Pregando aos Peixes*.⁽⁴⁷¹⁾ Estes azulejos, bem como os do solar,

(465) Vide www.monumentos.pt; no entanto, em EUSÉBIO, 2005a, identificam-se estes azulejos como pertencentes à Casa das Fidalgas da mesma localidade, na varanda que foi acrescentada em obra. (PRA)

(466) A Fonte dos Cavalos tem dois tanques a partir do elemento escultórico central com revestimento de azulejos em marmoreado verde e manganês. Lateralmente, o revestimento desenvolve-se de modo simétrico; o fundo é rosado com quatro reservas de recorte superior semicircular pontuado por grandes florões circulares para figuração de cavaleiros em pintura azul, separadas por almofadas rebaixadas de fundo verde-claro e com medalhões sobrepostos em tons de castanho-claro e reserva oval com a data «1790», num esquema considerado similar ao do Palácio Fronteira, em Lisboa, e cuja autoria pertence a José Maria Pereira do Cão, o que remeterá para outras cronologias não obstante a confusão gerada pela inscrição. Vide: ARAÚJO, 1962, vol. I, p. 232; CARVALHO, 2001; EUSÉBIO *et al.*, 2005, pp. 247-248. (PRA)

(467) AZEVEDO, 1969; CARVALHO, 2001; www.monumentos.pt, 2008 (PRA)

(468) Vide: ARRUDA, 1993, pp. 74-78, 87, 106. Sobre a história da casa, construção da capela e passadiço vide também: ARRUDA, 1989, pp. 13-18. Na escadaria, verifica-se imitação do granito e molduras dos silhares em manganês, com reserva em branco liso e pintura de motivos de volutas e acantos estilizados a lembrar *feronnerie*. (PRA)

(469) Existe azulejo de fabrico coimbrão quer no andar nobre em cinco salas, quer no 2.º andar igualmente em cinco salas e quartos, incluindo o corredor e escadaria. A datação dos conjuntos azulejares do solar será provavelmente posterior, de acordo com a investigação em curso de Diana Santos. (PRA)

(470) «ESTA CAPELA DO S. / JESUS DO COVTO M / ANDOU FAZER LV / IS GOMES PIRES NA / TURAL DESTA M / ESMO COVTO DO / MOSTR» A SVA CVS / TA NO ANNO DE 1766». (PRA)

(471) Do lado do evangelho representa-se o episódio da *Queda de Jesus a Caminho do Calvário* e da *Verónica*, segue-se *Oração de Jesus no Horto* e, junto à escada do púlpito, a cena da Flagelação conhecida como *Senhor da Cana Verde*; do outro lado do púlpito, outra cena da Flagelação – o *Senhor da Coluna*. Representam-se, do lado da epístola, a *Adoração dos Pastores* – e não o *Nascimento de Jesus* – e o painel dedicado a Santo António. (PRA)

são típicos da técnica coimbrã, se bem que possam ser anteriores a estes, provavelmente mais próximos de 1766.

CONCELHO DE SÁTÃO

ABRUNHOSA DO LADÁRIO

Nossa Senhora da Esperança, Capela de

A Capela devocional a Nossa Senhora da Esperança é uma perfeita unidade arquitectónica do meado do século XVIII.

No corpo avançado da fachada, que precede a capela propriamente dita, está o átrio, aconchegado sob o coro. Neste há um alizar de 10 azulejos de altura, do tipo de figura avulsa, azul, com cantos de quatro bolas e cercadura própria, incluindo os azulejos do canto. Os azulejos espalham-se por seis painéis, num total de 1080 azulejos, dos quais 312 de cercadura. São azulejos do tipo de Coimbra com grande variedade de figuração, alternando com flores. Na figuração incluem-se caras, pessoas, barcos, pássaros, casas, centauro, querubins e cornucópia.

O interior é surpreendente! O coro e a nave têm os tectos de berço em madeira pintada. O arco triunfal e a capela-mor são da mais bela talha. Em todo o redor da nave o silhar azulejado é de 11 de alto.

Na capela-mor o silhar é de 12 de altura. Aí vemos a lápide tumular, armoreada, com a inscrição:

SEPULTURA / DE LUIS BÂDEI / RA GALVÃO IN / DIGNO ESCRA / VO DE MARIA / SSMÃ, SUBTI / TULO A SPE. / OBIIT ANNO 1776.

É nos azulejos da parede da nave, do lado do evangelho, que está esgrafitado no esmalte, mas em vidrado, a assinatura:

Theotónio dos Santos o pintou em Lx.^a ⁽⁴⁷²⁾

A figuração inclui cenas cortesãs e de caçadas, concerto em jardim, batalha naval, lavadeiras junto a uma fonte, merenda ao ar livre com garfo de três dentes e crianças num baloiço. ⁽⁴⁷³⁾

Na capela-mor as cenas são de caça, com dama e cavaleiro de lança e pastores.

Na sacristia o silhar é de painéis recortados azuis, de fabricação coimbrã, de mau desenho. Representam a *Entrada em Jerusalém* e *Cenáculo*. Aí vemos ainda magníficas pinturas, além de belo arcaz e lavabo. ⁽⁴⁷⁴⁾

O órgão está datado e assinado: *D. Francisco António Solha o fés ano de 1768*.

CONCELHO DE TAROUCA

CRAVAZ

Nossa Senhora da Nazaré, Capela de

Esta igreja foi fundada por João de Castro em 1624 e reedificada em 1727 por Francisco Pereira de Almeida, sargento-mor de Lamego. Toda ela é revestida de azulejos de figura avulsa (tipo Viana e Arcos de Valdevez) com barra azul de folhas. A altura do revestimento é de 20 azulejos, todos de tipos conhecidos: flores, figurinhas, corações e a palavra «Amor».

(472) Vide CORREIA, 1917, vol. XII, n.º 70-71; BNL, 1944, p. 182; QUEIROZ, 1948, vol. II, p. 107, n.º 649; SANTOS, 1957, p. 139; MOUTA, s. d., p. 60. FLÁVIO GONÇALVES

(473) Serão cenas alusivas ao *Cântico dos Cânticos*. MECO, 1989, pp. 150 e 230; EUSÉBIO, 2006; GONÇALVES, 1984, pp. 19, 29, 31. Vide também: ALVES, 2001, vol. III; EUSÉBIO, 2005b. (PRA)

(474) São painéis recortados de 17 azulejos de altura. No remate central, em frontão, surge medalhão com atributo alusivo à Paixão: a Coroa de Espinhos na *Entrada em Jerusalém* e os Cravos no outro painel. (PRA)

Notáveis o retábulo de talha e o tecto de caixotões pintados com cenas da Vida da Virgem. Na residência conserva-se o silhar de uma sala de 6 de alto, com azulejos iguais aos da capela, agora apenas com flores, sem barra ou outra limitação.

SALZEDAS

Santa Maria, Igreja do Mosteiro de

No corredor que dá ligação da igreja para a sacristia, silhar de 12 de alto com azulejos de figura avulsa, azuis, sem cantos, com grandes flores (tipo Porto) e barra a condizer.⁽⁴⁷⁵⁾ Entre os motivos há caras com flores na boca.

Na cerca encontra-se a Capelinha de Jesus-Maria-José, de planta sextavada. As paredes e a porta têm paramento azulejar enquadrado pela cantaria, em 32 de alto. As composições são feitas a propósito e a figuração está explicada por legendas latinas:

- 1) MENISTRANT EIS IN DESERTO
- 2) ANGEL VS INSOMNIS IOZEPH
- 3) (sobre a porta) CHRISTVS IN EGIPTO
- 4) FVGIVNT IN EGIPTIVM
- 5) ARBORES ADORABANT PVERVM e,
ETIAM VOLUCRES

São azulejos de cerca de 1740.⁽⁴⁷⁶⁾

TAROUCA

São João de Tarouca, igreja do antigo Mosteiro de

Transepto – Junto ao altar da Sagrada Família e da porta travessa, cinco painéis, figurados, azuis, recortados com 23 azulejos no centro. Junto ao altar, as figurações representam:

- 1) *Descanso*
- 2) *Fuga para o Egipto*

O desenho é convencional, de cerca de 1745, enquadrado por pilares e anjos, mas já com motivos concheados. Junto à porta três painéis semelhantes aos anteriores, agora com a figuração respeitante a São João Baptista:

- 1) *São João Baptista dentro de uma Celha*⁽⁴⁷⁷⁾

(475) No claustro prevalece pano de azulejos (14 de alto incluindo barra 2 × 2 e azulejo branco de rodapé) correspondente a silhar de albarra-das com vasos floridos separados por pássaros de cujo bico saem flores; lateralmente, no extremo surgem azulejos de figura avulsa, que estariam a colmatar falhas. Um outro painel, mais estreito, apresenta apenas a barra de contorno e 1 e ½ azulejo de motivo de figura avulsa. (PRA)

(476) Na Capela de Nossa Senhora do Desterro (actualmente pertencente à Quinta do Convento, propriedade particular, independente da igreja e edifícios anexos) representam-se em dois registos sobre supedâneo arquitectónico com pilastras lateralmente que avançam em relação ao plano de fundo bem como o medalhão central. A leitura faz-se a partir do lado da epístola, junto à porta de entrada, com o *Sonho de São José* – ANGELVS IN SOMNIS IOZEPH e a *Natividade* no registo superior (episódio não nomeado por Maur Cocheril nos seus trabalhos e o único que não apresenta legenda; Vide COCHERIL, 1986, pp. 107-108), acompanhados do símbolo do Poço no medalhão do supedâneo. Segue-se parede com janela hexagonal, a manter uma leitura numerológica, simbólica e planimétrica, e onde se representa apenas o episódio dos *Anjos a Oferecer Pão e Água ao Menino no Deserto* – MENISTRANT EIS IN DESERTO, com Rosas no medalhão. Do lado do evangelho e também sob a janela, representa-se *Fuga para o Egipto* – FVGIVNT IN AEGIPTIVM na representação similar à do *Regresso da Sagrada Família*, a Escada como símbolo associado. O *Louvor das árvores ao Menino* – ARBORES ADORABANT PVERVM, surge na parede seguinte no registo inferior, o *Descanso na Fuga para o Egipto* / *Virgem da Palmeira* ETIAM VOLUCRES no registo superior, com o Espelho no medalhão. Sobre a porta, as *Virgens Hebraicas Cuidam da Sagrada Família* – CHRISTVS IN EGYPTO.

Para análise da iconografia e devoção cisterciense ao culto do Desterro, vide: SOBRAL, 1996, pp. 77-80; SOBRAL, 1998a, pp. 432-465; e sobre a simbologia mariana: ALMEIDA, 2004; AZEVEDO, 1998; BARREIROS, 1955; SOBRAL, 1999b. Alguma bibliografia de referência para a história artística do mosteiro na época moderna: ALBUQUERQUE, 2006, vol. 2, pp. 48-61; ALVES, 2001, vols. II e III; CORREIA, 1923; COSTA, 1992; SERRÃO, 2003; QUEIROZ, 2006, vol.1, p. 168. (PRA)

(477) Vide: COCHERIL, 1986, p. 91. O autor nota a confusão iconográfica entre São João Baptista e São João Evangelista, nomeadamente na junção de atributos iconográficos de ambos, correspondendo ao Evangelista esta representação do martírio. Nos dois primeiros painéis referidos o símbolo iconográfico no embasamento é a *palmeira*, enquanto neste é uma *celba*, estando acompanhado da legenda ECCE AGNUS DEI, enquanto nos dois painéis seguintes encontramos o cordeiro e, no seguinte, de novo a legenda ECCE AGNUS DEI, o *cordeiro sobre o livro e com a cruz*. (PRA)

- 2) *Baptismo de São João*
- 3) *São João com o Cordeiro a Lamber-lhe as Mãos*

Capela-mor – Esta quadra é notabilíssima! Ladeando-a, estão as paredes forradas com grandes painéis de azulejo formando quadros figurados:

- 1) Do lado da epístola: Um rei (D. Afonso Henriques) observa a planta do convento, do qual se vê a colocação da primeira pedra, a ser benzida por um mitrado. ⁽⁴⁷⁸⁾
- 2) Grupo de frades à porta do convento olhando para uma ravina. À esquerda três coelhos. Do Céu cai um raio. Na parte inferior deste painel está a inscrição:

XXIV

FVLGV5 DE CAELO
CADENS. DEMONSTRAT
LOCVM
ANNO
1718

- 3) Do lado do evangelho: Cristo aparece a um frade calvo ajoelhado.
- 4) Um frade (aureolado) entrega um papel a um grupo de frades. ⁽⁴⁷⁹⁾ Na parte inferior a legenda:

CAELVM DEMONSTRABIT
VOBIS LOCVM
1122 ⁽⁴⁸⁰⁾

Sacristia – As paredes estão totalmente revestidas de azulejos de figura avulsa (tipo Porto), sem cantos. Sobre o lavabo uma pedra com a data 1710, aplicável aos azulejos. ⁽⁴⁸¹⁾

CONCELHO DE UISEU

UISEU

Casa dos Vilhegas

Na casa nobre, conhecida principalmente pelas janelas «manuelinas», conservam-se os azulejos que primitivamente decoravam um compartimento da ala acrescentada no século XVIII, e que foram recentemente transplantados para a sala de jantar. Estão dispostos em silhar de 8 de alto, limitados por cercadura de ornatos azuis, tendo nos centros azulejos de figura avulsa, azuis, de fabricação provavelmente coimbrã de cerca de 1740.

(478) Ana Cristina Fonseca nota como a representação de D. Afonso Henriques segue a iconografia régia das gravuras de Cornelis Galle citando a *Iconografia Histórica Portuguesa. Séries Régias*, 1960; vide FONSECA, 2000, p. 436. (PRA)

(479) Para uma correcta identificação iconográfica destes quatro painéis da capela-mor vide: COCHERIL, 1972, p. 153; COCHERIL, 1974, p. 207. FLÁVIO GONÇALVES

Do lado do evangelho: *Aparição de São João Baptista a São Bernardo em Claraval Mandando Construir Mosteiro em Portugal*; o segundo painel representa *São Bernardo Envia Monges para Portugal e Dá a Bobemond Carta para D. Afonso Henriques* (note-se o erro na data; vide COCHERIL, 1986); terceiro painel com a data de 1718 – *Monges Procuram Local para Construção do Mosteiro*; e finalmente *A Cerimónia de Colocação da 1.ª Pedra do Mosteiro*.

Vide: FONSECA, 2000, pp. 433-442. (PRA)

(480) José Mecó atribui este conjunto à oficina de Teotónio dos Santos pelas semelhanças estilísticas com outras obras suas, citando a sacristia de Santa Maria do Bouro e a capela-mor da Igreja de São Francisco de Guimarães (VV. AA., 2003a, p. 140). De facto, recordam mais ainda na composição e nos enquadramentos ornamentais nomeadamente nos anjos ladeando medalhões aos painéis da capela-mor da Igreja de São Bento de Viana do Castelo, os quais estão assinados. O sentido de narratividade, a representação e individualização de fisionomias, os pormenores da natureza remetem também para reminiscências óbvias com a escola dos Oliveira Bernardes em Barcelos, na Igreja do Terço, antigo Mosteiro de São Bento, até na capela-mor com os episódios do *Lançamento da 1.ª Pedra* e *Entrada das Religiosas no Mosteiro*, aqui da autoria do Mestre PMP.

Alguma bibliografia importante para contextualização histórico-artística das obras de azulejo no mosteiro na época moderna: ALVES, 2001, vols. I e III; CASTRO *et al.*, 2003, pp. 168-175; COCHERIL, 1986; COSTA, 1979-92, vols. II e VI; FONSECA, 2000, vol. II, pp. 433-442; QUEIROZ, 2006, vol. 1; RESENDE (coord.), 2006, vol. 2; SERRÃO, 2006, vol. 1. (PRA)

(481) Os panos de azulejos são delimitados por cercadura 2 x 2 de motivos florais B48 em conjugação perfeita com o desenho arquitectónico e num jogo cromático com a policromia dos tectos e moldura dos vãos. Apresenta ao nível da parte inferior das janelas friso de azulejo 2 x 2 azul e branco a formar padrão axadrezado. Vide: CASTRO e SEBASTIAN, 2003, pp. 171-175. (PRA)

Condes de Prime, Solar dos (actual Conservatório Regional de Música)

XXVIII

O Solar da Rua dos Andrades, também conhecido como Casa do Cimo de Vila, é dos exemplares mais típicos de moradia senhorial urbana da Beira Alta. A entrada faz-se por um portal, dando para um vasto átrio empedrado, de onde parte a escadaria e por onde se entra igualmente para a capela.

A casa foi enriquecida com decoração de azulejos no meado do século XVIII, recorrendo-se aos fornecedores de Lisboa e de Coimbra.

Escadaria e patamares – As paredes são forradas com painéis figurados de testeiras recortadas, emolduramentos concheados azuis, separados por pilastras marmoreadas de amarelo e roxo. Os centros, pintados a manganês, representam cenas venatórias, convencionais. No topo da escada, painel recortado, apenas de pintura azul, no mesmo estilo ornamental dos anteriores, tendo no centro a figura de *São Marçal e as Almas*. São estes azulejos de conhecida fabricação coimbrã, atribuíveis a Sousa Carvalho e de cerca de 1770-80.⁽⁴⁸²⁾

Corredores – Pequenos silhares de 4 de alto, pintura azul, com figuração de cenas frívolas, trabalho igualmente de Coimbra mas, agora, de oficina de mais fracos recursos artísticos. *Saleta*: silhar de 7 de alto com azulejos de padrão «almofada», pombalinos, igualmente de Coimbra.

Sala de entrada (ou dos azulejos) – Silhares de 14 de altura, recortados, pintura azul, emolduramentos concheados e figuração de caçadas. Fabrico de Coimbra de cerca de 1750.⁽⁴⁸³⁾

Capela – Totalmente forrada de azulejos figurados, em grandes composições ilustrando passos da Vida de Santo António. Trabalho típico das oficinas de Lisboa, do ciclo artesanal de Bartolomeu Antunes, de cerca de 1750. É curioso notar que depois de colocados os azulejos de Lisboa, se reconheceu ser necessário decorar a parte sob o coro. Para tal encomendaram-se azulejos em Coimbra, tendo havido o propósito de seguir os mesmos ornatos dos que já estavam colocados.⁽⁴⁸⁴⁾

Quinta da Medronhosa, Capela da

Trata-se de uma pequena capela setecentista que se integra sem qualquer destaque no restante edifício de simples arquitectura exterior, com um modesto portal de entrada. Tem acesso pelo interior da casa – em estado ruinoso –, definindo lateralmente o espaço com os vãos das portas, no topo das quais assenta o extremo do coro.

Apresenta decoração em silhares de azulejos recortados com vasos floridos junto ao retábulo de talha policroma rococó, rectos sob o coro, e que são de produção de Coimbra, provavelmente já à volta do último quartel do século. Assentam em fundo marmoreado manganês, cor do rodapé com almofadas a imitar verde-jaspe. O embasamento e emolduramento dos painéis, com suas pilastras laterais salientes, almofadas rebaixadas em marmoreado ocre sobrepujadas por ornatos *rocaille* e em azul, tal como a figuração central.

A ladear a porta sob o coro, estão dois painéis com pilastras duplas em espelho, fazendo

(482) A escadaria consta de lanço central fechado, fornecendo área triangular para os painéis laterais, tendo no topo patamar em «U» com o painel de São Marçal sobre o lanço central. A balastrada de granito adossada à parede e imediatamente sob este painel tem revestimento de azulejos de figura avulsa com motivo de «estrelinha» nos cantos e motivos centrais comuns a esta tipologia das décadas de 30-40. (PRA)

(483) Trata-se de seis painéis figurativos de diferentes dimensões, os mais estreitos apenas com 3 azulejos de largura na reserva para figuração, enquanto os demais apresentam 10 e 14 azulejos de largura. O emolduramento tem pilastras perspectivadas com *putti* e volutas rematadas por vasos, área central recuada ornada por elemento concheado na base e remate em frontão simétrico.

Junto às reentrâncias das janelas, dispõem-se silhares de cerca de 6 azulejos de altura, incluindo rodapé marmoreado, e padronagem pombalina em azul e branco 2 x 2, através da disposição alternada de florões e motivos de quatro pontas com cercadura simples de fita azul triangulada entrelaçada em motivo encordado.

(484) A construção da casa deve-se a José Teixeira de Carvalho, fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo (VALE, 1949), na primeira metade do século XVIII, a capela a ser edificada em 1748 com retábulo de 1754 (dos mestres-entalhadores João Correia da Silva e Manuel Madeira, de Santa Comba Dão), datas que poderão balizar o revestimento de azulejos, de pendur fortemente *rocaille*. Vide: AZEVEDO, 1969; EUSÉBIO, 2002; EUSÉBIO, 2005b; LEAL, 1990.

A Câmara Municipal de Viseu, proprietária do imóvel, com o apoio do IPPAR, promoveu em 2000 a recuperação dos azulejos da capela e sacristia (www.monumentos.pt).

A cozinha possui também azulejos de figura avulsa (VALE, 1949). (PRA)

efeito decorativo com o contracurvado das volutas do topo e enquadrando uma esguia reserva para figuração onde se representa apenas um cipreste. Do lado do evangelho – ainda sob o coro e da esquerda para a direita (direcção do altar) –, surgem a *Visitação* e a *Anunciação* em representação convencional. Segue-se a porta de entrada principal para o exterior – lateral em relação ao altar – e painel com pilastras duplas, agora rematadas por vasos com flores ocre e vegetação verde, e um pé de lírios sob nuvens e aves voando. Ao lado surge vão falso de recorte superior curvo em que os azulejos fazem a ligação à janela de iluminação de toda a capela, seguido de painel com pilastras duplas novamente junto ao altar. Do lado da epístola, junto ao altar, está a *Adoração dos Pastores*.⁽⁴⁸⁵⁾

Museu Grão-Vasco

Os azulejos que se apresentam ao público estão incorporados nas paredes, na sua função decorativa. Provinham de dependências da Sé, encontrando-se aqui os mesmos padrões azuis de 2 × 2 que se vêem nos corredores da Catedral, incluindo alguns painéis ornamentais de cestos, tudo, como ali, dos centros oficiais de Coimbra, dos princípios do século XVIII.

Numa sala vemos um belo painel-registo de 5 × 4, pintura azul, cercadura muito simples, mostrando a imagem de Santa Brígida. Na parte inferior uma cartela tem a legenda: S. BRIZIDA / G^{ter} MEF 1729. Informa-me o Director do Museu, Dr. Russel Cortez, que este painel foi por ele adquirido no Porto. Na sua opinião teria sido feito por um oleiro, talvez de Gaia de nome Gualter.⁽⁴⁸⁶⁾

No átrio os azulejos são provenientes de outro sítio. São painéis azuis historiados, e um com representação de meninas. A moldura é policroma, centro azul de mau desenho, fabrico de Lisboa dos fins do século XVIII.

Nossa Senhora dos Remédios, Capela de (ou Capela da Misericórdia)

Capela de pequenas dimensões, planta sextavada no corpo da nave, em que o espaço entre os vãos e altares é preenchido por silhares de 16 azulejos de altura em azul e branco. Apresenta pilastras laterais ornadas por acantos e concheados *rocaille* muito estilizados a enquadrar reserva figurada de desenho simples, de pouca qualidade. Produção coimbrã. A inscrição no lintel da porta de entrada aponta a data de 1742 para a construção desta capela, no entanto já em 1738 a documentação revela que se verifica então escritura com os mestres-pedreiros e, em 1739, a doação de casas para a construção da capela e sacristia.⁽⁴⁸⁷⁾ Os azulejos serão posteriores, de meado do século.

A iconografia remete para os santos eremitas em contemplação e penitência para lá de pequenos painéis com o *Menino Jesus* (painel danificado), do lado do evangelho, e o *Regresso da Sagrada Família do Egipto*, sobrepujada por medalhão com um sol, do lado da epístola, introduzindo assim a simbologia mariana. Identifica-se representação de Santa Maria Egípcíaca (*espelho* no medalhão de topo e *árvore* no da base), segue-se eremita que, na série de gravuras por Johan Sadeler e Raphael Sadeler, do inventor Maarten de Vos (cerca

(485) LEAL, 1990, pp. 1526-1889. (PRA)

(486) No *Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Território Continental: Constituição do Repertório Iconográfico*, 2006, levado a cabo pelo Dr. Cândido Jacob para o distrito de Viseu, não se regista a existência deste painel e dos azulejos de cestos (albarradas) referidos por Santos Simões.

No entanto, regista-se existência na reserva de painel historiado 12 × 12, já sem os azulejos da parte superior, tipo «Fábrica do Rato» em fundo azul, estrutura arquitectónica adossada em tom mais claro e almofadas rebaixadas ocre, decoração *rocaille* a manganês e apontamentos ocre com um ramo com três rosas sobre o concheado central que se estende para o registo superior incompleto da reserva para figuração; tal dificulta a identificação iconográfica, colocando-se a hipótese de se tratar da *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*.

Na reserva do museu existe também conjunto desmontado de três silhares provenientes do claustro do museu de 14 azulejos de altura e largura variável (6, 8 e 10). Têm rodapé marmoreado manganês de 2 de alto, estrutura arquitectónica com supedâneo de almofadas com marmoreado e botões circulares nos cantos, pilastras com anjinhos, volutas, concheado na parte superior suportando o entablamento, centro rebaixado no centro com reserva onde se vê: *Anjo Serafim* no painel mais estreito, a *Visitação* com medalhão no supedâneo com símbolo não identificado e, finalmente, painel com a introdução do lado direito de vão de janela com gelosia sobreposto ao fundo de paisagem e que na parte superior tem medalhão em que se representa o *Calvário*. (PRA)

(487) ALVES, 1993c; ALVES, 2001, vols. II e III.

«ESTA CAPELLA HE DO POVO QUE SE FEZ / A CVSTA DAS ESMOLLAS DOS DEVOTOS / ANNO DE 1742». (PRA)

de 1585-86) com o título *Solitudo sive Vitae Patrum Eremiticarum...*,⁽⁴⁸⁸⁾ está representado de modo muito similar identificado como «Sylvia Rufina» (*rosa* no topo, *cedro* na base). No painel um eremita enche cântaro com água que jorra das rochas (*porta* no topo, *fonte* na base); junto à porta, um eremita ajoelhado ergue as mãos em oração (painel danificado no topo, mas com *candelabro* na base), outro eremita contempla a cruz (*poço* no topo, *torre* na base), São Paulo eremita (*lírios* no topo, *palmeira* na base).

Ordem Terceira do Carmo, Igreja da

Corpo – Silhar de 17 azulejos de alto, molduras lisas e enquadramento concheado, pintura azul. Fabrico de Lisboa de cerca de 1745-50. A figuração é dividida por painéis e consta de temas laicos: cenas portuárias muito curiosas, vendo-se numa delas (do lado da epístola) a «aguada» de uma nau ostentando a bandeira com a Cruz de Malta. No primeiro plano está a fonte, encimada pela estátua de um tritão, na qual se abastecem em barris vazios vários moços, vendo-se também uma aguadeira negra. A paisagem é de ruínas de fortalezas e uma ponte com seu cruzeiro a meio. Deve tratar-se de figuração inspirada numa gravura francesa, vendo-se no navio, além da bandeira, um escudo com cinco lises. Do lado do evangelho, a paisagem também é ribeirinha, junto a uma praia, onde vários personagens aguardam a refeição que está a ser preparada numa fogueira. Noutros painéis menores figuram cenas pastoris ou ainda navais.

Capela-mor – Nesta quadra, de planta octogonal, os azulejos são do mesmo tipo, agora apenas a guarnecer as portas laterais, de composições concheadas e anjinhos, numa altura de 19 azulejos.⁽⁴⁸⁹⁾

Sacristia – O silhar é de 26 azulejos de altura, recortado e pintado a azul. A figuração é de ermitões e serão de cerca de 1770-80. Os painéis guarnecem o espaldar do arcaz e continuam nas sobreportas, enquadrando armários.⁽⁴⁹⁰⁾

Ordem Terceira de São Francisco, Igreja da

No interior do corpo e capela-mor silhares recortados, constituindo vários painéis com passos da Vida de São Francisco. Emolduramentos *rocaille* com pilastras. Todo o desenho é azul sendo os ornatos bem traçados e as figuras bastante toscas. A coloração é azul e o esmalte perfeito.

No emolduramento aparecem marmoreados roxos e amarelos e, na parte superior, há flores com folhas verdes. Devem ser de Coimbra, talvez mesmo de Sousa Carvalho.

Na nave, junto à porta de entrada, representa-se, do lado da epístola, *A Renúncia de São Francisco aos Bens Terrenos Perante o Bispo*, e, do lado do evangelho, *São Francisco Oferece as Suas Antigas Vestes*.

Prossegue a narrativa, do lado do evangelho, com a cena *São Francisco a Acolher Santa Clara*; em painéis duplos segue-se *Milagre das Silvas Transformadas em Rosas* e o *Sonho do Papa Inocêncio III de São Francisco a Salvar a Igreja*. Do lado da epístola, representa-se *São Francisco a Pregar aos Irmãos* e *São Francisco a Autorizar o Ensino da Teologia a Santo António*, lendo-se nas mãos do livro que o irmão ajoelhado segura: «*Placet / sulat(?) / um. / Cum / Pieta / 12*»; finalmente surge *São Francisco em Oração e Contemplação*.

(488) Vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 344 e segs.; ALMEIDA, 2005. (PRA)

(489) O lançamento da primeira pedra verificou-se em Junho de 1734, estando as obras de pedraria concluídas em 1738, a cargo de António Ribeiro e Pascoal Rodrigues. Desse ano é a execução do retábulo-mor, atribuível a João Correia Monteiro. De 1764, é a escritura para dourar toda a obra de talha do arco cruzeiro, retábulos colaterais, púlpitos e sanefas e, de 1765, pintura ao nível da cobertura interior. A obra de azulejaria situar-se-á entre estas intervenções. Vide: ALVES, 2001, vols. I e III; ALVES e VALE, 1965, pp. 125 e segs.; EUSÉBIO, 2002. (PRA)

(490) Neste espaço a produção parece ter diferente origem, talvez fabricação coimbrã, sendo idênticos aos da Capela de Nossa Senhora dos Remédios desta cidade, mas em bom estado de conservação (ver entrada).

Apresentam rodapé policromo de fundo manganês, almofadas a azul, rectangulares de cantos cortados em quartos de círculo e botões salientes, com motivos fitomórficos a enquadrar florão central sobre fundo verde. Sobre este desenvolve-se todo o painel em pintura azul. Sobre a iconografia dos eremitas vide: ALMEIDA, 2004, vol. 1, pp. 344 e segs. e vol. 4; ALMEIDA, 2005. (PRA)

Na capela-mor em painéis mais estreitos, do lado da epístola, apresenta-se *São Francisco e o Anjo Músico e Estigmatização*, enquanto do lado oposto surge a *Agonia e Morte de São Francisco* e a *Glorificação do Santo*.⁽⁴⁹¹⁾

Santo António, igreja do Asilo de (antigo Mosteiro de São Bento)

Já mencionado no volume IV do *Corpus de Azulejaria*⁽⁴⁹²⁾ como um dos mais interessantes núcleos do século XVII na região, alberga ainda este antigo convento um vasto repositório de azulejaria do século XVIII, que se encontra instalado no corpo da igreja. São dois paramentos enormes, de cerca de 1730-40, tendo ao todo 66 azulejos de alto por outros tantos de largo. A composição é muito curiosa, tendo na parte inferior figuras gigantescas de atlantes com grinaldas. Na parede do lado da epístola há um nicho de bela talha ladeada de dois grandes anjos e, para os lados, grandes folhas de acantos. Acima do friso estão as figuras divididas em dois andares sobrepostos. São cenas da Vida de São Bento, com jardins onde se vêem fontes ornamentais, figuras passeando, pavões, etc. É, no género, das maiores e mais exuberantes composições que tenho visto.⁽⁴⁹³⁾

XXX

Ainda na primeira porta do corpo se colocaram cruces da Via Sacra, provavelmente trazidas de outro local, e um painel truncado. O arco triunfal que suporta o coro também tem azulejos figurados, com anjinhos transportando emblemas beneditinos.

Encontramos na nave da igreja dois conjuntos distintos: um correspondendo aos dois panos de azulejos junto ao arco triunfal e os painéis menores que se situam mais próximos da entrada da igreja, provenientes de outros espaços do mosteiro, correspondentes a uma Via Sacra e talvez a uma datação anterior.⁽⁴⁹⁴⁾ Trata-se de cinco painéis com quatro cruces da *Via Crucis*, para a meditação e oração associada aos passos da Paixão de Cristo, aqui com os passos números 1, 2, 3, 5 e 8 e o painel final do *Calvário*; além destes, do lado da epístola, sob a cruz n.º 3, encontra-se silhar de azulejos decerto recolocação de azulejos de outro local, com elementos do emolduramento semelhantes ao grande conjunto da nave e com partes de painéis com fontes. Os azulejos junto ao arco triunfal e altares colaterais estão atribuídos a Teotónio dos Santos,⁽⁴⁹⁵⁾ bem anteriores às conhecidas intervenções de renovação da talha retabular que se reportam a 1749.⁽⁴⁹⁶⁾ Ressalta todo o emolduramento em arquitectura *trompe-l'oeil* que transfigura o espaço plano e simples da igreja, com um supedâneo côncavo que parte lateralmente de dois atlantes muito *michelangelescos*, suportando cornija saliente e os registos superiores, e a desenvolver de modo horizontal folhagem acantonada de volumetria e dimensões expressivas. O azulejo dota o espaço de um novo carácter cenográfico, de uma linguagem mais *à moderna*, num jogo de volumes, com concavidades e curvaturas, criação de emolduramentos fingidos, caso do vão da porta no lado da epístola ou do nicho do lado oposto. Encontramos, assim, uma relação estreita entre azulejo e arquitectura, como também entre arquitectura e azulejo, pois nos painéis figurados que passamos a analisar encontramos a presença de estruturas e elementos arquitectónicos, quer nos enquadramentos ou a separar cenas e episódios. Seguem-se

(491) A igreja actual – que substitui a construída em 1746 e entretanto arruinada – tem risco do mestre-pedreiro António Mendes Coutinho, de Lamego, com a data de 1757, sendo benzida em 1763, embora a decoração interior não estivesse concluída, nomeadamente a nível de retábulos, imagens, púlpitos (ALVES, 1988). Assim consideraremos os azulejos como datando dos anos subsequentes. Outra bibliografia: ALVES, 1976; VALE, 1949; EUSÉBIO, 2002. (PRA)

(492) SIMÕES, 1971b, t. II, p. 50.

J. M. SANTOS SIMÕES

(493) Sobre o possível pintor dos azulejos e a origem de um pormenor de um dos painéis *vide* SMITH, 1973a, p. 400. FLÁVIO GONÇALVES

(494) É algo comum no meio monástico-conventual, quer feminino quer masculino, sendo inúmeros os casos conhecidos, embora muitos conjuntos estejam fragmentados ou dispersos por terem sido retirados dos seus locais de origem, mercê das vicissitudes que afectaram estes espaços nos últimos tempos da sua história. Muitas vezes situavam-se em locais de passagem, ou no claustro ou na cerca. Entre as Beneditinas é conhecido o caso do desaparecido Mosteiro de São Bento da Ave-Maria onde as religiosas podiam seguir a *Via Crucis* nas cinco capelas que ladeavam a escadaria do pomar e que conduzia ao Calvário, rematado por um nicho com a imagem de São Bento, junto a uma fonte com pégula, assentos e ladrilho em volta (PINHO, 2000, vol. 1, p. 120). (PRA)

(495) MECO, 1989, p. 230. (PRA)

(496) Para contextualizar artística e historicamente toda a obra, *vide*: ALVES, 2001; CORREIA, 1923; EUSÉBIO, 2002; EUSÉBIO, 2005a; SÃO TOMÁS, 1974, t. 2, p. 396; VALE, 1949. (PRA)

os registos superiores em dois níveis com reserva interior para a representação de cenas historiadas relativas à Vida de São Bento e de sua irmã Santa Escolástica:

- 1) *Nascimento de São Bento e Santa Escolástica*
- 2) *Campainha Cortada pelo Demónio*
- 3) *São Bento e a Vida Eremitica*
- 4) *Vitória sobre a Tentação nas Silvas*
- 5) *Destruição do Templo de Apolo em Monte Cassino*
- 6) *A interferência do Padre Florêncio*
- 7) *Encontro de São Bento e de Santa Escolástica*
- 8) *Visão da Morte de Santa Escolástica*
- 9) *Alegoria do Primado São Bento no Seio da Igreja*
- 10) *Símbolos Alusivos à Glorificação de São Bento.*⁽⁴⁹⁷⁾

Sé Catedral

Capela de São Pedro – Capela situada do lado da epístola. Tem revestimento parietal, do pavimento à cornija, numa altura de 33 azulejos. A parede do lado esquerdo tem os azulejos completos, se bem que muito «salitrados». São de pintura azul, em painéis figurando a *Aparição de Cristo a São Pedro*. Desenho tosco de oficina coimbrã. Emolduramento barroco bem composto, com volutas e anjinhos. Serão azulejos de cerca de 1730.⁽⁴⁹⁸⁾

Na parede fronteira o revestimento foi mandado fazer mais tarde, cerca de 1760, para guarnecer uma porta de comunicação com a sacristia. São azulejos de pintura azul, figurando *Cristo Entregando as Chaves a São Pedro*. Emolduramento concheado típico do fabrico de Lisboa. O azulejo acompanha o arco da sacristia.

Capela de São João Baptista – O mesmo tipo de azulejos mais antigos da Capela de São Pedro, desta vez dedicados à iconografia de *São João Baptista*.⁽⁴⁹⁹⁾

Corredor que conduz à sacristia – Alizar de 14 de alto, em painéis azuis figurados com emolduramentos barrocos. Os centros representam paisagens, pastores, etc. Fabrico de Lisboa de cerca de 1745.

XXXI

(497) Este ciclo não se enquadra nas fontes iconográficas mais conhecidas para a Vida de São Bento, a par do que sucede em Viana do Castelo e em Barcelos nas igrejas beneditinas. Exemplo disso é logo o primeiro episódio representado – idêntico na Capela da Cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães – de composição distinta do *Speculum* e ao *Vita et Miracula* (ver entrada relativa a este mosteiro no distrito de Braga). O primeiro registo (lado da epístola) apresenta este episódio do lado esquerdo e, separado por fonte monumental num jardim com pavões e figuras cortesãs, do lado direito, episódios associados à vida eremítica dos primeiros tempos de São Bento, representado em oração numa gruta ou em leitura acompanhado do corvo em plano de fundo, com a bênção e protecção de Nossa Senhora – num cirro de nuvens com o santo recém-nascido ao colo – em primeiro plano no episódio da *Vitória sobre a Tentação nas Silvas*, próximo do fresco de Sodoma, do Claustro de Monte Olivetto Maggiore, em Siena (ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 4). No registo superior, à esquerda, surge *Destruição do Templo de Apolo em Monte Cassino* e, mais uma vez, fonte monumental a separar e a criar eixo central simétrico, dando lugar *A interferência do Padre Florêncio*.

No lado do evangelho, no primeiro registo, mais estreito pela presença de vão de janela, surge, em primeiro plano à esquerda, o *Encontro de São Bento e de Santa Escolástica*, idêntico aos azulejos de Viana do Castelo tal como a *Visão da morte de Santa Escolástica* em plano de fundo. No registo superior, um episódio original na azulejaria beneditina, mas comum na literatura laudatória da ordem, com a *Alegoria do primado São Bento no seio da Igreja* em que São Pedro, primeiro papa e fundador da Igreja, levando as chaves na sua mão esquerda, entrega a São Bento a tiara e a cruz pontifícia; mais à esquerda, em segundo plano, representa-se o próprio São Pedro com uma representação figurada da Igreja a receber as *Chaves* do próprio Cristo a seu lado, ao fundo os barcos em que Pedro e os Apóstolos acompanhavam Jesus, tendo passado de pescadores de peixes a pescadores de almas, aqui a lembrar a Empresa XII da obra emblemática de Fr. João dos Prazeres intitulada «Entrega o Summo Pontifice São Hormisda o governo dos Mosteyros Latarenense & Vaticano a São Bento; & institue o Santo Patriarcha, em cada hũ delles, hũa Universidade» com uma máxima: «Todo o edificio, por mays sumptuoso que seja, para se conservar necessita de reparo» (PRAZERES, 1685-1696).

A encerrar esta leitura laudatória representam-se no revestimento dos arcos da parede do coro com símbolos a mitra e o báculo, a tiara e a cruz pontifícia.

Em 1993-94, procedeu-se à conservação e consolidação do revestimento azulejar da capela-mor e nave da igreja, compreendendo a colocação de azulejos em falta pela antiga DGEMN. Vide www.monumentos.pt. (PRA)

(498) Foram pagos (como os da Capela de São João Baptista da mesma Sé) em Fevereiro de 1722, tendo sido fabricados em Coimbra pelo oleiro Agostinho de Paiva, segundo desenho presumível do pintor Manuel da Silva. Sobre estes azulejos e demais da Sé de Viseu, vide ALVES, 1976, pp. 464-465. FLÁVIO GONÇALVES

Trata-se dos episódios correspondentes à *Pesca Milagrosa* e à *Entrega das Chaves a São Pedro*. (PRA)

(499) Do pintor Manuel da Silva, na oficina de Agostinho de Paiva, Coimbra, 1722 (MECO, 1989, p. 214). A capela é coberta por azulejos azuis e brancos, historiados, representando o *Baptismo de Cristo* e *São João Baptista com o Cordeiro e a Cruz*, onde se lê «ESE (sic) AGNOS DEI», ou *Bom Pastor* (www.monumentos.pt). Na parte inferior do revestimento, correspondente ao supedâneo, o primeiro episódio referido contém medalhão central ladeado pelos habituais anjos, neste caso serafins tocando trombeta, e onde se vê o *Agnus Dei* / Cordeiro sobre o Livro e com a Cruz e, no segundo painel – mais estreito –, a representação de jardim murado (*Hortus Conclusus*?). (PRA)

Claustro – Há azulejos em duas das quadras (sul e poente), numa altura de 30 azulejos. Na parede da quadra do poente os painéis representam a *Fuga para o Egipto*,⁽⁵⁰⁰⁾ *Anjos e Adoração dos Magos*. Na outra parede estão três grandes painéis com passos da Vida de São Teotónio. São todos de oficina de Coimbra de cerca de 1720;⁽⁵⁰¹⁾ limitando a figuração duas cariátides e barras de grinaldas e carrancas.

Sala do Capítulo – Silhar em todo o redor, com 20 azulejos de alto. São azuis, em grandes painéis, representando imperadores: ALEXANDRE MAGNO / CAIO. CALIVOLA / TITO VIS / PIZIANO. Vemos ainda dois pequenos painéis com fidalgos fumando cachimbo e outro em pé. Haveria outro painel, actualmente truncado pela abertura de uma porta, e no qual se representam pugnas singulares. Nos lados da porta os painéis representam cenas frívolas. O desenho é mau e o azulejo imperfeito. As cercaduras são rectas com atlantes aos cantos.⁽⁵⁰²⁾

Torre do lado sul – Tem quadrante de relógio com 14 × 14 azulejos de pintura azul, tipo de Coimbra.

DISTRITO DE AVEIRO

CONCELHO DE ÁGUEDA

ARCOS DE ANADIA

São Paio, Igreja Paroquial de

Apenas existem azulejos na capela-mor, em quatro painéis parietais de 20 de alto, colocados entre pilastras de massa. Os painéis são rectangulares mas recebem, na parte superior, uma guarnição recortada, pintada sobre fundo branco manchado de azul.

Os quadros propriamente ditos são limitados por cercaduras barrocas arquitecturais, de pintura azul, tendo os centros figurados com cenas alegóricas referentes ao Sacramento da Eucaristia, esclarecidas por legendas:

(500) Este painel representa o *Regresso da Sagrada Família do Egipto* para Nazaré. É de notar que o desenho da composição – de um artista bisonho, talvez de Coimbra – se baseia na pintura que Rubens dedicou ao mesmo assunto. Sobre este tema iconográfico, que a Contra-Reforma largamente difundiu, vide: RÉAU, 1955-58, t. II, pp. 286-287; GONÇALVES, 1963. FLÁVIO GONÇALVES

(501) No arquivo do Museu de Grão-Vasco foram extraídos os seguintes documentos do Cabido de Viseu:

– Recebi sinco moedas de oiro da mão do Senhor Doutor Manoel de Matos por conta do azulejo q faso pera a See de Vizeo a preso cada milheiro catorze mil reis. 20 de Março de 1720. Agostinho de Paiva.

– Recebi da mão do Snr Doutor Mel. De Matos e como as recebi fiz este enq. Me assinei oje 23 de Junho de 1720 decalro (sic) que são três moedas de ouro por conta do acento de azuleygo (sic) da Vizeo. Joseph de Goês.

– Digo eu Agostinho de Paiva mestre oleyro que eu resevi da mão de Manoel da Silva pintor da mesma cidade de Coimbra que eu resevi seis moedas de ouro de coatro mil e outro sentos RS a conta do azulejo que se há de fazer pa. Se da Cidade de Vizeu e përa sim for na verdade e não saber ler nem escrever roguey a domingos Baptista pintor asistente nesta sidade de Coimbra q. este por mim fizese como fez. Sendo seus signos q. costuma fazer hoje dez de Fevereiro de mil e sete centos e vinte e dous anos. Agostinho de Payva.

– Recebi da mão do Snro Mel. da Silva seis moedas de ouro de quatro mil e outro centos Rs. A conta do azulejo que ei de assentar na Se da Cidade de Uizeo e de como as recebi pasei este por mim feito e asinado oije 25 de Abril de 1722 annos. Joseph de Goês.

– Digo eu Agostinho de Payva me. oleyro desta cidade de Coimbra q. he verdade q. recebi da mam de Mell. da Silva pintor desta cid.e de Coimbra 6 moedas de oiro de quatro mil e oito centos cada huma e por não saber ler nem escrever roquei a Mel. da Silva q. esta por mim fizesse hoje 23 de Mayo de 722 a. Manoel da Silva. Agostinho de Payva. J. M. SANTOS SIMÕES

O primeiro painel referente à Vida de São Teotónio (fundador e primeiro prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, mas que em Viseu tomara as ordens sacerdotais, onde depois recusa a mitra episcopal) representa o santo a impor o hábito aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, cerimónia a que assiste o Rei D. Afonso Henriques. O segundo painel mostra São Teotónio a interceder junto de D. Afonso Henriques, acompanhado pelo seu séquito militar, pela libertação dos moçárabes feitos cativos em terras de mouros.

O sítio www.monumentos.pt, na ficha de inventário referente à Sé de Viseu, dá conta de como, em 1921, se verifica a conclusão da remoção dos azulejos existentes no interior da Sé para o claustro. As últimas intervenções de restauro, consolidação e conservação do revestimento azulejar da galeria inferior do claustro decorreram entre 1998 e 1999, tendo sido removidos em 1996 para esse fim (www.monumentos.pt, 2008). (PRA)

(502) Na galeria superior do claustro, além dos painéis junto à entrada da Sala do Capítulo, também há revestimento de azulejos em silhares de 9 azulejos de altura azuis e brancos, guarnição por barra de padrão 2 × 2 com motivos fitomórficos e figuração de albarradas em alternância de dois módulos correspondentes a cestos e vasos floridos ladeados na parte inferior por cães e pássaros, respectivamente. São produção de Coimbra a lembrar o claustro dos Gerais, na Universidade, claustro do Colégio de Santo Agostinho e Enfermaria de São Jacinto do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, dessa cidade, provavelmente da mesma oficina; vide: MECO, 1989, p. 152; SANTOS, 2007.

Sobre a Sé Catedral vide: ALVES, 1976; ALVES, 1995; EUSÉBIO, 2002; EUSÉBIO, 2005b; SERRÃO e DACOS, 1992, pp. 37-54; SERRÃO, 2003; SMITH, 1963a; VALE, 1949; VV.AA., 2000. (PRA)

Do lado do evangelho:

1) *Jesus em Casa de Maria e Marta*, com as legendas

VENITE ET CO
MEDITE

Neste painel há ainda a inscrição:

ESTE OBRA DE A
ZULEIO MAN
OV FAZER O S^{RO}
AIRIS DE SA E MELO
no anno de 1747⁽⁵⁰³⁾

2) Grupo de cinco rústicos junto a uma mesa sobre a qual está... um leitão assado:

VICTIMA TRANS
SITVS DOMINI EST

e na parte inferior:

POR DEVOSAM=
Q̃ TE, AO SS
ANTISSIMO SA
CRAMENTO
no anno de 1747

Do lado da epístola:

3) Figura de homem dormindo sob uma árvore ao qual aparece anjo oferecendo um pão:

HIC EST PANIS
QUI DE CELO DES
CENDIT

e na parte inferior:

ESTE OBRA DE A
ZULEIO MAND=
DOV FAZER O S^{RO}
AIRIS DE SA E MELO
no anno de 1747

4) Arca da Aliança entre anjos:

... CE TABERNACV
LVM DEI CVM HOM=
INIBVS

(503) Outro Sá e Melo (o Cónego D. João das Neves de Sá e Melo) mandou azulejar a igreja de Sernache dos Alhos, em 1770.

J. M. SANTOS SIMÕES

E em baixo:

POR DEVOSA
N Ñ TEM O SA
NTISSIMO SACA
RAMENTO
no anno de 1747

São azulejos de fabricação coimbrã já referidos no «Arquivo Distrital de Aveiro». ⁽⁵⁰⁴⁾

SANGALHOS

São Vicente, Igreja de

Na fachada duas cruzes de 12 × 7, recortadas, respectivamente com a 1.^a e 11.^a estações da Via Sacra. As cruzes, de pintura azul, são de Coimbra, tendo na base as inscrições. ⁽⁵⁰⁵⁾

I – ESTACAM
XI – ESTACAM

SERÉM

Santo António, igreja do antigo Convento de

Sobre a porta de entrada da igreja, enquadrando um nicho, azulejos com anjinhos, sane-fas e vasos recortados, tudo em pintura azul, trabalho típico de Coimbra.
Numa nave e na capela-mor silhares de azulejo branco, liso, apenas limitados por cercadura azul. ⁽⁵⁰⁶⁾

CONCELHO DE AROUCA

AROUCA

Santa Maria, Mosteiro de

A sumptuosa Igreja das Bernardas, ligada tradicionalmente à Rainha Santa Mafalda, riquíssima pela sua decoração de talha, estatuária e outros mimos, apenas tem azulejos na capela-mor, estes de padrão «almofadado» dos fins do século XVIII e fabricação coimbrã. ⁽⁵⁰⁷⁾
No resto do convento, recentemente terminado, há azulejos na Sala do Capítulo, provisoriamente adaptada a capela privativa dos Padres Salesianos, que ocupam uma parte dos edifícios conventuais. ⁽⁵⁰⁸⁾ Em todo o redor da sala, acima da bancada, distribuem-se dez painéis de cabeceiras recortadas, tendo na maior altura 20 azulejos. Os painéis separados por composições fingindo pilastras marmoreadas e encimadas por vasos floridos ao gosto rococó, têm na parte central várias paisagens fantasiosas, pintadas a manganês realçado a verde e reproduzindo certamente gravuras holandesas, como se depreende das arquitecturas e da presença de moinhos de vento, típicos da Holanda.

XXXII

(504) *Arquivo Distrital de Aveiro*, n.º 44, 1945, p. 73; GONÇALVES, 1959, p. 69.

J. M. SANTOS SIMÕES

(505) Já não existem estes azulejos. (PRA)

(506) *Vide*: ARAÚJO, 1962; FERREIRA, 1999; FIGUEIREDO, 2008; GONÇALVES, 1959, VI, pp. 29-30. Os referidos azulejos brancos de barra azul já não existem; no entanto, Ana Paula Figueiredo refere que a documentação indica que terão existido azulejos de figura avulsa no convento, à semelhança de outros conventos da província da Conceição. *Vide* FIGUEIREDO, 2008, vol. 1, p. 237. (PRA)

(507) Trata-se de padronagem tipicamente pombalina, provavelmente da mesma data dos azulejos da Sala do Capítulo. Apresentam-se em silhares rectangulares de 13 azulejos de altura, assente sobre rodapé de 2 azulejos de altura marmoreados a verde e manganês e delimitado por cercadura com friso de acantos estilizados. É combinação de padronagem de azulejos com florão central, pintados a azul, e de azulejos de motivo em cruz diagonal, pintados a manganês.

O mesmo esquema repete-se nas escadarias interiores do mosteiro com acesso pelo claustro em silhares de 9 azulejos de altura, embora apresentando muitos azulejos de substituição recente em simultâneo com áreas de muitas falhas no revestimento.

Para a história da arte do mosteiro no século XVII a XX com maior incidência na arquitectura e talha, *vide* ROCHA, 2003. (PRA)

(508) Actualmente os espaços monásticos foram recuperados e musealizados, sendo a Real Irmandade Rainha Santa Mafalda de Arouca a responsável pelo Museu de Arte Sacra. (PRA)

Os emolduramentos de ordenação barroca, com elementos concheados, são pintados a azul, com efeitos marmoreados roxos e verdes.

É trabalho típico das oficinas de Coimbra e possível de atribuir a Sousa Carvalho. A sua semelhança com os azulejos da Universidade de Coimbra permite supor, para estes, uma data próxima de 1780.⁽⁵⁰⁹⁾

CONCELHO DE AVEIRO

AVEIRO

Carmelitas, igreja do antigo Mosteiro das

XXXIII

A igreja é, com o Convento de Jesus, dos exemplares onde a talha dourada se pode admirar no período do apogeu dos entalhadores portugueses. O acompanhamento azulejar completa o conjunto, sendo de lamentar o estado de abandono a que este notável templo está votado. Em 22 anos – 1942 a 1964 – é notório o avanço da ruína e o desagregamento da talha.

O corpo e a capela-mor têm alizar de 17 azulejos de altura, representando cenas de ermitões e emblemas carmelitas. Na capela-mor tem particular interesse a porta fingida de azulejo. A data de 1704 que está na sacristia é anterior aos azulejos, que são de fabrico coimbrão de cerca de 1740.⁽⁵¹⁰⁾

Na torre, o mostrador do relógio tem 8 × 8 azulejos, com algarismos romanos a mangalhões e ornamentação acessória a azul.

Museu de Aveiro (ou de Santa Joana, antigo Mosteiro de Jesus)

XXXIII

Na igreja a abundância e riqueza da talha condena todos os restantes mimos artísticos a uma posição secundária. Assim estão os azulejos, que forram a parte inferior das paredes acompanhando os caprichos de talha recortados, do púlpito, etc.

Nas paredes da nave o alizar tem 14 azulejos de altura e conforma-se com os silhares do tipo correntemente encontrado em Aveiro, de pintura azul, provavelmente fabricados em Coimbra, cerca de 1740. Na capela-mor os azulejos são de fabricação diversa dos da nave, pintura azul e desenho mais correcto, produto lisboeta de cerca de 1720-30. São cinco painéis de grande interesse iconográfico, pois que pretendem representar passos da Vida da Infanta Dona Joana, tão intimamente ligada a este convento.⁽⁵¹¹⁾

Representam efectivamente:

- 1) Entrada da Infanta no convento acompanhada por seu pai (?) e mais pessoas. A princesa vem belamente ataviada com um toucado «à la fontange» e é esperada pela priora, que se vê na porta entreaberta.
- 2) Noviciado.
- 3) Ordenação.
- 4) Enterro.
- 5) Transladação, seguindo a urna levada por quatro bispos debaixo do pálio a cujas varas seguram cavaleiros com o hábito de Cristo.

(509) Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no prelo. (PRA)

(510) Estão datados de 1737. Vide GOMES, 1895 (*Catálogo da Exposição de Arte Religiosa...*)

FLÁVIO GONÇALVES

Atribuídos à oficina de António Vital Rifarto, pintor dos azulejos da Sé do Porto. Vide FREITAS, 1973; MARTINS, 2001a.

Para a história do Mosteiro de São João Evangelista, que, em 1658, recebeu as primeiras religiosas carmelitas, sob o patrocínio do 4.º Duque de Aveiro, D. Raimundo de Lencastre, embora só em 1704 tenha começado a construção da igreja, vide: BELINQUETE, 1996; GONÇALVES, 1959, pp. 130-133; NEVES, 1957, pp. 241-257. (PRA)

(511) Vide: MADAHIL, 1957, pp. 130-132.

FLÁVIO GONÇALVES

Mosteiro de Jesus de religiosas dominicanas, fundado em 1458. Em finais do século XVII recebe importante campanha de renovação artística e arquitectónica em que participa o arquitecto João Antunes. A ampliação da capela-mor é de 1720 e de 1728 as pinturas da igreja, da autoria do pintor português Manuel Ferreira dos Santos. Vide: ALMEIDA, 2001, pp. 111-115; GONÇALVES, 1959, pp. 112-127; NEVES, 1958, pp. 199-216; PEREIRA, 1989; SERRÃO, 2003. (PRA)

Estes painéis, de desenho correcto e gracioso, estão emoldurados por festão de folhagens. São certamente do mesmo autor dos painéis da antiga Misericórdia do Funchal, provavelmente o monogramista PMP.

No centro do claustro, revestindo os canteiros, há pequenos alizares de azulejo azul, historiando cenas campestres do género, por exemplo, dos azulejos do jardim do antigo Palácio dos Marqueses de Minas, em Lisboa.

No átrio de entrada foram dispostos alguns painéis azuis, recortados, provenientes da antiga catedral, em cujo edifício abandonado se vêem as cicatrizes do arranque. ⁽⁵¹²⁾

Santo António, igreja do antigo Convento de

Na igreja que era propriamente a do convento da primeira Ordem, há azulejos na capela-mor e, bem assim, ladeando os dois altares colaterais da nave. São azulejos de Coimbra, de pintura azul, em grandes painéis recortados que atingem 33 na altura central. O emolduramento, de grande desenvolvimento e riqueza ornamental, acusa a influência directa dos decoradores lisboetas de cerca de 1740. A figuração, de mau desenho, resulta esmagada pela exuberância decorativa envolvente e refere-se a dois passos do hagiológico antoniano: *Aparição do Menino Jesus a Santo António* e *Pregação aos Peixes*. Junto aos altares colaterais os azulejos enquadram com uma janela e guarnecem a parede de fronteira, pretendendo aqui imitar a janela gradeada.

A sacristia é a peça mais notável da igreja, com seu arcaz, pintura e tectos compartimentado. A parte livre das paredes tem painéis de azulejo azul, do tipo dos da capela-mor, de fabricação coimbrã com barras de folhas encurvadas. Em quatro dos painéis a figuração refere-se a Milagres de Santo António.

Após incêndio em 1712, procede-se à reconstrução da sacristia no ano seguinte. ⁽⁵¹³⁾ O revestimento azulejar parte de silhar de 4 azulejos e meio de altura com composições ornamentais, sobre fundo azul-escuro, com volutas, acantos, frutos e *putti* segurando panejamento e ladeando cartelas com símbolos antonianos: corda, açucena, livro e cruz. Na parte superior, sobre os vãos e armários laterais, repete-se o esquema com acantos e medalhão central liso. Na figuração encontram-se os mais famosos milagres da hagiografia antonina:

- 1) *Pregação de Santo António aos Peixes*,
- 2) *Milagre Eucarístico / Milagre da Mula*
- 3) *Milagre da Ressurreição de Um Jovem para Ilibar o Pai*.

Na antessacristia prevalecem três cruzeiros da Via Sacra de 4 azulejos de altura e 2 de largura máxima, recortados, com pintura a azul e manganês, correspondentes aos passos 8 (?), 9 e 10.

São Francisco, Ordem Terceira de

Está este templo anexo à igreja do antigo Convento de Santo António.

Paralela à nave da igreja conventual, se bem que mais curta está a capela que servia os Irmãos Terceiros. Tem o corpo azulejado com silhar em painéis de 28 de alto, acima de um rodapé de cantaria. De pintura azul os emolduramentos são mais sóbrios do

(512) Na sua reserva o museu possui conjunto de silhares de azulejos provenientes do Recolhimento de São Bernardino (Aveiro), que estavam expostos no átrio ao tempo da visita de Santos Simões. São silhares recortados de 23 azulejos de altura, pintura a azul, de moldura de forte carga ornamental sobre a estrutura arquitectónica *trompe-l'oeil*, recuando acentuadamente no centro, partindo de duplo supedâneo com plintos salientes lateralmente onde assentam consolas acantonadas e *putti* atlantes a sustentar a parte superior, rematada por urnas e frontão de acantos e motivos fitomórficos com cabeça de anjinho no centro; o registo intermédio tem reserva para figuração – na maior parte dos painéis correspondente a paisagem, a figuras civis, exceptuando um caso de representação de eremita – e o registo superior tem medalhão oval, na maior parte dos painéis também com figuração – geralmente pastores ou eremitas. Alguns dos azulejos estão em mau estado, alguns fracturados, alguns em falta.

Existe ainda, desmontado, silhar de molduras *rocaille*, de pintura em azul, com cena profana, fluvial. (PRA)

(513) BASTO, 1963, pp. 400-401 e 490; GONÇALVES, 1959, pp. 133-138; SANTIAGO, 1762. Era convento da Ordem dos Frades Menores, da província da Soledade, fundado em 1524. Para iconografia antoniana *vide*: ALMEIDA, 2004, vols. 1 e 4; MECO, 1995, vol. 3. (PRA)

que os que vemos na igreja vizinha e provavelmente um pouco mais recentes em data – cerca de 1745-50. A figuração dos painéis inclui o *Trânsito de São Francisco*, o *Encontro de São Francisco com Santo António*, além de figuras de romeiros e eremitões.⁽⁵¹⁴⁾ Trata-se também de azulejo coimbrão, característico pelo azul e pelas incorrecções do desenho. O conjunto formado pelo belo retábulo de talha faz desta capela uma das mais ricas de Aveiro.

Sé Catedral (antigo Convento de São Domingos)

No templo que serviu de igreja ao convento dominicano, há azulejos em vários locais. Na nave estão dispostos em silhar, e na parte das paredes livres de cantaria: são painéis recortados com 19 azulejos na altura maior, incluindo 2 de rodapé marmoreado verde e manganês. O emolduramento é concheado rococó, vulgar na fabricação coimbrã com vidrado muito brilhante e o desenho da figuração pouco correcto. Os dois painéis maiores, ladeando a porta principal, representam *São Domingos Recebendo o Rosário de Nossa Senhora* e *São Gonçalo de Amarante Pregando aos Peixes do Tâmega, enquanto Operários Constroem a Ponte*.

Outros painéis de menores dimensões têm, nos centros, emblemática mariana, com legendas latinas: são ao todo quatro emblemas.⁽⁵¹⁵⁾ Os restantes painéis ostentam apenas paisagens. Um dos painéis de azulejo do lado da epístola apresenta *São Tomás de Aquino como Doutor Angelicus*, isto é, alado; em frente, outro painel, mostra-nos *São Domingos queimando os livros heréticos*. Tipologicamente os azulejos da nave demonstram pertencer ao ciclo de fabricação coimbrã de Sousa Carvalho, ou seja, de época próxima de 1790.

CONCELHO DE ÍLHAVO

VISTA ALEGRE

Nossa Senhora da Penha da França, Capela de

A formosíssima capela, com proporções de igreja, mandada fazer pelo Bispo D. Manuel de Moura Manuel é principalmente conhecida pela presença do magnífico túmulo deste prelado, devido ao escultor Claude Laprade. Não são menos notáveis, porém, outros mimos artísticos da capela e da sacristia, onde o seu fundador se esmerou, não olhando a despesas. Interessa salientar, entre estes, os magníficos azulejos que revestem as paredes da nave em toda a altura, onde ressalta a intensidade da pintura azul e o encanto das cenas pintadas.

São estes azulejos atribuíveis a Gabriel del Barco, de tal sorte são tão características a sua maneira de pintar e até a tonalidade do azul que empregava. Também cronologicamente, a obra dos azulejos coincide com a do acabamento da capela, que se processava

XXXIII

(514) O primeiro painel, à entrada da igreja, do lado do evangelho, representa duas figuras masculinas que apontam para gruta de eremita (aqui a recolocação arbitrária de azulejos apenas permite entrever a cruz e a caveira); o painel seguinte apenas mostra duas figuras masculinas a apontar para a esquerda num contexto paisagístico, já sem a gruta; após o retábulo lateral, surgem novamente duas figuras masculinas que conversam; finalmente, na parede do arco triunfal, surge o *Encontro de São Francisco com Santo António*. Do lado da epístola, está representado *São Francisco Consolado pelos Anjos* que Santos Simões identifica como o Trânsito do santo; segue-se painel com duas figuras em conversação, painel com frade ajoelhado perante caveira, livro e cruz junto a jovem caçador, painel com eremita numa gruta com livro aberto nas mãos, eremita numa gruta contemplando cruz e caveira, o livro aberto no regaço enquanto no exterior está um homem com um cajado.

Dentro da iconografia franciscana, permite leitura interessante. Para lá dos dois painéis que directamente se ligam a São Francisco – e a Santo António padroeiro do convento adjacente – apresenta-se a dialéctica entre o exemplo da vida dedicada a Deus, na entrega e despojamento totais, na meditação da Palavra, na contemplação da Cruz e da efemeridade da vida humana, presentificada nos eremitas, e entre a vida temporal, profana, representada no caçador, no pastor, nos observadores, que são de facto todos os homens e, em específico, os Irmãos da Ordem Terceira que se reuniam nesta igreja, sob a égide, sob a bênção dos frades franciscanos.

Sobre a iconografia dos eremitas e da Ordem de São Francisco vide: ALMEIDA, 2004; ALMEIDA, 2005. Ver bibliografia citada na nota anterior e também RIBEIRO, 1946; RIBEIRO, 1952. (PRA)

(515) Lírio «QVASI... LILIVM», cedro (?) «QVASI (?)».

Os edifícios do Convento de São Domingos tiveram incêndio grave no século XIX e apenas a igreja sobreviveu, sendo no século XX transformada na sede episcopal. Vide: ARROTEIA, NEVES e SEMEDO, 1989; GONÇALVES, 1959, pp. 107-112. (PRA)

nos últimos anos do século XVII (1698), época em que del Barco estava em plena actividade. A composição é feita «à holandesa», isto é, um primeiro revestimento da parte baixa das paredes com painéis de figuração de paisagens. Seguem-se os quadros de figuração mariana, que são o principal motivo iconográfico. Os quadros estão separados por barra de folhagens mas onde aparecem já pequenos anjos.

Nos vãos das portas há grandes figuras de santos ou ermitões e forrando a parte superior destes vãos, as armas do Bispo D. Manuel de Moura Manuel, em painéis igualmente de azulejos.⁽⁵¹⁶⁾

O programa iconográfico começa na nave, do lado da epístola, junto ao arco triunfal:

- 1) *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*
- 2) *Desposórios de Nossa Senhora e São José*
- 3) *Santo em Penitência*

Na parede lateral da nave:

- 4) *Adoração dos Pastores*
- 5) *Adoração dos Reis Magos*⁽⁵¹⁷⁾
- 6) *Fuga para o Egípto*
- 7) *São Cristóvão e o Menino Jesus*

Nos lados da porta lateral:

- 8) *Santo Antão*
- 9) *Santo ?*

Do lado do evangelho, junto ao arco triunfal:

- 10) *São Jerónimo*
- 11) *Anunciação*⁽⁵¹⁸⁾
- 12) *Visitação*⁽⁵¹⁹⁾

E na nave:

- 13) *Paisagem (monte com igreja no topo – Gólgota?)*
- 14) *Calvário*
- 15) *Deposição*
- 16) *Assunção*

Na porta lateral:

- 17) *São Paulo Eremita*
- 18) *São Pedro*

(516) José Meco aponta provável colaboração de Gabriel del Barco com Garcia Ramires (PEREIRA, 1989, pp. 66-69). Vide: GONÇALVES, 1959, vol. VI, pp. 180-187; XAVIER, 1991. (PRA)

(517) Segue gravura de Annibale Carracci, segundo Ludovico Carracci, verificando-se no entanto distinta disposição dos personagens. (PRA)

(518) A fonte de inspiração aqui parece ser a gravura de Jerónimo Wierix, 1607, tirada de Nadal, *Evangelicae Historiae Imaginae*, embora em negativo nos azulejos.

(519) Tanto a *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*, os *Desposórios*, a *Visitação* apresentam particularidades iconográficas interessantes. No primeiro painel o Sumo-Sacerdote surge sentado num trono para onde Nossa Senhora se dirige; no segundo, o Sumo-Sacerdote é representado do lado esquerdo da composição e Nossa Senhora e São José do lado direito, com semelhanças com a gravura de Schelte A. Boslwert segundo Rubens e pintura de Bento Coelho da Silveira em Vila Franca de Xira (1694-1704) mas com São José em primeiro plano; finalmente, a *Visitação* tem agrupamento de personagens em segundo plano invulgar na disposição e enquadramento, Nossa Senhora surge à direita no cimo de uns degraus e Santa Isabel fica mais abaixo. (PRA)

DISTRITO DE COIMBRA

CONCELHO DE ARGANIL

CELAVISA

São Miguel, Igreja Paroquial de

Na capela lateral do lado da epístola, silhar recortado em dois painéis azuis figurados, fabrico de Coimbra de cerca de 1740. Na parte da cabeceira os azulejos foram compostos para acompanhar as frestas que iluminam a capela, onde há motivos decorativos concheados. Os centros figuram dois passos da *Parábola do Filho Pródigo*, desenho mau. Nas sobreportas azulejadas os medalhões mostram os apóstolos *São Pedro* e *São Paulo*.

Ladeando o arco e junto às portas, guarnições de pilastras e concheados, encimados por urnas recortadas.

CONCELHO DE CANTANHEDE

CANTANHEDE

Nossa Senhora da Conceição, igreja do antigo Convento de⁽⁵²⁰⁾

Na capela-mor silhar de 20 azulejos, em painéis rectos, limitados por elementos de pilastras, concheado discreto e pintura azul, de Coimbra. Tem toques de amarelos, verdes e roxos marmoreados.

Estão muito bem conservados, e serão de cerca de 1780. Representam cenas marianas e jesuínas.

No total são dez painéis com leitura iconográfica circular iniciada sensivelmente a meio da parede do lado do evangelho e terminando nesse mesmo lado. Assim, do lado do evangelho temos a *Fuga para o Egipto*, *Imaculada Conceição*, *Nascimento da Virgem*, *Desposórios da Virgem*; e no lado da epístola, a *Adoração dos Magos*, *Adoração dos Pastores*, *Apresentação do Menino no Templo*, *Visitação* e *Anunciação*. Os enquadramentos arquitectónicos fingidos que envolvem as reservas figurativas apresentam pilastras fingidas sobrepostas, de perfil côncavo e pintura a azul, verde e amarelo, colocadas lateralmente aos quadros narrativos, as quais descansam sobre um embasamento volumétrico, pintado a azul, desenhado segundo um ritmo de saliências e reentrâncias de faces pintadas a verde e com cartelas de formas concheadas túrgidas colocadas nos eixos axiais de cada painel. O remate destes enquadramentos arquitectónicos fingidos é feito por um entablamento rectilíneo, que segue o ritmo de saliências e reentrâncias do embasamento, acolhendo também cartelas de molduras concheadas com reserva central lisa preenchida por efeito de marmoreado a amarelo.⁽⁵²¹⁾

(520) Foi igreja do convento franciscano capucho de Nossa Senhora da Conceição de Cantanhede (província de Santo António). É, desde a última década do século XIX, Igreja da Misericórdia de Cantanhede. Apenas a capela-mor apresenta revestimento azulejar, com um silhar policromo de perfil rectilíneo, de 16 azulejos de altura, formado por vários painéis de composição figurativa alusiva à iconografia mariana, assentes em rodapé de 4 azulejos (na parte com cota mais baixa da capela-mor), pintados com efeitos marmoreados a azul e manganês sobre fundo branco. Os enquadramentos são policromos, em tons azuis, verdes e amarelos, enquanto que a pintura da reserva figurativa se restringe ao azul sobre fundo branco. (DS)

(521) A mão deste conjunto é a mesma dos núcleos que encontramos na Igreja Paroquial de São Pedro de Vila Seca, na Igreja Paroquial de São Tomé em Mira, na Igreja Paroquial de São Martinho do Bispo, na Igreja da Misericórdia de Pereira, na Igreja Paroquial de São Vicente na Guarda, na Igreja de São Francisco da Ordem Terceira em Viseu, na igreja do antigo Mosteiro de Celas, na igreja do antigo Mosteiro de Semide (nave), na Sé de Aveiro, no claustro e Capela de Nossa Senhora da Piedade da igreja do antigo Colégio do Carmo em Coimbra, na capela da Portaria e capela-mor da igreja do antigo Colégio de Santo António da Pedreira, no vestíbulo do 1.º piso do antigo Colégio de São Jerónimo, nalgumas dependências da Universidade de Coimbra, entre outros (SANTOS, 2007). (DS)

TOCHA

Nossa Senhora da Atocha, Igreja Paroquial de

O grande templo, dedicado a Nossa Senhora da Atocha, uma das apelidações madrilenas de Nossa Senhora, foi guarnecido de azulejos em duas épocas diferentes, respectivamente na nave e na capela-mor. É notável o conjunto decorativo, particularmente o do corpo da igreja, cujas paredes têm forro azulejar com enormes painéis recortados, que atingem ao centro 34 de alto. Contam-se, nesta parte da igreja, dez composições apaineladas, ligadas entre si pelo emolduramento comum de ornatos concheados, magnificamente compostos. Cada painel contém uma cena explicativa por legenda latina, contida na cartela superior do emolduramento. Referem-se a cenas de heroínas bíblicas que a Igreja adoptou como prefigurações de Nossa Senhora. Nas paredes laterais há quatro painéis por lado, a saber:

XXXIV

Do lado da epístola:

- 1) *Cena do Livro de Ester*
- 2) *Cena do Livro de Judite*
- 3) *Cena da Vida de Débora*
- 4) A parte oculta e destruída pelo coro não permite a leitura completa da legenda, depreendendo-se, no entanto, que se trata de uma cena alusiva à Vida de Sara.

Do lado do evangelho:

- 5) *Cena da Vida de Abigail*
- 6) *Cena da Vida de Maria Jabelem (sic)*. O dístico está prejudicado pelo púlpito, o qual ocupa parte da cena figurada.
- 7) *Cena do Livro de Raquel*, também parcialmente mutilado pela abertura de uma janela.
- 8) Figuração ininteligível. O painel foi desfigurado em parte pela porta que dá acesso ao coro e, na parte superior, pelo próprio coro.

Na parede fundeira, ladeando a porta principal, estão duas curiosas alegorias. Do lado do evangelho:

- 9) Grande composição com muitas figuras e vários dísticos tendo, na parte superior infelizmente mutilada, a figura de *Cristo* e a de *Nossa Senhora* mostrando os seios.

Na parte inferior a legenda:

O SUPREMO JUIZ
DE TODO O MUNDO
DOS HOMENS TAN
TAS VEZE PROVOCA
DO, DETERMINA LA
NÇAR NO MAIS PRO
FUNDO, OS INFAMES
AUTORES DO PEECADO
JA LAUANTA O FLAGELO
FURIBUNDO JA VAI A SER
TUDO ARRUINADO: MAS A MAY Ñ
LHE DEU HUMANIDADE MOSTRA
OS PEITOS E O VOLTA A PIEDADE

Do outro lado:

- 10) Composição semelhante com várias alegorias e legendas. Na parte inferior lê-se:

A CELESTE CIDADE Q̃ ADORNADA
 COMO ESPOZA PARA ESPOZO VEM DESCENDO
 EM MARIA SE VE DEZEMPENHADA
 QUE A GLORIA PARA A TERRA VEM TRAZENDO
 E PONDOA DEATALAYAS BEM ARMADA
 A VAI DE VIRTUDES GUARNECENDO
 PORQUE EMFIM UE CIDADE DO SENHOR
 QUE NOS GUARDA SEU PODER E SEU AMOR

Toda esta azulejaria veio de alguma das boas oficinas lisboetas em ano próximo de 1750.⁽⁵²²⁾

Na curiosíssima capela-mor⁽⁵²³⁾ estão os azulejos datados de 1763 em painéis recortados, de pintura azul, em silhar de 16 de alto, desta vez com a figuração central de emblemas marianos, e respectivas legendas.⁽⁵²⁴⁾ Na parte inferior o rodapé, aliás incorporado nos painéis, de pintura manganês. Foram fabricados em Coimbra e, não tendo a delicadeza nem a monumentalidade dos da nave, são no entanto dignos de notícia.

CONCELHO DE COIMBRA⁽⁵²⁵⁾

ALMALAGUEZ

Nossa Senhora da Alegria, Capela de⁽⁵²⁶⁾

Fica no alto de um outeiro acessível pelo Rio de Galinhas, depois de uma marcha de cerca de 1500 metros.

A capela-mor tem silhar de azulejos em painéis recortados, pintura azul, de Coimbra, de cerca de 1750. Na maior altura tem 14 azulejos. Os painéis, de emolduramento barroco da transição para o concheado, são coroados com anjinhos e representam, do lado do evangelho:

- 1) *Adoração dos Magos*
- 2) *Adoração dos Pastores*

À ilharga do altar:

- 3) *Nossa Senhora da Conceição*

(522) CORREIA, in *Diário de Coimbra*, 16-X-1936, atribui os azulejos do corpo da igreja ao estilo dos Oliveira Bernardes.

J. M. SANTOS SIMÕES

(523) Em 1971 faz-se o reassentamento dos azulejos da capela-mor. Vide «Igreja Matriz da Tocha», www.monumentos.pt, 2005. (DS)

(524) Vide: CORREIA e GONÇALVES, 1952, p. 40.

FLÁVIO GONÇALVES.

(525) Sobre a actualização das jurisdições territoriais das freguesias que integram o elenco relativo ao Distrito de Coimbra importa referir que na edição de 1979 Santos Simões integrou, por lapso, a freguesia de Pereira no concelho de Coimbra, quando, na verdade pertence ao concelho de Montemor-o-Velho desde 1853. Assim, mantendo a ordem do elenco original apresentado pelo autor, optámos por acrescentar o separador «Concelho de Montemor-o-Velho» antes da entrada Pereira, continuando a ordem do elenco de Santos Simões para o concelho de Coimbra a partir da entrada seguinte, correspondente à freguesia de São Martinho do Bispo. (DS)

(526) Na capela-mor está um silhar com por vários painéis de azulejos de composição figurativa, com pintura a azul sobre fundo branco, de temática religiosa mariana. No lado do evangelho, observa-se a *Adoração dos Magos*, a *Adoração dos Pastores* e a *Imaculada Conceição*, no lado da epístola o *Nascimento da Virgem*, a *Anunciação* e a *Visitação*. Neste último lado há ainda a representação de uma porta fingida que faz espelho com a porta da sacristia. Os painéis apresentam espaldar recortado e os seus enquadramentos arquitectónicos fingidos são decorados por motivos concheados, por entre mísulas e volutas, e no coroamento os anjos erguem os símbolos marianos do Sol e da Lua. As pilastras de separação dos painéis são rematadas por urnas chamejantes. (DS)

Do lado da epístola:

- 4) *Nascimento da Virgem*
- 5) *Anunciação*
- 6) *Visitação*

Deste lado, em face da porta da sacristia, uma porta fingida em azulejo, muito curiosa. Pelas paredes há vários ex-votos, alguns muito recentes, em fotografias, ou pintados e datados.⁽⁵²⁷⁾

CASAL DOS PEREIRO

Santa Luzia, Capela de

No interior há um alizar de 7 de alto com azulejos de padrão pombalino, de Coimbra, vulgares.⁽⁵²⁸⁾

CASTELO VIEGAS

Santo Estêvão, Igreja Paroquial de

Não foi possível, na altura da minha visita, encontrar as chaves da igreja. Assim transcreve-se apenas o que consta do *Inventário Artístico*, vol. IV, p. 49: «revestem a parede do topo azulejos do meado do século XVIII, só a azul, de fabrico de Coimbra, compondo dois quadros: *Sagrada Família* e *Virgem da Anunciação*».⁽⁵²⁹⁾

São Miguel, Igreja Paroquial de

Azulejos na capela lateral do lado da epístola, forrando a parede lateral e parte da do fundo, frente ao retábulo. São azulejos em dois painéis recortados, com vasos nos extremos, pintura azul de Coimbra, de cerca de 1750. A altura maior de cada painel é de 29 azulejos. Entre o coroamento dos dois painéis está o óculo guarnecido também com seus azulejos recortados. Enquadramento barroco manifestamente inspirado nas composições do ciclo oficial lisboeta Antunes-Freitas, mas pintura de mão menos experiente. Os centros têm respectivamente a *Sagrada Família* e *Aparição do Espírito Santo à Virgem*, que aliás, aqui, traça de freira, tendo ao fundo um convento.

CERNACHE

Nossa Senhora da Conceição, Igreja de

O conjunto da azulejaria desta igreja pode considerar-se de notável, particularmente para o estudo da azulejaria coimbrã. Na capela-mor os azulejos revestem o silhar em painéis recortados de 23 azulejos ao centro, incluindo 4 de rodapé marmoreado azul e verde com florões roxos. Os painéis são de pintura azul com enquadramento concheado e centros figurados. Do lado do evangelho vemos:

- 1) *Construção da Arca de Noé* e legenda: *ut salvetur semen*
- 2) *Judite com a cabeça de Holofernes* e a legenda: *tu gloria Jerusalem*

(527) Entre os ex-votos, e por o achar bastante curioso, destaco este: «MILAGRE QUE FES N. SADA ALEGRIA AVMA SUA DEVOTA Q tendo hum filho Cativo em Arigele apegando-se com N.ª S.ª de lhe Fazer huma novena de hum ano estando no ultimo dia da sua promessa emoração. Sentido entrar gente pella Capela olhou para traz viu o seu Filho e mais o Argellino prezo com grilhois aos pés. Como lá os trazia enum estante ali se achavão naquelle logar este cazo consta por pessoa q virão os grilhois e estiverão expostos na Capella até era 1593 e sendo Irmão Manoel Sps de almalgas em cujo poder pozerao os dittos grilhois Ficando so o cadeado q ainda se conserva nesta Santa Caza. Anno de 1697».

(528) Na capela-mor observa-se um silhar policromo de azulejos com padronagem pombalina formada por rosetas pintadas alternadamente a azul e manganês sobre fundo branco. Dois terços da nave apresentam também um silhar igual ao da capela-mor. (DS)

(529) A parede de topo da capela lateral do lado do evangelho é revestida com painéis de azulejos, a azul sobre fundo branco, nos quais figuram *A Sagrada Família* e *a Anunciação*. (DS)

Do lado da epístola:

- 3) *Salomão e a Rainha do Sabá: peter mater meias.*
- 4) *A Arca da Aliança e as duas legendas: arca foederis propiciatorium Dei e Nunquam defuit eis*

A nave e a parede fundeira estão revestidas com sete grandes painéis recortados (agora com 26 azulejos de alto), dos quais um incompleto. É uma série mariana de figuração convencional. Na parede fundeira, um dos painéis representa a *Aparição de Nossa Senhora da Conceição a Um Santo*, na presença de uma rainha e de um guerreiro.⁽⁵³⁰⁾ Na parte superior está, no azulejo, o brasão dos Sá e Melo.

No outro painel, mutilado, lê-se parte da legenda:

feito
sendo prior desta irgra (sic)
D. João das Neves de Sá e
Melo Con. Reg. na era
de 1770

Junto dos altares colaterais há ainda dois painéis, semelhantes aos da nave, agora com 30 azulejos centrais e representando, respectivamente, a *Assunção* e *David perante Saul*.⁽⁵³¹⁾

COIMBRA

Casa da Infância Dr. Elísio de Moura (antigo Colégio de Santo António da Pedreira)

Capela de Santo Agostinho: Situada do lado direito do patamar da entrada, e defendida deste por gradeamento de ferro. Os painéis, já dos finais do século XVIII, são avivados com verdes, manganês e amarelos. Os azulejos representam cenas da Vida de Santo Agostinho, em silhar de 14 de alto e cabeceiras recortadas.

Patamar: o painel único, se bem que da mesma época, não tem figuração, antes um enorme dístico refere a fundação do Colégio.

Entrando no edifício chega-se ao átrio, revestido de vasos floridos. Igual decoração se vê no pequeno claustro, atingindo aqui uma altura de 7 azulejos sobre rodapé branco.

Capela: Todo o corpo da capela é revestido de azulejos de tipo ornamental, com cenas da Vida de Nossa Senhora e de Santo António. Serão azulejos da mesma época dos do claustro e do átrio, de cerca de 1760. As composições são enormes – cerca de 40 azulejos de altura – em painéis de cabeceiras recortadas, no centro das quais pende um reposteiro franjado com borlas. Na parte inferior, o azulejo espelha as duas portas que se encontram na parede fronteira.

Os painéis que se encontram junto dos altares laterais, ainda incorporados no corpo, parecem-me, no entanto, de época anterior. Estão colocados numa altura de 13 azulejos, com cabeceiras lisas, e representam cenas de ermitões.

Na capela-mor os painéis são já do tipo dos da Capela de Santo Agostinho, isto é, posteriores aos azulejos do corpo. São duas enormes composições. A do lado esquerdo representa *O Nascimento de Jesus* e a do lado direito a *Adoração dos Magos*. Os painéis têm 19 azulejos de alto com cercaduras lisas. Os centros são azuis, mas a parte inferior da moldura é pintada com bastantes amarelos. Serão de cerca de 1780-90.

XXXIV

(530) Para uma correcta identificação dos temas, *vide*: CORREIA e GONÇALVES, 1952, p. 53.

(531) Sobre este edifício *vide*: GONÇALVES e CASTRO, 1983. (DS)

O arco triunfal é igualmente forrado com atlantes e anjos ornamentais, de cerca de 1760. No *corredor* da igreja para a sacristia o silhar é de 10 de alto, do tipo de figura avulsa, sem cantos, da mesma época provavelmente dos azulejos do claustro e claustro. Na *sacristia* os painéis são três, representando cenas da Vida de Santo António, em 9 de alto. O azulejo aqui é de desenho tosco, diferente de todos os que vimos anteriormente.

O *refeitório* é revestido em 9 de alto com azulejos recortados, também de cerca de 1760. As cabeceiras são levemente mais azuis que os centros. Estes representam caçadas e assuntos pastoris.⁽⁵³²⁾

Ingressando no edifício pela entrada da portaria, subidos os quatro degraus e passada a porta com grades de ferro, entramos num exíguo átrio de distribuição que nos indica, por meio de um painel de azulejos setecentista, a existência de uma capela dedicada a Santo António, situada à direita, que acolhe uma imagem de *Nossa Senhora da Piedade dos Aflitos*, à qual se associa a concessão de indulgências a quem a visitar e lhe rezar desde as vésperas até ao pôr do sol no dia da Conceição:

O S.P. PIO [] CONCEDE INDULGENCIA
PLENARIA PERPETUA. ATODAS [A]S PES=
SOAS QUE. CONFESSANDO=SE E COMUNGANDO.
VIZITAREM A IMAGEM DE N. S.A DAPIEDADE DOS
AFLICTOS. QUE SEVENERA NESTA CAPELA DE S.
ANTONIO. DESDE AS VESPORAS. [TH]É PR DOSOL DO
DIA DACEIÇÃO DAS. ROGANDO ADEOS PELA UNI=
AO.DOS PRINCEPES CHRISTAOS EXTIRPAÇÃO
DAS HERESIAS E EXALTAÇÃO DAS.TA
IGREJA CATHOLICA

Nesta capela há quatro painéis figurativos de temática antonina – *Pregação de Santo António aos Peixes em Rimini*, *A libação do pai de Santo António*, *Morte de Santo António* e *Milagre Eucarístico da Mula* – e dois com representações simbólicas – os símbolos antoninos da cruz e do lírio –, os quais se dispõem nas paredes laterais em silhar assente em rodapé marmoreado a verde e roxo de manganês, formado por painéis com cabeceira recortada de pintura policroma cuja composição figurativa se inscreve em campos rectangulares. A linguagem decorativa do enquadramento dos painéis, pintada a azul, verde, amarelo e roxo de manganês, é bastante contida sendo marcada a divisão entre os campos figurativos por pilastras rematadas por vasos floridos. Sobre cada painel [exceptuando o Painel 3 colocado por baixo de um óculo oval para iluminação do interior] estão colocados, em jeito de frontões, espaldares recortados decorados com alguns elementos *rocaille* combinados com motivos vegetalistas resultando uma aparência próxima à estética típica do rococó final. Há uma directa influência da gravura 7 da série alemã *Vita Sanctii Antoni Paduani* (12 gravuras da autoria de Martin Engelbrecht sobre desenhos de Thomas Scheffer) no Painel 4 da dita capela, que representa o *Milagre Eucarístico da Mula*. As semelhanças são significativas, principalmente ao nível da organização da composição, a qual é distendida de maneira a ser ajustada ao formato longitudinal do painel rectangular.⁽⁵³³⁾

(532) A sul do morro da universidade, num local cuja toponímia antiga coimbrã convencionou chamar de *Sítio da Pedreira*, à vista imediata de quem desce as escadas de Minerva ergue-se o edifício que foi o colégio universitário dos frades franciscanos da província de Santo António da Observância, hoje Casa da Infância Dr. Elísio de Moura.

Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; RODRIGUES, 1982; SANTOS, 2007. (DS)

(533) *Vide*: SANTOS, 2007; SANTOS, no preloa; SANTOS, no preloa. (DS)

O vestíbulo da portaria tem silhar de azulejos, a azul e branco, de composição ornamental de motivos seriados – vasos floridos 6×3 ladeados por aves – separados por azulejos brancos, enquadrado por cercadura não identificada por Santos Simões (variante de C-121) cujo padrão, a azul e branco, apresenta uma flor de quatro pétalas ao centro, a partir da qual se desenvolvem quatro pequenas hastes enroladas.

O claustro apresenta silhares de composição ornamental de repetição linear, datados para os inícios do século XVIII, importantes para o estudo desta categoria tipológica em Coimbra. Como guarnição foi aplicada a cercadura C-104 composta por padrão de motivos vegetalistas.

Na igreja, a capela-mor concentra em si um conjunto decorativo digno de nota pela diversidade de manifestações artísticas que apresenta: desde o revestimento azulejar, ao retábulo em talha policromada que integra uma pintura sobre tela de grandes dimensões onde figura a cena da *Última Ceia*, e, ainda, o tecto em madeira com pintura perspéctica, onde está representada a *Coroação da Virgem*. Pela variedade de suportes e expressões artísticas se fundem diferentes temáticas iconográficas que vão ao encontro dos temas dominantes da espiritualidade franciscana, o afecto cristocêntrico e a Incarnação. Dois painéis de azulejo integram, até meia altura, os alçados laterais deste espaço – cujas representações figurativas remetem para a iconografia da *Infância de Cristo*, com dois temas complementares da iconografia da *Natividade*: a *Adoração dos Pastores*, na parede do lado do evangelho, e a *Adoração dos Magos*, na parede do lado da epístola. Os painéis apresentam enquadramentos policromos, revelando-se o desenho dos elementos arquitectónicos fingidos muito contidos nos pormenores decorativos que reportam já para o estilo rococó na sua fase final, apresentando-se as reservas centrais, com as cenas figurativas, pintadas a azul e branco.⁽⁵³⁴⁾

A nave, com cobertura abobadada, apresenta alçados laterais muito simples, os quais não incluem capelas ou altares, ocupando o seu lugar grandes painéis de azulejos setecentistas. Assim, nas paredes dos alçados laterais observa-se um silhar que inclui três painéis figurativos incidentes na iconografia antoniana – *Milagre Eucarístico da Mula*, *Aparição da Virgem e do Menino a Santo António* e *Santo António com o Menino nos Braços* – e outros, de menor dimensão e junto dos altares colaterais, de temática eremítica. A ornamentação dos enquadramentos do grande silhar anula o impacto das reservas figurativas de formato oval, as quais passam despercebidas por entre o aparato sugerido pela profusão de elementos decorativos de vários géneros. A sugestão de arquitecturas fingidas, ao criar encenações ilusionistas que surgem combinadas com os vários elementos decorativos (como meninos atlantes, querubins, anjos, volutas, panejamentos com borlas, festões, urnas floridas, entre outros), faz deste núcleo um exemplo da aposição da linguagem do barroco *romano* na azulejaria portuguesa. Nos painéis que recebem as cenas da vida do taumaturgo português surgem, no remate dos espaldares cerâmicos, anjos que seguram crucifixos floridos.⁽⁵³⁵⁾

O coro da igreja é bastante pronunciado, sendo sustentado por uma abóbada de aresta de grandes dimensões que, conseqüentemente, marca a zona do subcoro, o qual se faz separar do restante espaço por um largo arco abatido, integralmente revestido de azulejos onde figuram meninos atlantes, conchas, festões, palmetas por entre mísulas e outros elementos arquitectónicos fingidos. O revestimento azulejar do subcoro é constituído por painéis de azulejos brancos (8 de altura) com uma cercadura não identificada por Santos Simões cujo padrão, a azul e branco, apresenta uma flor de quatro pétalas, ao centro, a partir da qual se desenvolvem quatro pequenas hastes enroladas (trata-se de uma variante de C-121).

(534) Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no preloa. (DS)

(535) Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no preloa. (DS)

A sacristia localiza-se em duas divisões colocadas lateralmente e atrás da capela-mor. O primeiro compartimento é um estreito corredor, situado no lado da epístola, com um desenvolvimento paralelo ao arruamento, onde está um armário embutido e o lavabo, apresentando-se revestido por um silhar de 10 azulejos de altura com três painéis de azulejo de figura avulsa e guarnição de azulejos, a azul e branco, não identificada por Santos Simões, que se aproxima às cercaduras com os padrões C-59 e C-104 (trata-se de uma cercadura idêntica àquela que se verifica nos azulejos da escadaria do Colégio de São Pedro dos Religiosos Terceiros). Nesses painéis concentram-se múltiplas figuras retiradas do mundo da flora (em dominância sobre os restantes motivos), surgindo também algumas aves e outros animais – um leão e um coelho –, construções e figuras antropomórficas, entre as quais estão dois «fumadores de cachimbo» e também bustos de carácter burlesco, como um homem com véu e turbante e um «homem-gato». Ainda na sacristia, na sala do arcaz, há três painéis com representações da Vida de Santo António – *Milagre do Pé Decechado*, *Milagre Eucarístico da Mula* e *Santo António em Oração* – os quais se incluem pelas suas características nas primeiras décadas de Setecentos. Pintados a azul e branco os painéis, assentes sobre rodapé de azulejos de figura avulsa, estão delimitados por uma cercadura decorada por enrolamentos de acantos desenhados a branco sobre fundo azul, apresentando a parte figurativa um desenho algo fruste, utilizando abusivamente as linhas de contorno, e com um deficiente tratamento dos modelados e da perspectiva.⁽⁵³⁶⁾

No refeitório o silhar de azulejos setecentistas está assente num rodapé de azulejos modernos, de fabrico industrial, numa altura que indicia a existência de bancos corridos a toda a volta da sala, funcionando, então, o revestimento azulejar como espaldar daqueles assentos. Os painéis aí integrados são de temática profana que se pode interpretar como tendo uma especial relação com a alimentação. A caça e a pesca são, na verdade, os temas em enfoque nos painéis deste refeitório, os quais oferecem ao espectador uma exposição visual, detalhada e pormenorizada, acerca das técnicas possíveis da prática da caça, e cuja finalidade principal seria o provimento dos alimentos que ali mesmo são consumidos. Para este conjunto em concreto foi apurada a influência da gravura europeia em algumas formas aí representadas: algumas das gravuras da autoria de Philippe Galle da série *Venationes ferarum, avium piscium* (1578) exerceram forte influência sobre as representações observadas em certos painéis.⁽⁵³⁷⁾

Espírito Santo, antigo edifício do Colégio do

Mantinhm os frades Bernardos um dos famosos colégios da Sofia. No edifício, posteriormente bastante alterado, instalaram-se vários serviços e escritórios, mas conservam-se ainda alguns magníficos azulejos na verdade «importantes para a história do azulejo coimbrão».

No átrio de entrada da Rua da Sofia n.º 96 fica o silhar de 12 de alto em painéis lisos, de cercadura concheada azul, centros pintados a manganês com cenas venatórias, no desenho convencional de Coimbra de cerca de 1760. Esta mesma azulejaria é continuada na escada e ainda em uma das paredes do antigo claustro, sendo manifesto que foram trazidos para aqui de outro local.

Os azulejos primitivos deste claustro serão os que formam o resto do silhar, de 12 de alto, em tapetes de figura avulsa, enquadrados por barra azul.

(536) Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no preloa. (DS)

(537) O pintor de azulejos concebeu as composições individualizando certas práticas e técnicas de caça que surgem representadas, por exemplo, nas gravuras 56, 67, 72 e 75 das *Venationes* transformando-as no seu tema principal, surgindo os enquadramentos paisagísticos, mais ou menos dilatados, adequados à dimensão de cada painel. Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no preloa; SANTOS, no preloa. (DS)

Alguns destes azulejos são desenhados a manganês, o que os torna excepcionalmente raros. São todos de fabricação coimbrã, da primeira metade do século XVIII.⁽⁵³⁸⁾

Colégio das Artes, antigo edifício do/antigos Hospitais da Universidade⁽⁵³⁹⁾

A capela faz parte integrante do Hospital. No pequeno *átrio* de entrada o silhar é de 10 azulejos de altura, azuis e brancos, cabeceiras lisas. Os centros representam cenas franciscanas. Trabalho lisboeta de cerca de 1740.

Na *capela-mor* os painéis têm igualmente 10 de altura e mostram-nos cenas da Vida de Santo Inácio, sendo a parte inferior dos silhares guarnecida com grinaldas de flores. Os azulejos são do mesmo tipo dos anteriores e de trabalho muito bom, não me admirando que se tratasse de trabalho de algum discípulo de Oliveira Bernardes.

Nos *quartos particulares*, no *átrio* superior, o silhar é recortado, com emolduramento *rocaille* azul, centros figurados magenta-escuro. Representam, do lado da rua, os *Quatro Elementos* e, os quatro restantes, figuras de reis e imperadores.

Na *escadaria*, nos patamares, há pequenos painéis historiados policromos, curiosos.

Na *portaria* o silhar é de 11 de alto, em painéis recortados, azuis, com cenas pastoris.

Toda esta última série é de fabricação coimbrã dos finais do século XVIII.⁽⁵⁴⁰⁾

No *átrio* e primeiro lanço de uma *escadaria* de acesso ao 1.º piso (na ala sul, próximos à portaria) podemos encontrar um revestimento azulejar de padronagem pombalina que provavelmente se estenderia a outras dependências do edifício, a julgar pelos vestígios encontrados em outros espaços misturados com a grande quantidade de azulejos modernos, de fabrico industrial, que imitam o padrão original pombalino. O silhar que reveste as paredes do *átrio* e do primeiro lanço da *escadaria* tem 9 azulejos de altura e assenta sobre um rodapé marmoreado a roxo e verde. O padrão é composto pela repetição de 2 azulejos, apresentando, cada um deles, motivos decorativos diferentes: por um lado, um florão pintado a roxo de manganês, no qual a definição de uma zona de sombra e uma tênue linha radial concêntrica sugerem a volumetria do elemento, fazendo-o destacar do fundo neutro branco; por outro, uma pequena flor de oito pétalas, pintada a azul, enquadrada por quatro elementos, também a azul, que partem dos cantos do azulejo, onde se encontram outras flores azuis de menor dimensão as quais são o ponto de ligação com o motivo vizinho. Resulta pois uma dinâmica grelha azul de linhas diagonais, que enquadra florões

(538) O edifício do antigo Colégio do Espírito Santo ou de São Bernardo encontra-se muito alterado nas suas estruturas físicas originais. Após a extinção das ordens religiosas a estrutura colegial foi modificada tendo sido construído o palacete oitocentista que hoje vemos a ocupar grande parte da parcela correspondente à antiga estrutura colegial.

No interior do palacete estão vários painéis de azulejos de cronologia setecentista, e de características que os fazem atribuir às olarias de Coimbra, para os quais desconhecemos a proveniência em concreto – actualmente mantêm-se os painéis mencionados por Santos Simões no *hall* de entrada do palacete, na *escadaria* de acesso aos pisos superiores e num dos claustros. Sobre os azulejos primitivos do claustro secundário, apesar de não ter sido autorizada a visita ao interior do edifício e não realizado o desejado registo fotográfico sabemos que subsiste parte do silhar de azulejos descrito por Santos Simões, sobre o qual pensamos ter apurado (no contexto da nossa dissertação de mestrado) alguns elementos documentais que dizem directamente respeito a esses azulejos. Assim, de acordo com os dados apurados nas notas de despesa deste colégio para o triénio de 1699 a 1701 é indicada uma quantia avultada paga a um azulejador sobre os valores totais da colocação do azulejo no claustro e nas escadas da portaria. A quantidade de unidades encomendadas, nome do azulejador e localização da oficina de produção são omitidos, contudo, julgamos que o valor deverá corresponder a uma quantidade de unidades significativa. Na nota de despesa refere-se o seguinte: «Pagousse o Azulejo que se poz nas escadas da portaria e no claustro, e ao Azulejador com cento e sincoenta e outo mil reis». Se considerarmos a média de preços do milheiro [mil unidades] de azulejos, indicado por Santos Simões, para os inícios do século XVIII – os azulejos de brutescos (painéis figurativos) custavam 30 mil réis o milheiro, os de vasos ou urnas 20 mil réis, os de ramos ou labores (padrão) 12 mil réis, sendo mais baratos os de «estrelinhas» (figura avulsa) custando 10 mil réis – e colocando a hipótese de que o azulejo aplicado tenha sido o mais caro, custando 30 mil réis o milheiro (facto que consideramos remoto pela cronologia da intervenção, pois nesses tempos a azulejaria figurativa de carácter narrativo estava ainda a dar os primeiros passos), os 158 mil réis correspondem a mais de cinco mil unidades cerâmicas divididas entre a *escadaria* da portaria e o claustro. Vide SANTOS, 2007.

Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; LOBO, 1999b; CRAVEIRO, 2002; SANTOS, 2007. (DS)

(539) Denominação da 1.ª ed.: *Hospital da Universidade*. Naquela data os edifícios dos antigos colégios das Artes – Companhia de Jesus – e de São Jerónimo – Ordem de São Jerónimo (ver entrada própria) – albergavam o Hospital da Universidade de Coimbra. Actualmente, continuam a ser propriedade da Universidade de Coimbra acolhendo algumas instalações da Faculdade de Letras, Faculdade de Ciências e Tecnologia (Departamento de Arquitectura). (DS)

(540) Esta descrição englobava, portanto, o núcleo azulejar do antigo edifício do Colégio de São Jerónimo, nomeadamente, no que diz respeito às descrições dos azulejos dos *quartos particulares*, *escadaria* e *portaria*. (DS)

roxos que se destacam do fundo branco pela sua ténue volumetria. Como guarnição está uma discreta cercadura, cujo padrão resulta da repetição de um azulejo, definindo-se duas fitas entrecruzadas – uma lisa, preenchida a azul, desenvolvida longitudinalmente em ziguezague, e outra ondulada, preenchida a branco, desenvolvendo-se em serpentina.⁽⁵⁴¹⁾

Na capela doméstica, ou Capela do Noviciado, um silhar de azulejos de perfil rectilíneo é dedicado à iconografia inaciana, estando representados vários passos da Vida de Santo Inácio de Loiola, o fundador da Companhia de Jesus, ordem que geria este colégio. O revestimento cerâmico deste espaço articula-se formalmente e iconologicamente com o conjunto de painéis de azulejo do espaço precedente, um anteátrio, onde se observam algumas cenas da Vida de São Francisco Xavier – como *São Francisco Xavier em Penitência* e *São Francisco e o Caranguejo* –, outra das figuras carismáticas da Ordem com um papel determinante na acção missionária extra-europeia.

No espaço da capela um silhar de azulejos de pintura a azul e branco corre a todo o seu perímetro, excepto na parede do retábulo, surgindo vários painéis de azulejos, oito deles figurativos e os restantes de carácter ornamental, perfazendo um total de doze painéis. Dos oito painéis figurativos, seis apresentam alguns passos da Vida de Santo Inácio – entre eles destacamos *Conversão de Santo Inácio*, *Velada de Armas como Cavaleiro de Deus à Virgem de Monserrate*, *Prisão de Santo Inácio em Salamanca*, *Santo Inácio Mergulha nas Águas Geladas como Exemplo de Castidade*, *Santo Inácio Despedindo-se de São Francisco Xavier* e *Santo Inácio Apresenta a Júlio III o Projecto do Colégio Germânico* –, observando-se nos restantes, colocados no espaço correspondente à capela-mor, representações de eremitas. Sobre os painéis de temática inaciana verifica-se, em alguns deles, o agrupamento no mesmo painel de duas cenas representativas de episódios da vida do fundador da Companhia de Jesus. No âmbito da nossa dissertação de mestrado conseguimos apurar a fonte de inspiração para alguns painéis junto da obra *Vita Beati Patris Ignatii Loiolae Societatis Iesu Fundatoris*, publicada em Roma em 1610, com gravuras de Jean-Baptiste Barbé sobre desenhos originais atribuídos a Rubens. Esta edição ilustrada da biografia de Santo Inácio de Loiola surge a partir de uma outra realizada para a obra biográfica já citada, da autoria do jesuíta Pedro de Ribadeneyra, a qual surge em Antuérpia em 1610, apresentando gravuras abertas por Theodor e Cornelis Galle e Jerónimo Wierix.⁽⁵⁴²⁾

Museu Machado de Castro⁽⁵⁴³⁾

Lista de registos e painéis datados que se encontram neste Museu:

XXXV

1733 – Legendas de 6 azulejos: ESTA CAP^A MANDOV AZOLEIAR SENDO IVIZA DO GLORI / OSO S^{TO} ANT^O A S^{RA} DONNA FR^{CA} AN^{TA} X^{ER} DE LARA E SOVZA / GARCES DE BRITO NO ANNO DE 1733. (Esta legenda devia estar na mesma capela de onde provêm os brasões dos Sousas, Garcez e Britos).

Painel heráldico com as armas dos Laras, Sousas, Garcez e Britos. O painel não está completo mas emparelha com outro proveniente da Capela de Santo António como se depreende pela inscrição no próprio azulejo, de onde consta que a capela foi mandada azulejar em 1733 por D. Francisca Antónia Xavier de Lara e Sousa Garcez de Brito. São azulejos de pintura azul, muito provavelmente executados em Coimbra.

(541) Vide SANTOS, 2007. (DS)

(542) Vide: SANTOS, 2007; SANTOS, no prelod. Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; MARTINS, 1994; LOBO, 1999a; MARTINS, 2000b; SANTOS, 2007. (DS)

(543) Em uma das salas do piso alto, cujas janelas deitam para o lado do Salvador, conservam-se, infelizmente incompletos, os notáveis painéis de época pombalina, em cujas cartelas se representam alçados dos edifícios universitários mandados fazer quando da Reforma do Marquês de Pombal. Esta sala era de «curiosidades» quando da instalação do museu. Serviu também para expor parte da colecção do legado de Teixeira Gomes e actualmente nela funciona a Secção Infantil do museu.

- 1749 – Grande painel registo, de cabeceiras recortadas, tendo na parte inferior uma cartela, também recortada, com a legenda: S. THEREZA. Altura de 17 azulejos por 6, azul, moldura barroca, e centro com a santa xoroada a quem aparece um anjo.
- 1749 – PAINEL rectangular de $4\frac{1}{2} \times 7$, azul, com toques amarelos e emolduramento barroco de árvores. Seria parte de um silhar?
- 1751 – Registo azul, recortado, de 6×3 azulejos, com legendas: PELAS ALMAS / PADRE NOSO / AVE MARIA.⁽⁵⁴⁴⁾
- 1784 – Restos de cercadura de um painel, com 6 de largo, recortado, em cuja parte inferior se lê: *No ano de 1784 fez Souza Carv°*.
- 1796 – PAINEL registo recortado, de 9×6 . Moldura rococó azul, figuração de Santo António com manganês e verdes.

Nossa Senhora do Carmo, antigo edifício do Colégio de (Lar da Ordem Terceira de São Francisco)

Primeira capela lateral do lado da epístola: Dois painéis azuis de emolduramento recortado e de forma exuberantemente rococó. Nos centros as figurações da Paixão: *Flagelação* e *Coroa de Espinhos*.

Claustros: Os revestimentos da galeria inferior estão quase íntegros, com seu silhar formado por grandes painéis recortados, tendo na parte central 23 azulejos de altura. São ao todo vinte painéis, da mesma ordenação ornamental, emolduramento concheado manganês e centros figurados a azul. Assentam sobre rodapé marmoreado de 4 de alto. A figuração está explicada em letreiros latinos contidos em cartelas centrais na parte superior de cada painel. Referem-se a passos da Vida de Santo Elias. Esta notável decoração é enriquecida com o guarnecimento das sobreportas com motivos arquitectónicos e vasos floridos policromos, tudo da mesma época e fabricação de Coimbra de cerca de 1770.

Sala do Consistório ou dos Actos Solenes: Foi o antigo refeitório. Em todo o redor (em parte oculto por mobiliário burocrático) silhar de painéis recortados, pintura azul, enquadramentos de magnífica ordenação barroca, tendo cada painel duas alegorias, cada qual com sua legenda explicativa. São normas morais e didácticas. Estes painéis, de fabricação coimbrã, poderão ser de cerca de 1740. Na parte inferior, o alizar que ficaria sob os bancos, tem 4 de alto, com azulejos de figura avulsa, tipo vulgar de Coimbra.

Claustro do piso superior: As paredes são totalmente cobertas de azulejos azuis, em silhar de 8 de altura. São azulejos muito notáveis e os primeiros que vejo deste tipo: imitando tecido lavrado, com sua franja de borlas. Não tenho a certeza da data, mas poderão ser do meado do século XVIII e certamente de Coimbra.

Enfermaria de São Jacinto: No átrio e escadas que davam entrada à antiga Biblioteca do Colégio, silhar de 13 azulejos, azuis com barras próprias, grandes vasos floridos

Estes azulejos foram objecto de um artigo publicado no periódico de Coimbra *Resistência* (n.º 155, de 13 de Agosto de 1896) e, já nessa altura, se lhes reconhecia grande valor e interesse iconográfico.

José Queiroz deixou alguns breves apontamentos em folhas soltas acompanhados de pequenos *croquis* com dimensões, etc. Supunha-se, com razão, que os desenhos dos edifícios tinham sido copiados das próprias plantas e alçados que serviram às obras pombalinas mas nem o articulista do *Resistência* nem José Queiroz tiveram ensejo de examinar os originais.

Guardam-se nos Reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra um grande álbum encadernado contendo desenhos de plantas e alçados das obras pombalinas e, bem assim, dois livros de mais pequeno formato, com os mesmos desenhos. Outro grande álbum, irmão do primeiro, pertencendo provavelmente à livreria do Marquês de Pombal, foi encontrado à venda em Londres e adquirido pelo bibliófilo José Rodrigues Simões estando actualmente na posse de seu filho, o autor destas linhas.

Verifica-se que, de facto, foram algumas das fachadas projectadas por Elsedeu que estiveram presentes ao pintor dos azulejos, provavelmente antes mesmo de as obras estarem concluídas. Na verdade, alguns dos alçados não correspondem exactamente à obra acabada ou, pelo menos, à que chegou até nós. Em cada o azulejeiro colocou a mesma legenda que estava no desenho original, o que muito facilita a identificação. Seria muito de louvar que essa sala fosse reintegrada, dignificada e aberta ao público, com o elementar cuidado de não ofender ou ocultar os azulejos.

J. M. SANTOS SIMÕES

Sobre estes painéis e sua relação com o referido álbum de desenhos *vide* os seguintes estudos: FIGUEIREDO, 1982; FRANCO, 1983. (DS)

(544) *Vide:* QUEIROZ, 1948, 2.ª ed., vol. II, p. 129, n.º 816.

FLÁVIO GONÇALVES

separados por balaústres (9 × 6) e nos vãos das escadas grandes cestos floridos de mistura com azulejos de figura avulsa, vulgares, de Coimbra.⁽⁵⁴⁵⁾

O conjunto azulejar do claustro inferior é composto por vinte e dois painéis, inserindo-se num raro programa iconográfico, ultrapassando largamente a mera função decorativa. Dos vinte e dois painéis, vinte inserem-se no ciclo narrativo dedicado à *Vida e Apoteose do Profeta Elias*, um conjunto único no contexto da azulejaria nacional. O silhar encontra-se levantado sobre uma fiada de 4 azulejos, que apresentam efeitos marmoreados pintados a roxo de manganês, azul e amarelo. Sobre esse embasamento erguem-se painéis de espaldar recortado, encontrando-se ligados entre si por pilastras rematadas por urnas. Em cada painel o enquadramento é feito por moldura de concheados profusos, pintada a roxo de manganês e a azul sobre branco estanífero, encontrando-se as cenas representadas a azul e branco. Todos os painéis incorporados neste ciclo narrativo encontram-se legendados com expressões em latim que identificam as cenas representadas, estando cada legenda numa cartela incorporada na estrutura de enquadramento, colocando-se sobre o eixo do remate de cada painel. Assim, seguindo a leitura iconográfica, temos:

- Painel 1) *Elias qui surrexit quasi ignis et verbum ipsius quasi facula ardebat*
- Painel 2) *Viri niveum praefeserentes habitum Eliam dum nascitur salutem*
- Painel 3) *Profectus est. Eliae Parens in Jerusalem*
- Painel 4) *Ait Achab vivit Dominus in cuius conspectus sto*
- Painel 5) *Factum est verbum Domini ad Eliam dicens: Recede hinc*
- Painel 6) *Elias ad torrentem Carith latitans, pios aliquot congregat viros*
- Painel 7) *Ecce nubecula parva, quasi vestigium hominis ascendebat de mari*
- Painel 8) *Elias pergens in desertum abdormit in umbra iuniperi*
- Painel 9) *Profectus inde Elias reperit Eliseum arantem in duodecim jugis boum*
- Painel 10) *Elias Sacellum in monte Carmelo aedificat*

(545) Na igreja, a Capela de Nossa Senhora da Piedade apresenta dois painéis colocados nos alçados laterais, junto à estrutura retabular, os quais apresentam as cenas da *Flagelação* e *Coroação de Espinhos* enquadradas por molduras com uma profusa decoração *rocaille*, na sua variante flamejante, pintadas a azul e branco, tal como a reserva figurativa do painel, apondo-se sobre um fundo marmoreado de tons alaranjados, com toques de roxo de manganês e azul (a estrutura e o desenho são iguais aos enquadramentos dos painéis do silhar do átrio da portaria do Colégio de São Jerónimo). Na parede correspondente ao alçado lateral direito está colocado um painel de azulejos cuja representação figurativa recai sobre a cena da *Flagelação*. Do lado oposto ao painel anteriormente referido está outro seu semelhante ao nível formal, onde se fez representar o episódio da *Coroação de Espinhos*.

Paradigma da aplicação do azulejo no espaço do claustro, no sentido do aproveitamento do seu potencial narrativo, está o conjunto azulejar da galeria inferior do claustro do Colégio do Carmo. A aplicação de painéis cerâmicos com as cenas principais do ciclo narrativo da Vida do Profeta Elias, em todo o perímetro murário daquele espaço, seria um dos episódios mais importantes no conjunto de intervenções realizadas no colégio, durante a segunda metade de Setecentos.

Uma epígrafe na verga de uma porta situada na ala nascente do piso superior do claustro aponta o local da Livraria, e, ultrapassada a porta, uma pequena divisão com pequenos lanços de escadas encontra-se revestida a azulejaria de motivos seriados de módulos repetitivos combinados com azulejos de figura avulsa. Em Coimbra, a oficina de Agostinho de Paiva produziu, entre os finais do século XVII e as primeiras décadas do século seguinte, vasos ornamentais que subsistem ainda hoje em vários monumentos de Coimbra e sua região. A fórmula aplicada na galeria superior do claustro dos Geraís, e em outras dependências que integram o edifício dos Paços da Universidade de Coimbra, é a que se observa nesta dependência, consistindo num módulo de 9 × 6 azulejos onde está representado um vaso com uma exuberante decoração floral, sendo ladeado por aves que lembram papagaios. A enquadrar estes painéis de composição ornamental está uma barra com um padrão cujos ornatos azuis desenham elementos vegetalistas sobre fundo branco, comum na região de Coimbra. Trata-se de uma variante do padrão B-48 identificado por Santos Simões. Azulejos de figura avulsa surgem em contexto de conjunto com as albarradas anteriormente referidas, ocupando os painéis das paredes laterais e integrando dois dos painéis de vasos floridos colocados no patamar acima da pequena escada situada ao centro daquele espaço. A temática dominante é a flora, aparecendo esporadicamente aves e ainda um busto feminino, uma figura fantástica e uma representação de uma construção. Em todas as unidades o desenho do motivo ocupa a quase totalidade da sua área, apresentando-se pintado em vários tons de azul sobre um fundo branco. (Neste colégio este tipo de azulejos vai surgir também na capela doméstica e na Sala dos Actos, sendo que nestes surgem apenas com a função de rodapé de azulejos num conjunto de painéis figurativos.) (SANTOS, 2007).

Ainda no mesmo piso, na galeria superior do claustro corre em todo o seu perímetro um silhar de padronagem joanina invulgar no contexto nacional. O padrão aplicado, pintado a azul sobre um fundo branco, é de 2 × 2/2, desenvolvendo-se, portanto, a partir do eixo de simetria, havendo dois elementos rebatidos. A inspiração têxtil é notória, formando-se um tapete *adamascado* decorado por elementos vegetalistas e florais, cuja trama do fundo denuncia a intenção imitativa de um tecido lavrado. Assentando o silhar directamente no pavimento, inferiormente a composição apresenta o efeito de um tecido recortado na sua extremidade pendente, recorte esse que desenha uma linha definida por formas semicirculares contínuas, ao mesmo tempo que mostra por entre os pequenos espaços vasados um fundo azul. No topo da composição desenvolve-se a toda a largura do silhar uma sanefa – decorada com elementos decorativos vegetalistas e apresentando borlas nas extremidades recortadas – que se coloca sobre o tecido *adamascado*, aparecendo assim em primeiro plano. (SANTOS, 2007).

Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; ATANÁSIO, 1990; SEBASTIÁN, 1991; LOBO, 1999b; CRAVEIRO, 2002; CORREIA, 2006; SANTOS, 2007. (DS)

- Painel 11) *Linxerunt canes sanguinem Naboth, lambent quoque sanguinem tuum*
 Painel 12) *Ecce inducam super te malum, et dementam posteriora tua*
 Painel 13) *De lectulo super quem ascendisti, non descendes; sed morte morieris*
 Painel 14) *De lectulo super quem ascendisti, non descendes; sed morte morieris*
 Painel 15) *Ascendit Elias per turbinem in coelum*
 Painel 16) *Descendit ergo ignis de coelo, et devoravit illum et quinquaginta ejus.*
 Painel 17) *Si homo Dei Sunt, descendat ignis de celo, et devoret te, et quinquaginta tuos*
 Painel 19) *Elias quidem venturus est, et restituet omnia*
 Painel 20) *Sancti Eliae prophetae corpus jacebit in plateis civitatis magnae*
 Painel 21) *Et post tres dies et dimicidem, spiritus vitae a Deo intrabit in Eliam*
 Painel 22) *Sanctus propheta Elias audivit vocem magnam de coelo dicendit: sibi, ascende huc*

Acerca das fontes literárias e gráficas que suportam a iconografia eliana, destacamos uma das obras mais relevantes da literatura carmelita, o *Speculum Carmelitanum Sive Historiae Eliani Ordinis*, publicada em Antuérpia em 1680 e redigida por Daniel de la Vierge Marie. As gravuras que encerra [num total de quarenta] da autoria de Abraham van Diepenbeeck, sobre o desenho de Adriaen Lammelin, dedicadas à vida do profeta desde o nascimento até à sua morte e apoteose, foram a matriz gráfica dos painéis narrativos em análise, tendo sido seleccionadas para o claustro do Colégio do Carmo as cenas mais representativas.⁽⁵⁴⁶⁾

A capela doméstica – cujo orago desconhecemos – situada no piso térreo com acesso a partir da ala nascente do claustro, apresenta um interessante núcleo azulejar incidente em representações emblemáticas relacionadas com a iconografia da *Morte de Cristo*. Um silhar integra oito painéis figurativos de espaldar recortado, mostrando o enquadramento das reservas figuradas uma hipertrofia de elementos ornamentais, os quais se sobrelevam face às cenas inscritas em molduras ovais que funcionam como *bocas de cena*. Até meia altura, os painéis deste núcleo revestem as paredes laterais (acima de bancos corridos de pedra ali aplicados) e a parede de topo oposta à do altar. Estruturas arquitectónicas artificiosas definem a área onde se incluem cartelas enquadradas lateralmente por anjos genuflectidos, profusamente decoradas, que recebem representações figurativas. Todos os painéis têm legendas latinas, a saber (da esquerda para a direita, a partir da porta de entrada):

- Painel 1) MVLTA CORPORA SANCTORVM SVREXERVNT MATH.CAP.26
 Painel 2) LAMCEALA TVSEIVSAPERVIT IOAN.CAP.18
 Painel 4) IN VESTEM MEAM MISERVNT SORTEM IOAN CAP.18
 Painel 5) HIC ACCESSIT AD PILATVM ET PETIIT CORPVS IESV MATH CAP.26
 Painel 6) MVNIERVNT SEPVLCRVVM CVM CVSTODIBVS MATH CAP 26
 Painel 7) TRADDIT IESVM FLAGELIS CAESVM MARC.CAP.14
 Painel 8) OBSCVRATVS EST SOL LVC.CAP.22
 Painel 9) VELVM TEMPLIS CISSVM EST MEDIVM LVC. CAP.22. (SANTOS, 2007)

Ainda no piso térreo está uma sala que se desenvolve paralela à ala norte do claustro (possivelmente a Sala dos Actos Solenes do antigo colégio), a qual apresenta um silhar de azulejos de pintura a azul e branco e espaldar recortado, com painéis representando duplas representações emblemáticas com as respectivas legendas, associadas ao tema da *Sabedoria*:

(546) As primeiras indicações sobre as fontes literárias e gráficas que serviram de matriz para este ciclo foram dadas por Augusto Nunes Pereira que em 1971 publicava no *Correio de Coimbra* os resultados das suas pesquisas. Mais tarde, Manuel Mendes Atanázio apresentaria ao Congresso Internacional de Iconografia, realizado no ano de 1989, uma análise mais sistematizada da iconografia deste conjunto, abordando esmiuçadamente as suas fontes gráficas e literárias. Essa comunicação resultaria na publicação de um estudo na publicação *Lecturas de Historia del Arte*. Vide: ATANÁSIO, 1990; SEBASTIÁN, 1991; CORREIA, 2006; SANTOS, 2007. (DS)

<i>Painel 1</i>	(poço) TRAHITVR SAPIA DEOCVLITIS; [a meio uma ave]; (fonte) ELOPVIA SAPIAE
<i>Painel 2</i>	(livro aberto) HAC.ITVR ADASTRA; [a meio um vaso florido]; (figuras numa ponte) SAPIAEVDIT ELVMINA
<i>Painel 3</i>	(rei entronizado ladeado por quatro figuras) AVDIRE SAPIAMSALOMONIS; [leitura impossibilitada]; (figura em interior junto a um círio) PVGNANTIA PROSVNT
<i>Painel 4</i>	(coroa) CORON [] SAPIAE.; [leitura impossibilitada]; (figura em ambiente campestre em atitude meditativa com lua) SAPIENS. DOMINABITVR ASTRIS;
<i>Painel 5</i>	(sete colunas diferentes) EXCIDIT COLVMNAS; [leitura impossibilitada]; (figura em ambiente campestre) SAPIA EA POSTA [A]ROBATIR
<i>Painel 6</i>	(árvore frondosa) NEPAESTV NEPGELV; [cornucópia florida]; (jardim murado) LIGNVM SCENTIAE
<i>Painel 7</i>	(águia coroada olhando o sol) PARPVTAT ESSENIHIL; [leitura impossibilitada]; (órgão) VARIETAE CONCENTVS
<i>Painel 8</i>	(coelho em ambiente campestre) ARDVA F[A]CILIVS; [leitura impossibilitada]; (camponeses ceifando) CONGREGA INMESSE
<i>Painel 9</i>	(ovelha, cão, elefante) [] VIRIEVS PRETIVM; [anjo segurando uma cruz]; (lua em frente a um espelho) [] TLVMEN [] ASOLE
<i>Painel 10</i>	(leitura impossibilitada) FILII SAPIAE ECELESIA IVSTORVM ⁽⁵⁴⁷⁾

Nossa Senhora da Conceição da Ponte, Capela de

Na parede exterior registo de 11 × 7 com Santa Isabel. Painel de pintura azul de cerca de 1770.

O corpo e a capela-mor são revestidos, em 27 de alto, com painéis representando cenas franciscanas. São painéis recortados, azuis, da mesma época do registo exterior. Cada painel tem, nos centros, legendas explicativas, em latim.

Na sacristia o azulejo é já posterior, de cerca de 1780-90, com toques de verdes e amarelos. As molduras são ainda a azul, com a «asa de morcego» desaparecendo quase completamente. São quatro painéis, representando igualmente cenas franciscanas e respectivas legendas, não em medalhão, mas saindo da boca de um franciscano.

Na capela-mor estão dois painéis, de pintura a azul e branco, representando duas cenas da Vida de São Francisco: *São Francisco Recebendo os Estigmas* e *Morte de São Francisco*.

Na nave está um silhar formado por nove painéis historiados que complementam a iconografia iniciada na capela-mor, cujos enquadramentos apresentam motivos arquitectónicos concheados, pintados a azul e branco, contendo as reservas figurativas algumas cenas hagiográficas franciscanas. No embasamento de cada painel historiado está uma legenda em latim com a respectiva sentença moral. No lado da epístola distribuem-se quatro painéis: entre eles está *São Francisco em Oração*, *São Francisco Dando a Regra*, *São Francisco Impondo o Hábito a Seculares*. Ladeando o arco triunfal, em painéis estreitos, estão representadas do lado da epístola as armas reais portuguesas e do lado do evangelho, as armas dos Franciscanos. Do lado do evangelho há ainda três painéis que representam *São Francisco Dando a Regra*; cena da Vida de São Francisco com Santa Clara e suas seguidoras (o painel está mutilado pela abertura de um vão de comunicação), *Renúncia de São Francisco à Herança Paterna*.

(547) Estes painéis apresentam enquadramentos de profusa decoração – a qual inclui anjos, meninos atlantes, acantos, festões de flores e frutos, conchas, volutas, aletas, urnas (nos remates laterais dos espaldares) entre outros elementos – que atrofia o impacto das reservas figurativas ovais onde se inscrevem as representações emblemáticas. A mão parece ser a mesma que pintou os azulejos da capela doméstica. (DS)

Na sacristia há azulejos policromos em silhar de painéis de espaldar recortado, assentes em rodapé de efeitos marmoreados e com aposição de motivos decorativos *rocaille*, pintado a manganês, azul e amarelo, apresentando os enquadramentos formas concheadas de gosto *rocaille*, pintados a azul e branco, envolvendo mais cenas da Vida de São Francisco respeitantes à sua conversão (vestido com traje cortês): *São Francisco com Um Leproso, São Francisco entre os Pobres, São Francisco Dando Esmola a Um Sacerdote para Reparação da Igreja em Ruínas, São Francisco Entrega o Seu Manto a Um Pobre.*⁽⁵⁴⁸⁾

Nossa Senhora da Esperança, Capela de

Igreja muito interessante, construída em 1702. Serão desta época os azulejos que a revestem completamente, do tipo de padrão azul-claro, certamente de fabricação local e no género dos da capela-mor de Santo António dos Olivais. Dos dois lados do arco há duas figuras de anjos segurando coroas. Desenho tosco.

Nossa Senhora da Graça, antigo edifício do Colégio de

Ocupado hoje pelo 2.º Grupo das Companhias de Saúde, toda a parte do convento visitável é revestida com silhar de padrão azul, tipo «camélia grande».

Numa escadaria que sobe para o primeiro piso do convento e patamar de entrada os azulejos são do tipo de «balaustradas». Entre os balaústres os espaços são preenchidos com azulejos de figura avulsa, numa altura de 12. São do tipo de grandes flores, sem cantos.

No corredor do primeiro piso o silhar é de 12 de alto, do mesmo tipo, mas desta vez numa extensão de cerca de 50 metros de comprimento e revestindo o corredor de ambos os lados!⁽⁵⁴⁹⁾

(548) (DS)

(549) No anteátio da portaria corre, nas paredes laterais e de topo, um silhar baixo (4 azulejos de altura) com o padrão P-212 de módulo 2 x 2 pertencente à família das «camélias», na sua variante azul e branca – o tema central é uma flor oriental, dando-se uma hipertrofia do motivo principal – apresentando esse tapete uma cercadura de padrão rastreado em outros pontos da região de Coimbra (variante de C-99), a qual está invertida face à sua posição original, e pintada num azul mais escuro. (SANTOS, 2007).

Ingressando no átrio da portaria, um silhar de azulejos de composição ornamental, em que guarnição apresenta barra de padrão comum na região de Coimbra cujos ornatos azuis desenhavam elementos vegetalistas sobre fundo branco (trata-se de uma variante de B-48). A fórmula compositiva aplicada consiste num módulo de 9 x 6 azulejos onde está representado um vaso com uma exuberante decoração floral, sendo ladeado por aves que lembram papagaios (semelhante às albarradas da galeria superior do claustro dos Geraís do Paço da Universidade de Coimbra), colocando-se de forma alternada com balaústres e meninos com cornucópias. (SANTOS, 2007).

Outro silhar corre em parte das paredes dos corredores que se desenvolvem à esquerda do átrio da portaria apresentando tapete de azulejos de padrão P-212 (módulo 2 x 2), pertencente à família das «camélias», na sua variante azul e branca – o cromatismo reduzido a uma cor indica uma cronologia tardia, na viragem de Seiscentos para Setecentos. Como guarnição foi colocada uma cercadura com um padrão que é uma variante do padrão C-99, identificado por Santos Simões, mostrando-se invertida face à sua posição original, e pintada num azul mais escuro. (SANTOS, 2007).

Noutro compartimento da portaria (secretaria da Liga dos Combatentes) há um silhar de composição ornamental de albarradas, de pintura a azul e branco, diferentes das do espaço precedente – vaso florido asado simples de módulo 6 x 3 – delimitado por cercadura de 2 azulejos, a azul e branco, não identificada por Santos Simões, que se aproxima às cercaduras com os padrões C-59 e C-104. (SANTOS, 2007).

Uma escadaria liga o piso térreo ao átrio do dormitório (no 1.º andar), a qual apresenta revestimento azulejar que é exemplo de uma composição muito original, onde sequências de balaústres fingidos criam uma sugestão ilusória do prolongamento do espaço, associando-se a motivos de azulejos de figura avulsa. Os azulejos de motivo solto assumem aqui a variante de «estrelinhas», na qual o motivo decorativo apresenta uma menor dimensão de modo a dar lugar à inserção nos seus cantos de pequenos ornatos que formam (neste caso específico) pequenas flores que constituem os pontos de ligação entre todas as unidades presentes no painel. No conjunto de motivos representados surgem flores e também algumas aves. No patamar superior desta escada está uma figura do universo imaginário, entre o atlante e a *albarrada*, representada a uma escala reduzida e colocada no intervalo de dois balaústres. Como limite superior deste silhar está uma cercadura, a azul e branco, com folhas de acanto, que se aproxima ao padrão C-20 identificado por Santos Simões. Na parede de topo desta escadaria (patamar superior) está um painel de azulejos de tapete construído a partir do padrão P-212, de módulo 2 x 2, pertencente à família das «camélias» (já referido), na sua variante azul e branca, cuja guarnição é feita por uma cercadura formada por azulejos que são uma variante do padrão C-99. (SANTOS, 2007).

Um silhar de azulejos de tapete reveste todo o perímetro do vestíbulo do dormitório, estando aplicado um padrão que é variante de P-603, de módulo 6 x 6, composto por cinco elementos apresentando ligeiras diferenças em relação ao padrão identificado por Santos Simões – abundante na região de Coimbra, o que faz supor a sua produção local. Como guarnição deste tapete está a barra B-39, constituída por padrão cujos ornatos brancos desenhavam elementos vegetalistas encurvados sobre fundo cheio a azul. (SANTOS, 2007).

O corredor do dormitório é revestido por silhar de azulejos de 12 azulejos de altura, de pintura a azul e branco, com composição ornamental de motivos seriados linearmente – alternando meninos com cornucópias floridas, balaústres e vasos floridos – limitado por barra de enrolamentos de acantos.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano* (SANTA MARIA, 1707-23), dá conta da existência de uma *milagrosa imagem de Nossa Senhora da Sapiência* venerada na sacristia da igreja do Colégio de Nossa Senhora da Graça, facto que, para além de aludir a um tipo de devoção muito peculiar no contexto de uma comunidade religiosa que vive em função do Saber, indica a elevação do espaço da sacristia a uma posição de destaque no contexto da área da igreja – uma imagem milagrosa fará acentuar as atenções dispendidas com o seu embelezamento (SANTOS, 2007). Assim, na ante-sacristia há um silhar de azulejos com 7 azulejos de altura, assentes sobre rodapé de azulejo branco, de figura avulsa com barra de padrão que

Paço do Conde

No corredor e no átrio azulejos de padrão tipo «D. Maria». Numa saleta que dá para uma estufa vemos painéis cujos centros representam cenas pastoris, dos fins do século XVIII.

Palácios Confusos, Rua dos

Na Casa das Cruzes vemos três cruzeiros em manganês, datadas de 1728.

Parque de Santa Cruz

Toda a alameda principal é circundada por um banco único, de pedra, cuja parte fronteira tem azulejo esponjado, azul, dos finais do século XVIII. No fundo desta alameda está uma bela fonte, cujos lados direito e esquerdo são ornamentados com dois painéis de azulejo azul, de tipo ovalado.

A escadaria que sobe para a fonte tem as paredes revestidas de painéis de azulejo policromo, representando caçadas. Os patamares são circundados de bancos, todos eles forrados de azulejo azul, com motivos animais. A figuração é grosseira e mal desenhada. Um dos painéis tem uma pequena data quase apagada, mas ainda se lê 1749.⁽⁵⁵⁰⁾

Quinta da Portela

Na cozinha, forro com azulejos de figura avulsa, azul, de Coimbra. Representam cenas caricaturais e flores. Conjunto muito curioso e interessante.

Quinta do Almeida

Nas costas de uns bancos azulejos de tipo figura avulsa, de flores.

Quinta dos Jerónimos

Numa fonte rótulo legendado, em azul, convidando os passeantes a beber na fonte. Ainda vemos registos com as armas de São Jerónimo e respectivas legendas em latim.

Quinta dos Lóios

Na fonte, pequenos rótulos em azulejo azul e a data 1758.

Registos nas Ruas da Baixa de Coimbra⁽⁵⁵¹⁾

Junto à Igreja de São Bartolomeu e Travessa dos Gatos (à Praça do Comércio) está um registo da segunda metade do século XVIII, de pintura a azul e branco, representando *Cristo Crucificado e a Virgem*.

No edifício de chanfro entre a Rua Eduardo Coelho e a Rua do Almojarife está um registo com a representação da *Virgem*, o qual datamos da primeira metade do século XVIII. Este apresenta características formais idênticas às de núcleos atribuídos a António Vital Rifarto.

é uma variante de B-48 cujos ornatos azuis desenhavam elementos vegetalistas sobre fundo branco. Os azulejos de figura avulsa apresentam maioritariamente motivos retirados do mundo da flora, havendo ainda espaço para elementos esporádicos como bustos de figuras masculinas e femininas, construções, aves, nus, querubins, barcos, figuras caminhando, entre outros. (SANTOS, 2007).

No espaço da sacristia o revestimento azulejar é igual ao padrão datado da Igreja do Salvador, de 1699 – padrão P-502 de módulo 4 x 4, rebatido, composto por oito elementos, a azul e branco, cujo motivo é o desenvolvimento de elementos vegetalistas enrolados a partir de um florão central. Uma barra de padrão B-47, cujos ornatos azuis desenhavam elementos vegetalistas sobre fundo branco, delimita o tapete azulejar.

Apesar do refeitório do Colégio da Graça não apresentar azulejos *in situ* datados do período em enfoque, consideramos importante destacar a casa do lavabo (pela sua íntima relação funcional), a qual lhe fica próxima, apresentando-se revestida por azulejos de figura avulsa. Uma barra cujos ornatos azuis desenhavam elementos vegetalistas sobre fundo branco, uma variante de B-48, delimita cada painel do silhar. Nestas múltiplas unidades de figura avulsa fazem-se representar flores, aves, construções, e também querubins, um peixe e um nu, havendo ainda vários elementos de módulos de albardas. (SANTOS, 2007).

Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; FERREIRA, 1976; LOBO, 1999b; CRAVEIRO, 2002; SANTOS, 2007. (DS)

(550) Vide: CORREIA e GONÇALVES, 1952, p. 60.

Sobre alguns pormenores iconográficos destes painéis de azulejos da antiga Quinta de Santa Cruz, vide: VASCONCELOS, 1923 e 1924, n.º 2, pp. 55-56 e n.º 3, pp. 13-14; GUIMARÃES, 1932, p. 62. FLÁVIO GONÇALVES

(551) (DS)

No Largo da Freiria um painel de azulejos de 2×9 está colocado no lintel de uma entrada para uma casa particular ao lado da Padaria Popular (que tem na fachada azulejo publicitário da Fábrica Aleluia), o qual tem azulejo de figura avulsa da segunda metade do século XVIII e com guarnição seiscentista de friso *dentes de serra* a amarelo, branco e azul. A temática destes azulejos é floral, zoomórfica, havendo ainda algumas representações de barcos e construções.

Na Rua do Corvo, junto à sapataria Milord, está um painel de azulejos da primeira metade do século XVIII que representa *Santo António e o Menino*.

Santa Clara-a-Nova, Convento de

No coro baixo vemos um painel de 5×11 azulejos, de figura avulsa azul, com flores, algumas das quais semelhantes às que se usaram na pintura dos frontais de altar. Serão de Coimbra de cerca de 1760.

Ladeando o altar, que teria sido primitivamente de São Pedro, dois painéis azuis, de 7×7 e 7×11 , de cartela central com emblemas de São Pedro: espada, chaves e mitra. Serão de cerca de 1730-40.⁽⁵⁵²⁾

Santa Comba, Capela de

Na Quinta de Santa Comba, em Celas, uma pequena capela teve no seu interior um revestimento integral de azulejos de figura avulsa. Actualmente, apenas restam alguns azulejos na capela-mor e numa cripta, à qual se tem acesso pela sacristia (à esquerda da capela-mor). Este último espaço é exíguo e apresenta parte das paredes forradas no mesmo tipo de azulejos daqueles observados na capela-mor e ainda um painel ornamental a forrar um nicho, o qual apresenta motivos de enrolamentos de acantos.

Os motivos dos azulejos de figura avulsa variam entre flores (dominantes no conjunto), aves e outros animais (como leões e coelhos), algumas representações arquitectónicas e bustos de figuras. Sobre a guarnição destes revestimentos: na capela-mor uma barra emoldura o conjunto de azulejos de figura avulsa que ocupam toda a altura até à sancal – trata-se de uma barra de motivos vegetalistas pintados a azul sobre fundo branco; na cripta uma cercadura de motivos vegetalistas – C-104⁽⁵⁵³⁾ – assume a guarnição do revestimento, acompanhando todos os acidentes arquitectónicos.

Tratar-se-á de produtos das oficinas de Coimbra e a sua datação deverá ser dos inícios de Setecentos (têm muitas semelhanças com azulejos avulsos de outros núcleos da cidade, inclusivamente com o núcleo datado da escadaria do antigo Colégio de São Pedro dos Religiosos Terceiros).⁽⁵⁵⁴⁾

Santa Cruz, Mosteiro de

O corpo da igreja é revestido por um alto silhar de azulejo azul, historiado em painéis alusivos à invenção da Cruz. É notável o da *Batalha de Constantino*. A coloração é bela, desenho convencional de cerca de 1730-40, provavelmente do mesmo autor (?) dos da galeria superior do claustro da Sé do Porto (António Vital Rifarto).

Nas capelas laterais há revestimentos do mesmo tipo. No claustro, em todo o redor, silhar de 13 azulejos de alto com figuração ilustrando várias *Passagens dos Evangelhos*.

⁽⁵⁵²⁾ O antecoro apresenta-se revestido a azulejos de várias épocas (alguns azulejos hispano-mouriscos, unidades de padrão seiscentista policromo, figura avulsa, azulejos setecentistas e até alguns azulejos de figura avulsa holandeses, representando paisagens e um cavaleiro) formando silhar de reaproveitamentos de vários painéis. Na parede fundeira o retábulo do Calvário apresenta-se envolto por azulejos de figura avulsa, azuis e brancos, onde surgem dois anjos ladeando uma cartela com símbolos do martírio de Cristo e a abreviatura IHS. No refeitório e sala do lavabo há azulejos de albarradas – jarras floridas ladeadas por papagaios (semelhantes ao claustro dos Gerais na Universidade), de 13 azulejos de altura, pintadas a azul e branco, formando silhar. No torreão, um nicho na parede apresenta azulejos de figura avulsa, pintados a azul sobre fundo branco.

Para o conhecimento da história da construção deste convento na época moderna vide SILVA, 2000. (DS)

⁽⁵⁵³⁾ SIMÕES, 1971. (DS)

⁽⁵⁵⁴⁾ (DS)

Serão do mesmo tipo e fabricação dos de Refóios do Lima, de cerca de 1800.⁽⁵⁵⁵⁾
 No patamar de entrada para o coro há outro silhar do mesmo tipo. Na escada de acesso ao coro, curiosíssimos exemplares de azulejos de figura avulsa.
 No coro, no vão da janela, painéis azuis com a *Conquista de Santarém* (ou de Lisboa?) e passos de exorcismos, da mesma época dos da igreja.⁽⁵⁵⁶⁾

Santa Isabel, Capelas dos Passos da Calçada de

Na calçada que sobe para o Convento de Santa Clara existem vários passos da Via Sacra metidos em nichos, resguardados por varões de ferro. Cada um desses nichos é totalmente revestido de azulejos de figura avulsa, de flores, sem cantos, em azul.

*Santa Rita, antigo edifício do Colégio de
 ou Palácio dos Grilos (Serviços Administrativos da Universidade de Coimbra)*⁽⁵⁵⁷⁾

Mesmo à entrada principal do edifício – porta da antiga portaria do colégio – há azulejos de padronagem pombalina, de pintura a azul e manganês sobre fundo branco, com padrão que forma grade (a manganês) com florões a azul, muito idêntico ao padrão que encontramos no antigo edifício do Colégio das Artes.

Ingressando no edifício, no átrio da portaria, há um silhar de azulejos, também pombalinos, de padrão diferente do descrito anteriormente: com o módulo formado por apenas uma unidade de repetição, de pintura a manganês, com uma flor de quatro pétalas como motivo central, a partir da qual partem várias hastes que desenham losangos, resultando pela sua multiplicação um dinâmico efeito de grade. A guarnição destes tapetes é composta por uma cercadura de módulo composto por três azulejos onde o motivo de repetição é um elemento concheado. Este silhar assenta em rodapé de 1 azulejo de altura, com efeitos marmoreados a manganês sobre fundo branco.

Nas escadarias de acesso ao 1.º piso há um silhar de azulejos formado por vários painéis de composição ornamental e de pintura a azul e branco. Os enquadramentos apresentam túrgidos efeitos de concheados de gosto *rocaille*, assim como as reservas ornamentais onde a pintura dos elementos decorativos é feita por um tom de azul mais diluído sobre um fundo branco. Em certos painéis há pequenas reservas pintadas com efeitos de marmoreados a manganês, nomeadamente em áreas de rodapés (quando existem) e nos extremos laterais dos painéis.

No lado norte do edifício, no extremo de um dos corredores do antigo dormitório, outra escadaria apresenta silhar de azulejos, a azul e branco, sobre rodapé marmoreado a manganês, com dois painéis historiados de temática venatória: caça ao veado e caça ao elefante. Os enquadramentos apresentam movimentados efeitos de concheados lembrando cartilagens, bem ao gosto *rocaille*. As cenas apresentam um desenho ingénuo, com problemas na representação da perspectiva e anatomia das figuras e animais.

O conjunto é, portanto, da segunda metade de Setecentos, apresentando vários aspectos técnico-artísticos com grandes afinidades com núcleos azulejares documentados ou atribuídos às oficinas de Coimbra.⁽⁵⁵⁸⁾

*Santo Agostinho, antigo Colégio da Misericórdia de Coimbra
 e Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra*

No corredor de entrada e no piso do claustro está um silhar de 7 de alto, colocado acima de uma base de cantaria constituída por uma série de painéis seguidos, de cestos e vasos floridos entre pássaros e leões. Pertence ao ciclo coimbrão da primeira metade do século XVIII.

(555) Sobre o parentesco entre os azulejos do claustro de Santa Cruz de Coimbra e os do Mosteiro de Refóios do Lima, e outros, e seu provável local de fabrico, vide GUIMARÃES, 1934, pp. 162-167. FLÁVIO GONÇALVES

(556) Os painéis que, relativos à biografia de D. Afonso Henriques, se encontram no coro e na capela-mor da igreja, já foram motivo de uma breve análise iconográfica. Vide BRITO, 1949, p. 226-230. FLÁVIO GONÇALVES

(557) (DS)

(558) Para mais conteúdos sobre este edifício consultar o seguinte estudo: VASCONCELOS, 1932. (DS)

Na antiga Casa do Capítulo está um alizar de 10 de alto, com remates de vasos floridos. São onze painéis com paisagens e cenas venatórias, pintadas a manganês e verde, do tipo vulgar coimbrão de cerca de 1765, iguais aos do claustro baixo dos «Gerais» (Universidade). A capela privada é, toda ela, de maior interesse. O silhar tem 10 azulejos na altura e é ornamental, com vasos e balaustradas, pintura azul de fabrico local.⁽⁵⁵⁹⁾

Santo António dos Olivais, Igreja de

Escadório de acesso – Em cada uma das capelas que se encontram nos patamares, nas fachadas e frontais, há azulejos, sendo estes de grandes flores avulsas, e aqueles para ornamentação das sanefas, com anjinhos. São azulejos de épocas diferentes, podendo os de flores ser dos finais do século XVII ou princípios do século XVIII, e os das sanefas nitidamente do meado deste último século.

Átrio – Silhar de azulejos de figura avulsa, flores e figurinhas, muito curioso; serão da época dos que servem de frontais as capelas exteriores.

XXXVI

Igreja – O corpo tem silhar recortado de azulejos azuis historiados. Notáveis pelas proporções, atingindo o silhar uma altura grande e pouco vista em decorações deste género. As cenas, tiradas da hagiologia franciscana, são emolduradas por cercaduras de exuberantes ornatos de sanefas e anjinhos. O desenho é todo ele bastante fraco, sendo característica a forma como o pintor representava os olhos esbugalhados... A coloração é azul-escura e os brancos sujos e azulados. Julgo-os de cerca de 1745.

No Museu Machado de Castro há azulejos deste tipo e autor, possivelmente levados daqui. Estão numa das paredes do pátio, do lado de fora da arcaria.

As paredes da capela-mor são totalmente forradas de azulejo em dois padrões azuis, de muito curioso efeito.

Capela do Cruzeiro – Nesta capela, que abriga o formosíssimo crucifixo de João de Ruão, há também forro de azulejo azul do meado do século XVIII, da mesma fabricação dos da igreja.

No escadório as duas últimas capelas estão decoradas com azulejos ao nível do embasamento e sobre o lintel da porta, apresentando letreiros alusivos ao conteúdo das mesmas, e portanto, sobre os *Passos da Paixão de Cristo*.

Na igreja, as paredes da capela-mor estão revestidas com azulejos de padrão, a azul e branco, formando tapetes organizados em dois registos separados por barra e friso de motivos vegetalistas. Na nave vislumbram-se nas paredes grandes painéis de azulejos figurativos – com 43 azulejos na parte mais alta – de espaldar recortado e exuberante decoração de motivos arquitectónicos fingidos e ornamentais, representando cenas da Vida de Santo António: no lado da epístola destacamos a *Pregação de Santo António aos Peixes em Rimini*, o *Milagre do Pé Decegado*, a *Aparição de São Francisco em Arles* e a *Morte de Santo António*; no lado do evangelho, *Santo António Tomando o Hábito Franciscano* e o

(559) Os claustros apresentam composições ornamentais de repetição linear, importantes para o estudo desta categoria tipológica em Coimbra. O claustro principal e o claustro imperfeito do Colégio de Santo Agostinho fazem com que este se considere um importante núcleo azulejar para o estudo das *albarradas*, uma vez que apresenta duas variantes da mesma categoria, numa quantidade significativa.

Atribuídos à oficina de Agostinho de Paiva, as albarradas do claustro principal e corredor (lado da Misericórdia) alternam cestos e vasos floridos, respectivamente ladeados por leões e mochos (igual ao revestimento de albarradas do claustro da Sé de Viseu), ocupando uma vasta área e demonstrando alguma ingenuidade no desenho e irreverência no que toca às formas seleccionadas. Este silhar apresenta cercadura de 2 azulejos, a azul e branco, não identificada por Santos Simões, que se aproxima às cercaduras com os padrões C-59 e C-104. (SANTOS, 2007).

No claustro imperfeito (piso térreo) as albarradas são semelhantes às da fórmula aplicada na galeria superior do claustro dos Gerais, e em outras dependências que integram o edifício dos Paços da Universidade de Coimbra, consistindo num módulo de 9 × 6 azulejos onde está representado um vaso com uma exuberante decoração floral, sendo ladeado por aves que lembram papagaios. Este módulo aparece aqui sem intervalos. Encontra-se a enquadrar este silhar de composição ornamental uma barra com padrão cujos ornatos azuis desenhavam elementos vegetalistas sobre fundo branco, tratando-se de uma variante do padrão B-48 identificado por Santos Simões (SANTOS, 2007).

No 1.º piso do claustro imperfeito um silhar reveste a meia altura as paredes apresentando painéis com azulejos de tapete com padrão P-378, de módulo 2 × 2, que apenas se conhece em azul e branco, o qual é de produção local, estando colocado na diagonal. Envolve o tapete uma cercadura C-66 pouco comum, em azul e branco, que condensa os padrões dos frisos F-14 e F-39, identificados por Santos Simões. (SANTOS, 2007).

Também o refeitório do Colégio de Santo Agostinho teve um notável conjunto de azulejos aplicados nas suas superfícies murárias. A toda a volta corria «um alto alizar de azulejos de tarjas, em azul e branco, com inclusões de pequenos panos de tapete, acompanhadas no alto de cabecinhas aladas de crianças, em relevo, únicos exemplares em Coimbra» (CORREIA e GONÇALVES, 1952).

Milagre Eucarístico da Mula. No lado da epístola há ainda a representação de um púlpito fingido com balaustrada, e no lado do evangelho está representada no revestimento azulejar uma janela. O efeito geral é extremamente cenográfico, aspecto acentuado pelo tipo de remate dos painéis: dois anjos sustentam uma coroa da qual pendem volumosas cortinas, em jeito de dossel.⁽⁵⁶⁰⁾

Na sacristia há novamente um silhar de azulejos figurativos de temática antoniana com 7 azulejos de altura: a azul e branco estão cinco cenas entre as quais destacamos o *Milagre Eucarístico da Mula*, a *Pregação de Santo António aos Peixes em Rimini* e a *Aparição do Menino a Santo António*.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição tem uma parede revestida de azulejos figurativos, em pintura azul sobre fundo branco, representando a *Anunciação*.⁽⁵⁶¹⁾

Santa Maria de Celas, antigo edifício do Mosteiro de⁽⁵⁶²⁾

Na nave da igreja, de planta centrada, há um silhar de azulejos policromos, que datamos da segunda metade do século XVIII e atribuímos às oficinas de Coimbra, havendo composições ornamentais e também composições historiadas, caso dos painéis da *Anunciação* (colocado debaixo do púlpito), *Visitação* (ao lado da porta junto ao púlpito), *São Marcos* e *São João Evangelista* (nos confessionários).

O silhar desenha-se sobre fundo de efeitos marmoreados a manganês, sobre o qual são apostos os enquadramentos arquitectónicos fingidos dos painéis, coloridos a azul sobre fundo branco e a amarelo (de efeitos marmoreados). Esses são compostos por embasamento de efeito óptico tridimensional (com movimento de reentrância central e saliências laterais correspondentes a plintos) – apresentando uma volumétrica cartela central de motivos decorativos de gosto *rocaille* com concheados e palmetas –, pilstras laterais com formas em «C» contracurvas combinadas com elementos concheados assimétricos, as quais sustentam um entablamento rectilíneo seguindo o mesmo esquema perspectivado desenhado no embasamento.

São Jerónimo, antigo edifício do Colégio de/antigos Hospitais da Universidade⁽⁵⁶³⁾

No átrio da antiga portaria cenas pastoris habitam um silhar de azulejos de espaldar recortado, de pintura a azul e branco, com enquadramentos de concheados túrgidos e cabeceiras assimétricas bem ao gosto *rocaille*. Nestes painéis verificamos a existência de motivos representados idênticos, esquemas compositivos semelhantes e afinidades formais com outros núcleos existentes em edifícios da cidade e região de Coimbra.

Destacamos, pela monumentalidade que a torna ímpar no contexto local, e marcante no contexto nacional, a caixa de escadas do Colégio de São Jerónimo, a qual é enriquecida com painéis figurativos, nos patamares, alternados com painéis ornamentais nos lanços

Nas caixas de escadas de acesso ao 1.º piso, no claustro principal, um silhar de azulejos de padrão de módulo 4 × 4, que é variante de P-486, já tardio, de pintura a azul e branco, apresenta cercadura formada por 2 azulejos não identificada no *Corpus da Azulejaria Portuguesa* por Santos Simões, que se aproxima às cercaduras com os padrões C-59 e C-104 (SANTOS, 2007).

Na sacristia está aplicado no revestimento integral dos panos murários o padrão P-378 (padrão de transição entre finais do século XVII e inícios do século XVIII – a documentação ainda não esclareceu a datação deste padrão e dos padrões seguintes), de módulo 2 × 2, que apenas se conhece em azul e branco, formando tapete. É de produção local, estando colocado na diagonal e tem cercadura pouco comum, em azul e branco, correspondente à cercadura C-66 que condensa os padrões dos frisos F-14 e F-39, identificados por Santos Simões (SANTOS, 2007).

Alguns painéis do silhar policromo de perfil rectilíneo da sala de aula situada na ala nascente do claustro principal apresentam cenas pastoris cujos motivos representados, esquemas compositivos e aspectos formais mostram afinidades com outros núcleos existentes em edifícios da cidade e região de Coimbra. Este núcleo apresenta ainda algumas cenas de pesca e de caça que são particularmente curiosas pelas características estilísticas e formais do pintor de azulejos que imprime à cena uma grande expressividade e espontaneidade, apesar do seu desenho ingénuo e da fraca noção de perspectiva. A cena da caça ao urso acusa notórias influências da gravura com o mesmo tema do *Libro de la Monteria* (SANTOS, 2007; SANTOS, [no prelo] d).

Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; FERREIRA, 1996; CRAVEIRO, 2002; BORGES, 2003; SANTOS, 2007. (DS)

(560) Os azulejos do corpo da nave estão atribuídos a António Vital Rifarto (MECO, 1986). (DS)

(561) (DS)

(562) (DS)

(563) Ver entrada sobre Colégio das Artes e o texto comum elaborado por Santos Simões. (DS)

de escadas. Apesar do conteúdo dos painéis figurativos ser de matriz profana – paisagens de contexto rural e urbano –, o conjunto é digno de nota pelo seu carácter de excepção, onde o azulejo é elemento integrante da concepção majestática que esteve subjacente na criação deste espaço. Colocados nos patamares da escadaria surge um total de cinco quadros onde se observam várias panorâmicas sobre conjuntos urbanos, sendo apresentadas as construções aglomeradas em volta de arruamentos ou praças, sendo a escala das figuras asfixiada pela massa construída. De um modo geral, o tratamento da perspectiva é deficiente e o desenho dos pormenores ingénuo, contudo, os efeitos da cor e as linhas dos volumes tornam as composições bastante dinâmicas.⁽⁵⁶⁴⁾

No vestíbulo do primeiro piso (espaço que corresponde, em planta, ao átrio da portaria do colégio, situado no piso inferior), logo após a escadaria monumental está um notável conjunto de oito painéis azulejares que remetem directamente para a esfera da reflexão filosófico-religiosa. Em cada um deles estão imagens de carácter alegórico que descodificámos na relação *Quatro Elementos da Natureza* – *Quatro Continentes*. Em foco está a temática dos princípios universais que regem o Cosmos, fazendo-se representar os Quatro Elementos e Quatro Reis ou Imperadores, estando estes últimos como a personificação das Quatro Partes do Mundo.⁽⁵⁶⁵⁾

Logo após este vestíbulo há um corredor que apresenta silhar de azulejos com painéis de espaldar recortado com composições ornamentais de albarradas cujas características podem demonstrar como os silhares joaninos de albarradas de Lisboa influenciaram, no aspecto formal, a produção de Coimbra. Estabelecendo uma comparação formal entre o silhar na nave da Igreja Paroquial de São Quintino, em Sobral de Monte Agraço, datado de 1738, de produção de Lisboa, com este seu semelhante, verificamos que o tipo de albarradas é o mesmo – vasos floridos são envolvidos por ornatos barrocos, com par de golfinhos junto à base, sendo os motivos centrais separados por palmitos –, tendo o de Coimbra a particularidade de apresentar um enquadramento exuberante pela hipertrofia ornamental que ostenta principalmente na zona do espaldar recortado. É um interessante exemplar joanino de uma composição ornamental de motivos seriados, tratando-se de um raro espécime no conjunto dos núcleos azulejares atribuídos às olarias coimbrãs de Setecentos.⁽⁵⁶⁶⁾

Acrescente-se, ainda, que um breve dado documental incidente no espaço da livraria do Colégio de São Jerónimo refere a existência de azulejo naquele espaço no século XVIII: nos registos das despesas com obras na livraria realizadas cerca de 1760, menciona-se o seguinte: «[...] *Do azulejo para a porta da livraria: sinco mil duzentos e sincoenta reis De o asentarem: dois mil e cem reis* [...]».⁽⁵⁶⁷⁾

São Pedro dos Religiosos Terceiros, antigo edifício do Colégio de/Casa de Saúde de Coimbra

Na escada, azulejos de figura avulsa, sem cantos, mas com motivos variados. Alguns têm inscrições, como seja, ROZA, S. Pedro, e num deles a data de 1707.⁽⁵⁶⁸⁾

A escadaria do Colégio de São Pedro dos Religiosos Terceiros é digna de nota por acolher um significativo núcleo de azulejos de figura avulsa datados. Ao longo de catorze lanços e correspondentes patamares, desenvolve-se, continuamente, um silhar de 7 azulejos de altura assente em rodapé de meio azulejo branco onde surgem múltiplas figurações de carácter vegetalista, zoomórfico, antropomórfico e ainda retiradas do universo do fantástico. No penúltimo lanço o ladrilhador inscreveu a esgrafito a data da

(564) Vide: SANTOS, 2007.

(565) Vide: SANTOS, 2007.

(566) SANTOS, 2007.

(567) Vide: SANTOS, 2007. Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1932; VASCONCELOS, 1938; LOBO, 1999a. (DS)

(568) Para mais conteúdos sobre este edifício consultar os seguintes estudos: VASCONCELOS, 1938; LOBO, 1999b; SANTOS, 2007. (DS)

obra com a frase «FINIS. LAVS. DEO. 1707» – um elemento fundamental que fornece a datação exacta do núcleo e auxilia na datação de núcleos congéneres.

Enquadra os painéis de azulejo de figura avulsa que se desenvolvem em redor de todos os lanços e patamares da escadaria uma cercadura de 2 azulejos, a azul e branco, não identificada por Santos Simões, que se aproxima das cercaduras com os padrões C-59 e C-104. Testemunho de uma decoração dilatada com azulejos de figura avulsa – facto extraordinário, dado que este tipo de revestimento era normalmente relegado para espaços diminutos – este núcleo azulejar apresenta um conjunto notável quer pela sua dimensão, quer pela grande variedade de motivos representados que abarcam os mais variados temas, havendo também um aspecto curioso que se relaciona com a afirmação do artista que produziu a obra, o qual estabelece uma ligação directa com o espectador pela mensagem que deixa ao pintar em 2 azulejos do décimo primeiro patamar «EU / SOU» – «PINTOR». Junto a esses azulejos há ainda um terceiro que apresenta a inscrição «S. PEDRO», numa directa alusão ao orago do colégio.⁽⁵⁶⁹⁾

São Salvador, Igreja de

Capela do topo da nave, do lado da epístola, forro lateral com dois painéis azuis, de desenho muito tosco e grosso. Representam *Jesus no Horto* e *Flagelação*. Na parte superior há azulejos epigrafados e datados:

...STA OBRA...
E AZVLEIO...
.....
...ITISIMO S...
...CRAMEN...
na era de 1747⁽⁵⁷⁰⁾

Referiam-se certamente a dois altares semelhantes.

Dos lados das naves laterais o revestimento cobre as paredes até grande altura, com painéis recortados, de emolduramento barroco, desenho mau, característico da região. Não encontrei data, mas devem ser de cerca de 1750-60.

No *coro*, também azulejado, painéis da mesma época mas de artista diferente, possivelmente mais próximo da primeira data.

A *capela lateral do lado do evangelho* tem silhar de azulejo do tipo dos da capela do topo da epístola.

Na nave os painéis enormes assentam sobre silhar alto de motivos ornamentais, com gigantes e ornamentação de grinaldas. O desenho é péssimo e representa as *Bodas de Caná*, *Entrada em Jerusalém* e outros, todos com transcrições de versículos do Antigo Testamento.

Nos topos das naves laterais, dois painéis ornamentais com as cenas do *Milagre da Água* e *Ressurreição de Lázaro*. São da mesma época ou pouco posteriores aos da igreja.⁽⁵⁷¹⁾

(569) Vide SANTOS, 2007. Acerca da diversidade de motivos apresentados, destacamos a predominância de elementos retirados do mundo da flora, o conjunto de animais (entre os quais estão aves – indígenas, exóticas ou fantasiosas – apresentando-se de pé, voando, debicando, ou pousadas em galhos, e, também, coelhos, javalis, leões, cavalos, touros), construções (onde aparecem torres, castelos, casas e igrejas, por vezes, com a nota burlesca da inclusão de um caracol), emblemas e desenhos alegóricos (como, por exemplo, o «braço da Justiça» que segura com firmeza uma espada), barcos, querubins, representações do mundo fantástico (como monstros, dragões, animais fantasiosos e outras criaturas), e, ainda, formas antropomórficas (onde surgem motivos tão peculiares como espadachins, frades, figuras chinesas, caminantes, nus, arqueiros, fidalgos a cavalo, bustos femininos de frente ou de cabeça coberta, bustos masculinos de perfil com um carácter caricatural). A par destes motivos, observam-se também, nos últimos lanços, alguns elementos de albarradas, o que pode indiciar um aproveitamento de um revestimento existente noutra dependência do colégio (SANTOS, 2007). (DS)

(570) CORREIA e GONÇALVES, 1952, p. 31.

FLÁVIO GONÇALVES

(571) No ano de 1945 ocorre o levantamento e armazenamento dos azulejos da nave. Em 1950, por motivos de infiltração de água vinda de um prédio vizinho ao edifício, encostado à abside, foram retirados todos os azulejos do altar-mor. Entre 1997 e 1998 realizam-se obras de restauro e consolidação do revestimento azulejar da igreja. Vide Igreja de São Salvador. In www.monumentos.pt, 2003. (DS)

Bissaya Barreto, Casa-Museu⁽⁵⁷²⁾

Este edifício apresenta uma colecção importante de azulejaria portuguesa e especificamente relevante para o conhecimento da cerâmica de revestimento saída das oficinas de Coimbra. No interior da casa existem painéis de azulejos policromos, segunda metade do século XVIII, de temática religiosa, estando um dos painéis do conjunto (no *hall* de entrada da casa) assinados por Salvador de Souza.

No jardim, o muro que dá para a rua está revestido com silhar de azulejos, de pintura a azul e branco, com painéis de espaldar recortado, de composição figurativa de temática religiosa, legendados em latim, assumindo características próprias à última fase da azulejaria portuguesa da metade de Setecentos. Ainda no jardim, outro muro, junto a um templete que acolhe um cupido, apresenta revestimento azulejar, a azul e branco, com representação de azulejos de figura avulsa no registo inferior e albarradas de vasos floridos ladeados por papagaios no registo superior, estando estes divididos por barras de motivos ornamentais vegetalistas.

Desconhecemos, até à data, a proveniência destes painéis.

Santa Teresa, Convento de

Por ocasião da minha visita (15 de Agosto de 1945) estava aqui instalado o quartel de uma Companhia de Saúde. Do antigo Convento conservam-se várias salas e o claustro, tudo pobre e sem interesse especial. Azulejos há-os em vários locais, tendo visto os seguintes: *Claustro* – em dois cantos, restos dos altares das quadras, com seus frontais de azulejo, de tipo bastante curioso. As franjas são amarelas e os centros azuis.

Caserna do claustro, talvez antiga Casa do Capítulo – Silhar de vasos e sereias, azuis, desenho tosco.

Escada interior, principal – No patamar, nicho com frontal historiado, de azulejos azuis de 130 mm e mostrando o *Milagre de Santo António Pregando aos Peixes*. Desenho inferior mas muito curioso.

Corredor do piso superior – Silhar de 10 azulejos de alto, cercaduras policromas e centros azuis. Trata-se de fabricação coimbrã de cerca de 1780, talvez da oficina de Briosio. Os azulejos apresentam um vidrado particularmente brilhante e uma superfície bem desempenada.

Caserna anexa a este corredor – Aqui se encontram os melhores azulejos da casa, pelo menos os mais raros. Serão da segunda metade do século XVIII, dispostos em silhar de 6 de alto. Não me foi possível, infelizmente, vê-los todos, por estar a casa atravancada com mobiliário. Parecem-me ser muito curiosos e de um tipo ainda não visto. A figuração é constituída por paisagens com bastantes figurinhas, em desenhos ingénuos.

Universidade

No conjunto de edifícios que constituíam a Universidade coimbrã tradicional, ou seja, os que se agrupavam no antigo palácio real, há azulejos em várias dependências, colocados também em épocas díspares.

Nos «*Gerais*», os corredores de acesso ao pátio têm silhares em painéis de 10 de alto, com paisagens pintadas a manganês e emolduramentos barrocos, típicos da fabricação de Coimbra de cerca de 1770, colocados quando das grandes obras pombalinas. No piso inferior do pátio e na escada que conduz à galeria contígua vemos este mesmo tipo de azulejos, com as mesmas paisagens e enquadramentos, agora *enriquecidos* com vasos ornamentais recortados ou apenas com pinhas imitando as de pedra que rematam os corrimãos.

(572) (DS)

Na *galeria superior* o silhar tem 13 azulejos de altura e mostra grandes vasos ornamentais ladeados de pássaros, em panos de 9 × 6, pintura azul, separados entre si por azulejos brancos. Esta decoração deve ser uma das empreitadas do ladrilhador José de Góis, a que se referem documentos datados de 1696 e 1702. Da primeira vez foram os azulejos feitos por um João da Fonseca e um Inácio Roiz, ambos oleiros; na segunda obra o fornecedor é o oleiro e pintor Agostinho de Paiva. Em alguma destas duas remessas se contavam também azulejos de figura avulsa.⁽⁵⁷³⁾

Sala de Exame Privado – A decoração azulejar desta sala, de aspecto sinistro, é semelhante à da galeria superior dos «Gerais», e foi directamente documentada em 1701, fazendo parte do mesmo fornecimento de Agostinho de Paiva, pintor, e do mesmo ladrilhador José de Góis.⁽⁵⁷⁴⁾

Na *Sala do Conselho* o silhar tem 10 de alto, com painéis de paisagens, sendo o socalco de marmoreado roxo com toques verdes, cercadura *rocaille* azul e centros de desenho tosco.

Na *Sala Azul Escura* a ornamentação é policroma, de composição *rocaille* complicada.

Na *Sala de Formações* azulejos de «almofada», com bela cercadura de acantos.

No *Gabinete do Reitor* o silhar liso é de 8 de alto, com paisagens. Cercaduras policromas.

No *Quarto do Reitor* vemos o mesmo tipo de azulejo, só a azul, cercaduras recortadas, centros de paisagens.

No *Salão do Senado* dois tipos diferentes de azulejos, correspondendo cada um a uma parte do salão. Na parte mais pequena o silhar é o mais belo, azul com cercadura *rocaille* cor de vinho. Os painéis estão separados por palavras com cariátides. Na parte restante o mesmo tipo, mas só a azul.

(573) No fundo da Via Latina está um átrio e anteátio de acesso ao claustro dos Gerais, espaços que apresentam revestimento cerâmico com um fundo em branco estânifero pouco puro, adquirindo inclusivamente um tom amarelado.

No anteátio o silhar é de azulejos de figura avulsa, possivelmente de inícios do século XVIII, iguais aos que se encontram em outros edifícios da cidade (por exemplo, na azulejaria dos colégios).

O átrio tem silhar de albarradas de papagaios – sendo o módulo de repetição formado por 9 × 6 azulejos – com barra de acantos e carrancas nos cantos, sendo o fundo dos vários painéis formado por azulejos brancos que intercalam com as várias albarradas. Nas paredes de topo, junto às esquinas, estão estreitos painéis com a representação de festões floridos pendurados em argolas. Estes azulejos serão dos inícios do século XVIII e reúnem características muito idênticas às de algumas albarradas presentes em alguns edifícios da cidade, nomeadamente, alguns dos antigos edifícios dos colégios.

No piso 0 do claustro dos Gerais o revestimento continua as formas representadas nos azulejos do átrio anteriormente descritos. Na Sala Beleza dos Santos (um anfiteatro) o silhar de azulejos apresenta as mesmas albarradas já referidas.

Uma escadaria liga o piso 0 ao piso -1, apresentando um silhar de azulejos policromos com a altura adaptada aos corrimões de mármore. Vários painéis representam cenas figurativas tendo como tema a paisagem, onde alguns animais (cães e cabras) têm uma expressão humanizada: são várias as cenas campestres e há também cenas marinhas com barcos, pastos, construções nos fundos (entre essas algumas religiosas) e também eremitas. Nos enquadramentos dos painéis os elementos arquitectónicos fingidos fazem espelho com alguns elementos pétreos, como, por exemplo, as pilastras com remates ovais. Estas guarnições apresentam policromia, predominando o manganês, aparecendo como motivos decorativos elementos concheados – colocados nos cantos – elementos fitomórficos a verde e amarelo. O último painel à direita – no último patamar da escadaria, já ao nível do claustro inferior – apresenta uma cidade com mancha construída densa e pequeno lago à esquerda, observando-se à direita da mesma composição algumas pipas junto de uma construção (este painel está em bastante mau estado, observando-se a presença de sais à superfície, graves problemas de conservação das juntas e várias unidades estaladas).

No piso -1, ou piso inferior do claustro dos Gerais, o silhar apresenta painéis de pintura policroma com cenas paisagísticas. Os enquadramentos, a azul e branco, são semelhantes aos dos painéis observados na escadaria, desta feita com pilastras de separação rematadas por vasos floridos. As reservas figurativas são pintadas a branco e manganês e representam paisagens urbanas povoadas de figuras e animais, cenas galantes em jardins à francesa, paisagens de jardins com fontes e figuras combinadas com trechos de marinhas, paisagens marinhas com cidades e figuras à pesca, cenas campestres com pastores junto de rebanhos de ovelhas ou gado bovino, paisagens bucólicas com figuras passeando ou em deleite tocando instrumentos musicais de sopro ou violino, cenas de caça à lebre (notando-se a desproporção das figuras), cenas de jogo (espécie de jogo da malha, mas com bola em vez de disco). Ainda neste piso, nos átrios de acesso às salas, existem painéis formando silhar rectilíneo com enquadramentos a azul e branco e reservas a manganês de composição ornamental com efeitos de marmoreado. Uma escadaria de acesso ao piso 0, com acesso pela ala oeste do claustro, tem painéis iguais aos descritos anteriormente, os quais assentam em rodapé de meio azulejo marmoreado a verde e manganês.

No átrio seguinte ao da Capela de São Miguel estão painéis em silhar de perfil rectilíneo com composições ornamentais de diversos efeitos de elementos concheados, interpenetrados, em redor de cartelas marmoreadas a azul, amarelo e manganês, assentes em rodapé de 3 azulejos de altura, formando efeitos de marmoreados, a azul e manganês, formando reservas que alternam com cartelas de enquadramento concheado ladeados por palmetas (composições semelhantes às das escadarias do Colégio de Santa Rita). No átrio da capela observa-se um silhar de painéis azulejares rectilíneo, com as reservas pintadas a manganês e os enquadramentos a azul e branco, os quais são separados por pilastras sem remates de perfil contracurvado. Este silhar está assente em rodapé de 3 azulejos, a azul, branco e manganês, de efeitos marmoreados formando reservas rectangulares que funcionam como supedâneos aos painéis figurativos. A temática destes painéis é paisagística, a maioria representando marinhas – com barcos carregados de pipas atracados junto a margens, com barcos com pescadores em baías enquadradas por casários, com rios com patos estando as margens com casario, com galeões próximos de margens povoadas de construções. Apenas uma cena não é marinha, mas sim de contexto urbano, representando sobre um fundo de casario uma banca de venda. (DS)

(574) CORREIA, 1946-78, vol. I, pp. 153 e segs.

Nas *Salas de Ciências e de Medicina* silhares ornamentais policromos, mais singelos. Na *Sala dos Arquivos* silhar de 7 de alto, inteiramente policromo, com painéis de cenas frívolas, emolduradas em *rocaille*.

Na *Varanda* silhares simples em azul, com azulejo de figura avulsa e emolduramentos *rocailles*. O desenho avulso é curioso por simples e leve: passarinhos, flores e cravos. No que respeita à azulejaria «pombalina» tem muito interesse o artigo publicado na revista «Cerâmica e Edificação»⁽⁵⁷⁵⁾ por Amadeu Ferraz de Carvalho. Aí se mencionam os fornecedores de 1773 a 1775. Segundo o autor teria sido SALVADOR DE SOUSA o pintor mais responsável: o «azulejador» era Manuel da Cruz, havendo ainda referência à intervenção de Manuel da Costa Brioso. Seria aquele Salvador de Sousa – já conhecido através de Feliciano Guimarães e Prudêncio Garcia⁽⁵⁷⁶⁾ – o mesmo que SOUSA CARVALHO, que assina os azulejos que foram do Claustro de Semide, em 1784? Ou seria este parente (filho?) do anterior?⁽⁵⁷⁷⁾

São Marcos, Igreja de/Quinta de São Marcos – São Silvestre⁽⁵⁷⁸⁾

Pertenceu esta igreja ao Mosteiro de São Marcos da Ordem de São Jerónimo, estando outrora incluída no espaço monástico.

A capela-mor apresenta, a ladear o altar-mor, um silhar de azulejos de padronagem de transição de finais do século XVII para o século XVIII, de pintura a azul e branco.

Na parede fundeira da nave, no subcoro, o mesmo padrão reveste a superfície murária.⁽⁵⁷⁹⁾

CONRARIA

Nossa Senhora das Dores, Capela de

A capela está hoje incorporada na parte rústica do Hospital Sobral Cid, mas continua aberta ao culto público.

Na capela-mor, de cada lado, painéis recortados de ornamentação rococó, pintura azul, separados por fundo marmoreado roxo que também forma o rodapé. A altura ao centro é de 17 azulejos. A figuração é inspirada em versículos do *Salmo 146* e do *Evangelho de São Lucas*, conforme se lê na legenda das cartelas inferiores.

(575) CARVALHO, 1933, n.º 12, ano I, pp. 273 e segs.

(576) A documentação é tirada do *L.º 1.º de Despesa*, julgo que do arquivo da Universidade.

Vide: GARCIA, 1923, p. 328; GUIMARÃES, 1932, pp. 47-50.

(577) Nascido cerca de 1727 (GARCIA, 1923), Salvador de Sousa Carvalho surge como outra das figuras marcantes para a produção da azulejaria coimbrã da segunda metade de Setecentos. Apesar de aparecer pela primeira vez na historiografia da cerâmica de Coimbra num documento recolhido por Prudêncio Quintino Garcia (GARCIA, 1923), datado de 1767, como *pintor de azulejo*, terá sido Feliciano Guimarães quem revelou a sua intervenção no programa decorativo ocorrido na segunda metade do século XVIII no Paço das Escolas com base no Livro 1.º das Obras da Universidade (GUIMARÃES, 1932). Amadeu Ferraz de Carvalho considerou-o «o mais imaginoso e de maior fôlego criador», atribuindo-lhe – com base na documentação de despesa com obras da universidade e segundo uma análise formal – a autoria dos painéis cerâmicos da Sala do Senado e da Sala dos Arquivos, os quais foram assentes entre 1773 e 1775 (CARVALHO, 1933). Montada a oficina da Fábrica da Telha Vidrada, construída para prover o fornecimento de cerâmica de construção às obras de melhoramento do corpo central da universidade, Salvador de Sousa Carvalho assumiu a direcção técnica da fábrica, em 1773, por isso recebendo 240 réis de gratificação diária, fornecendo pouco depois «1480 azulejos de orelha para os torreões do palácio, e quase três milheiros de azulejo decorado a roxo para a escadaria interior que da Galeria da Sala dos Capelos descia para o claustro» (GUIMARÃES, 1932). As referências ao nome deste artista abundam por entre a documentação da universidade – principalmente nos livros de obras –, aparecendo aí designado como *pintor de azulejos* pelo menos desde 1773 (CARVALHO, 1933). Feliciano Guimarães levanta ainda a hipótese de Salvador de Sousa Carvalho e Manuel da Costa Brioso terem trabalhado em parceria na mesma oficina, sendo essa a origem da dificuldade na identificação das características distintivas de ambos. De acordo com o conteúdo dos livros de obras da universidade, está-lhe atribuída a autoria dos azulejos de figura avulsa existentes nos corredores das tribunas da Sala dos Capelos, datados de cerca de 1774, e em 1776 terá também produzido o azulejo da Sala do Dossel, sendo esta a última referência documental publicada sobre este até à data. Santos Simões levanta algumas dúvidas sobre a identidade de Salvador de Sousa Carvalho, principalmente no que diz respeito ao facto de este e outro artista, que assina os azulejos do Convento de Semide e alguns documentos da época como Sousa Carvalho, poderem ter algum grau de parentesco directo, ou serem, inclusivamente, a mesma pessoa. Sobre o núcleo azulejar, datado do tempo da reforma pombalina, da universidade dedicou Ana Goulão Machado três artigos publicados na década de 1990 (MACHADO, 1990-98), os quais consistem numa síntese dos dados recolhidos sobre a azulejaria *in situ* nas várias dependências do Paço das Escolas, apresentando um documento inédito referente à venda de terrenos e casas para a Fábrica de Telha, recolhido num dos livros de Obras da Universidade (MACHADO, 1993). Recentemente surgiram novas achegas para o conhecimento do artista Salvador de Sousa, tendo como base a leitura e interpretação de um documento inédito que o associou ao Colégio das Ursulinas de Pereira, contribuindo para o esclarecimento de algumas dúvidas remanescentes sobre quem foi o artista, qual o seu percurso e sua produção (SANTOS, [no prelo]). Para o conhecimento do edifício do Paço das Escolas da Universidade de Coimbra vide: CORREIA, 1932; DIAS, GONÇALVES, 2004; PIMENTEL, 2000; PIMENTEL, 2002. (DS)

(578) (DS)

(579) Sobre este edifício ver o seguinte estudo: GONÇALVES, 1980. (DS)

Na parede fundeira, sob o coro e neste, mais quatro painéis do mesmo tipo, figurando eremitas orantes. São azulejos de Coimbra de cerca de 1780 e notabilizados pela ornamentação concheada típica daquele centro.

No corpo da capela foram colocados, recentemente, azulejos de fundo azul, com efeitos brancos dados sobre a coberta.

São Jorge de Milreus, antigo Mosteiro de/Escola Universitária Vasco da Gama (Castelo Viegas)

No vasto Convento dos Agostinhos, transformado em casa de lavoura, conserva-se parte dos azulejos que revestem as várias dependências e, apesar de terem sido retirados muitos, que foram para o Museu Machado de Castro, em Coimbra, ainda possui vastíssimo e magnífico repositório.

Igreja – Na capela-mor o silhar foi prejudicado pelas arcas tumulares adossadas às paredes laterais. Em painéis de pintura azul, cabeceiras recortadas, tendo nas cartelas emblemas agostinianos, o enquadramento é do tipo barroco arquitectural, com anjinhos. Na parte central compuseram-se paisagens indefinidas com fontes e pássaros. Primitivamente estes painéis tinham 21 azulejos de alto na parte mediana.

No corpo estende-se o extraordinário paramento cerâmico que atinge 29 azulejos de altura nas paredes laterais, e 32 na fundeira. A pintura é apenas em azul, de uma bela tonalidade clara, os silhares são recortados e a ornamentação de extraordinária riqueza, abafando totalmente o centro figurativo onde aparece a *Anunciação* (restaurada) e *Jesus entre os Doutores*.

Coro – Um grande painel, do mesmo tipo dos do corpo da igreja tem igualmente 29 de alto, estando interrompido pelo óculo de iluminação. A figuração central representa a *Anunciação*.

Sacristia – Os azulejos resumem-se agora a uma guarnição sobre o arcaz, com as legendas:

- 1) ALTARE S.P.N
AUGUST
- 2) ALTARE MAIVS
- 3) ALT ARE FAMILIAE
SACR.

XXXVII

XXXVIII

Escadaria – O silhar que acompanha as rampas e patamares tem no próprio azulejo a data de 1756. São azulejos azuis de tipo ornamental, moldura concheada, efeitos brancos em reserva, tendo na parte central passarinhos com fitas nos bicos. Num outro painel da mesma rampa, dois passarinhos seguram pelo bico uma fita onde se lê o cronograma 1756.

Casa capitular (servindo de arrecadação de batatas) – No espaldar do cadeiral, e na parte inferior deste, painéis recortados azuis, ornamentais com motivos de arquitectura. No topo, ladeando um antigo oratório, estão dois belos painéis policromos, recortados, de 15 de alto, emolduramento rococó, tendo nos centros, pintados a azul:

- 1) Grande nau com anjinhos brincando nas vergas, e bandeira onde se lê:
DEI ONJE PORTANS
PANEM SUUM
PROV 31.14
- 2) Emblema com as chagas franciscanas e a legenda:
SIMPLI POENA CUM DOMINO AFLICTUS

Na parte alta do mosteiro conservam-se os azulejos do silhar do corredor, em 5 de alto, divididos em muitos painéis, de pintura azul e figuração vária, incluindo paisagens, ruínas, cenas caricaturais, etc. Algumas destas representações têm interesse etnográfico.

Capela do corredor: É uma das quadras mais agradáveis do casarão, com seu silhar em trinta painéis recortados, pintura azul, com 16 azulejos de altura. Os centros figurados incluem cenas marianas e cenas do Antigo Testamento.

Antigo refeitório: Hoje arrecadação, estão aqui bem conservados os azulejos do espaldar, em 9 de alto, pintura azul de tipo ornamental, constituídos por grandes ramagens e passarinhos. Nas cartelas superiores pintaram-se emblemas da Paixão.

Toda esta azulejaria deve ser dada a oficina coimbrã de mais de uma época, centrada no entanto em 1756. A restante decoração azulejar dataria, pois, de cerca de 1730, época dos exemplares que estavam na parte mais antiga dos corredores e que agora se encontram no pátio do Museu Machado de Castro, em Coimbra. De época próxima de 1760 são, por outro lado, os painéis policromos da antiga Casa do Capítulo.

Na igreja do mosteiro⁽⁵⁸⁰⁾ a capela-mor é revestida nas suas paredes laterais por silhar de espaldar recortado, de pintura a azul e branco, apresentando os vários painéis – num total de dez, quatro de composição dilatada, quatro estreitos e dois incompletos – reservas figurativas que representam paisagens pontuadas por pássaros – surgindo em algumas delas fontes – e emblemática – *Cipreste* e *Lírio*. Nos remates destes painéis há ainda espaço para a inclusão de emblemática agostiniana – por exemplo, coração flamejante, alado e trespassado por flecha, sobre livro – e cristológica – os *Dados* e os *Cravos* associados à Paixão de Cristo – envolta em cartelas. Embora os enquadramentos das reservas figurativas se apresentem com menor efeito cenográfico, em comparação com o silhar da nave, alguns motivos decorativos são os mesmos e a mão é, certamente, a mesma, provavelmente das oficinas de Coimbra.

O corpo da nave tem também um silhar de azulejos de espaldar recortado com duas cenas historiadas, a *Anunciação* e *Jesus entre os Doutores*, dominando, contudo, as composições ornamentais, as quais apresentam profusa decoração constituída por grandes urnas com palmas e festões, querubins, acantos túrgidos, grinaldas, plumas, conchas, por entre mísulas e volutas, sendo extremamente acentuado um fundo pintado em tons azuis desenhando uma grelha alveolada.

No coro um alto painel de espaldar recortado, também a azul e branco e da mesma mão dos painéis da nave, preenche parte da parede fundeira até à altura do janelão. Este painel apresenta reserva historiada – repete a representação da *Anunciação* – sendo o seu enquadramento extremamente cenográfico: a profusa gramática decorativa inclui festões, meninos e anjos com ramos de flores, querubins, palmetas, por entre mísulas, volutas e outros elementos arquitectónicos em *trompe-l'oeil*, apresentando o remate do painel o fingimento de um dossel de pano brocado saído de sanefa com borlas, sendo este ladeado pelas figuras de dois santos que legendas identificam como: «S / MARSALO» e «S. / GERTRU / DES.C.R.».

No espaço correspondente à Casa do Capítulo o silhar de azulejos, com pintura a azul sobre fundo branco, é formado por estreitos painéis de espaldar recortado, separados por pilastras de fuste liso rematadas por urnas, apresentando composições ornamentais de motivos geométricos, constituindo elemento central uma «ponta de diamante». Será também produto das oficinas de Coimbra. Na parede de topo resta apenas o painel policromo com emblemática cristológica associada a uma passagem do Livro da Sabedoria. O corredor do antigo dormitório apresenta revestimento azulejar composto por silhar de azulejos de 8 unidades de altura, de pintura a azul sobre fundo branco onde se representam várias cenas de temática paisagística, as quais incluem várias cenas de costume – sendo de destacar a representação de uma tourada – e também o tema da ruína. Notamos que alguns painéis assumem a influência de motivos da *chinoiserie*, nomeadamente na representação de arquitecturas, indumentária de algumas figuras e desenho de algumas aves e flora.

(580) Foi este um mosteiro masculino da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. (DS)

Há ainda que referir que pelo menos dois painéis incluem algumas notas a manganês, nomeadamente o painel que inclui a legenda em latim «AUT DEO AUT MUNDO». Alguns painéis deste silhar incluem na cartela colocada na zona de remate vários símbolos entre os quais a cruz, a estrela, a palma e a escada. Tratar-se-á de produto de oficina coimbrã.

Na capela do dormitório, o embasamento do silhar – de cerca de 4 azulejos de altura e composto por volumétricas formas arquitectónicas fingidas – abre reservas figurativas nos trechos recuados entre os vários painéis, enquadradas por cartelas, que acolhem vários emblemas marianos: a *Lua*, a *Estrela*, o *Poço* e a *Torre* são alguns dos que ali se podem observar. A decoração dos emolduramentos das reservas figurativas do silhar incluem palmetas (estilo Regência), profusa decoração vegetalista e de formas contracurvadas em «C», anjos sustentando palmas (a ladear as composições mais dilatadas na vertical) e também alguns elementos concheados, entre outros motivos, sendo que todos estão apostos sobre um fundo marmoreado pintado a azul sobre fundo branco. Será produto de fabrico coimbrão.

No antigo refeitório um silhar de azulejos ocupa o lugar do espaldar do banco corrido que corre a toda a volta, sendo esse composto por painéis, na sua maioria de composição ornamental, com pintura a azul e branco, tendo como motivos ornamentais festões e outros elementos vegetalistas e, pontualmente, alguns pássaros, pintados a azul sobre fundo branco, apresentando-se a reserva ornamental enquadrada por moldura formada por elementos arquitectónicos fingidos entre os quais um embasamento simples, estípites colocadas lateralmente e um entablamento com friso de acantos no qual se coloca no eixo axial uma cartela que vai recebendo cristológicos. As faces frontais e laterais dos bancos de pedra integram azulejos enxaquetados e de padrão, a azul e branco, notando-se ainda alguns fragmentos de unidades policromas seiscentistas.⁽⁵⁸¹⁾

CURIA

Nossa Senhora do Livramento, Capela de

A capela é moderna e está anexa ao Palace-Hotel. Sobre a entrada, na fachada, foi colocado um painel azul recortado, de 14 de alto, imitando aceitavelmente a pintura coimbrã do meado do século XVIII, tendo ao centro a imagem de *Nossa Senhora do Livramento*, padroeira da capela.

Para a decoração interior foram aproveitados padrões de «almofada» vulgares, antigos que se dispuseram em silhar de 8 de altura, incluindo cercadura própria, azul.

EIRAS

São Tiago, Igreja Paroquial de⁽⁵⁸²⁾

O sacristão não trouxe a chave alegando que só mostrava a igreja contra uma autorização escrita. Voltei 6 dias depois e não estava aberta. No entanto, repetindo o «*Inventário Artístico*» (vol. IV, p. 55), refira-se a existência, numa casa antiga, de um «... pequeno painel do século XVIII, de fabrico coimbrão, com *Santo António e Almas*».⁽⁵⁸³⁾

LAMAROSA

Senhor dos Aflitos, Capela do

Integrada na Casa da Lamarosa esta capela sextavada tem, no interior, quatro nichos com azulejos em 16 de alto, de cerca de 1790. Os azulejos representam cenas jesuínas. Os enquadramentos são levemente concheados, com centros azul-claros e moldura de verdes e manganês-escuro. A pintura é má, assim como o desenho.

(581) (DS)

(582) Actualmente não possui património azulejar integrado e desconhecemos a sua existência anteriormente. (DS)

(583) Não nos foi possível identificar a *casa antiga* referida no *Inventário Artístico* (GONÇALVES e CORREIA, 1952) e citada por Santos Simões. (DS)

Apresenta quatro faces revestidas de azulejos com cenas da Paixão de Cristo: *Oração no Horto*, *Flagelação*, *Caminho do Calvário* e *Calvário*. Estas composições são enquadradas por moldura com concheados e relacionam-se com os ornamentos e emblemas da Paixão de Cristo patentes na pintura no tecto.⁽⁵⁸⁴⁾

CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO

PEREIRA

Misericórdia, Igreja da Santa Casa da

Os azulejos da capela-mor, apenas de pintura azul, e os da nave, de centros azuis e cercaduras policromas, vêm descritos no curiosíssimo livro manuscrito: «*Procurador instruído, e / educado / . em todas as acções, que deve praticar para / o bom governo das couzas pertencentes à / Regia, e Illustre, Santa Caza / de Mizericordia desta V^a de / Pereira. Com huma noticia rezumida / do seu princípio, aumento, certabilidade que / lhe da o seu presente procurador, e / carturario / José Tavares da Pxam / Anno de 1785*».

Assim, a fl. 211 fala dos azulejos mandados colocar na capela-mor, e que são a *quinta obra maravilhosa* mandada fazer pelo provedor Bernardo António Amado de Vasconcellos, operoso entre 1757 e 1785. Quando não era provedor era escrivão. Os azulejos do corpo da igreja foram instalados em 1784, como se lê a fls. 212.

Na capela-mor um silhar de azulejos, de pintura azul sobre fundo branco, apresenta várias composições figurativas, em painéis de espaldar recortado, alusivas à *Vida da Virgem*, intercaladas por atributos marianos inseridos em cartelas recortadas. Assim, do lado do evangelho estão representados o *Nascimento da Virgem* e a *Apresentação da Virgem no Templo*, e do lado da Epístola a *Anunciação* e a *Visitação*. Na zona do patamar inferior da capela-mor, parte dos painéis descansam sobre rodapé policromo em azulejos.

Na nave, painéis de azulejos de enquadramentos policromos, pintados a azul, amarelo, verde e manganês, formam silhar, apresentando cada um dos painéis espaldar recortado e vasos floridos sobre as pilastras de separação. Nas suas reservas figurativas estão composições que representam cenas da Vida de Cristo. No lado da epístola, associadas à Infância de Cristo:

Visitação
Adoração dos Pastores
Adoração dos Magos
Circuncisão
Apresentação do Menino no Templo
Matança dos Inocentes
Fuga para o Egipto
Sagrada Família

No lado do evangelho relacionadas com o Seu ministério público:

Baptismo
Oração no Horto
Cristo perante Caifás
Identificação de Pedro
Cristo no Caminho do Calvário⁽⁵⁸⁵⁾

(584) (DS)

(585) Em 1998, quando das obras de conservação de interiores e exteriores, faz-se uma intervenção de conservação de dois painéis de azulejos. Em 2002, ocorrem trabalhos de conservação e restauro no revestimento azulejar. Vide «Igreja Paroquial de São Martinho do Bispo», www.monumentos.pt, 2004. (DS)

CONCELHO DE COIMBRA

SÃO MARTINHO DO BISPO

São Martinho, Igreja Paroquial de

Azulejos na capela-mor em dois grandes painéis de cabeceiras recortadas, encimadas por urnas, com 30 azulejos de altura. Pintura azul de fabrico coimbrão de cerca de 1750. Emolduramentos barrocos, já com bastantes elementos concheados e *capitonnés*. Os anjinhos estão reduzidos às cabeças.

No centro dos painéis vê-se, do lado da epístola: *Aparição de Cristo a São Martinho no Leito de Morte*, com a legenda:

Martinus Catechumenus haç
me veste Confexit.

Do lado do evangelho: *Missa de São Martinho*, em que aparece a bola de fogo e a legenda:

Dum Sacramenta offerret
Beatus Martinus Globus ignens
apparivit super Capus ejus.

Do lado da epístola porta fingida em azulejo com o madeiramento pintado a manganês e verga sobrepujada de ornato azul.

Ladeando os altares colaterais e os primeiros laterais, foram colocados mais tarde, cerca de 1770, – grandes painéis também recortados, de 23 de alto, pintura azul forte.

Os enquadramentos são já francamente concheados, ainda que persistam as pilastras laterais. Do lado do evangelho o painel maior representa a *Aparição de Nossa Senhora a São Domingos*, e o menor *Coroação de um santo frade com rosário*. Do lado fronteiro, respectivamente, *Ceia dos Apóstolos* e *Nossa Senhora da Conceição* com legenda: Refugium... (o resto foi mutilado para aplicar a teia).⁽⁵⁸⁶⁾

SÃO SILVESTRE DO CAMPO

São Silvestre, Palácio de

Após muitas remodelações nos séculos XVIII e XIX, este velho palácio sofreu há tempos mais uma, que acabou por fazer desaparecer os pouquíssimos vestígios da fábrica quinhentista.

Durante a nossa visita ainda ali se encontravam azulejos historiados, do século XVIII, que os respectivos proprietários pensavam transplantar para outros locais.

VIL DE MATOS

São João Evangelista, Igreja Paroquial de

Na capela-mor dois painéis lisos, de 17 de altura. Pintura azul sobre rodapé marmoreado manganês. Desenho vigoroso de fabricação coimbrã de cerca de 1750. Enquadramentos concheados com pilastras e centros figurados representando, do lado do evangelho a *Ceia*, do lado da epístola o *Milagre da Mula*.

⁽⁵⁸⁶⁾ Em 1985 realizaram-se obras de beneficiação e conservação neste edifício, entre elas a consolidação dos azulejos. Vide «Igreja Paroquial de São Martinho do Bispo», www.monumentos.pt, 2007. (DS)

CONCELHO DE CONDEIXA-A-NOVA

ANOBRA

Santa Catarina, Igreja Paroquial de

Na igreja apenas existem azulejos na antiga Capela do Santíssimo – hoje de Nossa Senhora da Conceição.

E um silhar em painéis de pintura azul, de cabeceiras recortadas em 17 de alto, incluindo um rodapé marmoreado. São quatro os painéis figurados, respectivamente:

- 1) *Nascimento de Nossa Senhora*
- 2) *Casamento*
- 3) *Anunciação*
- 4) *Glória*

Ornamentação acessória já rococó, do tipo das usadas em Coimbra cerca de 1780.

CONDEIXA-A-NOVA

Nossa Senhora da Piedade, Capela de (Palácio Lemos/Palácio Ramalho Lemos/Palácio Sotto Mayor)

A capela privativa do grande palácio dos Sotto-Mayor foi revestida de azulejos de cerca de 1740, constituindo um dos mais curiosos conjuntos obtidos com os produtos de Coimbra. Em todo o redor espalham-se painéis de cabeceiras recortadas, onde, com azul fortíssimo, se pintaram cenas marianas, exuberantemente enquadradas por composição barroca. São ao todo sete painéis com altura maior de 19 azulejos e, nos quadros, representam-se os conhecidos passos da:

- 1) *Anunciação*
- 2) *Visitação*
- 3) *Adoração dos Pastores*
- 4) *Adoração dos Magos*
- 5) *Apresentação*
- 6) *Circuncisão*
- 7) *Fuga para o Desterro*

O desenho de toda esta figuração pode considerar-se de primário mas, em compensação, o conjunto ornamental é deveras notável. No topo, sob a tribuna, salienta-se um painel ostentando o brasão dos Ramalhos, magnífica peça heráldica azulejar, completa, com elmo, timbre e paquife. O brasão é esquartelado, sendo o primeiro quartel também esquartelado, tendo como brica uma flor de três pétalas.

CONDEIXA-A-VELHA

São Tomé, Capela de

A capela da notável casa nobre da Família Pereira da Luz não vem referida no *Inventário Artístico*.

O seu interesse reside principalmente nos azulejos que forram o silhar numa altura de 14, sendo as duas fiadas inferiores com azulejos de figura avulsa, de fabricação coimbrã, cantos de quatro pontos com figuração humana, pássaros, flores, etc. Acima deste rodapé a ornamentação é obtida com um padrão azul e respectiva barra. Serão estes azulejos anteriores a 1751, data que figura em um dos três ex-votos pintados. Os outros dois são de 1760 e 1766. Algumas das figurações dos azulejos avulsos são curiosas e estranhas, aproximando-se das que foram reproduzidas em Viana do Castelo. Há certas figuras de sabor popular e, sobretudo, emblemas de ignorada significação.

EGA

Nossa Senhora da Graça, Igreja de

No exterior da igreja vemos onze cruzeiros de *Via Sacra*, formadas com azulejos azuis (9 × 5) correspondentes às estações, 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, 9.^a, 10.^a, 11.^a, 12.^a e 13.^a e mais duas onde se não lê o ordinal.

A capela do lado do evangelho e o corpo da igreja têm silhar de padrão azul sobre um rodapé de figura avulsa de estrelinhas. Sobre o arco cruzeiro destaca-se uma bela composição azulejada de pintura azul, fabrico de Coimbra do meado do século XVIII, apresentando na parte central um emblema com cruz flor-de-lisada.⁽⁵⁸⁷⁾

SEBAL

São Pedro, Igreja de

A Capela do Santíssimo deve ter sido azulejada em épocas diferentes, como o atestam os azulejos dos dois tipos e épocas diferentes.

Acima, no rodapé de 6 de alto com um padrão azul, estão os painéis que chegam ao arranque da abóbada, em 11 de alto, cheios com azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinhas» e cercadura própria, apenas com motivos florais, certamente fabricados em Coimbra na primeira metade do século XVIII.

No baptistério foram colocados em 1951 azulejos figurados azuis, fabricados na cerâmica do Outeiro «Águeda» e assinados F. L. Pereira. Mencionamo-los aqui devido à sua figuração bastante curiosa, a qual compreende, além do painel com o *Baptismo*, outro com *Adão e Eva* junto da árvore pecaminosa e ainda um terceiro representando *Um Baptizado*, tirado de fotografia e portanto retratando o padre, o sacristão, o pai, a mãe, os padrinhos e o neófito!⁽⁵⁸⁸⁾

VILA SECA

São Pedro, Igreja Paroquial de

Numa obra feita já depois da publicação do *Inventário Artístico* foram arrancadas todas as cabeceiras e vasos ornamentais que coroavam os doze painéis do silhar que revestia o corpo da igreja. Agora, tem uniformemente 11 azulejos de altura e o efeito ornamental ficou desequilibrado.

Cada painel ilustra uma *cena antoniana* ou *mariana*, de desenho medíocre, enquadrada por cercadura de pilastras policromas, trabalho típico de Coimbra de cerca de 1780.

Na nave observa-se silhar assente em rodapé de 2 azulejos com efeitos marmoreados a manganês e verde, constituído por painéis de azulejos policromos historiados com a reserva figurativa com pintura a azul sobre fundo branco e enquadramentos policromos, a azul, manganês, verde e amarelo, compostos por elementos arquitectónicos fingidos entre os quais embasamentos, pilastras laterais às reservas figurativas e entablamento, pontuados por discretos elementos concheados de gosto *rocaille*.

(587) Na década de 40 do século XX foram descobertas pinturas quinhentistas no arco triunfal sob os altares colaterais. Em 1967, faz-se a reconstrução do pavimento, rebocos interiores, e o reassentamento de azulejos. Vide «Igreja Matriz de Ega/Igreja de Nossa Senhora da Graça», www.monumentos.pt, 2000. (DS)

(588) Na Capela do Santíssimo Sacramento as paredes são revestidas integralmente com azulejo, observando-se espécimes de várias épocas. Assim, o primeiro registo do revestimento corresponde a um silhar seiscentista policromo, com padrão 2 × 2, do tipo «maçaroca» – P-101 –, numa altura de 6 azulejos, sendo delimitado por cercadura – C-69. A sublinhar a separação entre o revestimento seiscentista do que se lhe sobrepõe, que datamos dos inícios do século XVIII, está um friso de gomos de pintura a azul e branco. O silhar setecentista, de cerca de 12 azulejos de altura, é constituído por azulejos de figura avulsa de «estrelinhas», de pintura a azul e branco, onde dominam os motivos florais. Envolve-o uma cercadura, também a azul e branco, de motivos vegetalistas muito semelhante à identificada por Santos Simões como C-88.

À entrada desta capela pode observar-se, à esquerda, em mistura com os azulejos anteriormente descritos, fragmentos de composições de albarradas semelhantes às que se observam em alguns edifícios da cidade de Coimbra (Colégio do Carmo, Paços da Universidade de Coimbra, Colégio de Santo Agostinho, Colégio da Graça...). (DS)

As composições figurativas, no total de doze cenas, são de temática religiosa. No lado do evangelho dedicadas à Vida da Virgem:

Nascimento da Virgem
Apresentação da Virgem no Templo
Desposórios da Virgem
Anunciação
Visitação
Natividade

No lado da epístola, a Vida de Santo António:

Embarque de Santo António para Marrocos
Aparição de São Francisco
Tentação de Santo António
Ilibação do Pai de Santo António, Condenado à Morte
Milagre da Cura de Um Enfermo
Pregação de Santo António no Capítulo Geral de Assis
Milagre Eucarístico da Mula

A parede fundeira da nave, no subcoro, apresenta fragmentos de silhar de azulejos de padrão pombalino, com pintura a azul e manganês sobre fundo branco, apresentando friso e colocando-se sobre rodapé de 2 azulejos de altura iguais ao verificado nas paredes laterais da nave.

A sacristia possui silhar de azulejos idêntico ao descrito anteriormente.⁽⁵⁸⁹⁾

CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

BUARCOS

Nossa Senhora da Conceição, Capela de

A capela, junto à estrada litoral, ostenta na verga da porta a data que tem sido lida como 1586. O interior é notabilizado pelos azulejos que o revestem, em silhares de grandes vasos floridos, entre balaústres, acima dos quais estão azulejos do tipo avulso, de grandes flores azuis e ainda elementos de um padrão de 4 × 4, aqui mal agrupado.

A estes azulejos se devem referir as palavras que estão num painel colocado sobre o arco triunfal, de 5 × 3, com a imagem de *Nossa Senhora da Conceição* e donde consta:

ESTA O / BRA MAN / DOV...
 ZER O / DOVTOR / DVA...
 DE BRI / TOERADE / 1714

ou seja, «*Esta obra mandou fazer o doutor Duarte de Brito na era de 1714*».

Trata-se de produtos típicos de Coimbra e, o facto de estarem datados muito valoriza o conjunto, que pode considerar-se o marco cronológico para este tipo de azulejos.⁽⁵⁹⁰⁾

(589) Numa estampa do volume 4 do *Inventário Artístico de Portugal*, correspondente ao distrito de Coimbra (GONÇALVES e CORREIA, 1952), há um registo fotográfico de parte do silhar da nave antes da amputação dos espaldares recortados e vasos floridos a que se refere Santos Simões. (DS)

(590) Na capela-mor as paredes laterais são revestidas com azulejo de padrão 4 × 4 – P-486 – formando tapete monocromo a azul e branco e apresentando como guarnição uma barra de motivos vegetalistas – B-48. O arco triunfal apresenta-se integralmente revestido a azulejo, organizando-se esse revestimento, na face que dá para a nave, em dois registos, o qual mostra sinais de ter sido mexido, nomeadamente pelas várias unidades mal colocadas. O registo inferior tem 8 azulejos de altura, com pintura a azul e branco e composição ornamental, delimitada lateralmente por cercadura de motivos vegetalistas – C-104 –, onde uma figura infantil segurando uma cornucópia florida surge entre balaústres – composição ornamental com grandes semelhanças às existentes no corredor do dormitório do Colégio de Nossa Senhora da Graça e na desaparecida capela do dormitório do Colégio de Santo Agostinho ou da Sapiência, ambos na cidade de Coimbra. Separa este registo inferior do registo seguinte uma cercadura formada por módulos com losangos como motivo

FIGUEIRA DA FOZ

Quinta da Foja

À entrada alizar de painéis ornamentais policromos.

Na sala de jantar alizar do mesmo tipo, enquanto numa outra sala anexa o silhar é do tipo «grinaldas» com medalhões ovais, azuis, representando paisagens. Fabrico talvez de Coimbra, influenciado directamente pela produção do Porto.

Na capela o corpo é revestido com azulejos de «almofada», enquanto que na capela-mor o silhar é recortado, *rocaille*.

LAVOS

Quinta do Canal

O edifício da quinta é de 1702 – conforme se lê na inscrição na padieira de uma porta. Esta quinta foi, no século XVI, de Afonso de Arriaga, que legou o seu senhorio ao Colégio de Santo Antão de Coimbra. Quando do sequestro dos bens dos Jesuítas em 1759, a quinta foi administrada pelo Capitão Diogo José de Carvalho e, depois, adquirida por José Seabra da Silva. Foi certamente nessa altura, cerca de 1770, que ali foram colocados os azulejos dos quais restam os que actualmente se vêem no átrio de entrada.

É um silhar de 9 de alto do tipo vulgar de painéis com emolduramento concheado manganês e fundo azul, com paisagens. Deve ser atribuído a oficina de Coimbra, provavelmente a Sousa Carvalho, o conhecido pintor de parte dos azulejos pombalinos da Universidade de Coimbra.

MAIORCA

Casa nobre (abaixo da Igreja)

Numa das salas – hoje a de jantar – silhar liso de 8 de alto, tipo Sousa Carvalho, com paisagens, barcos, pastores, etc. Os painéis são separados por pilastras com decoração marmoreada.

Palácio dos Viscondes de Maiorca

O conjunto azulejar deste paço é, provavelmente, o mais notável do centro de Portugal – rivalizando com o Palácio de Mangualde – e, felizmente, encontra-se primorosamente conservado. Não seria difícil conhecer com relativa exactidão a época da instalação dos azulejos, a qual devera andar próxima de 1770.

Sala de entrada – São dez os painéis recortados, de cercadura concheada manganês, centros figurados azuis, tendo cada um seu cavaleiro em atitude de treinar a cavalo. Três dos personagens apresentam-se de armadura e empunham bastões de comando: os outros sete têm na mão direita uma chibata e trazem chapéu emplumado. É manifesto que o autor – possivelmente Sousa Carvalho, de Coimbra – se serviu de estampas dos fins do século XVII que ilustravam algum tratado de equitação.

ornamental principal, também a azul e branco – C-132. Sobre esta cercadura está colocada metade da barra B-39 (observada no remate superior do silhar das paredes laterais da nave) formada por padrão constituído por motivos vegetalistas e florais pintados a branco sobre fundo azul. No registo superior do revestimento do arco triunfal observam-se azulejos de figura avulsa, no mesmo cromatismo dos descritos anteriormente, a revestir a parede até ao tecto, faltando algumas unidades que foram complementadas com azulejos que são fragmentos do padrão aplicado na parede de fundo da capela. A contornar o arco triunfal e delimitando o tapete de azulejos avulsos corre a cercadura C-104 já mencionada. Por cima do arco, na zona central, notam-se indícios da existência da representação do orago com a inscrição e data referidos por Santos Simões. Apenas se identifica a cabeça de Nossa Senhora e alguns elementos da legenda. A nave apresenta silhar de azulejos formando composições de albarradas intercaladas por balaústres em altura de 15 azulejos. Este silhar está assente em rodapé de meio azulejo composto por fragmentos de padrão e azulejos brancos. O seu remate superior é marcado por barra de motivos vegetalistas formada por sequência linear de padrão 2 x 2 – a já mencionada B-48. As albarradas integram urnas asadas floridas, sendo ladeadas por aves semelhantes a papagaios com flores no bico, as quais são formalmente muito idênticas às que se conservam nos claustros dos Gerais da Universidade de Coimbra. A contornar os arcos de volta perfeita das capelas laterais deste templo está a barra de azulejos de motivos vegetalistas B-48. Na parede de fundo da capela, correspondendo ao espaço do antigo subcoro (hoje destruído) observam-se azulejos mal colocados que pertencem ao padrão 6 x 6 identificado por Santos Simões como P-603a.

Entre 1981-82 ocorrem neste edifício obras gerais de conservação entre as quais se procedeu à picagem e reconstrução do reboco e ao levantamento, tratamento e assentamento do azulejo. Vide «Capela de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2005. (DS)

Salas da frente – Continuação da sala de entrada, sendo quatro as salas com seu lambrim azulejado – agora de cabeceira lisa – em 9 de alto. Os motivos ornamentais são todos diversos, mas do mesmo tipo e técnica dos adoptados em Coimbra na sequência das obras pombalinas da Universidade, tendo como motivos paisagens e cenas campestres e, como cores, os manganês fortes e diluídos, o azul e o verde-cobre, tão característicos. Numa ou noutra sala intermédia foram aplicados azulejos de padrão «almofada», de modelos conhecidos.

Saleta de passagem para o jardim – O silhar é de painéis recortados, com enquadramentos de grande exuberância barroca – concheados rococó – outra das características gramaticais da produção coimbrã.

Cozinha – É a peça mais notável do palácio e está magnificamente conservada. A casa é oitavada e a chaminé ocupa o centro, elevando-se sobre quatro cantos de boa cantaria. Em três destes cantos foi colocado um painel de 5 × 3 tendo, pintado a azul, a figura de uma serviçal, respectivamente com um prato de carne, outro de peixe e outro de doce. Falta um dos painéis, substituído por azulejos de padrão «almofada».

A parte superior das paredes, junto à sanca, é acompanhada por uma guarnição de azulejos de pintura manganês com flores e frutos em largas grinaldas, composição e aplicação que aqui vejo pela primeira vez.⁽⁵⁹¹⁾

SÃO JULIÃO DA FIGUEIRA DA FOZ

Casa do Paço

Neste edifício, mandado construir por D. João de Melo, Bispo de Coimbra, Elvas e Viseu, há no andar nobre quatro salas com silhar de azulejos de figura avulsa (com 12 e 13 unidades de altura) de produção holandesa (Delft) nos quais entre os motivos soltos estão paisagens campestres e marinhas (azul e branco), cenas religiosas e cenas equestres (estas duas variantes apresentam pintura a manganês e branco). Nas quatro salas a colocação das unidades segue uma linha de equilíbrio e harmonia estética que respeita os efeitos cromáticos e o agrupamento das unidades formando cercaduras e respectivos centros de acordo com os temas e respectivas cores.

Segundo Santos Simões a sua época provável de fabricação é a primeira década de Setecentos.⁽⁵⁹²⁾

SEIÇA

Antigo Convento

Segundo informação local alguns azulejos do antigo convento foram, há cerca de doze anos, levados para o Museu de Coimbra, nomeadamente o mostrador do relógio da

(591) O salão nobre do edifício apresenta silhar de painéis azulejares figurativos de espaldar recortado onde estão representadas cenas equestres com a reserva historiada a azul sobre fundo branco envolvida por enquadramento a roxo-manganês com ornamentação *rocaille*. No total são dez painéis com 19 azulejos na parte mais alta que poderão reproduzir gravuras de um tratado equestre, tendo sido encontradas semelhanças com desenhos de Abraham van Diepenbeek. Vide «Paço de Maiorca/Paço dos Viscondes de Maiorca». In www.monumentos.pt, 2006.

À direita deste salão seguem-se quatro salas também revestidas a azulejo. A primeira, tem silhar de azulejos historiados de temática campestre, pintados a azul e branco, com guarnição pintada a manganês, apresentando ornamentação *rocaille*. Na segunda os azulejos representam cenas venatórias, sendo o cromatismo invertido em relação aos azulejos das salas precedentes, aqui com a reserva central a manganês e o enquadramento a azul e branco. Padronagem pombalina integra o revestimento azulejar da terceira sala, designada por Sala do Papel, apresentando-se os motivos a azul e manganês. A quarta sala é revestida com um silhar de azulejos figurativos em cujos painéis se representam várias cenas associadas ao vinho. A oeste, no quarto de banho do corredor, há um silhar de azulejos de figura avulsa. No lado este, outra sala tem silhar de azulejos de padrão com motivos de flores pintados a azul e manganês sobre fundo branco. A cozinha tem as paredes revestidas de azulejos de padrão formando silhares que se interrompem por algumas pias de água, armários de parede e pelas portas comunicantes com as outras divisões. Junto à sanca as paredes apresentam um friso de azulejos com festões. Na lareira, colocada centralmente, três das quatro faces que truncam os ângulos da chaminé são revestidas de azulejos que formam composições figurativas, de 6 × 4 azulejos, alusivas à culinária – figura segurando um bolo, as outras cozem uma ave no lume – e composição de padronagem idêntica à do silhar das paredes. Ainda a este, frontalmente com o salão de entrada, um vestíbulo comunicante também com a capela tem as paredes percorridas por silhar de azulejos de composição figurativa. A capela apresenta paredes percorridas por silhar de azulejos de composição ornamental de inspiração vegetalista. (DS)

(592) SIMÕES, 1947. Para além deste estudo ver a obra de referência para o conhecimento da azulejaria setecentista de produção holandesa em Portugal: VV. AA., 1994. Em 2005, decorreram obras de reabilitação na ala central do edifício, as quais passaram por recuperar as cerca de sete mil unidades azulejares que revestem grande parte das paredes das quatro salas do andar nobre. (DS)

igreja. É possível que ainda tenham ficado outros em algumas quadras, mas o então proprietário da fábrica de descasque de arroz que ocupa o antigo mosteiro não se mostrou propenso a autorizar uma visita de estudo.

Nossa Senhora de Seíça, Capela de

Na pequena capela de planta poligonal há azulejos forrando as paredes interiores, em 20 de altura, formando painéis ornamentais com paisagens de pintura manganês e cartelas de desenho azul, contendo emblemas marianos: Sol e Lua, etc.

São azulejos típicos de fabricação coimbrã de cerca de 1780, ornamentação concheada com marmoreados de tons verdes, amarelos e roxos, provavelmente da oficina de Sousa Carvalho.

CONCELHO DE MIRA

MIRA

São Tomé, Igreja de

Na porta a data de 1690.

Na enorme nave o silhar de azulejos é recortado, de cerca de 1770. Os azulejos vão até uma altura de 26, separados por pilastras concheadas. Cada pilastra é encimada por florões de flores verdes e amarelas. Os centros figurados são em azul-claro, mas de bom desenho. Mostram cenas da Vida de Jesus, com legendas em português. São ao todo treze painéis. Os nichos, portas e outros acidentes arquitectónicos são revestidos com azulejos do mesmo tipo, mas ornamental. Na capela baptismal o padrão é tipo «D. Maria», com grande florão manganês. Também a porta da capela é encimada por ornamentação idêntica à da nave. Na Capela de Nossa Senhora de Fátima o tipo de azulejo é o mesmo do da nave, agora com *cenas marianas* e uma *Ceia de Cristo*.

O conjunto destes azulejos será de realçar, não só pela quantidade como pela qualidade. É de lamentar, porém, o começo de desintegração dos mesmos, os quais, por motivo de salitre nas paredes começaram já a cair, havendo falta de dezenas.⁽⁵⁹³⁾

CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO

SEMIDE

Santa Maria, antigo Mosteiro de

No vasto convento que foi das monjas de Cister, encontram-se ainda em profusão azulejos de várias épocas e tipos, restos do que foi um dos maiores repositórios azulejares do centro de Portugal. Depois do abandono do mosteiro pelas últimas Bernardas, passou este a muitas e variadas aplicações, com os consequentes resultados de desvalorização artística, delapidação, extravio de ornatos e alfaías, e outros atropelos feitos, geralmente, por pessoas responsáveis. Apesar de tudo ficaram ainda alguns exemplares e, como tal, referidos frequentemente.

Na igreja, recentemente restaurada e primorosamente cuidada, está o silhar, recortado ocupando a parte inferior das paredes laterais, e que ultrapassa, em 27 de alto, a porta de acesso à sacristia. São painéis de pintura azul, com figuração contida em abundante ornamentação barroca. Na parede do lado do evangelho está, no azulejo, o espelho da porta que lhe fica em frente. A parte central figurada ilustra passos marianos, em desenhos incorrectos mas deliciosos na sua espontaneidade.

XXXVII

⁽⁵⁹³⁾ Um silhar de azulejos formando painéis recortados reveste as paredes da nave num total de 13 composições com cenas da Paixão de Cristo. Em 1972 aconteceram obras de consolidação dos azulejos. Vide «Igreja Paroquial de Mira/Igreja de São Tomé», www.monumentos.pt, 1993. (DS)

Na parte inferior há medalhões com paisagens de maior interesse. No corpo o silhar é ornamental, com 15 azulejos na altura, de cerca de 1784, data que se lê no painel que foi deste convento e que se encontra no Museu Machado de Castro, de Coimbra.⁽⁵⁹⁴⁾ No baptistério o tipo de azulejo é idêntico, apresentando-se num painel recortado, tendo na parte central a figuração do *Baptismo* e, na parte inferior, azulejos marmoreados, verdes e roxos, comuns a toda esta azulejaria coimbrã.

Na zona inferior da parede fundeira do coro, o alizar é semelhante ao que já vimos no corpo da igreja, agora com vasos floridos recortados. No antecoro estão azulejos de padrão pombalino, fabricados em Coimbra e, um pouco por toda a parte – claustros, corredores, salas de espera, etc. – ou se conservam alguns azulejos da primitiva ou têm sido repostos outros, vindos de mais de um local.

Na capela-mor há um total de seis painéis de espaldar recortado e pintura a azul e branco, que datamos de cerca de 1740-50, separados por pilastras rematadas por urnas, observando-se a *Anunciação*, a *Visitação*, a *Adoração dos Pastores*, a *Adoração dos Magos*, a *Fuga para o Egipto* e a *Circuncisão*. Do lado do evangelho está representada a porta fingida que faz o espelho com a porta da sacristia.

Na nave, baptistério e coro observa-se silhar de azulejos com painéis de composição ornamental da segunda metade do século XVIII e mão distinta dos painéis da capela-mor, os quais se apresentam policromos sobre rodapé de azulejos marmoreados a manganês com apontamentos a verde. Os azuis, amarelos e roxos-manganês sobre fundo branco dominam este silhar. Azulejos com as mesmas características ocupam o baptistério onde o cromatismo da reserva do painel historiado, representando o *Baptismo*, se limita apenas ao azul e branco, apresentando o seu enquadramento policromo. Sobre os postigos da parede de separação do coro estão colocadas cruzeiras em azulejo, pintadas a azul e branco.

Nos painéis do coro, colocados na parede fundeira, vasos floridos policromos rematam as pilastras de separação dos painéis. No antecoro está um silhar de azulejos de padronagem pombalina, a manganês e azul sobre fundo branco, igual ao que se observa no claustro setecentista, sobre o qual descansam pontualmente vasos floridos. No claustro do século XVI há ainda restos de azulejos – parte de painéis historiados e alguns vasos floridos – do conjunto de onde terão saído os azulejos datados e assinados que constam na Casa-Museu Bissaya Barreto e ainda no Museu Nacional de Machado de Castro com o número de inventário MNMC 12238. No exterior, na fachada principal da igreja, estão catorze cruzeiras em azulejo numeradas e pintadas com efeitos marmoreados a azul e branco.⁽⁵⁹⁵⁾

TÁBUAS

Nossa Senhora da Piedade, Capela de (na Malhadinha)

Do século XVIII apenas há azulejos na capela-mor, do tipo «pombalino» de Coimbra. O resto do revestimento pertence ao século XVII, tendo já sido estudado no volume IV do *Corpus*, referente aos azulejos do século XVII.

CONCELHO DE MONTEMOR-O-VELHO

ARAZEDE

Nossa Senhora do Pranto, Igreja de

Nesta ridente aldeia, a igreja resplandece de limpeza, mercê dos cuidados do respectivo pároco e paroquianos.

(594) Vide: QUEIROZ, 1907, pp. 264-265 e 399 (ou 2.ª ed., 1948, vol. I, pp. 289-290 e vol. II, p. 130).

FLÁVIO GONÇALVES

(595) Vide: QUEIROZ, 1907; PAIS, PACHECO e COROADO, 2007. Os silhares de azulejos pombalinos a que se refere Santos Simões formam grelha diagonal com rosetas a azul e manganês. Em 1994, fez-se a consolidação dos azulejos da capela-mor, nave e coro. Vide «Mosteiro de Santa Maria de Semide», www.monumentos.pt. Ainda sobre este edifício vide o seguinte estudo: MELO, 1992. (DS)

Na capela-mor sobressaem dois painéis recortados, de 21 azulejos na altura máxima, pintura azul, e figuração alusiva à invocação da Virgem plangente. O do lado do evangelho tem, na cartela inferior, a legenda:

PLANGEBAT NATUN, AMISSUM QUEM
CREDIDIT ANNA: OCCISUM PLAN
XIT VIRGO MARIA SUUM.

O do lado do evangelho:

AVERTIT CLADEM PLANGENS ES
THERA SUORUM: VIRGINIS ET
PLANCTU FLECTITUR IRA
DEI

Na parte inferior, junto à porta da sacristia, do lado do evangelho, está a legenda:

ESTA OBRA MANDOU FAZER O R^{do} IOAQUIM FERREIRA
PRIOR DESTA IGREIA NA ERA DE 1774 ANNOS.

Os azulejos do corpo da igreja e baptistério estão datados de 1904.

MONTEMOR-O-VELHO

Nossa Senhora dos Anjos, igreja do antigo Convento de

Segundo o *Inventário Artístico* ⁽⁵⁹⁶⁾ na capela-mor havia, até às obras, azulejos de altos panos e enquadramentos concheados, do século XVIII, de fabrico de Coimbra, com cenas da *Vida da Virgem*. Na nave o alizar era dos séculos XVIII-XIX, de fabrico coimbrão, com esquemas de losangos e rosáceas, dos quais se conservam certos panos. ⁽⁵⁹⁷⁾ Sob o coro existem agora dois painéis, um com *São Nicolau Tolentino* e outro com *São Gonçalo de Lagos*, datados de 1801 e de fabrico de Coimbra.

SEIXO DE GATÕES

São João Baptista, Igreja de

No exterior há oito cruzeiros assinalando outras tantas estações da *Via Sacra*, estando as maiores na fachada principal, ladeando a porta.

No interior é notável o revestimento cerâmico da capela-mor, cujas paredes são inteiramente forradas em 47 de altura. Os azulejos enquadram as portas e janelas, com ornatos adequados. Na parte inferior do paramento são os azulejos pintados a azul com larga ornamentação de óptimo desenho, envolvendo cartelas com emblemas marianos – o Sol e a Lua – encimadas por coroa de sete pérolas.

Na parte superior, em guisa de cornija, corre uma composição arquitectónica. A superfície que fica livre é apenas de azulejo branco.

Deve ser trabalho de decorador coimbrão, de época vizinha de 1740. Trata-se, na verdade, de uma decoração insólita, a primeira que se nos depara deste tipo.

XXXIX

⁽⁵⁹⁶⁾ *Inventário Artístico*, vol. IV, p. 137.

⁽⁵⁹⁷⁾ Já não existem. (DS)

VERRIDE

Quinta da Almeira/antigo Convento de Almiara/Mosteiro de Verride

Tentei visitar a *quinta* mas não se encontraram as chaves. Através da janela da capela verifiquei que esta tem silhar de azulejos *azuis*, em painéis recortados, figurados com legendas explicativas. Também fui informado que há o mesmo tipo de azulejo no refeitório dos frades, o qual ocupa um dos torreões do edifício.⁽⁵⁹⁸⁾

Santo António do Cardal, Capela de

A pequena capela, de prospecto modestíssimo, faz parte do conjunto da casa nobre da Quinta do Cardal.

O interior tem um silhar de azulejos em painéis de cabeceiras recortadas, de 17 de alto no centro, sobre rodapé de 2 azulejos marmoreados verdes e roxos. Os painéis são do tipo de pintura azul, enquadramentos concheados e centro figurando passos da Vida de Santo António, nomeadamente o *Milagre da Mula e Ressurreição*. Alguns destes painéis estão mutilados. Será trabalho de oficina de Coimbra de cerca de 1770-80.

CONCELHO DE PENACOVA

TRAVANCA DO MONDEGO

São Tiago Maior, Igreja Paroquial de⁽⁵⁹⁹⁾

Rodapés marmoreados, em 2 azulejos de altura, sem interesse.

Na capela-mor os azulejos são do tipo de «grinaldas», com flores azuis sobre fundo branco, numa altura de 2 azulejos.

CONCELHO DE PENELA

PENELA

Santo António, igreja do antigo Convento de

O velho convento capucho de Penela pertence, arquitectonicamente, ao grupo das construções capuchas da província de Santo António e, apesar de muito arruinado, conserva ainda os elementos fundamentais que caracterizam estas construções.

Ladeando a porta de entrada há duas cruces de 13 de alto, pintura azul e manganês. Passando ao interior, vemos a capela-mor com um silhar de 19 de alto, pintura azul, figurando, em painéis sucessivos, cenas do hagiológico antoniano. O desenho é do mais ingénuo e tosco que se pode conceber, acusando trabalho de Coimbra de cerca de 1740. No corpo, o alizar teve primitivamente seis painéis recortados, dos quais apenas restam cinco, figurando passos da Vida de São Francisco. Na altura central tem 25 azulejos, incluindo neste número o que forma o rodapé roxo marmoreado. É trabalho igualmente típico de Coimbra, pintado com azul forte, enquadramento com elementos *rocaille*, ornamentação de anjos e volutas. Será provavelmente obra mais recente do que a da capela-mor, ou seja, de 1750-55.

Na porta da entrada, sob o coro, estão painéis de azulejo forrando totalmente as paredes, também de pintura azul e fabricação coimbrã, mas agora com molduras concheadas rococó e cenas tiradas da Vida de Santo António – *Sermão aos Peixes e Repasto*. São os mais modernos deste conjunto, de cerca de 1770-80.

⁽⁵⁹⁸⁾ Esta capela, paralela ao corpo principal do conjunto arquitectónico, tem as suas paredes revestidas com um conjunto azulejar historiado, pintado a azul e branco, com cenas associadas à história dos Crúzios e da vida do seu patrono Santo Agostinho. Também a sacristia acolhe azulejos. Vide «Convento de Almiara/Mosteiro de Verride», www.monumentos.pt, 1999. (DS)

⁽⁵⁹⁹⁾ Na primeira edição este núcleo estava incluído no distrito do Porto, concelho de Amarante. (DS)

CONCELHO DE SOURE

TAPÉUS

Espírito Santo, Igreja Paroquial do

Se bem que na verga da porta de entrada esteja esculpida a data de 1683, encontram-se no interior alguns azulejos do meado do século XVI, hoje cobertos com cal.

Na capela lateral do lado da epístola está um silhar de azulejos azuis, recortados, em grande parte mutilados. As composições têm 21 azulejos de alto e representam figuras da Paixão: *Flagelação, Beijo de Judas e Jesus no Horto*. A pintura é má e pior o desenho. São manifestamente azulejos feitos em Coimbra no período das ornamentações barrocas, podendo datar-se de 1750, cronograma que se lê pintado na cornija da abóbada. ⁽⁶⁰⁰⁾

CONCELHO DE TÁBUA

MIDÕES

Casa do Ribeiro

É um edifício nobre, de um piso alto, de boa traça e construção proporcionada dos finais do século XVIII ou princípios do XIX. Está adossada, à casa nobre, a capela, da invocação de Nossa Senhora da Graça.

Esta, constituída por corpo e capela-mor, tem uma entrada lateral. Magnífica como exemplar típico do meado do século XVIII, estando, no topo, o coro baixo, separado por gradeamento do corpo da capela. Tanto no corpo como na capela-mor corre um silhar de 21 azulejos de altura, em painéis recortados. Estes nascem de um rodapé marmoreado a azul, amarelo e manganês (com 3 azulejos de alto) e são de pintura azul e emolduramento concheado, com medalhões ladeados de querubins. Os painéis são historiados com cenas da Vida da Virgem: *Nascimento da Virgem, Nascimento de Jesus, Circuncisão, Adoração dos Magos, Casamento, Fuga para o Egípto e Apresentação*. Nos medalhões estão vários emblemas marianos. A figuração é convencional e conhecida. Serão azulejos de cerca de 1760 e certamente de Lisboa, pintura oficial do tipo «Bartolomeu Antunes».

Na sacristia que contorna, em corredor, a parte posterior da capela-mor, silhar liso de 11 de alto, de azulejos ornamentais vulgares, com cercadura de folhagens. No coro, silhar de 8 azulejos de alto, de «estrelinhas», vulgares.

São Francisco, Capela de

Segundo o *Inventário Artístico*: ⁽⁶⁰¹⁾ «Porta rectangular e sobre ela azulejos incompletos, da *Senhora do Carmo* livrando almas, da segunda metade do séc. XVIII, fabrico de Coimbra.»

MOURONHO

Nossa Senhora da Conceição, Capela de

Segundo o *Inventário Artístico*: ⁽⁶⁰²⁾ «tem azulejos do séc. XVIII, de fabrico coimbrão, com cenas hagiográficas».

São painéis recortados, de pintura azul, onde no centro de exuberantes enquadramentos do último barroco se vêem as cenas principais da iconografia mariana. Tem particular interesse o painel da *Anunciação*, pela forma como o anjo se apresenta.

⁽⁶⁰⁰⁾ Na Capela do Santíssimo Sacramento os azulejos apresentam os enquadramentos arquitectónicos bastante dilatados em detrimento das reservas figurativas que acolhem cenas da *Paixão de Cristo* – situação semelhante à que se observa em Santo António dos Olivais, Santo António da Pedreira, entre outros núcleos azulares saídos dos fornos de Coimbra. (DS)

⁽⁶⁰¹⁾ *Inventário Artístico*, vol. IV, p. 204.

⁽⁶⁰²⁾ *Inventário Artístico*, vol. IV, p. 242.

J. M. SANTOS SIMÕES

J. M. SANTOS SIMÕES

Patente na capela-mor, o revestimento azulejar deste edifício ocupa a parede interior do arco triunfal e as paredes laterais daquele espaço até à sanca. Desenvolve-se em dois registos, ocupando o inferior a altura até ao topo das ombreiras das portas, e o superior a restante superfície até à sanca, perfazendo uma altura total de 22 azulejos.

Sobre rodapé de azulejos de efeito marmoreado a manganês está colocado o registo inferior que inclui a representação, a azul e branco, dos emblemas marianos da Lua e do Sol, respectivamente do lado do evangelho e do lado da epístola, tendo como fundo uma paisagem que os coloca deslocados para o lado mais próximo do retábulo-mor. Cada um deles apresenta inferiormente uma legenda em latim, respectivamente *Pulchra ut luna* e *Electa ut Sol*, isto é, duas partes que compõem a expressão latina da Vulgata presente no livro do *Cântico dos Cânticos* [Ct 6, 9] – *Formosa como a Lua, Brilhante como o Sol* – que se associa às representações simbólicas da Virgem.

O enquadramento destas representações que ocupam o registo inferior do revestimento da capela-mor apresenta estrutura arquitectónica fingida sobre fundo marmoreado manganês com embasamento com cartela de gosto *rocaille* colocada ao centro, sobre o qual descansam lateralmente pilastras de perfil recortado, apresentando decoração de formas contracurvadas miscigenadas pontualmente com formas concheadas *rocaille*. Os azulejos que compõem este registo apresentam características técnico-artísticas muito aproximadas aos espécimes da segunda metade do século XVIII de fabrico coimbrão.

No registo superior os azulejos apresentam composições historiadas, a azul e branco, algumas delas muito mexidas, de mão distinta da que pintou os azulejos do registo inferior. Difere também a tonalidade do pigmento azul de cobalto aplicado. No total são quatro as cenas representadas: do lado do evangelho, a *Adoração dos Pastores* e a *Circuncisão*; do lado da epístola, a *Adoração dos Magos* e a *Apresentação no Templo*. As reservas figurativas apresentam-se enquadradas por moldura que simula uma estrutura arquitectónica fingida composta por embasamento, pilastras colocadas lateralmente e entablamento, elementos que recebem vários elementos decorativos que incluem motivos concheados e vegetalistas.⁽⁶⁰³⁾

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

CONCELHO DE CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO

Solar dos Viscondes de Oleiros, Edifício da Câmara Municipal⁽⁶⁰⁴⁾

No antigo solar que foi dos Rebelo de Albuquerque apenas se encontram azulejos na varanda voltada ao sul. São dois painéis de 9 de altura, cada um com duas composições figuradas contidas em cartelas pós-barrocas.

Os azulejos são típicos do fabrico de Coimbra, num azul baço, pasta azulada, desenho vincado. As cenas figuradas representam paisagens anódinas, com elementos aquáticos, certamente tiradas de gravuras holandesas ou flamengas. Serão azulejos de cerca de 1795.

É manifesto que, quem quer que encomendou estes azulejos manifestou o desejo que eles fossem «ao antigo», isto é, dentro do tipo das velhas ornamentações barrocas do

⁽⁶⁰³⁾ Em 2006, ocorreram obras de restauro neste conjunto azulejar, ficando essas a cargo de Victor Manuel Mota Fortunato. *Vide* IHRU, «Capela de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2006. (DS)

⁽⁶⁰⁴⁾ Edifício que integra a arquitectura residencial barroca da cidade. É marcado por uma planta em «U» aberto, em cujo átrio principal sobressaem quatro portas simétricas com molduras que apresentam recortes curvilíneos e integrando lambril de azulejos policromos representando cenas de caça e pesca. São atribuídos aos pintores de azulejos da Fábrica do Rato. Este edifício está registado no inventário do IHRU:DGEMN/DSID. *Vide* IHRU, «Solar dos Viscondes de Castelo Branco/ Edifício da Câmara Municipal de Castelo Branco», www.monumentos.pt, 1994. (AGC)

meado do século XVIII. O artífice, já afeito às modernas tendências do neoclássico, teve dificuldade em compor o emolduramento, o qual ficou com uma curiosa feição híbrida.

Casa nobre, Solar das Cardosas (na Rua do Arco do Bispo)⁽⁶⁰⁵⁾

Na casa nobre que foi dos Caldeiras de Ordaz prevalecem os azulejos que guarneciam uma das salas nobres, em silhar de 6 de alto, em azulejos de padrão «almofada», iguais a alguns do antigo Paço Episcopal, combinando dois elementos de roseta com cercadura de fita.

Também no terraço do jardim há destes azulejos, distinguindo-se um padrão menos vulgar.

Casa nobre (na Rua João Carlos Abrunhosa, n.º 50-52)

Verdadeiro palácio urbano, conservam-se nesta mansão os azulejos das três salas e da capela: *Sala de entrada* (no eixo do jardim) – Dois painéis maiores e oito pequenas guarnições ornamentais de 8 azulejos de alto, centro manganês, com cenas de jardins.

Sala do norte – Silhar da mesma altura, com quatro painéis maiores e oito guarnições de cantos. A decoração é a mesma, representando a parte central figurada, de pintura azul, as *Quatro Estações do Ano*, legendadas: OVTONO, PRIMAVER, INVERNO e ESTIO, este encoberto por um grande espelho.

Salão nobre – Silhar da mesma altura com dois grandes painéis (32 azulejos de comprimento), dois menores e oito guarnições de cantos. Mesmo tipo ornamental dos enquadramentos, centros manganês com paisagens tiradas de gravuras, talvez de Vernet, ou pelo menos no seu estilo.

Capela – Silhar de 7 de alto. Aqui vemos um painel grande, de 26 azulejos de comprimento, e mais dois ladeando a porta. O resto das paredes é coberto com guarnições. As cercaduras policromas são de um concheado mais simples. Os centros azuis figuram cenas de ermitões, vulgares. Todo o desenho faz lembrar ainda o da época da grande produção de 1750-60.

Esta azulejaria passa por ser da Fábrica da Bica do Sapato e, segundo me informou o Sr. Dr. Luís Pinto Garcia, existiu o documento comprovativo da compra àquela Fábrica. Ignora-se, porém, o destino que levou! Estilisticamente os azulejos serão da época que se coloca cerca de 1770-80.

Casa nobre na Rua dos Ferreiros, n.º 50 (Solar das Caldeiras)

Museu Municipal

Mal agrupados, há ainda azulejos que pertenceram a um painel heráldico – armas de BRITOS E PEREIRAS – e que, segundo informação, foram trazidos de Vila Viçosa, de uma casa que teria existido dentro das muralhas, e que passava por ter sido de Nuno Álvares Pereira!

Também aqui se guarda um curiosíssimo friso de azulejo azul, certamente restos de algum frontal de altar. O desenho, por perfeitoíssimo e de cuidada composição, não parece português e é, em qualquer caso, difícil de identificar.

Nossa Senhora da Piedade, Capela de⁽⁶⁰⁶⁾

O interior da nave e da capela-mor tem de notável o revestimento de azulejo, referido nas monografias e guias de turismo.⁽⁶⁰⁷⁾ No corpo da igreja o revestimento cobre as paredes laterais e colaterais do arco triunfal, do pavimento até à sanca, numa altura de

(605) A cidade de Castelo Branco contém um núcleo importante de arquitectura residencial barroca apresentado nas suas diferentes tipologias de casa, solar e palácio, integrados numa malha urbana preexistente. (AGC)

(606) Atribui-se uma hipotética construção da capela ao século XVI. O interior deste espaço é integralmente revestido de azulejos de composições azulejares figurativas e narrativas, contribuindo esse revestimento para a fisionomia do espaço, através da representação de elementos arquitectónicos variados, e de espaços em *trompe-l'oeil* como os nichos em que se inserem as figuras dos Apóstolos. Trata-se de um conjunto azulejar representativo do período da «Grande Produção», dos mais importantes da Beira Baixa. Vide: www.monumentos.pt/monumentos/ (acedido em 27 de Janeiro de 2010); LEITE, 1991, p. 36; SALVADO, 1976, p. 15. (AGC)

(607) Vide, por exemplo: SANTOS, 1958, pp. 173-174.

32 azulejos. Esta decoração está abonada numa cartela, ao centro da parte inferior da parede do lado da epístola, onde se lê:

ESTA OBRA DE AZULEIO E
PAVIMENTO SEFES COMO O
DINHEIRO DO DVTOR FRANCIS=
CO RAFEIRO IA DEFVNTO P=
E DSE HVM P.ºN.ºA.ªP.ªSVA ALMA

1739

Esta data deve entender-se apenas para a parte inferior do revestimento e para os painéis da capela-mor, entre o pavimento e a 16.ª fiada; daí para cima o azulejo é não só de oficina e pintor diferente, mas também um pouco mais recente no tempo, talvez de 1745-46.

XLI A azulejaria mais antiga representa, em painéis seguidos, a série biográfica mariana, começando, na parede do lado da epístola, com as cenas:

- a) *Nascimento* (notar que uma das mulheres aquece as faixas à lareira e não no fogareiro, como é mais usual)
- b) *Anunciação* (Nossa Senhora tem junto de si a dobadeira e o cestinho da costura)
- c) *Desponsórios*

Na parede fundeira estão, ladeando a porta:

- d) *Visitação*
- e) *Descanso no Egipto*

Na parede do lado do evangelho, continua-se:

- f) *Adoração dos Pastores*
- g) *Adoração dos Magos*
- h) *Coroação de Nossa Senhora*

Os painéis são enquadrados por emolduramento barroco de tipo arquitectural, de boa pintura azul.

Sobre esta série mariana estão, como que metidos em nichos imitados nos azulejos, as figuras dos Doze Apóstolos, de corpo inteiro e tamanho natural, como se fossem outras tantas imagens de vulto, cada qual com o seu atributo próprio e letreiro no pedestal.

Na parede do lado da epístola, partindo da cabeceira temos:

- a) S. IVDAS (segurando um esquadro)
- b) S. THOME (calvo, com lança e livro)
- c) S. MATHEVS (escrevendo inspirado por um pequeno anjo)
- d) S. FELIPE (cruz latina e livro)
- e) S. PAVLO (espada e rolo de papel)

Na parede fundeira:

- f) S. IOAM (pena e papel, cálix com serpente e água aos pés)

Segue-se a este um painel representando a *Ceia* de composição convencional:

- g) S. PEDRO (calvo e com as chaves)

Na parede do lado do evangelho:

- h) S. ANDRE (cruz em aspa)
- i) S. TIAGO (bastão de peregrino)
- j) S. BATHVLOMEV (algumas letras estão geminadas: faca e livro)
- k) S. SIMAM (serra)
- l) S. MATHIAS (machado)

Nas paredes colaterais do arco estão, respectivamente, ao evangelho e à epístola:

- m) S. ANTONIO
- n) S. FRAN^{CO}

Na capela-mor o silhar é de 14 de altura, semelhante ao da nave, da mesma época e oficina. Aqui a figuração é relativa à invocação da capela e tem dois painéis por lado. Do lado da epístola:

- a) *Calvário*
- b) *Nossa Senhora do Pé da Cruz* (com Cristo nos joelhos, Madalena prostrada e São João chorando)

Do lado do evangelho, em um único painel:

- c) *Nossa Senhora das Dores* (com sete espadas no peito) e *Nossa Senhora Orando* (tendo por fundo a cruz)

Nestes painéis os enquadramentos são de pilastras e anjos-tenentes.

Trata-se de um notável núcleo azulejar, o melhor e mais vasto que se encontra não só em Castelo Branco como em toda a zona da Beira Baixa.

TINALHAS

Nossa Senhora da Assunção, Igreja Paroquial de

Na Capela de São Teodoro, excrescente da nave, está o curiosíssimo retábulo de talha policromada, do final do século XVIII, rococó, e que foi recomposto com elementos de algum retábulo anterior. O conjunto é notável, com seu frontal também de talha, e os azulejos que cobrem a parte inferior das paredes, em 10 de altura, sendo os 4 inferiores marmoreados roxos, e os restantes de figura avulsa, sem cantos. A figuração é de flores, pássaros, animais, barcos, etc., em tipos vulgares. Os panos são limitados por cercadura própria, também vulgar.

Esta capela está assinalada com uma inscrição, onde se lê que foi ornada pelo Presbítero Teodoro Faustino Dias, falecido em 1788. A azulejaria deveria ser, portanto, de época próxima desta.

CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

IDANHA-A-NOVA ⁽⁶⁰⁸⁾

Palácio do Marquês da Graciosa

Nas salas nobres deste grande palácio, praticamente abandonado e desprezado, há silhares de azulejo pós-pombalino, em 7 de altura, dos quais 1 de rodapé marmoreado roxo e cercadura própria. Serão de cerca de 1780.

⁽⁶⁰⁸⁾ Vide SALVADO, 1976, p. 23. (AGC)

Numa sala mais pequena que dá para o pátio da casa o silhar é muito belo, composto com azulejos de figura avulsa policromos – flores –, todos diferentes. Ao centro de cada painel existe um medalhão circular com frutas: laranjas, limões, peras, romãs, uvas e maçãs.

É um conjunto deveras precioso e, até agora, o único que conheço no género.

CONCELHO DE OLEIROS

OLEIROS

Nossa Senhora da Conceição, Igreja Paroquial de

Na capela-mor as paredes laterais e os vãos das janelas estão inteiramente revestidos de azulejos, atingindo 32 de alto.

São magníficas composições azuis, figuradas, do desenho convencional, da grande oficina lisboeta de cerca de 1745. A figuração é tirada do *Cântico dos Cânticos* tendo, do lado do evangelho a *Sulamita tocando harpa* e *Anjinhos cantores com pautas musicais*, etc. As portas da sacristia têm, nas sobrevergas, azulejos de boa ordenação.

CONCELHO DA SERTÃ

CERNACHE DO BONJARDIM

São Sebastião, Igreja Paroquial de

Na capela-mor está a parede do lado da epístola revestida, até onde chegava antigamente o altar-mor, com 34 azulejos até à cornija.

A parede fronteira teve também forro total, mas parte dos azulejos desapareceu quando, já no século XIX, se praticou a colocação do órgão. São azulejos figurados, azuis, com passos da Vida do Orago. A parte ornamental subjacente tem grandes emblemas sebastiânicos ladeados de anjos. O rodapé é de 3 azulejos, marmoreados a azul e mangês. Fabrico de Lisboa de cerca de 1750.

SERTÃ

Misericórdia, Igreja da

Na capela-mor forro parietal com quatro painéis marianos: *Visitação, Anunciação, Apresentação no Templo e Natividade*. São azuis, de cerca de 1720-30, com molduras singelas de anjos. O silhar é ornamental, com medalhões de paisagens. Janela fingida com grades.

DISTRITO DE LEIRIA

CONCELHO DE ALCobaça

ALCobaça

Casa do Exmo. Senhor Dr. Sousa Neves

Quando o Dr. Sousa Neves construiu a sua casa de Alcobaça – 1908-09 – adquiriu aos proprietários do antigo Convento dos Capuchos alguns azulejos da capela.

São painéis azuis, rectangulares, com barras de folhagens e representando passos da Vida de Santa Maria Madalena. Estes painéis, em razoável estado de conservação, foram colocados na parede da varanda. O desenho é típico do monogramista PMP podendo atribuir-se-lhe uma data ao redor de 1725.

Com os azulejos historiados vieram também alguns azulejos ornamentais. Estes são da série de que ainda há restos no antigo convento, e a que se liga a atribuição ao Juncal⁽⁶⁰⁹⁾ e a data de 1781.⁽⁶¹⁰⁾

Frei António Brandão 153, Rua

Na antiga cozinha do andar térreo foram colocados a esmo vários azulejos. A maioria é do tipo de figura avulsa, de estrelinhas, com temas de figurinhas, flores, pássaros, coelhos, etc. Estão estes azulejos de mistura com outros que eram ornamentais, do tipo de «vasos e golfinhos», sereias, etc. Devem totalizar uns 12 m², sendo certamente do meado do século XVIII, de Lisboa.

Misericórdia, Igreja da

Na capela-mor, as paredes laterais são revestidas com azulejos de figuração azul e branca, com painéis sobrepostos, limitados por barra de folhas retorcidas, em 27 de alto. Do lado da epístola vemos, na parte superior a *Anunciação*, e na inferior *Ermitões Rezando e Escrevendo*. Do lado do evangelho, na parte superior a *Visitação* e, em baixo, *Frade em Meditação*. Serão de cerca de 1730. A capela-mor era primitivamente mais forrada e os azulejos continuam atrás do actual retábulo, obra banal do fim do século XVIII.

Mosteiro

Cemitério – No antigo jardim transformado em cemitério ainda se podem ver grandes e curiosíssimos painéis de azulejo, representando caçadas, muito deteriorados alguns, outros obstruídos. Os campos são azuis e as cercaduras, muito curiosas, são policromas, com figuras, principalmente amarelas.

Cozinha – É inteiramente forrada de azulejos brancos, irregulares e de várias tonalidades. Tem frisos vulgares de 1 azulejo azul, contornando as grandes superfícies. No topo está um brasão, sem campo, com a data de 1752.

Nossa Senhora do Desterro, Capela de – O revestimento da nave é azulejado parietalmente até a cornija. São painéis azuis de 29 de alto, enquadramento barroco de pilastras e anjos, desenho convencional de cerca de 1740.

Os painéis, dois por lado, estão divididos entre si por pilastras e sobre supedâneos formados por medalhões figurados, ladeados de anjos sentados. As cenas dos painéis referem-se à *Fuga e Desterro no Egipto*, tendo ao lado do evangelho as legendas: H.EC FVGE DILECTEMI e FUGE IN AEGIPIVM (*sic*) e, do lado da epístola: HCCE ELONGA VI FVGIENS ET MANSI IN SOLITVDINE. Sobre a porta, enchendo o tímpano interior e circundando o óculo, a Sagrada Família, com anjos e legenda: CONSVRGENS ACCEPIT PVERVM ET MATREM EIVS ETVENT IN TERRAM ISRACI (*sic*).⁽⁶¹¹⁾

Na parte inferior das paredes estão medalhões figurados, com as legendas:

- 1 – TVTVVRVM EST VT HCRODES QVAERAT PVCRVM AD PERDENDVM EVM
- 2 – VBI ET, QVI NATVS EST REX IVDCORVM
- 3 – DEFVNCTI SVNT, QVI QVAERCBANT ANIMAM VERI.
- 4 – VOX IN RAMA AVDITA EST, PLORATVS, ET VLVLA
TVS MULTVS RACHEL PLORANS FILIOS SVOS

(609) Sobre a actividade da Fábrica do Juncal, que laborou entre os anos de 1780-1876, *vide*: SANDÃO, 1975-86, vol. I, pp. 237-239; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

(610) *Vide*: QUEIROZ, 1907, pp. 172, 263 e 338; QUEIROZ, 1948, vol. I, pp. 186 e 288, e vol. II, p. 52.

(611) Este painel representa o *Regresso da Sagrada Família do Egipto para Nazaré*. Sobre este tema iconográfico *vide*, no presente volume, a nota relativa ao painel do claustro da Sé de Viseu.

FLÁVIO GONÇALVES
FLÁVIO GONÇALVES

Na capela-mor o paramento segue a mesma linha superior da nave e contorna as janelas laterais. Na parte inferior, duas cenas da *Adoração dos Anjos*, com a mesma legenda: HIC EST FILIVS MEUS DILECTVS.

Sacristia – Na fachada da sacristia que dá para o pátio foram colocados painéis de azulejo figurados, de campo azul e cercadura policroma, semelhante ao de Vargos, provavelmente de fabricação do Rato.

Sala dos Reis – Ao redor de toda a sala encontra-se um silhar de azulejos recortados, de 17 azulejos de altura, no centro. São azulejos historiados, pintados a azul, com rodapé marmoreado roxo e, aos cantos, ramalhetes de flores policromas. As cercaduras são concheadas, com letreiros em latim e português, alusivos a cada uma das cenas, que pretendem representar a história da fundação do Mosteiro por D. Afonso Henriques.

Os desenhos são convencionais e incorrectos. Se bem que não estejam datados, pode atribuir-se-lhes uma data que estará certamente incluída entre 1760-75. Comparando estes azulejos com os do Juncal,⁽⁶¹²⁾ nota-se perfeitamente que há uma estreita comunhão, se bem que estes sejam mais perfeitos, e provavelmente anteriores.⁽⁶¹³⁾ e ⁽⁶¹⁴⁾

São Lourenço, Capela de

No interior da povoação, praticamente anexa ao Solar dos Melos, está a capela, fundada por Martim Afonso de Melo, falecido a 26 de Março de 1550.

A nave é composta de silhar corrido, de 11 de alto, com azulejos do Juncal.⁽⁶¹⁵⁾ Consta de três medalhões historiados, por lado, estendendo-se por 48 azulejos, os medalhões, enquadrados em emolduramento concheado já rococó, manganês, têm os centros figurados à azul. O centro do medalhão tem três anjos segurando tarjas, com inscrições:

DIRIS PARAT UR=
GERE SUPPLICIIS

e

SVBIECTO PRO
CIPIT IGNE TORRE
RI

Referem-se ao *Martírio de São Lourenço*, cujas figurações se mostram nos medalhões do lado da epístola. Do lado fronteiro, ao centro, os mesmos anjos com inscrições:

INHVRM VICTV AT
QVE VESTITV INAMISSIBI
LES CONDI FACVLTA
TES

e

RENVMTIARE
CHRISTO IVBET

⁽⁶¹²⁾ Sobre a actividade da Fábrica do Juncal, com uma importante produção neoclássica de louça e azulejos, vide: SANDÃO, 1975-1986, vol. I; MECO, 1985, pp. 68, 237-239; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

⁽⁶¹³⁾ Sobre os azulejos da «Sala dos Reis» (fabrico e iconografia), vide: SILVA; 1956, pp. 211-216; COCHERIL, 1972, pp. 153-154; COCHERIL, 1974, p. 208. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶¹⁴⁾ Artur Sandão também atribui o conjunto ao fabrico do Juncal (SANDÃO, 1975-1986, vol. I, pp. 237-239).

⁽⁶¹⁵⁾ Sobre a actividade da Fábrica do Juncal veja-se também a contribuição de SANDÃO, 1975-86, vol. I, pp. 237-239; MECO, 1985, p. 68, MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

CÓS

Mosteiro das Bernardas

Do outrora vasto mosteiro, apenas resta a igreja. Esta, de nave única, é dividida pela grade do enorme coro em duas partes quase iguais.

O corpo da igreja tem apenas azulejos no silhar. São azulejos ornamentais azuis, de padrão largo de 14 de alto, cor pálida, talvez um pouco anteriores aos azulejos do coro.

Nos topos da sacristia vêem-se as armas do Papa e da Ordem Bernarda.

No coro os azulejos forram totalmente as paredes acima do cadeiral e são de um padrão bastante curioso. São de cor azul, com grandes estrelas e ramagens. No topo, numa composição caprichosa que pretende fingir o emolduramento da janela, está a data – 1716.⁽⁶¹⁶⁾ Este revestimento é único no seu género, tendo como motivo principal estrelas de oito pontas. Notáveis são as cercaduras das janelas laterais e a da janela do fundo. Sob esta janela está a famosa porta manuelina, também enquadrada pelo azulejo.

Ainda no coro, ladeando as portas laterais, há azulejos de estrelinhas, alguns com figurinhas, pássaros, leões, macacos, navios, etc. É das colecções mais variadas no género.

Na sacristia – toda forrada de azulejos – encontrei a maior surpresa. Trata-se de composições historiadas, de desenho relativamente fraco, mas com preocupações arquitectónicas muito curiosas. Entre os pormenores, é notável uma grande porta fingida e o emolduramento, em nicho, do lavabo. A figuração é alusiva à Vida de São Bernardo.⁽⁶¹⁷⁾

Em dependência, a seguir à sacristia, vêem-se ainda pinturas parietais que representavam frades e freiras de várias ordens, que obedeciam à Regra de São Bernardo.

XL

ÉVORA DE ALCobaça

Capuchos, antigo Convento dos⁽⁶¹⁸⁾

.....

AZAMBUJEIRA DOS CARROS

Nossa Senhora da Silveira, Ermida de

Sobre a porta painel com Nossa Senhora e a inscrição:

*Esta Ermida de N. Snr^a da Oliv^a foy feita pelo
 Povo deste lugar e devotos de Lx^a naquas ma
 Ndarão dizer aprimeira missa cómoda a
 Solenmnidade em 23 de Dez^o de
 1742*

O painel tem 7 × 5 azulejos, de pintura azul.

CARVALHAL

Nossa Senhora do Socorro, Capela de

Notável exemplar de capela rural, com seu alpendre em cúpula. O interior surpreende pela riqueza da azulejaria e dos tectos pintados.

⁽⁶¹⁶⁾ O *Guia de Portugal* diz que é 1714.

⁽⁶¹⁷⁾ Vide: BNL, 1927, p. 627; MONTEIRO, 1947, pp. 213-220; SEQUEIRA, 1955, p. 19; COCHERIL, 1972, pp. 155-156; COCHERIL, 1974, pp. 175-209. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶¹⁸⁾ Do convento em ruínas só resta a Capela do Senhor dos Aflitos, onde se «vêem ainda restos de azulejos do Juncal» (SEQUEIRA, 1955, p. 20). (CM)

Na nave corre em toda a volta, numa altura de 12 azulejos, dos quais 2 são de friso, um silhar de cestos floridos com golfinhos e anjinhos, enquadrado por barras de acantos. Acima deste silhar colocaram-se os painéis, formando três quadros na parede do lado da epístola e, primitivamente, outros tantos do lado do evangelho. Assim, temos uma iconografia mariana que começa do lado do evangelho pela *Anunciação*, a que se seguia a *Visitação* – sacrificado pelo púlpito –, continua-se com o *Nascimento de Nossa Senhora* e segue, do lado da epístola, com a *Adoração dos Pastores*, *Purificação* e *Casamento*. Estes painéis têm 16 azulejos de altura. A figuração é enquadrada por moldura de bela composição, ainda serena, com molduras oitavadas. Os centros acusam uma pintura que se filia, certamente, num discípulo de António de Oliveira Bernardes.

Sob o coro, e devido à altura, os painéis têm apenas 8 de alto. São ao todo quatro, dos quais dois nas paredes laterais, com cenas de ermitões e paisagem.

Ladeando a porta do lado direito representa-se *São Martinho Dando a Capa ao Pobre* e, à esquerda, outro de ermitões e paisagem.

Ladeando o arco triunfal estão dois painéis, de 6 de largo, com anjos segurando cartelas com inscrições. Do lado do evangelho: UT / DE PLE / NITVDI- / NE EIVS / ACCIPIANT / UNIVER / SI. Do lado da epístola: OMNI / BUS OM / NIA FA / CIA EST / MARIA.

Numa cartela inferior:

*Sendo Jois
De N. Sr^a dosocorro
Ant^o Gambino seacentou
Este azullejo em a era de
1733*

*Com as gran
diazas esmolla
sdas pecoas principa
is desta terra e dos ma
is moradores seman
dou fazer es
te azulei
jo*

Na capela-mor os azulejos são de padrão vulgar, azul, com barra própria e azulejos de figura avulsa, sobre rodapé esponjado. No coro, forrando o tímpano da igreja e contornando a janela, azulejos como os da nave, com São Francisco recebendo os estigmas e Santo Agostinho. Ao centro, numa cartela curiosa, um pastor que faz dançar um cão. Na parte inferior, silhar de cestos floridos separados por pilastras.

CONCELHO DE CALDAS DA RAINHA

CALDAS DA RAINHA

São Sebastião, Capela de

Na nave, os azulejos revestem as paredes laterais, a fundeira e a do arco triunfal, até às sancas e cornija, tendo as paredes 25 azulejos de altura. São grandes painéis figurando a Vida de São Sebastião, desde a sua condenação por Diocleciano, prisão, e martírio, até à sua glória. Esta decoração é exuberante, com figuras de tamanho natural, de desenho um tanto rude mas acusando grande mestria técnica e domínio artesanal. São particularmente notáveis os enquadramentos, desde a parte inferior perspectivada como um palco, onde se

elegeram por ornatos várias armas e troféus, palmas do martírio ou setas emblemáticas. Enquadrando o púlpito, do lado do evangelho, anjos seguram grinaldas e festões de frutos. As figurações são separadas por pilastras ornadas de magníficas panóplias.

Na parede fundeira, ladeando a porta, os painéis têm os ermitões convencionais e o revestimento foi mutilado pela introdução do coro.

A parede do arco triunfal, na face voltada à nave, tem o revestimento enquadrado totalmente por cantaria, com figuração de guerreiros no campo dos painéis junto às pilastras, de onde pendem panóplias.

Na capela-mor, a face interna do arco tem duas figuras de ermitões e a ornamentação é mais calma e também mais arquitectónica.

Nas paredes laterais o silhar é de 18 de altura – até a um friso e massa – com dois painéis, representando o do lado do evangelho *São Sebastião, Soldado, Orando com Uma Mulher Ajoelhada* e, do lado da epístola, o *Santo Condenando a Idolatria*, dirigindo-se a um rei ou a um imperador. Notável é a parede do topo, ladeando o altar, e onde foram colocados azulejos com anjos segurando um pesado reposteiro, exemplo raro na azulejaria portuguesa e que encontramos igualmente na Capela de São Jacinto.

Ao passo que os azulejos das paredes da nave têm características que permitem colocá-los cerca de 1730, os do arco triunfal e da capela-mor acusam os seus elementos decorativos – concheados e *capitonnés* – época vizinha de 1740-50.⁽⁶¹⁹⁾

COTO

São Jacinto, Capela de

A ermida fica situada no limite das freguesias do Coto e das Caldas, afastada do caminho. É um pequeno templo sem alardes arquitectónicos, ladeado de uma sacristia, sobre cuja porta há ornamentos esgrafitados, com leitura do cronograma: 1745, gravados em azulejo azul.

No interior surpreende o paramento azulejar que alteia em 25 azulejos em revestimento total até à cornija. São grandes painéis de pintura azul, com cenas da Vida de São Jacinto, acusando boa correcção no traço e boa ordenação ornamental.

Na capela-mor avulta o revestimento da parede testeira com azulejos à guisa de retábulo, onde há dossel de panejamentos apanhados em largas pregas laterais.

Nas paredes os painéis continuam os que se vêem no corpo da igreja e o todo leva a crer numa fabricação vizinha de 1740-45.

A ornamentação circundante apresenta dos primeiros exemplos de assimetrias, pré-anunciando as formas do último barroco-rococó. Os azulejos que guarnecem o retábulo são manifestamente da mesma época e autoria dos da vizinha Igreja de São Sebastião, de Caldas da Rainha.⁽⁶²⁰⁾

XLII

MOSTEIROS

Nossa Senhora dos Remédios, Ermida de

A pequena capela foi restaurada em 1882 e foi nessa ocasião que lhe foi cortada uma parte da nave, para se construir a estrada que lhe passa rente. Bastante harmoniosa e de fachada agradável, com a sua torre sineira ao lado da capela, ela está toda revestida de azulejos.

⁽⁶¹⁹⁾ Veja-se o trabalho de João Saavedra Machado sobre os azulejos do hospital, restringindo a campanha azulejar aos anos de 1743-45 (MACHADO, 1987, pp. 26 e 40-43). O conjunto foi atribuído a Bartolomeu Antunes pelo historiador José Meco (MECO, 1989, p. 232; PEREIRA, 1989, p. 32) enquanto Vítor Serrão prefere a atribuição do conjunto à parceria Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas (SERRÃO, 2003, p. 224). Sobre a actividade do mestre-ladrilhador Bartolomeu Antunes *vide* também: MANGUCCI, 2003b. (CM)

⁽⁶²⁰⁾ Opinião partilhada pelo historiador José Meco que atribui os dois conjuntos a Bartolomeu Antunes (MECO, 1989, p. 232; PEREIRA, 1989, p. 32) enquanto Vítor Serrão prefere a atribuição do conjunto ao pintor Nicolau de Freitas (SERRÃO, 2003, p. 224). Sobre a actividade do mestre-ladrilhador Bartolomeu Antunes *vide* também: MANGUCCI, 2003b. (CM)

Na nave, o silhar – colocado a meio metro do chão – tem 2 azulejos de acantos fazendo barra ao que se segue. Vem então uma fila de 4 azulejos de vasos floridos, azuis, com pequenos pássaros dos lados. Estes vasos são novamente encimados por barra de 2 azulejos de acantos. Acima destes corre um padrão a azul, até uma altura de 10 azulejos, rematados novamente por barra de acantos.

Toda a nave e capela-mor são revestidas com o mesmo tipo de azulejo, estando as pequenas frestas das janelas e porta da sacristia sublinhadas pela cercadura de acantos.

O arco triunfal é revestido também com azulejos mas, como é de pequenas dimensões, apenas se colocou a cercadura de acantos, separada por friso azul. No alto, aparecem leves cortes de azulejo de padrão azul, a quebrar magistralmente a monotonia dos acantos.

As paredes da capela-mor estão também revestidas com o padrão dos vasos azuis, o qual igualmente reveste a abóbada.

Esta azulejaria será de cerca de 1700, a considerar não só pela padronagem azul como pelo desenho dos vasos ornamentais, então fazendo a sua aparição no repertório do azulejador «moderno», anunciando o século XVIII.

SANTA CATARINA

Casa nobre

A velha casa nobre, de antigas tradições, já foi Tribunal e Cadeia.

No átrio de entrada, sala de jantar, escritório e cozinha vêem-se azulejos do tipo de «vasos e golfinhos», em rodapé de 8 de alto. No fogão de sala fez-se um arranjo com azulejos de figura avulsa e dois anjinhos, que devem ter sido retirados dos painéis de vasos e golfinhos. Também a escada que vem do átrio para o primeiro piso tem lambril de azulejos de figura avulsa.

CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

São João Baptista, Igreja de

Apenas se encontram azulejos na capela-mor, em revestimento que forra as paredes laterais em 36 de alto. A pintura é azul sobre branco.

Do lado do evangelho a decoração é compartimentada em cinco painéis figurados, e mais dois que pretendem reproduzir as janelas fronteiras.

Os painéis distribuem-se em duas ordens, sendo a superior de dois com:

- 1) *São João Baptista Brincando com o Menino Jesus e o Cordeirinho*
- 2) *Dança de Salomé* (este muito curioso)

Na parte inferior três painéis, respectivamente:

- 3) *Nascimento de São João*
- 4) *Visita de Nossa Senhora a Santa Isabel*
- 5) *Anunciação a Santa Isabel*

Na parte inferior uma composição ornamental de anjos e legenda, no interior da cartela: INTERNATOS MULIERUM. Sobre a cartela, deste mesmo lado: ANNO.

Do lado da epístola conservam-se as mesmas ordenações, agora interrompidas pelas duas janelas. Na parte superior os painéis apresentam:

- 1) *Circuncisão*
- 2) *Escreva escrevendo numa fita IOANNIS EST NOMENSUUM*

Na parte inferior da cena:

- 3) *Decapitação*
- 4) *Batismo no Jordão*
- 5) *São João Pregando*. Na parte inferior a legenda:
NONSURREXIT MAIOR / JOANNE BAPTISTA

Sobre a verga da porta o cronograma 1716.

Os painéis são enquadrados por emolduramento de folhas retorcidas. Junto ao altar-mor duas pilastras forradas de azulejos ornamentais de grandes folhagens.

Os azulejos não são dos Oliveira Bernardes, antes os julgo do mesmo autor dos da sacristia da Igreja de Santa Cruz, de Santarém. Neste caso é manifesto que houve mais de um artífice a executar o trabalho.

Senhor Jesus da Sobreda, Capela do

Ladeando o retábulo – aliás notável – estão dois painéis, um de cada lado, de 12 × 6 azulejos, respectivamente com um santo portador de serra e livro,⁽⁶²¹⁾ e São Cristóvão.

Pintura ingénua, azul, mas tão vigorosa que a julguei... holandesa.

No altar foram colocados azulejos em jeito de frontal, tendo no centro uma composição com as armas franciscanas. Dos lados, enchendo os espaços, azulejos de figura avulsa, de flores e cantos e estrelinhas.

CONCELHO DE LEIRIA

AMOR

São Pedro e São Paulo, Igreja de

De antigo há o silhar do baptistério, de 8 de alto, com cestos e jarras (os cestos de 4 × 3 e 4 × 1) e barra de folhas encurvadas. Ao centro, painel de 16 × 8, de cabeceira recortada, pintura rude, azul, com o *Batismo*. Julgo ser trabalho do Juncal⁽⁶²²⁾ (ou de Coimbra?).

Casa nobre dos Ataídes⁽⁶²³⁾

.....
.....

Mestre de Avis n.º 2, Rua

Na escada azulejos de «almofada».

Numa sala da frente (oficina de encadernação) alizar de 4 de altura, pintura manganês, com azuis e verdes, bordadura de cadeia. Os centros são figurados com cenas campestres e trabalhos de campo. Serão azulejos do Juncal⁽⁶²⁴⁾ de cerca de 1780-90.

MACEIRA

Nossa Senhora da Luz, Igreja Matriz

A igreja matriz, da invocação de Nossa Senhora da Luz, teve grande devoção e, à padroeira, dava o povo das redondezas o nome de Nossa Senhora da Maceira.⁽⁶²⁵⁾

(621) Representa o apóstolo São Simão. Vide RÉAU, 1955-1958, t. III, pp. 1223-1225.

FLÁVIO GONÇALVES

(622) Sobre a actividade da Fábrica do Juncal vide os conjuntos atribuídos por Santos Simões no distrito de Leiria e também SANDÃO, 1975-1986, vol. I, pp. 237-239; MECO, 1985, p. 68; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

(623) Os azulejos do painel apostro a uma empena da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição estão infelizmente «deteriorados e misturados». Vide: SEQUEIRA, 1955, p. 69. (CM)

(624) Sobre a actividade da Fábrica do Juncal com uma característica produção neoclássica de azulejos, vide os conjuntos atribuídos por Santos Simões no distrito de Leiria e também SANDÃO, 1975-1986, vol. I, pp. 237-239; MECO, 1985, p. 68; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

(625) *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 5, p. 11.

Totalmente descaracterizada por obras do século passado, apresenta restos da fábrica da primitiva capela manuelina, como sejam as portas principal e lateral, janelas e os botaréis cilíndricos à maneira alentejana. O interior é pobre, mas conserva ainda a pia de água benta e a pia baptismal do século XVI.

Na capela-mor vê-se a parte do silhar de 7 de altura, incluindo cercadura singela, envolvendo azulejos de figura avulsa, do tipo vulgar de «estrelinhas». Ainda aqui estão, misturados, azulejos que faziam parte de composição ornamental do tipo «vasos e golfinhos» (de 5 × 4), com cercadura igual à dos azulejos de figura avulsa.

MILAGRES

Senhor dos Milagres, Igreja do

Na capela, conjunto de painéis, em 12 de altura, fabrico do Juncal, ⁽⁶²⁶⁾ que conta os milagres que determinaram a erecção da igreja. No último painel lê-se:

*«E eu José Roiz da Silva e Souza, Neto do dito Mes=
tre Jozé da Silva, fis este azuleijo, e omandei a=
qui colocar na Era de 1795, e escrevi fielmente
esta Historia escripta pelo R^o P^e Luiz Gomes The=
soureior actual desta Igr^a...»*

No painel anterior se descreve a erecção da igreja, para o que «*chamaram o / Mestre José da Silva do lugar do juncal, que foi o que construiu esta obra / mais o Mestre Joaquim da Silva seu filho até ao estado prezente / ...*»

Na nave, silhar de padrão «almofada», tipo lisboeta, com flor azul e lilás, em 9 de alto. ⁽⁶²⁷⁾

CONCELHO DA NAZARÉ

NAZARÉ

Nossa Senhora da Nazaré

No Arquivo da Real Casa de Nossa Senhora da Nazaré, Fólio 70, Livro III, consta que o azulejador Manuel Borges forneceu os azulejos para o corredor e sacristia, em 1714. ⁽⁶²⁸⁾

São estes azulejos – além dos de figura avulsa – de pintura identificável como de António de Oliveira Bernardes. ⁽⁶²⁹⁾ Na abóbada do corredor, o grande painel central com a *Assunção de Nossa Senhora* foi directamente copiado de uma gravura francesa, reproduzindo o quadro de Rubens. Apenas os anjos se apresentam dispostos de forma diversa. ⁽⁶³⁰⁾

CONCELHO DE ÓBIDOS

ÓBIDOS

Misericórdia, Igreja da

No corredor, restos de um registo com Santo António, de 1755, vulgar.

⁽⁶²⁶⁾ José Rodrigues da Silva e Sousa foi o fundador da Fábrica do Juncal, em 1780. Vide: SANDÃO, 1975-1986, vol. I, pp. 237-239; MECO, 1985, p. 68; MONTEIRO e PAIS, 1997, p. 66. (CM)

⁽⁶²⁷⁾ QUEIROZ, 1907, pp. 172 e 226 ou QUEIROZ, 1948 e 2002, vol. I, pp. 185-186 e 291; BNL, 1927, vol. II, p. 667; CARDOSO, 1936, p. 11; SEQUEIRA, 1955, p. 74; SILVA, 1956, pp. 211-219. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶²⁸⁾ CORREIA, 1918, pp. 174 e 176-177; BNL, 1927, vol. II, p. 644; SEQUEIRA, 1955, p. 78; SIMÕES, 1962, p. 5. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶²⁹⁾ O conjunto está sempre incluído entre as obras de António de Oliveira Bernardes. Vide: MECO, 1993, p. 223; SERRÃO, 2003, p. 217. (CM)

⁽⁶³⁰⁾ No Museu de Arte Antiga existe esta gravura (Estampa n.º 5356, cx. 14), assinada *Paul Rubens (sic)*.

Ordem Terceira de São Francisco, Ermida de

Sob o coro, silhar de azulejos de vasos e golfinhos.

Abrindo para a capela-mor há uma sala de reuniões cujo silhar, de 9 de alto, tem azulejos de «taças e grinaldas».

Porta da Vila – Oratório de Nossa Senhora da Graça

No interior da Torre, onde está hoje a entrada da vila – Porta da Vila – está o oratório, contido em nicho, circundado de azulejos azuis, figurados, numa rica composição típica de 1740.⁽⁶³¹⁾ O enquadramento é de pilastras e anjinhos, ornatos de «escamas», sem concheados. A figuração alude aos instrumentos da Paixão, apresentados por anjos em tamanho natural, que ocupam quatro painéis maiores. Os painéis figurados representam:

- 1) *Prisão de Jesus e São Pedro Acutilando Judas*
- 2) *Anjo com Lança e Açucena*
- 3) *Anjo com Esponja de Fel e Tambor, com Dados*
- 4) *Anjos com Cálice*

Quinta das Janelas

Na varanda, painéis historiados do Tojal! Desenhos maus, com assuntos bíblicos, em azul, e marmoreados toscos. Numa outra varanda o mesmo tipo de painéis, mas agora mais pequenos e em medalhões. Interessa particularmente o painel das «codornizes». Na entrada, painéis com caçadas, segundo gravuras holandesas. Estes painéis eram do Convento de Valbenfeita.

Na capela, silhar de vasos e dois painéis, respectivamente com *São Diogo* e *São João Capristano*, do século XVIII. Eram da Quinta da Navalha (Uceira).

Numa fonte, no jardim, painel bíblico com *Moisés Brotando a Água do Deserto*.

Santa Maria, Igreja de

À entrada, sob o coro, revestimento de 24 de alto tendo, na parte inferior, silhar de vasos floridos entre anjinhos, friso de folhas encurvadas e um padrão azul. Serão azulejos das obras do segundo quartel do século XVIII.

No imponente corpo do templo, de três naves com quatro arcos, estão as paredes totalmente atapetadas com azulejo ornamental azul – o mais notável no género existente em Portugal – subindo a 55 de altura.⁽⁶³²⁾ A partir do pavimento está um silhar servindo de base, com atlantes entre grinaldas. Segue-se uma barra de 3 azulejos que envolve toda a composição. As frestas e os quadros, com as suas molduras, estão enquadrados por barra de 2 azulejos de folhagem. Sob as frestas, em medalhões, estão os bustos de *Santa Apolónia*, *Santa Luzia*, *Santa Catarina* e *Santa Inês*. Caso notável, e que bem prova a unidade da obra decorativa, está o facto de que os quadros, de boa pintura sobre tela, ou já existirem quando se colocaram os azulejos, ou terem sido encomendados simultaneamente. Assim, debaixo das pinturas estão as inscrições no azulejo, alusivas às cenas dos quadros. Do lado da epístola:

- 1) MISIT SERVOS / SVOS VOCARE IN / VITATOS AD NVPTIS / IS ET NOBLEBANT / VENIRE MATH 22
- 2) LIGATIS MA / NIB VS.ET. PO / DIBVS MITTITE EVM / INTENEBRAS AXTERIORES / MATH 22

XLIII

(631) Painéis atribuídos ao pintor Valentim de Almeida (SERRÃO, 2003, p. 223). (CM)

(632) Sobre um dos mais destacados conjuntos ornamentais do período, *vide também*: MECO, 1985, p. 38; MECO, 1989, p. 211. (CM)

Do lado do evangelho:

- 3) VNDE.OMEM / VS.PANES.VT / MANDVCENT hl. / IOAN 6.º
- 4) MANDVCAVER / VNT.ET SATVRA / TI.SVNT IOAN 6.º

Há ainda, esparsos pela decoração, medalhões com as figuras de São Francisco, Santo António e dois santos doutores.

O altar-mor é elevado, e a frente, onde assenta a balaustrada, é azulejada com azulejo do mesmo tipo.

A parte interna dos arcos, voltada às naves laterais, tem duas impostas azulejadas com belos vasos floridos orlados de friso azul.

Nas capelas colaterais, há azulejos de padrão azul de estrelas e flores, de cerca de 1760.

Santo Antão, Capela de

Silhar de azulejos azuis historiados, com rodapé marmoreado. O retábulo é rodeado de anjos, em azulejo.

A capela-mor também tem azulejos, talvez de época mais antiga que os do corpo. Estes serão de cerca de 1750, e aqueles de cerca de 1760-70.

São Miguel das Gaeiras, Convento de

Na igreja, silhar de azulejos de cerca de 1745, em painéis alusivos a São Miguel. No falso transepto, dois painéis azuis, muito interessantes: *Milagre da Mula* e *Santo António Pregando aos Peixes*. Serão estes azulejos de cerca de 1700.

Na capela-mor dois painéis azuis, historiando passos da Vida de São Francisco, moldura de folhagens, de cerca de 1720. Na Capela de São Francisco, azulejos de vaso e estrelinhas. Vê-se ainda um painel com a *Morte de São Francisco*, em barro, e uma orquestra de anjos; muito curioso.

Na fachada e galilé, metidos em nichos, painéis hagiológicos de santos: «*Tipos Religiones*», «*São João Bautista*», «*S. Roque*» e «*S. Benedito*».

PINHAL DE ÓBIDOS

Santa Ana, Capela de

Os azulejos encontram-se no corpo e capela-mor.

No corpo, o silhar é de 12 de alto, liso, em painéis de cercadura concheada policroma e centros figurados azuis. São ao todo oito painéis hagiográficos, referentes à Vida de Santa Ana, desde:

- 1) *Nascimento*, vendo-se a palavra ANNA no peito da Santa
- 2) *Anunciação*
- 3) *Casamento*
- 4) *Santa Ana Ensinando a Virgem*
- 5) *São José Trabalhando com o Menino*, este com uma pequena cruz
- 6) *Adoração dos Pastores*
- 7) *Anjo Aparecendo a São José*
- 8) *Casamento de Santa Ana e São Joaquim*

Na capela-mor continua-se a hagiografia:

- 9) *Fuga para o Egipto*, com a Virgem montada, dando de mamar ao Menino
- 10) *Santa Ana Vendo a Virgem em Glória*

São azulejos de cerca de 1770.

CONCELHO DE PENICHE

BALEAL

Santo Estêvão, Ermida de

A pequena ermida fica situada mesmo no extremo da ilha. Há cerca de quatro anos foi restaurada, tendo-se fechado o adro e colocado uma porta de madeira gradeada. O interior é totalmente forrado de azulejos, assim ordenados: 2 azulejos de barra de acantos; 4 azulejos do tipo «vasos e golfinhos»; 2 azulejos de barra de acantos; 8 azulejos de um padrão azul e, rematando, mais 2 azulejos de acantos, tudo num total de 18 de altura. A capela-mor tem revestimento idêntico, mas sobressai a abóbada, igualmente forrada de azulejo. Esta abóbada é muito curiosa, pois tem a rematá-la um medalhão representando Nossa Senhora da Conceição. É dividida em quatro partes, separadas por azulejos de acantos, seguindo-se azulejos de figura avulsa, barra do padrão visto na nave e, a rematar, o painel. Toda a pintura é em azul e deverá ser trabalho dos primeiros anos do século XVIII.

CONSOLAÇÃO

Nossa Senhora da Consolação, Ermida de

Esta grande ermida fica situada junto ao Forte que defendia, pelo sul, a baía de Peniche. O interior está decorado com grandes painéis de figuração mariana. No corpo, o paramento é de 21 de altura, pintura azul de belo enquadramento barroco de transição, de cerca de 1750-55. Na capela-mor o azulejo atinge 25 de altura até à sanca, e é do mesmo tipo do anterior. Os vãos das janelas que iluminam a capela-mor também têm azulejos em todas as superfícies, mas desta vez em vasos ornamentais, bastante notáveis. A figuração é convencional e com os seguintes passos: na nave na parede do lado esquerdo de quem entra, o painel legendado:

- 1) *Nossa Senhora na Visão Apocalíptica*: qUASI AURORA CONSURGENS

Na parede do lado do evangelho:

- 2) *Nascimento da Virgem*: qUASI CyPRESSUS IN MONTE SION

Sob o púlpito:

- 3) *Anunciação*: qUASI OLIVA SPECIOSA IN CAMPIS

Segue-se a *Visitação*.

No lado do evangelho, na capela-mor:

- 4) *Adoração dos Pastores*: PULCHRA UT LUNA

Do lado da epístola:

- 5) *Adoração dos Magos*: ELECTA UT SOL

Na nave, do lado da epístola:

- 6) *Apresentação de Jesus no Templo*

Sob o púlpito:

- 7) *Fuga para o Egípto*: qUASI PALMA EXALTATA SUM IN / CADES
- 8) *Morte da Virgem*: qUASI CEDRUS EXALTATA SUM IN / LIBANO

Do lado direito da porta:

9) *Assunção*: qUASI PLANTATIO ROSAE IN yE / RICHO

As sobreportas são igualmente decoradas.

PENICHE

Nossa Senhora da Ajuda, Igreja de

O templo paroquial, situado à entrada da vila, é constituído por uma nave desproporcionada no comprimento mas que, mercê da riqueza e equilíbrio da ornamentação, resulta uma magnífica igreja, das mais belas e harmoniosas que certamente existem em Portugal.⁽⁶³³⁾

XLVI

As paredes são paramentadas com azulejo azul, historiado, elevando-se do pavimento à cornija em $13 + 27 \times 212$ de comprimento. Sobre um embasamento apenas interrompido pelo púlpito, do lado do evangelho e, pela porta lateral, do lado da epístola, de 13 de alto e onde se pintaram cenas de caça e portuárias – navio com pavilhão holandês – estão os grandes painéis historiados com a Vida de Maria, começando do lado da epístola com o *Nascimento*, *Anunciação* e terminando na *Assunção*. São alternados com grandes imagens da Virgem, com *Nossa Senhora da Conceição* e *São João Evangelista*.

Os painéis têm o seu enquadramento de barras de folhas encurvadas, pintura fraca e convencional, ciclo Bartolomeu Antunes e de cerca de 1740.⁽⁶³⁴⁾

Sob o coro painéis com cenas do *Cântico dos Cânticos*.

No baptistério o alizar e o tímpano são de azulejo historiado azul, com anjos e *Baptismo*.

Na sacristia, bastante notável, um grupo com *Santa Ana*, *São José* e a *Virgem*, aliás escondidos atrás de flores e castiçais.

Nossa Senhora da Conceição, Igreja de

XLVI

Notabilíssimo exemplar de igreja ornamentada! A nave, de tecto de madeira de «cannhão», primorosamente pintada, faz lembrar as coisas do Brasil. O tímpano do arco triunfal também é pintado sobre madeira, assim como a cornija. Os altares laterais são de magnífica talha, sendo o do lado do evangelho com a figura de Santo António sobrepujado com as armas reais, ainda do século XVII.⁽⁶³⁵⁾

A capela-mor foi rebaixada, pelo que o retábulo foi cortado, sendo esta a única nota discordante no conjunto. As paredes livres de talha ou de cantaria foram totalmente azulejadas no primeiro quartel do século XVIII, havendo ainda vestígios de azulejaria do século XVII.

O azulejamento atinge requintes que são de notar, como o revestimento da porta e arco do baptistério.

Na capela-mor o azulejamento parece-me ser de uma encomenda um pouco anterior ao da capela baptismal.⁽⁶³⁶⁾ Na nave, os azulejos distribuem-se em grandes painéis com verdadeiro sentido monumental, sendo bem patente a influência, senão pelo menos orientação, dos Oliveira Bernardes.

O pintor destes azulejos é certamente o monogramista PMP, ou um outro cujo estilo muito se lhe assemelha. É no entanto o seu maior e mais importante trabalho e no qual patenteia grandes possibilidades, se bem que o desenho não tenha o vigor nem o movimento dos Oliveira Bernardes. É, aqui, entre ingénuo e pretensioso.

(633) A estupenda unidade apenas foi prejudicada modernamente, com a colecção de oito lanternas de lata, pintadas a purpura, de mau gosto e pior efeito! Teria sido fácil e económico esconder a luz em tubos fluorescentes sobre a cornija... Enfim! Salva-se a boa vontade...

(634) Os painéis da nave da igreja foram atribuídos por José Meco ao pintor Valentim de Almeida. Vide MECO 1989, p. 231. (CM)

(635) O templo mereceu um exaustivo estudo de Flávio Gonçalves (GONÇALVES, 1984). (CM)

(636) Os azulejos da capela-mor foram atribuídos por José Meco ao pintor Teotónio dos Santos. Vide MECO 1989, p. 230. (CM)

A azulejaria começa logo sob o coro com quatro painéis tirados do *Cântico dos Cânticos*, acompanhados com legendas em cartelas, ao jeito dos Bernardes quando pintavam profetas. Nas paredes, forradas até à sanca, estão enormes painéis azuis figurando passos marianos.

Nossa Senhora dos Remédios, Santuário de

A pequena mas muito devota capela contém um dos mais notáveis revestimentos de António Oliveira Bernardes. Todo o corpo, incluindo a abóbada de berço, paredes de porta e arco, estão revestidos de azulejo.

As paredes laterais têm 30 azulejos de alto até à sanca, e friso de 5, que separa os alçados da abóbada. Esta, desenvolve-se em 48 azulejos. As paredes laterais, em 41 de alto, formam um todo decorativo.

À entrada, de cada lado, há uma coluna fingida, de frente nervada, com seu capitel jónico e pilastras com figuração de atlantes e anjinhos.

Na parede do lado do evangelho, o grande painel nasce de um embasamento alto, onde há enormes cartelas seguras por anjos, contendo emblemas marianos: HIC SECVRIVS STO e um castelo. Acima, os painéis com os seguintes passos:

- 1) *Nascimento*
- 2) *Apresentação de Nossa Senhora*
- 3) *Casamento*

A abóbada tem ao centro a *Assunção* e vasta figuração de anjos, Virtudes e emblemas. Do lado da epístola (onde estão o púlpito e a tribuna), na parede e sobre as aberturas da tribuna:

- 4) *Anunciação* (truncada quando puxaram o púlpito)
- 5) *Visitação*
- 6) *Adoração dos Pastores*

A capela-mor tem de notável os revestimentos das portas laterais e das paredes, com azulejo liso, azulado, contido por emolduramento que contorna os retábulos e pela abóbada de berço, em cujo centro está o painel do Pentecostes, contido em cartela que anjos voadores sustentam, tendo como fundo azulejo de estrelas de oito pontas.

Na parte direita da parede, junto do arco, a assinatura:

Antonius Aboliua B
des fecit. ⁽⁶³⁷⁾ ⁽⁶³⁸⁾

XLVII

São Bernardo, antigo Convento de

À entrada estão quatro grandes painéis, datados de MDCCXXXIX e que representam, respectivamente:

- 1) *Batismo e Sermão da Montanha*
- 2) *Caçadas*
- 3) *Cena de Paisagem e Arquitectura* (muito interessante)
- 4) *Uma Sege e a Aparição da Virgem a São Bernardo*

Nos topos há igualmente azulejos, sendo um deles brasonado.

⁽⁶³⁷⁾ VITERBO, 1903, p. 118; CORREIA, 1917, p. 201; BNL, 1927, vol. II, p. 575; SEQUEIRA, 1955, p. 99; SANTOS, 1957, p. 117.

⁽⁶³⁸⁾ Sobre o conjunto, que o historiador José Meco atribui antes ao pincel de Policarpo de Oliveira Bernardes, *vide* também: MECO, 1985, p. 51; MECO, 1989, p. 224; PEREIRA, 1989, p. 83. (CM)

São Lourenço, Igreja de

Está a igreja forrada com azulejos trazidos da Igreja da Misericórdia. Trata-se de azulejos de muito belo efeito, talvez das últimas épocas do século XVII, já de padrão azul. A engalanar tem seis painéis, um dos quais o *Nascimento da Virgem*, muito curioso.

São Pedro, Igreja de

No baptistério, painel mutilado com *Santo António* e *São Francisco* de cerca de 1740.

Senhor do Bonfim, Igreja do

Belo exemplar do século XVIII. No corpo da igreja painéis de azulejo forrando todo o silhar e emolduramento dos púlpitos. Tipo banal do século.

SÃO BERNARDINO

Colónia Correccional de São Bernardino

Na parte antiga do velho Convento de São Bernardino, e pertencentes ao primitivo edifício, não existem azulejos coevos deste. Além de azulejos modernos e utilitários, colocados recentemente, foram instalados no actual refeitório alguns painéis que pertenceram ao claustro do antigo Convento da Graça, de Torres Vedras, e referente à Vida de Frei Aleixo de Menezes. A sua colocação não seguiu a disposição original, havendo não só azulejos deslocados, como legendas que nada têm que ver com os assuntos em que actualmente estão. Assim, o painel mais notável pelo valor iconográfico é o que representa o Adro do Convento da Graça, de Lisboa. Teve este painel, na parte superior, a legenda que rezava:

Em o adro da Igr^a de N. S. da Graça de Lx^a lhe pediu huma M^{er} esmol=
la, e elle tirou o anel do dedo, e lho
deu, por nam
ter outra cou=
za.

SERRA D'EL-REI

São Sebastião, Igreja Matriz de

A igreja, modesta no seu exterior, abriga um paramento cerâmico deveras notável! O corpo e a capela-mor têm as paredes totalmente forradas de azulejos e, na capela-mor, a própria abóbada tem azulejos em toda a superfície.

Na nave, o forro total é de 35 de alto, em todo o comprimento. São azuis, de embasamento ornamental e *cartouches* com as setas. Toda a arquitectura é contornada, sendo notável o paramento do arco triunfal, que tem ao centro uma Custódia. Os enquadramentos são da transição *rocaille*-rococó, de cerca de 1760. O desenho, convencional, figura, ao centro, várias cenas da vida e martírio do orago, acompanhadas de inscrições latinas tiradas do Antigo Testamento.

Os azulejos da capela-mor são da mesma encomenda, mas aqui com enquadramento concheado e passos da *Serpente de Bronze* (lado do evangelho) e a *Queda do Maná* (lado da epístola). Do lado do evangelho, fazendo face à janela que ilumina a capela-mor, há uma janela de azulejo. Dos lados do altar estão azulejos com turíbulo.

A abóbada é toda forrada de azulejo, a dois tons de azul, muito notável.

O coro tem igualmente azulejaria na parede fundeira.

No baptistério o silhar é de um padrão azul, de florões, e a variante curiosa de um pasarinho pousado. A barra é de 2 azulejos, de cantos próprios.

CONCELHO DE POMBAL

ALMAGREIRA

Nossa Senhora da Graça, Igreja Paroquial de

A actual igreja resulta das obras de restauro feitas em 1955. Apenas se aproveitaram dois dos painéis do «desagravo», os quais foram colocados no exterior, um de cada lado da porta. Têm ambos 8×17 azulejos e são azuis figurados, enquadramento rococó, tendo ao centro duas cenas do «desacato», ou seja, do lado direito o *Roubo da Custódia* e, do lado esquerdo, o ladrão preso enquanto um dos personagens traz a Custódia apreendida. Os azulejos serão de cerca de 1760.

LOURIÇAL

Convento, Igreja do

A lindíssima igreja do convento, única parte dos edifícios que se pode visitar, é dos mais eloquentes exemplos de aplicação azulejar na época áurea de D. João V. A arquitectura e a decoração são notáveis. Desta, destacam-se os azulejos que forram as paredes da igreja e ainda as do coro e demais dependências. Dada a rigorosa clausura das Clarissas que ocupam o convento, não pude ver nem o claustro, nem o coro, nem a cerca. Das dependências que visitei passei a enumerar a respectiva azulejaria.

Sacristia – Silhar de cestos floridos $4 \times 3 + 1$, de jarro com barra de folhas, numa altura de 9 azulejos, incluindo o rodapé.

Nave – As paredes laterais são totalmente forradas, ficando à vista o que é cantaria trabalhada. Do pavimento ao friso da sanca vão 30 azulejos: desta à cornija 29. A parte inferior, de notável emolduramento, tem painéis onde se narra a Vida de São Francisco, desde a *Meditação, Pregação, Recebimento da Regra, Confirmação a Santa Clara, Humilhação do Papa a São Francisco* até à *Morte de São Francisco*.

Na parte superior *Passos da Paixão*.

No transepto conta-se a Vida de Santa Clara em doze painéis. Na parte do tímpano a Vida de Nossa Senhora, em quatro passos: *Apresentação, Casamento, Anunciação e Visitação*. O azulejo, de melhor qualidade, é evidentemente da melhor oficina de Lisboa, do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes⁽⁶³⁹⁾ e impõe-se não só pela profusão como pela extraordinária composição acessória que inclui toda a gramática ornamental da época. Esta deveria conter-se entre 1735-45. No coro os azulejos parecem ser do mesmo tipo.

Voltei a visitar o convento em Julho de 1964 e, nessa ocasião, foi-me permitido verificar alguns azulejos que faltavam.

Portaria – Silhar de 9 de alto com barra de folhas retorcidas e cantos de máscaras, com sequência de painéis ornamentais de vasos e sereias, com jarros de $4 \times 4 + 1 \times 4$. Sob a rótula, azulejos de taças e grinaldas. $(112 \times 8) + (8 \times 4) = 928$.

Sala seguinte – Silhar de 6 de alto limitado por cercadura de estrelinhas, azulejos de figura avulsa, vulgares, tendo no entanto pequenos painéis de 4×3 , de cestos floridos $(119,5 \times 6) = 717$.

Coro de baixo: A quadra que entesta a igreja está toda forrada de azulejos, em 30 de altura. São grandes composições figuradas, azuis, relativas à Vida de Santo António. Na parede sul *Milagre da Mula e Pregação aos Peixes*. Na parede da igreja o *Milagre do Banquete*. Na parede norte o *Milagre da Criança, Conversão dos Gentios, Ressurreição em Lisboa*, este em parte encoberto por um retábulo de madeira.

O vão da grade tem ilhargas e parte superior com os azulejos de ermitões lendo, sendo o painel superior de 14×6 .

XLVIII

⁽⁶³⁹⁾ Sobre o conjunto da obra de Bartolomeu Antunes veja-se a bibliografia citada na entrada referente ao mestre-ladrilhador no cap. II desta edição. (CM)

Os vãos das duas janelas têm ilhargas com painéis de vasos floridos, dosséis com anjos e cartelas com a cruz dos Bulhões. A parte inferior das paredes, até 10 de alto, tem anjos e cartelas com paisagens.

Antecoro – Dois painéis incompletos com emblemas da Paixão.

Capela e claustro – Pequena quadra de abóbada de berço, com pinturas. As paredes e vão das janelas estão forrados de curiosíssimos azulejos de figura avulsa, contornados por barras de folhas sobre fundo azul. O efeito dos sombreados das estrelas provoca uma curiosa ilusão de óptica. Os azulejos alternam florões com flores várias e apenas uma cegonha. Pintura azul numa altura de 26 ½, incluindo barras.

Refeitório – Aqui estão os restos de azulejo que constituem metade do relógio, que era de 8 × 8 e mais 9 inteiros, podendo encontrar-se ainda alguns encobertos; seria necessário recortá-los e colocá-los sobre a janela actual (como no exterior). Na torre ainda existem restos do quadrante completo.

Capela da cerca – Teve a invocação mariana. Nas paredes estão dois painéis recortados, de 17 × 21, com algumas faltas. Os painéis representam a *Adoração dos Magos* e a *Adoração dos Pastores*. Nos lados da porta da entrada vemos a *Visitação* e a *Apresentação*. Na parte inferior, guarnição ornamental roxa e verde. Fabrico de Coimbra, com enquadramentos concheados. O resto da decoração é de embrechados, com vieiras e folhas de maçaroca.

Coro de cima – As paredes estão completamente forradas acima do cadeiral, tendo nas laterais 21 ½ de altura, e na parede da igreja, 31 ½. São, como os da igreja, de figuração azul, com enquadramentos sóbrios de grinaldas e anjos. A figuração alude a passos do Antigo Testamento: *Bodas de Caná*, *Moisés Fazendo Brotar a Água*, *Josué Mandando Parar o Sol*, a *Serpente de Bronze*, *Queda do Maná*, *Arca da Aliança*, *Sacrifício*, etc. Na parte inferior da parede da igreja, duas composições alusivas ao *Cântico dos Cânticos*. A largura dos azulejos nas paredes é, na igreja, de 53, e nas laterais, de 57. Os vãos das seis janelas estão guarnecidos com azulejos de figura avulsa, de estrelinhas, vulgares. O acesso ao coro está também guarnecido com painéis azuis, de ermitões, respectivamente de 16 × 15 ½ e, no tecto, outro policromo de 10 de largo.

Pequena capela – Na capela onde foi entronizada Nossa Senhora da Misericórdia, os azulejos são notáveis: são de figura avulsa policroma – de flores – com vasos floridos, numa altura de 20, incluindo as cercaduras inferior e superior. O intradorso do arco também tem os mesmos azulejos, posteriores ao terramoto.

Na capela onde faleceu a veneranda Madre Maria do Lago, silhar de 10 de alto, de grandes vasos floridos, azuis, de 6 × 4.

Santiago, Igreja Paroquial de

ÉPOCA: 1.ª metade do século XVIII

TIPOS: Ornamentais de vasos

APLICAÇÃO: silhar

ASSUNTOS:

NOTAS:

CONCELHO DE PORTO DE MÓS

JUNCAL

Igreja Matriz

Na frontaria a data de 1780. No interior, silhar de azulejos recortados, em painéis com iconografia tirada do *Êxodo*. Os painéis são azuis, avivados por toques policromos marmoreados. Desenho mau, de brancos impuros e os azuis variando consoante as fornadas, havendo colorações desde tons pálidos a azuis carregados.

No lado do transepto há dois painéis maiores: *São Domingos Recebendo o Rosário e Pentecostes*.

XLIX

Na capela-mor dois painéis silhares, recortados: *Ceia e Lava-Pés*, do mesmo tipo de desenho e emolduramento concheado.

Nos cantos superiores há ramalhetes de flores policromas, verdes, manganês e cromo. Os tectos são pintados, provavelmente pelo mesmo artista dos azulejos.

A capela baptismal tem um silhar recto, de vasos, com cercadura folheada, também de feitura tosca, cortante bem mais antigos que os da igreja.⁽⁶⁴⁰⁾ e ⁽⁶⁴¹⁾

MENDIGA

São Julião, Igreja Paroquial de

Na fachada, sobre a porta, cruz formada por azulejos ainda do século XV, mudéjares.

Na capela-mor, ladeando o arco cruzeiro, silhar com 13 de alto e dois painéis recortados nas paredes laterais, tendo 22 azulejos de altura na parte central. Do lado do evangelho vemos a *Adoração dos Pastores* e, do lado da epístola a *Ceia*.

Nesta figuração estão apenas 11 Apóstolos; sobre a mesa está uma travessa com um cabrito assado...

A parte superior dos painéis tem medalhões com inscrições, respectivamente:

GLORIA / IN / EXCELSIS / DEO e
OSA / CRUM / CONVI / VIVM

Na nave, alizar de 11 de altura, formado com azulejos de padrão «almofada» e enquadramentos próprios, e saindo deste, dois painéis recortados, como os da capela-mor, agora com *Santa Maria Madalena* e *Santa Maria Egípciana*. Nestes painéis as legendas rezam:

DILEXIT / MVLTVM e
DIMISSA / SVNT / EI

Toda esta azulejaria é típica da fabricação do Juncal,⁽⁶⁴²⁾ de data que deve andar por 1760.

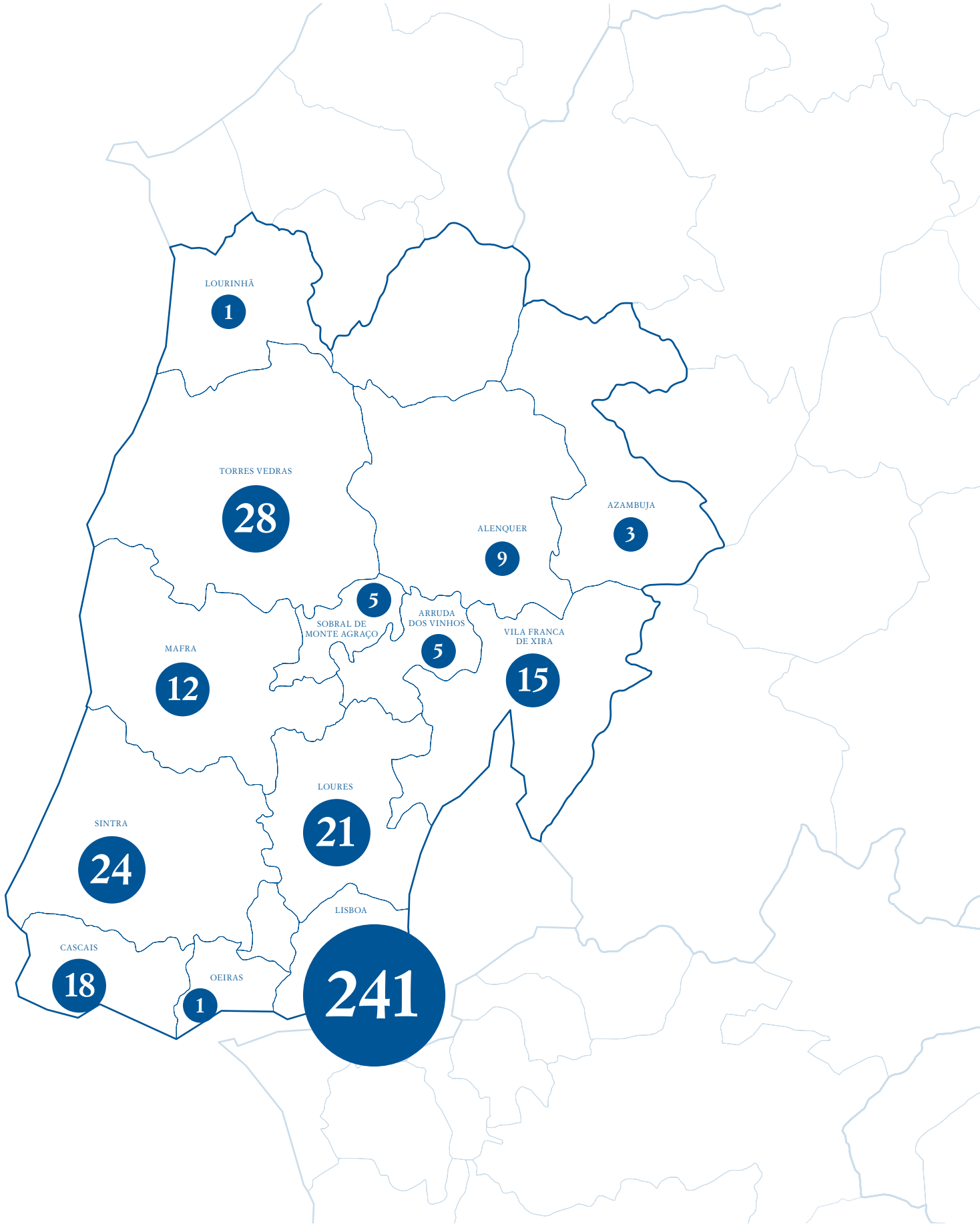
⁽⁶⁴⁰⁾ SILVA, 1956, pp. 211-219; SMITH, 1968, p. 235.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶⁴¹⁾ Sobre esse conjunto atribuído à Fábrica do Juncal, *vide* também as contribuições mais recentes de SANDÃO, 1975-1986, vol. I; MECO, 1985, pp. 68, 237-239; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

⁽⁶⁴²⁾ Sobre a produção de louça e azulejos da Fábrica do Juncal *vide*: SANDÃO, 1975-1986, vol. I; MECO, 1985, pp. 68, 237-239; MONTEIRO e PAIS, 1997, pp. 66-67. (CM)

DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS AZULEJARES DO DISTRITO DE LISBOA



DISTRITO DE LISBOA

CONCELHO DE ALENQUER

A DOS CARNEIROS

Quinta Brito

Levado pelo Padre de Aldeia Gavinha, Reverendo José Eduardo, visitei esta quinta. São azulejos dos finais do século XVIII – quase princípios do XIX – de padrões de «almofada» vulgares e, no sítio da antiga capela – hoje garagem – ficaram alguns painéis ornamentais de 8 de alto, tipo «grinaldas» e fabrico de segunda ordem.

ALDEIA GALEGA DA MERCEANA

Nossa Senhora dos Prazeres, Igreja de

É uma das mais belas igrejas dos arredores de Lisboa. Na nave, silhar liso de 13 azulejos de altura, em painéis figurados azuis, com várias cenas bíblicas do Antigo e Novo Testamento. Emolduramentos barrocos, concheados. Os painéis estão separados por ornatos de azulejo policromo, notáveis, principalmente, sob o púlpito. Os painéis representam, do lado do evangelho:

- 1) *Jesus e as Crianças*
- 2) *Bodas de Caná*
- 3) *Judite e Asmodeu*

Do lado da epístola:

- 4) *Entrada em Jerusalém*
- 5) *Ressurreição de Lázaro*

ALENQUER

São Francisco, Convento de

Vandalizado há muitos anos, o convento teve certamente muitos azulejos, como se depreende dos que ficaram.

Na entrada da antiga portaria virada ao adro superior, está a fachada coberta com azulejos azuis, figurados, envolvendo a porta e atingindo o lintel do tímpano. Estes azulejos foram vistos por José Queiroz, que a eles se refere nas suas Notas (I, 66; VIII, 1) com as seguintes palavras: «Em volta da entrada e até grande altura da parede há magníficos azulejos representando dois quadros grandes superiores e dois quadros inferiores. O quadro superior da esquerda é o *Aparecimento dos Cinco Mártires de Marrocos à Infanta Santa Sancha* e o da direita representa o *Beato Frei Zacarias Ajoelhado em Frente do Senhor Crucificado*.

Os dois quadros inferiores são paisagens de fantasia. As figuras da Infanta e do Beato são do tamanho normal».

Quando da sua visita com D. José de Pessanha (9 de Setembro de 1919, notas VIII, 1) diz que a igreja pertence à Misericórdia e dá-lhe a data de 1706, não indicando todavia onde ela se encontra. Quanto aos azulejos da portaria volta a referir-se-lhes para dizer que são «tipo Lisboa, Oliveiras».

Na verdade, os azulejos que envolvem a porta claustral acusam características de desenho que os aproximam dos trabalhos conhecidos de Policarpo Oliveira Bernardes. Infelizmente estão em grande parte mutilados e, ainda hoje, crescem nas feridas abertas, as ervas daninhas que hão-de acabar por os expulsar. Numa das capelas do claustro a porta tem ainda a guarnece-la azulejos ornamentados com anjinhos, pintura azul,

L

em tudo idêntica aos azulejos da fachada da portaria. No exterior, forrando as paredes das rampas da escada que estabelece ligação entre os adros inferior e superior, há azulejos de figura avulsa, tipos vulgares de «estrelinhas», com cercadura de folhagem, conjunto que felizmente se conserva em bom estado.

Sete Pedras, Quinta das

Está esta casa cheia de azulejos recentes, forrando as salas em silhares.

Do século XVIII vêem-se apenas alguns azulejos de vasos, numa altura de 7, no salão.

Na sala de jantar os azulejos são do mesmo tipo dos que veremos em Paço d'Arcos, estes aliás, vindos igualmente doutra casa na Rua de São João da Praça. A diferença é que nestes o medalhão central mostra curiosos cestos com frutas.

Na capela os azulejos são igualmente de anjinhos com urnas, bastante restaurados.

ATALAIA

Espírito Santo, Capela do

Na capela-mor azulejo figurado, azul, até 19 de altura, figurando cenas do Antigo Testamento. Pintura pouco comum de cerca de 1730.

CARNOTA

Carnota, Quinta da

No antigo Convento de Santa Catarina da Carnota, de frades Capuchos, vê-se, sobre a porta da antiga hospedaria, um painel de 6 × 4 azulejos, moldura policroma, enquadrando uma lápide com a inscrição:

ESTAS CAZAS
MANDARÃO FAZER OS
FESTEIROS Q FESTEIÃO
PELO ESP^{TO} S^{TO} A N. SRA DA GRA
ÇA no ANNO DE MDCCLIX

Na parte inferior, azulejo com as *Almas do Purgatório* e o cronograma: 1769. No átrio da capela, silhares de azulejo de vasos e, na capela propriamente dita, painéis azuis com cenas de conventos e jardins. Serão de cerca de 1715.

No claustro baixo, na parede norte, silhar que foi da antiga ermida, de 13 de alto, azul, com figuração de uma procissão conduzida por um negro com um clarim. Estes azulejos devem ser de cerca de 1730. Também aqui vemos um silhar de vasos e golfinhos. No claustro superior os painéis representam cenas da Vida da Virgem, dois deles tirados de gravuras (*Desposório e Apresentação*). Encontra-se igualmente aqui um painel semelhante ao do claustro inferior, com uma *procissão* e longa legenda com a história do furto da imagem.

Na Casa do Capítulo, anjos e emblemas franciscanos.

CHARNAIS

Charnais, antigo Convento de

A igreja e edifícios conventuais, apesar da nefasta instalação de um hospital paupérrimo, conserva ainda uma profusão de azulejos deveras notável. O corpo da igreja, para o qual se acede do pátio reentrante (onde há azulejos brancos singelamente limitados por frisos azuis) está guarnecido por painéis recortados, de boa pintura azul e emolduramento concheado, contendo passos da Vida de Santo António, orago da igreja e padroeiro da província capucha.

A partir da teia e na capela-mor, os azulejos são da mesma ordenação, mas certamente anteriores em data, o que se patenteia na ornamentação barroca das molduras.

À esquerda do átrio ficavam as instalações privativas da Ordem Terceira, com sua capela e nave. É no altar que se encontra o notável frontal azulejado, de tipo relativamente raro no continente, mas frequente nos Açores, reprodução dos frontais adameados e agaloados dos fins do século XVIII. Nesta mesma sala as paredes são revestidas com painéis lisos, de pintura azul e centros figurando passos de edificação Terceira. Do lado direito da entrada ficava a portaria, para a qual se acedia por corredor totalmente guarnecido com azulejos de figura avulsa de tipo raríssimo, mas que aqui abundam. Os desenhos centrais, de flores, são limitados em círculos, ao jeito da azulejaria holandesa do mesmo tipo.

Numa pequena capela ao fundo do corredor da entrada estão dois painéis, de 6 de alto, boa pintura azul, representando *Prodígios Franciscanos*, como, por exemplo, *São Francisco Pregando às Aves* e, ao que parece, *Salvando Uma Mulher Seminua de Morrer Afogada*. Estes painéis chegaram a ser roubados por uma enfermeira e recuperados quando iam passar a fronteira!

Dando para o claustro estava a Casa do Capítulo, mais tarde adaptada a botica, vendendo-se ainda as armações dos escaparates. Aqui as paredes têm, na parte inferior, azulejos de figuras avulsas, do tipo dos que vimos no corredor da portaria. Há ainda azulejaria notável no antigo refeitório, agora também de figura avulsa, mas de grandes flores, sem cantos.

Estão estes azulejos enxadrezados com azulejos brancos, colocados em viés, o que é disposição ornamental insólita, mas muito graciosa.

Na escadaria, que do corredor da sacristia leva ao pavimento superior do claustro, estão azulejos de figura avulsa, como os do refeitório, mas agora dispostos ortodoxamente. Toda esta azulejaria se coloca antes do meado do século XVIII.

MERCEANA

Nossa Senhora da Piedade, Capela de

O templo actual é de corpo e capela-mor, sendo o primeiro de três naves, de tipo basilical, de quatro tramos e sendo as três naves forradas inteiramente de madeira, em berço liso e de alturas desiguais.

O arco triunfal e as colunas do corpo são o que resta da fábrica quinhentista, sobressaindo, pela sua importância, o arco triunfal, datado de 1535. A capela-mor, inteiramente alterada no século XVIII, apresenta parte da decoração em *marqueterie*. Os seus azulejos, em painéis laterais de pintura azul, representam cenas da Vida de Santa Cecília e serão de cerca de 1740.

O corpo tem silhar alto, recortado, em painéis de cercadura policroma e medalhões com símbolos marianos. No transepto dois belos painéis, com figuração de um milagre, de cerca de 1780. Na sacristia belos exemplares de painéis historiados, com cenas da instituição da Igreja.⁽⁶⁴³⁾

VILA VERDE DOS FRANCOS

Nossa Senhora da Visitação, antigo Convento de

O antigo Convento dos Capuchos, transformado em agradável quinta de recreio e rendimento, apenas conserva, das construções primitivas, a igreja e uma dependência do antigo claustro, certamente a Casa do Capítulo. Em qualquer destas duas quadras e,

(643) As pinturas dos tectos são do pintor António Pimenta Bollini, morador na cidade de Lisboa, o qual, em 1748, recebia a quantia de 124 410 réis (Arquivo da Confraria). Numa visitação datada de 10 de Junho de 1639 o visitador aconselhava a que se pusessem azulejos na capela-mor, o que poderia manter esta mais asseada.

bem assim, na parede exterior da igreja que corresponderia a uma das quadras do claustro, conservam-se azulejos do meado do século XVIII.

Na antiga Casa Capitular – notável sob o ponto de vista arquitectónico, com sua abóbada semiesférica – os bancos tinham os espaldares azulejados em 7 de altura, constituídos pela sequência de vasos floridos. Na verga da porta está pintada a data 1768, que pode convir não só a esta decoração de azulejos como à do restante convento. Na igreja, há muito desafecta, conservam-se os silhares historiados da capela-mor, em painéis de 15 de altura, de emolduramentos concheados e, em cujos centros, estão os passos convencionais da Vida de São Francisco, tudo de pintura azul. Os altares colaterais são ladeados de painéis semelhantes aos da capela-mor, mas agora com iconografia antoniana: o *Milagre da Mula* e a *Disputa com os Infiéis*. Na nave houve um silhar completo com 14 azulejos de altura, de vasos entre anjinhos, infelizmente mutilado. O conjunto tem muito interesse e, segundo informação, estão arrecadados muitos azulejos que pertenciam ao convento e que não seria difícil recolocar.

CONCELHO DE ARRUDA DOS VINHOS

ARRUDA DOS VINHOS

Antigo Palácio (actualmente Sociedade de Recreio)

No átrio e ao topo da escada, destacando-se do alizar baixo, de «almofada», encontravam-se três «porteiros» em trajes orientais (janízaros).⁽⁶⁴⁴⁾ Na sala de jantar, alizar baixo, de 8 azulejos, com cenas domésticas.

Casa nobre dos Barões de Arruda

No nobre solar do último quartel do século XVIII (na verga da porta da capela está a data 1781) foram instalados azulejos na escadaria e nas salas. São painéis de pintura policroma e marmoreada, do tipo de «grinaldas D. Maria».

Na capela, onde avulta uma magnífica tela com *Nossa Senhora Dando o Rosário a São Domingos*, estão as paredes decoradas com um silhar de painéis recortados, pintura azul, emolduramentos concheados, tendo nos campos centrais, emblemas marianos. Este silhar assenta sobre um rodapé marmoreado amarelo. Toda esta azulejaria deve ser coeva da construção, assinalada com a data 1781.

Nossa Senhora da Salvação, Igreja Matriz de

Naves laterais e capela-mor – A meio das paredes das naves laterais, entre tapetes policromos, dois grandes painéis rectangulares, representando *Perseu e Andrómeda*⁽⁶⁴⁵⁾ e *São Cristóvão*. Molduras de folhagens simples e, tendo cada painel, uma área de 11 × 20 azulejos.

Na capela-mor o alizar inferior tem 13 azulejos de altura e compõe-se de dois painéis rectangulares, figurando o *Sacrifício de Abraão* e *Scala Coeli*. A parte superior é revestida com azulejo ornamental, sobressaindo uma janela fingida. Os dois painéis da nave são de oficina diferente dos da capela-mor, se bem que de data aproximada. Os desta quadra serão da oficina de Oliveira Bernardes, se bem que a parte cimeira, ornamental, seja de data mais recente que a dos painéis.

Sacristia: Sob o altar-mor, azulejos ornamentais de vasos.

(644) Estes «porteiros» encontram-se actualmente em Cascais, na casa do Conde de Murça.

(645) A cena representa *São Jorge Combatendo o Dragão*. Vide: RÉAU, 1955-58, t. III, vol. II, pp. 576-577; AZEVEDO *et al.*, 1962, vol. I, p. 39.

Capela do Santíssimo – Tem esta capela um silhar com painéis de pilastras, cercaduras policromas e centros azuis, figurando passos da Vida de São Francisco. Serão de cerca de 1780.

CARDOSAS

Mitra, antiga Capela da Quinta da

Numa antiga propriedade que pertenceu à Mitra, de Lisboa, havia ainda em 1946 as ruínas de uma capela, conservando no entanto a pequena nave com a totalidade dos seus azulejos. Eram grandes painéis de pintura azul e cabeceiras recortadas, figurando na parte central passagens do *Cântico dos Cânticos*. O estilo ornamental permitia colocar estes painéis entre a produção de 1740, e aparentavam-se com os do palácio, também da Mitra, de Santo Antão do Tojal.⁽⁶⁴⁶⁾

LAVRADIO

Quinta do Convento

Nos edifícios do antigo Convento da Madre de Deus de Verderena, secularizados depois de 1834, apenas se mantêm azulejos numa varanda alpendrada, aliás arranjo já do século XX.

No antigo convento dos Franciscanos Arrábidos onde, segundo a tradição, se albergou São Pedro de Alcântara, houve azulejos em mais de uma quadra. Na parede da varanda foi no entanto colocado um grande painel, de 9 × 12, de pintura azul, tendo como figura central a imagem de *São Pedro de Alcântara*, devidamente legendada. Trata-se de pintura convencional lisboeta, de cerca de 1740. Os edifícios foram recentemente adquiridos pela Câmara Municipal, que os destinou a Centro Cultural, Museu e Biblioteca.

CONCELHO DA AZAMBUJA

AZAMBUJA

Victor Cordon 44, Rua

No prédio incaracterístico, existem no 1.º andar duas salas contíguas com silhares de azulejos, manifestamente trazidos de outro local, em tempo relativamente recente. Segundo informação de um dos co-proprietários, teriam sido adquiridos por um antigo feitor da Casa Lafões e trazidos mesmo da velha casa da Torre Bela. Na sala do lado do poente o silhar tem 7 azulejos de altura, em seis painéis lisos, de 94 de comprimento, ou seja $94 \times 7 = 658$ azulejos. São painéis de enquadramento concheado policromo, vulgar, tendo nos centros cenas de caçadas comuns, a azul. Na sala contígua o silhar tem igualmente 1 azulejo de alto e seis painéis de $99 \times 7 = 693$ azulejos. Aqui os enquadramentos – iguais aos da outra sala – envolvem cenas portuárias, também comuns.

Trata-se de exemplares correntes, de fabricação lisboeta de cerca de 1775-80, de alguma oficina secundária. O desenho e a coloração são bastante duros. Ao aplicar os azulejos nestas salas fizeram-se cortes e ajustes – aliás bastante bem feitos – havendo azulejos deslocados e mesmo alguns novos. Os proprietários tinham, à data da visita, duas ofertas para a compra dos azulejos, de dois antiquários de Lisboa.

⁽⁶⁴⁶⁾ Foram arrancados e vendidos a um «negociante» em 1958. No dia 24 de Abril de 1969 fui chamado ao armazém de azulejos dos Antunes (Estrada de Benfica) onde reconheci estes azulejos.

MONTEJUNTO, SERRA DE

Nossa Senhora das Neves, Santuário de

Nos edifícios religiosos que servem à devoção de Nossa Senhora das Neves, situados no mais alto da serra estremenha de Montejunto, constituem um curioso complexo os compartimentos interligados com vários altares, sem definição do maior. Aproveitando azulejos de mais de uma época e proveniência, formaram-se as frentes dos altares e alguns retábulos, enquadrando nichos e outros recessos. Destacam-se azulejos de figura avulsa, de pintura azul, com grandes flores, envolvidos por barra de folhagens e misturados com azulejos mistos, de caixilho.

Em duas das mesas de altar foram colocados elementos de vários painéis de vasos floridos, policromos, ladeados de pássaros.

Na composição maior, no topo de uma capela, há, na parte superior, um painel de pintura azul, figurando a cena da ordenação de um clérigo por um bispo. Toda a azulejaria deve ter sido colocada no segundo quartel do século XVIII, época das obras mais importantes e que corresponde à dos tipos de azulejo mais recentes.

VILA NOVA DA RAINHA

Santa Marta, Igreja de

Na nave, silhar recortado em painéis de pintura azul, de 22 de alto. Molduras barrocas, sem concheados, bases com capitéis. São ao todo, oito painéis figurados e outros mais estreitos. Nos dois altares laterais foram colocados azulejos de vasos e golfinhos, à laia de frontais.

Os painéis são referentes à Vida de Santa Marta e têm legendas na cartela superior. O primeiro mostra:

1) *Morte da Santa, com monjas a chorar.*

VEM HOSPEDA
MINHA M^{TO} QUERIDA
2.º COMO HIMERECEBESTE
EM TVA CAZA ASSIM EV
TERECEBEREI NA MINHA
EM OCEO.

2) CONTRITA EAHEPENDIDA A MAGDA
LENA CHEGA AOS PES DE CHRISTO
ESENDOLHE PERDOADAS ASSVAS CUL =
PAS COMESOV AFAZER
PENETENCIA DELLAS.3) *Benedura da Vinha.*

ESPECIAL M^{ce} Q XP S^e NOSSO
COMCEDEO A S^{ta} MARTHA P^a
Q LEVRASSE ASVIN =
HAS DE LAGAR =
TA E PVLGVO.

- 4) POR INTERCESSÃO DE MARTHA
E SVA IRMA Q RESVCITOV CHRIST
O S' NOSSO A SEO IRMÃO
LAZARO FALECI
DO DE QVATRO DIAS.
- 5) EM ODIO DE CHRISTO CONFISCARÃO OS IVDEOS
OS BENS DE S^{ta} MARTHA E SEOS IRMÃOS E OS METERÃ
O EM HVM NAVIO DEZALVORADO p^a Q O MAR
OS SVMMERGISSE MAS GVIADO
POR AQVELLE S' CON MARE
FELIS CHEGARÃO A SALVAMENTO.
- 6) P^a HONRA DE D^{se} GVARDA
DA CASTIDAD^e EDEFICOV S^{ta}
MARTHA HVM CONVO ONDE COM OVTRAS S^{tas} VIR
GENS VIVEO S^{ta} M^{ta} THE
O FIM DE SVA VIDA.
- 7) EM NOME DE IESVS CHRISTO SO
COMA BENÇÃO MATOV S^{ta} MARTHA
HÛ FEROCÍSSIMO DRAGÃO Q TI =
NHA DESTRVIDO M. POVOS
ONDE HABITAVA.
- 8) NÃO MENOS EMPENHADO ESTA
CHRISTO EM CONVERTER AMA =
GDALENA DO Q MARTHA
EM HOSPEDAR O REI
DA TERRA E CEOS.

Os azulejos estão muito bem conservados. São de fabrico de Lisboa (Bartolomeu Antunes?) de cerca de 1745. Trata-se de uma boa série iconográfica.

CONCELHO DE CASCAIS

ALCOITÃO

Casa Patiño

Nesta ficha apenas é mencionada parte dos azulejos que se têm acumulado nesta residência, em cujos jardins o requintado proprietário tem vindo a instalar novas espécies, adquiridas no mercado antiquário. O interior é um verdadeiro «Museu do Azulejo»! Vieram os azulejos de muitos locais, nomeadamente do antigo Palácio da «Flor da Murta», da Rua do Poço dos Negros, esquina com a Rua de São Bento, em Lisboa. São estes os que têm as alegorias às *Artes* e que estão instalados no *átrio de entrada*. Foram pintados sobre gravuras de Louis Simmoneau, feitas por quadros de Jean Jouvenet.⁽⁶⁴⁷⁾ Trata-se de um silhar de 10 azulejos de alto, pintura azul com a figuração de *Música*, *Pintura*, *Teatro*, *Óptica (ou Astronomia)*, *Escultura*, *Comércio (?)* e *Mecânica*.

⁽⁶⁴⁷⁾ A gravura correspondente à «Méchanique» encontra-se na colecção do Museu Nacional de Arte Antiga, com o n.º 5418.

No *corredor* o silhar tem 7 azulejos de alto, e os painéis, de cercadura policroma, têm nos centros azuis, várias cenas da *História de D. Quixote*.

Numa *sala ou antecâmara* o silhar é agora de 10 azulejos em altura, de pintura azul com painéis portuários, típicos da época de 1740-50. Estão bastante restaurados. Noutro *corredor* o silhar tem igualmente 10 azulejos, mas agora trata-se de pinturas dos princípios do século XVIII em painéis com molduras de flores e sereias, tendo nos centros alegorias mitológicas com *Apolo, Júpiter, Mercúrio e Vénus*. No *salão* a azulejaria ocupa um silhar baixo, de 6 azulejos, dos tipos ornamentais esponjados, policromos, de cerca de 1780-90.

A *cozinha* é totalmente forrada com azulejos de padrões pós-pombalinos, vulgares. Na *galeria* os silhares historiados são azuis, de fabricação relativamente recente, o que se reconhece pela qualidade do desenho, demasiadamente erudito.

CARCAVELOS

Nossa Senhora dos Remédios, Igreja de

... «Nos arcos estão vinte painéis mostrando, cada um, passos da Vida de Nossa Senhora e de Cristo, desde a *Anunciação* até ao *Calvário*. Os painéis estão divididos entre si por molduramentos próprios, sendo os que forram os arcos de pintura policroma e os outros de pintura azul. Estes serão possivelmente de Gabriel del Barco, a julgar pelo estilo e coloração. Mostram estes painéis cenas marianas e antonianas».⁽⁶⁴⁸⁾

Quinta do Barão⁽⁶⁴⁹⁾

O palácio, da segunda metade do século XVIII, é conhecido pela Quinta do Barão de Moçâmedes.

A fachada que deita para o jardim tem azulejos nas paredes da escadaria exterior. São dois grandes painéis que acompanham a escadaria, molduras concheadas policromas e centros figurados de pintura azul. Na parte inferior dos emolduramentos têm as legendas:

- 1) DEPART DE CHASSE
Tableau qui est dans la Galerie de S. E. Mgr. de Comte de Bruhl Chevalier de Vordre / de Vaigle Blanc Ministre d'État du Cabinet de Sa Magesté / le Roy de Pologne Electeur de Saxe.
- 2) PRISE DU HERON
Tableau qui est dans la Galerie de S. E. Mgr. le Comte de Bruhi (sic) Chevalier dei Ordre de l'Aigle Blanc Ministre d'État et du Cabinet de Sa Magesté / le Roy de Pologne Electeur de Saxe.

Ambas as legendas têm, ao centro, o brasão do Conde de Brühl e referem-se às cenas de caça, que constituem a figuração central.

À entrada, sob o alpendre do piso térreo, dois painéis com as figuras, em corpo inteiro e tamanho quase natural, identificadas com as legendas:

- 1) *S^{ra} Joaquina
Theodora de
Souza*

⁽⁶⁴⁸⁾ Texto publicado por J. M. dos Santos Simões no volume relativo ao século XVII – SIMÕES, 1971b, t. II, Elenco, p. 87.

⁽⁶⁴⁹⁾ Para uma visão de conjunto sobre a azulejaria deste espaço, *vide* CÂMARA, 2007c, pp. 195-197. (AGC)

- 2) *S. Iasinto Ezidorio de Souza* (seu marido)⁽⁶⁵⁰⁾

No interior há várias salas com silhares baixos, de azulejos de cercaduras policromas e centros azuis e, bem assim, outros azulejos vulgares, recentemente instalados pelo proprietário e adquiridos em vários locais.

CASCAIS

Câmara Municipal, actual edifício da⁽⁶⁵¹⁾

Era o antigo palácio dos Condes da Guarda, no qual se conservam os azulejos na parte superior da fachada, envolvendo as janelas e sacadas.

Tem este paramento 20 azulejos de altura e compõe-se de doze painéis, dos quais dez estão na fachada principal e dois na lateral, no Beco dos Inválidos. A contar da esquerda enumeramos:

- 1) Guarnição com cipreste (5 azulejos de largo)
- 2) Imagem de *São Sebastião* e, no tronco do Martírio, a legenda SEBASTIANVS / CHISTIANVS (sic). (Tem 8 azulejos de largo)
- 3) Guarnições (5 azulejos de largo)
- 4) Guarnições (4 azulejos de largo)
- 5) *Santo António*, com respectiva legenda na parte inferior (9 azulejos de largo)
- 6) Guarnição (4 azulejos de largo)
- 7) *São Marçal* (7 azulejos de largo)
- 8) *São Mateus* (11 azulejos de largo)
- 9) *São Marcos* (11 azulejos de largo)
- 10) *São Jerónimo* (7 azulejos de largo)

Na fachada lateral:

- 11) *São Lucas* (11 azulejos de largo)
- 12) *São João* (11 azulejos de largo)

Os azulejos, do último quartel do século XVIII, têm emolduramento concheado policromo e a figuração central de pintura azul. No interior destaca-se o painel com a figura de um «porteiro» – alabardeiro – da mesma época e tipo dos que vimos na fachada. No resto do edifício foram colocados modernamente azulejos inspirados nos modelos do século XVIII, com figuração relacionada com Cascais e sua história, sem grande mérito artístico.

Casa da Família Avilez

Na sala de jantar desta residência foram instalados os azulejos que formam o silhar em 7 de altura, com painéis de cercadura concheada policroma e centros azuis, onde se representam cenas de caçadas. Provêm de Lisboa, de um prédio na Baixa, ocupado pelo Banco Nacional Ultramarino. Do mesmo local vieram outros azulejos de padrões pós-pombalinos, que guarnecem várias dependências.

⁽⁶⁵⁰⁾ Estes dois retratos, representando os donos da casa, são um exemplo bem sintomático de como a afirmação de uma elite emergente ligada ao poder pombalino consumia os azulejos como valor de nobilitação, fazendo-se representar numa afirmação de um estatuto social recentemente adquirido. *Vide* CÂMARA, 2001, pp. 246-247. (AGC)

⁽⁶⁵¹⁾ No âmbito do lançamento do projecto Portugal Local – Centro de Publicações dos Municípios Portugueses, veja-se a recente publicação *A Casa dos Azulejos de Cascais*, que congrega a história dos diferentes usos do palácio até à actualidade, devidamente contextualizados em cada época. Debruçando-se em pormenor sobre os painéis azulejares que compõem não apenas a fachada, mas também o interior do edifício. (AGC)

Casa de Santa Maria

Foi este núcleo exaustivamente tratado no IV volume do *Corpus da Azulejaria Portuguesa*.⁽⁶⁵²⁾ Assim, evitaremos aqui a repetição dos dados históricos desta Casa e da sua azulejaria, vinda, como se sabe, da extinta Capela de Nossa Senhora do Monte. Na revista *Águia*⁽⁶⁵³⁾ Vergílio Correia começa o seu importante artigo – *A Família Oliveira Bernardes* – com extensa referência à Capela de Nossa Senhora do Monte, transcrevendo passagens do *Santuário Mariano*, onde a mesma é minuciosamente descrita. Não o transcreve no entanto na íntegra, faltando a passagem em que Fr. Agostinho de Santa Maria se refere aos frontais de azulejo. Foi, e repetimo-lo, mais uma vez, obra a todos os títulos meritória, a do Senhor José Lino, ao adquirir a capela, com todos os seus ornatos – incluindo talha e o próprio tecto – e ao preservá-la, sob nova forma, é certo, mas com tanta ou maior dignidade do que a sua primitiva. A importância destes azulejos, principalmente das grandes composições figuradas, advém do facto de estarem autenticadas no *Santuário Mariano* como sendo de António de Oliveira Bernardes, e ainda de conhecermos, com muita aproximação, a época da sua feitura – 1686-99.

São, assim, os mais antigos azulejos atribuídos a António de Oliveira Bernardes e, como que a meta de partida da azulejaria artística portuguesa do século XVIII. Estavam colocados na antiga capela, sob o púlpito, estando agora colocados na parte inferior da escada que do piso térreo conduz ao primeiro andar. No letreiro lê-se:

ESTA IRMIDA SE COMECOV ARE =
DIFICAR POR MIGEL DE SOV =
ZA FER^{ra} NOANNO DE 1686.
E O ACABOV DEFAZER SEV
Fº M^{cl} DESOUZA SOARES NO AN =
NO DE 1699. PEDEM H^ñ.P.N.
E H^ñVA AVE MARIA PELA SV =
AS ALMAS

Estão as letras pintadas a azul, sobre azulejos brancos e irregulares. Um pouco acima deste letreiro, o Senhor José Lino mandou colocar outro, no qual se imitou o mesmo tipo de letra e que reza:

NO ANNO D 1918 E COM APRAZIMENTO DO
DESCENDENTE DOS FUNDADORES DA
ERMIDA D NOSSA SENHORA DO MON =
TE DO LUGAR DE FRIELAS FORAM
ESTES AZULEJOS MUDADOS
PARA ESTA CASA DE ST^a MA =
RIA SALVANDO-SE AS
SIM DOS PERIGOS
QUE OS AME-
AÇAVAM.

Já no pavimento térreo se dispuseram os azulejos que formavam a parte inferior dos revestimentos, os tais de que escreve o *Santuário*:⁽⁶⁵⁴⁾ «Assentão estes quadros sobre humas metas, & figuras mui valentes, & pelos meynos huns rapazes com huns festões de flores

(652) SIMÕES, 1971b, t. II, Elenco, pp. 87-88.

(653) CORREIA, 1917, n.º 71-72, pp. 198-199.

(654) SANTA MARIA, 1707-23, t. I, p. 470.

e frutos, cousa tam agradável, branda & perfeita, que parece não pode passar a arte mais adiante». Era um primeiro alizar de 7 de altura, com figuras de atlantes e anjinhos entre folhagens e flores, sendo notória a influência holandesa neste tipo de composição. Os quadros ou painéis inspiraram a Fr. Agostinho estes sintomáticos dizeres: «A pintura destes quadros é tão valente, & tão devota, que eu me não podia apartar de a ver; & o que he mais de admirar, ser isto em azulejo; todos estes quadros são da vida de Nossa Senhora...». Na verdade, prevalecem com temas marianos sete painéis, de dimensões desiguais, estando seis no compartimento anexo ao oratório – e que fica transformado em capela quando se abrem as portas que normalmente ocultam o altar – e outro disposto nas paredes da escada, para o que houve que mandar fazer algumas peças novas, aliás relativamente fáceis de detectar. Os painéis da sala-capela são:

- 1) Junto ao oratório, painel de $19 \frac{1}{2} \times 23 \frac{1}{2}$, incluindo a barra de 2 azulejos, de folhas retorcidas e anjinhos segurando cartelas, comum a todos os painéis. Nas cartelas o emblema das duas palmas cruzadas no centro de uma coroa de flores. Representa a *Purificação de Nossa Senhora*.
- 2) Debaixo da abertura de uma janela, agenciou-se um painel de $9 \frac{1}{2} \times 12$ e apenas com 1 azulejo a contorná-lo. Representa a *Virgem com o Menino e São João*.
- 3) Painel sensivelmente igual ao primeiro, representando a *Sagrada Família na Fuga para o Egípto*.
- 4) Do lado oposto ao primeiro painel, entre o recesso do oratório e a porta que serve a pequena sacristia, acompanhando a saliência côncava da parede, colocou-se um painel mais estreito, de $19 \frac{1}{2} \times 14$, mostrando apenas a figura de *Nossa Senhora Costurando*, tendo um fundo de arquitectura. Sobre a porta que dá para a sacristia, um pequeno painel com dois anjinhos.
- 5) e 6) Segue-se a parede maior do conjunto, com $19 \frac{1}{2} \times 37$ azulejos, e na qual estão dois quadros separados entre si pela barra de dois azulejos. São, respectivamente, a *Circuncisão* e *São José Colhendo as Tâmaras no Descanso da Fuga*.

Na escada, colocou-se outro painel, agora ajustado ao muro da rampa. Representa *Jesus entre os Doutores*, tendo a particularidade, não muito vulgar, de se ver também Nossa Senhora. Toda esta azulejaria é de um mesmo e grande artista – António de Oliveira Bernardes – e, sem dúvida, o seu melhor trabalho conhecido. A pintura, a azul-claro e transparente, assenta perfeitamente sobre o branco levemente amarelado e irregular do fundo. O azulejo é imperfeito como textura, o que lhe confere uma agradável plasticidade e vibração.

Ainda na escada e noutros locais da «Casa de Santa Maria» foram colocados outros azulejos, que teriam talvez provindo da mesma Capela de Nossa Senhora do Monte. Seriam ainda os azulejos «com hum pastoril tão galante, & perfeito que o julguei pelo melhor que havia vindo de Olanda...»,⁽⁶⁵⁵⁾ pois são certamente do mesmo pintor dos demais vistos até aqui. A presença dos azulejos que vieram de Frielas, nesta moradia, é bastante para que seja considerada... monumento de interesse nacional!

Museu Castro Guimarães e Capela de São Sebastião

A Capela, ricamente revestida de padrões do século XVII, tem ainda nas paredes da capela-mor quatro painéis historiados, azuis, com a hagiologia de *São Sebastião*. Um dos quadros foi reconstituído por Battistini, em 1932. Cercaduras de acantos vulgares e desenho mau. O *Palácio* foi feito de origem pelo Arquitecto Vilaça para Jorge O'Neill, só depois sendo adquirido pelo Conde de Castro Guimarães. A preocupação de decorar o palácio com

(655) SANTA MARIA, 1707-23, t. I, p. 169.

elementos de sabor «antigo» levou o Conde de Castro Guimarães a buscar azulejos que, segundo o seu critério, melhor se enquadrassem no ambiente desejado. Assim, além dos azulejos setecentistas já anteriormente mencionados vemos, do século XVIII, na varanda do poente, painéis de pintura azul, um dos quais nos mostra uma partida de quilhas. No parque do Museu foram colocados dois grandes painéis de grande interesse iconográfico. O maior encontra-se na parte alta do jardim e, para ele, foi construída uma parede que faz de fundo a um pequeno lago. Trata-se de um painel de cabeceira recortada, tendo ao centro 20 azulejos de altura e 53 no comprimento. A pintura é azul e o emolduramento concheado, com anjos. A parte central representa um longo *cortejo triunfal*, identificado na cartela inferior, com a legenda:

INTACTA TRIVMFAT

referente precisamente a *Nossa Senhora da Conceição*, a qual se vê sentada no carro de triunfo. Neste mesmo carro estão mais quatro santos, três dos quais identificados em pequenas filacteras: S. BOAVENTURA, S. IVO e S. ESCOTO.

O carro esmaga sob as rodas as figuras de um dragão e de uma mulher, representando provavelmente o demónio e a heresia, e é tirado por duas parelhas de cavalos, em dois dos quais montam anjos portadores de bandeiras com os emblemas do Sol e da Lua. Precedem o cortejo várias figuras de santos, algumas identificadas com as legendas: ALEXAND. DE ALES; RAYM.LVLLO; FRAN.MAYR; RICARD. DE M^A VIL...; AVREOLO; BORDONO; S.ANTONIO; S.ANGELA DE FVLG; S.LVIS R. DE FRANC; B.BEATRIS; S.ISABEL R. DE PORT; S.ISABEL R.DEVNGRIA.

Junto a *São Luís*, a *Santa Isabel de Portugal* e a *Santa Isabel da Hungria* foram colocados brasões com as armas, respectivamente, das casas de França, de Portugal e da Hungria.

O outro painel, colocado no espaldar do tanque, tem agora 20 × 49 azulejos, conformando-se, na parte ornamental, ao que vimos atrás. A figuração representa um *Sermão*, ao qual assistem numerosos religiosos de várias Ordens. Na cartela inferior vêem-se as palavras:

ET = NON:PRAEVALEBVNT
ADVERSUS:EVM

À esquerda da composição, um franciscano ajoelhado dirige-se em oração à imagem da Virgem, que se encontra sobre a porta de um convento. Da sua boca saem as palavras: *Dignare me laudare te Virgo Incarnata*. Ignoro a procedência destes painéis, provavelmente pertencentes a alguma igreja conventual de teatinos, já que são de este hábito a maioria dos religiosos representados. Em qualquer caso trata-se de trabalho notável do meado do século XVIII – cerca de 1750 – e que se impõe pelo grande tamanho das composições e bom estado de conservação.

Nossa Senhora da Assunção, Igreja de

Na nave dividem-se os azulejos entre o silhar de vasos e anjinhos e painéis figurados que lhe foram sobrepostos. O primeiro painel do lado da epístola é moderno, representando o que julgamos ser uma dança bíblica, e está assinado: *Pereira Cão/1908/F. J. Dias, Lisboa*.

Os outros painéis são antigos e, num deles, se lê a data 1748.⁽⁶⁵⁶⁾ São cenas marianas, de pintura e composições convencionais. O silhar ornamental de vasos e anjinhos tem 12 azulejos de altura e os panos de 6 × 5 são separados por jarras. Os painéis figurados têm 10 azulejos de alto.

(656) Alguns autores apontaram, por lapso, a data de 1745. Vide: BNL, 1924, vol. I, p. 600; CARDOSO, 1936, p. 18. A data de 1748 já aparece em: AZEVEDO *et al.*, 1963, p. 78. FLÁVIO GONÇALVES

É na sacristia que se encontram os mais belos azulejos da igreja, revestindo totalmente a parede em 19 de alto. Sobre a porta que dá acesso ao corredor do trono e à sacristia de serviço lê-se, nos azulejos, a inscrição:

ESTA OBRA MANDARAM
FAZER A SVA CVSTA
OS IRMÃOS PESCADORES
NA ERA DE
1720

Os azulejos, de pintura azul, serão provavelmente do monogramista PMP e o conjunto pode considerar-se de muito notável. A figuração refere-se a passagens do Antigo Testamento tiradas do *Êxodo* (cap. 15.89), do *Livro dos Reis* (cap. 6.67 e 5) e do *Livro de Josué* (cap. III), conforme elucidam as respectivas legendas.

Na parede do lado direito do arcaz, um lindo painel mostra-nos uma nau, em cujo castelo da popa se vê uma enorme Custódia.⁽⁶⁵⁷⁾

LII

Nossa Senhora da Conceição de Porto Seguro, Capela de

A pequena capela, situada no topo da Rua Visconde da Luz, é mais conhecida por Capela do Hospício, pois foi de facto anexa a um hospício mandado fazer por Pascoal Dias e sua mulher Maria da Costa, natural de Oeiras, que o deram de esmola aos religiosos capuchos de Santa Cruz de Sintra.⁽⁶⁵⁸⁾ Foi feita em 1691, como consta da lápide que se encontra sobre a porta que abre para o adro.

José Queiroz visitou esta capela em 1918,⁽⁶⁵⁹⁾ quando pertencia à Família Pancada, e descreve-a com pormenores. *O Santuário Mariano* não a menciona. O interior, de pequenas dimensões, está azulejado nas paredes em toda a altura, desde o sobrado até à cornija, com 15 azulejos. São painéis azuis, de boa pintura e composição, que nascem de um rodapé de 1 azulejo marmoreado roxo. Os painéis têm o seu enquadramento barroco, com figuras de cariátides nos extremos. No conjunto há três painéis, acompanhados cada um com sua inscrição, e que representam:

- 1) *Do lado do evangelho*: A Virgem aparecendo no céu a uma nau tripulada apenas com São Francisco e Santo António, desmesurados para a escala da nau. Não se refere este painel a qualquer milagre ou prodígio, mas simplesmente é uma alegoria à intercessão de Nossa Senhora nos casos de perigo no mar, quando associada aos Santos Franciscanos: Santo António e São Francisco. A inscrição reza: «*Haec est Virga ingra nec modus originalis jnec cortex – atualis culpe fecit*». ⁽⁶⁶⁰⁾ De interesse é a própria nau, embandeirada com a bandeira real.
- 2) *Do lado da epístola, logo a seguir à entrada*: O painel representa o Mistério da Assunção de Nossa Senhora.⁽⁶⁶¹⁾ José Queiroz julgava tratar-se de *Jesus entre os Doutores*, de tal forma a figura da Virgem é pequena e infantil. O letreiro da parte superior reza: «*Suaniām eleuata est gratia apuritas tua instanta primo soelios*».

(657) Sobre os azulejos desta sacristia, e seu provável autor, vide SMITH, 1968f, pp. 3-13.

A data dos azulejos já fora apontada em: AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. II, p. 79; BNL, 1924, p. 601; CARDOSO, 1936, p. 18. FLÁVIO GONÇALVES

(658) O convento a que se faz referência é o vulgarmente chamado «dos Capuchos» da Serra de Sintra, fundado em 1560. No «Claustro franciscano...» Fr. António da Piedade escreve que o hospício «foi fundado em 1695» (p. 116).

(659) Livro de Notas de 1918, VI, p. 76.

(660) As leituras das legendas são de José Queiroz.

(661) A figuração da Assunção é comparável ao painel de assunto idêntico da Capela de Nossa Senhora da Penha, de Grândola, datada de 1721.

A seguir a este painel:

LI

- 3) *Coroação da Virgem*, com a inscrição: «Haec est mulier fo / is a Domio inuenta / a privilegiis singu / laribus sublimata».

Junto ao altar, dois pequenos painéis com ermitões orando e, em cima, o símbolo da Lua, com a legenda PVL CRA VT / LVNA; do lado fronteiro, uma árvore sobre a qual aparece o Sol e a legenda: ELECTA VU / SOL.

José Queiroz julgava serem estes painéis obra de Policarpo de Oliveira Bernardes. Julgo que não serão mas, em todo o caso, devem ser colocados no ciclo oficial dos Bernardes, em época paralela à do labor daquele mestre, ou seja, cerca de 1720-25. O estilo da figuração faz-me lembrar, no entanto, o monogramista PMP.

Nossa Senhora da Guia, Capela de

Na capela-mor, revestimento lateral de azulejo azul, datável de cerca de 1750, com cenas marianas: *Nascimento* e *Ascensão da Virgem*.

Nossa Senhora dos Navegantes, Igreja de

Na capela-mor, de cada lado do altar-mor, um painel de 10 × 20, com bordadura simples de 1 azulejo. No lado do evangelho, vê-se grande nau com bandeira real e personagens a bordo implorando a Nossa Senhora dos Prazeres, que aparece no céu; do lado da epístola, figuração idêntica, agora com a aparição, em vez da Virgem, de São Pedro Gonçalves.

Na sacristia, belo silhar de 12 de alto com figuração da *Virgem*, na parede maior, ladeada de pescadores. No painel, do lado do lavabo, a data de 1729. Outro painel, oculto por um armário, tem um santo.

Pintura azul que, pelo estilo, não parece ser de 1729, mas sim de 1740-50!

Nossa Senhora da Nazaré, Capela de

Capela particular, anexa e fazendo parte do edifício onde estava, em 1960, o «Solar D. Carlos». As casas nobres eram, em 1874, pertença de um Senhor Lima⁽⁶⁶²⁾ e, em 1918, José Queiroz descreve que pertenceu aos Condes de Magalhães.⁽⁶⁶³⁾

A capela é a primitiva do solar e, no seu género, das mais perfeitas que conheço; constituída por nave e presbitério, não lhe falta nem coro nem púlpito.

A arquitectura, acusando a traça mais rica do princípio do século XVIII, está valorizada pela decoração cerâmica, por pinturas e pela talha do altar-mor, o todo constituindo uma unidade que o tempo, felizmente, não alterou.

A azulejaria, aplicada em silhares, encontra-se logo à entrada do pequeno templo, na parte do subcoro, em 14 azulejos de altura. Tem, como figuração, *Quatro Profetas*, cada qual identificado com sua legenda. Do lado da epístola IACOB e IVDAS, do lado fronteiro ABRA / HAM e ISAC (sic). A iconografia é convencional, e foi inspirada em estampas ou gravura muito repetida.

No corpo da capela as paredes têm seu silhar, agora em 13 azulejos de altura, formado por dois painéis rectangulares de cada lado, cada qual figurando um «milagre» de *Nossa Senhora da Nazaré*. Do lado da epístola mostra-se o sucedido a um cavaleiro que é derrubado pelo cavalo, e a um operário pedreiro que cai do andaime. No lado do evan-

(662) LEAL, 1990, vol. II, s. v. Cascais.

In *Costa do Sol, Revista de Divulgação Turística* (Cascais) n.º 3, Maio de 1966, p. 6, num artigo sobre esta capela, reproduzem-se dois painéis de azulejos e faz-se a história breve do solar, o qual pertencia, antes de 1755, à família Falcão. Já havia servido de Hospício dos Reverendos Padres de São Francisco de Paula. Passou depois, por venda, a José Anacleto e depois, em 1864, foi arrematado em praça por Manuel Rodrigues Lima, o qual por sua vez vendeu o prédio no fim do século XIX aos Condes de Magalhães. Foi depois vendido por estes ao professor G. Constanzo. Serviu este solar para abrigar Junot e o General Cotton, que assinaram a Convenção de Sintra.

(167) Livro de Notas n.º 6, p. 78.

gelho os painéis mostram respectivamente o *Milagre da Nazaré*, com D. Fuas Roupinho precipitando-se da falésia e, o outro, um *Homem Perseguido por Um Touro*. Em todos os casos a Virgem é mostrada em aparição celeste, entre nuvens. Outros painéis, agora emblemáticos, estão colocados entre os figurativos e têm letreiros latinos: do lado da epístola, sob o coro, uma rosa e os dizeres: PRAESIDIO ET / DECORI. No lado oposto, uma ostra entreaberta deixa ver uma pérola e a legenda explica: IN VTERO IAM PVRA / FVI (sic).

Todo este grupo de azulejos – os da entrada e os do corpo da capela – são de uma mesma fabricação e tipo: cercaduras compósitas de anjos, cabeças de querubins, folhagens tipicamente barrocas, de bom colorido azul mas de fraco desenho, contrastando com os centros figurados, aliás não todos do mesmo autor e quilate artístico. Os quatro painéis historiando «milagres» e, possivelmente, os quatro profetas, serão da mão de António de Oliveira Bernardes, de tal forma o desenho é característico da sua «maneira».

Na capela-mor há ainda dois painéis emblemáticos, um em cada parede lateral, dos quais apenas o do lado da epístola está íntegro e identificado com o letreiro: VMGRAM NESCIT, mostrando uma alta pirâmide, encimada com um crescente. O painel fronteiro, hoje mutilado, ainda há poucos anos tinha uma legenda: SEMPER CA / LIGNIS.

Se bem que sejam da mesma época e feitura dos painéis emblemáticos vistos no corpo da capela têm menor interesse pelo seu convencionalismo.

Junto do retábulo do altar-mor, de cada lado deste, está uma magnífica guarnição de azulejos, com dois elementos na largura, onde se pintou uma teoria de anjinhos esvoaçando, empunhando, cada um, o seu emblema mariano: Sol, Rosa, Porta, Lua, Lírio, Espelho, etc. Depois dos painéis figurando os «milagres» são estes azulejos os que têm maior interesse azulejístico. A análise estilística e tipológica revela que toda a azulejaria é de uma mesma época e encomenda, a qual o azulejador terá distribuído por mais de uma oficina, o que aliás era bastante comum. Em qualquer caso é obra datável de 1715-18 e, repito, uma das mais saborosas e harmoniosas composições desta época.

Nossa Senhora da Vitória, Ermida de

No interior da «Cidadela» encontra-se, isolada, a Capelinha de Nossa Senhora da Vitória, modesta no seu prospecto exterior, mas digna de atenção pelo seu recheio. As paredes laterais da capela-mor estão forradas até à sanca – em 30 azulejos de altura – com azulejos pintados a azul, formando dois painéis apenas interrompidos pelas aberturas da porta da sacristia e da janela do lado da epístola. São duas grandes composições, historiando passos bélicos do Antigo Testamento, com legendas pintadas nos azulejos. Assim, do lado do evangelho a legenda esclarece: *Sol parado Jusué* e, do lado da epístola, *Morte de Abimelech*. Neste mesmo painel, na parte inferior, está uma cartela com emblemas marianos e com dístico: *Clausa quo que*. A figuração é enquadrada pela ornamentação barroca, já com alguns elementos concheados do rococó. São azulejos da fabricação corrente de Lisboa, de cerca de 1740-50, de boa qualidade.

Santo António, igreja do antigo Convento de

Foram famosos os azulejos desta igreja, os quais desapareceram em grande parte quando do incêndio no princípio deste século, que destruiu a nave e capelas interiores. Ficaram os azulejos da galilé e, bem assim, os que forram o interior do murete do adro e os respectivos poiais.

Na galilé, o silhar das paredes laterais serve de espaldar às bancadas. São do tipo de vasos floridos, ladeados de anjinhos, numa altura de 10 azulejos. Os painéis são separados por pilastras de 4 azulejos de largura, que correspondem aos arcos torais da abóbada.

Na parede onde se abre a porta da igreja e acompanhando a curvatura da abóbada, foi colocado um revestimento azulejar atingindo, na parte mais alta, 25 ½ azulejos. São

grandes composições figuradas, enquadradas por emolduramento barroco muito curioso, por ter que se ajustar à curvatura do tecto. Aparece aqui o tema ornamental da «asa de morcego» como nota de modernismo. Na parte inferior vemos grandes cartelas ladeadas de anjinhos, e nos centros a figuração alusiva a dois passos hagiológicos do orago:

- 1) Do lado esquerdo *Santo António em Glória*, entre anjos, um dos quais segura a filacteria onde se lê: SVQVAERIS / MIRACVLA / ecc.
Na parte inferior deste painel, as palavras TVLV MEN STALIA (*sic*) sobre chamas. Houve aqui um engano ortográfico, porquanto a legenda deveria ser: TVLV MEN ITALIAE.
- 2) Do lado direito mostra-se o interior do convento, onde um fidalgo assiste ao cortar de um peixe. Trata-se do milagre do encontro de um anel que havia sido perdido pelo fidalgo. Este passo é muito curioso, pois que ilustra a crença popular que faz de Santo António advogado dos objectos perdidos. Na cartela inferior a legenda: O SIDVS HISPANIA.

Estes azulejos são característicos da fabricação lisboeta de cerca de 1750.⁽⁶⁶⁴⁾ No muro e poiais do adro encontram-se azulejos de figura avulsa, dos tipos vulgares de estrelinhas. José Queiroz, na *Cerâmica Portuguesa*, e Catarino Cardoso, em *Azulejos de Figura Avulsa*, referem a existência de 1 azulejo datado de 1719 que se via no corredor que do átrio conduzia ao claustro. Deve ter desaparecido, porquanto não o encontrei, nem tive outra notícia. É pena, pois que teria muito interesse identificar o tipo de azulejo de figura avulsa desta época.

MANIQUE

Quinta do Manique

Na fachada foram colocados dois painéis com *Cenas da Paixão*. Colocados entre a janela que ilumina o coro e os nichos laterais, têm 7 × 11 azulejos, de cabeceiras recortadas, cercadura policroma concheada e centros azuis.

Ainda vemos outros com *Nossa Senhora das Dores*, *Santa Ana e São José e Menino Jesus com Cruz*.

MONTE ESTORIL

Casa-Museu Verdades Faria⁽⁶⁶⁵⁾

Construída nos anos de 1919-20 por Raul Lino para Jorge O'Neill, a Casa-Museu Verdades Faria, situada no Monte Estoril, reúne um conjunto relevante de azulejos barrocos.

Chalet das Bolas

Eram estes azulejos do Palácio Almada, ao Conde Barão. Estão actualmente forrando o átrio de entrada e o salão desta residência. Serão azulejos de cerca de 1780-90, com tons avinhados, e representam cenas de pesca e de jardins, com legendas em latim. O rodapé tem 7 azulejos de alto.

No átrio vemos azulejos de padrão, tipo «D. Maria», enquanto que na entrada um registo de 5 × 5 azulejos nos mostra *São Marçal e São Cristóvão*.

⁽⁶⁶⁴⁾ Existe documento no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, corpo «Casa Real», que refere azulejos fornecidos em 1761 pelo mestre-azulejador Joaquim dos Santos a um convento de Santo António de Cascais. Será o mesmo?

José Queiroz alude a azulejos desta igreja com o cronograma de 1751. Vide QUEIROZ, 1907, n.º 594, p. 398 ou 2.ª ed. 1948, vol. II, p. 129, n.º 817.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁶⁶⁵⁾ CORREIA, 2007, pp. 199-221. (AGC)

REBELVA

Fonte de São João

No espaldar da célebre Fonte de São João – célebre pela romaria que ali se realiza no dia do orago – está um pequeno painel de azulejo, de 5 × 4, pintura a azul, tendo na parte central a figura de *São João Baptista em pastor*.

Não está o painel datado, mas pode-se-lhe aplicar a data de 1725 que está a assinalar o nicho próximo.

CONCELHO DE LISBOA

AMEIXOEIRA

Igreja Matriz

No corpo da igreja, silhar com quatro painéis, do tipo cabeceiras recortadas, figurando passos marianos. Deste mesmo tipo ainda se vêem mais outros espalhados pela igreja.

Quinta de Sant'Ana

A história da quinta é dada por Júlio de Castilho no folheto *A Quinta de Sant'Ana*, publicado por Miguel Trancoso em 1936. Nesse folheto se incluem as fotografuras dos azulejos da capela, da sala de jantar e de uma sala.

Os azulejos da ermida estão em silhares de 8 de alto, pintura azul, com figuração de passos da Vida de Santo André Apóstolo. Enquadramento de cercadura concheada simples. A sala de jantar tem um silhar de 7 de alto, em painéis de cercadura concheada, policroma, e centros azuis com cenas pastoris e de caçadas. Nestes painéis aparecem letras como que em inscrições lapidares, sem nexos...

A sala grande tem silhar semelhante, em painéis de 7 de alto, cercadura concheada, policroma, e figuração de cenas de jardim, concertos, merendas, etc. Toda a azulejaria será de cerca de 1750.

No pátio da quinta mandaram os seus proprietários colocar um registo com *Nossa Senhora da Conceição, Santo António e São Marçal*, o qual veio de um prédio de Lisboa. Estava muito danificado, pelo que foi restaurado por Pereira Cão. Sobre o portal ainda se conserva um painel-registo com *Santa Ana*, titular da quinta.

CASELAS

Quinta de Santo António

A antiga residência de recreio que encabeça, com a sua capela, a Quinta de Santo António, está transformada em «casa de malta» dos trabalhadores rurais, que exploram as hortas da outrora opulenta propriedade. Condenada pelo crescimento urbano e aproveitamento florestal da serra de Monsanto, a quinta aguarda melancolicamente a chegada dos demolidores e das máquinas que hão-de nivelar os terrenos. Dos mimos artísticos da quinta destacavam-se dois tanques com jogos de água e que serviam simultaneamente para frescos e para depósito de regas. Nos espaldares destes tanques, com profusão de nichos, peanhas, cornijas, etc., foram instalados azulejos que muito ajudavam à beleza do local. Sobre fundos brancos destacavam-se figuras alegóricas, algumas identificadas por legendas, como as *Quatro Estações do Ano*, as *Quatro Partes do Mundo*, *Deuses Olímpicos*, etc., de pintura azul, acusando o gosto de 1750, entremeadas com anjinhos, painéis repetidos do tipo de sereias e grande quantidade de azulejaria avulsa.

Nalguns compartimentos da casa nobre podem ver-se ainda azulejos, principalmente dos tipos de figura avulsa, aqui e ali misturados com elementos de painéis figurados que foram desfeitos. É um conjunto gracioso e que faz pena ver desaparecer...

CHARNECA

São Bartolomeu, Igreja Matriz de

Na Capela do Santíssimo, silhar historiado de cercadura lisa, provavelmente da oficina dos Bernardes, com dois painéis: *Jesus no Horto* e *Jesus perante Pilatos*. Na capela-mor dois painéis laterais, sendo o do lado do evangelho assinado:

G^{el} B.^{co} F
1699⁽⁶⁶⁶⁾

Coloração azul-clara, fundos montanhosos e cercaduras de anjos e flores. No rodapé, pequeno silhar de 4 azulejos com anjinhos.

CHELAS

Quinta de São Pedro dos Peixes

No frontão do portão, painel de azulejo acompanhando o ornato de cantaria, e enchendo o espaço do tímpano. Altura de 9 azulejos e, ao centro, a figura de *São Pedro com as Chaves*. À direita, medalhão com *Santo António* e a legenda: SANTO / ANT.^o Na parte inferior alminhas com PN. AVE / MARIA. Será de cerca de 1730-40.

LISBOA

Academia das Ciências

O antigo Convento de Jesus tem a sua escadaria nobre com acesso pelo Largo de Jesus. Aqui se conservam azulejos do meado do século XVIII em painéis de pintura azul, que revestem as paredes das rampas e dos patamares. Os panos são recortados e têm, ao centro, 12 azulejos na altura. Os emolduramentos concheados e o rodapé marmoreado manganês (com azulejos cortados para se aperfeiçoarem os degraus) mostram trabalho de cerca de 1750.

1.^a Rampa:

Cenas de assédio a fortalezas. À direita (de quem sobe) vêm-se oficiais a cavalo e tropa de infantaria; do outro lado, artilharia e bivaque.

1.^o Patamar:

Cenas de comédia italiana; caçador desmaiado, enquanto a mulher mata uma aranha; enforcamento de um cão e discussão entre mulheres. No vão da janela: tourada de crianças, dança de velha e polichinelo.

2.^a Rampa:

Cenas militares, com batalhas e acampamentos.

2.^o Patamar:

Painéis notáveis representando as *Artes*, com as legendas: *La Danse*, *Les Mathematiques* e *La Musique*.

3.^a Rampa:

Cenas de caçadas, vulgares.

3.^o Patamar:

Paisagem portuária num grande e imponente painel (notam-se alguns restauros).

Avenida D. Carlos (Asilo de Nossa Senhora do Carmo da Lapa)

ÉPOCA: Fins do terceiro; quartel do século XVIII

TIPOS: policromos ornamentais e azuis figurados

APLICAÇÃO: corredores, entrada, claustro

ASSUNTOS: No claustro Vida de Santa Rita (?); nos corredores paisagens e ermitões

NOTAS:

(666) Vide VITERBO, 1903, p. 36.

Avenida D. Carlos, n.º 59 r/c

O prédio, que faz esquina com a Rua da Esperança, foi construído em época próxima de 1770, no local de uns pardieiros que ficaram arruinados com o Terramoto. Quando da construção, guarneceram-se algumas paredes dos compartimentos interiores com azulejos de padrão policromo, típicos desse período e, talvez mais tarde, foram colocados ao longo do corredor e numa saleta interior, azulejos provenientes de edifícios mais antigos.

Assim, no corredor, há dois tipos de painéis historiados, que acusam nitidamente uma transplantação. Têm, uniformemente, 10 azulejos de altura, pintura azul e, tanto quanto é possível deduzir do actual arranjo, pertenciam a duas ou três séries temáticas. Os mais antigos serão os que se encontram mais próximos da entrada, e num dos quais se continha uma parte da *História de Tobias*. São do primeiro quartel do século XVIII, do pintor ingénuo da fonte da Quinta do General, em Borba. A outra série seria constituída por figuração mitológica, referente às *Metamorfoses* de Ovídio, nomeadamente a de «Actéon». Estão estes painéis bastante mutilados, com falta de azulejos e outros sinais de usura, mas, cuidadosamente arrancados e reagrupados, será possível ainda aproveitarem-se alguns quadros, sempre agradáveis. Os painéis mitológicos são, sem dúvida, do pintor PMP, que aqui nos aparece muito próximo da «maneira de António de Oliveira Bernardes». Serão azulejos de cerca de 1720.

Avenida Marechal Gomes da Costa, n.º 2

A fábrica de Estamparia da firma Guilherme Graham Jun. foi estabelecida em terrenos de uma quinta senhorial, que se estendia até ao Tejo.

Aqui se encontravam as decorações de azulejos, das quais se mantiveram três nas salas do andar nobre.

Na sala do lado nordeste, o silhar era de 9 de altura, faltando a fiada inferior, que foi substituída por rodapé de madeira. São painéis azuis, de tipo comum, representando cenas cortesãs em jardins, convencionais, com concertos e danças. Na sala de sudeste, o silhar era da mesma altura, agora com várias cenas mitológicas, tiradas das *Metamorfoses* de Ovídio. É interessante notar que a figuração está misturada em várias cenas de cada painel, reconhecendo-se os *Mitos de Actéon*, de *Eco* e de *Narciso*.

Na sala de sudoeste, o mesmo tipo de azulejos, agora com cenas campestres convencionais. Todos os azulejos são de uma mesma época conformando-se com os modelos mais comuns de cerca de 1750.⁽⁶⁶⁷⁾

Basilica da Estrela (ou do Sagrado Coração de Jesus)

Segundo José Queiroz⁽⁶⁶⁸⁾ todos estes azulejos foram fornecidos pela Fábrica Real do Rato. São silhares revestindo respectivamente o coro, sala que antecede o coro, Capela de Nossa Senhora do Carmo, sala que vai da sacristia para o jardim e sala do 1.º andar. Nestas salas, e ainda na escada da residência do pároco, os azulejos são do tipo de «grinaldas», ou simplesmente figuras geométricas, em tons de azul, amarelo e roxo. Na sala de entrada, que segue para a residência paroquial, o silhar é de 7 de alto mas aqui com figuração de duas carmelitas, em moldura *rocaill*e policroma e centro azul. Ao lado, numa sala de reuniões, encontram-se os melhores azulejos; do mesmo tipo dos anteriores, mas com cenas da Vida de Nossa Senhora, contidas em painéis de 11 de alto e rodapé esponjado amarelo.

(667) Os azulejos foram vendidos ao Eng.º José Manuel Leitão, e estavam para ser arrancados em Dezembro de 1968.

Segundo notícia facultada posteriormente (1975) por este mesmo Senhor, o revestimento azulejar da sala do «nordeste» foi para o Victoria & Albert Museum, de Londres, mantendo-se em seu poder os restantes painéis. Mais informou que, para suprir a fiada inferior dos silhares – substituída por rodapé de madeira, como o Eng.º Santos Simões refere – conseguiram reunir uns 30 azulejos, que ajustara.

(668) In *Cerâmica Portuguesa*, 1.ª ed., 1907, p. 79.

Todo este conjunto deve ser colocado entre 1780 (para os painéis de moldura policroma e centro azul) e 1800 para o resto da azulejaria.⁽⁶⁶⁹⁾

Beco do Belo, n.º 12

Prédio com jardim, no qual se vêem balaustradas fingidas, em azulejo. Na parte cimeira do prédio vêem-se azulejos ornamentais, de vasos floridos.

Calçada da Boa Hora, n.º 29

Das antigas «Quintas das Águias» e da «Rosa», reunidas em uma única propriedade por Diogo de Mendonça Corte-Real, desmembrou-se ultimamente a «horta». No topo da «horta» mantém-se a enorme obra hidráulica, com poço, mãe-d'água e uma cascata de enroscamentos sobre um tanque.

Para guarnecer as paredes e a abóbada deste recinto, encomendaram-se azulejos apropriados e, com eles, se logrou uma das mais belas composições no género. Tipologicamente e estilisticamente são estes azulejos de colocar em cerca de 1770-75 e não é temerário atribuí-los à Fábrica da Louça – vulgo do Rato – durante o período em que foi administrada por Sebastião Inácio de Almeida.

Do mais puro rococó, as composições são extraordinariamente movimentadas, centrando medalhões com figuração mitológica, pintadas a manganês. O restante é de policromia variada. Na abóbada há pássaros voando e, no topo, circundando a cascata, há canaviais. Em cima, uma balaustrada fingida nos azulejos. São azulejos a aproximar, por exemplo, de alguns dos da Quinta dos Azulejos, do Paço do Lumiar, ou do Lago de Queluz.

Calçada Salvador Correia de Sá, n.º 4

No quarto de cama, silhar de 11 azulejos de alto, em painéis azuis de cerca de 1740 (?), com reprodução de fachadas de conventos (ao todo quatro conventos), e mais dois painéis com figuras de indígenas com pena na cabeça, enquadrando a figuração. Estes dois painéis parecem-se com os anteriores, mas estão mais próximos do princípio do século XVIII. As figuras do centro são muito curiosas pela indumentária: damas e fidalgos.⁽⁶⁷⁰⁾

Campo de Santa Clara, n.º 125

A casa que foi dos Pimenta e Castro teve grandes obras em 1863, data que deve corresponder à fachada.

No átrio, o silhar é de cestos floridos e anjinhos. Nas escadas e corredores são do tipo ornamental azul, com cercadura de acantos, também azuis, em 2 × 2. Nas salas do 1.º piso há azulejos em duas delas. São silhares de 8 de alto, com barras de 2 azulejos de acantos e centros de cestos floridos de 4 × 3, separados por 4 × 1 de vaso florido. Na sala central, com três janelas, o silhar tem igualmente 8 de alto, agora em seis painéis e janelas igualmente azulejadas. São painéis de pilastras com anjinhos, enquadramento barroco com almofadas, centros figurados com cenas frívolas. Pintura medíocre de cerca de 1740-45.

Na cozinha do andar nobre foram colocados azulejos no rodapé. Há os que são apenas de barras de acantos e outros, de figura avulsa. Destes vemos alguns com cantos de estrelas, vulgares, de flores. Outra série pretende imitar azulejo holandês, de canto ossekop!! São bastante notáveis, de 147 mm de lado.

⁽⁶⁶⁹⁾ Este edifício foi na sua globalidade tratado na revista *Monumentos*, n.º 16, Março de 2002. Veja-se ainda Sandra Costa Saldanha – «Fontes para a iconografia teresiana no Convento do Santíssimo Coração à Estrela», in *Revista de História das Ideias e Teoria das Ideias*, Lisboa, Universidade Nova, Centro de História da Cultura, 2005, vol. XXI, 2.ª série, 2005, pp. 101-126. (AGC)

⁽⁶⁷⁰⁾ Na sobreloja, rodapé formado por azulejos de padrão de pintura azul com enrolamentos de acanto e flor. (AGC/MTV)

Campo de Santa Clara, n.º 133 (Messe dos Oficiais)

Num quarto, silhar de 11 de alto, tipo «vasos e golfinhos», cercadura de 2 azulejos de acantos; na parte inferior uma fiada de rodapé.

Na capela, dois painéis laterais, com passos da Paixão: *Via Crucis* e *Prisão de Cristo*. Assente sobre silhar com emblemas da Paixão. Os painéis têm 14 de alto e são do tipo «Bartolomeu Antunes» de cerca de 1740.

Campo dos Mártires da Pátria, n.º 2

No edifício que foi do Dr. Amado, adaptado a instalações do Ministério da Educação, encontram-se azulejos vários, para aqui trazidos ou encomendados pelo seu antigo proprietário. Do século XVIII vemos, na escadaria e em algumas salas, silhares de azulejos só azuis ou ainda policromos, para cujo complemento e adaptação o Dr. Amado mandou fazer azulejos a condizer.

Campo Grande (Casa de Lucas Castelo (?))

ÉPOCA: Último terço do século XVIII (segundo J. Queiroz)

TIPOS: Silhar de 7 de alto, azuis a dois tons. Outros policromos de albarradas azuis, etc.

APLICAÇÃO: Sala grande, sala, escadas e capela

ASSUNTOS:

NOTAS: Apontamento avulso de José Queiroz sem outra indicação «Campo Grande – Lucas Castelo». No livro n.º 5 (1917-1918)

J. Queiroz faz a descrição da visita que fez em 21-3-1918.

Capela de Nossa Senhora da Ascensão

No corpo da pequena ermida está o silhar de 22 azulejos de alto, sendo os 2 inferiores de rodapé marmoreado roxo. O silhar é historiado azul, emolduramento acusando o *rocaille*, sendo o desenho firme e desenvolto. São interessantes os medalhões inferiores, no centro dos painéis, com anjinhos brincando.

A figuração mostra a cena da *Natividade* e a de *São Tomé Tocando as Chagas*. Em painéis mais pequenos a *Ressurreição* e a *Anunciação* de muito bom desenho. Serão de época próxima de 1750.

Capela de Nossa Senhora da Glória à Graça

A capelinha, de grande devoção nesta zona do bairro da Graça, foi construída após o Terramoto de 1755 e contém, na capela-mor, dois primorosos testemunhos do megasismo que destruiu parte de Lisboa. Na capela-mor, de cada lado, encontram-se painéis de azulejos, de cabeceiras recortadas, com 25 de altura na parte central. Os enquadramentos, de pintura policroma, acusam já a gramática neoclássica dos últimos anos do século XVIII. A parte central, de pintura azul, figura sucessos ligados à história do local e explicados por longos letreiros contidos em cartelas. Assim, no lado da epístola:

NA TARDE DO DIA DO
TERRAMOTO DO 1 DE NOVBRº DE 1755
NESTE LUGAR DESCANSOU O SACERDOTE
QUE CONDUZIA O SS. SACRAM^{to} E A INS =
TANCIAS DO IMMENSO POVO QUE SE A =
CHAVA

AQUI MOVIDO DE TÃO PIOS DEZEIOS OE =
XPOS À ADORAÇÃO DE TODOS QUE COM =
LAGRIMAS E SVSPIROS, PROSTRADOS POR
TERRA, PERIRÃO, PERDÃO, E MIZERI =
CÓRDIA.

Do lado do evangelho:

NO DIA 1 DE NOV^{to} DE 1757 ESTANDO
NESTE LUGAR APAROCHIAL DA BAZILICA
DE S^{ta} MARIA PARA HVMA CAPELLA
PREPARADA À CVSTA DOS IRMAONS
DA CONFRARIA DE N. SNR^a DA GLORIA,
SE TRASLADOV
A IMAGEM DA MESMA SNR^a EM
PROCISSÃO SOLEMNE, COM LICEN
SA DO ORDINÁRIO E AQVI FICOV
COLLOCADA.

Capela de Nossa Senhora da Oliveira

Em plena «baixa» de Lisboa ⁽⁶⁷¹⁾ – Rua de São Julião, 140 –, entre Bancos e escritórios comerciais, colocou-se a Capelinha de Nossa Senhora da Oliveira, das mais venerandas devoções lisboetas. Apenas uma porta mais alta e adornada do que as restantes denuncia a presença da ermida, loja, como qualquer outra, de um dos prédios da reconstrução pombalina.

Esquecida durante largos anos é hoje, de novo, centro de devoção popular, já não à antiga padroeira, mas a Santa Rita de Cássia, cuja imagem, trazida da antiga paroquial de São Nicolau, foi aqui entronizada. Assim é que, pouco a pouco, se vai obliterando o título original, passando a capela a ser conhecida por «Capela de Santa Rita». O interior surpreende pela harmonia do conjunto e o bem proporcionado dos espaços compartimentados em nave e presbitério. Não lhe faltam nem o coro, nem o púlpito, nem o belo retábulo, nem ainda a sacristia e os acessos ao piso alto. As paredes da nave e da capela-mor estão revestidas de grandes painéis azulejados, de cabeceiras recortadas, atingindo 23 azulejos na altura maior. Na nave propriamente dita são seis quadros, figurando no centro as cenas marianas da *Apresentação no Templo*, *Casamento*, *Anunciação*, *Adoração dos Pastores*, *Fuga para o Egipto* e ainda outro, totalmente oculto por um guarda-vento.

Na capela-mor, são dois grandes painéis representando respectivamente a *Morte* e a *Assunção de Nossa Senhora*, estes de delicada composição. Todos os painéis obedecem ao mesmo esquema ornamental com emolduramento concheado, animado por querubins tendo, na parte inferior de cada painel, uma cartela com emblema da ladainha. A pintura é toda a azul, com excepção das duas fiadas inferiores, onde o rodapé apresenta marmoreados amarelos.

Foi este revestimento mandado fazer e instalar logo quando da reconstrução desta zona, das primeiras a ficarem completas, ou seja, cerca de 1760. No seu género são estes azulejos dos mais perfeitos e mais representativos dessa fase da azulejaria lisboeta que marca a transição para o regresso às ornamentações policromadas. Na sacristia há um silhar de 8 azulejos de alto, composto com padrões de «almofada», apenas de pintura azul. Estes mesmos azulejos se empregaram no revestimento das paredes do corredor lateral e da escada de acesso ao coro.

Capela de Nossa Senhora da Saúde

No interior, silhar de 16 de alto, interrompido por dois altares laterais. Serão dos princípios do século XVIII, em painéis azuis figurando vários Profetas em fundos de

⁽⁶⁷¹⁾ Veja-se sobre as igrejas pombalinas da Baixa o estudo de Raquel Henriques da Silva, revista *Monumentos*, n.º 21, Lisboa, Setembro de 2004, pp. 108-116. (AGC)

paisagens. As legendas elucidam-nos sobre: NAAZ....., ARAM, AMINA, SALMÃO, FARES e ISAAC.⁽⁶⁷²⁾

Capela de Nossa Senhora da Vitória⁽⁶⁷³⁾

A ermida actual, construída após o terramoto – as obras começaram em 1765 tendo-se arrastado até 1824 – tem revestimento de azulejo na parte do corpo, colocado sobre o silhar de cantaria e numa altura de 9 azulejos. Formam painéis ornamentais, de fundo amarelo e desenho sépia, de belo efeito decorativo e raros no seu género (grifos). No coro, cujo acesso se faz pela Rua do Crucifixo n.º 100, as paredes são cobertas com um alizar de 17 de alto, dividido em panos de pintura policroma e desenho correcto, no estilo das «grinaldas», tendo, ao centro, medalhões azuis com emblemas marianos.

Os azulejos mais curiosos e raros são os que foram as paredes da sacristia, para onde se acede por um pequeno corredor, também ornado de azulejos – pequenos painéis com vasos floridos, policromos. Na sacristia as paredes estão forradas acima do rodapé de mármore, começando por um silhar de 6 de alto, em painéis com medalhões policromos, esponjados, azuis e tonalidades de manganês. O desenho é excepcionalmente correcto. Acima do silhar o revestimento vai até ao tecto, em 15 de altura. O azulejo pretende imitar tecido lavrado, em dois tons de amarelo. Sobre o fundo amarelo-claro e liso foi dada em segunda cozedura à pintura dos labores que, desta feita, são em amarelo mais escuro e ficaram ligeiramente em relevo.

Trata-se de trabalho idêntico ao da sacristia da Igreja de Santo António da Sé, e da mesma época, cerca de 1790.⁽⁶⁷⁴⁾⁽¹⁷¹⁾

Ainda na sacristia há um nicho para o lavabo de mármore, com uma deliciosa guarnição de azulejos de grinaldas. A decoração desta ermida é das mais características da boa época dos finais do século XVIII ou até princípios do século XIX.⁽⁶⁷⁵⁾ Na parte ocupada pelo Hospício (entrada pela Rua do Crucifixo, n.º 100) os corredores e algumas salas têm silhares de azulejo vulgar, de padrões pombalinos, ou mesmo mais tardios.

LIII

Capela de Nossa Senhora de Monserrate⁽⁶⁷⁶⁾

Situada no Jardim das Amoreiras, tem esta capela, na parede exterior, uma cruz policroma, de 14 × 7, na base da qual está o cronograma 1787.⁽⁶⁷⁷⁾⁽⁶⁷⁸⁾

Capela de Nossa Senhora do Amparo

Na escadaria profusão de azulejos em painéis com a *História Sagrada*, do século XVIII. Assim vemos:

(672) Sobre o interesse iconográfico dos painéis de azulejos dos Profetas, *vide*: Robert C. Smith – Congonhas do Campo (*Rio de Janeiro*, 1973), p. 24; Nancy Davenport – European Sources for the Prophets at Congonhas do Campo, in revista «Barroco», n.º 7 (Belo Horizonte, 1975), p. 15.

FLÁVIO GONÇALVES

(673) Destaca-se neste espaço um importante programa iconográfico mariano. A igreja foi objecto de uma dissertação no âmbito do Mestrado de Estudos do Património na Universidade Aberta: Arminda Mendes Rodrigues, *A Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Irmandade e Hospício (1530-1862)*, texto policopiado, 2 vols, Lisboa, 2008. (AGC)

(674) José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa*, I.a ed. p. 242, n.º 2, diz que devem ser de 1810-15.

(675) Sobre os azulejos desta capela e a sua cronologia, *vide*: QUEIROZ, 1907), pp. 242-243 (nota) [ou 2.ª edição, vol. I (Lisboa, 1948), p. 265 (nota 2); GUIMARÃES, 1934, p. 167; CARDOSO, 1936, p. 15; Norberto de Araújo e Durval Pires de Lima – *Inventário de Lisboa*, fase. XII (Lisboa, 1956), p. 30.

FLÁVIO GONÇALVES

(676) É interessante observar como no interior deste espaço se regista um programa iconográfico integrado, combinando a azulejaria, a talha e a pintura de tecto. Sobre o assentamento e fornecimento dos azulejos para este espaço, *vide* CÂMARA, 2001, p. 335. Na documentação consultada, especificamente recibos, deduzimos que persiste a nítida separação entre o trabalho de pintura, mais bem pago, do trabalho de assentamento e colocação, exigindo muitas vezes contabilidades separadas. (AGC)

(677) No Arquivo da Igreja das Amoreiras existe um documento que reza: «Recebi do Snr. José Gl's, como Procurador da Irmandade de Nossa Senhora de Monserrate a quantia de noventa e cinco mil quinhentos e quarenta e quatro réis importância do Azulejo que se fez nesta Real Fábrica de Louça para a dita Irmda e por estar pago e satisfeito da dita quantia lhe passei o presente recibo. Lisboa 9 de Set.º de 1783. João Anast.º Bou de Alm.º»

(678) *Vide* QUEIROZ, 1907, pp. 262-263 e 265 [ou 2.ª edição, vol. I (Lisboa, 1948), pp. 287-288 e 290].

FLÁVIO GONÇALVES

- 1) *Jesus entre os Doutores*
- 2) *Purificação*
- 3) *Degolação dos Inocentes* (muito curioso)
- 4) *Circuncisão*
- 5) *Adoração dos Reis*
- 6) *Nascimento de Cristo*
- 7) *Anunciação* (mutilado)
- 8) *Visitação*
- 9) *Desposórios da Virgem com São José*
- 10) *Nascimento de Nossa Senhora*
- 11) *Presentes da Rainha do Sabá para Salomão*
- 12) *Morte de Absalan*
- 13) *David Elege antes o Castigo da Peste do Que o da Fome e da Guerra*
- 14) *Vitória que David Alcançou dos Amonitas e dos Sírios*
- 15) *David Chora a Morte de Saul* (mutilado)
- 16) *Os Filisteus Perderam a Cabeça e Armas de Saul no Templo do seu Deus*
- 17) *Morte de Saul às Mãos dos Filisteus*
- 18) *David Desbarata os Amalecitas*
- 19) *Crueldade de Saul Matando os Sacerdotes Que Deram Refúgio a David*
- 20) *Triunfo de David*
- 21) *Com o Som da sua Harpa Lança David o Demónio para Fora do Corpo de Saul*
- 22) *David se oferece para pelear com o Gigante Goliath*
- 23) *Samuel faz oração com o povo antes de cometer aos philisteus*
- 24) *Abimelech morto com hua pedra por hua mulher da Torre*
- 25) *Gedeão só trezentos homens do seu exercito escolheu p^a si*
- 26) *Cruel Castigo de Adonibezeq*
- 27) *Frueto da Terra da Promissão*
- 28) *Orando Moises no monte vence Josué aos amelecitas*
- 29) *Por intervenção de Moyses converte Deos a agoa salgada em agoa doce*
- 30) *Naufrágio de Pharaó e de todo o seu exercito proseguindo o pouo de Israel*
- 31) *Figura do sacrificio verdadeiro q no cordeiro paschal Mandou Deus por Mouses insimar ao pouo de Israel*
- 32) *Castigo de Deos a Pharaó*
- 33) *Fidelidade de Ioseph do egipto*
- 34) *Ioseph vendido no Egipto*
- 35) *Odio dos irmãos de Ioseph*
- 36) *Nascimento de Ioseph do Egipto*
- 37) *Sonho de Jacob*
- 38) *Victoria de Abraão em Hoba*
- 39) *Benção de Isaac a seu filho Jacob*
- 40) *Sacrificio de Isaac*

Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo

A capela, de uma nave, tem o corpo com revestimento parietal de azulejos, que se elevam de um socalco de pedra em 21 azulejos de altura. São de pintura azul e representam, do lado da epístola, *Nascimento de Nossa Senhora* e, do lado do evangelho, *Apresentação da Virgem no Templo*, *Visitação* e *Conceição*. A figuração está enquadrada por anjos portadores de emblemas da Virgem e emolduramento muito rico com anjos. É particularmente notável a forma como está composto o remate do púlpito.

A porta da escada que dá acesso ao coro é emoldurada por azulejos, tendo na parte superior o emblema carmelita. Os azulejos são de cerca de 1740, muito provavelmente de Bartolomeu Antunes.

Bem dentro do século XIX houve obras e retirou-se parte do revestimento que se colocou numa tribuna baixa, lateral, do lado da epístola, e onde ficou um painel com o *Casamento da Virgem*. Nessa altura foram os azulejos restaurados e feito um painel completo com *Nossa Senhora do Carmo*.

No corpo há dois painéis do século XVIII, do mesmo tipo dos da capela: *Dama Tocando Lira com Dois Anjos* e *Dama Colbendo Frutos*. Na tribuna alta, painel com a *Anunciação* e que, como o de baixo, fazia parte da decoração primitiva da capela.

Capela de Nossa Senhora do Resgate (Rua dos Anjos)

ÉPOCA: 1762, data sobre a porta

TIPOS: Azuis ornamentais

APLICAÇÃO:

ASSUNTOS:

NOTAS:

Capela de Nossa Senhora dos Navegantes

A capela é forrada de silhar de azulejos azuis historiados, em 16 de alto, com rodapé, marmoreado a manganês. Emolduramento *rocaille*.

À entrada vê-se dois letreiros de azulejo, sobre as janelas. Do lado da epístola lemos:

*Em o anno de 1757 governando a Igreja
de Ds. o S.^{mo} P^e Benedicto XIV, e reinando Por =
tugal o S. D. José 1.^o deu licença o Emminentissimo
Sr. D. Joze Cardeal, e seg.^o Patriarcha de Lx^a p^a que se
erigisse esta Ermida do Sr. Jezus dos Navegantes e Sr^a
da Caridade p^a aqual depois debenta por ordem do mesmo
Prelado, trasladarão no sobre d^o anno com gr^{de} procissão
e solennidade estas imagens os seus zelosos Irmãos.*

Do lado do evangelho:

*Por Cauza do gr^{de} Terremoto q̃ houve
no pr^o de Novembro de 1755 tirarão da Igreja do Convto
da Esperança dous Irs da Congregação do Sr. Jezus
dos Navegantes e da S^{ra} da Carid^e as suas soberanas Imagens
e as colocarão em hũa barraca de pano q̃ se achou feita no cam-
po das Trinas e ao terceiro dia as tresladarão em procissão
p^a hũa de mad^{ra} q̃ a sua congregação fes por mais decencia
no campo fronteiro a esta Ermida.*

No corpo da ermida, do lado do evangelho, representa-se a *Saída das Imagens*, vendo-se o Convento da Esperança, a barra de pano e o início da procissão. Este silhar foi amputado ao fazer-se um altar lateral. A cena continua-se, vendo-se ainda os restos de uma cena do terramoto.

Do lado da epístola uma *Vista de Lisboa*, com o Castelo e a Graça. A cena representa a procissão, vendo-se a ermida em construção. Sob os painéis, do lado do evangelho e da epístola, há dísticos latinos.

Na capela-mor dois silhares de emolduramento *rocaille* representando *Jesus na Barca Assolada pela Tempestade* e a *Ceia de Emaús*. Na sacristia, silhar incompleto de azulejos de cercadura policroma e centros figurados azuis, desenho mau. As cenas representavam as *Obras de Caridade*.

No corredor, azulejos em silhar ornamental *rocaille*, só em azul, com rodapé manganês, tipo de meia-tinta. Também se vê silhar policromo marmoreado.

Capela de Nossa Senhora dos Remédios

Nesta histórica capelinha, de tão fundas tradições na velha Alfama, abundam os motivos de arte. Não são os menos valiosos os azulejos que revestem parte da igreja, sacristia e, sobretudo, a Sala do Despacho da Irmandade do Espírito Santo. Assim:

Igreja: No corpo, silhar de 11 de altura, em painéis com 33 de longo, limitados por barra de 2 azulejos, de anjos e ornatos entremeados. O painel do lado do evangelho tem pintada uma bela cena de jardim, com fonte monumental e um par de personagens, dos quais uma dama, que está tocando harpa. É muito curiosa a forma como foram pintadas as cordas, riscando o esmalte. Do lado da epístola o silhar deve ter sido encurtado e tem hoje o mesmo comprimento do fronteiro. Os assuntos pintados são cenas marianas – *Visitação* e *Anunciação*. A pintura é magnífica e não tenho dúvida em a atribuir, senão ao próprio António de Oliveira Bernardes, pelo menos a um dos seus bons discípulos e, em todo o caso, com sua interferência directa. Serão muito próximos de 1715.

Sacristia: Deve ter tido uma opulenta decoração azulejar, da qual apenas ficaram os azulejos que ladeiam a porta de entrada. Eram magníficos azulejos, um pouco mais recentes que os da capela, mas da mesma oficina, desta vez mais perto da maneira de Policarpo de Oliveira Bernardes. O silhar deveria ter sido de grande beleza e ainda seria de tentar uma recomposição com os que foram colocados a granel. Numa das paredes ainda se tentou recompor um pequeno painel azul, de 7 × 2, tendo pintada a imagem que uma legenda diz ser de: S. P^o GONÇAL / VES.

Numa *arrecadação* antiga, ao nível do pavimento da sacristia, as paredes são totalmente forradas com azulejos ainda de caixilho, azul e branco.

Na *escada* que do Beco do Espírito Santo dá acesso ao piso superior, há azulejos de pintura azul, desenho ingénuo, figurando caçadas, colocados sobre rodapé de 4 azulejos com anjinhos. Aqueles azulejos teriam vindo de outro local e foram aqui colocados posteriormente à sua época de fabricação, esta talvez dos princípios do século XVIII.

A *Sala do Despacho da Irmandade do Espírito Santo e de Nossa Senhora dos Remédios dos Pescadores do Alto e do Baixo* tem um silhar com 8 azulejos e barra de 2, esta de folhas encurvadas com cantos de conchas. No centro do silhar, separados por balaústres, estão figurinhas colocadas sobre peanhas, representando anjinhos músicos – tocando harpa, pandeiro, contrabaixo, etc. – outros dançando e, ainda, misturadas com estes, figuras caricaturais de gatos, macacos, uma velha fiando, etc. Nos vãos das janelas vêem-se figuras de uma dama toucada «à la fontange» e um jovem fidalgo de alta peruca. O que confere a este núcleo um subido interesse é o facto de, nos azulejos, figurarem como «fundo» elementos bem conhecidos dos chamados de «figura avulsa», tais como pássaros, coelhos e flores, o que prova que foram feitos pelos artífices que se dedicavam especialmente a este tipo mais modesto de azulejo. Na verdade, podemos concluir que a fabricação dos azulejos de «estrelinhas» e outros de desenho isolado, constituía uma especialização artesanal e, daí, o seu preço mais barato do que o azulejo dito de «brutesco».

Neste caso especial e único no seu género – por mim visto até agora – encomendaram-se azulejos a uma daquelas oficinas, mas, porque fosse expresso na encomenda ou porque os artífices o entendessem, fez-se uma composição «pseudobrutesca». O desenho é ingénuo, quase tosco e infantil.

Capela de Nosso Senhor dos Aflitos

A pequena capela, com entrada pelo Largo do Mitelo, foi construída em 1752 pelo Dr. Alexandre Mitelo de Menezes.⁽⁶⁷⁹⁾

No interior, constituído por nave e capela-mor, os azulejos revestem as paredes, colocados em duas épocas diferentes.

Na capela-mor os azulejos terão sido instalados quando da construção, cerca de 1752. São de pintura azul e revestem as paredes laterais em 22 de alto, formando quatro painéis recortados, cada um com seu anjo em tamanho natural, portador de emblemas do martírio. No corpo, os azulejos serão já posteriores ao terramoto. Revestem o silhar de 11 de alto, sendo 3 de rodapé marmoreado azul com ornatos manganês, tendo ao centro rosetas amarelas. O silhar é dividido em painéis corridos e representam os passos da *Paixão: Jesus no Horto; Jesus Atado à Coluna; Jesus em Casa de Caifás; Caminho do Calvário e Prisão de Jesus*. Na parede fundeira houve também azulejos, mas foram arrancados. Os espaços estão inteligentemente preenchidos por um banco de alto espaldar e por um confessionário.

Capela de Santo António do Vale (Rua do Vale de Santo António)

A capela, que teve grande devoção durante todo o século XVIII, sofreu, depois do Terramoto, grandes remodelações, nomeadamente no que respeita a ornamentação. Na nave e na capela-mor foram colocados grandes painéis de azulejo, com suas cabeceiras recortadas e emolduramentos policromos, concheados, enquadrando os centros de figuração azul.

Na nave contam-se dez painéis, com altura central de 23 azulejos.

Representam, do lado do evangelho:

- 1) *Nascimento*
- 2) *Apresentação*
- 3) *Casamento*
- 4) *Anunciação*
- 5) *Visitação*

Do lado da epístola vemos cinco passos do hagiológico antoniano, respectivamente:

- 6) *Santo António e o Viajante Que Desembarca do Navio*
- 7) *Pregação aos Peixes*
- 8) *Cura da Perna*
- 9) *Exorcismo*
- 10) *O Santo Livrando o Pai da Forca*

Na capela-mor há mais dois painéis, como os da nave, respectivamente a *Assunção* e o *Milagre da Mula*.

As vergas das portas têm guarnições de azulejos em desenho excepcionalmente cuidado. O coro tem silhar corrido, do mesmo tipo, com paisagens nos centros azuis. Trata-se de uma encomenda global, que se deve colocar próxima de 1780.

Capela de São Sebastião (Lumiar)

Além dos azulejos do século XVII – datados de 1628 – há nesta capela um revestimento das paredes da capela-mor com painéis figurando passos da Vida do Orago, que atribuo ao pintor PMP, de cerca de 1720. São seis painéis distribuídos pelas paredes; do lado o evangelho:

⁽⁶⁷⁹⁾ Castilho, *Lisboa Antiga*.

- 1) *São Sebastião no Cárcere*
- 2) *São Sebastião perante o Imperador*
- 3) *Martírio das Setas*

Do lado da epístola:

- 4) *São Sebastião Açoitado*
- 5) *São Sebastião a Cavallo*
- 6) *Santa Retirando as Setas do Mártir*

O enquadramento dos painéis 1, 2, 4 e 5 é de cariátides em pilastras; os do 3 e 6 é de anjinhos.

O intradorso do arco triunfal é guarnecido com o mesmo tipo de azulejos, agora com figuras de raparigas portadoras de cestos floridos e anjos com palmas. São em tudo muito semelhantes aos que se encontram na Quinta de São José do Marco, de Castanheira do Ribatejo.

Nos recessos das credências, painéis de pintura azul com vasos floridos e, por baixo, azulejos de figura avulsa, de estrelinhas, com flores e aves.

Capela do Senhor Jesus dos Navegantes (Rua dos Navegantes)

Na fachada da capela, de cada lado da porta e sobre as janelas gradeadas vemos duas cruzes – «estações da via sacra».

São ambas de pintura azul e as suas dimensões de 10 × 5. As cruzes assentam em socos ornamentados com motivos concheados, formando cartelas onde se lêem, respectivamente: *1.ª Estação* e *14.ª Estação*.

A capela, construída depois do Terramoto, já estava pronta e guarnecida de azulejos em 1757. As cruzes são, sem dúvida, da época dos azulejos que guarnecem o interior.

Casa nobre de Lázaro Leitão⁽⁶⁸⁰⁾

Construída em 1734 por Lázaro Leitão Aranha, segundo projecto de Carlos Mardel. Nela funciona actualmente a Universidade Lusíada.

No átrio, painéis com figuras femininas sentadas sobre plintos representando os meses do ano: «IANEIRO», «FEUEREIRO», «MARCO», «A.BRIL», «M...» [Maio], «IUNHO», «IULHO», «AGOSTO», «SETENBRO», «OUTUBRO». Os painéis dos meses de Novembro e Dezembro são de feitura mais recente. As figuras assentam em silhares com almofadas sobre as quais pendem grinaldas presas por botões e mascarões manganês.

Os painéis do vestíbulo apresentam figuras a beber e a servir bebidas, junto de mesas postas em jardins e outras mais populares rodeando homem a beber por odre, ou sós. Cercaduras com elementos vegetalistas e *feronneries* sobre fundo branco.

Na sala 6, cenas galantes, com músicos e personagens a dançar. A fonte existente na sala é revestida por azulejos com paisagem montanhosa. Na sala 7, cena pastoril e bucólica, e cena galante bastante restaurada, sendo muitos dos painéis ornamentais de feitura mais recente.

A escada é revestida por azulejos brancos com barra azul recortada com flores.

A capela construída em 1742-44, foi dedicada a Nossa Senhora dos Aflitos e Santo Cristo. Nos painéis da nave: *Caminho do Calvário* (evangelho); cercadura recta com

(680) A única referência concreta que existe sobre os azulejos desta casa nobre e que identifica o autor e a sua datação, diz apenas respeito aos azulejos da capela (segundo indicações de Arthur Lamas – «A Casa Nobre de Lázaro Leitão...», p. 140 –, datam de 1746 e foram encomendados por Lázaro Leitão a José da Costa, embora este não seja o autor das pinturas, mas apenas o azulejador). Os painéis apresentam a *Subida* e a *Descida da Cruz* e as figuras de *José da Arimateia* e de *Nicodemus*. Vide: LAMAS, 1925; CÂMARA, 2001, p. 133. (AGC)

ramos atados e base com estrutura arquitectónica e grinaldas. Na cartela central, estandarte com as letras «SPQR» e dados, ladeada por anjos, grupos de anjinhos seguram instrumentos da *Paixão*.

Crucificação (epístola): cartela da cercadura com inscrição «INRI», três pregos e coroa de espinhos.

Nos painéis estreitos, as figuras de Nicodemos e José com cartela identificativa.

Personagem caída (Cristo?) e dois anjos, um com uma cruz, outro apresentando um cálice, com anjinhos no alto. A cartela da base contém um cálice.

Beijo de Judas. Na cartela, a lanterna, um punhal e uma corda. ⁽⁶⁸¹⁾

Colecção Adriano Júlio Coelho (Torel)

A casa que foi de Adriano Júlio Coelho domina, do alto do Torel, uma das mais amplas e belas vistas de Lisboa. Nesta mansão, que é um verdadeiro palácio, havia reunido Adriano Coelho algumas antiguidades valiosas e, entre outras, vários painéis de azulejos, adquiridos em leilões, ou comprados em casas arruinadas. Os azulejos foram colocados nas paredes dos jardins ou encaixilhados e convenientemente guardados num recanto do piso inferior que dá para o terraço.

Além dos valiosos azulejos holandeses de W. van der Kloet, há ainda na colecção outros belos painéis, desta vez portugueses e de grandes dimensões. Ignoro a proveniência, mas parece-me que teriam vindo todos de um mesmo local, dadas as suas características comuns. Estão actualmente guarnecendo várias paredes que deitam para os jardins, tendo havido o critério de separar os assuntos principais. Assim:

Cenas frívolas – Há quatro painéis grandes com cenas de jardim e colóquios amorosos, damas de «fontange» e cavaleiros. São, no género, dos mais curiosos que tenho visto e prestam-se para ilustrar este tipo de motivo na pintura dos azulejos.

Cenas marítimas – Dois painéis com vista de portos, em um dos quais se vê, sobre uma torre, a bandeira com o escudo português. Neste painel há duas figuras pescando, vistas de costas, e que foram inspiradas em gravuras de Stradanus. ⁽⁶⁸²⁾

Jogo de quilhas – Painel muito curioso.

Caçadas – Dois painéis, também inspirados em gravuras de Stradanus. Todos estes painéis são de uma mesma época e autoria. A pintura a azul é de desenho invulgarmente correcto, especialmente nas cenas frívolas. A coloração é apenas um pouco desmaiada e o azulejo de má fabricação quanto ao biscoito e vidrado. Trata-se de produtos que podem afoitamente datar-se do primeiro quartel do século XVIII, dos mais recuados exemplares no género, e cuja fabricação denota ainda o seu quê de imprecisão técnica. Pela escolha dos assuntos – gravuras ou estampas – reconhece-se que o artista já vinha de época anterior, visto que essas gravuras (especialmente as das caçadas) foram largamente empregadas na azulejaria dos finais do século XVII (*v. g.* Palácio dos Marqueses da Fronteira, Pátio das Vacas, etc.).

Colecção do Exmo. Senhor Dr. José Coelho da Cunha

Além da imensa azulejaria relativa aos séculos XVI e XVII, ainda encontramos nesta casa – verdadeiro museu – alguns exemplares do século XVIII. Vemo-los revestindo paredes no jardim, em exemplares já dos finais do século XVIII. Também na copa existem dois painéis figurados, de pintura azul, com cenas cortesãs. São muito notáveis e colocam-se nos primeiros anos do século XVIII.

⁽⁶⁸¹⁾ A 22 de Agosto de 1744 José da Costa procedeu à colocação de azulejos na tribuna e sacristia da capela. Em 1746, execução de azulejos, colocados igualmente por José da Costa. (MTV)

⁽⁶⁸²⁾ Vide Alice Frothingham in «Hispanic Notes», III, 1943, pp. 97-117.

Colégio de Santo Antão, antigo (Hospital de São José)⁽⁶⁸³⁾

No artigo publicado no *Arquivo Histórico Português*⁽⁶⁸⁴⁾ colhem-se diversas notícias sobre os azulejos que foram instalados no antigo Colégio de Santo Antão, entre 1769 e 1780, quando das obras de adaptação deste a Hospital Real.⁽⁶⁸⁵⁾⁽⁶⁸⁶⁾ São na verdade muitos os azulejos que se encontram neste hospital e que passaremos a descrever detalhadamente:

No exterior, sobre um portal do lado leste, um grande registo em tríptico, azul, com *São João Baptista* ladeado de dois santos (um deles com um javali).⁽⁶⁸⁷⁾ As dimensões do grande registo são de 17 × 24 azulejos.

No interior outro registo, mais pequeno, de 7 × 5 azulejos, policromo, apresenta um altar entre *Santo Inácio* e *São Francisco Xavier*.

Ainda no interior, sobre uma porta, painel de 6 × 7, azul. No centro *São João Baptista*, tendo sobre uma pedra o monograma I. P. Será um painel talvez de Gabriel del Barco e dos princípios do século XVIII.⁽⁶⁸⁸⁾

Cozinha – Forro branco com as armas reais e, na parte inferior, a azul, a data 1852.

Escada para quartos particulares – Silhar acompanhando toda a escada com azulejos historiados, de cercadura de volutas lisa e pilares de cariátides. As cenas representam caçadores e países, sendo de notar uma delas onde, numa torre, está a bandeira portuguesa. Serão do princípio do século XVIII.

Átrio da capela – Junto ao Serviço de Transfusões existe um silhar recortado com azulejo historiado. Representa várias cenas marinhas onde se vêem as bandeiras holandesas. No átrio maior os silhares recortados são de anjos e urnas e cena de jardim (mendigo com moço sobre a ponte).

Átrio principal – Silhares recortados de azulejos historiados com cenas bíblicas:

- a) *Moisés e a Água do Deserto*
- b) *Êxodo*
- c) *Morte de Goliath*
- d) *Moisés e a Vista da Terra Prometida*
- e) *Trombetas de Jericó*
- f) *Remissão dos Cativos*⁽⁶⁸⁹⁾

Escada nobre – É uma quadra notabilíssima. No *patamar térreo* vemos:

- a) *Cena de jardim, com tocadores de guitarra*

(683) Recentemente, o Museu da Polícia Judiciária tem promovido no âmbito do Projecto SOS – Azulejo diferentes visitas de estudo aos Hospitais Cívicos. Um levantamento fotográfico exaustivo destes conjuntos azulejares está a ser realizado pela Rede Temática de Estudos de Cerâmica e Azulejaria João Miguel Santos Simões. (AGC)

(684) Vol. XI, p. 4/8, Lisboa, 1911.

(685) Fornecedores ou *fabricantes* entre 1770 e 1773: *Pedro António, Pedro Martins e Manuel Nunes de Carvalho*. Os azulejos custavam: brancos a 11\$000 rs.; ordinários a 12\$000 rs., havendo ainda «de brutescos» e «painéis pintados»

Os *azulejadores* trabalharam na obra e foram: *Francisco Gomes, Pedro Mazo, Pedro Martins, Ricardo José* e mais cinco oficiais. Os três primeiros ganhavam 350\$000 rs., o quarto 240\$000 rs. e os oficiais 300\$000 rs. por dia.

O painel de São José, com 173 azulejos custou 2640\$000 rs. e foi *pintado* por *José dos Santos Pinheiro* em 1771, tendo-se-lhe pago 3520\$000 rs.

Em 1775 foi encomendada a pintura de 7 painéis ao pintor *Joaquim de Brito*, o qual ainda em 1778 fez outros trabalhos.

(686) Nos painéis da «Junta da Inconfidência» do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Colégio de Santo Antão, Lisboa, Maço n.º 97, referente a 1759 vê-se, a fls. 83: «Declaração do Pe. Nicolau Ribeiro, Procurador do Colégio, de que o Mestre Azulejador António Rodrigues é credor do Colégio pela quantia de 5200\$000 reis de duas adições, uma de 20/XI/1756 e outra de 28/XI/1758 a vencerem juros a 3 % e que por conta dos juros se lhe tem pago em azeite várias importâncias». (Esta informação foi-me cedida pelo Senhor Luíz Bivar Guerra).

Vide Documentos para a História da Arte em Portugal, recolha de fontes promovida por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian, ib a orientação de Raul Lino e Luis Silveira, tomo 5, organizado por Luíz de Bivar Guerra (Lisboa, 1969), p. 16. FLÁVIO GONÇALVES

(687) Os santos que ladeiam São João Baptista são Santo Antão (à esquerda, com o javali aos pés) e Santo Inácio de Loiola (à direita, com a agenda da Companhia de Jesus). FLÁVIO GONÇALVES

(688) Ainda junto à entrada, cimalha com revestimento de azulejos barrocos, com cartela de volutas coroada por mascarão, contendo as iniciais «IHS», ladeada por anjinhos, volutas e grinaldas. VELOSO e ALMASQUÉ, 1996, 51. (MTV)

(689) Este conjunto está atribuído a Nicolau de Freitas. Idem, pp. 52-55. (MTV)

- b) *Cena marítima com paisagem, vendo-se, ao fundo uma galera e uma fortaleza onde a artilharia salva*
- c) *Cena marítima com vários navios de alto bordo*
- d) *Cavaleiro viajante no gesto de quem pergunta o caminho*

Primeiro lanço – No silhar da direita vemos um pastor montado, que bate numa azinheira para fazer cair as bolotas, que os porcos comem; no silhar da esquerda representa-se a hora da sesta, com cena de lavoura onde uma figura dorme, enquanto outras comem. Ao fundo, à direita, uma seara.

Primeiro patamar – No silhar da direita vê-se uma *Partida para a Guerra*. No primeiro plano, à direita, uma figura de óptimo desenho e, à esquerda, uma cena de guerra. Um grupo de cavaleiros está na atitude de quem observa e, à esquerda do painel, uma figura escondida atrás de um feixe de barricadas. É muito curioso este painel.

Segundo lanço do lado direito – Os dois painéis são já de pintura diferente dos anteriores, mais toscos. À esquerda de quem sobe vemos um *Combate de Infantaria*, enquanto mais longe um grupo se prepara para assestar uma bombarda contra a posição acastelada. No lado direito, painel com *Combate Naval*, vendo-se o navio em primeiro plano ostentando, na bandeira, os três crescentes. À esquerda, um barqueiro isolado assiste sorridente à refrega!

Segundo lanço do lado esquerdo – Do lado direito vemos um *Combate de Cavalaria*, enquanto que do esquerdo o *Combate* é naval. Desta vez um dos navios tem a bandeira de barras.

Segundo patamar – Estes quatro silhares são os mais notáveis quanto à pintura. Representam:

- a) *Batalha de carga de cavalaria em belo movimento*
- b) *Socorro aos feridos* (muito curioso)
- c) *Combate entre cavaleiros*
- d) *Infantaria em marcha com tambores e píforo*

Terceiro lanço central – *Cena de caça*. À direita, de cães contra touro; à esquerda, contra leão.

Terceiro patamar – São cinco os painéis:

- a) *Partida para a caça*
- b) *Regresso da caça, vendo-se dois veados pendurados num cavalo*
- c) *Repasto ao ar livre. Uma figura de jovem acarícia um cão*
- d) *Paisagem com uma fonte e um poço onde um jovem lava as mãos*
- e) *Cena de caça com cavaleiros*

LIV

Quarto lanço – Dois painéis com plena caçada ao javali e ao veado.

Quinto patamar – Dois painéis de melhor pintura que os anteriores das caçadas. Representam um regresso da caça e o descarregar dos veados e corças de uma carroça, enquanto os cães esperam. Os emolduramentos de toda esta escada são semelhantes, de sanefas e pilares, mas de qualidade e pintura muito variável. Nos vãos das janelas há azulejos do mesmo tipo, sem figuração. Todo este azulejo acusa época que pode computar-se de 1720-30. Os azulejos do átrio principal parecem ser um pouco mais modernos (cerca de 1740) mas são incontestavelmente outra pintura muito mais conhecida e convencional.

À esquerda do átrio houve também uma escadaria com azulejos, do mesmo tipo de alguns da escadaria principal. Hoje apenas se vêem quatro painéis, um dos quais incompleto. Neles se representam cenas pitorescas, como a oficina de um ferrador, uma carruagem aberta, o ataque a uma carruagem de guerra e uma cena de estalagem. Ainda no átrio grande há duas figuras com uma lança e uma esponja de fel. Na passagem para o pátio grande colocaram-se silhares modernos, querendo imitar os antigos. São de cor e desenho fraco.

Ao fundo do que julgo ter sido o refeitório, há um grande painel representando *Nossa Senhora da Graça*.⁽⁶⁹⁰⁾ São azulejos de cerca de 1745. Junto a este, um outro quadro do mesmo tipo, representando a *Visitação*.

Salão Nobre – Silhar magnífico constituído por oito painéis de 12 de alto, com azulejos de 138 mm.

- a) *Espelhos de Arquimedes*.
- b) *Cerco e ataque de uma cidade*. No primeiro plano, à esquerda, dois clarins a cavalo. Muito curioso!
- c) *Cena de batalha com combate numa ponte e ataque a uma cidade fortificada*. No primeiro plano há figuras de comandantes consultando as plantas da praça sitiada.
- d) À direita do painel três navios de alto bordo ostentando a bandeira portuguesa; à esquerda um anjo põe em movimento um sistema de engrenagem bastante complicado, assente sobre nuvens, e que parece fazer mover o globo do mundo. Sobre os navios está a legenda: *Por mares nunca d'antes navegados*.
- e) Ao centro, uma figura parece simbolizar a *Geometria*. Três anjos empunham vários instrumentos alusivos. Ao fundo, um topógrafo parece fazer um levantamento com um nível. Sobre a mesa parece estar um microscópio.
- f) Quatro anjos seguram sólidos geométricos. Ao alto, um anjinho aponta uma síntese dos três sólidos principais: esfera, cone e cilindro, com a legenda:

VNA TRIBVS RATIO EST

- g) Figura de *Atlas*.
- h) Alegoria à geometria celeste. Duas figuras simbólicas: a *geometria terrestre* (coroadada de coroa mural e pantalha) e a *geometria celeste* (coroadada de estrelas). A primeira empunha um compasso e aponta para um quadro, seguro por anjinhos onde há várias figuras geométricas. Em segundo plano vários «sábios» parecem frequentar um observatório astronómico onde, um deles, observa por um telescópio.

LIV

Nos vãos das portas e janelas ornamentação de anjinhos, semelhantes aos pilares laterais dos painéis. Serão azulejos de cerca de 1720-30, fazendo lembrar o trabalho oficial posterior a António de Oliveira Bernardes.

No Gabinete do Conservador da Biblioteca, silhar de 12 de alto com azulejos do tipo de vasos floridos com cariátides.⁽⁶⁹¹⁾

Colégio Moderno (Estrada de Malpique)

O antigo Palácio Tarujo passa por ter sido a residência de um diplomata holandês, no século XVIII. Se tal é verdade, a presença de azulejos com vistas holandesas poderia ter uma explicação. No entanto, toda a azulejaria é de origem portuguesa, e a figuração dos painéis que se encontram na varanda, os mais curiosos de todos, foi inspirada por gravuras neerlandesas, fonte de inspiração bastante comum. Um dos painéis, por exemplo, representa uma cena de patinagem na neve, e outra coisa não é do que metade de uma bela estampa gravada por H. Hondius em 1614 segundo desenho de J. Wildens, representando o mês de Janeiro: IANUARIUS.⁽⁶⁹²⁾

⁽⁶⁹⁰⁾ Trata-se de Nossa Senhora da Misericórdia. (MTV)

⁽⁶⁹¹⁾ Sobre a porta da biblioteca do hospital foi colocado um painel representando a *Natividade*, da autoria de Gabriel del Barco. (MTV)

⁽⁶⁹²⁾ Reproduzida em *Oud-Holland*, ano LXXVI, n.º 3/4, 1961, p. 225. Na estampa de Hondius vê-se, ao fundo, a silhueta de Antuérpia: o azuleiro não deixou de indicar a forma geral dos edifícios.

É provável que o outro painel, com uma paisagem, ao centro do qual aparece um carro de bois, seja também inspirada por outra estampa de calendário. Note-se que os azulejos acusam nitidamente ser produto de cerca de 1730, isto é, 116 anos depois da gravura que lhe serviu de modelo; no entanto, o pintor teve o cuidado de actualizar a indumentária dos personagens, que aqui aparecem de casaca e de «fontange»...

Colégio Militar

Apenas vi azulejos no jardim anexo ao colégio e que pertencia ao palácio,⁽⁶⁹³⁾ transformado em enfermaria.⁽⁶⁹⁴⁾

O conjunto formado pelos azulejos é dos mais agradáveis. Os azulejos primitivos, do terceiro quartel do século XVIII, estavam, ao que parece, bastante mutilados, tendo sofrido completa reparação, por vezes muito infeliz. São figuras recortadas de deusas e heróis clássicos e painéis recortados.

Convento da Boa Hora, antigo⁽⁶⁹⁵⁾

Nave: Ao longo das paredes, em todo o circuito, revestimento de 28 de altura, incluindo 2 azulejos esponjados azuis, na parte superior. O revestimento é compartimentado em painéis que enquadram cenas da Vida de Santo Agostinho. A parte central, de figuração azul, é emoldurada por composições típicas da transição para o neoclássico, com suas pilastras de ordenação jónica. Ao alto, anjinhos seguram grinaldas que ligam urnas floridas. Os painéis são ao todo vinte e três.

Capela do Santíssimo Sacramento – Painéis do mesmo tipo, com figuração de *Nossa Senhora e Serpente de Bronze*, desta vez sem pilastras.

Capela-mor – O tipo de azulejo é o mesmo dos painéis da nave, em 28 de altura, tendo três painéis de cada lado, com iconografia de *Santo Agostinho*.

Antiga portaria – Silhar de 13 de alto em painéis de fundo marmoreado policromo, com *Emblemas da Ordem* – águia bicéfala, livro, coração e báculo.

É excepcional a qualidade da pintura na parte ornamental, se bem que a figuração seja mais fraca e nela se reconheça o mesmo pintor de tantos painéis produzidos nos primeiros anos do século XIX, como, por exemplo, os de Refóios do Lima, de Alcanhões, etc. As substituições e acrescentos estão bem feitos e conseguem iludir...

Convento da Encarnação, antigo

Na Capela de São Francisco Xavier, silhar de 11 de alto em painéis laterais representando a *Chegada de São Francisco Xavier à China e Milagre de São Francisco Xavier*. São azulejos azuis de cerca de 1730. À entrada, dois painéis mais pequenos, com figuração alusiva a *Cilício e Comunhão*.

(693) Integrado nos terrenos do Colégio Militar, surge-nos o Palácio dos Condes de Mesquitela. O edifício funciona actualmente como enfermaria do colégio. Assume uma forma graciosa sendo composto por único corpo de fachada com uma escadaria de dois lanços que conduzem a uma varanda corrida, que deverá ter sido completamente reedificado após o Terramoto de 1755. O programa decorativo concentra-se na fachada onde seis portas são intervaladas por silhares de azulejos com cercadura policroma e um conjunto de grinaldas que suportam medalhões, em azulejo de fino recorte. Este edifício é composto por um único corpo de fachada com uma escadaria de dois lanços que conduzem a uma varanda corrida, animada por silhares de azulejos com cercadura policroma, um exemplo invulgar de azulejaria rococó, cujo programa combina cenas de género e alegorias com reproduções de célebres modelos da Antiguidade. O revestimento distribui-se em cinco painéis dispostos entre os vãos. Na cabeceira, está patente o escudo das armas nacionais e coroa real. Os medalhões estão identificados com uma legenda. A sua estrutura iconográfica organiza-se segundo dois tipos: medalhões com bustos masculinos e femininos e as cenas historiadas compostas por vários personagens. Estas cenas aludem directamente às *Estações*.

A sua identificação iconográfica torna-se possível pela introdução das personificações legendadas que constituem este excelente conjunto. Aponta-se com certas reservas uma datação para o conjunto entre 1755-60/1770. Sobre este espaço e o seu programa decorativo *vide*: ARRIFES, 1996, pp. 24-28; CABRAL, 1929; LYNCE, 1994; MECO, 1995. *Vide* CÂMARA, 2007c, p. 161. (AGC)

(694) Ver «memória» explicativa dos azulejos do Colégio Militar da autoria do professor efectivo Senhor Capitão Jerónimo Cabral Madeira.

(695) Convento de Agostinhos Descalços, fundado em 1758. No século XIX a igreja passou a albergar a paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, sendo as dependências conventuais adaptadas a hospital militar. A igreja é de nave única com tecto de arco rebaixado pintado a *grisaille* e quatro altares laterais. Na nave, sobre os painéis de azulejos, encontram-se telas com episódios da Vida de Santo Agostinho, atribuídas a Bento Coelho da Silveira e Botovi. A capela-mor apresenta ainda retábulo de talha e quatro telas com os Doutores da Igreja. *Vide* IHRU, «Convento e Igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora», www.monumentos.pt, 1995-2004. (MTV)

Na nave, painéis azuis com barras de folhas encurvadas e figuração central de desenho tosco, com medalhões seguros por anjos. Nestes medalhões há figuras alusivas à Vida de São Bento, com inscrições latinas. Estes azulejos da nave serão certamente de cerca de 1690-1700, da mesma oficina dos azulejos da capela-mor de Santa Iria da Azóia, ou de São João do Cartaxo.

Na parede fundeira, ladeando a grade do coro, os azulejos serão de cerca de 1730.

Os frontais têm azulejos xadrezados em manganês, apresentando ao centro emblemas, também em manganês, enquadrados por cercaduras concheadas com os emblemas dos respectivos altares.

À entrada da sacristia, painéis marmoreados policromos, de cerca de 1790.

Convento da Madre de Deus, antigo (Museu do Azulejo)⁽⁶⁹⁶⁾

Igreja – Do lado da epístola na parte sob o coro, o friso é de 3 ½ + ½ de friso inferior. A seguir à porta há a parte do friso com azulejo holandês e parte de Gabriel del Barco. Na parede fronteira, apenas parte da cercadura será holandesa. O painel que se encontra imediatamente antes do arco da capela-mor, do lado da epístola, é português e representa umas figuras a cavalo, cuja significação não sei. Entre a teia e a capela-mor, sob os arcos, foram colocados azulejos portugueses com legenda: SICUT CEDRUS LIBANIMULTIPLICABITUR; e, na frente, IVSTVS UT PALMA FLOREBIT (de cerca de 1740)...

A seguir, junto à porta da sacristia, uma figura de frade com dedo na boca, em painel de 20 azulejos incluindo a cercadura, sobre friso português de azulejos.

Sacristia velha – Os azulejos que forram as paredes são do último quartel do século XVIII e provenientes da Fábrica Real do Rato.

Capela de D. Manuel – O revestimento de azulejos apresenta vários tipos. O silhar é de 8 de alto, de padrão azul. No topo poente um painel azul representa *Nossa Senhora do Rosário Dando o Rosário a São Domingos e São Francisco* (?); cor azul fraca, desenho pobre de cerca de 1750-60 (?).

No topo nascente painel com *Calvário*, desenho mau se bem que inspirado em cartão de boa composição. Azul fraco com roxos. Cerca de 1760-70. Na parte norte, duas grandes composições que certamente não eram daqui. Representam respectivamente a *Morte de São Francisco*, assistido por dois anjos.⁽⁶⁹⁷⁾ Desenho irregular, azul-claro, traço indeciso se bem que alguns pormenores acusem desenho razoável. O outro representa uma alegoria a São Francisco.⁽⁶⁹⁸⁾ Nele o santo beija as chagas de Cristo Crucificado, pisando degraus onde se lêem os três votos: Pobreza, Humildade e Castidade. Ao fundo uma igreja e paisagem onde se vê uma ponte com dois monges. Aos lados alegorias. Em primeiro plano uma balaustrada, em cujo centro se vêem duas águias.

Na parede sul, onde se abriram três janelas, há, entre estas, restos de painéis que porventura formavam um conjunto e do qual se vêem passos da Vida de São Francisco. Afigura-se-me que estes azulejos são muito do princípio do século XVIII e neles noto, por um lado, a técnica de Gabriel del Barco e, por outro, a mão de desenhador de maiores recursos. Não têm nada de comum com os do corpo da igreja.

(696) Sobre este museu e alguns exemplares das suas colecções *vide* Ministério da Educação Nacional, sd.; Museu Nacional de Arte Antiga, 1947, pp. 44-46; SIMÕES, 1962b, pp. 21-28; SMITH, 1966c, pp. 828-833; SMITH, 1968d, pp. 233-234 e 236. FLÁVIO GONÇALVES

(697) O painel representa o *Éxtase de São Francisco de Assis no Monte Alverno* – um tema que se difundiu com a Contra-Reforma. *Vide*: GONÇALVES, 1963a; MÂLE, 1951, pp. 177-178.

Na azulejaria portuguesa da primeira metade do século XVIII encontra-se o mesmo tema, por exemplo, num dos painéis da capela-mor da igreja do Convento de São Domingos de Benfica (Lisboa). FLÁVIO GONÇALVES

(698) Trata-se da cena, bastante divulgada com a Contra-Reforma, de *São Francisco de Assis Abraçando Cristo Crucificado* (com Cristo semi despregado da cruz, abraçando também São Francisco). *Vide*: GONÇALVES, 1972, p. 55; RÉAU, 1955-58, p. 531. FLÁVIO GONÇALVES

Claustro – Em todo o redor pode ver-se a decoração obtida com a repetição de motivos de vasos floridos, de pintura azul, modelo muito frequente do meado do século XVIII.

Corredor e escada – Aquando das obras do século XIX foram estas quadras guarnecidas com azulejos de várias proveniências, de modelos correntes do meado do século XVIII.

Sala de passagem – entre o patamar superior da escada e o piso alto do claustro: Painéis provenientes do antigo «Palácio da Praia» (Belém-Lisboa), onde guarneciam o salão nobre, ornamentado por ocasião do casamento do Príncipe D. José de Portugal com a Princesa das Astúrias, em 1729. De tipo pouco comum, estes azulejos representam uma tentativa de regresso à policromia que, no entanto, não teve consequências imediatas.

Capela de Santo António – Mantém-se na sua integridade, tal como era na segunda metade do século XVIII. Era aqui que se encontrava o famoso presépio da Madre de Deus. As paredes são forradas com azulejaria feita propositadamente para o local, de grande riqueza decorativa, típica das oficinas de Lisboa, de cerca de 1750.

Coro alto – Fazendo corpo com a igreja pode considerar-se dos mais ricos exemplares de decoração setecentista de Portugal. A talha dourada e as pinturas das paredes e do tecto absorvem a atenção, relegando para lugar secundário as guarnições azulejares dos vãos das janelas. São estas no entanto dignas de nota, por exemplificarem uma aplicação tipicamente portuguesa do meado do século XVIII.

Claustro, piso superior – Esta quadra, e as salas anexas, são destinadas à azulejaria do século XVIII. Na galeria propriamente dita destaca-se a *Grande Vista Panorâmica de Lisboa*,⁽⁶⁹⁹⁾ extraordinário documento iconográfico da capital, retratando cerca de 14 km da margem norte do Tejo, entre o vale do Jamor (Cruz Quebrada) até Xabregas. Pintado em 1735 e proveniente do antigo Palácio dos Condes de Tentúgal, no Largo de São Tiago, este painel único no seu género, constitui o mais precioso documento iconográfico de Lisboa anterior ao Terramoto.⁽⁷⁰⁰⁾

LVI

Salão – Azulejos portugueses do século XVIII. Na impossibilidade de exibir a grande quantidade de painéis desta época, seleccionaram-se aqueles mais representativos da evolução setecentista. Grandes painéis figurados de pintura azul: azulejos ditos de figura avulsa; painéis ornamentais para guarnições, etc. Ao fundo da sala alguns exemplares do último quartel do século XVIII, de pintura policroma, avultando pelo seu interesse iconográfico a série chamada «do chapeleiro»,⁽⁷⁰¹⁾ onde se conta a Vida de António Joaquim Carneiro, de cerca de 1800.⁽⁷⁰²⁾

LVII

Convento das Mónicas, antigo

Na antiga portaria, silhar de 9 de alto, do tipo «vasos floridos» azuis, em painéis de 6 × 4 com barra de folhas torcidas. Alguns dos painéis são novos e noutros há azulejos restaurados.

⁽⁶⁹⁹⁾ Vide Paulo Henriques – *Lisboa antes do Terramoto: Grande vista da cidade entre 1700-1725*. Lisboa, Gótica, 2004. Recentemente este painel é objecto de um projecto de investigação pluridisciplinar «Lisboa em Azulejo antes do Terramoto». Vide www.redeazulejo.fl.ul.pt. (AGC)

⁽⁷⁰⁰⁾ Acerca deste painel veja-se, entre muitos outros: Augusto Vieira da Silva – Panorama de Lisboa em azulejos existente no Museu Nacional de Arte Antiga, in revista «*Armas e Troféus*», vol. 1 (Lisboa, 1932), pp. 80-91; J. M. dos Santos Simões – Iconografia lisiponense em azulejos (Lisboa, 1961), pp. 6 e 10-24. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁷⁰¹⁾ Em data que não consegui precisar foram oferecidos ao Museu de Arte Antiga, pelo Senhor Camilo Alves, sete painéis de azulejos que este retirara de uma casa à entrada da Póvoa de Santo Adrião.

Dos sete painéis, relativamente bem conservados, foram montados quatro que durante algum tempo estiveram expostos numa das salas da secção de Cerâmica. Quando em 1963 se transferiram os azulejos do Museu das Janelas Verdes para o edifício da Madre de Deus, montaram-se os restantes três painéis, ficando a série completa.

Sobre estes azulejos escreveu Matos Sequeira no Relatório da Comissão da Associação dos Arqueólogos Portugueses, publicado em 1916, com o título – *Excursões no termo de Lisboa*, p. 247.

⁽⁷⁰²⁾ Sobre este espaço veja-se um olhar revisitado em ARRUDA, 1998, p. 65. Ainda, PAIS, 2007, pp. 182-197. (AGC)

Numa das paredes, acima do silhar, painel recortado, de 11 × 8, azul, com enquadramento barroco, tendo no centro a imagem de *Santa Mónica*. De cada lado dois anjinhos recortados com 8 azulejos de alto. Devem datar de cerca de 1740.

Convento de Arroios, antigo (Hospital de Arroios)⁽⁷⁰³⁾

No antigo colégio onde os Jesuítas preparavam os seus missionários do Oriente, está há muito instalado o Hospital Civil de Arroios. A fundação da Casa da Companhia de Jesus data de 1701, não havendo, actualmente, quaisquer azulejos que recordem os primeiros tempos da fundação. Os mais antigos que ali se encontram serão os da portaria, da época vizinha de 1740.

São painéis forrando a parte inferior das paredes, do tipo vulgar de cabeceiras recortadas com urnas nos extremos, pintura azul e ornamentação enquadrando os centros figurados, também convencionais. Conservam-se quatro destes painéis, um dos quais duplo, tendo desaparecido completamente um painel substituído por pintura a pretender imitá-lo. A figuração refere-se à Vida de Santo Inácio de Loiola, com os passos:

- 1) *A revelação devocional*, com Santo Inácio, ainda guerreiro, ajoelhado junto à árvore onde está dependurada uma imagem da Virgem, enquanto três anjinhos no céu desfolham flores.
- 2) *A profissão e oferenda*: Santo Inácio troca as suas roupagens áulicas pela roupeta de um mendigo e, com ela vestida, ajoelha no altar de Nossa Senhora, a cujos pés depõe a espada.
- 3) *Milagre do santo*, salvando um jovem de morrer afogado num rio; ao fundo uma ponte onde estão vários figurantes, entre outros Santo Inácio.
- 4) *Morte de Santo Inácio* e aparição de São Pedro.

No andar nobre, há azulejos em uma das salas, hoje ocupada pela Directoria do Hospital. Era provavelmente a Aula Magna do Colégio e estava precedida de uma antecâmara. Aqui se encontra um silhar de azulejos, sensivelmente mais modernos que os da portaria, talvez de cerca de 1745-50, em silhar de 12 de altura, formado por panos de cabeceiras lisas e, na antecâmara, apenas com os motivos ornamentais das cercaduras e centros de paisagens com pastores.

Na sala, os azulejos estendem-se ao longo das paredes laterais, em alizares em cujos centros se narram cenas das vidas paralelas de *São Francisco Xavier*, à esquerda de quem entra, e de *São Estanislau de Kostka*, o «noviço exemplar». Os passos biográficos são esclarecidos por legendas em latim, que rezam, na parede da esquerda de quem entra:

- 1) *Partida de São Francisco Xavier, de Lisboa*. À esquerda, sobre o muro de um forte, vê-se a figura de um rei assistindo ao embarque, o qual se faz em uma nau ostentando o pavilhão real. A legenda elucida:
*D. F. X. auspiens felecissimis 2^a die
 Aprilis an. 1541 solvit ê portu Ulissi-
 ponensi in Indiam.*
- 2) São Francisco Xavier na atitude de pregar aos aborígenes, e a legenda:
*D. F. X. variis aeternam Salutem an-
 nuntiat nationibus.*

⁽⁷⁰³⁾ Vide VELOSO e ALMASQUÉ, 1996, pp. 75-85. Recentemente, o Museu da Polícia Judiciária tem promovido no âmbito do Projecto SOS – Azulejo diferentes visitas de estudo aos Hospitais Cívicos. (AGC)

Num pequeno painel colocado sob o armário vê-se a figura do Santo no acto de evangelizar, crucifixo na mão, um grupo de índios de penas na cabeça...

- 3) São Francisco Xavier aparece disposto ao martírio, com a legenda:

*D. F. X. in Japonia profunde
lapidatus virgis casus, Sagittis
vulneratus sed mirabiliter a Deo
liberatur.*

- 4) Ainda neste painel:

*D. F. X. properantem equitem
pedes sequitur ut aditum
facilius habeat in Japoniam.*

- 5) Ainda do mesmo painel:

*D. F. X. flaris Secruentat
ut peccatorem ad poeniten-
tiam reducat.*

Na subjanela seguinte, outro pequeno quadro com *São Francisco Xavier Baptizando Um Nativo num Rio*.

O último painel biográfico desta série representa o Santo no acto de evangelizar e tem a legenda:

- 6) *Doctor Ma-
ximus D. F. X.
demonstrat O-
rientalis pla-
gam quam pera-
graturus erat E-
vangelizando Re-
gnum Dei.*

Na parede do lado direito de quem entra conta-se a Vida do Santo polaco:

- 7) *D. Stanilaus instruit Connovi-
tios in Spiritualibus.*
8) *D. Stanislaus Roma a S. Franc.
Borgia ad Scoietatem admittitur.*

Noutro painel, do mesmo lado, estão mais três cenas, respectivamente, o santo desmaiado, amparado por um anjo; o santo colhendo lenha para a lançar no fogão; o Santo numa biblioteca consultando livros. As legendas rezam:

- 9) *D. Stanisl. soepe proe amo-
ris-divini vehementia de-
liquim patitur.*
10) *D. Stanislaus iusu Coei
lignia sigillatum ad
focum comportat.*

- 11) *D. Stanislaus Regulas Soe
Iesu ase descriptas conti-
nuo apud se destat.*

Finalmente, no painel último da série, o trespasse do Santo, com a legenda:

- 12) *D. Stanisl. mone-
tur a Dei para
ut Societatem
Jesu ingre-
diatur.*

Neste mesmo piso há ainda uma casa, servindo de arrecadação, que conserva parte do primitivo silhar, do tipo dos anteriores, agora com 11 de alto, mas apenas com figuração de paisagens.

Convento de Jesus, antigo

Na igreja propriamente dita apenas há azulejos numa capela lateral, do lado da epístola. São azulejos ornamentais de cercadura concheada policroma, centro azul, de cerca de 1780. Na casa de passagem da igreja para o corredor da sacristia, a parede é guarnecida com um armário que a cobre totalmente, escondendo provavelmente os azulejos.⁽⁷⁰⁴⁾ A abóbada é inteiramente forrada com os mais belos exemplares no género. Não há dúvida que serão de António de Oliveira Bernardes, de cerca de 1715.

LVIII

Convento de Marvila, antigo (hoje «Mansão de Santa Maria»)

A igreja, magnífica, é de uma nave. O coro de baixo, de abóbada pintada, tendo ao centro um painel com alegoria à eucaristia, é um belo exemplar do género, mesmo dos mais belos que tenho visto. Neste coro baixo, um silhar, de 16 de alto, reveste as paredes laterais em todo o seu comprimento, formando um painel único com figuração alusiva ao *Cântico dos Cânticos*. O rodapé, de 3 azulejos de altura, é de crianças brincando com animais, desenho correcto. Na face que dá para a igreja os anjinhos são músicos. Os painéis figurados propriamente ditos têm cercadura de 2 azulejos de folhas encurvadas. A figuração é de boa pintura, talvez de António de Oliveira Bernardes ou da sua oficina, com interferência directa do mestre. Na maioria são figuras femininas e os azulejos atribuo-os a cerca de 1715. No corpo da igreja o silhar azulejado é de 18 de alto, em painéis de figuração contínua com cercadura de 3 azulejos. É notável a cor azul brilhante. A figuração é de peregrinos e ermitões, em paisagens de ruínas e jardins. O desenho não é muito correcto mas tem largueza. É certamente de discípulo de Oliveira Bernardes, de cerca de 1720.

Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, antigo

Além dos belos azulejos que revestem a igreja, assinados por Jan van Oort, vemos ainda os seguintes:

Claustro maior – Silhar de azulejos de padrão azul. Em vários locais, azulejos com inscrição indicando a localização dos canos das pias!

Comungatório – Forro das paredes com painéis de vasos, de belo efeito.

Escadaria – Nos dois patamares há silhares que revestiam a parte inferior dos nichos.

Nos *corredores* do antecoro, grande painel com *Nossa Senhora da Conceição*, coroada, de bastante interesse.

Coro – Silhar de azulejos em painéis historiados, do meado do século XVIII, com doze passos da Vida de Santa Teresa.

(704) Este armário foi retirado, ficando descobertos os azulejos do silhar, em painéis com alegorias marianas.

Sacristia – Sob o corpo formado pelo altar-mor, está a sacristia, cujas paredes são inteiramente forradas de azulejos em 18 de alto. São azulejos da primeira metade do século XVIII. Acima do silhar, enquadrado por volutas, está a decoração de vasos floridos e sanelas, e cinco painéis imitando nichos, com as figuras de *São João da Cruz*, *Santa Teresa*, *São José*, e dois outros que não identifiquei.

Convento de Nossa Senhora da Graça, antigo

O grande Convento dos Agostinhos Descalços (que da invocação de Nossa Senhora da Graça tiraram a denominação popular dos Gracianos) está hoje parcelado em várias ocupações civis e militares. A grande igreja e seus imediatos anexos continuam ao culto e são objecto de grande devoção popular algumas das imagens que a adornam, principalmente o famoso Senhor dos Passos.

Dando acesso ao nível do trono do Senhor dos Passos, há duas escadas que dão para um patamar, no qual se abre a Sala da Irmandade. Tanto as rampas das escadas como o patamar e a sala têm silhar azulejado, todo da mesma época e tipo. A cercadura é concheada policroma e os centros figurados azuis.⁽⁷⁰⁵⁾

Na *Sala das Sessões*, o silhar cobre todas as paredes e vãos de janelas. Tem 10 de altura incluindo a fiada inferior de 1 azulejo. Nesta sala o silhar é dividido em oito painéis, seis dos quais com passos da Paixão: *Jesus no Horto*, *Beijo de Judas*, *Flagelação*, *Cristo na Coluna* e *Ecce Homo*.

Nos vãos das janelas, as figuras de Isaías e Daniel, certamente vindos de outro local, *Calvário* e o *Caminho para o Calvário*. Os outros dois painéis da sala têm anjos com emblemas da *Paixão*: escada e o dístico INRI.

No patamar, também em 10 de alto, o silhar é interrompido pelas portas e janelas, tendo os painéis *Profetas* – ao todo quatro – e dois anjos com instrumentos, como os da sala, entre nuvens. Nos vãos das janelas quatro anjos agora de pé. Nas paredes das escadas a figuração é apenas de anjos entre nuvens, sendo os enquadramentos primorosamente elaborados.

No piso inferior – *Casa das Ofertas* – vemos azulejaria de padrão dos finais do século XVIII, tipo quadrifólio azul, com cercadura vulgar.

Na *Sacristia nova*, presidida pelo imponente mausoléu de Mendes de Foyos, em mármore marchetado, as paredes, salvo na parte ocupada pelo arcaz, têm grandes painéis azulejados assentes sobre rodapé de mármore. São, ao todo, sete painéis recortados, de boa composição neoclássica, de pilastras policromas e centros figurados a azul com as cenas:

- 1) *Nascimento de Nossa Senhora*, com emblema sol
- 2) *Adoração dos Reis*, com emblema estrela
- 3) *Adoração dos Pastores*, em emblema poço
- 4) *Visitação*, em emblema torre
- 5) *Anunciação*, com emblema espelho
- 6) *Casamento de Nossa Senhora*, com emblema lua
- 7) *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*, com emblema porta

A composição é correcta e de boa cor e os azulejos serão de cerca de 1780.

Ladeando a porta que dá acesso à sacristia foram colocados no fim do século XVIII azulejos com duas grandes figuras identificadas por legendas nas cartelas: MAGNIFICEN / CIA e LIBERALIDA / DE. Têm 33 × 5 azulejos.

(705) Padre Ernesto Salles, no seu pequeno estudo intitulado *Cerâmica Portuguesa* (SALLES, 1924), refere um documento de 1774, com mestre Manuel da Costa, oleiro de pintado para fornecimento de 4.144 azulejos, para a capela do Senhor dos Passos, por 157\$472 réis. Vide também SALLES, 1925, p. 44.

Em algumas dependências que se conservam do antigo convento – hoje Quartel do 1.º Grupo de Companhias de Saúde – há azulejos, todos já do século XVIII e de várias épocas.⁽⁷⁰⁶⁾

Nos *corredores*, os alizares são ornamentais, azuis, e alguns de figura avulsa.

Num *terraço* estão espaldares de azulejos muito curiosos e uma grande composição figurada com os principais Santos da Ordem. Infelizmente foram barbaramente vandalizados, tendo-lhe picado os olhos!

No actual *Refeitório* (talvez já refeitório dos Agostinhos) está o vastíssimo revestimento, em painéis recortados azuis, de bom desenho, que coloco em cerca de 1735. Estão alguns maltratados mas, mesmo assim, constituem um conjunto impressionante pela vastidão. Os azulejos têm 15 de altura e representam Gracianos ilustres, tais como:

Beato João de Estremoz (dando aos pobres o pão do refeitório que os anjos logo substituem)

V. P. João da Cruz (natural de Alpedrinha)

B. Fr. Álvaro de Lisboa

B. P. Guilherme de Santo Agostinho, de Tentúgal (padeceu martírio em Nagumoveli, na Arménia)

Fr. António de Elvas e Inocência de Barcelos (martirizados em 1561)

B. P. Fr. Manuel de Nazareth, natural de Lisboa (martirizado em Zanzibar)

B. Fr. Nicolau de Melo (português que, com seus companheiros, padeceu pela fé de Cristo em Moscóvia, em 1614)

B. João Estaço, natural de Angra

V. P. Fr. Diogo de Sant'Ana, natural do termo de Bragança

V. D. Fr. Agostinho de Castro, Arcebispo de Braga

V. D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Braga

V. Fr. Aleixo de Pena Firme

V. P. Fr. Pedro da Graça, natural de Tavira (nos reinos de Mina e Congo converte e baptiza quatro reis)

V. Fr. Gaspar de Lisboa e Fr. Athanasio de Arronches

B. P. Fr. Luís da Horta, natural de Goa e Prior de Mascate (sofreu martírio em Mascate às mãos dos arábios, em 1647, 31 de Outubro)

V. D. Gativanda, R.^a do Gorgistão, Irmã e F.^a Esp.^{al} da Ordem de Santo Agostinho (padeceu martírio em Xiraz da Pérsia a 22 de Setembro de 1624)

B. P. Fr. António da Natividade, N.^{al} de Lx.^a com seus companheiros (martirizado em Mombaça em 1613)

São, num total, cerca de 8665 azulejos!

O Salão do 2.º piso, cujas janelas dão para a galeria da igreja e onde hoje funciona o *Salão de Catequese*, teria sido muito maior do que é hoje. Nas paredes estão painéis de 14 azulejos de alto, limitados por cercadura de 3 azulejos do tipo de «folhas contorcidas» sobre fundo azul, mas aqui já animados por figuras acessórias. Os centros apresentam figuração ilustrando a Vida de Santo Agostinho.

1) Parede entre as janelas: 14 × 20 azulejos.

a) Santo Agostinho recebe na sua cela um peregrino, a quem lava os pés. O peregrino está nimbado. Fora da cela vê-se uma paisagem onde um eremita parece absorto em leitura, junto a um rochedo.

(706) Sobre a azulejaria deste edifício, vide SOUTO, 1969, pp. 51-70.

- 2) Fazendo ângulo, na parede fundeira: 14 × 21 azulejos.
 - b) Santo Agostinho na praia fala com um menino que abriu uma cova na areia e pretende enchê-la com água, que tira do mar com uma concha. A paisagem é muito curiosa: uma ilha penhascosa e uma cidade. No céu, entre nuvens, a figuração da Trindade.
- 3) Fazendo ângulo, do outro lado da porta: 14 × 21 azulejos.
 - c) (É de notar que as guarnições laterais foram restauradas.) Morte de Santo Agostinho. O santo exala o último suspiro, lendo-se as palavras IESVS. IESVS. Está abraçado a um crucifixo. Um frade lê o responso, enquanto oito companheiros ajoelhados estão em oração. À esquerda, através da janela, vê-se um navio. Ao alto, entre nuvens, anjos orantes, enquanto um, maior, estende os braços ao moribundo.
- 4) Na parede maior: 14 × 48 azulejos.
 - d) O painel está bastante completo, contendo as cartelas superior e inferior, paisagens. Representa-se o *Enterro de Santo Agostinho*. O corpo, com mitra, é levado em andor seguro por dois bispos e por religiosos. Uma enorme procissão precede o andor; figuras populares estão ajoelhadas. No extremo esquerdo, dois peregrinos; à direita, a aparição de Santo Agostinho a um doente. A figura do Santo aparece totalmente nimbada.
- 5) Nos vãos das janelas, painéis de 13 × 10 azulejos, emoldurados de 2 azulejos.
 - e) Ao centro, as imagens em corpo inteiro de uma santa, tendo aos pés duas águias.
 - f) Frade lendo e, ao fundo, um bispo, que parece dar esmola a um homem, à porta de um edifício ameado.
 - g) Santo em hábito de frade (não consegui ver por estar em parte encoberto por um armário).
 - h) Santo em êxtase, junto a um rebanho.

São azulejos típicos de cerca de 1720, talvez de PMP, mas trabalho em que intervieram mais colaboradores. Há diferença nítida entre a maneira das cercaduras e a dos painéis propriamente ditos. A *Sala do antecoro*, a qual dá entrada para a Sala Grande tem silhar de 12 de alto. Os painéis são limitados por barra de 2 azulejos de padrão.

- 1) Painel à esquerda da porta, de 12 × 20 azulejos, na parede onde está o nicho, com estátua de um frade agostinho. O painel é quebrado para fazer canto. Ao centro, Santo Agostinho sentado numa bela cadeira de espaldar junto a uma mesa, entregando os estatutos da Ordem a um grupo de seis frades ajoelhados. No livro lê-se: *Antê / omnia / frates / charissi / mi Di / ligatur / Deus*.

À esquerda, no exterior, dois frades parecem discutir com um cavalheiro.

- 2) Painel de 14 × 41, quebrado para fazer canto, na parede à direita da porta onde está outro nicho com estátua.
A parte esquerda representa uma batalha. Ao alto, aparição de Santo Agostinho em bispo, entre nuvens. Do lado direito, separado do anterior por uma árvore, grande portal, atrás do qual se vê um frade jazente entre um grupo de guerreiros e mulheres.
- 3) Painel à direita da porta do coro, com 14 × 10 azulejos. Apresenta dois agostinhos, de chapéu e bordão.

- 4) Painel à direita da porta que comunica com a cantina. Tem 14×39 azulejos, fazendo ângulo.
Do lado esquerdo, dois homens em traje civil comentam um livro. Por detrás, num edifício com portal jónico, assoma a uma janela a Virgem, aureolada de estrelas e em postura de oração. Seguem-se árvores e o que parece ser um jardim. Ao alto, um anjo aponta para a legenda: TOLLE LEGE. TOLLE LEGE, dirigindo-se a uma figura de fidalgos sob uma árvore, o qual segura na mão esquerda um livro aberto onde se lê: *Non in / comessa = / rionibus, / ... indu / ... imini Do / minū Iesū / Christum.*

No vão da porta que se abre para o coro, dois painéis de 12×9 azulejos, com *Santos*. O do lado direito tem aos pés uma coroa aberta e um ceptro; o do lado esquerdo empunha uma palma.

Estes azulejos aparentam-se com os do Salão, e serão, como aqueles, de cerca de 1720-30. A *Sala ao topo das escadas*, dando para a galeria superior do claustro, tem revestimento parietal com grandes painéis de cabeceiras recortadas, farto emolduramento barroco com pilastras e anjinhos, urnas recortadas, típico de 1740. A figuração central é relativa aos *Passos da Paixão*, tendo a identificá-los, em pequenos medalhões ovais, vários símbolos:

- a) *Jesus Orando no Horto* = cálix
- b) *Beijo de Judas* = cimitarra e lanterna
- c) *Cristo açoitado* = azorragues
- d) *Cristo Coroado de Espinhos* = coroa de espinhos
- e) *Cristo perante Pilatos* = gomil
- f) *Cristo na Primeira Queda* = bandeira com SPQR

A altura máxima é de 19 azulejos. Entre os painéis figurados estão as composições, tendo ao centro, cartelas com a oração:

*Adoravos Filho de Deus vivo
dulcíssimo JESVS que quizeses
ser cravado em a CRUS ser intole =
ravelmente affligido e que com =
duros cravos fossem atravessadas vo =
ssas mãos e pes, e padecer por espaço
de tres horas cruelissimas dores e ser ator
mentado com uma terrível sede e que*

*vos dessem a beber fel e vinagre e final
mente morrer esgotado todo o vosso
precioso sangue. Assim me remistes o =
amável IESVS: Lembraivos Senhor
vos pesso de vossa piedade, e cari =
dáde tende misericórdia de mim
concedente graça e amor vosso
Amen.*

Esta sala tem, no total, cerca de 1300 azulejos.

Convento de Nossa Senhora da Lapa, antigo (Rua da Lapa, n.º 84)

O antigo Convento de Nossa Senhora da Lapa, há muito convertido em Recolhimento⁽⁷⁰⁷⁾ de senhoras, conserva no interior parte importante da decoração azulejar, toda ela da época da reconstrução, no terceiro terço do século XVIII.

⁽⁷⁰⁷⁾ O edifício do Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo da Lapa foi construído em 1756 para albergar as crianças que ficaram órfãs no Terramoto. Em 1770 a igreja passa a paroquial e, em 1881 o edifício é ocupado pela Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida. No século XX aí se encontra o Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo da Lapa, datando de 1981 o projecto de adaptação a centro de dia para idosos, tendo ainda recebido a Junta de Freguesia e um infantário. (MTV)

Os azulejos mais notáveis encontram-se no grande claustro, forrando as paredes das três quadras, tendo desaparecido a parte correspondente ao lado sul. A decoração é feita com painéis de cabeceiras recortadas, de 16 de alto na parte central, pintura azul sobre rodapé marmoreado. Os painéis têm o molduramento de tipo concheado, com urnas laterais centrando as curiosas figurações que mostram passos da Vida de Santa Margarida de Pazzia.

Na ordenação dos painéis obedeceu-se à hagiografia consagrada da santa, e assim se mostra:

- 1) *Comunhão de Santa Margarida na Companhia de Sua Mãe*
- 2) *A Santa Comungando da Mão de Frades*
- 3) *Santa Margarida Lê Uma Carta junto ao Altar, enquanto a Custódia Deixa Sair Um Feixe de Luz*
- 4) *Santa Margarida Participa aos Pais a Sua Intenção de Professar*
- 5) *Profissão de Margarida com a Assistência dos Pais*
- 6) *Aparição de Santa Catarina de Siena à Jovem Professa*
- 7) *Santa Margarida entre São Bartolomeu (de Cutelo na Mão) Uma Santa (não identificável por falta de atributos) e São Bernardino de Siena (como ideograma e IHS no peito)*
- 8) *Visão de Santa Margarida: Casamento Místico com Jesus, entre Santo Agostinho, Santa Catarina e outra Santa Coroada*
- 9) *Visão de Santa Margarida: Coroação de Espinhos por Cristo na Companhia dos mesmos Santos e mais São Bartolomeu*
- 10) *Visão de Santa Margarida: Cristo Dando-lhe o Coração*
- 11) *Santa Margarida, Coroada de Espinhos, Tem no Peito o Coração com a Palavra VERBUM. Santo Agostinho Aponta ao Coração com Uma Seta*
- 12) *Visão de Santa Margarida: Recebendo os Estigmas de Um Grande Crucifixo*

Aos cantos do claustro, voltados para a galeria interior, há mais os seguintes painéis:

- 13) *Santa Margarida no Locutório ao Ser Tentada pelo Demónio em Traje de Mulher*
- 14) *Santa Margarida Salva da Tentação por Cristo*
- 15) *Santa Margarida, em Oração, Tem o Coração em Fogo, o Qual Parece Vir a Ser Apanhado por Um Jacto de Água que Vem do Céu*

Depreende-se que a colecção iconográfica ficaria completa com mais quatro painéis, os das paredes do claustro e outro no canto do sul que, como se disse, foi alterado para a construção de uma parte dos edifícios do Recolhimento.

Na sala de jantar mantém-se o silhar de 10 azulejos de altura, em painéis policromos, com belos vasos cheios de frutas e flores: uvas, figos, romãs, rosas, etc.⁽⁷⁰⁸⁾ No corredor lateral do claustro está um silhar corrido de 7 azulejos de altura, pintura azul, figuração convencional de ermitões.⁽⁷⁰⁹⁾

Toda esta azulejaria, cujo maior interesse reside nas figurações hagiográficas, é imediatamente posterior ao Terramoto e proviria de alguma das oficinas daquela mesma rua, conhecida como pertencente ao Bairro do Mocambo.

(708) No outro refeitório encontram-se painéis ornamentais e figurativos a azul e branco. (MTV)

(709) Também a sala da direcção possui painéis com eremitas. O átrio é revestido com silhares policromos com almofadas amarelas com florões ladeadas de pilastras e rodapé marmoreado. Silhares policromos encontram-se ainda na antiga portaria, com pilastras, almofadas e cartelas com símbolos e inscrições: coroa de espinhos e instrumentos de penitência com a inscrição: «Aut páti, aut móri»; coração em chamas trespassado por seta com inscrição «Charitáte vulneratum»; pomba do Espírito Santo e inscrição «Volat, ut quiés cat»; livro. Na capela, silhares policromos contêm composições ornamentais a azul. Noutros espaços encontram-se painéis de padrão pombalinos. (MTV)

Convento de Nossa Senhora da Quietação, antigo

Igreja de uma nave e capela-mor da mesma largura da nave.

As paredes, tanto da nave como da capela-mor, têm revestimento de azulejo em silhar recto de 20 de alto, com rodapé marmoreado roxo. Na parte superior os painéis são azuis, de emolduramento concheado, tendo no centro medalhões figurando a *História da Fundação do Convento* elucidados por legendas sem latim.

No corpo são dez os painéis, um dos quais prejudicado pelo púlpito; na capela-mor os painéis são seis, idênticos. Trata-se de azulejaria de cerca de 1760. Na Sala do Despacho, o conjunto da talha, pintura e azulejos é notável! O silhar azulejado é de 11 azulejos de altura, acima do qual se segue a talha até à sanca e que emoldura os quadros (telas) com: *Anunciação, Visitação, Adoração dos Pastores*, etc. O tecto é apainelado com telas. O silhar de azulejos é notabilíssimo: pintura azul com tracejado a manganês, ainda dos finais do século XVII, mas acusando a tendência ornamental do século XVIII, com volutas e grinaldas, anjinhos e *cartouches*, nas quais estão emblemas da Ordem (três cruzeiros em bandeiras) e franciscanas.

Convento de Santa Joana

.....

Convento de Santa Marta, antigo (Hospital de Santa Marta)

Na actual portaria estão colocados dois grandes painéis, para aqui deslocados de outro local que me não foi possível apurar. Encontram-se encaixilhados em moldura de madeira, como quadros, e são ambos da mesma dimensão: 28 × 21.

O da parede do lado esquerdo de quem entra representa *São Francisco Lançando o Hábito a Santa Clara*; o que está na parede fronteira mostra o *Milagre da Custódia*, vendo-se Santa Clara saindo do convento e seguida das freiras, ostentando a Custódia, a cuja vista as hostes sarracenas se dão por vencidas. A pintura é azul forte sobre branco. Desenho vigoroso e largo, com sombras acentuadas, se bem que não extremamente correcto. Julgo que se trata de trabalho que pode ser atribuído a Gabriel del Barco, de época próxima dos seus trabalhos conhecidos entre 1692-1700, sendo notáveis pelo tamanho e composição.

LIX

O claustro tem, em todo o redor, um silhar de azulejos ornamental de vasos, azul, estando os painéis enriquecidos por cabeceiras recortadas com ornamentação de anjos. No piso superior do claustro há também um silhar azulejado, mas de moderna feitura. Notável é o revestimento da sala que parece ter sido a Casa Capitular do convento, servindo actualmente para abrigar o Museu dos Hospitais Cívicos. Os azulejos forram inteiramente as paredes em painéis figurando passos da vida franciscana. É de notar que há duas séries de azulejos, ambas figuradas e ambas do século XVIII e até de época próxima de 1740, mas de diversas feitura.

Ainda pertencendo aos edifícios conventuais notei um corredor – túnel – nas traseiras do hospital, guarnecido com azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinhas», completos, com cercadura a condizer. É dos conjuntos mais notáveis no género, pela enorme variedade de motivos figurados, alguns extremamente raros.⁽⁷¹⁰⁾ Dos azulejos trazidos de outros locais, notei um painel representando *Santo António Pobre* (colocado no claustro), um outro com uma alegoria à *Primavera* (ambos, na escada do claustro) e uma bela composição do tipo «grinaldas», com a imagem de *Nossa Senhora da Salvação*,⁽⁷¹¹⁾ num

(710) Estes azulejos foram colocados na «Sala dos Passarinhos», durante obras de remodelação efectuadas cerca de 1970. (MTV)

(711) Painel neoclássico enquadrando mesa de lavabo, organizado como retábulo. Na parte central, com colunas em *trompe-l'oeil* e frontão recortado, encontra-se *Nossa Senhora*, ladeada por *Santo António* e *São Sebastião*. Em baixo, cartela contendo a inscrição «E Em.^{mo} Snr. Cardial Patri./archa Consede 200 dias de In-/dulgencias a quem saudar/a Nossa Snr.^a da Salvação.». Lateralmente, sobre embasamento arquitectónico com anjos sentados em volutas, representam-se o *Milagre das Rosas*, com D. Isabel e D. Dinis e uma alusão ao *Milagre da Custódia*, protagonizado por

corredor. Este último deve ser já dos primeiros anos do século XIX; os anteriores são do final do XVIII.⁽⁷¹²⁾

Convento de Santa Teresa, antigo (Carnide)

O Convento foi fundado em 1642, sendo o segundo que as Carmelitas Descalças tiveram em Portugal.

Em todo o redor da igreja – corpo e transepto – vemos bonitos painéis historiados azuis, do século XVIII (meados) que atingem a altura de três metros. Todos eles se referem a passagens da Vida de Santa Teresa.

Na sacristia encontra-se um registo datado numa cartela de azulejos: «ANNO DE 1725», e que certamente se refere a todos os azulejos do século XVIII. Desta mesma época devem ser os azulejos historiados que se vêem no baixo coro, onde se encontra, o belo túmulo de mármore marchetado da Infanta D. Maria, filha de D. João IV, construtora da igreja e falecida em 1693.

No locutório há um curioso silhar de azulejos historiados e com legendas. Não estão datados, mas parecem ser de fabricação anterior aos do corpo da igreja. São muito interessantes sob o ponto de vista iconográfico.

Dispersos pelo claustro – corredores, escada, etc. – encontram-se ainda azulejos de figura avulsa, de flores nos cantos. No corredor do coro alto vêem-se restos de um painel policromo representando a *Verónica*.

Convento de Santo António dos Capuchos

No átrio ou galilé, revestimento das paredes laterais e da frontal com azulejos figurados azuis, emolduramento barroco. Nas paredes laterais os painéis ladeiam as portas e têm figurações de S. DIOGO e S. P^{ro} DEALCANTARA. Dois anjos são portadores dos instrumentos da Paixão.

Ladeando a porta principal, dois painéis, respectivamente com a *Pregação aos Peixes* e *Milagre da Mula*, este bastante deteriorado por falta de azulejos. Os azulejos serão de cerca de 1740, nada tendo que ver com a data de 1698 que está na porta da igreja.⁽⁷¹³⁾

Santa Clara, que afugentou os soldados no assalto ao Mosteiro de São Damião. Estas cenas são encimadas por urnas com flores e pássaros em voo. O painel é atribuído a Francisco de Paula e Oliveira, integrando-se na produção da Fábrica do Rato.

(712) Na antiga igreja encontram-se alguns painéis azuis e brancos de características rococó, com diversos santos, entre os quais se encontram São José e São Francisco. A cafetaria foi revestida com painéis azuis e brancos, de cercaduras rococó, contendo cenas campestres e de pesca e caça e, na antiga papelaria, os azulejos de figura avulsa alternam com azulejos de padrão pombalinos. Nas escadas, deparamo-nos ainda com outros painéis policromos de cercadura rococó, um deles representando *São Miguel Pesando as Almas do Purgatório*, ladeado por composição de almofadas com vasos de flores e o outro contendo cena campestre na parte superior e anjo na inferior. Vide: VELOSO e ALMASQUÉ, 1996, pp. 91-111. (MTV)

Recentemente, o Museu da Polícia Judiciária tem promovido no âmbito do Projecto SOS – Azulejo diferentes visitas de estudo aos Hospitais Cívicos. Um levantamento fotográfico exaustivo destes conjuntos azulejares está a ser realizado pela Rede Temática de Estudos de Cerâmica e Azulejaria João Miguel Santos Simões. (AGC)

(713) No interior da igreja, painéis barrocos com profusão de anjinhos, em que a representação de colonatas se alia à cercadura com elementos arquitectónicos, criando espaço tridimensional. As capelas laterais intercomunicantes albergam cartelas com símbolos marianos e cristológicos, inseridas em estruturas arquitectónicas, enquanto azulejos de figura avulsa recobrem os corredores de comunicação. Entre as capelas, enquadramentos barrocos com santos franciscanos sobre peanhas com inscrições identificando-os: São Bernardino de Siena, São Diogo, São Luís Bispo. São Jacob de Marca e São Boaventura Cardeal.

Os painéis da capela-mor são anteriores, do início do século XVIII, e estão atribuídos a António Pereira. Contêm episódios da Vida de Santo António: *Pregação de São António*, dois painéis com franciscanos em oração, *São Francisco Consagrando o Vinho*; *Santo António a Pregar aos Peixes*, dois painéis com franciscanos a rezar, *Santo António Consagrando o Pão*. As cercaduras são de enrolamentos de acanto com mascarões no canto e rodapé com *putti*. Nos dois nichos encontram-se cestos de flores. No Pátio do Relógio localizava-se a boca de cisterna sobre a qual se encontra um relógio de sol. É forrada com azulejos azuis e brancos com ornamentação contendo querubins, volutas e asas de morcego, contendo medalhões com ramos de lírios.

As instalações hospitalares ocupam ainda o Palácio Mello, adquirido cerca de 1718 por D. Pedro José de Melo e ocupado em 1845 pelo Antigo Asilo de Mendicidade. No piso inferior encontram-se azulejos de albaradas, sendo a escadaria revestida com azulejos barrocos recortados, encimados por panópias de armas ladeadas de anjinhos, com cenas bélicas, que se estendem ao átrio do piso superior. No andar nobre, painéis barrocos encimados por sanefas e brasões dos vários ramos da família, encerram cenas campestres e caçadas. Outro conjunto é composto por painéis apresentando cenas bíblicas ou mitológicas e paisagens, com cercaduras rectas. Noutro espaço observa-se azulejos de dança e música com cercaduras rectas de onde pendem grinaldas. São de referir ainda um painel religioso representando uma pregação e outro com características rococó. Vide: VELOSO e ALMASQUÉ, 1996, pp. 113-146. (MTV) Recentemente, o Museu da Polícia Judiciária tem promovido no âmbito do Projecto SOS – Azulejo diferentes visitas de estudo aos Hospitais Cívicos. Um levantamento fotográfico exaustivo destes conjuntos azulejares está a ser realizado pela Rede Temática de Estudos de Cerâmica e Azulejaria João Miguel Santos Simões. (AGC)

No claustro, silhar corrido de 11 de alto com rodapé marmoreado roxo, de vasos e golfinhos, em grupos de 6×5 com jarras a separar e barra de folhas encurvadas. Ao todo vemos trinta e três vasos.⁽⁷¹⁴⁾

Convento de Santos-o-Novo⁽⁷¹⁵⁾

Capela da Encarnação: Nesta capela, do claustro baixo, silhar de 12 de alto, em painéis azuis com figuração de *São Joaquim, São José, David e Santa Ana*. O tipo de pintura é dos princípios do século XVIII, azul-claro, mas de desenho tosco.

Capela de Santa Isabel: Também situada no claustro baixo tem revestimento azulejar de tipo ornamental, de cerca de 1750, representando anjos e sanefa, tudo em azul.

Igreja: Na igreja propriamente dita vemos, na capela-mor, mosaicos! No corpo, silhar de azulejos azuis, em painéis figurados de 20 de alto, contando a história dos *Santos Mártires*. A figuração está contida em quatro painéis grandes e quatro mais pequenos. São do tipo vulgar de cerca de 1730-40.

Na *Capela do Senhor dos Passos*, situada no claustro baixo, o revestimento da parede exterior nas ilhargas da porta é feito com azulejos azuis, de anjos portadores dos emblemas do martírio. Serão de cerca de 1740.

Na *Capela de Santo António*, situada no claustro superior, revestimento ladeando a porta, com figuração de *São Francisco* e de *Santo António*, com legendas pintadas a amarelo e manganês. Serão de cerca de 1750 de pintura azul.

Na antiga *Capela de São João Baptista*, revestimento externo de azulejos de figura avulsa sem cantos. No interior, silhar recortado com figuração referente à Vida de São João Baptista. Têm ao todo 10 azulejos de alto. É de notar que parte deste silhar, com figuração mariana, foi transplantada de outro local. São, aliás, todos da mesma época, de cerca de 1740.

Convento de Santos-o-Velho⁽⁷¹⁶⁾

Segundo a documentação publicada por Vergílio Correia,⁽⁷¹⁷⁾ o azulejador Manuel Borges teria fornecido azulejos para esta igreja em 1741.

O templo, muito arruinado pelo Terramoto, sofreu obras na segunda metade do século XVIII. Actualmente, apenas tem azulejos na capela baptismal, estes mesmos demonstrando transplantação. Pelo tipo e estilo de desenho não se ajustam à data da encomenda de Manuel Borges, antes parecem aproximar-se de 1750. Na escadaria que dá acesso ao coro conservam-se ainda silhares de azulejos azuis historiados, que também não serão de 1741, mas, igualmente, de data posterior.

Convento de São Bartolomeu do Beato

O vasto templo do antigo convento dos Agostinhos Descalços, vulgo do Beato António, além Xabregas, impõe-se mais pela massa arquitectónica do seu interior do que por outros motivos ou mimos artísticos. Apenas quatro das capelas laterais da nave têm a parte inferior das paredes revestidas com azulejos. São, em todas elas, painéis de 13 azulejos de altura, de pintura azul e ostentando em cartelas elípticas símbolos e emblemas relativos às respectivas invocações: *São Sebastião, Nossa Senhora do Rosário e Senhor dos Passos*.

(714) Sobre as datas dos azulejos desta igreja, vide QUEIROZ, 1907, pp. 262,264, e 399 [ou 2.ª edição, vol. I (Lisboa, 1948), pp. 281, 286 e 289, e vol. II, p. 130]. FLÁVIO GONÇALVES

(715) Veja-se sobre este espaço o olhar revisita no Guia do Caminho a Oriente: ARRUDA, 1998, p. 45. (AGC)

(716) Com a mudança do Mosteiro de Santos, a igreja conventual foi transformada em igreja paroquial. Embora a documentação se refira aos azulejos da capela baptismal, a data da encomenda (1741) ajusta-se aos azulejos da escadaria para o coro alto, com a representação de eremitas em oração que teriam sido assentes pelo mestre-ladrilhador Manuel Borges. Vide, também, PEREIRA, 1989, pp. 96-97. (CM)

(717) CORREIA, 1918b, p. 173.

J. M. SANTOS SIMÕES

Os azulejos são do tipo convencional de cerca de 1740, com enquadramentos de pilastras e anjinhos.

Num compartimento que teria feito parte da primitiva portaria, actualmente servindo de casa mortuária, conservam-se alguns painéis do silhar azulejado, com 9 azulejos na altura, incluindo os da cercadura. De bela pintura azul, têm consigo a marca dos princípios do século XVIII, bem patentes no enquadramento de folhagens e cantos de carrancas, e no estilo do desenho de ermitões, paisagens e fonte monumental. As composições encontram-se prejudicadas pela má colocação de alguns azulejos, armários e outros trastes que ocultam a parede maior, impossibilitando a vista dos azulejos. A correcção do desenho e liberdade técnica fazem pensar no estilo dos primeiros pintores do século XVIII, entre os quais se distinguiu António Pereira e Oliveira Bernardes.

Na sacristia mantém-se, com bastante integridade, um silhar de 10 de altura, pintura azul, em painéis limitados por pilastras e anjos. A figuração é tirada do Antigo Testamento, identificando-se as cenas bíblicas de *Moisés Salvo das Águas*, *Conquista de Jerusalém* e uma cena de três personagens, provavelmente um passo narrado no 2.º Livro dos Reis, 13.

Os vãos das janelas estão guarneceados com azulejos de figura avulsa, de estrelinhas, apenas com flores. Este conjunto será coevo dos azulejos das capelas da igreja, ou seja, de cerca de 1740.

Convento de São Bento da Saúde, antigo

Na dependência que foi refeitório do grande Convento de São Bento da Saúde adaptado a Assembleia Nacional e Arquivo do Tombo – restam alguns painéis de azulejos, escondidos pelas estantes de um dos «depósitos».

O longo refeitório foi guarneceado na segunda metade do século XVIII com painéis de azulejos colocados entre os vãos das janelas, e acima das bancadas que contornavam a sala. Seriam oito a dez painéis, de cabeceiras recortadas, com 16 × 22 azulejos, molduramento policromo e centros figurados azuis, com outros tantos passos da Vida de São Bento. Os painéis eram colocados sobre alizar de 7 de alto, formando espaldar de bancada. Nesta, os azulejos são ornamentais de fundos marmoreados, com cartelas envolvendo paisagens (4 × 19) de tipo convencional. Serão azulejos de cerca de 1770.

Convento de São Domingos

Na sala da portaria da sacristia, onde está o túmulo de Fr. Luís de Granada, silhar de 17 de alto com painéis figurados azuis. Os painéis são quatro e alguns encontram-se mutilados. A figuração representa passos da Vida de Fr. Luís de Granada: ⁽⁷¹⁸⁾

- 1) *Frade saindo de um barco enquanto um marinheiro lhe puxa pelo hábito.*
- 2) *Batalha à vista de um castelo.*
- 3) *Dois frades dominicanos, um deles aureolado e descalço, à vista de uma ruína.*
- 4) *Cena de jardim, com duas figuras de fidalgos, tendo um deles um bastão. No centro, à entrada de um palácio, mendigos parecem ser maltratados por um fidalgo.*

Os azulejos serão de cerca de 1720-25, de bom desenho e cor. A cercadura é de anjinhos e folhagens.

Convento de São Domingos de Benfica

Nas paredes laterais do altar-mor o forro é total, tendo cada parede três painéis historiadados e, na parte superior, ladeando as janelas, figuras. Os painéis são circundados por barra de folhagens e os centros mostram cenas da iconografia dominicana. Assim vemos:

LX

(718) Os painéis não representam cenas da vida de Fr. Luis de Granada, mas alguns episódios da *Legenda de São Domingos*. FLÁVIO GONÇALVES

- 1) Dois painéis sobrepostos, separados por emolduramento de anjinhos:
 - a) *São Domingos e outro Santo amparando Um Edifício*
 - b) *Cena de refeitório* (este painel está assinado)⁽⁷¹⁹⁾
- 2) Enquadramento do arcossólio do altar do Coração de Jesus com composições de festões. À direita em baixo, as armas de São Domingos.
- 3) Dois painéis sobrepostos:
 - a) *São Domingos num altar*
 - b) *Encontro com São Domingos*
- 4)
 - a) *Morte de São Domingos*
 - b) *Desponsório místico de São Domingos*
- 5) Painel igual ao fronteiro
 - a) *Virgem dando o escapulário*
 - b) *Sermão de São Domingos*

A capela-mor tem três painéis, sendo de António de Oliveira Bernardes o do meio.⁽⁷²⁰⁾
O inferior é de outro pintor e de outra fornada⁽⁷²¹⁾

- 7) *Aparição da Virgem a São Domingos*
- 8) *Visão mística*

Na parte superior enquadrando as janelas, há azulejos com figuras alegóricas, tendo, duas delas, as armas respectivamente da Ordem de São Domingos e as Cinco Chagas. Nas capelas do cruzeiro o forro é total. Num painel esta assinatura:

An^{to} do liueira
Ber^{des} fecit⁽⁷²²⁾

Convento de São Francisco de Xabregas⁽⁷²³⁾

O antigo convento foi cabeça da Província dos Algarves da primeira Ordem Franciscana Reformada, onde veio a ser instalada a Fábrica de Tabacos, da Companhia Portuguesa de Tabacos. O conjunto dos edifícios é o que resultou das obras mandadas fazer após um incêndio nos fins do século XVIII, nada tendo ficado das primitivas fábricas dos séculos XVII e XVIII.

No interior, congestionadamente alterado, são de admirar o conspecto da grande igreja – hoje serralharia – o que ficou da portaria, com a célebre Capela do Calvário – agora vestiário do pessoal feminino – e bem assim os vastos corredores, a antiga cozinha e o claustro, este transformado em cantina.

(719) Os painéis figuram, respectivamente, *São Domingos Sustentando a Basílica de São João de Latrão, segundo o Sonho do Papa Inocêncio III e O Milagre da Refeição dos Frades Dominicanos do Convento de S. Sixto em Roma*.

Sobre estes temas, vide RÉAU, 1955-58, t. III, pp. 395 e 397.

FLÁVIO GONÇALVES

(720) Representa o *Êxtase de São Francisco de Assis no Monte Alverno*. Sobre este assunto iconográfico veja-se a nota relativa ao painel do mesmo tema que se encontra no antigo Convento da Madre Deus de Lisboa (Museu do Azulejo).

FLÁVIO GONÇALVES

(721) Sobre o possível autor deste painel, e as fontes iconográficas que utilizou, vide SMITH, 1973a.

FLÁVIO GONÇALVES

(722) Esta assinatura, revelada em 1889 por Gabriel Pereira, tem sido sucessivamente registada e comentada. Vide: BNL, 1924, p. 427; CARDOSO, 1936, p. 16; CORREIA, 1917, p. 201; PEREIRA, 1889, vol. III, p. 100; PEREIRA, 1910, p. 10; VITERBO, 1903, p. 118; QUEIROZ, 1948 e 2002, p. 28, n.º 38; SANTOS, 1957, pp. 115-116; SMITH, 1975b, pp. 3-4.

FLÁVIO GONÇALVES

(723) Veja-se sobre este espaço o olhar revisita no Guia do Caminho a Oriente: ARRUDA, 1998, p. 73. (AGC)

Existem azulejos um pouco por toda a parte, a grande maioria dos quais datando das últimas obras conventuais – cerca de 1770 – sendo destes os mais notáveis, aqueles que revestiam a parte térrea correspondente ao coro da igreja, ornamentais a dois tons de azul, tipo «Necessidades».

Junto à entrada da igreja estava a capela onde outrora se encontrava o célebre *Calvário*, que foi parar à Igreja de São Francisco, de Tomar. É nesta antiga capela que estão os azulejos figurados, em silhar de 12 de alto, com painéis de emolduramento policromo e figuração azul – enquadramento *rocaille* já com limites de colunas marmoreadas. A figuração é referente a passagens do Antigo Testamento, com inscrições latinas. Os azulejos mais interessantes, porém, são os da antiga cozinha e que são de figura avulsa, de «estrelinhas», impondo-se como conjunto pela quantidade e também pela variedade. Nos corredores, escadaria e outros compartimentos, os azulejos conformam-se com os tipos mais vulgares de padrão pombalino ou de composições ornamentais policromas de almofadas marmoreadas.

Convento de São João de Deus, antigo

Está este convento ocupado pelo Quartel da Guarda Nacional Republicana. No átrio da entrada, silhar de cestos com anjinhos.

No interior, silhar de 13 de alto, em painéis historiados, azuis. São ao todo nove painéis, de sanefas com borlas, do meado do século XVIII. Representam passos da Vida da Virgem e de Jesus,⁽⁷²⁴⁾ a saber:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Santo (?) Rezando entre Rebanho*
- 3) *A Virgem Dando de Beber a Um Cavaleiro*
- 4) *Cavaleiro Orando*
- 5) *Milagre de um Barco*
- 6) *Aparição do Menino Jesus ao Cavaleiro*
- 7) *O Cavaleiro, Já Aureolado, Escutando Um Sermão*
- 8) *Cena do Martírio e Flagelação*
- 9) *Cena nocturna com Cabana e Grupo Aquecendo-se ao Fogo*

Na varanda, que dá sobre o aterro, painéis epigrafados, muito interessantes:

- 1) *Grupo de três figuras com dísticos:*
 LOS VICOS NO CONOCEMOS
 POR LA GRAN SIMILITUD
 QVE CON LA VIRTUD LES VEMOS
 PERO SIEMPR LA VIRTUD
 SE APARTA DE SVS ESTREMOS
- 2) *Figura alegórica mostrando o vício (?):*
 LA VIRTUD ES PROPIEDAD
 QVE A LOS HOMBRES CALIFICA;
 Y ES MVI GRANDE NECEDAD,
 EL QVE A ELLA SE APPLICA,
 PRESVMIR DE CALIDAD

⁽⁷²⁴⁾ Equívoco. Os painéis representam cenas da biografia legendária de São João de Deus. Vide: GOUVEIA, 1658; RIBADENEYRA, 1704, pp. 399-413. FLÁVIO GONÇALVES

3) *Figura de anjos mandando calar:*

QVANTOS MALES HAN NACIDO
 DEL DEMASIADO HABLAR
 A TODOS ES CONOCIDO
 PERO NVNCA POR CALLAR
 SE VIO NADIE ARREPETIDO

Convento de São Paulo, antigo (Calçada do Combro)

Na grande sala da portaria, revestimento do silhar em painéis de 12 de alto e guarnições entre portas. Os painéis são limitados por cercaduras de anjinhos e folhagens. São ao todo sete painéis em cujos centros figurados se contam passos da Vida de São Paulo Eremita, sendo de notar aquele onde o santo, levado por um anjo, se despede da mãe. É interessante o fundo arquitectónico, com um palácio. É manifesto que se trata de trabalho oficial de A. de Oliveira Bernardes, com intervenção do mestre, de cerca de 1718. Infelizmente estão deteriorados em parte (olhos furados, etc.).

Dando entrada à portaria – na passagem – silhar de azulejos de desenho avulso: flores de tipo pouco vulgar.

Convento de São Pedro de Alcântara, antigo ⁽⁷²⁵⁾

Na igreja silhar recortado azul, com painéis figurando passos da Vida de São Pedro de Alcântara.

Na capela-mor, painéis iguais aos anteriores, de cerca de 1740.

Na sacristia, silhar baixo, de concheados e marmoreados, cercadura policroma e centros azuis, de cerca de 1780.

Por todo o edifício silhares com azulejos avulsos, sem estrelas, e ainda tipos mais recentes de «almofadas».

Convento de São Vicente de Fora, antigo ⁽⁷²⁶⁾

INTRODUÇÃO

O complexo arquitectónico que foi o convento dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, também conhecidos por Crúzios, do título da casa-mãe de Coimbra – Santa Cruz – tomou a invocação do mártir São Vicente que já era do velho convento medieval, fora dos muros da Lisboa conquistada por D. Afonso Henriques. A denominação de São Vicente de Fora manteve-se através dos séculos e perdura na toponímia lisboeta, se bem que desde os finais do século XIV já tivesse entrado para dentro da cidade, novamente muralhada.

Monumento capital de Lisboa, a ele estão ligados factos históricos da maior importância, já que a própria Ordem Agostiniana representou relevante papel desde os primórdios da nacionalidade até à extinção de 1834.

Os problemas ligados à génese artística dos edifícios actuais, começados a construir no mesmo território ocupado pelo antigo cenóbio, no último terço do século XVI, têm preocupado alguns dos eruditos que sondam as razões da nossa arquitectura sem que, em boa verdade, se tenha estabelecido indubitavelmente quais os responsáveis pela traça e execução dos notáveis e vastos edifícios. ⁽⁷²⁷⁾

(725) Vide Rosário Salema Carvalho – «A Vida Gloriosa de São Pedro de Alcântara», in *Olisipo*, Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa», Janeiro-Dezembro de 2004, 2.ª série n.º 20-21, pp. 60-72. (AGC)

(726) Sobre este edifício vide revista *Monumentos*, n.º 4, Março de 1994. (AGC)

(727) A mais recente contribuição deve-se ao Senhor Ayres de Carvalho, no 2.º vol. de *D. João V e a Arte do Seu Tempo*.

Não vou reindicar o muito que se tem escrito sobre a matéria, nem preocupar-me com a análise dos elementos formativos do conjunto de São Vicente de Fora, cuja igreja é, sem dúvida, dos mais notáveis exemplares da arquitectura contra-reformista existente em Portugal. Como aconteceu com os grandes templos construídos no decurso do século XVI, quando as formas arquitectónicas continham em si mesmas os elementos plásticos da decoração, nomeadamente naquelas onde os materiais de construção, pela sua nobreza, enriqueciam e dignificavam as fachadas e os interiores, dispensou-se o recurso às adjectivações acessórias – talha e azulejo – que haviam de fazer a fortuna das edificações menos ricas em cantarias dos séculos XVII e XVIII. É assim que, na Igreja de São Vicente de Fora, se não encontram avantajados estes primores da arte decorativa portuguesa, se bem que na época da sua construção já eles se utilizassem ainda que parcimoniosamente.

É na parte propriamente conventual – claustros, escadas, corredores, salas, etc. –, que somos compensados com a insistente presença do azulejo que faz deste conjunto o maior repositório da especialidade em terras que são ou foram portuguesas! Na verdade, debaixo dos telhados que cobrem enormes edifícios, abriga-se ainda hoje mais de uma centena de milhar de azulejos, no espantoso estendal de superfícies cerâmicas inigualado em qualquer parte. A azulejaria do antigo convento dos cônegos de Santo Agostinho tem sido referida, com maior ou menor desenvolvimento, por quantos têm descrito esta veneranda casa. Além das obras gerais, como o *Guia de Portugal* (I, 289), a *Lisboa Antiga – Bairros Orientais*, vol. VII, 2.^a ed., 1937, etc., encontram-se notícias mais desenvolvidas em José Queiroz (*Cerâmica Portuguesa*, 1.^a ed., 241), em Liberato Teles (*Pavimentos*, 212) e na recente monografia de Norberto de Araújo (*Pequena Monografia de S. Vicente*) o qual dedica um pequeno capítulo à enumeração sucinta dos azulejos que se encontram nos locais mais acessíveis ao público. Visando especialmente a cerâmica decorativa do convento vicentino, escreveu José Queiroz dois pequenos estudos sob o título *Azulejos de S. Vicente de Fora*. O primeiro, publicado simultaneamente na revista *Faenza* (1.^o ano, fase 3, Julho-Setembro de 1913) e no *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (t. XIII, 5.^a série, n.^o 3, 1913), tem ainda hoje bastante interesse e validade. No outro, publicado na *Revista da História* (da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, n.^o 8, Outubro-Dezembro 1913) descreve apenas o grande painel com o cortejo que se encontra no terraço superior do claustro do lado nascente.⁽⁷²⁸⁾ Ninguém, porém, se abalçou ao estudo global da azulejaria de São Vicente de Fora, a qual, já pela quantidade das espécies, já pela sua qualidade artística, já pelas lições que contém, merece relevância muito especial, no quadro dos estudos da azulejaria portuguesa do século XVIII.

Procurando entre os milhares de azulejos aqueles que tipologicamente possam ter sido os primeiros instalados, julgo não ter encontrado espécies anteriores aos finais do século XVII, facto tanto de estranhar quando consideramos a sumptuosidade e preocupações artísticas postas nas obras efectuadas durante e após o período filipino, quando Portugal inteiro se começa a vestir de louça. Nem a cronologia das obras onde escasseiam datas preliminares, nem a documentação revelada, ajudam a compreender a razão da parcimónia decorativa, ali onde ela já se justificava por maior pobreza dos materiais construtivos e de acabamento. Custa a crer que tão vasta fábrica como é a da parte conventual de São Vicente tenha podido dispensar o azulejo policromo seiscentista que noutras casas da Ordem encontra profusa aplicação.⁽⁷²⁹⁾

(728) Sobre alguns aspectos iconográficos de painéis deste conjunto, *vide* também: VASCONCELOS, 1923, pp. 56-57; SMITH, 1973a, pp. 401-402. No último dos trabalhos citados, Robert C. Smith identifica a gravura francesa que serviu de modelo ao autor de um dos painéis de azulejo do claustro de São Vicente de Fora.

(729) As casas crúzias de Grijó, Moreira da Maia e Santarém são disto exemplo frisante e, com certeza, a casa-mãe de Coimbra, na parte conventual foi também adornada com azulejo policromo.

Enumeração descritiva dos seus azulejos	Parciais	Totais
<i>Planta Térrea</i> (Ao nível da Igreja)		
I		
<i>PORTARIA</i> – silhar em 5 painéis, dos quais 4 dos cantos são dobrados. Altura comum 9 azulejos, comprimentos diferentes $(2 \times 11) + (2 \times 13) + 6$, sejam, no total 9×54	486	
Cenas de caça vulgares, enquadramento barroco vulgar, sem recortes. Estado de conservação mau.		
II		
<i>CORREDOR</i> – entre a portaria e claustro – silhar com quatro painéis e mais cinco guarnições ladeando portas. Aqueles são de cabeceiras recortadas com 13 azulejos no eixo, computando-se, para efeitos de cálculo, em 10 a altura média. As guarnições totalizam 100 azulejos, sejam, portanto: $2 \times (11 \times 9) + (11 \times 15) + (11 \times 7) + 100$	540	
Paisagens vulgares. Enquadramento barroco de anjos, pilastras e festões. Aos cantos dos painéis e no topo das guarnições, urnas ornamentais, as quais se não computam no cálculo.		
Total destas duas dependências	1026	1026
III		
<i>ANTIGA CAPELA DO PATRIARCA</i> – a qual abre para o corredor da portaria, tendo igualmente acesso pelo claustro e ainda pela secretaria do pároco e pelo gabinete deste. Revestimento das paredes em silhar liso com painéis de altura uniforme de 16 azulejos, começando directamente do pavimento. São ao todo onze painéis, todos com sua barra de 2 azulejos de folhas de acanto retorcidas e anjinhos a branco sobre fundo azul. ⁽⁷³⁰⁾		
1 – Painel de 16×12 . Estado de conservação muito bom.	192	
Um cônego regrente entrega duas chaves a outro que as recebe ajoelhado. Na parte inferior do painel, como supedâneo, medalhão onde se vê um religioso apontando para um altar, estando, à esquerda, um grupo de pessoas. Sobre esta cena, a legenda inscrita em tarja:		
<i>NON EST HIC ALIVD NISI DOMVS DEI ET PORTA Cae LI Gen. 24 n.º 28</i> (esta passagem está mal cotada, é de facto Gen. 28, 17).		
2 – Painel de 16×21 . Bom estado. Caíram 2 azulejos que vão ser colocados.	336	
Um guerreiro seguido por soldados e crianças dirige-se a um convento onde é recebido por quatro monges. No interior do convento, à direita, vê-se o mesmo guerreiro a ser despojado das vestes marciais e a ser coberto com o hábito religioso. A figuração ocupa todo o campo do painel; não tem legenda.		
3 – Painel de 16×13 , estado de conservação muito bom.	208	
Parece querer representar o interior do Convento de Santa Cruz, de Coimbra, cuja sugestão é dada pelo «manuelinismo» da arquitectura, particularmente na parte do claustro. Do lado da direita, grupo de 10 religiosos, um dos quais está nimbado, ajoelham à passagem no claustro de uma procissão. Ao centro do pátio claustral está uma fonte sobrepujada por estátua que parece <i>Apolo</i> com a lira.		
4 – Painel de 16×23 – na parede do lado nascente. Estado de conservação óptimo.	368	
Pretende representar a <i>Tomada de Santarém aos Mouros</i> . À esquerda a margem sul do Tejo, com a vista de um palácio que só poderia ser o de Almeirim.		
A transportar	1104	1026

(730) Robert C. Smith atribuiu os painéis desta capela ao pintor de azulejos Manuel dos Santos, *vide* SMITH, 1975b.

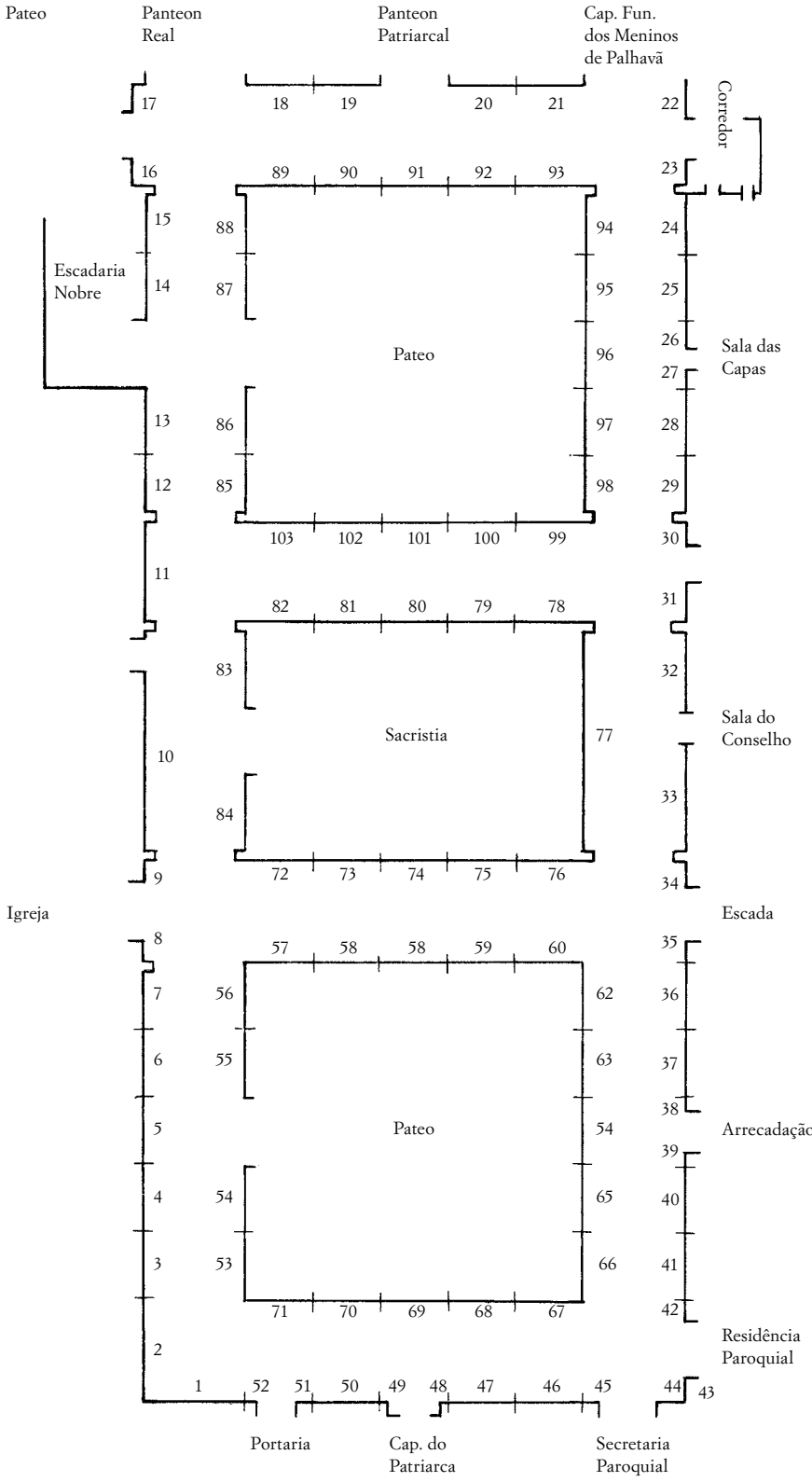
Transporte	1104	1026
Na Ribeira de Santarém vê-se nitidamente e com muito realismo a «memória» de Santa Iria e a igreja vizinha. A meia-encosta uma igreja que pretenderia ser Santa Cruz e junto ao caminho a Fonte das Figueiras. Sobre o monte, à direita, o Convento de Santa Clara. A parte fortificada de Santarém é um tanto convencional, distinguindo-se no entanto uma porta que seria a «Porta do Sol». 5 – Painel de 16 × 57 – na mesma parede, interrompido pela teia. Estado de conservação óptimo. O célebre e já divulgado painel com a pretensa <i>Conquista de Lisboa aos Mouros</i>. À esquerda, sobre um monte – que só poderia logicamente ser o Carmo – vê-se uma igreja em construção, junto a um acampamento militar. Na parte inferior, no Tejo, uma bela galera com seus remadores e o castelo da popa de uma nau em cujo nicho se percebe a imagem de Nossa Senhora. Segue-se o desembarque das tropas que acometem as muralhas bem defendidas. No alto está o Castelo com as edificações do Paço da Alcáçova e os paredões seiscentistas (!). Por brecha aberta nas muralhas com auxílio de uma máquina de guerra, entram soldados atacantes enquanto outros assaltam por escadas investindo contra os mouros. Destaca-se o edifício da Sé, já com suas torres, pináculos e torre sineira. Na parte da direita representou-se D. Afonso Henriques montado em corcel, de armadura e capacete à romana levando o braço protegido por escudo com as armas reais portuguesas. Segue-o um porta-bandeira cujo pano tem bordado um crucifixo e trompetas também com as armas reais.	912	
6 – Painel de 16 × 13, na parede do lado do Sul. Bom estado. <i>D. Afonso Henriques Examina a Planta da Igreja de São Vicente de Fora</i> que lhe é apresentada pelo mestre-de-obras, ajoelhado, e dois religiosos de hábito. Ao fundo a fachada da igreja (actual) em processo de construção; à esquerda o acampamento da tropa, vendo-se, numa das tendas, um altar com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Mais longe uma série de camas onde jazem soldados enfermos a ser assistidos por religiosos.	208	
7 – Painel de 16 × 13, na mesma parede. Bom estado. Retrato de corpo inteiro de <i>D. João V</i>,⁽⁷³¹⁾ certamente logo que subiu ao trono. Na moldura, ao centro, cartela segura por dois anjinhos onde se lê: <i>Ioan. 5^{us} / Rex</i>. Na parte inferior do painel, paisagem tendo ao centro a figura do Rei e grupo de cavaleiros à esquerda. Desenho magnífico! Na tarja lê-se: <i>REDITE ERGO QU& SVNT S&SARIS C&SARI ET QU& SVNT DEI DEO</i> (não tem a cota bíblica) (Ev. S. Math. 22 21).	208	
8 – Painel de 16 × 12, na parede do lado do poente. Bom estado. Retrato de <i>D. Pedro II</i>, corpo inteiro e tamanho natural. Magnífico! Na cartela superior: <i>Petrus. 2^{us} / Rex</i>. Na parte inferior, o Rei empunhando um bastão entre dois grupos de Fidalgos, vendo-se no céu a figura do Padre Eterno com nimbo triangular. Tem a inscrição: <i>DILECTVS DEO ET HOMINIBVS eccl: 45 n.º 2</i> (o versículo confere com Eccl. 45 1).	192	
A transportar.....	2624	1026

(731) Vide ARRUDA, 1989, pp. 13-17, onde pela primeira vez se valoriza e trabalha este «género» aplicado à pintura azulejar. Vide CÂMARA, 2008. (AGC)

Transporte	2624	1026
9 – Painel de 16 × 12, na mesma parede, bom estado.	192	
Retrato de <i>D. João IV</i> , com a legenda superior: <i>Ioan 4^{us} / Rex</i> . O retratado está de armadura, coroadado, ostentando a venera da Ordem de Cristo. Na parte inferior vê-se o Rei junto a um mausoléu. Na tarja a legenda: <i>HaeC Rae QVIES MEA IN SaeCVLVM SaeCVLI HIC HABITABO QVONIAM ELEG. EAM. Psal. 131 vº14</i> (Confere: é hoje o Salmo 132,14).		
10 – Painel de 16 × 12, na mesma parede, bom estado.	192	
Retrato de <i>D. Sebastião</i> , com legenda: <i>Sebas. 1^{us} / Rex</i> . Na parte inferior o Rei de espada e manto está entre dois exércitos que se afrontam e aprestam para a batalha. Tem a legenda: <i>ASAGITTA VOLANTE IN DIE DADENT ALATERE TVO MILLE & DECEM MILLIA ADEXTRIS TVIS AD TE AVTEM NON APPROPINQVABIT</i> , sem cota.		
11 – Painel de 16 × 12, na mesma parede; parte dos azulejos inferiores está deteriorada. O prior mandou fazer azulejos novos para substituir os defeituosos.	192	
Retrato de <i>D. Afonso Henriques</i> com a legenda superior: <i>Alph. 1us / Rex</i> . O Rei está coroadado – coroa aberta – coberto com manto de arminho e espada nua na mão. Tem na tarja a legenda: <i>DONEC AVFERATVS LVNA</i> (sem cota).		
Total de azulejos nesta Capela do Patriarca.....	3200	4226
(José Queiroz conta 3215.)		
IV		
<i>GABINETE DO PRIOR</i> (antiga sacristia da capela atrás)		
Silhar liso de 10 de alto dividido em painéis de azulejos de figura avulsa, enquadrados por barra de 2 azulejos de folhas, vulgar. Os azulejos são de «estrelinhas», a maior parte de flores. Ao todo 11 painéis com um total de 10 × (11 + 4 + 11 + 12 + 7 + 8 + 8 + 24 + 7 + 7).	990	5216
V		
<i>CLAUSTROS</i> (ver planta esquemática, p. 307).		
São em número de 103 os painéis que guarnecem em silhar as paredes dos claustros, incluindo neste número as guarnições mais estreitas que ladeiam as portas de comunicação com as dependências. Os painéis propriamente ditos obedecem a um esquema ornamental comum, sendo de cabeceiras recortadas os das paredes externas, lisos rectangulares os das paredes dos pátios, e afeiçoados às cantarias os daqueles troços onde existem janelas ou vãos que cortam a altura dos painéis recortados. Estes têm a altura uniforme de 15 azulejos na parte central e ostentam nos extremos os vasos-urnas de 3 azulejos de altura. Para efeitos de cálculo tomou-se a altura média de 11 azulejos para estes painéis. As composições implicam um emolduramento barroco com anjos e pilastras servindo de moldura aos centros figurados, todos diferentes. ⁽⁷³²⁾	275	5216
Entrando no claustro pela portaria temos na parede do lado esquerdo:		
1 – Painel recort. 15 × 25 (contendo 11 × 25 azulejos).		
Paisagem com personagens.		
A transportar.....	275	5216

(732) Notar que no claustro houve duas encomendas. Uma primeira, compreende os azulejos para os vãos de parede, entre os arcos das faces exteriores – deverão ser de cerca de 1735-40. A outra, para os troços da parede com que se fecharam os arcos dos claustros (fábulas), que serão de outra fabricação e provavelmente de cerca de 1750. Houve, aliás, a preocupação de recomendar que estes azulejos fossem iguais aos que lhe ficavam fronteiros. A diferença é notória na maior rigidez do desenho e na coloração dos azuis, mais fortes e duros na segunda encomenda.

PLANTA ESQUEMÁTICA DOS CLAUSTROS



Transporte	275	5216
Na parede do lado da igreja:		
2 – Painel recort. 15 × 25 – Motivo de arquitectura, palácio	275	
3 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem com coche	220	
4 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem e festa rural com mastro de cocagne	220	
5 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem de jardim com fonte ornamental	220	
6 – Painel recort. 15 × 20 – Idem idem	220	
7 – Painel recort. 15 × 20 – Idem com vista de um convento à beira-mar	220	
8 e 9 – Duas guarnições da porta de comunicação com a igreja 10 × 6 cada	120	
10 – Painel recort. duplo 15 × 50, com paisagem e arquitecturas	550	
11 – Painel recort. 15 × 25 – Paisagem com cidade, rio, pescador, etc.	275	
12 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem. Deteriorado e alterado	220	
13 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem com estalagem e cidade ao fundo	220	
14 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem com ponte	220	
15 – Painel recort. 15 × 20 – Paisagem com dois mendigos e cavaleiro (Os painéis 12 a 15 têm as cabeceiras interrompidas pelos caixilhos de janelas que iluminam a escadaria principal.)	220	
16 e 17 – Duas guarnições da porta que comunica com o pátio 10 × 6 cada	120	
Na parede do nascente, sob as janelas que iluminam o «panteon dos Patriarcas» (antigo refeitório):		
18 – Painel interrompido 8 × 19 – Caçada ao javali	152	
19 – Painel interrompido 8 × 19 – Paisagem marítima	152	
20 – Painel interrompido 8 × 19 – Caçada ao veado	152	
21 – Painel interrompido 8 × 19 – Paisagem com cego e moço sobre ponte	152	
Na parede do lado do sul:		
22 e 23 – Duas guarnições da porta que comunica com residências de pessoal menor, 10 × 4 cada	80	
24 – Painel recortado 15 × 20 – Paisagem com rebanho, mutilado	220	
25 – Painel recortado 15 × 20 – Paisagem marítima com torre de farol	220	
26 e 27 – Duas guarnições da porta, só com pilastras e vasos, 10 × 3 cada	60	
28 – Painéis recortados 15 × 20 – Caça ao veado, mutilado	220	
29 – Painéis recortados 15 × 20 – Jogos infantis. Em bom estado	220	
30 e 31 – Duas guarnições de porta, iguais aos n. ^{os} 22-23, 10 × 4 cada	80	
32 – Painel recortado 15 × 25 – Caçada ao veado	275	
33 – Idem – Paisagem com palmeiras e cavaleiros	275	
34 e 35 – Duas guarnições da porta da escada interior, 10 × 4 cada	80	
36 – Painel recortado 15 × 19 – Paisagem com fonte e jardim	209	
37 – Idem – 15 × 20 – Paisagem com grande cascata ornamental	220	
38 e 39 – Duas guarnições da porta da arrecadação, 10 × 3 cada	60	
40 – Painel recortado 15 × 20 – Paisagem com caçadores de espingarda	220	
41 – Idem – Paisagem com arquitectura de jardim	220	
42 e 43 – Duas guarnições da porta da residência paroquial, 10 × 4 cada	80	
A transportar.....	6942	5216

Transporte	6942	5216
Na parede do lado do poente:		
44 e 45 – Duas guarnições da porta da sacristia paroquial, 10 × 6 cada	120	
46 – Paineis interrompido – 8 × 20 – Paisagem com pescador e mendigo	160	
47 – Idem – Castelo e ponte sobre rio	160	
48 e 49 – Duas guarnições da porta da Capela do Patriarca 10 × 2 cada	40	
50 – Paineis interrompido 8 × 20 – Paisagem com castelo (truncado)	160	
51 e 52 – Duas guarnições da porta da portaria, 10 × 3 cada	60	
Nas paredes criadas entre os arcos do claustro do lado do poente e na face voltada à igreja: Paineis rectangulares de 9 × 20 – A figuração central, de todos os que preenchem as paredes dos pátios, representam outras tantas <i>Fábulas de La Fontaine</i>. Os cartões foram feitos de estampas de alguma das edições ilustradas das fábulas mas não todas de uma mesma edição. Assim há algumas que parece terem sido copiadas das estampas de Jean Baptiste Oudry, abertas para a edição de Paris de 1755 (em 4 volumes); no entanto outras afastam-se muito daquelas ilustrações, tendo semelhanças com as gravuras das edições de Amesterdão (1685) gravadas por Romain De Hooge e, mais ainda, com as da edição chamada «des Fermiers Généraux» (Paris 1695), devidas a Eisen e que foram, também, inspiradoras de Oudry. Como julgo que os azulejos não podem ser posteriores a 1740-45, não é de admitir a edição de Paris de 1755, como a que serviu ao pintor dos azulejos, antes outra, anterior, e, possivelmente, a dos «Fermiers Généraux» ou ainda, menos provavelmente, a de Amsterdão, de 1727, com gravuras de Henry Cause. Para a identificação dos temas servi-me da edição de Paris 1755, e emprego os títulos franceses originais e a sua tradução vulgar:		
53 – A fábula <i>La Colombe et la Fourmi</i> (A Pomba e a Formiga)	180	
54 – A fábula <i>Le Cocq et le Renard</i> (O Galo e a Raposa) deteriorado	180	
55 – A figuração está irreconhecível	180	
56 – A fábula <i>Le Renard et le Bouc</i> (A Raposa e o Bode)	180	
Na face voltada à sacristia:		
57 – <i>La Mort et le Bûcheron</i>	171	
58 – A fábula <i>L'Astrologue qui se laisse tomber dans un puits</i> (O Astrólogo Que Se Deixa Cair ao Poço) Paineis de 9 × 19	171	
59 – <i>Le Torrent et la Rivière</i> (A Torrente e o Regato) (A figuração desta fábula confunde-se com a do burro carregado de esponjas e o burro carregado de sal)	171	
60 – <i>Le Cocq et la Perle</i> (O Galo e a Pérola)	171	
61 – <i>Le Lièvre et les Grenouilles</i> (A Lebre e as Rãs)	171	
Na face voltada ao sul:		
62 – <i>La Poule aux oeufs d'or</i> (A Galinha dos Ovos de Ouro)	171	
63 – Paineis de 9 × 20 – <i>Le vieillard et ses enfants</i> (O Velho e Seus Filhos)	180	
A transportar.....	9568	5216

Transporte	9568	5216
64 – <i>Les médecins</i> (Os Médicos)	180	
65 – <i>Le Heron</i> (A Garça)	180	
66 – Totalmente irreconhecível	180	
Na face voltada à portaria:		
67 – <i>Les Deux Chiens</i> (Os Dois Cães)	180	
68 – <i>La Mort et le mourant</i> (A Morte e o Moribundo)	180	
69 – <i>Le Jardinier et son seigneur</i> (O Hortelão e o seu Senhor)	180	
70 – <i>L'Avaré qui a perdu son trésor</i> (O Avarento Que Perdeu o Tesouro)	180	
71 – Totalmente irreconhecível	180	
Nas paredes da sacristia, painéis enquadrando as respectivas janelas:		
72 – Painel interrompido, 8 × 20 – Paisagem com fonte e pastores	160	
73 – Idem, Caçadores com espingarda	160	
74 – Idem – Cavaleiro e batedor	160	
75 – Idem – Paisagem fluvial	160	
76 – Idem – Paisagem fluvial com navio toldado	160	
77 – Painel duplo recortado com 15 × 62 – Caçadas e arquitecturas. O grupo do painel da esquerda é o conhecido cavaleiro e peão da gravura de Bercham	682	
78 – Painel interrompido 8 × 20 – Caça à lebre	160	
79 – Idem – Cego com seu moço 8 × 60	120	
80 – Idem – Jardim com fonte 8 × 20	160	
81 – Painel interrompido 8 × 20 – Festa rústica com fogueiras de São João	160	
82 – Idem – Pescadores à linha	160	
Ladeando a porta da sacristia:		
83 – Painel recortado com 15 × 20 – Paisagem com pescadores e navio	220	
84 – Idem – Paisagem com mendigos	220	
Nas paredes entre os arcos do pátio do lado do nascente, continua a série dos painéis com as fábulas: ⁽⁷³³⁾		
Face voltada à igreja:		
85 – Painel rectangular de 9 × 19 – Fábula <i>Le Berger et la Mer</i> (O Pastor e o Mar)	171	
86 – Idem – Fábula da raposa e do grou numa paisagem rural; muito deteriorado	171	
87 – Idem – Representava a fábula <i>Le Serpent et la lime</i> (A Serpente e a Lima); apenas é hoje reconhecível a parte superior do painel onde se vê a loja do relojoeiro	171	
88 – Fábula <i>Le pot de terre et le pot de fer</i> (A Panela de Barro e a Panela de Ferro)	171	
A transportar.....	14 374	5216

⁽⁷³³⁾ Esta magnífica colecção é constituída por trinta e oito painéis inspirados nos desenhos do francês Jean Baptiste Oudry para uma nova edição das *Fábulas de La Fontaine*, cuja publicação se iniciou em Paris em 1755. Recentemente recuperados foram objecto de uma exposição e de uma publicação bilingue. Vide: MARTINS, 2001; CÂMARA, 2001, p. 255. (AGC)

Transporte	14 374	5216
Na face voltada aos panteões:		
89 – Fábula <i>Les Deux Chèvres</i> (As Duas Cabras)	171	
90 – Fábula <i>La Forêt et le Bûcheron</i> (A Floresta e o Lenhador)	171	
91 – Fábula <i>L'Aigle et la Pie</i> (A Águia e a Pega)	171	
92 – Fábula <i>Les Deux Amis</i> (Os Dois Amigos)	171	
93 – Fábula <i>Tireis et Amarante</i> (Tireis e Amarante). A figuração confunde-se com a da fábula <i>Contre ceux qui ont le gout difficile</i> , ambas com dois personagens junto a uma árvore. Neste caso, porém, há uma semelhança flagrante entre a gravura tirada de Oudry e os azulejos	171	
Na face voltada ao sul:		
94 – Fábula <i>Le Gland et la citrouille</i> (A Bolota e a Abóbora)	171	
95 – Fábula <i>Les batons flottants</i>	171	
96 – Fábula <i>L'Avantage de la science</i> (A Vantagem da Ciência)	171	
97 – Fábula <i>Le Dépositaire infidèle</i>	171	
98 – Fábula <i>Le Lion et le Rat</i> (O Leão e o Rato)	171	
Na face voltada à sacristia:		
99 – Fábula <i>La Parole de Socrate</i> (A Palavra de Sócrates)	171	
100 – Fábula <i>L'Ours et L'Amateur des Jardins</i> (O Urso e o Amador de Jardins)	171	
101 – Painel rectangular de 9 × 19 – Fábula	171	
102 – Idem – Fábula <i>Le Faucon et le Chapon</i> (O Falcão e o Capão)	171	
103 – Idem – Fábula <i>L'Ane et le Chien</i> (O Burro e o Cão)	171	
Total do claustro	16 939	22 155
VI		
<i>ESCADARIA NOBRE</i> que do claustro do nascente dá acesso ao primeiro piso:		
<i>Patamar inferior</i> : Silhar liso de 12 de altura, incluindo a moldura de 2 azulejos formando barra com decoração floral, distribuído em quatro panos de parede, dois dos quais rectangulares, respectivamente com 12 × 33 e 12 × 31, ou sejam	768	
e dois enquadrando as janelas, respectivamente com 178 e 259 azulejos.	437	
Pintura azul forte, desenho tosco mas muito gracioso. Os painéis maiores contêm figuração de tema pastoril e mitológico, reproduzida de estampas; os painéis menores têm cenas venatórias, vulgares.		
<i>Lanço da escada</i> : Silhar idêntico, com 13 azulejos colocados normalmente à rampa, com barra de 2 azulejos como acima.		
Contam-se no total dos dois lados	2112	
Do lado esquerdo de quem sobe: sucessão de figuras com cego da sanfona e seu moço; jovem coroada de flores e segurando uma palma; carro mitológico com <i>Neptuno</i> e outra figura; rapaz soprando uma trompa; dois cavaleiros trajando à moda do século XVII; um ermitão barbado; leão isolado; <i>Rapto de Europa</i> , isto é, figuração sem qualquer nexo de ligação.		
A transportar	3317	22 155

Transporte	3317	22 155
Do lado direito: Caçadores com negaças (tirado das «Venationes»); rixa entre homens e mulheres; carro mitológico; ermitão e bispo.		
<i>Patamar superior</i> : Silhar como os anteriores revestindo os panos de parede entre as portas e janelas. Total	1008	
Mesmo tipo de figuração: Cego e seu moço; cavaleiro; ermitão e, ocupando um painel completo, duas figuras femininas tocando harpa e violoncelo.		
No total da escadaria nobre	4325	26 480
VII		
<i>ESCADA INTERIOR</i> que do nível e comunicando com o patamar superior da escadaria nobre, leva ao segundo piso.		
O conjunto é constituído pelo silhar do patamar e das rampas, em painéis recortados, tendo no eixo 16 azulejos. Para efeitos de contagem consideram-se os painéis como se fossem rectangulares com 14 azulejos na altura.		
A figuração obedece a temática geral, ou seja, passos da Vida de Jacob, tendo cada painel sua legenda explicativa. No patamar inferior estão quatro painéis maiores, de 14 × 18 e 14 × 19 e bem assim resto de outro painel mutilado pela abertura de uma porta lateral, com		
	1036	52
Igualmente foram colocados, em época recente, dois outros painéis guarnecendo a porta fundeira, sem ligação temática com os restantes, com 2 × (13 × 7) (de Battistini)	182	
Os quatro painéis maiores do patamar têm as inscrições:		
1 – <i>Iacob / Emit a fratre / Esau primogenitam</i>		
2 – <i>Iacob / loco fratris / surripit benedictionem</i>		
3 – <i>Iacob / Accipit adeo nomem / et Benedictionem</i>		
4 – <i>Iacob / aedificat altare / et Domum Dei appellat</i>		
Guarnecendo as paredes da rampa e ladeando a porta cimeira estão seis painéis recortados, semelhantes aos anteriores, quatro dos quais maiores (de 12 × 29 cada) e dois menores, com cenas pastoris (de 13 × 4 cada)		
	1392	104
Os quatro painéis maiores com cenas da Vida de Jacob são:		
1 – <i>Iacob / vidit in somnis / scalam ad caelum</i>		
2 – <i>Iacob / vidit portam Coeli / et votum vovit</i>		
3 – <i>Iacob / Amovet lapidem, / quo puteus claudebatur</i>		
4 – <i>Iacob / Cum filiis et uxoris / recedit a labam</i>		
As legendas são tiradas da narrativa bíblica (Génese 26 e segs.).		
São composições de bom desenho, emolduramento barroco, azul forte, pertencendo à série mais antiga do claustro, ou seja, cerca de 1740.		
No total da escada interior	2766	29 246
A transportar.....	2766	29 246

Transporte	2766	29 246
VIII		
CORREDOR do segundo piso. Silhar corrido com altura uniforme de 10 azulejos, padrão azul e barra de 2 azulejos recamando todos os troços de parede entre as cantarias das portas e janelas, num total de 73 panos, com	18 920	48 166
IX		
<i>ESCADA DO PALÁCIO, da PORTARIA</i> (vulgarmente conhecida por escada dos sinos), que parte do corredor da antiga portaria e dá acesso aos pavimentos superiores. A escadaria tem todas as paredes revestidas com azulejos formando o silhar, em painéis de testeiras recortadas, todos da mesma composição ornamental no que respeita aos enquadramentos que servem de moldura à parte central figurada. Pintura azul do mesmo tipo e época dos revestimentos mais frequentes vistos nos claustros. Os painéis colocados nas rampas ou lanços da escada têm os azulejos colocados normalmente ao rodapé de cantaria numa altura de 11 ½ ao centro da composição de 8 nos extremos acima dos quais estão as urnas ou vasos ornamentais. Para efeitos de contagem tomou-se o valor médio de 10 azulejos de altura. Os painéis dos patamares têm na verdade 12 ½ azulejos no eixo da testeira, adoptando-se a conta de 11 para a média da altura. Iniciando a subida temos:		
1.º Lanço de escada:		
1 – Painel à esquerda de quem sobe: cena de caça de altanaria com falcoeiros e cavaleiros: 10 × 26 azulejos	260	
2 – Idem, à direita: caçada ao avestruz e ao veado: 10 × 26	260	
1.º Patamar, começando da esquerda:		
3 – Idem, caçador descansando à sombra de uma árvore: 11 × 18	198	
4 – Idem, cavalheiros assistindo a uma pescaria com rede: 11 × 18	198	
5 – Idem, batalha naval com navios ostentando o pavilhão turco: 11 × 18	198	
6 – Idem, paisagem e figuração chinesas, painel interrompido por janela, com (11 × 7)		
1 – 44	121	
2.º Lanço de escada:		
7 – Painel à esquerda: caçada ao veado 10 × 26	260	
8 – Idem, à direita: caçada ao javali 10 × 26	260	
2.º Patamar:		
9 – Idem, cena bucólica, 11 × 18	198	
10 – Idem, paisagem e figuração chinesa 11 × 18	198	
11 – Idem, caçadores descansando 11 × 18	198	
12 – Idem, interrompido por uma janela, com o total de	86	
3.º Lanço de escada:		
13 – Painel, à esquerda: caçadores após a caçada com veado morto, 10 × 26	260	
14 – Idem, à direita: caçada ao porco-montês 10 × 26	260	
3.º Patamar:		
15 – Painel com cena bucólica, 11 × 18	198	
16 – Idem, paisagem e figuras chinesas, 11 × 17	187	
A transportar.....	3340	48 166

Transporte	3340	48 166
17 – Idem, pescadores puxando rede de arrasto, 11 × 17	187	
18 – Idem, truncado, paisagem chinesa, com o total de 4.º Lanço de escada:	156	
19 – Painei, à esquerda: caça ao javali, vulgar 10 × 26	260	
20 – Idem, à direita: mesmo assunto tratado diferentemente, 10 × 26 4.º Patamar, que serve o pavimento intermédio, com duas portas:	260	
21 – Painei, pastor, 10 × 7	70	
22 – Idem, com fidalgos assistindo a pescaria, 10 × 17	187	
23 a 26 – Quatro guarnições ladeando as portas, com o total de 5.º Lanço de escada:	72	
27 – Painei, à esquerda: cena pastoril e vendedor de aves, 10 × 26	260	
28 – Idem, à direita: caça ao toiro com cavaleiros e alões 10 × 26 5.º Patamar:	260	
29 – Painei: cavaleiros partindo para a caça, com 11 × 19	209	
30 – Idem, jovens jogando as quilhas (muito interessante), com 11 × 17	187	
31 e 32 – Dois painéis mutilados por janelas com o total de 6.º Lanço de escada:	190	
33 – Painei, à esquerda: três cenas pastoris separadas, com 10 × 26	260	
34 – Idem, à direita: pastor divertindo-se com um cão, com 10 × 24 6.º Patamar:	240	
35 – Painei com tocador de sanfona e seu moço tocando tambor e píforo, fazendo bailar um cão, junto a uma estalagem, 10 × 18	180	
36 – Idem, coche com batedor, 11 × 17	187	
37 – Idem, chineses merendando, 11 × 18	198	
38 – Idem, paisagem fluvial chinesa, 11 × 18 7.º e último lanço de escada:	198	
39 – Painei, à esquerda, cego da sanfona e seu moço, como no 35, mas agora com outros acessórios, cão dançando, 10 × 26	260	
40 – Idem, acompanhando a guarda da escada, 5 × 25, pescadores à linha 7.º e último patamar:	125	
41 – Painei com sege, 11 × 12,5a	137,5	
42 – Idem, com caçador atirando com espingarda	137,5	
43 a 45 – Três guarnições ladeando portas com o total de	118	
46 – Painei na guarda do corrimão, com pássaros e insectos 4 × 17	68	
Total da escadaria	7747	57 017

X

TERRAÇO QUE DEITA PARA O POENTE com acesso por este patamar:

No vão da porta e nas três faces do terraço, silhar de azulejos liso, do tipo ornamental de vasos floridos com enquadramento de barra de 2 azulejos. Tem o silhar a altura de 13 azulejos, mas na face maior está interrompido por um banco de cantaria.

Contaram-se, ao todo (incluindo alguns partidos) 2253 59 270

A transportar..... 59 270

Transporte	59 270

XI

GRANDE TERRAÇO SUPERIOR sobre os claustros. As paredes foram certamente todas guarnecidas com azulejos de um tipo uniforme: silhar em grandes painéis encimados por testeiras recortadas. Hoje poucos são os trechos incólumes, faltando mesmo alguns painéis completamente. Eram, sem dúvida, os mais belos paramentos cerâmicos do edifício a avaliar pelo que ainda se pode ver. São quatro as superfícies que foram azulejadas, ou seja, as paredes do poente, sul, nascente e norte, estando apenas íntegra, se bem que em mau estado, a parede do poente. Na do sul há grandes soluções de continuidade, na do nascente apenas existem dois pequenos painéis e na do norte há muitas e importantes falhas, estando outrossim os azulejos existentes em péssimo estado e irrecuperáveis. O conjunto teria obedecido a um plano decorativo uniforme, ou seja, grandes panos rectangulares com 13 azulejos na altura, acima dos quais e para engalanar o conjunto, se colocaram os remates recortados, centrando os painéis. Estas testeiras sobem em 7 azulejos. Para cômputo tomou-se o número médio de 16 azulejos. Sobre as vergas das portas e janelas havia guarnições azulejadas, das quais existem ainda algumas, contendo, cada, 50 azulejos entre inteiros e recortados.

1 – Parede do lado do poente, seis sobreportas	300
Imediatamente a seguir à porta de acesso do patamar superior	
a) Painel com paisagem, fidalgos passeando, caça ao veado e cena pastoril, com 16 × 33 azulejos	528
b) Painel com cavaleiro e moço de arreata, figuração conhecida da gravura, semelhante ao painel 77 dos claustros, com 16 × 17	272
c) Painel com paisagem e pastores, com 16 × 15	240
d) Painel com duas cabeceiras, contendo várias cenas: crianças brincando com um bode, mensageiro que entrega uma carta a dois fidalgos, paisagem com fontanário e personagem a cavalo, com 16 × 41 azulejos	656
e) Painel com paisagem de castelo e personagem vendendo pássaros, com 16 × 14	224
f) Idem, cão perseguindo um javali, com 16 × 9	144
2 – Parede do lado do sul, para a qual abrem as janelas do corredor do piso superior:	
Três sobreportas a 50 azulejos	150
a) Painel semelhante ao anterior com o qual faz esquina, com pastor e cão, 16 × 8	128
b) Grande painel com não menos de três cabeceiras. Várias cenas militares, provavelmente tiradas de gravuras, talvez ilustrando algum assédio a cidade fortificada: entre a figuração notam-se cavaleiros militares parece que fazendo uma colheita em seara, transporte de feridos a um dos quais um frade dá a extrema-unção, cena de bivaque com tenda de campanha, soldados de cavalaria carregando fardos.	
Total 16 × 76 azulejos	1216
c) Grande painel, que seria o parceiro do anterior. Tem também figuração militar com transporte de artilharia e o que parece um oficial requisitando animais de tiro. Na parte esquerda figuração que nada tem que ver com o resto, representando um jardim com fonte monumental. Total 16 × 76	1216
d) Painel, muito mutilado: fidalgo apontando para ruínas com 16 × 11	176
Ainda nesta parede, na parte correspondendo ao segundo pátio, ficaram alguns troços de painéis e duas sobreportas:	100
A transportar.....	5350 59 270

Transporte	5350	59 270
e) Restos de um painel com pastores, agora com 16×10	160	
f) Idem, com paisagens, muito mutilado, com 57×16	912	
3 – <i>Parede do lado do nascente</i> , apenas existem azulejos na parte extrema junto à igreja.		
a) e b) Dois painéis ligados na parte inferior de uma janela, com cenas pastoris e um total de	363	
4 – <i>Parede do lado do norte</i> (lado da igreja). Toda esta parede, onde apenas no extremo do lado do poente houve edificações com aberturas para o terraço, tinha primitivamente um único paramento de azulejo, sem solução de continuidade, e que seria, incontestavelmente, o mais vasto de quantos há conhecimento. Teria comportado cerca de 350 azulejos no comprimento, ou seja, aproximadamente, 48 metros de parede totalmente azulejada. Apesar de algumas e importantes faltas, e, infelizmente, do mau estado de conservação de bom número dos que existem, esta série de azulejos é do maior interesse.		
a) Grande composição em um único painel de ornamentação semelhante aos restantes deste terraço, com testeiras recortadas colocadas ao longo do silhar e tendo como figuração central:		
<i>Grande cortejo papal</i> , ⁽⁷³⁴⁾ o qual se acha interrompido por falta de azulejos, arrancados quando se praticou uma porta. Tem, até ao limite desta cena, determinado por uma árvore: 160 azulejos.		
Da árvore até ao limite esquerdo do painel, onde está o elemento da separação, e onde a figuração já nada tem que ver com o cortejo – antes mostra paisagens campestres, jardins, etc. – mais 38 azulejos, sejam 16×198	3168	
b) Outro painel tendo como limite a separação comum com o anterior, agora apenas com figuração de caçadas e paisagens arquitectónicas de palácios e jardins, com 16×61	976	
c) Ainda na mesma parede, e na parte correspondente ao pátio do poente, o silhar é agora liso por terem desaparecido as testeiras recortadas, tendo, portanto, a altura uniforme de 13 azulejos, incluindo neste número o do rodapé, do tipo esponjado azul. É constituído por vários panos, correspondentes a outros tantos espaços de parede livre de portas e janelas, com um total de 13×136 , e nos quais há figuração vária sem aparente ligação temática, mas muito curiosa: jardins, caçadas convencionais, passarinhos, rapazio jogando o peão, cena de namorico, velho vendendo peixe, rapazes lançando «papagaios» e «estrelas», pombal com «negaças» e caçadores armados de bestas fazendo a «espera».	1786	
Total dos azulejos contados no terraço:	12 715	
 A transportar	 71 985	

(734) Gravura com cortejo do Papa:

Dimensões com margem = $91,5 \times 39$

Mancha sem margem = $86,5 \times 31,5$

Em duas folhas coladas ao centro; verso branco, liso.

Na parte inferior, em toda a largura, a legenda:

Le Pape va en CEREMONIE prendre
POSSESSION du PONTIFICAT dans l'Eglise de
St JEAN de LATRAN qui est la Capitale
de toutes celles qui relevent de la
jurisdiction du PAPE dans la Chretieneté.

Está assinada, no canto esquerdo:

B. Picart, sulp. dir. 1722

Comparando os azulejos de São Vicente de Fora com esta gravura observamos:

1.º – Que a figuração da gravura, disposta em «cobra», foi provavelmente a que inspirou o pintor dos azulejos tendo este, ao ampliar os desenhos, alterado não só as proporções como sintetizado a figuração.

Transporte

91 985

XII

SALAS SITUADAS NO CORPO POENTE, no 2.º pavimento. São duas as peças, de desiguais dimensões e que é provável tenham constituído apenas uma. No entanto é de notar que estando ambas guarnecidas de azulejos, nos silhares, são estes de tipos diferentes e até, talvez, de diferentes épocas, próximas é certo, e dentro do segundo quartel do século XVIII. Estas guarnições parece terem sido feitas para aqui e não devem ter sofrido transposição desde que foram colocadas. Assim a divisória que separa tão desigualmente as duas áreas sob um tecto que parece comum, data já do século XVIII.

a) *Sala maior*, com cinco janelas abertas para o terraço exterior do lado do poente (n.º 10 deste elenco) e quatro para o terraço dos claustros. O silhar é liso, de 10 de altura, incluindo barra de folhas encurvadas, de 2 azulejos e centro de vasos floridos em repetições de 6 × 4. Cobre 10 panos de parede com o total de 142 azulejos no comprimento e mais 5 guarnições sob as janelas em painéis de 4 × 14, sejam (10 × 142)-(5 × 4 × 14).

1700

A transportar

1700 71 985

2.º – O eixo da composição dos azulejos indica que o painel teria tido originalmente 183 azulejos e que se colocou a figura do Papa precisamente a meio. Actualmente o painel, na parte referente ao cortejo, tem 150 azulejos até à porta que se abriu nesta parede e mais 11 para lá da porta, sejam 161, o que pressupõe a falta de cerca de 20 azulejos que desapareceram.

3.º – Tal como hoje se apresentam, os primeiros azulejos do cortejo, ou seja, os da cabeça – na parte à direita do observador, depois da porta – mostram cavalos ajazezados levados por moços de libré. São, sem dúvida, os que na gravura parecem passar pelo «Arc de Triomphe» e que são designados por: *les Haquenée blanches couvertes de Housses relevées en broderie d'or et d'argent*. Na gravura são 12; nos azulejos apenas se apercebem quatro, aliás na parte mais deteriorada do painel.

4.º – Faltam os azulejos onde estariam, provavelmente, *as liteiras do Santo Padre e as mulas ajazezadas de veludo*, que se vêem na gravura, porquanto os dois trompetas que se seguem à porta serão os que antecediam o numeroso grupo de oficiais pontifícios – *Cameriers hors des murs, Avocats consistoriaux et fiscaux, Cameriers d'honneur d'Épée et de l'Église, Chapelains du commun et Secrets de la famille du Pape* – reduzidos nos azulejos a quatro prelados a cavalo e três acompanhantes a pé.

5.º – Destaca-se nos azulejos um cavaleiro empunhando um bastão, com largo chapéu emplumado e faixa ondulando ao vento. É sem dúvida o *Anspassade du S. P.* que na gravura antecede o numeroso grupo de príncipes, barões e titulares romanos e estrangeiros, os quais igualmente foram concentrados nos azulejos em quatro cavaleiros de longas capas e três criados também com capas.

Mais uma vez parece que o azulejador se serviu da gravura, mas que eliminou a figuração quando esta se tornava redundante. Assim não aparecem nos azulejos os 4 *Cameriers portant les 4 chapeaux du Pape* que se destacam na gravura a seguir aos camaristas honorários, mas segue-se um grupo de suíços, com suas alabardas e uniformes bem copiados nos azulejos.

6.º – Três eclesiásticos a cavalo e dois acompanhantes sintetizam também um grupo de 51 cavaleiros e 31 peões, que na gravura são identificados com as legendas: *Abreviateurs du Grand Parquet, Clercs de la Chambre, Maître du Sacré Palais, e Auditeurs de la Rote*.

7.º – Atrás vêem-se nos azulejos dois cavaleiros de longas capas e cujos cavalos parecem fazer passos de alta escola. Devem ser os que na gravura – precisamente na mesma atitude – estão designados por *Le Gouverneur de Rome e Le Prince du Throne*.

8.º – Estes importantes personagens têm na estampa numeroso séquito de peonagem – alabardeiros e civis – ao qual se seguem os *Maîtres de Cérémonies*, em número de três, e outras pessoas a pé, algumas em traje militar outras em traje de corte. Não figuram nos azulejos senão dois personagens a pé, sem atributos especiais.

9.º – Destaca-se no azulejo o religioso a cavalo com cruz alçada e que é na gravura perfeitamente identificado com – *Le sous diacre portant la Croix*. Aqui começa propriamente o séquito privativo do Papa, constituído pelos serviçais e que são apresentados: *Le Pape precede des Conservateurs romains au milieu des Maîtres d'Estrades, Pages, Massiers, Coureurs...*

Toda esta figuração foi transportada para os azulejos e constitui o grupo central do painel e, logicamente, o mais importante. Seguiu-se o modelo com bastante aproximação e assim se mantém de cabeça descoberta, salvo os guardas suíços e respectivos oficiais, estes de espada desembainhada.

10.º – O Papa, que na gravura vai montado num cavalo soberbamente ajazezado, aparece nos azulejos levado na liteira de pompa. Em ambas as representações faz o gesto de benzer, sendo de lamentar que nos azulejos tenha havido quem propositadamente tenha vandalizado o rosto. Atrás do Pontífice continua o préstito e destacam-se na gravura duas umbelas – uma aberta e outra fechada – reduzidas no azulejo a uma apenas – a que vai fechada.

11.º – Logo atrás deste grupo seguiam-se seis cavaleiros e seus acompanhantes e que na gravura são designados por *Maître de la chambre du S. P., Secrétaire e Medecin du Pape*. São os mesmos em número, que nos azulejos se agruparam dois a dois, escoltados por alabardeiros.

12.º – Ao passo que na estampa se segue imediatamente a cadeirinha do Papa – *Chaise à porteur de Sa Sainteté* – no azulejo intercala-se um belo cavalo sem cavaleiro, mas tirado à rédea por um moço. Na colgadura da sela vêem-se as armas pontifícias: as duas chaves e a tiara. Era evidentemente a montada do Papa, mas que não é utilizada na figuração dos azulejos.

13.º – Em compensação a «cadeirinha» é comum às duas representações e não pode haver dúvida de que a da gravura inspirou a dos azulejos!

(continua na página seguinte)

Transporte	71 985
<i>b) Sala menor</i>, comunicando com a anterior por duas portas e tendo uma janela abrindo para o terraço exterior do lado do poente. Silhar liso de 10 de altura em cinco painéis, forrando os troços de parede com o comprimento total de 74 azulejos. Pintura azul forte, figuração contida em barra de 2 azulejos de acantos, com cenas pastoris, dama com «fontange», etc. O estilo do desenho e técnica da pintura e do esmalte, permitem atribuir estes deliciosos azulejos ao monogramista PMP – autor dos silhares da Capela do Corpo de Deus, de Setúbal – e aproximam-se notavelmente dos azulejos do antigo Palácio dos Marquês das Minas, na Rua da Rosa, em Lisboa.	
De cerca de 1725	740
Total das duas salas	2440*
Soma	74 425

PAVIMENTO INTERMÉDIO para o qual se pode aceder pelas escadarias já descritas e ainda pela escadaria do lado do sul (adiante n.º XV). Era, ao que parece, o pavimento dos dormitórios e que em parte foi ocupado por dependências do Liceu Gil Vicente e por várias repartições. Era também aqui que se alojavam várias pessoas e ainda ali vive o sacristão da igreja. Ultimamente esta parte do antigo convento sofre obras de beneficiação para a instalação de serviços dependentes do Patriarcado.

14.º – A partir deste momento parece que na verdade o pintor dos azulejos ou tomou maiores liberdades ou se serviu de outra estampa. Assim, na gravura, imediatamente à «cadeirinha» segue-se a *Litière du Pape* a qual, como vimos, aparece nos azulejos conduzindo o Santo Padre. Nos azulejos, à «cadeirinha» segue-se um grupo de seis cavaleiros com alguns peões, e que poderiam ser os *Cardinaux Diacres*, *Cardinaux Prêtres*, *Cardinaux Evêques*, ou ainda, *Patriarches*, *Archevêques*, *Evêques*, *Protonotaires Apostoliques*, *Auditeurs de la Chambre*, *Thresoriers*, *Eveques non assislants*, *Referendaires* que na estampa formam três a três em longo cortejo de 30 figuras montadas e outras tantas a pé.

15.º – Também o azulejeiro substituiu as duas liteiras cobertas, que se vêem na gravura, por um belo coche de respeito tirado a três parelhas com seus sota e cocheiro. Eliminou igualmente os seis trompetas que antecedem as *Deux compagnies de chevaux legers*, conservando destes um lanceiro de couraça e elmo, e uma das bandeiras levada por dois cavaleiros. É de notar no entanto que reproduz com muita fidelidade o uniforme destes oficiais. Só depois colocou dois trompetas e o timbale – *Trompettes et Timbales* – que já fazem parte, na gravura, da *Compagnie des Cuirassiers*.

16.º – É de notar que a guarnição do timbale tem um pano bordado ostentando escudo de armas. Diferem, no entanto, as dos azulejos das da gravura, se bem que se tenha procurado e logrado reproduzir fielmente a figura do timbaleiro.

17.º – Finalmente, termina o cortejo com a companhia de couraceiros, a cavalo, de espadas nuas, reduzidos nos azulejos a oito figurantes. (As armas que se vêem no azulejo foram identificadas por Jorge Moser como sendo as do Papa Inocêncio XIII – 1721-25 – no século de Michaelangelo Conti).

Conclusões:

O pintor dos azulejos serviu-se sem dúvida de uma estampa onde figurava um cortejo, talvez esta mesma, talvez outra mais especificadamente referente ao cortejo de Inocêncio XIII. É realmente curioso que tenha havido o cuidado de pintar o escudo deste Papa no xairel do timbale, o que se pode explicar, ou por realmente o modelo ter sido uma gravura ou estampa onde já estivesse o escudo, ou de o pintor ter tido conhecimento deste emblema e o ter colocado no timbale.

O certo é que a data da gravura – 1722 – permite pensar que o cortejo teria sido de facto o do Papa Inocêncio XIII – eleito em 1721 – mas as armas que aparecem não são as deste pontífice, mas sim as de Clemente XI, seu antecessor – 1700-21.

Seja como for e até prova em contrário, podemos aceitar a gravura de Bernard Picart como a fonte de inspiração do azulejador e a data provável da feitura dos azulejos – cerca de 1730-40 – confere com aquela possibilidade, se bem que, por essa data, já nenhum daqueles papas fosse vivo. Que razão teria levado o pintor dos azulejos a escolher este tema? Teriam os agostinhos de São Vicente de Fora dado a estampa para reproduzir em azulejo? Ou seria o azulejador – ou o pintor – quem a elegera?

Julgo mais uma vez que a escolha do tema tenha sido da iniciativa do azulejador e teríamos assim outro exemplo de solução de um problema decorativo – a pintura de um enorme painel sem solução de continuidade – com um motivo que por definição se alonga em comprimento. Já vimos que este foi o caso dos azulejos do claustro da Ordem Terceira de São Vicente da Baía, com o cortejo dos desposórios do príncipe do Brasil D. José, com D. Maria Ana de Áustria. Em ambos os casos teria havido recurso a estampas.

As armas que se vêem na gravura eram as do Papa reinante em 1706! Depreendo-o da gravura n.º 71 do álbum com retratos de papas e cardeais Res. BNP Est. 27/P, ou seja Clemente XI, criado Papa em 23 de Novembro de 1700 e cujas armas vêm bem desenhadas no álbum com retratos gravados.

Os azulejos estão longe de serem desconhecidos. Estão no terraço sobre os claustros de São Vicente de Fora, onde foi o «recreio» do Liceu Gil Vicente. José Queiroz tratou deles num artigo publicado na *Revista de História* da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos (n.º 8, Outubro-Dezembro de 1913) com o título «Os azulejos de S. Vicente de Fora – Terraço grande».

Julgava o grande ceramógrafo que a figuração se reportava ao séquito do 1.º Patriarca de Lisboa, D. Tomaz de Almeida: «É certamente um dos aspectos da grande jornada que aquele prelado fez, do Porto à capital alfacinha, quando Clemente XI (?) o investiu dessa graça...». Faz a descrição do cortejo, verberando o vandalismo que mutilou a parte do painel onde estaria a «cabeça» do cortejo. O artigo não é ilustrado. J. M. SANTOS SIMÕES

A partir daqui, Santos Simões deixa de indicar quantitativos. Ao publicar estas notas tal como o investigador as deixou, entendeu-se como mais correcto não fazer qualquer reconstituição; deixamos contudo ao leitor a possibilidade de optar, segundo o seu critério. FCG

XIII

CORREDOR GRANDE, altura de 8 azulejos + 1 de rodapé azul liso, incluindo barra de 2 com óvulos e florão e cantos próprios. Centro do padrão azul de $4 \times \frac{1}{4}$.

Ao todo 39 panos com 10 548 azulejos.

Quarto cuja porta fica fronteira à do patamar superior da escadaria que vem do claustro. Era primitivamente uma quadra espaçosa, com seu silhar de 7 de alto em painéis contínuos do tipo «grinaldas» e que se completava com a magnífica pintura mural. Foi depois dividida por tabique onde se pintaram azulejos em uma das faces, já que na outra chegou a haver azulejos.

Na alcova contígua, continua o silhar tendo no centro medalhões com pássaros. Os vãos das janelas – um dos quais é esconso – têm também azulejos, se bem que recentemente tenham retirado (ou roubado) um dos painéis. São num total cerca de 757 azulejos.

Os medalhões circulares da casa maior são cinco e têm paisagens pintadas a mangnês. Na alcova há duas pinturas murais com paisagens, uma das quais mostra uma praia, com navios ao fundo e personagens no primeiro plano. Serão dos primeiros anos do século XIX e do mesmo artista que pintou a decoração da Sala dos Marechais no Palácio da Ega.

XIV

GALERIA QUE DÁ PARA O PÁTIO DE NASCENTE – depois transformada em retretes do Liceu! Tem ainda restos dos grandes painéis que guarneciam o silhar. Eram de 10 de alto e continham figuração contida em emolduramento simples, barroco, de cerca de 1740-50.

1 – Paineis interrompido, mostrando o que parece ser o encontro entre dois chefes de exército, de 10×31 azulejos.

2 – Outro painel no qual se vêem apenas 10×7 azulejos, com dois guerreiros trajando à romana com seus capacetes emplumados.

O silhar continuaria em toda esta galeria, mas apenas ficaram na parte que hoje serve de corredor mais os seguintes:

3 – 10×62 em dois painéis, respectivamente com cena de combate e o que parece ser a submissão de um personagem, ajoelhado aos pés de um general, rodeado de guerreiros.

4 – Em frente deste outro painel também duplo, com 10×64 , desta vez com um lauto festim, no qual um dos convivas, com turbante e coroa de rei, empunha uma lança com a qual parece visar um guerreiro à romana, que está no primeiro plano; mais à direita, os criados trazem várias iguarias em vasos e salvas.

O outro painel tem apenas dois guerreiros numa paisagem. Junto à porta que comunicava com a escada do sul, ou melhor, com o patamar de distribuição, estão, de cada lado:

5 e 6 – Painéis de 10×9 e 10×8 com pastores.

Outros painéis seguiriam, e ainda vemos restos colocados numa retrete moderna:

7 – Estão visíveis 10×24 azulejos, tendo como figuração um personagem agarrado às fauces de um leão e um pastor correndo, como que protegendo um rebanho = *Sansão* (Juizes 14,5).

XV

ESCADA DO LADO DO SUL, contando do patamar do primeiro pavimento para o claustro.

7.º *Patamar superior* – Dois painéis recortados, um dos quais mutilado na testeira. Tinha, como os restantes, 11 de altura, podendo considerar-se de 9 para a contagem. Paisagem com figuras.

6.º *Patamar de canto* – Dois painéis fazendo ângulo, com 10×13 e $10 \times 9 + 5 \times 3$ azulejos, recortados, com cenas de cortesia.

5.º *Patamar de canto* – Com dois painéis de 9×13 azulejos. Jardim com grande repuxo e personagem tendo uma viola; a seu lado, sentado, um vendedor de pássaros.

4.º *Patamar* – Com um painel (na outra parede está uma janela) com 10×13 . Representa uma sege em viagem.

4.º *Lanço* – Dois painéis inclinados e recortados com o total, cada, de 106 azulejos. Estes painéis são todos iguais no tamanho e estão prejudicados pelo corrimão de madeira.

Representam caças de batedores a uma lebre e rapaz com falcão, correndo.

3.º *Patamar* – Painel com dois boieiros e um cão, que quer apanhar um osso.

3.º *Lanço* – Como o anterior, com dois painéis de 106 azulejos cada. Neles vemos, respectivamente, luta de dois pássaros presenciada por dois rapazes e paisagem com personagem, acompanhado de cães.

2.º *Patamar* – Com dois painéis de 10×13 azulejos cada, respectivamente com fidalgo entregando duas pistolas a um moço e bela sege (ou coche) com cavalo aparelhado, no primeiro plano.

2.º *Lanço* – Como os outros, de 106 azulejos cada. Representam caça ao avestruz (?) e caça à lebre (?). Os corrimãos não deixam ver.

1.º *Patamar* – Com um painel (no outro pano está uma porta) de 9×13 . Cavaleiro com cão, e moço que lhe agarra na coleira.

1.º *Lanço* – Quatro painéis, a dois por lado, de 106 azulejos cada. Representam cenas de caça ao veado e javali.

XVI

PATAMAR INFERIOR, ao nível do claustro. Tem dois painéis recortados, completos, com 16 azulejos na maior altura, incluindo 2 de rodapé esponjado azul, e 14 na largura cada um. São muito curiosos. Um representa uma dança campestre, com um bailarino tocando pífaro e acompanhado de dois outros, com os chapéus ornados de folhas. A cena é presenciada por dois figurantes, encostados a um muro.

O outro painel representa uma rixa a soco entre dois homens, talvez causada por ciúmes de uma mulher que assiste à cena da janela da casa! Um dos personagens é um velho – talvez o marido ou pai da jovem.

Deste patamar desce a *escada para o chamado Pátio de São Vicente*. As rampas são guardadas com azulejos ornamentais azuis e amarelos, com 5 de alto e 54 de comprimento, faltando em um dos lados uns 40 azulejos.

No patamar inferior o silhar continua o das rampas, tendo ao todo 7×22 , alguns dos quais misturados.

XVII

GALERIA DO 1.º PAVIMENTO DO CLAUSTRO tem azulejos nalgumas paredes. Na parte correspondente ao lado nascente há, respectivamente:

- 1 – Painel de 10×29 , liso, molduramento barroco e centro figurando dois grupos de camponeses, que parecem dirigir-se a um mercado (ou será a Belém?) carregando vários artigos: peças de caça, talhas, cestos, carneiros, um burro com alforjes carregados, etc.

- 2 – Painel duplo de 10×60 azulejos, com figuração onde se vê um guerreiro isolado. Perto de uma tenda, grupo com um rei chorando, rodeado de guerreiros, ao pé do qual ajoelha outro guerreiro (a quem falta a cabeça!). Mais ao lado dois grupos de guerreiros, como que chegando de viagem a uma aldeia.

Mais longe, na parte correspondente ao outro pátio e após grande interrupção, silhar corrido, liso, de 10×134 azulejos, faltando 115 em vários locais. Está dividido em cinco painéis, com outras tantas cenas a saber:

- a) *David Vencedor de Golias*, vendo-se os filisteus em debandada, enquanto o Rei exorta os guerreiros.
- b) *David* apresenta-se ao Rei com a cabeça do gigante; ao longe vê-se um acampamento.
- c) *David* com soldados vendo-se no solo a cabeça de Golias. Painel muito mutilado. Vê-se o cortejo de um rei, que se encaminha para um grupo de músicos.
- d) O Rei no trono lança um dardo ao jovem, perante a assistência; a seguir vê-se o jovem com a lança falando no meio de anciãos e guerreiros.

No local que é hoje residência do sacristão os painéis seguem:

- f) *David* preparando a funda com que vai alvejar Golias, que o ameaça com a lança. A cena passa-se entre os dois exércitos. Na parede adjacente, interrompida pela janela que ilumina o patamar da escada, dois painéis com 10×8 azulejos cada e 21 faltas. Em cada um se vêem guerreiros junto a tendas.

Nos aposentos, ou seja, na continuação da galeria do lado sul, estão os silhares que vão ligar com os da retrade. Continuam as cenas das vidas bíblicas, vendo-se um jovem de joelhos a quem um ancião parece dar a bênção (o ancião tem o dedo apontado para a testa e o jovem estende os braços, na atitude de quem o vai receber). Noutro painel *David*, pastor, é visitado por guerreiros e levado à presença do Rei. Leva nas mãos o que parece ser uma bilha.

XVIII

ANTECORO, começando pelo patamar da pequena escada, estão os silhares com a *História de José do Egipto*.

- 1 – No patamar, à esquerda, painel recortado com 13 azulejos de alto, ao centro. Parte está mutilada e no comprimento tem 12 azulejos. Representava a cena de *José Fugindo da Mulher de Putifar*, vendo-se apenas esta, no leito, segurando o manto de José. Tem a seguinte legenda:
Joseph, / Relido pallio in manu / sollicitantis Dominae / fugit
- 2 – À direita, painel completo de 13×20 azulejos. Tem a legenda:
Ioseph. / Fratribus ignotas, jdurius Eostractat.
- 3 – Lanço de escada que leva ao antecoro, do lado esquerdo; painel de 12×13 e a legenda:
Ioseph / Falso assucatus in / cat-cerem mititur
- 4 – Do lado direito, o mesmo tipo de painel e a legenda:
Ioseph / Tempore Inopiae / horrea aperuit in / Aegypto

XIX

SALÃO DO ANTECORO OU DOS MÚSICOS. Painéis de 11 azulejos de altura, nos centros e recortados. Têm as seguintes legendas:

- 1 – *Ioseph / Vincit Pincernae som-jnium in bonum explicai*
- 2 – não tem legenda mas representa um cego com cão
- 3 – *Ioseph / in Cárcere Pistoris somjnum in malum explanai*
- 4 – *Ioseph / Eductus de cárcere / sistitur Pharaoni*

5 – não tem legenda

6 – *Ioseph / Pharaonis somnia / prudenter interpretatur*

7 e 8 – não têm legendas e representam paisagens com pastores

9 – *Ioseph / A Pharaone toti / Aegypto prefiatur* (composição notável pela figuração)

Na escada da torre também houve azulejamentos, de que resta uma conversadeira de janela, com azulejos de figura avulsa, de tipo estrelinhas e quadrifólios, num total de 38 e 55 de cercaduras de folhas.⁽⁷³⁵⁾

Convento do Sacramento a Alcântara, antigo

Do velho convento dominicano, transformado em Depósito Geral de Material de Aquartelamento do Ministério do Exército, ficou a magnífica igreja, do século XVII, com seus tectos estucados, o lindo claustro – praticamente intacto –, corredores, escadas e vários compartimentos.

A igreja não tem azulejos, pelo menos visíveis; à entrada, porém, no local onde teria sido o coro baixo, está um lavabo circundado com azulejos, azuis, de anjos segurando reposteiros. São típicos do princípio do século XVIII (cerca de 1720?), de pintura bastante fraca.

Nos corredores e numa sala – que agora serve de arquivo – silhares de azulejo de padronagem azul, desde os tipos ainda seiscentistas de camélias às repetições ornamentais de 4 × 4. Uma destas é bastante rara, bem como são pouco vulgares os azulejos de cercadura dos silhares «camélias».

Já de cerca de 1730 serão os azulejos de vasos e cestos, colocados na escada e nos corredores que dão para esta. Na escada há ainda dois pequenos painéis de heráldica religiosa, de pintura azul, respectivamente com as armas da Ordem de São Domingos e uma coroa de nós.

No que julgo ter sido o antigo refeitório e sala imediatamente anterior, azulejo de figura avulsa, de «estrelinhas», com flores, aves e figuras, algumas destas com manifesto interesse. Consta que há ainda azulejos recolhidos em caixotes, assim como parece que em tempos se arrancaram painéis de azulejos com figuras, cujo paradeiro se ignora.

Convento dos Jerónimos

No refeitório, silhar em todo o redor, de 12 de altura, com painéis com a *História de José do Egípto*. Emolduramento a amarelo forte, marmoreado, azuis e verdes; centros roxos. Fabrico lisboeta de cerca de 1770-80.

Ermida do Senhor Jesus da Boa Nova

Construída pelo arquitecto Manuel da Costa Negreiros entre 1744 e 1748, possui fachada com cimalha em chaveta, portal encimado por frontão semicircular e óculo e pilastras nos flancos. No interior, nave coberta por cúpula de pendentes e capela-mor com abóbada de arestas, albergando retábulo de talha.

Na sala de despacho encontram-se silhares de albarradas com vasos de flores e frutos ladeados por meninos com cestos de flores à cabeça.

Nas escadas, restos de azulejos de padrão.⁽⁷³⁶⁾

(735) Sobre os aspectos musicais *vide* ROCHA, 2008, pp. 301-315. (MTV)

(736) (MTV)

Escola Académica (Largo do Conde Barão)

O antigo Palácio dos Condes de Pinhel tem ainda algumas salas azulejadas. Assim:

Saleta de passagem – Silhar de 9 de alto, azul, fraco como desenho e pintura, emolduramento de figuras (chineses?) e centros de caçadas, sem interesse.

Salão de música – Belo silhar de 10 azulejos de alto. Emolduramento de pilastras com águias. Centros de paisagens. O interesse especial deste salão está nas pinturas do final do século XVIII, alusivas a lições de música, concertos, etc.

Sala do fundo – Silhar semelhante ao do salão anterior, com cenas de caçadas. Num compartimento interior, silhar de azulejos avulsos, de grandes flores, do tipo de Coimbra. Os azulejos serão de cerca de 1730(?).

Escola Comercial D. Maria I (Largo Dr. António de Sousa Macedo)

Entrada – Alizar de 11 azulejos, tipo «albarradas» com sereias e dragões. Pintura azul dos princípios do século XVIII. Mais tarde colocaram-se cabeceiras recortadas.

Aula n.º 2 – Rodapé de azulejos de figura avulsa, como os da Igreja dos Paulistas.

Capela: Notável conjunto de azulejos de figura avulsa, os primeiros que vi deste tipo.

Escola de Belas-Artes (antigo Convento de São Francisco da Cidade)⁽⁷³⁷⁾

No patamar inferior, ao fundo da escada, descobriram-se há pouco uns azulejos que ornamentavam os cantos e que estavam tapados com cal.

Sobre silhar policromo, igual ao das escadas – marmoreado e concheado de cores carregadas – estão quatro figuras de *santos franciscanos*, a azul. Em um dos silhares, no que parece ser uma peanha para as figuras, lê-se a data 1769.⁽⁷³⁸⁾ As quatro figuras, porém, não são desta época, antes apresentam todas as características de trabalho anterior ao Terramoto, de cerca de 1740-50. Os azulejos policromos do silhar têm 145 mm e os das figuras 138 mm.

Estrada de Benfica, n.º 385

A casa pertencia, em Dezembro de 1958, ao Patriarcado de Lisboa, e servia de «Lar» para raparigas.

Nessa ocasião colocados num muro de suporte do jardim, para o qual deitavam as tra-seiras do prédio, estavam painéis com *Vistas de Lisboa* (Paço da Ribeira, Rossio, etc.). Estavam ambos em péssimo estado, sobretudo devido a uma trepadeira que fora colocada mesmo a meio deles.⁽⁷³⁹⁾ Havia ainda mais dois painéis azuis, com cenas frívolas. Na parte superior do jardim, mais dois painéis recortados mostravam cenas de caça e merenda. Todos estavam no mesmo estado de ruína. Posteriormente os azulejos foram adquiridos pela Câmara Municipal que os mandou arrancar e reagrupar em painéis. Foram expostos – com outro painel da mesma colecção e que pertencera ao Dr. Fernando de Almeida – no Castelo de São Jorge. Estes azulejos devem datar de cerca de 1715-20 e podem ser atribuídos ao monogramista PMP.⁽⁷⁴⁰⁾

Estrada de Chelas, n.º 53

No corredor do segundo piso desta antiga casa nobre, silhar de 6 de alto, limitado por cercadura de 1 azulejo azul. Representa vasos floridos do tipo «escamas», em panos de 4 × 3, com papagaios nos cantos inferiores. Serão de cerca de 1720 (?).

(737) Vide sobre este espaço, Margarida Calado – *O Convento de São Francisco da Cidade*, Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2000. (AGC)

(738) Vide QUEIROZ, 1907, pp. 261 e 398 [ou 2.º ed. (Lisboa, 1948), vol. I, p. 286, e vol. II, p. 130].

(739) J. M. dos Santos Simões supunha que estes dois painéis haviam pertencido a qualquer «palácio ou casa nobre desaparecida» SIMÕES, 1961h, p. 6. Vide também CML, 1962, p. 17.

(740) Robert C. Smith atribuiu os painéis ao Mestre PMP. Vide SMITH, 1974a, p. 47 (nota 40).

FLÁVIO GONÇALVES

FLÁVIO GONÇALVES

FLÁVIO GONÇALVES

Estrada do Calhariz de Benfica, n.º 13

O antigo palácio do arquitecto Ludovice é hoje dependência da Direcção dos Serviços de Saúde Militar.

No lado de entrada, no espaldar de um nicho, abriga-se o fontanário. Aí está igualmente um painel de 7 × 5 azulejos, ao qual falta o coroamento. O painel é recortado, de cercadura policroma e panejamento de borlas. Ao centro, sob o dossel, a imagem de *Nossa Senhora da Conceição*. Na parte inferior, dois anjinhos seguram uma cartela com a legenda: ... ARIA / ORA... RO NOBIS.

Nos antigos jardins do palácio há ainda revestimento de azulejos num tanque-piscina, com acesso por escadaria. As paredes exteriores do tanque são revestidas de azulejos, em 4 de altura. A cercadura é policroma, *rocaille*, e os centros figurados com pintura manganês. São ao todo oito painéis com 25 azulejos de comprimento. Vêm-se cenas portuárias, *Nascimento de Vénus*, cenas de pesca, chinesas, lavadeiras e divindades marítimas. Serão azulejos de cerca de 1770.

Ainda no jardim, uma glorieta com dois nichos de mármore tem as paredes revestidas de azulejos policromos, imitando um encanastrado de canas com flores entremeadas. Conjunto muito curioso!

Hospital de Arroios (vide *Convento de Arroios, antigo*)

Hospital de Santa Marta (vide *Convento de Santa Marta, antigo*)

Hospital de São José (vide *Colégio de Santo António, antigo*)

Hospital dos Capuchos (vide *Convento de Santo António dos Capuchos, antigo*)

Igreja da Penha de França

No trono de Nossa Senhora da Penha, painéis em silhar de 8 de alto, com anjinhos portadores de emblemas da ladainha, azuis, cercadura policroma e fundo marmoreado, de cerca de 1780.

Na saleta junto ao coro, silhar semelhante ao anterior, de painéis azuis com cercadura policroma, em 9 de altura.

Igreja de Nossa Senhora do Loreto

ÉPOCA: Século XVIII

TIPOS: Azuis figurados

APLICAÇÃO: Na sacristia

ASSUNTOS:

NOTAS:

Igreja de Santo António da Sé

Só há azulejos nos corredores que conduzem à sacristia e ainda nesta quadra. Aqui o revestimento vai desde a sanca até à cornija, numa altura de 29 azulejos dos últimos anos do século XVIII (cerca de 1790), de grande beleza e perfeição, com pilastras e grinaldas, fundos esponjados amarelos e emblemas da ladainha de Nossa Senhora, em azul. Sobre as portas as armas da Ordem Franciscana dos Terceiros. Na antessacristia a cobertura é total. Os azulejos são amarelos com debuxos a dois tons, muito belos. Alguns traços são vincados para obter melhor efeito de relevo. Na parte inferior, friso de folhagens recurvadas.

No corredor, o silhar tem 10 de alto, com composições decorativas todas iguais, marmoreadas.

Igreja de Santo Estêvão

No interior da igreja apenas vi azulejos na antiga sacristia da Irmandade do Santíssimo.⁽⁷⁴¹⁾ O silhar é de 12 de altura, com cabeceiras lisas, em painéis azuis de 2 azulejos de barra ornamental. Os centros têm cenas de jardins, com figurações várias como sejam fontes monumentais, etc. Num nicho há azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinhas», com navios. No cartório da freguesia num dos anexos da igreja, o silhar é de 6 de altura, de cor azul, contornado por cercadura singela de «asa de morcego», já incorporada nos painéis. Na figuração central representam-se cenas do *Cântico dos Cânticos*, com legendas latinas:

- 1) *Colligat Libia Cant. C6 n1*
- 2) *Tullerunt pallium meum Cant. C5 n7*
- 3) *At ille declinaverat / atque transierat / Cant. C5 n6*
- 4) *Amore Languet*

Igreja de São João Baptista (Paço do Lumiar)

No baptistério foi colocado um painel de 12 × 32 representando a *Pregação de São João*, em azul. Este painel veio da capela-mor da igreja e foi restaurado. Não tem cercadura. O desenho é vigoroso, com a intervenção de Oliveira Bernardes, ainda que possa ter sido pintado por outro discípulo. Serão azulejos de cerca de 1710. Foi-nos dito que existe ainda outro painel encaixotado.

Na Capela de Santa Brígida existe um silhar de 10 de alto com passos da Vida da Santa. O emolduramento barroco é de festões com mísulas laterais e anjinhos, de cerca de 1740-50. Na Sala de Despacho, sobre rodapé marmoreado amarelo, silhar de 8 de alto, de tipo ornamental a dois tons de azul e realces amarelos. A moldura é azul-escura, com asa de morcego. Na parte central ornatos convencionais, no género das «Necessidades». Serão azulejos de cerca de 1790.

Igreja de São José dos Carpinteiros

A igreja, ou pelo menos a fachada, foi reconstruída após o Terramoto, em 1757, e esta foi também a data que dei aos azulejos quando os vi pela primeira vez (em Abril de 1945). Porém, ao voltar a visitar esta igreja em Março de 1957, uma análise mais demorada e especializada fez-me julgar que os azulejos escaparam em parte ao grande sismo, tendo provavelmente sido colocados poucos anos antes da catástrofe. Os azulejos forram o silhar da igreja até à altura de 16 e estão divididos em seis painéis maiores e guarnições ornamentais de menor importância. Quando das obras pós-Terramoto foram os painéis cortados na parte superior. São azulejos de bela pintura azul e acusando desenho cuidado e convencional. Ilustram a Vida de São José, desde o seu nascimento ao trespasse, e estão profusamente legendados com dísticos em latim, tirados da *Bíblia*.

O painel mais curioso é o que apresenta *São José em Glória*, tendo ajoelhadas, em oração, as figuras de vários santos e, bem assim, o Papa Clemente XI, Christóferos (Bispo), D. José I e D. João V. Esta representação iconográfica, sem aliás ter importância «retratista», é curiosa, pois que agrupa figuras de certo modo díspares no tempo. Assim, Clemente XI, foi Papa de 1700 a 1721. É certo que houve mais papas Clementes (XII, XIII e XIV) no século XVIII, pontificando respectivamente em 1730-40, 1758-69 e 1769-74. Por sua vez aparecem, ambos como reis, D. João V e D. José I, cujos reinados foram de

(741) Robert Smith comunicou-me na sua carta de 8-VI-62 os seguintes assentos que colheu no Arquivo da Igreja:
Livro para se lançar a despeza da obra da Igreja do Invicto Mártir Santo Estevão que esta nossa Irmandade do Ssmo Sacramento lbe reedifica novamente:
 fls. 38 (1744): *Dispendeu mais com o q. pagou (o tesoureiro) ao Ajolijador José da Costa por hum rolo de jornaes e metriaes pertencente ao seu officio doze mil e quinhento e sincoenta reis.*
 fls. 40v. (1744-45): *Com o Remate de azulejos da sacristia como consta do Rol de Jozé da Costa 2\$970.*

1706-50 e 1750-77. Não há, portanto, qualquer possibilidade de sincronismo na figuração, antes o agrupamento deve ter obedecido a quaisquer considerações particulares à confraria dos «carpinteiros». Seja como for, a presença de D. José I como rei limita a composição a 1750. Julgo que os azulejos podem ser de data próxima de 1750, o que é patente principalmente na coloração e estilo de desenho, lembrando o traço convencional que caracteriza a azulejaria a partir de 1740. Os emolduramentos são também do mesmo tipo, aparecendo já os «almofadados».

Na sacristia os silhares são de azulejos de vasos, azuis, de desenho primitivo. São exemplares dos princípios do século XVIII. No edifício anexo à igreja, com entrada pela Rua da Fé, há ainda muitos e valiosos azulejos. Na casa de entrada, e sacristia, silhar de vasos e flores. Na Sala das Sessões o silhar é magnífico, dos princípios do século XVIII, representando caçadas e cenas de jardim. Muito notável.

Igreja de São Miguel (em Alfama)

Na parede exterior, junto à torre, foi recentemente colocado um painel de azulejos, retirado do frontal de algum altar. É do tipo de pintura azul com sanefa e sebastos, de modelo pouco vulgar do meado do século XVIII.⁽⁷⁴²⁾

Na torre (exterior) mantém-se o painel que teria servido de respaldo a alguma imagem ou crucifixo, que entretanto desapareceu. O painel, de pintura azul, tem na parte central um grande resplendor prateado, contra o qual certamente estava colocada a imagem. Na parte superior mantém-se o braço de ferro que suspendia a lâmpada.⁽⁷⁴³⁾

Igreja de São Sebastião da Pedreira

As paredes do corpo estão cobertas até à altura de 20 azulejos com alizares em painéis historiados azuis, enquadrados em molduras barrocas com atlantes, tendo cartelas superiores com legendas alusivas aos assuntos:

- 1) *Martírio de São Sebastião, com a figura de Deocleciano coroado de louros e rodeado de archeiros; São Sebastião está atado à árvore.*
- 2) *Marco e Marcelino na prisão.*
- 3) *São Sebastião, como general dos cristãos, dá esmolas.*
- 4) *São Sebastião, recebido no céu por anjos, um dos quais toca guitarra.*
- 5) *São Sebastião açoitado.*
- 6) *São Sebastião perante Deocleciano confessando a sua fé.*

Os azulejos do baptistério são modernos, assim como os que guarnece as paredes entre pilastras e vãos das portas.

Igreja do Coleginho

Foi colégio da Companhia de Jesus (Santo Antão-o-Velho) depois de ter servido de noviciado aos frades da Graça – Agostinhos Descalços. Hoje, em parte do edifício, está instalada a Direcção da Arma de Infantaria e, noutra, a Sede da Freguesia do Socorro. A actual sacristia, cuja entrada directa da rua foi praticada numa antiga janela, tem um revestimento azulejar de grande importância. Esta sacristia foi mandada fazer por um prelado cujas armas se encontram repetidas no tecto e nos próprios azulejos: o Bispo de Hipona, D. António Bernardes Botado, frade agostinho sepultado na Igreja da Graça, atrás do altar-mor.⁽⁷⁴⁴⁾

(742) Cartela com *São Miguel Pesando as Almas do Purgatório*, rodeada por anjinhos e enrolamentos. (MTV)

(743) Também no exterior, painel policromo com concheados representando *Nossa Senhora com o Menino*, ladeada por dois santos e, em baixo, cartela com alminhas. (MTV)

(744) A *Corografia Port.*, CARVALHO, 1706, menciona este prelado.

Os azulejos revestem as paredes na parte livre de mobiliário ou de cantaria, em 23 de altura. Domina um painel de 39 azulejos no comprimento. Aqui se representa o *Triunfo de Santo Agostinho*, numa extraordinária alegoria. O painel é limitado dos lados por pilastras de cariátides – um busto de homem barbado e o de uma figura feminina – suportando capitéis coríntios sobre os quais corre a arquitrave arquitetural. Ao centro um motivo ornamental de anjinhos e grinaldas.

Na parte inferior uma composição decorativa, tendo ao centro a grande cartela apresentada por quatro anjinhos, e onde está pintado o brasão do prelado. Abaixo do chapéu, e servindo de timbre, um cinto com fivela que abraça a cruz. Na parte central está a figuração propriamente dita: num carro triunfal vemos *Santo Agostinho* de hábito monacal, tendo na mão direita uma pena e dois raios e, na esquerda, um livro aberto, sobre o qual está o edifício de uma igreja com uma torre. Da boca do santo sai um feixe de luz, que entra pela porta da igreja. Atrás do carro vai um anjinho em voo, com a mitra, como que a colocá-la na cabeça do Bispo de Hipona. Logo abaixo, uma coroa de flores, leva uma tarja, onde se lê: IN PERPETVVM CORONATA TRIVMPHAT. Na retaguarda, voando, outro anjo com um turíbulo e, à frente, mais dois, um com o báculo, outro com o coração chamejante atravessado por uma seta. Na proa do carro, outro anjinho leva ao alto um livro, de que apenas se lêem as primeiras letras: DE....

As rodas do carro atropelam duas figuras masculinas, identificadas pelas inscrições: *Pelagius* e *donams* (*sic*) e arrastadas, ou empurrando, há mais duas, respectivamente *manes* e *arrius*.

Um anjo empurra estes dois personagens, entre os quais se lê uma fita: FVLGVRA MVLTIPlicAVIT & CONTURBAVIT EOS.

O carro é tirado por quatro cavalos, no primeiro dos quais vemos um anjo com uma coroa de louros, levando na mão um sol radiante; outras três figuras aladas levam respectivamente o crescente, a estrela e o arco-íris. Rompem o cortejo, esvoaçando, dois anjinhos levando um martelo e uma coluna. Conduzindo os cavalos, quatro figuras femininas identificadas com as legendas e os atributos: *Humilitas* com um jugo e uma fita em que se lê: QVIA HVMILIS DISPERSIT SVPERBOS; *Fides* empunha uma palavra e tem na fita: HAEC EST VICTORIA, QVAE VICIT MVNDVN; *Sapiência* dominando o cavalo e o dístico: NON ARDET MODO, SED LVCET; *Charitas* afagando a cabeça de uma criança nua: ILLO FEROR QVOCVNQVE FEROR.

Na parede fronteira está o lavabo, rodeado de azulejos ornamentais e ladeado pelas pilastras de cariátides, onde se lê, respectivamente: ANTE / MISSAM e POST MISSAM.

A igreja foi reedificada em 1784 pelo 5.º Conde de Soure, D. João da Costa. À entrada, sob o coro, está o silhar de cercadura policroma concheada, recortado, com seis painéis de azulejos assentes sobre rodapé alto, de mármore, com 20 azulejos de alto. Os painéis representam, do lado da epístola:

- 1) *Batismo de Santo Agostinho com várias pessoas assistindo.*
- 2) *Lançamento do hábito por um Bispo; o hábito já tem a correia. Um religioso segura o báculo. Assiste uma mulher e uma criança.*
- 3) *Santo Agostinho mostra a regra a quatro monges e três freiras, todos agostinhos.*

Do lado do evangelho:

- 4) *Imposição da Mitra por um Bispo, com a assistência de mais dois.*
- 5) *Grupo de pessoas com Santo Agostinho. Parece que as pessoas disputam entre si.*

Ao alto a figura de um bispo aureolado.

- 6) *Santo Agostinho lava os pés a Cristo, vestido de peregrino.*

Há ainda dois painéis entre os confessionários com anjos portadores de emblemas – livro com coração, báculo e mitra.

Igreja Paroquial de São Tiago

A Igreja, propriamente dita, não tem azulejos. Existem apenas na capela – hoje de Nossa Senhora do Rosário – que está anexa à igreja, formando como que uma nave lateral do lado da epístola. Era a antiga capela da corporação dos cirieiros da invocação de Nossa Senhora a Franca.

Após o Terramoto foi totalmente remodelada ao mesmo tempo que a igreja, sobre cuja porta está a data das obras – 1773.

A capela tem silhar azulejado em cinco painéis figurados, azuis, e molduramento do tipo concheado já com as características rococó, primorosamente conservado. Os painéis assentam sobre rodapé azulejado de 1 ½ de alto marmoreado amarelo. Os painéis têm, uniformemente, 16 azulejos de altura e são de larguras diversas, de acordo com a superfície da parede que cobrem. Os assuntos pintados são:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Apresentação da Virgem no Templo*
- 3) *Casamento*
- 4) *Anunciação*
- 5) *Visitação a Santa Isabel*

O desenho é convencional e ofical. Correspondem, perfeitamente, à data que se lê na porta da igreja, seja de cerca de 1773.⁽⁷⁴⁵⁾

Jardim das Amoreiras

ÉPOCA: Cerca de 1715(?)

TIPOS: Grande painel figurado. Atribuo-o a António de Oliveira Bernardes

APLICAÇÃO: Em parede entre os arcos do aqueduto

ASSUNTOS: Passo da Vida de São Lourenço

NOTAS: Eram da demolida Igreja de São Lourenço.

ÉPOCA: Cerca de 1740(?)

TIPOS: Grandes painéis figurados azuis. Notáveis

APLICAÇÃO: Em paredes entre os arcos do aqueduto

ASSUNTOS: Dois painéis com 43 × 18, respectivamente: *Moisés Fazendo Brotar a Água e a Queda do Maná.*

NOTA: Tal como os anteriores estiveram no Museu Municipal (Galveias).

Jardim Zoológico

As direcções do Jardim Zoológico de Lisboa vêm, de há muitos anos, aplicando azulejos antigos em várias edificações com que têm valorizado o Parque das Laranjeiras.

Tem particular interesse o pavilhão localizado na parte norte dos jardins do antigo Palácio Farrobo, e ao qual têm sido dadas várias aplicações (*dancing*, casa de chá, recreio infantil, etc.). Para aqui têm sido transportados azulejos de mais de um tipo e época e que, aplicados criteriosamente contribuem para a beleza do local. Nas paredes

⁽⁷⁴⁵⁾ Ferreira de Andrade (ANDRADE, 1948, p. 28), escreve que os azulejos «são do século XVII» e ao enumerá-los dá um painel como representando a *Morte da Virgem*. J. M. SANTOS SIMÕES

e nos alizares da fachada sob a pérgula, estão vários painéis de figuração, pintados a azul e que constituem uma série decorativa de um desaparecido palácio lisboeta.

- 1) Quadro de 10 × 19, incluindo barra de 2 azulejos de folhas e cantos próprios, tendo ao centro a figuração de um rei sentado em trono sob dossel, que aponta para duas personagens femininas, uma das quais coroada, e que parecem receber de um serventuário um vaso ou urna.
- 2) Semelhante ao anterior, representa o *Rapto de Helena*, manifestamente tirado de gravura conhecida e que serviu para outros azulejos, naturalmente da mesma oficina, v. g. os do Palácio dos Marquês de Tancos, em Lisboa.

Na parte fronteira, de quatro alegretes, estão outros tantos painéis, agora de 8 × 12 cada, incluindo um de cercadura. Representa-se aí:

- 3) Trecho de composição mitológica com seis figuras de mulheres ou ninfas, no jeito de quem se lamenta ou pelo menos se mostra surpreendida.
- 4) Completa-se a cena anterior com a representação principal do *Rapto de Io(?) por Júpiter*, o qual se vê sentado num carro tirado por dois cavalos e guiado por dois «amores».
- 5) O *Rapto de Europa*.
- 6) Um herói ou príncipe coroado, sob um dossel, parece julgar uma jovem cativa conduzida por dois soldados.

Ainda nesta fachada, entre os alegretes, foram colocados azulejos de padrão pouco vulgar. No interior do recinto encontra-se o tanque rodeado de latada e, aqui, foram colocados seis painéis, sendo quatro de 10 × 13 e dois encurtados na largura, tendo presentemente 10 × 11. Formam estes painéis um conjunto e têm, de comum, as lindas barras de 2 azulejos de folhas e anjos, de magnífica composição. Os temas figurados, em pintura azul, são de fontes ornamentais e, em um deles, a graciosa dama de toucado «à la fontange», com um cãozinho no regaço, pequeno escravo negro, e a escolta de um fidalgo.

Ainda nesta quadra e no espaldar fundeiro estão dois belos painéis de 10 × 14, infelizmente bastante deteriorados. Teriam pertencido a um único painel, no qual era figurado, em pintura azul, o que parece ter sido um cortejo triunfal. Os painéis 1, 2, 5 e 6 ou são de António de Oliveira Bernardes ou saíram da sua oficina, notando-se a intervenção do mestre no tratamento das figuras. Do mesmo ciclo oficial serão os seis painéis da latada, em cujas barras, primorosamente desenhadas, se pode reconhecer o estilo de Policarpo.

Finalmente, os azulejos do espaldar, anteriores aos restantes, acusam na pintura e no colorido características que permitem colocá-los nos primeiros anos do século XVIII, ou mesmo últimos do XVII, com a intervenção de Oliveira Bernardes, ainda muito nos princípios da sua carreira azulejística.

Os painéis indicados sob os números 3 e 4, se bem que de temas que se podem ligar aos restantes, parecem pertencer a artistas diferentes certamente menos dotados. Ainda nas paredes da latada interior, por debaixo dos painéis, estão os alegretes e os bancos revestidos com azulejos ornamentais, azuis (tipo «Necessidades») e outros de figura avulsa de «estrelinhas», vulgares.

Largo da Achada

Do tempo do velho Recolhimento de Órfãs, fundado em 1610, não restam azulejos. Apenas na antiga capela transformada em dois aposentos para as recolhidas, existem paredes forradas com azulejos ornamentais, azuis, do tipo de vasos floridos, vulgares.

Largo da Penha de França

No antigo Convento da Penha de França têm sido feitas profundas obras, incluindo o restauro e até substituição dos velhos azulejos e instalação de outros totalmente novos. Em uma saleta do lado sul (piso superior do claustro) ainda há restos de um silhar primitivo, de figuração azul, com cenas de caça, cercadura concheada singela, sem interesse de maior. Nos corredores do piso nobre do claustro, em silhar de 7 de alto, painéis (muito restaurados e outros novos) de cercadura concheada azul forte, centros ornamentais a azul-claro. Na sala do poente, silhar de «cestos», divididos alternadamente por anjinhos e vasos de flores. Rodapé marmoreado manganês, colocado recentemente. Na escadaria principal, que do claustro conduz ao piso nobre, silhar recortado, de 9 de alto, interrompido pelo corrimão de mármore. Centros azuis e molduras concheadas. Cada lanço e cada patamar têm um painel com cenas de caça, vistas de portos, etc. É particularmente curioso o do patamar central, no qual se vê uma vista de porto, com a estátua de *Neptuno* e um desenhador desenhando. Esta azulejaria será de cerca de 1750 (?).

Largo de São João Nepomuceno, n.º 11 a 13

No prédio com entrada pelo Beco do Forno n.º 33, 1.º andar, há salas ornamentadas com silhares de 7 de alto, sendo 1 de rodapé marmoreado roxo. Os azulejos são de padrão pós-Terramoto, de florões com cercadura azul.

Na sala central vemos o mesmo tipo de azulejo, em painéis com cartelas marmoreadas amarelas e grandes florões azuis.

Largo de São Mamede⁽⁷⁴⁶⁾

.....

Largo de São Sebastião, n.º 16

No terraço superior vemos restos de um silhar que adornava o jardim. Tem este uma altura de 9 azulejos, de pintura, azul forte, com cenas de caçadas. São interessantes pela figuração, apesar de terem sido vandalizados pela garotada, que picou todos os olhos, tanto das pessoas como dos animais...

São azulejos de fabricação lisboeta cuidada, de cerca de 1725-30 (?). Revestindo os espelhos dos assentos estão pequenos painéis do mesmo tipo, de 4 de altura, agora apenas com paisagens. No jardim inferior, ao nível do primeiro pavimento, o espaldar de suporte de terras tem um nicho ladeado de dois painéis de azulejos, de 19 × 5 cada, pintura azul com figurações alegóricas ao *Verão* e à *Primavera*. Trabalho comum de cerca de 1740. Na escada para o segundo andar o silhar é de «balaústres».

Largo do Chafariz de Dentro, n.º 20

No interior do estabelecimento «A Flor de Alfama»⁽⁷⁴⁷⁾ foi colocado um painel que fazia parte de um silhar do mesmo prédio. É um exemplar muito notável e original. Mede 11 × 21 azulejos e é de pintura azul, de cerca de 1740-50.

Sobressai, ao centro uma imagem de *São Miguel Arcanjo*, num enquadramento barroco de rara elegância. O painel é limitado por ornatos rematando em cabeças de mulher, sobre os quais pendem dosséis, onde se apercebe o tema da «asa de morcego».

(746) Painel com cenas campestres e ruínas, com cercadura de enrolamentos de acanto, volutas, *putti* e dragões. Sobre a porta do n.º 7, painel ornamental com concheados ladeados de anjinhos e elementos vegetalistas. No pátio, painel de pintura azul com cercadura de concheados e pilastras, rematada por cestos com flores. Uma pilastra separa as cenas figurativas, incluindo soldados do lado esquerdo e figuras femininas do lado direito, algumas envergando hábito religioso. Na parte superior, os azulejos rodeiam uma janela, com grinaldas, coroamento por friso e cartela com inscrição: «OVOS OMNES QVI TRANSITIS PER VIAM. ATTENDITE ET VIDETE SI EST / SICVT DOLOR MEVS. Thren capº IV V. 12. Esta Sª Imagem mandou fazer o Ill.º e Ex.º D. Joaquim Mascarenhas. Conde de Cuculim. no anno de 1776». (MTV)

(747) Actualmente Restaurante «Patrono». (MTV)

Largo do Museu de Artilharia (Estado-Maior do Exército)

Na actual «Sala de Reuniões-Biblioteca» foram colocados, entre as estantes, painéis de azulejos com 7 de altura. Pertenceram estes azulejos a um silhar de igreja ou claustro, de algum convento desaparecido – o mesmo de onde foram levados azulejos para a Madre de Deus.

Na figuração alternam-se medalhões circundados por orla pintada a manganês, tendo nos centros várias cenas da *Paixão* e da Vida da Virgem. Entre os medalhões e formando o fundo figurado há grupos de religiosos referentes a ordens religiosas. Parecem ter como tema comum *Santo Agostinho* e, assim, um dos grupos mostra o Santo em glória tendo na parte inferior vários santos em adoração, entre os quais julgo reconhecer *Santa Brígida*, *Santo António* (?), *São Nicolau Tolentino*, *São João da Mata*, *São Tiago* e, na parte inferior, a legenda:

S. AVG. FVN DAT. ET. LEGISL. ORD. CAN. F. TVAR. ORDIN.

Outro grupo apresenta *Nossa Senhora sobre o Mundo*, com a legenda:

TOTA PULCHRA ES MARIA

acompanhada de quatro santas, de joelhos: *Santa Catarina*, uma Santa carmelita (*Santa Teresa*?) com as inscrições: S. LUZIA e S. ANTONINA A 12 DE JUNHO. Outras composições apresentam *Marta e Maria*, a *Ressurreição de Lázaro*, etc.

Estes painéis são de pintura azul, extraordinariamente fina, particularmente nos medalhões. Algumas composições estão enquadradas em emolduramentos *rocaille*, o que permite colocar estes azulejos entre 1760-70.

Na parte antiga do edifício, que foi a chamada «Fundição de Cima», há vários revestimentos de azulejos, particularmente nas escadarias principal e de serventia para a «Fundição de Baixo». São azulejos dos finais do século XVIII, policromos e ornamentais, do tipo vulgar de grinaldas.

Na antiga capela, agora aproveitada para posto de transformadores eléctricos, há ainda restos do silhar, do mesmo tipo e época dos da escadaria, tendo de curioso a ornamentação dos medalhões, constituída por apetrechos militares: tambores, cornetas, etc.

Largo do Terreirinho

Junto ao Largo do Terreirinho, na Calçada dos Cavaleiros, existe um «passo» da famosa Procissão do Senhor dos Passos da Graça, o qual, como os outros, está desguarnecido. Conserva-se no entanto, no interior, o revestimento parietal de azulejos, cobrindo não só as paredes laterais como o tecto e a parede testeira. Nesta, os azulejos enquadravam um painel pintado, provavelmente sobre tela.

O que distingue os azulejos é a sua coloração roxa, a condizer com a cor convencional do Senhor dos Passos. A composição geral é muito bem ordenada e constitui uma bela unidade decorativa. Os azulejos devem datar de cerca de 1780. Nas paredes laterais foram abertas duas portas, uma das quais serve uma pequena sacristia. Para aqui foram trazidos, em 1795, azulejos de emolduramento policromo e centros azuis, os quais se adaptam ao local. Uma longa inscrição em azulejo atesta que este passo era primitivamente na Rua do Bem Formoso, sendo dali trasladado em 1795.

É de presumir que todos os «passos» eram idênticos, com seus azulejos, sendo este o único que se conserva com bastante integridade. O «passo» conserva-se fechado, estando a chave guardada pelo zelador da Irmandade do Senhor dos Passos, na Igreja da Graça.

LVII *Museu Agrícola do Ultramar (Calçada do Galvão)*

Todas as salas têm azulejos, havendo-os de três épocas e tipos. Na Sala da Índia a figuração é de *caçadas*. Na Sala de São Tomé a decoração é policroma, de coloração viva, amarela, avinhada e com verdes.

Na Sala de Angola, figuração interessantíssima, com painéis representando *batalhas navais*, *cenar pastoris*, e três painéis, respectivamente, com a *Infantaria*, *Cavalaria* e *Artilharia*. Na pequena sala (de algodão e fibras) azulejos dos fins do século XVIII, muito belos.

Museu da Mitra (ou da Cidade), Palácio Pimenta⁽⁷⁴⁸⁾

Na *entrada e escada de acesso ao patamar de entrada*, o silhar recortado acompanha a rampa e sobe acima de um rodapé de pedra. Do lado esquerdo caçada ao veado e, do lado direito, caçada ao urso, tudo numa altura de 8 azulejos de pintura azul.

No *pátio*, dois painéis idênticos, com caçadas ao veado e ao javali, em 9 de alto. A *escada nobre* tem nas paredes painéis que nos mostram balaustradas, através das quais se divisam paisagens pintadas em azul esbatido. Os azulejos cobrem, na escadaria propriamente dita, a altura das paredes até ao nível das janelas. Do lado direito vê-se a construção de um palácio. A parte superior tem ornatos com flores e conchas amarelas (cor sobre o vidro). Nas paredes interiores da escada a decoração é com ornatos largos, sabiamente compostos. Aqui também os motivos são a amarelo. No *pátio superior da escadaria* há quatro figuras recortadas: TERRA, AR, ÁGUA e FOGO, com 8 azulejos de altura sobre silhar de 6 azulejos com balaustrada amarela, espelhando os balaústres da escada.

1.^a sala no primeiro andar – Silhar ornamental de 11 de altura. Tipo ornamental azul com desenho largo. Particularmente interessantes os dos vãos das janelas.

2.^a sala – Silhar figurado, em parte oculto pelas vitrinas, com 11 de alto.

3.^a sala (do Terramoto) – Silhar de 11 de alto, ornamental com medalhões. Muito notável.

4.^a sala (Marquês de Pombal) – Silhar de 11 de alto, com caçadas.

5.^a sala (da Lapa) – Silhar da mesma altura, com cenas de pesca, pastoris, jogo de cartas, etc.

6.^a sala (Júlio de Castilho) – Representação de cenas de exterior. Emolduramento bastante curioso.

No *corredor*, silhar ornamental de 11 de alto. No rés-do-chão foram ainda colocados azulejos de figura avulsa e de cestos.

Museu de São Roque (Museu da Santa Casa da Misericórdia)

Provenientes da demolição de um prédio, propriedade, por doação, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, recolheram ao Museu desta Instituição vários azulejos que aguardam classificação. Entre eles destacam-se oito, que faziam parte de um painel e aos quais se ligou maior importância.⁽⁷⁴⁹⁾

São azulejos de pintura azul, e o painel representaria uma cena venatória, com cavaleiros e cães. Um dos azulejos marcado no tardo A4 ostenta uma assinatura e data: *G. Bco 1697*, bem conhecida sigla de Gabriel del Barco. Vêm estes azulejos juntar-se à pouco numerosa lista de trabalhos do célebre pintor. O que lhes confere singular importância.

*Museu do Azulejo (vide Convento da Madre de Deus, antigo)**Museu do Carmo*

Em Março de 1914 apareceram numas escavações que se faziam no local onde foi o Mosteiro da Rosa (das Dominicanas), alguns azulejos, em grande parte de um painel, e que logo despertaram grande interesse, provocando uma acesa polémica nos jornais de Lisboa. O rastilho foi uma notícia publicada na *Capital* em que se referia a opinião

(748) Vide CÂMARA, 2007c, p. 153. (AGC)

(749) Das reservas do museu fazem parte três figuras de convite masculinas originárias da Quinta Alegre. (MTV)

do Dr. José de Figueiredo. Foi o assunto levado à Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos, em 4 de Março e, no debate intervieram principalmente o Dr. José de Pessanha, Matos Sequeira e José Queiroz, presentes que criticaram a opinião do Dr. José de Figueiredo, o qual se defende no *Diário de Notícias* do dia 9. Entretanto, o mesmo senhor encarregara o Senhor Júlio Mardel de Arriaga de estudar o assunto e de apresentar um relatório ao Conselho dos Monumentos Nacionais. Este relatório tem a data de 12 de Março e nele, o Senhor Mardel escreve que os azulejos pertenciam a uma dependência do Mosteiro de Dominicanas, o que deduz do exame de textos da crónica de São Domingos. Avança também a sua interpretação iconográfica, assegurando que se trata de uma festa a *São Jorge*, com a presença de sentenciados do Santo Ofício.

Antes, a 8 e 10 de Março, o Senhor Jordão de Freitas publicava dois artigos com a «sua» interpretação, a qual se filiava na visita de Filipe II (1619). A questão azedou-se com novos artigos de Jordão de Freitas e Júlio Mardel, dando este a questão por terminada com uma carta publicada em 25 de Março no *Diário de Notícias*.⁽⁷⁵⁰⁾ Os azulejos recolheram ao Museu do Carmo e foram colocados numa das paredes da sala do extremo norte. O painel figurado resume-se a 9 × 8 fiadas. Os azulejos extremos são mais pequenos, e a cercadura de 2 azulejos não era a que foi encontrada. Esta era de folhas encurvadas, como se vê por uma fotografia publicada no *Diário de Notícias* de 19 de Março de 1914. O painel, tal como está, mostra ao centro uma figura maior de armadura e manto, com capacete emplumado, no gesto de quem dá esmola a duas figuras ajoelhadas, tendo cada uma uma cruz na fronte. Atrás da figura central agrupam-se cinco figuras, das quais a do primeiro plano, de chapéu na mão, parece transportar um saco, possivelmente com dinheiro para as esmolas. A servir de fundo o panorama de Lisboa, com a torre do Paço da Ribeira, a Sé, Santo Elói, as muralhas da Ribeira Velha com uma porta que dá para a praia. No rio vê-se um pequeno barco.

Ignoro qual possa ser o significado da representação e é facto de estranhar a presença das duas figuras com cruzeiros na testa. Quanto à época da feitura não há dúvida que é o primeiro terço do século XVIII.⁽⁷⁵¹⁾

Museu Militar

Na escada para o gabinete, as paredes são ladeadas de painéis de cercadura policroma e centros azuis, de tipo vulgar, recortados. Representam cenas de batalhas e acampamentos. A salientar o painel do *Triunfo*, muito curioso.

Na Sala da República, silhar azul, com panóplias e cenas de guerra.

Na escada principal, silhares azuis com cenas militares.

LXII

Palacete dos Condes de Monte Real (Rua Buenos Aires, n.º 39)

O palacete é construído no início do século XX por Artur Porto de Melo e Faro, Conde de Monte Real, com projecto de José Luís Monteiro, sendo aplicados azulejos provenientes do antigo Convento do Rato.

(750) Devo estas informações à amabilidade do Senhor Fernando Mardel, filho de Júlio Mardel, o qual me facultou a leitura do relatório acima e dos «recortes» dos jornais onde saíram os artigos polémicos.

(751) No Museu do Carmo encontram-se expostos três conjuntos de painéis de azulejos. O painel referido encontra-se na sala 5. José Meco atribui a sua autoria a Manuel dos Santos, apontando como local do achado a capela do antigo Seminário de São Patrício, nas Escadinhas de São Crispim. Na interpretação de Matos Sequeira, referia-se a São Roque e à crença de que o desenho de uma cruz na testa evitava a peste.

Na sala 3 encontram-se, lado a lado, três painéis: cena com três personagens elegantes, com cercadura contendo pilastras, volutas, anjinhos, carranca na parte inferior e mascarão ladeado por anjinhos no topo; jogo da quilha e cercadura com concheados; ao centro, painel com São Miguel Arcanjo. Estes painéis, datados do segundo quartel do século XVIII, são atribuídos à oficina de Bartolomeu Antunes.

Na sala 4, vários painéis apresentam passos da *Paixão*: *Lava-Pés*, *Jesus no Horto*, *Beijo de Judas*, *Jesus perante Caifás*, *Jesus na Presença de Pilatos*, *Flagelação*, *Jesus Coroado de Espinhos* e *Ecce Homo*. Esta série prossegue na sala 5: *Pilatos Lava as Mãos*, *Jesus Carrega a Cruz*, *Jesus é Içado na Cruz*, *Calvário*, *Descida da Cruz* e *Deposição no Túmulo*. Os painéis possuem cercaduras de pilastras, concheados e embasamento com cartela no centro. Estes azulejos são originários do Convento de São Félix e Santo Adrião em Chelas, tendo sido oferecidos à Associação dos Arqueólogos Portugueses pelo Ministro da Guerra em 1898. José Meco atribui este conjunto a Francisco Jorge da Costa, datando-o de cerca de 1780.

MECO, 2002a, pp. 127-133. (MTV)

Na sala de reuniões dispõem-se painéis ornamentais policromos simulando pilastras, com marmoreado amarelo e verde e elementos ornamentais. Nos topos alternam urnas e cartelas. Uma das salas, no rés-do-chão, é revestida com silhares de albarradas com cercadura de enrolamento de acanto e rodapé marmoreado manganês.

No corredor exterior, painéis diversos de padrão pombalino.

No pátio foram aplicados painéis policromos de concheados com *chinoiserie*, paisagens, cenas galantes e de quotidiano. As escadas de exterior exibem azulejos de figura avulsa, terminando em painéis de colunas com querubins. ⁽⁷⁵²⁾

Palácio Angeja-Palmela

Situado no Paço do Lumiar, este palácio fez parte integrante da Quinta do Monteiro-Mor. A decoração azulejar do espaço interior encontra-se situada ao nível da entrada, algumas salas, nos rodapés com azulejo pombalino. ⁽⁷⁵³⁾

Palácio Caldas

Os irmãos João e Luís Rodrigues Caldas fizeram entre 1765 e 1766 as suas casas nobres no Largo dito da Madalena, depois do Caldas, cujo prospecto foi traçado pela Casa do Risco. Nas suas imediações, sobre a Rua da Madalena e a de São Mamede ao Caldas, construíram-se vários prédios de rendimento dentro dos mesmos parâmetros arquitectónicos, constituindo mais um exemplo da nova concepção do palácio regulador do espaço urbano. ⁽⁷⁵⁴⁾

Palácio da Condessa de Santar (Praça Rio de Janeiro)

ÉPOCA: Quarto quartel do século XVIII

TIPOS: Iguais aos da Quinta dos Azulejos, de onde provavelmente vieram

APLICAÇÃO: Silhares nas salas e escadas

ASSUNTOS: Frívolos

NOTAS:

Palácio da D. Rosa

Solar setecentista a que se deu, popularmente, o nome de «D. Rosa». Cerca de 1884 o piso térreo, incluindo a Capela de Nossa Senhora da Conceição, foi adaptado a armazém e habitação e, em 1889, passou a funcionar uma taberna na capela e, posteriormente, uma mercearia, sendo actualmente uma casa de fados.

A escada possui silhares policromos com almofadas amarelas, concheados manganês e filetes amarelos sobre fundo azul e padrão com florões sobre fundo azul e cercadura com motivos vegetalistas manganês. Na sala de entrada do segundo andar subsistem resquícios de azulejos de padrão pombalino.

A capela é vestida por azulejos de figura avulsa e, na parte inferior, azulejos de reticulado pombalino. Os painéis figurativos possuem cercaduras policromas rococó, de concheados manganês, filetes amarelos, elementos vegetalistas, pilastras e cartelas com símbolos marianos. Representam *Nascimento de Nossa Senhora, Apresentação da Virgem no Templo, Crucificação, Esponsórios, Anunciação*, um anjo segurando um espelho, um anjo segurando uma porta e painéis ornamentais. ⁽⁷⁵⁵⁾

Palácio da Estrela (Escola do Serviço de Saúde Militar, com entrada pelo jardim ao lado da Basílica da Estrela)

Na *escadaria*, silhar de 6 azulejos ornamentais policromos, esponjados: os espaços triangulares entre os degraus são igualmente preenchidos por azulejos. Nos *corredores* o

⁽⁷⁵²⁾ (MTV)

⁽⁷⁵³⁾ CÂMARA, 2007c, p. 173. (AGC)

⁽⁷⁵⁴⁾ CÂMARA, 2007c, p. 165. (AGC)

⁽⁷⁵⁵⁾ (MTV)

silhar tem 7 de alto, em marmoreados policromos. No *Gabinete do Conselho Escolar* o silhar tem a mesma altura do anterior, mas com medalhões ao centro. No meio, florão e grinaldas. *Sala de aula dos Oficiais do Quadro Permanente*: Silhar do mesmo tipo, com ornamentação rococó.

A *Sala de Conferências* tem silhar em painéis com medalhões. Nestes representam-se paisagens de pontes, castelos, etc., a manganês.

A *Sala Grande* é o equivalente a duas salas, hoje reunidas. O silhar é da mesma altura dos demais, com motivos decorativos, sendo um de medalhões com bustos e outro com centros de paisagens e ornatos de frutos.

Gabinete do Director: Silhar ornamental.

Palácio da Família Centeno (Alameda de Santo António dos Capuchos, n.ºs 1-5).

O edifício nobre – antigo Palácio das Açafatas da Rainha –, magnificamente proporcionado, é de construção ainda provavelmente do fim do século XVII ou princípios do XVIII. Foi sumptuosa residência do argentário Dr. Alberto Centeno e, actualmente (1958), é propriedade dos seus herdeiros, encontrando-se para venda. São no entanto importantes os azulejos que aí fomos encontrar e que passamos a descrever. No *piso térreo*, no átrio de entrada, o silhar ornamental é azul, de 8 azulejos de altura. São do tipo de taças floridas. Num quarto próximo o silhar é do mesmo género, com 9 de alto e cestos ladeados de golfinhos.

Na *escada de serviço* interior os azulejos são de figura avulsa, vulgares. A *escadaria* começa a partir do patamar. Aí vemos silhar recortado, azul, com figuras de anjos e alegorias mitológicas metidas em medalhões. Conjunto muito notável. O *piso nobre* é constituído por uma série de grandes salões e quartos interiores. No *Salão de Baile* o silhar é magnífico, de 12 azulejos de altura e pintura azul. O silhar envolve todo o salão e, na parede maior, o extenso painel tem 72 azulejos de comprimento. A composição é centrada por uma fonte arquitectónica, tendo de um lado, um jovem casal, ela toucada com «fontange» e sendo conduzida pelo braço do gentil-homem. Nos extremos, dois carros alegóricos são, respectivamente, tirados por golfinhos, levando uma figura de mulher nua (a *Água*) e outro puxado por dragões e conduzindo outra figura de mulher coroada com um castelo. O carro parece feito de pedras (a *Terra*). Aos lados das portas, quatro painéis de 16 azulejos de largura representam mais alegorias, tais como um carro puxado por cavalos (*Europa*), outro por camelos (*Ásia*), por elefantes (*África*), com uma negra, e por leões (*América*). Entre as janelas, com 13 azulejos de largo, dois painéis idênticos, desta vez com um carro puxado por águias (o *Ar*) e Vulcano (o *Fogo*). São, como se vê, alegorias aos *Quatro Elementos* e às *Quatro Partes do Mundo*.

Sala dos Quadros⁽⁷⁵⁶⁾ silhar de 12 de alto, em cinco painéis enquadados por cercadura de 2 azulejos de largo. Os centros representam cenas mitológicas:

- 1) *Actéon* no momento em que Diana surpreendida no banho o transforma em veado.
- 2) *Europa*, raptada por Júpiter, metamorfoseado em touro.
- 3) *Apolo* e *Dafne*, esta transformada em loureiro.
- 4) *Júpiter* e *Io* no momento em que o deus, a coberto da nuvem, persegue a ninfa, sob os olhares suspeitosos de Juno.
- 5) *Pan* e *Syrinx* (?) vendo-se o deus perseguindo a ninfa, que se transforma em canavial (?).

Sala dos Pratos: Silhar de 11 de alto, com cenas de merenda ao ar livre (duas damas de «fontange» e um fidalgo de alta peruca servidos por criados), cascatas, e, na parede maior, belo grupo de duas formosas damas num jardim, uma tocando violino e outra talvez cantando.

LXII

(756) O nome das salas foi-me dado pela zeladora do edifício.

Sala de jogo – Silhar de 11 de alto, com cenas da Vida de Diana.

Casa das Damas – Silhar de 10 de alto com figuração relativa às *Aventuras de D. Quixote*. O desenho aqui é mais fraco do que os das outras salas.

Antiga capela – O silhar tem 11 de alto. Na parede maior, onde provavelmente esteve o altar, foi colocado recentemente um painel de azulejos para condizer com os restantes. Estes são constituídos por pequenos painéis com ermitões.

Sala Dourada – O silhar é de 12 azulejos. Na parede maior grande painel tendo, ao centro, uma fonte e, de cada lado, uma cena de *Caça ao Leão e ao Tigre*. Na parede, entre duas portas, caça ao javali, com cerco de rede; na parede comum à do salão de baile, de cada lado da porta, painéis de caça ao veado e ao javali. Entre as janelas, painel com grupo de amazona e cavaleiros de costas, exactamente o mesmo motivo do painel maior do Palácio Fronteira.

Este conjunto é dos mais completos e interessantes que conheço. Os azulejos são todos de uma mesma época – entre 1720-30 – de bom desenho e coloração azul. Os motivos devem ser todos inspirados de gravuras. São particularmente notáveis os grupos das alegorias do Salão de Baile, as Metamorfoses e a parelha das Damas da Casa dos Pratos, esta por causa da indumentária riquíssima. Também é curioso notar o painel da Sala Dourada, entre as janelas, pela sua comunhão com o painel holandês do Palácio Fronteira. São muito pitorescas as cenas quixotescas, particularmente o passo da Dulcineia montada num burro, desprezando a corte de D. Quixote. Julgo reconhecer nestes azulejos o monogramista PMP.

Palácio da Marquesa de Tancos

O palácio é obra do último quartel do século XVIII e a ornamentação é relativamente pobre para o tamanho e categoria da casa. No salão principal há um silhar de 6 azulejos de altura – baixo e mesquinho para as dimensões da sala – constituído por painéis com cenas frívolas e vulgares, de centro azul e emolduramento policromo. Noutra sala, os silhares são ornamentados a dois tons de azul (no género dos das Necessidades), mas de desenho mais fraco. Noutros compartimentos há azulejos de «almofadas», vulgo pombalinos, alguns de padronagem pouco vulgar, mas sem grande interesse. Os rodapés são esponjados.

No quarto do rés-do-chão foi colocado um silhar de vasos e flores azuis, da primeira metade do século XVIII, de desenho vulgar.

Palácio das Galveias

Os azulejos primitivos do velho Palácio dos Condes das Galveias foram arrancados quando da venda deste à Câmara Municipal, e distribuídos entre os vendedores. Alguns foram para o palácio da Rua de São João dos Bencasados (depois Rua Silva Carvalho, n.º 311) e estavam à venda em Dezembro de 1958, por virtude deste palacete ser demolido. Já os vi colocados mas apenas em fotografia. Eram painéis figurados, com cenas da Vida de Marco António e Cleópatra, azuis, talvez ainda do primeiro quartel do século XVIII.

Havia-os também ornamentais de vasos e golfinhos.

Fui informado pela Ex.^{ma} Proprietária destes azulejos que outros da mesma proveniência se encontram em Borba, na Quinta do General.

Palácio das Necessidades ⁽⁷⁵⁷⁾

No piso térreo, belos azulejos em silhares, a maioria mutilados e misturados. São notáveis os do claustro, de emolduramento *rocaille* azul forte, centros em azul meia-tinta

(757) Vide a monografia completa e actualizada sobre este espaço: Leonor FERRÃO – *A Real Obra de Nossa Senhora das Necessidades*. Lisboa, Quetzal, 1996; CÂMARA, 2001, p. 344. (AGC)

O conjunto de azulejos do Palácio e Convento das Necessidades foi objecto de contrato de parceria entre os mestres-ladrilheiros Bartolomeu Antunes e João Nunes, em 1747, onde se mencionam diversas campanhas de assentamento de azulejos. Vide: MANGUCCI 2003a; MANGUCCI, 2003b. (CM)

com ornamentação de folhas e anjinhos. Em alguns painéis há toques de cor amarela e manganês muito claros, o que produz um lindo efeito. Nos corredores superiores há extensos silhares de azulejo azul historiado, com paisagens, caçadas, cenas frívolas, marinhas, etc. Em quase todas as salas há azulejos que me parecem ser de uma mesma época e fabricação, de cerca de 1740.

Palácio de Belém ⁽⁷⁵⁸⁾

Em 1726, a propriedade, então denominada «Quinta do Meio», foi adquirida por D. João V ao Duque de Aveiras, para nela instalar residência de veraneio. Após o Terramoto, o palácio foi sujeito a obras dirigidas por João Pedro Ludovice, a quem terá sucedido, cerca de 1770, o arquitecto Mateus Vicente de Oliveira. No século seguinte, é ocupado intermitentemente pela Família Real, sofrendo períodos de abandono. Em 1908, por carta régia, é cedido à Fazenda Pública, para alojamento de chefes de Estado e missões estrangeiras. Com a República assume funções públicas, tornando-se residência oficial do Chefe de Estado.

Palácio de São Vicente

Situado na Graça, terá sido construído em 1606 a mando de D. Diogo Soares, Secretário do Conselho de Portugal em Madrid. Três séculos depois foi comprado por Alfredo da Cunha, Director do *Diário de Notícias*. Passou, então, por ampla reforma a cargo do arquitecto Bigaglia, tendo então recebido a azulejaria que o ornamenta.

No patamar da escadaria encontram-se azulejos de albarradas, com cestos de flores ladeados de meninos sobre peanhas, segurando cornucópias. As cercaduras são formadas por motivos vegetalistas.

Na marquise foram colocados azulejos de padrão pombalino, policromos, em tons de azul, branco e amarelo e a azul e manganês.

Na sala do bilhar foram colocados painéis policromos com composições neoclássicas, contendo medalhões com paisagens.

No salão de baile os azulejos são de pintura azul com cercaduras de concheados. Representam cenas marítimas, caçadas, cena galante e músicos.

No corredor de acesso à copa, um painel figurando jogo de damas e painel ornamental com vaso ladeado de aves com flores no bico, seguindo-se a copa com painéis de jarras com flores. Na cozinha, padrão reticulado com estrelas estilizadas.

As escadas de acesso ao primeiro andar são revestidas com azulejos de figura avulsa. O átrio e corredor do primeiro andar apresentam painéis de albarradas. Também no primeiro andar se situa a sala de jantar, que apresenta painéis de caçadas e cavaleiros.

O jardim alberga um grande repositório de azulejos de diverso tipo:

- painéis ornamentais com cercaduras de acanto ladeados de vasos;
- painéis recortados com cenas religiosas e cartelas com inscrições em latim. Um deles apresenta referência ao restauro do século XX: «L. A. J. / RESTAUREI EM 1922»;
- azulejos de figura avulsa;
- figura de convite representando militar armado;
- azulejos de padrão policromo centrados por medalhões com paisagens;
- painéis policromos com almofadas ladeadas de pilastras;
- painéis policromos de padrão gradeado com fitas entrelaçadas;
- painéis ornamentais neoclássicos com grinaldas e medalhão central suspenso por fitas e painéis isolados de características neoclássicas;

(758) Varanda do Palácio de Belém. Este conjunto azulejar foi objecto de publicação no âmbito da Exposição do Palácio de Belém, organizada pelo Museu da Presidência da República, em 2005. *Vide Azulejos, Estuques e Tectos do Palácio de Belém*, Museu da Presidência da República, Lisboa, 2005. (AGC)

- sobre as portas, frisos ornamentais policromos com grinaldas, encimados por urnas;
- composições policromas formadas por almofada ladeada por pilastras, algumas centradas por medalhões contendo a Lua, o espelho (?), a estrela, o Sol;
- registo de São Marçal com cercadura policroma rococó;
- registo apresentando *A Virgem e o Menino a Oferecer Rosários a Santa Clara (?) e Santo António (?)*, com cercaduras de concheados policroma. Em baixo, cartela com alminhas e a data «1768»;
- painéis de padrão policromo com flores;
- reconstituição de painéis azul e branco fragmentados, com anjos e cenas religiosas, relativas à Virgem e a Cristo;
- diversos painéis com vasos;
- painel com Nossa Senhora da Piedade, com cercadura recortada, ladeada por pilastras e encimada por sanefa. Contém inscrição: «U. DA (...) DADE»;
- figura de convite representando alabardeiro, inserido em painel com cercadura de concheados;
- fragmentos de painéis de figuras galantes e populares; painéis com cenas de jardim e galantes, cena de dança e jogo de tabuleiro, figuras sentadas à mesa, cenas marítimas, monges, pescadores;
- painel com custódia rodeada por dois anjos e painel com imagem de bispo, ambos com moldura recta;
- painel policromo com concheados, figurando a Virgem coroada com o menino rodeada por querubins, inserida em estrutura arquitectónica com anjos segurando o espelho e o Sol, símbolos marianos;
- painéis neoclássicos ornamentais apresentando colunas com medalhões contendo bustos, suspensos por laços;
- painéis policromos neoclássicos um deles com figura masculina junto a fogareiro e outro com figura feminina com cachos de uvas;
- composição neoclássica policroma de fundo amarelo, integrando fonte e os nichos que a ladeiam, com medalhões contendo representações do *Baptismo de Cristo*, *Milagre da Pesca Milagrosa*, *Nossa Senhora e Santo António com o Menino* e personificações da *Primavera* e do *Verão*;
- painel azul e branco figurando o *Baptismo*;
- painel azul e branco com cercadura de concheados representando episódio da Vida de Santo António: *Milagre da Mula*;
- sobre uma porta, painel policromo de concheados com busto de figura masculina a manganês;
- parede recoberta com extensa composição de pintura azul com cenas religiosas, incluindo janelas e portas em *trompe-l'oeil* policromas. Numa das portas surge uma figura. ⁽⁷⁵⁹⁾

Palácio do Barão de Moçâmedes, antigo

Na capela, silhar de 8 de alto com painéis azuis, representando os *Quatro Evangelistas*. Serão azulejos de cerca de 1750.

Na sala de entrada, silhar de vasos floridos, com cercadura de folhas. Nas outras salas menores os mesmos azulejos, agora ainda com cestos. No salão nobre, silhar com *cenas mitológicas*.

No salão que serve de secretaria, silhar notável com assuntos *mitológicos* e cercadura notável.

Na escadaria, silhar de 8 de alto, sendo os dois inferiores de rodapé marmoreado, imitando moldura. Os seis restantes são de tipo ornamental, a dois tons de azul.

(759) (MTV)

Palácio do Conde de Vila Flor (Costa do Castelo)

ÉPOCA: Segundo quartel do século XVIII

TIPOS: Azuis historiados e avulsos

APLICAÇÃO: Escadaria e salas

ASSUNTOS: Caçadas

NOTAS:

Palácio do Pátio de D. Fradique (Chão da Feira)

O Palácio do Pátio de D. Fradique, que foi dos Belmontes, velha relíquia lisboeta, estava, quando da minha visita em 1957, num estado de abandono confrangedor e dificilmente se poderia reparar o estrago do tempo.⁽⁷⁶⁰⁾ Dos azulejos ali existentes destacamos:

Grande salão – É decorado com grande silhar que lhe corre em todo o redor, com 13 azulejos de altura, pintura azul, figurando *História de José do Egipto*. A cercadura era típica do meado do século XVIII, de cerca de 1740 (?).

Sala contígua (quarto de cama) – Silhar do mesmo tipo e altura.

Figuração com *alegorias de rios* (?)⁽⁷⁶¹⁾ – Os pilares separadores dos painéis são aqui com cariátides portadoras de flores.

Quarto pequeno junto ao anterior – Silhar de 11 de alto, com *cenias bíblicas*, do mesmo tipo e estilo dos anteriores.

Salão de jantar – Silhar de 12 de alto, provavelmente recortado, mas em que faltam os topos. É do mesmo tipo de azulejo, desta vez com *cenias de merendas*, algumas muito curiosas com damas de *fontange*. É o conjunto mais interessante da casa.

Sala de música – Compartimento relativamente pequeno e que tira o nome da decoração dos azulejos, em silhar de 9 de alto, onde se vêem cenias musicais e diversos instrumentos: cravo, flauta, violino, trompete, etc.

Corredores do piso nobre – Estão cobertos de azulejos de figura avulsa, de estrelinhas, de tipos vulgares, sendo de notar uma fiandeira. Um dos azulejos mostrava um coração atravessado por setas em que se lia a palavra AMRO (*sic*)...

No corpo do edifício, sobre a porta principal, há apenas um quarto com rodapé de 2 azulejos de alto, no qual se incorporaram azulejos de aresta, do padrão «urnas» com azulejos de caixilho, de faixa verde.

No andar cimeiro há um quarto armado em saleta, com silhar de 10 de alto, figurado, com *cenias mitológicas*, da época dos demais. É manifesto que a grande decoração azulejar foi feita cerca de 1740, se bem que talvez tivessem existido azulejos anteriores nas partes mais antigas do velhíssimo palácio.⁽⁷⁶²⁾

Palácio do Senhor Pancas (a Arroios)

.....

Palácio do Visconde de Porto Salvo (Calçada do Combro)

ÉPOCA: Século XVIII

TIPOS: Azuis figurados

APLICAÇÃO: Nas salas e escadas

ASSUNTOS: Vários, mitológicos

(760) Restaurado na década de 1990, nele funciona actualmente uma unidade hoteleira. (MTV)

(761) Poderá tratar-se de episódios da *Eneida* de Virgílio. (MTV)

(762) Na «Sala Redonda» painéis com cena galante e figuras de turbante sobre peanhas, segurando cornucópias de flores. Um dos quartos possui azulejos de figura avulsa, com cercadura de motivos florais. A sequência dos painéis do salão foi alterada devido a modificações efectuadas na divisão no ano 2000. Nas salas ditas «Egas Moniz» muitos dos painéis desapareceram, subsistindo ainda alguns, com cenias campestres e marítimas, bem como fragmentos de cercaduras. Estão atribuídos a Manuel dos Santos. *Vide* MECO, 1980, pp. 35-44. (MTV)

NOTAS: Pinho Leal (LEAL, 1990, vol. 7, p. 587) escreve que o «Palacete... que fica em frente da entrada do Palácio do Senhor Conde de Mesquitela» era do Visconde de Porto Salvo. Foi das pessoas mais opulentas do seu tempo.

Palácio dos Almadas

No pátio interior vemos painéis figurados no espaldar de dois bancos, com barra de 2 azulejos de folhas, pintura azul e, o mais importante, assinados. Assim, um deles, de 10 × 20 azulejos representa uma caçada ao javali e tem a assinatura: *G. Barco*. O outro, de 10 × 15, com representação idêntica, ostenta a mesma assinatura: *GaBriel dei Ba...*

Outro painel, de 12 × 16, com barra de 2 azulejos, tem cercadura de anjos e a parte central com fonte ornamental e grupos de figuras: dançarina ao som de flauta e mulher mostrando um filho. Serão de cerca de 1735.

Ainda outro de 12 × 25, com 2 de barra, mostra uma cena portuária, com homens fumando cachimbo. Serão igualmente da mesma época do anterior.

Palácio dos Carvalhos⁽⁷⁶³⁾/Palácio Pombal (Rua do Século)

Construído ou remodelado por Sebastião de Carvalho, nele nasceu em 1699 o seu neto, Sebastião José de Carvalho e Melo. No edifício funcionou entre 1716 a 1720 a Academia dos Ilustrados. Após o Terramoto, foi alterado e aumentado pelo Marquês de Pombal, com a construção da capela, execução de estuques e aquisição de azulejos e estatuária.⁽⁷⁶⁴⁾

No átrio – Painéis com figuras galantes, cenas marítimas e campestres, com cercaduras de pilastras com volutas, grinaldas e mascarões.

Em salas do rés-do-chão – Painéis ornamentais com concheados e elementos vegetalistas manganês e cercadura de concheados azul; painéis de albarradas.

Sala grande – Painéis com panóplias de armas, em fundo gradeado azul e amarelo.

No primeiro andar – Sala da lareira – painéis ornamentais de tom azul com candelabros antropomórficos, «asas de morcego» e elementos vegetalistas, pontuados por animais a amarelo. As cercaduras possuem concheados, elementos vegetalistas e mascarões.

Sala – Painéis manganês de finas cercaduras policromas rococó, com concheados, elementos vegetalistas e aves, separadas por grandes vasos de flores. Representam cenas marítimas e paisagens.

No andar -1 – Sala com azulejos de padrão com florão no centro e motivos vegetalistas; sala com pequenos painéis de concheados com figuras masculinas, apresentando um deles uma ave, tapados por armários.

Cozinha – Azulejos brancos com cercadura de motivos vegetalistas azuis. Nalguns espaços encontram-se reaproveitamentos de azulejos de figura avulsa e de padrão.

Escada – Silhares de padrão com florão central e de balaústres; noutra escada subsistem restos de azulejos de figura avulsa.

Jardim – Painéis apresentando vários animais, outros com figuras galantes e populares em diversas actividades: pescadores, fumadores, ida ao tanque e ao poço, fiadora, caçadores, cavaleiro, pastora, homem observa o céu utilizando uma luneta e outras figuras, entre outros. Apresentam grandes sinais de degradação.

Na casa de fresco – Painéis bastante degradados apresentam cenas galantes, bucólicas e mitológicas, jogos e divertimentos.

Palácio dos Condes de Óbidos

O palácio foi construído no segundo terço do século XVII por D. António de Mascarenhas. No último quartel dos século XVII, D. Vasco de Mascarenhas, 1.º Conde de Óbidos,

(763) Vide CÂMARA, 2007c, p. 169.

(764) Alguns dos azulejos do interior foram furtados no final de 2005. IHRU, «Palácio Pombal/Palácio dos Carvalhos», www.monumentos.pt, 1994-2001. (MTV)

inicia uma campanha de obras que prossegue com o 2.º Conde de Óbidos. Em 1919 foi vendido à Cruz Vermelha Portuguesa, actual proprietária do imóvel.

A Sala da Mitologia possui cinco silhares datados do primeiro quartel do século XVIII, com episódios das *Metamorfoses* de Ovídio e cercaduras com enrolamentos, cabeças de leão e, lateralmente, *putti* com jarras de flores e frutos à cabeça. Representam o *Rapto de Europa*, *Tibes Chora a Morte de Príamo*, *Apolo Persegue Dafne*, *Perseu Libertando Andrómeda*, *Meleagro e Atlanta*, *Prócris e Céfalos*.

Os azulejos da Sala de Diana ou do Conselho Supremo, com episódios relativos a Diana, e da sala de jantar, com cavaleiros e cenas galantes, sofreram restauro na década de 1940, provavelmente da autoria de José Leite, responsável pelos novos azulejos da Sala das Parábolas.⁽⁷⁶⁵⁾

Palácio dos Lagares d'El-Rei

Na casa nobre dos Condes de Almada, hoje encravada no conjunto urbano do Areeiro, encontra-se valiosa colecção azulejar, de mais de uma época. Ao fundo do jardim foi colocado, em época recente, um painel de 3 × 6 azulejos trazidos de outro local, e que fazia certamente parte de uma composição maior. De pintura azul, característica dos princípios do segundo quartel do século XVIII, ostenta, na parte central, o brasão de armas dos Almadás, infelizmente mutilado na parte superior, onde mal se divisa o elmo. O escudo é ladeado de duas figuras de anjos, que faziam parte da ornamentação da composição primitiva, não podendo, verdadeiramente, ser tomados como «tenentes». Será feitura de cerca de 1730.

Palácio dos Machadinhos (Direcção dos Serviços de Abastecimento da C.M.L.)⁽⁷⁶⁶⁾

Sala de espera – No topo da escadaria principal fica esta sala, cujo silhar tem uma altura de 10 azulejos, incluindo barra de 2. Os centros são de vasos floridos e anjinhos, com cornucópias. A pintura é azul forte. São dos mais belos exemplos que conheço deste tipo de decoração, certamente dos princípios do século XVIII, e que podem servir de protótipo para exemplificar a ornamentação singela e versátil. O elemento «vasos floridos» contém-se em 6 × 4 e o elemento «anjinho» (uns esquerdos e outros direitos), obtidos pela inversão do molde, em 6 × 3. Vieram estes azulejos de Carnide.

Pátio superior – Silhar de 8 azulejos acima do rodapé de madeira. É de taças com flores e grinaldas, barra de 2 azulejos de folhas encurvadas, tendo nos cantos caras de querubins. Exemplos vulgares do meado do século XVIII.

Salas da Secção de Expediente – Nas duas salas o silhar é baixo, de 4 azulejos, sendo 1 de barra. O corpo do silhar é de taças floridas (de 2 × 2) e bilhas com flores (1 × 2), muito curiosas pela forma. É dos tipos mais singelos que conheço nesta ornamentação. Eram de uma casa da Mouraria.

Gabinete dos Médicos Veterinários – Silhar de 6 de alto, com cestos floridos.

Sala da Estatística – Silhar de 8 de alto, com jarras e vasos com sereias e golfinhos.

Gabinete do Chefe da Repartição – Silhar do mesmo tipo dos anteriores.

Sala Central – Silhar recortado, tendo no corpo 10 de alto, formando seis painéis, figurados, azuis, com cenas de jardins e concerto musical, este muito curioso.

Salão Nobre – Silhar recortado tendo no corpo 10 azulejos de altura. São seis painéis com *cenas mitológicas* – *Vénus* e *Diana*, tiradas de gravuras francesas. São particularmente curiosas as que representam a *Toilette de Vénus* e a *Força de Vulcano*. À entrada desta sala está um pequeno silhar de vasos *rocaille* que já pertencia ao palácio.

⁽⁷⁶⁵⁾ (MTV)

⁽⁷⁶⁶⁾ Representativo de uma arquitectura civil residencial, pombalina, tem planta rectangular e fachada principal organizada em três níveis. Sobre o portal de cantaria de feição pombalina e elementos decorativos rococó reconhece-se uma cartela *rocaille* com a pedra de armas dos Pinto Machado. Este espaço tem actualmente um projecto para ser reabilitado como hotel de charme. (AGC)

Eram também do palácio os azulejos do pequeno jardim que dá para a Rua dos Machados – policromos do século XVIII – e que forram a cúpula do jardim que dá para a Rua do Quelhas.

Há ainda vários azulejos de figura avulsa e de vasos floridos e ornamentais, de grandes florões, que vieram da Casa da Mouraria.

Palácio dos Marqueses de Castelo Melhor (Largo da Rosa)

A capela-mor deste palácio tem azulejos ainda do século XVII. Do século XVIII são os azulejos do corpo, onde está o revestimento em enormes painéis figurados e recortados, tendo ao centro 33 de altura. São, no género, dos maiores que conheço. Os centros figurados representam a hagiografia de *São Lourenço*, com legendas latinas. São painéis azuis, sendo envolvidos por cercadura concheada policroma tendo, na parte inferior, cartelas com coroa e palmas de martírio ladeadas de anjos.

À entrada, do lado da epístola e na parede fundeira:

- 1) DISPERSIT, DEDIT
PAUPERIBUS, PSALL, III.9

Na parede sob o coro, do lado da epístola:

- 2) PERSIGNUM CRUCIS
CAECOS ILLUMINAVIT

Na nave:

- 3) São Lourenço fala com o Papa e da boca do Santo saem as palavras e as letras escritas às avessas: *Non me derelinque Pater Sancte*, e, da boca do Papa: *Post Tridum me sequeris*.
Aos pés do Papa: *S. Xistus II, P et M*.

Segue-se o emolduramento da porta lateral da Capela de Nossa Senhora das Dores e do púlpito. É um conjunto notável. Do lado do evangelho representa-se os martírios do Santo.

- 4) São Lourenço entre os fiéis, aleijados, pobres e ímpios, diz: *Isti sunt Thesauri Ecclesiae*.

Sob os arcos da grande tribuna:

- 5) LEVITICI ANIMI FORTITVDINEM DIRIS PARAT URGERE SUPPLICIIS.
Vê-se soldados a pôr brasas sobre a grelha.
- 6) Um guerreiro de lança, diz: *Video ante te fuvenem pulcher anum / festiva me baptizar*. Aos pés do guerreiro as palavras: *Romanus M*.

Na parede fundeira:

- 7) STRINXERUNT. CORPORIS MEMBRA
POSITA SUPER GRATICULAM.
São Lourenço colocado sobre a grelha enquanto no céu aparecem anjos. Da boca do Santo saem as palavras:
ASSATUM EST PRA; VERSA ET MANDUCA.

Palácio dos Marqueses de Minas, antigo

Situado na Rua da Rosa, foi este palácio adaptado a Centro de Assistência Social da Misericórdia.⁽⁷⁶⁷⁾ No palácio propriamente dito, e no edifício contíguo pelo lado norte, encontram-se vários revestimentos de azulejos, dignos de nota.

Escada principal – Silhar de 10 azulejos acompanhando toda a escada e apresentando balaústres, atrás dos quais há uma infinidade de figuras em atitudes cómicas: meninos, anões, pajens, negros, gaiolas com aves, papagaios, gatos, carneiros, macacos, etc. São estes azulejos azuis, tipicamente dos princípios do século XVIII, de cerca de 1715. Ao topo da escada abre-se a porta para a actual:

Sala de espera – Belíssimo silhar de 10 de altura, disposto em grandes painéis figurando batalhas: saque, bivaque, assédio. É um conjunto notabilíssimo, do tipo de cercaduras rectas de anjinhos. Será obra lisboeta do primeiro quartel do século XVIII.

Salão – Silhar da mesma altura do anterior e com o mesmo tipo de azulejo e cercadura, em painéis com cenas de jardim e de caçadas. As damas estão toucadas com *fontange*.⁽⁷⁶⁸⁾

Jardim (hoje transformado em pátio interior, com edificações mais modernas) – Aqui há de notável dois medalhões ovais, representando provavelmente retratos de uma bela dama, de *fontange*, e de um cavalheiro. Nas paredes há dois painéis do mesmo género e tipo, com outras damas brincando com um papagaio, tendo aos pés um ouriço ou porco-espinho. Nos alegretes do jardim está o revestimento de 3 azulejos de alto, com cenas burlescas, cercadura de gomos e holandesa. Estes azulejos são atribuíveis ao monogramista PMP. No edifício ao norte, todo ele de uma época mais recente, há azulejos de vasos, taças, cestos e albarradas.

Capela – Tem silhar de 10 de alto, com *cenar marianas*, do segundo quartel do século XVIII. Tipo vulgar de Bartolomeu Antunes.⁽⁷⁶⁹⁾

Cozinha – Azulejos de estrelinhas, enxaquetados com branco. Os do refeitório são já do final do século XVIII ou mesmo princípio do XIX. Há alguns azulejos em rodapé, azuis, de padrão raro; romãs?

Escada – Menos imponente que a do prédio do lado, está igualmente revestida com silhar recortado tendo, em painéis, várias cenas de caçadas. Num deles reconhece-se o mesmíssimo cartão que serviu para um dos painéis do Correio-Mor, de Loures: damas e cavaleiro com falcão.⁽⁷⁷⁰⁾

Palácio dos Marqueses de Olhão (Xabregas)

Na entrada, silhar de 10 de alto, incluindo cercadura de 1 azulejo mas tudo do século XVII.

Salão A: Silhar azul de 12 de alto, com 2 azulejos de cercadura em todo o redor do salão, que foi, no entanto, maior. A figuração é mitológica, julgo que referente a *Diana*. Os azulejos estão bem desenhados, com largueza e serão certamente de cerca de 1718-22, talvez de discípulo de Oliveira Bernardes. Lembra o PMP, mas acusa maior liberdade de desenho. É particularmente notável o painel do topo norte.

Salão B: Silhares de 12 de alto, azuis, de emolduramento recto, independente. A figuração é de cenas cortesãs, com damas de *fontange*, cavaleiros, etc. Estes azulejos afiguram-

(767) Funciona no edifício o Lar de Nossa Senhora do Amparo da Santa Casa da Misericórdia. Foi construído na segunda metade do século XVII, sendo então residência de D. Francisco de Sousa, Marquês de Minas, embaixador de Portugal em Roma entre 1669 e 1972. (MTV)

(768) Na parede, por cima do silhar, encontram-se dois medalhões com uma dama e um homem, tradicionalmente identificados como os Marqueses de Minas. Os painéis desta sala são atribuíveis ao Mestre PMP. Vide: *Azulejos. Painéis do Século XVI ao Século XX*, Santa Casa da Misericórdia, Museu de São Roque, Lisboa, 1994; Alexandre Pais, «Espólio Azulejar nos Palácios e Conventos da Misericórdia de Lisboa», in *Património Arquitectónico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa 2006, vol. 1. (AGC/MTV)

(769) Representam a *Anunciação*, *Fuga para o Egito*, *Adoração dos Reis Magos* e painel com duas figuras junto de igreja (peregrinos?). Os pilares das cercaduras contêm símbolos marianos, surgindo ainda silhares de albarradas. (MTV)

(770) Nos átrios, gabinete médico e em quartos, no primeiro e segundo andares, encontram-se silhares de albarradas, com anjinhos e cestos de flores ou jarras, com cercaduras de enrolamentos de acanto. Outra divisão, antiga cozinha, é revestida com azulejos de figura avulsa emoldurados por barra de enrolamentos. (MTV)

-se-me mais modernos que os anteriores, talvez de cerca de 1720 ou, pelo menos, de outro pintor.

Salão de jantar – O silhar foi provavelmente recortado mas, por ocasião das obras dos princípios do século XIX, cortaram o coroamento, ficando o alizar recto. A cercadura é já incorporada na figuração. Esta apresenta cenas bélicas, nomeadamente o que parece ser uma batalha com assalto de uma ponte, vendo-se a bandeira portuguesa da Restauração. São de pintura azul, revelando trabalho de cerca de 1720.

Corredor – Para esta quadra foram trazidos azulejos de uma das salas modificadas. E um silhar semelhante ao do salão nobre, com figuração cortesã, sendo notáveis as cenas de música, dança e merenda. As damas, em «fontange», são acompanhadas por duas figuras de grandes capas, muito curiosas. Pertencem estes azulejos ao tipo e época dos anteriores.⁽⁷⁷¹⁾

Palácio dos Marqueses de Tancos, antigo (Costa do Castelo)

Adaptado hoje a escola, vemos nas salas de aula os seguintes azulejos:

Sala de aula n.º 4 – Silhar em todas as paredes e entre as janelas. Na parede maior os azulejos têm 12 de alto por 39. A cercadura é de azulejos de folhas encurvadas. O painel central, azul, tem na parte inferior, à direita, a assinatura: *R. m. Do cotto / fecit*. Representa uma caçada ao javali, em grupos de cavaleiros. Na parede nascente, grupo de cavaleiro e amazona com falcão, em $12 \times 25 \frac{1}{2}$. Entre as janelas, dois painéis de $12 \times 10 \frac{1}{2}$ cada, com cavaleiro com elmo e lança e cavaleiro apanhando uma corça. Na parede do poente painel de $12 \times 26 \frac{1}{2}$ com caçada ao lobo: cavaleiro de lança enquanto um batedor segura um cão enraivecido. Os cantos da sala são guarnecidos com azulejos do mesmo tipo.

Sala n.º 5 – Tem silhar de 12 de alto, tendo nas paredes maiores 36 azulejos e meio de comprido. Duas paredes pequenas (entre portas e janelas) com 12×10 cada. A parede nascente (como todas as outras desta sala) tem a cercadura de anjinhos e folhagens, com as armas dos «Manuéis» ao centro. A composição é dividida a meio por uma árvore. À direita tem uma cena mitológica, com carro sideral rodeado de anjos e paisagem; do lado esquerdo um grupo de três mulheres, que olham a cena da direita. Na parede poente a composição é dividida a meio por paisagens penhascosas. À esquerda um grupo, com o que suponho figurar o *Rapto de Helena*, dirigindo-se a dois belos navios.

Na parede entre as portas, *Neptuno Perseguindo Uma Ninfa*. Na parede entre as janelas *Diana Perseguindo Um Dragão*. Toda esta sala é sem dúvida de Oliveira Bernardes.

Sala de aula n.º 7 – Silhar do mesmo tipo do anterior. Na parede maior 12×62 . Cercadura de anjos e flores, menos rica do que a anterior, mas também brasonada. Ao centro, caçada ao javali; à direita, figura de um rio; à esquerda, cavaleiros em segundo plano.

Na parede nascente, painel de 12×31 com cena mitológica de *Vénus e Apolo* (?), cujo carro vazio e puxado por cisnes se vê ao alto. À esquerda, veado a ser perseguido por cães e grupos de anjinhos caçadores.

Na parede poente o silhar está irremediavelmente mutilado, apenas se vendo o que resta de uma figura de cavaleiro com lança. Entre janelas três painéis de 12×9 respectivamente com *Narciso Mirando-se nas Águas*, *Rapto da Europa* e *Fauno Perseguindo Uma Ninfa*. São também de Oliveira Bernardes ou da sua escola, se bem que algumas figuras pareçam ser da sua mão.⁽⁷⁷²⁾

(771) Sem que eu perguntasse, foi-me dito que, quando se fizeram obras recentes – há uns 20 anos! – e se deslocaram azulejos, guardou-se um que tinha as letras PMP. Entretanto, estes azulejos ou desapareceram ou estão ainda guardados, sem se saber o seu paradeiro.

Não tenho qualquer dúvida em aceitar a informação, pois que alguns dos painéis, particularmente os do corredor, não necessitavam da presença da assinatura para serem atribuídos ao monogramista PMP.

(772) Nestas composições da Sala das Damas utilizaram-se gravuras de Jean Lepautre. Representam episódios das *Metamorfoses* de Ovídio: *Vénus e Adónis*, *Rapto de Europa*, *Pã e Sirinx*, *Narciso*, *Metamorfose de Actéon*, *Caça ao Javali* de Calydon.

Sala n.º 8 – Parece que foi capela. Silhar baixo de 6 azulejos ornamentais policromos, de cerca de 1760-70.

Entrada: No átrio, silhar de 12 de alto, ornamental, de grandes volutas floridas, a azul, na tradição que vem ainda do século XVII.

Salas 3 e 2 – É uma sala única que está dividida por tabique. O silhar é de 12 de alto, com figuração de caçadas do princípio do século XVIII, cerca de 1720-25, possivelmente da época dos anteriores, mas manifestamente inferior. Cercadura mais pobre e desenho tirado de gravuras.

Sala n.º 1 – Silhar de 10 de alto representando jardins, com senhora de *fontange* e passarinho. Cenas pastoris, com merenda em jardim, caçada ao veado, fidalgo a cavalo. São da época dos anteriores ou um pouco mais modernos (1730?).⁽⁷⁷³⁾

Palácio dos Marqueses do Lavradio, antigo (Tribunais Militares – Campo de Santa Clara)

O antigo Palácio dos Marqueses do Lavradio – hoje ocupado pelos Tribunais Militares – tem um notável conjunto de azulejos da segunda metade do século XVIII, cerca de 1760.⁽⁷⁷⁴⁾

No átrio de entrada, o espaldar dos bancos laterais é ornamentado com silhar policromo, em fundo marmoreado e encimado pelo brasão dos Almeidas. Muito belo! No átrio superior o silhar ornamental cobre todo o redor do pátio e vãos de duas janelas, numa altura de 10 azulejos. São de dois tons de azul, tendo ao centro vaso também azul-claro com flores policromas.

Na escada nobre o revestimento é total, com azulejos figurados e balaústres espelhando os fronteiros. A figuração é tirada de gravuras francesas (Perelle) ou, pelo menos, composta. Os centros figurados são azuis, a moldura sóbria e policroma. Na parte inferior representam-se caçadas.

Palácio dos Mendonças (Calçada de Santo André)

Na sala, silhar de azulejos tendo, ao que parece, passos da Vida dos Marqueses de Monte Belo, do segundo quartel do século XVIII.

Na sala de jantar, encaixilhados e colocados nas paredes, há quatro painéis que vieram de algures. São talvez ainda do primeiro quartel do século XVIII e parecem-me de fabricação coimbrã. Apresentam cenas da vida de um adolescente estudando, aprendendo a montar a cavalo, etc. São muito curiosos, se bem que o desenho seja inferior e os azulejos de mau fabrico.

Palácio Alverca (Rua das Portas de Santo Antão, n.ºs 46-60)

O edifício onde funciona a Casa do Alentejo remonta ao início do século XVII, pertencendo no século XVIII à Casa Alverca. Após usos diversos foi adaptado a clube nocturno em 1917, passando por extensa remodelação de feição revivalista. Em 1932 o espaço foi arrendado ao Grémio Alentejano, denominando-se posteriormente Casa do Alentejo.

No restaurante, painéis com cenas palacianas e jardins. Num dos painéis as figuras jogam às cartas. Cercaduras de pilastras com anjos e volutas, friso com cartela central ornada com querubim e concheados, e embasamento com cartela, elementos vegetalis-tas e concha. Sobre estes, composições ornamentais com vasos de flores e enrolamentos

⁽⁷⁷³⁾ O palácio do século XVI foi remodelado no início do século XVII e, posteriormente, no final dessa centúria pelo arquitecto João Antunes. Em 1839 o andar térreo é ocupado pelo Colégio das Humanidades, residindo a família Tancos no andar nobre até 1865, quando passa a regime de inquilinato, sendo posteriormente transformado em prédio de rendimento. Desde então foi ocupado por várias instituições, escolas, oficinas e fábricas até que foi adquirido pela autarquia em 1980, tendo nele funcionado a Companhia de Dança de Lisboa.

Ainda, na antiga sala n.º 12 n.º 13, painéis de pintura azul com cenas campestres. No corredor encontram-se silhares com azulejos de figura avulsa. No oratório os azulejos são de cerca de 1750, com motivos ornamentais policromos. Também de cerca de 1750 são os azulejos da sala n.º 18, apresentando composições ornamentais com concheados de tom azul. (MTV)

⁽⁷⁷⁴⁾ Liberato Teles diz que ostentavam a data de 1750. Vide Francisco Liberato Teles de Castro e Silva – *Duas palavras sobre Pavimentos* (Lisboa, 1896), p. 232. FLÁVIO GONÇALVES

vegetalistas, ladeadas por meninos com vasos à cabeça apoiados em aves e outras compostas por enrolamentos vegetalistas com flores no centro. Painéis mais estreitos só de pilastras.⁽⁷⁷⁵⁾

Palácio Coimbra (Rua da Cruz de Santa Apolónia, n.º 53)

Também conhecido como Palácio de Braço de Prata, foi adquirido pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses em 1862, sendo presentemente propriedade da REFER. No átrio e escadas, silhar de azulejos de padrão monocromático com motivos vegetalistas. Uma das salas também possui azulejos de padrão com motivos florais e vegetalistas. Noutra os azulejos são policromos com medalhões contendo vasos de flores, rodeados por grinaldas e panejamentos. Na sala da administração, azulejos de padrão azul e branco com florões e enrolamentos vegetalistas. As cercaduras são formadas por elementos vegetalistas e querubins distintos entre si.

Palácio Loures (Rua Ivens, n.º 37)

O imóvel onde funciona o Grémio Literário foi residência urbana dos Viscondes de Loures, tendo sido construído no século XIX.

No átrio, painéis com cenas de caça e cercaduras de pilastras, com grinaldas, anjinhos e cartelas.

As escadas são revestidas por azulejos de padrão azul e branco com enrolamentos vegetalistas e florão central.

Palácio Paiva de Andrade (Rua de São Boaventura, n.º 111)

Palacete pombalino com planta em «U». O edifício, construído na segunda metade do século XVIII, foi deixado em testamento à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1912, para instalação de um recolhimento de meninas. Em 1984 foi adaptado a Centro de Dia, nele funcionando o Centro Social de São Boaventura.

Nas escadas para a lavandaria subsistem dois painéis de cercaduras policromas rococó, um deles com cena campestre. No outro, bastante danificado, apenas se vislumbra uma árvore. No corredor do terceiro piso encontramos rodapé formado por azulejos de padrão pombalino, com flor azul.

No pátio encontram-se diversos painéis: silhar representando jogo de bola e pastor com rebanho, emoldurado por cercadura policroma de concheados manganês; casal e criança passeiam junto a um porto, com cercadura policroma de concheados; composições ornamentais de pintura azul com concheados; painel com cercadura policroma rococó, contendo uma árvore.

Palácio Pombal (Rua das Janelas Verdes, n.º 37)

No rés-do-chão (servindo de dormitório), silhares azuis historiados com cercaduras concheadas e cenas pastoris, marítimas, etc., da segunda metade do século XVIII. Nos corredores, azulejos de estrelinhas. Na cozinha, azulejos de estrelinhas.

Na sala de estar, silhar de grinaldas e vasos policromos, de desenho fraco. A parte superior das paredes é pintada.

No 1.º andar – corredores – silhares de grinaldas com medalhões manganês. Na sala (3), silhares de grinaldas com medalhões figurados a azul.⁽⁷⁷⁶⁾

⁽⁷⁷⁵⁾ (MTV)

⁽⁷⁷⁶⁾ O edifício foi construído no início do século XIX, recebendo azulejos algumas décadas depois. Em meado do século XX os azulejos do jardim foram vendidos à Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. Quando a Câmara Municipal adquiriu o imóvel, em 1968, aí funcionava o Colégio Infante Santo. Em 1982, a autarquia cedeu o espaço ao Instituto José de Figueiredo, hoje integrado no IMC.

Nalguns espaços encontram-se ainda painéis de padrão pombalino e silhares de albarradas. Ainda, azulejos figurativos monocromáticos com cenas galantes, campestres e alegóricas, de cercadura rococó e painéis com caçadas, com emolduramento policromo. Uma das salas possui azulejos de figura avulsa. Podem ser observados diversos tipos de composições ornamentais de características neoclássicas. (MTV)

Nos terraços, jardins, muros baixos, bancos, etc., o forro é de azulejos policromos com motivos diversos: pássaros, cenas pitorescas de caçadas, música, marítimas e chineses muito curiosas.⁽⁷⁷⁷⁾

Palácio Porto Covo

É um dos melhores edifícios privados erguidos em Lisboa na segunda metade do século XVIII. Casarão com veleidades palacianas, foi construído nos anos oitenta do século XVIII por Jacinto Fernandes Bandeira – futuro Barão de Porto Covo, um dos mais bem-sucedidos capitalistas na praça de Lisboa, pertenceu à Junta do Comércio, foi Provedor da Fábrica das Sedas e director da Companhia de Pernambuco e Paraíba – na Rua de São Domingos.⁽⁷⁷⁸⁾

Palácio Praia e Monforte⁽⁷⁷⁹⁾

Praça Mouzinho de Albuquerque, JA

A residência fez parte de uma quinta que ali existiu. Está para demolição, tendo sido já vendida. Na antiga capela, silhar muito completo. No presbitério, azulejos de 10 de altura com 2 de rodapé marmoreado, liso. Cercadura concheada, centros de ermitões. Pintura azul. Na nave, silhar de 11 de alto, como os anteriores; cercaduras com anjinhos.

Quinta da Alfarrobeira

A quinta foi construída pelo arquitecto João Frederico Ludovice. Inscrevia-se numa enorme propriedade que ia da ribeira do Caneiro de Alcântara ao cimo do actual Monsanto.⁽⁷⁸⁰⁾

Quinta Alegre/Quinta do Marquês do Alegrete

Construída na primeira metade do século XVIII por Manuel Teles da Silva, 1.º Marquês de Alegrete e 2.º Conde de Vilar Maior. Em 1983 foi adquirida pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Em 1996, após o furto de algumas figuras de convite do silhar do pátio, procedeu-se à remoção dos restantes, bem como dos azulejos do jardim, tendo sido guardados no Convento dos Inglesinhos e, daí, para o Quartel do Rio Seco. As figuras de convite encontram-se actualmente em reserva no Museu de São Roque. A escada é revestida por silhares de fundo esponjado amarelo com florões manganês envolvido por friso de meio-azulejo branco e moldura de esponjado manganês. O rodapé é de esponjado verde.

Quinta da Chapelleira (Olivaís-Lage)

Quinta típica dos arredores de Lisboa foi há muito abandonada pelos titulares e hoje (1958) entregue de renda. No velho edifício vivem várias famílias. Na parte rústica, onde outrora houve certamente uma parte ajardinada, está no espaldar de um muro um grande painel de azulejo, azul, com a figuração de *Nossa Senhora da Peninha* ao centro, ladeada de *Santa Ana* e *São José*. Os azulejos estão bastante deteriorados pela humidade e sofrem das enormes diferenças de temperatura, visto estarem expostos ao sul. É um conjunto muito curioso, bem representativo da época. Na parte inferior há uma inscrição que reza:

N. S. DA PENINHA
ESTE PAINEL MANDOV EDEFICAR HU SEV DEVO=
TO PEDE HVM PADRE NOSSO E HVA AVE
Mª POR SVA TENÇAS anno D 1732

(777) O gosto da *chinoiserie* na azulejaria portuguesa de Setecentos tem sido abordado por Celso Mangucci – vide: MANGUCCI, 1996; CÂMARA, 2005, p. 164. (AGC)

(778) CÂMARA, 2007c, p. 171. (AGC)

(779) CÂMARA, 2007c, p. 191. (AGC)

(780) CÂMARA, 2007c, p. 187. (AGC)

No pátio de entrada da quinta, ao fundo, uma fonte tem o espaldar revestido de dois painéis de azulejo. Cada painel tem 8×6 azulejos e são ambos de pintura azul. Um deles figura *Santo António Pregando aos Peixes* e o outro *Santo António Pregando às Aves*. Estão estes painéis datados de 1734.

Quinta da Piedade (Algés)

ÉPOCA: Cerca de 1780 (?).

TIPOS: Silhares de cercadura policroma concheada. Centros figurados azuis, moldura concheada.

APLICAÇÃO: Salas e outras dependências. Capela com azulejos historiados azuis, moldura concheada.

ASSUNTOS: Na capela-mor, vida de um Santo; na biblioteca cenas galantes, marinhas, etc.

Quinta da Pimenteira (Viveiros da C.M.L. ao Viaduto Duarte Pacheco)

A capela estava incorporada nos antigos edifícios da quinta. Tem silhar de azulejos de 8 de alto, tipo ornamental de vasos e pássaros, com barra de 2 azulejos. São talvez ainda dos últimos anos do século XVII, azuis, muito próximos dos trabalhos de Gabriel del Barco, e, no seu género, dos mais recentes que tenho visto.

Ladeando o altar – que desapareceu – dois renques verticais de 8 azulejos cada, de figura avulsa sem cantos – flores grandes – e 2 azulejos com barcos; há ainda 3 azulejos do tipo de flores metidos como remendos no silhar. A porta tem ombreiras de cantoneira azul. O tecto, de madeira, ostenta a pintura primitiva de folhagens, enquadrando cartelas com emblemas religiosos.

Quinta da Salgada (Chelas)

Quando visitei esta quinta em 1962 os azulejos tinham sido vendidos ao negociante José Antunes, o qual tinha lá pessoas a proceder ao arranque.⁽⁷⁸¹⁾ Ainda vi os azulejos que guarneciam a parede da escada exterior, com quatro figuras de «porteiros», recortadas acima do silhar, e este com pintura de balaústres e anjinhos. O rodapé entre os degraus era de azulejos triangulares, pintura azul e vulgar do meado do século XVIII.

Na varanda contígua com o patamar desta escada, vemos guarnição de murete com azulejos de vasos floridos, já da segunda metade do século XVIII, azul-claro, também vulgares. No pátio de entrada destaca-se o recesso da fonte, com sua bica de mármore emoldurada por azulejo figurado azul, feito propositadamente. As paredes laterais são de azulejo de figura avulsa, de estrelinhas. O conjunto é muito curioso. No antigo jardim, a sul da casa nobre, resta o murete que o limitava, ainda com seu paramento azulejar, aliás em mau estado de conservação. São azulejos do primeiro quartel do século XVIII, azuis e com interessantíssima figuração caricatural, tirada certamente das estampas ilustrativas da Comédia Italiana.⁽⁷⁸²⁾ No interior, em uma das salas do piso térreo, silhar de 8 de alto, com vasos floridos, azuis, e barra própria de acantos.

Quinta das Veigas (Marvila)

No salão maior do andar nobre, silhar de 10 de alto em painéis bordados de barra de 2 azulejos, tudo em pintura azul-claro. No centro dos painéis pintaram-se cenas venatórias – caçada ao javali, etc. O conjunto é deveras notável, sendo a pintura e o desenho correctos, na medida em que devem copiar gravuras. Trata-se, sem dúvida, de trabalho do primeiro quartel do século XVIII. Notabiliza este conjunto o facto de cada painel apresentar, ao centro da barra superior, e fazendo parte dela, um brasão de armas, de indicação, aliás, muito sintética. São ao todo sete brasões.

(781) Segundo informação do Comerciante Senhor José Antunes, em Março de 1976, a maior parte dos azulejos foi para a Quinta da Piedade, em Colares, propriedade da Marquesa de Cadaval. FCG

(782) Confrontar os azulejos do patamar superior da escada da Academia das Ciências.

Quinta de Domingos Dantas da Cunha

A célebre Quinta de Domingos Dantas da Cunha foi sucessivamente parcelada e, em boa parte da sua periferia, foram construídos vários palácios e prédios, que hoje fazem parte das ruas de São José, do Telhal, Moinho de Vento, Júlio Andrade e Calçada do Lavre.

No interior da área limitada pelas edificações restam lindíssimas árvores exóticas – palmeiras, dragoeiros, aloés, etc. – e ainda se pode fazer uma ideia do que teriam sido os arruamentos que venciam a encosta.

Na parte superior, imediatamente abaixo do Jardim do Torel, persiste o lago com a sua escada lateral arruinada e balaustrada «de meya lua».⁽⁷⁸³⁾ No espaldar do lago vêem-se os alvéolos deixados pelo arranque dos azulejos e posteriormente imitados sobre o reboco. Do patamar do lago descia-se provavelmente por escadaria ampla para uma rua normal ao eixo maior do lado. Esta rua (ou varanda) tinha da parte nascente o muro de suporte do tabuleiro superior e nele se vêem cerca de vinte painéis de azulejos, entre pilastras – igualmente azulejadas.

Os azulejos, expostos à intempérie, estão parcialmente arruinados, mas não tanto que não se distingam os lavores. Alternam painéis de fontes e alegorias a jardins, com outros de cenas de batalhas, estes últimos rodeados de cercadura de panóplas. O desenho é invulgarmente bom e a cor azul denuncia bem a época da sua fabricação, ou seja, os primeiros anos do século XVIII. Julgo-os portugueses, mas de um tipo pouco vulgar, por mais cuidado no desenho. Salvo três ou quatro painéis que estão no recinto onde a Junta de Freguesia de São José está construindo uma bela escola, os restantes pertencem ao construtor civil Marques Júnior.

Seria provavelmente ao fim desta varanda que ficava a «casa de regalo», onde havia os azulejos da «Olanda» e ficaria pois do lado do «Moinho de Vento». Nada resta deste edifício. Dar-se-ia o caso dos azulejos de que nos fala P.^e Carvalho serem alguns dos que estão no jardim da casa que foi de Adriano Júlio Coelho, que lhe fica sobranceira?

Quinta de Santa Catarina de Ribamar (Dafundo)

ÉPOCA: Século XVIII (parte restaurada recentemente).

TIPOS: Azuis historiados.

APLICAÇÃO: Duas personagens e paisagens amuralhadas e marítimas. Ornamentais.

NOTAS: Bartolomeu Antunes, no seu testamento diz que fez os azulejos em «Santa Catarina de Ribamar».

Quinta de São João das Praias (Cruz Quebrada)

ÉPOCA: Cerca de 1770(?).

TIPOS: «Necessidades» com grinaldas, policromos. Figura avulsa e um registo de cerca de 1800?

APLICAÇÃO: Silhar de 8 de alto na sala da frente; casa de jantar. Registo na escada.

ASSUNTOS: Ornamentais. Registo com *Santo Agostinho*.

NOTAS:

Quinta do Armeiro-Mor

Livro de Notas de José Queiroz, n.º 1, p. 17 de 7-11-1915: «Quando a Quinta do Armeiro-Mor foi anexa ao Colégio Militar, o Senhor Morais Sarmiento mandou retirar os azulejos que tinham os brasões dos Albuquerque e Mascarenhas (?) e substituí-los pelas armas portuguesas, em azulejo moderno, obra de Pereira Cão (?)». José Queiroz faz a descrição dos azulejos do jardim, do qual dá uma planta com a localização dos azulejos. Aí se indica o painel restaurado por Pereira Cão, assinado e datado de 1903.

(783) In *Corografia Portuguesa*, do Pe. A. Carvalho da Costa, Lisboa MDCCXII, t. 3.º, pp. 432-433.

Quinta do Bom Nome⁽⁷⁸⁴⁾

No ângulo das estradas da Correia e do Poço do Chão, na freguesia de Carnide, estão as «casas nobres» da Quinta do Bom Nome.

Integrada no conjunto está a capela privativa, cuja porta se abre para a estrada, sendo a entrada para a residência propriamente dita feita por largo portão dando para o pátio. A fachada corrida é de boa proporção, sóbria como convinha à época da construção – segunda metade do século XVIII –, com suas janelas de cantaria trabalhada, protegidas no piso térreo por gradeados de ferro.

São particularmente notáveis os azulejos que decoram as salas, capela e escada exterior, todos de uma mesma época e fabricação, demonstrando os cuidados e gosto dos primeiros proprietários, que não se pouparam a despesas para engalanar este solar. A escada exterior, que do pátio dá acesso ao primeiro andar, tem as rampas forradas com silhares corridos, de 6 azulejos de altura, feitos propositadamente para o local. O partido decorativo é obtido com duas tonalidades de azul forte no emolduramento e mais leve nos motivos centrais, obedecendo à gramática ornamental do último barroco (rococó), com motivos concheados, temas florais e, aqui e ali, animados com macacos, pássaros, gaiolas e outros elementos de extrema graciosidade. No andar nobre sucedem-se as salas de aparato, cada qual com seu silhar de azulejos, uniformemente de 6 de altura, incluindo a fiada inferior de azulejos marmoreados, servindo de rodapé. No *salão de entrada*, os azulejos formam painéis individualizados em cada parede, puramente ornamentais, pintados em dois tons de cobalto (azul), mantendo-se a unidade estilística entre a cercadura de motivos concheados e os centros, do mais puro gosto rococó. No *salão central* repetem-se os silhares, variando no entanto as composições decorativas, agora mais ricas e mais raras: com grande evidência aparece o motivo da «asa de morcego», cuja moda, lançada pelos grandes ornamentistas de Luís XV (Oppenordt, Meissonnier, Pillement e outros) havia de dar ritmo a esse gosto decorativo que os azulejadores portugueses perfilham a partir de 1750. Na *sala de jantar*, o silhar tem 7 azulejos de altura, mantendo-se o esquema dos dois tons de azul e a cercadura concheada, agora limitada linearmente. Os centros ornamentais têm, ao meio, medalhões com motivos *rocaille*, típicos e primorosamente desenhados – fontes e golfinhos, aves exóticas e vasos floridos.

Ainda no andar nobre, outro salão azulejado do mesmo género dos demais, tem como temas figurados cenas venatórias em medalhões de onde irradiam os ornatos rococó, alguns de grande desenvolvimento e que vejo aqui pela primeira vez. No andar superior apenas um salão é azulejado mas, aqui, os painéis atingem uma riqueza decorativa pouco vulgar. As duas tonalidades de azul distribuem-se em enquadramentos concheados de grande desenvolvimento, centrando paisagens rústicas tão do gosto da época e tão próprias para o local e ambiente. É, sem dúvida, o mais belo conjunto da casa e dos mais notáveis que conheço neste género. Nos corredores e outros compartimentos secundários empregaram-se azulejos de série – padrões sempre, aliás, com a preocupação de unidade, em painéis limitados por cercaduras próprias, marmoreadas ou esponjadas.⁽⁷⁸⁵⁾

A *capela*, notável exemplar a mais de um título, tem a parte inferior das paredes da nave e do presbitério engalanadas com silhar corrido de 11 azulejos de altura. Aqui elegeram-se azulejos de pintura policroma – os mais caros da época – alternando medalhões com símbolos marianos – devidamente legendados – e ornatos arquiteturais marmoreados. O efeito de riqueza foi logrado numa perfeita integração com a restante decoração.⁽⁷⁸⁶⁾

(784) CÂMARA, 2007c, p. 157. (AGC)

(785) A cozinha é forrada com azulejos de figura avulsa, sobre embasamento esponjado de tom azul, com cercadura de motivos vegetalistas estilizados, também aplicados no rodapé. (MTV)

(786) Mantendo o espírito da época, tiveram os actuais proprietários por bem acomodar no rés-do-chão uma velha cozinha e sala de estar, conservando os azulejos primitivos e completando o conjunto com outros, feitos propositadamente para colmatar as faltas. A «Quinta do Bom Nome» constitui, assim, um magnífico exemplar de casa nobre portuguesa da segunda metade do século XVIII, relíquia que muito dignifica o património

Quinta do Bom Pastor⁽⁷⁸⁷⁾*Quinta do Contador-Mor (Olivais-Lage)*

Esta quinta, já mencionada no volume do século XVII⁽⁷⁸⁸⁾ foi demolida e os seus azulejos parecem ter desaparecido. Quando a visitei (em 1950) ainda vi os azulejos que revestiam a escadaria exterior, que era praticamente o que restava da edificação antiga. Encontravam-se forrando os muros das rampas e eram de tipo azul historiado, com cenas frívolas e mitológicas, muito interessantes. Num deles estava a data de 1711.⁽⁷⁸⁹⁾ No interior da casa havia azulejos ainda numa saleta. Eram do tipo de padrão ornamental, azul, da época dos da escadaria, sem nada de notável.

Quinta do Cabeço⁽⁷⁹⁰⁾*Quinta do Espie*⁽⁷⁹¹⁾*Quinta do Falcão (Carnide)*

Foi nesta quinta – anteriormente da Boa Vista – que tiveram lugar os primeiros encontros de Francisco Vieira Lusitano com Inês Helena de Lima e Melo, filha do morgado Francisco Falcão de Gamboa e de sua mulher D. Francisca Teresa de Almeida, e que haveria de ser a legítima mulher do grande pintor. No *Insigne Pintor e Leal Esposo*, Vieira Lusitano historia a sua vida e, logo a páginas 40, escreve, como a dona da casa o convidou a debuxar uns ornatos:

Naquelle quarto mostrou-lhe
A Senhora huns azulejos
Dignamente historiados
Por artífices Flamengos
Havia huns vasos galantes
De flores por entremeios
Dos essenciais assumptos
Naquelles frisos expressos.

Júlio de Castilho⁽⁷⁹²⁾ menciona os factos, os quais se teriam passado em Setembro de 1706 – quando o pequeno Francisco tinha sete anos. Se esta data poderia convir aos *azulejos dignamente historiados por artífices flamengos*, ou seja, que seriam azulejos holandeses, o certo é que aqueles que se conservam nas salas, todos semelhantes, não obstante serem de *vasos galantes de flores por entremeios* não podem ser os que existiam em 1706, já que correspondem a um tipo que só aparece depois de 1720-30. Aliás, Francisco Vieira deveria conhecer muito bem estes azulejos e, em caso algum, os poderia tomar por holandeses. Vieira Lusitano escreveu o *Insigne Pintor* mais de setenta anos depois da cena infantil que recorda e, provavelmente, a sua retentiva atraçou-o, confundindo os azulejos... É curioso notar, no entanto, que conserva a recordação de *azulejos flamengos*, os quais se empregaram em Portugal durante relativamente pouco tempo, mas muito precisamente

artístico da cidade, em que agora se encontra incluída. O seu desaparecimento seria de lamentar, tanto mais quanto é certo que os actuais proprietários dão todas as garantias de respeito, bem demonstrado no carinho que puseram nas obras de consolidação que vêm empreendendo.

Quando outro mérito não tivesse, bastariam os azulejos que a enobrecem para a recomendar como edifício a conservar. Retirados e dispersos perderiam o seu valor decorativo, dando provavelmente lucro nos antiquários, mas com manifesto prejuízo para a arte portuguesa! Ainda que a zona onde está a «Quinta do Bom Nome» venha a ser integrada numa futura área urbana, o que parece mais lógico e o que revelará o respeito e a cultura dos responsáveis, será o estudo da valorização dessa notável casa, isolando-a paisagisticamente, ficando como motivo principal ou mesmo eixo de um partido urbanístico.

(787) CÂMARA, 2007c, p. 213. (AGC)

(788) *Azulejaria em Portugal do Século XVII*, t. II – Elenco, p. 109.

(789) Segundo informação fornecida pela Dr.^a Irisalva Moita, em 1975, os azulejos da parte rústica foram arrancados e encontram-se guardados em caixotes (em depósito) na Câmara Municipal de Lisboa. FCG

(790) É, desde 1930, propriedade do Patriarcado. Vide CÂMARA, 2007c, p. 213. (AGC)

(791) CÂMARA, 2007c, pp. 128, 175.

(792) Júlio de Castilho, *Amores de Vieira Lusitano*, Lisboa, 1901, p. 23.

cerca de 1706; por outro lado, tendo voltado à Quinta da Boa Vista já depois da vinda de Roma (em 1720) poderia ter visto os azulejos de *vasos galantes*... tudo confundindo ao escrever a sua obra poética que Júlio Castilho classifica como «obra senil». ⁽⁷⁹³⁾ Os azulejos estão dispostos nas salas em silhar de 10 de alto e são de vasos floridos de 6 x 5 entremeados por jarros e cabeças de querubins. Na varanda superior os azulejos são de figura avulsa, vulgares, de estrelinhas.

Todos serão já de cerca de 1740 ou pouco antes, de tipos muito vulgares.

Quinta dos Alfinetes

Do imponente palácio, de Marvila, resta o princípio de uma lamentável ruína! Em duas das salas conservam-se os silhares de 10 de alto com «cestos e dragões», cabeças de querubins e barra de 2 azulejos. Próximo da ucharia estão, no espelho da janela, azulejos de «estrelinhas».

Quinta dos Azulejos (Carnide) ⁽⁷⁹⁴⁾

Edifício que remonta ao século XVII, cuja fachada principal acompanha a designada Rua do Norte. Sofreu ao longo do século XVIII algumas reestruturações.

Em 1747, é designada por Quinta de Santa Marta ou Quinta dos Azulejos. Esta última designação deve-se ao facto de a casa, os jardins e o arco da nora estarem já revestidos de azulejos. São-lhe conhecidos diferentes proprietários e arrendatários, pertencendo actualmente à família Bebianio que tem procedido a obras de melhoramentos e conservação da casa e dependências anexas. Encontramos decoração azulejar com vários motivos que cobrem paredes das escadas exteriores, nora (azulejaria de 1747) e varanda em painéis altos e medalhões, requintando figuras femininas, arqueiros e deuses mitológicos.

No seu interior destacamos a cozinha de paredes inteiramente revestidas de azulejos do século XVIII (de padrão requintado) que os donos da casa souberam respeitar, resistindo à tentação de a modernizar.

LXIV *Quinta dos Azulejos (Lumiar)* ⁽⁷⁹⁵⁾

Sousa Viterbo refere-se à Quinta dos Azulejos do Paço do Lumiar ao apreciar o livro de José Queiroz *Figuras Gradadas*. ⁽⁷⁹⁶⁾ Depois, na separata *Jardinagem em Portugal*, 2.^a série, referindo-se aos azulejos em geral, escreve: *o individuo que se desse ao trabalho de fazer o inventário e a descrição dos productos desta natureza* (refere-se aos azulejos) *que existem disseminados por todo o paiz, principalmente nas províncias do sul, teria de preencher não poucos volumes. O seu estudo não seria dos mais facilmente realizáveis, mas os obstáculos da empreza encontrariam o prémio consolador na contemplação dos variados e numerosos painéis de azulejo que tanto se destacam entre si, já pelo lado material, já pelo lado artistico, já pelos processos do fabrico, já pelo engenho do pintor, já pelo stylo e pela época, já pela sua proveniência, enfim.*

Fundamentando-se na inscrição da quinta e nos dados biográficos que colheu acerca de António Colaço Torres, julga que a atribuição de José Queiroz aos azulejos como sendo da Real Fábrica do Rato (1770-80) não se coaduna com a história, visto supor que os azulejos foram colocados por Colaço Torres, de quem tem notícias desde 1732 a 1761. Adiante observa (p. 237) que a afirmação de José Queiroz de que estava inédita a subscrição artística dos azulejos dos Cardais é menos correcta visto que ele, Sousa Viterbo, já a havia publicado tipograficamente nas «Notícias de alguns pintores» e ainda nas «Notas ao Catálogo da Exposição da Arte Ornamental». José Queiroz responde

⁽⁷⁹³⁾ *Op. Cit.* p. 20.

⁽⁷⁹⁴⁾ CÂMARA, 2007c, p. 163. (AGC)

⁽⁷⁹⁵⁾ CÂMARA, 2007c, p. 177. (AGC)

⁽⁷⁹⁶⁾ *O Instituto* (vol. 56, n.º 5, Maio de 1909, p. 231).

a Sousa Viterbo em *O Instituto* ⁽⁷⁹⁷⁾ reafirmando que os azulejos são da Fábrica Real do Rato, dizendo no entanto não estar provado que a fábrica só tenha trabalhado depois de 1767. Diz ainda que na quinta há azulejos anteriores àqueles a que se ocupou com detalhe, mas que estes não podem ser anteriores a 1770. «Evidente, quanto a mim, é que nem toda a decoração azulejada em questão foi do mesmo desígnio, pertencendo talvez a três períodos». O jardim apresenta uma grande variedade de tipos de azulejos e não, como supus, de um único tipo. Assim, por exemplo, distingo:

- 1) No espaldar recortado de um muro do lado nascente, azulejos em pequenos painéis com alegorias, azuis intensos, com emolduramento concheado, o qual se continua coroadando o muro e rematando em sanefas. Estes azulejos que não me parecem de fabricação de Lisboa, serão de cerca de 1750. Neste mesmo muro, na parte inferior, acomodaram-se uns pilares que separam os alegretes. Ladeando-os, colocaram-se painéis com figurações mitológicas de 7 × 6 cada:

«CIG...O», «ANDROMEDA», «PERSEO», «PLEADAS», «ICORO», «ECO», «NARCIZO», «ALFEO», «ARETUZA», «LIANDRO», «ERO», «ARIM», «SCILLA», e «PROCOPO». Estes painéis de fabricação de Lisboa serão de cerca de 1760.

Sobre estes painéis existem as peanhas ou consolas das estátuas cerâmicas, muitas desaparecidas, revestidas de azulejos azuis, de tipo já diferente e porventura mais recente – notar o *capitonné*.

Na parte inferior dos alegretes, fazendo rodapé, azulejos ornamentais utilizando cercadura de acantos, etc., isto é, bastante mais antigos. Ao colocarem-se estes azulejos separaram-nos por faixas, esponjadas a manganês.

- 2) O muro do lado sul, porventura o mais rico, tem oito painéis grandes, de cantos azuis e emolduramentos policromos concheados, de grande beleza. Observando com cuidado, notei que os centros figurados são de azulejos azuis de cerca de 1740, tipo de desenho e pintura de Bartolomeu Antunes. Alternam-se os painéis com figuração religiosa e profana. Começando da esquerda temos:

- a) *Demonstração de São João Baptista* com a legenda:

Joannes Uiam =
Domino preparavit =
in eremo Agnum =
Dei demonstravit =
et illuminavit wen =
tes hominum

- b) Cena de jardim com fonte monumental e escadaria.
- c) *Dança de Herodiade* vendo-se, à direita, a *Degolação de São João Baptista*.
- d) Cena de jardim com fonte e dois pares amorosos.
- e) Cena de jardim com uma dama ao centro.
- f) *Multiplificação dos Pães*, com legenda.
- g) Cena de jardim com grande fonte de Neptuno e um par de amorosos.
- h) *Nuptia tacto*
sutin cena galilae
aaquam vium =
tactam

(797) Vol. 56, n.º 7, Julho de 1909, p. 373.

Sousa Viterbo retomou, porém, a sua tese, in *O Instituto*, vol. 56, n.º 9 (Coimbra, 1909), pp. 520-523 e 528-529. FLÁVIO GONÇALVES

Aproveitaram-se os centros figurados existentes e, como disse, de cerca de 1740 e compuseram-se os painéis mais tarde, cerca de 1780, juntando-se as cercaduras policromadas e pintando com mufla alguns dos azulejos antigos. Os painéis e assuntos sacros fazem de espaldar de bancos, ao passo que os do jardim sobem acima dos alegretes.

De cerca de 1780-90 são os restantes azulejos que foram os alegretes, bancos, arcos, fontes, glorieta, colunas, etc., com cenas de comédia (Pierrot e Arlequim), pastoris, paisagens e medalhões com camafeus. No muro poente ainda vemos quatro grandes composições zoológicas.

Mais modernos são os azulejos mandados colocar pelos Condes de Santar, com os brasões. No pátio da casa, muito modificado, está uma inscrição em azulejo que reza:

S. MAGO^{DES} FIDELISSIMAS
FELIZMENTE REINANTES
O S.D.JOZE 1.º E A R^A N.S.

FIZERÃO A ESTA CASA A SUBLIME M^{CE}DE
SE SERVIREM D'ELLA EM 3 DE NOVEMBRO
DE 1753 E LHE REPETIRAM A MESMA
HONRA COM TODA A FAMÍLIA REAL
V.R.T.

O AGRADECIMENTO DO SEU OBRIGASSIMO E HUMILISSIMO CRIADO ANTONIO COLASSO TORRES P^ASE ESTABELE-CER NA DURAÇÃO DO MARMORE
FEZ AQUI GRAVAR ESTA MEMORIA EM 1760

Quinta dos Coruchéus (ao Campo Grande)

A grande propriedade conhecida por Quinta dos Coruchéus abrangia a parte nascente do Campo Grande e tinha a sua casa nobre com portão que dava para a Azinhaga dos Coruchéus, antecedente da Travessa Aboim Ascensão.

A Câmara Municipal de Lisboa adquiriu a casa da quinta e os terrenos anexos, nos quais construiu o bairro camarário, preservando no entanto o palácio. O proprietário retirou no entanto alguns azulejos do jardim e, ao que consta, um registo datado de 1801 que estava sobre um muro da azinhaga. Ficaram no entanto no palácio os revestimentos da escada, de duas salas e outras divisões. É notório que a casa sofreu várias obras e acrescentos e que alguns foram deslocados. Dos que actualmente se conservam (1967) são notáveis os das duas salas maiores, de uma mesma época e tipo.

Os azulejos estão dispostos em silhar de 10 de alto, distribuídos em painéis entre portas e janelas.

Na primeira sala mantêm-se íntegros três painéis maiores e quatro painéis menores, além de guarnições que ladeiam o moderno fogão de sala. Os painéis maiores são limitados por cercaduras barrocas de cariátides e anjinhos, mostrando, nos centros, várias cenas «morais», explicadas por uma legenda contida em cartela ao centro da cercadura e onde se lêem as quintanilhas:

- 1) *Huye temprano el engaño
De las Delicias humanas:
Porque es para nuestro daño,
Peligroso el desengaño
Que se aguarda en les canas.*

- 2) *Quien de la regle se olvida
Que naturaleza ordena!
Es la virtude homicida
Pues qual quier passion es buena
Con su peso y su medida.*
- 3) *Del Avaro no se espera
Ningúem bien y cada qual
Aun muerto la vitupera;
Mas el Hombre liberal
Todos sienten que se muera.*

LXIII

Na segunda sala a decoração é conseguida com quatro painéis com 10 azulejos de alto, do mesmo tipo dos anteriores, estando a figuração central enquadrada por emolduramentos barrocos de boa composição. As imagens continuam a temática de ensinamentos morais, agora com legendas, também em espanhol e quintanilhas:

- 1) AMALA VIRTUD POR SIMISMA
*La virtud sale a buscar,
El que es bueno por ser buena
Deve tendiendola alcançar;
Dexa solo de peccar.*
- 2) LA MEDECINA DE LA ALMA ES LO QUE IMPORTA
*Del Alma es mayor el mal
Y que p(i)de mas cuidado
Que la vista corporal.
Pero el ciego en el peccado
Sollo atiende a lo morta(l)*
- 3) TODO OBEDECE AL DINERO
*Al sacrificio y al mego
Del Dios cie(g)o, y no dei mando
Correu todos sin sociego
Y adoran al Oro mudo
Porque le reparte un ciego.*
- 4) LA RIQUEZA AOARTA DE SI LO BUENO Y LO HONESTO
*Desdiebado el Peregrino
Que en Robusta juventude
Pierde el animo y el tino
Y del tiempo de virtude
Aborrece el... camino*

(Os azulejos que contêm a quintanilha estão trocados; a leitura correcta é a que acabamos de ler.)

As estampas que serviram para esta figuração pertenceriam certamente a uma colecção ou livro de intuitos morais, como tantos que se publicaram nos séculos XVII e XVIII. Neste caso a figuração tem semelhanças flagrantes com o *Theatro Moral de la Vida Humanay de toda la Philosophia de los Antiguos y Modernos* que serviu para os

azulejos do claustro do Convento de São Francisco do Salvador⁽⁷⁹⁸⁾ com gravuras de Otto van Veen.

Aliás, os azulejos devem ter saído da mesma oficina e esta seria uma das que trabalhavam por conta de Bartolomeu Antunes, por volta de 1750. É deveras notável esta colecção, por exemplificar uma das preocupações decorativas com intuítos doutrinários. A encomenda foi certamente propositada e o facto das legendas estarem em castelhano pode explicar-se pela preocupação de reproduzir exactamente o que estava nas gravuras originais.

Quinta dos Inglesinhos (Luz)⁽⁷⁹⁹⁾

Na varanda voltada ao norte oito grandes painéis recortados tendo as *Quatro Estações* e as *Quatro Partes do Mundo*. Estes azulejos estiveram tapados durante mais de cem anos por estantes e foram recentemente descobertos. O estado é impecável, sendo a coloração de um belo azul vivo. Desenho relativamente bom, especialmente o do painel que representa a *Primavera*. Serão provavelmente da fabricação de Bartolomeu Antunes, de cerca de 1750.

No resto do edifício há ainda outros azulejos: na *escadaria* estão, logo à entrada, dois mosqueteiros e, mais acima, outra figura de guerreiro saliente do silhar. Este tem cercadura de folhagens do tipo dos princípios do século XVIII. Nos *corredores* e em alguns quartos há guarnições de vasos com cercaduras igualmente típicas dos princípios do século XVIII ou talvez mesmo fins do XVII. Na *sala*, ao topo da escada, colocaram-se no silhar azulejos azuis, que certamente pertenciam a outro local. Alguns representam cenas de jardins e são já da época avançada no século XVIII (1750 em diante). É curiosa uma cena de dança.

No *jardim* houve uma glorieta que teve azulejos e dos quais apenas se vê um frontão representando a *Primavera*. Eram azulejos pós-Terramoto, de cerca de 1760-70, de campo azul e cercadura policroma.

Em 1967 o proprietário da Quinta pôs à venda os azulejos que guarneciam a capela particular da propriedade, pertencente à Quinta dos Inglesinhos. Vi-os só por fotografia e, do que vi, depreendi tratar-se de um silhar uniforme de 10 azulejos de altura, incluindo a barra de 2 azulejos que enquadrava as figurações: estas eram ilustrativas de passos da Vida de Santo António.

Os azulejos, de pintura azul, seriam de fabricação de Lisboa, de cerca de 1725, atribuíveis às oficinas que trabalhavam para o azulejador Manuel Borges. Um dos painéis, representando o *Milagre da Ressurreição do Pai de Santo António à Porta da Sé de Lisboa*, podia ser atribuído a António de Oliveira Bernardes. Dois dos outros painéis, pela pintura e figuração, poder-se-iam atribuir ao monogramista PMP, enquanto que os outros dois painéis menores seriam de outro pintor, também da mesma oficina que não me foi possível identificar. Tanto quanto pude ver das fotografias – aliás magníficas – os painéis estavam em bom estado, pelo menos na parte figurada, ainda que as molduras, particularmente as dos três primeiros painéis, apresentassem azulejos deslocados ou substituídos.

Sem exagerar a importância deste conjunto no quadro da azulejaria portuguesa, ele era digno de consideração, por se tratar de obras de autores conhecidos e que marcaram lugar de destaque nesta modalidade artística do primeiro quartel do século XVIII.

Recolhimento do Grilo (ao Beato)

Escadaria notabilíssima, com grandes painéis figurando caçadas e paisagens, do meado do século XVIII.

(798) Vide *Azulejaria Portuguesa no Brasil*, p. 130.

(799) Actualmente, este espaço já não existe. Alguns conjuntos azulejares encontram-se na Fundação Medeiros e Almeida. A colecção da Fundação Medeiros e Almeida reúne no seu espólio um conjunto diversificado de azulejos. (AGC/MTV)

Rua Aliança Operária, n.º 74

ÉPOCA: Várias, principalmente segunda metade do século XVIII.

TIPOS: Vários.

APLICAÇÃO: Decoração mural na fachada.

ASSUNTOS: Aproveitamento de azulejos de algum edifício demolido.

NOTA:

Rua Augusta, n.ºs 233-241

Em uma das salas da sede do Crédito Predial Português está um silhar de 6 azulejos de altura, incluindo a cercadura. São painéis do tipo «grinaldas», de cerca de 1790-1800, tendo nos centros medalhões ovais com figuração de pastores. Eram estes azulejos do prédio onde foi a primeira sede do Crédito Predial, no Largo da Sé, actualmente departamento do Ministério do Exército.

Rua Augusta, n.º 270 – 3.º

ÉPOCA: Cerca de 1780 (?).

TIPOS: Azuis figurados, cercadura concheada.

APLICAÇÃO: Sala de jantar e saleta anexa.

ASSUNTOS: Caçadas, pastoris, ornamentais.

NOTA:

Rua da Barroca, n.º 72

No prédio onde está instalada a Junta da Freguesia da Encarnação a escada é revestida lateralmente por silhar de azulejos, de 9 de altura, pintura azul, com balaústres ornamentados, ligados por grinaldas. Na parte inferior há vários animais e figurinhas infantis. É um exemplar curioso e que se deveria proteger, de cerca de 1725 (?).

Rua da Escola Politécnica, n.º 10 – 2.º

Junto à entrada, numa pequena sala, silhar de 6 de alto, no qual há quatro grupos de azulejos holandeses entre as janelas. O silhar está enquadrado com azulejos de cercadura, portugueses, que se me afiguram ser já da segunda metade do século XVIII. Os azulejos são de 128 mm, todos azuis, com os cantos do tipo «cabeça de boi» e assuntos muito variados metidos em círculos duplos.

No átrio, salas e corredores, silhares de vasos e grinaldas, azuis, do meado do século XVIII. Na escadaria, um «porteiro», que me parece moderno. No pátio, registo datado de 1758, com centro azul e moldura policroma, representando *São João Baptista, Nossa Senhora do Carmo e São Marçal*.

Rua da Junqueira

No prédio onde viveu e faleceu o pintor de azulejos Vitória Pereira, o pátio de entrada tem azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas», e ornamentais, de cestos com frutas e anjinhos com cornucópias.

Em várias salas do andar nobre, silhares de 8 azulejos, da terceira época do século XVIII.

Rua da Escola Politécnica, n.ºs 141-146 (Palácio Rebelo de Andrade – Ceia)⁽⁸⁰⁰⁾

Na confluência do largo fronteiro à Igreja de São Mamede com a Rua da Escola Politécnica e marginando a Rua do Arco, encontramos o edifício hoje denominado Palácio Ceia – Bramão uma das primeiras residências a serem construídas após o Terramoto naquela zona da cidade. Deparamo-nos com um excelente exemplo da arquitectura privada lisboeta da segunda metade de Setecentos.

(800) CÂMARA, 2005, pp. 141-197; CÂMARA, 2007c, p. 193.

Numa leitura formal atenta, o que hoje se observa neste edifício não corresponde à construção inicial; no entanto o Palácio Rebelo de Andrade – Ceia representa uma feliz articulação com o discurso urbano dando-se a conhecer à rua através da sua decorativa fachada. O edifício reúne curiosos elementos de diversas combinações de influências arquitectónicas.

Originalmente teria só um piso térreo e sobre ele um andar nobre de sacadas.

No século XIX foi-lhe acrescentado mais um piso que veio perturbar a imagem composta desta construção nobre. Procurou disfarçar este acréscimo, adossando à parede duas pilstras rusticadas dispostas lateralmente ao eixo central do portal/janela até à cimalha.

No interior deste edifício, um simétrico «U» desenvolve-se a partir de uma escadaria bem lançada e com aparato rematando numa balaustrada com acesso ao piso nobre. Este, desenvolve-se em cinco salas interligadas, sendo de realçar a decoração elegante destes interiores no importante conjunto azulejar do período rococó e o revestimento a estuque dos tectos.

Provavelmente produzidos na Real Fábrica do Rato – existente nas imediações – e colocados já após a finalização da construção do edifício, ornamentam todo o andar nobre, excepção feita à ala este construída já no século XIX. Podemos destacar vários conjuntos com unidade temática que documentam a evolução da azulejaria pombalina em Lisboa. Grandes painéis azuis e brancos revestem as superfícies maiores, retratando cenas do quotidiano galante de Setecentos – o porto de mar, a caça, o passeio, o jogo, a música e a dança – reproduções felizes de gravuras francesas e do Norte da Europa que circulavam na época. Aqui a figuração é predominante, as molduras – a azul forte – «esticam-se» em longitude como se se tratasse de «janelas» que acentuam um forte contraste claro/escuro com o tema central.

Os corredores têm silhares cuja decoração retoma motivos da época joanina; na parte central, uma cesta de flores e frutos que se apoia sobre uma base de coluna, composição que é geralmente repetida de forma linear, formando os típicos frisos de «albarradas». O azulejo intervém por via da fluidez dos seus ornatos que procuraram encontrar algum paralelo estético e formal nas decorações de estuque nesta altura generalizadas.

Rua da Junqueira (Casa dos Condes da Ribeira)

Notas tiradas de um livro manuscrito, em cuja capa de pergaminho iluminado caligraficamente se lê: *Livro de cus (to de todas as obras q / vai fazendo em Lx.^a e / Azinhaga a Ill^{ma} e Ex^{ma} / Snr.^a C^{da} da Riba Gr.^e / D. Joana Thomazia / da Camara e Compras.* A página 4 começou os *assentos das despesas q vou fazendo mais com a hedificação destas casas obras da Escada e tudo o mais q segue*, as quais tiveram início em 1 de Novembro de 1768. Em Maio de 1771 comprou-se o azulejo para a escada, cujo assentamento importou em 42\$00. Em 31 de Agosto do mesmo ano despendeu-se *com o azulejo da sala* 108\$49.

Em Julho de 1772 estava assente *todo o azulejo (sic) das duas barandas*, tendo importado na verba de 81\$30. São também dessa época os azulejos *do quatinho novo q* importou em 79\$280.

Depreende-se que todos estes azulejos eram para as obras da casa da Junqueira, porquanto há referências a *duas barandas*, aos *quartos novos* e à *escada nova*.

Em 1773 fizeram-se várias obras na *Quinta da azinhaga*, estando, a fls. 8 a verba: *Despesa com o azulejo, fretes, jornais de assentar custo do sino p.^a a Ermida retabolo pinturas e tintas* que importaram em 315\$513.

Em 1782, já falecida a condessa, está, a fls. 10 o *Assento das despesas que / fas o Ill e Exmo. Snr. Conde da / Ribeira Grande D. Luiz, com as / obras de Sua Caza depois do fale = / cimento de Sua May q a Sta Gloria / baja*.

São obras na casa de jantar, a qual também teve a sua guarnição de azulejo, o qual, conjuntamente com o tijolo, fretes e fêrias ao *Azoliador* e estucador importou em 20\$335 e mais 6\$240.

Rua da Junqueira, n.º 200

As escadas encontram-se revestidas de silhares policromos com almofadas contendo medalhões com florões, emolduradas por concheados, motivos vegetalistas e cartela central.⁽⁸⁰¹⁾

Rua da Junqueira – Quinta das Águias⁽⁸⁰²⁾

Este espaço foi outrora uma importante quinta, que pertenceu à família de Diogo de Mendonça Corte Real. Situa-se entre a Calçada da Boa Hora, a nascente, e o antigo Rio Seco a poente, tendo a frente para a Junqueira defendida por gradeamento. A casa tem a entrada principal virada a nascente e acesso pelo portão da Travessa da Boa Hora, apresentando dois corpos salientes em relação ao do centro, que é recuado. Foi Diogo de Mendonça quem, por novo aforamento, prolongou a quinta até ao seu limite norte actual, incorporando-lhe o traçado de terreno conhecido por Quinta da Eira ou também Quinta da Rosa.

O programa decorativo azulejar⁽⁸⁰³⁾ actualmente existente encontra-se no topo da antiga horta, na enorme cascata sobre o tanque. Também nos jardins, existem bancos revestidos lateralmente com azulejos com figuração de meninos e respectivos enrolamentos da primeira metade do século XVIII. As paredes e abóbadas são revestidas de azulejos tipologicamente e estilisticamente situados entre 1770-75. Do mais requintado gosto decorativo rococó, toda a composição traduz enorme movimentação. Destacam-se medalhões centrados com figuração pintada a manganês. Todo o conjunto é rematado por uma balaustrada com vasos floridos dispostos assimetricamente. A abóbada sobre um fundo de nuvens é pontuada por aves que esvoaçam, e posam no parapeito.

Na parte inferior sobressai um campo de juncos floridos. Todo o conjunto revela uma enorme originalidade, impondo uma ambiência de frescura.

Rua Nova da Trindade, n.º 16

O «Palácio Convento da Trindade» situa-se em espaço anteriormente pertencente ao Convento da Santíssima Trindade. Após a extinção das ordens religiosas, o terreno onde se implantava foi loteado, sendo ocupado por diversos edifícios. Alberga ainda alguns vestígios do revestimento azulejar pertencente à casa religiosa, consistindo em reaproveitamentos vários. Encontram-se painéis de albarradas, painéis formados por elementos díspares, congregando figuras, anjos e atlantes, azulejos de padrão e painéis com jarras de flores.⁽⁸⁰⁴⁾

Rua da Oliveira ao Carmo

Visitei este prédio a 26 de Outubro de 1964. O edifício é uma construção banal, pombalina ou, provavelmente, anterior, mas incaracterística. No 1.º andar e no 2.º há azulejos vulgares do meado do século XVIII, aproveitamentos mal-arrumados de alguma desparecida decoração.

Apenas no 2.º andar se conservam alguns painéis completos, de 8 de altura, pintura azul, de tipo vulgar.

(801) (MTV)

(802) Sobre este espaço *vide* LAMAS, 1924. (AGC)

(803) MECO, 1989, p. 163; CÂMARA, 2007c, p. 181.

(804) (MTV)

Rua da Paz, n.º 7-9

As escadas possuem silhares de azulejos de figura avulsa com cercaduras de enrolamento de acanto com mascarões nos cantos, que revestem igualmente a sala do primeiro andar. Na sala grande, encontram-se painéis ornamentais de pintura azul, com composição formada por leques concheados, pássaros e elementos vegetalistas, com cercadura de concheados de tom mais escuro. Outros, mais estreitos, encerram apenas um esguio elemento vegetalista.⁽⁸⁰⁵⁾

Rua da Penha de França, n.º 75

No átrio, escada e ainda jardim da velha casa nobre – hoje Escola Primária Elementar Masculina n.º 68 – há azulejos de muito interesse.

- a) *Átrio*: Silhar de nove de alto forrando as paredes, entre as portas. São painéis enquadrados em moldura de dois azulejos de largo, ornamentada, azul. Os painéis têm várias alegorias, assinaladas por legendas: AFRICA, EVROPA, AGOA, AMERICA e TERRA. O estado de conservação é mau, mas susceptível de restauro, o qual se torna urgente para evitar maior ruína. Os assuntos foram tirados de gravuras que serviram também para os magníficos painéis do Palácio Centeno.
- b) O silhar que ladeia a escada e patamar tem grande interesse. Da mesma época dos do átrio (de cerca de 1720?) lembram o desenho do monogramista PMP. Representam cenas campestres. No patamar destaca-se um «porteiro»,⁽⁸⁰⁶⁾ saliente do silhar, recortado, de alta peruca. É um dos exemplares deste género mais recuados que tenho visto.

Rua da Penha de França, n.º 320⁽⁸⁰⁷⁾

Na fachada sul, dois painéis recortados azuis, tendo, cenas mitológicas, em quadros de 16 × 16:

- 1) *Baco, dos deoses
aqui não ultraja a honra
pura, pois por fugir a Cm
scera tirou-se fora de si*
- 2) *A Diana os
Sacerdotes Sacrifi
cão em seu altars, que
sempre forão dos uotos
acredores as Deidd^{es}.*

No corpo do lado nascente, no topo da varanda do 1.º andar, espaldar com grande painel de 37 × 12, azul, de cerca de 1750, figurando uma festa pagã. O painel é ladeado de uma pilastra com a figura de *Palas*. O banco tem, no rodapé (de 3 de alto), cenas de caça.

No varandim há azulejos bastante mutilados com cenas de jardim, marítimas e cego na ponte. Ainda na fachada, dos lados das janelas, as figuras da «OPTIQUE» e «ELOQUENCE». É um conjunto notável e a salvar!

Na sala que dá para a varanda, alizar de 9 de alto com painéis ornamentais a dois tons de azul, tipo «Necessidades», com anjinhos e amores brincando.

Na casa, azulejos dispostos a granel, de flores e vasos. Ainda vemos restos de painel mitológico.

(805) (MTV)

(806) Designação dada por J. M. Santos Simões às figuras de convite. Vide ARRUDA, 1993. (AGC)

(807) Ao tentar localizar este núcleo em Março de 1976, verificou-se que tal prédio não existia na Rua da Penha de França.

Rua da Prata, n.º 198 – 1.º

No 1.º andar do prédio, que faz esquina pelo nordeste entre a Rua da Prata e Rua da Assunção, conserva-se numa sala, a decoração original, de cerca de 1790. O silhar é de 8 azulejos de altura, em painéis do tipo de grinaldas com motivos centrais de paisagens chinesas. São exemplares típicos da fabricação do Rato, em óptimo estado de conservação.

Na parte superior das paredes e no tecto, pinturas sobre tela com assuntos mitológicos.

Rua da Prata, n.º 214

No átrio encontra-se painel policromo com homem a dançar, segurando instrumentos musicais, enquadrado por dossel, urnas e elementos vegetalistas. Ladeiam-no dois painéis mais pequenos com cabeça da qual pendem grinaldas e urna. No patamar, mais dois painéis, um com homem a dançar e outro com instrumentos musicais. No arco de acesso às escadas, três molduras contêm *Nossa Senhora do Carmo com o Menino, Santo António com o Menino e São Marçal*, em composição policroma sobre fundo marmoreado amarelo.⁽⁸⁰⁸⁾

Rua da Rosa, n.º 168 (Escola E B 1 n.º 12)

Na escada, corredor e salas, painéis de padrão pombalino azul e branco, de losangos e flores.

Noutra sala, painéis pintados a manganês, com cercaduras de concheados manganês e filetes amarelos sobre fundo azul. Representam caçadas, cenas galantes, marítimas e campestres.⁽⁸⁰⁹⁾

Rua da Rosa, n.º 277

No prédio nobre, hoje em parte descaracterizado e ocupado pelas instalações da «Fotogravura Nacional», há azulejos na escada – silhar de padrão azul com cercadura própria – dos princípios do século XVIII.

Em algumas salas interiores, escadas de comunicação e cozinha, azulejos de figura avulsa, do tipo vulgar de estrelinhas com flores, etc.

Nas salas nobres do 2.º piso – onde estão as oficinas – alizares de 5 de alto, do tipo ornamental policromo, rococó, com medalhões contendo figuração alegórica às *Artes*: Música, Dança, etc. Serão azulejos de cerca de 1770-80. Na cozinha deste andar há azulejos de vasos com pássaros.

Rua da Vinha, n.º 9

.....

.....

Rua da Voz do Operário, n.º 1 A

O estabelecimento de móveis no andar térreo da casa nobre, cuja entrada era pela Rua de São Vicente n.º 2, tem silhar de azulejos figurados azuis, com cenas campestres e de jogos. Na escada, também em azulejo, um cão.

Rua das Amoreiras (Repartição do Ministério da Educação)

Nos corredores, salas e cozinha, painéis dos fins do século XVIII (de depois do Terramoto), com azulejos, em geral de tipo «almofada».

Na cozinha há um painel muito curioso representando uma cena de cozinha, com um cozinheiro e uma preta amanhando peixe; nas paredes há peças penduradas: porcos, presuntos, aves, coelhos, etc., do género da cozinha do Correio-Mor, em Loures.

(808) (MTV)

(809) (MTV)

Rua das Amoreiras, n.º 156

Na antiga casa nobre da família Lagoares apenas restam azulejos no pátio interior. Em todo o redor foram colocados nove painéis, todos do mesmo tipo: molduras concheadas policromas e centros azuis figurados. Acusam desenho de uma boa época e de um bom artista.

Os painéis figuravam várias *alegorias*, com as respectivas legendas, das quais restam, em bom estado:

- 1) MINERUA (11 × 16)
- 2) PRIMAVERA (11 × 9)
- 3) ESTIHO (11 × 9)
- 4) PALAS (11 × 9 com falta de dois azulejos num canto)
- 5) UARONIL (11 × 7)
- 6) CONCORDIA (11 × 13, muito arruinado)
- 7) DIANA (11 × 14 mas deveria ter tido 11 × 16)
- 8) Deveria representar o Inverno mas não tem legenda
- 9) Este, quase totalmente perdido, talvez representando o Outono

Serão azulejos de cerca de 1780?

Rua das Portas de Santo Antão, n.º 58 (Casa do Alentejo)

Na sala de jogos aplicaram-se painéis de azulejos de mais de uma proveniência. São todos do século XVIII, azuis e correspondiam a silhares.

Dos que actualmente se encontram, são interessantes os que apresentam uma partida de jogos de cartas e uma cena de jardim, com repuxo, onde há uma figura que dança ao toque de flauta.

Rua das Praças, n.º 35

O edifício deve ter feito parte de um conjunto de casa nobre com vasto jardim. No meado do século XIX foram feitos os prédios actuais deste quarteirão, aproveitando-se parte das edificações antigas, nomeadamente a fachada sul e o jardim. É nesta fachada, e à altura do 1.º piso, que estão os azulejos mais interessantes do conjunto, forrando a parede da varanda e enquadrando duas portas e janelas. É uma composição de 19 de alto com três grandes figuras recortadas representando, conforme se lê nas legendas: CARIDADE, FEE E ESPERANÇA. São as figuras de pintura azul com efeitos manganês e amarelos.

O restante da decoração é policroma *rocaille*, mas muito bem composta. Há falta de azulejos e os que se conservam estão muito fendidos pela intempérie.

No jardim avulta o curioso tanque ornamental, forrado de azulejos que tiveram de ser afeiçoados às superfícies curvilíneas. Existe ainda um banco de espaldar azulejado – decoração ornamental simples – e um painel de 14 × 16, recortado, fazendo parte de um antigo muro. A parte central é figurada, a azul, com assunto venatório; e o emolduramento concheado policromo. O jardim primitivo seria muito maior e teve, decerto, mais azulejos. Num prédio adjacente está ainda um grande painel recortado, com anjos, que parece ter pertencido ao espaldar de alguma fonte.

Todos estes azulejos serão de cerca de 1760-70 e, com a maior probabilidade, produção local, isto é, de alguma das oficinas da Lapa.

Rua de Alcântara, n.º 6

Este prédio é um verdadeiro mostruário de azulejaria do século XVIII.

Na *sala de jantar*, o silhar é de 6 de alto, em painéis de pintura azul, emolduramento concheado, tendo no centro superior da moldura o ornato «asa de morcego». A figuração representa um fidalgo preparando-se para embarcar numa lancha, sendo saudado

por um homem, enquanto outro, dentro do barco, mantém este parado com uma vara. Atrás do fidalgo, um moleque segurando a capa no braço e coifado com o barrete típico dos «mariolas». O painel tem 10 azulejos de largo. O painel maior (em parte encoberto por um armário) tem figuração de caçadas, com cavaleiros e galgos.

Outro painel, com 10 de largo, representa uma cena de jardim, onde, no terraço, um jovem parece fazer uma declaração de amor, enquanto ela, esquiva, tapa a cara com um leque. À direita, uma fonte com estatueta de menino segurando um golfinho e jorrando água. Mais longe, outro par de namorados, junto à balaustrada, sobre a qual se vêem dois ornatos em forma de urna.

Nos vãos das janelas mais dois painéis de 8 de largo um dos quais quase totalmente corroído pelo salitre. O outro tem uma cena campestre: pastor sentado, conversando com um rapaz que está atrás da vedação. À direita, outro pastor toca flauta. Ao centro um cruzeiro, ao fundo da aldeia.

Esta sala era primitivamente maior e toda com seu silhar. Quando se dividiu, na parede divisória foram colocados a granel vários azulejos provenientes de outro local. São também azuis mas de outra feitura. O que se vê são figuras de anjos ornamentais, aliás de boa pintura.

No corredor, no vão da janela que fazia parte da sala, outro pequeno painel como o da sala, desta vez de 6×8 , com cena de jardim: dama e fidalgo. A dama tira fruta de um cesto que um criado lhe oferece; à esquerda, uma fonte de golfinhos, enquanto que à direita, um grande vaso ornamental.

Mais adiante o silhar continua com o resto de um painel, no qual apenas se vê um par de fidalgos e um rabequista. Todos estes azulejos devem ser de cerca de 1750. Por cima deste painel está o nicho azulejado com azulejos policromos já do fim do século XVIII, muito curioso. Num *quarto* silhar de 6 de alto, com azulejos ornamentais, de volutas e moldura de um azulejo simples.

Na *sala da frente*, hoje dividida, o silhar é de 6 de alto. Num lado tem 41 de largura e noutros 16 e 17. Em todos a figuração é de chineses: pescador à cana; cavaleiro com falcão; casal passeando de barco e pescando à rede; cavaleiros de umbela, jardins com muitos quiosques, etc. As cercaduras são policromas, rococó, e estes azulejos serão de cerca de 1790.

Rua de Campolide, n.º 51 (pátio)

ÉPOCA: Século XVIII, meados.

TIPOS: Historiados azuis.

APLICAÇÃO: No pátio – parede.

ASSUNTOS: Painéis com *Baptismo* e cena da *Degolação de São João*; também um registo com *Nossa Senhora da Conceição*.

NOTAS:

Rua de Campolide, n.º 272

Em casa do negociante de azulejos, Senhor João Antunes, vi, numa das visitas que fiz ao seu *atelier*, dois grandes painéis corridos, com 9×40 azulejos cada, pintura azul com figuração de caçadas. Estes painéis devem ter feito parte de um silhar e serão de cerca de 1750. Estavam à venda.

Rua de D. Pedro V, n.º 70

Na visita feita a este antiquário em 1958, verifiquei a existência de, entre outros, os seguintes azulejos:

Dois grandes silhares de 10×40 pintura azul, moldura barroca com elementos concheados, representando cenas de caça de altanaria, muito belos e bem conservados. Painel-silhar com 12×20 azulejos, pintura azul de cerca de 1750, moldura ricamente ornamentada,

tendo no centro uma alegoria com uma estátua de duas figuras, em cuja peanha está a legenda: PAX ET JUSTICIA...; dois grupos de personagens ladeiam o pedestal.

Voltei a encontrar os dois primeiros painéis em casa do negociante de azulejos Senhor Antunes (Rua de Campolide, 272), que era quem os tinha posto à venda no antiquário.

Rua de Pedrouços (Biblioteca Municipal de Pedrouços)⁽⁸¹⁰⁾

O edifício onde se encontra instalada a esquadra da polícia tem a escada e algumas salas revestidas de azulejos de bastante interesse iconográfico.

No patamar inferior o silhar é de 9 de alto, que se reduz a 8 na rampa da escada. Os azulejos cobrem as duas faces parietais até ao patamar do 1.º piso. Na parte inferior destaca-se um «porteiro» de 14 de altura, empunhando uma alabarda. Os azulejos correspondentes à face foram deteriorados e mal reparados. Os silhares apoiam-se sobre rodapé marmoreado, que acompanha os degraus. A pintura azul é vulgar e a figuração é de caçadas ao javali e ao veado. No patamar superior os azulejos ladeiam a janela, em 10 de alto, incluindo rodapé marmoreado. Aqui os painéis têm figurações pastoris, com pastor tocando flauta ou dormindo.

A primeira sala deste piso está hoje ocupada pelas estantes da biblioteca, não se podendo ver o silhar que a rodeia. Tanto quanto foi possível lobrigar parece tratar-se de silhar de 10 azulejos de alto, incluindo rodapé marmoreado. Os assuntos figurados são de motivos venatórios.

Na sala maior, hoje sala de leitura, o silhar cobre as paredes entre as portas e janelas, em 10 de altura. Os painéis são limitados por cercadura concheada, com os curiosos remates em forma de «morcego» e onde os efeitos brancos foram realçados com incisões no esmalte. Os painéis maiores, em número de quatro, ladeiam as portas dos topos. Parecem conter qualquer significado que me escapa. Assim vemos:

- 1) Grupo de homem e mulher aquecendo-se a um braseiro chamejante, que é alimentado por uma criança, sobressaindo um feixe de lenha.
- 2) Senhora e menino de costas, observam a paisagem, enquanto que um homem, à direita, transporta às costas o que parece ser um molho de ramos.
- 3) Cavaleiro montado conversa com outro apeado e que parece saudá-lo com o chapéu na mão. À esquerda uma manada de vacas e outros animais de pastoreio. Dois cães brincam junto a um charco.
- 4) Era uma cena galante da qual se perdeu o azulejo mais interessante. Um par de namorados ocupa o centro da composição: ele em atitude de quem a beija; ela com a mão pudicamente sobre o peito. Falta precisamente o azulejo onde estavam as duas faces e que foi substituído por uma... cabeça de querubim! A cena é presenciada por um homem de bordão e por uma velha à porta de uma choupana.

Os outros painéis mais pequenos contêm figurações de fidalgos, jovem dama sentada com um jovem dormindo encostado no seu regaço, um personagem de óculos (médico?) falando com um fidalgo, camponeses conversando, etc.

Rua de Pedrouços (casa nobre «Vila Garcia»)

O magnífico edifício onde se encontra, em 1958, a «Casa dos Rapazes da Cidade», vulgarmente conhecida por «Vila Garcia» por ter sido recentemente propriedade de um senhor daquele apelido, foi uma esplêndida residência construída junto à praia por família abastada dos finais do século XVIII.

(810) Rua de Pedrouços, n.º 95-97, casa nobre «Vila Garcia», CÂMARA, 2001, p. 143, vol. 2. (AGC)

O aparato arquitectónico da fachada que entesta o pátio, com duas escadas de acesso ao piso nobre, as proporções daquele pátio, a grandeza e bom equilíbrio do conjunto, recomendam este edifício como um dos mais notáveis exemplares de arquitectura civil pós-Terramoto.

O interior, apesar de alterações feitas em várias épocas, conserva ainda bastos motivos de interesse, particularmente no respeitante à decoração azulejar.⁽⁸¹¹⁾ No *andar nobre* há várias salas azulejadas, todas com exemplares dos finais do século XVIII, cerca de 1780-90 (?).

Na *sala do canto noroeste* o silhar é de 8 de alto, policromo, tendo em cada troço da parede, entre as portas e janelas, painéis ornamentais ostentando ao centro um «busto» coroadado de louros, sem indicações. Dos lados, cestos de frutas. Os fundos são marmoreados, bem como o rodapé, de 2 azulejos de altura. Os vãos e espelhos das janelas têm o mesmo tipo de azulejos, com tons de manganês, azul, amarelo e verde. Numa *saleta* à direita da entrada, silhar de 7 de alto com grinaldas de flores, tendo ao centro um cesto com flores suspenso de uma máscara, num esquema policromo.

No salão do canto norte, a chamada *sala de música* tem um silhar de 9 de alto dividido em seis painéis, entre as portas e janelas, no género dos da segunda sala, mas desta vez os bustos são masculinos, todos iguais, apenas variados na cor das togas. São ladeados por vasos ou urnas com um golfinho.

Num *quarto para poente* o silhar é novamente de 7 de alto, com emolduramento policromo, centro azul representando paisagens marítimas, muito belo e curioso. Noutro *quarto* o silhar, da mesma altura, é de tipo ornamental policromo, enquanto que na *sala de jantar* o silhar, de 8 de alto, tem rodapé, azul, e a composição ornamental é de grinaldas de flores. A *saleta de costura* e a *secretaria* têm silhar de 6 de alto com paisagens e cenas de jardins. Centros azuis e emolduramentos singelos policromos. A *antiga capela* tem silhar representando emblemas marianos e o *corredor* é revestido num padrão policromo.

Rua de Santa Cruz (ao Castelo), n.º 74

No prédio – dito do Pátio da Pascácia – há azulejos na fachada posterior, guarneecendo uma varanda do 1.º andar e o tímpano das águas-furtadas. São azulejos de 1780, policromos, com medalhões e grinaldas enquadrando as portas e o silhar da varanda. No interior existem azulejos de padrão pós-pombalino.

Rua de Santa Marta, n.º 48

No andar nobre do edifício conserva-se uma sala com alizar de 10 de altura, constituído por quatro painéis completos e outro truncado. Os painéis, de pintura azul com enquadramentos de pilastras, conchas e carrancas, têm, nas paredes centrais, cenas de caça, jogo de quilhas e um curioso rabequista. Serão azulejos de cerca de 1745-50.

(811) Será realmente muito para lamentar que se dispersem estes azulejos que em nenhum local ficam melhor do que onde estão, ou seja, neste palácio, para onde foram feitos. É certo, porém, que a actual utilização é a menos indicada para a conservação deste conjunto! Com um absoluto desrespeito pela integridade dos azulejos, a gerência da «Casa» deixa que se arrumem as camas de ferro contra a parede o que já provocou a quebra de alguns azulejos. A fixação de tabiques numa pseudo-secretaria e outros malefícios, não referindo já o desleixo e pouca limpeza que se nota em toda a casa, são outros tantos factores de ruína e delapidação. O proprietário queixa-se da exiguidade da renda e da impossibilidade em que se encontra para mandar fazer reparações, preferindo mandar arrancar os azulejos para os vender e... salvar!

Com estes e outros pretextos se vai pouco a pouco eliminando o património artístico da Cidade e da Nação. Infelizmente, são muitas vezes dos próprios serviços públicos e nomeadamente nas escolas e outros estabelecimentos de educação e ensino, que mais se observam estes vandalismos, filhos da incúria, da ignorância, da irresponsabilidade e menos da endémica «falta de verba».

Apenas a título de exemplo, entre tantos e tantos, referirei o que se passa com os azulejos instalados em nobres edifícios e onde funcionam nem mais nem menos do que escolas primárias (!), isto é, aquelas onde precisamente se deveria incutir nas crianças os princípios basilares do respeito e cuidado, de asseio e arrumação... de civilidade e até de iniciação artística. Lembro-me das escolas primárias que estão no Palácio dos Marqueses de Tancos, numa casa nobre na Rua dos Remédios (Alfama), noutra casa nobre na Rua da Penha de França, a Sapadores, na do velho casarão que foi dos Costa Cabrais ao Campo de Santana, etc.

Nomeadamente, nos tempos que vão correndo, onde se iriam construir novos edifícios escolares em bairros superlotados, ou se poderiam alugar grandes salas nos edifícios modernos? Que as escolas ocupem os velhos e belos palácios lisboetas nada tem de condenável, antes se me afigura de grande interesse. Simplesmente o que é elementar é que estejam cuidadas, limpas, nobilitadas pela função educativa que exercem, servindo de exemplo de bom gosto aos educandos. Que mais deliciosa decoração para uma sala de aula do que um velho salão de casa nobre, com seu silhar azulejado, seu tecto de madeira apainelado, suas grandes portas. Mas horroriza ver que são os próprios professores quem prega escápulas entre os azulejos para segurar os «quadros pretos», quem permite que se esburacuem paredes para improvisar cabides, que se encostem violentamente carteiras, armários e outros móveis contra silhares azulejados, que se coleem com goma arábica toda a sorte de estampas, mapas, dísticos, nas portas, nos azulejos nas paredes... J. M. SANTOS SIMÕES

Rua de Santa Marta, n.º 56

O palácio que foi dos Condes de Redondo tem na fachada, junto ao cunhal da esquina que dava para o adro da Igreja de Santa Marta, um azulejo azul, com duas *almas orantes* e as letras P.N.A.M.

Rua de Santo António à Estrela

No rés-do-chão, azulejos de desenho avulso, de estampilha. Na sala maior, no 1.º andar, o silhar é de 8 azulejos de alto. Os motivos são ornamentais, *rocaille*, policromos e os azulejos estão apoiados em rodapé marmoreado. São muito interessantes sob o ponto de vista decorativo e serão de cerca de 1790.

Na sala contígua os azulejos são idênticos mas azuis, com toques amarelos. Do mesmo tipo serão os da saleta do canto.

No corredor, azulejos avulsos, de flores, mas sem estrelinhas.

Rua de São Bento, n.º 289

Na escada, silhar de azulejos de padrão azul, de 4 × 4, muito belo e raro, talvez de cerca de 1770 (?).⁽⁸¹²⁾

Rua de São Bento, n.º 337

Em duas salas do 1.º andar, silhar de 6 de alto, com figuração azul e cercadura concheada simples, com reservas.

Os centros figuram cenas de guerra e foram certamente aproveitados de painéis de cerca de 1740, se bem que completados, provavelmente, já próximo do fim do século. Exemplo curioso de preocupação sumptuária, com azulejos fora de sua época. Num compartimento secundário silhares de cestos e vasos com anjinhos, de cerca de 1730.

Rua de São Boaventura, n.º 43

Em cada patamar da escada existe um «porteiro». São azulejos azuis, recortados, com fundo de padrão. Como curiosidade, apresentam legendas, que convidam as visitas a entrar, estando no entanto pintadas às avessas!

Rua de São Domingos à Lapa

Quatro salas revestidas com silhares historiados, de molduramento *rocaille*, pobre e de cor azul. Os rodapés são roxos e azuis, típicos de 1760. Na antiga sala de jantar, silhares com cenas de mesa, muito curiosos.

Noutras salas, azulejos de «almofada», combinando com azulejos de figura avulsa, sem estrelas.

Rua de São Filipe Néri, n.º 80⁽⁸¹³⁾

Deste palácio, que pertenceu aos «Leões», foram retirados painéis de azulejos – entre outros alguns «porteiros» – que foram para a casa que foi dos Condes de Cuba, em Paço d'Arcos.

Da azulejaria antiga conservam-se os painéis da varanda do sul e os das salas. São todos de uma mesma época e fabricação, conformes com os modelos usuais. Serão de cerca de 1745; fabrico de Lisboa do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes.

Rua de São João da Mata, n.º 115

ÉPOCA: Cerca de 1770 (?).

TIPOS: Ornamentais a dois tons de azul, tipo «Necessidades».

(812) A antiga cozinha é revestida com azulejos de figura avulsa até ao tecto. No escritório, rodapé com padrão 2 × 2 de enrolamentos. (MTV)

(813) CÂMARA, 2001, p. 155; CÂMARA, 2007c, p. 189. (AGC)

APLICAÇÃO: Escada do prédio e salas do rés-do-chão e 1.º andar.

ASSUNTOS:

NOTAS:

Rua de São José, n.º 129

No corredor de entrada, de cada lado, silhar de 10 de alto em painéis azuis, historiados. Figuram cenas mitológicas, como *As Forjas de Vulcano*, *Vénus*, *Perseu e Andrómeda*, cenas de jardim, mulheres embiocadas. Serão dos princípios do século XVIII (1725-30).

Rua de São Julião

ÉPOCA: Segunda metade do século XVIII.

TIPOS: Figurados azuis, cercaduras concheadas; rodapé marmoreado.

APLICAÇÃO: Silhar de sete azulejos de 140 mm.

ASSUNTOS: Cenas pastoris e de jardinagem.

NOTAS:

Rua de São Nicolau, n.º 23 – 1.º

Num quarto interior, silhar do tipo pós-pombalino, de padrão. Entre os azulejos notei um de tipo pouco vulgar. Trata-se de azulejo para barras ou rodapés. O fundo é ligeiramente tinto de azul.

Rua de São Paulo, n.º 220

A escadaria comum aos três andares do prédio tem as paredes revestidas de azulejos a partir do 1.º patamar, com um silhar de 5 de alto. Imitam-se as balaustradas, atrás das quais há uma figuração de meninos, grinaldas, gatos, cão, lagarto, pássaros, etc. No patamar do último piso está um belo «porteiro» recortado, de 13 de alto, com seu tricórnio e bastão, bela casaca abotoada com três botões. É ainda neste andar que vimos alguns compartimentos azulejados, com dois painéis, também de pintura azul, figurando cenas de caça e de jardim. Toda esta azulejaria é de uma mesma época, vizinha de 1750.

Rua de São Sebastião da Pedreira, n.º 250 (Instituto Sidónio Pais)

Na sala de jogos, em todo o redor, silhar de 14 de alto, dos quais 4 formando rodapé policromo marmoreado. Os painéis figurados são de cenas pastoris, enquadradas por emolduramento *rocaille* singelo, azul. A figuração é tirada de gravuras, sendo a separação das cenas feita com árvores. Estão muito bem conservados e datarão de cerca de 1770.

Rua de Sousa Martins, n.º 10

ÉPOCA: Meado do século XVIII.

TIPOS: Dois painéis azuis historiados.

APLICAÇÃO: À entrada, um de cada lado.

ASSUNTOS: *São Jerónimo* entre os leões e o diabo tentando um santo que um anjo conduz ao Paraíso.

Rua do Arco da Graça

No velho edifício ameaçado de demolição encontravam-se azulejos da origem da casa, princípios do século XVIII, e outros mais tardios, já do meado do século. Na escadaria, no patamar inferior, estava uma figura de senhora bastante decotada, convidando a subir. Na escada, lambril de 5 azulejos com sua cercadura de folhas, tendo motivos de caçadas, entre as quais a dos cavaleiros que já conhecemos do salão dos painéis, no Palácio Fronteira.

Nos salões havia silhares recortados mostrando cenas de música e dança. Numa das salas o silhar tinha o brasão dos Abreus.

Num compartimento que serviu provavelmente de capela, e acima de um silhar dos fins do século XVII, vemos os painéis figurados, dos quais o *Casamento da Virgem* e o *Sonho de São José* (cuja autoria seria talvez possível atribuir a António de Oliveira Bernardes ou a Policarpo Bernardes) seriam os mais completos. É muito curioso notar que, num painel sobre a porta, a figuração parece representar uma cena de fidalgo em conversa com uma dama, de leque, e acompanhada da aia. Num dos silhares havia uma bela dama com *fontange*.

Rua do Arco do Limoeiro, n.º 66

.....

Rua do Comércio, n.º 38 (entrada)

ÉPOCA: Cerca de 1770 (?).

TIPOS: «Porteiro» recortado e almofada.

APLICAÇÃO: À entrada da escada.

ASSUNTOS: Porteiro.

NOTAS:

Rua do «Diário de Notícias», n.º 134

Na escadaria, azulejo figurando batalhas, com cercadura de grinaldas e frutos. No topo dos patamares «porteiros», azuis, do meado do século XVIII. No 2.º piso a cozinha está inteiramente revestida de azulejos de «estrelinhas». Toda esta azulejaria será de cerca de 1740.

Rua do Guarda-Mor, n.º 20 – 2.º

Numa sala do 2.º andar, silhar de azulejos de 7 de alto, em quatro painéis. Molduras policromas de pilares (cores verde-claro, amarelo, esponjados azuis e manganês) de cerca de 1790.

Os centros são azuis com cenas marítimas, de desenho muito perfeito e seguro. Num dos painéis vê-se a marca XX / NA, inscrita numa caixa.

A escada é ladeada de silhar de medalhões, com flores, policromo e marmoreado. No tímpano interior da escadaria, belo painel registo, com «SS. MÁXIMA, VERÍSSIMO, EJULIA. M. EMLNA» de cerca de 1790.

Rua do Lumiar, n.º 38 – 1.º

No jornal *Diário de Notícias* de 6 de Novembro de 1961 foram anunciados, para venda, azulejos desta casa. Segundo informação do vendedor, esta casa pertenceu aos Marqueses de Angeja, tendo sido profundamente alterada em 1917. No antigo oratório privativo conservam-se os painéis que revestiam as paredes laterais em 19 de alto, o tímpano semicircular da porta e duas guarnições do vão da mesma. Os painéis, de magnífica pintura azul, representavam, na parte central, respectivamente, a *Adoração dos Magos* e *Adoração dos Pastores* tendo, na parte inferior, a base de anjos e folhagens.

Tratava-se de uma obra notável do ciclo oficial de Oliveira Bernardes, provavelmente do monogramista PMP. Estavam em relativo bom estado, se bem que encurtados. ⁽⁸¹⁴⁾

Rua do Patrocínio, n.º 63 A

Tem este imóvel, na planta baixa, corredores e escadas com rodapé de 2 azulejos de alto, azuis, em unidades decorativas repetindo-se em 2 × 4.

Em duas salas do 1.º andar há silhares azulejados de 5 de alto. Numa delas o silhar contém quatro painéis de comprimentos diversos. A cercadura é concheada simples, azul. Os centros são de paisagens e figurações vulgares: fonte ornamental, cenas de caça ao

(814) Estes azulejos foram vendidos em Janeiro de 1962 ao negociante Senhor José Antunes.

veado e ao javali, paisagem com barcos e pescadores. Na outra sala, silhar da mesma altura, em seis painéis ornamentais a dois tons de azul, tipo «Necessidades». Ao todo são 412 azulejos.

Rua do Paraíso, n.º 80

Na escada do prédio está um silhar azul figurado, com 6 de alto, cercadura *rocaille* a dois tons de azul e centros de caçadas várias: javali com lança, javali com espada a cavalo, etc.

Na parte superior da escada o revestimento reduz-se a rodapé com azulejo de maçaroca azul e camélia amarela.

Rua do Poço dos Negros, n.º 112

No patamar da escada entre o 2.º e o 3.º andar está um painel de 6 × 8, de ilhargas recortadas, pintura azul. O painel foi para aqui trazido há cerca de 30 anos e, ao ser colocado, ficaram alguns azulejos desordenados. A figuração é contida em emolduramento concheado, com dois anjinhos na parte superior. No centro a figuração de *São Marçal* entre prédios em chamas. Na parte inferior lê-se, em cartela central: *Anno de 1749.*⁽⁸¹⁵⁾

Rua do Poço dos Negros, n.º 134 (Casa dos Viscondes de Ribamar)

Na *escadaria*, silhar de azulejos ornamental azul, de padrão vulgar nesta região. No andar nobre as duas salas azulejadas têm azulejos deveras notáveis. Na *sala de jantar* o silhar é de 10 de alto, emolduramento de cariátides. Os centros representam paisagens, mas não me foi possível ver a totalidade dos painéis, por estarem encobertos por móveis. Entre as janelas, painel de 8 de largo, tendo, ao centro, um belo brasão. *Quarto de cama* com silhar da mesma altura, com cinco magníficas figuras de damas, ricamente vestidas, representando os *Cinco Sentidos*. Um dos painéis (*A Vista*) está alterado. São painéis deveras notáveis.⁽⁸¹⁶⁾

No piso superior está instalada uma escola primária. Só há azulejos no quintal, estes mesmos certamente vindos de alguma das salas do andar nobre. Estão a estragar-se e bem mereciam ser tratados. São painéis azuis historiados, mas a vegetação não deixa perceber os assuntos.

Rua do Poço dos Negros, n.º 142

A fachada do prédio está completamente forrada de azulejos. É manifesto que estes foram aplicados no século XIX e trazidos de qualquer edificação. São, na maioria, azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas» azuis, e que foram caprichosamente enquadrados em emolduramento da mesma época. É um curioso mostruário dos tipos mais vulgares – figuras, pássaros, barcos, animais alternando com flores.

Rua do Sacramento à Lapa, n.º 21

Nas escadas, painéis policromos rococó com *chinoiseries*, índios e figuras orientais, acompanhados de silhares ornamentais de almofadas.

A varanda é revestida em painéis de padrão pombalino.

No jardim foi colocado um painel com *chinoiserie*, semelhante aos que se observam nas escadas. Ainda no jardim, registo recortado figurando *Nossa Senhora da Conceição* e turbilhão de nuvens com anjinhos, encimados por Cristo, Deus Pai e o Espírito Santo, com cercadura de concheados e volutas, ladeada por dois anjinhos. As cartelas laterais

(815) A existência deste painel foi-me revelada pelo Sr. Eng.º Manuel Bobone em 17-11-65. Não se trata de um registo propriamente dito, mas de um painel votivo, preanunciando os registos que se tornaram comuns depois do Terramoto de 1755. Aqui reside o seu principal interesse.

J. M. SANTOS SIMÕES

(816) Segundo informação fornecida em Março de 1976 pela Viscondessa de Ribamar, parte dos azulejos foi retirada pelos proprietários e encontra-se encaixotada.

albergam vários santos: *Santa Bárbara, Santa Ana com a Virgem, Santo com Cajado* (lado esquerdo), *Santa Teresinha* (?), *São José com o Menino, Santo António com o Menino*. A cartela da base contém a inscrição: «Santus Deus, / Sanctus Fortis San / tus Immortalis / / Miserere nobis». ⁽⁸¹⁷⁾

Rua do Século, n.º 65 ⁽⁸¹⁸⁾

O palácio dos «Carvalhos da Rua Formosa» existia antes de Sebastião José ter ascendido ao Condado de Oeiras e marquesado de Pombal. Foi, no entanto, durante o consulado do grande ministro que o palácio tomou a sua forma senhorial e imponente e, bem assim, a sua decoração interna. Dividido e maltratado, o Palácio Pombal transformou-se em residência particular e, no andar nobre, aloja a Casa Regional da Madeira. Há não muito tempo todo o prédio passou a propriedade municipal. O que ficou da decoração azulejar do palácio é relativamente pouco mas, mesmo assim, representativo da qualidade e do gosto da época. As salas principais do andar nobre foram forradas com papel, com sacrifício dos azulejos: em outras dependências menores os silhares cerâmicos foram amputados ou simplesmente ocultados por mobiliário. Ainda em compartimentos diversos aparecem azulejos colocados a granel, certamente provenientes das salas transformadas.

Na sala actualmente ocupada pelo bilhar os azulejos cobrem o silhar em 7 de alto, sendo de tipo ornamental azul em dois tons, com alguns toques de amarelo, tipo de azulejo que se tornou frequente imediatamente após 1750. ⁽⁸¹⁹⁾ Noutra sala o silhar tem actualmente 8 de alto, tendo-lhe sido cortadas as duas fiadas superiores. São os mais belos azulejos do palácio, com seu molduramento policromo rococó e belas paisagens pintadas a manganês, separadas por vasos floridos. As paisagens parecem obedecer à temática portos de mar, reconhecendo-se a fonte inspiradora das estampas de Vernet.

Na sala de entrada o silhar está mais completo: 9 de altura em painéis de pintura azul e fundos policromos, tendo como motivos principais panóplias e emblemas guerreiros. Ainda no palácio há um compartimento – sala da Direcção – com um silhar de 10 de alto de cestos e anjos azuis e, junto a uma escada de serviço, onde se instalou o «toilette» para senhoras, resto de decoração também em silhar de 10 de alto, com curiosa figuração mitológica.

No piso inferior os compartimentos azulejados que restam são de silhares ornamentais de vasos floridos, dos tipos convencionais do meado do século XVIII.

Rua do Terreiro do Trigo (antigo Celeiro Público)

O edifício do Terreiro do Pão – depois conhecido pelo Terreiro do Trigo e Terreiro Público – foi construído entre 1766 e 1777. ⁽⁸²⁰⁾ Sofreu, com o andar dos tempos, algumas alterações internas, tendo provavelmente desaparecido as decorações primitivas, nomeadamente os azulejos. Os que hoje ali se vêem ornamentando os silhares dos corredores são modernos e datam das obras mandadas fazer pelos Monumentos Nacionais, por volta de 1937. Dos azulejos antigos e coevos da edificação restam apenas os que forram o silhar do vestíbulo do 2.º piso, dando entrada para o salão nobre, hoje ocupado pela Biblioteca da Alfândega. Para completar este vestíbulo, mandaram-se fazer igualmente, cerca de 1937, dois painéis de azulejos, copiando os antigos e aproveitando, talvez, alguns elementos autênticos. Os painéis que interessam estão nas paredes, à direita e à esquerda de quem entra no vestíbulo, continuando-se o revestimento nas paredes que ladeiam as portas dos corredores laterais.

⁽⁸¹⁷⁾ (MTV)

⁽⁸¹⁸⁾ Vide Palácio dos Carvalhos/Pombal.

⁽⁸¹⁹⁾ A estes azulejos chamamos tipo «Necessidades», por os termos identificado, pela primeira vez, no claustro do Convento das Necessidades, em Lisboa.

⁽⁸²⁰⁾ CÂMARA, 2007c, p. 183. (AGC)

J. M. SANTOS SIMÕES

Têm os painéis 12×8 azulejos, sendo as duas fiadas inferiores do tipo «marmoreado» a manganês. Os painéis propriamente ditos têm cercadura de concheados, policroma, típica do terceiro quartel do século XVIII, onde sobressaem, pelo interesse e ineditismo, espigas de trigo nos cantos superiores. Estas espigas, simbólicas da função do edifício, são alternadamente amarelas e verdes, ou seja, representando o trigo maduro e verde. Os centros figurados são de pintura azul e mostram cenas de medição e contagem do trigo. Este, porém, é pintado a amarelo, o que dá uma nota de realismo à composição. O painel à direita de quem entra mostra-nos o que poderá ser o armazenamento ou a saída do trigo, estando o funcionário responsável atrás de uma bela mesa da época, como que a receber uma moeda que outro personagem, de tricórnio sob o braço, pretende pagar. Um empregado, mais modestamente vestido, procede à medição do trigo, servindo-se da régua com que rasa a medida de madeira. Ao fundo, os carregadores transportam às costas os sacos do trigo.

O painel da esquerda mostra-nos a recepção do trigo no cais, estando à esquerda a fragata ainda carregada de sacos e os carregadores e medidores procedendo à descarga e conferência. Uma das figuras deste grupo empunha um «rodo» de formato especial e que ainda hoje se usa para apanhar e juntar o trigo que transborda da medição. À direita está o funcionário aduaneiro, de peruca, atrás de outra bela mesa sobre a qual se vê um livro aberto e dois tinteiros. A figura que contracena com esta parece entregar um documento ou cédula. Entre os dois grupos há um outro empregado que leva um rolo de papel.

Estes dois painéis são da primitiva, estando o primeiro praticamente íntegro. No segundo, porém, o restauro é patente nos azulejos modernos com que foi completada a parte central, distinguindo-se perfeitamente pelo desenho e superfície mais regular do azulejo.

Fazendo canto há pequenos painéis, da mesma altura e tipo, de 6×8 , em cuja cartela central foram pintados carregadores com sacos às costas.

Os painéis da parede fronteira são de feitura recente, numa tentativa de copiar os azulejos primitivos. Não foi logrado o resultado a não ser nas cercaduras, já que o desenho é bastante inferior e sem interesse iconográfico.

Os azulejos antigos e primitivos são bem da época da construção do edifício – cerca de 1780 – e de fabricação vulgar lisboeta. A não ser o interesse iconográfico, que demonstra terem sido feitos propositadamente para o local, nada mais têm que os recomende. Servem para exemplificar, mais uma vez, a utilização decorativa do azulejo, obedecendo a uma temática.⁽⁸²¹⁾

Rua dos Anjos, n.º 47 e 73

ÉPOCA:
 TIPOS:
 APLICAÇÃO:
 ASSUNTOS: Dois azulejos singelos com navios.
 NOTA:

Rua dos Arameiros, n.º 11

No 1.º andar instalaram-se em 1920 alguns azulejos provenientes do antigo Convento do Beato António. É um silhar figurado, azul, do princípio do século XVIII – do tipo dos do Palácio dos Marquês de Minas – com cenas de caça ao veado, infelizmente truncados.

Na parte ocupada pelo escritório propriamente dito, colocado na parede do fundo, um painel sem cercadura, azul, com uma cena de ceifa. Representa o *Verão* e fazia parte de um grupo de *Quatro Estações*, das quais as outras três estão numa residência em Sintra.

(821) Subsiste ainda uma barra de azulejos no rodapé das escadas antigas e azulejos de padrão de «estrela» de oito pontas num compartimento de arrumos do rés-de-chão. (MTV)

Rua dos Poiais de São Bento, n.º 70 – 3.º

O prédio, de aspecto vulgar, conserva no último lambril das escadas azulejos de vasos e golfinhos, de tipo vulgar, sendo no entanto interessante o painel de uma das rampas, em que o cesto florido se apresenta na vertical, ou seja, colocado diagonalmente ao corte dos azulejos. No 3.º andar foram anunciados para venda os azulejos que guarneciam as salas e a cozinha. Quanto aos primeiros trata-se de silhar em painéis de 6 de alto, moldura concheada policroma e centros figurados a azul, mostrando cenas galantes e de jardim. A cozinha é, sem dúvida, das mais curiosas do género. Azulejos de figura avulsa com motivos populares e tauromáquicos alternam com outros de tipo de almofada, tudo em azul, o que produz um efeito inesperado e de grande valor decorativo. Toda esta azulejaria é do final do século XVIII, correspondendo à fabricação comum pós-Terramoto.

Rua dos Remédios, n.º 57 A – 2.º

No antigo palácio estão instalados vários serviços da Junta de Freguesia de Santo Estêvão, e duas salas de aula, respectivamente, a masculina n.º 149 e a feminina n.º 150. Só nestas salas vi azulejos.

Sala de aula masculina: Silhar de 9 de altura com rodapé e friso de 2 azulejos. O centro dos painéis tem 5 azulejos de altura e a pintura é azul. Os motivos centrais são de albarradas simples e primitivas, do tipo «escamas», como na saleta do Palácio dos Machadinhos, de cerca de 1710 (?).

Sala de aula feminina: Silhar liso de 9 de alto. Composições policromas ornamentais, com grandes medalhões de vasos floridos. É um exemplar notável no seu género e de cerca de 1790 (?).

Rua dos Remédios, n.º 164 – 166, 1.º

Uma das salas possui painéis incompletos com cavaleiros e caçadas. Outras duas têm painéis de albarradas e, numa outra divisão, permanecem azulejos de padrão monocromáticos. Na cozinha foram aplicados de modo indiscriminado vários tipos de azulejos. Entre eles, encontra-se um painel com figuras femininas sentadas à mesa, azulejos de figura avulsa e albarradas.

Rua General Roçadas, n.º 34

ÉPOCA: Cerca de 1760 (?).

TIPOS: Silhares historiados, moldura policroma.

APLICAÇÃO: Sobre o portal (n.º 36) registo recortado com a *Sagrada Família*, moldura policroma, centro azul. Nas salas, silhares de 7 azulejos de alto com assuntos de caçadas e alegorias em manganês. Muito interessantes.

ASSUNTOS:

NOTAS:

Rua Gomes Freire, n.º 101

No velho prédio de dois pisos que da «Carreira dos Cavalos» fazia esquina para a «Rua da Cruz da Carreira», conservam-se os azulejos da escada de dois lanços, que da rua dá acesso aos dois andares.

Tem o lambril forrado com azulejos de figura avulsa, de tipo vulgar de estrelinhas, com predominância dos temas de flores, se bem que apareçam igualmente figuras caricaturais, pássaros, barcos, etc.

Maior interesse tem um belo painel de 11 × 6, que entesta o patamar superior, e no qual se pintou uma bela dama em traje de corte, com um leque fechado na mão direita. Trata-se de uma figura ornamental, do tipo dos «porteiros», desta vez não recortada, antes incluída em painel limitado por cercadura própria. Serão azulejos de cerca de 1750 (?).

Rua Ivens, n.º 26

No 1.º andar, cuja entrada era pela Rua Capelo n.º 2, estão hoje vários consultórios médicos. Armando Vieira Santos chamou-me a atenção para os azulejos de duas salas que lhe pareceram dignos de nota. De facto, na sala fronteira à porta de serviço (que dá para a Rua Ivens) o silhar é de 8 de alto, dividido em painéis de cercadura policroma, concheada e centros figurados azuis.

Na parede maior, a figuração contida em três grandes medalhões tem as alegorias às *Estações do Ano*: Primavera, Inverno e Verão, ilustradas com cenas agrícolas. Na parede fronteira está a outra estação – Outono – representada pelo interior de um lagar de vinho onde se desenvolve a faina. São muito curiosos. Entre as janelas e ao lado da porta, dois painéis mais pequenos, num dos quais se vê um homem fazendo um enxerto num tronco e, no centro, uma mulher fiando.

São azulejos de cerca de 1780, bem pintados, e cujos assuntos devem provir de gravuras. No salão contíguo, e certamente o salão nobre da casa, o silhar é de 8 de alto, com painéis ornamentais de grinaldas e cestos floridos ao centro, tudo enquadrado em molduras barrocas. Todo o conjunto é policromo. As paredes eram todas pintadas com motivos que se casavam com os azulejos, mas foram recentemente cobertas com uma tinta ocre! Só no tecto se conservam as pinturas, tendo ao centro uma composição mitológica e, nos quatro cantos, outros tantos medalhões com anjinhos, também personificando as quatro estações. Na sanca, instrumentos de música colocados sobre pautas.

Em todos os restantes compartimentos há silhares de azulejos de padrão, típicos da época entre 1780-1800, de modelos conhecidos mas pouco vulgares.

Rua Jau, n.º 24

ÉPOCA: Finais do século XVIII?

TIPOS: Painéis de centro azul e cercadura policroma.

APLICAÇÃO: Lambril numa sala.

ASSUNTOS: Caçadas.

NOTAS:

Rua José António Serrano, n.º 2

Escadas e salas do 1.º andar: silhares de 7 de alto, em painéis ornamentais policromos concheados rococó, de medalhões centrais com bustos, tipo vulgar de cerca de 1775-85.

Rua Nova da Trindade, n.º 15 C

A entrada, silhar de azulejos, certamente parte inferior de grande decoração. Balastradas com anjinhos brincando pelo meio. Exemplar muito curioso. Um dos meninos brinca com bolas de sabão. Século XVIII, azul, de cerca de 1730?

Rua Nova da Trindade, n.º 20

Edificado nos terrenos onde existiu parte do Convento da Trindade, encontra-se o prédio onde está instalado o «Centro Espanhol». No átrio de entrada foram colocados azulejos trazidos de algures. Estão dispostos em silhar tendo, os do lado direito de quem entra, 9 azulejos de altura. Pertenciam a uma série mitológica e aproveitou-se parte dos painéis, onde se reconhece:

- 1) *Neptuno*, com um carro puxado por cavalos-marinhos, enquanto que um grupo de Cupidos parece contrariar a marcha, puxando energicamente pelas rédeas.
- 2) *Vénus*, muito bem ataviada e coroada de flores, no seu carro puxado por dois camelos. Aqui os Cupidos guiam os camelos e voando à frente do carro incensam a deusa.
- 3) *Júpiter* (bastante mutilado) parece ser o alvo de vários Cupidos, que lançam setas: à esquerda do grupo avança *Juno*, entre nuvens, no seu carro puxado

por pavões. Aliás o resto do painel está do lado esquerdo, sob a janela, onde se vêem Cupidos forjando as setas, enquanto Vulcano, estendido por terra, parece descansar.

Na parede do lado esquerdo o silhar continua, estando interrompido por um banco de pedra.

- 4) Acampamento onde um rei, na sua tenda, recebe um parlamentar. Na parte direita – que era de outro painel – vêem-se cavaleiros turcos parece que retirando do campo de batalha ou cerco, havendo uma cidade murada à esquerda e dois castelos em chamas ao fundo.

Azulejaria de muito bom desenho, se bem que de dois autores diferentes, mas trabalhada para uma mesma encomenda, o que é patente pela diferença de estilo mas comunhão dos ornatos acessórios. Serão azulejos de cerca de 1735-40.

Rua Nova do Almada, n.º 11

Na escada principal do prédio, desde o rés-do-chão até ao 4.º andar, silhar de 8 azulejos: policromos, centros azuis e figuração de cenas de caça. São notáveis pela composição dos emolduramentos, sendo de lamentar que os primeiros lanços estejam em mau estado de conservação. No 2.º andar, em alguns compartimentos ocupados pelo Serviço de Compras da Empresa Insulana de Navegação, e bem assim no corredor comum à 3.ª Conservatória do Registo Predial, e ainda nesta Repartição, vemos azulejos bastante interessantes. No corredor e no gabinete do Ex.mo Conservador, silhar de 6 de altura, com painéis azuis, moldura concheada vulgar, representando cenas marítimas e jardins. No antigo salão, voltado a sul, hoje compartimentado por divisórias, houve um silhar deveras notável, do qual apenas se pode ver um ou outro painel. A grande maioria está encoberta por estantes e prateleiras. O silhar é de ornamentação policroma, muito bem composta, servindo de emolduramento a centros figurados, de boa pintura azul. Foi-me possível ver o painel representando a *Poesia* e adivinhar outro, parceiro, talvez, a *Tragédia*.

Devo à amabilidade dos empregados, que retiraram livros e pacotes das prateleiras inferiores, o ter visto, aliás mal, outras composições figuradas. Uma mostra uma figura feminina, reclinada, olhando por um óculo e apoiando-se a uma espécie de plinto, onde está a cartela com a inscrição: PICART PETIT. Tratar-se-ia de uma assinatura do pintor? Será antes o que estava na gravura ou estampa que serviu de modelo? Ao lado deste painel vi outro, com figurações de mulheres despidas e a estranha legenda: LAS ASANAUIDES.

Onde hoje está o arquivo de papelaria do escritório era outra sala, com decoração semelhante à anterior. Aqui só pude ver um painel com a inscrição: LA PRIMAVERA e outro sem legenda, mas que me pareceu ser uma alegoria à *Pintura*, e outro ainda mutilado.

No corredor, ou parte do primeiro salão, um painel, no qual apenas pude ler a legenda: DANSA e que me pareceu muito belo.

Na parte ocupada pela Conservatória, onde foi outro salão, a decoração é do mesmo estilo, mas aqui foi de todo impossível ver qualquer painel. Serão azulejos de cerca de 1790?

Rua Pena Monteiro, n.º 26

Na casa onde morreu Júlio de Castilho encontram-se duas salas do rés-do-chão com silhar de 6 azulejos de altura, do tipo de figura avulsa azul, cantos de «estrelinhas» com flores, e pequenas figuras. Os silhares são enquadrados com cercadura própria onde se mantêm as «estrelinhas».

No 1.º andar, silhares vulgares com padrão pombalino policromo. Tudo leva a crer que os azulejos do rés-do-chão foram colocados nos fins do século XVIII, tendo portanto vindo de outro lugar; no entanto, é de notar o magnífico estado de conservação.

Rua Presidente Arriaga, n.º 6

No prédio onde esteve instalada a Repartição de Finanças do 4.º Bairro, a escada que conduz ao piso principal tem silhar de azulejos avulsos e cercadura de 2 azulejos de folhas encurvadas. Os azulejos são do tipo «estrelinhas», apenas com flores e pássaros. No piso nobre apenas há azulejos numa pequena sala de canto. É um silhar de 11 de alto, com dois painéis ornamentais azuis e flores policromadas, tendo ao centro medalhão a cor de vinho com paisagens, de desenho fraco. No resto do edifício há ainda azulejos do tipo «almofada», policromos, muito vulgares. Serão de cerca de 1780.

Rua Primeiro de Maio, n.º 24

No prédio encontram-se alguns azulejos que teriam pertencido ao próprio edifício, o qual, segundo parece, foi pertença dos Marquêses de Abrantes.

Parte do edifício está condenado pelas obras da Ponte sobre o Tejo, nomeadamente o jardim.

No patamar de entrada estão dois painéis provenientes de alguma sala; são de pintura azul e enquadramentos concheados, tendo na parte central paisagens convencionais. Na escada que leva ao 1.º andar, e no seu patamar superior, as paredes são revestidas com silhar de azulejos recortados, de pintura azul e mesma decoração concheada, tendo agora como motivo ornamental uma cartela com medalhão ao jeito de escudo, com «o campo enxaquetado».

No jardim foram colocados painéis semelhantes a estes guarneecendo o espaldar de um tanque.

Dos três painéis há dois laterais com a cartela enxaquetada, o central com uma cena de caça ao avestruz, motivo conhecido.⁽⁸²²⁾

Toda esta azulejaria se coloca entre a mais vulgar do género produzida cerca de 1770.

Rua Vicente Borga, n.º 154

No prédio que esquina com a Rua das Trinas três das salas do andar nobre têm silhares de azulejos, de 7 de alto. Na sala principal o silhar é constituído por painéis de enquadramento concheado policromo e centros figurados azuis, cada qual com uma alegoria às *Artes* e as legendas: OPTIQUA, MUSIQUA, PINTVRA, ELOQUÊNCIA, POESIA e ESCULTVRA.

Nas outras duas salas os centros figuram cenas campestres, galantes, de pesca e de caça. Trata-se de trabalho lisboeta típico de cerca de 1760-70. As alegorias das *Artes* são tiradas das estampas de Picard Petit.

LIII

Sé

Actualmente apenas há azulejos na edícula baptismal, forrando as paredes e os arcos. Trata-se de composições historiadas, do primeiro terço do século XVIII (1730), azuis. Nos arcos vemos o *Batismo de Cristo* e *Santo António Pregando aos Peixes*. Nas paredes, arquitectura com anjinhos, em painéis emoldurados por anjos e cestos, possivelmente do monogramista PMP.

Os restantes azulejos que se arrancaram durante as obras de restauro foram para o Seminário de Almada.

Travessa da Água da Flor, n.º 8

Na escada, azulejo azul. No patamar, dama de bela indumentária em painel com cercadura de volutas.

Na cozinha, azulejos de figura avulsa, primitivos, e dois painéis com *Santo António* e *São Francisco*. Sobre a porta tem a legenda:

(822) Por informação obtida em Setembro de 1975, sabe-se que os azulejos do jardim foram retirados por motivo da construção de um pilar da Ponte sobre o Tejo, encontrando-se presentemente encaixotados. FCG

ALIMPEZA E OASEO
A TODO O MVNDO AGRA
DO P^a QVE TODO O MVNDO
DIGA ALIMPEZA D^{os} AMO.

Travessa da Espera, n.º 8

O grande prédio que faz esquina para a Rua da Misericórdia (antiga Rua Larga de São Roque), passa por ter sido construído por João Frederico Ludovice e ter sido sua propriedade. Foi-o certamente de seu filho, que o deixou por sua vez a uma filha, que o vendeu. Que o prédio já estava construído quando do Terramoto provam-no os azulejos que revestem a grande escadaria e uma sala, pelo menos, do andar nobre. Na escadaria são do tipo de figura avulsa, de «estrelinhas» e apenas com flores, como os que se faziam em grandes quantidades no meado do século XVIII. Os da sala, em silhar de 10 de alto, são de grandes vasos floridos, azuis, repetindo-se em painéis de 6 × 5, separados por uma fiada de azulejos de anjinhos com cornucópias. Também estes azulejos se conformam com os tipos vulgares de cerca de 1750. Note-se também que no restante das salas, tanto no andar nobre como nas do pavimento, são os azulejos já da época de «D. Maria I», com padrões de «almofada» bem característicos, e painéis de cercadura concheada policroma e centros manganês, com figurações galantes.

Travessa da Nazaré, n.º 13

A decoração cerâmica das suas salas, corredores, terraço e cozinha é das mais ricas e bem conservadas que conheço.

Salão de festas – Alizar de 8 de alto, azul, centros mais claros e emolduramento escuro. Medalhões centrais com figuração de anjinhos em alegorias.

Sala de aula – Silhar de 9 de alto. Composições ornamentais de grande beleza, com cercaduras policromas, centros azul-claros com leves toques policromos nos cestos floridos centrais, aves ornamentais e grinaldas de flores. Núcleo bastante notável.

Sala de bilhar – Silhar de 9 de alto, azul. Os painéis são figurados, com cercaduras *rocaille*. Os centros representam paisagens (alusões às *Estações*?) com ceifa, vinha, etc. Nesta sala as paredes são pintadas com duas vistas românticas de Sintra – *Paço da Vila* e *Palácio da Pena*.

Sala da biblioteca – Silhar de cestos floridos azuis, cercadura de folhagens.

Terraço – Silhares de 5 azulejos de alto, forrando a parte interior do murete, assentos, etc. Representam paisagens marinhas, jogos, etc. Alguns dos painéis, mais pequenos, são muito interessantes.

Cozinha – É um exemplar notabilíssimo! Inteiramente forrada de azulejos, com estrela central. Sobre a chaminé peças de carne – presuntos e paios – pintados a manganês.

Corredores e casas interiores – Azulejos de «estrelinhas» de vários tipos e azulejos de vasos, simples.

Ignoro a data dos azulejos mas suponho-os anteriores ao Terramoto, talvez de cerca de 1750.

Travessa de André Valente, n.º 13

Embora a azulejaria mais importante deste palácio se refira ao século XVII, a que se refere ao século XVIII também é digna de registo. Assim, na *secretaria*,⁽⁸²³⁾ em todo o redor o silhar é de 7 azulejos de alto, emolduramento *rocaille* simples, todo azul, com

(823) Segundo informação das proprietárias, os nomes dados às dependências provêm das antigas instalações do Instituto Britânico neste edifício. FCG

centros figurando caçadas vulgares. Serão do meado do século XVIII. Nos *corredores*, os silhares ornamentais serão da segunda metade do século XVIII, a dois tons de azul, tipo «Necessidades».

Salas de aula – Em duas destas salas, silhares de 9 azulejos de alto, com azulejos da segunda metade do século XVIII. Cercaduras *rocaille*, policromas, centros historiados azuis, com cenas pastoris, concerto de música, cenas marítimas, etc.

Na *saleta* (anexa a uma das salas de aula), belo silhar de 7 de alto, da última época do século XVIII, tipo «grinaldas».

No *átrio e escada*, painéis figurados com molduras *rocaille*, policromas, e centros azuis.

Travessa do Pregoeiro, n.º 2 e 4

Na fachada, entre as janelas do 1.º piso, crucifixo. Dimensões: altura 14, largura na base 6½, braço 5. Pintura policroma e peanha com emolduramento concheado manganês, amarelo e azul tendo na parte central, os emblemas do Calvário. A cruz é de manganês e a figura de *Cristo* em azul, bem desenhada e recortada. No topo da cruz a legenda INRI. Serão azulejos de cerca de 1760? É o mais belo cruzeiro de azulejos que conheço.

LX

Travessa do Terreiro a Santa Catarina, n.º 23

Na escada do prédio que pertence aos herdeiros do célebre «João do Grão» existem azulejos de figura avulsa de tipos muito curiosos e raros. As figurações são várias: cães, pássaros, flores, barcos, etc.

Travessa José Vaz de Carvalho, n.º 9

Encontra-se neste edifício vária ornamentação azulejística. Grande parte dela é de origem holandesa.

Da azulejaria portuguesa vemos, em diversas salas, silhares azuis de 8 de alto. Numa delas os painéis são historiados, com cenas de rixas e almocreves, do meado do século XVIII.

Na sala de jantar os azulejos são ornamentais, a dois tons de azul, enquanto que nos corredores e cozinha os azulejos são do tipo de vasos floridos e albarradas.

CONCELHO DE LOURES

A DOS CALVOS

Nossa Senhora da Redonda, Capela de

À entrada da povoação destaca-se esta capela, de onde sobressai a abside da capela-mor em forma circular. A ermida era do padroado dos Condes de Valadares e Marqueses de Torres Novas. Na capela-mor estão sepultados D. Álvaro António de Noronha Abranches Castelo Branco, 7.º Conde e 1.º Marquês e sua segunda mulher D. Inês José da Cunha, filha do 3.º Conde de Povolide. Foi no entanto o 6.º Conde de Valadares quem mandou embelezar a capela com um paramento de azulejos na capela-mor.

As paredes laterais têm painéis de 13 de altura, de pintura azul, ostentando no centro, emoldurado por ornatos concheados, imagens em corpo inteiro, legendadas. Do lado do evangelho vemos *Santa Gertrudes* e *Santo Inácio*, este segurando um livro onde se lê: AD MAIOREM DEI GLORIAM / CONSTITVTIONES SOCIETATIS IESU. Do lado da epístola estão as figuras de *Santa Rita*, *São Rafael* e *Santa Margarida de Cortom* (*sic*).

Forrando a parede do recesso do altar, de um e outro lado do pequeno retábulo que abriga a imagem quinhentista da Senhora da Redonda, o revestimento de azulejos sobe em 25 de altura e ostenta duas figuras de santos, respectivamente *Santo Elias* e *São Jerónimo*. O tipo de pintura e a gramática ornamental do emolduramento correspondem ao estilo e fabricação de cerca de 1760-70.

A DOS CAOS

Santo Amaro, Capela de

No corpo, nas paredes junto ao arco, dois grandes painéis recortados, com cercadura policroma e centro azul, representam o *Presépio* e a *Fuga para o Egipto*. No corpo da capela, outros dois painéis, de maiores dimensões mas do mesmo tipo dos anteriores, mostram-nos a *Ascensão do Senhor* e a *Assunção da Virgem*. Ainda aqui vemos dois pequenos painéis votivos, de 3 × 2 azulejos cada, que representam «alminhas». Estão datados de 1784 e 1788 e legendados: PNAVM^A POR TODOS OS BENFEITORES / Q̃ TEM CONCORIDO P^A O AVGMENTO / DESTE ALTAR VIVOS E DEFUNTOS.

CAMARATE

Quinta de Nossa Senhora da Vitória

A casa e a capela, abrigando actualmente a «Casa de Repouso dos Motoristas», foi restaurada por volta de 1955. Sobre a porta da capela lê-se a epígrafe que diz ter sido a capela feita em 1769. Conservam-se aqui os azulejos primitivos, do tipo de silhar recortado, centros figurados azuis e cercaduras policromadas, bem do tipo de 1770. Os painéis estão assentes em rodapé marmoreado amarelo.

O desenho é convencional, acusando bom trabalho de artífice que vem ainda da época da grande produção. O azulejo é cuidado e a policromia é de boa qualidade. Representam-se, nos painéis, cenas do *Cântico dos Cânticos*, outras tiradas do *Livro de Judith*, outra do *Livro de Esther* e ainda alegorias a salmos e um painel com o *Nascimento da Virgem*. O conjunto é deveras agradável e a qualidade boa. No exterior há um pequeno adro que dá para o jardim, para onde se transplantaram alguns azulejos que eram das salas. São da mesma época e estilo dos da capela, mas apenas ornamentais, com marmoreados e rosetas. Igualmente vemos um registo com *Nossa Senhora da Vitória*, em azul.

Notável é uma placa cerâmica que está no espaldar de um pequeno tanque, sobre um nicho. A placa é policromada, com 60 cm de altura por 39 de largura, representando como que um brasão, de bordos relevados com uma flor ao centro. O que notabiliza esta placa é a presença de um monograma⁽⁸²⁴⁾ que indica ter esta sido fabricada na Fábrica Real do Rato e do tempo de Tomaz Bruneto, o que, aliás, condiz com a data da capela. Dar-se-á o caso dos azulejos da capela também serem da Fábrica do Rato?

Quinta do Poço da Fonte

Registo na fachada, de 4 + cruz × 3 azulejos. A moldura é concheada, manganês e amarela, e no centro, a azul, está representado *São Pedro*.

No pátio existem azulejos de padrão pós-pombalino, alguns muito belos e pouco vulgares.

Em frente desta quinta, um prédio ostenta guarnição de azulejos policromos com registo no centro.

Quinta do Redondo

Colocado no portal de entrada (mas voltado para o interior do pátio), registo datado de 1758, com *Nossa Senhora da Conceição*. O registo tem 7 × 11 azulejos, cercadura recortada com verdes e avinhados e encimado por cruz.

Todo o resto da casa (salas e pátio) é revestido com silhares de azulejos, tipo «D. Maria I».⁽⁸²⁵⁾

(824) A marca é precisamente igual às dadas por José Queiroz na *Cerâmica Portuguesa*, n.º 206 e 209.

(825) Estes azulejos foram adquiridos num leilão – há cerca de 50 anos – da Agência Geral das Colónias, na Rua da Prata.

J. M. SANTOS SIMÕES

J. M. SANTOS SIMÕES

CANEÇAS

São Pedro, Capela de

No corpo, silhar baixo, de 8 de alto, com azulejos de vasos e pássaros, azuis, dos fins do século XVII, princípios do XVIII.

LOURES

Quinta das Carrafouchas

O programa decorativo azulejar encontra-se no exterior nos arranjos do tanque, na varanda e na capela.⁽⁸²⁶⁾

Quinta do Conventinho

Na escada principal, azulejos de padrão policromo, em tons de verde muito esbatidos. No claustro e sala do poente, silhares de azulejos de cerca de 1770, centros azuis e emolduramentos policromos. São muito curiosos, sobretudo um deles onde se vê uma grande nau com a bandeira holandesa.

Numa sala junto ao claustro, os azulejos são de figura avulsa, do tipo de flores pequenas sem estrelinhas, alternando 1 azulejo liso, branco, de belo efeito decorativo.

Na capela, o silhar é de azulejos azuis, historiando cenas marianas, de cerca de 1750. As cercaduras são lisas, com anjinhos, e os painéis muito belos.

No corpo da capela e também nos jardins há azulejos de vasos, com emolduramento de folhagens retorcidas, azuis.

No resto do edifício há vários tipos de azulejos policromos, pombalinos, dos tipos «almofada» e florões.

Quinta do Correio-Mor⁽⁸²⁷⁾

A azulejaria do Palácio do Correio-Mor é justamente famosa e tem sido bastas vezes referida. Dentro do quadro do azulejo português do século XVIII este núcleo deve ocupar lugar proeminente, como um dos mais ricos e pitorescos. Ao descrevermos este núcleo devemos informar que os nomes por que as salas são localizadas nos foram dados pelo então guarda do palácio.⁽⁸²⁸⁾

Sala de Fumo – Silhar de 10 de alto com painéis ornamentais de cerca de 1770-90. Os painéis estão muito bem conservados e as suas tonalidades são o amarelo, azul, verde e roxo, em tons um pouco acentuados.

Sala do lado sul – Painéis ornamentais de cerca de 1730-50. Este mesmo tipo encontra-se nas duas salas seguintes e na sacristia da capela. Os painéis têm 10 de alto, com 2 azulejos de cercadura de acantos. Os centros são de vasos floridos e anjos. Bastantes azulejos foram restaurados.

Sala das Estações – Silhar de 10 de alto em painéis de cabeceiras lisas, representando alegorias às *Estações do Ano*. Vemos assim: ESTIO, PRIMAVERA, EMVERNO e OVTONO. Em cada painel há cenas características de cada estação, sendo a do *Estio* muito curiosa: tosquia, ceifa e um grupo que prepara uma merenda.

Sala dos Apóstolos – Esta sala é a mais preciosa peça do palácio e, de facto, pode considerar-se uma maravilha. O tecto pintado e o conjunto dos azulejos são dois motivos artísticos do maior valor. Em toda a volta da sala há um silhar recortado, azul, do tipo

(826) CÂMARA, 2007c, p. 215. (AGC)

(827) CÂMARA, 2001, p. 275, vol. II. (AGC)

(828) Ficou justamente famosa a primeira descrição destes azulejos. *Vide*: PEREIRA, 1905, pp. 6-7 [texto reimpresso em PEREIRA, 1910, pp. 203-205]. *Vide* também: BNL, 1924, pp. 457-458 (texto de Raul Proença); CARDOSO, 1936, p. 18; SANTOS, 1957), pp. 109, 129, 132, 135 e 142; AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. III, pp. 54-56. FLÁVIO GONÇALVES

sanefas de borlas, com cenas frívolas e caçadas, do mais belo efeito e curiosa representação. Na parede maior o painel tem 12×75 azulejos e as cenas aí representadas são as mais diversas: gaiteiro, caça ao leão, concerto em jardim, fonte ornamental, merenda, cavaleiro rojoneando e escravo segurando cães. Nas outras paredes vemos cenas de caçadas várias, como seja ao javali, ao lobo, com falcão, à raposa, etc. São ao todo nove painéis com cenas venatórias, além do painel grande.

Sala de Jantar – De imponentes dimensões, esta sala destaca-se pelo interesse extraordinário dos azulejos, sob o ponto de vista documental. O silhar é de 17 de alto e representa cenas que devem ser alusão a fases da vida: infância, adolescência, etc. – ilustradas com cenas do mais curioso sabor e fazendo paralelo com a vida de um barco. Um dos painéis mais curiosos é aquele que representa o menino, ainda criança, brincando com outros da sua idade. Aí vemos diversos jogos infantis e «carrinhos» para bebés, numa iconografia deliciosa.

O painel do fundo, do lado esquerdo, sendo o «fim da história», destoa completamente do conjunto, não se compreendendo a razão desta discordância. Representa uma cena de ermitões e uma caçada.

Saleta de Música – Esta sala é muito semelhante à Sala de Fumo. Aqui apenas as composições são mais delicadas e os tons mais suaves. A moldura dos painéis é de cabeceiras lisas, de tipo ornamental e os centros dos painéis rematados com pequenos medalhões ovais, representando cenas campestres.

Sala da Fama – Tem esta sala um silhar de 10 de alto, onde se representam cenas marítimas. A pintura é azul e as cabeceiras recortadas.

Na ala sul do edifício existem três salas com silhares de 8 de alto. São painéis de cabeceiras lisas e centros representando cenas venatórias, com molduras policromas de verdes, amarelos e roxos.

Numa sala ao lado, os painéis são da mesma época e tipo, apenas representando cenas marítimas, enquanto que a sala seguinte tem outra série, bastante mais fraca, representando as *Estações do Ano*. O enquadramento aqui é azul forte, com decadência nítida do rococó. Os centros, de um azul esbatido, são rematados por medalhão central em manganês.

Sala dita Quarto do Marquês de Penafiel – O silhar tem 8 azulejos de alto, representando-se aqui cenas marítimas e cortesãs.

Sala do topo sul – Silhar de 10 de alto, em painéis de cercadura de acantos e centros de vasos e anjos. Estes azulejos sofreram bastantes restauros e, na cozinha do piso intermédio, vemos vários exemplares destes azulejos, de mistura com outros de padrão azul, dos finais do século XVII.

Cozinha – A decoração desta peça é, só por si, do maior interesse. Toda ela está revestida numa altura de 16 azulejos, com azulejo de figura avulsa, do tipo «estrelinhas», cujos desenhos são exclusivamente pássaros e aves. Sobre o fogão, um grande painel de azulejos azuis apresenta uma cena de cozinha, onde cozinheiros e «bichos de cozinha» preparam pratos armados e enchidos. Sobre a porta, na parede oposta, outro painel tem pintada uma cena de «matança de porco». Na parte inferior das paredes, e como se estivessem pendurados, há muitas peças de caça – perdizes, coelhos –, chouriços e presuntos, tudo pintado no azulejo a cor manganês. O conjunto é dos mais curiosos que conheço.

Capela – O coro da capela é guarnecido com silhar de cabeceiras recortadas, representando cenas jesuínas. Na parede do topo, o painel mostra a *Fuga para o Egipto* e, caso curioso, sem qualquer elemento de separação, continua-se com uma cena campestre, que surpreende, por ser a primeira vez que vejo misturada uma cena profana com outra de sentido religioso.

À entrada da capela existem dois «porteiros». Foram ambos restaurados recentemente. Ainda em sala anexa à capela vemos painéis representando a Vida de Um Santo. São belos painéis de cabeceiras recortadas e bela pintura azul. É curioso notar num deles, a figura de um anão. É sabido que os Gomes d'Elvas tinham em sua casa um anão que muito estimavam, chegando mesmo a fazer-lhe uma estátua que se encontra à entrada da capela. A presença do anão no painel não deve deixar dúvidas quanto à época da sua feitura, ou seja, durante o período de vivência da família Gomes d'Elvas. Já no exterior da casa vemos, no *Pátio*, dois registos de 8 × 3 azulejos cada, representando *São Francisco de Paula* e *São Marçal*. Ainda numa parede do jardim vemos três medalhões, nos quais se pintaram cabeças coroadas de louros.

Sobre o grande *tanque* do jardim existem seis grandes painéis, infelizmente em parte deteriorados. Têm 22 × 15 azulejos cada e representam cenas mitológicas, como: *Metamorfose de Actéon*, *Queda de Ícaro*, *Neptuno*, *Nereides*, *Metamorfose de Narciso* e *Rapto de Europa*. São cenas tiradas de Ovídio e provavelmente decalcadas em gravuras que ilustram qualquer edição francesa do século XVIII.

LOUSA

São Pedro, Igreja Paroquial de

O forro parietal da capela-mor é revestido de azulejos azuis, de 18 ½ de alto, cabeceiras lisas e rematando na parte superior com um friso.

Os painéis são do tipo convencional de 1740 e ilustram dois passsos evangélicos, com legendas. Assim, do lado do evangelho, vemos a cena do *Lava-Pés* e as legendas, na parte superior:

QVOD EGO FACIO TV
NESCIS MODO
Joan 13.17

e, na parte inferior:

DOMINE, TV MIHI
LAVAS PEDES
Joan 13.6

O painel fronteiro a este representa o *Baptismo no Jordão*, com as legendas, na parte superior:

HIC EST FILIVS MEVS DILECTVS
LVQVO MIHI COMPLACVI
Math. 3. 17

e, na parte inferior:

BAPTISATVS AVTEMIESVS
CONFESTIM ASCENDIT DEAQVA
ETECCE VOX DECAE LIS
Math. 3.16 et 17

Na sacristia o silhar é de 8 de alto, com 2 azulejos de barra de acantos e painéis de taças com frutos e anjos com cornucópia.

ODIVELAS

D. Dinis, n.º 10 A, Largo de

No 1.º andar de uma casa particular, uma das salas tem silhar de 10 azulejos de alto, do tipo ornamental azul, com vasos floridos ladeados de golfinhos. A cercadura é de acantos, e os painéis dos tipos vulgares de cerca de 1730. O silhar está dividido por painéis, tendo cada um coroaamento recortado, no máximo de 2 azulejos, com máscara ao centro, e os limites de pequenas urnas. São no total 1380 azulejos, em óptimo estado de conservação. Os painéis, junto às duas janelas, são limitados por cantoneiras.⁽⁸²⁹⁾

Instituto Feminino de Educação e Trabalho

Instalado no antigo mosteiro de bernardas, fundação e jazigo de D. Dinis, este modelar estabelecimento de educação viu-se recentemente beneficiado com obras de várias naturezas, mas onde não se descuro o lado artístico e arqueológico. Além da azulejaria do século XVII, já mencionada no volume a ela dedicado⁽⁸³⁰⁾ cumpre-nos agora relatar a do século XVIII, que consideramos do maior interesse. No átrio da portaria foram colocados recentemente silhares de 11 de altura, aproveitando os que se encontravam nos chamados «aposentos da Madre Paula», edifício de três andares, apenso ao mosteiro, e que acabou por ser demolido. Os azulejos, que decoravam os três pisos deste edifício, eram os mais curiosos que se podiam encontrar em homenagem à frivolidade feminina, o que parece que não estaria muito adequado para a decoração de uma madre abadessa de clausura clarissa... Logo no rés-do-chão havia uma deliciosa cozinha, completamente forrada de azulejos de figura avulsa tendo, a meia altura da parede, medalhões figurando os *Cinco Sentidos*. Em cada um estava uma bela dama de alto toucado, com qualquer alegoria referente ao sentido que personificava. A escada que conduzia aos pisos superiores tinha, nas paredes, os azulejos de balaústres e, nos patamares, painéis com paisagens ou vistas arquitectónicas. Nos compartimentos, os silhares azulejados mostravam cenas frívolas – merendas, concertos, jogos do gamão e das cartas – e, num dos painéis, sem dúvida o mais gracioso, o requinte subia ao extremo: à roda de uma mesa três parceiros, um jovem fidalgo e duas damas, parecem empenhados no jogo do solo. O ponto consulta as cartas e, atrás dele, uma outra dama empunha um espelho, com o qual permite à parceira da frente a visão das cartas do jogador. Como se esta batota não chegasse, uma outra dama espia o jogo da parceira e, com a mão direita, faz sinais comprometedores. O quadro é completado com uma criada de avental, que brinca com um macaquinho sentado no espaldar de uma das cadeiras, e dando muito menos atenção à criança, que lhe puxa pelas saias. Para a alegoria feminina ser mais completa vê-se, à esquerda, um pavão, ornato de jardim. Este conjunto era, como se vê, dos mais graciosos e como tal foi reconhecido ao fazer-se o arranque e transplantação. Muitos foram os azulejos que se salvaram, não infelizmente todos, o que é para lamentar. Toda esta azulejaria apresentava características uniformes, podendo atribuir-se a alguma das oficinas de Lisboa de cerca de 1735. A pintura azul é típica, e o desenho, provavelmente decalcado de gravuras francesas, mostra bem o estilo dos azulejadores de então. É manifesto que no átrio de entrada alguns dos painéis ganharam em apresentação, ainda que houvesse que recorrer a imitação moderna para completar um dos silhares.

Ainda aqui avultam, pelo seu interesse e importância, os dois painéis que ladeiam a porta exterior, e num dos quais se vê representada uma vista do *palácio parisiense do Louvre*, quando ainda existiam as Tulherias e estavam em grandes obras as fachadas de Mansard, sobre o Sena. A vista do lado direito é representada do outro lado do rio,

(829) Estes azulejos foram anunciados para venda no *Diário de Notícias* de 19 de Novembro de 1958.

(830) SIMÕES, 1971b, vol. II, p. 113.

vendo-se a famosa *Torre de Nesle*. O outro painel que com este joga apresenta a vista de um moinho de água, de grande interesse.

Na escadaria remozada, foram colocados os azulejos de balaústres da escada da «Madre Paula», tendo havido a ideia de mandar fazer figuras de «porteiros» de ambos os sexos que, pela insinceridade da pintura, põem uma nota falsa no conjunto. Das quadras originais mais importantes é a cozinha, que antigamente servia o refeitório das freiras. Idêntica à da «Madre Paula», mas menos rica do que aquela, o refeitório conventual é totalmente forrado de azulejos de figura avulsa dos tipos vulgares, mas que, pelo estado de conservação, se impõe. Imediatamente a seguir ficava o refeitório e, aqui, houve azulejos colocados em mais de uma época, sendo os mais antigos possivelmente dos últimos anos do século XVII, ou seja, do primeiro período da figuração azul. Representam-se cenas que julgo mitológicas, mas não fáceis de identificar com a iconografia habitual. Nesta mesma quadra há restos de painéis policromos do século XVII com alegorias religiosas, e ainda quadros já do meado do século XVIII, com painéis e figuração convencional. É num destes quadros que se destaca um moinho de vento, de quatro velas triangulares, de tipo saloio, tão raro de encontrar nos azulejos.⁽⁸³¹⁾

Menino Jesus, Igreja do

Belo templo de uma nave e capela-mor, esta bastante rica em mármore. No corpo, o silhar é de azulejos azuis, com grande ornamentação de volutas e anjinhos. O azul é forte e o desenho bastante bom, de tipo certamente anterior a 1740. À entrada, painel historiado com a figura da *Fé*. Na capela baptismal, painel representando o *Baptismo*.

Senhor Roubado

Os azulejos que revestem o espaldar do adro que limita a «Memória» ou «Padrão» comemorativo do desacato de 1671, estão largamente referidos na bibliografia. O estudo descritivo mais completo é o de Mário Guedes Real.⁽⁸³²⁾ Minucioso mas mal ilustrado. Os azulejos teriam sido mandados fazer em 1744, como se depreende das várias inscrições no próprio padrão, e correspondem perfeitamente ao tipo figurado e narrativo, azul, com seus emolduramentos concheados. As composições narrativas, em número de 12, apresentam-se simetricamente de um lado e outro da porta central, limitadas junto a esta por dois painéis com anjos, de 13 x 6. Os doze quadros narrativos têm, cada um, 6 ½ azulejos de altura, ou seja, estão sobrepostos a dois e dois.

Estas composições figuradas colocaram-se acima de um silhar de azulejos de figura avulsa, de 5 azulejos de alto, do tipo mais vulgar de «estrelinhas». É um conjunto notável, não só pelos azulejos mas, sobretudo, pelo enquadramento e carácter popular.

PINTÉUS

Solar dos Vaz de Carvalho

Mais conhecido por «Casa Cristóvão Aires», esta imponente moradia senhorial está – em 1960 – em risco de ruína, que parece ser irremediável.⁽⁸³³⁾

Foi mandada fazer por José Vaz de Carvalho, que era, em 1729, corregedor do Crime da Corte e Casa, ou possivelmente por um filho deste, do mesmo nome, e que foi casado com D. Maria Rosa de Sá Azevedo Coutinho, falecida com 33 anos em 1794 (como consta do seu epitáfio na capela da Quinta de Pintéus).

(831) Sobre a apresentação actual dos azulejos do antigo Mosteiro de Odivelas, vide Carlota Abrantes Saraiva – *Contribuição para o Estudo dos Azulejos do Instituto de Odivelas* (Lisboa, 1975). FLÁVIO GONÇALVES

(832) O Senhor Roubado – in *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, LIII-LIV, Janeiro-Dezembro de 1960, pp. 65 a 94. J. M. SANTOS SIMÕES
Vide também: Vergílio Correia – «Azulejos datados»: CORREIA, 1914: [ou «Azulejos Datados», in *Boletim O Arqueólogo Português*.
Lisboa, 1915, vol. XX, pp. 206-210;idem, Lisboa, 1922, pp. 82-87; idem, Coimbra, 1956, pp. 86-92]. FLÁVIO GONÇALVES

(833) O edifício foi completamente restaurado há alguns anos. Sobre este solar e a sua capela, vide VITERBO, 1909, pp. 86-91 e 132-139.

FLÁVIO GONÇALVES

Foi aqui que viveram D. Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo e, no tempo de Cristóvão Aires, foi frequentada pela fina flor das letras e das artes, do jornalismo e da política. O abandono e falta das mais elementares obras de conservação vêm provocando a ruína, sendo difícil supor como se poderia ainda remediar o mal, de tal forma o estrago é grande. Situada à beira da estrada que, de Santo Antão do Tojal leva a Fanhões, a fachada impõe-se pelo tamanho e equilíbrio, nobilitada pela grande pedra de armas dos Carvalhos e Azevedos Coutinhos, e pela entrada nobre, centrada, com acesso por escadaria. A estrada separa a casa da quinta propriamente dita, a qual fica nos socos que, a sul, descem para o vale.

O terreiro do palácio acusa o abandono e, ao fundo, mal se apercebe o antigo bebedouro dos animais, com sua bica abundante, ladeada de dois painéis de azulejos, de 6 de alto, pintura delicada a azul, circundados de molduramento concheado a azul mais forte. Na parte central pintaram-se cenas frívolas, em paisagens com fontes ornamentais.

Já no interior do corpo do edifício, um pátio tem as paredes revestidas de azulejos, que eram certamente de uma rampa de escada, e em cuja colocação houve pouco cuidado. São azulejos vulgares, azuis figurados, da época dos que vimos atrás e de outros que veremos – do meado do século XVIII. A um canto, a figura de um guerreiro, recortada, eleva-se acima do silhar de que fazia parte.

Tem, na altura maior, 13 azulejos, e é da mesma época e factura dos azulejos anteriores. Em três salas da frente, a decoração azulejar é limitada em silhares de 9 de alto, incluindo a barra de 2, do tipo folhas retorcidas, vulgares. Os centros são diversos de sala para sala: vasos floridos, cestos, etc., no género uma das mais variadas colecções. No pequeno jardim, a poente das salas – que é agora um embrenhado matagal – as paredes são inteiramente revestidas de azulejos, que seria, bem conservados, um regalo para os olhos. Cercaduras de exuberante rococó, do mais puro que conheço, envolvem quatro painéis onde estavam simbolizadas, em figuras femininas, as *Quatro Estações*, identificadas por letreiros. Hoje só estão legíveis as do *Outono* e do *Inverno*. Este conjunto era realmente magnífico pelo desenho e rica policromia dos enquadramentos, e deveria ter saído, se não da Fábrica do Rato, de qualquer outra das melhores de Lisboa, perto de 1780.

Numa varanda voltada ao poente, nas traseiras da casa e que antigamente devia olhar para um jardim ou pomar, está um silhar de 5 elementos de altura, pintura azul e cercadura concheada – «asa de morcego» – cujas figurações são, como as do pátio de entrada, de paisagens e fontes ornamentais. Toda esta azulejaria, à excepção da do jardim, será do meado do século XVIII, cerca de 1755-60.

A capela, da invocação de Nossa Senhora da Apresentação, é um delicioso templo o qual, contrastando com tudo o resto, está primorosamente tratado e conservado, mercê da devoção da gente do lugar. Tem nave e capela-mor, e, nesta, um notável retábulo do século XVIII, em boa talha com duas igualmente valiosas imagens de *São Domingos* (a que o povo chama *São José*) e *Santo António*.

Os azulejos forram as paredes da capela-mor numa altura de 16 azulejos, em dois vistosos painéis de boa composição barroca, figurando o conhecido passo do *Cântico dos Cânticos*, com a Sulamita dormindo, igual em tudo a um dos que guardam a Capela da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro.

Na nave – em cujo solo está a sepultura de D. Maria Rosa de Sá Azevedo Coutinho – o silhar de azulejos tem 9 de alto, agora com figuração vária, sem significação especial: fontes ornamentais ladeadas por paisagens com pavões, ermitões orando, etc. Todos estes azulejos da capela devem ser de cerca de 1740.

Na sacristia, azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinhas», com flores – cravos, campainhas, etc. – em panos de 8 de alto e cercadura de 1 azulejo. No alpendre que antecede a capela o silhar é de cestos e golfinhos, com anjos, em grupos de 5 × 6, e 1 azulejo de cercadura.

Na escada exterior da capela, os azulejos são de figura avulsa, como os da sacristia. No tanque da quinta estão azulejos com várias figuras simbólicas. São azuis e representam alegorias às *Estações do Ano* – Inverno: homem aquecendo-se; Outono: homem bebendo vinho, etc.

Existem ainda alegorias aos *Génios da Caça* e as figuras de *Neptuno* e *Tétis*. É um belo conjunto, infelizmente maltratado e com muitas deteriorações.

Barruncho, Capela e Quinta do

A profunda remodelação mandada fazer pelos proprietários dos edifícios residenciais da quinta não atingiu a histórica capela, antes houve o cuidado louvável de a conservar e valorizar.

Esta capela, da invocação do Senhor do Bom Princípio, é de avantajadas proporções, para ser privativa de uma propriedade arrabaldina. A quinta, hoje conhecida por «do Barruncho» era a Quinta da Granja (da Paradela) e a ermida teve também a denominação de Nossa Senhora do Rosário, nome que também se aplicou à quinta. Em 1758 pertencia à viúva de António Vamproet e, já nesse tempo, gozava de justificada fama entre as melhores do vicariato de Loures. Em resposta ao célebre inquérito do Padre Luís Cardoso (morto em 1769), recolhido na Torre do Tombo, no corpo *Diccionario Geographico do Reino de Portugal*, está a carta original datada de 12 de Maio de 1758, onde se lê: «Na Quinta da Granja q he da viuva de Antonio Vamproet ha huma Magnifica Ermida do Senhor do Bom Principio, primorosamente acabada e ornada, com devotissimas Imagens e sobre todas a do S^{or} q esta no altar mor... he couza singularissima».

Esta imagem conserva-se, e é na verdade uma magnífica peça de escultura, datando provavelmente do século XVII, época que é também a da construção da ermida. Antes do meado do século XVIII (cerca de 1740) foi a capela enriquecida com azulejos, que se conservam em magníficos silhares, tanto no corpo como na capela-mor, e cujo valor reside, principalmente, na figuração.

Os silhares têm, uniformemente, 14 azulejos de altura e são rematados, na parte cimeira, por uma fiada que seria, provavelmente, a cornija de uma composição recortada, a qual desapareceu. São azulejos de boa pintura azul, do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes. O tema para a figuração dos azulejos parece ter sido duplo: a *Devoção do Rosário* e a *Vida e Martírio de São Maximino*.

No corpo da capela, do lado da epístola, honra-se o Rosário em vários quadros, qual deles o mais interessante. As cenas prendem-se com o Prodígio acontecido na *Batalha de Lepanto*, e que está na origem da grande devoção a Nossa Senhora do Rosário. Os quadros da batalha naval são muito curiosos, e os belos navios ostentam bem visíveis as bandeiras com o crucifixo e com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, ou as do Crescente, armada vencida por D. João de Áustria.

Em medalhões mais pequenos, primorosamente pintados, vêem-se cenas que se prendem com a construção de uma igreja ou ermida, dedicada à Virgem, procissão, altar com Nossa Senhora entronizada, etc.

Do lado do evangelho está a hagiografia de *São Maximino*, identificada pela legenda que elucida o painel central: *Maximino ego te baptizo* e representando a cena do nascimento e baptizado do Santo. Vemos Cristo, coroado de espinhos, no acto de baptizar, e Nossa Senhora, entre anjos, como que figurando de padrinhos. Nos outros painéis e cartelas figuradas vêem-se grupos de turcos – ou orientais – recebendo o resgate de uma mulher; a mesma mulher vê-se, adiante, chorando na presença de um guerreiro morto, e que é trazido nos braços de dois orientais. O painel seguinte mostra a mesma mulher, levada pela mão de um anjo, e ainda com um filho nos braços, como que oferecendo-o à Virgem.

Na parede fundeira, ladeando a porta de entrada, estão dois painéis: o do lado da epístola está truncado pela inserção da pia de água benta; o parceiro mostra um santo – provavelmente *São Domingos* – com o rosário na mão, afugentando os diabos de um grupo de sete mulheres ajoelhadas.

Na capela-mor, do lado da epístola, metido num recesso de credência, o painel mostra uma mulher ajoelhada aos pés de um santo, de hábito (dominicano?), que a consola, enquanto quatro frades da mesma ordem, presenciam a cena. Do lado do evangelho, o mesmo santo (ou pelo menos com o mesmo hábito) está junto a um poço, do qual dois anjos retiram a cabeça decepada de uma mulher. Em cartelas, sobre as composições laterais, vê-se, do lado da epístola, o que parece ser a morte de um missionário no Oriente e do lado fronteiro, o incêndio de um templo com um livro aberto pairando sobre o fogo. O conjunto é completado com oito figuras de anjinhos, cada qual brincando com o seu emblema da Paixão, em friso de 4 azulejos de alto. No pequeno coro o silhar é de cestos floridos, separados por anjinhos e cercadura de volutas simples.

Todos os azulejos estão primorosamente conservados e este núcleo é dos mais interessantes, pela iconografia.

SACAVÉM

Escola Prática de Serviço de Material

O edifício tem, na sua maioria, azulejaria do século XVII. Assim, além de um painel de cestos e golfinhos que se encontra inserido numa composição de «tapete», apenas vemos, do século XVIII, um *registo*, aproveitado de algures, no qual se vê *Nossa Senhora da Penha de França* e a data de 1770.

Estrada para Frielas (a 1,5 km de Sacavém)

Nicho que serviu de abrigo a uma fonte. A cobertura é de azulejos figurando uma cascata, ao centro da qual está o painel representando *Nossa Senhora do Carmo*. A altura é de 10 × 8. O painel é azul, limitado por cercadura concheada. No centro tem a imagem de *Nossa Senhora do Carmo* sobre nuvens e, na parte inferior, cinco figuras de «almas» entre chamas e a legenda: P.N. AVE MA PLAS ALMAS. A abóbada é coberta de azulejos tendo, na parte central, a figuração do *Espírito Santo*. Dos lados, nas paredes, painéis de 7 × 4 figurando fidalgos de espada em punho. Serão azulejos de cerca de 1770.

Quinta das Leiteiras

Na fachada que dá para a rua estão, ladeando o portão, dois registos recortados, respectivamente com as imagens de *São Luís* e *São José*. O centro imaginado é azul, o emolduramento policromo. De notar a figura que representa São Luís, com o manto ornado de flores-de-lis. Os registos são iguais e devem ter sofrido corte na parte superior.

No pátio avulta um nicho fontanário – aliás bastante gracioso pelas suas proporções – totalmente decorado com azulejos policromos. No covo do nicho vê-se o motivo central: *Santo António Falandos aos Peixes*, de pintura azul. O enquadramento do nicho alarga-se em formas recortadas e é policromo. Na parte cimeira, a servir de coroamento tem o azulejo a figuração das ALMAS. O conjunto é muito agradável, se bem que o painel esteja mutilado.⁽⁸³⁴⁾

Ainda no pátio estão os restos de um silhar, talvez transplantado para aqui, de pintura azul e moldura *rocaille*, tendo, no centro, um par de dançarinos. A escadaria é exterior e conduz do pátio ao patamar de entrada do andar nobre, protegida por alpendre.

(834) Este painel desapareceu do local.

É enriquecida com a decoração de azulejos, que se encontra muito bem conservada e completa. Ao nível do pátio tem um «porteiro», em tamanho natural, recortado, azul, com albarda e de cuja boca sai a legenda SUBA. Este porteiro sai do silhar da própria escadaria e tem um companheiro no topo, ao nível do patamar, com a legenda QUI QUER (*sic*). O silhar, acompanhando os dois lados da escada é muito curioso, *ilustrando jogos infantis* e partidas, tais como o jogo do pião, as tourinhas, etc. No patamar superior há dois pequenos painéis, representando um deles uma rixa de homens embriagados e, o outro, um duelo de capa e espada. Todos estes azulejos são azuis e não têm características que possam servir para uma atribuição cronológica segura. Serão provavelmente de cerca de 1750-60.⁽⁸³⁵⁾ Numa sala está um belo silhar de 9 azulejos de alto, sendo 8 com a parte historiada e 1 de rodapé. Os painéis são integralmente pintados a manganês, ao passo que o rodapé é de marmoreado azul com florão policromo central. Os painéis mostram passos da Vida de José do Egipto e uma cena de ermitões. A pintura é correcta, sem ser famosa, e a figuração foi inspirada em gravuras. O emolduramento dos painéis é *rocaille*, singelo. Numa saleta está um silhar baixo, de 7 azulejos e pintura apenas a azul, com rodapé semelhante aos anteriores. Os painéis historiam *cenar militares*, com combates de cavalaria, trajando os soldados conforme com o meado do século XVIII e dando batalha aos turcos. O emolduramento também é *rocaille*. O terraço está forrado interiormente com azulejos de figura avulsa – flores – sem cantos, azuis, vulgares.

A cozinha apenas tem rodapé de 3 azulejos de alto, esponjados a azul e amarelo. No restante da casa também há azulejos.

SANTA IRIA DA AZÓIA

Santa Iria, Igreja de

Na capela-mor, de ambos os lados, alizar liso, azul, de desenho muito tosco. A cercadura é de folhagens e os centros representam passos (epigrafados) da Vida de Santa Iria, notáveis pelo arcaísmo deste tipo historiado.

Vergílio Correia⁽⁸³⁶⁾ atribuíu-lhes a data de 1698, que se encontra no lavabo (noutro local diz 1695); julgo que deverão ser de cerca de 1715, data da reconstrução que se encontra no portal.

No corpo o azulejo é de tipo azul historiado, ilustrando várias *parábolas cristãs*, mas aqui já de cerca de 1750 (?).

Na sacristia e corredores o alizar é do tipo de vasos e pássaros, vulgares.

SANTO ANTÃO DO TOJAL

Palácio da Mitra

O Palácio da Mitra serve actualmente para abrigar a «Casa do Gaiato». O átrio de entrada para a igreja é todo forrado com azulejos até à abóbada. Numa altura de 12 vêm-se azulejos do tipo «vasos e golfinhos». Segue-se uma barra separadora com folhas de acantos e, logo a seguir, 17 azulejos do tipo de figura avulsa, entre os quais se meteram painéis de vasos floridos.

Muitos azulejos foram restaurados e, junto à porta de entrada, vemos ainda dois painéis, com respectivas legendas, representando *Santo António* e *São Pedro*. Todos os azulejos são pintados a azul e serão de cerca de 1740.

A escadaria do palácio é toda revestida de azulejos. No patamar inferior vemos cenas cortesãs, com fontes e fidalgos, fazendo de espaldar a bancos de pedra. São azulejos de cerca de 1740-50. A escada é toda decorada com azulejos imitando um corrimão. Intercalado com

(835) Todos estes azulejos foram retirados, ignorando-se o seu actual paradeiro.

(836) CORREIA, 1922, 2.^a ed., pp. 48-55; CORREIA, 1920, p. 52.

este, vemos belos «porteiros» vestidos com trajes azuis, mas cujas dobras das mangas e golas são pintadas a amarelo, imitando galões dourados. Ainda no patamar inferior, e entrando por uma porta do lado direito, surge-nos um corredor forrado até 9 de alto com azulejos de figura avulsa e cercadura de acantos. Por ele se vai dar a um terraço onde está uma imagem de *Nossa Senhora da Conceição*, em grande painel recortado de 22 × 34 azulejos. A parte inferior do terraço tem balaústres idênticos aos da escada. Ainda na parede fronteira vemos quatro figuras simbólicas. Subindo até ao 1.º piso entramos nas camaratas dos «gaiatos». Na primeira sala de entrada está um silhar de 10 azulejos de alto, do tipo «vasos e golfinhos» e cercadura de acantos. Na sala seguinte, o silhar é já recortado, mais tardio, de cerca de 1750, e nele se representaram as *Quatro Estações do Ano*.

Logo a seguir, outra sala com um silhar cujos azulejos, do mesmo tipo e época dos anteriores, mostram cenas campestres.

A camarata seguinte tem silhar igualmente recortado, pintura azul. Os centros mostram alegorias às *Artes e Ofícios*, com a ESCVLTVRA, PINTVRA, MAQUANIQA e ELOQVENSIA.

CONCELHO DA LOURINHÃ

LOURINHÃ

Nossa Senhora da Anunciação, Igreja Matriz de

No claustro, à romana, há azulejos em silhar de 8 de alto, azuis, com anjinhos portadores de cestos na cabeça entre balaústres. Desenho ingénuo mas muito curioso, dos primeiros anos do século XVIII.

Na capela-mor o alizar é de 16 de alto, incluindo o rodapé de 3 azulejos de ornatos roxos, sem fundo marmoreado azul. Acima, os painéis figurados com *Santo António Pregando aos Peixes* e o *Milagre da Mula*. Os enquadramentos são concheados, já rococó. Do lado do evangelho, o único painel representa o *Calvário*. Pintura azul convencional, de 1760-70. Junto às portas da sacristia pequenos painéis como os anteriores, mas agora com figuras de franciscanos.

A nave e a capela lateral do lado da epístola são forradas em 18 de alto, com um silhar de azulejos azuis de vasos floridos, sobre rodapé de 2 azulejos marmoreados roxos. Os painéis são de 8 × 6 azulejos, separados entre si por jarros de 8 × 2, e todos contidos em emolduramento de pilastras. Sobre as portas dos confessionários, guarnição de azulejos de grinaldas.

À entrada, sob o coro, pequeno silhar de azulejos de figura avulsa, de tipo «estrelinhas». Na capela baptismal, silhar de vasos, de 4 × 3 mais 4 × 1, de jarras, entre cercadura de folhas encurvadas. Na capela fronteira, azulejo com inscrição, datado de 1714:

ESTA CAPELA MANDOV
EASER IOAM NVNES FRANCO
B^{do}. NA IGREIA MATRIZ DESTA
V^a COMMISS^o DOS OFF^o ESINDICO
DOS RELIGIOSOS DESTE CONV^{to}. OS
QVAIS LHE DERÃO ESTE SITIO p^a
SEV IAZIGO NO ANNO
DE 1714⁽⁸³⁷⁾

Atrás da pia baptismal, pequeno frontal de azulejo azul, muito curioso, tendo ao centro a imagem de *Santo António*.

(837) Vide: AZEVEDO *et al.*, 1962-63, vol. IV, p. 69; BNL, 1927, p. 563 (texto de Rodrigues Miguéis); SANTOS, 1957, pp. 118 e 125.

CONCELHO DE MAFRA

BARREIRA ALVA

Cruzeiro na Estrada Nacional, n.º 9

Em frente da Capela de Nossa Senhora da Lapa, cruzeiro com «alminhas», na base do qual estão dois pequenos painéis de azulejos, sendo um deles «registo», com *Nossa Senhora da Lapa* e a inscrição: N. S. R.^a DA LAPA e, por baixo, outro com almas e a legenda:

PELAS ALMAS DO P.
P. N. AVE MARIA
1760

ENCARNAÇÃO

Nossa Senhora da Encarnação, Igreja Matriz de

O prospecto exterior é imponente, com suas duas torres e galilé. Na capela-mor avulta o notável retábulo, possivelmente da mesma época dos colaterais, dedicados a *São Pedro* e *Nossa Senhora das Dores*, este mandado fazer pelos Padres António, João e Domingos Bernardes em 1753, conforme se lê numa lápide junta. O revestimento cerâmico cobre as paredes laterais até à sanca, em 17 de altura e, bem assim, os vãos das janelas. São azulejos figurados, azuis, com molduramento de anjos e pilastras, já da época do concheado. Os painéis principais mostram as cenas da *Adoração dos Pastores* e, do lado do evangelho, a *Adoração dos Magos*. Nos extremos da parede que liga ao arco cruzeiro e ao altar-mor, quatro painéis menos importantes com ermitões. O desenho é fraco mas curioso, principalmente no painel dos Magos. Nos vãos das janelas, anjos com emblemas marianos: Sol, estrela, espelho, palma, Lua, lírio, rosa e cipreste. Julgo tratar-se de trabalho de cerca de 1750 (?).

ENXARA DO BISPO

Nossa Senhora da Assunção, Igreja Matriz de

Na capela-mor o silhar azulejado tem 13 azulejos de alto. São painéis azuis, figurados, representando, respectivamente, do lado da epístola:

- 1) *Casamento de Nossa Senhora*
- 2) *Sagrada Família na Oficina de São José*

Do lado do evangelho:

- 3) *Fuga para o Egipto*
- 4) *Morte de Nossa Senhora Rodeada de Apóstolos*

Ainda de cada lado, entre as portas laterais e o arco, dois painéis com figuras de anjos. O conjunto é bastante bom e os azulejos encontram-se em muito bom estado de conservação. Trata-se certamente de obra de um pintor do primeiro quartel do século XVIII que assinava PMP, muito provavelmente discípulo de Oliveira Bernardes, de cerca de 1720 (?).

ERICEIRA

Nossa Senhora da Boa Viagem, Capela de

Na fachada posterior da capela está uma cruz de azulejos, de 15 de altura por 9 na base e 7 nos braços. É de pintura policroma e notabiliza-a a figuração da peanha, onde se vêem três medalhões, respectivamente com *Nossa Senhora da Boa Viagem* ao centro, *São João Evangelista* e *Maria Madalena* aos lados. Está a cruz datada de 1789 e tem as legendas:

N. S.
DA BOA VIAGEM
1789
S. JOÃO EVANGELISTA M^a MAGDALENA ⁽⁸³⁸⁾

São Pedro, Igreja Matriz de

A igreja, bastante vasta, apenas é azulejada na nave, em silhar de 11 de alto. Os painéis, assentes sobre um rodapé de 3 de alto, marmoreado, são de cercaduras concheadas, policromas, de boa composição. Os centros figurados historiam a Vida de São Pedro, sem legendas. São, ao todo, seis painéis maiores, de 19 de largo. Além destes há ainda quatro painéis menores, sem figuração, mas com emblemas de São Pedro: tiara e chaves. A capela-mor tem azulejos ornamentais, de marmoreado roxo. Toda esta azulejaria será de cerca de 1780.

GRADIL

Capela da Quinta de Santana

No corpo silhar de 14 de alto, de pintura azul, em painéis corridos, de figuração mariana. Os emolduramentos são de grandes anjos e pilastras. Serão azulejos de cerca de 1740-50.

Na capela-mor o silhar é igualmente de 14 de alto, a azul, figurado, da mesma época dos anteriores.

No altar, frontal de 8 × 17, com grande cruz amarela. Será de cerca de 1780, data que igualmente convém ao retábulo.

Quinta de Nossa Senhora da Boa Viagem

Entre os muitos azulejos instalados na residência desta quinta, vimos os seguintes relativos ao século XVIII:

– Na escadaria principal, silhar de balaústres, com meninos e animais, tudo a azul, de cerca de 1730.

– Numa sala, silhar de painéis com cenas de caça e trechos urbanos – estes provavelmente feitos sobre gravuras holandesas. Na verdade, os dois painéis visíveis mostram trechos de cidades, cuja arquitectura tem características holandesas ou alemãs. Os azulejos são no entanto lisboetas, típicos do período que se coloca entre 1740-50. Num outro lote vieram azulejos de certo modo estranhos. Refiro-me àqueles que permitiram completar um painel – para o que foi necessário fazer alguns azulejos novos – e que são iguais aos que guardam a sala de entrada do Palácio dos Meninos de Palhavã, actual Embaixada de Espanha em Lisboa.

Da Quinta do Amparo, que foi dos Padres Inglesinhos, na Luz, são os seis painéis que se colocaram junto à piscina. São exemplares vulgares de cerca de 1770, com molduras recortadas policromas e centros azuis. Estes mostram cenas galantes tiradas de gravuras francesas. Sobre os bancos, outros tantos pequenos painéis com cenas de jogos infantis. Além destes exemplares espalham-se pela casa – quartos, corredores, banheiros, cozinha – azulejos de várias épocas e tipos, aliás muito criteriosamente colocados. Na varanda voltada a sul está um silhar de «vasos e golfinhos», azuis, que apresentam características muito pouco vulgares. Serão já do século XVIII mas, em qualquer caso, são sensíveis às marcas artesanais seiscentistas. Ilustram, a meu ver, um dos primeiros tipos que tanto haviam de proliferar durante o século XVIII.

(838) Vide: BNL, 1924, p. 555; CARDOSO, 1936, p. 7.

MAFRA

Santo André, Igreja de

.....

MALVEIRA

Nossa Senhora dos Remédios, Capela de

A ermida foi construída depois de 1723, ano da Provisão de D. Tomaz de Almeida autorizando a construção da mesma.

Na fachada, já sob o alpendre, painel de 8×5 , liso, com *Nossa Senhora dos Remédios*, cerca de 1730-40, azul.⁽⁸³⁹⁾

No interior os azulejos estão, infelizmente, bastante truncados. Representam passos da Vida de Nossa Senhora. Na parte do rodapé vêem-se dois anjos segurando um medallão central, com as legendas: PVLCHRA VT LVNA e ELECTA VT SOL. Os azulejos estão colocados numa altura de 23, com um belo azul e cabeceiras lisas. No corpo o rodapé tem 11 de alto, com azulejos de figura avulsa e cercaduras de 2 azulejos de acantos, de mistura com outros que pertencem provavelmente à capela-mor.

No coro está outro painel, com *Nossa Senhora*, de 8×4 e uma legenda, que está cortada.

MILHARADO

São Miguel, Igreja Matriz de

As paredes da capela-mor têm um curioso silhar historiado azul, de $15 \frac{1}{2}$ de alto, emolduramento barroco muito simples e pintura de boa época. Do lado do evangelho mostra-se a *Aparição de São Miguel a Um Bispo* e paisagem com uma ermida no alto de um monte, ao qual dá acesso uma estrada. Nesta, estão quatro rapazes, um dos quais parece disparar uma flecha, que aliás segue em sentido contrário. No primeiro plano, dois pastores e uma manada de vacas entrando para o redil. Do lado da epístola, outra aparição de *São Miguel*, desta vez a um romeiro (?) e a curiosíssima figuração de um prodígio, em que se vê a figura de uma mulher com uma criança ao colo, trazendo pela mão São Miguel, entre nuvens e atravessando um rio. Na margem do primeiro plano há várias figuras, vendo-se, no extremo direito, uma fragosa penha de onde jorra abundante fonte em cascata e, no topo, com acesso por larga escadaria, uma capela. É manifesto que toda esta representação tem um simbolismo ligado não só a São Miguel mas, certamente, ao local do Milharado. Neste painel vê-se, escrito com manganês, o cronograma: *Anno / 1748*.

MURGEIRA

Nossa Senhora do Carmo, Capela de

Junto à encruzilhada das estradas está, no meio do seu adro, a capela, cuja fachada, voltada ao nascente, passa despercebida. É nesta fachada que estão três grandes painéis de azulejos, sendo o maior sobre a porta e, os outros dois, sobre cada uma das janelas da nave. O painel central contorna o óculo superior, não assentando directamente sobre a padieira da porta. Tem 15 azulejos de largura na base e atinge a altura de 14. É recortado, de boa pintura, sendo parte do emolduramento a azul com realces a amarelo, roxo e verde e o centro figurado a azul, excepto o manto da Virgem, que é manganês. É curioso notar que a ornamentação do enquadramento tem ainda muito da composição arquitectural barroca, mas já se está na posse da nova gramática do concheado, virando ao rococó, como, por exemplo, nos ornatos de «asa de morcego», salientados a

(839) Os azulejos de 1730-40 não são os do alpendre, mas sim os do interior da capela. O painel que está no alpendre encontra-se assinado: *Fca. Battistini / de Maria de Portugal*.

roxo. A figuração central é a de *Nossa Senhora do Carmo com o Menino*, ambos coroados, dando escapulários aos fiéis que se abrigam sob o manto, seguro por dois anjinhos. Aqui não estão as hierarquias divididas mas sim os sexos, e assim, à direita da Virgem, ajoelham-se um papa, um rei, vários religiosos e outros, ao passo que, do lado contrário, estão apenas figuras femininas – monjas, rainhas, fidalgas, etc.

Na parte inferior, contida em cartela, está a inscrição a azul:

ESTA OBRA
DE AZOLEIJO SE FES A CUSTA DAS ESMOLAS DOS BENTI-
NHOS DE NOSSA SENHORA DO MONTE DO CARMO DESTE
LUGAR DA MURGEIRA NO ANNO DE 1762

O terceiro algarismo não é perfeitamente legível, podendo, em princípio, parecer um 3; no entanto o tipo de pintura exclui esta data de 1732, já que não pode ser obra anterior a 1750. Julgo, portanto, que é, de facto, 1762.⁽⁸⁴⁰⁾

Olhando para a fachada, o painel que está sobre a janela representa *Nossa Senhora do Carmo e o Menino Livrando Almas do Purgatório*. Da boca de Nossa Senhora sai a legenda:

ESPECIALMENTE NO DIA DE SABBADO RECEBERÃO ESTE MEU FAVOR⁽⁸⁴¹⁾

No painel do lado direito vê-se a *Aparição da Virgem a São Simão Stock*; e aqui, as palavras que saem da boca da Virgem são:

ESTE ESCAPULÁRIO PARA TODOS OS QUE O PROCURAREM SERÁ SINAL
DE SALVAÇÃO.
SAUDE EM OS PERIGOS.

E, mais abaixo, sob a figura do Santo:

S. SIMÃO STOCK.

VENDA DO PINHEIRO

Nossa Senhora do Monte do Carmo, Capela de

Na nave e no presbitério foram colocados, desde o início, painéis de cabeceiras recortadas, tendo 16 azulejos na altura central. Obedecem todos a um mesmo tipo, com enquadramentos policromos de pilastras e centros figurados de pintura azul. Na capela-mor o painel do lado da epístola foi cortado, para encastrar um armário, mas os azulejos foram poupados e deslocados para cima deste. No centro representava-se a *Adoração dos Pastores*. Deste mesmo lado, outro pequeno painel mostra a *Adoração dos Magos*. Do lado do evangelho, as figurações são, respectivamente, as da *Anunciação* e *Visitação*.

No corpo da capela os temas figurativos são vários, incluindo as figuras de *São Domingos*, *São Bartolomeu*, a *Aparição de Santo António*, *Baptismo no Jordão*, *São Vicente Ferrer*, *Santa Teresa de Jesus*, *Visão de São Domingos Aleitado pela Virgem*,⁽⁸⁴²⁾ *Dois Santos*

(840) Também já foi apontada a data de 1752. Vide AZEVEDO *et al.*, 1962-63, vol. III, p. 34.

FLÁVIO GONÇALVES

(841) O painel evoca o chamado privilégio sabatino. Sobre o aparecimento e difusão deste tema em Portugal, vide: GONÇALVES, 1960, pp. 35-46; GONÇALVES, 1963c, pp. 5-16; GONÇALVES, 1963d, pp. 197-201.

FLÁVIO GONÇALVES

(842) O painel representa a *Aparição da Virgem a São Bernardo ou Milagre da Lactação* («Monstra te esse Matrem»). Sobre este tema da arte cristã, vide: BRITO, 1949a, pp. 271-300; BRITO, 1949b, pp. 349-350; BRITO, 1951; RÉAU, 1955-58, pp. 209-210 e 213-214.

Na azulejaria portuguesa do século XVIII o *Milagre da Lactação* encontra-se em outros painéis, mormente nos das igrejas dos conventos de Santa Maria, em Cós (Alcobaça), de São Bernardo, em Portalegre, e de São Bento de Castris, em Évora, ou no revestimento da Capela de Nossa Senhora das Candeias, em Alvíto.

FLÁVIO GONÇALVES

Náufragos, Grupo com Vários Santos e Santas a Quem Aparece o Espírito Santo, Aparição de Nossa Senhora a Um Santo Franciscano, Santa Rita (?) com Um Cravo na Fronte e Santa Helena com a Cruz na Mão.

O conjunto tem interesse mais iconográfico do que artístico, já que o desenho não é de grande correcção. Serão azulejos de Lisboa de cerca de 1775-80.

CONCELHO DE OEIRAS

AMADORA (Porcalhota)

Casa dos Galvões Mexias

ÉPOCA: Fins do século XVIII.

TIPOS: «Almofadas». Silhar de 7 azulejos de alto, cercaduras policromas, centros azuis.

APLICAÇÃO: Silhares nas salas; na capela silhar de vasos e cestos e dois painéis na capela-mor.

ASSUNTOS: Caçadas. Na capela *Santa Ana e Apresentação*.

NOTAS:

BARCARENA

Fábrica da Pólvora de Barcarena⁽⁸⁴³⁾

Quinta de Nossa Senhora da Conceição

A capela da Quinta de Nossa Senhora da Conceição tem forro lateral com azulejo figurado, em dois grandes painéis de 9 × 19 azulejos cada, assentando em rodapé de 5 de alto. Os painéis representam o *Baptismo* e *São João entre os Discípulos*. Ainda sob a janela há mais um painel, de 8 × 11 azulejos, com *São João e o Menino Jesus*. As guarnições e molduras são de grinaldas e vieiras.

O painel do lado do evangelho tem, na parte inferior, a assinatura e a data: *D. Gabriel del / Barco F. 1692*.⁽⁸⁴⁴⁾

CARNAXIDE

São Romão, Igreja de

A igreja foi construída nos finais do século XVII e, na sua entrada, encontram-se as pedras tumulares dos fundadores.

Toda a grande nave é revestida de padrão azul dos finais do século XVII, num desenho de grande repetição, formando um conjunto deveras agradável, não só pelo estado de conservação como pela imensidade do tapete.

Na capela-mor os azulejos são mais modernos, pois deverão datar de cerca de 1720. São dois painéis de 13 × 13 azulejos, com cercadura de 2 azulejos de folhas de acanto. No do lado direito vemos uma cena galante, com mesa redonda, na qual se reúnem damas e cavalheiros merendando, enquanto um músico toca um instrumento de corda. No painel do lado esquerdo a cena representa um mendigo à porta de um palácio, parecendo que vai pedir esmola. Todo o resto da parede está revestido de azulejos com folhas de acanto.

No corredor que liga a igreja à sacristia existem dois grandes painéis. Um deles tem 11 × 37 azulejos e cercadura de 2 azulejos com folhas de acanto, sendo os cantos rematados por anjos, portadores de cestas floridas.

⁽⁸⁴³⁾ Vide ALMEIDA, 2006.

⁽⁸⁴⁴⁾ Vergílio Correia, in *Azulejadores e Pintores de Azulejos*, p. 167, dá a data como 1691. De facto, a leitura presta-se a dúvidas, mas julgo que seja 1692, como indico.

Este artigo de Vergílio Correia foi publicado na revista *A Águia*, (CORREIA, 1918b, p. 168), p. 168. Sousa Viterbo já em 1903 publicara a legenda dos azulejos, indicando-lhes a data de 1691 (VITERBO, 1903, p. 35).

J. M. SANTOS SIMÕES

FLÁVIO GONÇALVES

A representação é bíblica e as cenas são separadas por elementos arquitectónicos, ou árvores. O painel fronteiro é igual, apenas cortado por uma pia baptismal. Mesmo assim vê-se que ele foi feito propositadamente para o local, pois a figuração termina ao lado da pia baptismal e, na parte inferior desta, o desenho é de uma cercadura de acantos e pequenos anjos. Estes mesmos anjos, em 7 de alto e com a mesma cercadura, revestem uma sala de banho que se encontra nesse corredor. À entrada da igreja, de cada lado da porta, existem dois belos painéis. O do lado direito representa *São Pedro* e, o da esquerda, *São Paulo*. A moldura *rocaille*, ainda com não grande desenho de «asa de morcego», leva a datar estes painéis de cerca de 1740-50. Da mesma época deve ser o painel que reveste a parede do baptistério, representando o *Baptismo*. Neste painel é curioso notar, mais uma vez, a preocupação constante dos azulejadores portugueses de não cortar a cara das figuras. Das cinco figuras que compõem este quadro, nenhuma delas apresenta o mais pequeno corte. O mesmo sucede aos painéis dos santos, onde o corte é feito na boca, de modo a passar o mais despercebido possível. São três painéis muito notáveis, de boa pintura, fazendo até lembrar trabalho de Bartolomeu Antunes, se bem que o azul seja um pouco claro.

CAXIAS

Palácio da Quinta Real

LXVII

No salão nobre o silhar é de 7 de alto, em todo o redor, com painéis de tipo «grinaldas» e rodapé de azulejos marmoreados amarelos. O que é deveras notável é o conjunto das paredes, pintadas em telas, da mesma época dos azulejos.

Nas duas salas que dão para a varanda, os silhares são de 7 de alto, de tipo azul, cercaduras *rocaille* com «asa de morcego», e com alguns azulejos restaurados. Nos corredores os azulejos são do tipo ornamental. Na varanda, cobrindo a fachada do lado poente, os azulejos são notabilíssimos, se bem que estragados pela intempérie. São de tipo azul, com enquadramento dos silhares das portas e das janelas, de ornamentação *rocaille*. A parte figurada apresenta, de um lado, uma cena de caça ao touro, em que o animal volteja um cão e, do outro, uma cena de jardim. A composição é das mais felizes e será de cerca de 1760. Os azulejos do salão nobre, de qualidade excepcional, serão talvez do Rato, e de época compreendida entre 1790 e 1800.

DAMAIA

Quinta Grande

No centro urbano da «cidade-satélite» da Damaia encontra-se ainda o velho palácio da «Quinta Grande», vetusto edifício de tipo vulgar dos arredores de Lisboa, que foi «quinta de recreio» de algum abastado senhor da capital, de quem não logrei notícias. Seria edifício do primeiro terço do século XVIII, a julgar pela arquitectura, aliás sobriamente clássica, o que poderia justificar a hipótese de ser ainda do século XVII.⁽⁸⁴⁵⁾ Hoje tem azulejos no átrio de entrada, mas estes não seriam daqui, antes transplantados de outro local e de proveniência ignorada. São painéis de 11 de alto, do tipo vasos, de 7 x 5 azulejos, ou seja, dos maiores que se faziam para este efeito. Serão do segundo quartel do século XVIII, de cerca de 1730 (?).

Não há azulejos nas salas mas, em compensação, estão enriquecendo as fachadas voltadas ao sul e nascente, dando a primeira para um terraço e a outra para um antigo jardim, hoje transformado em vasto e bem tratado relvado.

(845) A Quinta Grande ou Quinta dos Condes da Lousã terá sido construída no primeiro terço do século XVIII, sendo então propriedade dos Condes de Coculim. Em meado do século XIX terá pertencido aos Condes da Lousã e, posteriormente, ao Padre Himalaia. Com planta em «U», organiza-se em torno do terraço, possuindo jardim de socalcos. (MTV)

Os azulejos da varanda revestem a fachada até à cornija, numa altura de 29 azulejos, em painéis perfeitamente limitados pela arquitectura, envolvendo as portas e janelas. O edifício tem dois corpos avançados, entre os quais está a varanda, e é na fachada desses corpos que estão as composições maiores. Estas, em número de quatro, mostram as *Quatro Estações do Ano*, na sua figuração convencional, e em grandes figuras que excedem a estatura humana. Cada qual tem a sua legenda: ESTIO, OVTONO, EMVER NO e PRIMA VERA.

As figuras, como se fossem estátuas, estão enquadradas por emolduramento de sanefas. As sobreportas são igualmente azulejadas em painéis recortados, com anjinhos. Além destas quatro composições que recobrem as paredes dos corpos salientes, os azulejos revestem as restantes paredes apenas com motivos ornamentais, de anjos e festões.

A fachada que dá para o gramado – limitado por muro interiormente revestido de azulejos de figura avulsa – foi enriquecida com azulejaria decorativa do mais belo efeito. Sobre um alizar de 5 azulejos de altura, constituído por painéis de azulejos do tipo «estrelinhas», com sua cercadura própria, erguem-se sete figuras recortadas, representando outras tantas alegorias às Virtudes triunfando sobre os Pecados. Cada qual tem sua legenda:

- 1) *A Humildade co / ntra a Sober = / ba.*
- 2) *Liberalidade / contra Avaré = / za.*
- 3) *Castidade / contra Lexu = / ria.*
- 4) *Paciência Co = / tra ahira.*
- 5) *Temperança / contra agula.*
- 6) *Caridade / contra a Inue / ja.*
- 7) *Deligencia / contra Apreg = / uiça.*

As sobreportas das janelas e portas são idênticas às que vimos no terraço. Além das figuras recortadas, merecem atenção os painéis que completam a decoração, rematando a fachada com belos vasos floridos.

Todos estes azulejos são de uma mesma oficina e época, muito provavelmente de 1740-50, aparecendo já as avivagens a branco, típicas do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes, se bem que o desenho das figurações me pareça de qualidade inferior ao do mestre-azulejador.

De manifesto interesse são os azulejos de figura avulsa, os quais, se bem que de motivos convencionais, são, pelo menos alguns, tratados com uma liberdade e singeleza que ainda não vira. São particularmente notáveis certos galos, cães, pássaros e barcos.

LECEIA

Nossa Senhora da Piedade, Capela de

No corpo o silhar é de azulejos ornamentais policromos, dos fins do século XVIII. Na capela-mor os painéis são de emolduramento *rocaille*, azuis, e centros figurando *Jesus com a Cruz* e a *Descida da Cruz*. Na moldura vemos ainda anjinhos com emblemas da *Paixão*. Será trabalho de cerca de 1745.

MURGANHAL

Quinta do Jardim

A bela casa nobre dos Sinel de Cordes, entre Laveiras e o Murganhal, é dos exemplares mais graciosos de moradia arrabaldina de Lisboa, cuja construção implicou um arco, sob o qual passa a estrada Caxias-Cacém.

Na capela, dedicada a São João Baptista, além do frontal de azulejos seiscentistas, já descrito no anterior volume dedicado ao século XVII,⁽⁸⁴⁶⁾ vemos ainda, nas paredes laterais da pequena capela e, bem assim, nas do corredor-sacristia que estabelece a ligação com a entrada da casa nobre, um alizar de 9 azulejos de alto, de pintura azul realçada com ornatos amarelos, em painéis onde se figuram passos da Vida de São João Baptista. São estes azulejos de fabricação lisboeta, próxima de 1770 e de muito boa qualidade artística. No andar nobre todas as salas estão azulejadas, ainda que o tenham sido em épocas diferentes. Assim, a sala anterior, onde chega a escada principal, tem um silhar do tipo «cestos floridos», vulgar, do meado do século XVIII. Os compartimentos do lado poente têm, respectivamente, o do sul um silhar de 8 de altura incluindo a cercadura de folhagens sobre fundo azul, e enquadrando padronagem também azul de 2 × 2. As salas de centro têm a parte inferior das paredes adornadas com painéis ornamentais azuis, feitos propositadamente, de magnífica composição decorativa enquadrando paisagens. Os compartimentos de menor importância receberam azulejos de figura avulsa, azuis, de mais de um tipo, ainda que datáveis do meado do século XVIII. A sala do corpo nascente – sobre a estrada – tem azulejo de padrão pombalino, vulgar. Temos assim um notável conjunto azulejar que vem desde os fins do século XVII – frontal de altar e padronagem azul da sala do poente – ao meado do século XVIII – azulejos de vasos e de figura avulsa. Toda a restante azulejaria será de cerca de 1770.

Forte das Maias

No pequeno oratório, forrando as paredes em 6 ½ azulejos de largo, vemos dois painéis com 7 de altura, pintura azul e cercadura concheada. Os centros figuram, do lado do evangelho, *Santa Rosália*, identificada pela inscrição, e, do lado da epístola, *São Roque*, também com respectiva legenda.

O arco é forrado interiormente com azulejos ornamentais azuis, em cujo centro se encontra uma cartela com a inscrição:

FOI FEITO ESTE AZU:
LEIO, EMIUNHO DE 1754
SEND, GOVERNA
DOR DESTE FORTE
ROQUE MAR
TINS RIBEIRO.

Quinta do Marquês de Pombal⁽⁸⁴⁷⁾

Na parte da grande propriedade que foi do Marquês de Pombal e que hoje está entregue à Estação Agronómica Nacional, encontra-se a cascata monumental, que alimenta os tanques da rega, na parte baixa do horto.

Forrando as superfícies arquitectónicas dos muros de suporte, estão os magníficos painéis de azulejo, no seu género dos mais belos de Portugal. As enormes composições, primorosamente executadas, tanto no que respeita ao desenho como às superfícies esmaltadas, foram concebidas para este ambiente de luxuoso jardim, com grandes alegorias mitológicas, ligadas às divindades aquáticas.

São em número de dezasseis os painéis, irregulares no tamanho, mas de grande uniformidade estilística. Desdobram-se a partir do eixo da cascata em dois grupos semelhantes, havendo, de cada lado, cinco painéis maiores com altura uniforme de 34 azulejos e três menores com 21 de altura. São, ao todo, 10 928 azulejos, aos quais há a acrescen-

(846) SIMÕES, 1971b, t. II, p. 124.

J. M. SANTOS SIMÕES

(847) Destaque para o conjunto feérico do Jardim da Casa da Pesca (CÂMARA, 2007c, pp. 199, 201); José Meco atribui esse conjunto à Fábrica do Rato (MECO, 1985, p. 70). (AGC)

tar 1056 de cornijas, o que completa 11 984 azulejos. O facto deste revestimento estar adossado a muros de suporte, num ambiente naturalmente húmido, ocasionou a deterioração de não poucos exemplares. Em 1946 o então proprietário mandou proceder a reparações e restauros, nem todos inteiramente felizes. Deste trabalho se encarregou a fábrica de faiança Battistini.

Santo Amaro, Capela de

Na nave o alizar é liso, de 8 azulejos de alto e 2 de rodapé, estes de fundo esponjado azul e almofadas marmoreadas amarelas. Os centros são constituídos por painéis figurados, compartimentados em emolduramentos de boas composições rococó. O desenho da figuração é convencional e os motivos tirados da iconografia mariana vulgar. Na capela-mor estão dois painéis, um de cada lado, do mesmo tipo e factura dos da nave. Os azulejos, pertencentes a uma única encomenda, serão de cerca de 1790, talvez mesmo da Fábrica Real, e emparelham pelo estilo e pela técnica com os do vizinho palácio, que foi do 1.º Marquês de Pombal, se bem que estes, da Capela de Santo Amaro, possam ser alguns anos mais recentes do que aqueles.

PAÇO D'ARCOS

Palácio da Condessa de Cuba

Na residência construída no princípio do século XX foram colocados vários painéis de azulejos de mais de uma proveniência. Alguns sabe-se terem vindo do Palácio dos Guiões – na Rua de São Filipe Néri, em Lisboa – ignorando-se a proveniência de outros.

Palácio dos Condes de Bobone

De uma casa na Rua de São João da Praça, em Lisboa – antiga propriedade dos Condes de Bobone – foram retirados azulejos para decorar as suas casas em Paço d'Arcos e na Quinta das Sete Pedras, em Alenquer.

Os silhares são todos do tipo de grinaldas, com medalhões centrais. Na sala de estar e sala de entrada os medalhões são do mesmo tipo, de cerca de 1780-90. Os motivos centrais são separados por plumas, sobre rodapé esponjado. O estado de conservação é ótimo.

Na sala de estar os centros representam taças transbordantes, enquanto que, na sala de jantar, os medalhões têm representadas cenas campestres.

Quinta do Torneiro

Fica esta quinta junto à estrada que de Paço d'Arcos vai a Porto Salvo, antes de chegar a esta povoação. Não se conhecem elementos bastantes para fazer a história da quinta, apenas constando que, em determinada altura, nos finais do século XVIII, teria sido oferecida pela Rainha D. Maria a «um bispo»... Também parece que pertenceu a Misericórdia de Santarém, que a teria depois vendido.⁽⁸⁴⁸⁾

Parece-me, no entanto, que o edifício é muito anterior a tudo isto, com todas as características de um solar dos princípios do século XVIII ou até finais do século XVII. Também é tradição que já antes do palácio teria existido uma capela – a actual ou mesmo outra anterior – mas julgo que o que hoje se vê é tudo obra de uma mesma época.

O que na verdade notabiliza esta grande casa são os seus azulejos, os quais, por várias vezes, me haviam sido gabados.

A capela tem acesso directo ao pátio, sendo no entanto a porta principal, no eixo da capela, a que abre para o pequeno corredor de entrada da casa. É constituída por pequeno corpo e capela-mor, sendo o corpo de planta quadrada e de abóbada de calote. Neste

(848) Victor Ribeiro (RIBEIRO, 1915, p. 58) revela que a «Quinta do Torneiro» ou «Quinta dos Anjos», a Porto Salvo, pertencia em 1734 a Feliciano Teresa da Mota.

A *Corografia Portuguesa III*, p. 649, 1.ª ed., menciona ao lugar do «Torneyro», mas não faz referência explícita à quinta.

corpo encontram-se os azulejos revestindo a parede fronteira à porta lateral, os quais enchem todo o pano e a cornija.

Estão datados de 1718, data que se lê sobre a porta principal. O painel representa a *Anunciação* e é de pintura azul, típico da época, mas de desenho pouco primoroso, provavelmente de algum aprendiz dos Bernardes. É de notar que, posteriormente, houve reparações, tendo sido alguns azulejos substituídos: a diferença, porém, é quase imperceptível.

Na capela-mor há que distinguir o silhar baixo, do mesmo tipo dos azulejos do corpo da capela, e os painéis superiores, historiados, mas que são já de época próxima de 1750-60. São painéis vulgares, sem grande interesse. Mais curiosos são os azulejos da parte inferior, especialmente os que ladeiam a porta e uma janela e onde, sabiamente, se pintaram árvores esguias.

Salões: Primitivamente os salões teriam sido cinco, dispostos ao longo de toda a fachada sul que dá para o jardim. Hoje são quatro, pois que, nos finais do século XVIII – ou mesmo mais tarde – houve necessidade de transformar os dois salões do lado nascente em uma grande sala e um pequeno quarto. Assim, conservam-se o Salão Central, que dava a simetria dos outros para a banda do poente, a «sala de jantar» e o tal pequeno quarto, para o nascente.

Além destes compartimentos principais há ainda a considerar um corredor azulejado e uma grande sala de entrada, com silhar de azulejos do tipo «estrelinha».

O *Salão Central* está revestido de silhar de azulejos de um tipo muito curioso e raro, não tanto pela figuração como, especialmente, pela cercadura. Esta é formada por ornato simples, semicircular, no género do que se vê nos painéis holandeses que foram do Palácio da Rua dos Mouros (hoje nas colecções de Silvério Cardoso e Armando Coelho) e que aqui se pretende imitar. Este mesmo ornato se encontra noutros azulejos de inspiração holandesa, também na colecção Coelho.

A figuração nesta sala é de assuntos burlescos ou carnavalescos, cenas de dança e pastoris. Junto à porta de acesso ao corredor há uma parelha de baile, com dama de «fontange». O tipo de azulejo é grosseiro, se bem que a pintura, a azul forte, seja muito graciosa, certamente copiada de gravuras. É interessante notar que nos vãos das janelas e porta que dá para a sala de jantar foram alguns azulejos colocados noutra época mais tardia, quer para substituir faltas ou quebras, quer para complemento da decoração. Assim, o silhar deste salão, bem como dos outros dois contíguos para o lado poente, são, sem dúvida alguma, dos primeiros anos do século XVIII, quando muito da época da capela, se bem que de outra fabricação. Os azulejos de remendo, nos vãos das janelas, são nitidamente do meado do século XVIII, talvez mesmo posteriores a 1755, da época dos painéis superiores da capela-mor.

A sala seguinte, hoje utilizada como quarto, tem o silhar azulejado do mesmo tipo. São painéis de cenas marítimas, mostrando grandes navios – um deles com a bandeira portuguesa –, batalhas navais e aspectos mercantis. Também aqui os vãos das janelas têm azulejos misturados.

Na *sala do extremo sudoeste*, igualmente utilizada como quarto, o silhar mostra cenas venatórias de belo movimento e pitoresco. Há particularmente um par a cavalo que chama a atenção. Os azulejos são do mesmo tipo dos das salas anteriores. A *sala de jantar* tem o silhar forrado com magníficos azulejos dos finais do século XVIII, em painéis policromos do melhor gosto e pintura. No centro de cada painel vêem-se pequenos quadros, onde estão pintadas, a azul, vistas de castelos, que julgo serem de pura composição e fantasia. Seja como for, trata-se de uma das mais belas decorações deste tipo de que tenho conhecimento, primorosamente conservada. Julgo tratar-se de produto feito na Fábrica do Rato ou noutra das melhores oficinas de Lisboa, de cerca de 1790.

De grande interesse são alguns azulejos do corredor, de padrão para mim desconhecido, sendo vulgares os azulejos de «estrelinhas» que estão na sala junto à entrada.

PORTO SALVO

Nossa Senhora de Porto Salvo, Ermida de

A bem conhecida ermida que se ergue no alto da risonha povoação de Porto Salvo encerra uma decoração cerâmica de grande interesse, não menor decerto do que as telas, a talha e algumas imagens. Luciano Cordeiro,⁽⁸⁴⁹⁾ nas «Cartas de Paço d'Arcos», refere-se aos azulejos da capela de Porto Salvo. Esta é, segundo parece, obra de reconstrução de outra anterior e que já teria existido no século XVI.⁽⁸⁵⁰⁾ A fachada é bem proporcionada e caracteriza-se pelo alpendre de colunas bem aparelhadas, mandado fazer – segundo o *Santuário Mariano* – pelo mestre-de-obras António João Valente Sucesso.

Na parte inferior da fachada, abrigada sob o alpendre, estão os azulejos que restam de um revestimento mandado fazer pelos devotos da Irmandade, em 1740, a Policarpo de Oliveira Bernardes, como se deduz da legenda, cuja leitura é:

No anno de 1740 por P.D. Ber.^{des.}

Os azulejos espalhavam-se por toda esta parte da frontaria, ladeando a porta e envolvendo as janelas. Por incúria ou por selvajaria desapareceram os azulejos que constituíam o centro figurado do painel esquerdo, ficando apenas a legenda para memória:

«Vindo os deuotos de N. Sa deporto saluo afazerlhe assua festa e colocarlhe a sua alampa da lhe sobre / vejo tão furioza tempestade q leuouaenb ar cação mtas legoas pella barra fora e no grande perigo em que se uião / emuocarão ofauor da Sra no mesmo tempo ouuirão humauos q dezia aoarais uolta per a a pte direita / o q fazedo deem... prou... ese acharão em / paço de arcos».

O painel do lado direito está completo mas em estado precário, tendo sofrido os exercícios de pedrada dos garotos do sítio. A legenda conta:

«Hum moço q se achaua catiuo em Argel filho da Marqueza cordouil de Alfama mandando o o seu / patram buscar peixe para ciar lhe pegou pela mão N^a S^a no poz neste lugar em cuio seachaua sua May / nessa mesma noite q tinha uido derromaria a Sra com outras companheiras».

É na parte inferior deste painel que se encontra o letreiro que nos dá o ano (1740) e o autor (P.D. Ber.^{des.})⁽⁸⁵¹⁾ da obra.

O interior da capelinha não desmente a sua fama. Na nave foram colocados azulejos em silhar de 15 de alto, incluindo a fiada inferior, a qual está agora oculta pelo estrado com que foi sobradada. O silhar é corrido e sem solução de continuidade, formando, de cada lado, um painel único: do lado do evangelho vai da parede fundeira até ao púlpito – 54 azulejos – e, em frente, termina na silharia de uma porta que, segundo legenda em azulejo, foi inutilizada em 1874.

O painel do lado da epístola contém três cenas distintas, sem outra separação entre si além da que é dada pelos acessórios das próprias cenas:

(849) CORDEIRO, 1936-38, vol. III.

(850) A restauração da capela começara três ou quatro anos antes do alvará de 1737. A verba referente ao forro da capela-mor está lançada no livro de «Receitas e Despesas» das obras de 1733, tendo custado os quatro painéis 28 800 réis, o acréscimo do azulejo baixo 5575 réis e o azulejamento das ilhargas da mesma capela 32 880 réis.

(851) Luciano Cordeiro (CORDEIRO, 1936-38, vol. III), leu a inscrição como sendo de um Pedro Domingos Bernardes.

Sousa Viterbo (VITERBO, 1903, p. 18) atribui os azulejos a António de Oliveira Bernardes.

- 1) Um anjo anuncia à Virgem a ordem de Herodes para a matança dos novo-nados.
- 2) Um anjo previne São José, que está trabalhando na sua banca de carpinteiro.
- 3) A *Sagrada Família*, a pé, a caminho do Egípto, tendo como fundo paisagens e casario.⁽⁸⁵²⁾

O painel do lado do evangelho contém duas cenas:

- 4) Nossa Senhora montada numa mula leva o Menino ao colo acompanhada por São José e por dois anjos.
- 5) Descanso no deserto.

Na parte inferior dos painéis estão cartelas contendo símbolos marianos, respectivamente espelho e torre.

LXVII

O púlpito sobressai de um paramento cerâmico que lhe serve de supedâneo, e que é uma das mais bem concebidas e realizadas composições decorativas no género. Dois anjos parecem querer sustentar o peso do púlpito, num belo movimento barroco. Na capela-mor, o revestimento enche as paredes até às molduras das quatro telas – estas de melhor quilate do que as da nave – e é composto apenas com emolduramentos que enquadram os emblemas marianos, com as respectivas legendas. Assim, do lado do evangelho:

Stella Maris
Electa ut Sol
Pulchra ut Luna
Flos Campi

Do lado da epístola:

Lilium connelium (tem alguns azulejos trocados)
Quasi Cypressus
Quasi Oliua
Quasi Plantatio Rosa

Na parte inferior das composições, do lado do evangelho, numa cartela oval, lê-se:

«esta obra de azo
 lejo fizeram os de
 uotos de Lisboa»

continuando, do lado da epístola:

Na era de
1734

Para o conjunto dos azulejos do corpo e capela-mor da ermida, podemos aceitar o cronograma que o autentica no tempo – 1734 – e a autoria de Policarpo de Oliveira Bernardes; para os do alpendre, seis anos mais modernos do que os anteriores – 1740. Não é arriscado atribuir igualmente a Policarpo de Oliveira Bernardes nomeadamente o grupo de anjinhos, sob o coro. Demais, sabemos que o pintor estava activo neste período e que era, sem dúvida, o melhor artista no género, dessa época.⁽⁸⁵³⁾

(852) Os três painéis representam, obviamente, episódios relativos ao *Regresso da Sagrada Família do Egípto para Nazaré*. Sobre este tema iconográfico veja-se, no presente volume, a nota relativa ao painel do claustro da Sé de Viseu. FLÁVIO GONÇALVES

(853) Os autores que até agora se referiram aos azulejos desta capela têm confundido as lições das duas legendas datadas. Assim, por deficiente leitura da legenda de 1740, houve quem atribuisse todos os azulejos da capela a António de Oliveira Bernardes; outros dataram de 1734 a totalidade dos

QUEIJAS

Vila Cacilda

O edifício passa por ter servido a D. Miguel como escala da estrada de Lisboa a Queluz. Trata-se de uma casa do século XVIII, hoje banalizada e adulterada, servindo de residência a várias famílias humildes. Na parte central do rés-do-chão foi, ao que parece, a capela, e ali se conservam os azulejos que a guarneciam, mas que hoje se encontram sob espessa camada de cal.

Pelos poucos que estão à vista reconhece-se serem exemplares de cerca de 1740, em painéis de 14 de altura, pintura azul, representando cenas do *Cântico dos Cânticos*. No segundo piso – andar nobre – há azulejos em dois compartimentos, numa altura de 6, incluindo os vãos das janelas. São painéis de pintura azul com emolduramento barroco tendo, nos centros, cenas galantes, paisagens, etc. Aqui e ali azulejos de figura avulsa, do tipo mais vulgar.⁽⁸⁵⁴⁾

QUINTA

Capela particular

Pertenceu esta capela a uma quinta, que foi propriedade da Condessa de Cuba. Muito singela tem, no interior, um revestimento azulejado em painéis recortados, de moldura concheada policroma e centros figurados azuis, do tipo vulgar dos finais do século XVIII. A figuração ilustra vários passos da Vida de Cristo.

SANTO AMARO DE OEIRAS

Cinco de Outubro n.º 12, Largo

A escada tem azulejos azuis em painéis figurando caçadas. No rés-do-chão existe uma figura recortada, muito curiosa.

Nas salas do 1.º andar, azulejos de vasos e figura avulsa. Será tudo de uma mesma época, ou seja, de cerca de 1760.

Clube, Edifício do (Rua de Álvaro António dos Santos, n.º 21)

No átrio e escadas azulejos de cestos, com cercadura de folhagens, da primeira metade do século XVIII.

CONCELHO DE SINTRA

AGUALVA

Nossa Senhora da Consolação, Ermida de (desaparecida)

A ermida foi destruída há anos. José Queiroz ainda a conheceu em Dezembro de 1915, e dela tomou notas no seu livro de *Apontamentos*.⁽⁸⁵⁵⁾ Era a capela relativamente vasta, de corpo e capela-mor, sendo aquele decorado com silhar de azulejos recortados, formando uma série de painéis. A maior altura era de 22 azulejos e, «até onde começa o recorte», 16. Do lado do evangelho havia sete composições, todas elas representando cenas marianas; do lado da epístola, outras sete com a mesma figuração. Na capela-mor o revestimento ia até à sanca, em composições figurativas dedicadas a Nossa Senhora. Os centros eram pintados a azul e os enquadramentos policromos. Havia, no total, 4665 azulejos.

azulejos, etc. Vide: VITERBO, 1903, pp. 118 e 184-185; BNL, 1948, vol. I, p. 585; QUEIROZ, 1948, p. 85, n.º 468; SANTOS, 1957, pp. 127, 128, 130; AZEVEDO *et al.*, 1963, p. 66.

(854) São diversos, e não apenas dois, os compartimentos onde, neste andar, há painéis de azulejos (cerca de quinze painéis, alguns de temas mitológicos, distribuídos hoje por três residências).

(855) Livro n.º 2, pp. 27 e 32.

FLÁVIO GONÇALVES
FLÁVIO GONÇALVES
J. M. SANTOS SIMÕES

Para José Queiroz eram «fatalmente producto do Rato», os das paredes. De facto, é a estes azulejos que se refere o curioso documento publicado por Victor Ribeiro,⁽⁸⁵⁶⁾ pelo qual se pode concluir que os azulejos foram colocados em 1787 por conta do azulejador Manuel Godinho, tendo custado na Fábrica Real, em bruto, a 14 000 réis o milheiro, levando o pintor 16 000 réis. A factura, no total de 167 827 réis, respeita a 4123 azulejos. Segundo ainda as notas de José Queiroz «todo o recheio... foi levado para a igreja de Bellas pela respectiva junta de parochia», e «que a ermida foi entregue à Câmara municipal de Cintra, que a destina a casa de educação de creanças».

ALMOÇAGEME – CASAS NOVAS

Quinta do Casal⁽⁸⁵⁷⁾

Na quinta onde veranearam artistas e poetas – António Arroio entre outros – encontra-se a formosa e refrescante Fonte dos Passarinhos, notável não só pela finura da água como pelo revestimento de azulejos que forra as paredes internas. Acima do banco corrido que circunda a edícula oitavada está o silhar em nove painéis recortados, com 12 azulejos ao centro, limitados por cercadura policroma de ordenação concheada. Os centros azuis foram pintados graciosamente, com várias cenas de deleitar a vista. À entrada, de cada lado, estão figuras de tamanho natural, como «porteiros», em painéis de 14 × 6. À direita é um tocador de bandolim, que faz companhia a um rabequista que nos fica do lado esquerdo. No interior da fonte, coberta, seguem-se os painéis:

- 1) *Caçada*, com dois lanceiros a cavalo, acompanhados dos respectivos mastins.
- 2) *Sexteto Dando Um Concerto*.
- 3) *Cena de Acrobacia*.
- 4) *Pescadores*.
- 5) *Cena campestre* com duas figuras femininas num balouço.
- 6) *Salimbancos* fazendo dançar um urso.
- 7) *Tourada* com o auxílio de cães.

Apesar de um pouco tardios no tempo, cerca de 1770, constituem estes painéis um notável conjunto azulejar, particularmente de interesse etnográfico. Na parte inferior dos bancos encontramos azulejos de figura avulsa, do tipo «estrelinhas», que, a serem da mesma época dos demais, comprovam o uso que se fez desta ornamentação até ao último terço do século XVIII.

BELAS

Nossa Senhora da Misericórdia, Igreja de

A capela-mor da igreja tem o silhar com 17 azulejos de alto, em quatro painéis de emolduramento barroco concheado, e estão separados entre si por azulejos amarelos marmoreados. A figuração representa, do lado do evangelho, a *Adoração dos Magos* e a *Adoração dos Pastores*; e do lado da epístola, *Fuga para o Egipto* e *Jesus entre os Doutores*. As sobreportas da sacristia estão também guarnecidas com azulejos do mesmo tipo. José Queiroz⁽⁸⁵⁸⁾ informa que os azulejos da capela-mor vieram da Igreja da Aqualva. Não obtive confirmação. Aliás, sabido como era que os azulejos da Aqualva eram da «fábrica do Rato, comprados em 1787»,⁽⁸⁵⁹⁾ não parece que possam ser os que agora se encontram na capela-mor, pois que estes têm características típicas de cerca de 1760.

(856) RIBEIRO, 1911, vol. IX.

(857) CÂMARA, 2007c, pp. 209-210. (AGC)

(858) Apontamentos no seu livro de Notas, II, pp. 27 e 32.

(859) Documento publicado por Victor Ribeiro (RIBEIRO, 1911, pp. 1-8).

J. M. SANTOS SIMÕES

J. M. SANTOS SIMÕES

J. M. SANTOS SIMÕES

Quinta do Bonjardim

Azulejos nas salas, capela e anexos. Padrões azuis dos fins do século XVII e painéis historiados de cerca de 1718, atribuíveis a Oliveira Bernardes. Na capela, passos da *Paixão*, notáveis pelo tamanho.

Quinta da Samaritana

Pertence a casa a uma ordem religiosa que, por sua vez, alugou a uma empresa industrial. A casa está em ruínas e tem sido sucessivamente despojada de todo o seu recheio. Azulejos havia-os numa chaminé e nas paredes, mas foram arrancados. Por diversos pedaços caídos pelo chão notamos alguns de tipo de figura avulsa e outros de acantos. Na fachada ainda se conserva um painel, de cerca de 1770, de pintura azul, bastante fraca, com uma cena da *Samaritana*. O painel está em vias de desaparecer, tendo, completo, 14 × 10 azulejos.

Senhor da Serra, Capela do

Ainda não há muitos anos a «Romaria do Senhor da Serra» era dos acontecimentos populares mais interessantes dos arredores de Lisboa. Ali afluíam no último domingo de Agosto os romeiros, não só das vizinhanças mas, principalmente, da capital. A Capela do Senhor da Serra conserva-se mas, agora, sem vida, e condenada ao esquecimento. Situada a meia encosta da «Serra de Belas», encravada na quinta que foi dos Marqueses de Belas, coroava o conjunto de «passos» de procissão distribuídos ao longo da escadaria, tudo envolvido pela vegetação luxuriante e cortado por veios de água em cascatas de fantasia.

Parcelada a quinta, arrasado o arvoredado do vale, o Santuário do Senhor da Serra é hoje um lamentável repositório de ruínas maltratadas. Só a capela propriamente dita tem merecido algum respeito.

Assim mesmo, e sem os necessários cuidados de conservação, a capela está irremediavelmente condenada!

O edifício é formado por dois corpos rectangulares, sendo o primeiro, a nível inferior, o que serve de entrada e nave. Acima alarga-se a capela em pseudotransepto, onde está o altar, cujo retábulo é vazado para a sacristia, esta tão vasta como a capela.

O que principalmente atrai a atenção do visitante é o *Calvário* que enche o arco do retábulo e é, de facto, um grupo escultórico da maior beleza. Está, felizmente, bem conservado.

Todas as paredes são forradas de azulejos, desde o pavimento às sancas, em alturas que atingem os 32 azulejos na porta de entrada e 38 no corpo do altar. É um dos mais extraordinários conjuntos que conheço de azulejaria aplicada a capela devota. De pintura azul, convencional, os painéis representam os vários passos da *Paixão* e *Via Crucis*: à entrada vemos o *Cenáculo* e o *Lava-Pés*; no transepto a restante imaginária, segundo moldes conhecidos.

Reconhece-se facilmente a feitura lisboeta de cerca de 1735-45 e, talvez, a intervenção de Valentim de Almeida (por comparação com os azulejos do claustro da Sé do Porto).⁽⁸⁶⁰⁾

É porém a organização decorativa das cartelas, e a composição destas, que notabilizam o conjunto, atingindo proporções pouco vulgares. De um e de outro lado do altar há duas portas fingidas em azulejos, pintura manganês. Na totalidade haverá cerca de 8000 azulejos, ou seja, o equivalente a 160 m² de superfície azulejada!

⁽⁸⁶⁰⁾ Os azulejos do claustro gótico da Sé do Porto, de Valentim de Almeida, são de 1729-31. *Vide*, neste volume, a nota relativa aos azulejos da Sé do Porto. FLÁVIO GONÇALVES

CAMARÕES

Nossa Senhora dos Enfermos, Capela de

A pequena capela é forrada interiormente com azulejos azuis historiados, em painéis corridos, com passagens marianas: *Nascimento*, *Apresentação*, *Desponsórios* e *Anunciação*. A cercadura é de folhagens e o silhar de vasos e anjinhos, de cerca de 1720-30.⁽⁸⁶¹⁾ Tem ainda azulejos avulsos muito curiosos, de figurinhas em desenhos pouco vulgares.

CASAS NOVAS

Quinta do Alto

Na quinta que foi dos Stockler houve guarnições de azulejos em tanques e lugares de prazer. Os que restam, em mau estado, mostram painéis figurados azuis, típicos do meado do século XVIII, com cenas mitológicas ou profanas.

COLARES

Capuchos, antigo Convento de Santa Cruz dos (Serra de Sintra)

No famoso eremitério dos Franciscanos «Arrábidos», bem conhecido dos turistas – o *Cork Convém* dos ingleses – erigido entre as fragas graníticas da serra de Sintra, em 1560 a pedido dos Castros, senhores da serra, ainda se conservam os azulejos da Capela do Senhor dos Passos, cavada entre penhascos e cuja porta dá para o alpendre da portaria. São azulejos do meado do século XVIII, de cerca de 1740, de pintura azul, figurados, tendo nas paredes que ladeiam o pequeno altar as cenas da *Flagelação* e da *Coroação de Espinhos*. A abóbada, também azulejada, é compartimentada em pequenos quadros com emblemas da *Paixão*, entre estrelas. Sobre a porta, do lado interior, o tímpano contém o quadro de *Jesus Crucificado*.

Carmo, antigo Convento do

Na igreja os azulejos estão dispostos na nave, em silhar do tipo de jarras e golfinhos, vulgares, com cercadura de acantos.

Na Capela de São Pedro – que abre para o claustro maior – estão as paredes laterais forradas com lambril azulejado, agora com dois painéis figurados, de pintura azul, limitados por 1 azulejo, o qual é metade de uma composição, aliás rara. Os painéis são do maior interesse e representam a *Aparição de Nossa Senhora do Carmo*. A pintura a azul-claro, de traços seguros, trouxe-me imediatamente à ideia o estilo e o modo de pintar de António Pereira, ou dos primeiros tempos de António de Oliveira Bernardes. Seja como for, serão azulejos dos primeiros anos do século XVIII.

Nossa Senhora da Assunção, Igreja de

Cerca de 1730-35 forraram-se as paredes da capela-mor com painéis ilustrativos da Vida da Virgem, formando um magnífico conjunto.

Vergílio Correia escreve na *Águia*⁽⁸⁶²⁾ que são azulejos «atribuíveis à escola dos Oliveira Bernardes». Acho que devem ser antes do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes, sendo mesmo dos mais típicos deste período.

Nossa Senhora da Peninha, Capela de

No extremo poente da serra de Sintra, coroando o maciço sobre o cabo da Roca, foi construída, nos finais do século XVII, uma pequena capela de devoção mariana que,

(861) A revista *Sintra*, de Outubro-Dezembro de 1970, traz um pequeno artigo ilustrado com azulejos desta capela. A certo passo lê-se: «São da fábrica do Rato... e situam-se entre os séculos XVII e XVIII». É manifesto que o autor do artigo repete qualquer informação local, ignorando que a Fábrica do Rato começou... em 1767...

(862) CORREIA, 1917, n.º 71-72, p. 200.

J. M. SANTOS SIMÕES
J. M. SANTOS SIMÕES

dada a sua localização e fama de santidade do ermitão, adquiriu grande nomeada entre os frequentadores daquelas serranias e foi objecto de peregrinações votivas, principalmente da gente do mar.

A capela-mor, correspondendo à parte mais antiga do pequeno templo, é de mármore embutidos e está assinalada pela data de 1690. A primeira capela deve ter sido acrescentada com uma nave nos primeiros anos do século XVIII e recebeu, nessa altura, um revestimento de azulejos.

Podemos distinguir três grupos diferenciados no tempo, ainda que todos dentro do primeiro quartel do século XVIII. Distingue-os, principalmente, a qualidade da pintura, executada por azulejadores de diversa formação.

- A – Na parte inferior das paredes dezasseis painéis com composições da Vida da Virgem, em painéis de 6 × 8 azulejos cada, separados entre si por barra de folhagem contorcida.
- B – Na parte superior das mesmas paredes, e no arco cruzeiro sobre a porta, onze grandes painéis de 10 de altura por 12 de comprimento, isolados entre si por barra de 2 azulejos, de folhas e anjinhos. Ao centro do arco, sobre a porta, está o cronograma.
- C – Forro da abóbada, em painéis igualmente marianos, enquadrados por barras de folhagens.

Em todos os casos se trata de azulejos de pintura azul, sendo nítida a diferença de tonalidades entre os três grupos.

Foram estes azulejos referidos por Vergílio Correia (*Azulejos Datados*, 1.^a série, in *O Arqueólogo Português*, vol. XX, Lisboa, 1916, e edições posteriores) o qual admite a hipótese, para os azulejos do grupo B, de se tratar de obra de António de Oliveira Bernardes. O mesmo autor, na 2.^a edição dos *Azulejos Datados* (Lisboa, 1922) reproduzida sem alterações no volume *Azulejos* (edição póstuma, Coimbra, 1956) não volta a mencionar este pintor, escrevendo: «Quem fosse este mestre ignoro-o, mas por este tempo, viviam em Lisboa dois pintores estrangeiros, Júlio César de Fême e Vicente Baccarelli, a quem a obra pode atribuir-se, as figuras são absolutamente italianas». Reynaldo dos Santos no seu *Azulejo em Portugal* (Lisboa, 1957), ao tratar destes azulejos (p. 120), escreve: «Os painéis são rectangulares, de bom desenho, barras de hastes enroladas no estilo de A. O. Bernardes. De maneira que nesta data e com as afinidades citadas a atribuição é verosímil».

As considerações acima são certamente pertinentes, já que, colocados estes azulejos no tempo – 1711 – se confinam as hipóteses de autoria a um ciclo de actividade azulejística dominada pelo mestre António de Oliveira Bernardes. Parece-me indiscutível a presença de Oliveira Bernardes e da sua oficina na composição e pintura das barras que emolduram os grandes painéis da parte superior da parede. Quanto à figuração propriamente dita admito, em princípio, a intervenção de A. Oliveira Bernardes, mas não lhe reconheço nem o estilo nem a técnica de pintura. O carácter «italiano» das composições provém apenas e logicamente do facto de se terem ampliado reproduções gravadas de quadros bem conhecidos, entre os quais identifiquei a *Adoração dos Pastores*, fielmente copiada de gravura reproduzindo o quadro de Carlo Maratta.⁽⁸⁶³⁾

Os grupos A e C têm menos interesse no ponto de vista artístico mas a sua presença, principalmente os da abóbada, contribui notavelmente para a riqueza desta capelinha, que bem pode considerar-se de exemplar.

LXVII

(863) Foi tema iconográfico muito popularizado entre os pintores do fim do século XVII e princípio do XVIII. Em Portugal conheço, por exemplo, uma reprodução em tela, na capela do Palácio Ducal de Vila Viçosa e outra na Igreja Matriz de Barcarena. No Museu de Belas-Artes do Rio de Janeiro guarda-se uma gravura tirada do quadro de Carlo Maratta.

Nossa Senhora da Piedade, Capela de

A pequena capela é revestida de azulejos em painéis até ao tecto abobadado, onde se vêem as armas dos Castros. O corpo da capela é separado da capela-mor por um arco, também revestido de azulejaria. A coloração azul muito forte é bastante bela, especialmente entre os arcos.

Distinguem-se perfeitamente dois tipos de azulejos, sendo o primeiro colocado num lambril de 13 de alto e o segundo daí para cima. A parte de baixo, de cor menos profunda, apresenta paisagens arquitetónicas. A parte superior, de pintura muito melhor, representa passos da Vida de Jesus: *Ceia, Flagelação, Coroação de Espinhos, Beijo de Judas, Lava-Pés e Oração no Horto*.⁽⁸⁶⁴⁾

Na capela-mor os painéis, equivalentes, estão bastante misturados.

EUGARIA

Quinta da Bela Vista

Na escadaria superior de acesso ao palácio há revestimento azulejado de painéis com cercadura policroma e centros azuis. Representam cenas de jardins, caçadas, etc. No interior azulejos de «almofada» e, nas salas, pequenos alizares de 6 de alto, do mesmo tipo dos da escada. Será azulejaria de cerca de 1770-80.

LINHÓ

Quinta da Penha Longa

Na fachada voltada ao sul existe um quadrante de relógio de sol, envolvido por cercadura simples. A pintura é azul e as dimensões são de 12 × 12. Na parte inferior a data: MDCCXXI.

No salão (antigo refeitório) grande painel de cercadura policroma e centro azul, com o *Milagre da Multiplicação dos Pães* em 32 × 18 azulejos. Serão de cerca de 1770.

MADRE DE DEUS (Sintra)

*Capela e Quinta da Madre de Deus**Capela:*

ÉPOCA: Século XVIII (cerca de 1745-50).

TIPOS: Azuis historiados. Tipo lisboeta Bartolomeu Antunes.

APLICAÇÃO: Revestimento total de 29 azulejos de alto.

ASSUNTOS: Painéis marianos separados por emolduramento de pilastras e anjos.

NOTAS: Sacristia: alizar de vasos com cercadura de folhas. Igreja: 67 × 29 azulejos.

Quinta:

ÉPOCA: Século XVIII.

TIPOS: Dois painéis que foram da cozinha. Azuis 17 × 6 azulejos.

APLICAÇÃO: Actualmente na sala de jantar. Nas outras salas há alizares de vasos.

ASSUNTOS: Cenas de cozinha e banquete.

NOTAS:

(864) Vergílio Correia atribuiu estes azulejos a António de Oliveira Bernardes. Vide CORREIA, 1917, n.º 71-72, p. 202. FLÁVIO GONÇALVES

MOLHA PÃO

Quinta do Molha Pão

O antigo pavilhão de caça do Marquês de Pombal tem quase todas as salas azulejadas. Assim:

Primeira sala – Sala ornamentada com silhar de 12 de alto, pintura azul e cercadura de folhas de acanto. Representam as *Metamorfoses* de Ovídio e são azulejos de cerca de 1720.

Segundo quarto – Silhar com cenas de caça e de pesca. Entre os poiais das janelas paisagens muito graciosas.

No *salão* o silhar representa caçadas.

Na *sala de entrada*, as cenas são de jardim e amorosas, com damas de *fontange* e interessantes indumentárias.

No *salão nobre*, silhares idênticos, com cenas de portos e ainda de caça.

Na *saleta de banho*, representações mitológicas.

Na *copa*, os silhares são compostos com azulejos de tipo mais moderno que os anteriores.

No *quarto*, onde morreu o Conde de Anadia, silhares com cenas de jardins e pastoris.

No *corredor*, cenas pastoris. Em duas *varandas* revestimento de azulejos com vista de um porto e merenda campestre. Na *escada*, alizar com balaústres, festões e meninos.

QUELUZ

Palácio Real

ÉPOCA: De 1755 a 1784 (alguns restaurados entre 1900-09).

TIPOS: Historiados azuis e policromos, de vários tipos.

APLICAÇÃO: No Palácio, no «Corredor das Mangas», lago. Também no claustro (modernos) e jardins.

ASSUNTOS: Na «Sala das Mangas», alegorias: *Quatro Estações*, *Quatro Elementos* e *Quatro Partes do Mundo*: dois modernos, muito inferiores. No lago, cenas de jardins e marítimas.

NOTAS: António Caldeira Pires – *História do Palácio Nacional de Queluz*, vol. II, p. 365, Coimbra. Notas na página 399 do vol. I. Notas muito curiosas. ⁽⁸⁶⁵⁾

SINTRA

Largo da Pipa

Fazendo espaldar à fonte vemos azulejos policromos de cerca de 1780-90. São duas figuras pintadas a azul, envolvidas por moldura policroma. ⁽⁸⁶⁶⁾

Paço da Vila ⁽⁸⁶⁷⁾

Sala dos Brasões – Os grandes painéis que foram as paredes serão de cerca de 1720 e acusam na pintura o traço do monogramista PMP. ⁽⁸⁶⁸⁾

LXVIII

Sala de banho: Forrada de azulejos do século XVIII, com cenas aquáticas. Curiosas composições em cujos centros aparecem vasos de flores, estas policromadas.

Quinta da Penha Verde

Na esplendorosa quinta que foi de D. João de Castro, Vice-Rei da Índia, vastamente descrita no livro dedicado ao século XVII, ⁽⁸⁶⁹⁾ encontram-se azulejos em mais de um local.

⁽⁸⁶⁵⁾ Veja-se neste espaço o Canal do Real Palácio de Queluz. CÂMARA, 2007c, p. 207. (AGC)

⁽⁸⁶⁶⁾ Vide: QUEIROZ, 1907, p. 265 [ou QUEIROZ, 1948, p. 290]; BNL, 1924, p. 498; AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. II, p. 33. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁸⁶⁷⁾ CÂMARA, 2007c, pp. 209-210.

⁽⁸⁶⁸⁾ Robert C. Smith atribuiu estes painéis ao Mestre PMP, e a uma data entre 1710-30. Vide: SMITH, 1973a, p. 406, nota 15; SMITH, 1974a, p. 47, nota 40. FLÁVIO GONÇALVES

⁽⁸⁶⁹⁾ SIMÕES, 1971b, t. II, p. 130. J. M. SANTOS SIMÕES

No edifício residencial vamos encontrar, nas rampas da escada, que da sala conduz ao piso alto, azulejos do tipo de balaústres, com meninos, flores e animais, tudo a azul. São azulejos datáveis de 1725-30.

Quinta das Camélias

Para esta quinta foram trazidos – pelo pintor Carlos Reis – azulejos que pertenceram à Quinta de São João, na Estrada de Benfica, a Monsanto.

Quinta do Ramalhão

Na parede exterior da capela foi composto um registo rectangular, de 9 × 6 azulejos, tendo, na parte circundante, azulejos de padrão azul e, no centro figurado, uma imagem de *Nossa Senhora da Conceição e de Um Santo Bispo*. Na parte inferior lê-se o cronograma 1771.

Na parte propriamente dita do palácio poucos azulejos restam e desses são apenas dos tipos vulgares de padrões policromos de «D. Maria I».

São Pedro de Penaferrim, Igreja de

Esta igreja, cuja primitiva construção data do século XV(?), foi notavelmente remodelada no século XVIII, em tempo do 1.º Patriarca de Lisboa, D. Tomaz de Almeida. Da primitiva subsistem as abóbadas nervadas e um ou outro pormenor. O corpo da igreja é forrado de azulejos, em paramento de 31 de altura. Por ocasião de algumas obras em altares laterais e no púlpito, deslocaram-se azulejos, com pouco cuidado.

O revestimento é do tipo vulgar da segunda época do século XVIII, e não é difícil atribuir-lhe uma data que deve andar ao redor de 1730. Na verdade, D. Tomaz de Almeida foi feito Patriarca de Lisboa em 1717 e elevado ao cardinalato em 1737. Ora, na parte inferior do silhar azulejado vêem-se as suas armas, encimadas pela mitra de duas coroas, insígnia de patriarca, e não pelo chapéu cardinalício, que só teve direito a usar depois de 1737. O tipo do azulejo e pintura acusam nitidamente as características da segunda época do século XVIII, a qual limito a 1725-45.

A decoração é do tipo normal, ou seja, painéis historiados divididos por cercadura de anjinhos e volutas barrocas, acima do alizar, também de azulejos, onde, sob cada quadro, estão as armas de D. Tomaz de Almeida, tendo dois anjos por tenentes. Nos painéis pintaram-se vários passos da Vida de São Pedro, alguns de bom movimento e composição. O mais notável, porém, é o primeiro do lado da epístola, a contar da capela-mor, o qual foi copiado, com muita fidelidade, de gravura reproduzindo um dos celeberrimos cartões de Rafael Sanzio – *A Pesca Milagrosa* – e que se conserva no Museu Victoria & Albert, em Londres.

É curioso notar, no entanto, que nos azulejos a figuração está ao invés do cartão de Rafael, inversão esta que se pode considerar vulgar na cerâmica figurada, e da qual já encontrei outro caso nos painéis de majólica da Quinta das Torres, em Azeitão. Creio que os azulejos foram pintados a partir de uma gravura também invertida, a menos que o tenham sido pelo processo do *spons*.

ULGUEIRA

Nossa Senhora da Conceição, Capela de

Ermida simples, com belo portal dos finais do século XVI, ou princípios do XVII. Só tem azulejos na capela-mor, mas aqui cobrem totalmente as paredes até à sanca. São painéis azuis, com enquadramentos concheados e figurações marianas: *Anunciação*, *Esponsórios*, *Santa Ana* e *São Joaquim*. Os vãos das janelas são também azulejados com composições angelicais e emblemas da ladainha.

Fazendo espelho à porta da sacristia, está uma «porta» de azulejos manganês, das mais curiosas que conheço, medindo 13 × 6 azulejos. Julgo-os azulejos do período de 1740 a 1750.

CONCELHO DE SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

MILAGRES

Nossa Senhora dos Milagres, Capela de

Na capela-mor o silhar é azul historiado, de 17 de alto, com enquadramento concheado, desenho convencional de cerca de 1750-60.

O centro figurado mostra-nos cenas marianas: *Anunciação, Adoração dos Pastores e Adoração dos Magos*.

A parte interior do arco cruzeiro também é azulejada, com marmoreado azul.

PATAMEIRA

Nossa Senhora da Luz, Capela de

No corpo, silhar de 11 de alto com painéis de cabeceiras recortadas, de cerca de 1730-40. Muitos dos azulejos estão truncados, principalmente os que se acham na capela-mor. Em qualquer caso são azulejos de boa pintura, representando a *Morte de Nossa Senhora* e a já tão conhecida figuração do cego atravessando a ponte, mais o cão.

SÃO QUINTINO

Nossa Senhora da Piedade, Igreja de (vulgo de São Quintino)

A Igreja de São Quintino – monumento nacional – é famosa como exemplar de arquitectura da transição manuelino-renascentista. Bastante referida no anterior volume dedicado ao século XVII⁽⁸⁷⁰⁾ será agora novamente mencionada no que respeita à azulejaria do século XVIII a qual, sem ter a monumentalidade da anterior, se encontra espalhada pelo corpo da igreja, sacristia e baptistério.

O corpo tem silhar de 18 de alto com painéis de albarradas. Estes azulejos estão assinalados por um letreiro, em cartela barroca, que reza:

NO ANO DE 1738

Sedetermino ahobra doazuleizo q tem o cor
po daigreiza aseiaçertia e pia de baltizar en q he
vigário o Rv. p^e. quintinho Jorze o Iuiz
Ems friz^o o escrivam An^{to} desouza o preca
radro Ant de S^a Manoel darosa e toda
ameza da S^a dapiedade⁽⁸⁷¹⁾

Nossa Senhora da Purificação, Igreja Matriz de

Na capela-mor os silhares são azuis recortados, de moldura concheada, em 12 de alto, desenho vulgar. Representam a *Adoração dos Pastores* e a *Circuncisão*.

SOBRAL DE MONTE AGRAÇO

Quinta da Martinacha (a 3 km do Sobral)

Na capela da quinta o silhar é de 10 de alto, composto por painéis policromos, de cabeceiras recortadas, de cerca de 1780.

A figuração é de anjos segurando um medalhão, no centro do qual se vê outro anjo. Dos lados direito e esquerdo vemos emblemas da *Paixão*.

(870) SIMÕES, 1971b, pp. 132-134.

(871) Vide: C. M., 1934, pp. 87-88; SMITH, 1968d, p. 232.

A pequena sacristia tem silhar de padrões de tipo «almofada». Na casa nobre várias salas estão azulejadas com silhares de 9 de alto, do tipo «vasos e golfinhos». As molduras são lisas, de acantos. Serão azulejos de cerca de 1730-40, de um modelo não muito corrente.

O mesmo tipo de azulejo se encontra na sacristia e no baptistério. Na capela-mor, capelas absidais e numa outra lateral – a do Santíssimo – vêem-se grandes painéis de azulejos, do tipo de cercadura policroma e centro azul. Painéis iguais forram os tímpanos das capelas mor e laterais. A época destes azulejos não está assinalada, mas pode colocar-se cerca de 1750 ou 1790.

CONCELHO DE TORRES VEDRAS

A DOS CUNHADOS

Nossa Senhora da Luz, Igreja Matriz de

Na capela-mor, revestimento total das paredes com azulejos azuis historiados, representando o *Nascimento da Virgem* e *Anunciação*, sendo notável o emolduramento, de medalhões.⁽⁸⁷²⁾

Na sacristia o alizar é de cestos, de tipo vulgar, em 8 de alto.

BARRAS

Quinta de Santa Cruz

À entrada, no *hall*, grande painel de 26 × 14 azulejos representando uma cena bíblica, com cercadura de acantos. O painel será de cerca de 1740, tendo sido comprado num antiquário.

Todo o resto da casa e capela tem silhar de padrão pombalino, vulgar.

CAIXARIA

Nossa Senhora dos Prazeres, Capela de

Na capela-mor estão azulejos de cerca de 1730-40, com cabeceiras lisas de tipo ornamental e emblemas marianos (Sol e Lua).

DOIS PORTOS

Quinta da Conceição

Sobre uma antiga porta da quinta, painel azul recortado, com 17 de altura e tendo, ao centro, a imagem de *Nossa Senhora da Conceição*, enquadrada por ornatos barrocos e dois grandes anjos; nos extremos estão urnas recortadas. Será fabrico de Lisboa, de cerca de 1740.

São Pedro, Igreja Matriz de

Na capela lateral do lado da epístola – hoje da invocação de Santa Teresa do Menino Jesus –, silhar de 6 de alto, de grinaldas, de cerca de 1800. É um exemplar notável no seu género, da mesma época e fabricação dos azulejos do «Solar do Conde dos Arcos», do Salvador, com os quais se deve aproximar.

Na sacristia o silhar é recortado, azul, tendo na maior altura 14 azulejos. Os painéis preenchem os espaços livres de cantaria, ou seja, os espaços dos arcos, paredes e recesso do lavabo. A figuração é convencional, de bom desenho, e representa cenas campestres, sem significado especial. Serão de cerca de 1740.

(872) No traslado do *Livro das Visitações* existente na sacristia, vem, a fl. 20, a nota da obra de azulejo, feita em 1745. J. M. SANTOS SIMÕES

MATACÃES

Nossa Senhora da Oliveira, Igreja de

Os azulejos forram a capela-mor em 32 de alto, acima do nível do altar. São seis painéis, desiguais em tamanho, limitados por barra de acantos. Do lado do evangelho vemos as cenas:

- 1) *Adoração dos Magos*
- 2) *Esponsórios*
- 3) *Sagrada Família*

Entre os dois últimos painéis existe uma porta fingida. Na outra parede:

- 4) *Anunciação*
- 5) *Adoração dos Pastores*
- 6) *Fuga para o Egípto*

Esta figuração, de uma beleza extraordinária, é das mais características do grande pintor PMP, de cerca de 1725-30.

No corpo, os azulejos são xadrezados azuis e brancos, numa altura de cerca de 1,50 m. O arco triunfal é revestido a toda a altura com azulejos ornamentais. A parte inferior é rematada com medalhões. No medalhão do lado direito está a inscrição:

NA ERA DE 173.6⁽⁸⁷³⁾

enquanto que, no do lado esquerdo, se encontra a assinatura:

B^{meu} Antunes
a fes em Lix^a

À entrada, sob o coro, foram compostas decorações com azulejos brancos e tarjas azuis. Estas composições, com aproveitamento de azulejos de caixilho, podem, no entanto, ser já dos fins do século XVIII.

A pia baptismal está resguardada por vedação de mármore, e as paredes cobertas com silhar de 9 de alto, tipo «almofada» marmoreada, de cerca de 1780. Ainda no arco triunfal, mas na face voltada à nave e onde estão as inscrições, vemos emblemas marianos. Do lado do evangelho, *Pulchra ut Luna* e *Quasi Palma*. Do lado da epístola, *Electa ut Sol* e *Quasi Oliva*.

Além da assinatura e da data já referidas, distinguirei aqui os efeitos *capitonné*, anjos de testa larga e cartelas.

Quinta Nova do Juncal – Matacães⁽⁸⁷⁴⁾*Quinta das Lapas*

No jardim, forrando as faces interiores de um muro, painéis de 4 de alto, com cercadura de ½ azulejo azul. A técnica de pintura fez-me lembrar trabalhos de António Pereira sendo, aliás, todos desta mesma época, princípios do século XVIII. Representam cenas frívolas: caçadas, estalajadeiras, merendas, vacas pastando, etc., tiradas de gravuras muito próximas dos primeiros anos do século XVIII. No tanque, ladeando três faces e cobrindo os muros de suporte, grandes composições azuis, ainda do século XVII (1680-90),

(873) Vide: AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. IV, p. 26; SIMÕES, 1970, p. 98.

FLÁVIO GONÇALVES

(874) Trata-se de uma construção de final do século XVIII, onde se encontra adossada uma capela. No seu interior encontramos na escadaria e no chão do piso nobre composições ornamentais de bases marmoreadas e almofadas com florões. Destaque para uma figura de convite integrada num silhar setecentista. Vide CÂMARA, 2001, p. 245, vol. II. (AGC)

com caçadas ao elefante e ao leão, cenas galantes, jogos de água com fontes e cascatas. No interior do recesso que tem a abóbada de embrechados – citados pelo Conde de Sabugosa – azulejos servindo de espaldar ao banco, do mesmo tipo dos do jardim, com vistas de edifícios e jardins, um dos quais se julga ser o próprio palácio da quinta, o que me parece fantasia. No palácio, azulejaria de padrão «D. Maria», vulgar, e curiosas composições decorativas formando silhares apenas com azulejos lisos, azuis e brancos, estes de época indefinida (séculos XVII? XVIII?).

MONTE GORDO

Espírito Santo, Igreja do

No corpo da igreja, silhar simples do tipo de «vasos floridos», azuis, vulgares, de cerca de 1730.

São José, Vivenda de

Na aldeia, numa fachada virada ao norte, foram colocados dois painéis do século XVIII, provenientes do Convento das Trinas, em Lisboa. Pertenceram a um silhar azul, incluindo a cercadura de anjinhos. Têm ao todo 10 × 10 e, o outro, 10 × 14 azulejos. Os centros são, respectivamente, cenas de países e cenas galantes.

MUGIDEIRA

Santa Iria, Capela de

A poente da sede de freguesia do Turcifal, afastada da estrada que leva a Torres Vedras, fica a deliciosa aldeia da Mugideira, abrigada pela serra do Catefica. A capelinha, dedicada à Virgem martirizada do Nabão (Tomar), é um exemplar que merece atenção, precisamente pelo seu recheio azulejar. Na capela-mor as paredes estão cobertas totalmente com painéis de pintura azul, figurando três passos da Vida de Santa Iria, envolvidos por decoração de folhagens e anjinhos. Trata-se de trabalho seguramente atribuível ao pintor PMP, a colocar cerca de 1725. No corpo da capela o silhar é de 16 de alto tendo, na parte inferior, um padrão azul e, na parte superior, painéis de vasos floridos, já da segunda metade do século XVIII. Na parede, sob o coro, há painéis azuis, com os emblemas do martírio – espada – e um «retrato» da Santa.

Na sacristia, sobre o arcaz, painel azul de 3 × 11 azulejos com quatro anjinhos brincando com símbolos – coroa de flores, lírio, espada e palma. No silhar, de 9 de alto, painéis de cestos floridos, azuis.

QUINTA DA BUGALHEIRA

São José, Capela de

Na ampla capela está um silhar de 11 de alto, azul, contando a *Fuga para o Egipto*, *Morte de São José*, *Anjo Ajudando São José*, *Descanso durante a Fuga* e emblemas junto ao altar-mor. São eles dois corações, espelho, jardim, etc. Serão azulejos de cerca de 1740.

RAMALHAL

Nossa Senhora da Ajuda, Igreja de

A capela-mor será de cerca de 1740-50 e tem um silhar de azulejos em painéis recortados, pintados a azul e emolduramento concheado. Os centros têm figuração mariana convencional. Do lado do evangelho: *Nascimento da Virgem*, *Apresentação no Templo* (no medalhão) e *Anunciação*. Do lado da epístola: *Visitação*, *Adoração dos Pastores* (medalhão) e *Adoração dos Magos*. Ao centro das molduras dos quatro painéis maiores, os emblemas da Lua, palmeira, cipreste e Sol.

RUNA

São João Baptista, Igreja de

A capela foi inteiramente coberta, cerca de 1740, com azulejaria típica desse período, figurando passos da Vida de São João Baptista. Os azulejos pertencem ao ciclo de Bartolomeu Antunes, de molduras em mísulas e anjinhos.

SÃO PEDRO DA CADEIRA

Igreja Matriz

A capela-mor, com seu retábulo de talha dourada e excelentes pinturas em tela, é uma magnífica quadra.

O alizar, azul historiado, em 15 de alto, é vulgar, de cerca de 1750. A figuração é relativa à Vida de São Pedro:

- 1) *Jesus Aparecendo a São Pedro*
- 2) *São Pedro na Prisão*
- 3) *Jesus Entregando as Chaves do Céu a São Pedro*
- 4) *São Pedro, como Papa, Dando Uma Mitra a Um Grupo de Religiosos*

Na parte inferior de cada painel há uma «cartouche» com figurinhas deliciosas, como seja, mulher saloia com cântaro à cabeça (lado do evangelho) e cavaleiro e seu moço (lado da epístola).

SIROL

Nossa Senhora da Purificação, Capela de

Notável capela pela riqueza ornamental. Sobre a porta está a data 1749, numa legenda onde se lê:

HERMIDA / DE N. S^{ra}. DA PURI / FICAÇÃO / B^{ta}. A 26 DE / IULHO DE / 1749. Já o prospecto exterior se impõe pelas suas linhas simples mas bem proporcionadas, com seu alpendre recolhido e sua torre sineira.

O interior, de nave e capela-mor, está completo e íntegro. Trata-se de um exemplar raríssimo, sob o ponto de vista da decoração, a qual inclui massas estucadas com altos-relevos, pintura mural, retábulo e silharia de mármore róseo, magníficas portas de castanho, com sua ferragem de bronze e, finalmente, revestimento azulejar, tanto na nave como na capela-mor. Todo o azulejo é de um mesmo tipo, época e fabricação, ou seja, fez parte de uma encomenda global.

Na nave o silhar sobe em 10 azulejos constituindo, em cada parede lateral, como que um painel único, ou pelo menos enquadramento único, este de ornamentação concheada com «asa de morcego», a azul forte e brancos esgrafitados, envolvendo a ornamentação central, a azul mais fraco (tipo «Necessidades»). Os painéis têm uma base de rodapé marmoreado amarelo. A ornamentação, por sua vez, envolve pequenos painéis com cenas marianas: *Nascimento da Virgem, Apresentação, Casamento, Anunciação, Jesus na Sinagoga, Fuga para o Egito, Circuncisão, Adoração dos Pastores*, não havendo, portanto, rigor na sequência das cenas.

Na capela-mor o revestimento vai até à cornija, numa altura de 18 azulejos, incluindo 2 de rodapé, estes de fundo marmoreado azul, com efeitos do mais puro rococó, a manganês e amarelo. Os painéis representam, respectivamente, a *Assunção* e a *Purificação de Nossa Senhora*. Os azulejos são de magnífica qualidade, de bom desenho e coloração. Julgo-os de cerca de 1770-75 e não me repugna que hajam sido fabricados na Fábrica Real, logo nos primeiros anos da sua laboração.

TORRES VEDRAS

Graça, antigo Convento da

Na portaria, silhar recortado com oito painéis azuis, de 17 de alto, no qual se figurou outros tantos passos da Vida de São Gonçalo de Lagos. São cenas de grande pitoresco, de pintura muito agradável pela simplicidade e ingenuidade.⁽⁸⁷⁵⁾ Começa pelo painel com as legendas:

- 1) Na parte superior: O BEATO GON= CALO DE LAGOS
Prior do Conuento velho desta Villa
- na parte inferior: TOMA POSSE DO PRI= ORADO DO DITO CONV^{to}.
anno de 1435
- 2) Na parte superior: O Beato Gonçalo sendo prior vai pedir esmola ao Arceb.^o de Lx^a para os seus Fra= des
- na parte inferior: Volta contete com huns poucos de paens e huma almotolia de azeite
O Arceb^o edifica= do manda largas esmo las anno 1437
- 3) Painel onde se vê toda a cena, incluindo a mulher a lavar os olhos num alguidar com sardinhas; na parte superior: O B. Gonçalo de Lagos dá vista a huma mu= lher cega
- na parte inferior: Mandando lhe lauar os olhos em (sic) em agua de sardinhas
- 4) Na parte superior: O Beato Gonçalo Sendo Prior por es= paço de largos dê= annos

LXX

(875) Sobre estes azulejos e a sua temática, *vide*: AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. IV, p. 44; MASCARENHAS, 1957; NOBRE, 1957, pp. 155-157; QUEIROZ, 1916, pp. 47-48; BNL, 1927, vol. II, p. 546 (texto de Raul Proença). FLÁVIO GONÇALVES

- na parte inferior: Fas Deutrina todos os
días aos meninos, e
mais gente
deste po
uo
- 5) Na parte superior: TRANSITO
do Beato Gonçalo
de Lagos
- na parte inferior só se lê no único azulejo que ficou neste painel:
- 15 dias
de Ou
anno
14
- 6) Na parte superior: O B. Gonçalo ja
glorioso aparece a hum
seu Sobrinho naufraga
na praia de Lagos
- na parte inferior: Poem na praia
ao sobrinho e manda o Visitar
a sua sepultura
nesta vila
- 7) Na parte superior: O B. Gonçalo acom =
panhado do B. João de ex =
tremos aparece ao B. Frei
Aluaro Monteiro, no
anno 1554
- na parte inferior: Traslhe do Ceo
tres pecegos; reuela lhe o dia
de sua morte. O B. Fr. Alu°
foi port^{ro} do
conut^o ve
lho.
- 8) Na parte superior: Trasladaçam dos
ossos do B. Gonçalo
de Lagos do conuento
velho para este nouo
- na parte inferior: Fes se a trasladaçam
em o anno
de 1559

No claustro ficaram os silhares da quadra nascente e alguns do norte e sul. Os outros, na parte hoje ocupada pelos serviços públicos, foram arrancados e dispersos, estando alguns no antigo Convento de São Bernardino (no refeitório).

Na quadra do lado nascente o silhar tem a altura de 12 e estende-se por 158! Está organizado como um painel único, no qual há vários passos da Vida de Fr. Aleixo de Menezes, a qual era o motivo de toda a azulejaria do claustro. Mesmo assim, este painel não está íntegro, tendo alguns remendos, os quais não alteraram a sequência das cenas. É um quadro notável.⁽⁸⁷⁶⁾

Este mesmo tipo de azulejo continua na sacristia e antessacristia, sempre com o mesmo esquema decorativo e painéis figurados. Na antessacristia são cinco painéis, em bom estado, com a hagiografia de *B. Pedro de Gubbi* (1320), *B. Héroe (sic)*, *D. Gonçalo Ruiz de Toledo*, *Terceiro Augustiniano edificador do Convf de Toledo, dedicado a Santo Estevão*, *B. Jerónimo de Recanate* (1368) e *B. Vgolino de Cortona* e o *B. Gregório Verucchio*.

Na sacristia continua a hagiografia dos religiosos do convento. No recesso do lavabo há ainda seis painéis mais pequenos e é naquele onde o Beato São João Bom converte a água em vinho, que se encontra a data de 1725, na parte inferior.

Quanto à autoria julgo poder ser do monogramista PMP, o mesmo que assina os painéis da Igreja do Terço, de Barcelos, de 1724.⁽⁸⁷⁷⁾

Na galilé, nas paredes correspondentes à fachada da igreja e da portaria do antigo convento, silhar de 13 de alto, azul, de vasos e golfinhos, cercados por emolduramento de folhas encurvadas. Os painéis decorativos têm 6 × 5 e casam-se com os colaterais, por meio de anjos portadores de frutas e cabeças aladas.

Misericórdia, Igreja da Santa Casa da

Belo exemplar de templo feito propositadamente para Misericórdia, com sua nave, tribuna de mesários, capela-mor sobrelevada, dando para um transepto pouco fundo, tribuna para doentes, sacristia com entrada independente.

No corpo da igreja, em silhar liso, estão oito painéis com 19 azulejos de altura, pintura azul, centros figurados, representando cenas marianas, encimados com legendas inscritas em ovaís:

- 1) qVASI AVRORA CO= / NSVRGENS
- 2) PULCHRA VT LV / NA (com fonte monumental)
- 3) EDT. qVAZI CIPRESSVS / INMONTE SION
- 4) qVAZI CEDRVS EXALTTA / SVM IN LIBANO
- 5) ELECTA VT SOL
- 6) qVAZI PALMA EXALTA / TA SVM IN CADES
- 7) qVAZI PLANTATIO / ROSAE IN JERICHO
- 8) qVAZI OLIVA SPECIO= / SA IN CAMPIS

No cruzeiro, dois painéis recortados com 20 de alto, incluindo um de rodapé marmoreado roxo. A largura é de 23 azulejos e ambos estão legendados:

- 1) *Nossa Senhora da Misericórdia* e a legenda:
SUBTVVM PRAESIDIVM CONFVGIMVS
- 2) *Nossa Senhora ao Pé da Cruz* e a legenda:
LIVORE EIVS SANATI SVMVS.
Isaiae 53

LXX

(876) Sobre a data destes azulejos, temas que desenvolvem, e seu possível pintor, *vide*: AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. IV, p. 44; BNL, 1921, vol. II, p. 547 (texto de Raul Proença); QUEIROZ, 1916, vol. 1, pp. 48-49; QUEIROZ, 1948, vol. I, p. 280 e vol. II, p. 127 (n.º 804); SMITH, 1973a, p. 406, nota 15; SMITH, 1974a, p. 47, nota 40. FLÁVIO GONÇALVES

(877) Ignora-se a data exacta da execução dos painéis de azulejos da capela-mor da Igreja do Terço, de Barcelos (data essa que deve ser anterior a 1124). Sobre os referidos painéis, assinados PMP, *vide* SIMÕES, 1962a, p. 6. FLÁVIO GONÇALVES

A sacristia, ampla e bela quadra situada atrás da capela-mor, com a qual comunica pelo corredor, tem grande nobreza, com o seu arcaz corrido, verdadeiramente monumental. Sobre o arco do lavabo está a aplicação armoreada dos Teles da Silva e a data da obra do corredor e sacristia – 1751.⁽⁸⁷⁸⁾ Tem toda esta quadra, e bem assim os corredores, seu silhar azulejado em 13 de altura, incluindo o rodapé marmoreado roxo, moldura barroca de anjos, figuração de paisagens. Tanto no recesso do lavabo como nos corredores, o silhar é de 11 de altura.

Nossa Senhora da Pena, Capela de (Serra da Vila)

Na frontaria da capela, a data insculpida de 1734 assinala a construção ou o acabamento da mesma, provavelmente em substituição de outra capela anterior. Só tem azulejos na capela-mor, em painéis de 14 de altura, incluindo 3 de rodapé e 2 de barra. A pintura azul pode ser atribuível ao monogramista PMP. A época dos azulejos ajusta-se à data lida na frontaria – cerca de 1730-35.

Nossa Senhora dos Anjos, antigo Convento de

Do velho convento franciscano transformado em sanatório apenas resta a capela; os restantes edifícios sofreram obras de adaptação e não apresentam quaisquer mimos arquitectónicos ou decorativos.

A capela conserva os silhares azulejados, em 12 de alto. São painéis lisos, com barra de 2 azulejos e de folhagens e anjinhos e cartela central. Os centros mostram cenas marianas, sendo muito interessantes pelo seu intimismo, sobretudo o que representa a *Adoração dos Pastores*. É trabalho típico do monogramista PMP.

Santa Maria do Castelo, Igreja Matriz de

Na nave azulejos em silhar do tipo «D. Maria», de cerca de 1790.

São Pedro, Igreja de

Os azulejos da Sala do Definitório da Irmandade dos Clérigos Pobres – hoje servindo de secretaria – foram colocados em 1747, conforme se lê no «Livro de Receita e Despesa da Irmandade» (fls. 112 v). A Irmandade ajustou os azulejos com o ladrilhador de Lisboa António Roiz. Eram 2380 azulejos a 35 000 réis o milheiro, recortados e assentes.

Os assuntos, ou pelo menos um deles, foi simplesmente copiado de uma gravura, e o pintor conservou, inclusivamente, as palavras que autenticavam esta: *Claudio Coelho inv. e Hovat fecit.*^{(879) (880)}

O silhar recortado, formando seis painéis, é alusivo à *Santíssima Trindade*, à *Visão de Elias (Scala Coeli)* e outros passos bíblicos ladeados de *São Pedro em Oração* e a *Queda de Saul na Estrada de Damasco*.

São Tiago, Igreja de

No grande templo, esquecido dos homens, e outrora com silhares de azulejo na nave, restam os painéis da capela-mor. Nas duas paredes laterais são rectos, de 15 azulejos de alto, pintura azul e bela composição barroca, na qual anjos ladeiam os emblemas de Santiago – a cruz do lado do evangelho e o chapéu do lado da epístola.

(878) A inscrição que se refere à obra da sacristia e corredor diz que tal obra, levada a cabo em 1751-52, ficou a dever-se ao provedor Nuno da Silva Teles. *Vide*: BNL, 1927, vol. II, p. 547 (texto de Raul Proença); CARDOSO, 1936, p. 12; SANTOS, 1957, p. 136. FLÁVIO GONÇALVES

(879) Ernesto Soares (SOARES, 1940, t. I, p. 339) refere-se a um HOVAT (F.) escrevendo que ignora de quem se trata e apontando-lhe apenas um trabalho. No apêndice (t. II, p. 704) acrescenta que a gravura referida se destinava a um livro editado em 1720. Julgo que se trata do mesmo gravador da estampa que serviu aos azulejos. J. M. SANTOS SIMÕES

A legenda dos azulejos foi revelada por Gabriel Pereira (PEREIRA, 1906, p. 25; texto reimpresso em PEREIRA, 1910, p. 293). *Vide também*: AZEVEDO *et al.*, 1963, vol. IV, p. 48; BNL, 1927, vol. II, p. 548 (texto de Raul Proença); QUEIROZ, 1916, vol. 1, n.º 2, p. 47. FLÁVIO GONÇALVES

(880) A legenda, tal como se encontra nos azulejos, é a seguinte: AUTHOR INVENTIT CLAUD. COELL. DELIN. FRAN. HOUAT SCULP.

FLÁVIO GONÇALVES

O resto dos silhares, ou pelo menos alguns, foram para o Seminário dos Olivais, e estão numa sala de aula. Serão de cerca de 1720 e serão talvez de PMP.

TURCIFAL

Igreja Matriz

Na vasta igreja apenas vimos azulejos do século XVIII na capela-mor, do tipo «vasos embricados».

Quinta do Majapão (Turcifal)⁽⁸⁸¹⁾

VARATOJO

Santo António, Convento de

Na Capela de Nossa Senhora do Sobreiro, que abre para a galilé, está um silhar de 14 de alto, liso, cercadura policroma concheada e centros azuis. São ao todo seis painéis, com legendas em latim, e que representam:

- 1) *Nascimento de Nossa Senhora*
- 2) *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*
- 3) *Casamento de Nossa Senhora*
- 4) *Anunciação*
- 5) *Visitação*
- 6) *Natividade e Adoração dos Pastores*

Na porta a data de 1770, comum aos azulejos.

VENTOSA

Nossa Senhora da Atalaia, Igreja Paroquial de

Na capela-mor desta igreja arruinada, os painéis laterais são recortados, de centro azul, figurando emblemas marianos: Sol e Lua. As molduras são policromas com figuras de anjos. É trabalho de cerca de 1780.

São Mamede, Igreja Matriz de

O interior do templo está guarnecido com tapetes do século XVII. Na capela-mor o tipo é compósito e caprichoso, só a azul, mas já do século XVIII. A partir do pavimento, em 5 de alto, friso de meninos entre balaústres, seguindo-se uma barra de 2 azulejos de largo, que serve de moldura a uma bela série de vasos de 8 × 4. Acima, azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas» – flores e uma ou outra figura – num total de 27 de alto.

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

ALHANDRA

Quinta do Bulhaco⁽⁸⁸²⁾

⁽⁸⁸¹⁾ Alguns espaços interiores desta quinta são valorizados por painéis pombalinos, policromados, representando animados e variados ritmos. Vide CÂMARA, 2001, p. 237, vol. II. (AGC)

⁽⁸⁸²⁾ A Quinta do Bulhaco possui um excelente conjunto de azulejaria neoclássica dos primeiros anos do século XIX, atribuídos a Francisco Jorge da Costa. Vide: CLUNY, 1998-99; PEREIRA, 1997, pp. 36-37. (CM)

ALVERCA

São Pedro, Igreja de

Grande templo de nave e capela-mor. No corpo da igreja o silhar contínuo é de 12 de alto, com a repetição de painéis ornamentais de «vaso e golfinhos» (6 × 5) separados por albarradas com laço. A barra é de 2 azulejos de folhas encurvadas e o rodapé, também de 2 azulejos, com grinaldas azuis.

Na capela-mor o mesmo tipo de azulejo, agora sem as albarradas. Na parede fundeira da nave, ladeando a porta principal, dois painéis incluídos no silhar (13 × 16) de pintura azul, com barra de folhagens sobre fundo azul. Na parte central pintaram-se passos da Vida de São Pedro. O desenho e a pintura são excelentes e podem ser atribuídos a autor dos primeiros anos do século XVIII, possivelmente companheiro de António Pereira, se é que não é deste mesmo.⁽⁸⁸³⁾

Na capela baptismal um lambril com 7 ½ azulejos incluindo barra da mesma época e tipo de pintura dos anteriores, agora apenas com motivos arbóreos.

Quinta do Sobralinho⁽⁸⁸⁴⁾

CALHANDRIZ

São Mateus, Igreja de

Na capela-mor, painéis figurados azuis, guarneecendo as paredes laterais até à sanca.

Do lado do evangelho vemos *São João Evangelista* e uma *Aparição de Nossa Senhora da Conceição entre as Nuvens*;⁽⁸⁸⁵⁾ do lado da epístola *São Marcos Escrevendo*. Deste lado, sobre a porta da sacristia, composição ornamental com dois anjos ladeando um vaso florido.

É interessante notar que o paramento do lado da epístola é mais antigo do que o fronteiro, excepto o alizar, que é todo da mesma época, ou seja, a que corresponde a este lado. São azulejos lisboetas bem característicos do ciclo PMP.

Do lado do evangelho, provavelmente ao abrir-se a janela, refez-se todo o revestimento a partir do alizar, tendo no entanto havido o cuidado de «imitar» o que estava na parede fronteira. Assim, haverá uma diferença de 15 anos aproximadamente entre o azulejamento das duas paredes: ao lado da epístola de cerca de 1730; a outra de perto de 1745.

CASTANHEIRA DO RIBATEJO

Quinta de São José do Marco

Em 1909 foram trazidos do antigo Convento de Nossa Senhora da Suberra, da Castanheira, então abandonado, azulejos de vários tipos, que se colocaram nas salas da casa da quinta. A estes se juntaram outros, adquiridos em Vila Franca e em Lisboa. Dos azulejos do antigo Convento de Nossa Senhora da Suberra destacamos:

- a) No patamar superior da escada externa, sob o alpendre, painel de pintura azul, com barra de 2 azulejos de folhagens com anjinhos. O centro representa *São Bernardino de Siena*, de corpo inteiro, tendo como fundo da paisagem convencional – árvores, casario, azenhas, etc.

(883) A atribuição do conjunto ao pintor António Pereira parece consensual (MECO, 1989: p. 220; PEREIRA, 1989, p. 349). (CM)

(884) O antigo solar da Quinta do Sobralinho pertenceu, desde 1661, aos Condes de Vila Flor (NUNES, 1998-99, p. 197). Depois de um incêndio em 1944, a propriedade foi comprada pelo colecionador de arte Ricardo do Espírito Santo Silva, e as obras que se seguiram, orientadas por um gosto revivalista, incluem a transferência, adaptação e aplicação de diversos conjuntos de azulejaria setecentista (RIBEIRO, 1998-99b). Na elaboração do conjunto de azulejos de *chinoiserie*, dos finais do século XVIII, proveniente dos terraços do Palácio Pombal em Lisboa, foram utilizadas gravuras de Jean Nieuhoff e A. Humblot (MANGUCCI, 1998b). (CM)

(885) Trata-se da *Aparição da Virgem a São João Evangelista*, em *Patmos*. Sobre este tema, vide RÉAU, 1958 t. III, vol. II, p. 716.

- b) No salão de entrada do 1.º andar, três painéis historiados de altura uniforme – 20 azulejos incluindo a barra de 2. Aí vemos igualmente uma guarnição de vão (20 × 7) e outra de porta (12 × 15). Constituíam essas guarnições o paramento parietal da igreja do convento, com os silhares ornamentais, que se encontram agora na sala do piso inferior. Os painéis representam, respectivamente, a *Conversão de Saul* (20 × 30), a *Estigmatização de São Francisco* (24 × 30) e a *Arca da Aliança* (20 × 25). No painel da *Conversão de Saul* vê-se o monograma PMP.⁽⁸⁸⁶⁾ Na guarnição da parte superior da porta está a data 1713, esgrafitada no esmalte de um azulejo.⁽⁸⁸⁷⁾
- c) No salão central do piso inferior encontram-se os azulejos que formavam o silhar de painéis historiados, atrás descritos. São composições ornamentais de 9 azulejos de altura, figuração convencional de atlantes, medalhões com figuras alegóricas, etc., tudo do maior interesse. Estes azulejos, de cerca de 1713, são todos pintados pelo monogramista PMP, o qual se revela como discípulo e provavelmente colaborador de António de Oliveira Bernardes.

Núcleo adquirido em Lisboa (no mercado antiquário):

- a) Na sala de jantar do piso térreo, três painéis de pintura azul, de 8 azulejos de altura (respectivamente com 14, 16 e 10 de largura), enquadramento concheado envolvendo cenas aparentemente profanas mas que são, de facto, inspiradas nas gravuras que acompanham edições setecentistas do *Cântico dos Cânticos* e de que há vários exemplares (v.g. no antigo Convento da Serra d'Ossa e na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, do Rio de Janeiro, etc.).
- b) Na sala de entrada do piso térreo, dois painéis da mesma colecção de 8 × 12 azulejos. Este núcleo, de fabricação lisboeta vulgar, será de cerca de 1750.
- c) Na parede exterior do lado norte, acompanhando a escada, três painéis, de 5 × 5, pintura policroma de cerca de 1780. São do tipo de vasos floridos rococó, provenientes de uma casa de Vila Franca de Xira. Estes painéis foram compostos com azulejos aproveitados. No seu género têm muito interesse.

PÓVOA DE SANTA IRIA

Quinta de Nossa Senhora da Piedade⁽⁸⁸⁸⁾

(886) SIMÕES, 1962a, p. 6 (nota).

FLÁVIO GONÇALVES

(887) Sobre o conjunto, uma das obras fundamentais para o conhecimento da obra do pintor, vide ainda: MECO, 1989, p. 227; PEREIRA, 1989, p. 364; SERRÃO, 2003, p. 221. (CM)

(888) A magnífica quinta de recreio renascentista dos Condes de Vila Nova (de Portimão), que o cronista Garcia de Resende considerava a mais bonita do seu tempo nos arredores de Lisboa, tem origem num vínculo constituído, no século XIV, por Vicente Afonso Valente, cónego da Sé de Lisboa.

No século XVIII, novas obras de requalificação dos jardins e do palácio beneficiaram da encomenda de um vasto conjunto de azulejos e os documentos conservados no Arquivo da Casa de Abrantes em depósito na Torre do Tombo permitem identificar detalhadamente os mestres-oleiros e os pintores envolvidos, com a particularidade de a olaria lisboeta que forneceu os azulejos ser também propriedade dos Condes de Vila Nova.

A primeira encomenda, realizada no ano de 1744, pelo mestre-oleiro Francisco de Sales em parceria com o pintor de azulejos Valentim de Almeida destinava-se a decorar os bancos e alegretes do jardim, mas esse conjunto, exceptuando-se dois painéis que se conservam no Museu Municipal de Vila Franca de Xira, desapareceu. Os dois painéis remanescentes mostram-nos composições jocosas, como a de um pintor com longos bigodes retratando uma formosa senhora.

Em 1747, os mestres realizam os painéis figurativos para as salas do palácio, retomando e consolidando o repertório do período: caçadas, chineses, aulas de equitação, cenas mitológicas, marítimas e campestres, nos quais se identificam a utilização de gravuras realizadas a partir de obras de Antoine Watteau e Jean Boucher. São também desse ano os azulejos de padrão azuis e brancos que decoram várias salas, cujos exemplares se podem considerar os protótipos para os padrões da azulejaria pombalina. No ano seguinte, os dois mestres executam os painéis para a sala de jantar, um conjunto ornamental invulgar inspirado pelos motivos decorativos da *chinoiserie* que combina um padrão único ladeado por suaves grinaldas de flores.

Em 1752, a oficina de Valentim de Almeida, em colaboração com o mestre-oleiro Cláudio Gonçalves conclui a decoração azulejar do palácio, com o fornecimento dos azulejos para o oratório, um magnífico conjunto rococó em que se retoma a policromia no enquadramento arquitectónico de cenas do *Cântico dos Cânticos*.

O conjunto de azulejos da Quinta da Piedade é particularmente importante para o conhecimento da obra do pintor Valentim de Almeida (1692-1779) e para o conhecimento do *modus operandi* da sua oficina, com a parceria com o seu genro, o pintor Sebastião Gomes Ferreira (act. 1733-50) e o seu filho Sebastião de Almeida (1727-79), que anos depois notabilizar-se-á como director da Real Fábrica do Rato (MANGUCCI, 1998a). (CM)

POVOS

Quinta das Areias

Na velha casa solarenga foram colocados azulejos vindos de locais diversos.

Na varanda que dá entrada para o átrio o silhar é de 8 de alto, com azulejos de vasos e anjos e cercadura de 2 azulejos de acantos. Serão azulejos de cerca de 1720-40, muitos deles restaurados.

No átrio de entrada, silhar de 10 de alto, com painéis representando cenas de lavoura.⁽⁸⁸⁹⁾

As cercaduras são de acantos, com medalhão central de máscara segura por anjos. Esta cercadura não condiz com a feitura dos azulejos centrais que parecem ser muito mais modernos.

A escadaria que leva ao 1.º piso é igualmente forrada de azulejos, desta vez com as cabeceiras recortadas, de cerca de 1760-80, representando cenas de caçadas, rematadas por urnas e florões.

Quinta da Fábrica

No edifício da velha fábrica de curtumes, fundada por João Mendes de Faria Barbedo e Fagundes, em 1729 – conforme se lê na inscrição lapidar sobre o portal –, foram colocados azulejos em várias salas adaptadas à residência do fidalgo industrial. Os edifícios foram sucessivamente utilizados para outros fins e sofreram as agruras do tempo. Actualmente há os seguintes azulejos:

- No átrio da entrada, escadaria e passadiço, azulejos de figura avulsa, azuis, vulgares, de cantos de «estrelinhas» e de quadrifólios, com animais e flores, em silhares circuncidados de cercadura própria.
- Nas salas interiores, silhares de 9 de alto, incluindo barra de folhas contorcidas, e painéis de 4 × 3, com centros de cestos floridos.
- Na antiga sala de jantar está o formoso silhar de azulejos que ornamentava essa quadra, mas que foi em parte mutilado em obras do século XIX. Em tempos os proprietários conseguiram recuperar alguns azulejos que encontraram a granel e, com estes, será possível reconstituir parcialmente três painéis de 10 de alto, pintura azul e emolduramento concheado simples, tendo pintadas curiosas cenas de refeições, uma delas de costumes orientais. Nas outras duas tem interesse a disposição dos personagens e o adereço das mesas, com seus talheres e baixela. Ainda aqui há os aventais das janelas, com painéis de figuração humorística.

Na actual sala de jantar estão os azulejos em silhar de 7 de altura, completos e bem conservados. São painéis semelhantes aos anteriores, agora com belas paisagens «venezianas», certamente copiadas de gravuras.

Toda esta azulejaria deverá datar de cerca de 1750 e é, no seu género – aliás vulgar –, de grande interesse iconográfico.⁽⁸⁹⁰⁾

VIALONGA

Nossa Senhora da Assunção, Igreja de

A igreja é um belo mostuário de azulejaria do século XVIII.

A servir de rodapé, composição de anjinhos brincando, de cerca de 1710.

A escada, entre a capela-mor e a sacristia, tem azulejos de figura avulsa com cantos de quadrifólios, flores e animais.

(889) Sobre estes azulejos, *vide*: QUEIROZ, 1907, pp. 232-233, nota; QUEIROZ, 1948 e 2002, vol. I, p. 255, nota.

FLÁVIO GONÇALVES.

(890) O conjunto de azulejos, infelizmente vítima de roubo e vandalismo, é agora apenas uma ruína irreconhecível. Para um histórico da Quinta da Fábrica *vide* CUSTÓDIO, 1998-99. (CM)

Na sacristia o silhar é de 12 de alto, com painéis corridos e cercadura de 2 azulejos de folhas e anjinhos. Os painéis mostram cenas laicas muito interessantes: tocador de gaita-de-foles, sanfona, etc. Um grande silhar, infelizmente mutilado, mostra uma cena de jardim. Serão azulejos de cerca de 1730.

A capela lateral do corpo – da Ordem Terceira de São Francisco – tem painéis de 17 de alto contando cenas da Vida de São Francisco, típicos de cerca de 1735, possivelmente da parceria Bartolomeu Antunes–Nicolau de Freitas.⁽⁸⁹¹⁾

O corpo da igreja tem painéis em 21 azulejos de alto, com cenas da Vida da Virgem. O tipo destes é convencional, de cerca de 1745-50.

Santo António, Capela de (Quinta da Flamenga – Sanatório)

Na capela persiste o revestimento de azulejos.

Na pequena nave são painéis com 17 ½ azulejos, dos quais 2 ½ de rodapé, constituído por grandes folhagens azuis sobre fundo branco. Os painéis propriamente ditos têm a sua barra de 2 de largo, de folhas sobre fundo azul, e representam vários milagres de Santo António, em quadros sem solução de continuidade – *Milagre da Mula, da Comida, da Criança Morta, do Possesso Que Deita Bichas pela Boca*, etc.⁽⁸⁹²⁾

Pintura azul muito ingênua, sem dúvida do mesmo autor que fez os azulejos do Palácio da Praia (Museu do Azulejo – Convento da Madre de Deus, Lisboa) como se pode constatar pelo gato, do painel da comida!

A capela-mor, que se alarga e é coberta por cúpula, tem na sua guarnição azulejos enquadrando as portas e os ângulos. A pintura é do mesmo tipo, agora com figuras de anjos, vasos floridos, grinaldas, etc.

Na sacristia, painel de 8 × 10 com dois anjos tenentes segurando uma cartela onde se lê: ANNO / 1690. No outro painel a figura de uma mulher.

A seguir à sacristia e atrás do altar-mor estão as paredes totalmente cobertas com azulejos de figura avulsa – estrelinhas vulgares –, evidentemente mais recentes do que os da capela e sacristia. É aqui que se encontra a sepultura – carneiro – do fundador da capela e do palácio. Consta que os azulejos da sala foram arrancados quando das obras de adaptação a sanatório, e levados para a Repartição dos Melhoramentos Rurais de Lisboa. Oportunamente foram entregues à Assistência Nacional aos Tuberculosos, tendo estado encaixotados nas arrecadações da Rua 24 de Julho. Depois perdeu-se-lhes o rasto!

VILA FRANCA DE XIRA

Igreja Matriz

Ocupando o 1.º andar do corpo adossado à cabeceira da igreja, está o salão que foi de alguma irmandade (ou da Ordem Terceira de São Francisco) e que é actualmente utilizado para catequese paroquial. O acesso faz-se por escadaria, que tem início na sacristia da igreja.

O salão é uma magnífica quadra de planta quadrada, iluminado por duas janelas. Avulta a decoração de azulejos, e o tecto em caixotões, totalmente pintado. Exemplar de certo modo notável entre os poucos que restam. Os azulejos foram dispostos em silhar de 7 de alto, que corre em todo o redor das paredes, das quais as duas desprovidas de vãos têm 44 e 42 de comprido. Nas outras paredes resta um painel de 14 junto à porta, e três, respectivamente de 8 + 8 + 6 ½ de comprido, na parede das janelas.

(891) Para uma análise da colaboração entre o mestre-ladrilhador e o pintor Nicolau de Freitas, ver a entrada referente a Bartolomeu Antunes no cap. II, «Artistas da Azulejaria Portuguesa do século XVIII».

(892) Sobre esse conjunto *vide* também: MECO, 1986, 38; MECO 1989, p. 210. (CM)

São composições ladeadas de mísulas e enquadradas de emolduramento simples, contínuo. Os painéis maiores têm paisagem, tendo, um deles, uma solução de continuidade a meio: de um lado figuração portuária, com belo navio entre um forte que se assemelha à Torre de Belém, e um grupo de edifícios à laia de convento; a outra parte representa uma cena de jardim vulgar.

O painel junto à porta representa uma caçada ao javali, e os três, entre as janelas, têm figuração convencional de pastores e barqueiros. O outro painel maior mostra-nos paisagens com frades, pastores, camponeses e um cavaleiro.

Acima deste silhar, a parede maior é ornamentada com tiras de 2 azulejos de largura por 15 de alto, com grinaldas pendentes de máscaras e carrancas, estas recortadas. As tiras laterais têm anjinhos portadores de cestos com flores.

Acima, e correndo ao redor do salão, está a guarnição de 5 de alto, onde se figurou uma balaustrada entre a qual brincam anjinhos colocando grinaldas ou sanefas, de mistura com animais: leão, águias, papagaios, cães, gatos, galo, etc.

Na parede da porta, a ligação entre o silhar e a sanca superior tem quatro painéis de 15 de alto por 4 e 6 azulejos, com a pintura de figuras alegóricas sobre peanhas e identificadas com legendas: CHARITAS, IVSTITIA, FORTITUDO (a da extrema direita não tem legenda mas apresenta-se a impor silêncio).

Na parede das janelas apenas uma destas figuras, agora com a legenda FIDES. Os vãos das janelas e da porta são também azulejados, aqueles com atlantes e este com anjos. As sobreportas são igualmente guarnecidas com pintura a azul forte, igual às restantes. Não vi assinatura, mas não tenho dúvida em atribuir estes azulejos à mão do monogramista PMP e a data de cerca de 1718-20.⁽⁸⁹³⁾ É um conjunto notável e que merece ser conservado nas melhores condições.

A escada tem quatro lanços. As paredes são guarnecidas de azulejos com painéis de 11 de alto, com cenas de caça enquadradas por ornamentação de anjos e volutas, de cerca de 1730. Nos patamares restam maltratados painéis com figuras femininas trajando à época, e que são alegorias aos sentidos.

No patamar superior vê-se, a alegoria à vista, no 3.º patamar ao olfacto; noutro ao tacto – o mais bem conservado – e, no patamar inferior, ao ouvido.

No átrio da sacristia que dá acesso à escada, silhar de 11 de alto em painéis com caçadas, vulgares, de cerca de 1740.

Misericórdia, Igreja da

A igreja sofreu estragos quando do Terramoto, tendo sido reedificada cerca de 1760. São desta época os catorze painéis de pintura azul, de 17 de alto, colocados no corpo da igreja e na capela-mor. Os do corpo representam *Obras de Misericórdia* e os dois painéis da capela-mor *Nossa Senhora da Misericórdia* e a *Visitação*.⁽⁸⁹⁴⁾ Estes painéis serão de cerca de 1760.

Na sacristia os azulejos são os restos de um silhar anterior, também de pintura azul, do ciclo oficial dos Oliveira Bernardes.⁽⁸⁹⁵⁾

Palácio dos Sacotos⁽⁸⁹⁶⁾

Na velha casa nobre, hoje desaracterizada, existem azulejos em algumas salas e outras dependências secundárias, em silhares lisos de azulejos ornamental, do tipo de vasos e cestos.

(893) Opinião seguida por MECO, 1985, p. 51; MECO, 1989, p. 228. (CM)

(894) Sobre a iconografia destes azulejos *vide* CARVALHO, 2007a, vol. I, pp. 209-222. (CM)

(895) Atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes por José Meco (MECO, 1989, p. 226). (CM)

(896) Também conhecida como Casa Galache. (CM)

No pátio, forrando a parede que servia de espaldar às escadarias, está o notável revestimento de azulejos, de boa pintura azul, onde sobressaem quatro figuras representando as *Quatro Partes do Mundo*.

Toda esta azulejaria deve datar de cerca de 1745 e, principalmente o pátio, é um dos mais belos exemplos do gosto e perícia dos artistas ornamentadores da época. No conjunto deste grupo destacava-se a figura de um alabardeiro, em cujo uniforme sobressaíam ornatos pintados de amarelo: infelizmente a figura desapareceu.

Quinta de Santo António ⁽⁸⁹⁷⁾

O convento passou por várias mãos, sendo fábrica de seda e de cortiça, até chegar às mãos do Marquês de Nisa. Devem datar desta altura algumas beneficiações do edifício que, no entanto, deveria estar em tal estado de ruína que foi impossível restaurá-lo convenientemente. A maior parte dos azulejos desapareceu e, os que restam, estão colocados sem obediência a esquema. No claustro, os azulejos que restam são de folhas de acanto e figura avulsa, azuis, de cerca de 1720. Estão bastante arruinados, quase todos arrancados.

No jardim existe um painel de caçadas, bastante mutilado e dividido por canteiros. Nele vemos igualmente barcos, crendo tratar-se de restos de painéis com cenas portuárias. Um outro painel, igualmente mutilado, representa a *Degolação de São João Baptista*, igualmente de cerca de 1720.

Subindo a escada que leva à casa nobre entramos na varanda, e aqui depara-se-nos uma capela, milagrosamente completa e salva de toda esta mutilação. Um arco de entrada, totalmente forrado com anjinhos brincando com flores e pássaros, pareceu-nos trabalho dos princípios do século XVIII. As paredes laterais da capela têm azulejos de figura avulsa e folhas de acanto, nitidamente trazidos de outro local. Frontal de altar azul, de desenho tosco, e traço fino azul, com sanefa e medalhão central com o *Cordeiro Místico*.

O retábulo abriga um painel, feito propositadamente para o local, representando o *Baptismo de Cristo no Jordão*.

A capela principal (hoje adega), de enormes dimensões, além dos frescos e outros mi-mos de arte, teria tido azulejos com cenas antoninas. Pelo que resta (uns 20 azulejos) depreende-se que seriam azulejos de 1770-80, com esponjados e policromia.

Numa escada próxima vimos vários azulejos de tipo «pombalino».

Fomos informados da existência de azulejos no andar superior, mas o estado de ruína era tal que se tornava arriscado uma visita a essa parte da mansão.

Quinta dos Bairros ⁽⁸⁹⁸⁾

A antiga Quinta dos Bairros pertenceu durante um prazo aos Condes de Cascais, Marqueses de Nisa.

No interior da capela, separada dos edifícios nobres, está a decoração azulejar, constituída por silhar que, no corpo da capela, tem 9 de altura, e na capela-mor, 14. São azulejos figurados, em painéis enquadrados por molduramento concheado do tipo «asa de morcego», de pintura vulgar convencional, assentes sobre rodapé de 1 azulejo marmoreado manganês.

A figuração é toda ela alusiva à devoção do Rosário, intimamente ligada aos Dominicanos, repetindo-se a figura de *São Domingos de Gusmão*, por vezes acompanhado do cão simbólico. Na capela-mor, nos dois painéis que preenchem a parte baixa das paredes la-

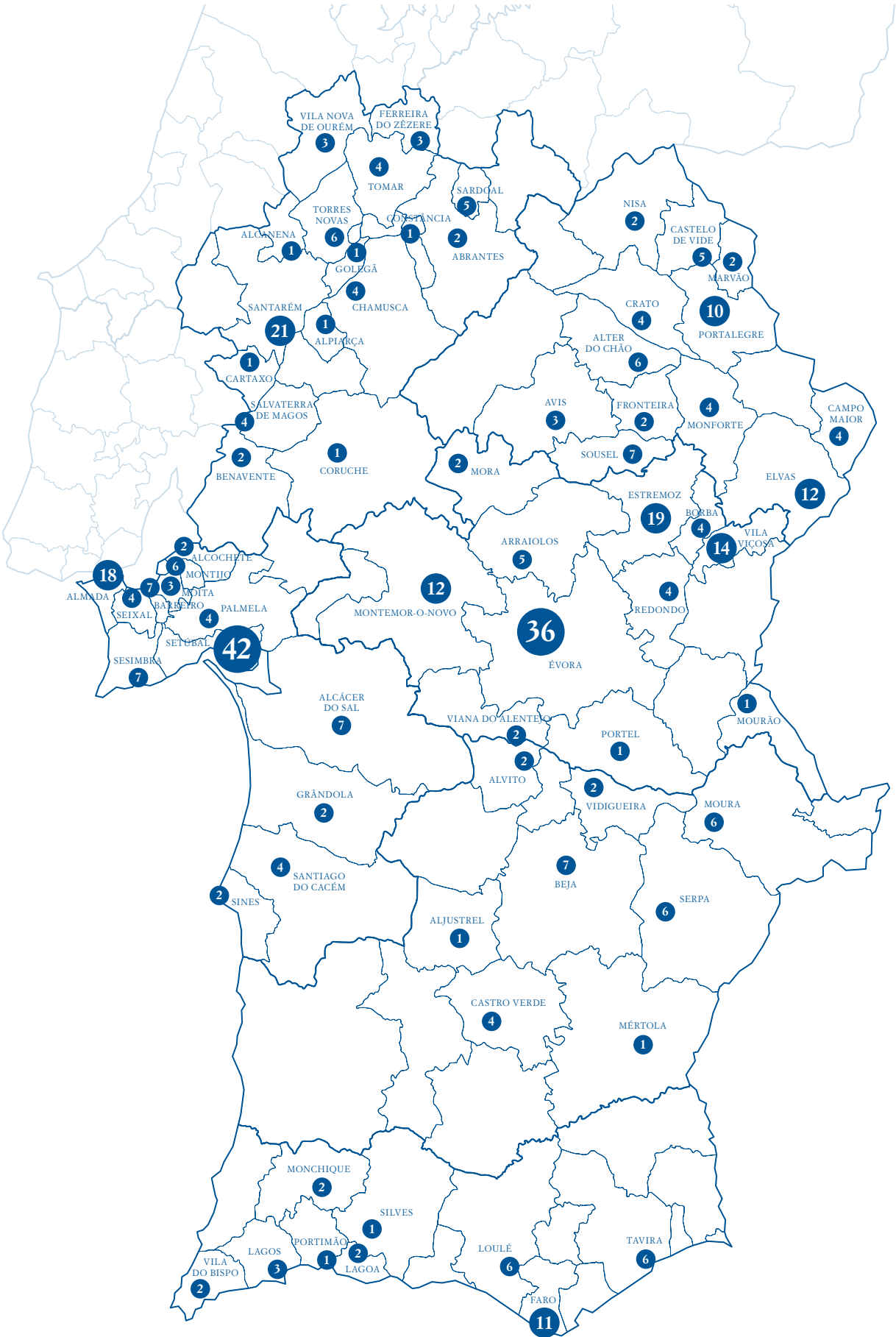
(897) Mais propriamente Convento de Santo António da Castanheira. Para informações históricas sobre o edifício vide RIBEIRO, 1998-99a. (CM)

(898) Também conhecida como Quinta de Nossa Senhora do Rosário (vide NUNES, 1998-1999, p. 191). (CM)

terais, estão as representações de *Nossa Senhora Dando a Figuração do Rosário a São Domingos* e uma composição evocando a Batalha de Lepanto, vendo-se no topo do mastro de uma nau, a célebre bandeira de Nossa Senhora do Rosário. No castelo da popa flutua uma grande bandeira, onde o crucifixo foi substituído por uma cruz de São Jorge. Outra nau ostenta a bandeira do Crescente, entre duas estrelas. São azulejos de cerca de 1760, de fabrico lisboeta, vulgar.

Ladeando o portão da quinta virado ao norte, conservam-se, aliás bastante mutilados, dois registos de 11 × 6, recortados, azuis, sendo, o do lado esquerdo do observador, de feitura, estilo e técnica semelhante aos azulejos da capela, com a imagem de *São Domingos e de Nossa Senhora do Rosário* e, tendo na cartela inferior, a legenda P.N.A.M.; o outro tem cercadura de composição barroca simples, acusando no estilo de pintura a influência do ciclo artesanal de cerca de 1730-40, representa *São Miguel e as Almas do Purgatório*.

DISTRIBUIÇÃO DOS NÚCLEOS AZULEJARES DOS DISTRITOS DE SANTARÉM A FARO



DISTRITO DE SANTARÉM

CONCELHO DE ABRANTES

ABRANTES

Hospital da Misericórdia

Na antecâmara, escada interior e diversos compartimentos vemos azulejos do tipo de «vasos e golfinhos», em alizares de 10 de alto. Na escada existem também azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas».

A escada exterior tem um painel de 10 × 13 azulejos, recortados, representando uma cena de *São Paulo e a Mulher de Ananias* («Acto dos Apóstolos», 5), tendo ao fundo jogadores de pau.⁽⁸⁹⁹⁾

No pátio, em painel de 10 × 8 azulejos, recortado, vê-se o escudo real português. Na sala do Definitório, alizar de 18 de alto, em redor da sala.

Os painéis representam *Obras de Misericórdia*.⁽⁹⁰⁰⁾

Quinta das Sentieiras

Nos painéis⁽⁹⁰¹⁾ que revestem as paredes laterais da capela-mor vêem-se os brasões dos Sousa Caldeiras e Mouras Mendonças. Fazem parte da ornamentação, enquadrando os motivos centrais, de temática mariana. São dois escudos em cada um dos painéis. A pintura é azul sobre branco, do tipo da época da grande produção, cerca de 1750. Os brasões são «apresentados» por figuras de guerreiros à romana. Do lado esquerdo do observador vemos o brasão dos Caldeiras: três caldeiras na banda e duas flores-de-lis, uma na parte do ângulo direito e outra no ângulo inferior esquerdo. No mesmo painel o escudo dos Mendonças. No painel fronteiro mais dois brasões, respectivamente dos Mouras e dos Sousas.

CONCELHO DE ALCANENA

MINDE

Igreja Paroquial

Na capela-mor o revestimento parietal é de 27 de alto, envolvendo portas e janelas. Composição em azulejo azul, figurado, de desenho e coloração extremamente vigoroso. Do lado do evangelho vemos:

- 1) *Adoração dos Pastores*
- 2) *Adoração dos Magos*

Do lado da epístola:

- 3) *Anunciação*
- 4) *Visitação*

No interior dos nichos que servem de credências, há pequenos painéis de pintura azul, de 6 × 6, com figuras legendadas de S. ROMÃO e S. DIOGO, respectivamente nos lados da epístola e do evangelho. Toda esta azulejaria pode ser atribuída à parceria Oliveira Bernardes, sendo de António a figuração e de Policarpo a parte ornamental. Cronologicamente colocam-se em cerca de 1720.⁽⁹⁰²⁾

(899) O painel foi encomendado em Lisboa, em 1747 (CARVALHO, 2007a, vol. II, pp. 133-144). (CM)

(900) Sobre o programa iconográfico dos azulejos da Sala do Definitório *vide* CARVALHO, 2007, vol. II, pp. 133-144. (CM)

(901) Referidos por SEQUEIRA, 1949, p. 5

(902) Mencionados por SEQUEIRA, 1949, p. 17. (CM)

CONCELHO DE ALPIARÇA

ALPIARÇA

Museu Municipal «Casa dos Patudos»

No muro dos jardins está colocada parte dos azulejos que eram do antigo Convento de São Francisco da Chamusca. São painéis com 7 de alto, incluindo os azulejos do rodapé e 2 do friso superior. A pintura é azul e o desenho do tipo «PMP». Na parte figurada, enquadrada lateralmente por anjos e na parte inferior por volutas, pintaram-se os mais conhecidos passos da Vida de Santo António. Serão azulejos de cerca de 1730.

No muro, que está sob a entrada, foi colocado um silhar de 8 de alto, com painéis de emolduramento policromo concheado, do último período, com medalhão central entre vasos floridos: nos medalhões, paisagem com casario, azenha, pesca, barcos, etc., tudo de cerca de 1755 (?).

CONCELHO DE BENAVENTE

BENAVENTE

Misericórdia, Igreja da

Segundo o *Inventário Artístico* ⁽⁹⁰³⁾ os azulejos vieram do Convento de Jericó, de Arrábidos da Província da Piedade.

Por não se ter conseguido a chave foi impossível a visita. Sabe-se, no entanto, que os azulejos estão na nave, representando cenas marianas. Os centros figurados são azuis e as cercaduras policromas, neoclássicas. Serão azulejos de cerca de 1780-90.

SAMORA CORREIA

Igreja Matriz

A igreja destaca-se do casario da modesta vila, com as suas duas torres laterais e a sua fachada voltada ao largo principal da terra, fazendo face ao antigo Palácio da Casa do Infantado. Pelas suas dimensões pode considerar-se um templo invulgarmente grande, simples de ornatos, acusando aquele tipo de construção robusta dos finais do século XVII. O interior, de uma única nave, impõe-se apenas pelo extraordinário revestimento de azulejos.

As paredes são totalmente revestidas de cerâmica até à cornija, sem exceptuar os tímpanos, sobrearcos, vãos de portas e janelas, etc., de tal maneira que apenas a silharia é visível.

Trata-se da azulejaria do primeiro quartel do século XVIII, muito próxima de 1721, data que se lê no lavabo da sacristia. O revestimento tem especial interesse, não só pela invulgar profusão como pelo arranjo decorativo, de tipo misto. Assim, a partir do pavimento (no corredor da igreja) tem um primeiro silhar de vasos, de 6 azulejos de altura. Seguem-se, enquadrados com cercaduras de volutas, grandes troços parietais de padrão azul, de desenho largo, no género dos da Graça em Évora, com 18 azulejos de altura.

Acima destas composições corre, nas duas paredes laterais e ao fundo, de cada lado do coro, um friso figurado, de 10 azulejos de altura, apenas se conservando completo o do lado da epístola, e no qual se vêem várias passagens da Vida de Santiago. ⁽⁹⁰⁴⁾ Na parede do lado oposto existem apenas restos deste friso, estando espaços sem azulejos pintados de cor neutra.

(903) SEQUEIRA, 1949, p. 19.

(904) Sobre a iconografia de São Tiago *vide* MONTEIRO, 1992, p. 27. (CM)

Segue-se, em altura, uma primeira cornija de silharia, de moldura simples. Acima desta continuam os azulejos, desta vez em grandes painéis figurados, colocados nos intervalos entre as janelas superiores. São ao todo dez quadros, três em cada parede e os restantes nos topos. Representam conhecidas cenas marianas, e nem todos estão perfeitos. Por fim, sobre o arco triunfal, formando tímpano, há ainda revestimento de azulejos, apresentando a *Eucaristia* e, do lado oposto, sobre o arco do coro, mostra-se uma alegoria ao *Cordeiro Místico*.

Trata-se de trabalho oficial de discípulo directo dos Bernardes, o que se reconhece pela técnica de pintura e arranjo da composição. Julgo que se trata do mesmo autor dos azulejos da Igreja de Santa Cruz em Santarém, datados de 1723, ou seja, o monogramista PMP.⁽⁹⁰⁵⁾⁽⁹⁰⁶⁾

É curioso notar que um dos painéis marianos – o que representa a *Visitação* – é diferente de todos os outros, de pintor diferente e muito inferior tanto técnica como artisticamente. Destaca-se, pela graciosidade da composição e tratamento das figuras, o painel que representa a *Anunciação*.⁽⁹⁰⁷⁾

O terramoto de 1909 danificou muito os azulejos, tendo caído a maior parte do friso do lado do evangelho. Nas obras de reconstrução que se seguiram procurou-se, desastrosamente, remendar alguns painéis, misturando os azulejos.

A capela-mor – onde se destaca o retábulo e trono de talha, com um interessante sacrário esférico – tem as paredes também forradas de azulejos historiados, sobre silhar ornamental do tipo de «anjinhos». Todas as composições são emolduradas com cercadura idêntica, do tipo de folhagens simples.

A sacristia tem silhar de vasos, idênticos ao da igreja.

CONCELHO DO CARTAXO

CARTAXO

São João Baptista, Igreja Matriz de

Na capela-mor estão as paredes laterais cobertas com silhar de 18 azulejos de alto, pintura azul, desenho vulgar. O painel do lado do evangelho representa o *Precursor Pregando a Um Grupo de Camponeses*. À esquerda do painel, um rio e umas ruínas. O painel fronteiro apresenta a *Degolação de São João Baptista*, vendo-se ainda, no palácio, o Rei Herodes, que se diverte vendo dançar Salomé. No grupo da direita um algoz entrega a cabeça de São João, que Herodíade leva num prato. Ao fundo vê-se uma paisagem com um relógio de torre marcando meio-dia.

Os ornamentos já acusam concheado. Sobre as portas laterais, guarnição com anjinhos. Estes azulejos devem datar de cerca de 1740.

CONCELHO DA CHAMUSCA

CHAMUSCA

Casa dos Viscondes de Santa Margarida, Capela da

O conjunto do altar é de grande beleza, na sua simplicidade. O altar tem frontal azulejado, de $6\frac{1}{2} \times 10$, pintura azul, com sanefa e sebasto de folhagens irradiando da cartela central. O pano é constituído por um painel de cartela, ocupando todo o campo e tendo

(905) Numa primeira visita que fiz a Samora Correia fui recebido pelo Rev. Padre Tobias, pároco da freguesia, o qual tinha em seu poder um velho livro de «receita e despesa» da igreja. Ali está registada uma verba (pouco legível) em 1724 e referente a assentamento de azulejos, não se dizendo a quais respeita.

(906) Opinião partilhada também por José Meco (MECO, 1985, pp. 51-52; PEREIRA, 1989, p. 364) e por Vítor Serrão (SERRÃO, 2003, p. 222). (CM)

(907) O actual prior de Samora Correia (Janeiro de 1959) informa-me que o painel da *Visitação* é recente, isto é, colocado depois do terramoto de 1909.

ao centro a figuração de um franciscano ajoelhado, a quem aparece Nossa Senhora da Conceição. Sobre a figura do frade corre a legenda: *Dignare me, Taudare te Virgo Sac...* O retábulo-nicho é rodeado e forrado com azulejos do mesmo tipo e época – pintura azul com anjos e querubins. No centro, o nicho de azulejos faz de auréola irradiante. Trabalho típico de cerca de 1750.

Misericórdia, Igreja da

Na nave, alizar de azulejos ornamentais de tipo marmoreado do fim do século XVIII.

Nossa Senhora do Pranto, Capela de

Pequena capelinha no alto do monte. No corpo, azulejos curiosíssimos de figura avulsa, azuis, e silhares de vasos, dos fins do século XVII ou princípios do XVIII. Os azulejos avulsos são dos mais primitivos que tenho visto: flores e pássaros, com cantos de estrela.⁽⁹⁰⁸⁾

Na capela-mor e sacristia há revestimento de painéis historiados, azuis, de cerca de 1740, com figuração vulgar. Na capela-mor vemos a *Circuncisão* e o *Menino entre os Doutores*.

Anexa e integrada na Capela de Nossa Senhora do Pranto está a Capela de São José. Aqui, as paredes laterais e fundeira estão totalmente forradas com grandes painéis figurados azuis, que têm 19 de altura. Nos painéis vêm-se cenas relacionadas com a Vida de São José: *Casamento*, *Aparição do Anjo a São José*, *São José Trabalhando na Oficina*, *Nascimento do Menino* e *Glória da Sagrada Família*. Notáveis as ornamentações dos emolduramentos, com elementos barrocos e primeiros elementos do *rocaille*, de cerca de 1745.⁽⁹⁰⁹⁾

São Pedro, Capela de

Só na capela-mor há revestimento parietal até à sanca: a pintura é azul, em painéis compartimentados por barra de folhas encurvadas, com carrancas de leões aos cantos. Os centros figurados têm *cartouches* centrais, de molduras simplificadas por *feronnerie*, desenho muito tosco do princípio do século XVIII e com passos da Vida de São Pedro.

CONCELHO DE CONSTÂNCIA

MONTALVO

São João Baptista, Ermida de

No átrio de entrada silhar de 10 de alto, com azulejos de cerca de 1740. São do tipo de vasos e anjos com cercaduras de acantos. Na parede fundeira, ao lado da porta que dá para o corredor, «porteiro» recortado,⁽⁹¹⁰⁾ colocado cinco azulejos acima do silhar.

Na capela-mor, vemos um enorme painel tipo registo, de 7 × 14 azulejos, com a *Crucificação*. Já dentro da casa nobre, silhar de 7 de alto com azulejos de tipo «grinaldas», com medalhões centrais, desenhados a azul com chinesices. Desta mesma época serão os azulejos de padrão «D. Maria», que guarnecem os quartos de dormir, em silhares de 8 de alto.

Ainda na capela, sobre a porta que dá para a sacristia e na parede fronteira, dois painéis de 7 × 5 azulejos. O primeiro representa N.^a S.^a / DA DORES e, o segundo, S. ANTÓNIO.

(908) Segundo informação fornecida em Março de 1963 pelo Senhor Manuel Carvão Guimarães, no Extracto dos livros da Confraria de Sant'Ana existente no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia foram em número de mil os azulejos que se compraram para forrar as paredes laterais da nave. Como se tratava de peças fabricadas em série custaram metade dos da Capela de São José: cinquenta réis cada uma. J. M. SANTOS SIMÕES

(909) Pela mesma fonte de informação fomos informados que em 1745 foram forradas as paredes com quadros de azulejos com motivos do Marido da Virgem. Eram 2730 que custaram o tostão cada, excluindo os 47 alizares. J. M. SANTOS SIMÕES

(910) Para uma visão de conjunto sobre a produção e significado das figuras de convite vide ARRUDA, 1993, p. 123. (CM)

CONCELHO DE CORUCHE

CORUCHE

Casa do Monte da Barca

Nesta casa – 5 quilómetros a sul de Coruche – existem azulejos nas salas e na capela. No piso principal têm particular interesse os silhares das salas centrais, normalmente com 7 de alto, de padrões pós-pombalinos, em combinações pouco vulgares. Na sala do norte o silhar figurado é azul, com assuntos profanos e cercaduras concheadas rococó. Na escada, azulejos de padrão pombalino, também pouco corrente, com guarnições marmoreadas azuis e pilares no patamar. A capela tem silhar liso, de 13 de alto, pintura azul e representação mariana: *Nascimento, Apresentação, Anunciação, Casamento*. O molduramento é concheado rococó, com anjinhos separando painéis. São particularmente interessantes as cartelas ornamentais e o emolduramento do painel da *Anunciação*, com as suas dissimetrias rococó, se bem que os elementos ainda estejam presos aos anteriores concheados. Estes azulejos e os da sala serão de cerca de 1770; os restantes de cerca de 1790.

CONCELHO DE FERREIRA DO ZÊZERE

BECO

Santo Aleixo, Igreja Paroquial de

Esta igreja, uma das que a Ordem de Cristo mandou fazer em algumas das suas comendas da mesa mestral, impõe-se pelo tamanho mais do que pelos mimos artísticos. Quase abandonada de cuidados, espera que o tempo se encarregue de lhe provocar a ruína ou, o que não parece vislumbrar-se, que os paroquianos decidam fazer-lhe as obras que merece. Apenas tem azulejos na capela-mor, mas aqui o forro parietal atinge na verdade proporções pouco comuns. O revestimento tem 43 de altura e está dividido em quadros de pintura azul, separados por emolduramento vulgar de folhagens e anjinhos. Do lado do evangelho figuraram-se passos da Vida de Abraão e, bem assim, espelhou-se nos azulejos a janela que lhe fica fronteira. Do lado da epístola os quadros representam a Vida de Moisés. A pintura e o desenho são muitos correctos e acusam o labor do artista, que não deixou muitos trabalhos. Podem colocar-se entre 1730-40 e é, certamente, o mesmo que pintou os azulejos da Capela da Sagrada Família, da Frazoeira.

FRAZOEIRA

Casa do Dr. José Real, Capela da

Revestimento de 22 de alto, formando painéis que assentam sobre silhar de anjinhos trombeteiros (do tipo dos da Igreja do Beco). Os painéis, cercados de folhagem, representam *Santa Maria Madalena, Santo Onofre* (ONOFRIVS), *São Bento* e *Santa Genoveva*. O conjunto está bastante mutilado. O desenho é medíocre. Na verga da porta da capela está a data 1766; deve tratar-se de obra posterior à fabricação dos azulejos, que devem datar de cerca de 1740.

Sagrada Família, Capela da

Adossada à fachada da casa nobre que dos Meireles passou, por herança, aos Viscondes de Tinalhas, está a capela privativa da casa, aberta para a via pública. No interior, formado pelo corpo e pela capela-mor, encontram-se os azulejos que recomendam esta capela e que forram as paredes em grandes painéis de pintura azul, numa

altura de 21, tendo as três fiadas inferiores cheias com azulejos de figura avulsa. No corpo da igreja contam-se oito painéis, todos legendados e referentes a outros tantos santos:

- 1) S. BRVNO
- 2) S. FRANCISCVS DE PAULA
- 3) S. BASILIVS
- 4) S. BERNARDVS
- 5) S. HIERONIMVS
- 6) S. EFRPHERM (sic) POR S^{to} Efremo
- 7) S. PAVLVVS SIMPLEX
- 8) S. FVLGENCIVS

Na capela-mor os quadros representam, respectivamente:

- 1) *São João Baptista Pregando*
- 2) *São João Evangelista Escrevendo sob a Inspiração de Nossa Senhora da Conceição*

O desenho e a pintura acusam trabalho de um bom artista, formado na escola dos Bernardes, e do qual não se conhecem outros trabalhos além do que se encontra na Igreja Matriz do Beco. Estes azulejos devem ser de cerca de 1740, se bem que, na fachada do solar, esteja inscrita a data de 1748, provavelmente a do final das obras de construção.

CONCELHO DA GOLEGÃ

GOLEGÃ

Igreja Matriz

Na capela-mor vemos os azulejos que aqui foram colocados nos princípios do século XVIII, e que estão nas paredes laterais do primeiro tramo. Cobrem-na toda, tendo os painéis representações da *Ceia* e do *Lava-Pés*.

Na parte superior a *Assunção e Coroação da Virgem* e ainda os *Quatro Evangelistas*, em corpo inteiro. Os enquadramentos são de folhagens.

A servir de retábulo da capela-mor, colocou-se quando das obras recentes, parte de um dos paramentos arrancados da Igreja da Graça, de Santarém, o que nos conta a *Visão de Santa Rita*.

CONCELHO DE SALVATERRA DE MAGOS

MUGE

Palácio dos Duques de Cadaval

Teve esta casa bastantes azulejos que foram arrancados há alguns anos. Do que resta vimos, à entrada da capela, um registo de 9 × 10 azulejos representando *Nossa Senhora da Glória*. A parte superior do painel está incompleta e, na parte inferior, está a data de 1769. O registo é de tipo recortado e tem a legenda:

N. S. DA GLORIA / SITA NESTA ERMIDA / ANNO 1769⁽⁹¹¹⁾

No interior da capela há alguns azulejos de vasos com escamas e pássaros de flor no bico. As cercaduras são modernas, assim como outros do mesmo tipo, espalhados pela capela.

(911) Vide SEQUEIRA, 1949, p. 60.

SALVATERRA DE MAGOS

Casa Freire

Na casa nobre da família Freire encontra-se um belo núcleo de azulejos, possivelmente de duas épocas, correspondendo a outras tantas fases de construção. Os mais antigos, de cerca de 1745, estão na planta baixa, e correspondem aos tipos ornamentais desse período, de pintura azul. São mais notáveis os azulejos da escadaria e das salas do andar nobre, todos pós-Terramoto, e de mais de um modelo.

Na escada propriamente dita, e ainda nos salões, estão azulejos ornamentais, do tipo «Necessidades», isto é, emolduramentos concheados rococó, a azul-escuro e centros a azul-claro.

Noutros salões os silhares são do tipo convencional de molduramento concheado policromo e centros figurados a azul.

É um conjunto notável de decoração civil, que bem pode ter sido feito na Fábrica do Rato ou na da Bica do Sapato.

Misericórdia, Capela da

Pequeno templo, notável pela pintura dos tectos e pelo revestimento azulejar.

Na nave as paredes estão cobertas com painéis seguidos, de cabeceiras recortadas, tendo 16 azulejos de maior altura. Os emolduramentos são concheados, policromos, com pilastras marmoreadas separando os painéis.

Cada painel figura um passo mariano e está identificado com cartelas legendadas. Aqui a sucessão dos quadros não obedece à ordem convencional, o que parece ser motivado pelo facto de se terem alterado as relativas posições. Assim, do lado do evangelho, temos: *Adoração dos Pastores*, *Visitação*, *Anunciação* e *Apresentação no Templo*. Do lado da epístola, *Adoração dos Magos* e o *Menino entre os Doutores*.

São azulejos de Lisboa, dos tipos que se fabricavam cerca de 1770.

No recesso do camarim do Senhor dos Passos há azulejos de vasos e golfinhos, misturados com outros de padrão pombalino.

São Paulo, Igreja Paroquial de

Na nave, silhar de 15 de alto, organizado em painéis contínuos de vasos e golfinhos (6 × 5), com sua barra de folhas encurvadas. Abaixo dos painéis há uma base ornamental com 5 azulejos de altura constituída pela sucessão de pilastras.

Na capela-mor, as paredes laterais estão revestidas em 18 de alto por quatro painéis de pintura azul e enquadramento concheado. A figuração é de desenho pouco correcto e representa passos bíblicos ligados a Moisés: *Arca da Aliança*, *Tábuas da Lei*, *Serpente de Bronze* e *Visão do Sol*.

Na capela lateral do lado da epístola o silhar tem 8 azulejos de altura e é do tipo comum de vasos e anjinhos. Toda esta azulejaria é coeva, de época centrada em 1745.

CONCELHO DE SANTARÉM

ALMEIRIM

Palácio dos Marqueses de Alorna

No átrio de entrada azulejos de «vasos e golfinhos», em silhar de 6 de alto, de cerca de 1720-30.

Na escada que vai do átrio para o primeiro piso, silhar de 6 de alto com painéis figurados, de cabeceiras lisas. Os centros representam çaçadas e os azulejos serão de cerca de 1760-80.

Estes painéis continuam a escada até ao 2.º piso. Os painéis seguem perfeitamente a escada, tendo certamente sido feitos para este local.

No salão nobre o silhar tem a mesma altura, aqui com cabeceiras lisas e centros de panóplias. Os fundos dos painéis representam guerras e acampamentos guerreiros. Parecem azulejos de cerca de 1760. Na capela o silhar é de cenas frívolas, em 9 de alto, da mesma época dos anteriores. Na sacristia, porém, os azulejos são de figura avulsa e cercaduras de acantos, talvez da época dos vasos, do átrio.

ALMOSTER

Santa Maria, igreja do antigo Convento de

Na Casa do Capítulo, alizar de «vasos e golfinhos», com azulejo de «estrelinhas» dos princípios do século XVIII.

RIBEIRA DE SANTARÉM

Santa Iria, Igreja de

Na sacristia foram instalados, cerca de 1725-30, silhares de azulejos, figurados, de pintura azul, ilustrando passos da Vida de Maria.⁽⁹¹²⁾

ROMEIRA

São Brás de Casais, Igreja Paroquial de

Nos altares e na capela-mor colocaram-se, no meado do século XVIII, azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas» e de «albarradas», azuis, de modelo 4 × 4, vulgares.

SANTARÉM

Asilo (antigo Convento das Capuchas)

Na sacristia, silhar de azulejos avulsos, de «estrelinhas», de desenho tosco.

Na antiga portaria, painel com as armas franciscanas, em azul vivo.

Na sala de visitas, silhar baixo, azul, historiando cenas e ermitões, do século XVIII.

Cemitério, capela do

A sacristia actual desta capela pertencera já ao Convento dos Capuchos. Num dos topos interiores tem uma inscrição pintada, que reza:

NO ANNO DE MDCCXXX
FOI FEITA ESTA SACRISTIA
POR MANOEL MARTINS SIN
DICO DESTE CONVENTO
NAMESMA IAS
SEPULTADO

Nas paredes da sacristia foram colocados azulejos vindos de outros locais do antigo convento. Há, no entanto, alguns que se me afiguram terem sido feitos para aqui e que são, também, os mais belos. De facto, eles casam-se perfeitamente com os vãos das portas e janelas, cantos e parede testeira, não acusando sinais de trasladação. Estes azulejos pareceram-me, de princípio, modernos. Observando melhor reparei que seriam da época da sacristia. São azuis, de 10 mm. No topo da sacristia há um grande painel, de 18 × 12, com o *Nascimento da Virgem*.

Nos vãos das duas janelas há painéis respectivamente com os *Desponsórios e Apresentação no Templo*. No resto da sacristia vemos ainda a *Visitação, Anunciação, Conceição e*

⁽⁹¹²⁾ No *Inventário Artístico de Portugal* diz-se que são «semelhantes aos da capela grande do Hospital de Cristo», ou seja, a antiga capela da Ordem Terceira de São Francisco, na cidade. A semelhança é de admitir apenas no que respeita a «tipo» e não ao autor (SEQUEIRA, 1949, p. 82).

J. M. SANTOS SIMÕES

Ascensão. Nos cantos, imitando pilares, há oito guarnições encimadas por anjinhos segurando pendões, onde se lêem as divisas marianas. Faltam aqui os remates superiores dos pendões.

O desenho e a pintura destes azulejos são notabilíssimos e revelam-me um artista novo! Em vão busquei nos azulejos qualquer assinatura, mas apenas num dos pendões dos anjinhos tem escrita a palavra: *oliua*. Se de facto estes azulejos são de 1730, acusam provavelmente a melhor época da pintura de azulejo em Portugal. É um trabalho comparável com o de António de Oliveira Bernardes, em Braga, e de Policarpo de Oliveira Bernardes, em Setúbal.

No espelho das janelas há ornatos de folhagem emoldurando medalhões. Nas restantes paredes há azulejos que foram para aqui trazidos do convento. São estes já da segunda metade do século XVIII, de mau desenho e péssima técnica. Representam *Milagres de Santo António*.

Direita n.º 120, Rua

Numa escada do pátio há um silhar de azulejos azuis, de cestos e figura avulsa de «estrelinhas» avultando ainda a figura de um «porteiro» recortado, de meado do século XVIII.

Direita n.º 183, Rua

No átrio, azulejos do tipo «vasos», de cor azul.

Graça, Igreja da

Os azulejos que forraram a parede da capela do transepto, contando passos da Vida de Santa Rita, foram fraccionados estando a parte superior a servir de retábulo (?) na Matriz da Golegã e a parte inferior na capela lateral (capela da família Barbosa e Patrocínio) da mesma Igreja da Graça, também servindo de retábulo (?).

José Queiroz, que ainda viu estes azulejos, escreve, no seu livro de *Apontamentos* n.º 17, o seguinte: «Os azulejos que revestem o corrimão da escada que dá acesso à nave da igreja são de cores de boa composição, silvados, flores, pássaros que sustentam festões e ornatos. No corrimão do lado direito um triângulo com a data 1771.»⁽⁹¹³⁾

Capela do lado da epístola – antiga Capela das Almas. As paredes, de altura de doze metros aproximadamente, são revestidas de azulejo azul. Como composições, como desenho e como cor são do melhor que tenho visto e não se compreende que se possa fazer melhor. São verdadeiramente monumentais, muito do princípio do século XVIII. Há cerca de oito anos ainda a monumental decoração se podia ver e apreciar; hoje não acontece assim! Para estabelecerem aqui o Senhor dos Passos, actual padroeiro da Graça, destruíram o pórtico das Almas e construíram no meio da capela um camarim em madeira em que gastaram 200\$000, repetindo o que lhe fica em frente que é de pedra e que faz fundo à Capela de São Nicolau. Deste modo o sacrilégio é em dobrado, pois que além de estragarem parte do azulejo quando arrancaram o pórtico antigo pejaram todo o recinto, tirando todo o ponto de vista e gastando dois centos de mil réis, que qualquer pessoa de bom gosto e respeito por estas obras de arte daria por ver à sua vontade essa magnificência que me parece não ter rival no azulejo português. Atitude tanto das figuras alegóricas, como a dos motivos dominantes são em geral de tamanho natural».

Largo do Colégio, n.º 31

O prédio foi da família Lobo de Ávila.

No andar nobre todos os compartimentos, incluindo a escada, têm lambril de azulejos. Numa sala o alizar é de 7 azulejos de altura, um dos quais – o rodapé – está pintado a óleo.

(913) Vide também: QUEIROZ, 1907, p. 261 ou QUEIROZ, 1948, vol. I.

São do tipo de grinaldas, ostentando oito brasões de armas de Ribeiro Teles, inscritos em cartelas ovais, com paisagem, pássaros e flores. Os azulejos são de fabricação lisboeta, de cerca de 1795-1800, do tipo vulgar chamado da «Bica do Sapato», policromos, desenho pouco cuidado, com amarelos, azuis, manganês e verdes de dois tons.⁽⁹¹⁴⁾

Nas outras salas, corredores e escadas os silhares são de azulejos de padrão da mesma época, vulgares.

Largo do Seminário, n.º 22

Na escada, silhar de azulejos de almofada dos fins do século XVIII ou princípios do XIX. Há uma parte do silhar de moldura *rocaille* manganês, centro azul, da mesma época. Ainda na escada vemos um painel que foi aproveitado de um silhar de uma sala, que se desmanchou.

Misericórdia, Igreja da

No pátio, sobre a porta, registo azul com *Nossa Senhora da Conceição*.

Na Sala das Sessões, silhar de 10 de alto, ao longo das paredes e em toda a volta da sala, com cerca de 1800 azulejos. A cercadura é roxa e verde, e os centros (com ornatos verdes, representando mochos) ostentam quatro medalhões azuis historiados, representando as *Obras de Misericórdia*.⁽⁹¹⁵⁾ Assim:

- 1) *Enterrar os Mortos e Consolar os Presos*
- 2) *Visitar os Doentes*
- 3) *Dar de Beber e Dar de Comer*
- 4) *Dar Asilo aos Peregrinos e Roupas a Quem Está Nu*

O tipo de azulejos acusa época de cerca dos finais do século XVIII, se bem que alguma da indumentária representada pareça indicar que os cartões eram de data anterior. É um conjunto muito interessante pela sua originalidade de composição e coloração.⁽⁹¹⁶⁾

Museu

Da azulejaria exposta do século XVIII vemos:

- 1) Azulejaria de figura avulsa, de pintas.
- 2) Grande painel com *Santo António*. Cercadura de folhagens, azul, da segunda época e com legendas em espanhol.
- 3) Restos de silhares historiados da terceira época.
- 4) Resto de um silhar de vasos azuis.
- 5) «Porteiro» da última época do século XVIII, que veio da casa de Sá da Bandeira.⁽⁹¹⁷⁾

Ordem Terceira de São Francisco, Igreja da

As paredes da capela estão cobertas de azulejos até à altura de 19 azulejos. São, ao todo, seis grandes e quatro mais pequenos, entre as portas e os altares laterais.

A iconografia é franciscana, a pintura azul de desenho ingénuo.

Os painéis propriamente ditos, com cercadura de 2 azulejos de largo, têm 10 azulejos na altura e variam de largura consoante as superfícies. Assim, à direita da porta de entrada, têm 13 de largo e representam *São Francisco Deitado numa Roseira* e a inscrição:

(914) Sobre o conjunto do edifício situado na Praça Sá da Bandeira, também atribuído à Fábrica do Rato, vide HENRIQUES, 2003, p. 466. (CM)

(915) Para uma descrição completa do programa iconográfico dos azulejos vide CARVALHO, 2007a, vol. II, pp. 247-254. (CM)

(916) Conjunto atribuído pelo historiador José Meco ao pintor Francisco Jorge da Costa (MECO, 1985, pp. 72-73). (CM)

(917) Conjunto também referenciado por Luísa Arruda no seu estudo sobre as figuras de convite (ARRUDA, 1993, p. 123). (CM)

FRANCISCUS VENCRIŠ STI-
MVLO DIRISSIME PVNCTVS
VOLVITVR IN SPINIS COMPERIT
ESSES ROZAS

À esquerda vê-se *São Francisco Salvando as Almas* que emergem, nuas, do fogo do Purgatório. A inscrição reza:

PROVENITE CELO FILIOS
FRANC SCVS AIGNE
NT IOLAT T...
(o resto da inscrição é ilegível).

Do lado do evangelho, no corpo da capela, o primeiro painel tem $\frac{1}{2} + 20 + \frac{1}{2}$ de largo e representa *São Francisco Recebendo Um Jovem Passarinheiro*, seguido de um cão:

REDDIT IMOTVRTVRGE
ITVS DEPÉCATORE RISTE
HVNC PATER INDE SINES
SVSCIPIT IPSE SVO

Em frente, do lado da epístola, *São Francisco Deitado sobre Brasas* aponta para uma dama ricamente vestida e coifada com *fontange*:

FRIGERAT IPSE PATER MEDIO
DVM VOLVITVR IGNI
NIL MIRVM = ILESO SOLVS
ABIGNE CALET

Segue-se, do lado do evangelho, os painéis estreitos, apenas com 2 azulejos de largo, entre cercaduras e com figuras da CHARIDADE e OBEDIENCIA; a primeira amamenta uma criança a cada seio e deixa cair moedas das mãos a dois mendigos. A segunda traz um jugo sobre os ombros. Em frente, do lado da epístola, as figuras da PACIENCIA e ORACAM; a primeira está sentada, com grilhetas nas mãos e nos pés, enquanto que a outra está ajoelhada, com as mãos sobre o peito e véu na cabeça.

Junto ao altar-mor, do lado do evangelho, painel de $\frac{1}{2} + 24 + \frac{1}{2}$ de largo, com *São Francisco Sentado num Trono*, tendo ajoelhados, à sua esquerda e direita, respectivamente um rei e uma rainha, fidalgos e povo (todos com escapulário), um papa, um cardeal, um bispo, clérigo e freiras.⁽⁹¹⁸⁾ São Francisco mostra uma carta onde se lê:

LXXI

QVICVMQUE
HANC
REGVLAM
SECVVIT
PAX SUPER
ILOS, ET
MISERICORDIA

(918) O painel alude à *Instituição da Venerável Ordem Terceira de São Francisco*. Sobre o mesmo tema são muito curiosos, na azulejaria portuguesa do século XVIII, dois painéis de Nicolau de Freitas, na capela-mor da Igreja dos Terceiros de São Francisco, em Braga. FLÁVIO GONÇALVES

A tabela do friso tem nova inscrição:

TERTIVS INSVRGIT VA=
RIIS DEGENT IBVS ORDO
SIC FVLGENTE NITIDO
SIDERAMULTA POLO

Em frente, o painel de iguais dimensões apresenta a *Estigmatização de São Francisco*, vendo-se, à direita, ermitões e, à esquerda:

TV NE DEVS NON; SED MANIBV
PIA STIGMATA CHRISTI
GESTAS ISCHRIS TVS. NON VTRISVQUE TIPVS

Abaixo dos painéis e correspondendo a cada um, corre um friso ornamental de outra fabricação, mas certamente coevo. Em um deles (sob o painel da *Estigmatização*) vê-se uma batalha naval, à vista de uma fortificação com bandeira portuguesa. Um dos barcos tem a bandeira portuguesa e outro, a afundar-se, a bandeira turca. Serão azulejos de cerca de 1720, talvez de PMP.⁽⁹¹⁹⁾

No átrio do hospital, silhar de vasos, de duas épocas, princípios do XVIII e fins do XIX. Na escada, silhar de azulejos avulsos, sem cantos.

Em cada uma das capelas laterais há um silhar, de cada lado do altar, com anjos de corpo inteiro e tamanho natural. Nem todos são da mesma fabricação e época, sendo os das capelas do lado do evangelho mais velhos – cerca de 1730. Os restantes serão de cerca de 1740. Há também azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas» e «vasos e golfinhos».

No transepto e capela-mor silhar de grinaldas, com emblemas da *Paixão*, dos fins do XVIII.

Quintal (em frente de Santo Estêvão)

Na escada desta propriedade foi colocado um friso de azulejos azuis, historiados, com ermitões, do segundo quartel do século XVIII.

Santa Cruz, Igreja de

Na casa conhecida por Casa da Irmandade, encontra-se um belo silhar de 19 azulejos de alto, azuis historiados. Estão os azulejos genericamente datados, segundo se lê na inscrição:

ESTA OBRA FOI FEITA EM O ANNO DE 1723⁽⁹²⁰⁾

Hoje vêem-se sete painéis, tendo talvez desaparecido parte de outro. Os motivos são ilustrações do Antigo Testamento, a saber:

- 1) *Trazeime apoz de vos correremos para o cheiro dos vossos unguentos. Cant I*
- 2) *Tapai-me os olhos para não verem a vaidade. Psalm 18*
- 3) *A minha lama se derrete quando o meu amado me fala. Canto 5*
- 4) *Como havemos cantar cântico a deus na terra albeia. Psalm 136*
- 5) *Achei o meu amado tenho o seguro não o largarei. Cant 3*
- 6) *Animame com flores, fortalece-me com fructo que de amor me desmaio. Cant. 2*
- 7) *Aquele a quem eu amo a elle a mim se apascenta entre os lírios. Cant. 2*

Estes azulejos acusam características que os permitem atribuir ao monogramista PMP.⁽⁹²¹⁾

(919) Único conjunto documentado do pintor lisboeta Manuel de Oliveira, em 1717 (SERRÃO, 2003, p. 224). (CM)

(920) BNL, 1927, p. 364; CARDOSO, 1936, p. 9; SEQUEIRA, 1949, p. 83; SANTOS, 1957, p. 125; AA. VV., 1963, p. 15.

FLÁVIO GONÇALVES

(921) A inclusão dos painéis de Santa Cruz na obra do Mestre PMP merece consenso entre os historiadores (MECO, 1989, p. 227; PEREIRA, 1989, p. 364; SERRÃO, 2003, p. 222). (CM)

Santa Maria de Alcáçova, Igreja de

Silhar de azulejos dos fins do século XVIII, tipo esponjado e de festões. Em medalhões centrais, azuis, emblemas marianos.⁽⁹²²⁾

São Nicolau, Igreja de

Numa capela lateral – de Nossa Senhora de Fátima –, restos de um pequeno silhar de cercadura policroma e centro azul, dos fins do século XVIII.

Seminário

No corredor cerca de três troços de silhar de 9 de alto, azuis, historiados, com cenas bastante variadas. É particularmente interessante aquela onde um ferrador se acha junto de uma fonte barroca.

LXXI

No átrio, do 1.º piso, onze painéis de 9 de alto com cenas de guerra.

SÃO VICENTE DO PAUL

São Vicente, Igreja Paroquial de

A igreja deve ter tido painéis de azulejos do século XVIII, dos quais apenas se salvaram alguns restos, recente e criteriosamente colocados na parede fundeira da nave. Eram representações da *Adoração dos Pastores* e *dos Magos*, tendo-se respeitado os azulejos em falta, os quais foram substituídos por azulejos brancos e lisos.

VALE DE FIGUEIRA

São Domingos, Igreja Paroquial de

Esta igreja foi, de certo modo, a herdeira material do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus, de Vale Figueira, de Franciscanos Arrábidos, fundado no século XVII por D. Henrique de Portugal e sua mulher D. Ana de Ataíde, falecida em 1625.

Propriamente pertencentes à igreja são os azulejos da capela-mor, em revestimento parietal de 24 de alto, azuis, figurados, compostos em dois grandes painéis representando:

- 1) *Encontro de São Francisco com São Domingos*
- 2) *Aparição de Cristo e da Virgem aos mesmos Santos*

Neste último painel, a figura de *Cristo* aparece entre as nuvens brandindo um feixe de raios, inspirado manifestamente em gravura representando *Júpiter*. É trabalho de artífice medíocre, de alguma oficina menor de cerca de 1720, mas onde é notória a influência do ciclo artesanal de António Pereira.

Na nave, silhar de 14 de alto, de vasos floridos com anjos, azuis, vulgares e, na parte superior, dois painéis azuis de 12 × 6 com anjos. Estes azulejos parecem ter vindo, juntamente com outros, do velho convento. Os restos truncados podem ver-se na parede fundeira da igreja.

CONCELHO DO SARDOAL

SARDOAL

Convento, igreja do antigo

Na igreja propriamente dita há um pequeno revestimento de azulejos, do lado do evangelho, junto do altar colateral forrando um dos três lindos retábulos. Este, datado de 1670, é notabilíssimo, com suas quatro pinturas em cobre na parte inferior e mais três na parte superior.

(922) Sobre o conjunto, datável dos anos de 1800-10, vide HENRIQUES, 2003, pp. 478-479. (CM)

Os azulejos são de pintura azul, com 10 de alto, de anjinhos e emolduramento concheado, enquadrando um nicho, provavelmente de um antigo comungatório.

À entrada da igreja, sob a galilé, está à direita a Capela do Senhor dos Passos, com silhar azulejado, recortado, de pintura azul, em painéis com passos da *Paixão* e anjinhos portadores de instrumentos do martírio.

Misericórdia, Igreja da

Na nave, silhar de 14 de alto, com «vasos e anjinhos», certamente do meado do século XVIII. O rodapé é esponjado, e os remates superiores feitos com balaústres.

Todo o arco triunfal é revestido com azulejos de padrão azul e cercadura de 2 azulejos de folhas de acanto. No centro, 1 azulejo manganês tem pintada uma caveira.

A capela-mor é admirável, sendo toda ela revestida de azulejos. Do lado direito encontra-se o notável painel, de pintura azul, representando a cena do *Lava-Pés*. O painel é cercado por moldura lisa, de tipo arquitectural, com tons de roxo. Na base, encontra-se outro painel, este de tipo frontal, com sanefa franjada e sebastos de acantos. O centro é de medalhões. Tanto a janela como a porta da sacristia são espelhadas em azulejos, com azulejos da mesma cor roxa.

É um conjunto bastante interessante, que se me afigura bastante recente, talvez de cerca de 1770.

Nossa Senhora dos Remédios, Capela de

Junto à Igreja de Santa Maria, na parte exterior, está a pequena capela que é forrada interiormente por um silhar recortado, de azulejos azuis, do meado do século XVIII.

A altura é de 12 azulejos e os centros mostram cenas jesuínas.

Santa Maria da Caridade, Igreja de

Era um antigo convento franciscano. Na igreja está o túmulo do 1.º Arcebispo da Baía, Primaz do Brasil, D. Gaspar Barata de Mendonça, falecido em 22 de Dezembro de 1688. Apenas há azulejos num altar lateral, sem interesse. Serão do meado do século XVIII, ornamentais, com anjos.

São Tiago e São Mateus, Igreja Matriz de

Na capela-mor, as paredes laterais, incluindo o interior do arco triunfal, estão cobertas de azulejos, numa altura de 15 para o lambril e 24 para os painéis historiados.

Na parte inferior – lambril –, entre as portas laterais, estão dois painéis com ermitões e peregrinos de São Tiago, figuração contida por cercadura. Acima, estão os grandes painéis historiados sendo, o do lado do evangelho:⁽⁹²³⁾

- 1) *Aparição de Nossa Senhora do Pilar a São Tiago*

Do lado da epístola:

- 2) *São Tiago, a Cavallo, Combatendo os Mouros*

É notável o desenho e a cor, de belo azul, assim como o emolduramento.

Os vãos das janelas laterais são também forrados de azulejo azul, com figuras femininas com cestos de frutas.

Sob as janelas, painéis historiados de cenas pastoris. Na parte inferior do painel do lado da epístola lê-se a data de 1703, esgrafitada no azulejo.⁽⁹²⁴⁾ Este cronograma per-

(923) Sobre a iconografia de São Tiago vide o trabalho de Pedro Monteiro (MONTEIRO, 1992, p. 31). (CM)

(924) No livro das Visitações da Igreja – que se guarda na sacristia – vi, a fls. 163 que, em 1702, andavam grandes obras na capela-mor, a ponto de não se dizer ali missa. Eram as obras do retábulo e dos azulejos, instalados simultaneamente e por essa ocasião.

turba o raciocínio dos críticos, porquanto é difícil ajustá-lo ao tipo de azulejo onde foi esculpida. Digo difícil mas não impossível. De facto, a decoração azulejar dos vãos das janelas poder-se-ia atribuir à mão de Gabriel del Barco, o que está certo com a data. No entanto, os painéis sob estas janelas parecem ser mais avançados de alguns anos – 1710? – com a sua barra de folhagens e centros de cartelas.

As paredes laterais, incluindo o envolvimento das janelas e das portas, são, por sua vez, de azulejos de outra mão – o até agora desconhecido pintor das capelas-mores franciscanas de Ponta Delgada e do Faial – de estilo inconfundível, e que não está muito longe do PMP.

Os painéis da capela-mor são, no entanto, notabilíssimos, e não consigo enquadrá-los nos tipos historiados dessa data. Em certos aspectos (tratamento das mãos e doçura das expressões) cheguei a pensar que se tratasse de trabalho dos Oliveira Bernardes, mas há notáveis diferenças com os azulejos que foram de Frielas, e que são o termo de comparação para trabalhos tão atrasados. Também encontrei semelhanças com as cercaduras da capela lateral do Convento do Espinheiro (Évora). Por outro lado, a cercadura de folhagens muito recortada e torcida, que se vê no arco, traz-me à memória ornatos semelhantes que acompanharam os trabalhos de Del Barco, na Igreja de São Tiago de Évora, e na antiga Misericórdia de Portalegre. ⁽⁹²⁵⁾ ⁽⁹²⁶⁾

CONCELHO DE TOMAR

JUNCEIRA

São Mateus, Igreja Matriz de

Na nave, a partir da galeria do coro, forro total das paredes em 26 de alto, com azulejos de tipo padrão azul, ao qual se segue uma fila de vasos floridos.

Ao centro do arco triunfal, um registo de pintura azul infelizmente truncado, representando a *Eucaristia*, com a inscrição:

FES SE ESTA OBRA SENDO VIGARIO O R^oP^o
FR^o COELHO DA SILVA NA ERA DE 1714 ⁽⁹²⁷⁾

É evidente, até pela colocação deste registo, que ele se refere à padronagem azul da nave.

PAIALVO

São Lucas, Capela de

Só existem azulejos na capela-mor. O paramento lateral é feito com azulejos de figura avulsa, tipo «estrelinha» e supedâneo de «vasos e golfinhos», numa altura de 36 azulejos. Nos azulejos de figura avulsa observou-se a alternância de motivos das flores com figuras, barcos, etc.

O interior do arco triunfal também tem azulejos de figura avulsa.

TOMAR

Convento de Cristo

Sala de visitas: Silhar de 10 de alto com barra de 2 azulejos.

O centro é de vasos ou jarras floridas, com leões, em painéis de 6 × 4, azuis.

⁽⁹²⁵⁾ Vide também: BNL, 1927, p. 391; SEQUEIRA, 1949, p. 97; SANTOS, 1957, p. 124; SIMÕES, 1963b, p. 114.

Robert C. Smith, partindo da obra já identificada do pintor de azulejos Manuel dos Santos, atribui a este artista os painéis de 1703 da capela-mor da Igreja Matriz do Sardoal (Vide SMITH, 1975b, p. 1).

⁽⁹²⁶⁾ Ainda sobre esses azulejos, atribuídos a uma primeira encomenda ao pintor Gabriel del Barco e depois finalizados pelo pintor Manuel dos Santos, vide: MECO, 1980; MECO, 1985, p. 49; MECO, 1989, p. 220; PEREIRA, 1989, pp. 67 e 437; SERRÃO, 2003, p. 212. (CM)

⁽⁹²⁷⁾ Vide SEQUEIRA, 1949, p. 122.

J. M. SANTOS SIMÕES

Capela dos Portocarreros: Acima do silhar policromo estão painéis historiados azuis, cinco de cada lado e um sobre a porta. Têm todos 9×6 azulejos e a figuração é mariana. Estes azulejos serão dos princípios do século XVIII.

São Gregório, Capela de

Nesta capela quinhentista, notável pela sua arquitectura de planta poligonal, com capela-mor abobadada, e pelos seus portais manuelinos, foram instalados – já neste século – dois painéis de azulejos figurados, trazidos da capela-mor da igreja do antigo Convento das Trinitárias do Mocambo, em Lisboa, por diligência do Coronel Garcez Teixeira.

Os painéis foram colocados na nave, quebrando-se alguns para se cingirem às paredes. Têm 18×34 azulejos, dos quais 3 de barra em todo o redor. Esta é constituída por decoração de anjos e folhagens, leões e pássaros, sobre fundo azul. O centro figurado representa, do lado do evangelho, a *Missa de São Gregório*, com cena central ladeada de uma paisagem com arquitectura e de uma cena que apresenta – segundo me parece – os frades trinitários com o Papa.

O painel do lado da epístola mostra o que parece ser um Concílio, ou reunião de cúria, presidido pelo mesmo Papa, que fala a dez religiosos [cardeais ou prelados (?) todos barbados], enquanto, do lado direito, se vêem duas figuras de ermitões. O desenho é correcto e muito agradável, principalmente pelas roupagens e tecidos bordados ou arrendados: capas, baldaquinos, etc. Será trabalho lisboeta de cerca de 1720.

CONCELHO DE TORRES NOVAS

ALCORUCHEL

Nossa Senhora da Purificação, Igreja de

Só a capela-mor – datada de 1769 no arco triunfal – tem azulejos.

Estão estes nas paredes laterais, sob as janelas, e são dois painéis de 16×25 azulejos.

Os painéis têm cercadura concheada, policroma, e centro de boa pintura azul. O painel do lado do evangelho mostra a *Apresentação do Menino no Templo*, e o do lado da epístola a *Fuga para o Egipto*. Na parte inferior, contidos em cartelas, estão os emblemas marianos, respectivamente o Sol e a Lua.

Os painéis estão primorosamente conservados e são bons exemplares da fabricação lisboeta pós-Terramoto. A data da capela-mor – 1769 – pode ser a dos azulejos, os quais foram manifestamente feitos para o local, como se vê pelo recorte da moldura, para dar lugar às janelas.

CARRIL

Santa Quitéria, Ermida de

No extremo sul da vasta freguesia de Santa Maria encontra-se, no alto de um outeiro, a capela dedicada a Santa Quitéria, obra do meado do século XVIII, muito graciosa.

No interior, silhar de 9 de alto, em painéis de azulejos figurados azuis, molduramento concheado vulgar, típico de cerca de 1760.

O silhar assenta em rodapé de azulejos marmoreados roxos. A figuração é convencional, com cenas campestres, jardins, paisagens portuárias, ermitões, etc.

PEDRÓGÃO

São João Baptista, Igreja Paroquial de

Apenas existem azulejos na capela-mor, em revestimento parietal que vai até à actual sanca, em 25 de alto. Primitivamente os azulejos chegavam mais acima, pelo que se encontram truncados.

São grandes painéis azuis, figurando passos da Vida do Precursor. Do lado da epístola:

- 1) *Nascimento de São João Baptista*
- 2) *Baptismo*

Do lado do evangelho

- 3) *Herodiáde*
- 4) *Degolação*

Deste lado estão os azulejos mutilados pela abertura de uma janela. Na parte inferior das composições que enquadram a figuração vêem-se, em medalhões, as Cruzes de Malta, da Ordem de que esta igreja dependia.

Sobre a porta que dá para a sacristia e na que lhe fica fronteira, as grandes cartelas de azulejos figuram o *Cordeiro Místico*. São azulejos de fabrico lisboeta de cerca de 1740.

TORRES NOVAS

Santo António, capela do antigo Convento de

A capela, muito danificada, tem um silhar de azulejos do século XVIII, com passos das vidas de Santo António e São Francisco. Alguns painéis, os da capela-mor, são bastante bons e certamente mais antigos do que os do corpo da igreja, onde a coloração e desenho são mais toscos.

São Tiago, Igreja de

Apenas a Capela do Senhor Jesus dos Lavradores tem azulejos.

Forrando inteiramente as paredes laterais e a parte interior que ladeia a porta, estão as magníficas composições que enriquecem notavelmente esta capela. No chão está a lápide sepulcral do Beneficiado João Roiz, falecido em 1692, data que bem pode ser a dos azulejos.

A grande devoção à imagem – um grande e curioso crucifixo – faz com que se acumulem «promessas de cera» penduradas nas paredes e que encobrem a vista dos azulejos, prejudicando o conjunto. Trata-se de grandes painéis, de pintura azul, no género dos da capela da Sé de Faro.

Na parte inferior, em 190 de alto, está a base com duas inscrições em latim metidas em medalhões. Ao centro, uma figura de atlante suporta outra cartela. A parte superior, que cobre todo o restante da parede, tem dois anjos tenentes de cada lado da cartela, e a figura de Cristo (do lado direito) coroada de espinhos, enquanto que (do lado esquerdo) está Cristo amarrado à coluna. Cada composição é emoldurada com franjamentos que dois anjos seguram: o arco envolvente nasce de duas cariátides. Sobre a porta, o revestimento tem ao centro a *Verónica* e dois anjos com os emblemas da *Paixão*.

Julgo tratar-se de obra de Gabriel del Barco⁽⁹²⁸⁾ ou de pintor coevo e da mesma escola. São de notar os fundos de paisagem, com montanhas.

VARGOS

Casa de Vargos, Capela da

Capela de Santa Ana: A capela, cuja data de construção se pode ver sobre a porta – 1726 – é de pequenas proporções, mas está inteiramente forrada de azulejos.

Notei duas épocas diferentes, se bem que o conjunto tenha unidade estética, propositadamente conseguida na sobreposição dos azulejos. Assim, primitivamente, teria a

(928) O historiador José Meco também inclui esses azulejos no *corpus* da obra de Gabriel del Barco (MECO, 1989, p. 216; PEREIRA, 1989, p. 67). (CM)

capela apenas um silhar de azulejos de 10 de alto à entrada, sob o coro, e de 16 ou pouco mais no corpo da capela.

A capela-mor, também forrada de azulejos, teria sido igualmente da primitiva. A data de 1726 aplica-se perfeitamente a esta série de azulejos, de belo azul e esmalte estanífero puro. Uma segunda série, mandada fazer para o total revestimento da capela, é de data posterior, o que se nota não só na diferença dos azuis e esmaltes – agora mais mortiços por se empregar maior percentagem de chumbo – como pela própria técnica de pintura. Esta segunda série deve datar de cerca de 1750.

Os azulejos, a que chamarei primitivos, são de assuntos laicos: caçadas e pastoris, sendo os dois painéis do corpo da capela do tema tão preferido de jardins. Aqui vemos figuras passeando, sendo notável, sob o ponto de vista da indumentária, um par de fidalgos no painel do lado da epístola.

Na capela-mor vêem-se as cenas de pesca e ermitões, sendo toda a silharia acompanhada de azulejos com festões de flores.

Entre a entrada – subcoro – e o corpo da igreja estão duas grandes figuras de cariátides, também da segunda época. Sob o coro, vemos os quatro passos da Vida de Santa Ana:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Apresentação da Virgem na Sinagoga*
- 3) *Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler*
- 4) *Santa Ana Ensinando a Virgem a Rezar*

Nos painéis grandes vê-se:

- 5) *O Anúncio a São Joaquim*
- 6) *O Pão dos Pobres*
- 7) *Ascensão da Virgem*

Sobre o arco triunfal:

- 8) *Conceição da Virgem, entre Santa Ana e São Joaquim*

Solar – São duas as salas azulejadas; sendo uma de silhar tipo almofada de flor amarela, e outra de silhar apainelado de 8 azulejos. Nesta estão oito painéis de cercadura concheada policroma e campo azul, do tipo vulgar da primeira época do Rato – cerca de 1760 – sendo o desenho, leve e convencional, de cenas frívolas figuradas. Interessante é a cena de um embarque em galera. O concheado apresenta as colorações típicas dos amarelos e marmoreados, não faltando o verde baço e os esponjados. Estão estes azulejos perfeitamente conservados.

CONCELHO DE VILA NOVA DE OURÉM

CANEIRO

Quinta do Caneiro

Na capela privativa desta quinta há azulejos revestindo o corpo e a capela-mor. Nas duas quadras as paredes estão revestidas de painéis.

No corpo, os painéis são recortados e atingem 19 de alto na parte central. São ao todo cinco, com figuração central azul, mostrando passagens da *Paixão*.

- 1) *Jesus na Varanda de Pilatos*
- 2) *Verónica*
- 3) *Crucificação*

- 4) *Calvário*
- 5) *Jesus no Horto*

Sob o coro, quatro painéis lisos de 14 de alto, respectivamente com:

- 6) *Jesus ante Caifás*
- 7) *Jesus Coroado de Espinhos*
- 8) *O Beijo de Judas*
- 9) *Jesus Flagelado*

Os lados do arco triunfal também ostentam painéis recortados, mostrando dois emblemas da *Paixão*.

Na capela-mor os azulejos enchem os espaços livres de cantaria lavrada, com dois painéis com ermitões e outros emblemas.

Toda esta azulejaria é típica de cerca de 1780, sendo as molduras policromas e a ornamentação concheada com marmoreados amarelos.

MELROEIRA

Nossa Senhora do Amparo, Ermida de

Na capela, as paredes laterais e a parte da parede colateral do altar-mor, bem como o intradorso do arco triunfal, até à cornija, têm revestimento de 22 de alto. Os azulejos são de pintura azul, com toques de amarelo na ornamentação dos enquadramentos. São azulejos figurando passos marianos, assinalados com as inscrições:

Do lado do evangelho:

- 1) NACIMENTO. DE N.S.
- 2) APERZENTACÃO. DE N.S.

Do lado da epístola:

- 3) ANUNCIAÇÃO. DEN. S.
- 4) OS DES POZ
ORIOS.DE
N.S.^A. ESAO
JOZE

O desenho é fraco, acusando pintor de segunda ordem. As figurações estão enquadradas de ornamentação barroca, de boa composição, mas ainda sem concheados e sim acolchados.

Em redor cresce um rodapé de 3 azulejos marmoreados, roxo e amarelo. Será azulejaria de cerca de 1750-60.

VILA NOVA DE OURÉM

Quinta das Parreiras

No pátio, a varanda é coberta com azulejos de figura avulsa e rodapé esponjado. A cercadura é de acantos, num total de 8 de alto. Parte do silhar é composto com seis figuras de «porteiros» recortados, alguns em mal estado.⁽⁹²⁹⁾ Os azulejos são de flores e animais.

(929) Conjunto também referenciado por Luísa Arruda no seu estudo sobre as figuras de convite (ARRUDA, 1993, p. 123). (CM)

No topo da varanda está a pequena capela, com silhar recortado de 11 de alto, em dois painéis com figuração de ermitões e enquadramento barroco, de cerca de 1740.

Na sacristia o silhar é de figura avulsa, de 7 de alto, com cercadura de folhas.

No interior – das salas – há silhares de figura avulsa, como os anteriores, e outros de vasos, taças, etc., todos eles rodeados de barra de 2 azulejos de folhagens.

Numa sala do canto nordeste os azulejos são mais recentes, talvez de fabricação do Juncal, a querer imitar os outros, os vasos.

Numa sala junto à capela o silhar é de figura avulsa, de 9 de alto, destacando-se duas figuras: uma dama e um fidalgo.

Na sala de jantar o silhar é de 9 ½, do tipo jarras floridas e cestos com frutos.

DISTRITO DE SETÚBAL

CONCELHO DE ALCÁCER DO SAL

ALCÁCER DO SAL

Frades, Igreja dos

Na capela-mor – onde estão sepultados os Mascarenhas, donatários do convento –, forro parietal até à sanca, com azulejos azuis do século XVIII. Nota-se que há duas épocas diferentes: a parte inferior, a de 17 de alto, é de paisagens com divisórias de cariátides, de cerca de 1740. Daí para cima, os grandes painéis historiados:

- 1) *São Francisco Dando as Regras da Ordem*
- 2) *Milagre de Santo António: Ressurreição* ⁽⁹³⁰⁾

A pintura é da boa época e, provavelmente, de um discípulo directo de António de Oliveira Bernardes, de cerca de 1720. As cercaduras são de acantos com anjinhos. No último painel vê-se um edifício que deve representar a Sé de Lisboa.

A parte interior do arco triunfal é de azulejos da mesma época dos da parte superior. ⁽⁹³¹⁾

No corpo da igreja o silhar é de albarradas, com a parte inferior de acantos, numa altura de 14 azulejos.

Posto da GNR

Na antiga Casa Seleira, azulejos de figura avulsa, do tipo vulgar de «estrelinhas», flores e figuras, com cercadura de acantos. ⁽⁹³²⁾

Rua da República, n.º 16 – Registo

Registo de azulejos figurando *Nossa Senhora e o Menino Dando Rosários a São Domingos e Santa Rosa*. Encontra-se datado de 1751.

São Tiago, Igreja Matriz de

LXXIII

O corpo da igreja tem forro total de azulejo figurado, azul. ⁽⁹³³⁾ O silhar tem 15 azulejos de alto, de tipo ornamental com figuração central. Sobre as portas laterais os painéis mostram passos da Vida de São Tiago e serão estes os azulejos mais antigos do

⁽⁹³⁰⁾ *Santo António Salva o Pai da Força*. (MTV)

⁽⁹³¹⁾ Com cartela central sustentada por anjos contendo uma cruz e um livro, de onde partem grinaldas e cercaduras de acantos e anjinhos. (MTV)

⁽⁹³²⁾ Após telefonema feito em Maio de 1976 para este Posto da Guarda Nacional Republicana, fomos informados que aí nunca existiram azulejos. FCG

⁽⁹³³⁾ Nas escadas de acesso encontra-se um painel de «alminhas», figurando um par de alminhas com uma caveira. (MTV)

conjunto,⁽⁹³⁴⁾ de cerca de 1720 (?).⁽⁹³⁵⁾ Entre as janelas, grandes painéis figurando cenas cristãs, de cerca de 1730.⁽⁹³⁶⁾

Na capela baptismal,⁽⁹³⁷⁾ e na que lhe fica fronteira, o forro total das paredes é conseguido com azulejos figurados a azul, representando vários santos fundadores de ordens religiosas.⁽⁹³⁸⁾

Na capela-mor estão os azulejos mais recentes, de cerca de 1780, do tipo recortado, sobre rodapé policromo. Mostram cenas da Vida de São Tiago: *Recepção do Hábito e Apresentação no Céu*.⁽⁹³⁹⁾

PALMA

São João Baptista, Igreja de

Igreja de uma nave, construída nos finais do século XVIII. No corpo e capela-mor, silhar de azulejos recortados com cercadura policroma e remates de vasos e grinaldas. Os centros, azuis, mostram a iconografia do orago:
Na capela-mor:

- 1) *São João Baptista Pregando*
- 2) *Degolação de São João*

No corpo os painéis são oito:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Apresentação no Templo*
- 3) *Circuncisão*
- 4) *Adoração dos Magos*
- 5) *Natividade*

(934) Vergílio Correia (CORREIA, 1917, p. 202) atribui os azulejos a António de Oliveira Bernardes, por comparação com os de São Domingos de Benfca. J. M. SANTOS SIMÕES

(935) No lado do evangelho: Santiago converte Fileto, discípulo do mago Hermógenes; Santiago subjugar os demónios, enviados por Hermógenes, os quais o acorrentam; Aparição da Virgem do Pilar a Santiago, sobre a coluna de jaspe; cura dos doentes; trasladação do corpo de Santiago para a Galiza (?), Santiago com duas figuras rodeados do livro com paisagem em fundo; Santiago Mata-Mouros (?).

No lado da epístola: Santiago defronte de mulher ajoelhada, rodeado por quatro personagens; com soldados, um deles caído no chão; *Pregação de Santiago*; Santiago perante Herodes Agripa que o condena à morte; degolação; triunfo sobre os demónios; conversão do escriba Josías (?).

Na parede do coro: *Santiago; São Francisco; Santiago; São Sebastião*.

Estes painéis possuem cercaduras de acanto, utilizadas ainda junto aos púlpitos e sobre as capelas que ladeiam o arco triunfal, aqui a enquadrar cabeças de querubins. São semelhantes aos silhares superiores da Capela de Nossa Senhora da Orada de Sousel, atribuídos ao Mestre PMP, sendo de supor que possuem idêntica autoria.

As estruturas arquitectónicas de pilastras com volutas e meninos atlantes que ladeiam as portas e o confessionário na parte inferior, são de feitura posterior.

Sob o coro do lado do evangelho: bispo e São Paulo, com cercaduras de acanto sobre base arquitectónica de volutas.

Sob o coro do lado da epístola: sobre a porta da capela lateral: São Pedro entronado; junto à porta de entrada: São Pedro e um anjo.

Vide MONTEIRO, 1992, pp. 22-37. (MTV)

(936) São atribuíveis a Teotónio dos Santos (MECO, 1989, p. 230).

Do lado do evangelho: *Circuncisão; Adoração dos Pastores; Fuga para o Egipto*.

A ladear o arco triunfal: *Cristo entre os Doutores; Visitação*.

Do lado da epístola: *Anunciação; Esponsórios; Apresentação no Templo*.

Na parede do coro: *Nascimento de Maria; Nascimento*.

As paredes dos vãos de cada lado da nave são recobertos por silhares de albarradas. (MTV)

(937) A capela baptismal encontra-se totalmente revestida de azulejos, contudo, algumas trocas impedem a leitura de todas as cenas. Representam-se o *Baptismo de Cristo, Nascimento de São João Baptista* e outros episódios com Cristo, e um eremita. As cercaduras são semelhantes à zona do subcoro, possuindo a parede maior uma cartela rectangular barroca rodeada de volutas com representação de paisagem, resultado de um reaproveitamento. A parede do vão possui uma composição de volutas. (MTV)

(938) Grandes painéis semicirculares com São João Evangelista, Santo Agostinho e santo não identificado. (MTV)

(939) Os dois painéis devem aludir ao Rei Fernando II de Leão, o fundador da «Ordem de S.Tiago de Espada». No painel do lado do evangelho, Cristo entrega-lhe o manto da ordem; no painel do lado da epístola, o monarca, com o respectivo manto, sobe em glória para o céu, onde o aguarda a Santíssima Trindade.

Sobre a fundação da «Ordem de São Tiago da Espada», vide CARO TORRES, 1629, fls. 5v, 6 e 8 v.

FLÁVIO GONÇALVES

Os painéis, recortados e de feição rococó, são acompanhados por dois mais pequenos com a mesma personagem, com rodapés de almofadas de fundo amarelo. (MTV)

- 6) *Visitação*
- 7) *Casamento*
- 8) *Virgem no Templo*

O desenho é bastante curioso, com várias gradações de azul.

O baptistério ostenta um painel muito interessante representando o *Baptismo de Cristo*, com forro total de azulejos policromos de anjos e grinaldas.⁽⁹⁴⁰⁾

VALE DE GUIZO

Nossa Senhora do Monte, Igreja de

O templo, com origem incerta, já existia em 1571. Em 1752 foi reconstruído a mando do Rei D. José.⁽⁹⁴¹⁾ Silhares de azulejos do período de «Grande Produção», com a Vida de Nossa Senhora, recobrem as suas paredes.

As cercaduras possuem colunas de volutas com elementos vegetalistas, concheados e anjinhos, base e entablamento. Os maiores possuem festões e anjinhos junto de enrolamentos e concheados, que enquadram as cartelas axiais. Nas cartelas inferiores e superiores encontram-se símbolos alusivos a Nossa Senhora. Os episódios são identificados por filacteras, que nos painéis de maiores dimensões são apresentadas por anjinhos.

Do lado do evangelho, *Santa Ana Ensina Nossa Senhora a Ler*. Na cartela inferior encontra-se uma palmeira e na superior um ramo de flores. Junto a este painel encontra-se uma reentrância com dois painéis contendo eremitas. O painel da nave exibe duas cenas separadas por uma coluna. Do lado esquerdo, *Nascimento de Nossa Senhora* e, do lado direito *Apresentação da Sr.^a no t.lo*. A cartela inferior contém o poço e a superior a Lua. Depois de dois pequenos painéis com colunas de volutas com anjinhos encontra-se o painel alusivo aos *Desposórios da Senhora com São José*. Na cartela inferior encontra-se a torre e na superior a porta.

Na capela-mor, no lado do evangelho encontra-se a *Anusiação de N. Sr.^a*, tendo a cartela superior um par de lírios e, no lado da epístola, *Nascimento de Cristo* e cartela com um par de rosas. Ainda, quatro pequenos painéis de colunas com volutas.

Na nave, do lado da epístola, *Nossa Senhora da Conceição* com cartelas contendo um jardim e, em baixo, um cipreste e, ainda, dois pequenos painéis com colunas. Na nave, um painel congrega duas cenas: *Assumpção de Nossa Senhora* e *Coroação de Nossa Senhora*. A cartela superior contém uma estrela e a inferior um par de lírios.

Ainda do lado da Epístola, junto da porta lateral, encontram-se três painéis: um eremita, uma cena marítima e, enquadrando a pia baptismal, uma paisagem com o Sol, tendo na cartela inferior uma escada e na superior um par de lírios.

Na parede fundeira observam-se mais dois painéis. Do lado da epístola, a *Fugida do Egípto*, tendo a cartela inferior uma palmeira e a superior um par de rosas. Do lado do evangelho, *Vezitação a Santa Isabel*, divisando-se uma árvore na cartela inferior e, na superior, um par de flores. Junto a estes, mais quatro pequenos painéis figurando colunas de volutas com meninos ladeiam a porta de acesso ao campanário e a porta do baptistério.

(940) A igreja é totalmente envolvida pelos painéis de azulejos, que poderão ter sido sujeitos a alterações.

Os painéis referentes à Virgem completam-se com a *Anunciação*, painel não referido por J. M. dos Santos Simões, recomposto, apresentando azulejos trocados na cercadura.

Nos nichos da capela-mor encontram-se ainda painéis com símbolos alusivos a São João Baptista. Ao fundo da nave, painéis estreitos contêm símbolos marianos.

Na sacristia encontra-se silhar de padrão pombalino, com motivos azuis e manganês e rodapé de esponjado manganês. (MTV)

(941) IHRU, «Igreja de Nossa Senhora do Monte/Igreja de Vale do Guiso», www.monumentos.pt, 1998.

TORRÃO

Igreja Matriz (Igreja de São Francisco)

Na grande nave silhar de 8 de alto, com azulejos de grinaldas, sobre rodapé esponjado e marmoreado.⁽⁹⁴²⁾

Na Capela do Santíssimo, silhar de «vasos e golfinhos».⁽⁹⁴³⁾

CONCELHO DE ALCOCHETE

ALCOCHETE

São João, Igreja Matriz de

Na fachada do lado sul, junto à porta lateral, registo com moldura lisa de folhagens, e centro com a figuração do *Calvário*.

A pintura é azul e branca do tipo lisboeta de cerca de 1730.⁽⁹⁴⁴⁾

No corpo o alizar é corrido, de 8 azulejos de alto, com moldura de folhagens e centro de cestos floridos ladeados de jarros. À entrada vemos o mesmo tipo, mas com ornatos diferentes.⁽⁹⁴⁵⁾ Antes das últimas obras este alizar assentava, em parte, sobre rodapé

de azulejos quinhentistas, de tipo «aresta». Alguns destes azulejos foram deslocados e aproveitados para forrar altares laterais da igreja e da capela adossada. O alizar de cestos foi recomposto e baixado, sem qualquer vantagem sob o ponto de vista estético, e pouco respeito pela verdade decorativa.⁽⁹⁴⁶⁾

Nas paredes laterais da capela-mor estão dois painéis figurados com molduras de folhagens. Os centros apresentam cenas anódinas de ermitões e paisagens.⁽⁹⁴⁷⁾ A pintura é azul e os azulejos de cerca de 1730.

Na sacristia as paredes estão forradas com silhar de 10 azulejos de alto e cercadura de folhagens. São do tipo de «figura avulsa», com vários desenhos, sendo de notar os de figurinhas chinesas.⁽⁹⁴⁸⁾

SAMOUÇO

São Brás, Igreja de

Igreja quinhentista remodelada no século XVIII, com fachada de três panos com pilastras e cunhais de cantaria aparelhada. Ao centro, portal de verga recta com pilares e colonelos suportando entablamento, encimado por janelão, relógio e frontão triangular. Os panos laterais possuem janelas rectangulares. O interior é de nave única com

(942) Azulejos do século XX policromos com vasos de flores e padrão gradeado alternado com flores sobre fundo branco. (MTV)

(943) A fachada possui remate triangular, janelão e nártex com arcadas coberto por abóbada de arestas. O interior é de nave única com abóbada de berço, tal como a capela lateral da Ordem Terceira. Estava integrada no antigo complexo do Convento de São Francisco, construído no século XVI, achando-se actualmente na posse da paróquia do Torrão. (MTV)

(944) Antes das obras da DGEMN havia outros registos em vários locais do exterior, com figuração das «estações» da *Via Sacra*. Ignoro o seu actual paradeiro. J. M. SANTOS SIMÕES

Vide Boletim da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, n.º 33 – Igreja Matriz de Alcochete (Porto, 1943), estampas.

FLÁVIO GONÇALVES

(945) Na entrada e parede fundeira encontram-se painéis com paisagens, eremitas, pastores, um cavaleiro e outros personagens. As cercaduras, são formadas por elementos arquitectónicos com pilastras com volutas, máscaras e meninos atlantes, tendo o entablamento *espagnolettes* e grinaldas, e a base volutas e anjinhos. (MTV)

(946) Vergílio Correia dá aos azulejos desta igreja a data de 1715, guiando-se pelo cronograma que se lê no lavabo da sacristia. Não sei a que azulejos pretendia referir-se mas, de uma forma geral, julgo que todos os do século XVIII, se bem que de épocas talvez um pouco diferentes, não são no entanto anteriores a 1725 (CORREIA, 1922, pp. 66-75). J. M. SANTOS SIMÕES

(947) Os painéis da capela-mor representam na realidade cenas relativas a São João Baptista. Os painéis mais extensos apresentam o *Nascimento de São João Baptista* e o *Baptismo de Jesus*, possuindo cercaduras de enrolamentos de acanto, anjinhos, dragões, máscaras e pilastras. Os painéis mais estreitos figuram *São João Baptista Adulto* e *São João Baptista Menino*. José Meco atribui a sua autoria dos painéis figurativos a, por hipótese, Teotónio dos Santos. *Vide* José Meco, *A Igreja de S. João Baptista de Alcochete*, 2003, pp. 126-155. (MTV)

(948) Também de figura avulsa são os azulejos da sacristia. De referir, ainda, os azulejos de capela do lado do evangelho, em que dois anjos sustentam uma cartela de volutas, máscaras e festões de flores, contendo o símbolo mariano da *Porta Coeli*, sobre fundo paisagístico. Um dos anjos segura a palma e outro um ramo de oliveira. A cercadura possui, lateralmente, grossas volutas com grinaldas sustentadas por meninos atlantes, sendo rematada por entablamento arquitectónico. As volutas encontram-se também na parede esquerda da capela. (MTV)

abóbada de canhão, altares colaterais e capela-mor revestida com azulejos de padrão seiscentista.

A nave possui silhares de azulejos azuis e brancos com cenas relativas a *São Brás*. As cercaduras contêm volutas e colunas com anjos e entablamento onde anjinhos seguram sanefas. Na base encontram-se grinaldas, anjinhos e cartelas com a mitra e o báculo. A separar os episódios, anjinhos seguram báculos enquadrados por fundo de paisagem e moldura arquitectónica.⁽⁹⁴⁹⁾

CONCELHO DE ALMADA

ALMADA

Nossa Senhora da Conceição, Igreja de

Na igreja encontra-se painel de azulejos datado de 1760, originário da fachada de um edifício do Largo da Boca do Vento, n.º 14. Representa *Nossa Senhora do Cabo com o Menino* sobre nuvens, separada das restantes personagens por moldura de concheados, em azul e branco. Do lado direito, vemos *Santo António com o Menino* e, do lado esquerdo, *São Marçal*. A base contém a inscrição «N. S. Docabo».⁽⁹⁵⁰⁾

Quinta da Cerca

Na antiga capela desta quinta conserva-se o silhar azulejado, em 11 de alto. São painéis lisos, limitados por barra de 2 azulejos de folhagens e anjinhos, tendo nos campos, as figuras marianas da *Anunciação* e *Visitação* (do lado do evangelho) e a *Adoração dos Pastores* e *Adoração dos Magos* (do lado da epístola) ladeando a entrada. As guarnições da porta e de duas janelas são feitas com anjos e cariátides e painéis ornamentais. Na capela-mor os painéis mostram as figuras de *Santo António* e *São Francisco*.⁽⁹⁵¹⁾

Os azulejos figurados da capela são do ciclo oficial dos Bernardes, mais precisamente atribuíveis ao monogramista PMP, colocando-se em cerca de 1720-25.

Quinta de São Sebastião

À saída da vila, na estrada da Caparica, encontra-se o portal desta quinta, adornado na parte superior com vistoso revestimento de azulejos, formando largo painel recortado. A ornamentação, de ordenação barroca, com vasos e anjinhos, é realçada de azuis, amarelos e roxos, ao gosto da época. Na parte superior está a data 1778 e, enchendo a cartela, a sugestiva legenda:

AGORA HE RETIRO DECUIDADOS

Ladeando o portal estão dois painéis circulares envolvendo as argolas onde, noutros tempos, se prendiam as alimárias. Este conjunto é notável exemplo no género e, como tal, merece ser conservado.⁽⁹⁵²⁾

São Tiago, Igreja Matriz de

Templo vulgar do século XVII, de corpo de nave única e capela-mor. Posteriormente foi acrescentado com duas capelas, laterais ao corpo. Na capela-mor, revestimento das paredes laterais cobrindo totalmente as superfícies até às nervuras das abóbadas, esta de dois tramos. É um esplêndido conjunto figurado, de bela composição e pintura azul, casando-se com arquitectura no envolvimento da cantaria, das portas e das nervuras da abóbada.

(949) IHRU, «Igreja de São Brás», www.monumentos.pt, 1999.

(950) MANGUCCI, 1993, pp. 126-130. (MTV)

(951) Um painel distinto dos demais representa a *Crucificação*. Ainda, painéis mais pequenos com cartelas contendo símbolos marianos. A quinta terá sido construída na segunda metade do século XVIII, sendo utilizada em data incerta como local de retiro de dominicanos e ocupada pelas tropas napoleónicas. Em 1988 a autarquia adquiriu o imóvel a privados, aí instalando o Centro de Arte Contemporânea. (MTV)

(952) Liberato Telles enumera os azulejos da «Ermida de São Sebastião, em Almada» (TELLES, 1896, p. 210). Teria sido a capela desta quinta?

A representação é referente à Vida de Santiago. Do lado do evangelho vemos o *Enterro de Santiago* e, do lado oposto, *Santiago Combatendo os Mouros*.⁽⁹⁵³⁾

É obra cuidada, de cerca de 1730,⁽⁹⁵⁴⁾ e deve colocar-se, mais ou menos, no período das encomendas para várias outras igrejas da Ordem de Santiago, como sejam, Alcácer do Sal, Samora Correia, Sesimbra, etc.

As composições figuradas elevam-se acima de um silhar, do mesmo tipo e época, sabidamente composto e procurando o equilíbrio com a arquitectura. O interior do arco triunfal é também azulejado, simulando pilastras e tendo, de cada lado, um anjinho tocando trombeta.

A capela lateral do lado do evangelho – Capela de São João Baptista – tem o silhar recortado, cercadura policroma e centros figurados a azul, assente sobre rodapé marmoreado amarelo. É um conjunto de seis painéis tendo, no centro, em medalhões, outros tantos emblemas da *Paixão* rodeados por anjos. A decoração concheada é de magnífico efeito, abundando as tonalidades amarelas. Calculo que seja obra vizinha de 1780.

A capela lateral do lado da epístola – actualmente servindo de coro – tem silhar liso de 13 de alto, do tipo «grinaldas», com medalhões ornados de cachos de uvas. É um exemplar típico do fim do século XVIII ou já dos primeiros anos do XIX.⁽⁹⁵⁵⁾

Seminário Patriarcal de São Paulo

O seminário encontra-se instalado no local do antigo Convento de São Paulo, do qual se aproveitou a igreja e parte das edificações conventuais, nomeadamente a portaria e o claustro. Para as instalações do seminário propriamente dito, foram necessárias importantes obras, não só para adaptação da antiga parte conventual como outras novas, para ampliação das instalações.

Houve, felizmente, o critério de respeitar, quanto possível, o que ainda era aproveitável e, assim, o Seminário de Almada é hoje um edifício com toda a dignidade, e onde os alunos recebem, pelo exemplo, as mais proveitosas lições no que respeita aos cuidados pela integridade artística do monumento.⁽⁹⁵⁶⁾

De há muitos anos, e principalmente por diligência do falecido Cónego Monsenhor Ruas, foram levados para o seminário muitos e variados azulejos, de diversas proveniências, e que pertenceram a edifícios do Patriarcado, uns em ruínas, outros em remodelação.⁽⁹⁵⁷⁾ Dispuseram-se esses azulejos por várias salas de aula, nas fachadas que dão para os pátios e recreios e, bem assim, a forrar o muro dos jardins, de onde se aprecia uma maravilhosa vista sobre Lisboa.

(953) Os painéis representam dois episódios típicos da legenda compostelana de São Tiago Maior: *Trasladação do Corpo de São Tiago* e *São Tiago Combatendo os Mouros na Batalha de Clavijo*. Vide, sobre estes episódios (e respectivos temas iconográficos): Liber Sabct Jacobi. Codex Calixtinus / transcrição de Walter Muir Whitehill. Santiago de Compostela, 1944, vol. I, pp. 291-294; *Crónica Geral de Espanha de 1344* / edição organizada por Luís Filipe Lindley Cintra. Lisboa, 1954, vol. II, p. 404; VORAGINE, 1960, t. I, p. 311; *Ho flos sanctōrum*. Lisboa, 1513, fl. CVI v; RÉAU, 1955-58, t. III, pp. 699-701; GONÇALVES, 1963, pp. 8-9; etc;

Na azulejaria portuguesa da primeira metade do século XVIII, os legendários episódios da *Trasladação do Corpo de São Tiago* e de *São Tiago Combatendo os Mouros na Batalha de Clavijo* encontram-se, por exemplo, nos painéis da Igreja Matriz de Alcácer do Sal. FLÁVIO GONÇALVES

(954) José Queiroz – Notas n.º 6 – p. 53 escreve: «o azul é bem o dos azulejos dos Oliveira Bernardes».

(955) Igreja fundada no século XII e reformada em 1724, com a contribuição do Infante D. António, irmão de D. João V. Sofreu estragos com o Terramoto, o que motivou nova intervenção. Os azulejos terão sido colocados entre 1730-40, sendo os da capela-mor atribuídos a Nicolau de Freitas. MONTEIRO, 1992, pp. 22-37; MECO, 1989, p. 233. (MTV)

(956) O mosteiro dominicano de São Paulo foi fundado em 1569. Após a extinção passou para posse privada, até ser adquirido em 1934 pelo Patriarcado de Lisboa, que aí instalou o Seminário. IHRU, «Seminário Patriarcal de São Paulo», www.monumentos.pt, 1995. (MTV)

(957) É o caso dos painéis rococó provenientes da arruinada Igreja de São Pedro da Marateca, com cenas da Vida de São Pedro, de cerca de 1782, atribuídos a Francisco Jorge da Costa. São recortados, com moldura de concheados, elementos vegetalistas e volutas, ladeada por colunas com vasos, possuindo cartela com identificação da cena na base e cabeça feminina no topo. A pintura é azul, excepto no degrau da base, de tonalidade amarela. Encontram-se colocados em várias dependências e apresentam os seguintes episódios: «S. Pedro faz andar / hum cocho em nome de Jezus», «Cornelio Centurião he / Baptizado por S. Pedro», «O Apostolo orando, em virtude / de cuya Oração se percipitou Simão Mago no / Seo voo», «Asua primeira pregação no / Ce(n)áculo feita ás diversas gentes q' ahi Sea / chauão no Sagrado dia de Pentecostes», «O Senhor entregando / achaves a S. Pedro», «S. Pedro sarando os Imfirm / os com a Sua Sombra, passando / per onde estauão postos aesse fim», «S. Pedro Vendo / a Vizão em Joppem», «A prodigiosa Missão q. fês em Ieruz / alem de q. Seconuerterão Sinco mil almas», «O encontro com S. Paulo / e adisputa q. tiverão a Cerca dos Indeos egentios». Sobre estes azulejos vide SERRÃO e MECO, 2007, pp. 83, 400-408. (MTV)

Na nave e capela-mor é notável o revestimento azulejar, em painéis recortados. São do tipo de cercadura policroma concheada, já do rococó, tendo 22 azulejos na maior altura. Os centros aludem a cenas monásticas dominicanas (?), quase todas com legendas muito curiosas. Na capela-mor, do lado da epístola, estão:

- 1) *São Domingos Ensinando*. Da sua boca sai a legenda: *Apostolo Sagrado Paulo expliquei bem vossas epístolas a meus discípulos*.
- 2) Um papa, em glória, dando um coração a uma santa dominicana, coroada de espinhos, e legenda: *Eu te farei minha esposa na fé*.⁽⁹⁵⁸⁾

Os painéis estão separados por belas composições de anjos, pintados a amarelo, com vários emblemas: espada, livro, tiara, chaves, armas dominicanas, archote, estrela e cruz. São, ao todo, nove painéis no corpo da igreja e quatro na capela-mor.

Na capela baptismal existem restos de um silhar de alto, também a azul, do qual ficou uma *Nossa Senhora do Carmo* e um grupo de apóstolos.

Os azulejos da igreja e da capela-mor são deveras notáveis, e correspondem a uma fabricação de cerca de 1770 (?) particularmente cuidada. A figuração faz-nos lembrar ainda Bartolomeu Antunes.

Nas salas de aula, o revestimento azulejar é igualmente de bastante importância, salientando: *Sala 16*: Aqui foi colocado um painel de azulejos azuis, resto de uma decoração, muito curiosa, tendo na cartela central a legenda:

FECCE NOA
NNO 1706

O último algarismo é duvidoso, podendo ser um 0. O painel é ornamental, com anjos segurando cornucópias, em desenho largo, de cor carregada.

Sala 17: Conhecida também pela «Sala da Cortiça», tem um grande painel de 17 × 33 azulejos. A composição é azul, tendo ao centro um corvo. É um magnífico exemplar do século XVIII, fazendo lembrar os trabalhos do monogramista PMP. Pertencia este silhar a um conjunto, do qual outras composições estão na sala de Santa Teresinha. Ainda aqui, ao fundo da sala, vemos uma composição estupenda! Deve ter feito parte de uma capela ou igreja de São Sebastião e pertence à série do datado de 1706 da sala 16.

Sala 18: Nesta sala, também chamada de Santa Teresinha, foram colocados três grandes painéis e compuseram-se mais de dois com restos da ornamentação de uma igreja ou capela dedicada a São Vicente e de que há outro painel na sala 17. São, de facto, magníficas composições, todas da mesma altura – 17 azulejos – variando na largura entre 29 e 33 azulejos. A pintura é azul, cheia e rica como ornamentação, de desenho correcto e simples e belas tonalidades azuis. A parte central destas composições é constituída por medalhões com emblemas – corvo, palmas do martírio, nau com os corvos – enquadados por anjos. Nas partes laterais há nichos que abrigam estátuas de corpo inteiro, representando *Virtudes* ou alegorias. Os extremos dos painéis são limitados por atlantes aos quais, aliás, falta a parte inferior em todos os painéis.⁽⁹⁵⁹⁾

Além destes há ainda um painel que veio também da mesma igreja mas de feitura diferente dos anteriores. Tem na parte central três figuras e, no fundo, o panorama de uma cidade fortificada.

Quanto aos primeiros julgo-os do princípio do século XVIII, o máximo de 1720, podendo o último ser um pouco mais recente, talvez de 1730-35.

(958) A cena representa o *Casamento Místico de Cristo com Santa Catarina de Sena*. Vide RÉAU, 1955-58, t. III, pp. 273 e 275.

(959) Os painéis referentes a São Vicente são originários da Sé de Lisboa e estão atribuídos a Manuel dos Santos e ao Mestre PMP. (MTV)

Mas, a peça mais notável desta sala é o painel que serve de fundo à cátedra, e que pertenceu ao núcleo daquele que está datado de 1706 (?) ou 1700 (?). É uma verdadeira beleza como cor e desenho.

É de louvar o critério que presidiu à sua colocação já que, primitivamente, estes azulejos enquadravam uma abertura (janela?) e, ao serem aqui colocados, houve o cuidado de abrir uma janela para conservar a composição original. Mede este painel 21 × 21 azulejos.

LXXIV

Nas fachadas exteriores que dão para o recreio, foram colocados quatro grandes painéis, dois na fachada norte e outros dois na do poente.

Os que estão na fachada do poente eram certamente da capela-mor de uma igreja. Têm ambos a altura de 37 azulejos, e a largura de 45 e 42, respectivamente, o que teria sido do lado do evangelho e o da epístola, notando-se a abertura das portas laterais. Os painéis têm moldura de folhas encurvadas e a pintura é toda a azul forte. O mais estreito tem, na parte inferior, 6 azulejos de altura, um friso com medalhões entre pendentes de frutos, exactamente como os da capela-mor da Madre de Deus, ou seja, com anjinhos figurando os *Cinco Sentidos*. Neste, vemos quatro anjinhos figurando «o cheirar, o ver, o gostar e o apalpar», e o outro, deslocado, no painel mais largo, mostra «o ouvir».

A figuração dos quadros refere-se à *História de Tobias*, vendo-se, no painel mais estreito, Tobias, acompanhado do anjo, curando o pai da cegueira. O fundo é cheio com paisagens em ruínas. O outro representa a cena de *Tobias e o Peixe*, sendo o fundo igualmente de paisagem. Os outros dois painéis (na fachada voltada a norte) têm, cada um, 31 × 15 azulejos, incluindo a bordadura de 2 azulejos. Pertenciam ao mesmo conjunto e representam mais dois passos da *História de Tobias*: *Encontro com o Anjo* e *Aparição do Anjo aos Pais*.

O desenho, a técnica e a cor não deixam dúvidas quanto ao autor e época: Gabriel del Barco, cerca de 1700.

Travessa das Mercês, n.º 15 – Registos

Registo apresentando *Nossa Senhora do Rosário Segurando o Menino*, ambos coroados, com fina cercadura policroma de concheados.

Registo monocromático com Santo António segurando uma cruz e um livro, sobre o qual se encontra o Menino, com cercadura de concheados encimada por cruz.

ALMADA (CASQUILHO)

Quinta de Santo António da Bela Vista

No portal que dá para a entrada, registo com *Santo António e a Virgem*. O centro é azul e o molduramento policromo, de cerca de 1800 (?). Na parte superior está a inscrição:⁽⁹⁶⁰⁾

Santo António da Bela Vista

A sobreporta é também azulejada com 13 azulejos de largura tendo dois anjinhos, um com um livro e outro com cruz.

No pátio, fazendo espaldar ao poço, está uma composição que tem, na sua maior altura 17 azulejos. O centro é pintado em azul e representa *Santa Ana* e *São Joaquim* e, ao alto, *Nossa Senhora da Conceição*. Na parte inferior está a inscrição:

S^{TA}. ANNA ES. IOAQVIM SECV=
RREI, OS MIZARAVES E ALCÃ=
SANOS DE VOSO SS^{mo} NETO A
AGOA DA SVA DEUINA
GRAÇA

(960) Encontra-se na parte inferior correspondente à sobreporta. (MTV)

Dos lados dois medalhões tendo alegorias e inscrições:

NOLI ME TANGERE
e
NEC ARDET

Serão azulejos de cerca de 1790-1800 (?)

ALMADA (PRAGAL)

Quinta de São Lourenço

A casa da quinta, ao fundo de um longo pátio, é uma residência baixa, sem caprichos arquitectónicos. A parte aparentemente mais antiga acusa construção do século XVII.⁽⁹⁶¹⁾ A sala de entrada está adornada com um silhar de 9 azulejos de alto, incluindo rodapé marmoreado roxo, em sete painéis, entre as portas. Os painéis têm moldura ornamentada, simples, com carrancas. A pintura é azul. Os centros dos painéis têm, respectivamente, um peru, um papagaio, um pavão, uma cegonha e dois cães. O painel central ostenta o brasão dos Cunhas e a data 1742.

A cozinha, contígua pelo sul, tem azulejos de figura avulsa vulgares. É de notar que a maioria são modernos, copiando alguns dos antigos que ainda se conservam.

As salas que dão para o jardim foram divididas por tabiques, para agenciar quartos e corredores. Na sala maior o silhar era de grandes painéis com 10 azulejos de altura e os motivos relacionavam-se com cenas navais; entre estes havia um painel com uma batalha naval entre holandeses e franceses (talvez a batalha do cabo de La Hogue?). No corredor conserva-se na íntegra um painel com figuração alegórica a trabalhos geodésicos. O outro painel menor, e que está íntegro, mostra uma embarcação típica do Zuiderzee mas à qual se acrescentou uma bujarrona, um castelo de popa armoreado com brasão real português e uma grande bandeira de D. João V. Junto às portas desta antiga sala, há figuras de oficiais de marinha, em traje holandês do século XVII, segurando instrumentos náuticos.⁽⁹⁶²⁾

Noutra sala, também dividida, o silhar é de 7 de alto, com cenas frívolas, vulgares.

A capela, enorme e bem proporcionada, tem um silhar de 9 alto, com azulejos policromos de cerca de 1770, centros de «almofadas» e cercadura *rocaille*: na capela-mor vemos o mesmo tipo, desta vez com medalhões de ermitões e emblemas do *Martírio de São Lourenço*.⁽⁹⁶³⁾

A data de 1742 é certamente estranha pois que, tipologicamente, os azulejos (da entrada e da sala maior) parecem posteriores (1750?). Os da sala menor serão mesmo de cerca de 1760.

Rua da Ermida, n.º 1 – Registo

Painel policromo representando *Nossa Senhora da Arrábida*, com um bastão e segurando o Menino, ambos coroados. Encontra-se sobre um penhasco rodeado de homens em oração. Ao fundo vê-se uma povoação e um barco no mar. A cercadura é de concheados, com grinaldas, filetes e elementos vegetalistas, posuindo cartela com a inscrição «N.S.DARANIDA».

(961) Pertenceu aos Condes da Cunha. Actualmente encontra-se ocupada por uma instituição de solidariedade social. (MTV)

(962) RAPOSO e REIS, 1994, pp. 109-115. (MTV)

(963) Dois painéis apresentam medalhões com eremitas e outros dois mais pequenos, na parede fundeira, os símbolos do *Martírio*: a grelha e a palma. (MTV)

CACILHAS

Nossa Senhora do Bom Sucesso, Capela de

A grande capela que serve a povoação de Cacilhas está interiormente decorada com um silhar de azulejo de cabeceiras recortadas. Este é dividido, na parte correspondente à nave, em dez painéis de pintura azul, representando outros tantos passos da Vida da Virgem. Cada quadro está explicado com legendas em latim, extraídas dos evangelhos de São Lucas e de São Mateus.

Na capela-mor, o mesmo tipo de painel agora em número de dois.

A escada que conduz ao coro tem um silhar azulejado, azul, com a inscrição:

ESTA OBRA
MANDOV FA=
ZER HVM
DEVOTO
1715⁽⁹⁶⁴⁾

No coro propriamente dito o silhar é de 9 azulejos de altura, ornamentado com grinaldas e medalhões emblemáticos da simbologia mariana: rosa, estrela, Lua, Sol, cipreste, etc. Sobre a porta da igreja está a data de 1759, a qual corresponde às grandes obras de restauro feitas depois do Terramoto. Os azulejos serão desta última época, sendo, os da escada, os que restam de um revestimento anterior.⁽⁹⁶⁵⁾

COVA DA PIEDADE

Nossa Senhora da Piedade, Igreja de

O interior, corpo e capela-mor, apenas tem de interesse o paramento cerâmico. Ambos estão revestidos de silhar recortado que atinge, na nave, 25 azulejos de altura.

São painéis de emolduramento concheado, policromo, que se elevam acima de um rodapé ornamental, esponjado, de 4 azulejos de altura. Representam passos da Vida da Virgem e todos eles têm inscrição em português. Assim, na nave:

- 1) *Nascimento / da santíssima Virgem*
- 2) *Despozorios da Vir- / gem com São Jozé*
- 3) *Aprezentação / da Senhora no templo*
- 4) *Purificação da Senhora / ea apresentação domenino*
- 5) *A dorasão / dos Reis*
- 6) *Circomsizão / do menino*

Na capela-mor:

- 7) *Annunciação*
- 8) *Visitação*
- 9) *Nascimento de / Christo Senhor / nosso*
- 10) *Pastores em o Pre- / sepio*

(964) *Vide* CORREIA, 1922, pp. 76-77 (texto reimpresso CORREIA, 1956, pp. 79-80); BNL, 1924, vol. 1, p. 609.

FLÁVIO GONÇALVES

(965) A fachada da igreja possui três tramos separados por pilastras de cantaria, com duas torres sineiras adossadas. O portal, ao qual se acede por escadaria, é encimado por janelão. Sobre este, frontão triangular com monograma referente à Virgem. O interior é de nave única com cobertura de madeira e altares laterais com talha neoclássica. A capela-mor, coberta por abóbada de arestas, possui retábulo de talha neoclássica. No corredor de acesso ao púlpito existem azulejos de padrão azul e branco datados de 1718. IHRU, «Igreja do Bom Sucesso», www.monumentos.pt, 1995. (MTV)

É curioso notar que os dois grupos (capela-mor e corpo), se bem que feitos na mesma oficina e tendo precisamente o mesmo tipo de emolduramento, têm as figuras pintadas por dois artistas diferentes. Se bem que em ambos os casos as composições correspondam a modelos tradicionais e conhecidos, o pintor dos da capela-mor está mais perto dos mestres do século XVIII do que o outro, cujo desenho, quicá mais correcto, é no entanto mais duro. Será obra de cerca de 1770-80 (?).⁽⁹⁶⁶⁾

LARANJEIRO

Quinta de Santo Amaro – Registo

Registo azul e branco representando *Santo Amaro*, com báculo e mitra, sobre peanha com o nome do santo e fundo paisagístico.

MONTE DA CAPARICA

Capuchos, Convento dos

Convento de Franciscanos Arrábidos, fundado em 1558 por D. Lourenço Pires de Távora, Senhor do Morgado da Caparica. Após a supressão da casa religiosa, entrou num período de abandono, que conduziu à sua ruína. Em 1950 foi adquirido pela Câmara Municipal, que procedeu ao seu restauro, tendo sido colocados os painéis de azulejos que hoje podemos observar na galilé. Estes foram recuperados durante o restauro iniciado no ano 2000. Actualmente, o espaço do convento serve fins culturais.

Os painéis da galilé rodeiam a porta de entrada, representando episódios relativos a *Santo António*. Do lado esquerdo, *Pregação aos Peixes* e, do lado direito, *Pregação*, com o Santo a pregar num púlpito. Sobre a porta, turbilhão de nuvens com anjinhos.

No exterior pode observar-se arco cuja sobreporta é enquadrada por composição arquitectónica policroma, com concheados, volutas e vasos de flores, encimada por mascarão e vaso. Ao centro dois anjinhos sustentam festões e cartela com inscrição «1778 / AGORA HE RETIRO DECUIDADOS». Daqui arranca escadaria, em cujo patamar se encontra painel representando a *Estigmatização de São Francisco*.⁽⁹⁶⁷⁾

Nossa Senhora do Monte, Igreja de

O templo é amplo, de uma nave e capela-mor. Em todo o corpo há silhar recortado com painéis de cercadura policroma e centros azuis, representando o *Cântico dos Cânticos*. Na capela-mor o silhar é ornamental, policromo.

A capela baptismal é toda forrada de azulejos policromos, tendo como motivo principal um grande painel com a cena do *Batismo*, de pintura azul. Toda esta azulejaria deverá andar perto de 1790.⁽⁹⁶⁸⁾

(966) A Igreja de Nossa Senhora da Piedade substituiu a original, dedicada a Nossa Senhora da Mutela. Destruída pelo sismo, foi reconstruída em 1762. Em 1965 foi remodelada, tendo sido acrescentada a nave lateral, pelo que ficou com duas naves. Esta alteração motivou o apeamento de dois painéis de azulejos, que se encontravam na parede então suprimida, os quais foram restaurados pela Fábrica Viúva Lamego. Os azulejos da capela-mor, distintos dos demais, poderão ter sobrevivido ao Terramoto. Num corredor do 1.º piso também se encontram alguns azulejos. FLORES, 1990, pp. 166-169. (MTV)

(967) Sobre a igreja: ARCOS, 1972, pp. 38-39; IHRU, «Convento dos Capuchos/Convento dos Capuchos da Invocação de Nossa Senhora da Piedade/Convento dos Capuchos e Igreja de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2001. (MTV)

(968) A igreja começou a construir-se no local onde existia uma ermida consagrada a Nossa Senhora, após a criação da paróquia do Monte da Caparica, ocorrida em 1472. O Terramoto provocou estragos na construção, tendo-se então procedido à reedificação. Em 1898 efectuiu-se, ainda, uma grande reforma. A fachada possui três portas, sobre as quais se encontram três janelões, duas torres laterais e remate por frontão triangular. A nave, ampla, possui altares laterais sobrepujados por janelões e teia de madeira a toda a volta. Pintura mural com marmoreados de tom claro cobre as paredes e a abóbada a qual exibe medalhão central com moldura dourada e trabalho de estuque. A capela-mor, profunda e com retábulo policromo, é ladeada por dois altares. A sacristia é revestida por azulejos de albardas, com cercaduras de enrolamentos. ARCOS, 1972, pp. 31-32; IHRU, «Igreja Matriz do Monte da Caparica/Igreja de Nossa Senhora do Monte/Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Monte/Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Concórdia», www.monumentos.pt, 2001. (MTV)

Quinta de São Macário

Vindos de outros locais da quinta foram aplicadas no átrio colunas em azulejo, respectivamente de 13×3 e 14×3 , com flores e laçarias, e outras de tipo «grinaldas». Na escada que sobe para o 1.º andar, curioso «porteiro», em atitude de convidar as pessoas a subir a escada...

Na sala de estar vemos painel de cerca de 1780-90, que teria pertencido a um arco, com 21×7 azulejos. No centro está um medalhão, com cabeça coroada de louros. No jardim existe um painel idêntico, mas aqui o medalhão e a cabeça são pintados a manganês.

Contíguo à sala de estar existe o escritório, este com belo silhar de 6 de alto, do tipo «vasos e anjos», e cercadura de acantos. Serão estes azulejos muito anteriores aos outros, de cerca de 1730-40.

Ainda na sala de estar vemos outro «porteiro» de cerca de 1780. Numa parede está aplicado um painel de 11×9 , com uma cena frívola.

No jardim chamado da «Meia-Lua» todo o lambril do muro é forrado com azulejos de figura avulsa. Mais curiosos e notáveis, são quatro «porteiros» tocando instrumentos musicais: lira, violino, etc. São azulejos de um azul muito belo e datáveis de cerca de 1740. Também aqui há colunas idênticas às do átrio, de 14×3 azulejos, desta vez com urna florida como remate.

Perto da piscina estão dois painéis: um deles é idêntico ao da sala de estar, com medalhão e cabeça coroada de louros. O outro representa *São Francisco* e deverá ser de data anterior, talvez de 1770-80.

A parte mais notável da casa é certamente a cerca, que dá acesso para a capela, onde vemos trinta e seis figuras de santos com os respectivos nomes, legendados. Entre eles está um enorme medalhão representando *Santo Inácio de Loiola*.

Toda a cerca é forrada com rodapé de padrão tipo «D. Maria» e, junto a uma porta, dois painéis que julgo da mesma data, de 16×10 azulejos cada, com cenas franciscanas.

Na capela-mor os painéis são de tipo recortado, com 16 azulejos de alto. O azul é muito belo e representam passos marianos, de cerca de 1750-60.

Quinta da Regateira – Registo

Painel policromo de concheados, formado por três cartelas. Na cartela central, de maior dimensão, encontra-se *Nossa Senhora do Rosário*. É ladeada, nas cartelas mais pequenas, por *São Marçal* com os atributos abaciais e *Santo António* com a cruz, o lírio e o livro, sobre o qual se senta o Menino.

Rua Comandante Ferreira Lopes (Beco) – Registo

Registo monocromático representando a *Virgem com o Menino*, segurando um bastão, sobre nuvem com querubins, emoldurado por concheado.

CONCELHO DO BARREIRO

BARREIRO

Misericórdia, Igreja da⁽⁹⁶⁹⁾

No corpo, silhar de «vasos e golfinhos», do mesmo tipo dos da Igreja de Santa Cruz.⁽⁹⁷⁰⁾

(969) Igreja de fachada simples, com portal sobrepujado por janelão e óculo, com cunhais de cantaria e frontão ondulado. O interior é de nave única, com cobertura de caixotões de madeira. Em meado do século XX foi objecto de grande restauro, tendo então sido colocado no altar-mor painel de azulejos representando a *Assunção da Virgem*, executado na Fábrica de Santana. IHRU, «Capela da Misericórdia do Barreiro/Capela de Santo António», www.monumentos.pt, 1999. (MTV)

(970) Segundo Silva Pais (PAIS, 1963, p. 56), «no século XVIII ou princípios do seguinte», foi o pequeno templo beneficiado com azulejos azuis e brancos, no corpo da igreja e na capela-mor, em dois painéis. O do lado esquerdo com o *Nascimento do Baptista* e a *Visitação*.

Ainda, dois painéis mais pequenos, representando *São João Baptista Junto a Uma Fonte* e figura feminina com três crianças, representando a Caridade. Todos apresentam cercaduras de concheados azuis e brancas. (MTV)

Madre de Deus da Verderena, Convento da

Convento de frades franciscanos fundado no final do século XVI. Após a extinção das ordens religiosas foi transformado em quinta de recreio. Em 1970 foi adquirido pela Câmara Municipal, que nos anos de 1990 aí instalou um complexo cultural, integrando biblioteca, auditório e espaço museológico.

No vestíbulo da igreja encontram-se painéis de albarradas com cercaduras de enrolamentos de acanto.

No interior, dois painéis representando monges franciscanos, inseridos em nichos, encimados por anjos que seguram cartelas com inscrições. No que convida ao silêncio está inscrito: «DOMUS MEA DOMUS ORATIONIS VOCABIUR»; no monge que segura um rosário e um bastão: «VIGILATE ET ORATE NE INTRESIS IN TENTATIONAM».

No interior da Capela do Senhor dos Passos, azulejos de albarradas.

Junto à entrada da capela, registo figurando *São Pedro de Alcântara*, inserido em fundo paisagístico, com filacteria que o identifica.

Ainda, registo representando *Nossa Senhora do Rosário com o Menino*, com emolduramento policromo. Em baixo, possui cartela com a inscrição. «N. S. DOROZARIO DAV.A / DOBARREIRO / 1786». ⁽⁹⁷¹⁾

Nossa Senhora do Rosário, Igreja de

Na sacristia silhar de 5 de alto, com painéis tipo «D. Maria», com medalhões e emblemas marianos, de cerca de 1780-90. ⁽⁹⁷²⁾

Santa Cruz, Igreja de

Na capela-mor estão dois belos painéis, de 14 × 26 azulejos cada, representando o *Baptismo no Jordão* e *São João Baptista Pregando*. Vieram estes azulejos para aqui em 1929, quando das obras de restauro, ignorando-se a sua proveniência. Ao colocá-los foi mandada fazer uma cercadura de acantos, que se ajusta perfeitamente ao tipo de painel. Os painéis são de desenho azul e poderemos datá-los de cerca de 1720, atribuíveis a António de Oliveira Bernardes.

Consta que na Igreja da Misericórdia, fronteira a esta, estão também dois painéis, colocados recentemente na capela-mor, e representando cenas da Vida de São João Baptista.

No corpo o silhar é de 10 de alto, com azulejos do tipo «albarradas floridas», de cerca de 1740. Estão igualmente bastante restaurados. ⁽⁹⁷³⁾

LAVRADIO

Quinta da Várzea

Numa das fachadas que davam para o pátio desta quinta, cruz em azulejo, de 6 × 3, azul, com efeitos marmoreados tendo, na base, cartela com a data 1767.

(971) IHRU, «Convento da Madre de Deus da Verderena», www.monumentos.pt, 1999. (MTV)

(972) Igreja construída sobre ermida do século XVI, tendo nela funcionado a Irmandade dos Escravos de Maria Santíssima do Rosário do Barreiro. A fachada é de três panos, separados por pilastras toscanas, flanqueada por duas torres. No registo inferior, portal ladeado por janelas cegas e, no superior, três janelões, sobrepujados por frontão triangular. Interior de nave única com nichos e capelas, coberta por abóbada de asa de cesto. Possui transepto com capelas e capela-mor com retábulo de talha, coberta por abóbada de arestas. IHRU, «Igreja Nossa Senhora do Rosário», www.monumentos.pt, 1999. (MTV)

(973) A igreja primitiva terá sido construída no século XV. Ficou bastante destruída com o Terramoto de 1755, passando ainda por grande restauro entre os anos de 1875 e 1877, com intervenções nos retábulos e na cobertura. No século XX foi utilizada como armazém, voltando ao culto nos anos de 1930. A fachada é de três panos divididos por pilastras toscanas, com duas torres adossadas, portal com frontão triangular, sobrepujado por janelão e óculo, terminando em empena triangular. O interior é de nave única, com capelas laterais e baptistério, com cobertura de abóbada em asa de cesto, apresentando pintura. Junto à porta do lado da epístola encontram-se ainda azulejos de figura avulsa e reaproveitamento de frisos. IHRU, «Igreja Matriz de Santa Cruz», www.monumentos.pt, 1999. (MTV)

Rua António Chatillon, n.º 44, 46 – Registo

Painel azul e branco representando *Nossa Senhora com o Menino*, que segura uma cruz com a qual trespassa uma cobra situada aos pés da Virgem. São rodeados por turbilhão de nuvens e querubins. A cercadura, recortada, possui pilastras cobertas por concheados, volutas e elementos vegetalistas, sendo encimada por volutas e querubins. Em baixo, cartela de concheados apresentando a data 1751.

Rua Miguel Bombarda, n.º 46 – Registo

Registo monocromático, com cercadura de perfil arquitectónico recoberto por concheados e elementos vegetalistas. Em baixo, cartela de concheados com a inscrição: «N.ª S.ª / da Atalaia». Apresenta a *Virgem*, com ramo de rosas e o Menino, ambos coroados, pairando numa nuvem sobre fundo paisagístico.

CONCELHO DE GRÂNDOLA

GRÂNDOLA

Misericórdia, antiga Igreja da (desaparecida)

A desaparecida Igreja da Santa Casa teve notabilíssimo recheio de azulejos. José Queiroz visitou esta igreja em 1917 e registou a visita num dos seus Livros de Notas (1917, II, p. 46), transcrevendo legendas e a assinatura que dá em fac-símile: *Policarpo de oliveira Bernardes o fes*, a qual estava no painel que tinha a legenda: *Castigar os q herrão*.

Os azulejos revestiam as paredes da igreja e representavam *Obras de Misericórdia*, no género dos que Policarpo fez para a Misericórdia de Viana do Castelo.⁽⁹⁷⁴⁾

Demolida a igreja, foram os azulejos vendidos antes de 1920 a um antiquário de Lisboa, encontrando-se agora numa moradia do Largo de São Mamede.⁽⁹⁷⁵⁾

Nossa Senhora da Penha, Capela de

Capela devocional⁽⁹⁷⁶⁾ com azulejos no corpo, em silhar de 8 de alto, cestos floridos separados por anjos.

No arco triunfal, azulejamento total com capitéis em cantoneiras. Grandes anjos la-deiam o arco e, na parte interna, os azulejos são também de anjos.⁽⁹⁷⁷⁾

A capela-mor tem as paredes forradas numa altura de 23 azulejos, azuis. No lado da epístola vemos duas composições, respectivamente com a *Anunciação* e *Assunção*. Do lado do evangelho, sobre a porta da sacristia, o cronograma no azulejo 1721 e painel com a *Apresentação de Nossa Senhora*.

Trata-se de trabalho do ciclo oficial dos Bernardes, provavelmente de PMP.

(974) Os painéis relativos às *Obras de Misericórdia*, na nave da Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, não são de Policarpo de Oliveira Bernardes, mas devem ser de António de Oliveira Bernardes. Só os painéis da capela-mor daquela igreja, com cenas da Vida da Virgem, pertencem a Policarpo de Oliveira Bernardes, o qual os assinou. Ambos os conjuntos datam de 1719-20. Vide, neste volume, as notas referentes à Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo. FLÁVIO GONÇALVES

(975) Em colecção particular encontra-se parte de dois dos painéis que compunham este conjunto, representando cenas bíblicas que se identificam com *Obras de Misericórdia* espirituais: *Sofrer com Paciência as Fraquezas do Nosso Próximo*, que surge representada com o episódio *Jesus em Casa do Fariseu e Perdoar as Injúrias*, apresentando Madalena a lavar os pés de Cristo. Nos restantes painéis, de que apenas se conhecem as informações deixadas por José Queiroz, representavam-se: *Castigar os Que Erram*, *Consolar os Tristes*, *Ensinar os Ignorantes*, *Visitação*. Vide CARVALHO, 2007a, pp. 87-93. (MTV)

(976) Pequena ermida rural composta por dois volumes separados por pilastras embebidas na parede, emoldurada por barras azuis, terminando a fachada da igreja em empena triangular. Possui planta longitudinal, nave única e cobertura de secção angular. A provisão régia de construção data de 1664, prolongando-se a obra pelo século XVIII. (MTV)

(977) Ao centro encontra-se um painel figurando *Nossa Senhora da Conceição*. (MTV)

CONCELHO DA MOITA

ALHOS VEDROS

Misericórdia, Igreja da

Anexa ao Hospital da Santa Casa está a magnífica igreja, há muitos anos profanada e servindo de armazém ou arrecadação.⁽⁹⁷⁸⁾

É verdadeiramente lamentável que se deixe chegar a tal estado um templo que, só por si, nobilitaria uma cidade!

As paredes e o coro são forrados de azulejos azuis, em grandes painéis de cabeceiras recortadas, exuberantes na composição concheada dos emolduramentos. Os centros representam passos da Vida de Jesus e da Virgem. Se bem que alguns dos azulejos estejam irremediavelmente perdidos por efeito da «salitragem», constituem mesmo assim um vasto repositório, do maior interesse artístico, exemplificando, com o retábulo, o gosto decorativo da segunda metade do século XVIII.⁽⁹⁷⁹⁾

Os painéis historiados, em número de dez, representam: *Nascimento da Virgem, Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler, Apresentação no Templo, Casamento, Anunciação, Apresentação de Jesus, Circuncisão, Adoração dos Pastores, Visitação e Fuga para o Egito*.⁽⁹⁸⁰⁾ No coro e subcoro os azulejos são ornamentados com grandes brasões reais. Na primeira destas quadras, onde se acumulavam os preciosos livros do arquivo, há igualmente revestimento com painéis de azulejos que, tanto quanto foi possível observar, representavam as *Obras de Misericórdia*.⁽⁹⁸¹⁾

São Lourenço, Igreja Matriz de

O templo é particularmente notável pelos seus azulejos.⁽⁹⁸²⁾ A nave tem, entre as portadas das capelas laterais, grandes painéis recortados azuis, com 33 azulejos na maior altura. Representam passos da Vida de São Lourenço.⁽⁹⁸³⁾ São ao todo seis painéis, sem contar com as guarnições. Este conjunto está datado sobre a porta da casa da sacristia:

M.DCC.XLIX

Capela baptismal – Tem silhar recto de 18 de alto e painel representando o *Baptismo*, da mesma época dos anteriores.

Capela de Nossa Senhora do Rosário – Silhar de 15 de alto com painéis representando o *Nascimento da Virgem* e a *Anunciação*. São azulejos de cerca de 1749.

Capela de São Sebastião – Esta quadra, bastante notável, foi referenciada por Vergílio Correia,⁽⁹⁸⁴⁾ que a coloca em 1477. A capela tem as paredes forradas de azulejo azul figurando passos da Vida de São Sebastião, com legendas:

(978) Igreja de nave única, construída no final do século XVI. A inscrição sobre o portal aponta o ano de 1587 como o de início da construção. IHRU, «Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros», www.monumentos.pt, 1993. (MTV)

(979) No *Livro dos Arrendamentos*, a fls. 36, veio o assento da compra de azulejos em 1770 pagos a um João de Deus pelo preço de 293 000 réis (?); mais adiante, a fls. 44, vem uma nova verba correspondente à compra de azulejos para o coro, Casa do Capítulo, corredores e sacristia, desta vez feita em 1773 a mestre Domingos Nunes. Depreendo que os que foram adquiridos em 1770 se destinavam à igreja, sendo três anos depois adquiridos os do coro e restantes dependências. Destes, apenas os do coro se conservam.

(980) E, ainda, *Aparição do Anjo Gabriel a Zacarias*. (MTV)

(981) No coro alto representam-se as seguintes *Obras de Misericórdia*: *Enterrar os Finados, Visitar os Presos, Dar Pousada aos Peregrinos e Pobres, Cobrir os Nus, Dar de Comer aos Famintos*. Vide CARVALHO, 2007a, pp. 229-236. (MTV)

(982) A igreja remonta à época medieval, já existindo no tempo de D. Dinis. Possui elementos góticos, manuelinos, renascentistas, maneiristas e barrocos. É de nave única, com capelas laterais e coro alto assente em colunas toscanas e cortavento. Na cobertura, tecto de masseira em caixotões, pintado. Os azulejos da Capela de São Sebastião foram restaurados em 1991. ALVES, 2007, pp. 65-89. (MTV)

(983) Contando os seguintes episódios: *Pregação de São Lourenço, Cura de Um Enfermo, Julgamento de São Lourenço, Martírio na Grelha*. ALEIXO, 2000, vol. II, p. 62.

(984) In *História de Portugal*, Barcelos, vol. IV, p. 389.

S. SEBASTIAM PREZO / EMO CARSERE / MANDA O EMPERADOR
 DEOCLESIANNO / S. SEBASTIAM AO / MARTIRIO DOS ASOITES
 S. SEBASTIAM / EM OMARTIRIO DOS ASOITES
 S. SEBASTIAM SOBINDO AOSEO GLORIOZO

Sobre o arco da entrada, do lado de dentro:

<i>Esta obra</i>		<i>Sendo ademenistra</i>
<i>sefes no anno de</i>	e,	<i>dora desta capela</i>
1730		<i>Francisca da Mota</i>

Capela de Santo António – O revestimento de azulejos é notabilíssimo pela composição arquitectónica. Tem azulejos em silhar, em duas paredes, azul, figurando passos da Vida de Santo Estêvão. Serão azulejos da mesma época dos do corpo da igreja.

Capela-mor – O silhar é de alto, de pintura azul e cabeceiras lisas, com passos do Antigo Testamento – *A Serpente de Bronze* e *Moisés Fazendo Brotar a Água*.

Na *sacristia*, silhar de azulejos ornamental, com cercadura de acantos e cestos.

MOITA

Nossa Senhora da Boa Viagem, Igreja Matriz de ⁽⁹⁸⁵⁾

O corpo é revestido, até uma altura de 42 azulejos, com painéis assentes em silhar também azulejado. São composições figuradas, emolduradas com cercaduras de acantos. O desenho é singelo mas cuidado. Os azulejos estão datados de 1719, inscrito no próprio azulejo, sob o belo púlpito de pedra. A figuração é mariana. ⁽⁹⁸⁶⁾ A parte inferior do revestimento é de medalhões e anjos trompeteiros, certamente de 1730.

No baptistério, azulejos de figura avulsa e painel com *Baptismo*, da época dos da igreja.

CONCELHO DO MONTIJO

ATALAIA

Nossa Senhora da Atalaia, Santuário de

A devoção popular à Senhora da Atalaia, espalhada por toda a região da península de Setúbal, está centrada no santuário erguido sobre a colina a leste do Montijo.

A igreja, já de si sem grande interesse arquitectónico, foi esteticamente adulterada com uma torre sineira, de criação recente. No interior, as notas de arte são dadas pela azulejaria ⁽⁹⁸⁷⁾ do corpo e da capela-mor, e pela talha do retábulo que, nesta, reveste o altar. Na nave o revestimento é em silhar liso, de 15 de altura sobre um rodapé de cantaria. São painéis contínuos, com emolduramento de anjos e alguns elementos de decoração rococó. Nos centros a figuração é mariana, de tipo convencional, representando as cenas do *Casamento*, *Anunciação*, *Visitação* e *Fuga para o Egipto*. ⁽⁹⁸⁸⁾

(985) A igreja remonta a 1631, quando Filipe III de Portugal autorizou a construção de uma ermida nesse local. A fachada, flanqueada por torre sineira, tem portal com frontão triangular e janelão, sendo encimada por empena triangular. No interior, nave única com capela lateral e coro alto com balaustrada de madeira. A cobertura, na nave e na capela-mor, é efectuada por masseira em caixotões com pinturas. (MTV)

(986) Com as seguintes cenas: *Nascimento da Virgem*, *Apresentação da Virgem no Templo*, *Visitação*, *Esponsais*, *Anunciação*, *Adoração dos Pastores*, *Adoração dos Magos*, *Apresentação do Menino no Templo*, *Fuga para o Egipto*, *Descanso na Fuga para o Egipto*, *Menino entre os Doutores*, *Morte de São José*, *São José e Jesus na Oficina*, *Dormição*, *Assunção*, *Nossa Senhora da Conceição*. A azulejaria integra os vãos e estende-se ao corralto. ALEIXO, 2000, vol. II, p. 60. (MTV)

(987) Todo o levantamento da azulejaria setecentista deste espaço foi recentemente revisto, estudado e actualizado. Vide CÂMARA, 2008, pp. 108-115. (AGC)

(988) Com grande valor narrativo, este programa claramente mariano impõe-se pela continuidade entre os episódios, cuja divisão e a do próprio espaço representado, recorrendo-se a colunas ou a arcos. Do lado do evangelho, a primeira cena ilustra o *Casamento da Virgem*, organizado segundo uma composição estática, com as figuras enquadradas por colunas e o sacerdote a dividir, ao centro, homens e mulheres. Em primeiro plano, e bem destacados, até pelas respectivas auréolas, *Nossa Senhora* e *São José*, este com a vara florida alusiva ao facto de ter sido o escolhido para desposar a Virgem. A presença de duas colunas divide o espaço e anuncia o próximo episódio, a *Anunciação*. A composição da *Anunciação*, que a presença muito

Na capela-mor há dois painéis de 16 de alto, iguais aos do corpo e onde a figuração representa *Nossa Senhora e Jesus no Templo*. Revestindo os vãos das portas e o silhar da tribuna do coro, há pequenos painéis da mesma época e género, agora com a embleática mais vulgar.⁽⁹⁸⁹⁾

É de notar que, se bem que os azulejos da capela-mor e da nave sejam, aparentemente, de um mesmo tipo, os daquela mostram, nos seus elementos decorativos, os ornatos típicos do barroco de cerca de 1740,⁽⁹⁹⁰⁾ ao passo que os silhares da nave mostram já uma evolução para as formas do rococó, como por exemplo as cartelas, com os ritmos da «asa de morcego», fazendo supor que, entre os dois revestimentos, passaram alguns anos. Serão de cerca de 1745. A figuração, no entanto, é semelhante e convencional, de desenho fraco, parecendo toda ela da mesma mão.⁽⁹⁹¹⁾

MONTIJO

Espírito Santo, Igreja Paroquial do

No meado do século XVIII foi a igreja paramentada com painéis figurados azuis, do modelo convencional das oficinas lisboetas, influenciadas por Bartolomeu Antunes. A figuração é mariana.⁽⁹⁹²⁾

Nossa Senhora da Purificação, Capela de

A Capela de Nossa Senhora da Purificação foi a primeira a exhibir painéis de azulejos figurativos, seguindo-se, em 1708, a capela-mor. A campanha seguinte, já da época conhecida pela Grande Produção Joanina, revestiu a nave, o guarda-vento e a capela baptismal, ficando para último a Capela da Madre de Deus, onde é já visível a influência rococó.⁽⁹⁹³⁾

São Francisco, arcos do antigo Convento de

No sítio de São Francisco, próximo da Bela Vista, ainda se podem ver os arcos que davam acesso ao amplo adro do convento franciscano. Estavam, no seu tempo, ricamente ornamentados com painéis de azulejos azuis, historiando cenas franciscanas e emblemas da *Paixão*. Tudo isto é hoje uma ruína, servindo de alvo às pontarias da garotada ou de algum caçador...

São Tiago da Póvoa, Ermida de

Actualmente desaparecida, esta construção situava-se na antiga Quinta da Póvoa, uma das propriedades existentes ao redor da Aldeia Galega. Restam deste espaço dois painéis representando o *Nascimento da Virgem* e a *Apresentação no Templo*, ambos com cartelas exibindo símbolos das litanias da Virgem: Lua, Sol, estrela, espelho, entre outros.⁽⁹⁹⁴⁾

evidente do Espírito Santo transforma, simultaneamente, em Conceção, apresenta uma solução recorrente, com o ambiente em que a Virgem se encontrava inundado pelo céu, em forma de nuvens, por onde desce o Arcanjo Gabriel, e entre as quais se manifesta a Pomba do Espírito Santo. Do lado do evangelho, e agora do cruzeiro para a porta, o painel seguinte retrata a *Visitação*, onde estão presentes os dois casais: Santa Isabel e Zacarias, Nossa Senhora e São José, este ligeiramente mais atrás e, por isso mesmo, num plano destacado. Um arco oblíquo, e um pavimento diferenciado, materializam a mudança de episódio, facto ainda mais acentuado pelas cartelas que rematam, superior e inferiormente, a cercadura, criando um eixo. Segue-se a *Fuga para o Egipto*, com a manutenção, por parte das oficinas portuguesas, do figurino tradicional com a presença do burro, sobre o qual viajam Nossa Senhora e o Menino; São José caminha ao lado e, à frente dos três, uma palmeira ou tamareira alude ao *Descanso*, episódio integrante deste ciclo, recordando que os seus frutos alimentaram a Sagrada Família. Vide CÂMARA, 2008, pp. 109-110. (AGC)

(989) Neste espaço assiste-se a uma interessante equivalência temática através do tema das *Apresentações no Templo*, com a *Apresentação de Jesus* do lado do evangelho, e a da *Virgem* do lado da epístola. As cercaduras estruturam-se em motivos arquitectónicos, também com enrolamentos e anjos, e uma simulação de almofadado no rodapé, cuja cartela central apresenta símbolos marianos. Vide CÂMARA, 2008, pp. 110-111. (AGC)

(990) José Meco tem vindo a defender, mais recentemente, a integração dos painéis da Igreja da Atalaia na obra do pintor Domingos de Almeida, com actividade identificada entre 1740 e a de 1760. Vide CÂMARA, 2008, p. 113. (AGC)

(991) A sacristia e o coro são ambos espaços revestidos com azulejos do século XVIII. A sacristia é percorrida por um silhar de albardas e vasos floridos, com cercadura de enrolamentos de acanto. Nos azulejos do coro, o programa iconográfico é também mariano, representando as litanias da Virgem.

(992) O revestimento da Igreja do Espírito Santo é um excelente exemplo do carácter assumido pela azulejaria do século XVIII. (AGC)

(993) Sobre os espaços indicados, veja-se uma análise detalhada e actualizada dos revestimentos azulejares em CÂMARA, 2008, pp. 39 a 48. (AGC)

(994) Vide CÂMARA, 2008, pp. 48-49. (AGC)

SARILHOS GRANDES

São Jorge, Igreja de ⁽⁹⁹⁵⁾

O silhar acompanha toda a igreja, numa altura de 19 azulejos. Representam passos da Vida de São Jorge e estão datados de 1740. Na sacristia e baptistério os azulejos são de figura avulsa, com cercadura de acantos.

Na capela-mor o silhar é de dois painéis, com *Guerreiros* e *Colheita do Maná*.

CONCELHO DE PALMELA

PALMELA

Misericórdia, Igreja da

No alto das paredes há cinco painéis de 6 × 4 com vasos floridos de pintura azul. São muito curiosos, porquanto neles se pretendeu copiar vasos chineses. São azulejos, certamente, dos princípios do século XVIII.

Estão depositados nesta igreja dois grandes painéis azuis, montados em armação de ferro e fibrocimento, representando cenas de caçadas. A pintura é vulgar de cerca de 1770. ⁽⁹⁹⁶⁾

São Pedro, Igreja Matriz de

O espaçoso templo é de três naves e, se bem que datado de 1745 – no lintel da porta principal –, sofreu alterações quando das reparações pós-Terramoto.

As paredes laterais e fundeira, assim como a capela-mor, estão forradas com azulejos em toda a altura.

Na capela-mor há dois painéis de pintura azul, historiados com a figuração da *Colheita do Maná* e *Água do Rochedo*. O desenho é correcto e provavelmente de época vizinha de 1745.

O corpo da igreja apresenta um conjunto notável, ainda que artisticamente de menos valor que os azulejos da capela-mor, datando, no entanto, de antes do Terramoto. A figuração é toda referente à Vida de São Pedro, com algumas representações de muito interesse iconográfico.

A parede fundeira e as laterais foram as que mais sofreram com o megassismo e recorreu-se, na reconstrução, a pinturas pouco felizes, tentando substituir os azulejos em falta.

Os vãos das janelas são igualmente azulejados, ao gosto do tempo.

A sacristia tem o silhar forrado com azulejos de vasos e pilastras, e no corredor o silhar é de azulejos de figura avulsa, de tipos vulgares.

Verifica-se, mais uma vez, que no meado do século XVIII a Ordem de Santiago, a quem a igreja pertencia, favoreceu o azulejamento dos templos, como, por exemplo, nas igrejas de Sesimbra (Castelo), Moita, Samora Correia, etc. ⁽⁹⁹⁷⁾

(995) A igreja que hoje conhecemos foi reconstruída no decorrer da primeira metade da centúria de Setecentos, época à qual pertencem os azulejos que revestem as paredes da nave e capela-mor. Vide CÂMARA, 2008, p. 97. (AGC)

(996) A igreja deverá ter-se estabelecido no local de antiga ermida dedicada ao Espírito Santo, estando a obra concluída cerca de 1530. A fachada possui portal maneirista sobrepujado por janelão gradeado, sendo rematada por frontão curvo. O interior é de nave única com capela-mor sobrelevada e cobertura de madeira. Os painéis de albardas referidos por Santos Simões encontram-se inseridos nos azulejos de tapete seiscentistas que foram as paredes. José Meco data-os do final do século XVII. Em 1732 e 1734, obras na frontaria motivaram alterações no revestimento da parede fundeira, sendo colocados no registo inferior painéis de albardas joaninos integrados em padrão azul e branco. SERRÃO e MECO, 2007b, pp. 220-227.

(997) A igreja foi fundada no século XIV e reconstruída na segunda metade do século XVI, em obra atribuída ao arquitecto António Rodrigues, sendo objecto de renovações na sequência do incêndio sofrido em 1713 e do terramoto de 1755. O terramoto de 1858 também provocou estragos, tendo motivado o restauro dos azulejos em 1862, executado pelo pintor Mariano Brandão. Os azulejos foram novamente restaurados em 1970, com orientação de J. M. dos Santos Simões. O restauro foi efectuado pela Fábrica Viúva Lamego, com intervenção dos irmãos Soeiro e do azulejador Mário de Almeida. Durante essa intervenção descobriu-se a data de «1740 (...)» no tardo de um dos azulejos, inserindo-os, sem dúvida, na campanha joanina, concluída em 1747. Os azulejos recobrem totalmente as paredes das naves, integrando os elementos arquitectónicos. Os episódios da Vida de São Pedro dispõem-se em dois registos separados por cornija. As cenas são identificadas por cartelas com inscrições em latim:

Lado do evangelho, registo inferior – *Os Apóstolos de Pedro e João Descobrem o Santo Sepulcro de Cristo Vazio* («Præcurrebat citius Pe / tro / Joan. 20»); *Ceia de Jesus com os Discípulos junto ao Lago de Tiberíades* («Ascendit / Simon Petrus / et Traxit het in / Terram. Joan. 21»); *Cura do Paralisado à Porta do Templo* («In nomi / ne Jezu chris / ti Nazareni, / surge et am / bula. Ubi Sup.»); *São Pedro a Curar os Enfermos com a sua sombra* («Vt venien / te Pedro Saltem / lumbaret illius o / lumbaret que / m quam illorum / ubi.sup.»); «Sai ut im / dateas / eji cerent infirmos et ponerent / in tectulis. Ac grabantis. Act. Cap. 5.»); *Milagre de São Pedro e Um Companheiro junto de Duas Figuras Adormecidas com Uma Bolsa de Dinheiro Tombada aos Pés* («Audiem / haec verba ce / cidit et xpira / uit.Ubi.sup.»); *Prédica de São Pedro e Companheiros* (Predicate / euangelium / omni creatu / ra Marc. Cap. 16.»);

São Tiago, Igreja de

Construída pelos freires da Ordem de Santiago no século XV, recebeu nova campanha de obras no meado de D. Jorge, filho bastardo de D. João II. Destaca-se pela austeridade da fachada e interior, constituído por três naves separadas por arcos quebrados, com cobertura por abóbada de berço. A capela-mor, rectangular e profunda, é coberta por abóbada de nervuras.

Nos arcos da nave e na parede do coro subsistem alguns azulejos com serafins e cercadura de folhagens, do início do século XVIII, obra atribuída a Manuel de Oliveira Bernardes.⁽⁹⁹⁸⁾

Zambujal, Herdade do

A casa senhorial foi construída no século XVII por Jorge Cabedo de Vasconcelos, mantendo-se na posse da família até ao século XX. A capela, do início do século XVIII, terá contado com a intervenção do arquitecto João Antunes.

No exterior encontra-se painel rococó de pintura azul representando uma caçada e um registo policromo rococó representando *Nossa Senhora da Conceição*, data de 1779. Junto à garagem um nicho alberga azulejos de padrão pombalino e, no pátio, foi ainda colocada uma figura de convite policroma com personagem oriental. O interior encerra um casal de figuras de convite e silhares de azulejos neoclássicos policromos com vasos, grinaldas sustentadas por pássaros, plumas e cabeças.

Na capela, as paredes da nave e da capela-mor são revestidas por painéis de azulejos atribuídos a Valentim de Almeida (nave) e Teotónio dos Santos (capela-mor), do segundo quartel do século XVIII. Foram restaurados cerca de 1950, tendo a Fábrica da Viúva Lamego realizado novos painéis para a parede do lado da epístola e fundeira.

Na nave as cenas estão organizadas em dois registos, sendo emolduradas por colunas e entablamento. Do lado do evangelho representa-se, no registo inferior: *Sulamita e o seu Amado*, *Sulamita e o seu Amado junto a Várias Personagens*, *Sulamita com Um Toucado de Plumas*; na parte superior: *Carpintaria de São José*, *com Nossa Senhora a Costurar e o Menino a Varrer o Chão*, *Esponsais*, *Anunciação a José*. No lado da epístola os azulejos refeitos apresentam, no registo inferior: *Jesus e Samaritana junto do Poço*, *Adoração*

Lado do evangelho, registo superior: *Queda de Simão Mago e Oração de São Pedro* («Cui tebant / autem avo simul / Joan 20.»); *Pedro com São Marcos e o Leão* («Aferte depisci / bus quos prendictis / tis nunc: Joan. 21»); *Libertação de São Pedro da Prisão pelo Anjo* (Argentum et / aurum non est mihi. Act: cap. 3°); *São Pedro, Vestido como Papa*, em Antioquia («Anania curten / lavit satanas cortuu, mete / tirite Spiritui sancto / Act. Cap. 5»); *São Pedro a Pregar num Púlpito em Antioquia* («In nomen terr / am exiuit sonus eorum e / in finis orlis terra verba eo / rum Psalm. 15»).

Lado da epístola, registo inferior: *Cristo a Aparecer aos Discípulos no Lago de Tiberíades* («Exi ame / quia homo pe / cator sum. Luca 5.»); *Jesus Caminhando sobre as Ondas* («Domine / saluum me / fac. Math. 14»); *Identificação de Jesus por São Pedro*, ao fundo, *Baptismo no Jordão* («Tu es Chris / tvs, filius Dei viri / Vivi, Math. 17»); *Tempestade no Lago de Tiberíades, com Jesus Adormecido no Barco* («Domine sal / ua nos peri / mus.»; «Quid timidi / estis modicae fidei / Math. 8.»); *Jesus cura Tabita, mãe de Simão e sogra de São Pedro* («Socrus / Simonis tene / bait magnis. Te / bribus et Roga / vit pro ea. Lucae Cap. 4»); *Jesus e a Pesca Milagrosa no Lago de Tiberíades* («Veniteros t me / et faciam vos / fieri piscatores / hominum. Math. 4»).

Lado da epístola, registo superior: *São Pedro Corta a Orelha a Malco aquando da Prisão de Jesus* («Dec / inaltum / Retia vestra in captu / Ram. Luca 5.»); *Prisão de São Pedro* («Veni Math. 14»); *A Cidade de Deus, com Jesus Cristo e São Pedro* («Quem dicunt / homines esse filium / hominis Math. 17»); *Flagelação de São Pedro* («Quid timidi / Estis modicae fidei / Math. 8.»); *Crucificação de São Pedro* («Ecce nos Reli / quimus omnia, et se / cuti sumus te / Math. 19»).

Sobre os arcos das capelas, com enquadramento de gradeamento e volutas centrado por cartela, dispõem-se as figuras das *Virtudes*. Nas paredes do fundo da igreja apenas subsistiram os embasamentos, ladeados por atlantes e cartelas com passagens dos *Actos dos Apóstolos*: «Inveritate / Comperi, quia non / est personarum / acceptor Deus. / Act. App. Cap. 10.»; «Absit Domi / ne, quia numqu / am manduca / ui omne commu / ne, et immundum / Act. App. Cap. 10».

Os painéis da capela-mor serão da década de 1730. Possuem cartelas com os seguintes símbolos eucarísticos e inscrições:

Painel com *Colheita do Maná* – cartela com pão sobre mesa e quatro olhos («Aperti sunt»); cartela com Cordeiro de Deus trespassado por seta («Agnus. Tamquam Occisus»); cartela sem figuração («Panis de Coelo»).

Moisés Fazendo Brotar Água do Rochedo – cartela com pão e gomil sobre a mesa («Surge Comede»); cartela com duas fénix («Ibi Congratabantur»); cartela sem figuração («Non siltet am plius»);

A obra é atribuída a Nicolau de Freitas, tendo sido utilizadas como fonte iconográfica gravuras de Karel von Mallery, Adrien Collaert e dos irmãos Jerónimo e Anton Wierix, que se encontram na obra *Evangelicae Historiae Imagines* de Jerónimo Nadal. Nos painéis da capela-mor utilizaram-se gravuras que seguem composições de Rafael para as *Logge* do Vaticano.

Sobre estes azulejos vide: SERRÃO e MECO, 2007, pp. 80-81, 160-217. (MTV)

(998) SERRÃO e MECO, 2007, pp. 80, 128-152. (MTV)

dos Pastores, Chegada dos Reis Magos e dos Peregrinos; no registo superior: Fuga para o Egípto, Jesus entre os Doutores, Anunciação.

Na capela-mor encontram-se composições em *trompe-l'oeil* integrando os elementos arquitectónicos existentes, com paisagens e cartelas com motivos simbólicos, contendo, no lado do evangelho, uma videira acompanhada da inscrição «TANTVM MODO UT SULCIMENTUM»; e, no lado da epístola, refeito, duas palmeiras e a inscrição «CASTVM COMMVNGIVM SED FRUTUS SVM».⁽⁹⁹⁹⁾

CONCELHO DE SANTIAGO DO CACÉM

CERCAL DO ALENTEJO

Igreja Matriz

Igreja de nave única coberta por abóbada de berço com pintura mural em grisalha, construída em meado do século XVIII. De fachada austera, destaca-se a torre sineira com coruchéu bolboso.

O baptistério encerra composição azulejar a azul e branco figurando o *Baptismo de Cristo* com cercadura composta por concheados e elementos vegetalistas sobre fundo arquitectónico. Em baixo, lambril com florão sobre fundo esponjado azul e rodapé esponjado manganês. A abóbada de berço que o cobre é revestida com azulejos de figura avulsa com barras de esponjado manganês, tal como as paredes laterais e o topo do painel figurativo.⁽¹⁰⁰⁰⁾

SANTIAGO DO CACÉM

Casa da Carreira

A Casa da Carreira – Palácio da Carreira, como é conhecida – é um imponente edifício de dois andares, com fachada de nove janelas sobre a Rua da Carreira, na vertente nascente do monte do Castelo. Sóbria na sua arquitectura dos fins do século XVIII, acusa o bom gosto de quem a mandou fazer, pessoa certamente esclarecida em matéria de arte. É notável constatar que, apesar de ter sido possuída por diversas pessoas, houve sempre o cuidado de manter a sua dignidade, respeitando a traça e as decorações internas.

Ainda que tenham sido os azulejos que me levaram a visitar a Casa da Carreira, o certo é que o seu recheio decorativo é tão importante, que não é possível isolar a azulejaria da restante decoração, de tal forma aquela se integra nesta, formando um todo unitário.

A Casa da Carreira, tal como hoje se encontra, deve ter sido embelezada em mais de uma época, que terá começado cerca de 1790, prolongando-se até ao meado do século XIX. É de presumir que tudo tenha sido feito durante a vida e ocupação de José Joaquim Salema de Andrade Guerreiro de Aboim, o qual teve a patente de Capitão-Mor de Ordenanças de Santiago do Cacém, em 1808. Os outros ocupantes nada devem ter acrescentado, a não ser algum restauro de pintura.

Só no andar nobre e no jardim se colocaram azulejos; no piso térreo há três salas com pinturas murais, além do átrio de entrada, onde está o tecto armoriado (armas dos Aboins e Guerreiros e, ao centro, esquarteladas, as dos Sousas, Guerreiros, Britos e Aboins).⁽¹⁰⁰¹⁾

Do átrio ascende-se ao piso nobre por escadaria de dois lanços, cujas paredes são guardadas com silhar de 6 azulejos, de composição marmoreada policroma, com cartelas de emolduramento do último rococó. São do tipo comum de fabrico de Lisboa, de cerca de 1790-95.

(999) Sobre estes azulejos *vide* SERRÃO e MECO, 2007, pp. 82, 413-435. (MTV)

(1000) IHRU, «Igreja Matriz do Cercal», www.monumentos.pt, 1999.

(1001) Segundo informações, este tecto era de uma sala do piso nobre e foi para aqui transferido em tempo do Conde de Avilez.

Do patamar superior entra-se para a «Sala Grande», ou «Salão de Baile», imponente quadra de cinco janelas. Tem a sala seu silhar azulejado em 8 de alto, com oito grandes painéis do tipo de «grinaldas», com medalhões centrais de paisagens a manganês. Revelam na coloração e na técnica de pintura o trabalho de algumas oficinas lisboetas «filhas» do Rato, de cerca de 1800.

Contígua a esta sala, para o lado norte, está o chamado «Quarto dos Laços», onde o silhar azulejado em 8 de alto se casa intimamente com a decoração parietal, a têmpera. O silhar tem oito painéis, do mesmo género dos da Sala Grande, agora com aves e festões enquadrando pequenos medalhões de pintura azul. A pintura das paredes como que continua a temática ornamental dos azulejos.

As restantes salas desta banda do palácio não têm azulejos. É provável que os tenha havido, forrando os silhares, já que eles se apresentam desprovidos de qualquer decoração, ao passo que as paredes mantêm a decoração pintada do mesmo estilo e época das que vimos atrás: na sala dita «das Araras» paisagem e cavaleiros da época – cerca de 1800; na «Sala de Música» as oito paredes têm, cada uma, uma figura em tamanho natural: cantora, rabequista, violinista, executante de clarinete (ou fagote?), harpista, tocador de trompa inglesa, guitarrista e músico de rabecão. É um notabilíssimo conjunto, em relativo bom estado, semelhante ao do Salão de Música do antigo Palácio dos Condes Barões, em Lisboa.

Contígua a esta sala, dando para o patamar, está a «Sala de Jantar Antiga», com um silhar de azulejos em 7 de alto, em padrão comum de «D. Maria I», do tipo dos que revestem os corredores, estes em padrão diferente, igualmente comum da época: cerca de 1800.

Dando para o corredor central, do lado do sul, com portas para o jardim, estão três compartimentos: um quarto de dormir, com silhar de 8 de alto em nove painéis de tipo «grinaldas», ladeados de aves exóticas; outro quarto de cama, com silhar de nove painéis de 7 de altura, com penas de pavão e medalhões ovais de fundo amarelo e pintura manganês, representando paisagens rurais, casando-se com a decoração parietal, de aves; «antigo escritório», com nove painéis de 8 azulejos de altura, também de grinaldas, com medalhões ovais mostrando paisagens e cenas campestres a manganês.⁽¹⁰⁰²⁾

Todas estas salas parecem ter sido ornamentadas na mesma época, havendo grande unidade nas temáticas decorativas. Serão de alguma empreitada que se pode limitar entre 1795 e 1808.

Fonte de São João Baptista

Apresenta painel azul e branco representando *São João Baptista*, encimado por outros dois contendo anjos, encerrando ainda azulejos posteriores de *São José com o Menino e Santo António com o Menino* e, no topo, *Nossa Senhora da Conceição*. Nas paredes laterais encontram-se painéis de padrão pombalino.⁽¹⁰⁰³⁾

SANTO ANDRÉ

Nossa Senhora da Graça, Ermida de

Pequena igreja rural de peregrinação construída na década de 1740. A fachada é de um só pano, com arco de acesso ao nártex encimado por janelão, enquadrado por moldura de cantaria pintada de azul, a qual reveste igualmente os cunhais e o remate da empena recortada. Interior de nave única coberta por abóbada de berço, tal como a capela-mor. É nesta que se encontram os azulejos de feição rococó, recobrimdo as paredes até à sanca.

⁽¹⁰⁰²⁾ A estas divisões há que juntar o «Quarto dos Deuses» com painéis de caçadas a azul e cercadura policroma contendo urnas e figuras mitológicas, datados de cerca de 1800 (SOBRAL, 2001, pp. 93-98). (MTV)

⁽¹⁰⁰³⁾ IHRU, «Fonte de São João Baptista/Fonte de São Jorge», www.monumentos.pt, 1997.

Do lado do evangelho, construção arquitectónica que enquadra a porta de acesso à sacristia, com janela em *trompe-l'oeil*, em contraponto à janela real existente na parede defronte. Embasamento com cartela sobre almofadas e emolduramento de concheados policromo. Na parte figurativa, a azul e branco, representa-se a *Anunciação*. Do entablamento pendem medalhões com símbolos marianos.

Do lado da epístola, construção semelhante, com porta em *trompe-l'oeil* e emolduramento enquadrando a janela, contendo a *Criação do Homem*.⁽¹⁰⁰⁴⁾

CONCELHO DO SEIXAL

ARRENTELA

Nossa Senhora da Consolação, Igreja de

A igreja, localizada no alto da colina de onde se desfruta uma magnífica vista sobre Lisboa, tendo em primeiro plano o esteiro conhecido pelo «Rio do Judeu», é principalmente notável pela presença do extraordinário tecto de estuque policromado, de facto dos mais importantes exemplares desta arte decorativa.

O templo é de nave única e capela-mor e já existia em 1522, data de um enterramento testemunhado numa bela pedra tumular, junto à capela-mor. O Terramoto grande deve ter afectado muito a igreja e, assim, ela foi reconstruída, ou pelo menos reparada, nos anos imediatos, estando pronta para o culto em 1757. É isto o que se depreende do leitreiro insculpido numa pedra, sobre a porta principal, e onde se lê:

EM O PRº DE NOVEMBRO DE 1755
CAHIO ESTA IGREJA DE HUM TEREMTº
E SE LEVANTOU NO ANNO DE 1757

(Nesta transcrição desenvolveram-se as letras geminadas e inclusas.)

É curioso notar, porém, que os azulejos que ornamentam a nave parecem ser de fabricação imediatamente anterior ao Terramoto – cerca de 1750 – o que aliás será possível saber quando se explorar o magnífico arquivo das Irmandades e da Fábrica da Igreja, o qual se encontra relativamente bem preservado na sacristia.

Os azulejos forram o silhar da nave em painéis de cabeceiras recortadas, pintados a azul e tendo, na parte central, 24 azulejos de alto. Os painéis estão assentes sobre uma fiada de azulejos formando o rodapé. Os emolduramentos são de motivos barrocos, vulgares, de anjos e vasos, acusando a viragem para os ornatos «concheados». Os centros, figuram os mistérios marianos, consoante os modelos convencionais e por demais repetidos. Há no entanto uma ou outra cena com composição diversa, tal o painel onde aparece *Santa Ana*. A ordenação dos painéis obedece à cronologia e começa na parede fundeira, à direita de quem entra:

- 1) Painel muito belo, com a legenda: *Nascimento / de N.ª S.ª*
- 2) Na parede da nave, do lado da epístola: *Aprezentação da / Sr.ª no Tempolo*
- 3) Este painel tem, nos degraus do que parece ser um tabernáculo, uma legenda em latim.
Na parte superior: *Santa Ana exzer / citando a Senhora / em bons costumes*
- 4) Os azulejos deste painel – no que respeita à legenda – estão interceptados pela grade dos altares laterais: *Esposorio de..... ra / e S. José*

(1004) IHRU, «Igreja, Casa e Fonte de Nossa Senhora da Graça/Ermida de Nossa Senhora da Graça», www.monumentos.pt, 2000.

- 5) Segue-se o púlpito, sob o qual está uma composição de anjinhos. Depois outro painel: *Anunssiação / de N.^a S.^a*
- 6) Painel mais estreito e em parte prejudicado pelo altar colateral. Tem a legenda: *Nassmt^o de / Jezuz* e, no alto, o letreiro:
GLORIA INEICERIDEO
- 7) Do lado do evangelho, a contar do altar colateral do arco triunfal, painel estreito com o letreiro: *A duração dos / Reis*
- 8) Painel deteriorado por ocasião de um incêndio recente. Representava a *Fuga para o Egipto*, estando o letreiro ilegível. Segue-se o púlpito, sob o qual está uma composição como a do púlpito fronteiro.
- 9) A porta que dá acesso ao púlpito está cercada por azulejos, em bela composição, para se adaptar à arquitectura, seguindo-se a porta lateral da igreja, cujo vão é também azulejado.
Continuando a parede da nave está o painel: *Tranzito de N.Sra.*

A este painel segue-se o baptistério, todo forrado de azulejos azuis figurados e ornamentais, incluindo a própria abóbada. Tem um painel, sem legenda, representando o *Baptismo no Jordão*. Comparando estes azulejos, com os da igreja, nota-se que parecem mais recentes, agora nitidamente *rocaille*, já no trânsito para o rococó. Continua depois o paramento da igreja com mais dois painéis:

- 10) *Enterro de N.^a Sr.^a*
e
- 11) *Assumpção de N. Sr.^a, este já na parede fundeira.*

Serão azulejos do meado do século XVIII (entre 1750 e 1760).

Quinta da Boa Vista

A capela particular pertença desta quinta – da invocação de Nossa Senhora do Monte do Carmo – tem no retábulo uma boa tela com *São Sebastião*. Ladeando este vemos duas composições de azulejos, de 21 de alto, pintura azul onde, sob um dossel de largos panejamentos, se vêem, respectivamente, as imagens legendadas de N.S. / DAGRASSA e S. BARBORA.

Nas paredes da pequena nave, os azulejos recobrem-se em 18 de altura, com quatro painéis de figuração eucarística. Em cada painel se menciona o versículo evangélico que a figuração pretende representar:

- 1) *O Sacrifício de Abraão (Exodus, 12.v.3)*
- 2) *Multiplificação dos Pães (S. Lucas 9.v.16)*
- 3) *Cenáculo (Math. 26.v.26)*
- 4) *Bodas de Caná (João 20.v.1)*

Esta figuração, inspirada em gravuras, e bem assim o tipo de pintura indicam tratar-se de trabalho oficial de cerca de 1730-40.

Muito curiosa é uma porta fingida, espelhando a da pequena sacristia, e onde, enquadrada por azulejo marmoreado manganês – imitando a cantaria –, está a porta propriamente dita, em azulejo de pintura azul, tendo, nas almofadas, um crucifixo e um ermitão orante.⁽¹⁰⁰⁵⁾

(1005) Os azulejos da quinta foram vendidos em 1990 a um antiquário. DUARTE e MANGUCCI, 1992, p. 70. (MTV)

Quinta da Fidalga

A Quinta da Fidalga remontará ao século XV, devendo ter entrado na posse da família Gama em 1567, por casamento de Fernão Gomes Gama com D. Maria de Almada. No século XVII, Sebastião da Gama Lobo escrivão da fazenda da casa de D. Pedro I incorporou-a no morgado da família Gama Lobo. Em 1952 foi solicitado a Raul Lino um novo projecto para a casa, capela e parte do jardim, o que terá provocado a deslocação de painéis azulejares. Em 1997 foi adquirida pela Câmara Municipal do Seixal.

No átrio contemplam-se painéis de caçadas com cercaduras policromas com concheados. Painéis do mesmo tipo prosseguem nas escadas, com representação de uma batalha e uma caçada.

Os painéis da Capela de Nossa Senhora do Escapulário do Carmo não se encontram no lugar original. Representam episódios da vida de uma santa (Santa Teresa de Ávila?). As cercaduras possuem elementos arquitectónicos, máscaras, volutas, cartelas e pilastras com volutas e anjos.⁽¹⁰⁰⁶⁾

SEIXAL

Quinta da Trindade

De notar, pela quantidade e variedade, os painéis historiados do século XVIII, já isolados em séries iconográficas.

Vemos figurações dos *Quatro Elementos*, das *Quatro Estações*, e dos *Cinco Sentidos*: cenas religiosas, cenas venatórias e profanas. Trata-se, na verdade, de um conjunto notável – quase diríamos «mostruário» – de azulejaria setecentista, com exemplares raros do primeiro quartel e painéis de composição convencional do meado do século.⁽¹⁰⁰⁷⁾

Infelizmente nem todos os quadros estão íntegros e bem agrupados.⁽¹⁰⁰⁸⁾

LXXIV

CONCELHO DE SESIMBRA

CABO ESPICHEL

Nossa Senhora do Cabo, Igreja de⁽¹⁰⁰⁹⁾

Na capela-mor, pequeno alizar forrando as paredes, com dois painéis ornamentais, de belo emolduramento. No centro dos painéis estão emblemas marianos com as legendas: QVASI OLIVA e QVASI PALMA.

(1006) IHRU, «Quinta da Fidalga/Quinta do Salema/Quinta de Vale de Grou/Quinta de Vasco da Gama», www.monumentos.pt, 2001-2005.

(1007) O Professor Armando de Lucena estudou este núcleo, tendo anunciado uma comunicação à Academia Nacional de Belas-Artes, de Lisboa, em Janeiro de 1971.

(1008) No século XIV, D. Nuno Álvares Pereira recebeu os terrenos da quinta, que foram doados pela sua sobrinha à Ordem da Santíssima Trindade, a qual, em 1586, construiu casa para os religiosos, com dormitórios e celas. Após a extinção das ordens religiosas passou para a posse de privados, sendo remodelada na última década do século XIX por Jean Henri Burnay, de acordo com projecto do arquitecto Jules Brunfaut. Em 1982 a quinta foi cedida à Câmara Municipal do Seixal, albergando actualmente um núcleo do Ecomuseu Municipal do Seixal.

No piso térreo encontram-se diversos painéis: painel representando o *Nascimento da Virgem*, com molduras de concheados, volutas, anjinhos, grinaldas e cartelas com símbolos marianos; os painéis figurando as *Quatro Estações*, com enquadramento arquitectónico de colunas e espaldares recortados, contendo cartelas identificando o conteúdo das cenas (OVTONO, ESTIO, INVERNO, VERAÕ).

No 1.º andar: quatro painéis de diversos tipos, com temáticas profanas, uma deles representando a *Água*, um dos *Quatro Elementos*. Na varanda: painéis recortados com caçadas; painel representando dama junto de telescópio, segurando espelho e outro, mais estreito, com pastor, ambos com cercaduras refeitas de atlantes, aproximando-se do estilo do Mestre PMP.

Nas escadas: silhares com azulejos de figura avulsa e composições ornamentais com panóplias de armas. Painéis semelhantes foram aplicados no jardim e na escada do exterior.

Na casinha da praia: cenas campestres, caçada, jogos, com emolduramento de concheados.

Alguns destes painéis baseiam-se em gravuras referentes às *Quatro Idades do Homem*, de Nicolas Larmessin, a partir de obras de Nicolas Lancrer, reveladas por Celso Mangucci. Vide: MANGUCCI, 2005, pp. 113-118; SILVEIRA e AFONSO, 2008, pp. 15-18. (MTV)

(1009) O culto de Nossa Senhora do Cabo remontará ao início do século XV, tendo a igreja sido construída em 1701 por iniciativa de D. Pedro II e, possivelmente, obedecendo a risco de João Antunes. A fachada possui portal central ladeado de outros dois laterais, três janelões e frontão com volutas, com duas torres sineiras laterais. O interior é de nave única com tecto de madeira apresentando pintura, com dez altares e tribuna. Na capela-mor, com retábulo de talha de *estilo nacional*, encontra-se a tribuna real.

A pintura é azul sobre branco e os azulejos de cerca de 1730.⁽¹⁰¹⁰⁾

Nossa Senhora da Memória, Capela de

Rodapé de 5 azulejos de alto, circundando a pequena ermida e ilustrando, em dez graciosos painéis, a história da aparição e edificação do santuário. A cada painel corresponde uma cartela com legenda referida à cena descrita. As cartelas são seguras por anjinhos. À entrada, de cada lado da porta, uma figura de ermitão, recortada.⁽¹⁰¹¹⁾

A pintura é azul e de cerca de 1740.⁽¹⁰¹²⁾

Poço Velho da Azóia

Caixa de água de formato octogonal com cúpula, componente do aqueduto que servia o Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Sobre a porta encontra-se um painel de azulejos degradado, figurando *Nossa Senhora do Cabo*.⁽¹⁰¹³⁾

CALHARIZ

Quinta do Calhariz⁽¹⁰¹⁴⁾

No salão de jogos o silhar representa a *Queda de Ícaro*, de cerca de 1730.

Na sala de estar o silhar tem figuração *Venusiana*, de cerca de 1700.

Na copa, azulejos de cerca de 1710, com jogos de quilha, *volet*, etc.⁽¹⁰¹⁵⁾

SESIMBRA

Palácio Sampaio

Palácio do século XVIII mandado edificar pelo primeiro Conde de São Payo, D. António de São Payo Melo e Castro Moniz Torres de Lusignan. Possui no seu interior azulejaria com cenas de caça e cercaduras de concheados rococó.⁽¹⁰¹⁶⁾

No recinto formado pela igreja e hospedarias existe ainda a Casa da Água, datada de 1770, onde termina o aqueduto que abastecia de água o local. O seu interior estava revestido de azulejos com cenas galantes e campestres e outras relativas aos peregrinos, muitos já desaparecidos, tal como as figuras de convite que se encontravam na entrada.

SERRÃO, 1997, pp. 116-126; MANGUCCI, 1993, p. 129. (MTV)

(1010) Joaquim de Vasconcelos atribui aos azulejos a data de 1707, provavelmente porque esta se lê num painel da Capela da Memória: «*Dá-se princípio à magestosa igreja em 1707*». No entanto, numa inscrição que está sobre a porta principal lê-se que: «NO ANNO / DE 1701 SE / COMEÇOU / ESTA IGE / IA DA SENHORA DO CABO / DAS / ESMOLAS DOS DEVOTOS E A 16 DE IV / LLO D 1707 SE TRSLADOV A SENHORA». Seja como for os azulejos da capela-mor não são anteriores a 1730. J. M. SANTOS SIMÕES

(1011) Pequeno templo de forma quadrangular com cúpula bulbosa que poderá datar do século XV. Nos dez painéis representam-se vários episódios, como a descoberta da imagem da Virgem no mar e o seu transporte, a construção das edificações do recinto e as romarias ao local. As figuras do exterior, deterioradas, têm cercadura rococó e poderão referir-se a santos peregrinos. São de data anterior aos painéis do interior, os quais datarão de cerca de 1758, data que surge inscrita sobre a porta. SERRÃO, 1997, pp. 126-127; MANGUCCI, 1993, pp. 126-130. (MTV)

(1012) Vide: C. M., 1935, p. 110; FCG, 1964, p. 19; GUIMARÃES, 1872, vol. I, pp. 204-205; VASCONCELOS, 1883, pp. 222-224.

FLÁVIO GONÇALVES

(1013) SERRÃO, 1997, pp. 113-114. (MTV)

(1014) Vide SIMÕES, 1971b, t. II, pp. 186-187, onde constam outras indicações acerca da Quinta do Calhariz, e de onde se transcreve:... Se bem que a maior parte da azulejaria do palácio da Quinta do Calhariz pertença cronologicamente ao século XVII ela é já, tipologicamente, «setecentista», constituindo mesmo, neste aspecto, uma espécie de antologia ilustrativa da passagem dos séculos. De facto ali vamos encontrar todos os tipos de tentativas de acerto com a nova moda do azulejo figurativo a azul, tendo havido recurso a mais de um artista ou oficina, o que se patenteia na disparidade artística e mesmo técnica. Em cada sala ou compartimento, os temas eram precisos e adequados, preanunciando o que se haveria de tornar corrente no século XVIII.

Justamente porque, para nós, a azulejaria do Calhariz se deve colocar como introdutória à produção setecentista, reservamos para o estudo da azulejaria em Portugal no século XVIII considerações mais pormenorizadas. Basta aqui consignar a importância deste núcleo e assinalar os azulejos datados de 1672, em um painel da «Sala das Batalhas», de 1675 na sala dita «da Ferradura», e de 1696 no revestimento da capela, estes atribuíveis a Gabriel del Barco.

(1015) Palácio do último quartel do século XVII construído no local de edificação anterior do Morgado do Calhariz, por D. João de Sousa, Grão-Prior do Crato e Vedor da Rainha e pelos seus sobrinhos D. Francisco de Sousa, Capitão-Mor da Guarda Real e D. Luís de Sousa, Arcebispo de Braga. Possui planta em «U», dando uma das alas para o jardim. O terraço é ornamentado com azulejos datados de cerca de 1730. No interior, destaca-se na capela o retábulo de embutidos da autoria de João Antunes. Os azulejos que aqui se encontram ilustram a Vida de São Francisco ou eremitas, possuindo cercaduras de enrolamentos de acanto. SERRÃO, 1997, pp. 109-113; STOOP, 1986, pp. 339-343; BINNEY, 1987, pp. 80-85. (MTV)

(1016) SERRÃO, 1997, pp. 102-104. (MTV)

Quinta da Boa Vista/Solar da Quintinha

Solar do século XVII com capela de 1738 integrada no espaço construído, de invocação de Nossa Senhora das Dores. No jardim encontra-se fonte do século XVIII em construção abobadada com bancos de pedra corridos. As suas paredes estão cobertas por azulejos atribuídos à escola dos Bernardes. Nas paredes laterais dispõem-se cenas profanas, galantes e caçadas. Na parede fundeira, duas figuras nobres ladeiam o fontanário, a modo de figuras de convite, tendo o registo superior uma representação da *Última Ceia*. Na abóbada, um medalhão inserido em construção *trompe-l'oeil* encerra a figura de *Nossa Senhora da Conceição* e, ainda, *Santo António* e *São Francisco de Assis*.⁽¹⁰¹⁷⁾

Santa Maria do Castelo, Igreja de⁽¹⁰¹⁸⁾

O conjunto da decoração cerâmica desta igreja pode considerar-se de notável, não só pela profusão mas, sobretudo, pela originalidade de certos desenhos e aplicações.

Nas seis capelas laterais são notáveis os revestimentos de talha e azulejo. Todos os altares são reentrantes, com dosséis em forma de concha, igualmente revestidos de azulejos. Os desenhos são ornamentais, de figuras, grinaldas e anjos, de pintura azul.

As paredes laterais são cobertas de azulejos, tendo, nos vãos de quatro portas, painéis com os *Evangelistas*. Sob o púlpito, azulejos de «estrelinhas», de tipo raro, com pássaros.⁽¹⁰¹⁹⁾

Na capela-mor estão dois grandes painéis, um dos quais cortado pela janela. Representam cenas marianas,⁽¹⁰²⁰⁾ sendo o soko dos painéis de anjinhos e festões de flores. No coro grande, o painel representa *São Tiago em Combate com os Mouros*. A figuração deste painel não tem a largueza nem o movimento de pintura do que se encontra na Igreja Matriz de Samora Correia.

Todo o revestimento me parece de uma mesma época, cerca de 1720, e é possível atribuí-lo à oficina dos Oliveira Bernardes, se bem que se não reconheça já o trabalho de António de Oliveira Bernardes, mas sim de algum bom discípulo.⁽¹⁰²¹⁾

CONCELHO DE SETÚBAL

ARRÁBIDA

Convento Novo

.....

.....

AZEITÃO

Palácio Salinas

Casa nobre rural de que há notícias na época medieva, tendo pertencido a D. Constança, que casou com D. Pedro I. A construção data, no essencial, dos séculos XVII e XVIII. As utilizações posteriores alteraram a sua fisionomia, tendo aí funcionado um teatro e, posteriormente, a Casa do Povo e um infantário.

Algumas das salas possuem silhares de albarradas.⁽¹⁰²²⁾

(1017) SERRÃO, 1997, pp. 134-140. (MTV)

(1018) A Igreja de Santa Maria tem origem no século XII, tendo posteriormente sido alterada por inteiro, destacando-se a reforma efectuada no tempo de D. Pedro II. A fachada é simples, com duas pequenas janelas gradeadas, com nicho sobre o portal, datado de 1721, empena triangular e torre sineira lateral. O interior possui nave única e seis capelas laterais, com arcos de volta perfeita. SERRÃO, 1997, pp. 96-101. (MTV)

(1019) Destacam-se, ainda, os grandes painéis de albarradas.

(1020) Com a *Anunciação*, *Visitação*, *Adoração dos Magos*, *Apresentação no Templo*. SERRÃO, 1997, p. 171. (MTV)

(1021) De acordo com José Meco, terão colaborado nesta campanha o Mestre PMP, Teotónio dos Santos e Bartolomeu Antunes-Nicolau de Freitas. SERRÃO, 1997, pp. 99; 171. (MTV)

(1022) CALADO, 1993, pp. 24-28. (MTV)

Quinta do Peru

Na capela, painéis recortados policromos, com centros a magenta. A representação é de ermitões.⁽¹⁰²³⁾

Estes azulejos vieram, como toda a capela, de um antigo palácio de Lisboa, próximo da actual Rua Joaquim Bonifácio.

Quinta de Santo Amaro

A Quinta de Santo Amaro ficou bastante arruinada pelo terramoto de 1755, pertencendo então ao pintor Francisco Pinto. Sofreu várias alterações nas épocas seguintes, tendo no século XX sido adaptada a turismo rural.

Algumas salas possuem azulejos de figura avulsa, sendo o salão ornamentado por silhares de albarradas. Na capela encontram-se painéis com tebaidas e cercaduras de grinaldas com cartelas a manganês.⁽¹⁰²⁴⁾

São Lourenço, Igreja Matriz de⁽¹⁰²⁵⁾

O corpo da igreja tem silhar recortado, dividido em painéis historiados. Representam cenas bíblicas, com passos do Novo e Antigo Testamento. O desenho é correcto e a pintura azul de cerca de 1720.

Nas paredes laterais da capela-mor estão dois painéis historiados, de notável beleza e correcção de desenho. A cercadura é lisa, de folhagens. Representam cenas tiradas do Antigo Testamento.⁽¹⁰²⁶⁾ Também o forro interior do arco triunfal é de azulejos de figuras, grinaldas, festões, gigantes, etc., tudo a azul sobre branco.

Trata-se de trabalho seguramente atribuível à oficina de pintura de António de Oliveira Bernardes, notando-se já a colaboração de seu filho Policarpo. Serão, assim, azulejos de cerca de 1718-23.

Aos lados do altar existem dois painéis com anjos portadores de turíbulos. A pintura é azul, da mesma fabricação e época dos anteriores.⁽¹⁰²⁷⁾

São Simão, Igreja Paroquial de

Quando das obras foram encontrados restos de um belo painel figurando o *Nascimento de Nossa Senhora* (ou de *São João Baptista?*). Teria primitivamente 10 × 14 azulejos, com sua cercadura. Com os poucos elementos recolhidos reconstituiu-se o painel, deixando vagos os azulejos em falta, na esperança de virem a ser encontrados...⁽¹⁰²⁸⁾

AZEITÃO (ALDEIA DE IRMÃOS)

Quinta da Conceição

A célebre Quinta da Conceição, célebre por ter sido de António Cramer, o holandês, industrial de pólvora, dos princípios do século XVIII, conserva a casa nobre que é, no seu género, das mais interessantes e agradáveis da região de Azeitão. A construção, em planta movimentada, foge aos tipos ditos portugueses, ainda que nos beirados e nas silharias se denunciem as formas nacionais do século XVIII.

(1023) A construção da Quinta do Peru deveu-se a António Cremer, que se estabeleceu em Portugal aquando da Guerra de Sucessão espanhola. Um incêndio devastou o edifício, reconstruído segundo traça do arquitecto António Lino. SERRÃO, 1997, pp. 105-108. (MTV)

(1024) CALADO, 1993, p. 64. (MTV)

(1025) O templo actual do século XVI substituiu o original do século XIV, que se encontrava arruinado, beneficiando de novas intervenções nos séculos XVII e XVIII. Possui nave única com cobertura de madeira e capela-mor mais baixa coberta por abóbada de berço. CALADO, 1993, pp. 28-35; VV. AA., 1959. (MTV)

(1026) Representam *O Pão de Abigail Aplaca a Ira de David e Mata a Fome aos Soldados e O Sacerdote Abimelek Dá a David os Pães Benzidos*. (MTV)

(1027) O baptistério possui silhares de padronagem pombalina. (MTV)

(1028) A Igreja de São Simão foi fundada em 1570 por Brás (Afonso) de Albuquerque, no local de antiga ermida. É uma igreja de três naves, separadas por arcarias assentes em colunas toscanas, a central cobertura de madeira e as laterais abóbada de arestas. A igreja é revestida com azulejos de tapete do século XVII. O painel referido encontra-se na sacristia. CALADO, 1993, pp. 79-83. (MTV)

Ao centro da fachada principal, na parte reentrante limitada pelo terraço, ergue-se, acima do telhado, uma pequena torre lanternim, apenas decorativa, lembrando outras idênticas, que se podem ver na arquitectura holandesa, particularmente das províncias centrais. Esta torre confere ao edifício uma silhueta característica, realçada pela grimpia de ferro, onde se vê a roda de navalhas, simbólica de Santa Catarina.

No terraço, para o qual se abrem as portas centrais e da capela, há em cada extremo uma pequena escada de acesso às partes avançadas do edifício. As faces exteriores das rampas foram cobertas com painéis de azulejos trapezoidais, onde se pintaram, em cada um, figuras de cães de aspecto feroz, que ali estão como guardas.

Na parede do lado esquerdo de quem enfrenta a fachada, o cão sai da sua casota e, à frente, lê-se como que numa inscrição lapidar:

HOSTEM
LATRAV
PRODE
SONORO

No painel do lado direito o mastim, preso a grossa corrente, olha para inscrição semelhante, onde agora se lê:

AMICE
PRENSVS SVM
SED PERICVLVM
OFFERO

A pintura é azul, o desenho pouco seguro e a cercadura de folhas, em grinaldas, denunciando trabalho lisboeta da primeira metade do século XVIII, ainda que se trate, provavelmente, de reprodução de alguma gravura estrangeira.

No átrio de entrada e pelos corredores, vêem-se colocados azulejos de figura avulsa, dos tipos vulgares de «estrelinhas», com abundante figuração, sempre enquadrados em painéis limitados por cercadura azul.

No salão nobre o silhar corre em rodapé de 3 azulejos de altura, sendo os azulejos de figura avulsa interrompidos por painéis heráldicos. Nos topos do salão estão as composições maiores, com 11 azulejos de altura, nas quais a parte superior, em 6×6 , contém os brasões de família, provavelmente dos Cramer: na parede do lado sul o brasão tem um castelo de três torres e, na parede do lado norte, o campo apresenta três carneiros. No rodapé há quatro painéis de 3×3 , iguais entre si e apenas com o mesmo castelo, agora embandeirado e ladeado de leões rompantes.

A pequena capela, cuja porta dá para a varanda, tem na face exterior uma longa inscrição, onde se lê que a capela foi mandada construir por António Cramer e por sua mulher Catarina Van Zeller sendo consagrada em 1715. No interior, as paredes têm um silhar de 8 de altura, hoje distribuído em quatro painéis de pintura azul limitados por cercadura lisa, de folhagens, e tendo, ao centro, figurações referentes à Vida e Martírio de Santa Catarina e à Vida de Santo António, os santos homónimos dos donos da casa. No altar conserva-se um belo frontal, em painel de 7×13 azulejos, com sua cercadura completa em cantoneira arredondada. Na parte central, medalhão com *Nossa Senhora da Conceição e o Padre Eterno*. Da magnífica pintura azul e imaculadamente conservado, é um belo exemplar deste tipo de adorno. Dos lados do altar há ainda um friso de $2 \frac{1}{2}$ azulejos de largura, com anjinhos brincando entre grinaldas.

Toda esta azulejaria me parece pertencer a um mesmo lote, e seria levado a datá-la de cerca de 1715, por coerência com a cronologia afirmada na lápide da capela. No

entanto, os caracteres técnicos e estilísticos – coloração, matéria, dimensões (138 mm) etc. – fazem-me pensar que os azulejos serão um pouco mais tardios, nunca anteriores a 1725. Os painéis da capela, por exemplo, são facilmente atribuíveis ao monogramista PMP, cujos trabalhos conhecidos se situam entre 1723 (Santa Cruz de Santarém) e 1730 (Nossa Senhora da Conceição, de Peniche).

AZEITÃO (OLEIROS)

Fonte

Dois «porteiros», de 12 × 9 azulejos, colocados de cada lado da fonte. As molduras são recortadas, e a pintura em tons de roxo e amarelo. Estão bastante estragados e deverão ser de cerca de 1780.⁽¹⁰²⁹⁾

OUTÃO

Capela da Fortaleza⁽¹⁰³⁰⁾

Toda a pequena capela está revestida de belos azulejos, colocados em duas épocas distintas. Os azulejos da entrada e os da capela-mor são um pouco posteriores aos da nave. Na capela-mor, do lado direito, num grande nicho servindo de capela lateral, há um painel com *Nossa Senhora da Penha de França*, a qual tem o Menino ao colo. Sob os seus pés, três anjos e um homem deitado junto a um lagarto. No medalhão está a inscrição:

N. Sr.^a
De Penha de
França

A parte superior do painel segue a curvatura do arco do nicho, sendo ornamentada com um pequeno medalhão central, ladeado de cortinado franjado com borlas. Dos lados, coluna arquitectónica. Revestindo a parte cimeira do medalhão com o emblema *Flos Campi*. O painel fronteiro está, em parte, mutilado. Do que resta da imagem apenas se vê um dragão. A parte ornamental, está completa com seu medalhão e legenda:

N. Sr.^a
da Concei
ção.

Anjos laterais são portadores de emblemas marianos.

O altar-mor, em talha, é ladeado com azulejo do mesmo tipo «ornamental».

De época anterior são os painéis da nave. Tanto o do lado direito como o do lado esquerdo estão muito deteriorados, sobretudo este último, cuja parte inferior está misturada, com faltas pintadas a tinta azul. Nessa mistura distinguem-se palavras que devem ter pertencido a emblemas: *signatu*, *asi Oliua* e *Fons*. O painel tem 43 × 27 azulejos e representa uma cena da Vida de São Tiago, em que o santo aparece combatendo os mouros tendo como cenário um castelo. A moldura é lisa, com pilastras laterais sustentadas por hérules. No centro, medalhão com legenda explicativa, da qual saem grinaldas de flores.

O painel do lado direito mostra as cenas de *São Tiago Baptizando* e *São Tiago Falando de Cristo, na Judeia*.⁽¹⁰³¹⁾ Cada painel tem o seu medalhão superior, com a respectiva

⁽¹⁰²⁹⁾ Vide ARRUDA, 1993, pp. 110-112. (MTV)

⁽¹⁰³⁰⁾ A Fortaleza do Outão foi mandada construir por D. Manuel ou D. João III, sendo restaurada no tempo de D. João IV, fazendo parte da defesa da costa na época da Restauração. Foi desactivada em 1853, passando depois a ser utilizada como residência de veraneio. Em 1996-97 a DGEMN procedeu ao restauro dos azulejos da capela. CALADO, 1993, pp. 120-121. (MTV)

⁽¹⁰³¹⁾ Identificadas por João Pedro Monteiro como *Conversão de Fileto* e *São Tiago Revelando a Lei de Cristo a Escribas e Doutores*. MONTEIRO, 1992, pp. 22-37. (MTV)

legenda em português. Estes dois painéis estão separados pelo minúsculo púlpito. Na parte inferior, de tipo ornamental, estão três medalhões: o maior, no centro, representa *Electa ut sol*; os laterais, mais pequenos, *Pulchra ut luna* e *Stella Maris*.

O arco que separa a entrada da nave é azulejado com o mesmo tipo ornamental dos da capela-mor.

Logo à entrada estão dois painéis com eremitas, encontrando-se mais dois idênticos na parede da nave voltada à capela-mor. Ambos os eremitas estão em oração, sendo um deles portador de cruz e caveira e o outro de um livro.

Nos lados da parede, ao mesmo nível dos painéis da capela-mor, estão mais duas invocações a Nossa Senhora. São painéis de 16 azulejos de altura. O do lado direito representa:

N. Sr.^a
da Nazaree

O do lado esquerdo mostra-nos:

N. Sr.^a dos
Anjos

É um núcleo bastante notável, sendo os painéis da nave do ciclo artesanal dos Oliveira Bernardes.⁽¹⁰³²⁾ Os painéis da entrada e da capela-mor, não só pela sua feitura como pela cor do azul, são notoriamente mais tardios, talvez de cerca de 1730-40.⁽¹⁰³³⁾

SETÚBAL

Anunciada, Igreja da

No subcoro, silhar de azulejos policromos dos últimos anos do século XVIII ou, até mesmo, princípios do XIX. São constituídos por padronagem almofadada, tendo, na parte superior, coroamento ornamental com medalhões azuis. Conjunto muito interessante pela combinação, a qual é ladeada de grinaldas.⁽¹⁰³⁴⁾

Boa Hora, Igreja da (Grilos)

Revestimento parietal com silhar representando passos da Vida de Santo Agostinho. Conjunto notável, do mesmo tipo dos das Mercês, em Évora.⁽¹⁰³⁵⁾

Brançanes, Convento de

Convento dos Frades Terceiros de São Francisco, foi fundado em 1682 por iniciativa de Frei António das Chagas, com o apoio de D. Pedro II, que auxiliou financeiramente a sua construção e que assistiu à inauguração, ocorrida em 1696. No entanto, a sua conclusão foi dificultada devido a questões relacionadas com a sua sujeição ao Convento do Varatojo e a dificuldades financeiras, o que provocou o arrastar das obras. Sofreu várias vicissitudes ao longo da sua história. O Terramoto poupou-o, mas para aí se mudou o

(1032) Assis Rodrigues, no seu *Dicionário Técnico e Histórico* (Lisboa, 1876) s.v. *Azulejo*, faz referência a estes azulejos, dizendo que foram pintados por António de Oliveira Bernardes.

(1033) Vide também: CORREIA, 1917, p. 204.

FLÁVIO GONÇALVES

(1034) A primitiva Igreja de Nossa Senhora da Anunciada funcionava noutro sítio, tendo ficado destruída pelo terramoto de 1755. A paroquial passou, então, a funcionar provisoriamente na Capela de Nossa Senhora da Saúde, até que, no século XIX, ocupou a igreja do extinto convento carmelita de Santa Teresa. Os seus azulejos são semelhantes aos do baptistério da Igreja de São Sebastião. Vide VV.AA., 2009, pp. 37-41. (MTV)

(1035) A igreja pertencia ao convento dos Agostinhos Descalços, que terá sido fundado na segunda metade do século XVII. O templo actual resulta de reedificação ocorrida nas últimas décadas do século XVIII e terminada cerca de 1786-87. É de nave única, com tecto de madeira, coro alto assente sobre arco de cantaria e altares laterais.

Os azulejos recobrem todas as paredes, possuindo cercaduras policromas de feição neoclássica, com elementos arquitectónicos em *trompe-l'oeil*. As cenas figurativas são de pintura azul, apenas quebrada por graciosa fiada de folhas verdes, que pende dos motivos da cercadura. São atribuíveis a Francisco Jorge da Costa. A sacristia é adornada com azulejos de padrão pombalino. VV.AA., 2009, pp. 61-67; CARVALHO, 1970a, pp. 119-123; MECO, 1989, p. 240. (MTV)

município, que havia ficado destruído. Sofreu estragos com as invasões francesas, bem como no 5 de Outubro, servindo no século XX como instalação militar e como presídio entre 1998 e 2005.

O átrio da antiga igreja é guarnecido com seis painéis de azulejos com frades e cercaduras com pilastras, base com mascarão rodeado de volutas e, no remate, *espagnolettes* com volutas, ladeadas por anjinhos sustentando grinaldas. Vários painéis foram colocados em diversos locais, destacando-se os silhares de albarradas e figura avulsa, colocados indiscriminadamente no exterior e na portaria. No claustro encontram-se também silhares de albarradas.

Na cerca conventual situa-se a Capela de Nossa Senhora da Guia, de planta quadrada, abobadada e altar inserido em nicho. A abóbada é revestida com azulejos de figura avulsa e a nave conserva silhares de albarradas. O arco que enquadra o altar possui azulejos com grinaldas e uma coroa sustentada por anjos. Mais abaixo, dois anjos seguram cartelas cada uma com uma estrela e as inscrições «STELLA MARIS» e «GUIA». Ainda na cerca, encontra-se a Fonte de São João Baptista, actualmente soterrada, com um painel representando o *Baptismo de Cristo*, de pintura azul e cercadura azul e amarelo com concheados e cartelas, incluindo inscrições bíblicas.⁽¹⁰³⁶⁾

Cemitério – Talhão da Misericórdia

Na capela, o topo do altar está rodeado de edículas, muito interessantes, de coloração roxa.⁽¹⁰³⁷⁾

Corpo Santo

LXXV

No 1.º andar, por onde se acede por uma escadaria com azulejos de vasos e golfinhos, há duas salas e uma capela. Na sala de entrada o silhar está muito bem conservado, em 10 de alto e rodapé de ½ de azulejos. Um dos painéis tem a assinatura: PMP.⁽¹⁰³⁸⁾

Os assuntos são de caçadas e a cercadura de cariátides e anjinhos. A capela é toda forrada com talha surpreendente! Os azulejos são em silhar semelhante aos anteriores, mas agora com ermitões. As janelas estão forradas, interiormente, com azulejos de flores.

Na sala maior, o silhar é do mesmo género, mas desta vez com cenas de jardim e danças. Nos poiais das janelas figurinhas de anjos dançando e tocando, cenas infantis e passarinheiros. Conjunto admirável.⁽¹⁰³⁹⁾

(1036) VV.AA., 2009, pp. 53-59; RODRIGUES, 1987; CARVALHO, 1970a, pp. 7-49. (MTV)

(1037) Altar adossado à parede que separa o talhão da Misericórdia do restante Cemitério da Piedade. Ao centro representa-se e a azul as *Almas do Purgatório* e, sobre elas, *Nossa Senhora da Misericórdia* e o *Arcanjo* com uma espada e uma balança, com turbilhão de nuvens e anjinhos. Sobre este painel encontra-se uma grande cruz de mármore. A cercadura, a manganês, é formada por concheados e elementos arquitectónicos, com vasos sobre pilares e frontão recortado. A cada um dos lados, anjinhos sustêm medalhões contendo o símbolo da Misericórdia, policromo. Sobre os medalhões encontram-se vasos com flores. O frontal de altar apresenta motivos manganês imitando tecidos, com galões a amarelo, tendo ao centro uma cruz e, lateralmente, dois símbolos da Misericórdia. As suas faces laterais com medalhões rectangulares de cantos chanfrados, são ladeadas por anjinhos entre volutas e elementos vegetalistas, com fundo paisagístico de árvores e pássaros. A cada um dos lados do altar dispõem-se vários painéis manganês que descrevem as exéquias fúnebres dos Irmãos da Misericórdia. Recobrem os muros de duas cisternas semicirculares com telhados de zinco. No primeiro representa-se o desfile fúnebre, com o transporte do esquife acompanhado de vários irmãos, transportando consigo o estandarte onde se encontra representada Nossa Senhora da Piedade. Segue-se painel de alminhas de formato vertical com cercadura de concheados, disposto em estrutura arquitectónica *trompe-l'oeil*, tendo o frontão cartela com inscrição: «MEMENTO HOMO / QVIA PVLVISES, / ET INPVLVEREM / REVERTERIS.». Na parte posterior da parede do altar encontra-se ainda um pequeno painel policromo de formato rectangular com as armas da Misericórdia e o resto de uma pequena cruz azul e branca. No painel seguinte representa-se cerimónia prévia à inumação, junto à cova. Os painéis do outro lado representam a inumação e defunto frente a altar, junto de padre e acólito, sendo igualmente separados por painel de alminhas, contendo este a inscrição: «HOMO QVIVI= / VIT, CERTÉ MORI= / ETVR.» (MTV)

(1038) Vide: SIMÕES, 1949i, p. 4, nota 2; SIMÕES, 1962a, p. 6; SMITH, 1974a, p. 47, nota 40; SMITH, 1975b, p. 4.

FLÁVIO GONÇALVES

(1039) Construção datada de 1714, formava parte do Palácio dos Cabedos, tendo os seus possuidores cedido algumas salas à Irmandade do Corpo Santo.

Na capela, os azulejos ocupam o registo inferior e o intradorso da porta, revestido com anjinhos e grinaldas, sendo o registo superior e a cobertura totalmente guarnecidos por talha com relicários. Encerra painéis com episódios também relacionados com São Francisco ou os Franciscanos e azulejos de figura avulsa inseridos no pavimento de tijoleira, que se encontram igualmente na sala de reuniões da Irmandade. Nesta sala os painéis também estão atribuídos ao Mestre PMP. Os painéis da escadaria, antecidos por figura de convite, revestem ainda as paredes do pátio. Alternam vasos de flores e anjinhos com cestos de fruta à cabeça, separados por colunas com meninos atlantes, sendo o remate formado por mascarões e enlamentos. SILVA, 1990, pp. 74-82. Sobre a figura de convite da escadaria vide ARRUDA, 1993, p. 89. (MTV)

Esteval, Quinta do

Quinta do século XVIII remodelada no século XX, entre os anos de 1973-1975.

A entrada é ladeada por dois painéis de azulejos com cestos de flores manganês e cercadura azul e branca e, junto à escada de exterior, painel policromo com medalhão contendo busto.

No interior encontram-se azulejos rococó com elementos vegetalistas, grinaldas e aves. A maior parte dos azulejos é proveniente da Quinta do Calhariz, do Palácio do Conde Redondo e do Palácio do Sol ao Rato.⁽¹⁰⁴⁰⁾

Fontainhas, Chafariz das

No tímpano do arco de resguardo do chafariz, painel recortado com o escudo real, em policromo.

O escudo, cuja forma é tipicamente de D. José, parece indicar que os azulejos seriam da segunda metade do século XVIII. Na verdade, aproximam-se bastante dos azulejos do talhão da Misericórdia no cemitério, os quais serão de cerca de 1780.

Jesus, Igreja de

No corpo da igreja existe um silhar em painéis recortados, de cercadura policroma *ro-caille*, sobre rodapé marmoreado. Os assuntos são referentes à invocação mariana, com respectivas legendas em latim. Foram colocados em 1781.⁽¹⁰⁴¹⁾

Largo da Misericórdia – Registo

Registo figurando *São Francisco de Borja* com cercadura rococó. Possui cartela identificativa com a data de 1757.

Nossa Senhora da Conceição das Portas de Évora, Capela de

Revestimento parietal em grandes painéis azuis. Silhar de anjos e emblemas marianos. Os centros mostram cenas da Vida de Nossa Senhora. São azulejos típicos da oficina dos Bernardes e estão datados de 1720. O coro é igualmente forrado com azulejos.

Nossa Senhora da Saúde, Igreja de – Asilo

Dispersos, junto do altar colateral do lado da epístola, estão azulejos de figura avulsa, policromos, com pássaros, flores e navio.

Na capela-mor, de cada lado, painel de 10 × 22 azulejos, de pintura azul, com grandes cruzes, enquadrando cartelas com torre e palma. Serão de cerca de 1740.⁽¹⁰⁴²⁾

(1040) IHRU, «Casa da Quinta do Esteval», www.monumentos.pt, 1998; GOMES, 2007, Anexo, ficha 29. (MTV)

(1041) A Igreja de Jesus pertencia ao Convento de Jesus, de freiras clarissas. Foi fundado no final do século XV por Justa Rodrigues Pereira, ama de D. Manuel, sendo atribuído ao mestre Boitaca. Exemplar notável de igreja-salão do final do Gótico, possui três naves separadas por arcos quebrados assentes em colunas torsas, cobertas por abóbada de cruzaria simples de ogivas e cabeceira sobrelevada, com abóbada de nervuras na capela-mor. O terramoto de 1755 apenas motivou obras de reparação e consolidação, sendo ainda danificado pelo terramoto de 1858. Após a morte da última freira em 1888, o Hospital da Misericórdia instalou-se nas dependências conventuais, que albergaram ainda, desde 1926, o Balneário Dr.^a Paula Borba. As intervenções realizadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais compreenderam o apeamento do retábulo de talha do altar-mor, o restauro dos painéis quinhentistas, sendo ainda removidos diversos painéis de azulejos. Após a saída do hospital no final da década de 1950, o espaço foi adaptado a novas funções, passando a albergar o Museu de Setúbal.

Os azulejos da nave constituíam um conjunto de 25 painéis, dos quais restaram 15, tendo os painéis da capela-mor e da parede sob o coro sido retirados nos anos de 1940. Datados de 1781, apresentam aspectos da litania mariana e foram colocados no abadessado de Madre Soror Joana Rosa do Paraíso, por iniciativa do confessor, o Padre Frei João de Nossa Senhora Mãe dos Homens, que terá escolhido os motivos iconográficos.

Estão atribuídos a Francisco Jorge da Costa, baseando-se em gravuras da autoria de Thomas Scheffler e gravadas por Martin Engelbrecht, incluídas na obra *Elogia Mariana* de A. C. Redelio, editada em 1732 em Augsburg. As cenas contêm legendas que acompanham a componente figurativa. Do lado do evangelho: «ROZA / MISITCA», «CHRISTE EX A. / UDI NOS», «TURRIS EBURNEA», «S. VIRGO UIR / GINUM», «REGINA AN / GELORUM», «FILI REDEM / PTOR MUNDI DEUS», «S. DEI GENITRIX», «MATER CREATORIS». Do lado da epístola: «SPIRITUS SAN / CTE DEUS», «PATER DE COEL / IS DEUS», «MATER CAS / TISSIMA», «STELLA / MATUTINA», «DOMUS / AUREA», «TURRIS / DAVIDICA», «VA (...) INSICNE DEVOTIONIS».

Vide: FALCÃO, 1990, pp. 103-109; VV. AA., 2009, pp. 43-51; MECO, 1989, p. 239; SILVA, 1987; SILVA, 1990, pp. 55-61; PEREIRA, 1990, pp. 25-45; DIAS, 1978, pp. 63-82; PORTTELA, 1882, pp. 3-5. (MTV)

(1042) Foi construída em 1620, sendo utilizada no século XVIII pelos padres jesuítas do Colégio de Setúbal. A fachada é de dois pisos, com contrafortes nas ilhargas e torre sineira adossada. O interior é de nave única com cobertura de madeira, destacando-se pela conjugação de talha, pintura e azulejo. GOMES, 2007, Anexo – ficha 10. (MTV)

Palácio Cabedo, antigo

Na face exterior do passadiço, grande painel representando *São Jorge*. Na parte inferior a legenda: *Porta de S. / Jorge*. Serão azulejos de cerca de 1740. ⁽¹⁰⁴³⁾

No interior silhar muito curioso ilustrando a Vida de Nuno Álvares. ⁽¹⁰⁴⁴⁾

Registo Civil, Edifício do ⁽¹⁰⁴⁵⁾

Na escadaria, azulejos em silhares recortados azuis, com molduramento *rocaille*. Os centros são também de ornatos, mas em azul mais claro.

Rua António Girão, n.º 67 – Registo

Painel monocromático bastante danificado com *São Francisco de Borja* segurando a caveira sobre o livro e uma cruz.

Rua dos Correeiros, n.º 27 – Registo

Representa *Santo António Segurando o Menino e Uma Cruz com Lírios*, sobre fundo paisagístico. A cercadura é de concheados manganês com filamentos amarelos, encimada por cruz amarela.

Rua Dr. Estêvão de Vasconcelos – Registo

Registo monocromático figurando *Nossa Senhora com Coroa e Manto*, com cercadura de concheados. A base possui cartela com a inscrição: «SALUS INFIR / MORUM ORA PRONO / BIS».

Rua Doutor Paula Borba – Registo

Painel com *São Marçal*, com cercadura de concheados manganês e filamentos amarelos, terminando com cruz amarela. A legenda contém a inscrição: «S. MARÇAL 1783».

Rua de João Eloy do Amaral, n.º 25 – Registo

Painel monocromático que representa *Nossa Senhora com o Menino Dando o Rosário a São Domingos*, com cercadura de pilastras e «asas de morcego».

Rua do Major Afonso Pala – Registo

Painel de pintura azul representando a *Sagrada Família*, com cercadura de concheados encimada por cruz.

Rua Vasco da Gama, n.º 5-7 – Registo

Registo com *São Miguel Arcanjo*, rodeado de cercadura com concheados manganês e filamentos amarelos, sobrepujado por cruz.

Rua Vasco da Gama, n.º 39 – Registo

Este painel de pintura azul apresenta *Nossa Senhora da Conceição Segurando o Menino*, o qual com a cruz mata uma serpente. São rodeados por querubins envoltos em turbilhão de nuvens.

Salema, Palácio (Pátio Ximenes/Casa das Varandas)

Tendo possivelmente sido construído entre os séculos XVIII e XIX, aí funcionava em 1824 uma escola primária, servindo depois de residência à família Salema. Presentemente é ocupado pelo Vitória Futebol Clube.

Uma das salas possui silhar de albarradas, com vasos de flores e grinaldas, separados por palmitos, com cercadura de enrolamentos de acanto.

⁽¹⁰⁴³⁾ Este painel já não se encontra no local. (MTV)

⁽¹⁰⁴⁴⁾ Palácio de estilo chão atribuído ao arquitecto João Antunes (SERRÃO e MECO 2007, pp. 48-49), encontra-se actualmente em avançado estado de degradação, não sendo possível averiguar o destino dos painéis azulejares. (MTV)

⁽¹⁰⁴⁵⁾ Após a visita a este núcleo, verificamos a não existência dos azulejos descritos por Santos Simões. (MTV)

Santa Casa da Misericórdia, antigo Hospital da

O Hospital da Misericórdia foi construído em terrenos contíguos à igreja, cedidos pelo Estado em 1566. Ficou bastante arruinado com o Terramoto, tendo sido necessário proceder à sua reconstrução. No final do século XIX, o hospital foi transferido para o extinto Convento de Jesus. O edifício passou então por diversas ocupações, nele funcionando a Sociedade Cultural e Recreativa Capricho Setubalense e a Cruz Vermelha Portuguesa de Setúbal.

Possui silhares ornamentais neoclássicos, com elementos vegetalistas, flores, plumas e fitas.⁽¹⁰⁴⁶⁾

Santa Maria da Graça, Igreja de

Lindo templo cujo interior majestoso é de três naves, da mesma largura, divididas por cinco tramos, com colunas e arcos de volta perfeita. A igreja primitiva era, certamente, dos fins do século XVI e foi sucessivamente alterada, principalmente no período pós-Terramoto. Foi nessa altura que se colocaram os azulejos que revestem as paredes, em silhar de painéis recortados, do tipo cercadura policroma e centros azuis, bastante semelhantes aos do Seminário de Almada. São catorze painéis apresentando a iconografia mariana.

Sobre a porta lateral de um anexo da igreja há um registo, datado de 1790. Representa *Nossa Senhora do Resgate e Madalena*, de cercadura policroma e centro azul.

Estes azulejos serão da mesma época do forro da igreja.

Numa capela lateral do lado do evangelho há restos de um revestimento de azulejos azuis, figurando *Santa Ana*, provavelmente de data anterior mas, em qualquer dos casos, depois do Terramoto.⁽¹⁰⁴⁷⁾

São Filipe, Castelo de (Fortaleza de)

A capela do castelo, de pequenas dimensões, está totalmente forrada de azulejos, assinados e datados:

Policarpus aBoliua Be^{des} Fecit 1736⁽¹⁰⁴⁸⁾

LXXVI

É notável a influência de António de Oliveira Bernardes, particularmente no desenho das figuras. Os painéis são de figuração mariana e a composição notavelmente rica.⁽¹⁰⁴⁹⁾

(1046) GOMES, 2007, Anexos, ficha 30. (MTV)

(1047) A construção do século XVI é o resultado da reedificação promovida em 1513 por D. Manuel, estando concluída em 1565-70. A sua autoria foi atribuída a António Rodrigues, destacando-se o desenho da fachada, com corpo central com galilé, terraço e janelão, ladeado por duas maciças torres sineiras. No interior é de referir a talha *de estilo nacional* da capela-mor da autoria do entalhador José Rodrigues Ramalho, que se estende ao arco triunfal.

Nos painéis de azulejos, representam-se os seguintes episódios:

Lado do evangelho: *Adoração dos Pastores, Adoração dos Anjos, Visitação, Anunciação, Esponsórios* (nave), *Apresentação no Templo* (parede fundeira).

Lado da epístola: *Circuncisão, Adoração dos Reis Magos, Apresentação no Templo, Dormição, Pentecostes, Fuga para o Egipto* (nave), *Assunção* (parede fundeira); as cercaduras são compostas por concheados manganês, anjinhos, vasos com flores e cartelas com simbologia mariana.

Na capela do lado do evangelho: o painel representa *Santa Ana Ensinando a Virgem a Ler, Junto a São Joaquim*; ainda, pequeno painel com «asas de morcego».

SILVA, 1990, pp. 61-68; PORTTELA, 1882, p. 8; CORREIA, 1993, p. 106; KUBLER, 2005, pp. 76-77; VV. AA., 2009, pp. 13-21. (MTV)

(1048) *Vide*: CORREIA, 1917, pp. 203-205; BNL, 1924, p. 641; CARDOSO, 1936, p. 8; SANTOS, 1957, pp. 127-130.

FLÁVIO GONÇALVES

(1049) A Fortaleza de São Filipe foi construída no reinado de Filipe I, obedecendo a risco de Filipe Terzi. A capela possui na nave painéis com cenas da Vida de São Filipe e, na parede de entrada, cenas com eremitas. Na abóbada encontra-se o escudo régio, rodeado por *putti* e nuvens, enquadrado por falsas arquitecturas e, no arranque, medalhões com símbolos marianos. O arco triunfal é coberto por volutas, *putti* e elementos vegetalistas. Na capela-mor representam-se cenas marianas: do lado do evangelho, *Anunciação* e, do lado da epístola, *Natividade*; na cobertura da capela-mor, espaço simulado com cúpula decorada com volutas e grinaldas, ao centro da qual se encontra a *Assunção* rodeada por nuvens e anjinhos.

Os painéis revestem a totalidade das paredes e cobertura, com composições arquitectónicas e múltiplos ornamentos, criando uma espacialidade fictícia e teatral. SILVA, 1990, pp. 82-86; ALEIXO, 2000, vol. I. (MTV)

São Francisco, Ordem Terceira de

Painéis azuis em silhares recortados. Os centros figuram invocações marianas. Serão azulejos de cerca de 1720.

São Francisco Xavier, Capela de

A capela é revestida com silhar recortado, de cercadura policroma e centros azuis, figurando passos paulistas. Um dos painéis representa: «*O veneravel F. Leovigildo, Eremita da Serra de Ossa, embaixador de Cristo ao veneravel Rey D. Affonso Henriques no campo de Ourique certificando o da victória que havia alcansar dos cinco reis mouros*».

Estes azulejos talvez tenham vindo do Convento de São Paulo, que é da família Novais. ⁽¹⁰⁵⁰⁾

São João Baptista, Igreja de

Pertencia ao antigo Mosteiro de São João Baptista, de Dominicanas.

Conserva, em óptimo estado, o revestimento de azulejos, no corpo e capela-mor. São grandes painéis figurando a Vida de São João Baptista, de pintura azul e atribuíveis a PMP, de cerca de 1730 (?). ⁽¹⁰⁵¹⁾

São Julião, Igreja de

No corpo, capela-mor e Capela do Senhor dos Passos, vários painéis de azulejos recortados, cercadura *rocaille* policroma e rodapé marmoreado, campo azul. Nos centros, passos da Vida de São Julião e Santa Basalisa. Serão de cerca de 1790. ⁽¹⁰⁵²⁾

São Sebastião, Igreja de

Pertencente ao convento dominicano de São Sebastião, fundado cerca de 1566-68. O interior amplo possui nave única, capelas laterais intercomunicantes e janelões na nave e no coro alto. A capela-mor é ladeada por capelas colaterais.

No baptistério encontram-se painéis de feição neoclássica. São formados por diferentes padrões policromos, separados no registo superior por festões presos por fitas, sobre painéis com losangos, encimados por vasos com flores. Os remates, recortados, contêm medalhões envoltos por finos elementos vegetalistas. ⁽¹⁰⁵³⁾

⁽¹⁰⁵⁰⁾ Capela do antigo colégio jesuíta de São Francisco Xavier, construído na segunda metade do século XVII. Ficou danificado com o Terramoto, tendo o Padre Malagrida, reitor do colégio, procedido à sua reconstrução. Da igreja apenas se salvou a capela-mor, passando as celebrações religiosas para a Capela de São Francisco Xavier. No século XIX funcionou como espaço de armazém e fabrico de produtos em cortiça, tendo em 1873 sido transformado em palacete da família Fryxell, nome pelo qual também é conhecido. A capela foi reconstruída e foram empregues elementos de outros espaços religiosos. Em 1982 o edifício foi adquirido pelo Estado para instalação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Os azulejos da capela contêm cenas relativas aos eremitas de São Paulo, excepto no subcoro do lado da epístola, onde se encontram reaproveitamentos de azulejos monocromáticos. As cercaduras são de concheados manganês com elementos vegetalistas de tom amarelo, encimados por cartelas e vasos. Além do painel referente ao eremita, os restantes painéis apresentam: «Os Hereges Hussitas / entrando o Convento Claramontano na Polonia dos / Relig.^{os} de S. Paulo m.^{tos} padecerão o martirio em de / fença da Verdade. ra Religião. Anno de 1430.»; A Virgem e o Menino aparecendo a um religioso; um anjo e um religioso; «O D. Matheos Escan / deli Eremita de S. Paulo, primeiro Apostolo / dos Chinos; resucitou sinco mortos, e acabou / martyr traspasado com lanças.», junto a este encontra-se outro painel tapado por altar; «S. Bento e S. / André martyres Ere / mitas de S. Paulo dos qua / es celebra a Religião a sua festa / a 17 de julho». Junto à porta, painel ornamental com cartela contendo estrela e outros painéis ornamentais pequenos de pilastras; No coro alto, painel com dois sóis e a inscrição: «Erit Lux lunae / sicut lux solis / Isai. 30».

A sacristia alberga painel semelhante aos da capela, representando o *Agnus Dei*, com a inscrição «Dignus et Agnus. / qui occisus est accipere / virtutem, et Divinitatem / Apocalypse 11».

No 1.º andar do edifício encontram-se ainda painéis recortados de cercaduras barrocas com cenas profanas.

Vide: VV. AA., 2009, pp. 69-75; sobre o colégio vide CARVALHO, 1970b, pp. 7-25. (MTV)

⁽¹⁰⁵¹⁾ Foi fundada em 1515 com intervenção do mestre da Ordem de Santiago D. Jorge, Duque de Coimbra, que a cedeu à Ordem de São Domingos, para que junto dela construísse o convento, concluído em 1583. Possui nave única e três altares. O espaço conventual foi transformado em habitação após a extinção das ordens religiosas. PORTTELA, 1882, p. 7; CARVALHO, 1970a, pp. 53-77. (MTV)

⁽¹⁰⁵²⁾ A Igreja de São Julião datará da segunda metade do século XIII, mas desta construção não restam já vestígios. Foi reformada entre 1516 e 1519 pelo pedreiro João Favacho, a mando de D. Manuel, de acordo com projecto atribuído a João de Castilho. Dessa campanha apenas subsistiram o portal principal e o lateral, bem como parte da torre sineira, tendo sofrido alterações posteriores, sendo de destacar a reconstrução ocorrida após o terramoto de 1755. Possui três naves divididas por arcarias assentes em pilares com capitéis jónicos e altares laterais. Na capela-mor encontra-se retábulo de talha datado de 1782-83, com tela atribuída a Pedro Alexandrino de Carvalho. Os azulejos da capela-mor são de 1778-79, data comprovada por elemento documental referido pelo Professor José Custódio Vieira da Silva. Foram restaurados em 1949. SILVA, 1990, pp. 68-74; PORTTELA, 1882, pp. 6-7; VV. AA., 2009, pp. 23-29. (MTV)

⁽¹⁰⁵³⁾ Estas composições azulejares apresentam semelhanças com as existentes na Igreja da Anunciada. NOGUEIRA, MARTINS, 2004; VV. AA., 2009, pp. 31-35; CARVALHO, 1970a, pp. 91-103. (MTV)

Senhor Jesus do Bonfim, Capela do

A igreja era totalmente forrada com azulejaria e deveria ser, de facto, um conjunto grandioso. Mais tarde fizeram-se obras e colocaram-se várias telas emolduradas tapando a parte superior do revestimento. No coro ainda se podem ver alguns painéis superiores. O magnífico tecto pintado também deve ser posterior à obra de azulejo e foi restaurado em 1883.

Na capela-mor está uma inscrição que reza: ESTAS OBRAS SE FIZERÃO / E SE VAO FAZENDO COM AS E- / SMOLAS, DOS FIEIS CRISTA / OS COM... ESARÃO A FAZER SE / NO ANNO DE 1698.

O revestimento da igreja deve ser das obras «que se vão fazendo» e podem supor-se de cerca de 1720, ou pouco antes.

É um revestimento com cerca de quatro metros de azulejos azuis, em painéis contínuos (nove grandes e dois mais pequenos) com silhar de anjos e grinaldas. Ilustram-se várias parábolas. O desenho é mau e a coloração intensa.

Na capela-mor, de cada lado, painéis do mesmo tipo, com ermitões. ⁽¹⁰⁵⁴⁾

Travessa do Carmo – Registo

Painel azul e branco com *Nossa Senhora e o Menino Dando o Rosário a São Domingos*, identificado pelo cão com a vela que se encontra a seus pés. A cercadura possui volutas e concheados, sendo coroada por dois querubins.

Travessa do Carmo – Registo

Painel de formato circular e pintura azul com *São José e o Menino*, vendo-se os instrumentos da oficina de carpinteiro. No topo uma cartela ostenta a inscrição «Joseph ora pró nobis» e em baixo a data «1786».

CONCELHO DE SINES

SINES

Nossa Senhora das Salas, Capela de

Na fachada, registo de moldura concheada policroma e centro azul, com *Nossa Senhora da Conceição*. O registo, tal como todo o tipo de azulejamento interior, será de cerca de 1770. ⁽¹⁰⁵⁵⁾

Na nave, abobadada, silhar com painéis recortados, de pintura azul. ⁽¹⁰⁵⁶⁾ Têm, na maior altura, 19 azulejos, dos quais 5 inferiores são de marmoreado policromo. Os painéis são, do lado do evangelho:

⁽¹⁰⁵⁴⁾ Ermida de grande devoção popular fundada em 1669 pelo Padre Diogo Mendes. A igreja, anteriormente da invocação do Anjo-da-Guarda, é de nave única, possuindo o altar-mor retábulo de talha. Os azulejos representam cenas do Antigo e Novo Testamento. O episódio *São Pedro Caminhando sobre as Águas* é semelhante a outro existente na Igreja de São Pedro de Palmela, baseando-se em idêntica gravura retirada da obra *Evangelicae Historiae Imagines* de Jerónimo Nadal. Os que se encontram na capela-mor estão atribuídos a António de Oliveira Bernardes. QUINTAS, 1993, pp. 67-68, 221-226; SERRÃO e MECO, 2007, pp. 145, 183. (MTV)

⁽¹⁰⁵⁵⁾ TELLES, 1896, p. 210, refere os azulejos da Igreja de Nossa Senhora das Salvas (*sic*) dizendo que foram encomendados em Itália por D. Manuel...(!)

A fundação da Igreja de Nossa Senhora das Salas é atribuída tradicionalmente a D. Bataça, princesa grega vinda para Portugal no séquito da Princesa D. Isabel de Aragão. A construção do edifício actual deveu-se à iniciativa de Vasco da Gama, tendo a sagração ocorrido em 1529. A fachada, cujo remate foi construído após o Terramoto, possui portal de brecha da Arrábida ladeado de colunas torças duas pequenas janelas e lápides referentes a Vasco da Gama. O registo azulejar, inserido em moldura de alvenaria, encontra-se sobre o janelão que ilumina a nave. Representa, mais concretamente, a *Assunção de Nossa Senhora*, seguindo conhecida gravura de Rubens. Nos panos laterais sobressaem os contrafortes coroados por pináculos cônicos. O interior de nave única é coberto por abóbada de ogivas descarregando em mísulas, possuindo dois altares laterais. A capela-mor encerra retábulo policromo *do estilo nacional*. FALCÃO e PEREIRA, s.d.; SOLEDADE, 1990, pp. 141-146. (MTV)

⁽¹⁰⁵⁶⁾ A sua autoria integra-se na esfera de influência da oficina de Francisco Jorge da Costa. FALCÃO e PEREIRA, s.d. (MTV)

- 1) *Nascimento / da Santíssima Virgem*
- 2) *Apresentação da / Senhora no Templo*
- 3) *Desposórios da / Virgem com São José*
- 4) *Visitação de / Santa Isabel*

Do lado da epístola:

- 5) *Nascimento de / Cristo Senhor Nosso*
- 6) *Circuncisão / do Menino*
- 7) *Adoração / dos Magos*
- 8) *Purificação da Se / nhora e Apresentação / do Menino Jesus*

Ladeando o arco cruzeiro, voltados à nave:

- 9) *Martirio / de S. Joze*
- 10) *Fugida / do Egypto*

Na capela-mor o silhar segue a mesma altura da nave, agora com dois painéis:

- 11) *Annunciação e En / carnação do Verbo Divino*
- 12) *Assumpção da / Senhora*

Avulta aqui a porta de azulejos, de moldura manganês, amarela, e parte central imitando madeira.⁽¹⁰⁵⁷⁾

São Salvador, Igreja Matriz de⁽¹⁰⁵⁸⁾

Acima do nível do altar-mor estão as paredes laterais forradas com paramento de 28 azulejos de alto. São duas grandes composições, incorporadas em três painéis de cada lado, por meio de exuberante molduramento, o qual acompanha, de forma notável, os recessos das credências. Do lado da epístola, *São Lucas e São João Ladeando o Menino Jesus*, na sua curiosa iconografia de Salvador do Mundo. Do lado do evangelho, *São Mateus e São Marcos* e, ao centro, a *Assunção*.⁽¹⁰⁵⁹⁾

Na parte inferior, em cartelas, emblemas eucarísticos com legendas.⁽¹⁰⁶⁰⁾ Serão azulejos de cerca de 1750.

⁽¹⁰⁵⁷⁾ As cercaduras de concheados com frontões recortados são separadas por pilastras rematadas por vasos de flores, contendo cartelas com inscrições em português que identificam os episódios. Abarcam portas e janelas, possuindo rodapés policromos marmoreados com almofadas e motivos vegetalistas.

Pequenos painéis apresentam símbolos marianos: na nave do lado do evangelho a rosa e a palmeira e na capela-mor o Sol e a estrela inserida em cartela; do lado da epístola, o cipreste e o lírio e na capela-mor a Lua e o espelho inserido em cartela rodeada de anjinhos. (MTV)

⁽¹⁰⁵⁸⁾ Templo reedificado em 1730, substituindo a anterior construção medieval, que, por sua vez, assentava em basílica visigótica do século VI. Possui fachada austera, ampla nave única com abóbada de berço, coro alto com balaustrada de madeira suportada por colunas de cantaria e seis capelas faciais. SOLEDADE, 1990, pp. 148-162. (MTV)

⁽¹⁰⁵⁹⁾ Trata-se, sim, da *Transfiguração*. (MTV)

⁽¹⁰⁶⁰⁾ Sobre um fundo simulando gradeado, cartelas concheadas com querubins apresentam símbolos com legendas em latim de significados cristológicos e eucarísticos: do lado do evangelho um prato com pão com a inscrição «Ut uitam Eabeant» e o *Agnus Dei* e o sétimo selo com a legenda «Tamquam occisum» e, no nicho, um cordeiro surge no centro de um turbilhão de nuvens com querubins, sobre base com gradeamento; no lado da epístola, ramo de parras com cacho de uvas e inscrição «Ite inuine am meam», junto a nicho semelhante ao do lado oposto. (MTV)

DISTRITO DE PORTALEGRE

CONCELHO DE ALTER DO CHÃO

ALTER DO CHÃO

Misericórdia, Igreja da

Integrada no hospital, encontra-se a Igreja da Misericórdia.⁽¹⁰⁶¹⁾ Apenas tem azulejos na capela-mor. São de tipo ornamental, em silhar levemente recortado, com 12 azulejos de altura. O centro mostra-nos dois enormes anjos, segurando um medalhão sem qualquer atributo. O azul, apesar de não ser forte nem de tom bonito, é no entanto realçado pelo desenho dos anjos extremamente belos.

Nas paredes do arco triunfal voltadas ao altar-mor o silhar é de cercadura de acantos, no centro da qual se colocaram azulejos de figura avulsa. Os cantos da cercadura são de máscaras.⁽¹⁰⁶²⁾ Toda esta azulejaria deverá datar de cerca de 1740.

Quinta do Álamo⁽¹⁰⁶³⁾

No salão nobre foram colocados, logo de início, azulejos formando um verdadeiro tapete pavimentar. No centro de um chão de tijoleiras vermelhas incorporaram-se azulejos de pintura azul, sendo o centro formado por uma repetição de um padrão azul. Circundam este motivo central outros azulejos de cercadura e de figura avulsa, terminando a composição com azulejos cortados em diagonal, e que são outras tantas pontas triangulares do tapete. Trata-se, certamente, de azulejaria lisboeta do meado do século XVIII, época esta que coincide com a da construção da Casa do Álamo.

Na capela-oratório foram colocados azulejos de figura avulsa, intercalando flores com figuras e um silhar de vasos floridos ladeados de pavões, azulejos estes da mesma época dos que vimos no pavimento do salão nobre.⁽¹⁰⁶⁴⁾

Santa Ana, Capela de

Revestimento, em 25 azulejos de alto, nas paredes da capela-mor.⁽¹⁰⁶⁵⁾ São dois painéis historiados, emoldurados por anjos, grinaldas e pilastras. Representam o *Nascimento da Virgem* e a *Apresentação*.⁽¹⁰⁶⁶⁾ Os azulejos parecem ser de cerca de 1738-40.

É curioso notar, no painel do *Nascimento da Virgem*, um fogaréu, cujas chamas foram pintadas com amarelo, manganês e verde.

Santo António, igreja do Convento de

Pertencente à Ordem de São Francisco da Província da Piedade, foi fundado pelo Duque de Bragança, D. Teodósio II, cerca de 1617. Após a extinção das ordens religiosas foi adquirido por particulares. Em 1943, a fachada do templo foi alterada, tapando-se o arco

(1061) Igreja de nave única com abóbada de meio-canhão, com coro alto assente em arco abatido. Do lado da epístola encontra-se tribuna dourada e policroma, tal como o púlpito e demais elementos entalhados. Possui dois altares laterais. Na capela-mor destaca-se o retábulo de mármore branco e preto e revestimento de estuque das paredes e abóbada. (MTV)

(1062) A face do arco triunfal virada para a nave é revestida por azulejos com pilastras e anjos, dois deles suportando volutas. KEIL, 1943, p. 4; SAPORITI, 2006, pp. 20-21. (MTV)

(1063) Solar dos Vasconcelos e Sousa, actualmente propriedade da Câmara Municipal. A sua construção remonta a 1649 devendo-se à iniciativa de Diogo de Mendes de Vasconcelos, filho do autor do mesmo nome. Foi reconstruído em 1732, sofrendo alterações nos séculos XIX e XX. É um edifício rectangular de fachada larga, com janelas de sacada no 1.º andar e pedra de armas. Por portal com escudo de armas situado à esquerda do edifício acede-se ao espaço de jardim e quinta, onde se destaca o jardim de buxo. Nas traseiras, é de referir o portal de características rococó. *Vide*: KEIL, 1943, p. 8; CALADO, 1940, pp. 13-14. (MTV)

(1064) No interior de um nicho encontra-se representada a *Crucificação de Cristo*. SAPORITI, 2006, pp. 28-29. (MTV)

(1065) Capela construída no século XVII e reformada em 1739 a expensas de Diogo Menha e sua mulher D. Margarida de Sousa. Templo de fachada simples com cunhais de cantaria rematados por pinhas e óculo sobre a porta, de nave única coberta por abóbada de berço e capela-mor rectangular, apresentando o arco triunfal restos de policromia, tal como o retábulo do altar-mor. KEIL, 1943, pp. 4-5. (MTV)

(1066) Do lado da epístola: *Apresentação da Virgem ao Templo*, integrando o vão existente, por meio de volutas e frontão. A cercadura, de pilastras e entablamento, contém querubins, volutas e grinaldas, sendo coroado por cabeça de *espanbolette*. Em baixo, ao centro, uma cartela ladeada da anjinhos ostenta o Sol; do lado do evangelho: sobre a porta rodeada por motivos arquitectónicos encontra-se uma pequena representação da *Anunciação*, vendo-se ao longe Nossa Senhora da Conceição e, ao lado, o episódio do *Nascimento da Virgem*. Em baixo, uma cartela contém a Lua. (MTV)

de volta perfeita da entrada, substituída por porta de verga recta. Sobre esta encontram-se os emblemas da ordem. No registo superior acha-se janelão rectangular ladeado por dois vão cegos com decoração de alvenaria, terminando em frontão recortado com motivos decorativos relevados e duas torres sineiras. O interior é de nave única, possuindo capela-mor com altar de mármore branco e preto, coro, altares laterais e capela do lado da epístola.⁽¹⁰⁶⁷⁾

Sobre o janelão da fachada foi colocado um registo de *Santo António com o Menino*, com moldura amarela e concheados manganês.

Senhor Jesus do Outeiro, Capela do

Tem azulejos na nave e capela-mor. Nesta última quadra, de cada lado do altar-mor, painel de $13 \times 7 \frac{1}{2}$ azulejos. O do lado da epístola figura o *Pentecostes* e o do lado do evangelho, *Assunção de Nossa Senhora*. São painéis de cercadura concheada policroma e centro azuis. O painel da *Assunção* foi inspirado na conhecida gravura de Rubens, que tanto serviu aos pintores dos motivos marianos.

Na nave o silhar é de 9 de alto, do tipo de cabeceiras rectas, divididas em painéis de cercadura policroma concheada e fundos marmoreados, centrando figurações azuis. Estas mostram-nos, em desenho mais fraco do que o da capela-mor, seis passos da *Paixão: Jesus no Horto, Traição, Jesus em casa de Caifás, o Escárnio, Caminho do Calvário e o Calvário*.

À entrada, painel de 7×4 , com crucifixo de pintura azul e molduramento simples, a amarelo esponjado.⁽¹⁰⁶⁸⁾

Toda esta azulejaria é bem lisboeta, de cerca de 1780, época, aliás, da construção da capela.⁽¹⁰⁶⁹⁾

CONCELHO DE AVIS

AVIS

Nossa Senhora da Assunção, igreja do antigo Convento de (Mosteiro de São Bento de Avis)⁽¹⁰⁷⁰⁾

Na sacristia, alizar ornamental com cercadura policroma.⁽¹⁰⁷¹⁾

Nossa Senhora da Orada, Igreja de

Antiga Igreja Matriz, a sua origem remonta ao século XV, tendo sido renovada no século XVII e posteriormente. A fachada possui galilé, frontão com janela e cimalha com balaustradas, sendo ladeada por duas torres. O interior é de nave única, abside com capela-mor e dois altares colaterais, cinco capelas e dois altares laterais.⁽¹⁰⁷²⁾

Perto da entrada, do lado da epístola, encontra-se um painel de alminhas com cartela de concheados e motivos vegetalistas contendo a inscrição: «FESCE HESTA CAZA COMPORVI / ZAM DE SVA MAGESTADE A CVSTA DA MESMA / COMFRARIA SEMDO THEZOVREIRO / O Do.r Joaquim da Costa e Cunha / Anno 1760= Auiz».

(1067) KEIL, 1943, pp. 6-7. (MTV)

(1068) No lado oposto encontra-se um painel de alminhas.

(1069) Os azulejos estão atribuídos a Francisco Jorge da Costa. A igreja terá sido construída em 1748. Possui nave única de planta octogonal, quatro altares laterais e capela-mor rectangular sobrelevada com retábulo policromo. *Vide*: KEIL, 1943, p. 5; SAPORITI, 2006, pp. 24-27; MECO, 1999, p. 51. (MTV)

(1070) O templo da Ordem de São Bento de Avis remonta ao século XIII, tendo sido reconstruído no século XVII por Baltazar Álvares. Foi a cabeça da Ordem Militar de Avis. O interior, de nave única, possui abóbada de nervuras, capela-mor com retábulo de talha, altares colaterais, quatro capelas laterais e coro amplo. A sacristia remonta à administração do Duque D. Jorge de Lencastre, possuindo abóbada de nervuras assente em mísulas. KEIL, 1943, pp. 17-20. (MTV)

(1071) O alizar possui cercadura policroma com concheados e encontra-se sobre o arcaz. Ainda na sacristia, painéis policromos de reticulado pombalino.

Numa sala junto da capela-mor encontram-se silhares policromos de cartelas com concheados e motivos vegetalistas representando santos.

Na capela dedicada a São Bento, encontram-se painéis de cercadura policroma rococó com concheados manganês e elementos vegetalistas, contendo diversos símbolos eucarísticos.

Vide SAPORITI, 2006, pp. 46-48. (MTV)

(1072) KEIL, 1943, pp. 21-22. (MTV)

CASA BRANCA (actualmente concelho de Sousel)

Nossa Senhora da Assunção, Igreja Paroquial de

A igreja, de nave única, terá sido construída no século XVII. ⁽¹⁰⁷³⁾

Dessa época resta a estrutura e pouco mais. Na segunda metade do século XVIII houve grandes obras de embelezamento, incluindo o retábulo de mármore da capela-mor, mobiliário, retábulos laterais e capela baptismal.

É nesta quadra que se encontram os únicos azulejos da igreja, forrando a parte inferior das paredes. São três painéis recortados, de emolduramento concheado, policromo, ⁽¹⁰⁷⁴⁾ centros figurados azuis. São azulejos vulgares, típicos de Lisboa de cerca de 1780. A figuração representa cenas pastoris, em paisagens de castelos. Num dos painéis vê-se um moinho tipicamente flamengo, pelo que se pode depreender que a figuração é tirada de gravura convencional flamenga.

CONCELHO DE CAMPO MAIOR

CAMPO MAIOR

«Monte do Crasto»

Na capela, situada à entrada do «Monte do Crasto», silhar de 7 azulejos de alto, pintura azul e cenas de jardins. São azulejos de cerca de 1740.

Parte de um painel estava destruído, tendo sido retocado modernamente.

Santa Maria do Castelo, Igreja de

No interior existem ainda restos de painéis figurados, azuis, de cerca de 1740, cujos azulejos foram colocados a granel, formando agora um rodapé de 4 de alto.

Santo António, igreja do antigo Convento de

Na capela colateral de São Francisco, actualmente do Senhor dos Passos, painéis com 18 azulejos de alto. São quatro painéis figurados, rectangulares, começando de rodapé marmoreado roxo. A cercadura é de composição barroca e são datáveis de cerca de 1745.

Os centros figuram passos da Vida de São Francisco de Assis:

- 1) *Tentação*
- 2) *Morte*
- 3) *Estigmatização*
- 4) *O Santo Recebendo a Regra* ⁽¹⁰⁷⁵⁾

Junto ao altar colateral do evangelho, painel datado de 1743, azul, recortado, mostrando o milagre de um santo, que dá o pão através do túmulo. Na parte superior:

NON MORIHER ANTIPODIBUS

Na capela, sobre a porta, pequeno painel de 7 × 4, com *São Diogo*. ⁽¹⁰⁷⁶⁾

⁽¹⁰⁷³⁾ De dimensões amplas, foi priorado da Ordem de Avis. A fachada é simples, com portal com frontão quebrado e cruz em alvenaria, ostentando a data de 1728, sobrepujado por janelão quadrado gradeado, flanqueada por duas torres sineiras com pequenas janelas, marcadas por pilastras e cunhais de granito aparelhado. O frontão recortado possui um óculo. O amplo interior com cobertura de abóbada de berço é iluminado por três janelões de cada lado da nave, possuindo dois altares laterais. A capela-mor, mais estreita, alberga retábulo de mármore, sendo o arco triunfal de pedra sobrepujado por grande sanefa de talha policroma. KEIL, 1943, p. 159. (MTV)

⁽¹⁰⁷⁴⁾ Com elementos vegetalistas e colunas sobrepujadas por jarras de flores. Uma das molduras integra o vão aberto na parede. (MTV)

⁽¹⁰⁷⁵⁾ As cercaduras possuem cartelas com símbolos, nomeadamente, prato com dados, cruz com caveira, braços cruzados de Cristo e São Francisco, símbolo dos franciscanos e as cinco chagas. (MTV)

⁽¹⁰⁷⁶⁾ Neste convento franciscano fundado em 1634 funciona desde 1942 o Mosteiro das Irmãs Concepcionistas Franciscanas da Ordem da Imaculada Conceição. A igreja possui nave única ampla, capela-mor com retábulo de mármore e, ainda, dois altares colaterais e quatro laterais. MATOS, 1995, pp. 26-27; SAPORITI, 2006, pp. 52-54. (MTV)

Solar do Dr. Francisco Tello da Gama⁽¹⁰⁷⁷⁾

Na escadaria, painéis historiados, com cenas de guerra: assédio a uma praça-forte; socorro de feridos; batalha com mouros.

A sala que serve de escritório tem alizar de 8 de alto, com cenas mitológicas (*Diana*).

Na sala de entrada, no alto da escadaria, o alizar é ornamental, com cercadura concheada, azul-claro, enriquecida a tons de amarelo, no género das «Necessidades». Centros com medalhões e figuras alegóricas.

A sala de visitas tem alizar azul, com cenas de caça. Todos os azulejos são da mesma época, ou seja cerca de 1750.⁽¹⁰⁷⁸⁾

CONCELHO DE CASTELO DE VIDE

CASTELO DE VIDE

Passo do Largo João José Le Cocq

Em passo barroco com arco de cantaria de granito encontra-se um registo de *Cristo na Cruz*, sobre altar de alvenaria.

Rua de Santo Amaro, n.º 25 – Registo

Registo com a figura de São Tiago Matamouros, com identificação contida em cartela. Em placa inferior encontra-se inscrito: «Nogeyra 1743».

Salvador do Mundo, Capela do

A meia encosta da colina do castelo, magnificamente situada, está a capela, considerada como das mais antigas da vila. A sua construção data do século XV, tendo sido reconstruída sucessivamente nos séculos XVII e XVIII.⁽¹⁰⁷⁹⁾

Do princípio do século XVIII serão os painéis que cobrem as paredes da capela-mor e a abóbada.⁽¹⁰⁸⁰⁾ Esta última é do tipo de figura avulsa, sendo o revestimento do cruzeiro do mesmo tipo, apenas com a inclusão de um painel de 9 × 6 representando dois anjos orantes e *Nossa Senhora com o Menino Salvador do Mundo*.⁽¹⁰⁸¹⁾ O frontal é bastante notável, tipo de «aves e ramagens», com 7 × 14 azulejos, estando a última fiada encoberta por um estrado de madeira. Tem sebastos e guarnições de franjas. Ao centro vê-se um medalhão com o *Nascimento de Nossa Senhora* por baixo, num rótulo, a data de 1695 e as iniciais A.B.D.A.C.⁽¹⁰⁸²⁾

São Francisco, Convento de (Asilo de Nossa Senhora da Esperança)

No átrio de entrada, silhar de 17 azulejos de alto com cenas referentes a *Milagres de Santo António*. Os azulejos estão bastante estragados, faltando-lhes inúmeras peças. O resto do silhar é de vasos floridos, com grinaldas.

Na parte superior, em parte tapada por um nicho com Santo António, os azulejos são de anjos, portadores de emblemas do martírio.

(1077) Solar da família Carvajal e Camaride. (MTV)

(1078) Casa nobre do século XVIII de dois andares, com janelas de sacada no piso superior. O frontão da porta principal encerra o brasão da família. KEIL, 1943, p. 29; SAPORITI, 2006, pp. 55-58. (MTV)

(1079) O actual edifício poderá remontar ao século XIII, devendo ter estado ligado à Ordem de Malta. É composto por nave única rectangular e capela-mor, com abóbada de canhão assente em mísulas. Na fachada, de empena triangular, duas frestas ladeiam a porta com arquivoltas de volta perfeita. TRINDADE, 1981, pp. 35-41; CARVALHO, 2003, pp. 145-180; SAPORITI, 2006, pp. 64-65; KEIL, 1943, p. 44. (MTV)

(1080) Os painéis estão atribuídos a Gabriel del Barco. Do lado do evangelho: duas fontes barrocas, uma delas com a inscrição «Fonte da Misericórdia»; no remate, a *Fuga para o Egipto*;

Do lado da epístola: *Repouso na Fuga para o Egipto* e, em cima, *Cristo Salvador do Mundo*.

A nave é ornamentada com silhares de albarradas. (MTV)

(1081) Mais recentemente foi identificada como Nossa Senhora do Pilar, como referência à Confraria de Nossa Senhora do Pilar que teria promovido uma campanha decorativa na ermida a partir de 1692. Para análise histórica, iconográfica, fontes gráficas e reconstituição da programa original dos painéis vide CARVALHO, 2003. (MTV)

(1082) Significando AB (*desde* ou *em*) DAC 1695 (*Do Ano de Cristo* de 1695). Dois pavões rodeiam a cartela e no registo inferior encontram-se uma cadela, uma loba, um leão, uma leoa e um leãozinho. Os motivos do frontal de altar relacionam-se com a Imaculada Conceição. (MTV)

São azulejos de cerca de 1748, data da construção do convento, inscrita na pedra da entrada.⁽¹⁰⁸³⁾

Senhor do Bonfim, Capela do

Pequena capela situada a três quilómetros de Castelo de Vide. Na fachada possui um registo do *Senhor do Bonfim* com cercadura de volutas e legenda identificativa, ladeado por dois painéis de *alminhas* figurando anjos com incensórios.⁽¹⁰⁸⁴⁾

CONCELHO DO CRATO

CRATO

Museu Municipal do Crato

No patamar das escadas de acesso uma figura de convite feminina dá as boas-vindas aos visitantes, acompanhada por silhares de balaústres. No 1.º andar acham-se painéis ornamentais e de caçadas, possuindo cercaduras com «asas de morcego», encontrando-se na capela painéis com anjos sustendo o Sol, a Lua, uma estrela e a palma e painéis com eremitas.⁽¹⁰⁸⁵⁾

Nossa Senhora do Bom Sucesso, Capela de (ou Capela da Cadeia)

Construída em 1755 para permitir aos presos da cadeia assistirem às celebrações religiosas. A sua fachada consiste numa janela dividida por coluna central, com frontão de volutas interrompido, apenas podendo ser acedida através do edifício contíguo. É abobadada e de dimensão reduzida.⁽¹⁰⁸⁶⁾

É revestida com azulejos de padrão com motivos vegetalistas e geométricos e cercadura de acantos, possuindo sob o lavabo e a pia pequenos painéis, contendo cada um vaso de flores rodeado por meninos atlantes.

Nossa Senhora da Conceição, Igreja Matriz de

A capela-mor tem as paredes laterais totalmente forradas, incluindo os tímpanos dos arcossólios.⁽¹⁰⁸⁷⁾ São azulejos típicos de cerca de 1730-40, com figuração mariana: *Fuga*⁽¹⁰⁸⁸⁾ *para o Egipto*, *Nossa Senhora com o Menino no Jardim*, *Recebendo Ofertas*,⁽¹⁰⁸⁹⁾ *Judite*, *Apresentação de Jesus no Templo*,⁽¹⁰⁹⁰⁾ *Visitação*, *Nascimento*, *Ascensão da Virgem*.⁽¹⁰⁹¹⁾

No corpo, os alizares têm figuração vária, possivelmente de época anterior aos da capela-mor. Muito curioso é um painel, do lado do evangelho, com mulher dando de mamar a uma criança.⁽¹⁰⁹²⁾

Num pequeno pátio inferior, cruz azul, de 9 × 5 azulejos, datada de 1724.⁽¹⁰⁹³⁾

(1083) Convento franciscano fundado no século XVI, tendo as obras sido concluídas em 1589. Após a extinção das ordens religiosas funcionou como asilo de invisuais. Em 1748 terão sido efectuadas remodelações. O revestimento do átrio consiste em dois painéis, um deles retratando o *Milagre da Mula* e o outro *Santo António a Salvar o Pai da Força*. (MTV)

(1084) Vide SAPORITI, 2006, pp. 73-77. (MTV)

(1085) Identificados como representações de São Bernardo, São Gabriel e São Francisco. Vide SAPORITI, 2006, pp. 84-86. (MTV)

(1086) RODRIGUES, 1989, p. 31; KEIL, 1943, p. 49. (MTV)

(1087) Com origem no século XIII, remonta à concessão de foral aos templários em 1232, tendo sido construída pouco depois. Deste período já pouco resta, correspondendo o grosso da construção actual a reconstruções efectuadas entre os séculos XV a XVIII.

Possui três naves divididas por arcos de ogiva, de feição tardogótica. A capela-mor, mais recente, é ladeada por capelas absidiais. O altar data de 1946, obedecendo a risco de Raul Lino. RODRIGUES, 1989, pp. 15-18; KEIL, 1943, pp. 46-48; SAPORITI, 2006, pp. 80-82. (MTV)

(1088) Transcreve-se, por óbvias razões, o texto já impresso, a p. 190 da *Azulejaria em Portugal no Século XVII* (SIMÕES, 1971b, t. II, p. 190). FCG

(1089) *Jesus entre as Ciganas* ou *Descanso na Fuga para o Egipto*. (MTV)

(1090) Trata-se da *Apresentação da Virgem*. (MTV)

(1091) A acompanhar as cercaduras barrocas encontram-se ainda uma figura feminina e diversos anjos, sendo as bases compostas por anjos que sustentam volutas, entre as quais se encontram cartelas com diversos símbolos marianos, nomeadamente, lírios, o Sol, a fonte, a torre, a Lua e ramo de rosas. (MTV)

(1092) Consistem em quatro cenas de género, com cercaduras barrocas de volutas, anjinhos e panejamentos, encontrando-se ainda painéis de albarradas e pequenos painéis com elementos vegetalistas. (MTV)

(1093) Na sacristia encontra-se painel em forma de cruz com Cristo. (MTV)

Nossa Senhora dos Mártires, Ermida de – altar campal

Junto do cemitério que acompanha o templo tardobarroco ergue-se um altar de alvenaria com frontão recortado. A edícula alberga um registo de azulejos figurando *Nossa Senhora da Conceição*, com cercadura rococó policroma. Era ladeado por dois pequenos painéis de alminhas dos quais apenas resta um. ⁽¹⁰⁹⁴⁾

CONCELHO DE ELVAS

ELVAS

Cemitério da Misericórdia – fonte

O arco possui azulejos policromos dispostos a modo de pórtico, sendo o espaldar revestido com querubins sobre nuvens. No interior contém painéis a azul e branco com cercaduras policromas figurando ao centro o *Calvário* e as almas do *Purgatório*. Nos painéis laterais encontram-se *Adão e Eva Recebendo o Fruto Proibido da Serpente*. Junto à bica da fonte foram colocados azulejos esponjados e de padrão. Estão datados de cerca de 1780. ⁽¹⁰⁹⁵⁾

Colégio dos Jesuítas, igreja do antigo (antiga Igreja de Santiago, actual Igreja do Salvador) ⁽¹⁰⁹⁶⁾

Apenas se encontram azulejos na capela colateral do lado da epístola. É um pequeno silhar, em dois painéis de 7 × 8, um deles mutilado. A pintura é azul a dois tons; a cerca-dura de tipo concheado, com a «asa de morcego», em tom escuro, e o centro figurando uma cena portuária, com a figura de um fidalgo coberto com um gorro e recebendo um cesto com flores e frutos, trazidos por uma jovem.

Este azulejo, da produção mais vulgar de Lisboa, coloca-se em cerca de 1750. ⁽¹⁰⁹⁷⁾

Nossa Senhora da Conceição, Capela de (das Portas de Esquina)

Nesta pequena edícula encontram-se azulejos na rampa que conduz à entrada. É um silhar de 7 azulejos de alto, incluindo rodapé marmoreado. São de tipo ornamental, com volutas de folhagens e dragões, em pintura policroma de cerca de 1780. ⁽¹⁰⁹⁸⁾

Ordem Terceira de São Francisco, Igreja da

Igreja notável pela talha da capela-mor! ⁽¹⁰⁹⁹⁾ Na nave há painéis de azulejos recortados, azuis, sobre rodapé ornamental policromo, de 15 de altura. Nos painéis representam-se cenas franciscanas, cada qual com sua legenda na cartela inferior. Na parede do lado do evangelho:

- 1) PREZEPIO EM QUE / NACEO O NOSSO P.S. / FRANCISCO
(sensivelmente igual ao *Nascimento de Jesus*, sobre palha, agora apenas rodeado de oito mulheres, uma vaca e um burro).
- 2) O PADRINHO DONOSO P.S. FRANCISCO. FOU / HUM ANIO / SELISTIAL
(um padre baptiza o Menino, que é trazido por um anjo).

⁽¹⁰⁹⁴⁾ RODRIGUES, 1989, pp. 32-33; SAPORITI, 2006, p. 89. (MTV)

⁽¹⁰⁹⁵⁾ MECO, 2008, pp. 130-135; SAPORITI, 2006, pp. 134, 140. (MTV)

⁽¹⁰⁹⁶⁾ De planta jesuítica, com nave única, capelas laterais intercomunicantes e tribunas, foi inaugurada em 1692, segundo risco do jesuíta Bartolomeu Duarte. Após a extinção do colégio passou a ser utilizada como igreja paroquial. RODRIGUES, 1996, pp. 76-77; LOBO, 2008, pp. 120-127, KEIL, 1943, pp. 71-73. (MTV)

⁽¹⁰⁹⁷⁾ SAPORITI, 2006, p. 116. (MTV)

⁽¹⁰⁹⁸⁾ Contém ainda símbolos marianos. A capela possui azulejos de figura avulsa com cercaduras de enrolamentos de acanto forrando os alçados e cúpula. Sobre o arco de acesso ao altar encontra-se um painel com as armas de D. João V e, ainda, diversos painéis de albarradas. RODRIGUES, 1996, pp. 79-80; MECO, 2008, p. 134; SAPORITI, 2006, pp. 112-115. (MTV)

⁽¹⁰⁹⁹⁾ Construída na primeira metade do século XVIII, foi necessário proceder à sua reconstrução após o terramoto de 1755. Possui nave única, quatro capelas laterais e capela-mor profunda com sumptuosa decoração de talha que alastra pelo arco triunfal e nas duas capelas fronteiras. RODRIGUES, 1996, pp. 69-71; KEIL, 1943, pp. 78-79. (MTV)

Na nave, do lado do evangelho:

- 3) N.P.S. FRANCISCO / ORANDO A CRISTO / SENHOR NOSSO
(o santo ajoelhado, tendo aos pés a espada e o gorro de fidalgo).
- 4) O NOSSO. / P.S. FRANCISCO RES. / EBENDO O ABITO
(um bispo veste o santo imberbe, ajoelhado).
- 5) S.FRANCISCO / NP PEDINDO A CHRISTO / SENHOR N. O IUBILEO /
DAPRISINCULA

Segue-se o púlpito, no qual está uma bela composição ornamental:

- 6) N.P.S. FRANCIS / CO RECEBENDO / AS CHAGAS

Do lado da epístola, enquadrando os confessionários, belas composições: ⁽¹¹⁰⁰⁾

- 7) N.P.S. FRANCISCO / ROGANDO A CHRISTO SUSPEN / DA OCASTIGO, COM Q /
VE QVIS CASTI / GAR AO MUND°
- 8) N.P.S. FRAN- / CISCO, PASOU DAUIDA MOR / TAL, PARA AUIDA / ETERNA
- 9) N.P.S. FRANCISCO / TIRANDO ASALMAS DOS SE / OS TERECEIROS, DAS. /
PENAS DO POR / GATORIO

Na parede fundeira, do lado da epístola: ⁽¹¹⁰¹⁾

- 10) N.P.S FRANCISCO / MOSTROV DEPOIS DA SVA MORTE / A SVA GRANDE
HVMILDADE / NA OBIDIENSIA AOSV / MO PONTIFICE
(São Domingos, em estátua entre dois prelados, enquanto um frade franciscano
parece espreitar pela porta entreaberta). ⁽¹¹⁰²⁾

Na sacristia silhar de 7 de alto, em painéis ornamentais de fundos marmoreados azuis, com emblemática franciscana e onde aparecem flores policromas. São de cerca de 1770. ⁽¹¹⁰³⁾

A azulejaria da igreja propriamente dita poderá ser de cerca de 1760-65. ⁽¹¹⁰⁴⁾

Palácio dos Marqueses de Alegrete

Na escadaria, painéis figurados azuis, com caçadas.

Na sala de entrada, silhar de 9 de alto, com vasos floridos.

A cor é azul-claro nos centros e mais escuro na cercadura. Nas outras salas os silhares são também ornamentais, de vasos e cestos, de vários tipos.

Nas salas maiores, silhares do tipo «Necessidades», a dois tons de azul, cercadura *rocaille*, centros de pintura leve, realçada com toques amarelos e verdes.

⁽¹¹⁰⁰⁾ Os confessionários são enquadrados por duas composições ornamentais contendo troncos de árvores, pássaros no céu e, um deles, cisnes num lago. (MTV)

⁽¹¹⁰¹⁾ Encontram-se, ainda, quatro painéis figurando eremitas. (MTV)

⁽¹¹⁰²⁾ Equívoco. A cena representa *O Papa Nicolau V diante do Cadáver de São Francisco de Assis*, tema que, não sendo desconhecido na pintura portuguesa da Contra-Reforma, também aparece na nossa azulejaria do século XVIII (como, por exemplo, um dos painéis da nave da igreja de Nossa Senhora da Penha de França, em Braga, de cerca de 1728, e noutro, de 1737, executado por Bartolomeu Antunes, na capela-mor da igreja do Convento de São Francisco, em Salvador (Bahia-Brasil)).

Acerca deste tema, *vide* RÉAU, 1955-58, t. III, pp. 532-533.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹¹⁰³⁾ Figuram, respectivamente, uma ampulheta com um livro e um cilício; o braço de Cristo e de São Francisco cruzando-se; caveira e crucifixo; paramento; escudo com as cinco chagas de Cristo. E, ainda, painéis ornamentais. (MTV)

⁽¹¹⁰⁴⁾ José Meco data-os de 1770-80, atribuindo a sua autoria a Francisco Jorge da Costa. MECO, 2008, pp. 130-136. Ainda, SAPORITI, 2006, pp. 102-105.

No pátio interior encontra-se um espaldar com registo de azulejos figurando *Nossa Senhora da Piedade*, com cercadura policroma de feição rococó e silhar azul com cartela de concheados contendo ramos com flores e, nos seus cantos superiores, flores policromas. (MTV)

Uma das salas tem silhar de cercadura *rocaille*, policroma, centros azuis figurando cenas de portos, cavaleiros, etc. ⁽¹¹⁰⁵⁾

Toda esta azulejaria é de Lisboa, de época próxima de 1770-80. ⁽¹¹⁰⁶⁾

Passo da Rua da Cadeia (actualmente no Largo São João de Deus)

Este passo estava para demolição, tentando-se recolocá-lo noutra local da cidade. ⁽¹¹⁰⁷⁾

O retábulo é de mármore, com querubins e sanefa. No centro, escultura de madeira, em baixo-relevo.

As paredes laterais estão cobertas com painéis de azulejos azuis, até à sanca. A abóbada tem azulejos de estrelas.

Os painéis, do tipo «Bartolomeu Antunes», são de cerca de 1740 e representam a *Fuga de David* e *Batalha de Salomão*, com dísticos em letreiro. ⁽¹¹⁰⁸⁾

Passo do Bispo

Idêntico ao passo da Rua da Cadeia. No retábulo, a tela representa a *Verónica*, em pintura do século XVIII.

Os azulejos estão nas paredes laterais, em painéis azuis, figurando cenas do *Calvário*. A abóbada é azulejada muito curiosamente com emblemas da *Paixão*. Trabalho de cerca de 1750. ⁽¹¹⁰⁹⁾

Rua das Beatas, n.º 5 – Registo

Registo representando *Nossa Senhora do Carmo e Santo António*, de feição rococó.

Santa Casa da Misericórdia

Na Sala das Sessões, ⁽¹¹¹⁰⁾ rodapé azulejado em painéis recortados. São de tipo figurado, azul, de cerca de 1740. Os painéis são contínuos, apenas separados por pilastras, também azulejadas. Figuram: ⁽¹¹¹¹⁾

- 1) *Nascimento da Virgem* ⁽¹¹¹²⁾
- 2) *Casamento*
- 3) *Aparição do Anjo a Zacarias*
- 4) *Visitação*
- 5) *Nascimento de São João*
- 6) *Circuncisão*
- 7) *Virgem e Santa Isabel*
- 8) *Morte da Virgem* ⁽¹¹¹³⁾

Nos vãos das janelas azulejos com eremitas.

Na sacristia, alizar de 8 azulejos muito curiosos. Trata-se de composições com medalhões centrais, de paisagens e grinaldas, sem marmoreados, tudo de pintura azul.

⁽¹¹⁰⁵⁾ Na capela encontram-se dois painéis, representando a *Fuga para o Egipto* e *Jesus entre as Ciganas*. (MTV)

⁽¹¹⁰⁶⁾ José Meco data-os de cerca de 1750, sendo a sua autoria atribuível à oficina de Valentim de Almeida. MECO, 2008, pp. 130-135. SAPORITI, 2006, pp. 123-125. (MTV)

⁽¹¹⁰⁷⁾ Data de 1728. (MTV)

⁽¹¹⁰⁸⁾ «VRBS SYLIMAE ADOLET IOSIAE EUN ERA: IESVM / VRETAMEN SOLIMAE FLENT POTIORE SVVM», FVGIT VTEROVE DOLENS DAVIDNATVMAT QVE SECVTA EST / FLENS REGEM LACRMIS VTRAQUE TVRBA SVVM». Na parte inferior anjos sustentam medalhões com símbolos da Paixão. (MTV)

⁽¹¹⁰⁹⁾ A ladear a tela do altar-mor encontram-se anjos sustentando, respectivamente, o pano de Verónica e a escada, símbolo da Paixão. Também nos panos da abóbada se encontram símbolos da Paixão. SAPORITI, 2006, pp. 135, 139. (MTV)

⁽¹¹¹⁰⁾ Ou Sala do Consistório. Terá sido construída em 1661. GAMA, 1954, pp. 74-75.

No edifício do antigo hospital da Misericórdia funciona actualmente o Museu de Arte Contemporânea de Elvas. (MTV)

⁽¹¹¹¹⁾ Passos da Vida de Santa Isabel e São João Baptista, atribuíveis a Valentim de Almeida. MECO, 2008, pp. 130-135, SAPORITI, 2006, pp. 126-131. (MTV)

⁽¹¹¹²⁾ Ou *Nascimento de Santa Isabel*. (MTV)

⁽¹¹¹³⁾ Ou *Morte de Santa Isabel*. (MTV)

As pilastras laterais são ainda dos tipos vulgares do século XVIII, se bem que a composição seja já bastante próxima do tipo «D. Maria I».

Na igreja, ⁽¹¹¹⁴⁾ sobre o arco triunfal, painel de cerca de 1790, com as armas reais e da Misericórdia, com 10 × 9 azulejos. ⁽¹¹¹⁵⁾

São Domingos, Igreja de ⁽¹¹¹⁶⁾

Na nave ficaram seis painéis recortados, azuis, dos quais três foram mutilados com a abertura de portas para confessionários. Todas se referiam a passos da Vida de São Domingos, qual deles o mais notável pela iconografia. Do pavimento ao fecho são 24 azulejos. Os que estão completos representam:

Do lado do evangelho:

- 1) *São Domingos e São Francisco*, ladeando globo terrestre, e ao alto, em glória, a *Virgem e Cristo* com as setas (qual Júpiter) entre nuvens e anjinhos.
- 2) *São Domingos e Outro Frade* caminham debaixo de uma violenta chuvada, enquanto do outro lado, o santo parece embarcar num batel, mostrando uma moeda que cai de entre as nuvens.

Do lado da epístola:

- 3) *Cenas de batalha* em que *São Domingos* parece comandar as tropas cristãs, empunhando um crucifixo que está sendo alvo dos arqueiros inimigos.

Dos que estão mutilados destacamos:

- 4) *São Domingos Orando a Cristo e à Virgem*
- 5) *Morte de São Domingos, com Nossa Senhora Enfermeira Dando o Leite do seu Seio ao Santo Moribundo*
- 6) Grupo de santos (*São Domingos e São Jacinto*) regando flores, tendo no centro *Nossa Senhora do Rosário*

Na parte superior dos painéis estão vários emblemas, entre os quais as armas da Inquisição. ⁽¹¹¹⁷⁾ Cercadura barroca muito curiosa, com elementos da «asa de morcego», muito discretos. Trabalho de cerca de 1745-50. ⁽¹¹¹⁸⁾

São Pedro, Igreja de

Sobre a porta da capela baptismal painel azul com *Baptismo de Cristo*, de cerca de 1750. ⁽¹¹¹⁹⁾

(1114) A igreja, de três naves abobadadas assentes em colunas, fundada no século XVI, encontra-se junto ao edifício da Mesa e Hospital, que será da autoria de José Francisco de Abreu. RODRIGUES, 1996, p. 78; GAMA, 1954, pp. 117-128. (MTV)

(1115) Atribuído a Francisco Paula e Oliveira. MECO, 2008, p. 130. (MTV)

(1116) Pertencente ao desaparecido convento fundado em 1267 por D. Afonso III, conserva em grande parte a estrutura medievá, sendo a fachada do século XVII. O interior possui três naves de distintas alturas, separadas por arcos ogivais assentes em pilares com oito colunas e transepto largo. Destaca-se a cabeceira, com ábside poligonal rasgada por janelões e quatro absidiolos. RODRIGUES, 1996, pp. 20-23; KEIL, 1943, pp. 74-75. (MTV)

(1117) (Painel 1) Na cartela inferior encontra-se um rosário e na superior o cão com a tocha e o livro, símbolos de São Domingos; (painel 2) Na cartela inferior um rosário e na cartela superior uma árvore, uma espada e uma cruz; (painel 3) na cartela inferior livro aberto com ramo de lírios e na cartela superior cão com tocha sobre livro, símbolo de São Domingos; (painel 4) a cartela superior ostenta o cão com a tocha e o livro; (painel 5) a cartela superior ostenta igualmente o cão com a tocha e o livro; (painel 6) a cartela superior ostenta escudo com espada e árvore, armas da Inquisição. (MTV)

(1118) José Meco atribui este conjunto a Valentim de Almeida. MECO, 2008, p. 130; SAPORITI, 2006, pp. 98-101. (MTV)

(1119) Fundada em 1227, a igreja conserva o pórtico primitivo de arquivoltas de ogivas, tendo a fachada sido refeita após o terramoto de 1755. O interior, datado do século XV, possui três naves separadas por arcos assentes em colunas, com cobertura de madeira e coro suportado por arco abatido. A capela-mor, coroada por cúpula, data do século XVI.

O painel encontra-se truncado, evidenciando reaproveitamento. A sua autoria foi atribuída a Nicolau de Freitas. KEIL, 1943, pp. 77-78; MECO, 2008, p. 130; SAPORITI, 2006, p. 106. (MTV)

Senhor Jesus da Piedade, Igreja do

Igreja de peregrinação de grande devoção popular, comprovada pela extensa colecção de ex-votos patente em dependências anexas. A fachada possui torres laterais colocadas diagonalmente e janelão rectangular sobre o pórtico de frontão curvo terminando em tímpano recortado. O interior é de nave única, altares laterais com telas de Cyrilo Volkmar Machado e tribuna. ⁽¹¹²⁰⁾

Na sacristia encontram-se painéis policromos de ornatos neoclássicos de ramagens, fitas e grinaldas sobre fundo branco. ⁽¹¹²¹⁾

CONCELHO DE FRONTEIRA

FRONTEIRA

Centro Cultural

Nas várias salas da ala sul da residência adaptada a centro cultural encontram-se painéis de azulejos com cercaduras com concheados rococó, representando caçadas, paisagens, cenas de género e, ainda, anjinhos, animais e elementos vegetalistas. ⁽¹¹²²⁾

Nossa Senhora dos Mártires, Igreja de

LXXVII

Só na capela-mor há azulejos, sendo estes, no entanto, de grande beleza.

Nas paredes laterais os azulejos dividem-se em dois painéis de 11 × 12 cada, com passos da *Verónica* e a *Deposição no Túmulo*, enquadrados por molduras de anjinhos e grinaldas. Os azulejos são, sem dúvida, de Policarpo de Oliveira Bernardes, ou ainda de António. Não encontrei assinatura. ⁽¹¹²³⁾

A tribuna, atrás do magnífico altar de mármore com embutidos, tem um *Cristo* pintado e emoldurado por azulejos, do mesmo tipo dos da capela-mor. ⁽¹¹²⁴⁾

Os azulejos devem ser de cerca de 1717-20. ⁽¹¹²⁵⁾

CONCELHO DE MARVÃO

MARVÃO

Nossa Senhora da Estrela, Convento de

Situado fora de muros da cidade e servindo actualmente de asilo, foi este convento franciscano fundado cerca de 1448, perto do local onde apareceu a imagem de Nossa Senhora. Sofreu várias modificações, sendo a mais importante em 1689 e outra ainda em 1722.

Na capela onde, segundo a tradição, apareceu a imagem da Virgem, os painéis são azuis e brancos, com cenas marianas. As cabeceiras são lisas, em 16 azulejos de altura e legendas

(1120) RODRIGUES, 1996, pp. 80-83; GAMA, 1965. (MTV)

(1121) A autoria dos painéis de azulejos pode atribuir-se a Francisco Jorge da Costa. MECO, 2008, pp. 130-137; SAPORITI, 2006, pp. 110-111. (MTV)

(1122) SAPORITI, 2006, pp. 148-149. (MTV)

(1123) A Igreja de Nossa Senhora dos Mártires foi edificada no início do século XVIII a mando de Fr. Miguel dos Anjos, onde anteriormente se encontrava a Igreja de São Sebastião, possuindo retábulo de João Antunes.

Nos painéis laterais as bases possuem cartela de volutas contendo símbolos da Paixão sustentada por anjinhos, bem como o friso. No painel de *Verónica e Cristo a Caminho do Calvário* a voluta da base possui um martelo e um alicate e a do friso uma coroa com três cravos. No lado da epístola, no painel da *Deposição de Cristo no Túmulo*, a cartela da base contém uma escada e a do friso três dados. Do seu lado esquerdo encontra-se uma porta almofadada em *trompe-l'oeil* azul e manganês. As cenas da Paixão seguem modelos de Barocci através de gravados de Cornelis Cort.

PINA, 2001, pp. 134-137; Vítor Serrão, Parecer para Classificação da Igreja como Imóvel de Interesse Público (Despacho do Ministério da Cultura de 1996.12.23), em PINA, 2001. (MTV)

(1124) Anjinhos sustentando grinaldas de flores e frutos ladeiam duas cartelas ostentando três cravos e o pano de Verónica. O altar possui frontal com cartela de volutas ladeada de anjinhos e quartelões com grinaldas contendo uma coluna, uma lança e uma cana com uma esponja, símbolos da Paixão. (MTV)

(1125) José Meco data-os de cerca de 1715-20. MECO, 1998, p. 83.

José Meco, «Policarpo de Oliveira Bernardes», in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, 1989, pp. 83-85; Paulo Valente, «Retábulo», «A Deposição de Cristo», in *Arte Sacra no Norte Alentejano, Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora*, 2008b, pp. 72-75. (MTV)

em latim.⁽¹¹²⁶⁾ Na sacristia os painéis representam um *Milagre de Nossa Senhora*,⁽¹¹²⁷⁾ um *Assalto à Vila* e um outro, ao centro, com os azulejos trocados.⁽¹¹²⁸⁾

Santa Maria, Igreja de

Construída nos séculos XIII e XIV, foi remodelada entre os séculos XVI e XVIII. A fachada, com pórtico de granito, termina em frontão interrompido, tendo torre sineira adossada. O interior é de três naves separadas por colunas e capela-mor com abóbada de nervuras. Nela funciona actualmente o Museu Municipal.

Os azulejos, situados na capela-mor, representam paisagens e caçadas, tendo, do lado da epístola, uma janela em *trompe-l'oeil* com molduras de volutas e um frontão em *trompe-l'oeil* sobre a porta, cujo contraponto se dá no lado do evangelho, com porta fingida e azulejos. Na parte inferior, grandes cartelas com anjos contêm cenas marítimas. Os rodapés são constituídos por painéis de figura avulsa.⁽¹¹²⁹⁾

CONCELHO DE MONFORTE

MONFORTE

Bom Jesus, Convento do

Os azulejos foram arrancados. Parte deles estão encaixotados e outros foram colocados na actual Misericórdia.

Misericórdia, Igreja da

Nesta capela vemos os azulejos que vieram do Convento do Bom Jesus. São painéis azuis, com representação de *Santa Isabel* e de cerca de 1750.⁽¹¹³⁰⁾

Porta de Elvas – Registo

Painel de azulejos representando *Santa Ana e a Virgem*, com cercadura efectuada por diversos azulejos reaproveitados. Este painel faria parte de conjunto hoje desaparecido, sendo possivelmente originário do Convento do Bom Jesus.⁽¹¹³¹⁾

Senhor dos Passos, Capela do

Pequena capela do final do século XVII, com frontão triangular e campanário, a que se acede por arco de volta perfeita com porta moderna, possuindo azulejos de dimensão reduzida com diversos passos da *Paixão*.

Do lado do evangelho representa-se *O Senhor no Horto*, *Encontro de São Pedro e Flagelação* e, do lado da epístola, *Caminho do Calvário*, *Senhor com a Cruz* e *Ecce Homo*. A parte inferior é constituída por azulejos de figura avulsa, que se encontram igualmente a ladear o altar, acompanhados de festões de flores e frutos e, ainda, junto da porta de entrada.⁽¹¹³²⁾

(1126) Os azulejos encontram-se na Capela de Nossa Senhora da Estrela, situada paralelamente ao altar-mor, do lado do evangelho. Acede-se por tramo de abóbada nervurada em granito, sobrevivência da edificação primitiva, possuindo cúpula e retábulo de mármore. Os painéis apresentam vários azulejos trocados e cenas de diversas proveniências. Do lado da epístola encontra-se parte de um *Nascimento* e o episódio do *Milagre de Nossa Senhora da Estrela*, junto de uma *Assunção de Nossa Senhora* de diferente feitura. Do lado do evangelho sucede o mesmo, com *Nossa Senhora da Conceição*, *Entrada no Templo* e *Dormição da Virgem*. (MTV)

(1127) Trata-se de quatro painéis de difícil identificação, não sendo possível reconhecer os episódios de dois deles devido à quantidade de azulejos trocados. O painel do *Assalto à Vila* deve referir-se ao Milagre de Nossa Senhora da Estrela realizado aquando de um ataque castelhano. Um deles poderá representar o voto do Governador de Marvão em 1702. Os sobejos foram colocados indiscriminadamente noutra das paredes. (MTV)

(1128) No vestíbulo junto da sacristia encontram-se reaproveitamentos de azulejos vários. Na capela, passando a porta do lado da epístola, encontram-se mais alguns painéis no patamar da escada representando o *Milagre de Nossa Senhora da Estrela*.

Vide: KEIL, 1943, pp. 94-96; SAPORITI, 2006, pp. 172-177. (MTV)

(1129) KEIL, 1943, p. 93; SAPORITI, 2006, pp. 168-169. (MTV)

(1130) Na capela pertencente à Santa Casa da Misericórdia encontra-se apenas um dos painéis, representando a *Morte de Santa Isabel*. Os restantes painéis permanecem desmontados. (MTV)

(1131) SAPORITI, 2006, p. 185. (MTV)

(1132) KEIL, 1943, p. 101; SAPORITI, 2006, pp. 182-184. (MTV)

CONCELHO DE NISA

ALPALHÃO

Nossa Senhora da Redonda, Capela de

Nesta capela, de grande devoção local, encontram-se na capela-mor painéis azuis recortados, de molduramento concheado e fabricação vulgar de Lisboa. As cenas são tiradas da iconografia mariana e correspondem à imaginária convencional. São de cerca de 1750. ⁽¹¹³³⁾

NISA

Calvário, Capela do

Na capela-mor, silhar de 19 de alto, com painéis referentes a cenas da Vida de Jesus: *Caminho para a Cruz* e *Em Casa de Pilatos*. Ambas as cenas são explicadas por legendas colocadas em medalhão central, seguro por dois anjos. ⁽¹¹³⁴⁾
Os painéis serão de 1730, de cercadura lisa e remates com colunas seguras por anjos. Estão bastante arruinados, havendo alguns que foram mal restaurados. ⁽¹¹³⁵⁾

CONCELHO DE PORTALEGRE

PORTALEGRE

Bonfim, Igreja do

A igreja está datada de 1721, data que se pode atribuir aos azulejos. ⁽¹¹³⁶⁾ São estes de belo azul e boa pintura.

Toda a igreja é forrada em 16 de alto com cenas alusivas a *Jesus*. Forrando a parte inferior das janelas estão anjos ornamentais, assim como outros à entrada da porta principal. Aqui, vemos igualmente figuras de profetas, com as respectivas legendas: DANIEL, ISAIAS, JEREMIAS E NICODEMOS. ⁽¹¹³⁷⁾

Os painéis do corpo são enormes em extensão (cerca de 20 azulejos cada um) e representam, do lado direito:

- 1) *Entrada de Jesus em Jerusalém*, com emblema inferior de ramo de oliveira e palma. Dois anjos ornamentais são portadores da legenda:
A. ENTRADA. D. S. ENG F. RVZALM.
- 2) Uma pilastra separa o painel anterior do que se segue: *Jesus Expulsando os Vendedores do Templo*, com a legenda: ⁽¹¹³⁸⁾
O S^o NO TEMPOLO LANSANDO FORA OS MERCADORES.

⁽¹¹³³⁾ Localizada a dois quilómetros de Alpalhão, possui nave única com tecto de madeira e capela-mor com abóbada de nervuras pintada. Encontram-se representadas os seguintes episódios: *Visitação, Adoração dos Pastores, Circuncisão e Apresentação da Virgem no Templo*, acompanhados de inscrições inseridas em cartelas nos remates dos painéis e portas laterais. Vide SAPORITI, 2006, pp. 190-193. (MTV)

⁽¹¹³⁴⁾ «O Senhor cruel / açoitado em caza de Pilatos», «O encontro (...) a S.ra com seu sa / ntísimo filho deba / x de sua pezada cr / us em a rua (...) a amargura». (MTV)

⁽¹¹³⁵⁾ A capela foi construída no século XVIII e possui dois corpos, um deles cilíndrico e com cúpula. Vide SAPORITI, 2006, pp. 188-189. (MTV)

⁽¹¹³⁶⁾ Igreja com planta de cruz latina com falso transepto, dois altares laterais e capela-mor sobrelevada. A fachada é de três tramos separados por pilastras, com coroamento por frontão contracurvado com óculo e duas torres laterais. A sua construção iniciou-se em 1721, tendo recebido diversos acrescentos em 1774. No interior destaca-se ainda a talha rococó que se espraia pelas paredes do templo. Os painéis de azulejos ocupam as paredes da nave e subcoro e, ainda, da pequena capela do lado da epístola. No registo superior várias telas e entalhado rococó recobrem as paredes até à sanca, sendo a abóbada recoberta de pintura mural. PATRÃO, 1992, pp. 185-210; RODRIGUES, 1988, pp. 72-73; KEIL, 1943, pp. 146-147. (MTV)

⁽¹¹³⁷⁾ Do lado da epístola encontram-se *Nicodemos, Daniel, Abraão, David* e, do lado do evangelho, *Jeremias, Isaías, Nicodemos e Zacarias*. (MTV)

⁽¹¹³⁸⁾ A cartela inferior contém um gomil. (MTV)

Os painéis do lado esquerdo representam:

- 3) *A Ceia*: ASEIA NO SENACOLO, e
- 4) *Lava-Pés*: LAVATORIO DOS PES / DOS DECIPOLos. ⁽¹¹³⁹⁾

Calvário, Igreja do

Este templo, da segunda metade do século XVIII, destaca-se pelas suas proporções harmoniosas. Possui planta de cruz grega e, na parte central, sobre construção quadrada, tambor e torre-lanterna. ⁽¹¹⁴⁰⁾

Nas suas paredes exteriores encontram-se diversos painéis de azulejos relativos aos passos da *Via Sacra*. São recortados, com molduras policromas rococó, e apresentam cruces numeradas e cartelas com três tipos de inscrições: «EM Q. SE GANHA 10VL / GENCIA PLENARIA», «EM Q. SE GANHA 10 SE- / TE ANOS E SETE QUAR- / ENTENAS DE PERDA 10», «EM Q. SE GANHA 10 INDVOLGENCIAS PLE / NARIAS.I.Q. CADA HUM PODE APLICAR / POR SI E OUTRA COM.Q.SE TIRA.I.AL / MA DO PVRGATORIO QVAL FOR MAIS / DO AGRADO DE CADA HUM». Num painel distinto observa-se custódia rodeada de turbilhão de nuvens e anjos com a inscrição «NESTA ESTACÃO APLICADAS PELLAS / ALMAS SE GANHA 10 TODAS AS INDOLI- / GENCIAS COMCIDIDAS AS IGREJAS. / DE ROMA IHRUIALEM PERCINCOLIA / E S. THIAGO DE GALIZA».

Capela particular ⁽¹¹⁴¹⁾

Pequena capela com painéis representando cenas da *Vida de São João Baptista*, atribuídos a Gabriel del Barco. Do lado direito observa-se o *Baptismo de Cristo* e, do direito, *Degolação de São João Baptista*. As cercaduras são de enrolamentos de acanto com flores, destacando-se, ainda, os rodapés com anjinhos.

Casa nobre (Praça da República – Escola Superior de Educação)

Na sala dos professores o lambril é formado com azulejos recortados, do tipo moldura policroma e centros azuis figurados, com assuntos banais de caçadas e cenas campestres. Desenho pouco cuidado. Trabalho de cerca de 1780. ⁽¹¹⁴²⁾

São Bernardo de Portalegre, Mosteiro de

Mosteiro feminino cisterciense cuja construção principiou em 1518 graças à iniciativa do seu fundador D. Jorge de Melo. Passando o portal de mármore, entra-se no pátio que antecede o edifício monástico, de paredes brancas e barras de cor ocre, com galilé onde se encontram a portaria e a entrada do templo. A igreja é de planta cruciforme com cobertura de abóbada de nervuras, possuindo capela-mor de planta hexagonal e capelas laterais. Na nave destaca-se o imponente túmulo de D. Jorge de Melo, datado de 1535-40, atribuído a Nicolau Chanterene, que será também o autor do púlpito e do pórtico da entrada. ⁽¹¹⁴³⁾ Após a extinção das ordens religiosas funcionou no edifício o seminário, mais tarde o liceu e, actualmente, o Centro de Instrução de Praças da GNR.

A galeria de entrada, onde se encontram os acessos à igreja e ao espaço conventual, está revestida a azulejos datados de 1739. Na parede da portaria são representadas

(1139) Sob estes painéis encontram-se mais dois emblemas relacionados com a temáticas representada, respectivamente, um pão sobre uma mesa e uma bacia. Entre os painéis encontram-se cartelas sustentadas por anjos, enquadrando as bases dos púlpitos, que contêm igualmente símbolos: do lado da epístola um ramo e do lado do evangelho novamente um pão sobre a mesa. (MTV)

(1140) RODRIGUES, 1988, pp. 78-79; KEIL, 1943, p. 139. (MTV)

(1141) Referida em SAPORITI, 2006, pp. 248-251.

(1142) Nos lances da escadaria e patamares encontram-se igualmente azulejos rococó de cercadura policroma de concheados com cenas de caçadas e dois mais pequenos com flautista e rapaz afagando cão.

O edifício é do século XVIII, com janelas e portas de cantaria e janelas de sacada com gradeamento no primeiro piso, osntentando, junto à entrada, o escudo dos Fonecas, Sousas, Teives e Acciolis. KEIL, 1943, p. 135. (MTV)

(1143) RODRIGUES, 1988, pp. 32-43, 72. (MTV)

anjos e músicos, um tocando guitarra e outro oboé. Na parede lateral representam-se a *Pregação de São João Baptista* e o *Batismo de Cristo*, separados por cartela onde se encontra a data de feitura. Os azulejos cobrem os interiores dos arcos, com anjos sustentando escudos e filacteras⁽¹¹⁴⁴⁾. A parede seguinte apresenta cenas de caçadas, campestres e galantes, terminando com o episódio *Sonho de São Bernardo na Noite de Natal*. O jovem São Bernardo teria adormecido antes da missa de Natal, sonhando com o nascimento de Cristo, o que lhe permitira conhecer a hora a que ele ocorrera. Sobre esta cena, numa cartela, insere-se a inscrição: «NASCENTIS EI CLARVIT / CLARA CHRISTI NATIVITAS» (O luminoso nascimento de Cristo nascente iluminou-o). A ladear o portal de acesso à igreja anjos seguram brasões, um referente a D. Jorge de Melo e o outro com as armas da Ordem de Cister e de Portugal. Os painéis possuem cercaduras barrocas com elementos arquitectónicos, anjinhos e grinaldas.

No interior da igreja, os painéis revestem a nave, transepto e capela-mor. No transepto, do lado da epístola encontram-se a *Morte de São Bento* com a inscrição «HAEC EST VIA QUAM BENEDICTVS ASCENDIT», um painel com uma oliveira e a inscrição «QAUSI OLIVA PULLULANS / SIC BENEDICTVS ASCENDIT» e outro painel enquadrando a pia baptismal sob a qual se encontra cartela com a data de MDCCXXXIX, tendo ainda a representação de uma personagem junto de um crucifixo, com uma mão no queixo e segurando uma caveira e, sobre ela, uma cartela pétrea que comemora a sagração do templo envolvida cenograficamente pelos azulejos. No braço do transepto do lado do evangelho deparamo-nos com três episódios relativos a São Bernardo: *Lactação de São Bernardo*, *Abraço de Cristo a São Bernardo* (ou *Amplexus*) com a inscrição «VBERE ME MATRIS NATIME VULNERA PASCUNT LACTE TVO GENITRIX / SANGVINI NATE TVO» e *Morte de São Bernardo* com a inscrição «NARDVS ODOREM TRIBVIT BERNARDVS TRADENS SPIRITUM». Na nave, do lado da epístola surge o *Descanso na Fuga para o Egipto*, com ciganas junto à Sagrada Família⁽¹¹⁴⁵⁾ e o versículo alusivo a Maria: «SICUT LILIUM INTER SPINAS SIC AMINCA MEA INTER FILIAS» (Ct 2,2) e, junto ao púlpito, painel com paisagem e cercadura de motivos arquitectónicos com anjinhos, semelhante aos restantes painéis. Do lado do evangelho, outra inscrição referente a Maria, «QVASI PLANTATIO ROSAE IN GERICO» (Sir 24,14) e, a cada lado do túmulo de D. Jorge de Melo, dois painéis figurando eremitas.

Na capela-mor estão representadas a *Última Ceia* e a *Ascensão*, de feição rococó. Junto da capela-mor e capelas laterais encontram-se os símbolos marianos acompanhados de inscrições: a estrela (QUASI STELLA MATUTINA IN MEDIO NVBULAE Sir 50,6), a Lua (QVASI LUNA LVCET Sir 50,6), o Sol (QVASI SOL REFVLGENS Sir 50,7) e o cedro (QVASI PLANTATIO CEDRI Sir 50,12). As capelas laterais possuem silhares de albarradas, tal como a sacristia.⁽¹¹⁴⁶⁾

São Francisco, Igreja de

O templo, edificado em 1275 – segundo reza uma lápide que se encontra no museu – está hoje totalmente arruinado. Todo o seu pavimento está coberto de pedras tumulares, algumas de grande beleza, como a dos Coutinhos.

(1144) Contém as seguintes inscrições: «VIRTUTIS MONSTRO CONVENIT ISTE LOCUS / QVID MIRVM BAPTISTA COLAT SPELA AFERARVM» (Esse local reúne, pelo prodígio da virtude, aquele costume que Baptista purifica); QUAM MÉRITO CHRISTVM SACRO LAVA TIMBRE IOANNES BAPTISMUS ASSOCIAT / GRATIA FIDA COMES» (Quão meritoriamente João lava Cristo com a água sagrada, associando ao baptismo a graça como segura companheira), «DVM QVAERO, QUO DIVE VOCENTE NOMINE? A VOCIEM / RESPONDERE MEI QVA COLVS ANTRA SONIS» (Ó divindade, enquanto te procuro pelo nome, a roca (vida) e aquelas grutas ecoaram a minha voz); «Ego vox clamantis in deserto joan 1.º» (Sou a voz que clama no deserto). (MTV)

(1145) Com a inscrição: «EGIPTI COLENT EVM IN MVNERIBUS» (Os egípcios veneram-no com os presentes). (MTV)

(1146) Sobre este ciclo *vide* SAPORITI, 2008; sobre a sua interpretação iconológica *vide* CARVALHO, 2003, pp. 67-95; ainda: SAPORITI, 2006, pp. 222-233; PAIS, 2000; COCHERIL, 1986; BUCHO, 1994; KEIL, 1943, pp. 139-146. (MTV)

Na capela-mor, silhar de 22 de alto, com painéis representando cenas franciscanas, de tipo cabeceiras recortadas e pintura azul. Na parte inferior, anjos com medalhões contendo elementos do martírio. ⁽¹¹⁴⁷⁾

São Lourenço, Igreja de

Segundo informação, estes azulejos eram da arruinada capela da Misericórdia. O Padre de São Lourenço, tendo conhecimento da existência deles, levou-os para a sua igreja, onde os colocou condignamente. Quando visitámos esta igreja – em Novembro de 1969 – estava em obras.

Os azulejos revestem a capela-mor e a nave, numa altura de cerca de 50 azulejos. Alguns são recentes (feitos há 26 anos) colocados quando da mudança dos azulejos da Misericórdia para aqui, mas notam-se as diferenças.

Até 12 de altura os azulejos são azuis de vasos com flores e pássaros exóticos. Daí para cima continua-se com um padrão azul. Metido neste tapete vêem-se enormes painéis, com cenas marianas. ⁽¹¹⁴⁸⁾

Sé ⁽¹¹⁴⁹⁾

Na parede do baptistério, painel alusivo ao *Baptismo de Cristo*. Cercadura policroma e centro azul. Trata-se de azulejos do tipo do Convento dos Refóios, de 1800, tendo a legenda:

EUNTES ERGO
DOCETE OMNES GENTES
BAPTISANTES EOS IN NOMINE PATRIS
ET FILII ET SPITIRUS SANCTI
Math: cap XXVIII Vº 19

O conjunto da sacristia é admirável, com os azulejos forrando as paredes e o tímpano da abóbada. É trabalho dos Oliveira Bernardes, sendo as figuras certamente de António, e a parte ornamental, particularmente o tímpano e paredes dos topos, de seu filho Policarpo. A época será 1715-20. ⁽¹¹⁵⁰⁾

O grande e belo arcaz tem um espaldar de espelhos, bastante posterior, e para cuja colocação se retiraram azulejos – a menos que ainda estejam colocados, o que não pude verificar.

LXXVIII

⁽¹¹⁴⁷⁾ A igreja pertence ao Convento de São Francisco, que terá sido fundado em 1275. Da época primitiva restam ainda as capelas absidais, sendo a cobertura do transepto resultado da reforma do século XVI, que incluiu a alteração da capela-mor, efectuada por iniciativa do cavaleiro da Casa Real Gaspar Fragoso. A este se deve também o retábulo de pedra da capela do lado da epístola, onde se encontra o seu jacente. Posteriormente, a campanha do século XVII alterou a capela-mor, ábside e portal principal. A nave única é abobadada, possuindo capelas laterais a que se acede por arcos de volta perfeita assentes em pilastras. Pertencendo actualmente à Fundação Robinson, funciona na igreja um núcleo expositivo das instalações museológicas. Os azulejos são atribuíveis a Nicolau de Freitas. RODRIGUES, 1988, pp. 19-21; KEIL, 1943, pp. 129-131; MECO, 1989, p. 234.

Entre as cenas representadas, do lado do evangelho: *São Francisco e São Domingos Detêm as Flechas da Justiça Divina sobre o Mundo; Milagre da Aparição de Cristo e da Virgem; Sonho do Papa Inocêncio III (?)*; *Um Peregrino Prevê a Futura Grandeza Moral dos Santos*; do lado da epístola: *Anjos; Nascimento no Estábulo; Demónios; Estigmatização*.

Os símbolos encontram-se nas cartelas superiores e dizem respeito à ordem franciscana. Do lado do evangelho: estrela, dois corações, globo terrestre com sol, prato com três moedas; do lado da epístola: as cinco chagas, livro com caveira, braços cruzados de Cristo e São Francisco, cilício e corda. (MTV)

⁽¹¹⁴⁸⁾ A Igreja de São Lourenço, da Ordem de Santiago, foi construída no século XVII. De fachada simples ladeada por duas torres e ampla nave coberta por abóbada de meio canhão, possui seis capelas laterais com altares de talha, tal como o altar-mor. Os azulejos foram colocados durante os restauros da década de 1940, sendo provenientes da Igreja da Misericórdia. A obra esteve a cargo da Fábrica Viúva Lamego. Do lado da epístola: *Apresentação, Nascimento e, na capela-mor, Nossa Senhora da Conceição*; do lado do evangelho: *Anunciação, Esponsórios e, na capela-mor, Visitação*. Os painéis, rectangulares, são enquadrados por vigorosas cercaduras barrocas, com elementos arquitectónicos e profusão de anjos. São atribuídos a Gabriel del Barco. *Vide*: SAPORITI, 2006, pp. 206-209; RODRIGUES, 1988, pp. 71, 76-77; KEIL, 1943, p. 136. (MTV)

⁽¹¹⁴⁹⁾ Inserida na tipologia de igrejas-salões, a sua construção iniciou-se em 1556, após a criação do bispado de Portalegre. A fachada é marcada pelas pilastras de granito, sendo recuada em relação às duas torres que a ladeiam. Possui três naves, cinco tramos e pilares de secção cruciforme, de onde arrancam as abóbadas de nervuras. O transepto é iluminado por cúpula central com lanternim, sendo a capela-mor coroada por abóbada de berço, tal como as capelas laterais. KUBLER, 2005, pp. 59-61; PATRÃO, 2002, pp. 51-298; RODRIGUES, 1988, pp. 45-56; CORREIA, 1993, p. 103; KEIL, 1943, pp. 119-128. (MTV)

⁽¹¹⁵⁰⁾ Já Vergílio Correia atribuíra estes painéis a António de Oliveira Bernardes (CORREIA, 1917, p. 202). *Vide* também: BNL, 1927, vol. II, p. 422; KEIL, 1943, pp. 123-124; SANTOS, 1957, pp. 118 e 120-121. FLÁVIO GONÇALVES

Nos extremos desta parede foram colocados dois pequenos painéis de tipo diferente, se bem que de muito bom desenho, representando a *Adoração dos Magos* e *Adoração dos Pastores*. Devem ser da época do espaldar do arcaz, que julgo andar perto de 1740.

A figuração dos Bernardes representa dois passos da *Fuga para o Egípto*.⁽¹¹⁵¹⁾

Solar da Família Avilez, antigo (Praça da República – Governo Civil)

Escadaria: Os dois lanços e o patamar são revestidos de azulejos azuis, com centros figurados. Os dois lanços têm cenas banais de caçadas, e o patamar paisagens de um porto. *Sala das Sessões*: Notável conjunto! Silhares recortados, azuis, molduras de *rocaille* com centros figurados. Os silhares que formam o canto são particularmente interessantes pelo belo efeito decorativo. Representam cenas de jardins e paisagens, com personagens interessantes, tal como um fumador de «pipe de terre» e uma vaca a ser ordenhada. Estes dois pormenores revelam que o cartonista era estrangeiro, provavelmente flamengo. Época provável, 1750?⁽¹¹⁵²⁾

REGUENGO

Quinta da Lameira

Casa solarenga edificada por iniciativa de João da Fonseca Achiolli Coutinho em 1783. Possui fonte com azulejos de caçadas e cercaduras de concheados. No frontão encontram-se representados *São João Baptista*, a *Virgem* e *São Diogo*.⁽¹¹⁵³⁾

CONCELHO DE SOUSEL

SOUSEL

Misericórdia, antiga Igreja da

Hoje abandonada ao culto, serve de salão de festas (!)⁽¹¹⁵⁴⁾

No corpo e na capela-mor, silhar de 15 de alto, com painéis corridos, de pintura azul, sobre rodapé marmoreado roxo. Os painéis são de molduramento concheado, com anjos; nos centros pintaram-se cenas do Antigo Testamento, algumas com inscrições em latim. As cenas são:

- 1) *Jonas Saindo da Boca da Baleia*
- 2) *Judite Decapitando Holofernes (Judith C. 10)*⁽¹¹⁵⁵⁾
- 3) *Banquete de Ester (Esther C. 7)*⁽¹¹⁵⁶⁾
- 4) *Juízo de Salomão (Reg. 3 C. 3)*⁽¹¹⁵⁷⁾
- 5) *Saída do Egípto (Êxodo C. 12)*⁽¹¹⁵⁸⁾
- 6) *Perseguição dos Israelitas (Êxodo C. 14)*⁽¹¹⁵⁹⁾

(1151) Representam a *Fuga para o Egípto* e *Descanso na Fuga para o Egípto*. Destacam-se as belas cercaduras de volutas, anjinhos, aves, grinaldas, leões que atacam cães e atlantes. Nos topos encontram-se diversos emblemas. Todas as paredes são forradas a azulejos, devendo-se as trocas verificadas provavelmente à colocação do arcaz e armários. (MTV)

(1152) No local onde, de acordo com a tradição, seria a casa da mãe de D. Nuno Álvares Pereira, Iria Gonçalves do Carvalhal, funciona igualmente a Polícia. É um edifício do século XVIII, com torreões nos extremos, frontão triangular e ombreiras em rusticado. Nos painéis da sala nobre podem ainda observar-se cenas galantes, um par dançante, pastores, cenas marítimas, cavaleiros ou apanha da fruta. RODRIGUES 1988, p. 71; KEIL, 1943, p. 134. TORRINHA, 1992, pp. 140-141. (MTV)

(1153) SAPORITI, 2006, pp. 252-255. (MTV)

(1154) Actualmente retomou a dignidade de templo. Possui nave única com abóbada de berço com pintura mural refeita nos anos de 1988-89, capela-mor com altar de talha e dois altares laterais. Do lado da epístola encontra-se tribuna com gradeamento de ferro, possivelmente de finais do século XVII. KEIL, 1943, p. 155; SAPORITI, 2006, pp. 272-273. (MTV)

(1155) «Abscidit caput e jus et tradit ancillae suae; Judith. C. 13». (MTV)

(1156) «quae est piticio tua, Esther, ut detur tibi: Esther. C. 7».

(1157) «Datae huic infantem vivum, haec est (...) nim meter ejus. Reg. 3. C.3».

(1158) E Duxit

(1159) «E duxit Dominus filios filios Israel de terra Egypti. Exod: C. 12.»

- 7) *Passagem do Mar Vermelho* (Êxodo C. 14)⁽¹¹⁶⁰⁾
 8) *Ermitão (?) em Meditação*⁽¹¹⁶¹⁾

Na capela-mor vemos a *Ceia*⁽¹¹⁶²⁾ e *Entrada em Jerusalém*.⁽¹¹⁶³⁾ São azulejos de Lisboa de cerca de 1760.⁽¹¹⁶⁴⁾

Nossa Senhora da Orada, Capela de

O corpo da capela é totalmente forrado, até ao arranque da abóbada, em 40 azulejos de altura.⁽¹¹⁶⁵⁾

Na parte inferior – 26 azulejos – estão os azulejos de desenho muito bárbaro e ingénuo, pintados a azul, com um socalco de 10. A ornamentação é de anjos com grinaldas e leões, enquadrando os emblemas da ladainha mariana.⁽¹¹⁶⁶⁾

Acima destes estão os painéis separados por cariátides. Representam cenas marianas e jesuínas.⁽¹¹⁶⁷⁾ A parte superior será de PMP, de cerca de 1710-15.

Na parte inferior os painéis são em número de oito, com a iconografia de *Nuno Álvares*, em vários passos de combate e místicos e com letreiros em latim.⁽¹¹⁶⁸⁾

Santo António, igreja do Convento de

Convento da Ordem de São Paulo, fundado em 1605. A fachada simples possui galilé com arco abatido, encimado por janelão rectangular, e rodapé azul-escuro. O interior é de nave única coberta por abóbada de berço, com seis altares laterais e coro alto assente em arco abatido.

Os painéis foram os alçados da capela-mor, figurando episódios da Vida de São Paulo. As cenas desenrolam-se sobre rodapé de albarradas ladeadas de golfinhos e sereias e base com barras de volutas e almofadas.

Do lado do evangelho, no *Encontro de São Paulo e Santo António* encontramos os santos sentados à mesa e São Paulo apontando para o corvo que lhes traz o pão no bico. No *Enterro de São Paulo*, o corpo do santo com os leões que escavaram a sua sepultura. Do lado da epístola, *São Paulo no Deserto* alimentado pelo corvo e *Morte de*

(1160) «Induravit Dominus cor pharaonis Régio agipri, et persecutus est filios Israel, Exod. C. 14».

(1161) «Eillii Israel per rexerunt per medium sicci maris. Exod. C.14».

(1162) «Acipite, et man ducate hec est Corpus meum Epistol. 1 do Corinthicos».

(1163) «Hosanna filio David; Benedits qui venit in nomine Domine: Math. Cap. C 1» (MTV)

(1164) Estes painéis são completados por outros ornamentais mais pequenos e estreitos, com molduras e anjinhos, junto à porta de entrada e dos altares laterais, bem como azulelos revestindo as escadas de acesso à capela-mor, com concheados e almofadas. (MTV)

(1165) Construída no século XV, no local onde D. Nuno Álvares Pereira se teria detido em oração antes da Batalha dos Atoleiros, da construção original apenas subsiste a abóbada de nervuras sob o coro. Possui nave única e abóbada de berço com pintura de feitura mais recente de temática mariana, que reveste igualmente as paredes da capela-mor e do coro. KEIL, 1943, pp. 155-156. (MTV)

(1166) Os símbolos marianos estão inseridos em cartelas ladeadas por anjos sentados em leões, que sustentam festões, dispostos igualmente a modo de rodapé. Do lado da epístola: jardim, poço, torre, sol. Do lado do evangelho: estrela, espelho, Lua. (MTV)

(1167) Do lado do evangelho: *Esponsórios, Anunciação, Visitação, Adoração dos Pastores*; do lado da epístola: *Adoração dos Reis Magos, Apresentação no Templo, Fuga para o Egito* e, sobre a porta lateral, festão de flores e frutos que meninos carregam às costas. As cenas possuem molduras de acantos com querubins nos cantos. (MTV)

(1168) Encontram-se no terço superior, enquadrados em molduras de formato semicircular com folhas de acanto, que se prolongam no friso superior e no espaço entre as colunas, detentoras de mascarões. Do lado do evangelho: Nuno Álvares, acompanhado pelo exército parte para a batalha, tendo defronte o exército inimigo, dizendo «EXPECTATE HIC. ET POST QVAM ADORA VERIMVS REVERTEMVR AD VOS gen.»; Nuno Álvares dizendo «SCIAM QUOD PER MANUM MEAM LIBERABIS ISRAEL. IV.D. C.6» e Nossa Senhora com a inscrição «VADE IN FORTITVDINE TVA LIBERABIS ISRAEL»; Nuno Álvares dizendo «AQUI VENCEREI» e outro cavaleiro dizendo «SUSAEI» junto aos seus exércitos defronte a Nossa Senhora que dirige a D. Nuno Álvares as palavras «TRADAMEOS IN MANV TVA»; D. Nuno Álvares e o seu exército escorraçam o inimigo, contendo a inscrição «OMNE VULGUS INTERFECIT IN ORE GLADII»; lado do evangelho: D. Nuno Álvares Pereira e outros cavaleiros ajoelhados defronte de uma igreja com a inscrição «INGRESSVS EST DOMVM DOMINI ET ADORAVIT 2º REG CAP. 12»; o Condestável ajoelhado frente a escada onde se encontram anjos dizendo «LOCVS ISTE SANCTVS EST.»; D. Nuno Álvares Pereira supervisiona uma construção dizendo «AEDIFICEMVS NOBIS LOCVM AD HABITAN DVM».

Este conjunto, diverso do ciclo mariano que se encontra no registo inferior, poderá ser da autoria do Mestre PMP. Vide VV. AA., 2008c, pp. 26-27.

O arco do coro é revestido por azulejos de figura avulsa, barras vegetalistas e anjos nos cantos. (MTV)

São Paulo, vendo-se o santo acompanhado de dois anjos, que levaram a sua alma para o céu. Do lado do evangelho encontra-se ainda uma janela em *trompe-l'oeil*, contraponto da janela da parede oposta, cujo vão possui azulejos de figura avulsa.⁽¹¹⁶⁹⁾

OLIVENÇA (província de Badajoz, Espanha)

Madalena, Igreja da

Este magnífico templo é dos melhores exemplos de arquitectura portuguesa dos princípios do século XVI.⁽¹¹⁷⁰⁾ A porta principal ocupa o lugar do pórtico anterior manuelino, o qual desapareceu. Julgo no entanto que, à entrada da Quinta dos Marçais – a 3 quilómetros a nascente de Olivença – se encontram os dois pilares que poderiam ter sido da antiga porta manuelina. São bastante curiosos e, com certeza, do mesmo autor da Porta de Marvila, de Santarém.

Na igreja, à entrada e do lado esquerdo, está ainda uma porta manuelina muito curiosa e também se conserva a porta lateral, do mesmo estilo. O interior tem uma indescritível majestade, com as suas colunas torsas abobadadas e arco triunfal recortado.⁽¹¹⁷¹⁾

A nave, do lado do evangelho, foi toda remodelada no meado do século, ficando mais estreita e baixa do que a do lado da epístola. É este um pormenor curioso!

Na capela absidal, do lado do evangelho, vemos azulejos historiados, tipo «Santa Iria da Azóia».⁽¹¹⁷²⁾

Na capela-mor os dois silhares são igualmente azulejados, de cerca de 1730. São azulejos azuis historiados, e um deles tem uma porta fingida, a manganês.⁽¹¹⁷³⁾

Na nave o revestimento será de cerca de 1750. Os centros figuram cenas marianas e jesuínas e passos da Vida de São Francisco de Assis, da Vida de São Pedro e martirólogos femininos.⁽¹¹⁷⁴⁾

Todas as janelas superiores são forradas com azulejos, sendo notáveis as que estão sobre o altar de São Cristóvão, com o brasão de Portugal ladeado de panóplias.⁽¹¹⁷⁵⁾

(1169) KEIL, 1943, pp. 156-157; SAPORITI, 2006, pp. 274-275; RÉAU, 2002, t. 2, vol. 5, pp. 23-27. (MTV)

(1170) Iniciada em 1501, terá tido duas fases de construção, participando na primeira o mestre Boytaca e na segunda, possivelmente, os irmãos Arruda. O pórtico foi atribuído a Nicolau Chaterenne. TEODORO VALLECILLO, 1999, pp. 228-230; TEODORO VALLECILLO, 1991, pp. 25-57. RODRÍGUEZ FRANCO, 2000, pp. 38-51. (MTV)

(1171) Trata-se de uma igreja de três naves de distintas alturas e cinco tramos, cobertas com abóbadas de ogivas sustentadas por magníficas colunas torsas. Sem transepto, possui capela-mor com retábulo de talha joanino e abóbada polinervada, ladeada por duas capelas absidiais. Na fachada impõe-se a torre de três andares com pórtico renascentista, sendo de destacar ainda a porta lateral manuelina. Foi construída no local de um pequeno templo anterior, devendo-se à necessidade de edifício digno para albergar a sede do bispado de Ceuta. (MTV)

(1172) Figuram, do lado do Evangelhos, *As Três Marias no Sepulcro* e, do lado do evangelho, *Jesus Orando no Horto*, com cercaduras de enrolamentos de acanto e alguns azulejos de figura avulsa com motivos florais. (MTV)

(1173) Do lado do evangelho, a *Pecadora Arrependida Secando os Pés de Cristo com os seus Cabelos* e, do lado oposto, *Jesus em Casa de Marta e Maria*. As cercaduras possuem enrolamentos vegetalistas, *putti* e volutas, entre molduras de ramos entrançados, com cabeça ao centro sobre concha, entre volutas e festões e anjinhos. (MTV)

(1174) Lado do evangelho: a rodear o Altar de São Pedro os azulejos narram episódios da vida do santo identificados por cartelas, sendo encimados por uma janela em *trompe-l'oeil*. Encontra-se representada a cura do paralítico, o anúncio da entrega das chaves do céu; o anjo do Senhor liberta Pedro da prisão onde se encontrava a mando de Herodes; Pedro solicita a Jesus que possa caminhar sobre as águas, sendo por ele resgatado quando principiava a afundar-se. Os diversos episódios são separados por cercaduras de volutas barrocas, encontrando-se aí a mitra episcopal.

Em torno do altar de santa Luzia dispõem-se episódios alusivos à vida da santa: martírio; visita ao túmulo de Santa Ágata; Santa Luzia é arrasada em vão por bois; Santa Luzia é queimada e degolada. Com o mesmo tipo de cercadura do altar anterior, possui ainda uma janela e uma porta em *trompe-l'oeil*.

Do lado da epístola: na Capela de São José representa-se um nascimento, provavelmente de São João Baptista, cenas da Vida de São Cristóvão e, no vão, panóplias e o escudo de Portugal, possuindo idênticas cercaduras de volutas, encontrando-se ainda uma porta em *trompe-l'oeil* a manganês.

No Altar do Senhor dos Passos os episódios são alusivos à Paixão de Cristo, com representação de *Jesus Orando no Horto*, *Cristo Atado à Coluna*, *Descida da Cruz* e *Prisão*, encontrando-se no vão diversos instrumentos da Paixão.

A rodear o Altar das Almas encontram-se azulejos rococó com cercaduras policromas, contendo do lado esquerdo Nossa Senhora do Carmo e do lado direito São Francisco, ambos salvando as almas do Purgatório. Por baixo destes, estruturas arquitectónicas policromas com anjinhos. Ao longo das naves dispõem-se ainda diversas cruzeiras formadas com reaproveitamentos de azulejos vários. (MTV)

(1175) Vide SIMÕES, 1963b, pp. 23-25. Vide também: SEQUEIRA e ROCHA JÚNIOR, 1924, pp. 90-91, 92 e 93; BNL, 1927, vol. II, p. 452 (texto de Matos Sequeira). FLÁVIO GONÇALVES

Misericórdia, Igreja da

Quase toda a igreja é forrada com azulejos.⁽¹¹⁷⁶⁾ Sob o coro, à entrada, vemos os azulejos assinados e datados:⁽¹¹⁷⁷⁾

Pintou o Mel dos santos / Anno de 1723⁽¹¹⁷⁸⁾

São grandes composições azuis, historiadas, com assuntos dedicados às *Obras de Misericórdia*, cercadura de folhagem e conchas. No coro de cima, dois painéis com ermitões e cenas de jardins. O desenho das composições maiores é bastante característico, menos correcto que o de Bernardes e lembrando os traços de Barco.

Certamente que Manuel dos Santos foi discípulo dos Bernardes, pois a composição faz lembrar o trabalho do mestre, o qual, naquela data, já se havia provavelmente afastado da actividade profissional. Manuel dos Santos – de quem apenas conheço esta obra – não era tão bom pintor como António de Oliveira Bernardes, ou mesmo Policarpo. Não conheço mesmo qualquer outra composição de azulejos que, por semelhança, possa atribuir a este pintor.⁽¹¹⁷⁹⁾

Dar-se-ia o caso que tenha abandonado a carreira de pintor de azulejos, ou que haja falecido no seu início?

Na capela-mor,⁽¹¹⁸⁰⁾ do lado do evangelho, as legendas dizem:

- 1) IORAM ENIM AEGROTABAT
IBI, ET OCHOZIAS REX DESCENDERAT
AD VISITANDVM IORAM 4.º Reg. Cap. 9⁽¹¹⁸¹⁾

No lado esquerdo:

- 2) MISERICORDIA MOT
TVS APPROPRIANS
ALLIGAVIT VVNERA
EJUS. Lucas. Cap. 10⁽¹¹⁸²⁾

No silhar, na parte inferior:

- 3) REBECA ABRAHAE NVN
TIVM ADAQVAT⁽¹¹⁸³⁾

(1176) Instituída em 1501, a Misericórdia de Olivença instalou-se na Ermida do Espírito Santo em 1520, a qual foi submetida a obras e embelezamento nos séculos XVI e XVIII. Composta por nave única de abóbada de canhão, possui capela-mor sobrelevada, coro sobre arcarias com colunas de mármore e dois altares laterais. TEODORO VALLECILLO, 1999, pp. 239-240; TEODORO VALLECILLO, 1991, pp. 91-103; RODRÍGUEZ FRANCO, 2000, pp. 25-32. (MTV)

(1177) Inseridos em estrutura arquitectónica que ocupa a parede fundeira, encontrando-se sobre a porta uma cartela com inscrição: «ESTOTE MI / SERICORDES / SICVT ET PA / TER VERTER MI / SERICORS EST / LVC 6». (MTV)

(1178) Vide: SIMÕES, 1963b, pp. 23-25. Vide também: SEQUEIRA e ROCHA JÚNIOR, 1924, pp. 132-133; BNL, 1927, vol. II, p. 453 (texto de Matos Sequeira); SANTOS, 1957, p. 125; CARVALHO, 1964, p. 65. FLÁVIO GONÇALVES

Mais recentemente: TORRINHA, 1989, pp. 201-234; CARVALHO, 2007a, pp. 94-114; MECO, 1980, pp. 26-30. (MTV)

(1179) Manuel dos Santos, espanhol residente em Lisboa, foi também o pintor dos painéis de azulejos da Capela do Arcebispo do antigo Convento dos Congregados do Oratório de São Filipe Néri, em Estremoz – painéis executados em 1706, a partir dos quais se atribuem outras obras a Manuel dos Santos. Vide: ESPANCA, 1970a, p. 91; SMITH, 1975b, pp. 1-3. FLÁVIO GONÇALVES

(1180) Os azulejos da capela-mor não estão atribuídos a Manuel dos Santos, devendo corresponder à encomenda efectuada durante os anos 1716-18. TEODORO VALLECILLO, 1991, pp. 97-98. No entanto, José Meco data-os de 1735. MECO, 1980, p. 23. (MTV)

(1181) Painel que representa a *Visita do Rei de Judá Ocozias a João, Rei de Israel*, que se encontra de cama doente. Relaciona-se com a Obra de Misericórdia *Curar os Doentes*. (MTV)

(1182) Refere-se à parábola do bom samaritano, aludindo às obras da Misericórdia *Dar Pousada aos Peregrinos e Pobres* ou *Vestir os Nus*. (MTV)

(1183) O episódio, que representa *Rebeca a Dar de Beber aos Criados de Abraão*, insere-se numa cartela monumental sustentada por anjos e tendo como fundo uma paisagem. Relaciona-se com a Obra de Misericórdia *Dar de Beber a Quem Tem Sede*. As cercaduras destes painéis são compostas por folhas de acanto, encontrando-se azulejos de figura avulsa sobre a porta da sacristia, presentes igualmente no arco triunfal. (MTV)

No lado da epístola, na parte superior:

- 4) ACCIPE FRATRIBVS TVIVS DECEM PANES ISTOS
CVRRE IN CASTRA, & VISITABIS FRATRES TVOS. 1.º Reg. Cap. 17.⁽¹¹⁸⁴⁾

No lado direito:

- 5) RELINQVENS PRANDIVM JEJVNVS PERVE
NIT AD CORPVS
TOLENS QVE ILLUD, PORTAVIT IN DOMINVM
SVAM, UT SEPELIRET EVM, Tob. Cap. 2⁽¹¹⁸⁵⁾

No silhar:

- 6) LOTH PERIGRINOS INVITAT⁽¹¹⁸⁶⁾

No corpo da igreja, do lado do evangelho:

- 7) PER PRANDIVM, QUOD HA
BES, IN BABILONEM DANIELI
QVI EST IN LACV LEONV. Daniel. Cap. 14, v3⁽¹¹⁸⁷⁾

No subcoro, do lado do evangelho:

- 8) VIS SANVS
FIERE. Joan, Cap. 5.º V 7.º⁽¹¹⁸⁸⁾

No subcoro do lado da epístola:

- 9) FECIT QVO QVE
DOMINVS DEVS
ADAE ET VXORI
EJVS TVNIGAS PE
LLICEAS ET INDVVIT
EOS. Gen. Cap. 3.º v 2.º⁽¹¹⁸⁹⁾

Santa Maria do Castelo, Igreja de

Remontando ao século XIII, a igreja foi reconstruída na década de setenta do século XVI.⁽¹¹⁹⁰⁾

Na capela-mor, de rica talha dourada, dois painéis de azulejo historiado azul. Os centros

⁽¹¹⁸⁴⁾ *Isaí* dá a *David* pães para este levar aos seus irmãos que haviam seguido Saul na guerra contra os filisteus. Refere-se à Obra de Misericórdia *Alimentar Quem Tem Fome*. (MTV)

⁽¹¹⁸⁵⁾ *Tobite*, que se preparava para almoçar durante a festa de Pentecostes, abandona a mesa para dar sepultura a um cadáver, numa alusão à Obra de Misericórdia *Enterrar os Defuntos*. (MTV)

⁽¹¹⁸⁶⁾ *Loth* dá hospedagem aos peregrinos, indicando a Obra de Misericórdia correspondente. O episódio insere-se numa cartela sustentada por anjos, inserida numa paisagem onde se vislumbra um pastor e uma mulher a fiar, sobre azulejos de figura avulsa. (MTV)

⁽¹¹⁸⁷⁾ Paineis com *Daniel na Cova dos Leões*, vendo-se Habacuc enviado por Deus para o alimentar, numa referência à Obra de Misericórdia *Dar de Comer a Quem Tem Fome*. Por baixo deste encontram-se três pequenos painéis com anjos e paisagens, tendo os laterais composições ornamentais com volutas, grinaldas e mascarões, sobre os quais pelicanos alimentam as suas crias com a sua própria carne, em alusão à Misericórdia.

No painel da nave do lado da epístola representa-se *Moisés Fazendo Brotar Água da Rocha*, em referência à Obra de Misericórdia *Dar de Beber a Quem Tem Sede*, tendo a legenda «EGRESSAE SUNT AQUAE LARGISSIMAE, ITA VT POPULUS BIBERET, ET IUMENTA Numer. Cap. 10. V. 11.». Os pequenos painéis inferiores são semelhantes aos do lado do evangelho, com excepção do painel do meio, onde se representa uma cena galante. (MTV)

⁽¹¹⁸⁸⁾ Inserida numa cartela ladeada por anjinhos, refere-se à cura do paralítico por Jesus, episódio que se desenrola no painel em cima. (MTV)

⁽¹¹⁸⁹⁾ Igualmente inserida em cartela, é alusivo ao painel cimeiro, no qual *Deus* entrega roupa a *Adão* e *Eva*, referindo-se à Obra de Misericórdia *Vestir os Nus*. (MTV)

⁽¹¹⁹⁰⁾ Enquadrando-se na tipologia das igrejas de salão, possui três naves de idêntica altura com abóbadas suportadas por colunas de fuste liso e capitel jónico. A frontaria é formada por torre rectangular de três andares. TEODORO VALLECILLO, 1999, pp. 235-239; TEODORO VALLECILLO, 1991, pp. 62-83; RODRÍGUEZ FRANCO, 2000, pp. 10-13. (MTV)

figuram uma *Batalha de Constantino e Tomada de Jericó*.⁽¹¹⁹¹⁾ Serão de cerca de 1740.⁽¹¹⁹²⁾ Também aqui vemos azulejos de figura avulsa, de «estrelinhas».

São Francisco, igreja do Convento de

O convento primitivo foi fundado em 1500, tendo os monges ocupado novo edifício em 1594. Com a extinção das ordens religiosas o espaço funcionou como escola e, posteriormente, como fábrica de sabões, de chapéus, até que aí passou a laborar um lagar. A igreja possui nave única com abóbada de berço e onze capelas.⁽¹¹⁹³⁾ Azulejos com passos da Vida de São Francisco revestem os panos murais da terceira capela do lado do evangelho, dedicada ao Senhor dos Passos do Bonfim. Mostram a morte do santo, o acompanhamento de um moribundo e aspectos relacionados com a redenção dos pecadores e com a natureza.⁽¹¹⁹⁴⁾

DISTRITO DE Évora

CONCELHO DO ALANDROAL

ALANDROAL

Misericórdia, Igreja da

Apenas tem azulejos na capela-mor: forro total das paredes laterais, até à sanca, em composições ornamentais envolvendo as portas laterais. De cada lado há um painel, enquadrado por ornamentação profusa, e em cujos centros se vêem as cenas do *Lava-Pés* e da *Ceia*, esta apresentando, ao centro, um belo cabrito assado. São azulejos de pintura azul, do tipo convencional de cerca de 1740.⁽¹¹⁹⁵⁾

CONCELHO DE ARRAIOLOS

ARRAIOLOS

Lóios, igreja do antigo Convento dos

O notável convento dos Cónegos de São João Evangelista, transformado em propriedade de exploração agrícola, teve sua igreja manuelina, a qual ainda hoje se conserva.⁽¹¹⁹⁶⁾ É no interior que se encontra o monumental revestimento azulejar, assinado por Gabriel del

(1191) Os dois painéis representam, respectivamente, *Josué Fazendo Parar o Sol e A Tomada de Jericó por Josué*. Sobre estes temas iconográficos, vide RÉAU, 1955-58, t. II, pp. 222-225.

Vários autores se têm referido aos dois painéis da capela-mor da Igreja de Santa Maria do Castelo de Olivença, embora sempre com algum erro relativamente aos assuntos pintados nos azulejos. Vide: SEQUEIRA e ROCHA JÚNIOR, 1924, p. 68; BNL, 1927, p. 452 (texto de Matos Sequeira); CARDOSO, 1936, p. 18; SIMÕES, 1963b, pp. 23-25.

(1192) As cercaduras são composta por pilastras com anjos, possuindo entablamento com grinaldas e, ao centro, cartelas rodeadas por anjinhos. (MTV)

(1193) TEODORO VALLECILLO, 1991, pp. 119-128. (MTV)

(1194) TEODORO VALLECILLO, p. 127. (MTV)

(1195) O templo terá sido construído no século XVIII, sofrendo modificações nos séculos XVIII e XIX. A fachada possui portal de mármore encimado por janelão e empena triangular, com torre adossada. No interior, nave única com cobertura por abóbada de berço, coro, dois altares laterais e tribuna dos mesários.

As cercaduras dos azulejos, de grande efeito teatral, contêm cartelas com símbolos marianos: rosas; lírios; o Sol; a Lua. ESPANCA, 1978, pp. 11-14. (MTV)

(1196) O Convento de Nossa Senhora da Assunção foi edificado nos terrenos de quinta que pertencera ao Conde D. Álvaro Pires de Castro, primeiro donatário da vila e irmão de Inês de Castro. Em 1526 os seus proprietários doaram a propriedade à Ordem de Santo Elói, que principiou a construção da casa religiosa, contando com contribuições financeiras de D. João III, do Cardeal D. Henrique, do Infante D. Luís e dos Duques de Bragança. Após a extinção das ordens religiosas passou para posse particular e, em 1980, foi adquirida pelo Estado. Em 1995 foi recuperada e adaptada a pousada.

O templo, de carácter manuelino-mudéjar, possui nave única, de três tramos, com abóbada de nervuras. No lado da epístola abriam-se as capelas de São João Baptista e São João Evangelista. Na capela-mor, abóbada polinervada com pintura de brutescos. No exterior, destacam-se o alpendre, de cerca de 1590, e os botaréis cilíndricos rematados por coruchéus e gárgulas.

Os azulejos de Gabriel del Barco foram assentados pelo mestre de pedraria Manuel Duarte, de Estremoz, assistido pelo seu filho João Duarte e pelos oficiais Manuel Gonçalves e João Rodrigues. ESPANCA, 1975, pp. 14-19. (MTV)

Barco e encomendado pelo então Reitor, o Cónego Bernardo de São Jerónimo, em 1700.⁽¹¹⁹⁷⁾ Na parede fundeira a porta é ladeada por azulejos, onde se reproduziram colunas salomónicas, com suas bases e capitéis, tudo fingido, em pintura azul brilhante e clara, deveras impressionante. Sobre a porta, na face do coro, está também em azulejos o brasão do fundador do convento, João Garcez, o qual faleceu a 5 de Agosto de 1542, conforme se pode ler na lápide brasonada que se encontra na segunda capela do lado da epístola. Por debaixo da cartela brasonada lê-se nos azulejos:

ESTA OBRA SE FES SE
NDO R^{tor} OCONI^{go} BER^{do} DES.
HIE RONIM
I 1700

O templo é um verdadeiro tratado iconográfico em azulejos, e nesta mesma parede fundeira, ladeando a porta, há dois painéis por banda, justapostos, tendo os inferiores as imagens de bispos, com as legendas:

1) D. JOANNES	2) <i>D. Alfonsus</i>
EPISCOPVS	<i>Nogverius Arhqi</i>
VIENSIVS, L ^{us}	<i>piscopus vlisipo</i>
FVNDATOR CON	<i>Nensis. Vnvs & Pri</i>
GREGATIONIS	<i>mis fundatoribvs</i>
Sti JOANI	<i>Congregationis.</i>
EVAN ^{gl} .	<i>S. Juanis Evs</i>

Sobre estes quadros estão figurações que representam respectivamente:

- 3) *Navio em perigo de naufrágio e aparição de um bispo*
- 4) *Mulher vomitando os diabos, por intercessão de um bispo*

A altura destes painéis é de 38 azulejos.⁽¹¹⁹⁸⁾

Na nave, do lado do evangelho e acima de um rodapé de 3 azulejos com a figuração de *putti* músicos – a qual se estende entre os nichos confessionários – estão várias figurações referentes à hagiografia dos santos:⁽¹¹⁹⁹⁾

- 5) S. EDV / ARDVS / REX. / INGAL. / TERRA
- 6) S. EV / TICHIO (a ser lançado à fogueira)
- 7) S. IgNATIVS. B. (debaixo do púlpito, vestido de bispo entre leões)
- 8) S. BerNARDVS

Sobre estes estão os quadros, sem legendas, representando passos da vida de um santo, talvez São Lourenço Justiniano.⁽¹²⁰⁰⁾ São ao todo sete quadros do lado do evangelho e três do lado da epístola. Por cima, acompanhando as magníficas superfícies limitadas pelos três ramos da abóbada nervada, vemos:

⁽¹¹⁹⁷⁾ Vide: Vergílio Correia – *Azulejos de Arraiolos, Os Loios – 1700*, in revista «Atlântida», vol. V, ano II, n.º 19 (Lisboa, 1917), pp. 577-580; Vergílio Correia – *Azulejos Datados* (Lisboa, 1922), pp. 58-61 [texto reimpresso in *Azulejos*, de Vergílio Correia (Coimbra, 1956), pp. 62-66]; Biblioteca Nacional de Lisboa – *Guia de Portugal*, vol. II (Lisboa, 1927), p. 92; Nuno Catarino Cardoso – *Azulejos Portugueses dos séculos XVI a XX* (Lisboa, 1936), p. 16; Reynaldo dos Santos – *O Azulejo em Portugal* (Lisboa, 1957), pp. 111 e 113; Robert C. Smith – *The Art of Portugal, 1500-1800* (London – New York, 1968); p. 233 e est.185; Túlio Espanca – *Miscelânea Alentejana*, in revista «A Cidade de Évora», anos XXII-XXIV, n.ºs 48-50 (Évora, 1967), pp. 107-110. FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹¹⁹⁸⁾ Sobre estes dois painéis, vide (além dos textos de Vergílio Correia e de Túlio Espanca citados na nota anterior); Armando Sousa Gomes – *Azulejos Portugueses*, in revista «Feira da Ladra», t. VI (Lisboa, 1934), pp. 10-13. FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹¹⁹⁹⁾ Entre cercaduras de acantos, algumas com mascarões nos cantos. (MTV)

⁽¹²⁰⁰⁾ Um dos painéis encerra cartela identificativa: «S. LOURENÇO.IVSTINIANO». (MTV)

- O VENE / RAVEL CON / Ego GO^{so} / ROIZ
- O VENE / RAVEL / CONEGO / VASqUO / RODRIGUES
- O VENE / RAVEL / CONEGO / BERNAR / DO de S. PE^{to}
- O BENE / RAVEL / CONEGO / MARTIN / LOREN / CO
- V.P. IUANES DANAZA^{re}
- B.P. AN^{to} DACIONCEIÇÃO

Do lado da epístola:

- EVGENIVS 4 P
- PONTIFICI GREGOREO 12⁽¹²⁰¹⁾
- MAP. SVJ
- LVDV / VICVS / COM^{te} RE / RENVS
- ANTO / NIVS CV / RARARIVS / CARDIN / ALIS
- MAR / CVS / COMDA / MARIVS / CARDI...⁽¹²⁰²⁾

Em lugar de honra:

- VERIEFIGIES / DE S. LOREN / CO IVSTI / NIANO

Os interiores dos arcos das capelas laterais são decorados com anjos e emblemas.⁽¹²⁰³⁾
 No arco triunfal, ao topo, as armas dos Lóios: águia bicéfala sobre castelo.
 Na capela-mor continua-se a azulejaria com painéis representando:

- S. TIAGO MAIOR
- S. IOÃO EVANGELISTA
- S. PEDRO

É neste último painel que está a assinatura:

GABRIEL, DL
 BARCO F.

Na parte superior as três Marias:

- MARIA JACOB
- MARIA SALOME
- MARIA MADALENA⁽¹²⁰⁴⁾

(1201) Na mão segura uma filacteria com a inscrição: «SERVIRE DE ORE (...) DEO». (MTV)

(1202) Do lado da epístola, no registo inferior, encontram-se representações de São Jerónimo («S. HYRONIMVS») e São Policarpo («S. PVLICARPIVS.B»).

No registo intermédio encontram-se mais quatro painéis, que poderão referir-se a São Lourenço Justiniano. O último apresenta a figura do santo com a inscrição: «VERE EFFIGIE / DE S. LOUREN / CO GIVSTI / NIANO». (MTV)

(1203) Na Capela de São João Evangelista o arco é decorado com motivos vegetalistas, flores e querubins e, na base, colunas e capitéis. No intradorso possui símbolos referentes a São João Evangelista: um cálice sobre um livro, um barrete de cardeal sobre livro e tintureiro e uma águia. No interior da capela encontram-se reaproveitamentos de azulejos de padrão de acantos e albarradas. Os corredores intercomunicantes estão revestidos com os mesmos reaproveitamentos. O rodapé das portas possui azulejos de esponjados policromos.

O arco da Capela de São João Baptista possui decoração semelhante. No intradorso contém elementos simbólicos referentes a São João Baptista, nomeadamente, um prato com uma faca e uma cruz, o Cordeiro Místico e a cabeça de São João Baptista num prato. No interior da capela observam-se reaproveitamentos de azulejos de padrão com folhas de acanto e flores, bem como albarradas. (MTV)

(1204) Na capela-mor, do lado do evangelho, o registo inferior contém anjinhos com um cesto de fruta. Sobre este, um painel com cena campestre e diversas personagens, uma delas interpelada por um anjo. No registo intermédio a figura de Santiago («S. TIAGO / MAIOR») e, a seguir de espaço desornamentado, São João Evangelista («S. JOÃO EV.^a / GELISTA»). No registo superior, «MARIA / JACOB» e «MARIA / SOLO / ME».

No lado da epístola, sobre barra com *putti*, cena de paisagens com diversas personagens, um que o anjo interpela uma delas. No registo intermédio «S. PEDRO» e «S. JOÃO BA / PTISTA». No registo superior, sobre a janela, encontra-se um querubim e, ao lado, «MARIA MADA / LENA».

LXXIX

É um conjunto notabilíssimo! Têm particular interesse as janelas fingidas, no alto das composições parietais do lado do evangelho. Também são muito notáveis os frisos inferiores, de *putti*. Na capela-mor, por exemplo, está um anjinho brincando com um cão, precisamente o mesmo da Igreja da Conceição dos Cardais.

Misericórdia, Igreja da

LXXX

A Igreja da Santa Casa de Arraiolos ostenta, no seu interior, um dos mais vastos e harmoniosos paramentos de azulejos azuis figurados, dignos de antologia.⁽¹²⁰⁵⁾ Na nave e na capela-mor espalham-se enormes painéis cerâmicos, que ali atingem 47 de altura. Esta decoração está compartimentada por um rodapé de 2 azulejos marmoreados manganês, 12 de socalco, do tipo de grandes vasos floridos ladeados de golfinhos e, finalmente, os painéis figurados, com 33 azulejos na altura. A entrada, sobre o guarda-vento da parede fundeira, lê-se no próprio azulejo o cronograma:

ANNO
DE 1753⁽¹²⁰⁶⁾

Na parede da parte do evangelho são as cenas pintadas, cada qual com seu letreiro:

- 1) DAR DECOMER / A QVEM TEM FOME
- 2) DAR DE BOBER A QVE / M TEM CEDE
- 3) VESTIR OS NUS

Do lado da epístola:

- 4) VIZITAR OS EMFERMOS / E EMCAÇERADOS
- 5) DAR POUZADA AOS / PERINGRINOS
- 6) REMIR OS CATIUOS

Na parede fundeira:

- 7) ENTERAR OS MORTOS
- 8) DAR BOM CONÇELHO

Na capela-mor continua-se a figuração, ocupando as paredes de um falso transepto com dois painéis, respectivamente:

- 9) CONÇOLAR / OS TRISTES
- 10) ENSINAR OS / IGNORAN / TES

Ainda nesta parte do templo há mais quatro composições com outras tantas alegorias à *Fé, Esperança, Caridade e Fortaleza*.⁽¹²⁰⁷⁾ A data de 1753 é do maior interesse, por

O arco triunfal contém ainda anjos entre nuvens, do lado do evangelho um anjo segura um livro e outro uma palma. A cercadura é de enrolamentos de acanto. Por baixo, do lado do evangelho, painel com anjo com mitra e, no lado da epístola, painel com cruz papal e coroa com flores.

Os interiores dos confessionários, rodeados de colunas pseudo-salomónicas em *trompe-l'oeil*, estão revestidos de azulejos de figura avulsa e acantos, com rodapé de anjinhos, como os que se encontram nas paredes da nave.

(1205) A construção da igreja iniciou-se em 1585-86, contando com o apoio de D. Teodósio III, Duque de Bragança. As obras foram dirigidas pelo mestre-pedreiro de Vila Viçosa, Manuel Rodrigues, ligado à Casa de Bragança, com quem colaborou Rui Dias. Possui nave única com abóbada de meio canhão apresentando caixotões de estuque pintados. No lado da epístola encontra-se o cadeiral dos mesários. A capela-mor foi renovada na campanha artística de cerca de 1780, correspondendo o transepto à antiga capela-mor.

José Meco atribui a autoria destes azulejos à órbita de Domingos de Almeida. A sua colocação foi efectuada pelo azulejador Joaquim Gomes, morador em Lisboa. As cenas *Cobrir os Nus, Dar Pousada aos Peregrinos e Pobres, Remir os Cativos e Enterrar os Mortos*, baseiam-se na série de gravuras *The Seven Acts of Mercy, Engraving after Titian*, da autoria de Giovanni Suizzerio, publicada por Matthias Bolzetta. Vide: CARVALHO, 2007a, Apêndice 1, pp. 145-170; ESPANCA, 1975, pp. 11-13. (MTV)

(1206) Vide: BNL, 1927, p. 91; CARDOSO, 1936, p. 15; ESPANCA, 1970, p. 124; SANTOS, 1957, p. 141.

FLÁVIO GONÇALVES

(1207) Também identificada como Santa Mártir, que poderá ser Santa Catarina. CARVALHO, 2007a, Apêndice 1, pp. 155-156. (MTV)

servir de marco a este tipo azulejar. Assim, verifica-se que os azulejos de «vasos e golfinhos», que já conhecíamos desde 1730, ainda se mantêm como ornato acessório 20 anos mais tarde.

O desenho e estilo decorativo são bem da transição do barroco tectónico para o concheado, cujos elementos gramaticais aqui apontam discretamente.⁽¹²⁰⁸⁾ O desenho, sendo vigoroso, não tem a largueza e a liberdade dos grandes pintores do primeiro quartel do século XVIII. É provável que o azulejador se tenha servido de estampas ilustrando as *Obras de Misericórdia*, sendo de notar, o inconformismo de algumas representações, os fundos de arquitectura e, no painel correspondente, as anatomias dos desnudados.

Nossa Senhora das Necessidades, Ermida de (Monte da Senhora das Necessidades)

Esta ermida rural⁽¹²⁰⁹⁾ tem as paredes da nave revestidas com azulejos de padrão de almofada com rodapé marmoreado e barra azul própria. Nos tapetes de 24 de alto, meteram-se quadros feitos propositadamente, com 7 × 6 azulejos ostentando os emblemas marianos: estrelas, Lua, lírio, Sol e rosa.

Na parede fundeira, ladeando a porta, lê-se em quadros de azulejos:

1)	ESTA AGOA BENTA ME SEIA SAUDE, E VIDA; A PORELLA MINHAS VE- NIAIS CULPAS ESTIN- CTAS ESTA HERMIDA HERA DE S ^{to} ESTEVO E POR DE VASÃO HOIE HE DA SR ^A DAS NECESSIDADES
2)	ESTA OBRA MAN- DARÃO FAZER OS DEVOTOS DEN.SR. ^A DAS NECESSIDADES COMASSVAS ESMO- LAS, NO ANNO DE 1781 PEDESSE HVM P. N. AVE M ^a POR ESTES DEVOTOS ⁽¹²¹⁰⁾

VIMIEIRO

Fonte de Água Benta – Santa Justa

Encontra-se junto à antiga igreja rural de Santa Justa, hoje bastante arruinada. Registo de azulejos figurando *Santa Justa* a azul e branco, com legenda identificativa e cercadura rococó policroma.⁽¹²¹¹⁾

(1208) Nas cercaduras, sobre as folhas de acanto, bases com cartelas, pilastras com anjinhos segurando cartelas e mísulas na ligação ao entablamento, onde se encontram cartelas e, por vezes, festões. Noutros casos, nomeadamente nos topos do transepto, o coroamento da cercadura é feito por concheados de onde pendem grinaldas. Elementos arquitectónicos acompanham as portas e o púlpito. (MTV)

(1209) Já existia no século XVI, tendo sido reformada no século XVII. No século XVIII constituiu-se como local de peregrinação, o que motivou novas intervenções no final da centúria. É formada por galilé com abóbada de arestas, nave e abside, ambas cobertas por abóbada de meio canhão. Integra o património da Fundação da Casa de Bragança. ESPANCA, 1975, pp. 34-35. (MTV)

(1210) Conjunto muito danificado e alvo de furto. Já não tem o painel do lírio e parte do padrão que o envolvia. A parede fundeira sofreu derrocada. O primeiro quadro desapareceu e do segundo já não existe o excerto «ESTA OBRA MAN» e «OS». (MTV)

(1211) Túlio Espanca atribui a autoria à Fábrica do Rato, de cerca de 1770. ESPANCA, 1975, pp. 56-57. (MTV)

Nossa Senhora da Encarnação do Sobral, Igreja de⁽¹²¹²⁾

Na capela lateral do lado da epístola, onde está a imagem da padroeira, silhar de 8 de alto com cercadura policroma concheada rococó e centro figurado a manganês. Cenas da *Visitação* e *Anunciação*, de cerca de 1780.

CONCELHO DE BORBA

BORBA

Nossa Senhora da Luz, antigo Convento de

O velho eremitério dos frades paulistas da serra d'Ossa conserva parte importante das primitivas construções e alguns dos revestimentos cerâmicos que estes engalanavam.⁽¹²¹³⁾ É na igreja que se encontram os azulejos mais notáveis.

A capela-mor tem as paredes laterais forradas com azulejos, desde o pavimento até à sanca. Sobre um fundo de padrões e barras azuis destacam-se quatro painéis figurados de 10 × 9 e mais dois de 6 × 12, historiando na sua pintura passos da Vida de São Paulo Eremita.⁽¹²¹⁴⁾ Cada painel é explicado por longa legenda em latim, e acusa, no tipo de desenho, o estilo do monogramista PMP.

É particularmente curioso o painel que mostra um fidalgo entre um anjo e um demónio, aquele apontando para a toca de um eremita, este para o casario de uma cidade.⁽¹²¹⁵⁾

Na abóbada da capela-mor vê-se um medalhão com a *Coroação da Virgem*, em pintura sobre a massa, datado de 1714. Esta data poderá servir aos azulejos, se bem que estes se me afigurem mais próximos de 1720-25.

Nossa Senhora das Neves, Igreja Matriz de (ou Igreja Matriz de Nossa Senhora do Soveral)

Na Capela das Almas – ou de São Miguel – foi colocado um silhar constituído por painéis de testeira recortada, emolduramento concheado policromo e centros azuis. As figurações são alusivas à remissão das almas no Purgatório. É azulejaria conforme com a produção portuguesa de 1780-90.⁽¹²¹⁶⁾

Na capela colateral do lado do evangelho – antiga do Santíssimo Sacramento – está um silhar de 14 azulejos de altura, molduramento policromo e centros azuis, mostrando emblemas eucarísticos de cerca de 1780.⁽¹²¹⁷⁾

Na sacristia, o silhar tem 8 azulejos na altura, incluindo o rodapé roxo: é constituído pela repetição de vasos floridos azuis, de modelo pouco frequente da segunda metade do século XVIII.⁽¹²¹⁸⁾

(1212) A igreja foi sagrada em 1557, sendo construída sobre primitiva edificação medievla. No exterior destaca-se a galilé e, no corpo do edifício, os botaréis quadrangulares encimados por urnas e beiral com ameias. No interior, nave ampla com cobertura artesoadada polinervada. Possui seis capelas laterais e capela-mor coberta por cúpula com lanternim, com altar-mor de estuque e alvenaria. ESPANCA, 1975, pp. 43-44. (MTV)

(1213) A casa religiosa remontará ao reinado de D. João I, tendo sido integrada na ordem dos Paulistas em 1578. Por esta altura sofreu grande transformação, bem como no início do século XVII e no reinado de D. João V. A igreja é caracterizada por fachada com alpendre e janelão, terminando em frontão recortado, reforçada, lateralmente, por contrafortes. Nave e capela-mor com abóbada de berço, quatro capelas laterais e subcoro coberto por abóbada de nervuras. ESPANCA, 1978, pp. 162-166. (MTV)

(1214) Do lado da epístola: São Paulo foge (?); São Paulo entre anjo e diabo escolhe a gruta; anjos entregam ramos de palmeira para fazer vestes. Do lado do evangelho: Santo Antão (?); São Paulo partilha pão com Santo Antão; Santo Antão amortalha corpo de São Paulo. (MTV)

(1215) Ainda, uma janela fingida. A escadaria possui painel de padrão pombalino. (MTV)

(1216) Os azulejos devem ser de à volta de 1798. Vide ESPANCA, 1972, p. 208.

FLÁVIO GONÇALVES

(1217) Painéis rococó com os seguintes símbolos, envolvidos por turbilhões de nuvens, pairando num enquadramento arquitectónico: *Agnus Dei* e o sétimo selo; cálice com hóstia; espigas de trigo. (MTV)

(1218) Templo quinhentista do padroado da Ordem de Avis, construído sobre edificação anterior do século XV. Enquadra-se na tipologia de igrejas-salão, com três naves e cinco tramos e abóbada de arestas descarregando em oito colunas. Possui seis capelas laterais. ESPANCA, 1978, pp. 22-24; SIMÕES, 2007, pp. 43-67. (MTV)

Quinta do General

O belo solar alentejano, mandado construir pelo Conde das Galveias, é das mais sugestivas casas nobres alentejanas, e bem demonstra o cuidado que a nova nobreza conquistada nas guerras da Restauração punha nas suas residências, mesmo quando afastadas da corte. É no jardim que se encontram os azulejos mais notáveis desta quinta. Na fonte coberta, junto à casa, as paredes foram revestidas com azulejos figurados, de pintura azul, mostrando deliciosas cenas galantes e de paisagens. São estes azulejos dos finais do século XVII, e do mesmo pintor e oficina dos da glorieta da célebre Quinta das Lapas, perto de Torres Vedras.

Transferidos do velho Palácio dos Melos e Castro, em Lisboa – vulgo Palácio das Galveias, ao Campo Pequeno –, foram instalados ao longo dos muros do jardim, e numa composição arquitectónica fazendo testeira à piscina, alguns painéis de grande interesse artístico. Na glorieta estão duas grandes composições que faziam parte de uma *História de Cleópatra e Marco António*, cujos restantes painéis se dispersaram em Dezembro de 1958.

No muro do jardim existem outros painéis igualmente notáveis, agora com várias alegorias aos *Elementos*. Estes quadros cerâmicos serão da primeira metade do século XVIII, e, no género, dos mais belos que então se produziam.⁽¹²¹⁹⁾

Rua Visconde Gão

Nicho fechado por gradeamento de ferro albergando painel de pintura azul e branca. Representa São Brissos, emoldurado por pilastras com volutas e concheados.⁽¹²²⁰⁾

CONCELHO DE ESTREMOZ

ESTREMOZ

Anjo da Guarda, Capela do (ou de São Pedro ou de São Miguel Arcanjo)

Na capela vemos vários painéis de azulejos azuis, historiados, com passos da Vida de São Pedro.⁽¹²²¹⁾

Câmara Municipal – Registo Civil (antigo Convento dos Congregados do Oratório de São Filipe Néri)⁽¹²²²⁾

Silhar de azulejos de 11 de alto, com as figuras de *São Jerónimo, Santo Onofre, São Macário, São Francisco de Paula e Santo Efrânio*.

Trata-se de azulejos da «escola» de Del Barco, de pintura azul, muito interessante.⁽¹²²³⁾

(1219) Edifício em forma de «U», que remontará ao século XVI, tendo posteriormente sofrido várias remodelações e acrescentos, sendo de destacar a intervenção realizada por Raul Lino no início do século XX. Encerra painéis atribuídos a Manuel dos Santos. SIMÕES, 2007, pp. 230-231; ESPANCA, 1978, pp. 109-112; MECO, 1989, p. 221. (MTV)

(1220) Túlio Espanca data-o de cerca de 1740. ESPANCA, 1978, p. 121. (MTV)

(1221) Com origem no século XV, corresponde ao primeiro local de assentamento da Misericórdia de Estremoz, existente desde cerca de 1502, que aí funcionou até cerca de 1611. Serviu, ainda, como instalação provisória da paróquia de Santo André, ao tempo da construção da nova igreja paroquial, bem como da Confraria do Anjo da Guarda e, no século XVIII, da Confraria dos Clérigos Pobres de São Pedro. Profundamente transformada nesta centúria, possui nave única com abóbada de meio canhão e capela-mor com abóbada de nervuras.

No lado da epístola encontramos os seguintes episódios: *Angústia na Madrugada de São Pedro; Perjúrio de Ananias e Safira, Descida do Espírito Santo no Cenáculo, São Pedro Salvo da Prisão pelo Anjo*.

Já no lado do evangelho: *São Pedro e São João Evangelista Curando Um Coxo, Tributo do Colégio Apostólico, São Pedro Salvo das Ondas do Mar, Tempestade no Mar de Tiberíades*.

Na capela-mor: *A Confissão e Martírio de São Pedro*.

As cercaduras, com pilastras sobrepajadas por urnas, são recortadas, contendo ao centro cartelas sustentadas por anjos.

Túlio Espanca data o conjunto de cerca de 1750.

PESTANA, «Notícias Históricas», *500 Anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz*, 2002, pp. 21-27; VERMELHO, «Percursos Arquitectónicos», *Idem*, pp. 63-68. TORRINHA, *Idem*, pp. 121-123; ESPANCA, 1975, pp. 181-185. (MTV)

(1222) Fundado em 1697 pelo Arcebispo de Évora D. Frei Luís Teles da Silva. Após a extinção das ordens religiosas foi integrado nos bens nacionais, servindo diversos fins públicos. ESPANCA, 1975, pp. 162-172. (MTV)

(1223) Estes (e outros) azulejos, que revestem a «Capela do Arcebispo» do antigo convento, foram pintados em 1706 pelo artista lisbonense Manuel dos Santos, e aqui colocados, no mesmo ano, por Brás Barradas, azulejador da capital. *Vide*: ESPANCA, 1970a, pp. 91-92; SMITH, 1975b, pp. 1-3.

FLÁVIO GONÇALVES

Na entrada, escadaria e sala de distribuição do primeiro piso, azulejos com representações religiosas da Vida de São Filipe de Néri e ainda caçadas e batalhas. ⁽¹²²⁴⁾ Coloração intensa de azul. ⁽¹²²⁵⁾

Nos corredores, azulejos provavelmente de fabricação local, em padrão azul. ⁽¹²²⁶⁾

Castelo (Pousada da Rainha Santa Isabel)

Na escadaria – obra do século XVIII – a parede de rampa tem revestimento de azulejos de padrão azul, com barras de folhas encurvadas. Num dos patamares, silhar ornamental de «vasos e golfinhos» com a mesma barra.

Maltesas, Igreja das (ou de São João da Penitência)

Uma capela do lado do evangelho tem silhar de azulejos de vasos, azuis, sobre o rodapé marmoreado roxo, tudo numa altura de 11 azulejos. Serão de cerca de 1770.

Na portaria, rodapé com azulejos de padrão «almofada», do princípio do século XIX. ⁽¹²²⁷⁾

Mártires, Capela dos

A Capela dos Mártires está a cerca de 4 quilómetros da cidade, para nascente. Era primitivamente uma capela gótica, com acrescentos manuelinos. ⁽¹²²⁸⁾ O arco do coro é manuelino, historiado, exemplar muito curioso no género.

No corpo e capela-mor há um silhar de azulejos azuis, historiados, recortados com figuração mariana. As cabeceiras são recortadas, sendo este revestimento de bastante interesse, especialmente para exemplificar um caso em que as cercaduras são de melhor desenho que os fundos, com excepção do painel da *Anunciação*, este de bom desenho. Está sepultado na igreja Fernando Mesquita Pimentel, restaurador da mesma, e morto em 1744. É possível que a ele se deva a encomenda dos azulejos, se bem que estes apresentem características que indica serem de data muito próxima do meado do século. É também possível que só tenham sido encomendados depois da morte do benfeitor, e aproveitando o seu legado. ⁽¹²²⁹⁾

(1224) Cercaduras hiperdesenvolvidas com estruturas arquitectónicas em *trompe-l'oeil*, compostas por quartelões com grinaldas encimadas por urnas, na base cartelas com anjinhos a tocar trompetas. No frontão recortado cartelas e volutas, encimado por dois anjinhos que ladeiam busto feminino, diversas cenas com santos e cônegos, acompanhadas de alguns painéis só com quartelões.

Na escadaria encontram-se cenas bélicas e caçadas, sendo as cercaduras de pilastras com mascarões e atlantes, frontão recortado com grinaldas e motivos vegetais.

Na recepção, colunas com cariátides terminando em volutas sobrepujadas por vasos. Na base encontram-se volutas com mascarão. O topo possui cartela com máscaras e inscrições: casal de santos com a inscrição: «DUCAM EAM IN SO / LITUDINEM, ET LOQUAR / AD CORE JUS OS. 2.14»; casal sentado debaixo de árvore com a inscrição: «en dilectus meus / loquitur mihi. Cant. 2.1»; um santo observa um anjo a subir umas escadas com a inscrição «Non est hic ali: nisi domus Dei, et porta coeli»; três mulheres, uma delas dirige-se para um jardim murado, à porta do qual se encontra um homem, ao fundo vê-se uma cidade, tendo a legenda «En ipse stat post parietem mstrum. Cant. 2.9»; grupo de homens ajoelhados de costas com a inscrição «Tu elegisti Domin do / mum istam ut esset / domus Orationi / s 1º Johach 7. 37; três homens escutam Cristo e três homens num barco, com a inscrição «vbi sunt duo, vel trs / Congregati innomine meo / ibi sum in médio / illorum. Math. 18.24»; homem lamenta-se junto de cidade destruída e em chamas, com a inscrição: «Desolatione desolate est / om / nis tere, quia nullus est, qui recogitet corde. Hierem. 12.11»; personagem feminina reza junto a altar e soldados cercam cidade e cena em acampamento militar (Judith e Holofernes?). (MTV)

(1225) São atribuíveis a cerca de 1748. Vide: SANTOS, 1957, p. 135; ESPANCA, 1970a, pp. 86 e 88-90; SMITH, 1975b, p. 5. FLÁVIO GONÇALVES

(1226) Os azulejos dos corredores (como os do antigo Refeitório) foram feitos em Lisboa em 1702-03. Vide ESPANCA, 1970a, pp. 89-90 e 93.

Entretanto, os azulejos da Biblioteca Municipal (antiga capela) são de atribuir ao primeiro quartel do século XVIII e à autoria de António de Oliveira Bernardes. Vide: ESPANCA, 1970a, p. 95; SMITH, 1975a, pp. 3-4.

Encontram-se nesse espaço azulejos do Convento de Santo António e da Igreja da Misericórdia. Desta são os silhares de albarradas com anjos segurando cornucópias de flores.

(1227) Igreja do Convento de São João da Penitência ou das Maltesas, fundado por D. Manuel ou pelo seu filho o Infante D. Luís no início do século XVI. A igreja, datada de 1540-45, foi construída no local da Capela de São João Baptista. Possui nave única e abóbada de ogiva. As paredes são revestidas com azulejos de tapete, ostentando o tecto pintura mural. A capela-mor, já do século XVIII, possui abóbada de meio canhão.

A antiga Sala do Capítulo possui silhares de características *rocaille*, policromos, com paisagens e temática religiosa, com cercaduras de concheados e as seguintes inscrições: «Clamat ut Congregar», «Amat Nemus, et fugit urbes», «Omnia Nascenda Lustrat», «Intuenda Exultat», «Turit inter Epulas», «Clarior ab occasu», «Sic unda salubris», «Pravia solis». No refeitório silhares com vasos de meado do século XVIII e na Capela de Nossa Senhora do Rosário também se encontram silhares de vasos com flores. Vários são os conjuntos dispersos pelo edifício, muitos resultantes de reaproveitamentos, como os azulejos de albarradas e os de padrão da época de D. Maria. Vide: VERMELHO, 500 Anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, pp. 75-90; TORRINHA, IDEM, pp. 139-144. (MTV)

(1228) Datada da segunda metade do século XIV, teve origem com D. Fernando, dando-lhe D. Nuno Álvares Pereira fundamental impulso. Joaquim Vermelho, 500 Anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 2002, pp. 91-94. (MTV)

(1229) Os azulejos estão atribuídos a Domingos de Almeida.

*Misericórdia, antiga Igreja da (actual Centro Republicano)*ÉPOCA: Datados de 1712.⁽¹²³⁰⁾

TIPOS: Grandes composições com cercaduas de querubins, com certeza de Oliveira Bernardes.

APLICAÇÃO: Forravam totalmente as paredes da igreja e o arco da entrada. Paineis grandes de 66 azulejos de 140 mm.

ASSUNTOS: *Obras de Misericórdia*.⁽¹²³¹⁾

LXXXII

Museu de Arte Sacra

Registo representando *Nossa Senhora do Carmo com o Menino* envolto em turbilhão de nuvens com anjinhos. Entrega o escapulário a São Simão Stock, localizado no lado esquerdo, enquanto à direita se encontram alminhas. A cartela em baixo contém a inscrição: «Ecce signum saluti».

Muito interessante, pois está assinado pela Fábrica de Estremoz, com a data de 1799.

Oratório das Almas Santas

Adossado às dependências da Misericórdia localizadas no Largo da Porta Nova, situa-se na antiga Rua da Mancebia ou das Almas. Data de 1721-26, devendo-se ao provedor Fernando Mesquita Pimentel.⁽¹²³²⁾

Painel de *alminhas*, com uma figura feminina e outra masculina, rodeado de cercadura de acantos. Possui a inscrição: «P. N. AVE M.^a».

No lado do evangelho apresentam-se os seguintes episódios, encimados por simbologia mariana: *Nascimento da Virgem* (árvore), *Apresentação da Virgem no Templo* (pórtico), *Esponsórios* (Lua), *Anunciação* (Sol), *Visitação* (estrela).

No lado da epístola: *Fuga para o Egipto* (escada), *Jesus entre os Doutores* (poço), *Bodas de Caná* (espelho), *Morte da Virgem* (ramo de lírios), *Assunção da Virgem* (árvore), *Nossa Senhora dos Mártires* (?).

Na capela-mor: *Adoração dos Pastores* (lado do evangelho), *Circuncisão* (lado da epístola).

A fachada possui azulejos de figura avulsa.

Vide: VV. AA., 2002c, pp. 135-138; CARVALHO, 2007a, Apêndice 1, p. 153. (MTV)

(1230) Vide: VASCONCELOS, 1883-84, p. 78; QUEIROZ, 1907, pp. 241, 255 e 396 (n.º 586) ou QUEIROZ, 1948, vol. I, pp. 263 e 279 e vol. II, p. 127 (n.º 799); SIMÕES, 1962a, p. 5. FLÁVIO GONÇALVES

(1231) Construída aquando da mudança de instalações da Misericórdia de Estremoz para a nova localização no Largo da Porta Nova ocorrida em 1610, onde esteve até 1881, quando foi transferida para o Convento de São João da Penitência. Posteriormente teve várias utilizações, aí funcionando a Sociedade Filarmónica e Artística Estremocence. Igreja de nave única com abóbada de meio-canhão, dois altares laterais e coro. O seu pé-direito foi cortado para a construção de novo andar onde esteve instalado o Centro Republicano. Estas alterações e novas utilizações prejudicaram o revestimento azulejar.

O alçado de acesso à igreja é preenchido por anjinhos entre volutas e enrolamentos de folhas de acanto.

Do lado do evangelho, em estruturas arquitectónicas perspectivadas com volutas, sobressaem as figuras da Prudência («Prudensiae») e Justiça («...Isiae»), rodeando uma cartela central que contém uma pirâmide de degraus envolta por volutas, ramagens e meninos, com a inscrição «CONIVNGIT. UNTRVUMQVE».

Ainda do lado do evangelho, um arco marca a divisão do coro da nave, policromo, azul e amarelo com fundo manganês, possui enrolamentos de acanto pontuados por folhas e com cabeças de pássaros nas extremidades.

O painel seguinte, com rodapé e friso com enrolamentos com fundo de ramagens entrelaçadas e flores, ostenta as figuras da Fé (Fides) e Esperança (Spes), rodeando o medalhão central com volutas, motivos vegetais e meninos, coroado por um querubim. O medalhão encerra um jardim com uma fonte com a inscrição «CONGREGAT. VT. DISPERDA». Ainda, um rodapé de figura avulsa.

Do lado da epístola, em painel semelhante figuram a Caridade e a Misericórdia, ladeando o medalhão central, onde se encontra um jardim de buxo com vasos de flores e, ainda, filacteria com a inscrição «APES. EXPECTAT».

Por último, a figura da Fortaleza («FORTITVDO») ladeia o medalhão central que contém torre em paisagem com filacteria com a inscrição «HIC SECVRIVS STO».

No tecto do coro, em medalhão octogonal rodeado de volutas, encontra-se Nossa Senhora da Misericórdia e, ajoelhadas a seus pés, figuras do clero, do lado esquerdo, entre elas uma ostenta a sigla F. M. I. (Frei Miguel instituidor), ao centro um mendigo e, do lado direito, membros da nobreza. Por baixo a inscrição «SVB TVM PREZIDIVM CONFVGIMVS».

Lateramente, dois painéis com quartelões com cariátides, volutas, grinaldas ao centro, uma jarra de flores sobrepujada por máscara rodeada por anjos, enquanto um par de anjos segura, cada um, uma árvore.

Entre os painéis apeados são de referir a «ceia de Emaus» contendo a inscrição «ABRAAM ESURIENTIBUS CIBOS ADMINISTRAT» e a *Deposição de Cristo por Nicodemos e José de Arimateia* com a inscrição «IADO VIR DEI A PROPHETA NEQUAM TUMULATUR», na posse dos herdeiros do Dr. Assis e Santos, existindo ainda um outro painel com cena de guerra, contendo num canto inferior uma cena alusiva às *Obras de Misericórdia*, na qual um casaco é dado a uma pessoa nua.

Na sala de ensaios da Sociedade Filarmónica encontram-se silhares azul e branco com cercaduras *rocaillé*. Apresentam as *Obras de Misericórdia*, possuindo filacteras que identificam os episódios: «Enterrar os mortos», «Visitar os enfermos encarcerados», «dar de vestir os nvs», «Dar de comer aos q. tem fome», «Dar povzada aos perigosos».

VV. AA., 2002c, p. 27-31; VV. AA., 2002c, pp. 69-74; VV. AA., 2002, p. 130. (MTV)

(1232) VV. AA., 2002c, pp. 73-74; VV. AA., 2002c, pp. 125-126. (MTV)

Palácio Tocha⁽¹²³³⁾

Na escadaria vários painéis azuis, com cenas de caça e pastoris. Silhares recortados.⁽¹²³⁴⁾
 No salão, oito painéis em silhares recortados, de pintura azul, com a representação de batalhas. Estão epigrafados:

- 1665 – B. d. Montes Claros
- 1663 – B. d. Ameixial
- 1659 – B^a. das linhas de Elvas
- 1580 – Perde-se Estremoz
- 1386 – Batalha de Valverde
- 1384 – Batalha de Atuleiros
- 1383 – offença do G Mestre Punida
- 1383 – Ganha-se Estremoz

Painéis talvez de fabrico local, de desenho fino.

Nas duas salas que comunicam com esta, há silhares lisos, de cercaduras azul-escuras e fundo a meia tinta azul. Os assuntos são frívolos na sala da direita e de caçadas pescas do lado esquerdo.⁽¹²³⁵⁾

No mesmo edifício há mais azulejos nos corredores e dependências secundárias, de padrões azuis e outros policromos, dos fins do século XVIII.

Passo junto ao Hospital da Misericórdia

É este passo do mesmo tipo e composição do que se encontra junto a São Francisco. Os painéis representam, do lado esquerdo:

- 1) À porta de um palácio, várias mulheres recebem com instrumentos um grupo de soldados cavaleiros: *Ut Grata occurrens patris ferit intima Jephthe Obvia cor Gnati, sic quoque Virgo ferit.*

Do lado direito:

- 2) Parece ser uma pilhagem a um templo: *Flent Solymee ut cerrunt vulium plorantis Omea Sic Virgo, Geniti dum videt ora genit.*⁽¹²³⁶⁾

Passo junto a Santo Agostinho

Do lado esquerdo:

- 1) Santo Elias lançando um manto: *Discípulo in pignus vestem dim misit Elias At propriam Christus praestitit effigiem.*

Do lado direito:

- 2) *Fet pater, ut Joseph tunicam videt ecce cruenta Sic tu d...um cernis lintea Sacra dole.*⁽¹²³⁷⁾

⁽¹²³³⁾ Também conhecido como Solar dos Henriques de Trastâmara, foi construído no início do século XVIII, tendo pertencido ao Capitão de Cavalos Barnabé Henriques. ESPANCA, 1975, pp. 191-192. (MTV)

⁽¹²³⁴⁾ E, ainda, cenas galantes e marinhas, emolduradas por pilastras com sebastos encimadas por vasos, concheados e remate de querubins, grinaldas e panejamentos. (MTV)

⁽¹²³⁵⁾ Dotados de cercaduras de concheados, aí se encontra ainda uma cena campestre e painéis contendo aves e um cão. (MTV)

⁽¹²³⁶⁾ Incrições traduzidas por Joaquim Torrinha: «Como o filho indo ao encontro do pai fere as entranhas de Japhé, também a Virgem indo ao Seu encontro se enlaça ao coração do Filho», «Choram os de Jerusalém quando vêem o rosto de Onias chorando. Assim a Virgem chora ao contemplar o rosto de seu Filho». Joaquim Torrinha, «A Azulejaria», Idem, p. 146. (MTV)

⁽¹²³⁷⁾ Os episódios inserem-se em cercaduras com estruturas arquitectónicas em *trompe-l'oeil* com quartelões com meninos atlantes, cartelas de volutas e querubins, onde se encontra uma paisagem e inscrições. A moldura da cena principal é simples e está coroada por brasão. (MTV)

Passo junto a São Francisco

Nas paredes laterais painéis de 15 × 14 azulejos. Do lado direito *Adão e Eva no Paraíso* e *Adão com a Maçã*. Na parte inferior, paisagem com a legenda:

*Vescitur & Casu misero prolabitur Adam
Porrigit ut dextram Christus & ipse cadit*

Do lado esquerdo, a *Queda dos Ídolos* – destruição do Templo por Sansão e a inscrição:

*Ut Levet ecce suos Sanson procumbit uter que:
Sub...tur hic templo succidit ille cruci*

Todos os demais passos são idênticos a estes. A pintura é primorosa, do ciclo dos Oliveira Bernardes. Na parte superior de cada painel os brasões dos Mesquitas, Azevedos, Gamas e Pimentéis. Composições das cartelas do melhor que se fazia em cerca de 1728-30.

Passo junto a São Tiago

Do lado esquerdo:

1) *Urbs Solymea dolet Josiae funera: JESUM Jure tamen Solymae fleut potiore suum.*

Do lado direito:

2) *Fugit uterque dolens David natum atque secula est / Flens Regem Lacrymis utraque turba suum*

Além destes quatro passos houve mais outro que foi demolido, tendo-se recolhido os azulejos para serem montados noutra «passo» a construir.

Santa Isabel, Igreja de

Na nave, painéis azuis com três passos do hagiológico da Rainha. Julgo-os de cerca de 1725-30, neles se vendo, igualmente, os brasões da Rainha Santa.

No átrio estão colocados painéis de pintura azul. O arco é guarnecido com azulejos policromos, imitando embutidos. ⁽¹²³⁸⁾

Santo Agostinho, igreja do antigo Convento de ⁽¹²³⁹⁾

Capela-mor com revestimento parietal de composições figuradas, azuis, enquadradas por barra de folhagens. Na parte inferior cartelas com paisagens.

(1238) A igreja principiou a construir-se graças aos padres oratorianos, sabendo-se que a obra decorria já em 1706. Foi integrada por D. João V no seu padroado em 1715, quando se encontrava ainda inacabada, tendo sido dotada de rendas e bens.

O programa decorativo joanino congregou azulejos, pintura de tecto e telas com episódios relativos a Santa Isabel, atribuídas a André Gonçalves. José Meco atribuiu a autoria dos painéis de azulejos a Teotónio dos Santos, datando-os de cerca de 1725. Colocados no lado da epístola, os painéis narrativos relatam três episódios lendários, sendo as cercaduras pontuadas por *putti*, elementos vegetalistas, meninos com cauda de peixe a tocar búzios, volutas e atlantes. No *Milagre das Águas do Tejo Que Se Apartam* ao querer visitar o túmulo da mártir Santa Iria que se encontrava no fundo do rio, Santa Isabel provocara o afastamento das águas, caminhando no leito seco; o *Milagre da Criança Salva das Águas*, a Rainha salva uma criança que entrara na água ao vê-la caminhar no leito do rio e quase se afogara. Ao fundo vê-se o Castelo de Santarém, onde o episódio se desenrola; na *Lenda da Mulinha* Santa Isabel encontra-se entre dois exércitos, pacificando o conflito que opunha D. Dinis e o seu filho D. Afonso. Na parede fundeira, dois anjos ladeiam a porta de entrada, sustentando cada um escudo com as armas de Santa Isabel. Os dois painéis do átrio, com paisagens e cenas galantes, fariam parte de um conjunto de quatro, datados por Túlio Espanca de cerca de 1740. Nos painéis estreitos representam-se paisagens e pequenas figuras: monge, homem, nobre, camponeses, criança. Vide: CIDRAES, 2005, pp. 23-42; ESPANCA, 1975, pp. 88-92. (MTV)

(1239) Os Agostinhos chegaram a Estremoz em 1671, ocupando diversas instalações até se estabelecerem em definitivo em dependências da Irmandade do Espírito Santo. A explosão do paiol do castelo, ocorrida em 1698, ocasionou-lhe alguns estragos. Durante as Guerras Peninsulares foi pillhado e serviu como hospital. Após 1834, o edifício teve diversas ocupações, nele funcionando uma fábrica, instituições de solidariedade e a Escola Industrial. A igreja possui nave de três tramos dispostos em arcaria, coro, capela e três altares laterais. A capela-mor é coberta por cúpula, albergando retábulo do início do século XVIII. ESPANCA, 1975, pp. 172-180. (MTV)

Do lado do evangelho estão três painéis alegóricos, com livros: PLACIVS, MANES e ao centro livro com coração coroado e legenda: VVLNERAT ET CORONAT. Acima, dois painéis com figuração agostiniana: *Santo Agostinho Lavando os Pés a Cristo* e *Santo Agostinho com Um Menino, Que Tira Água de Um Rio*.⁽¹²⁴⁰⁾

Do lado da epístola os livros têm escrito DONATVS e Arius.⁽¹²⁴¹⁾ Ao centro está um livro a arder, com a legenda, VNDE ARDT INDE LVCET. Acima, *Santo Agostinho Meditando* e *Santo Agostinho já com Hábito*.⁽¹²⁴²⁾

É um conjunto bastante notável e não tenho dúvidas que esta azulejaria é de António e de Policarpo de Oliveira Bernardes.

A face do arco triunfal é do mesmo tipo e época – grandes cartelas com panejamentos. A parte central está oculta por uma pintura de tela.

Ladeando os altares laterais, painéis com anjos, já de cerca de 1730-40.⁽¹²⁴³⁾

Na fachada da igreja está insculpida a data de 1719. Os azulejos da capela-mor podem ser desta época. Na igreja há sepulturas datadas de 1702 em diante.

Santo António, igreja do antigo Convento de

Nos arredores de Estremoz ficava o Convento dos Capuchos, de que resta apenas a igreja. Apenas se encontram azulejos da nave, em silhar de 11 de altura, constituído pela repetição de painéis de vasos floridos (6 × 5), separados entre si por uma fiada de jarros.

Houve azulejos na capela-mor mas foram de há muito arrancados, ignorando-se o seu destino. Representavam vários *Milagres de Santo António* e, a avaliar pelos vestígios que ficaram, depreende-se que eram painéis recortados, de pintura azul e emolduramento barroco, de cerca de 1740-50.⁽¹²⁴⁴⁾

Santo Cristo, Capela do⁽¹²⁴⁵⁾

Painéis azuis historiados forrando o pequeno corpo e capela-mor, tudo numa altura de 16 azulejos de alto. O rodapé é de tipo esponjado, a tons avinhados. No lado direito está a *Descida da Cruz*,⁽¹²⁴⁶⁾ tendo ao centro emblema com instrumento do martírio. No arco triunfal, voltado para a entrada, dois santos, respectivamente *S. MATHEVS* e uma santa,⁽¹²⁴⁷⁾ cuja legenda está cortada.⁽¹²⁴⁸⁾

Na capela-mor o silhar é recortado, com cenas da *Paixão*.⁽¹²⁴⁹⁾ Os painéis são rematados com balaústres. Será trabalho de cerca de 1750.

(1240) No topo surge a *Coroação da Virgem por Cristo, Deus-Pai e o Espírito Santo*. A ladear esta cena encontram-se anjos. (MTV)

(1241) Alusão aos heréticos Arius, fundador do Arianismo, e Donato, fundador do Donatismo, combatido por Santo Agostinho. No lado oposto, a referência a Mathias Flacius, luterano e a Mani, fundador do Maniqueísmo reforçam as ideias expressas por este programa artístico, alicerçado na defesa da ortodoxia cristã e contra as heresias. Paulo Valente, «Painel de azulejos de composição figurativa», in *Arte Sacra no concelho de Estremoz – Santa Maria, Santo André e Evoramonte*, 2008, pp. 72-73. (MTV)

(1242) No registo superior anjos e, ao centro, a Trindade. (MTV)

(1243) A sacristia foi revestida com azulejos de padrão e painéis de albarradas, encontrando-se ainda alguns azulejos de figura avulsa. (MTV)

(1244) Estes azulejos correspondem aos que foram colocados no espaço da Biblioteca Municipal. Aí se encontram silhares de albarradas com meninos e cornucópias de flores, alternando com balaústres, sendo da esfera da oficina dos Oliveira Bernardes. Os painéis referentes a Santo António conheceram uma nova montagem. Num dos silhares observa-se a *Aparição de Cristo e da Virgem a Santo António no seu Leito de Morte e Pregação de Santo António*; no outro, um anjo entrega mensagem a Santo António e, do lado direito, um santo e um monge observam um cortejo fúnebre. Sobre o esquife encontram-se cinco coroas e palmas. (MTV)

(1245) Pequeno templo de planta quadrada sagrado em 1758, com portal de mármore aparelhado, encimado por fogaréus e cúpula bulbosa. ESPANCA, 1975, pp. 187-188. (MTV)

(1246) Ou *Crucificação*. A cercadura possui pilastras com anjinhos e volutas, entablamento com querubins, concheados e grinaldas. Na base, dois anjinhos seguram cartela com concheados, onde se encontram um alicate e um martelo. (MTV)

(1247) Trata-se de São João Evangelista. (MTV)

(1248) A cada lado da entrada encontram-se, ainda, sobre plinto, *S. LUCAS IVENGILITA* e *S. MARCOS EVENGELISTA*. (MTV)

(1249) Do lado do evangelho, a *Virgem e São João Baptista*, com cercadura de concheados, quartelões com motivos vegetalistas, meninos, cartelas e vasos. A cartela superior contém coroa de espinhos e a inferior instrumentos do martírio. Do lado da epístola, encontram-se Maria Madalena e as três santas mulheres. Na cartela superior encontram-se pregos e na inferior o alicate e o martelo. (MTV)

São Francisco, igreja do antigo Convento de ⁽¹²⁵⁰⁾

Na sacristia o silhar é de 9 de alto, sobre rodapé marmoreado roxo. Os painéis são de pintura azul e representam:

- 1) *Santa Isabel da Hungria e o Milagre das Rosas* ⁽¹²⁵¹⁾
- 2) *Peregrino Recebido por São Francisco*
- 3) *Santa Isabel de Portugal Dando Dinheiro a Um Pobre* ⁽¹²⁵²⁾

Na pequena sacristia anexa, os azulejos são de padrão pombalino, vulgares.

Na Capela da Ordem Terceira o silhar é de painéis recortados, com figuração azul, sobre rodapé marmoreado amarelo. Desenho tosco e enquadramento concheado. Os centros figurados representam passos da Vida de São Francisco de Assis:

- 1) *Nascimento* ⁽¹²⁵³⁾ e *Morte de São Francisco*
- 2) *Batismo e Profissão*
- 3) *Estigmatização*
- 4) *São Francisco Segurando Uma Igreja Que Cai.* ⁽¹²⁵⁴⁾

Dois painéis estão tapados por confessionários. ⁽¹²⁵⁵⁾

A Capela dos Henriques tem revestimento lateral, com painéis recortados, azuis, cercadura concheada, tudo numa altura de 2 azulejos. Representam passos da Vida da Virgem. ⁽¹²⁵⁶⁾

EVORAMONTE

Misericórdia, Igreja da

Forro total, tanto da nave como da capela-mor e arco triunfal. Na nave os painéis são azuis, de molduras concheadas, colocados sobre alizar de vasos floridos. O centro figurado representa *Obras de Misericórdia*. Serão de cerca de 1760.

Na capela-mor, forro total, incluindo a abóbada! A iconografia é respeitante à Vida de Judite e a passos marianos. ⁽¹²⁵⁷⁾

⁽¹²⁵⁰⁾ O convento foi fundado no século XIII e nele faleceu, em 1377, o Rei D. Pedro I. No reinado de D. Manuel e no século XVIII foi amplamente reformada. Em 1879-90, a igreja sofreu alterações ao nível das coberturas e, no século XX, foi alvo de restauro por parte da DGEMN. Possui três naves de três tramos, separadas por arcos quebrados, com cobertura de madeira, transepto coberto por abóbada de nervuras. Na cabeceira, capela-mor com retábulo de talha barroca e abóbada de meio canhão com caixotões. ESPANCA, 1975, pp. 111-136. (MTV)

⁽¹²⁵¹⁾ Ou Rainha Santa Isabel. Vide Paulo Valente, «O Milagre das Rosas», *Arte Sacra no Concelho de Estremoz – Santa Maria, Santo André e Evoramonte*, 2008, pp. 68-69. (MTV)

⁽¹²⁵²⁾ Sobre a possível origem, autoria e data destes painéis (cerca de 1750), vide ESPANCA, 1974, p. 176.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹²⁵³⁾ Representa, à direita, *São Francisco Apresentando o Menino nos Braços* e, em segundo plano, o *Presépio de Greccio*. Vide Paulo Valente, «O presépio de Greccio e a morte de São Francisco», *Arte Sacra no Concelho de Estremoz – Santa Maria, Santo André e Evoramonte*, 2008, pp. 70-71. (MTV)

⁽¹²⁵⁴⁾ O painel evoca o legendário sonho do Papa Inocêncio III, representando *São Francisco de Assis Impedindo o Desmoronamento da Basílica de São João de Latrão*. Vide, sobre o assunto: RÉAU, 1955-58, t. III, p. 523.

Data este painel de azulejos, como os outros da Capela da Ordem Terceira de São Francisco, do último quartel do século XVIII. Vide ESPANCA, 1974, p. 176.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹²⁵⁵⁾ Deverão corresponder a dois painéis não referidos: *São Francisco Abraça Outro Santo* (São Domingos?); *Nascimento de São Francisco*. (MTV)

⁽¹²⁵⁶⁾ *Jesus entre as Ciganas* e cartela com o símbolo mariano do poço; painel com *Circuncisão* e *Fuga para o Egípto*, encontrando-se na cartela inferior uma palmeira e na superior um ramo de lírios; painel com *Adoração dos Pastores* e *Adoração dos Reis Magos*, com duas cartelas contendo ramos de rosas; a *Sagrada Família na Oficina de São José*; e, ainda, diversos painéis de anjinhos: anjinho segurando palmeira; anjinho segurando a Lua; anjinho segurando o Sol; anjinho segurando estrela. (MTV)

⁽¹²⁵⁷⁾ A igreja, de reduzida dimensão, foi construída entre os séculos XV-XVI, possuindo nave única com abóbada de nervuras de aresta e capela-mor com retábulo de transição do Joanino para o Rococó.

CONCELHO DE ÉVORA

BOA FÉ

Nossa Senhora da Boa Fé, Igreja Paroquial de ⁽¹²⁵⁸⁾

A nave da igreja encontra-se recamada de azulejos, notando-se a presença de dois tipos diversos, distanciados no tempo em mais de um lustre. O paramento total vai do pavimento até à sanca numa altura de 24 azulejos (cerca de 3,50 m), subdividido em duas zonas por 1 azulejo marmoreado roxo.

Na parte inferior temos o primeiro silhar, de vasos floridos ladeados de pássaros, a que se segue um tapete de padrão azul.

Na parte superior foram dispostos onze painéis, de pintura azul, onde o emolduramento rococó limita cenas marianas e jesuínas. ⁽¹²⁵⁹⁾

Do lado do evangelho:

- 1) *Esponsórios*
- 2) *Anunciação*
- 3) *Nascimento*
- 4) *Apresentação de Nossa Senhora no Templo*

Na parede fundeira, sobre a porta:

- 5) *Matança dos Inocentes*, ladeada pela
- 6) *Coroação* e pela
- 7) *Morte da Virgem*

Na parte da epístola:

- 8) *Adoração dos Magos*
- 9) *Fuga para o Egípto*
- 10) *Circuncisão*
- 11) *Jesus entre os Doutores*

Forrando totalmente o arco triunfal a composição azulejar é ilustrada com os *Quatro Evangelistas*, contidos na ornamentação do último barroco concheado.

Os azulejos do baptistério resultam de aproveitamento, com os quais se enquadrou um painel de pintura azul com a cena do *Baptismo de Cristo* no mesmo estilo e época dos da série da nave e da capela-mor.

No decénio de 1764-65 surgem as primeiras referências à empreitada, que se prolongou até 1768-70. Foi contratada com o azulejador Thomé de Barros, sendo os azulejos provenientes de Lisboa.

Do lado do evangelho, na parede fundeira: *Dar de Beber aos q tem sede*; do lado do evangelho, na nave: *dar Pouzada aos Peregrinos, Remir os Cativos, Insinar os Ignorantes, Rogar a Deus por uiuos e defuntos*; do lado da epístola, na parede fundeira: *Dar de comer a q.m tem fome*; do lado da epístola, na nave: *Consolar os tristes, Uestir os nus; Vezitar os infermos; Sufrer compassiensa as fraquezas do nosso proximo*. Cada painel contém duas cenas, separadas por coluna e cercadura com enrolamentos, concheados e cartela onde se identifica cada cena representada. Na base, encontram-se painéis de albarradas sobre almofadas e esponjado manganês. Na parede fundeira, a porta tem moldura de esponjado manganês e é encimada por estrutura arquitectónica com dois anjos. O revestimento azulejar inclui ainda o intradorso da porta.

Na capela-mor, do lado do evangelho, temos *Ester e o Rei Assuero*; do lado da epístola, *Judite e Holofernes*. Na abóbada, encontram-se a *Anunciação*, *Visitação*, *Fuga para o Egípto* e dois anjos que sustentam uma palma e outro lua, rodeados de querubins. As nervuras da abóbada apresentam azulejos de esponjado manganês, bem como os vãos e outros acidentes arquitectónicos. A decoração policroma com brasão do arco triunfal é já do século XIX.

Vide: CARVALHO, 2007a, Apêndice 1, pp. 171-186; ESPANCA, 1975, pp. 233-235. (MTV)

⁽¹²⁵⁸⁾ A sua origem perde-se nos tempos. A igreja actual data essencialmente dos séculos XVII e XVIII, com excepção do portal manuelino. A fachada possui alpendre e frontão de enrolamento ornamentado. O interior é de nave única com cobertura por abóbada de berço, dois altares e capela-mor com retábulo de talha. ESPANCA, 1966, pp. 358-359. (MTV)

⁽¹²⁵⁹⁾ Atribuídos à escola de Oliveira Bernardes. CÂMARA, 1999, pp. 79-80. (MTV)

A capela-mor conserva um frontal de 7 × 14 azulejos, de pintura azul sobre branco, cantonada por elementos próprios, que estabelecem a ligação com azulejos de padrão azul colocados nas ilhargas. O frontal tem sanefa, mas o pano vai de lado a lado, sem guarnição de sebastos. Ao centro, o emblema da Paixão – cinco chagas – coroa de espinhos e três cravos – e dos lados os símbolos de São Pedro – tiara e chaves – ou de Nossa Senhora – coroa fechada e rosário. É um curioso tipo de frontal, de rara tipologia, e que corresponderá à época dos padrões azuis que cercam a capela-mor.

As paredes desta têm, acima de um silhar de 10 de alto com um padrão azul limitado por duas cercaduras também azuis, novo silhar, agora com 14 azulejos de altura e pintura azul, seguindo a mesma ordenação decorativa dos painéis do corpo da igreja. São quatro quadros, respectivamente com:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Apresentação no Templo*
- 3) *Pentecostes*
- 4) *Assunção*

Cada painel tem farta legenda latina, tirada dos evangelhos.

Sobre as portas laterais, composições emblemáticas referentes a *Nossa Senhora* e a *São Pedro*, respectivamente com as legendas: *Veni coronaberis* e *Tibi dabo claves regni celorum*.

A azulejaria da paroquial da Boa Fé divide-se em dois períodos de colocação: do fim do século XVII ou princípios do XVIII são os azulejos de vasos floridos e padrões azuis, das partes inferiores das paredes da nave e da capela-mor. Foi por esta época que se colocaram os azulejos dos frontais laterais, aproveitando peças anteriores mas que, por serem policromas, melhor ficaram na nova função decorativa. De cerca de 1760 são os painéis historiados, de desenho convencional e fraco, denotando labor de oficina *lisboeta* de segunda ordem.

Na sacristia, sobre o arcaz e circundado de numerosos ex-votos, está um painel de 10 × 10, sem guarnição, representando a cena do *Calvário*, com Nossa Senhora e São Evangelista. Desenho e pintura a azul intenso, denotando trabalho de artífice pouco hábil.

ÉVORA

Avis, n.º 73, Rua de

Silhar de 11 de alto, com cenas de caçadas ao javali, touro, veado, etc. São da primeira metade do século XVIII (cerca de 1720) e talvez de PMP. ⁽¹²⁶⁰⁾

Casa Barabona e Mira – Rua Cinco de Outubro, n.º 79

Os silhares revestem a escadaria, representando cenas de caçadas, com cercaduras recortadas, pontuadas por urnas e grinaldas. Podem datar-se do segundo quartel do século. ⁽¹²⁶¹⁾

Casa dos Morgados de Calça e Pina

Uma das salas contém silhares de azulejos neoclássicos com urnas suportadas por folhagens de acanto e medalhões suspensos por laçarias, com paisagens, tendo ainda grinaldas, festões e plumas. ⁽¹²⁶²⁾

⁽¹²⁶⁰⁾ Com cercadura de enrolamentos vegetalistas com querubins, apresenta-se já muito danificado, devendo ser originário de outro local. Túlio Espanca data-o de 1715. ESPANCA, 1966, p. 284; CÂMARA, 1999, pp. 35-36. (MTV)

⁽¹²⁶¹⁾ ESPANCA, 1966, p. 137; CÂMARA, 1999, pp. 43-44. (MTV)

⁽¹²⁶²⁾ ESPANCA, 1966, p. 192; CÂMARA, 1999, pp. 45-46. (MTV)

Casa nobre – Travessa do Cordovil, n.º 17

A capela-oratório é revestida por painéis datados de 1748 e atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes. Narram episódios da Vida de São Bernardo e de eremitas, possuindo cercaduras contendo anjos, pilastras, grinaldas, flores e frutos. ⁽¹²⁶³⁾

Casa Souto-Maior – Rua de Machede

Silhar de azulejos de albarradas com cestos de flores rodeados por dragões, grifos e serafins. Os azulejos de figura avulsa da escadaria serão de época anterior. ⁽¹²⁶⁴⁾

Cinco de Outubro, Rua de (antiga Rua da Selaria)

Na fachada do prédio que tem os n.ºs 30-32 nicho emoldurado por azulejos de pintura azul e decoração de anjinhos, na parte inferior. ⁽¹²⁶⁵⁾

Na cartela está a data 1755. ⁽¹²⁶⁶⁾

Convento Novo (ou de São José) ⁽¹²⁶⁷⁾

Na igreja, os azulejos forram o primeiro tramo da nave, numa altura de 33 azulejos, representando treze painéis com passos da Vida de São José:

- 1) *Nascimento de São José*
- 2) *Eleição de São José para Esposo da Senhora*
- 3) *Os Desponsórios*
- 4) *Chegada de São José a Nazaré*
- 5) *Visitação*
- 6) *Os Zelos de São José*
- 7) *Os Sonhos de São José*
- 8) *Nascimento de Cristo*
- 9) *Purificação de Nossa Senhora*
- 10) *Fuga para o Egipto*
- 11) *São José achou Jesus entre os Doutores*
- 12) *São José Enfermo Assistido por Jesus e Maria*
- 13) *Transe de São José*

O azulejo é certamente do meado do século XVIII, de desenho medíocre.

Na saleta (antiga capela) silhar de azulejos historiados, do meado do século XVIII.

Os centros representam cenas marianas. ⁽¹²⁶⁸⁾

No claustro, quatro frontais azuis imitando damasco e brasonados, com as armas carmelitas. ⁽¹²⁶⁹⁾ A todos falta a renda, que vemos num outro, um pouco mais longe.

No coro, azulejos de figura avulsa. ⁽¹²⁷⁰⁾

(1263) ESPANCA, 1966, p. 115; CÂMARA, 1999, pp. 39-40. (MTV)

(1264) ESPANCA, 1966, p. 117; CÂMARA, 1999, pp. 41-42. (MTV)

(1265) O nicho, que contém imagem, é dedicado ao Senhor Jesus dos Terramotos. Os querubins e os anjinhos ladeiam o nicho. Um anjinho segura a Lua e outro o vol. V. *Vide* CÂMARA, 1999, p. 98. (MTV)

(1266) *Vide* ESPANCA, 1966, vol. I, p. 136 e vol. II, est. CCLXXXV.

FLÁVIO GONÇALVES

(1267) A igreja foi fundada em 1728, possuindo nave única com abóbada de barrete de clérigo com frescos e falso cruzeiro com cúpula. A talha rococó da capela-mor, capelas laterais e sanefas, é do mestre João Luís Botelho. A nave é marcada por pilastras e arcos de volta perfeita, sendo os azulejos sobrepujados por telas nas paredes laterais. (MTV)

(1268) *Anunciação, Natividade, Visitação, Circuncisão, Adoração dos Pastores, Fuga para o Egipto, Disputa, Assunção, Anjo Apresenta ao Menino Jesus a Tábu dos Dez Mandamentos*, quatro painéis com anjos sustentando símbolos marianos. (MTV)

(1269) São atribuídos a António de Oliveira Bernardes. MECO, 1989, p. 163. (MTV)

(1270) A portaria é revestida com silhar de albarradas e a sala contígua com vasos e balaústres. Também na Sala do Capítulo e num corredor se encontram azulejos de albarradas. Na sacristia o silhar é de albarradas, balaústres e grinaldas. ESPANCA, 1966, pp. 271-275. (MTV)

Espinheiro, Igreja do

Na igreja e sacristia há azulejos de várias épocas.⁽¹²⁷¹⁾ Os mais notáveis são os que foram o silhar da pequena capela lateral (do lado da epístola) – Capela do Senhor Morto – mandada fazer por André de Sande. São azulejos dos princípios do século XVIII, de lindo desenho – especialmente a cercadura – e certamente do mesmo autor dos da capela-mor da matriz do Sardoal.⁽¹²⁷²⁾ O assunto é de paisagens, pintadas em azul desmaiado.⁽¹²⁷³⁾ O rodapé é também de azulejo «marchetado» policromo.

Na capela-mor, em ambas as paredes, há composições de azulejo azul historiado, de desenho medíocre e certamente do século XVIII.⁽¹²⁷⁴⁾

O corpo da igreja e sacristia tem revestimento em painéis de azulejos dos finais do século XVIII, com molduras policromas e centros azuis, no género dos das Mercês e de São Bento de Cástris.

Os da igreja ilustram passos da Vida de São Jerónimo,⁽¹²⁷⁵⁾ e os da sacristia cenas da Vida de Cristo.⁽¹²⁷⁶⁾

Espírito Santo, Igreja do⁽¹²⁷⁷⁾

De cada lado da capela-mor, sobre os painéis seiscentistas, dois frisos com anjos sustentando cartelas de volutas contendo símbolos eucarísticos: cacho de uvas do lado do evangelho e espigas de trigo do lado da epístola. Estas composições inscrevem-se em enquadramento arquitectónico delimitado por pilastras com volutas.⁽¹²⁷⁸⁾

Horta da Porta – Registo

Painel policromo de características neoclássicas. Sobre fundo amarelo com cercadura de grinaldas e sanefas, *São Jerónimo* e *Santo Agostinho* ladeiam Nossa Senhora do Espinheiro, que surge sobre uma árvore. Possui a inscrição: «RUBUM QUEM VIDERAD MOYSES IN COMBUSTUM».⁽¹²⁷⁹⁾

Largo Alexandre Herculano – Registo

Painel figurando *Santa Bárbara* sobre fundo paisagístico, com cartela identificativa na base e cercadura de concheados e volutas terminando com querubim e cruz.⁽¹²⁸⁰⁾

(1271) O Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro foi fundado em 1458. A igreja sofreu diversas modificações, pouco subsistindo da empresa original. A nave é ampla e iluminada, com coro e cobertura de abóbada de berço com estucada, datada de 1801. Possui transepto, altares laterais e colaterais. Vide: BILOU, 2006; CÂMARA, 1999, pp. 83-86; ESPANCA, 1966, pp. 293-308. (MTV)

(1272) Este conjunto da Igreja do Espinheiro está atribuído a Manuel dos Santos. Vide MECO, 1980, pp. 48-51. (MTV)

(1273) Além das paisagens e arquitecturas apresenta episódios da Vida de Jesus. As cercaduras contêm anjos atlantes com cestos de flores à cabeça, apoiados em águias. (MTV)

(1274) Trata-se de painéis de temática mariana atribuídos a Gabriel del Barco. Representam a *Anunciação*, com Deus Pai no cimo, a *Visitação*, o *Nascimento* e *Adoração dos Pastores*, *Apresentação do Menino no Templo*, *Purificação* e *Assunção*, *Coroação* e *Imaculada Conceição*, rodeada de símbolos marianos: a estrela da manhã, o Sol, a porta do céu, a escada do céu, o templo, o espelho e o poço. Junto ao arco triunfal, dipostos em faixas, surgem novamente os símbolos relacionados com a Virgem: o Sol, o espelho, o templo, a Lua, a arca da aliança, a torre, a palma, a oliveira, o lírio, a rosa, a açucena e o cedro. (MTV)

(1275) Atribuídos à Fábrica do Rato e datáveis de cerca de 1780. A parte historiada é de pintura azul e as cercaduras são policromas com cercaduras de pilastras, *putti*, leões e festões, possuindo legendas que identificam as cenas. Encontram-se representados os seguintes episódios: *São Jerónimo Despede-se de seus Pais e Parte para Roma e seu Irmão*, *Acompanha, Batismo de São Jerónimo*, *São Jerónimo Ilustra A Rogo de Santo Agostinho alguns lugares da Escritura*, *São Jerónimo chega a Casa de Seus Pais vindo de Roma*, *São Jerónimo saindo da pátria desembarca nas margens do Reno*, *São Jerónimo faz penitência tentando o a lembrança das Matronas de Roma*, *São Jerónimo tratando no deserto com um venerável monge*. *Plantando a Sementeira do Evangelho*, *São Jerónimo he tentado e engolfado na Lição de Cícero*, *São Jerónimo he castigado por Deos pela leitura dos livros de Cícero*, *S. Jerónimo controverte no argumento o Arriano*. Nas capelas do transepto encontram-se azulejos de factura semelhante. Na Capela da Ressurreição versam sobre a tomada de hábito dos frades, a instrução religiosa, a adoração dos mistérios sagrados, o trabalho e o estudo. Na Capela do Fundador, a relação com a natureza, com o episódio da domesticação do leão por São Jerónimo. (MTV)

(1276) Na sacristia representam episódios da Vida da Virgem: *Anunciação*, *Visitação*, *Presépio*, *Adoração dos Pastores*, *Adoração dos Reis Magos*, *Fuga para o Egípto*. (MTV)

(1277) A igreja jesuítica foi construída para servir o Colégio do Espírito Santo, sendo sagrada em 1574 em cerimónia solene que contou com a participação do Cardeal D. Henrique. É composta por nave única ladeada por capelas laterais intercomunicantes, sobrepujadas por galerias e coberta por abóbada de meio canhão com caixotões. No exterior, a fachada possui alpendre e frontão aberto com luneta. ESPANCA, 1966, pp. 81-88. (MTV)

(1278) Igreja jesuítica de nave única abobadada com capelas laterais intercomunicantes, iluminada por óculos nos topos e pelas janelas das galerias, com galilé. CORREIA, 1993, pp. 112-113. (MTV)

(1279) CÂMARA, 1999, p. 104; ESPANCA, 1966, estampa DLXII. (MTV)

(1280) CÂMARA, 1999, p. 105. (MTV)

Universidade⁽¹²⁸¹⁾

LXXXIII

Esta colecção, preciosa sob mais de um aspecto, necessita ser detalhadamente analisada.⁽¹²⁸²⁾ Podemos dividir os azulejos em duas partes, consoante se destinavam à galeria do claustro ou às salas de aula. Os primeiros são simples, do tipo de vasos e balaústres,⁽¹²⁸³⁾ havendo à entrada da Sala dos Actos figuras de «porteiros».⁽¹²⁸⁴⁾

Os azulejos da entrada são do tipo dos das salas de aula, isto é, silhares historiados. São muito curiosos, representando *cenar e paisagens chinesas*, cujo desenho é incontestavelmente inspirado na louça daquela procedência.

Porque esta colecção o merece, farei a descrição sala por sala, começando pelas que se encontram à direita de quem entra no claustro.

Secretaria e Reitoria: Parece ter sido a aula de Filosofia. Julgo, porém, que a decoração indica ter-se tratado de aula de Geografia.⁽¹²⁸⁵⁾ Estas salas estão dividas, o que provocou a mutilação e alteração de alguns painéis. O silhar está, como aliás em quase todas as aulas, cortado pela bancada que corre ao longo da parede. Na parte inferior encontram-se azulejos esponjados, de coloração azul e avinhada. Os da parte superior do silhar são historiados e datados de 1747. Representam as partes do mundo – EVROPA, AFRICA, ASIA e AMERICA – e os elementos – FOGO, AER, TERRA e AQVA. Há ainda dois painéis onde se lê VER e HIEMS, provavelmente querendo representar o Verão e o Inverno. Estes painéis continuam-se no compartimento junto, onde estão a Primavera e o Outono. São particularmente curiosos os painéis dos Elementos, sobretudo os da «Água», onde se representa uma Tétis sobre as ondas e uma nau. Na sala da Reitoria,⁽¹²⁸⁶⁾ os silhares parecem não ter significação especial, mostrando paisagens do tipo vulgar⁽¹²⁸⁷⁾ e holandês. Na escada está a data 1746.

Sala n.º 12:⁽¹²⁸⁸⁾ Seria a aula da Ciência (?). Os motivos alegóricos dos painéis parecem obedecer a um tema genérico, se bem que não se compreenda perfeitamente qual ele seria.⁽¹²⁸⁹⁾ Assim, num deles, está a legenda: AETER=NITATEM INVES=TIGAT=⁽¹²⁹⁰⁾ e representa uma cena de cavalos. Noutro lê-se: SOLVM SUMMA FERIT,⁽¹²⁹¹⁾ tendo uma figura central representando o Sol criador; noutro parece querer representar-se a criação do mundo, e nele se lê: *Enscreatum et Increatum*; segue-se outro que representa *Hermes Voando*,⁽¹²⁹²⁾ com a legenda: INTER VTRVMQVE VOLAT.⁽¹²⁹³⁾ Por último, representa-se um *Caçador e Um Pégaso, Voando entre Montanhas* e a legenda: CHIMAERAM INSECTATVR.⁽¹²⁹⁴⁾

(1281) O complexo onde hoje se instala a Universidade de Évora iniciou a sua longa história a 1 de Novembro de 1559, data em que se inaugurou solenemente o instituto universitário dirigido pelos Jesuítas. Em 1759, a expulsão da Companhia de Jesus ditou também o encerramento da Universidade, sendo o edifício entregue à 3.ª Ordem da Penitência de São Francisco. Após a extinção das ordens religiosas, foi ocupado por diversos organismos públicos, pelo Liceu de Évora, pela secção masculina da Casa Pia e, já no século XX, pela Escola Industrial e Comercial. Em 1979 foi criada a Universidade de Évora, que veio a ocupar o espaço da sua antecessora. ESPANCA, 1966, pp. 71-81. (MTV)

(1282) Sobre estes azulejos, seus temas e cronologia, vide: RACZYNSKI, 1846, p. 434; SIMÕES, 1945a, pp. 40-46; QUEIROZ, 1948, vol. II, p. 129 (n.º 813); SANTOS, 1957, pp. 109, 132 e 134-135; MENDEIROS, 1959, pp. 63-71; ESPANCA, s.d., n.ºs 41-42, pp. 161-162, 165, 167, 168, 169, 171 e 172; ESPANCA, 1966, vol. I, pp. 73-80; SMITH, 1974a, p. 47, nota 40. FLÁVIO GONÇALVES

Mais recentemente José Filipe Mendeiros, cuja análise e interpretação seguimos: MENDEIROS, 2002. (MTV)

(1283) Azulejos de albaradas encontram-se ainda na entrada do Colégio do Espírito Santo, situada no Largo do Colégio. (MTV)

(1284) Os azulejos das salas de aula são atribuíveis a Valentim de Almeida. MECO, 1989, p. 2 MTV 31.

Sobre as figuras de convite da entrada da Sala dos Actos vide ARRUDA, 1993, pp. 87-88.

(1285) Actual sala 122. (MTV)

(1286) Actual sala 123. (MTV)

(1287) Caçadas, cenas galantes e marítimas. (MTV)

(1288) Sala 121. (MTV)

(1289) José Filipe Mendeiros nomeia esta sala como «Aula da Filosofia Metafísica», dizendo que aborda temática religiosa relacionada com a filosofia de São Tomás de Aquino. MENDEIROS, 2002, pp. 139-148.

(1290) «Investiga a Eternidade». (MTV)

(1291) De acordo com José Filipe Mendeiros, significa que a «Metafísica investiga só as causas supremas das coisas». MENDEIROS, 2002, p. 142. (MTV)

(1292) Voa sobre cavaleiros e possui a legenda «GENIVS METAPHISICVS». (MTV)

(1293) «Pára entre ambos». (MTV)

(1294) Significa a «razão persegue a quimera». (MTV)

Mais interessantes são os dois últimos:⁽¹²⁹⁵⁾ o primeiro representa um curioso laboratório químico⁽¹²⁹⁶⁾ – em parte invisível pela ardósia da classe – e com a legenda QVAERIT= RERVUM= ESSENTIAS=. ⁽¹²⁹⁷⁾ A seguir a este, novo painel com uma *paisagem* e onde se lê: SEMPER ABSTRACTA. ⁽¹²⁹⁸⁾ Por último, o mais interessante de todos, representa uma máquina de fiação, ou provavelmente um torcedor de seda, e tem a legenda: MOTOR MOTVS ET MOBILIA. ⁽¹²⁹⁹⁾

Sala n.º 11:⁽¹³⁰⁰⁾ Teria sido a antiga aula de Física. A disposição dos painéis é semelhante à da sala anterior. Aqui os motivos são relacionados com a Física e, particularmente interessantes, são os que representam o *Martírio de Perseu numa Paisagem Rochosa*, com as legendas «Physica» e «Rimando vivit». Muito notável é o painel que ilustra os *espelhos de Arquimedes*. Outros ainda mostram uma *aula de desenho, as esferas de Magdeburgo* – com a legenda VACVO RESISTIT – e por último *Aristóteles Ensinando*. ⁽¹³⁰¹⁾

Sala n.º 10:⁽¹³⁰²⁾ Seria a aula de Filosofia ou de Retórica. Semelhante às anteriores tem a figuração constituída por filósofos. Os painéis obedecem a legendas, que são: ACADEMIA PLATONIS, com as figuras de «Platos» e «Aristoteles»; AISTOTELES LYCEUM, com «Aristoteles»; SOCRATES PHILOSOPHORVM FONDS onde se mostra *Sócrates Dando Um Livro a Platão*:⁽¹³⁰³⁾ ARISTOTELES ALEXANDRVM INSTITVIT representando *Aristóteles e Alexandre no Trono*; PORTICVS ZENONIS onde figura Zenão e, por último, *Aristóteles Passeando com Platão*.

Sala n.º 9:⁽¹³⁰⁴⁾ Teria sido a de História Antiga. Aqui os painéis são separados, estando um em cada parede e outro de cada lado do púlpito. São todos eles tirados de cenas da *Eneida* e da Vida de Lavínia e de Camila. ⁽¹³⁰⁵⁾

Sala n.º 8:⁽¹³⁰⁶⁾ Talvez a sala de História Sagrada. A iconografia está completa com a História de José do Egito. Estão datados de 1749. ⁽¹³⁰⁷⁾

Sala n.º 7:⁽¹³⁰⁸⁾ Também de História Sagrada. No interior, à entrada, estão dois curiosos «porteiros». Os painéis referem-se a passagens da História de Abraão. A um canto, paisagem com cego numa ponte. ⁽¹³⁰⁹⁾

(1295) A que se juntam um painel com um rapaz a tocar flauta junto a um cão e, sob a cátedra, a figura de um atlante. (MTV)

(1296) Identificado como fábrica de perfumes, vendo-se à esquerda as flores utilizadas na elaboração das essências. (MTV)

(1297) Alusão à metafísica significando «investiga as essências das coisas». MENDEIROS, 2002, p. 141. (MTV)

(1298) Por cima desta inscrição, que um anjo ergue, encontra-se uma ave interpretada como representação da Metafísica. (MTV)

(1299) «motor que move todas as coisas móveis», em alusão a Deus. (MTV)

(1300) Sala 120. (MTV)

(1301) Os restantes painéis representam: a observação da menor densidade dos corpos na água com a legenda «DE NATVRA, ET VIRTUTE TORPEDINIS» («da natureza e da densidade»); utilização do «PULVIS SYMPATHICUS» («pó simpático» com propriedades curativas); experiências de magnetismo com inscrições «DE VIRTUTE MAGNIIS» e «DE VIRTUTE SUCCINI». (MTV)

(1302) Sala 119. (MTV)

(1303) Ainda, uma figura feminina surge entre as nuvens com a inscrição «Philosophia Mundi». (MTV)

(1304) Sala 118. (MTV)

(1305) Episódios da *Eneida* de Virgílio: combate entre Eneias e Turno; o Rei Latino, a sua mulher Amata, a sua filha Lavínia e Turno, o noivo desta; Turno e Eneias; Eneias e a personificação de Tróia durante um sacrifício; combate entre Turno e Eneias: tendo este ficado ferido, é curado por Vénus e mata Turno. (MTV)

(1306) Sala 124. (MTV)

(1307) No primeiro painel junto a um anjo encontra-se a data de 1749. Os painéis seguintes narram toda a história de José do Egito: José conta aos seus irmãos os sonhos prenunciadores de bons auspícios; José é colocado pelos seus irmãos na cisterna; os irmãos contam ao pai que ele morreu; José é vendido como escravo a mercadores árabes; é vendido a Putifar; José a dormir; explica o sonho do Faraó; acusação da mulher de Putifar; é por esta tentado e foge; rapaz com saco às costas junto a um cão; José na prisão; já enquanto primeiro-ministro do faraó supervisiona o aprovisionamento do trigo; recebe os irmãos vindos da Judeia para comprar trigo; reencontro com o pai.

As cercaduras possuem colunas com cartelas contendo o barrete da Companhia de Jesus e cimalhas recortadas com elementos vegetalistas, concheados, «asas de morcego», festões e cabeças de harpias. (MTV)

(1308) Sala 115. (MTV)

(1309) Narram-se diversos episódios do Antigo Testamento: O Profeta Elias é acordado por um anjo de modo a seguir caminho para o monte Horeb; o painel seguinte congrega diversos episódios da Vida de Moisés: à esquerda o episódio da serpente de bronze, ao centro Josué e Caleb com cachos de uvas e à direita o episódio da burra de Balaão; a parábola do Bom Samaritano; o assassinio de Isboeth; o anjo anuncia a Zacarias o nascimento de João Baptista; Moisés e a Sarça Ardente; outro painel com três episódios: à esquerda o episódio do sacrifício de Isaac por Abraão; ao centro o Faraó recebe a família de José, seu primeiro-ministro; à direita Daniel na cova dos leões; por último, Moisés ouve Deus no Sinai. (MTV)

Sala 114: Aula de Geometria e Astronomia. ⁽¹³¹⁰⁾ Diversas cenas em que anjinhos e *putti* se dedicam ao estudo da Geometria e Astronomia. ⁽¹³¹¹⁾

Sala n.º 6: ⁽¹³¹²⁾ Talvez a aula de Poesia (?) ou de Latim. As figurações dos painéis referem-se todas a personagens da Arcádia: «*Melisevs*», «*Tiurus*», «*Corvdum*», «*Thestilis*», «*Nympha*», fazendo uma coroa de louros. Parecem ser tiradas de *Odes* de Horácio. ⁽¹³¹³⁾

Sala n.º 5: ⁽¹³¹⁴⁾ Aula de Literatura Clássica (?). Muito interessantes, os painéis referem-se todos aos géneros literários:

ERVDITIO, ⁽¹³¹⁵⁾ HISTORIA; ⁽¹³¹⁶⁾ SILEN TIUM VOCALE, com a SIMPOLA, HIEROGLIPHICA, EMBLEMATA, AENIGMATA, VEXILLA, STEMMATA, NUMISMATA e ICONES; ⁽¹³¹⁷⁾ THEATRVM VITAE HVMANA onde se representam as várias Artes: ORATORIA, PICTURA, RHETORICA, HISTORIA, POESIS e CHRONOLOGIA; ⁽¹³¹⁸⁾ HISTORIA NATVRALIS; ⁽¹³¹⁹⁾ POESIA ⁽¹³²⁰⁾ e, por último, STILORVM VARITAS com a ELEGIACVS, EPICVS, SATIRICVS, COMICVS, TRAGICVS, DRAMATICVS e LIRICVS. ⁽¹³²¹⁾

Salas n.ºs 3-4: ⁽¹³²²⁾ Não é possível identificar a utilização que teriam tido estas salas. O silhar é dividido em doze painéis, com os *meses do ano*. ⁽¹³²³⁾ São extraordinariamente interessantes, não só pelo conjunto, que é notável, como pela figuração de cada um dos painéis. No painel que ilustra o mês de Janeiro representa-se uma bela cena de Inverno, tipicamente holandesa, fazendo lembrar os pintores paisagistas do século XVII. Nesta paisagem nevada não faltam os patinadores.

(1310) Antiga biblioteca do Liceu, nela funciona actualmente a loja da Fundação Luís de Molina. (MTV)

(1311) Um *putti* elabora uma seta; anjinhos manobram uma máquina que produz o vácuo; anjinhos com instrumentos e formas geométricas; a figura da Ciência desenha figuras geométricas com o compasso na mão, enquanto *putti* manuseiam diversos instrumentos; em primeiro plano *putti* manipulam instrumentos enquanto ao fundo se desenrola um ataque de artilharia; num pequeno painel uma figura sustenta uma esfera à cabeça; cena de batalha figurando um ataque de artilharia dirigido contra uma povoação; dois anjos ladeiam uma esfera armilar, enquanto diversos meninos se dedicam a estudos vários, encontrando-se um deles a utilizar um telescópio; Minerva entronada segura um escudo nacional, enquanto diversas figuras se aplicam em estudos distintos; menino com aparelho óptico junto a esfera armilar. MENDEIROS, 2002, pp. 95-102. (MTV)

(1312) Sala 110. (MTV)

(1313) As cercaduras dos painéis são mais desenvolvidas e monumentais do que as de outras salas, com anjos que sustentam as cartelas onde se inserem as cenas. Junto a eles encontram-se esferas, partituras, instrumentos musicais e livros. No primeiro painel encontram-se Virgílio e Pollion, recentemente nomeado cônsul, com o seu filho Salonino, cujo nascimento Virgílio interpreta como bom augúrio, uma vez que nesse mesmo ano é assinado o Tratado de Paz entre Octávio e Marco António. Este evento é descrito por Virgílio na égloga IV das *Bucólicas*. No painel seguinte representa-se cena da égloga VII, em que os pastores CORYDON e THYRSIS, depois de um desaguizado, competem pelo prémio de melhor cantor a atribuir por DAPHNIS. De seguida, também os pastores DANETA e MENALCAS competem pelo lugar de melhor cantor, a decidir por PALEMÓN, episódio narrado na égloga III. Noutro painel, Virgílio encontra-se a ensinar os pastores EGIE, SILENO, MNASYL e CHROMIS. No quinto painel, entre uma fonte onde bebem animais e o trabalho dos ceifeiros, encontram-se as personagens «ALEXIE», «CORYDON», «THESTIIS» e «NIMPHA». «MELISEVS», representando Virgílio, despede-se de «TIIVRS» ao serem ocupadas as suas terras, dirigindo-se para Roma de modo a obter a sua devolução. MENDEIROS, 2002, pp. 79-83. (MTV)

(1314) Sala 107. (MTV)

(1315) A figura da Erudição segura um livro com a inscrição «ERVTA PROCIS» e uma pena. Junto a ela, encontram-se jovens numa biblioteca. (MTV)

(1316) Ao centro, no ar, a Fama toca uma trombeta e relata eventos passados ao eremita, que tem a legenda «FACTA REFERT» («relata os factos»). À direita, a figura da História encontra-se junto a um grupo de figuras sentadas a uma mesa com um livro, pronta para escrever. Tradução e interpretação de MENDEIROS, 2002, p. 72. (MTV)

(1317) Numa paisagem grupos de homens erguem estátuas e seguram bandeiras. Em cima o título da cena «SILENTIVM VOCALE» («silêncio vocal»). Em baixo, a legenda significando «Símbolos, Hieróglifos, Emblemas, Enigmas, Bandeiras, Brasões, Moedas, Imagens». MENDEIROS, 2002, pp. 71-72. (MTV)

(1318) Sobre as figuras, do lado esquerdo, a inscrição «TRIVNPHI VICTORIAE PRAELIA DEBELLATIONES» (Triunfos, Vitórias, Combates, Dominações) e do lado direito «NAVIGATINES AMORES DANETA e MENALCAS competem pelo lugar de melhor cantor, a decidir por PALEMÓN, episódio narrado na égloga III. Noutro painel, Virgílio encontra-se a ensinar os pastores EGIE, SILENO, MNASYL e CHROMIS. No quinto painel, entre uma fonte onde bebem animais e o trabalho dos ceifeiros, encontram-se as personagens «ALEXIE», «CORYDON», «THESTIIS» e «NIMPHA». «MELISEVS», representando Virgílio, despede-se de «TIIVRS» ao serem ocupadas as suas terras, dirigindo-se para Roma de modo a obter a sua devolução. MENDEIROS, 2002, pp. 79-83. (MTV)

(1319) Sob a filactera contendo a inscrição «HISTORIA NATURALIS», um livro aberto em meio de nuvens rodeado de anjos paira no céu. Uma das personagens aponta para ele com filactera dizendo «AVTHOREM COMMENDATAEPVS». (MTV)

(1320) Apolo toca harpa acompanhado de musas, enquanto do lado esquerdo voa Pégaso, «símbolo da Imaginação Criadora». Ao pé da jovem que escreve do lado direito, um anjo sustenta escudo com a inscrição «QUAE COMMISCVITO VTILE DVLCI» (coisas que depressa transmitidas juntam o útil ao agradável). Tradução e interpretação de MENDEIROS, 2002, p. 71. (MTV)

(1321) Todas são acompanhadas de inscrições, respectivamente: «SICFATVR LACRIM: ANS», «HEROAS CELEBRO», «INSEQVITVR STVR STILOACVLEATO», «GRAMATICVS» e «TRAGICVS», «SIMELIRICIS VAHBVS INSERAM FERIAM SIDERA SERVICE».

Nesta sala encontra-se mais um pequeno painel mostrando um rapaz derrubado por um bode enquanto outro parece bater no animal. (MTV)

(1322) Sala 106. (MTV)

(1323) Cada painel contém cartela com o nome do mês a que se refere, sendo acompanhado do signo do Zodíaco correspondente. (MTV)

Seguem-se os seguintes meses:

Fevereiro: com cena de Carnaval, muito interessante

Março: trabalhos campestres

Abril: plantio de árvores ⁽¹³²⁴⁾

Maio: paisagem ⁽¹³²⁵⁾ *e cenas de jardinagem*

Junho: nadadores

Julho: trabalho de searas

Agosto: colheitas várias e muito interessantes iconograficamente

Setembro: trabalhos de campo não identificáveis

Outubro: vindima e um carro com uvas

Novembro: rachadores de lenha

Dezembro: matança do porco ⁽¹³²⁶⁾

Do estudo desta colecção podem de facto tirar-se muitos ensinamentos, principalmente quanto às fontes de inspiração dos artistas azulejadores. Aqui é nítida a influência holandesa, a qual pode ser explicada pela cópia de gravuras ou, menos provavelmente, que esses azulejos tenham vindo da própria Holanda.

Sala n.º 2: ⁽¹³²⁷⁾ Representam-se cenas de caçadas, sem qualquer figuração especial.

Sala n.º 1: ⁽¹³²⁸⁾ Cenas pastoris anódinas. Sob o púlpito está a data 1744.

Sala dos Professores: ⁽¹³²⁹⁾ Cenas de caçadas e paisagens sem qualquer significação.

Esta preciosa colecção presta-se a várias considerações, umas que se prendem à parte puramente iconográfica, outras com a parte artística. Esta não é uniforme em todos os painéis, se bem que haja unidade oficial, a qual se nota principalmente nos tipos de cercaduras. Não há dúvida que as decorações eram intencionais e «didácticas», correspondendo provavelmente cada sala à sua disciplina. As salas n.º 1, n.º 2 e dos Professores talvez se destinassem às primeiras classes de generalidades, só se começando de facto a definir a intenção didáctica a partir da sala n.º 3 – a do Calendário – e esta mesmo bastante duvidosa.

Os painéis são todos azuis e os azulejos de uma mesma medida (13,5 mm).

Segundo o Padre Francisco da Fonseca ⁽¹³³⁰⁾ as aulas eram: oito de Latim, quatro de Filosofia, duas de Teologia, casas do prefeito e matrícula. As escolas de ler e escrever tinham as portas fora do pátio. Corsini ⁽¹³³¹⁾ diz que eram dezoito as escolas e Magalotti ⁽¹³³²⁾ acrescenta que a igreja é «cosa ordinarissima» e que sobre o sepulcro do Cardeal Infante estava um *São Jerónimo*, que se dizia ser de Miguel Ângelo. Na Universidade há três cátedras de Filosofia, duas de Retórica, oito de Gramática e uma de Ler e Escrever. ⁽¹³³³⁾

(1324) E trabalhos de jardinagem num jardim à francesa. (MTV)

(1325) Lago e passeio de barco com castelo em fundo. (MTV)

(1326) Vêem-se peças de carne, uma vaca presa e um homem corta lenha. (MTV)

(1327) Sala 105. (MTV)

(1328) Sala 103. (MTV)

(1329) Sala 104. Contém ainda cenas marítimas e uma cena bélica. (MTV)

(1330) Padre Francisco da Fonseca, *Évora gloriosa*, Roma 1728, *apud* BARBOSA, 1858, vol. II, p. 322.

(1331) In *Viaje de Cosme de Médicis a España y Portugal*, edição Sanchez Rivero, p. 255, n.º 1. As palavras referem-se à Universidade em 1669.

(1332) Texto oficial de Lorenzo Magalotti.

(1333) No Octógono «Centro do Mundo», junto à entrada da biblioteca, cada uma das paredes encontra-se revestida de azulejos referentes aos elementos, identificados nas cimalhas muito desenvolvidas: «AR» figurando Juno; «FOGO» representado por Júpiter; «TERRA» com a figura de Cibele, «AGOA» com Neptuno e, ainda, um painel com uma fonte de onde emergem dois tritões. São atribuíveis a Nicolau de Freitas. MECO, 1989, p. 233.

Num dos corredores adjacentes, a Capela de Nossa Senhora da Conceição alberga mais dois painéis. Do lado do evangelho, Judite com a cabeça de Holofernes, contendo a cartela superior a inscrição: «TV GLORIA. TV LAETITIA ISRAEL C. 15» («Tu a glória, Tu a alegria de Israel», Jdt. 15, 10) e na cartela inferior «CONFIRMA ME DEVS I HAC HORA. Judith C. 13» («Senhor, dai-me força neste momento», Jdt. 13, 9). Lateralmente anjos apresentam cartelas com as inscrições «STVPENTES MIRATI SVNT NIMIS. C. 10» e «NON EST TALIS MVLIER II ASPECTV C. 11». Do lado da epístola, Ester e o seu marido o Rei Assuero, vendo-se ao longe o cadáver do primeiro-ministro Haman, que procurara matar os judeus da Pérsia. A cartela superior possui a inscrição: «ERAT ENIM FORMOSA VALDE ESTHER C. 2» («Era muito formosa») e a inferior «POSVIT DIADEMA REGNI IN CAPIT EIVS. C. 2» («O Rei colocou sobre a sua cabeça o diadema real», Est. 2, 17). Nas cartelas laterais encontram-se as inscrições: «MALUM QUOD COGITAUERAT IN CAPUL GUS. C. 9» e «REGNIS IRA QUIEVIT C. 7».

Lóios, igreja do antigo Convento dos ⁽¹³³⁴⁾

São os azulejos que valorizam extraordinariamente esta igreja. O corpo é inteiramente forrado com grandes painéis, limitados pelos pilares manuelinos. São referentes a passos da Vida de Lourenço Justiniano ⁽¹³³⁵⁾ (fundador da Ordem de São João Evangelista, vulgarmente conhecida pelos «Lóios») e num dos painéis – o último da iconografia – vê-se a data e assinatura do autor:

Antonius ab Oliva fecit 1711. ⁽¹³³⁶⁾

As composições são notabilíssimas e estão perfeitamente preservadas. A perfeição relativa do desenho, o arranjo das arquitecturas e perspectivas, denotam a mão do mestre, e podem considerar-se os exemplares capitais para o estudo do trabalho de Oliveira Bernardes.

Num compartimento junto à secretaria (pequeno Museu) foi colocado um painel de azulejos que veio da Quinta de Pedrouços. É recortado, de 15 (+ cruz) × 10 azulejos. cercadura concheada policroma e centro figurado azul, com *São Francisco de Assis e São Marçal*, ⁽¹³³⁷⁾ ladeando o Crucificado. Na parte inferior, cartela com o cronograma: ANNO DE 1754.

Mercês, antiga Igreja das

O corpo da igreja tem um belo silhar de azulejos, de cercadura policroma e centros figurados azuis, do mesmo género e oficina dos da Igreja do Espinheiro e de São Bento de Cástris.

No *Guia de Portugal* diz-se que estão datados de 1773 (Vol. II, p. 77), data que não consigo ver. É possível, se bem que me parecesse mais natural uma época um pouco mais tardia – cerca de 1785. Aceito no entanto aquela data como boa.

São notáveis certos emolduramentos de portas, com azulejos de belo efeito ornamental. Na sacristia, que é sob o altar-mor, também há azulejos azuis característicos, e que podem ser coevos dos anteriores. ⁽¹³³⁸⁾

Na reitoria, antigo Noviciado da Companhia de Jesus, encontram-se nos corredores silhares de padrão destacando-se dois painéis, um deles com uma cartela rodeada de anjos, com volutas, festões, elementos vegetalistas e coroada por uma cabeça, encerra uma igreja e a inscrição «BEATI QVI HABITANT IN DOMO TVA DOMINE. S. 83 [«Felizes os que habitam em Vossa Casa», Sl. 84 (83), 5]. O outro possui na base a data de 1745, colunas com anjos encimadas por turibulos fumegantes, rematado por um par de anjos sustentando a inscrição «ARCTA VIA EST QVAE DVCIT AD VITAM. Math. 7» («Quão apertado é o caminho que conduz à vida», Mt. 7, 14). A cartela central contém uma montanha escarpada encimada por uma luz. (MTV)

⁽¹³³⁴⁾ O Convento da Congregação de Santo Elói, propriedade da Casa de Cadaval, foi fundado em 1485 por D. Rodrigo Afonso de Melo, guardamora de D. Afonso V, 1.º Conde de Olivença e 1.º Governador de Tânger, sendo a igreja inaugurada em 1491. A igreja possui nave de cinco tramos coberta por abóbada ogival de arestas nervuradas. A capela-mor, de três tramos, possui abóbada de cruzaria de ogivas e retábulo de talha. (MTV)

⁽¹³³⁵⁾ O registo inferior é composto por balaústres com *putti* transportando cestos de flores à cabeça; no registo intermédio encontram-se os episódios da vida do santo e no remate janelas em *trompe-l'oeil* pontuadas por meninos com cestos de flores à cabeça, enquadrados por festões de flores. Por cima destes, a águia de asas abertas, símbolo da ordem. No arco triunfal, cercaduras de acanto, festões de flores e anjinhos, que partem do óculo. O registo inferior é composto por azulejaria da Fábrica Viúva Lamego. ESPANCA, 1966, pp. 53-65; CÂMARA, 1999, pp. 47-49. (MTV)

⁽¹³³⁶⁾ Vide: ALMEIDA, 1921, pp. 191 e 204; BNL, 1927, p. 65 (texto de Reynaldo dos Santos); CARDOSO, 1936, p. 18; CORREIA, 1917, pp. 201 e 202; ESPANCA, 1961, p. 133; ESPANCA, 1966, vol. I, p. 56; PEREIRA, 1886-96, pp. 11-12 e 13 (2.ª ed. de 1947, vol. I, pp. 92 e 94); QUEIROZ, 1907, p. 255 (ou 1948, vol. I, p. 279); RACZYNSKI, 1846, p. 434; RODRIGUES, 1875, p. 67; SANTOS, 1957, pp. 115 e 116; SIMÕES, 1962a, p. 5; SIMÕES, 1945a, p. 34; SMITH, 1968d, p. 233; VASCONCELOS, 1883-89, vol. III, n.º 2, p. 77 e vol. III, n.º 5, p. 221; VITERBO, 1903, p. 118. FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹³³⁷⁾ Ou Santo Agostinho. CÂMARA, 1999, p. 102; ESPANCA, 1966, p. 64. (MTV)

⁽¹³³⁸⁾ Os religiosos da Ordem de Santo Agostinho instalaram-se no local em 1670, inaugurando-se a igreja em 1698. A fachada é simples, com quatro janelas e pilastras, encimada por frontão de enrolamento com volutas. No interior, o cruzeiro é coberto por cúpula e a nave, bem como a profunda capela-mor, por abóbada de berço, destacando-se a talha rococó do retábulo do altar-mor e dos arcos do transepto.

Na nave e transepto ilustram-se episódios da Vida da Virgem: *Nascimento, Apresentação, Casamento* (epístola), *Adoração dos Pastores, Visitação e Anunciação* (evangelho). Estes painéis, de feição neoclássica, conjugam-se com outros mais pequenos contendo símbolos marianos inseridos em medalhões presos por fitas sobre estrutura arquitectónica e silhares decorativos com medalhões com paisagens, que integram as portas e confessionário. Noutros painéis, no transepto, encontram-se São José, Nossa Senhora da Conceição e Santa Rita de Cássia. Na capela-mor encontram-se episódios da Vida de Santo Agostinho com cercaduras rococó, um pouco anteriores aos restantes. A sacristia encerra azulejos atribuídos à oficina de Oliveira Bernardes, datados de cerca de 1730, com episódios da Paixão de Cristo: *Jesus no Horto, Cristo perante Pilatos e Flagelação*. As cercaduras comportam enrolamentos, volutas, anjinhos, cabeças de leão e aves.

ESPANCA, 1966, pp. 132-136; CÂMARA, 1999, pp. 53-55. (MTV)

Misericórdia, Igreja e Hospital da

A igreja é toda circundada de um alto silhar de azulejos, constituído por 35 de alto. Os painéis, historiados, estão datados sobre a porta de 1716.⁽¹³³⁹⁾

São notáveis pela representação, desenho, movimento de figuras e arquitecturas; os tons claros e escuros são bem doseados.

A parte inferior dos painéis é de decoração pré-barroca, e os painéis são referentes a passos do *Novo Testamento*:

- 1) *Ceia (Lava-Pés)*
- 2) *Sermão na Sinagoga*
- 3) *Sermão na Montanha*
- 4) *Ressurreição de Lázaro*
- 5) *Expulsão do Templo*
- 6) *Sermão da Ceia*⁽¹³⁴⁰⁾

Foram estes azulejos feitos por Manuel Borges.⁽¹³⁴¹⁾

LXXXV

(1339) Sobre estes azulejos e a sua data, *vide*: ALMEIDA, 1921, pp. 201 e 204 (nota); BNL, 1927, vol. II, p. 76; ESPANCA, 1958, p. 121; ESPANCA, 1966, vol. I, p. 173; VASCONCELOS, 1883-84, pp. 78-79; QUEIROZ, 1907, p. 256 (ou 2.ª ed. de 1948, vol. I, p. 279); CORREIA, 1918b, pp. 173-174; SIMÕES, 1945a, pp. 35 e 36; SANTOS, 1957, pp. 118-120 e 124; PEREIRA, 1886-96, p. 14 (ou 2.ª ed. de 1947, vol. I, pp. 94 e 95); VITERBO, 1903, p. 38.

FLÁVIO GONÇALVES

(1340) A construção da igreja iniciou-se em 1554 e, após interrupção das obras, terá sido concluída na década de 1590. Igreja maneirista com fachada simples com pórtico rococó e frontão triangular, interior de nave única e a cobertura por abóbada de berço. A campanha barroca incluiu azulejos, talha e pintura.

Estes episódios do Novo Testamento relacionam-se com as obras espirituais da Misericórdia. Os episódios são os seguintes:

Nave, lado do evangelho: Castigar os que erram, representando a *Expulsão dos Vendilhões do Templo*, com a inscrição «ET CVM FECISSET QVAZI / FLAGELVM OMNES / IEICIT DE TEMPLO Joan 2 v.º 14»; nas cartelas do rodapé, surgem arbustos, representando roupa, que se referem à obra «vestir os nus», com as inscrições «EGENOS VESTIT» e «SVA PERDIS PENDIS... NDI AVE»; duas árvores com trepadeiras e um homem com a inscrição «INNVPITAS IN MATRIMONIVM COLLOCAT NEPERICHITENTVR» (casa as solteiras para não estarem em perigo); «CADANT NE FORTE MARITAT» (casa-as para que não caiam).

Consolar os tristes e os desconsolados, representando a *Ressurreição de Lázaro*, com a inscrição «RESVRGIT FRATES SWS Joan II v.º 21»; nas cartelas do rodapé, aves em torno de árvore, aludindo à hospitalidade, com as inscrições «VAGOS HOSPITIO EXCIPIT» (recebe os vagabundos como hóspedes) e «HOSPITA CVNTOS EXCIPIT ERRANTES» (acolhe com hospitalidade todos os viajantes ou perdidos no caminho); romã sobre um monte, com as inscrições «MISERICORS IN OMNES» (misericordioso para todos) e «NULLI SVA MVNERA CLAVDIT» (a ninguém nega os seus préstimos). Ensinar os ignorantes, com a inscrição SIC ERGO VOS ORABITIS / PATER NOSTER QVI EST IN CAE / LIS Math 6 v.º 9; na cartela do rodapé: homem em jardim e inscrições «CHARITATEM ERGA INFIRMOS EXERCET» (exerce a caridade com os enfermos) e «VIRE LANGVENTIBVS ADDIT» (fortalece os débeis).

Capela-mor, lado do evangelho: dar bom conselho a quem o pede, acompanhado da inscrição «VADE VENDE QUAE HABES / ET DA PAVPERIBUS Math 19vº 21».

Nave, lado da epístola: perdoar as ofensas, representando a pecadora arrependida a lavar os pés de Cristo, com a inscrição «REMITVNTVR TIBI PECCATA», na cartela, um sol e uma estrela, com as inscrições «PAVPERVM FVNTERA OBIT» (encarrega-se dos funerais dos pobres) e «FVNTERAT EXTINGVTVM HIS FACIBVS» (enterra-o com tochas ou luzes), sofrer as injúrias com paciência e as palavras «SCANDILISABANT / IN ILLO ET DICEBAT / LLIS IESUS NON / EST PROPHETA / SINE HONORE NISE / IN PÁTRIA SVA S. Marc 6 v. 4» (um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa).

Orar a Deus por vivos e defuntos, representando a oração de Cristo após a Última Ceia e não a ressurreição de Lázaro, como indicado no versículo da legenda: «PATER SANCTE SERVA E OS QVOS DEDISTI MIHI / VOLO VT VIDEANT CLARITATEM MEAM Joanes XI vº 11 et 24» (Pai, quero que onde Eu estiver estejam também aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória...).

No supedâneo da capela-mor encontram-se quatro cartelas: boticário e inscrições «FVNCTIONES MISERICORDIA» (deveres da Misericórdia) e «CAVSAS MILLE SALVTIS HASET» (tem mil maneiras de curar); mão saída de nuvem rega uma planta, com as inscrições «... CIRE DETENTOS E OSINIS FOVET» (promove socorrer os detidos com esmolas) e «CLAVSIS ALIMEN... MINISTRAT» (alimenta os detidos); árvore podada com as frases «EXPOSITOS NVTRIT» (alimenta os expostos ou abandonados) e «FAETVS ALIENOS SVMIT ALENDOS» (encarrega-se de alimentar os filhos dos outros); palmeira derrubada com as palavras «LANGVIDOS IN XENODOCHIVM BAIVLAT» (em seus braços leva os doentes ao hospital), «HOC VILI PONDERE CRESCIT» (engorda-o com o seu pouco peso).

Sob o coro, composição arquitectónica com santos eremitas. Do lado do evangelho, São Paulo e Santo Antão; em cartela superior, um lírio e a inscrição «con[sid]erate lília agri» (olhai como crescem os lírios do campo); do lado da epístola, Santa Maria Egípcíaca e Santa Taís; na cartela esquife, com as palavras «et uos estote parati» (estai preparados).

Os painéis da parede fundeira são posteriores, apresentando estrutura arquitectónica de arcadas com urnas funerárias e inscrições. Do lado do evangelho: «BEATI MISERICORDES QVONIAM IPSI MISERICORDIAM COMCEQVENTVR Math 5» (Felizes os misericordiosos, porque alcançarão a misericórdia; do lado da epístola: «BEATI QVI INTELLIGIT SVPER EGENVM ET PAVPEREM IN DIE MALA LIDERABIT EVM DOMINVS Psal 40» (feliz daquele que cuida do pobre; no dia da desgraça, o Senhor o salvará).

Na Capela do Santo Cristo, Anjo Custódio do Reino, com escudo.

CARVALHO, 2007a, Anexo 1, pp. 25-52; MANGUCCI, 2002; MANGUCCI, 2008, pp. 3-18; MENDEIROS, 2000; ESPANCA, 1984, pp. 114-115; ESPANCA, 1966, pp. 172-176; CÂMARA, 1999, pp. 58-60. (MTV)

(1341) A pp. 35-36 do estudo de Santos Simões – *Alguns Azulejos de Évora*, o Autor escreve: «...Os magníficos azulejos da Igreja da Misericórdia andam intimamente ligados ao nome de Manuel Borges e estão datados de 1716. Torna-se necessário esclarecer de uma vez para sempre a actuação

No Hospital, à entrada, sobre a porta, registo de azulejos policromos. No interior – corredor – silhar de azulejos azuis, de padrão simples e um tanto tosco, datado de 1726.⁽¹³⁴²⁾ Noutros locais do edifício há azulejos de desenho avulso, vulgares.⁽¹³⁴³⁾

Museu de Évora

A colecção do Museu integra três painéis de azulejos setecentistas:

- Painel com representação de *São Francisco Ajoelhado em Frente à Virgem com o Menino*, incompleto;
- Extenso painel horizontal, com paisagens onde passeiam várias personagens;
- Painel de albarrada composto por 24 azulejos.⁽¹³⁴⁴⁾

Nossa Senhora da Cabeça, Capela de⁽¹³⁴⁵⁾

No frontão existe um registo de azulejos azuis, datado de MDCCXXXVI.⁽¹³⁴⁶⁾

LXXXV

No interior encontram-se belíssimos azulejos, sendo os do corpo de padrão. A capela-mor é separada do resto da capela por um arco triunfal, inteiramente forrado de azulejos azuis, no género dos da Capela da Piedade, de Colares. De cada lado da capela-mor encontram-se painéis de grande valor, estando o do lado da epístola assinado:

Ant.^o de oliu^{ra} B^{des} o fes

Representam os *Desponsórios* e o *Nascimento da Virgem*.⁽¹³⁴⁷⁾ Estes azulejos nada têm que ver com os do frontão, datados de 1736. Já por estarem assinados por António de Oliveira Bernardes, já pela própria ornamentação peculiar, podem datar-se de época entre 1710 e 1715.⁽¹³⁴⁸⁾

do ladrilhador Manuel Borges de forma a evitar uma lamentável confusão que dá este “mestre” como autor das maravilhosas composições. Manuel Borges, mestre ladrilhador ou, como hoje diríamos, empreiteiro de colocação de azulejos, foi de facto, o artífice que contractou o revestimento do silhar da Igreja da Misericórdia em 1716; não foi porém “pintor de azulejo” e a autoria do revestimento desta igreja deve ser antes atribuída a António de Oliveira Bernardes, o mais categorizado pintor de azulejos do seu tempo. Foi Gabriel Pereira quem, ao encontrar o contrato para o revestimento da igreja revelou o nome de Manuel Borges, não tendo então diferenciado a sua profissão de “azulejador” da de “pintor”. Na sua esteira outros seguiram e assim tomou vulto a atribuição de azulejos a este empreiteiro havendo quem chegasse a afirmar que ele assinara os painéis!

Foi mais uma vez o saudoso e grande mestre Virgílio Correia quem revelou a verdadeira actuação de Manuel Borges em várias igrejas, nomeadamente nesta da Misericórdia de Évora e, bem assim, na dos Lóios, apesar desta revelação, continua a confundir-se o mestre ladrilhador com o verdadeiro pintor dos azulejos.

Não se torna necessário avolumar argumentos para atribuir a paternidade artística dos painéis da igreja da Misericórdia a António de Oliveira Bernardes, de tal forma é aparente a presença do célebre criador dos Lóios e da Capela de Nossa Senhora da Cabeça. A própria ligação do nome de Manuel Borges esclarece eficazmente que se trata de trabalho de Oliveira Bernardes, pintor a quem aquele recorrer quando das encomendas dos Lóios, da Igreja da Nazaré, Misericórdia de Viana, e talvez outras mais.

A data que se encontra sobre uma porta – 1716 – permite igualmente a atribuição pois que dessa data e ainda do ano seguinte conhecemos trabalhos publicados pelo mestre...» FCG

As cartelas do embasamento contendo os emblemas das «Acções de Misericórdia» foram realizadas por Teotónio dos Santos. Sob o coro, os painéis com santos eremitas serão da autoria de Policarpo de Oliveira Bernardes. (MTV)

(1342) Vide: SIMÕES, 1945a, p. 30; SANTOS, 1957, p. 155.

FLÁVIO GONÇALVES

(1343) No patamar das escadas de acesso ao piso dois foi colocado um pequeno painel com um boticário segurando um almofariz junto a um armário com recipientes, inserido em cartela com volutas e grinaldas, com as inscrições «FUNCTIONES MIZERICORDIA» e «CAVSAS MILLE SALVTIS HAVSE». Este painel é semelhante a outro que se encontra na Igreja da Misericórdia. (MTV)

(1344) CÂMARA, 1999, pp. 109-111. (MTV)

(1345) Ermida de pequenas dimensões e planta quadrada, edificada por iniciativa de Luís Rodrigues, guarda da Universidade e do irlandês João Vardom, colegial da Purificação, sendo sagrada em 1681. ESPANCA, 1966, pp. 94-95. (MTV)

(1346) Contém cartela representando *A Coroação da Virgem*, sustentada por anjos. Está atribuído a Policarpo de Oliveira Bernardes. CÂMARA, 1999, p. 103. (MTV)

(1347) O arco é preenchido com enrolamentos de acanto. No tímpano, anjos seguram grinaldas e, ao centro, duas figuras híbridas ladeiam cartela com o poço, símbolo mariano, e a inscrição «DULCIS AMARI».

Por baixo das cenas figurativas da capela-mor encontram-se cartelas com a Lua e o Sol inseridos em paisagens, ladeadas por anjinhos. No arranque da abóbada, as cartelas contêm emblemas: paisagem com animal híbrido e inscrição «ODORE FVGAT SVO», paisagem com árvore e pássaros e inscrição «SPECIE ET PVLCRITVDINE», paisagem com girassol e Sol e inscrição «HOC LVMINE VIVO»; paisagem com flor e inscrição «PRAEZIDIO ET DECORE». ESPANCA, 1966, p. 94; CÂMARA, 1999, pp. 50-52. As cercaduras contêm cornucópias e medalhões com o Sol e a Lua. (MTV)

(1348) Sobre estes azulejos, e a confusão que tem sido feita entre a sua legenda e a data de 1736, vide: ALMEIDA, 1921, p. 204 (nota); BNL, 1927, vol. II, p. 76; CORREIA, 1917, p. 201; CORREIA, 1918b, p. 64; ESPANCA, 1966, vol. I, p. 94; VASCONCELOS, 1883, pp. 78-79; QUEIROZ, 1907, p. 256 (ou 2.ª ed. de 1948, vol. I, pp. 280-281); CORREIA, 1918b, pp. 173-174; SIMÕES, 1945a, pp. 34-35; SANTOS, 1957, pp. 115-116 e 124-155; PEREIRA, 1886-96, pp. 14 e 22 (ou 2.ª ed. de 1947, vol. I, pp. 94 e 103-104); VASCONCELOS, 1883-84, vol. III, n.º 2, p. 81; VITERBO, 1903, p. 118. FLÁVIO GONÇALVES

Nossa Senhora das Brotas, antiga Capela de

O pouco que se vê faz-nos deduzir que a capela teve revestimento completo, constituído por grandes painéis de azulejos, com a iconografia mariana.⁽¹³⁴⁹⁾

Nossa Senhora dos Remédios, antigo Convento de

A p. 29 do estudo – *Alguns Azulejos de Évora* – Santos Simões escreve: «... na sacristia da antiga Igreja dos Remédios e na própria igreja fomos ver azulejos de “estrelinhas”, de figuras e flores e feição um tanto arcaica, os quais igualmente supomos bastante recuados no século XVIII. Notável é a semelhança entre as cercaduras destes dois pequenos painéis, elemento comum e que claramente prova a identidade cronológica.»⁽¹³⁵⁰⁾

Rua do Imaginário – Registo

Painel azul e branco de grandes dimensões apresentando *Nossa Senhora da Conceição*, rodeada de anjinhos e querubins, datado de cerca de 1760. A cercadura recortada possui concheados e elementos vegetalistas.⁽¹³⁵¹⁾

Rua do Conde da Serra da Tourega – Registo

Pequeno registo de formato quadrangular, rodeado de moldura de estuque. De pintura azul, representa *São Francisco de Borja* e possui a data de 1749.⁽¹³⁵²⁾

Rua Gabriel Victor do Monte Pereira, n.º 40 – Registo

Registo azul e branco com cercadura de concheados, representa o *Milagre de Nossa Senhora das Brotas*.⁽¹³⁵³⁾

Rua da Mostardeira – Registo

Painel policromo de características neoclássicas, representa *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, com cercadura formada por enrolamentos em corda sobre fundo amarelo.⁽¹³⁵⁴⁾

Rua das Alcaçarias – Registo

Painel azul e branco representando *Santo António*, do início do rococó. Encontra-se num nicho com ornatos barrocos de alvenaria cronografado com a data de 1752.⁽¹³⁵⁵⁾

Santa Clara, Igreja e Convento de

No convento encontrei um silhar do tipo «vasos e golfinhos», com cercadura de folhas de acanto, em volutas, dos princípios do século XVIII.

Santa Helena do Monte Calvário, Convento de

No refeitório encontram-se silhares de *albarradas* e figura avulsa. A antiga via sacra era composta por azulejos azuis e brancos recortados, que se encontra no claustro e nas paredes externas da capela da cerca.⁽¹³⁵⁶⁾

(1349) Eram azulejos de 1743. Vide: PEREIRA, 1886-96, p. 15 (ou 2.ª ed. de 1947, vol. I, p. 95); CORREIA, 1915, pp. 177-178, CORREIA, 1922, p. 33 ou CORREIA, 1956, p. 32. FLÁVIO GONÇALVES

Na fachada permanece registo azul e branco com cercaduras de concheados rematadas por cruz, figurando o *Milagre de Nossa Senhora das Brotas* com inscrição «S.R.A DAS. BROTAS». (MTV)

(1350) Também no claustro se encontram azulejos de figura avulsa. CÂMARA, 1999, pp. 89-90. (MTV)

(1351) CÂMARA, 1999, p. 99. (MTV)

(1352) CÂMARA, 1999, p. 5; ESPANCA, 1966, p. 142. (MTV)

(1353) CÂMARA, 1999, p. 96; ESPANCA, 1966, estampa CDXLVI. (MTV)

(1354) CÂMARA, 1999, p. 97; ESPANCA, 1966, p. 51. (MTV)

(1355) CÂMARA, 1999, p. 100; ESPANCA, 1966, p. 283. (MTV)

(1356) ESPANCA, 1966, p. 243; CÂMARA, 1999, pp. 70-71. (MTV)

Santa Maria da Graça, igreja do antigo Convento de

Restos de grandes painéis recortados, azuis, dos quais apenas um se encontra colocado. As cenas são referentes à Vida de Santo Agostinho e a época será de cerca de 1740. ⁽¹³⁵⁷⁾
Caso concreto de emolduramento de um autor e centro de outro. ⁽¹³⁵⁸⁾

São Bento de Cástris, antigo Convento de

No corpo da igreja, painéis historiando a Vida de São Bento. ⁽¹³⁵⁹⁾ Cercadura *rocaille*, policroma; centros azuis de pintura fraca. Na parte inferior de cada painel estão cartelas seguras por anjinhos, contendo legendas em latim alusivas aos painéis. ⁽¹³⁶⁰⁾

São Francisco, Capela da Ordem Terceira de (Igreja de São Francisco)

Silhar de 10 azulejos de alto, com cercadura de golfinhos. O centro representa cenas franciscanas (Terceiros), com ermitões, jardins, etc. Serão da primeira época do século XVIII, ou ainda de finais do XVII.

Na capela do transepto os painéis são quatro, e ilustram a Vida dos Frades da Ordem Terceira:

- 1) *B. Anonymo*
- 2) *B. Giraldo Maltez*
- 3) *B. Roberto Malatesta*
- 4) *B. Gualtero Bispo de Treviso.*

Serão azulejos de cerca de 1730. Têm estes painéis 23 azulejos de alto e são pintados com azul forte e desenho vigoroso. Os painéis têm, cada um, sua legenda, e na parte inferior a insígnia heráldica da Ordem Terceira. ⁽¹³⁶¹⁾ As inscrições são as seguintes:

- 1) *B. Galtério Bispo*
De Treviso. Daord 3.^a

⁽¹³⁵⁷⁾ Joaquim de Vasconcelos afirmou que nesta igreja havia azulejos datados de 1748 (VASCONCELOS, 1883-84, pp. 82-83). Por outro lado, a documentação dos *Tombos da Despesa* do antigo convento, existente na Biblioteca Pública de Évora, confirma que os azulejos são do ano de 1748, por encomenda do Arcebispo D. Fr. Miguel de Távora (ESPANCA, 1966, vol. I, pp. 166 (com um erro tipográfico) e 169). FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹³⁵⁸⁾ A p. 29 do estudo de Santos Simões – *Alguns Azulejos de Évora* (SIMÕES, 1945a) – o Autor escreve: «... no antigo Convento da Graça vimos vários exemplares de “vasos” no silhar mutilado da portaria e, na escadaria que do claustro sobe aos pisos superiores, encontramos um belo exemplo de decoração a azul e que certamente será dos princípios do século XVIII». FCG

⁽¹³⁵⁹⁾ Estes painéis representam cenas da Vida de São Bernardo. Vide: ALMEIDA, 1921, pp. 196-197; BNL, 1927, vol. II, p. 80 (texto de Reynaldo dos Santos); BRITO, 1949b, pp. 341-351 e BRITO, 1950, pp. 53-63; COCHERIL, 1972, pp. 156-159; COCHERIL, 1974, p. 209; ESPANCA, 1966, vol. I, p. 289; PEREIRA, 1886-96, pp. 17-18 ou PEREIRA, 1947, vol. I, p. 160; SIMÕES, 1945a, p. 50. FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹³⁶⁰⁾ O Mosteiro de São Bento de Cástris terá sido integrado na Ordem de Cister em 1274, tendo a primitiva igreja sido sagrada em 1328. A estrutura actual datará da primeira metade do século XVI. É composta por planta cruciforme, com cabeceira rectangular, nave única de três tramos, transepto curto e abóbada de nervuras estrelada.

A longa história desta casa religiosa terminou com a morte da última freira, ocorrida em 1890. Em 1891 o espaço foi cedido ao Departamento da 8.ª Região Agrícola e, desde o final da década de 1950, foi ocupado pela Secção Masculina da Casa Pia de Évora. Com a saída desta instituição em 2004-05, o futuro do complexo monástico é incerto.

O ciclo azulejar da Igreja de São Bento de Cástris integra-se numa campanha de renovação do mosteiro, que se desenrola, sobretudo, na década de 1780. Apresenta os seguintes episódios da Vida de São Bernardo: *Sonho da Mãe de São Bernardo, São Bernardo Expulsa a Curandeira, Sonho de São Bernardo, Tentação de São Bernardo, Vitória sobre as Tentações, São Bernardo Entra no Mosteiro de Cister, São Bernardo em Cister, Fundação do Mosteiro de Claraval, O Mosteiro de Claraval Recebe Uma Esmola, Conversão de Guilherme da Aquitânia, Amplexus, Concílio de Liège, Lactação, Saudação da Virgem a São Bernardo, Milagre de São Bernardo, Cura Milagrosa de São Bernardo* e painel ornamental com troncos de árvore. Desenrolam-se ininterruptamente a partir da porta de entrada da igreja, abarcando vãos, as paredes da nave, transepto e capela-mor. Outros dois painéis colocados nos braços do transepto, procurando integrar-se no ciclo, foram colocados em 1955 aquando da realização de obras pela DGEMN.

A documentação remanescente do mosteiro permitiu datar a empreitada entre os anos de 1782 e 1785, sendo possível que os azulejos sejam originários da Fábrica do Rato, embora nada o comprove documentalente. Utilizou-se como fonte iconográfica a série de gravuras «Historia Vitae S. Bernardi» de Gottfried Bernhard Göz (1708-74), datadas de 1764, de onde se retiraram as cenas figurativas e legendas em latim.

A Capela de Nossa Senhora do Rosário, situada no claustro, possui silhares baixos com episódios da Vida da Virgem: *Adoração dos Pastores, Apresentação da Virgem ao Templo, Anunciação, Esponsórios e Visitação*, datáveis de cerca de 1765-68.

VERÃO, 2009; CÂMARA, 1999, pp. 81-82; PAIS e PEREIRA, 2000. (MTV)

⁽¹³⁶¹⁾ As cartelas barrocas do rodapé contêm ainda o escudo das armas reais portuguesas, o símbolo das cinco chagas, os braços cruzados de Cristo e São Francisco. (MTV)

E, na parte inferior:

*Foi muito illustre Em Vert (ude)s
E muito Celebre por seus Adi-
miraveis Milagres*

O painel representa o Bispo dando esmola a pobres aleijados.

- 2) *B. Anonymo Saçer.
dote Da Ord. 3.^a*

Sobre a porta, o letreiro:

*Sendo Conego Cardeal Na Sé de Con
postella largou Esta Dignidade pella Solidão
do Deserto donde fes notaveis Penitencias
e tem Deos obrado por elle muitos Milagres*

Do lado da epístola:

- 3) *B. Roberto de Mallatesta
Duque de Urbino da Ord. 3.^a*

Em baixo:

*Estampoulhe N.P.S. Fran^{co} as suas
Chagas mas logo ao outro dia Se apagarão
E ter Deos feito por elle M^{tos} Milagres⁽¹³⁶²⁾*

- 4) *B. Giraldo Maltes
Daord, 3.^a*

Sobre a porta:

*Foy muyto Insigne na Charidade
Humildade e Pureza e resplandeceo
Com muytos Milagres*

Azulejos do tipo PMP, de cerca de 1725-1730.⁽¹³⁶³⁾

São Mamede, Igreja de⁽¹³⁶⁴⁾

Na sala da antiga Confraria do Santíssimo as paredes estão revestidas de azulejaria desde o pavimento até à sanca, em 27 de alto. São azulejos de Gabriel del Barco, o que facilmente se conclui da análise estilística e técnica: o azul-claro e vibrante, o desenho largo e de certo modo grosseiro, e as tonalidades e gradações do azul-escuro.⁽¹³⁶⁵⁾

(1362) O painel representa São Francisco envolto num turbilhão de nuvens, enviando os estigmas ao Beato Roberto de Malatesta. (MTV)

(1363) José Meco atribui os painéis a Teotónio dos Santos, datando-os de cerca de 1720. Na capela baptismal existem ainda azulejos de padrão e de figura avulsa da primeira metade do século XVIII. MECO, 2002b; ESPANCA, 1966, pp. 146-164; CÂMARA, 1999 pp. 56-57. (MTV)

(1364) A igreja paroquial de São Mamede já existia no início do século XIII, mas foi reconstruída por meado de Quinhentos. A fachada é composta por pórtico de mármore definido por pilastras e arcos de volta perfeita, com frontão curvo interrompido sobrepujado por janelão e empena triangular com óculo. A nave única é coberta por abóbada polinervurada com pintura mural de brutescos. A capela-mor, mais tardia, possui retábulo de mármore neoclássico. ESPANCA, 1966, pp. 267-270. (MTV)

(1365) Os painéis encontram-se assinados «Gabriel del Barco fes», num dos painéis do Filho Pródigo. (MTV)

Aqui, as composições figuradas estão enquadradas por moldura própria, de folhagens, e ladeadas por colunas salomónicas, como as que vemos nos Lóios de Arraiolos. Acima de um primeiro grupo de painéis, em que abunda a paisagem – cortado pela bancada lateral – e onde se ilustram cenas relacionadas com o *Filho Pródigo* (?) estão painéis mais pequenos, ladeados por composições de belos vasos floridos, flanqueados por pavões e enquadrados por azulejos esponjados roxos.

Na parede fundeira, ladeando a porta, as figuras da *Caridade* e da *Esperança*; na parte superior *Moisés Fazendo Brotar a Água* e a *Serpente de Bronze*.

Os painéis centrais da parede mostram, respectivamente, o *Triunfo da Igreja* e o *Triunfo da Eucaristia*.⁽¹³⁶⁶⁾

São Paulo, Convento de

No refeitório, sala capitular e nos corredores encontram-se silhares de *albarradas*, datáveis de cerca de 1700-10. Compõem-se de cestos de flores alternados com *putti* sobre pedestais com cestos de flores à cabeça, emoldurados por cercadura de acanto, alternando com outro módulo de vasos de flores de género mais decorativo.⁽¹³⁶⁷⁾

São Tiago, Igreja de⁽¹³⁶⁸⁾

No centro do arco do coro voltado à igreja está a inscrição azulejar:

ESTA OBRA
DE AZOLEIO SE
FES DESMOLAS
QVE DERAM OS
DEVOTOS FREGE
SES 1700

De um e outro lado do tímpano, painéis com *Moisés Fazendo Brotar a Água* e a *Serpente de Bronze*. Nas paredes, entre os pilares, estão grandes composições azuis, divididas por barra de folhagem.⁽¹³⁶⁹⁾ No lado do evangelho encontra-se a assinatura:

Gabriel del
Barco F.⁽¹³⁷⁰⁾
1699⁽¹³⁷¹⁾

LXXXVI

À entrada da porta lateral, painéis azuis historiados, com a Vida de Santa Ana,⁽¹³⁷²⁾ de cerca de 1740.⁽¹³⁷³⁾

(1366) ESPANCA, 1966, p. 267; CÂMARA, 1999, pp. 73-74. (MTV)

(1367) ESPANCA, 1966, p. 236; CÂMARA, 1999, pp. 566-567. (MTV)

(1368) A origem deste templo remonta à Idade Média, mas a construção actual data dos anos de 1680-83. A fachada é flanqueada por duas torres, com corpo central recuado. É antecedida por pequeno adro gradeado a que se acede por alguns degraus. A nave única possui amplo pé-direito e cobertura por abóbada de meio canhão com pintura mural do último quartel do século XVII, que recobre ainda as arcadas cegas das paredes da nave. A pintura mural da capela-mor e capelas colaterais é já do século XIX. ESPANCA, 1966, pp. 225-230. (MTV)

(1369) Os painéis murais são divididos em três registos com moldura de folhagens, sendo coroadas por tímpano com cartelas e grinaldas sustentadas por anjinhos. No registo inferior narram episódios do Antigo Testamento, o registo intermédio contém a história do Filho Pródigo e, no registo superior, grandes molduras arquitectónicas enquadram diversos episódios da Vida de Cristo, entre eles, a *Pecadora Arrependida Secando os Pés de Cristo*. Os episódios do *Filho Pródigo* são semelhantes aos que se encontram na sala da Confraria do Santíssimo da Igreja de São Mamede, do mesmo autor.

(1370) No painel correspondendo ao episódio do *Regresso do Filho Pródigo*. (MTV)

(1371) *Vide*: ALMEIDA, 1921, p. 204 (Nota); BNL, 1927, vol. II, p. 68; CARDOSO, 1936, p. 18; ESPANCA, 1966, vol. I, p. 227; PEREIRA, 1886-96, p. 13 ou PEREIRA, 1947, vol. I, p. 94; QUEIROZ, 1907, p. 255 (ou 2.ª ed.); QUEIROZ, 1948, vol. I, p. 278; SANTOS, 1957, pp. 111 e 112-113; SIMÕES, 1945a, p. 30; VITERBO, 1903, p. 35. FLÁVIO GONÇALVES

(1372) *Nascimento da Virgem, Nossa Senhora Ensinando a Virgem a Ler, Junto a São José e Apresentação da Virgem no Templo*. As cercaduras são de pilastras com volutas e anjinhos, encimadas por querubins e «casas de morcego», com bases arquitectónicas centradas por cartelas com ramos de lírios ladeadas de anjinhos. Junto ao altar de talha encontram-se pilastras com volutas e anjinhos, estendendo-se o revestimento azulejar ao intradorso da porta lateral, com grinaldas, festões e barra de marmoreado manganês. (MTV)

(1373) ESPANCA, 1966, p. 225; CÂMARA, 1999, pp. 61-63. (MTV)

Scala Coeli, Convento de (vulgo Cartuxa)

No claustro, pequeno silhar de vasos, dos mais vulgares do meado do século XVIII. ⁽¹³⁷⁴⁾

SÃO MIGUEL DE MACHEDE

São Miguel, Igreja de

Na capela-mor, dois painéis e guarnições de 14 de alto. A pintura é azul, com enquadramentos barrocos de pilastras e anjinhos. Os centros figuram *São Miguel Salvando as Almas* e *Daniel na Fossa dos Leões*. Desenho correcto, de cerca de 1750. ⁽¹³⁷⁵⁾

TORRE DA GIESTEIRA

Imaculada Conceição, Capela da ⁽¹³⁷⁶⁾

No pequeno altar, frontal de azulejos, incompleto: conserva-se o painel de 6 × 10, pintura azul com cartela central, ostentando o emblema da Ordem de São Francisco, ladeado de flores. Trata-se de um exemplar muito curioso e que, a julgar pela técnica de pintura e pelo estilo ornamental da cartela, deve ser dos últimos decénios do século XVII, não sendo talvez estranha a interferência que o pintor Gabriel del Barco possa ter tido no desenho.

CONCELHO DE MONTEMOR-O-NOVO

LAVRE

Nossa Senhora da Assunção, Igreja de ⁽¹³⁷⁷⁾

Na Capela de Santo António, painéis figurados azuis, com passos da Vida de São Francisco. Estão um pouco mutilados na cercadura. ⁽¹³⁷⁸⁾

MONTEMOR-O-NOVO

Chafariz de Nossa Senhora (Largo dos Paços do Concelho)

No interior do nicho colocado sobre a bica do chafariz, está uma figura recortada, com 10 × 5 azulejos, representando a imagem de *Nossa Senhora da Conceição*. São de pintura azul e do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes, de cerca de 1740.

Nossa Senhora da Paz, Ermida de, fachada posterior – Registo

Painel representando *Nossa Senhora da Conceição com o Menino*, envolvida por turbilhão de nuvens com anjinhos. Na cartela lê-se: «N.S. / DA PA[Z] / anno d[e] 172[9?].».

Nossa Senhora da Visitação, Ermida de

Santuário de peregrinação de origem incerta, com templo do início do século XVI, que teve como modelo a Igreja de São Brás de Évora.

(1374) Primeiro mosteiro cartuxo em Portugal, fundado por iniciativa do Arcebispo de Évora D. Teodósio de Bragança.

O silhar é composto por potes, urnas, golfinhos, sereias, *putti* e máscaras, é datável da segunda década do século XVIII. CÂMARA, 1999, pp. 87-88. (MTV)

(1375) Igreja de nave única coberta com abóbada de ogivas de aresta viva, de cerca de 1540. Possui quatro capelas laterais e duas colaterais. A capela-mor é coberta por tecto circular assente em trompas, revestido com pinturas murais, tal como o arco triunfal. Alberga retábulo de talha do século XVIII. ESPANCA, 1966, pp. 380-382. (MTV)

(1376) Transcreve-se, por razões óbvias, o texto já impresso a p. 205 no vol. 2 de SIMÕES, 1971b, t. II.

FCG

(1377) A igreja já existia no século XIV, no entanto, o templo actual resulta de reedificação efectuada após o sismo de 1755. O interior, de nave única com duas capelas laterais, é coberta por abóbada de berço dividida em tramos remarcado por arcos torais. A capela-mor, quadrada, possui abóbada de nervuras. ESPANCA, 1975, pp. 395-397. (MTV)

(1378) Cada painel agrupa dois episódios: *São Francisco Arrebatado no Carro de Fogo e Estigmatização*; *O Papa Inocência III Aprova a Regra da Ordem* (com inscrição «REGULA / T VITA / MINORVM / FRATVM HOC EST») e *São Francisco Confortado por Anjo Músico*.

Nos painéis mais pequenos: São Francisco prega aos pássaros; São Francisco perscruta o céu, onde surge uma nuvem de onde emanam raios divinos; dois painéis com monges com cadeados na boca, acompanhados por cartelas com as inscrições «SILENCIO» e «PRESERVERANÇA».

As cercaduras são de pilastras com volutas encimadas por querubins e cartelas ladeadas por grinaldas e volutas. (MTV)

Na fachada, painel bastante degradado representando a *Visitação*.

O interior é revestido por painéis recortados com concheados. Ostentam episódios da Vida da Virgem, com cartelas contendo inscrições em latim:

Lado da epístola:

- 1) *Nascimento da Virgem*
- 2) *Apresentação no Templo* («Introibo indomum tuam adorabo ad templum Sanctum tuum. Psal.5»)
- 3) *Esponsórios* («Cum esset desponsata Mater IEZU Maria Iozeh Math.1») *Sonho de São Jozé* («Ioseph fili David notu timere accipere Mariam conjugem tuam Quodenimin ea natum est de spiritu sancto est pariet autem filium Evobis ejus Iesum. Math. 120»)
- 4) *Adoração dos Reis Magos* («Intrantes domum in venerunt puerum cum Maria mater ejus. Math. 2»)
- 5) *Apresentação do Menino no Templo* («Accepit eum inulnas suas, et benedixit Deum. Luc.2»)

Lado do evangelho:

- 6) *Fuga para o Egipto* («Surge, et accipe puerum, et Matrem ejus, et fuge in Ægyptum Math.2»)
- 7) *Pentecostes* («Repleti sunt omnes spiritu sancto, et coelum, gaudent Angeli»)
- 8) *Dormição* («In omnibus requiem quae sivet in hereditate domini morabor. Eccl.2»)
- 9) *Assunção* («Assumpta est Maria in Cœlum, gaudent Angeli»)
- 10) *Coroação da Virgem*

Entre os painéis encontram-se medalhões com simbologia mariana.

Na capela-mor, do lado da epístola: *Anunciação, Visitação*.

Do lado do evangelho: *Circuncisão, Adoração dos Pastores*.

Estes painéis, de cercaduras barrocas, são anteriores aos da nave.

Na parede fundeira os painéis contêm vasos sobre plintos e, nas cartelas, símbolos marianos.⁽¹³⁷⁹⁾

Rua do Caldeirão, n.º 4 – Registo

Registo datado de 1769 figurando *Nossa Senhora com o Menino*, ladeada por São José e um santo bispo. A cercadura é policroma com concheados.

Rua 5 de Outubro – Registo

Figura de *Nossa Senhora do Rosário com o Menino* rodeada pelo rosário, com cercadura policroma de concheados e filetes, tendo inscrição identificativa: «N. S. Dorezario». Por baixo, alminha com a legenda «P.N.AV.M.».

São Francisco, antigo Convento de (actual Igreja do Cemitério)

Na igreja propriamente dita conserva-se o silhar azulejado em painéis de vasos e golfinhos, azuis, de tipo vulgar, colocados sobre o rodapé de 2 azulejos de figura avulsa. Este silhar deverá ser de cerca de 1740. Anos mais tarde – cerca de 1750 – foram os painéis acrescentados com um coroamento recortado.

Na capela privativa da Ordem Terceira, construída nos finais do século XVII, há um silhar azulejado, em grandes painéis de pintura azul, com seu emolduramento de barra de folhas, onde se representam passos da Vida de São Francisco. São estes azulejos dos

(1379) ESPANCA, 1975, pp. 327-330. (MTV)

primeiros anos do século XVIII, de pintura ingénua, ainda agarrada ao século anterior e certamente da mesma mão que pintou os azulejos da capela-mor da Igreja de Santa Iria, na Azóia. No trecho de ligação entre a nave e a Capela da Ordem Terceira há composições figuradas, enquadradas por ornatos concheados. A pintura é azul, da época da grande produção, ou seja, do meado do século XVIII, mostrando cenas da Vida Franciscana, com legendas em latim. De um e outro lado do arco da Capela da Ordem Terceira, painéis com figuras de franciscanos, estes de melhor pintura, de cerca de 1730.

São Giraldo, Igreja de – Registo

Na cimalha da fachada registo de *Nossa Senhora com o Menino* inserida em estrutura arquitectónica semelhante a pórtico. No plinto, a inscrição: «(...) FES / (...) ^A DO ROZARIO / ALV[AR]O IOZE / DE [C]ARV° / [AN]NO DE 172[2?]

Saudação, Convento da

Convento dominicano feminino fundado no início do século XVI por iniciativa de um grupo de recolhidas e de D. Mécia de Moura, viúva que doou bens para custear a construção, contando ainda com o patrocínio régio.⁽¹³⁸⁰⁾

Na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, painéis figurando o *Nascimento de Nossa Senhora* e *Anunciação*, de cercaduras barrocas, com frontões recortados contendo anjinhos que seguram símbolos marianos. Estes painéis são acompanhados de outros mais pequenos formados por pilastras e anjinhos.

Senhor Jesus do Calvário, Igreja do

A cúpula e paredes da sacristia são totalmente revestidas de azulejos de figura avulsa com emolduramento por friso ornamental, apresentando a data «AGOSTO 1716».

Integra painel com o *Arcanjo São Miguel Pesando as Almas*.

No intradorso do nicho que contém a imagem de Nossa Senhora, encontram-se meninos atlantes apoiados em aves, sustendo outros mais pequenos com taças de flores à cabeça.

SANTIAGO DO ESCOURAL

Igreja Paroquial

Igreja edificada em 1527 e substancialmente alterada em reforma ocorrida cerca de 1648, sofreu bastante com o Terramoto de 1755. Após a implantação da República, foi transformada em escola e estação de correios e telégrafo, retomando a dignidade de templo em 1975. A cúpula da capela-mor é revestida por azulejos de padrão divididos em oito painéis por barra de motivos vegetalista. Um deles encerra com representação da *Última Ceia*.⁽¹³⁸¹⁾

VENDAS NOVAS

Santo António, Igreja Paroquial de

Na capela-mor vemos dois painéis figurados, azuis, de cabeceiras recortadas, assentes sobre rodapé marmoreado roxo. A altura central é de 18 azulejos. O enquadramento é concheado, sobrepondo-se a elementos arquitecturais. Do lado do evangelho e da epístola vemos, respectivamente:

- 1) *Santo António e o Milagre da Mula*
- 2) *Santo António Pregando aos Peixes*

Na nave o silhar é composto de 12 painéis, do mesmo tipo do da capela-mor, cada um com sua inscrição.

(1380) PORTELA e QUEIROZ, 2002, pp. 55-98. (MTV)

(1381) ESPANCA, 1975, pp. 401-403. (MTV)

Do lado do evangelho:

- 1) *Primeiro / Mistério gozoso (Rep. Anunciação)*
- 2) *Segundo / Mistério gozoso (Rep. Visitação)*
(vendo-se Nossa Senhora com o monograma IHS no ventre)
- 3) *Terceiro / Mistério gozoso (Rep. Nascimento de Jesus)*
- 4) *Quarto / Mistério gozoso (Rep. Apresentação)*
- 5) *Quinto / Mistério gozoso (Rep. Jesus entre os Doutores)*

Do lado da epístola:

- 6) *Primeiro mis / terio Doloroso (Jesus no Monte das Oliveiras)*
- 7) *Segundo mis / terio Doloroso (Flagelação)*
- 8) *Terceiro mis / terio Doloroso (Escárnio)*
- 9) *Quarto mis / terio Doloroso (Via Crucis)*

Na parede fundeira:

- 10) *S. Paulo / primeiro Eremita*
- 11) *S. João / de Deus (o Santo coroado de espinhos e tratando um doente)*
- 12) *S. Jeroni / mo*

Toda a azulejaria será de cerca de 1760-70. ⁽¹³⁸²⁾

CONCELHO DE MORA

BROTAS

Nossa Senhora de Brotas, Igreja de

Na capela lateral do lado do evangelho as paredes estão revestidas com azulejos de pintura azul e figuração religiosa, incaracterística. Fazendo parte do arco da porta o azulejo, muito curioso, tem a legenda:

ESTA OBRA DE AZOLEIO SE FES NO ANNO DE
1743 SENDO PRIOR O P.^c ROMÃO GERREIRO DE BRITO

O interesse desta guarnição azulejar reside, principalmente, no desenho das portas e janelas, com a presença de ornatos pintados a manganês. ⁽¹³⁸³⁾

PAVIA

São Dinis, Capela de

A capela ocupa o espaço de uma anta, reutilizada como espaço de culto.

No interior, frontal altar azul e branco com cercaduras de folhas de acanto e sebastos.

⁽¹³⁸²⁾ A igreja, que foi comenda da Ordem de Avis e priorado da Mitra de Évora, possui nave única e dois altares laterais. A capela-mor é coberta por cúpula assente em trompas, apresentando pintura mural. ESPANCA, 1975, pp. 446-449. (MTV)

⁽¹³⁸³⁾ Lado da epístola: do lado esquerdo três soldados, do lado direito três figuras junto a cesto de pães. Os elementos arquitectónicos envolvem a porta, a janela e, no rodapé, anjinhos com símbolos eucarísticos sustentam volutas. Do lado esquerdo um ramo de espigas e do lado direito a fénix.

Lado do evangelho: elementos arquitectónicos rodeiam a porta, surgindo ainda na cercadura do lado esquerdo e no rodapé. No topo encontra-se uma janela em *trompe-l'oeil*. Do lado esquerdo, sacerdote oferece holocausto em altar e, do lado direito, encontra-se um anjo com fundo arquitectónico. No rodapé a cartela do lado esquerdo contém um cacho de uvas e a do lado direito um ramo de espigas, símbolos eucarísticos.

A sacristia é revestida com azulejos de padrão azul e branco até à sanca. (MTV)

Na parte superior dois anjos ladeiam uma cartela. Ao centro, sobre volutas e rodeados de folhas de acanto, dois anjos sustentam uma cartela que apresenta paisagem com pastor (?) e ovelhas. ⁽¹³⁸⁴⁾

CONCELHO DE MOURÃO

MOURÃO

São Francisco, Igreja da Ordem Terceira de

A capela, em cujo frontão se lê a data de 1740, ⁽¹³⁸⁵⁾ tem azulejos na capela-mor e na nave. Na capela-mor o revestimento é curiosíssimo, e guarnece as paredes laterais e ainda a testeira aos lados do altar, em 29 de alto. As composições destacam-se de fundo marmoreado azul. Na parte inferior estão emblemas franciscanos, em cartelas, e na superior as imagens de S. IVO, S. MARGARIDA / DE CORTONA (do lado do evangelho) e STA ROZA / DEVITERBO e S. LVIS / REI DE FRANÇA (do lado da epístola). Ladeando o altar emblemas marianos: rosa e Lua.

Na nave os azulejos são de padrão pombalino de $2 \times \frac{3}{4}$. Todo o conjunto deverá datar de cerca de 1770-80. As cercaduras são policromas, concheadas, e os centros azuis. ⁽¹³⁸⁶⁾

CONCELHO DE PORTEL

PORTEL

São Francisco, igreja do Convento de

A igreja, aliás abandonada, é obra do século XVII, bem típica da época e da Ordem. Dependia da Província da Piedade e foi fundada em 1547.

Apenas tem azulejos na capela-mor, em silhar de 13 de alto, sobre rodapé de 1 azulejo marmoreado manganês.

Os painéis, com emolduramento concheado, são azuis e representam respectivamente, do lado do evangelho, *São Francisco Recebendo o Hábito* e, do lado fronteiro, o *Papa Dando as Regras da Ordem a São Francisco*. O silhar continua-se até ao altar-mor, com paisagens.

Na abóbada pintada, está a data de 1758, a qual não deve andar longe da dos azulejos. ⁽¹³⁸⁷⁾

CONCELHO DE REDONDO

REDONDO

Misericórdia, Igreja da ⁽¹³⁸⁸⁾

As paredes laterais estão totalmente forradas de azulejos azuis figurados, compartimentados em painéis. Os emolduramentos são de pilastras com anjos e cariátides. A figuração apresenta, do lado do evangelho, *Dar de Beber a Quem Tem Sede e Vestir os Nus*; do lado da epístola, *Visitar os Enfermos* e *Dar Pousada aos Peregrinos*.

Desenho vigoroso fazendo lembrar trabalhos de Bartolomeu Antunes, de cerca de 1735-37. ⁽¹³⁸⁹⁾

⁽¹³⁸⁴⁾ ESPANCA, 1975, pp. 441-442. (MTV)

⁽¹³⁸⁵⁾ O templo setecentista possui fachada com portal trabalhado contendo o emblema da ordem, encimado por janelão e empena recortada. O interior é simples, de nave única com abóbada de berço. ESPANCA, 1978, pp. 177-178. (MTV)

⁽¹³⁸⁶⁾ As cartelas que contêm os santos possuem molduras *rocaille* e são separadas por urnas sobre plintos. Os emblemas franciscanos encontram-se em medalhões suspensos por laços que pendem da cercadura com concheados, flores e *ferronneries*, sobre fundo arquitectónico. (MTV)

⁽¹³⁸⁷⁾ Os painéis foram retirados cerca de 1965. ESPANCA, 1978, p. 220. (MTV)

⁽¹³⁸⁸⁾ A igreja, construída no século XVI, possui fachada com portal de verga recta sobrepujado por janelão, empena contracurvada e pilastras nos flancos, tendo sido reformada no século XVIII. O interior é de nave única com abóbada de berço. Na capela-mor a cobertura é feita por abóbada de nervuras polinervada com frescos, albergando retábulo de talha realizado entre os séculos XVI e XVIII. (MTV)

⁽¹³⁸⁹⁾ Os painéis encontram-se na capela-mor e incluem ainda os episódios *Dar de Comer a Quem Tem Fome* (lado da epístola) e *Remir os Cativos* (lado do evangelho) e são ilustrados por episódios do Antigo Testamento.

Nossa Senhora da Anunciação, Igreja Matriz de

Capela-mor com silhar corrido de painéis azuis figurados, contendo três figurações de cada lado:

- 1) *Bodas de Caná*
- 2) *Jesus Distribuindo os Pães*
- 3) *Samaritana*
- 4) *Nascimento de Nossa Senhora*
- 5) *Apresentação no Templo*
- 6) *Desponsórios*

Cada painel tem a sua legenda em latim e serão de cerca de 1745. Na nave, paramento cerâmico de 27 de alto, em grandes painéis com emolduramento recto, invulgar.

Representam:

- 1) *Visitação*
- 2) *Sonho de São José*
- 3) *Adoração dos Pastores*
- 4) *Apresentação dos Pastores*
- 5) *Adoração dos Magos*
- 6) *Fuga para o Egipto*
- 7) *Descanso no Deserto*
- 8) *Jesus entre os Doutores*

O desenho é do ciclo oficial de Bartolomeu Antunes (?).

No baptistério, painel com o *Baptismo de Cristo*, de cercadura policroma e centro figurado azul. Será talvez de 1792, data da pia baptismal.

Santo António, Convento de

Da nave até à teia – extraordinariamente interessante – silhar de painéis recortados sobre rodapé marmoreado roxo. A pintura central é azul e os emolduramentos policromos, atingindo 19 azulejos de altura, ao centro. A figuração é respeitante ao hagiológico antoniano, de cerca de 1760.

No cruzeiro, revestimento dos arcossólios com azulejos de figura avulsa, de flores sem cantos. Do lado do evangelho está um painel de 10 × 8 azulejos representando o *Milagre da Mula*, atribuível a PMP e de cerca de 1725.

Na portaria (Capela da Piedade) o altar tem frontal azul, 6 × 12 azulejos, limitados por cantoneira azul. Sanefa de franjas com motivos florais; sebastos também ornamentais com carrancas. Pano com cartela central, que se alarga em conchas e, no centro, a figuração da *Piedade*.

No silhar de 7 de alto, painéis de cestos com frutas e jarras. ⁽¹³⁹⁰⁾

As recentes investigações de Maria do Rosário Salema de Carvalho revelaram novos dados quanto à feitura da obra, tendo esta sido executada no ano de 1727. Vide CARVALHO, 2007a, pp. 123-1144. (MTV)

(1390) Convento fundado em 1601 por D. João Coutinho, 5.º Conde do Redondo.

Na capela-mor, padrão azul e branco e azulejos de figura avulsa; silhares de figura avulsa na entrada da igreja. Na nave representam-se os seguintes episódios da Vida de Santo António: *Ressurreição da Criança Deixada Cair num Caldeirão pela Mãe*; *absolvição (?)*; *Milagre da Mula*; *Milagre do Recém-Nascido*; *Pregação aos Peixes*; *Pregação aos Hereges (?)*; *Pregação*; *Santo António e Monges*; *Imposição de Hábito*; *Aparição de São Francisco durante Pregação em Arles*. Os emolduramentos são azuis e brancos de concheados, com cartelas e motivos vegetalistas.

ESPANCA, 1978, pp. 278-282. (MTV)

SERRA D'OSSA

São Paulo, antigo Convento de ⁽¹³⁹¹⁾

LXXXVII

A igreja, arruinada, ainda tem parte do revestimento azulejar. No átrio, azulejos de vasos. Na parte superior e capela-mor painéis com *eremitas* e os *Quatro Evangelistas*. No topo da entrada, revestimento lateral da porta, com figuras alegóricas. ⁽¹³⁹²⁾ Na escadaria, silhar de 10 de alto, corrido, com cercadura de flores e anjinhos. ⁽¹³⁹³⁾ Os centros representam vários passos jesuítas, além de *Milagres de Santo António*. No corredor das celas alizar recortado, com painéis alusivos a *José do Egito* e a *Jesus*.

Ao fundo do corredor está um pátio também forrado de azulejos do mesmo tipo, com a Vida de Tobias, muito curiosos.

No Convento Novo, na primeira sala, silhar de 12 de alto do mesmo tipo do das escadas, com eremitas da serra d'Ossa. Vemos ainda *Santo Antão*, com uma legenda tirada de Santo Atanásio. ⁽¹³⁹⁴⁾

No corredor do novo convento o tipo de painel é o mesmo, começando aqui a figuração da Vida de José do Egito.

Na casa da água, revestimento com cenas de *frades da serra d'Ossa*.

Na escada de cima, alizar de caçadas e, no corredor, cenas de *paisagens*, de cerca de 1730. ⁽¹³⁹⁵⁾

Na portaria, alizar de cerca de 1720. ⁽¹³⁹⁶⁾ Na arrecadação, alizar com o *Cântico dos Cânticos*. ⁽¹³⁹⁷⁾ São azulejos de Oliveira Bernardes ⁽¹³⁹⁸⁾ ou do seu ciclo oficial, se bem que ainda outros possam ser atribuídos, com segurança, a PMP. ⁽¹³⁹⁹⁾

(1391) A construção actual data do século XVI, edificada após a aprovação da Congregação, no que constituiu a sua quarta fundação, sendo submetida a alterações nos séculos XVII e XVIII. Após a extinção das ordens religiosas, o convento passou por um período de degradação e abandono, até entrar na posse da família Leote, que ainda hoje o conserva. Nele funciona actualmente uma unidade hoteleira, sendo ainda palco de manifestações culturais organizadas pela Fundação Henrique Leote. *Vide*: ARRUDA e COELHO, 2004; MECO, 1997, pp. 44-52; ESPANCA, 1978, pp. 306-321. (MTV)

(1392) A parede fundeira é coberta por grandiosa composição em *trompe-l'oeil*, da autoria do Mestre PMP, formada por portal com frontão interrompido contendo emblema da ordem, ladeado por figuras alegóricas (Caridade, Esperança, Sapiência e Justiça), encimado por panejamentos. Lateralmente, colunas com atlantes, anjos e grinaldas, encimadas por meninos com cornucópias.

Também na nave surgem composições do Mestre PMP. Além dos Quatro Evangelistas identificam-se: do lado da epístola, um painel com albarrada e dois painéis com episódios da Vida de Santo António (admissão no Monte Paolo e santo com símbolos do martírio de Cristo); do lado do evangelho: santo bispo combatendo dragão que poderá significar *Santo Agostinho Combatendo a Heresia*. Os painéis da capela-mor estão atribuídos a Policarpo de Oliveira Bernardes. No altar-mor, restos de decoração com cortinados e volutas. Junto ao altar-mor, do lado do evangelho, encontra-se painel com *São Paulo Recebendo o Pão* que um corvo lhe traz e, do lado da epístola, *São Paulo e Santo Antão*, com cercaduras contendo *feronneries* e mascarões.

Ainda do Mestre PMP são os *anjos porta círios* no átrio junto à entrada da igreja, bem como os painéis com cenas da Vida de Santa Teresa. (MTV)

(1393) Na escadaria representam-se episódios da Vida de São João Baptista e São João Evangelista e história de Vida de Monges também da autoria de PMP. (MTV)

(1394) Não muito longe encontra-se a capelinha de Nossa Senhora da Conceição, com azulejos de Gabriel del Barco figurando eremitas e meninos, um oferecendo à Virgem uma cesta de flores e frutos e outro com os símbolos da Paixão, com cercaduras de enrolamentos e rodapé contendo *putti*. (MTV)

(1395) Podemos também encontrar azulejos noutras dependências. O Capítulo Novo é guarnecido com silhares ornamentais datados de cerca de 1750-60, com *putti*, «asas de morcego», motivos vegetalistas e outros, sendo as cercaduras, com «asas de morcego» e elementos vegetalistas, de tom de azul mais escuro que a parte interior. Na casa de fresco, situada na cave, descobre-se registo representando Maria Madalena, de finais do século XVIII. (MTV)

(1396) Junto à entrada, duas figuras de monges recebem os forasteiros. Um deles pede silêncio, com os dedos sobre os lábios e a palavra «silêncio», o outro convida a entrar, tendo a inscrição «venit». Nos restantes painéis da mesma divisão representam-se monges com fama de santidade: trasladação do corpo incorrupto do Venerando Padre Frei Domingos da Caridade, a cela do Venerando Padre rei Amador da Cruz, Frei Pedro do Anjo, Frei João de Santa Maria. Ainda uma referência a D. Fernão de Annes e à lendária refundação do convento. Estes azulejos provêm da oficina do Mestre PMP, datando de cerca de 1715-25, tal como os outros azulejos do convento com a mesma autoria. (MTV)

(1397) Trata-se da Capela do Bispo. (MTV)

(1398) No painel com anjos músicos surge a assinatura «An.^{to} de Oliv.^{ra} Berd.^{es} fecit». (MTV)

(1399) Sobre as datas das encomendas dos azulejos do Convento da Serra d'Ossa, seus temas e possíveis autores, *vide*: CHAVES, 1916, pp. 241-242; ESPANCA, 1972, pp. 155, 156, 165-166, 167 e 168; SMITH, 1975b, p. 6. FLÁVIO GONÇALVES

CONCELHO DE VIANA DO ALENTEJO

ALCÁÇOVAS

Misericórdia

Apenas há azulejos na capela-mor, do tipo «grinaldas». É um silar de 5 de alto, sobre rodapé esponjado, com medalhões e vasos floridos.

Salvador, Igreja Matriz ou do

Foi fundada em 1308 pelo bispo de Évora D. Fernando. No entanto, a construção actual é o resultado da campanha de obras iniciada em 1530-31. Possui três naves de cinco tramos, separadas por pilastras dóricas, com cobertura por abóbada de arestas e capelas laterais sobre as quais se abre uma tribuna. Um arco triunfal antecede a capela-mor, coberta por abóbada de berço com caixotões estucados e pintados.

A capela-mor e a parede testeira são revestidas por azulejos de padrão azul e branco no registo superior e de albarradas no registo inferior. No arco triunfal grinaldas e anjos, com cercadura de enrolamentos. ⁽¹⁴⁰⁰⁾

CONCELHO DE VILA VIÇOSA

BENCATEL

Santa Ana, Igreja de

Igreja fundada em 1763, com licença do Conde de Galveias, senhor das terras, e do Arcebispo de Évora, Cardeal da Cunha, substituindo antigo templo situado noutro local. Na capela baptismal encontra-se um registo policromo de formato oval emoldurado por grinaldas de flores, que partem de uma urna colocada no topo. Representa o *Baptismo de Cristo* em composição tradicional. ⁽¹⁴⁰¹⁾

VILA VIÇOSA

Chagas de Cristo, Real Convento das

Convento de religiosas franciscanas, localizado junto ao Palácio Ducal. Foi fundado por D. Jaime em 1514, servindo de panteão a elementos femininos da Casa de Bragança. Actualmente encontra-se adaptado a pousada.

Na antiga portaria, lambril de azulejos de albarradas com cercadura de enrolamentos. A ladear a porta, estrutura arquitectónica em *trompe-l'oeil*, com *Santa Clara* e *São Francisco* no registo superior e cenas de caçadas ao veado e ao leão no inferior.

Na capelinha do Evangelista, registo azul e branco figurando *Santa Clara*, emoldurada por concheados.

A Sala do Capítulo é revestida por azulejos de figura avulsa com rodapé de esponjado manganês. É antecidida por arco redondo apresentando motivos semelhantes.

No claustro, encontra-se registo com *Nossa Senhora do Carmo*.

Nas escadas, dois pequenos registos representando a *Sagrada Família* e um santo franciscano, com cercadura policroma rococó, inseridos em moldura de cantaria.

No pátio, sobre a porta, registo representando *São Miguel* com cercadura barroca de volutas, de cerca de 1740. ⁽¹⁴⁰²⁾

(1400) ESPANCA, 1978, pp. 476-485. (MTV)

(1401) ESPANCA, 1978. (MTV)

(1402) ESPANCA, 1970, pp. 76-101; PESTANA e FILIPE, 2009, pp. 30-31. (MTV)

Espírito Santo, Igreja do (ou da Misericórdia)

Na sacristia, forro das paredes laterais com azulejos azuis figurando as Almas.⁽¹⁴⁰³⁾
Serão de cerca de 1745.⁽¹⁴⁰⁴⁾

Lapa, Igreja da

Na Casa do Despacho, registo com *Coroação da Virgem pela Santíssima Trindade*, com cercadura de volutas preenchidas por motivos ovais e elementos vegetalistas. A cartela ostenta a seguinte inscrição «P.A SEREZAR / OTERSO».⁽¹⁴⁰⁵⁾

Nossa Senhora da Conceição, Igreja de

Na capela-mor silhar de 6 de alto, com painéis recortados, azuis, e moldura concheada representando *cenar marianas* convencionais. São de cerca de 1750.⁽¹⁴⁰⁶⁾
Na Capela do Senhor do Santo Nome de Jesus, silhar com azulejos, silhar com azulejos de Policarpo de Oliveira Bernardes, de cerca de 1718 (?).^{(1407) (1408)}

LXXXVIII

Nossa Senhora da Esperança, Real Convento de

Convento de freiras clarissas fundado em 1553 pela Duquesa D. Isabel de Lencastre, esposa de D. Teodósio I. Igreja com nave única de pé-direito alto com abóbada de berço pintada, duas capelas laterais e coro baixo completamente revestido de pintura mural.

Observam-se azulejos de figura avulsa no antecoro alto e na sacristia. Os degraus da escada de acesso ao coro alto são revestidos por restos de azulejos historiados.⁽¹⁴⁰⁹⁾

Nossa Senhora da Piedade, igreja do antigo Convento de (Convento de São Francisco dos Capuchos)

O convento, que foi dos últimos que os Franciscanos Menores da Província da Piedade fundaram em Portugal, reflecte a modéstia de recursos e confirma a «pobreza franciscana» que fez famoso este ramo da Ordem particularmente nesta faustosa Vila Ducal, repositório de riquezas e prosápia.⁽¹⁴¹⁰⁾

(1403) Sobre estes azulejos, *vide*: GONÇALVES, 1963c, pp. 13-14; ESPANCA, 1975, p. 191.

FLÁVIO GONÇALVES

(1404) A sacristia é revestida com seis painéis com cercaduras barrocas que enquadram os elementos arquitectónicos preexistentes, estendendo-se ao intradorso do vão. As bases dos painéis, de estrutura arquitectónica, possuem cartelas com alminhas. Apresentam diversas figuras a resgatar as almas do Purgatório, surgindo sucessivamente, em cada painel, a Virgem com o Menino, um anjo, Santo António, outro santo e, ainda, dois anjos. Noutro painel, São Miguel com a balança e a cruz para no meio de alminhas, existindo ainda dois painéis apenas com alminhas. Sobre o lavabo, entre nuvens, dois anjos veneram a cruz, vendo-se por baixo cenas paisagísticas. O painel sobre o arcaz apresenta cena de eremitas e paisagem com distintos personagens, vendo-se à esquerda São Francisco e à direita São Jerónimo. Túlio Espanca atribui os azulejos à oficina de Policarpo de Oliveira Bernardes.

No antigo edifício do Hospital da Misericórdia, adossado à igreja, encontra-se um silhar de azulejos de figura avulsa, na antiga enfermaria dos «nobres envergonhados».

ESPANCA, 1978, pp. 695-701. (MTV)

(1405) Integrada no Santuário da Irmandade da Lapa, criada em 1756, foi construída de acordo com risco do arquitecto José Francisco de Abreu. Igreja de cruz latina iluminada por janelões, com altar-mor de mármore policromos.

PESTANA e FILIPE, 2009, pp. 36-37. (MTV)

(1406) Lado do evangelho: *Apresentação, Anunciação, Nascimento*.

Lado da epístola: *Anunciação, Visitação, Anunciação*.

Os três painéis com representação da *Anunciação* são bastante semelhantes, diferindo a postura das personagens e o diálogo entre elas. (MTV)

(1407) Painéis de estruturas arquitectónicas em *trompe-l'oeil* com atlantes e volutas. Ao centro, cartelas de volutas com paisagens e inscrições ladeadas por anjos. Numa das cartelas paisagem e a inscrição «SINE SEMINE / GÉRMEN»; na outra cartela, criança escreve no tronco de uma árvore a palavra «Jesus», em baixo a inscrição «PVLCHRM / PROPERAT PER / VVLNERA NOMEN». Na parte superior os azulejos rodeiam telas, com profusão de anjos, volutas e conchas, encimados por cartelas com símbolos da Paixão.

Os azulejos encontram-se assinados: «Policarpo Deoliveira Bern». (MTV)

(1408) *Vide*: CARDOSO, 1936, pp. 16-17; CORREIA, 1917, pp. 203 e 204; BNL, 1927, vol. II, p. 120; SANTOS, 1957, pp. 127 e 128; ESPANCA 1972, p. 228; TORRINHA, 1962-63, p. 132.

FLÁVIO GONÇALVES

(1409) PESTANA e FILIPE, 2009, p. 34; ESPANCA, 1970, pp. 123-147. (MTV)

(1410) O convento primitivo foi fundado em 1500 por iniciativa do Duque D. Jaime. Após diversas vicissitudes, o edifício actual começou a construir-se em 1606, com o patrocínio do Duque D. Teodósio II, sendo ampliado no século XVIII. Foi cabeça da Ordem de São Francisco da província da Piedade, em Portugal. PESTANA e FILIPE, 2009, pp. 34-35. (MTV)

O templo não desmereceu mesmo assim os favores de devotos endinheirados, que contribuíram para o seu engalanamento, nem os cuidados dos Capuchos mais dotados de sensibilidade e de habilidade artística. Bastariam os notabilíssimos grupos escultóricos da Capela de São Francisco, oferecendo aos fiéis o exemplo da vida do *poverello* e que, segundo a tradição, teriam sido moldados por algum frade barrista.

No que respeita a azulejos recorreu-se ao que havia de mais barato no mercado fornecedor de Lisboa, mas aqui a encomenda revela cuidados especiais. Vieram apenas os azulejos de «estrelinhas» e pequenos painéis de vasos floridos, com os quais se guarneceram os silhares da galilé, da nave, capela-mor e sacristia.⁽¹⁴¹¹⁾ No entanto, aqui vamos encontrar dos mais curiosos e numerosos exemplares deste tipo. Além dos motivos comuns de flores, obtidos das matrizes bem conhecidas, encontram-se aqui pela primeira vez figuras humanas que parecem obedecer a uma temática. São frades capuchos com seu bordão e sacola (há três ou quatro modelos), figuras populares que lembram os *berup* holandeses, damas com *fontange*, etc. As figuras são maiores do que nos tipos vulgares, chegando por vezes a encher o azulejo entre os bordos superior e inferior. Os cantos de «estrelinhas» são no entanto vulgares, mas mais afastados dos vértices.⁽¹⁴¹²⁾

Passo – Largo José Sande

Painéis de cercaduras policromas rococó com concheados manganês apresentando soldados. A ladear o altar, um anjo segura um prato com dados e outro uma túnica.

Passo – Largo Mariano Presado

Encontram-se nele dois painéis com passos da *Paixão de Cristo*. As cercaduras são rectas com concheados e bases de feição arquitectónica, com cartelas apresentando símbolos da Paixão, seguradas por anjos.

Do lado esquerdo: *Jesus Cai a Caminho do Calvário*.

Do lado direito: *Jesus Encontra as Mulheres de Jerusalém*.

Santa Cruz, Igreja e Convento de

Convento de religiosas da Ordem de Santo Agostinho, instalado em casas doadas em 1525 pelo Padre Mendo Rodrigues de Vasconcelos, capelão do Duque D. Jaime. O Duque D. Teodósio II patrocinou obras importantes em meado do século XVII, recebendo beneficiações posteriores. Em 1890 foi cedido à Câmara Municipal que o repartiu para diversas finalidades. Na igreja foi criado o Museu Interparoquial de Arte Sacra.

No vestíbulo do coro e no coro da igreja, azulejos de figura avulsa.

Na antiga portaria do convento, azulejos de albarradas.⁽¹⁴¹³⁾

Santo Agostinho, Igreja de⁽¹⁴¹⁴⁾

Na Capela de São Nicolau Tolentino, brasão de azulejos.

Nas paredes vemos duas grandes composições de pintura azul, com passos da Vida de Santo Agostinho e um curioso painel com o soneto de Frei António de Guilhelme (*sic*), de cerca de 1715-20.⁽¹⁴¹⁵⁾

(1411) Estes azulejos são de cerca de 1770. Vide ESPANCA, 1971, p. 51.

FLÁVIO GONÇALVES

(1412) Na cerca subsistem: painel de cercadura com estrutura arquitectónica representando casamento, painel com *Apresentação da Virgem no Templo* e dois painéis com eremitas. Vide ainda: TORRINHA, 1962-63, p. 128. (MTV)

(1413) TORRINHA, 1962-63, pp. 130-133; ESPANCA, 1970, pp. 103-113. (MTV)

(1414) A igreja pertence ao Convento de Santo Agostinho, o mais antigo da vila, fundado em 1267. No início do século XVI passou por profunda reforma, patrocinada por D. Jaime I. A reconstrução da igreja iniciou-se em 1635, por vontade do futuro D. João IV, recebendo melhoramentos nos reinados seguintes. Após a extinção das ordens religiosas foi incorporado no património da Casa de Bragança, servindo, mais tarde, como quartel e, em 1951, foi doado à Diocese de Évora, aí se instalando o Seminário Menor de Évora. A planta da igreja é de cruz latina, sendo coberta por abóbada de aresta e torre lanterna no transepto.

PESTANA e FILIPE, 2009, pp. 29-30; ESPANCA, 1970, pp. 19-37. (MTV)

(1415) Sobre a data e a eventual autoria destes azulejos, vide: ESPANCA, 1971, p. 24; TORRINHA, 1962-63, pp. 132-133. FLÁVIO GONÇALVES

Santo António, Igreja de

Na parte superior do corpo, entre os arcos, foram colocados cerca de 1780 quatro painéis de cercadura *rocaille* policroma, e centros figurados a azul. Representam passos da hagiografia antoniana, com o *Milagre da Mula*, *Tentação*, *Ressurreição do Pai e Conversão*.⁽¹⁴¹⁶⁾

São Bartolomeu, Igreja de

Esta igreja fazia parte do Colégio de São João Evangelista da Companhia de Jesus, instalado em 1609 por iniciativa do Duque D. Teodósio II. Destaca-se a imponente fachada revestida a mármore, de três registos com janelões e duas torres adossadas. O interior de nave única é amplo, possuindo transepto e capela-mor com retábulo de talha barroco digno de relevo.

As paredes da capela-mor são revestidas por azulejos até à sanca. Composições figurando jardins enquadram as portas, sobre as quais se encontram tribunas de mármore coroadas por grinaldas. Ao lado, sobre os arcossólios, vasos com flores rodeados de grinaldas e festões.

Na Capela de Santa Ana encontram-se painéis monocromáticos de concheados com motivos alegóricos.

No lado do evangelho: árvore em paisagem árida, com as inscrições «QVASI OLIVA SPECIOSA IN CAMPIS» e «STERILI CAMPO NASCITVR».

No lado da epístola: videira acompanhada das inscrições «QVASI UITIS FRVCTIFICAVI SVAUITATEM» e «ANNOSA GERMINAT».

No registo superior, azulejos com anjinhos e querubins entre volutas e concheados emolduram as telas com cenas de temática relativa a Santa Ana.

Na Capela de Nossa Senhora do Socorro, silhar formado por reaproveitamento de azulejos com enrolamentos de acanto e mascarões, de cerca de 1700.

Na Capela de São Francisco Xavier foram colocados indiscriminadamente azulejos provenientes do Convento dos Paulistas, com cenas campestres, reconhecendo-se restos de cercadura de acanto.⁽¹⁴¹⁷⁾

São Bento, Capela de

A capela está notabilizada pela pintura das paredes e abóbada.

À entrada vemos a data de 1711.

A capela-mor tem forro lateral de azulejos, com painéis de figura avulsa (estrelinhas) e vasos floridos, tudo enquadrado de barras azuis. É arranjo já dos finais do século XVIII, com azulejos aproveitados de algures.⁽¹⁴¹⁸⁾

No artigo citado, Joaquim Torrinha atribui estes azulejos a António de Oliveira Bernardes, datando-os da segunda década do século XVIII.

A sacristia é revestida com silhares de albarradas com taças de flores e grinaldas, de onde pendem flores e frutos. A cercadura é de enrolamentos de acanto. (MTV)

(1416) Igreja fundada cerca de 1564 pelo Duque D. João I de Bragança. No interior, revestido com azulejos seiscentistas, destaca-se a abóbada artesoadada com frescos de Giraldo Fernandes do Pardo.

PESTANA e FILIPE, 2009, p. 36. (MTV)

(1417) ESPANCA, 1970, pp. 61-74. (MTV)

(1418) Construída no século XVI, ficou destruída com as Guerras da Restauração. No início do século XVIII foi reformada, recebendo a primeira campanha de frescos, a que se juntaram, nos decénios subsequentes, os azulejos, o altar-mor em mármore e uma segunda campanha de frescos. A fachada é composta pela galilé, mais baixa do que a nave, com arco de volta perfeita e empena triangular. O interior é de nave única com abóbada de canhão e três capelas de cada lado. (MTV)

DISTRITO DE BEJA**CONCELHO DE ALJUSTREL****MESSEJANA***Nossa Senhora da Assunção, Igreja de*

A uma légua aproximadamente da sede da freguesia ergue-se, isolada na campina, a majestosa Igreja de Nossa Senhora da Assunção, lugar de peregrinações devotas.

O templo apresenta a curiosa característica dada por duas torres salientes, colocadas em viés, fazendo lembrar alguns dos templos de Ouro Preto...

O interior é pobre e apenas há azulejos na capela-mor, formando silhar liso de 22 de altura. São azulejos de pintura azul, em pequenos painéis de emolduramentos concheados, comprimidos entre as cantarias das portas. Os centros representam cenas marianas, certamente do período entre 1750-60. Dado que existe inegável unidade na construção do edifício, pode deduzir-se ser toda a construção dessa mesma época.⁽¹⁴¹⁹⁾

CONCELHO DO ALVITO**ALVITO***Nossa Senhora das Candeias, Capela de*

No coro foram instalados, no princípio do século XVIII, dois painéis de 10 × 7 azulejos cada, pintura azul e representação de *um frade em oração* e *Nossa Senhora de Leite com São Bento (?)*.⁽¹⁴²⁰⁾ Pelo desenho pode reconhecer trabalho da escola oficial de António de Oliveira Bernardes.

Na igreja encontram-se painéis de figuração azul, representando cenas marianas convencionais. Num dos painéis lê-se a data de 1741.⁽¹⁴²¹⁾

Santo António, Convento de

Revestimento em azulejos com composições do tipo «padrão» e de albarradas na igreja do convento.⁽¹⁴²²⁾

CONCELHO DE BEJA**BEJA***Antiga Caixa Geral de Depósitos (anexa à Igreja de Santa Maria)*

Silhar de azulejos, de 22 de alto, dos fins do século XVIII.

Os painéis estão separados por balaústres e as cabeceiras são recortadas. Na parte inferior a ornamentação é azul, com anjos portadores de emblemas marianos. Na parte superior cenas marianas.

(1419) No local de uma primitiva ermida com a invocação de Nossa Senhora de Entre Vinhas, construiu-se no século XVIII o templo actual provavelmente a partir da ermida preexistente. No ano de 1758, Diogo Tavares e Rodrigo, Miguel da Costa e José Manuel da Costa assinaram contrato com a confraria para a construção do edifício. O interior, de nave única, edificado segundo o formulário da arquitectura chã, contrasta com o exterior de linhas barrocas nomeadamente na fachada de torres circulares. LOBATO, 1983; BORGES, 2001; IHRU, «Igreja de Nossa Senhora da Assunção», www.monumentos.pt, 1996. (SC)

(1420) O painel representa a *Aparição da Virgem a São Bernardo* ou *Milagre da Lactação* («Monstra te esse Matrem»). Acerca deste tema veja-se, no presente volume, a nota relativa a um painel da Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Venda do Pinheiro (Mafra). FLÁVIO GONÇALVES

(1421) Vide: VASCONCELOS, 1883, p. 81; QUEIROZ, 1907, p. 257 (ou 2.º ed., 1948, vol. I, p. 281); BNL, 1927, p. 152; CARDOSO, 1936, p. 15; SIMÕES, 1944, p. 322; SANTOS, 1957, p. 134. FLÁVIO GONÇALVES

Ainda: MANIQUE, 1949; ESPANCA, 1992; VALÉRIO, 1993; GONÇALVES, 1999. (SC)

(1422) Vide: SMITH, 1963; SIMÕES, 1969; ESPANCA, 1992; VALÉRIO, 1994; GONÇALVES, 1999.

Museu Regional de Beja (antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição)

No museu propriamente dito, grupos de azulejos com as armas reais portuguesas, de cerca de 1770.

O Museu Regional de Beja encontra-se instalado desde o ano de 1927 no antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição. Foi cerca de 1459 que se iniciou a construção deste convento de freiras clarissas por iniciativa do Infante D. Fernando e de sua mulher D. Brites, pais de D. Manuel, tendo as obras conventuais sucedido no século seguinte. No século XVIII, este edifício, o primeiro exemplar da arquitectura tardogótica no Alentejo, o espaço eclesial do convento conheceu uma grandiosa campanha ornamental com talha e azulejaria. Para além do espólio de azulejaria seiscentista subsistente no edifício, o conjunto azulejar do século XVIII compreende o revestimento figurativo da igreja, que terá sido realizado em 1741 por Policarpo de Oliveira Bernardes.⁽¹⁴²³⁾

Nossa Senhora dos Prazeres, Igreja de

Na parte mais central da cidade de Beja, a dois passos da Sé, do Castelo e da antiga Misericórdia, está esta ignorada capela, que é dos mais notáveis repositórios de arte sacra da cidade. O culto está resumido à celebração de algumas devoções particulares. Na fachada lê-se esculpida a data de 1672, que corresponde à construção propriamente dita. No interior depara-se-nos uma pequena nave de planta quadrada, à qual se segue a capela-mor poligonal, iluminada por lanterna. No corpo da capela destacam-se os ornatos de madeira entalhada e dourada, já dos retábulos dos altares colaterais, já dos emolduramentos de algumas telas de muito boa pintura. Sobre este conjunto de volumes dourados ergue-se o tecto de abóbada de berço, onde são visíveis as pinturas aplicadas, de qualidade excepcional.⁽¹⁴²⁴⁾

Na parte inferior das paredes, em silhar de 12 de altura, estão os azulejos que completam a decoração, muito valorizando o conjunto. É azulejaria de pintura azul intensa, e divide-se em vários painéis historiados, separados entre si por ornatos de cariátides, e limitados no extremo superior e inferior por barras de 2 azulejos de composição ornamental com flores e elementos arquitectónicos.

Entrando na capela é-se imediatamente envolvido pelos azulejos de figura avulsa que forram o vão da porta, e que são notáveis exemplares do género, em que a figuração enche todo o azulejo com grandes flores, barcos, pássaros e outros animais. No silhar propriamente dito os painéis figuram cenas relacionadas com a *Fuga e Desterrro da Sagrada Família*, alternando com as dos *Desponsórios* e da *Visitação*. É neste último painel que se encontra a assinatura de toda a obra, a qual se verifica ser de Gabriel del Barco, datada de 1698.

No falso transepto os azulejos continuam, agora em painéis com *Santo António* e *São Francisco*, este último parcialmente oculto por uma imagem de *Santo Amaro*.

Nos altares colaterais vêm-se azulejos forrando as ilhargas, o que leva a presumir que os frontais seriam também forrados com azulejos. No meado do século XVIII, quando os altares de mesa foram transformados em altares de urna, aplicou-se aqui um acrescento que talvez não tenha provocado a destruição dos antigos revestimentos.

⁽¹⁴²³⁾ Sobre o edifício vide: FUSCHINI, 1944; VIANA, 1941-46; CANELAS, 1965; DIAS, 1986; BORRELA, 1988; SILVA, 1989; MESTRE, 1993; ESPANCA, 1992; DIAS, 1994; IHRU, «Igreja de Nossa Senhora da Conceição/Museu Rainha Dona Leonor/Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 1993-97. Sobre a azulejaria do edifício foi recentemente realizada uma dissertação de mestrado: MONTEIRO, 2001a. (SC)

⁽¹⁴²⁴⁾ Sabe-se hoje que a execução das pinturas se deve a João Pereira Pegado, dourador-estofador e pintor de brutesco e Pedro Figueira, pintor-brutescador e fresquista e que na decoração do interior também participou António de Oliveira Bernardes. SERRÃO, 1996-97, n.º 21-22; SERRÃO, 2007a; vide ainda ESPANCA, 1992; MESTRE, 1983-85; MESTRE, 1993. (SC)

Pousada de São Francisco, São Francisco, antigo Convento de

No antigo convento, hoje Centro de Mobilização,⁽¹⁴²⁵⁾ ainda existem restos de azulejos de figura avulsa, do tipo de grandes flores azuis e pássaros, nas dependências destinadas à família de oficiais.⁽¹⁴²⁶⁾

Rosário, Igreja de

Silhar com três painéis representando cenas marianas e cristãs. Os painéis delimitados com moldura recortada de desenho *rocaille* de concheados e elementos vegetalistas, de cores amarela, verde, manganês, estão separados por colunas encimadas com urnas. Na parte inferior socos monocromos, azul e branco, decorados lateralmente com pilastras e elementos vegetalistas, ao centro dois anjos sentados sobre enrolamentos vegetalistas, suportam medalhão recortado com concheados e elementos vegetalistas com emblemas marianos. (O silhar é composto por seis painéis, encontrando-se os da parede esquerda desmontados e guardados em caixas, pelo que não foi possível serem observados.)⁽¹⁴²⁷⁾

Santo Amaro, Igreja de (núcleo do Museu Regional de Beja)

No actual núcleo do Museu Regional de Beja, antiga catedral moçárabe com invocação de Nossa Senhora da Graça, encontramos painéis de azulejos da Igreja de Santo Amaro, monocromos, azul e branco, dois com representação de cenas de caçada e dois com a representação de Santo Amaro.⁽¹⁴²⁸⁾

Sé de Beja

Revestimento em azulejos monocromos, azuis e brancos, das naves laterais, transepto e capela-mor da Sé de Beja. Os painéis que revestem as naves poderão ter vindo da igreja do Convento das Mónicas, de Lisboa, e retratam, provavelmente, a Vida de Santa Rita de Cássia, identificada por alguns atributos, como as rosas, e por ter sido monja agostinha, a mesma congregação do antigo Convento das Mónicas de Lisboa; os painéis da capela-mor, com episódios da Vida de Cristo, terão vindo da mesma igreja. Os painéis do transepto terão vindo da antiga Igreja dos Jesuítas em Arroios, na cidade de Lisboa. Os azulejos de figura avulsa serão do século XIX.⁽¹⁴²⁹⁾

CONCELHO DE CASTRO VERDE

CASTRO VERDE

Chagas do Salvador, Igreja das (vulgo Nossa Senhora dos Remédios)⁽¹⁴³⁰⁾

A igreja, de uma nave única, está em ruínas. O corpo tem as paredes forradas de azulejos de figura avulsa numa altura de 25, incluindo a cercadura singela, de «estrelinhas». Serão ao todo cerca de 5631 azulejos, do tipo de flores, com um ou outro animal ou barco.

(1425) O edifício é nos nossos dias uma pousada da Enatur, tendo sido utilizado até ao ano de 1992 como Centro de Mobilização ou instalação do antigo quartel do Regimento de Infantaria n.º 3. (SC)

(1426) Vide: FREIRE, Vasco, 1610; SILVA, Ms.8019, BNP; BELÉM, 1750; ARAGÃO, 1878; VIANA, 1950; Ministério das Obras Públicas, 1951; Ministério das Obras Públicas, 1953; Ministério das Obras Públicas, 1957; Ministério das Obras Públicas, 1959; CANELAS, 1965; CHICÓ, 1981; MESTRE, 1993; ESPANCA, 1992; DIAS, 1994; ENATUR, 1994; *Monumentos*, n.º 3, 1995, pp. 72-77; CUNHA, 1997; CARAPINHA, 2003; LOBO, 2006. (SC)

(1427) SC

(1428) SANTOS, 1927; BRITO, 1948; VIANA, 1949; ESPANCA, 1992; MESTRE, 1993; *Núcleo Visigótico, catálogo da inauguração do Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja*, 1993; BARROCA, 2000, t. 2, pp. 1320-1323. (SC)

(1429) SERPA, s.d.; ESPANCA, 1992; BORRELA, 1995. (SC)

(1430) COSTA, 1708; LEAL, 1874; PEREIRA e RODRIGUES, 1906; *Guia de Portugal*, vol. 2, 1932; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa, 1948; *Tesouros Artísticos de Portugal*, 1976.

Na capela-mor o silhar é historiado, de 15 azulejos de alto, com painéis representando cenas marianas. Toda esta azulejaria será de cerca de 1740. ⁽¹⁴³¹⁾

Nossa Senhora da Conceição, Igreja Matriz de

Notável igreja pelo seu tamanho! A fachada é ladeada de duas torres sineiras e sobre a porta principal – típica dos princípios do século XVIII – estão as armas de São Tiago. O interior é de excepcional imponência, de nave e capela-mor. ⁽¹⁴³²⁾

Toda a igreja é revestida de azulejos azuis de cerca de 1730, tendo as paredes laterais um socalco de 17 de alto seguido de um paramento contínuo de 27 azulejos. Acima, entre as três janelas, de cada lado, estão os grandes painéis ilustrando a Vida de D. Afonso Henriques e o *Milagre de Ourique*, numa altura de 34 azulejos, incluindo as cercaduras de folhagens. Também os vãos das janelas são azulejados com composições de grandes vasos floridos, sustentados por anjos, e na parte do tecto pelas armas de São Tiago.

As paredes dos topos, nas partes livres de arcos e nichos, são igualmente azulejadas com a ordenação do restante da igreja.

À entrada, sob o coro, a decoração é obtida com azulejos avulsos de flores e animais, sobre socacos ornamentais de «vasos e golfinhos», iguais ao socalco do corpo da igreja. O paramento maior das paredes laterais é de grandes estrelas e túlipas.

No baptistério, igualmente forrado de azulejos de figura avulsa, há uma composição com a cena do *Baptismo de Cristo*.

A capela-mor, igualmente forrada até à cornija, tem azulejos figurados, azuis, com belo emolduramento de discípulo de Policarpo de Oliveira Bernardes, de cerca de 1730. ⁽¹⁴³³⁾

LXXXVIII

Santa Bárbara dos Padrões, Igreja Paroquial de

Frontal de azulejos monocromo, azul e branco, com São Miguel, ao centro, dentro de um medalhão, com balança na mão esquerda e cruz na direita, pisa o demónio. Moldura de concheados. Barra de enrolamentos vegetalistas, frontaleira com enrolamentos vegetalistas e ao centro cabeça de figura humana. Friso com quadrícula com flores de sete pétalas brancas com núcleo azul. No exterior fragmento com duas alminhas. ⁽¹⁴³⁴⁾

São Miguel, Ermida de

Na estrada para Casével encontramos esta pequena ermida de nave e capela-mor. O corpo é forrado de azulejos numa altura de 29, do tipo «almofada», divididos em panos com cercadura azul. Conjunto notável no seu género, de cerca de 1780.

A capela-mor é também forrada até à cornija, tendo no soco azulejos de «almofada» do mesmo tipo do corpo. Na parte superior vemos dois painéis figurados, de centro azul e emolduramento policromo. A figuração é referente a *São Miguel*, de desenho regular. Do lado direito, porta de azulejos manganês, com ferragens em amarelo. ⁽¹⁴³⁵⁾

(1431) Revestimento de azulejos da Igreja das Chagas do Salvador – Castro Verde. O corpo tem paredes forradas de azulejos de figura avulsa, monocromos, em azul e branco, com cantos decorados com o motivo de «estrelinha» e cercadura composta por elemento vegetalista com volutas nas extremidades, ligando-se uns aos outros, com ponto azul na parte inferior do elemento vegetalista, delimitado por rebordo e filete branco. Serão ao todo cerca de 5631 azulejos do tipo «flores», com um ou outro animal e um barco. Na capela-mor o silhar é historiado, de 15 azulejos de alto, com painéis representando cenas marianas. Toda a azulejaria será de cerca de 1740. (SC)

(1432) O edifício é também conhecido como Basílica Real de Castro Verde. Vide: RESENDE, 1593; *Guia de Portugal*, vol. 2, 1932; PEREIRA e RODRIGUES, 1906; FALCÃO, 1991; TORRES, 1993.

(1433) Os painéis figurativos estão atribuídos ao Mestre PMP, integrando-se numa campanha de renovação ocorrida por iniciativa régia em 1727. CIDRAES, 2008, pp. 84-104.

(1434) Vide COSTA, 1996.

(1435) CARVALHO, 1989.

CONCELHO DE MÉRTOLA

ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, Igreja do

No interior silhar de 10 de alto, com azulejos de figura avulsa de tipo «estrelinhas», de modelos vulgares. Estes azulejos encontram-se na capela-mor e, bem assim, nas duas capelas colaterais.

No exterior, uma série completa de cruces da Via Sacra (catorze) de pintura azul, com efeitos marmoreados. Trabalho lisboeta da segunda metade do século XVIII.

CONCELHO DE MOURA

MOURA

Fonte (no jardim anexo à antiga moagem da Rua do Arouche)

Painel-registo, do fim do século XVIII, com *Nossa Senhora do Carmo e Santo António*. Cercadura policroma, centros azuis e moldura recortada. Dimensões do painel: 7 × 5 azulejos.

Nosso Senhor Jesus dos Quartéis, Igreja de

Silhar baixo de 7 de alto, com grinaldas e medalhões com passos da Paixão, muito bem conservados. Serão de cerca de 1790. ⁽¹⁴³⁶⁾

São Domingos, Igreja (Castelo)

Silhar (fragmentado) monocromático, azul e branco, com decoração de albarradas de composição simétrica com vasos floridos ladeados por duas sereias com dois peixes entrelaçados nas suas caudas. Barra de enrolamentos de folhas de acanto e aos cantos com cabeça sobre vieira, delimitada com filete branco e rebordo azul, e friso com sucessão de óvulos brancos ou sucessão de túlipas, sombreados a azul, delimitado por filete branco e rebordo azul. ⁽¹⁴³⁷⁾

São Pedro, Igreja de – Museu de Arte Sacra de Moura

Revestimento do arco e janela em azulejos de figura avulsa com barcos, flores e animais. Barra composta por friso de elementos ovais ligados e parte superior com elementos vegetalistas, delimitada por filete branco e rebordo azul. ⁽¹⁴³⁸⁾

SAFARA

Nossa Senhora da Assunção, Igreja de

Na capela-mor, dois painéis ladeiam o altar. Têm 12 × 30 azulejos e representam, do lado do evangelho a *Adoração dos Pastores*, e do lado da epístola a *Adoração dos Magos*. Pintura azul do ciclo dos Oliveira Bernardes.

Na parte inferior azulejos, de figura avulsa alternando flores com figuras: fidalgos, chineses, etc.

LXXXIX

⁽¹⁴³⁶⁾ Vide: LIMA, 1960; MATA, 1991.

⁽¹⁴³⁷⁾ Vide: MENDONÇA, 1758; LEAL, 1875; PEREIRA, 1909; LIMA, 1988; MACIAS, 1986; CABRAL, 1991; MATA, 1991; «Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico», in *Arqueologia Medieval*, 1993. (SC)

⁽¹⁴³⁸⁾ Vide MATA, 1991. (SC)

SANTO ALEIXO DA RESTAURAÇÃO

Santo Aleixo, Igreja de

Capela-mor com dois grandes painéis de 14 de alto, pintura azul e medalhão central de paisagens ladeadas de anjos, que seguram grinaldas de flores e frutos. São azulejos sem dúvida de Policarpo de Oliveira Bernardes. Nas sobreportas estão legendas em cartelas:

- 1) OMNIA OMISI / PROTER AMO / REM DOMINI / MEI
- 2) DERIDETVR / IVSTI SIM / PLICITAS

CONCELHO DE SERPA

SERPA

Bom Pastor, Igreja do (antigo Convento de São Francisco)

Na sacristia as paredes estão revestidas de azulejos em 30 de alto, incluindo rodapé de 3 azulejos esponjados a azul. São composições figuradas em painéis enquadrados por barras de folhagens e anjinhos. Referem passos da Vida de São Francisco.

XC

Do ciclo oficial de Oliveira Bernardes, estes painéis têm a intervenção de António, se bem que do período em que Policarpo já colaborava. São de cerca de 1720-25.

Em medalhão, sobre as portas, *São Luís de França*.⁽¹⁴³⁹⁾

Misericórdia, Igreja da

Painel em azulejo monocromo, azul e branco, onde figura uma das *Obras de Misericórdia*, a segunda corporal, «Visitar os doentes» e metade superior de painel em azulejos monocromos azul e branco com medalhão da Igreja da Misericórdia.⁽¹⁴⁴⁰⁾

Nossa Senhora da Consolação, igreja do antigo Convento Paulista de (anexa ao Hospital)

Na capela-mor, dois grandes painéis recortados, de cercadura policroma. O do lado do evangelho tem-na parte central, *Nossa Senhora da Graça Estendendo o Manto Protector* e, na parte superior, a legenda: CONSOLAMIN, CON= / SOLAMIN, POPVLE / MEVS. Joni 40. O do lado da epístola representa *São Paulo Eremita* também estendendo o hábito e a legenda: DISCITE ME / Math 20. Ambos os painéis têm, na altura central, 23 azulejos. Circundando o arco triunfal (datado de 1750 e assinado FRX da Lucam) está a guarnição de azulejos de pintura azul, com medalhões, enquadrando figurações paulistas, cada qual com sua legenda. Referem-se a S. GENS, com o brasão da Ordem, S. MATHEUS ESCANDEI (sic), S. JOÃO DE CASTRO, etc.⁽¹⁴⁴¹⁾

Salvador, Capela do

Na capela-mor existem dois painéis. O do lado da epístola, com 18 azulejos de alto e pintura azul representa a *Adoração dos Anjos* (São José dá de comer ao gado). Os emolduramentos são barrocos com cartelas emblemáticas.

O painel do lado do evangelho representa *Nossa Senhora no Templo*. São painéis de cerca de 1740.

Ladeando a capela-mor está uma guarnição de tipo ornamental «Necessidades», de 10 × 5 azulejos.

(1439) Vide: LEAL, 1880; *Guia de Portugal*, vol. II, 1932; CABRAL, 1971; *Tesouros Artísticos de Portugal*, 1976; SILVA, 1989; FREIXO, 1996.

(1440) O painel *Visitar os Doentes*, é identificado com legenda em latim e dois textos bíblicos (Eclesiastes 7:39 e Mateus 2:5). O painel é composto por vários doentes deitados em camas assistidos por homens, inseridos num interior de um edifício, onde se vê as janelas e elementos arquitectónicos, no canto inferior direito a legenda em latim. O outro painel é composto por medalhão com elementos vegetalistas e concheados com moldura azul-clara e delimitado por filetes azuis e brancos. (SC)

(1441) Ministério das Obras Públicas, 1953; CABRAL, 1971; FREIXO, 1996. (SC)

Santa Maria, Igreja de

Na Capela do Santíssimo, silhar baixo de 9 azulejos de alto, do tipo «grinaldas», com medalhões azuis e emblemas eucarísticos, de cerca de 1790. ⁽¹⁴⁴²⁾

BRINCHES

Nossa Senhora da Consolação, Capela de

Revestimento em azulejos monocromos, azul e branco, do arco e da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Consolação. Arco triunfal de volta perfeita emoldurado e assente em pilastras, cujos capitéis se prolongam em cornijas, revestidos por barras de azulejos, formando moldura com grinalda; o arco é enquadrado por composição azulejar que ocupa toda a parede até à abóbada, atribuída a Policarpo de Oliveira Bernardes, com remate superior em barra de enrolamentos de folhas de acanto e composição figurativa representando *Nossa Senhora com o Menino nos Braços*, abençoando com a mão direita e sustentando o orbe na esquerda, enquadrados por nuvens onde esvoaçam querubins e anjos, destacando-se dois grandes anjos em adoração que ladeiam as imagens; nas paredes laterais destacam-se medalhões ovais, o da esquerda com um obelisco encimado pelo sol e filacteria com a inscrição «VMBRAMNESCIT.» e o da direita com uma árvore e uma serpente encimadas pela filacteria com a inscrição «ODORE FVGAT SUO», enquadrados por largas grinaldas de folhagens, flores e frutos, sustentadas inferiormente por dois pequenos anjos e superiormente por outros dois, um dos quais sustém uma fita onde está suspenso o medalhão. Capela-mor coberta por abóbada de cruzaria de ogivas com nervuras rebocadas e caiadas, altar precedido por degrau de cantaria, com mesa de altar e banquetas de alvenaria revestidas por azulejos de figura avulsa e parede fundeira revestida por azulejos de figuras avulsas com barras de remate com enrolamentos de folhas de acanto (a parede do altar-mor e o frontal em azulejo são cópias dos azulejos das paredes laterais). Paredes laterais revestidas por azulejos de figura avulsa enquadrados por barras com enrolamentos de folhas de acanto, que criam a um terço da altura uma barra divisória definidora de um lambрил; na parede da direita abre-se a porta de acesso à sacristia a que corresponde na parede oposta uma porta falsa, integrada na composição azulejar, pintada a azul e branco. ⁽¹⁴⁴³⁾

CONCELHO DE VIDIGUEIRA

VIDIGUEIRA

Misericórdia, Igreja da

Na parte sobrelevada da capela-mor, do lado do evangelho, painel de 14 × 14 azulejos, incluindo a barra de dois. Os azulejos, de pasta grosseira, bastante empenados e de má cozedura, têm 143/145 mm de lado. A barra é do tipo de folhas encurvadas e a pintura a azul e branco.

A parte central do painel figura *Jesus com a Samaritana*, conforme a representação convencional. O desenho é muito correcto e vigoroso, particularmente nas roupagens. Reconhece-se que o autor estava senhor de boa técnica e sabia dosear os azuis para a obtenção de efeitos de perspectivas e de volume. As sombras são obtidas com azul aguado.

Num azulejo, junto aos pés da figura de Cristo, lê-se a assinatura:

An.^{to} p.^{ra}. f.

(1442) Vide: FREIXO, 1996; PEREIRA, 1912; *Tesouros Artísticos de Portugal*, 1976. (SC)

(1443) (SC)

Foi esta assinatura referida no *Guia de Portugal* (vol. II, p. 143), mas ignorada de quantos têm escrito sobre azulejaria.⁽¹⁴⁴⁴⁾

Nas paredes laterais do altar-mor, dois silhares de 8 × 14, de pintura azul-clara, com atlantes e anjinhos. Só o silhar do lado da epístola está completo, e julgo tratar-se de trabalho de Gabriel del Barco, de cerca de 1700. Os dois altares laterais têm, nos respectivos frontais, azulejos colocados a granel certamente provenientes de algum outro painel de António Pereira. Nas ilhargas dos altares vêem-se ainda outros azulejos, desta vez de muito mau desenho, do tipo e autor dos da capela colateral do evangelho da Igreja de Santa Maria de Olivença.

Junto do altar do lado do evangelho está uma guarnição de azulejos tendo ao centro um pavão, e que é certamente de António Pereira.⁽¹⁴⁴⁵⁾

Pedrógão, Igreja Matriz de

Painéis de azulejos monocromos, com a representação da *Anunciação*, da *Visitação*, pequenos painéis com representação de paisagens.⁽¹⁴⁴⁶⁾

DISTRITO DE FARO

CONCELHO DE FARO

FARO

Catedral

Na Capela de Nossa Senhora do Rosário (modernamente do Coração de Jesus), instituída pelo Bispo D. Simão da Gama, encontra-se o mais belo e imponente revestimento de azulejos deste monumento. As composições têm 45 de alto por 32 de largo, e são divididas em silhar. O painel tem a cercadura de folhas de acanto, que envolvem todo o arco e as trompas dos cantos.

Na parte inferior existem, de cada lado, três medalhões circulares, com outros tantos anjos empunhando os emblemas marianos: Sol, palma, estrela, cipreste, oliveira e Lua. O painel da esquerda representa a *Fuga para o Egipto* e o da direita *Descanso na Fuga*. Julgo que se trata de trabalho de Del Barco, mas o desenho parece-me mais perfeito do que o que vulgarmente tenho visto.

A cor é azul-clara, de grande beleza, e manifesta a influência dos painéis holandeses.

Nas trompas há quatro anjos com emblemas marianos: rosa, fonte, espelho e torre. A cercadura de acantos e as trompas são de azul mais forte que o alizar, e os painéis talvez de outra proveniência. A parte inferior tem esponjados azuis. Deve tratar-se de trabalho de cerca de 1695-1700.

Os painéis estavam, há muitíssimos anos, tapados com duas telas do meado do século XVIII, aliás muito belas.⁽¹⁴⁴⁷⁾

(1444) O *Diário de Notícias* de 26 de Setembro de 1958 publicou uma notícia sobre estes azulejos, dando-os como do século XV(!) e não indicando que estavam assinados. Esta notícia provocou algumas cartas ao Director do *Notícias*, que publicou, a propósito, uma pequena local no seu número de 30 do mesmo mês.

Nuno Catarino Cardoso (CARDOSO, 1936, p. 16), referiu correctamente a assinatura de António Pereira nos azulejos da Igreja da Misericórdia da Vidigueira.

(1445) Vide IHRU, «Igreja da Santa Casa da Misericórdia», www.monumentos.pt, 1997. (SC)

(1446) Vide ESPANCA, 1992. (SC)

(1447) Vide J. M. dos Santos Simões – «Excertos de um estudo inédito. III – O notável revestimento de azulejo figurado de uma capela da Sé de Faro», in jornal *Correio do Sul*, de Faro, de 4 de Agosto de 1949, pp. 1-2.

A Igreja da Sé, antiga Igreja de Santa Maria construída na segunda metade do século XIII, é desde o século XVI a catedral da Diocese do Algarve e um dos mais ricos repositórios do património artístico da região. O templo foi, ao longo dos séculos XVII e XVIII, objecto de diversas campanhas re-constitutivas nomeadamente após o saque das tropas inglesas do Conde de Essex em 1596 e, também, na sequência dos terramotos de 1722 e 1755.

Clube Farense (Rua de Santo António, n.º 30)

No patamar superior da escada há dois painéis azuis, do meado do século XVIII, com a figura de *São Francisco* (ou de *São Bernardo*?). Não os julgo deste local e pareceram-me pertencer a uma mesma colecção de que se encontram exemplares na Igreja de São Francisco.⁽¹⁴⁴⁸⁾

Museu Municipal de Faro

Situado desde 1960 no antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, o Museu Municipal de Faro possui na sua colecção um importante conjunto de azulejos representativa das diferentes épocas da azulejaria portuguesa. Na colecção, que se encontra em estudo, podemos encontrar alguns exemplares de azulejos setecentistas. Trata-se, no entanto, de azulejos soltos, desintegrados do seu contexto arquitectónico original e cuja proveniência nem sempre é conhecida.

Nossa Senhora da Esperança, Igreja de

Fundada por João Amado, cavaleiro e criado do Bispo do Algarve, D. João Camelo Madureira (1486-1501), a Igreja de Nossa Senhora da Esperança, outrora situada nas imediações da cidade de Faro e integrada, no século XVII, no interior da cerca seiscentista que envolvia a cidade, é actualmente um pequeno templo pertencente à Paróquia de São Luís. O edifício, no qual após o Terramoto de 1755 se realizaram significativas obras de reconstrução, conserva, no que à azulejaria se refere, dois painéis de albarradas nas paredes da capela-mor.

Nossa Senhora do Alto, Colégio de (antigo Palácio Fialho)

No jardim, espaldar da escadaria forrado com dois painéis de 10 × 17. São azuis, barrocos, com centros figurando cenas de bivaques. Na moldura, cariátides. Alguns azulejos foram restaurados. Ignora-se a sua proveniência.⁽¹⁴⁴⁹⁾

Para além dos revestimentos cerâmicos seiscentistas, nomeadamente o da capela-mor realizado em 1664, a catedral algarvia conserva um importante acervo de azulejaria do século XVIII na capela da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Capela de Nossa Senhora dos Prazeres e na Capela do Santo Lenho, algumas das prestigiosas confrarias sediadas, em Setecentos, na catedral algarvia.

Na Capela da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, espaço reedificado em 1690 pelo Bispo do Algarve D. Simão de Gama, encontra-se a primeira grande obra da azulejaria figurativa barroca no Algarve. A obra, que deve ter sido realizada nos últimos anos do século XVII, é actualmente atribuída a António Pereira. As paredes laterais e fundeira da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres encontram-se revestidas com painéis integrados na «grande produção joanina». Constituem silhares ornamentais de densa folhagem de acanto com insígnias marianas. Na Capela do Santo Lenho, capela-relicário mandada edificar pelo Bispo D. António Pereira da Silva e que em 1786 foi readaptada ao culto a São Francisco de Paula, podemos observar um conjunto de três painéis com iconografia dedicada ao santo, exemplares da última produção portuguesa da azulejaria rococó. LAMEIRA, 2000c; MECO, 2006, pp. 65-70; FONSECA, SABÓIA, 2001-02, p. 119. (SC)

⁽¹⁴⁴⁸⁾ Vide SIMÕES, 1949f, p. 3.

FLÁVIO GONÇALVES

Localizado no número 30 da Rua de Santo António, o Clube Farense, associação recreativa, encontra-se instalado no também conhecido «Solar dos Pantojas». Este edifício civil, um dos mais significativos exemplares da arquitectura chã da capital algarvia, constituiu, no século XVIII, a residência do historiador Damião António de Lemos Faria e Castro (1715-89) que em 1733 contraiu matrimónio com a filha de Gil Vaz Lobo Freire Pantoja. O edifício foi ocupado durante algum tempo pelo Museu Marítimo e constitui, desde 1917, a sede do Clube Farense, que nesse ano procedeu a uma campanha de obras com o objectivo da sua instalação no local. Nos patamares superiores esquerdo e direito dos dois lanços de escadas que se encontram na entrada do edifício, vemos dois painéis de azulejos azuis em bom estado de conservação, sendo totalmente desconhecido o meio pelo qual estes dois exemplares de azulejaria com iconografia de temática hagiográfica, ambos enquadrados por moldura de cor branca, aqui chegaram. No painel do lado esquerdo de quem entra no edifício, a figura do corpo seminu do santo envolvido por uma grinalda de flores/e ou frutos está reclinada. À direita do santo observamos, numa posição vertical, uma figura masculina de corpo desproporcionado e de dimensão mais reduzida do que o elemento hagiográfico. À esquerda do santo aparece, numa posição também vertical, uma figura feminina com uma aparência física de visível elegância. O painel do lanço de escadas do lado direito de quem dá entrada ao edifício mostra a representação hagiográfica de um santo a segurar uma igreja cuja dimensão ocupa quase a totalidade do painel. Vide: MENDES, 2002, p. 15; LAMEIRA, 1997a, p. 46. (SC)

⁽¹⁴⁴⁹⁾ O actual Colégio de Nossa Senhora do Alto, pertença da Diocese do Algarve, encontra-se instalado no antigo Palácio Fialho, propriedade mandada edificar no ano de 1915 por João António Júdice Fialho, uma das mais importantes personalidades da indústria no Algarve. O edifício, cuja arquitectura constitui um revivalismo da arte clássica francesa, teve como autor do projecto o arquitecto Joaquim Manuel Norte Júnior. No jardim e outras dependências do edifício subsistem diversas aplicações de azulejos do século XVIII, sendo desconhecidas a sua proveniência e autoria. Este conjunto cerâmico é constituído por um painel figurativo azul e branco no fim do muro de entrada da quinta, pequenos conjuntos de azulejos de figura avulsa junto à casa de fresco e no recanto próximo do tanque anexo à casa do guarda e, também, por uma extensa banda de azulejos azuis e brancos de figura avulsa de «estrelinha» que reveste a antiga casa dos caseiros. LAMEIRA, 1997, p. 98; COSTA, 2004. (SC)

Paço Episcopal

Sala do Museu Marítimo ⁽¹⁴⁵⁰⁾ – grande painel com composição arquitectónica, tendo ao centro a figura da «CARIDADE». Desenho azul com amarelos e manganês.

XCI

Átrio – Silhar azul de concheados, a dois tons, tendo ao centro, a manganês, medalhões com fontes.

Escadaria – No topo do 1.º andar, painel recortado, policromo, encimado pelo brasão do Bispo D. Frei Lourenço de Melo, com as figuras da «PRVDENCIA» «FEE» «ESPERANCA» «IVSTICA» e «FVRTALEZA». Os alizares da escada são como os do átrio. ⁽¹⁴⁵¹⁾ No primeiro piso há dois salões azulejados, ⁽¹⁴⁵²⁾ sendo o primeiro com silhar recortado da mais exuberante decoração. O outro, antigamente de grandes dimensões, tem silhar liso de 8 azulejos de altura, e está interrompido por divisórias colocadas, posteriormente, nas quais se imitaram azulejos.

Todos os revestimentos têm como motivos a mitra e emblemas eclesiásticos. O brasão do Bispo Frei Lourenço de Santa Maria repete-se em todos os azulejos. ⁽¹⁴⁵³⁾

XCII

Pé da Cruz, Igreja do

Nas traseiras da capela está o formoso retábulo do Senhor dos Aflitos, abrigado em arcaria. É uma cruz azulejo com o Crucificado, tendo na maior altura 22 azulejos e 9 na largura da cruz. A figura, de bom desenho, foi recortada. No sopé da cruz, a peanha com uma caveira e um medalhão com «almas» e as letras PNAM.

XC

No interior há azulejos na nave em silhar de 7 de alto, do tipo «almofada» pombalina. De cada lado do altar-mor, painéis de pintura azul com 8 × 11 azulejos, figurando anjos segurando emblemas do martírio: coluna, escada, lança e esponja. Serão de cerca de 1740. ⁽¹⁴⁵⁴⁾

Santo António dos Capuchos, Igreja de (antigo Museu Arqueológico)

Na nave, silhar de azulejos ornamentais de 9 de alto, incluindo 1 azulejo de rodapé marmoreado roxo. Os azulejos são de «taças floridas» em grupos de 4 × 3. Ao centro da igreja, de cada lado, sobre o silhar, vaso recortado.

(1450) Na primeira edição este edifício aparece designado como Departamento Marítimo (antigo Paço Episcopal), pois aí estiveram instalados os serviços da Marinha, nomeadamente o Museu de Marinha, após a ocupação do espaço pela República. LAMEIRA, 1995. (SC)

(1451) Apesar do bom estado de conservação do conjunto em geral, os painéis que ladeiam a escadaria de acesso ao piso superior encontram-se em lamentável estado de degradação. (SC)

(1452) São três e não dois os salões com revestimento de azulejos existentes no 1.º piso. (SC)

(1453) Um dos mais expressivos edifícios da arquitectura chã no Algarve, o actual Paço Episcopal, situado diante da Sé Catedral e dos Paços do Concelho no interior da Vila-Adentro, remonta, de modo provável, ao tempo do bispado de D. Fernando Martins Mascarenhas (1594-1616). D. Frei Lourenço de Santa Maria, Bispo da Diocese do Algarve entre 1752-83, foi o responsável pela reconstrução pós-terramoto de 1755 do Paço Episcopal. Edifício por *excelência* da Diocese, o Paço Episcopal hospedou em 1907 os reis D. Carlos e D. Amélia na sua visita ao Algarve e em 3 de Julho de 1913 foi tomado pelas hostes republicanas e tornou-se então Museu de Marinha. Somente a 8 de Fevereiro de 1962 o edifício do Paço voltou a integrar o património da Diocese algarvia, tendo o Bispo D. Frei Francisco Rendeiro procedido ao seu restauro em 1965. Na sequência da mencionada campanha de obras ocorrida após o terramoto de 1755, procedeu-se à concretização de um notável programa decorativo baseado no revestimento com azulejos. A azulejaria do Paço Episcopal de Faro, o mais notável programa de azulejaria rococó subsistente na região, reflexo da importância do encomendador D. Frei Lourenço de Santa Maria, terá sido elaborado pelo mestre Domingos de Almeida cerca de 1760. LAMEIRA, TELMO, 2001-2002, pp. 20-22; MECO, 2006, p. 70. (SC)

(1454) A Igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz, sede da confraria com o mesmo nome, foi construída cerca de 1640, junto ao outrora designado Campo da Trindade, nas imediações da cidade de Faro. O templo foi edificado segundo as características arquitectónicas do estilo chão e, fruto de sucessivas campanhas ornamentais, constitui hoje um exemplar da chamada «obra de arte total». O património de azulejaria deste espaço religioso é constituído pela conhecida imagem do Cristo Crucificado envolvida por retábulo em estuque rococó, passo existente nas traseiras da igreja, e por painéis de épocas distintas, no interior. Quanto à representação do Senhor Crucificado, trata-se de um calvário joanino atribuído à oficina de Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas. No interior do templo, podemos observar, como dissemos precedentemente, um conjunto de painéis de momentos diversos da azulejaria nacional. Ao século XVII pertence o revestimento das paredes laterais da capela-mor. Trata-se de painéis de azulejos de padrão floral. Junto aos pedestais do arco triunfal, vemos na nave dois painéis com azulejaria de grotesco. Setecentistas são os painéis com emblemas da Paixão de Cristo da capela-mor atribuídos à mencionada oficina de Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas e, também, os diversos painéis de padronagem pombalina que revestem o lambriel da nave do templo.

Vide: MECO, 2006, pp. 65-68; LAMEIRA, 2000; RODRIGUES, 2001-02; SERRÃO, 2001. (SC)

Nas paredes laterais, junto aos altares que ladeiam o arco triunfal, grandes painéis azuis, atingindo 45 azulejos de altura. Sobre uma composição com cartela central de paisagens espalham-se os quadros propriamente ditos. Do lado da epístola, *Morte de Santo António*, vendo-se, entre nuvens e querubins, as figuras de Cristo e da Virgem. Do lado do evangelho, a cartela tem a conhecida figuração do cego com o seu moço atravessando a ponte. Na parte superior, a *Descida da Cruz*, nitidamente decalcada de estampa do conhecido quadro de Rubens, mas invertida.

Estes dois quadros afiguram-se-me ser trabalho da oficina de Valentim de Almeida, comparáveis com os azulejos do claustro da Sé do Porto. As composições inferiores estão mais próximas da oficina de Bartolomeu Antunes. São, em qualquer caso, de cerca de 1730.

Na capela-mor, as paredes são revestidas em 35 de alto, desde o solo à guarnição de talha da sanca da abóbada. Desenvolve-se o paramento em compartimentações que se ajustam mal, levando a supor que entre a encomenda dos azulejos e a sua colocação houve alguma alteração nas dimensões desta capela-mor. Na parte inferior, do lado do evangelho, o silhar está completo, centrado por grande cartela com uma cruz sobre um livro e lírios. Acima, composições figurando outros tantos passos da Vida de Santo António: *Criança Salva no Caldeirão* e *Sermão*. Na parte inferior do primeiro painel, sobre a porta da sacristia, cartela ladeada de anjos, com a cruz antoniana. A seguir, no quadro do *Sermão*, onde presumo ter sido concebido o terceiro quadro hagiográfico, está uma composição de volutas a enquadrar uma «janela fingida» espelhando a que lhe fica fronteira.

Do lado da epístola, composição semelhante, com dois quadros antonianos: *Santo Antoniano* e *Uma Dama e Santo António em Adoração*, aqui também com a cruz antoniana. Sobre o primeiro painel vemos porta fingida em manganês, equilibrando com a porta da sacristia.

Entre este painel e o retábulo teria havido outro quadro. Ao ser aberta a janela, aliás em época vizinha dos azulejos, sacrificaram-se estes, muitos dos quais foram colocados a granel em redor da janela.

De um lado e de outro do altar do retábulo, painéis de 9 × 10, tendo ao centro cartelas ovais com paisagens marítimas e um cavaleiro.

Azulejos do tipo convencional lisboeta de cerca de 1740.⁽¹⁴⁵⁵⁾ Nas paredes laterais do arco há dois nichos azulejados com grandes anjos. Na parte superior dos nichos, em calote, pintaram-se grandes conchas.

Da colecção do museu vemos ainda uma cruz de 15 × 6 azulejos, de pintura azul. A cruz tem efeitos esgrafitados e, na base, uma pequena cartela com «alma orante» e as inscrições:

ANNO 1719

PADRE NOSSO AVE AMARIA PELLAS ALMAS⁽¹⁴⁵⁶⁾

(1455) Sobre os azulejos da igreja, *vide*: BNL, 1927, vol. II, p. 240 (texto de Lyster Franco e Raul Proença); ROSA, 1969, pp. 154-155.

(1456) A igreja do antigo Convento de Santo António dos Capuchos, um dos vários conventos franciscanos da designada província da Piedade, cuja primeira pedra foi lançada no dia 15 de Outubro de 1620 pelo Bispo da Diocese do Algarve D. João Coutinho, foi edificado num terreno cedido pelo casal Francisco Martins e Branca Roloa. O espaço eclesial, edificado segundo as características do estilo chão, foi inaugurado no dia 13 de Junho de 1622. Neste convento funcionaram actividades lectivas após o fechamento do Colégio da Companhia de Jesus e, também, aqui se leccionou a cadeira de Gramática Latina a partir do ano de 1779 e até à abertura do Seminário Episcopal. Com a implantação do Estado liberal, o espaço conventual foi ocupado pelas forças militares e, posteriormente, pela Guarda Nacional Republicana. Em 1912, a igreja foi alugada pelo Município de Faro que aqui instalou o Museu Arqueológico Lapidar Infante D. Henrique, mantendo-se este no edifício até ao ano de 1969.

O templo constitui um dos mais interessantes espaços do barroco no Algarve, fruto da campanha de ornamentação realizada na primeira metade do século XVIII e baseada na articulação harmoniosa entre a talha dourada e a azulejaria e aqui se encontra, em simultâneo, um dos mais representativos conjuntos do azulejos figurativos barrocos da região. O património em azulejo setecentista do templo é constituído pelos painéis figurativos da capela-mor e do falso transepto da nave e pelo silhar de albarradas joaninas da nave da igreja. Apesar da ausência de documentação que comprove a autoria dos azulejos, o revestimento figurativo da capela-mor e do falso transepto da nave tem sido atribuído a Valentim de Almeida. Para além da representação da deposição de Cristo da cruz, representada no painel do lado do evangelho do «transepto» da nave, toda a iconografia azulejar diz respeito à Vida de Santo António. LAMEIRA, 2006, p. 68. (SC)

São Francisco, Igreja da Ordem Terceira de

O conjunto de azulejos desta igreja é dos mais complicados e desconcertantes que conheço.⁽¹⁴⁵⁷⁾ Apesar da enorme mistura e da desordenada colocação dos azulejos, julgo possível distinguir aqui exemplares das seguintes épocas:

- a) *Primeiro quartel do século XVIII* – Estão no transepto. Subsistem ainda azulejos azuis, historiados, mas dos quais não há nenhuma composição completa. Reconhecem-se pela cercadura de acantos simples.
- b) *Cerca de 1720(?)* – As partes laterais da abóbada da capela-mor, de riquíssima composição, são sem dúvida de Policarpo de Oliveira Bernardes e reconheço mesmo em alguns azulejos (nas figuras da *Verdade* e da *Justiça*, por exemplo) a mão de seu pai António.
- c) *Cerca de 1740* – Mais tardios são os azulejos com santos, que se encontram nas paredes da capela-mor.
- d) *Cerca de 1755* – Após esta data, e por ter ruído a parte central da abóbada, foi esta recomposta e azulejada, aproveitando-se o que existia e se continuou com os azulejos da época, cerca de 1780. Deste tempo serão ainda outros azulejos como os que estão no coro e junto à actual porta.

XCIII

É provável, senão certo, que haja aqui azulejos que foram trazidos de outras partes do convento, ou mesmo de outro convento (de São Bernardo ou de São Bento?).

Segundo notícia deixada pelo Cónego Miguel da Cunha e Lorena, a «15 de Agosto foi lançada a primeira pedra para a fundação da igreja e neste mesmo ano foi instituída aqui a Venerável Ordem Terceira de São Francisco. Os azulejos foram feitos em Lisboa e comprados em 1762. Os quadros que estão de lado do claustro são de Marcello Leopardi, feitos em Roma em 1792, os do lado oposto ignora-se a procedência. A Confraria de Nossa Senhora das Dores data de 23 de Outubro de 1744 e foi aprovada pelo Senhor Bispo D. Inácio de Santa Teresa, em 15 de Dezembro do mesmo ano, porém, o septenário e procissão das Dores começaram em 1739».

Na antiga nave, agora capela-mor, está portanto a abóbada revestida com azulejos pós-Terramoto. Serão estes os azulejos «feitos em Lisboa e comprados em 1762», conforme a notícia deixada pelo Cónego Miguel da Cunha e Lorena.

A Capela dos Terceiros foi instituída em 1679. Ao longo da antiga nave as paredes conservam azulejos anteriores ao Terramoto, com painéis referentes à Vida de São Francisco e figuras de vulto de Irmãos e Irmãs Terceiras:

- 1) S. IZABEL RAINHA / de Ungria
- 2) B. BIBALDO
- 3) B. ROBERTO. REI / de Cicilia
- 4) B. ANONIMO CONEGO / Cardeal
- 5) S. CLARA DEMONTE / falco
- 6) B. SANCHÁ. RAINHA / de Cicilia
- 7) B. CATHERINA RAINHA / de Inglaterra
- 8) B. MICAELINA
- 9) S. ROQUE
- 10) B. BERTOLDO
- 11) B. ROBERTO DE MALLA / testa
- 12) S. DELFINA CONDEÇA / de Arriano.⁽¹⁴⁵⁸⁾

(1457) Vide SIMÕES, 18 de Agosto de 1949h, pp. 1 e 3.

(1458) A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Faro, cujo lançamento da primeira pedra se realizou no dia 15 de Agosto de 1679 pelo Deão D. Manuel Guerreiro Camacho, foi edificada no interior da cerca do convento com a invocação do mesmo santo e benzida quatro anos depois daquela data. No templo, sede de uma das mais importantes associações religiosas de todo o Algarve, foram, ao longo do século XVIII, realizadas diversas campanhas arquitectónicas e decorativas que fazem deste templo um dos mais representativos testemunhos da ambiência artística não só barroca, mas

São Pedro, Igreja Matriz de

O altar que foi da Irmandade das Almas, do lado da epístola, é reentrante, mas a parede da nave no qual se abre está revestida de azulejo, num majestoso paramento que atinge 64 azulejos na altura e 54 na largura.

É azulejo de pintura azul, de cerca de 1740, de riquíssima composição decorativa. Enquadrando painéis alegóricos à devoção: *Escapulário Salvando Almas do Purgatório*. Reconhece-se *São Domingos, São Simão Stock, São Francisco, Nossa Senhora do Carmo, São Miguel e um anjo*.⁽¹⁴⁵⁹⁾

Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Igreja da

Na igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, cuja primeira pedra foi lançada no ano de 1713 e benzida no ano de 1719, encontramos conjuntos de azulejos setecentistas na capela-mor e no corpo do templo. Dois painéis de padrão neoclássico, de autoria desconhecida e data incógnita, revestem as paredes laterais da capela-mor. O corpo da nave, quer no lado do evangelho, quer no lado da epístola, inclusive o coro baixo, está revestido com painéis de azulejos da época pombalina.⁽¹⁴⁶⁰⁾

CONCELHO DE LAGOA

ESTÔMBAR

São Tiago, Igreja Matriz de

XCIV

Templo notável, com portais do século XVI. O interior tem três naves singelas, com quatro tramos, separados por colunas toscanas e arcos de volta perfeita.⁽¹⁴⁶¹⁾

Acompanhando os arcos estão azulejos azuis de volutas e, no coro, do tipo «estrelinhas». O arco da capela-mor é todo revestido de azulejos azuis, figurados com anjinhos segurando festões, enquanto que no tímpano a composição representa a *Ressurreição*, certamente de Policarpo de Oliveira Bernardes.

A capela-mor é inteiramente revestida, tendo ao nível do altar-mor 25 de alto. A abóbada de berço, também totalmente azulejada, tem 47 azulejos em volta. Os revestimentos laterais resultam de uma curiosíssima mistura de azulejos figurados de duas épocas, mas que foram caprichosamente combinados a ponto de quase não se notarem as soluções de continuidade. Contidos por barra de 2 azulejos com anjos, leões, cães, quimeras, atlantes, etc. sobre fundo azul, estão os «quadros» que enchem o campo dos painéis.

também rococó de toda a região. Quanto ao riquíssimo património em azulejo do edifício, trata-se de um dos mais complexos conjuntos de toda a azulejaria subsistente na região. Para além do revestimento com azulejaria policroma seiscentista existente na parte inferior da capela-mor do templo, podem observar-se na igreja conjuntos de azulejos de diferentes épocas do século XVIII. Esta complexidade tem de ser entendida no âmbito das diversas campanhas de obras ocorridas no templo, nomeadamente a alteração da orientação da igreja de poente para nascente realizada no ano de 1744, devendo-se, também, ao terramoto de 1755. Quanto às campanhas de revestimento azulejar, sabemos que no ano de 1718 a nave da igreja foi integralmente coberta de azulejos, obra coordenada por Manuel Borges e atribuída a António e Policarpo de Oliveira Bernardes. Desta campanha subsistem ainda fragmentos na actual capela-mor e cruzeiro. Foram ainda identificadas obras atribuídas a Manuel de Oliveira e outras afins do estilo de Teotónio dos Santos. Fruto do sismo de 1755, a Ordem Terceira de São Francisco encarregou em 1761 o mestre Domingos de Almeida do revestimento da parte central da abóbada através do reaproveitamento dos azulejos que sobreviveram ao Terramoto. LAMEIRA, 2000b; ROMBA, 2001-02; MECO, 2006, p. 68. (SC)

(1459) A actual Igreja Matriz de São Pedro, espaço religioso que teve na sua origem a Ermida de São Pedro que no século XVI passou a ser sede de uma nova freguesia da cidade farenses, constitui essencialmente o resultado da reconstrução efectuada após o terramoto de 1755. Tendo como modelo a igreja da Sé de Faro, o templo foi reedificado segundo o formulário arquitectónico da segunda metade do século XVI. O mais representativo conjunto azulejar do templo encontra-se na Capela das Almas, espaço administrado desde o século XVII pela antiga confraria com a mesma invocação. Tratava-se de uma associação religiosa de mestres e trabalhadores de ofícios manuais a ela pertencendo o maior entalhador algarvio do século XVIII, o mestre Manuel Martins. O monumental revestimento da capela é alusivo à Salvação das Almas do Purgatório e apresenta uma decoração barroca tardia conjugada com elementos rococó. O revestimento azulejar, que foi profundamente afectado pelo terramoto de 1755, é atribuído a Valentim de Almeida. LAMEIRA, 1997a; MECO, 2006, p. 68. (SC)

(1460) CARRUSCA, 2006, pp. 98-105; MECO, 2006, p. 70. (SC)

(1461) Vide: CORREIA, 1987; LAMEIRA, s. d. (SC)

Do lado da epístola e na parte inferior vê-se uma *Batalha Naval*, em que participam dois navios com a bandeira do Crescente, um deles a naufragar, e do qual saltam para o mar os combatentes, de turbantes, e outros dois, com a bandeira de Castela e Leão, a bordo dos quais soldados espingardeiam os naufragos.⁽¹⁴⁶²⁾ À esquerda, a cena de um soldado turco decapitando um mártir, sob os olhares de dois guerreiros trajando à romana e sob as vistas de um soberano, sentado em trono sob dossel, empunhando um ceptro e coroadado de louros.

Na parte superior está a figura de Cristo e a *Pesca Milagrosa*, que era primitivamente de outro painel. Ainda deste lado está a janela gradeada, cujo vão tem azulejos com anjinhos, e na parte superior o cronograma 1719.⁽¹⁴⁶³⁾

Do lado do evangelho as composições correspondem às anteriores e representam *Santiago a Cavallo Atacando os Mouros* e, por cima, o *Milagre da Multiplicação dos Pães* e a *Parábola de Cristo e os Pequeninos*, que ocupa a superfície sobre a porta da sacristia. A abóbada é compartimentada por barra de 2 azulejos de acantos.

Na capela colateral, do lado da epístola (antiga Capela do Santíssimo Sacramento) revestimento total incluindo a abóbada, numa altura de 21 azulejos. Os painéis representam a *Apresentação de Nossa Senhora no Templo* e *Nascimento de Nossa Senhora*. Na abóbada a *Assunção*, e dos lados, em cartelas, as inscrições:

Esta obra man=
dou fazer o
reverendo Pri
or Affonço
Correia de al
meida
Anno
De 1743⁽¹⁴⁶⁴⁾

Na capela colateral do evangelho, o azulejo é em tudo idêntico ao anterior, agora com *Jesus entre os Doutores*, o *Pentecostes* e outra *Assunção*. Toda a parede do arco que faz face à nave central está forrada de azulejos da mesma época e feitura dos da capela-mor. Aqui é evidente o trabalho dos Oliveira Bernardes. Representa a *Ascensão*. De notar que a parte superior desta composição é hoje constituída por azulejos postos a granel.

FERRAGUDO

Nossa Senhora da Conceição, Igreja Matriz de

Na fachada principal, ao centro do tímpano, painel de 4 × 4, com anjinhos empunhando uma Lua e um Sol. A pintura é azul.⁽¹⁴⁶⁵⁾

Na fachada lateral do norte, registo de 9 × 6, tipo «grinaldas», recortado na parte superior, e com medalhão oval tendo a figuração de *Nossa Senhora* entre anjos pairando sobre um grupo de «almas». Na parte inferior: N.S^a / DAS / ALMAS.

(1462) O painel deve representar a Batalha de Lepanto. Vide SIMÕES, de 25 de Agosto de 1949, p. 4 (nota 1).

O tema da Batalha de Lepanto, frequente na arte ocidental da Contra-Reforma, está ligado ao culto da Virgem do Rosário, uma vez que a esta se atribuiu a vitória das frotas cristãs na célebre batalha. Vide MÂLE, 1951, pp. 467-468.

Na azulejaria portuguesa da primeira metade do século XVIII o tema da Batalha de Lepanto aparece ainda, por exemplo, num dos painéis da capela da «Quinta do Barruncho», na Póvoa de Santo Adrião (concelho de Loures). FLÁVIO GONÇALVES

(1463) Vide: VASCONCELOS, 1883-84, pp. 79-81; QUEIROZ, 1907, p. 256 (ou 2.^a ed., 1948, p. 280); BNL, 1927, p. 269 (texto de Raul Proença); CARDOSO, 1936, p. 12; SIMÕES, 1949j, p. 1; SANTOS, 1957, p. 124.

(1464) Vide: VASCONCELOS, 1883-84, pp. 81-82; QUEIROZ, 1907, p. 257 (ou 2.^a ed., 1948, p. 282); BNL, 1927, vol. II, p. 269 (texto de Raul Proença); CARDOSO, 1936, p. 12; SANTOS, 1957, p. 156.

(1465) Este painel de azulejos vem referido em SIMÕES, 1997, p. 242. (SC)

CONCELHO DE LAGOS

LAGOS

Museu Municipal

Enquadrando a porta da entrada, azulejos que vieram de um antigo passo (da Praça da República), do tipo de cercadura policroma com marmoreados, enquadrando figuras azuis. É um passo da *Flagelação*, como se lê pela legenda ECCE IN FLA / GELLA PARA / TUS SUM. São dois painéis de 17 × 8 cada mais a guarnição semicircular com 5 azulejos na base. ⁽¹⁴⁶⁶⁾

Palácio dos Sadias

A casa onde viveu D. Luís Sanches de Baena tem o patamar inferior da escada guardado por duas figuras de «porteiros» recortados, destacando-se do silhar de figura avulsa, de tipo «estrelinhas», o qual garante as paredes laterais no silhar. Na sala de jantar, silhar de 9 de alto, de tipo corrido, com cercadura de 2 azulejos de folhas de acanto torcidas. Na parte central, painéis de 5 × 3 de cestos floridos.

Todas as janelas voltadas à rua têm avental de azulejos, em painéis de 5 × 9 ½. ⁽¹⁴⁶⁷⁾

Santo António, Igreja de

Sob a talha, alizar de 10 de alto, incluindo a barra de 2 azulejos de acantos. São painéis ornamentais de vasos floridos entre pilastras barrocas, separados por anjinhos ajoelhados. Trabalho de cerca de 1730.

Sob o coro, os azulejos devem ter sido colocados depois do Terramoto, copiando os anteriores. ⁽¹⁴⁶⁸⁾

CONCELHO DE LOULÉ

ALMANCIL

São Lourenço, Igreja Matriz de

XCV

A capela, de nave única, com capela-mor de abóbada cupulada, tem um dos mais notáveis exemplares de aplicação azulejar!

É inteiramente revestida de azulejos, tendo apenas ficado à vista as cantarias do arco triunfal e das janelas que iluminam a capela-mor e a nave. Nos sólios da nave foram colocados altares de urna, e em dois deles cometeu-se o crime de inserir nichos... destruindo os azulejos. Também em 1868-69 houve a ideia de montar um coro de madeira para o que se inutilizaram os azulejos e se prejudicou toda a imponência da capela. ⁽¹⁴⁶⁹⁾ À parte estes

(1466) O Museu Municipal de Lagos, que se encontra instalado num edifício que integra a Igreja de Santo António abaixo referida, conserva em exposição um interessante conjunto de azulejaria não só do século XVIII, mas possivelmente ainda da centúria anterior. Para além do passo descrito acima por Santos Simões, conjunto azulejar representativo do formulário rococó, observamos à entrada do museu o revestimento de dois bancos pétreos com painéis de enrolamentos acânticos, alguns núcleos de azulejaria de figura avulsa e um pequeno painel com a inscrição latina: «CORPUS MEUM DEDI PERCUTIENTIBUS». (SC)

(1467) Infelizmente para o património artístico de Lagos, em particular, e para a azulejaria portuguesa, em geral, este edifício. Conhecido como «Palácio dos Sadias», já não existe, tendo sido substituído recentemente por outro espaço arquitectónico. Quanto ao espólio azulejar do antigo «Palácio dos Sadias» constituído por duas figuras de convite, é desconhecido o destino que foi dado às mesmas. (SC)

(1468) A Igreja de Santo António de Lagos, considerada por Roberth Smith como uma das três obras-primas da talha no Algarve pelo seu total revestimento dourado, integra actualmente o Museu Municipal da cidade. O templo, antiga sede da Irmandade de Santo António, constitui um belíssimo exemplar da chamada obra de arte total através do enlace artístico entre a talha, a pintura e a azulejaria. Em conjugação com o retábulo-mor, cujo risco e entalhe se devem ao entalhador Gaspar Martins, e com as pinturas em tela num programa iconográfico alusivo à Vida de Santo António, observamos o revestimento parietal com silhares de azulejos de albarradas em todo o espaço eclesial. SMITH, 1963; LAMEIRA, 2000, p. 165. (SC)

(1469) O interior, liberto do coro, 1968, readquiriu a sua beleza, esta concentrada no extraordinário revestimento de azulejos e no magnífico altar-mor.

Para que o templo adquira todo o seu valor é necessário ainda remover um crucifixo – aliás meritório – e uma caixa de confessional, esta absolutamente reprovável. Seria também de louvar a remoção de duas imagens «de série em gesso», um *Coração de Jesus* e uma *Senhora de Fátima*, que estão no altar-mor.

É indispensável classificar esta igreja de Monumento Nacional; ela é, sem dúvida, a mais bela peça do género, não só do Algarve como até de Portugal.

vandalismos, aliás em parte facilmente remediáveis, a decoração cerâmica está perfeita. No corpo da capela os revestimentos cobrem as paredes até à sanca, numa altura de 39 azulejos. A iconografia é toda referente à Vida de São Lourenço, e em cada arco há um passo do hagiológico, acompanhado de legenda latina. Sobre os arcos, de cada lado, figuram-se em alegorias: PERSEVERANÇA, LIBERALIDADE e POBREZA, CASTIDADE e OBIDIENCIA, PIEDADE e PACIENCIA, TEMOR DE DEUS E ENTENDIMENTO, HUMILDADE. Sobre a janela a inscrição:

POLICARPO DE
OLIVEIRA BER^{es}
*Pintou esta obra de azu
leio* ⁽¹⁴⁷⁰⁾

No interior da cúpula ou zimbório, vemos *São Lourenço em Glória* e nos painéis laterais dois passos milagrosos. Do lado do evangelho:

- 1) LAVRENTIS BO=NVM OPVS OPERA=TVS EST, QVI PERSIG=NVM CRVCIS CAECOS
/ ILLV MINAVIT
- 2) ET THESAVROS / ECLESIA DEDIT / PAVPERIBVS (um dos pobres é negro).

Nas trompas, quatro anjos empunham emblemas do martírio: a grelha, a palma, a coroa e a grinalda de louros.

No centro da abóbada da nave está o quadro da *Glória de São Lourenço*, sobre o qual, numa cartela se lê:

*Feito
No anno de 1730
sendo vigário
Geral o R^{do} D^{tor}
M^{el} desouza
Teixeira
Juis dosto*

Na sacristia, silhar de 12 de alto, com barra de acantos e painéis de grandes vasos floridos. Sobre a porta da casa do prior, painel de azulejos azuis, recortado, de 5 de alto. Sobre a porta exterior da sacristia, painel semelhante ao anterior. ⁽¹⁴⁷¹⁾

(1470) Vide: BNL, 1927, vol. II, pp. 230-231; SIMÕES, 1949g, p. 1.

(1471) O templo, testemunho da arte barroca do tempo de D. João V, foi edificado e ornamentado entre os anos de 1722 e 1742. O Milagre de São Lourenço do aparecimento de água como resposta à petição da sequiosa população local no ano de 1722 foi o motivo oportuno que a Confraria de São Lourenço dos Matos encontrou para erigir de raiz um novo templo no lugar de um arruinado edifício de provável origem seiscentista já dedicado ao mesmo santo. À frente dos destinos desta confraria rural encontrava-se nesta época uma das mais prestigiosas figuras do Bispado do Algarve, o Dr. Manuel de Sousa Teixeira, vigário-geral da diocese algarvia e antigo Ministro da Ordem Terceira de São Francisco de Faro. Num tempo em que as formas do Barroco Internacional marcavam já presença significativa na realidade artística portuguesa, optou-se para o templo de Almancil pela extrema sobriedade da arquitectura chã. Tal sobriedade arquitectónica, que contrasta de modo magistral com a exuberância decorativa do interior do templo tem que ser entendida no âmbito de um preconcebido programa de arte total, ou seja, a decoração determinou a estrutura, o mesmo é dizer que o projecto do edifício se baseou em previamente definir uma sóbria caixa arquitectónica propositadamente assim erguida para receber azulejos e talha. É este o segredo do magnífico espectáculo cenográfico da Igreja de São Lourenço. Laboraram no templo os irmãos Manuel e Antão Borges, responsáveis pela campanha de obras e pelo azulejamento, os mesmos que haviam trabalhado na Igreja de São Francisco de Faro, cujo edifício primitivo constituiu o modelo artístico da Ermida de São Lourenço, o imaginário Manuel Martins, o maior entalhador e escultor do Algarve no século XVIII e provável autor do retábulo do templo e a azulejaria deve-se à oficina e à própria mão de Policarpo de Oliveira Bernardes. No entanto, São Lourenço de Almancil não é apenas um objecto artístico de puro deleite visual, mas um bem cogitado instrumento didáctico destinado a ilustrar a biografia do mártir São Lourenço e por conseguinte a proclamar as virtudes da vida cristã e esta é uma das mais apaixonantes riquezas do edifício. De acordo com a orientação cronológica da Vida de São Lourenço é possível identificar no interior do templo um percurso que tem início no lado da epístola, percorre toda a nave desde o lado epistolar ao lado do evangelho com os diferentes momentos da vida terrena de São Lourenço, apresentando os dois últimos painéis a morte e a subida ao céu do santo. Nos azulejos das paredes laterais da capela-mor encontramos a restituição da vista a um cego no lado do evangelho e a distribuição aos pobres dos bens confiados pela Igreja. O percurso continua pelo retábulo, pela cúpula, onde se vê a glorificação de São Lourenço, e termina no tecto da nave com a antevisão da coroação do santo pela Santíssima Trindade. Nos painéis da nave

ALTE

Nossa Senhora da Conceição, Igreja Matriz de

Revestimento da capela-mor com azulejaria de cerca de 1720.

Os azulejos cobrem também a abóbada, assim instalados:

- 10 azulejos de padrão camélia, azul
- 2 azulejos de barra
- 5 azulejos de anjos, de mistura com padrão azul
- 1 azulejo de barra de acantos
- 8 azulejos de anjos tocadores

A escada do púlpito está forrada com restos de decoração idêntica. ⁽¹⁴⁷²⁾

LOULÉ

São Clemente, Igreja Matriz de

O templo, de três naves, é dos mais interessantes do Algarve. Tem azulejos na primeira capela lateral do lado da epístola – capela de estrutura manuelina, mas onde há elementos muito tardios – cujas paredes laterais e os panos, entre os arcos, têm revestimento de azulejos azuis. De cada lado está um painel completo, com moldura larga, de anjinhos. O do lado esquerdo representa a *Adoração dos Reis Magos e Circuncisão*. O do lado direito a *Visitação e Adoração dos Pastores*. Estes azulejos serão de cerca de 1720-30, fazendo lembrar os do monogramista PMP ⁽¹⁴⁷³⁾ Entre os arcos, a *Coroação da Virgem, Anunciação e Ascensão*.

No frontal de altar, azulejos de figura solta, e ao centro um registo de «almas». ⁽¹⁴⁷⁴⁾

Nossa Senhora da Conceição, Igreja de

Pequena capela de corpo único, com as paredes laterais e fundeira recamadas de azulejos azuis figurados, tendo 30 de altura até à sanca corrida, guarnecida de talha. ⁽¹⁴⁷⁵⁾

encontramos a enunciação dos dons e frutos do Espírito Santo, das Bem-Aventuranças e por negação os pecados capitais. Na parede da porta temos a presença das virtudes teológicas e das virtudes morais. As paredes da sacristia do templo estão revestidas com painéis barrocos de ornamentação com folhas de acanto e albardadas. No exterior da igreja, nas traseiras da capela-mor encontra-se um painel de grandes dimensões com a figura de São Lourenço. Embora apresente o cronograma 1730, trata-se de uma obra realizada no meado do século XX que provavelmente constitui uma cópia de um painel idêntico existente em Setecentos. CARRUSCA, 2001b, pp. 283-371; LAMEIRA, s.d. (SC)

⁽¹⁴⁷²⁾ Dona Bona, esposa de Garcia Mendes de Ribadaneyra, terá sido a fundadora da Igreja Matriz de Alte, nos finais do século XIII, como gesto de acção de graças pelo regresso do seu esposo, 2.º senhor de Alte e 1.º vidama do Algarve, da oitava cruzada da Palestina. Este seria provavelmente um templo privado independente da jurisdição do Bispo do Algarve e da Ordem Militar de Santiago. O actual edifício remonta ao século XVI. No século XVIII efectuou-se uma campanha de ornamentação barroca com talha e azulejos. Para além dos exemplares de azulejos do século XVI subsistentes no templo, o património de azulejaria setecentista da Igreja Matriz de Alte compreende o revestimento da abóbada e paredes laterais e testeiras da capela-mor, alguns pequenos revestimentos existentes nas capelas colaterais do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Carmo e o revestimento integral do púlpito da nave, onde encontramos, além de restos de azulejos semelhantes aos existentes na capela-mor, um painel figurativo. Desconhece-se a autoria destes conjuntos azulejares, mas supõe-se que os irmãos Manuel e Antão Borges poderão ter sido os responsáveis pelo azulejamento da capela-mor. RAPOSO, 1995, p. 134; LAMEIRA, s.d. (SC)

⁽¹⁴⁷³⁾ Vide: BNL, 1927, p. 228; CARDOSO, 1936, p. 12; SIMÕES, 1949j, p. 4.

FLÁVIO GONÇALVES

⁽¹⁴⁷⁴⁾ A Igreja Matriz de São Clemente deve remontar à segunda metade do século XIII, sendo D. João Viegas, Arcebispo de Braga, o provável encomendador do templo. Constitui um dos mais significativos testemunhos da arquitectura gótica existente no Algarve. No século XVIII, o edifício conheceu uma grande campanha de decoração interior de talha e azulejos. Para além dos exemplares setecentistas, o conjunto azulejar do século XVIII encontra-se na Capela da Confraria de Nossa Senhora da Consolação, numa harmoniosa conjugação entre azulejos e talha. João Miguel dos Santos Simões atribui como data da colocação da produção azulejar o ano de 1719, afirmação baseada num cronograma existente nos azulejos, mas, no entanto, não é possível detectar actualmente esse registo no conjunto azulejar. Embora se desconheça a autoria do revestimento, este é atribuído à oficina de Policarpo de Oliveira Bernardes. LAMEIRA, s.d.; SIMÕES, 1949, p. 4. (SC)

⁽¹⁴⁷⁵⁾ A campanha de obras desta igreja seiscentista deverá ter-se iniciado no ano de 1656, no reinado de D. Afonso VI. No meado do século XVIII, a Confraria de Nossa Senhora da Conceição das Portas da Vila, a quem pertence a igreja, assumiu uma campanha de ornamentação interior do templo baseada no seu revestimento integral com talha e azulejos. Cerca de 1745, o revestimento das paredes laterais e do fundo com um conjunto de azulejos figurativos de iconografia mariana, enriqueceu o pequeno templo. Constituem exemplares anónimos da época joanina com elementos decorativos do formulário rococó. Nos degraus da entrada da igreja subsistem barras de azulejos, fruto do reaproveitamento de azulejos provavelmente do interior do edifício. CARRUSCA, 2001, p. 109; LAMEIRA, s.d. (SC)

A figuração espalha-se em grandes composições enquadradas por emolduramento barroco de pilastras e anjos, acima de um supedâneo ornamental de óptimo equilíbrio. A cada figuração corresponde uma legenda inscrita nas cartelas inferiores. Assim, do lado do evangelho:

- 1) *Nascimento de Jesus com adoração dos Pastores*:
ORIETVR VOBIS / TIMENTIBVS NOMEN / MEVM SOL IVSTITIAE / Malachi: Cap. 4.
- 2) *Circuncisão*. Este painel está truncado pelo púlpito e respectiva porta.
- 3) *Adoração dos Magos* (entre o púlpito e o retábulo):
DOMINE IN= / VIRTUTE TVA LETA= / BITVR REX / Psal. 20.

Do lado da epístola, em frente ao anterior:

- 4) *Nascimento da Virgem*: ORIETVR STELL= / A EX IACOB ECONSVR= / GET VIRGA DE ISRAEL / num Cap. 17
- 5) *Apresentação da Virgem*: ET INTREDUXIT / ME INVESTIBVLVM / TEMPLI Ezech. Cap. 40
- 6) *Casamento de Nossa Senhora*: ENTHALAMVS, CONJUNCTA / VIROQVAE PURIOR ASTRIS / NULLA PUDICITIAE DAMNA SUBIRE POTEST.

Um coro foi colocado sobre a porta, interrompendo e destruindo os azulejos. Na parte fundeira, sobre a porta, estava um painel com a *Assunção* tendo na parte inferior a legenda (do lado esquerdo): ECCE VIRGO CONCIPIET. Do lado direito: IOSEPH FILI DAVID NOLI TIMERE ACCEPERE MA / RIAM CONIVGEM TVAM Math.10.

O desenho é em geral bom, particularmente nos motivos ornamentais e de cerca de 1745.⁽¹⁴⁷⁶⁾

Nossa Senhora da Glória de Benafim, Igreja Matriz de

Pequeno templo de origem seiscentista, este edifício de nave única possui no seu exterior, nas traseiras da capela-mor a representação da imagem do Senhor Jesus Crucificado. Trata-se de um crucifixo com 22 azulejos de altura e 9 azulejos mais duas metades de largura. Na peanha, uma cartela envolvida por enrolamentos vegetalistas apresenta no centro uma figuração e a inscrição «S.IAZUS DACOLRIA» e as iniciais «PN AM».⁽¹⁴⁷⁷⁾

Nossa Senhora da Piedade, Igreja de

No exterior, cruz de azulejos azuis, de 12 × 5. Era a 11.^a Estação da Via Sacra. Boa pintura, talvez dos Bernardes.⁽¹⁴⁷⁸⁾

CONCELHO DE MONCHIQUE

CALDAS DE MONCHIQUE

Santa Teresa, Igreja de

Silhar de 11 de alto com cercadura lisa. Separadas por anjos e pilastras, cenas da Vida de Santa Teresa em azulejos já dos finais do século XVIII.⁽¹⁴⁷⁹⁾

(1476) Sobre azulejos desta capela, *vide*: BNL, 1927, p. 229; CARDOSO, 1936, p. 12; SIMÕES, 1949c, p. 2.

FLÁVIO GONÇALVES

(1477) (SC)

(1478) A Igreja de Nossa Senhora da Piedade foi, segundo as Visitações da Ordem de Santiago de 1565, edificada no ano de 1553 nas imediações da então vila de Loulé, tendo sofrido diversas campanhas de obras após o terramoto de 1755 e no século XIX. Para além do painel de azulejos de padrão cujo assentamento ocorreu em 1652, o património em azulejo resume-se à simples cruz existente no exterior de uma das paredes laterais do edifício. LAMEIRA, 2000a.

(1479) Devido à ruína da primitiva ermida seiscentista, a Igreja de Santa Teresa foi construída depois de 1940 segundo o projecto do arquitecto G. Rebelo de Andrade e obra do mestre João Morais. A nave da igreja de planta longitudinal encontra-se revestida com azulejos do formulário rococó com iconografia de Santa Teresa de Ávila. IHRU, «Capela das Termas de Monchique/Capela das Caldas de Monchique/Capela de Santa Teresa», www.monumentos.pt, 2000. (SC)

MONCHIQUE

São Francisco, antigo Convento de ⁽¹⁴⁸⁰⁾

Está em completa ruína. Espalhados vêem-se azulejos de figura avulsa, com cercadura de acantos. No antigo refeitório belo painel azul, de 20 × 13 azulejos, representando a *Ceia de Cristo*. O painel está com falta de muitos azulejos, e os que restam estão já em completo estado de deterioração. É no entanto um notável exemplar, de cerca de 1720, do ciclo oficial dos Bernardes. ⁽¹⁴⁸¹⁾

CONCELHO DE PORTIMÃO

ALVOR

São Salvador, Igreja Matriz de

A capela-mor é inteiramente azulejada nas paredes laterais e interior do arco. O paramento tem 27 azulejos de altura até à cornija de talha e forra também os dois vãos das janelas que iluminam a capela-mor. São azulejos de boa pintura policroma, com emolduramentos concheados envolvendo dois painéis figurando o *Lava-Pés* e o *Cenáculo*, respectivamente do lado da epístola e do evangelho. A pintura desta figuração é manganês-claro e o desenho convencional. Do lado da epístola está uma porta fingida, espelhando a da sacristia. Do lado do evangelho, por sua vez, pintaram-se as janelas engradadas. São azulejos lisboetas, de boa qualidade, de cerca de 1760-70. ⁽¹⁴⁸²⁾

CONCELHO DE SILVES

PÊRA

Espírito Santo, Igreja Matriz do

As paredes laterais da capela-mor e a abóbada de berço são revestidas de azulejos azuis. Nas paredes, o paramento é constituído por dois grandes painéis, de 24 azulejos de alto, tendo a figuração dos *Quatro Evangelistas*. Do lado da epístola estão S. LUCAS e S. IOÃO EVANGELIS...TA, ambos escrevendo, em cenários de arquitectura. Do lado contrário vemos S. MATHEUS e S. MARCUS, também abrigados sob o mesmo tecto. Ao fundo, curiosas paisagens, uma delas com azenha, próxima do mar. O enquadramento é barroco relativamente simples.

A abóbada está totalmente revestida com azulejos de figura avulsa, divididos em oito painéis de 8 × 11 azulejos, dos tipos vulgares de «estrelinhas».

Esta azulejaria será de cerca de 1730. ⁽¹⁴⁸³⁾

(1480) Este edifício foi fundado com a invocação de Nossa Senhora do Desterro e por esse nome é habitualmente conhecido.

(1481) O Convento de Nossa Senhora do Desterro, que pertencia à Província da Ordem Terceira da Penitência, foi fundado no ano de 1631 por Pedro da Silva, outrora Vice-Rei da Índia. O património em azulejo do convento, que se encontra em lamentável estado de degradação, é constituído por revestimento de um banco com azulejos de figura avulsa junto a uma antiga fonte nas imediações do convento, a alguns restos de painéis de azulejos de figura avulsa no interior do espaço conventual, a algumas cruces de uma antiga via sacra subsistentes no claustro do convento e ao referido painel figurativo com a Ceia de Cristo no antigo refeitório. MARADO, 2006. (SC)

(1482) A edificação da Igreja Matriz de São Salvador de Alvor terá sido iniciada no ano de 1496, tendo as obras decorrido pelos dois primeiros decénios do século XVI. Desconhece-se a autoria e datação deste conjunto azulejar rococó, mas sabe-se que o prior Dionísio Francisco Vidal, pároco entre 1742 e 1781, assumiu a campanha de ornamentação da capela-mor no terceiro quartel de Setecentos. LAMEIRA, 1996b.

(1483) A Igreja Matriz do Espírito Santo de Pera, templo que remonta ao século XVII, foi objecto de uma campanha reconstrutiva pós-terramoto de 1755. A este sobreviveu a capela-mor que em meado do século XVIII foi ornamentada com azulejaria e talha, sendo desconhecidas a autoria e a datação deste conjunto azulejar realizado em Lisboa.

CONCELHO DE TAVIRA

TAVIRA

Casa nobre do Tenente Padinha (Rua da República)⁽¹⁴⁸⁴⁾

No patamar da escada, e nas rampas, silhares com painéis recortados, de molduras concheadas, pintura azul-escuro e centros figurados azul-claros. Representam *cenas pastoris* e duas partes do mundo: *África* e *Ásia*. Os azulejos estão em muito mau estado.⁽¹⁴⁸⁵⁾

Misericórdia, Igreja da

O templo, bem conhecido como o mais belo exemplar algarvio do Renascimento, é de três naves, divididas por quatro arcos. O altar-mor é, como de costume, sobreelevado. O revestimento de azulejos acompanha as paredes em silhar de painéis recortados. Na nave, cada painel ilustra uma *Obra de Misericórdia*, identificada com sua legenda. Assim, à direita de quem entra, na parede fundeira, vemos:

- 1) *As corporaes / 1. / Dar de comer aos / q̃ hão fome.*
- 2) *A.2. / Dar de beber aos q̃ / hão Sede.*

Na parede do lado da epístola:

- 3) *A.3. Vestir.os nus.*
- 4) *A.4. / uisitar.os enfermos: / e encarcerados.*
- 5) *A.5 / Dar pousada aos / peregrinos.*
- 6) *A.6 / Remir. os cativos.*
- 7) *A.7. / Interrar os mortos.*

Na parede fundeira, à esquerda da entrada:

- 8) *as espirituais / 1. / Dar bom conselho.*
- 9) *A.2. / Ensinar os ingnor= / antes*

Na parede do lado do evangelho:

- 10) *A.3. / Consolar os tristes.*
- 11) *A.4. / Castigar os q̃ errão (professor com palmatória)*
- 12) *A.5. / Perdoar.as.injúrias*
- 13) *A.6. / Sofrer com paciencia / as fraquezas denossos / proximos.*
- 14) *A.6. / Rogar adeos pelos / vivos edefuntos.*

De cada lado seguia-se uma porta lateral, conservando-se a do lado da epístola, cortada aliás por um coro lateral. Eram as portas encimadas por guarnição de azulejos com medalhões figurados, respectivamente com a *Virgem e o Menino e São José*. A parede do lado do evangelho está ocupada pela tribuna dos mesários, para o que se destruiu o paramento azulejar, cujos restos se acham dispersos na frente da capela-mor. A partir das portas laterais os painéis figuravam passos da Vida de Cristo, conservando-se o da *Ceia*.

⁽¹⁴⁸⁴⁾ Na primeira edição este edifício de arquitectura civil encontrava-se designado como «Casa Nobre do Tenente Padinha (Rua da Nora Grande)». (SC)

⁽¹⁴⁸⁵⁾ Situada na Rua da República, a casa do Tenente Padinha constitui um dos melhores exemplares da arquitectura civil barroca da cidade de Tavira. Na escadaria de acesso ao 1.º piso da casa e no patamar da mesma subsistem cinco silhares de azulejaria rococó. Todo o conjunto se encontra em degradante estado de conservação, sendo previsível a perda completa destes exemplares a curto/médio prazo.

Os painéis do corpo da igreja têm uniformemente 30 azulejos na maior altura, incluindo um rodapé marmoreado roxo. Os azulejos continuam ao nível do altar-mor, agora em silhares também recortados mas de 22 de altura, com dois painéis figurando *Madalena Lavando os Pés a Cristo* e o *Lava-Pés*.

Notável é a porta fingida, do lado do evangelho, espelhando a fronteira. No painel junto ao altar colateral do lado da epístola, está a data: ANNO / DE 1760. ⁽¹⁴⁸⁶⁾ É de pintura azul, ornatos de boa composição já com elementos rococó. Desenho de figuração bastante fraca e convencional. ⁽¹⁴⁸⁷⁾

Nossa Senhora do Livramento, Capela de

Fachada da capela totalmente coberta com azulejos de «bicha e estrela», azuis.

Na sacristia colocaram-se, em rodapé de 3 de alto, azulejos a granel que pertenceram a painéis azuis, de bom desenho, como se depreende por alguns elementos figurados. Os azulejos dispersos na sacristia parece que eram da capela, a qual tem na verga da porta a data de 1715. ⁽¹⁴⁸⁸⁾

Nossa Senhora da Saúde, Igreja de

Nas paredes laterais da capela-mor estão paramentos de azulejos, forrando por completo a do lado do evangelho e estando truncados na da epístola.

O painel completo tem 36 de alto no eixo do arco e representa, na parte figurada, a *Adoração dos Magos*, com a legenda: *Vidimus estellam / ihus in Oriente, et veni = / mus adorare eum / Luc. 2.º L2*.

A pintura é azul e a moldura concheada simples, de cerca de 1750.

O outro painel representaria o *Regresso do Egipto*.

Na nave, pequeno rodapé de 4 azulejos do tipo «almofada» pombalina, vulgar.

No espaldar da fonte, junto à capela, registo recortado, azul, com cercadura concheada simples e de 5 × 4 azulejos. Representa *Nossa Senhora do Carmo* e tem a legenda: SALVS AVTEM / PERIPSA MEACTA / EST. ⁽¹⁴⁸⁹⁾

(1486) Do notável estudo das *Misericórdias do Algarve*, de Maria Helena e Vítor Mendes Pinto, extraem-se as seguintes notícias:
p. 102: «O embelezamento da igreja, resultante da colocação dos azulejos, foi levado a cabo durante o mandato de J. Leal da Gama Athaide. As obras estão minuciosamente apontadas no livro de despesas ordinárias dos anos de 1759-60 e 1760-61, embora o pagamento dos azulejos se prolongue até 1764.»

Nas notas referem-se as seguintes despesas:

Fls. 45 v: com a cal para a obra do azulejo 2\$700
com o frete de 53 caixotes de azulejos 26\$960
com a condução do azulejador 5\$600
com o carpinteiro que trabalhou na obra 1\$440

com 5 tabuas de pinho da Flandres e 4 do mondego 2\$640
com o que se deu a mais a José Victorino da importancia do azulejo 167\$250
com o mestre azulejador por 32 e ½ dias de trabalho a preço de 800 reis cada um 242\$000

Fls. 53: com o resto que se devia a José Victorino de azulejo em que vay incluido o juro da Ordem 3.ª que ficou na sua mão 435\$500

Fls. 67 v.: ano de 1763-64 – Com os últimos azulejos que se se encomendaram para o lugar de Meza e mais faltas 52\$800.

Sobre o cronograma dos azulejos, *vide* também: BNL, 1927, p. 257; ROSA, 1966, p. 80.

(1487) A Igreja da Misericórdia, pertença da instituição com o mesmo nome e cuja fundação deve remontar aos finais do século XV ou inícios do século XVI. Inicialmente sediada numa capela colateral da Igreja de São Francisco de Tavira, a Irmandade encarregou o mestre-pedreiro André Pilarte, no ano de 1541, da edificação da actual Igreja da Misericórdia, um dos mais representativos edifícios da arquitectura religiosa do Renascimento no Algarve. Ao longo do século XVIII a igreja conheceu diversas campanhas decorativas com retábulos de talha dourada. A execução deste conjunto azulejar, o mais representativo conjunto de azulejaria rococó de um espaço eclesial algarvio, é atribuído ao mestre Domingos de Almeida. LAMEIRA, 1996a; LAMEIRA, 1999; MECO, 2005; MECO, 2006, pp. 64-71; CARVALHO, 2007a, p. 192. (SC)

(1488) Templo de origem tardomedieval, esta igreja de nave única possui um singelo património cerâmico constituído por restos de azulejos colocados em três sítios distintos da sacristia. Os três núcleos azulejares encontram-se no rodapé e na janela da sacristia do templo. Um dos subsistentes na sacristia compreende restos de azulejos figurativos. A fachada do edifício foi revestida no século XIX. LAMEIRA, 1996a, p. 41. (SC)

(1489) Este registo já não existe no local, sendo desconhecido o destino que lhe foi dado. (SC)

Santa Ana, Igreja de

Teve uma Via Crucis em azulejo colocado na parede exterior da capela. Ficou, para recordação, uma das cruzeiras na fachada principal. Tem 8 azulejos de altura por 5 no braço, de pintura manganês e peanha azul, com a inscrição:

*Esta Esta=
Com he o por =
Torio e casa de
Pilatos⁽¹⁴⁹⁰⁾*

Santa Maria, Igreja Matriz de

Na Capela do Santíssimo Sacramento (de invocação actual), revestimento parietal e dos tímpanos interiores, numa altura de 39 azulejos, até à sanca.

O rodapé é formado por 3 azulejos de padrão policromo. O revestimento é de azulejos figurados azuis, de magnífica composição, enquadrando painéis. Na parte inferior das paredes, do lado da epístola, cena da *Colheita do Trigo e Melquisedec*; do lado do evangelho a *Queda do Maná* e o *Cacho de Uvas*.⁽¹⁴⁹¹⁾ Acima, em painéis maiores, do lado da epístola temos o *Lava-Pés* e do lado do evangelho o *Cenáculo*. Neste painel, é muito curioso ver-se a figura do diabo tentando Iscariote (!).

Na parte cimeira, a seguir à sanca, *quatro Bispos*.⁽¹⁴⁹²⁾ Sobre o arco da capela, aliás deslocado da sua posição primitiva, está a legenda com a data de 1748:

ESTA CAPELLA
MANDOV FAZER A SVA CVSTA DONNA
IZABEL DE ALMADA E ARAGÃO VEVVA DE
ANTONIO MARTINS CARAPETO CAÏT=
ÃO MOR DA VILLA DE CACELLA MOSSO
FIDALGO DA CAMARA DO SEN
HOR INFANTE D. FRAN=
SISCO ANNO
1748.⁽¹⁴⁹³⁾

Na sacristia, silhar de 8 de alto incluindo rodapé esponjado, azul. Barra de acantos vulgares com cantos próprios; centros de terrinas floridas 4 × 3, com separação de jarras de 4 × 1, azuis.

*CONCELHO DE VILA DO BISPO**VILA DO BISPO**Santa Ana, Igreja Matriz de*

Igreja bastante notável, de uma nave e capelas laterais. As paredes da nave têm revestimento de azulejos até à sanca do tecto apainelado, numa altura de 33.

(1490) Este templo de origem tardomedieval localizado no Alto de Santa Ana, passou no século XVIII a ser a capela do Governador e Capitão General do Algarve, sendo a partir do ano de 1884 propriedade do Município de Tavira. O património azulejar do pequeno edifício compreende não apenas a cruz acima descrita, mas também dois pequenos conjuntos de azulejos semelhantes que subsistem na parede lateral do exterior do edifício. Este registo já não existe no local, sendo desconhecido o destino que lhe foi dado. LAMEIRA, 1996a, p. 38. (SC)

(1491) Os painéis representam: *Ruth Apanhando Espigas, após a Ceifa, nos Campos de Booz; Encontro de Abraão com Melquisedec; A Queda do Maná; O Regresso dos Exploradores da Terra Prometida*. Sobre estes temas, vide: RÉAU, 1955-58, t. II, pp. 128-129, 249, 210-211; ROSA, 1966, p. 80.

(1492) Os quatro painéis representam os papas São Dionísio, Santo Agatão, São Dâmaso e São Telésforo. Vide ROSA, 1966, p. 80.

(1493) Vide: BNL, 1927, vol. II, p. 256; CARDOSO, 1936, p. 12; QUEIROZ, 1907, p. 258 ou QUEIROZ, 1948, p. 282; ROSA, 1966, pp. 79-80; SANTOS, 1957, p. 156; VASCONCELOS, 1883-84, vol. III, p. 82.

Na parte inferior da parede, azulejos de «jarras e golfinhos», com painéis de 7×5 de jarras a separar. Acima, separado por barra, também azul, corre um padrão da mesma cor. A igreja está adaptada a Museu de Arte Sacra, ou seja, é simultaneamente igreja e museu. É esta uma solução deveras notável e que muito abona em favor do pároco, pessoa que sabe certamente aliar condignamente o mistério de pastor de almas com o de mentor cultural.

Compulsando os arquivos identificou alguns dos ornatos da igreja, e assim os azulejos estão assinalados com etiquetas onde se indica a época de 1726.⁽¹⁴⁹⁴⁾

São Lourenço de Vale de Boi, Igreja de

Pequeno templo de origem seiscentista, a Igreja de São Lourenço de Vale de Boi conserva na sua capela-mor um frontal de altar com revestimento azulejar. No pano do frontal encontramos uma cartela com grelha – símbolo iconográfico de São Lourenço. A cartela é envolvida por uma cercadura com enrolamentos acânticos. Lateralmente o frontal é também revestido por azulejos com elementos vegetalistas.

⁽¹⁴⁹⁴⁾ A Igreja Matriz de Vila do Bispo conheceu no século XVIII uma riquíssima campanha decorativa baseada na articulação da talha, azulejaria e pintura, tornando-a num dos espaços eclesiais mais representativos do Barroco na região do Algarve. Para além do revestimento da nave da igreja, encontramos azulejos nos espelhos dos degraus da capela-mor e moldura, verga e intradorso da porta também existente no lado da epístola da capela-mor. LAMEIRA, 1988. (SC)

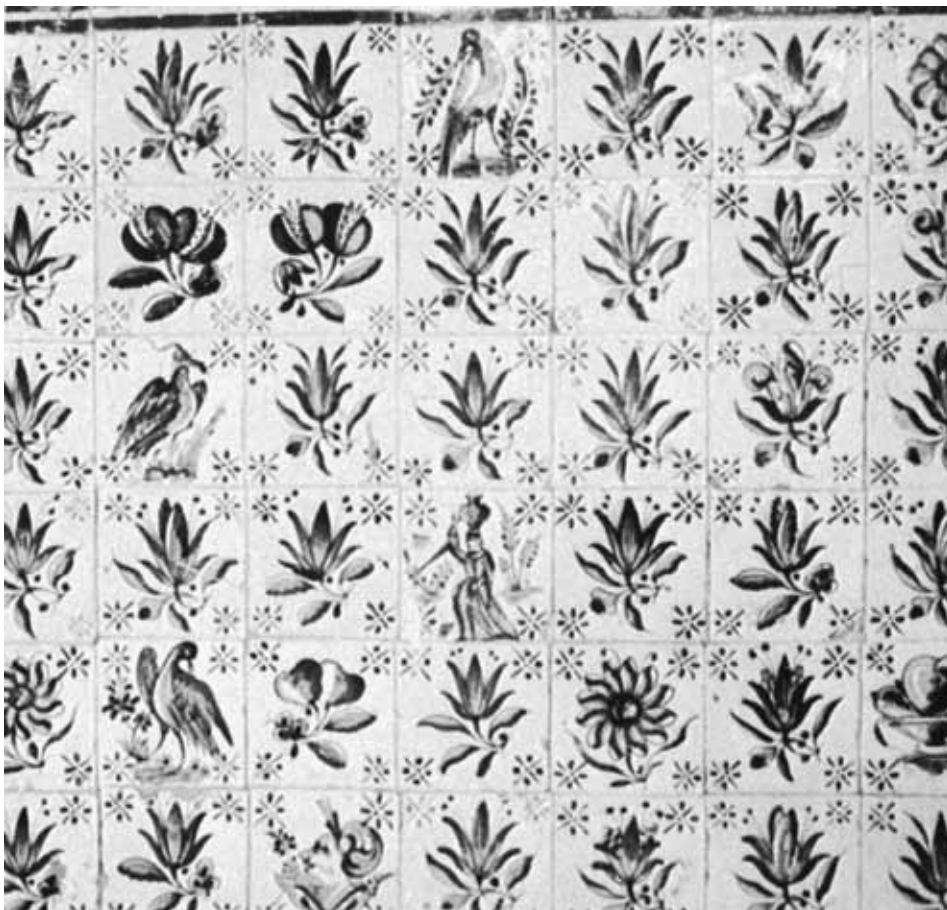
ESTAMPAS

ESTAMPAS



MONTARIA – Igreja Paroquial de São Lourenço

ARCOS DE VALDEVEZ – Igreja do antigo Convento de São Francisco







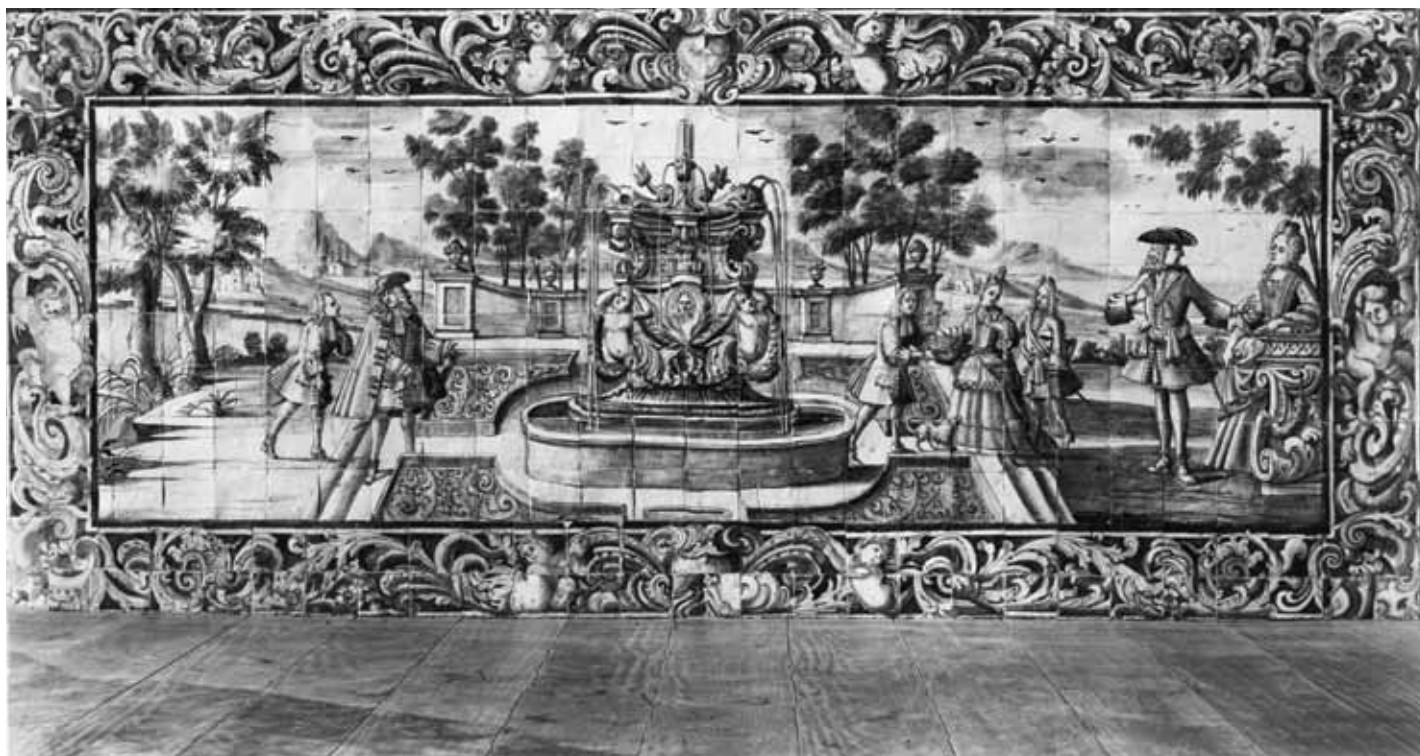
VIANA DO CASTELO – Museu Municipal

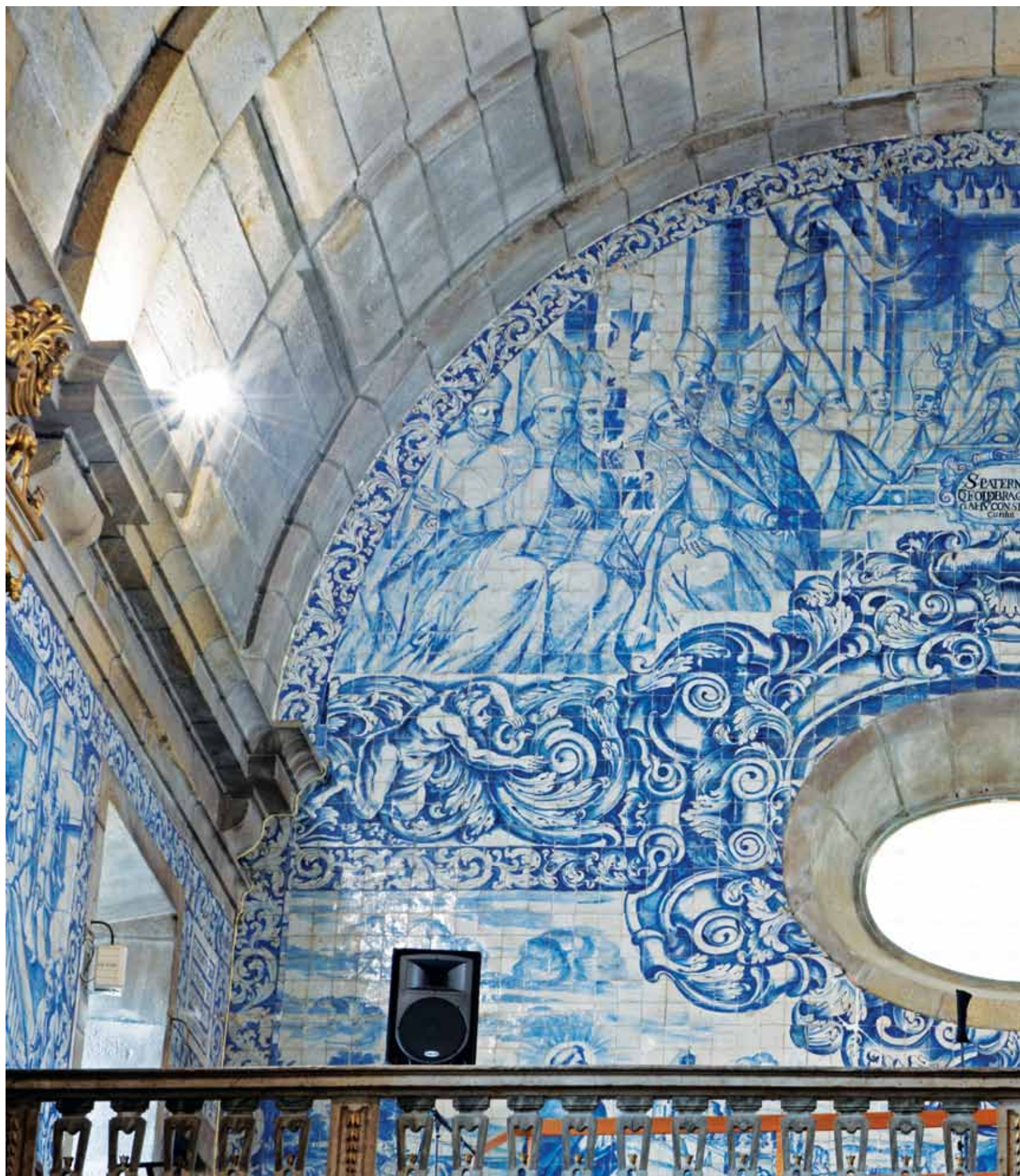


BOURO – Igreja do antigo Mosteiro de Santa Maria do Bouro













BRAGA – Igreja da Nossa Senhora da Penha de França

BRAGA – Casa-Museu Nogueira da Silva





BRAGA – Igreja de São Vítor



BRAGA – Mosteiro de São Martinho de Tibães



BRAGA – Igreja do Seminário Conciliar
de São Pedro e São Paulo



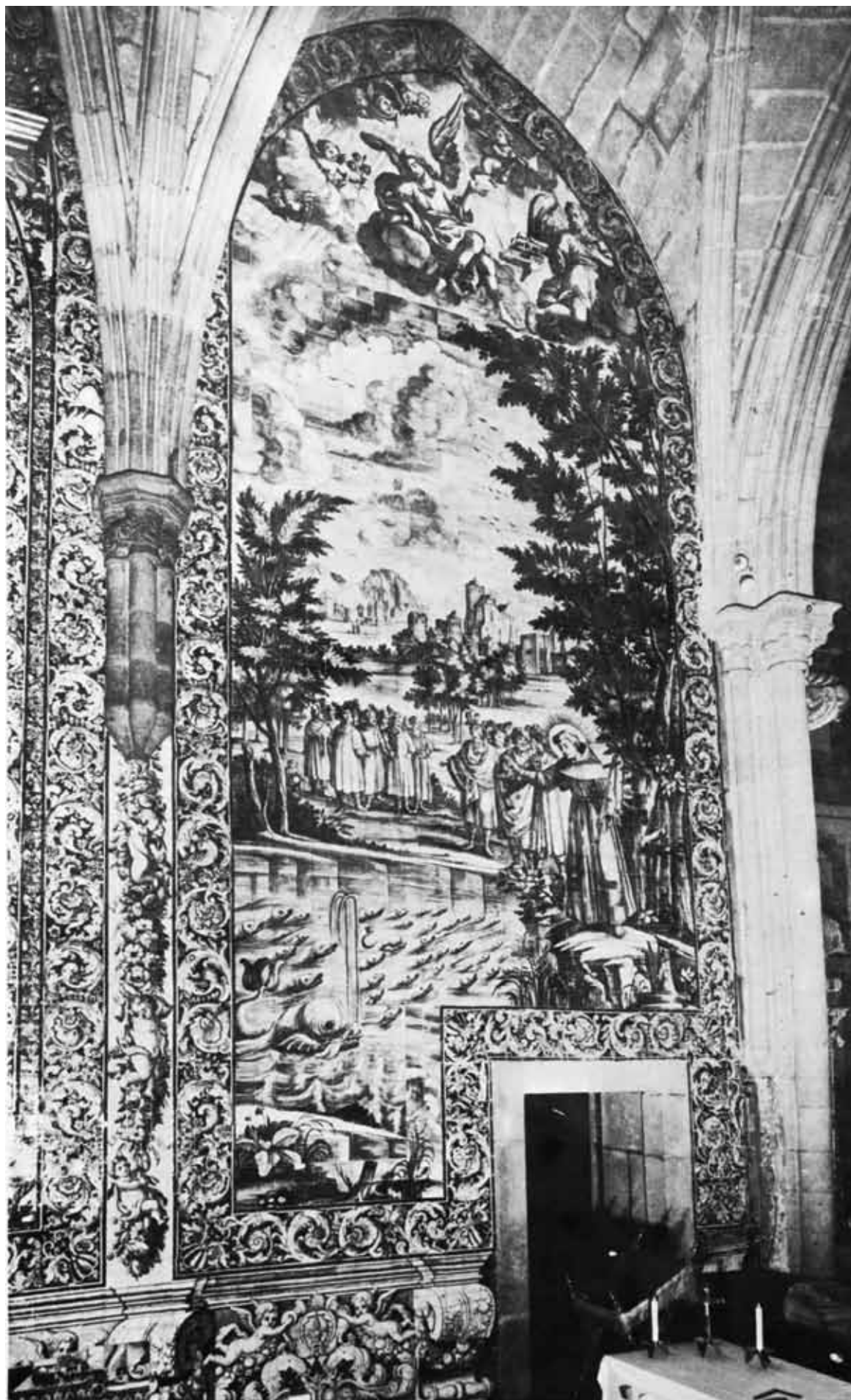
BRAGA – Mosteiro de São Martinho de Tibães



BRAGA – Igreja de Nossa
Senhora do Pópulo



GUIMARÃES – Pousada do Mosteiro de Santa Marinha da Costa





PORTO – Casa na Rua de São Miguel, n.ºs 2-4 (Vitória)



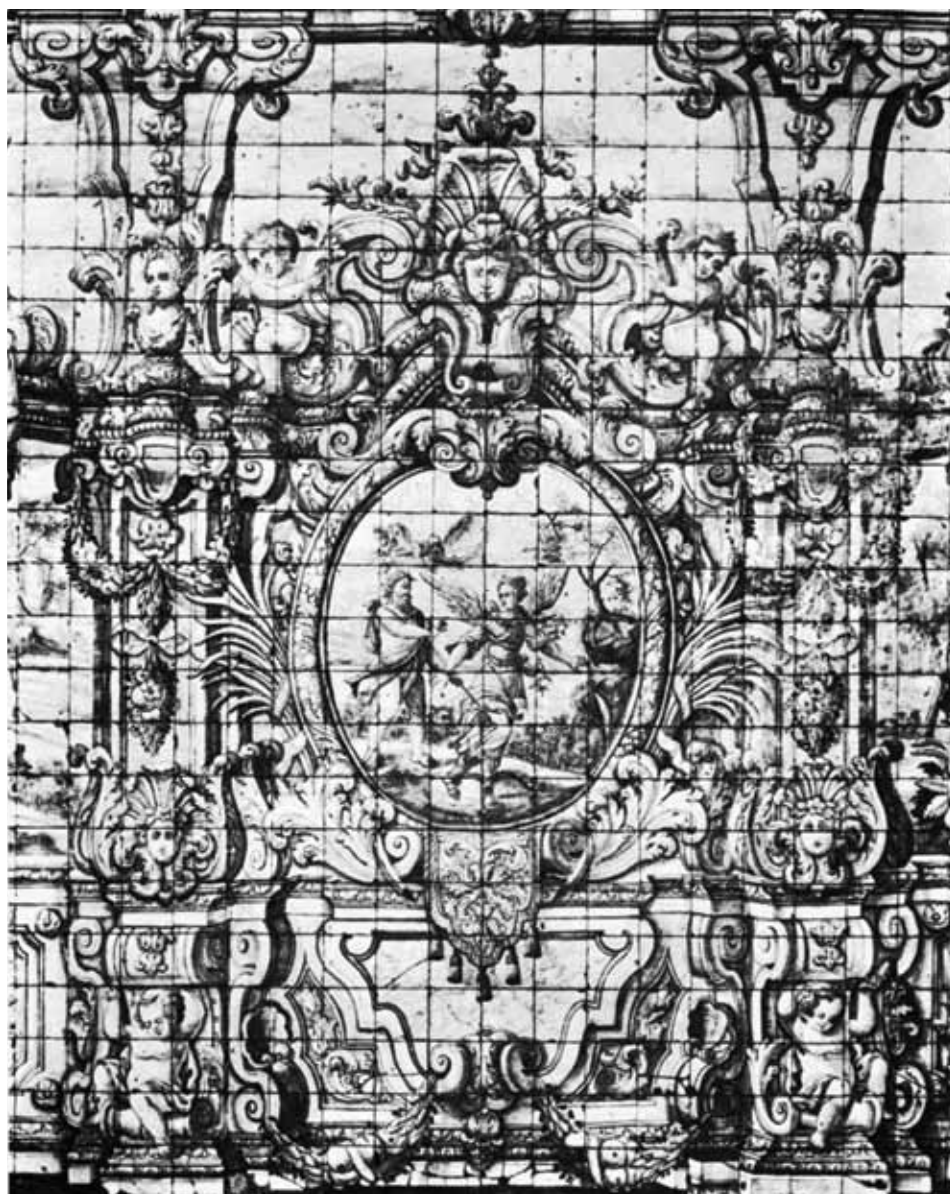
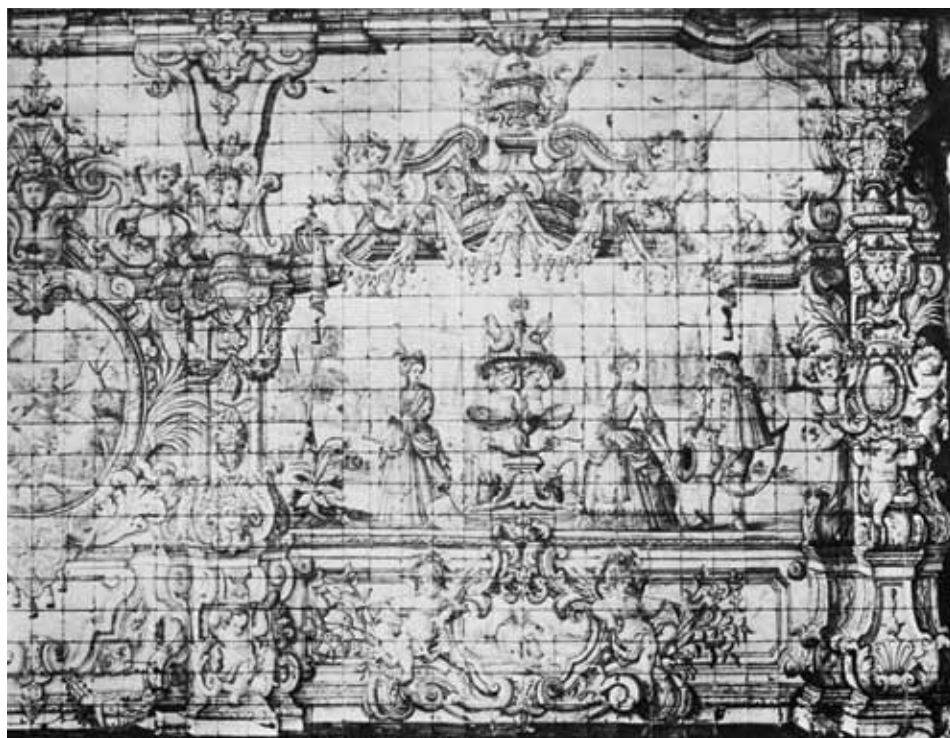
PORTO – Biblioteca Municipal







PORTO – Sala dos Despachos (Ordem Terceira do Carmo)



PORTO – Sé (claustro, galeria superior)



PORTO – Sé (claustro, galeria inferior)



SANTO TIRSO – Antigo Mosteiro de São Bento



CHAVES – Igreja da Misericórdia



VILA DO CONDE – Capela
de Nossa Senhora do Socorro

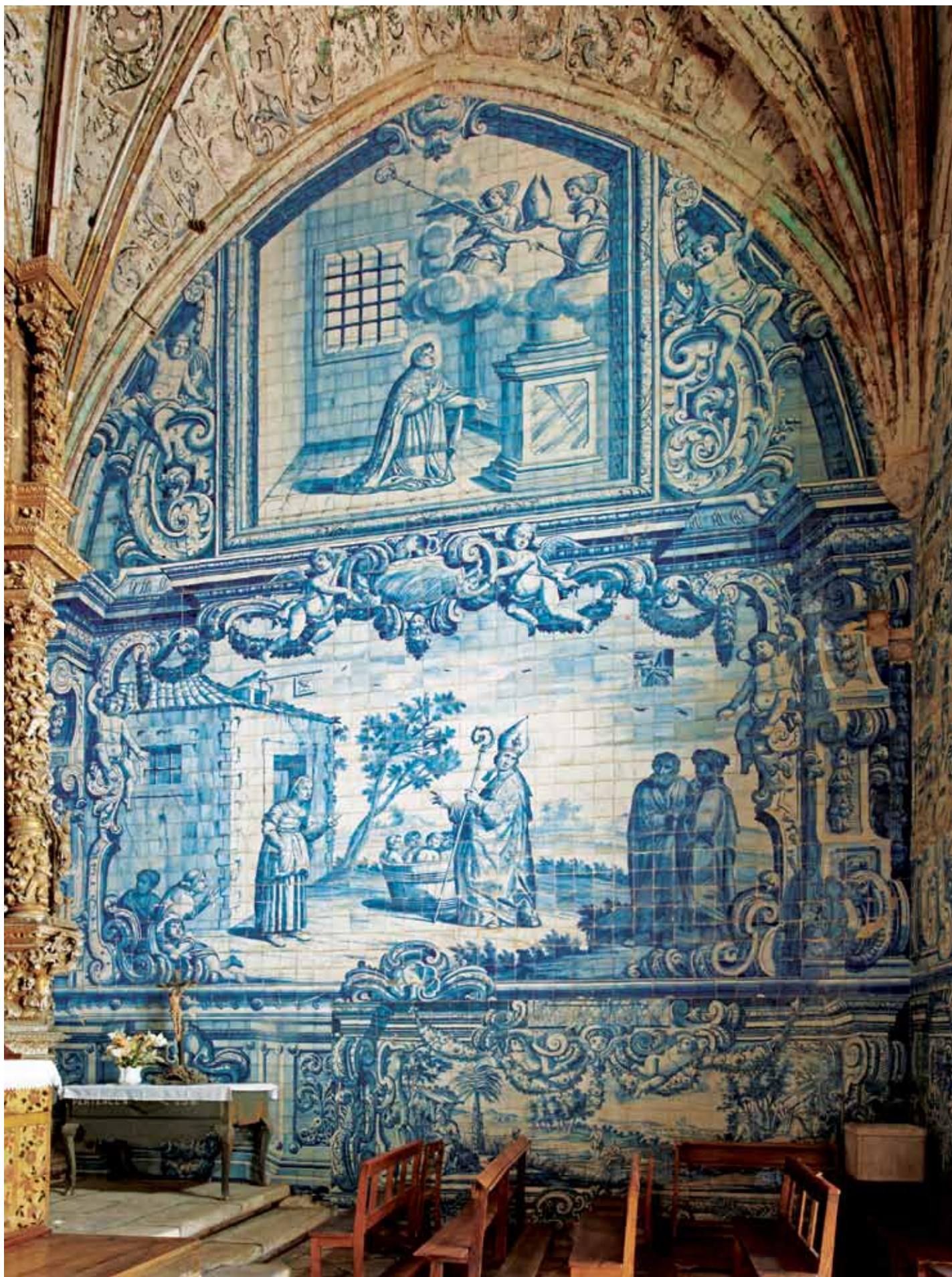


GUARDA – Igreja de São Vicente

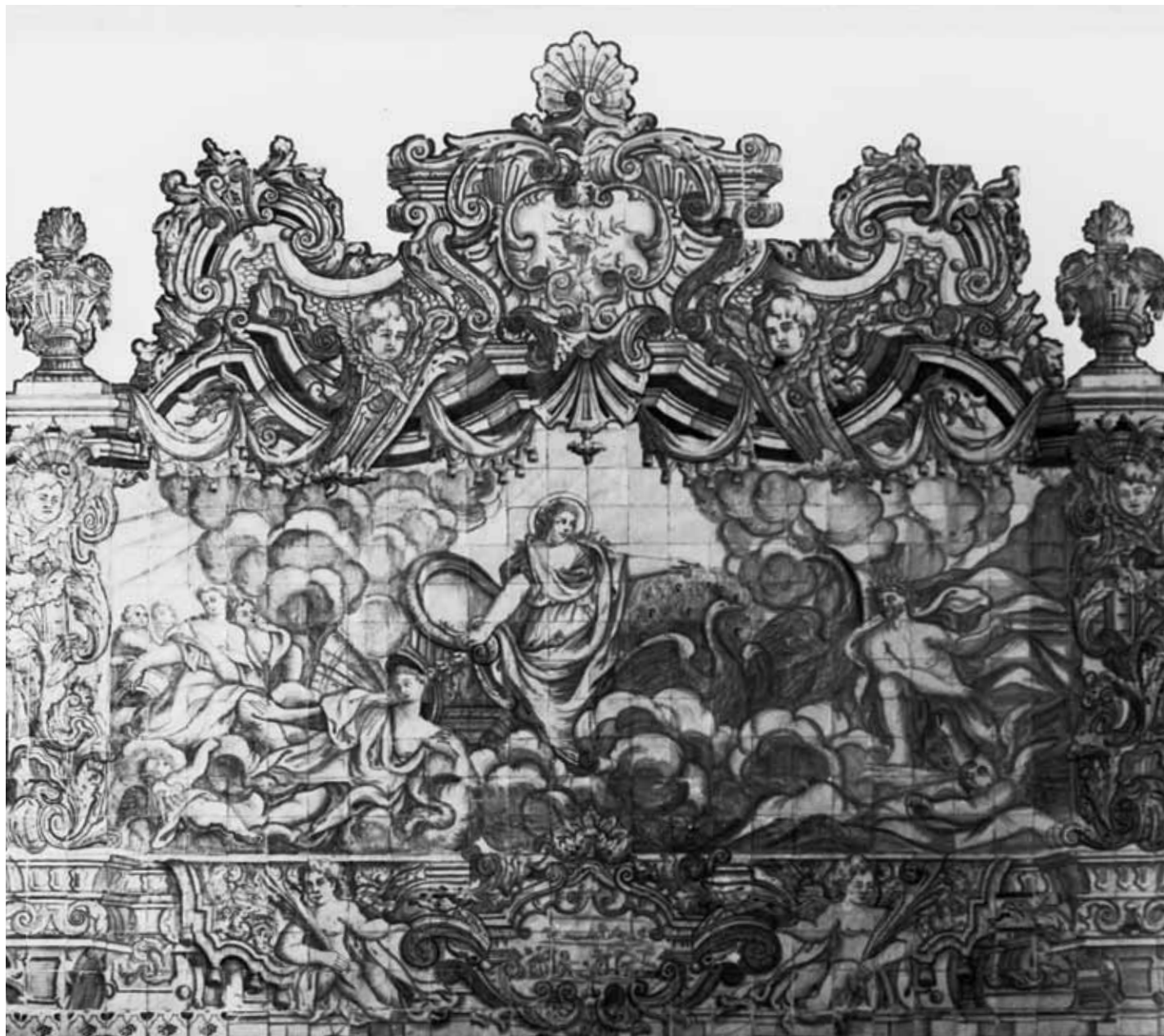
TAROUCA – Igreja do antigo Mosteiro
de São João de Tarouca







LAMEGO – Sé Catedral (Capela de São João Baptista)



MANGUALDE – Palácio
dos Condes de Anadia



WISEU – Solar dos Condes de Prime

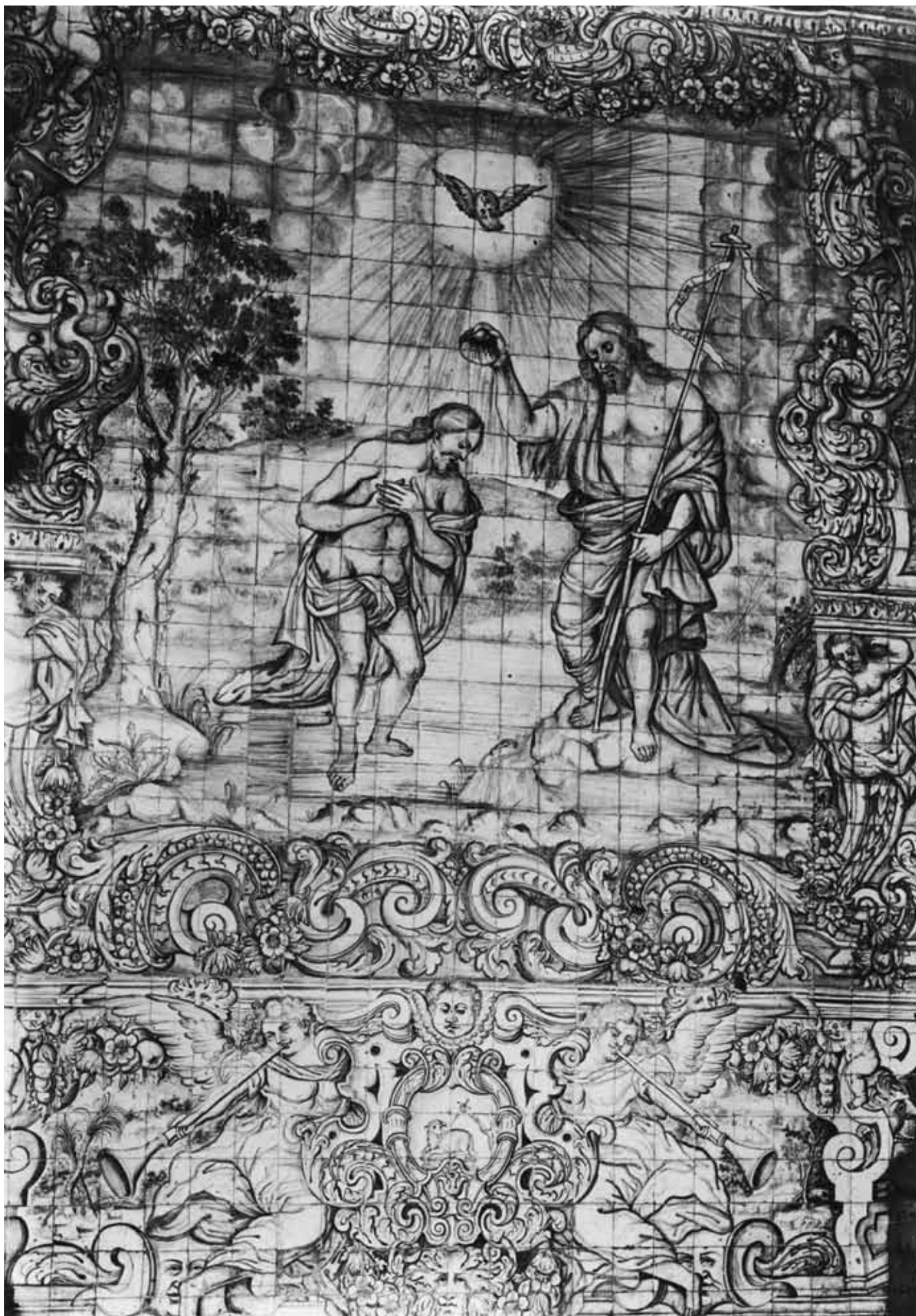
COUTO DO MOSTEIRO – Casa Nobre dos Gomes Pires



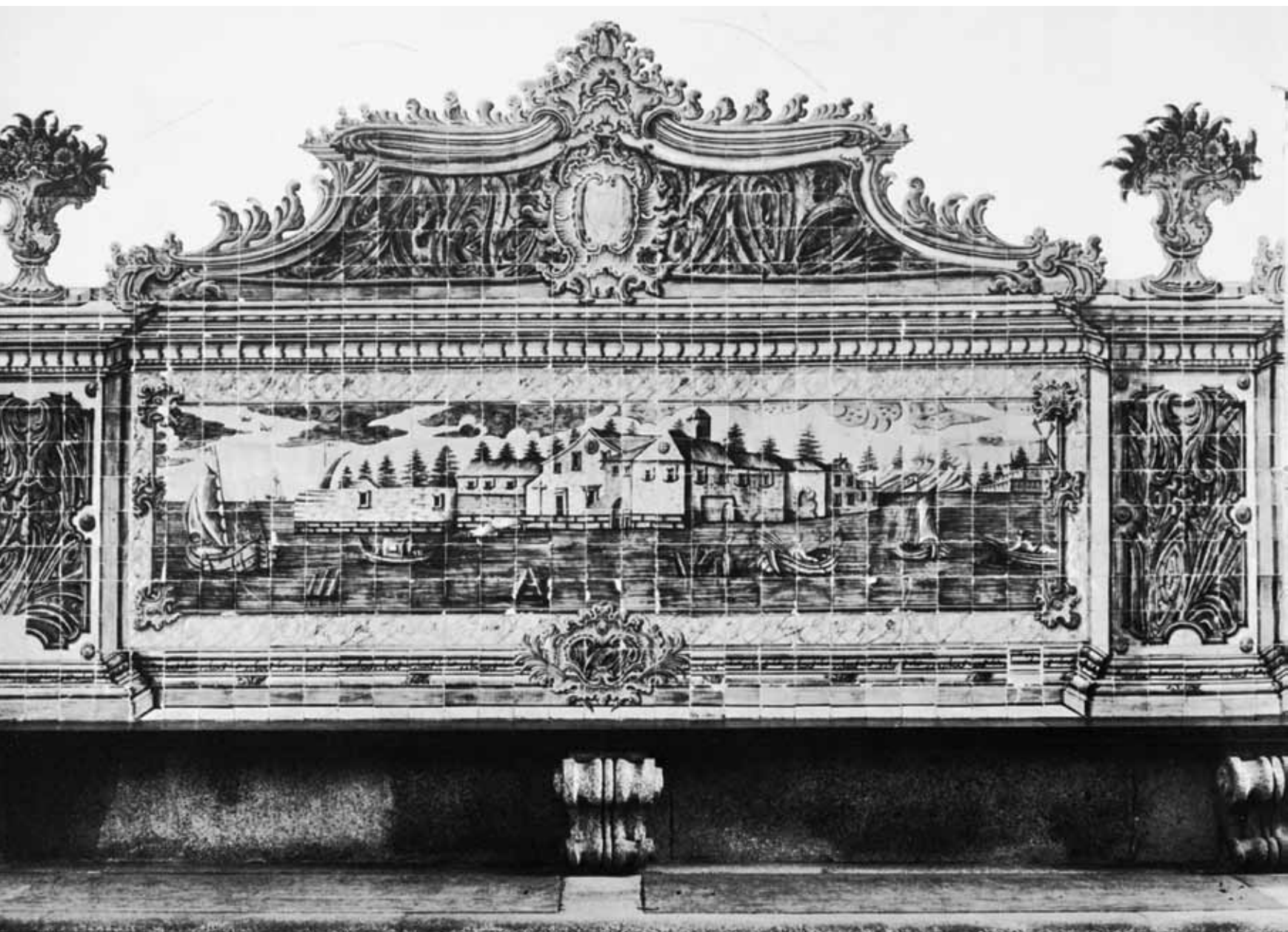








WISEU – Sé (Capela de São João Baptista)

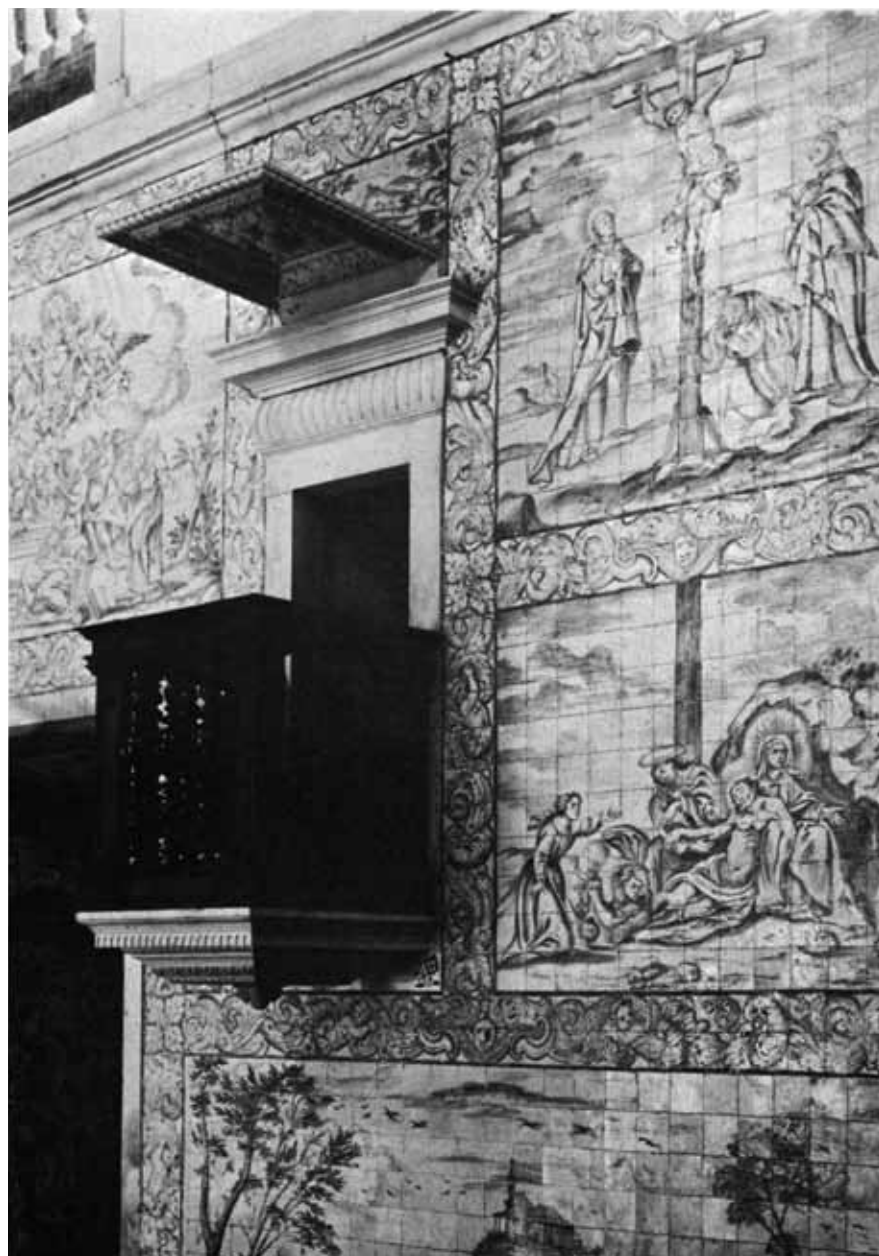


AROUCA – Mosteiro de Santa Maria (Sala do Capítulo)

VISTA ALEGRE – Capela de Nossa Senhora da Penha de França



AVEIRO – Museu



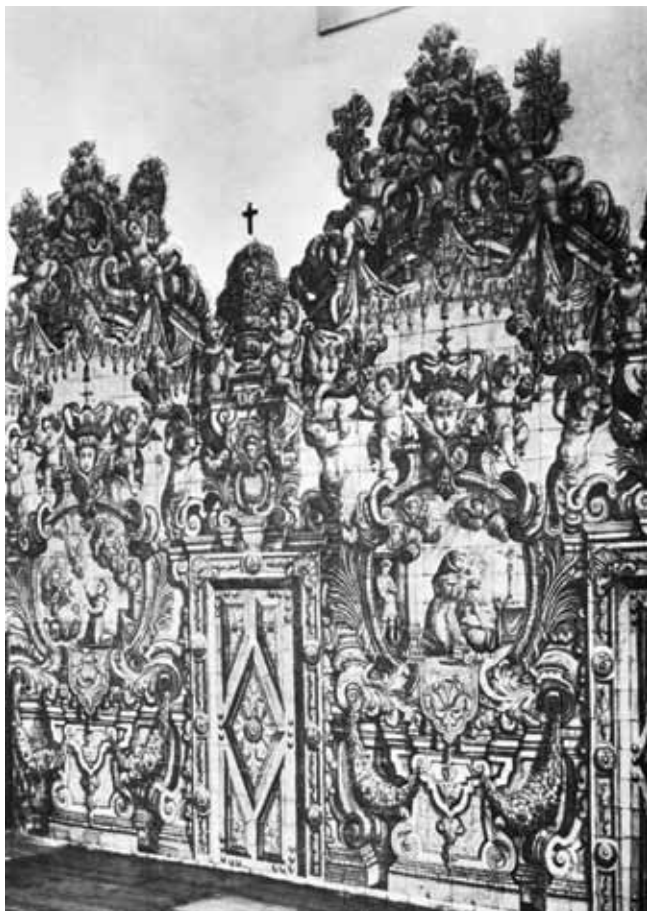
AVEIRO – Igreja do antigo Mosteiro das Carmelitas



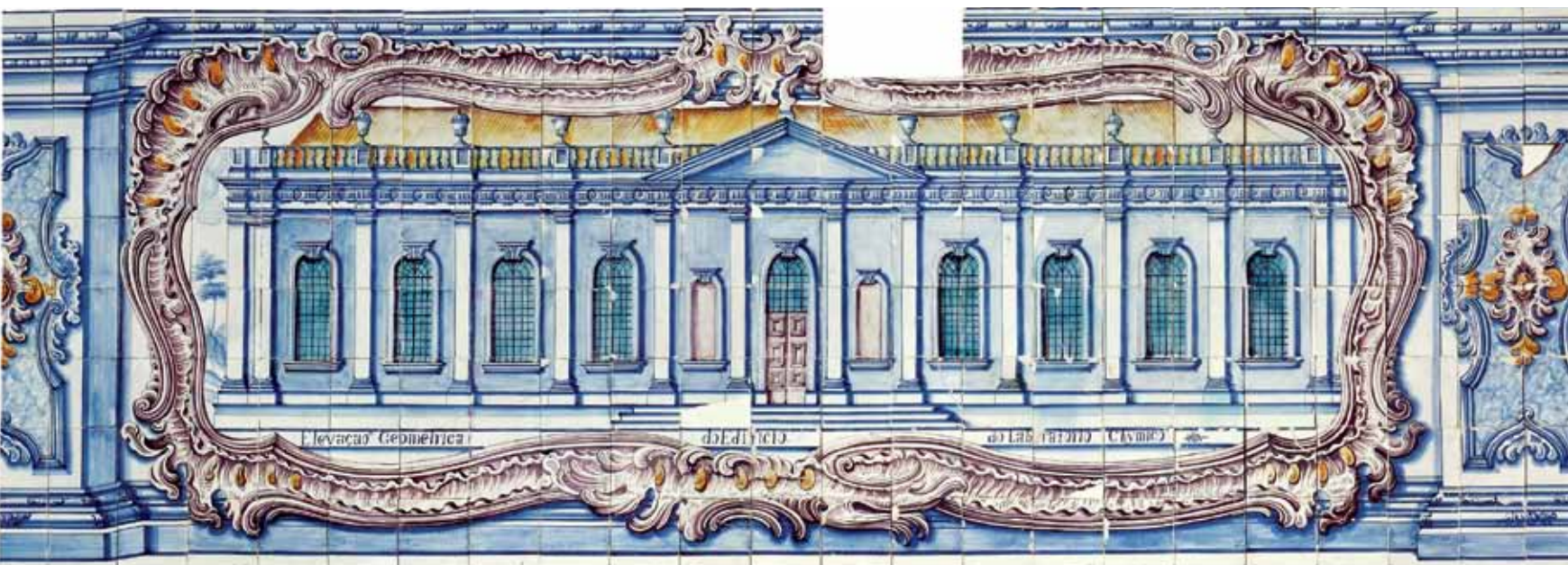
COIMBRA – Casa da Infância Dr. Elísio de Moura



TOCHA – Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Atocha



COIMBRA – Casa da Infância Dr. Elísio de Moura



COIMBRA – Paineis de azulejos representando a fachada do Laboratório de Química da Universidade de Coimbra. Proveniente do antigo edifício do Paço Episcopal. Coleção do Museu Nacional de Machado de Castro.



COIMBRA – Paineis de azulejos representando a fachada do Cabido de Coimbra. Proveniente do antigo edifício do Paço Episcopal. Coleção do Museu Nacional de Machado de Castro.



COIMBRA – Igreja de Santo António dos Olivais

COIMBRA – Universidade





SEMIDE – Antigo Mosteiro de Santa Maria

COIMBRA – Antigo Mosteiro de São Jorge de Milreus







SEIXO DE GATÕES – Igreja de São João Baptista



CASTELO BRANCO – Casa Nobre (na Rua João Carlos Abrunhosa, n.ºs 50-52)

CÓS – Mosteiro das Bernardas







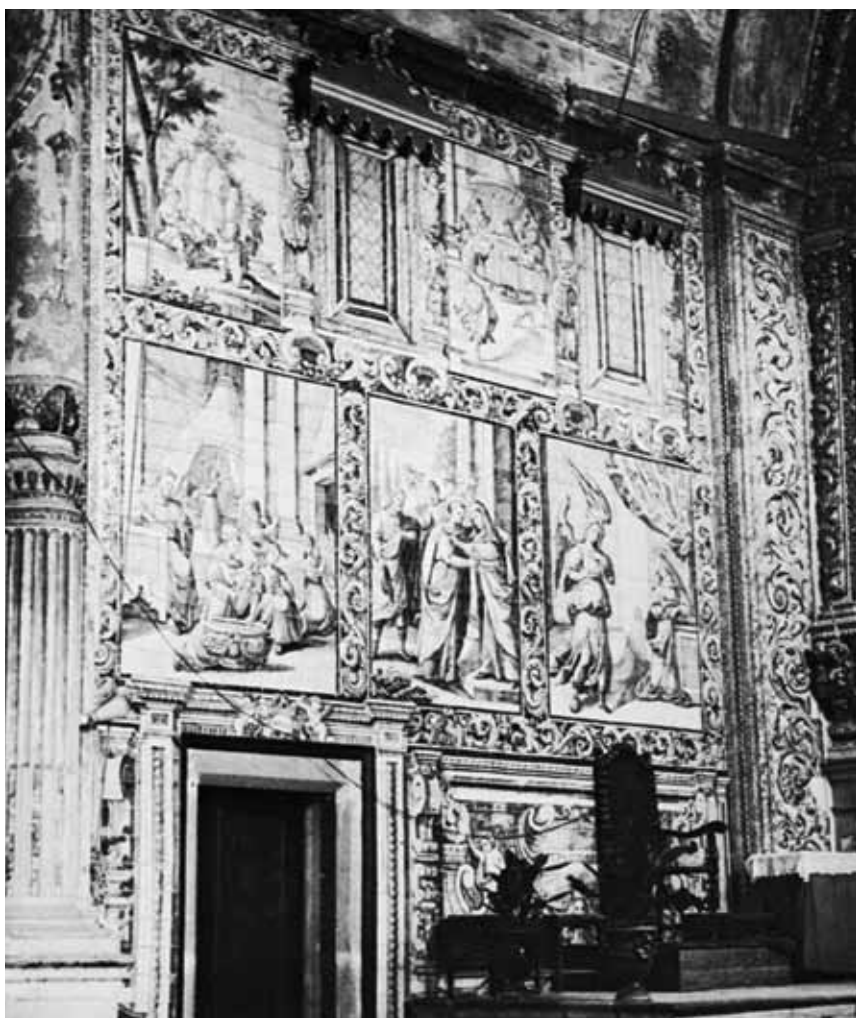
COITO – Capela de São Jacinto



NAZARÉ – Igreja de Santa Maria



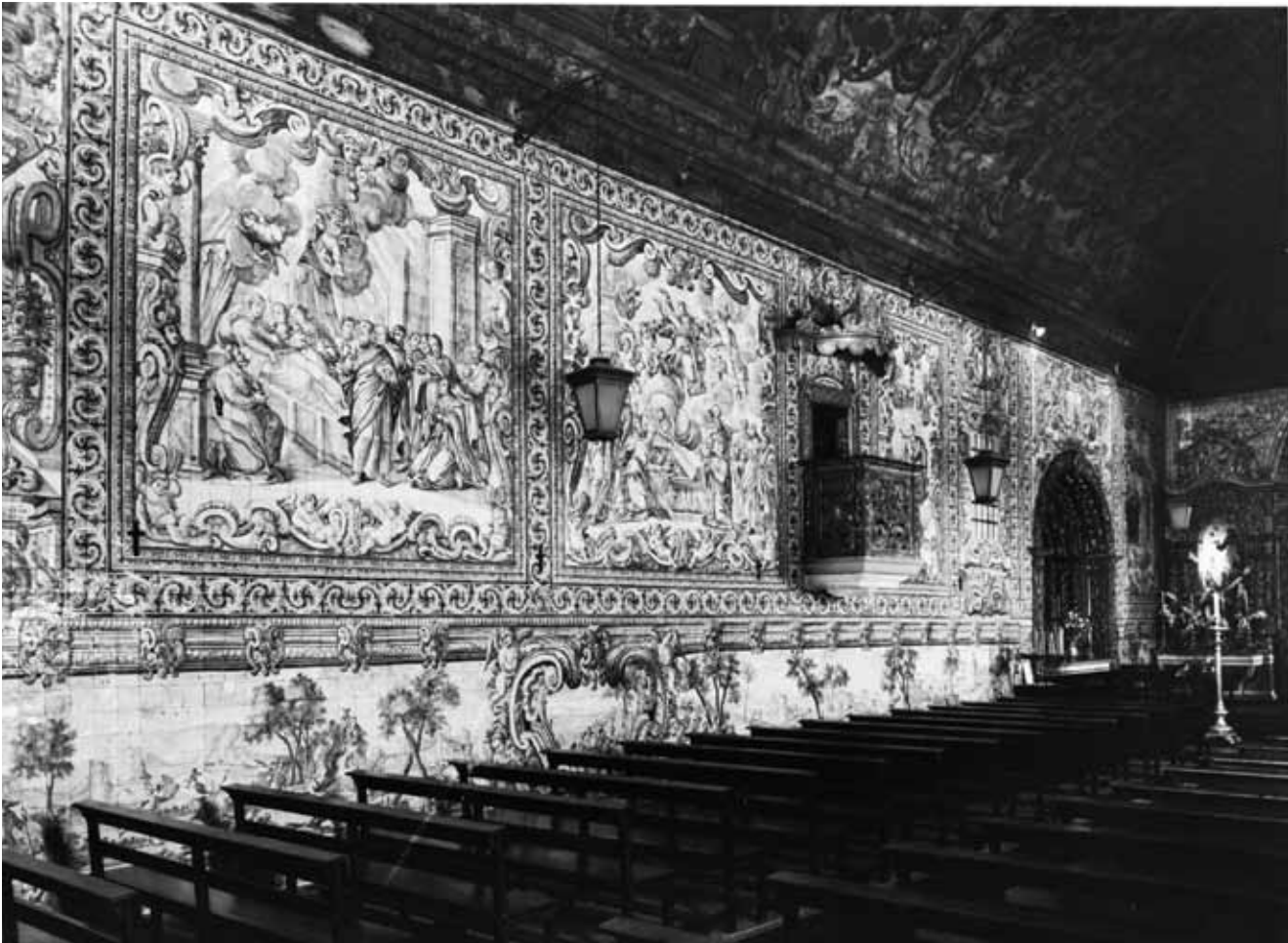
FIGUEIRÓ DOS VINHOS –
Igreja de São João Baptista



NAZARÉ – Nossa Senhora da Nazaré



ASSUNÇÃO DA VIRGEM (LASSOMPTION DE LA S.^{TE} VIERGE) – Gravura a buril a partir de pintura de P. P. Rubens, MNAA





PENICHE – Santuário de Nossa Senhora dos Remédios

Página anterior

PENICHE – Igreja de Nossa Senhora da Ajuda

PENICHE – Igreja de Nossa Senhora da Conceição



LOURIÇAL – Igreja do Convento



SERRA D'EL-REI – Igreja Matriz
de São Sebastião



JUNCAL – Igreja Matriz



ALENQUER – Convento de São Francisco

CHARNAIS – Antigo Convento de Charnais





CASCAIS – Capela de Nossa Senhora da Conceição de Porto Seguro



CARCAVELOS – Quinta do Barão

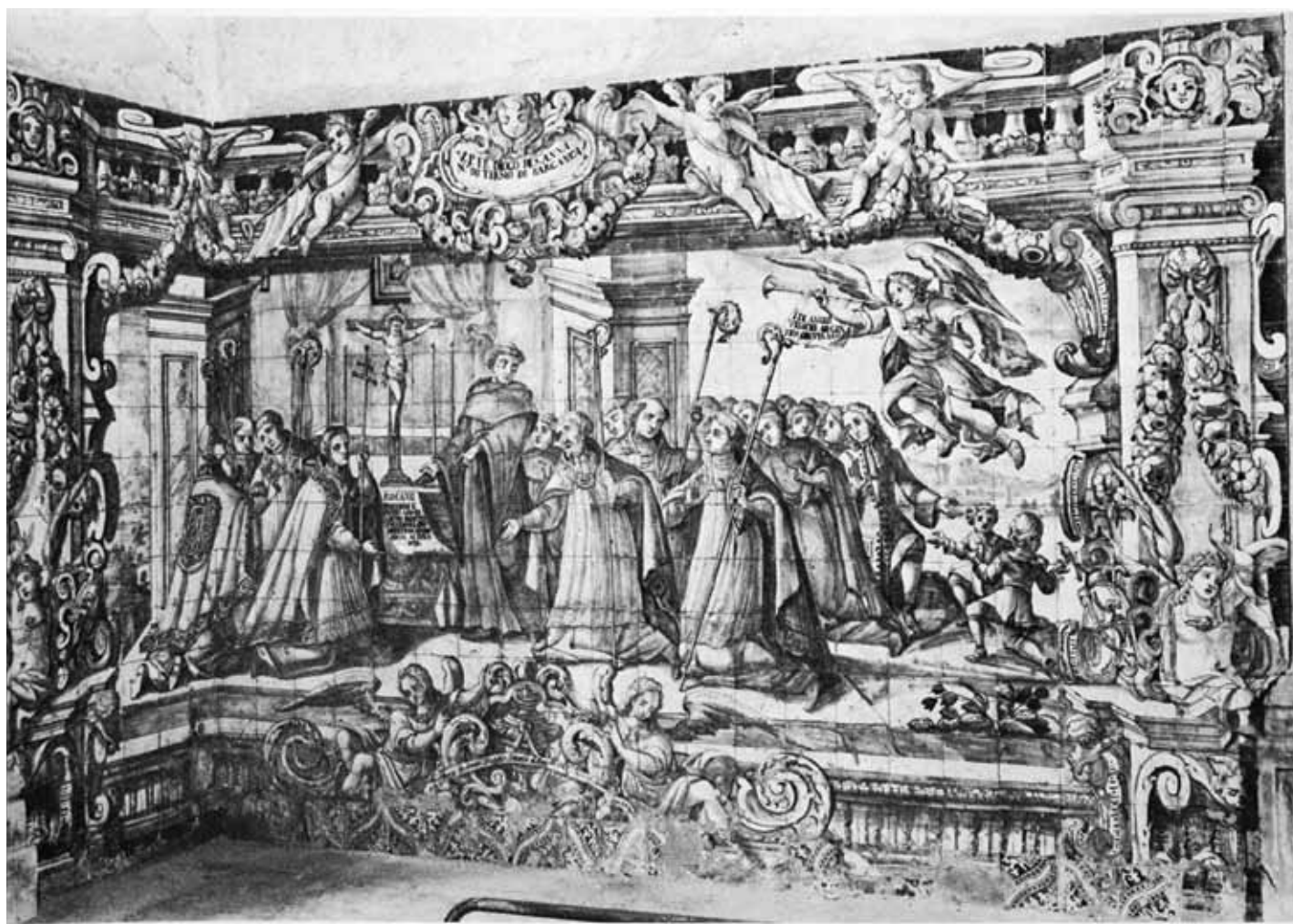


CASCAIS – Museu Castro Guimarães



CASCAIS – Igreja de Nossa Senhora da Assunção

LISBOA – Convento de Nossa Senhora da Graça





LISBOA – Rua Vicente Borga, n.º 154



VILA VIÇOSA – Paço dos Duques (prato)

LISBOA – Capela de Nossa Senhora da Vitória

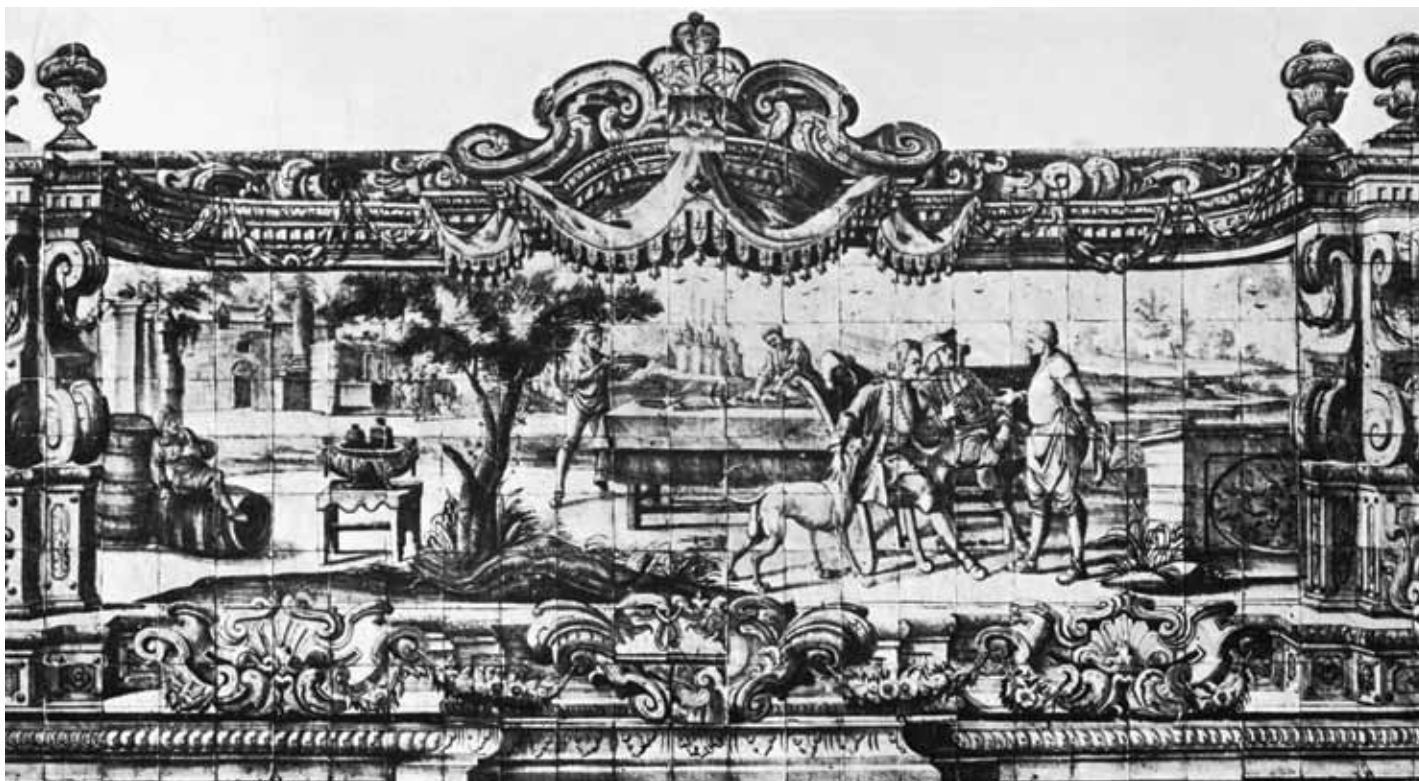




LISBOA – Hospital de São José
(Salão Nobre)



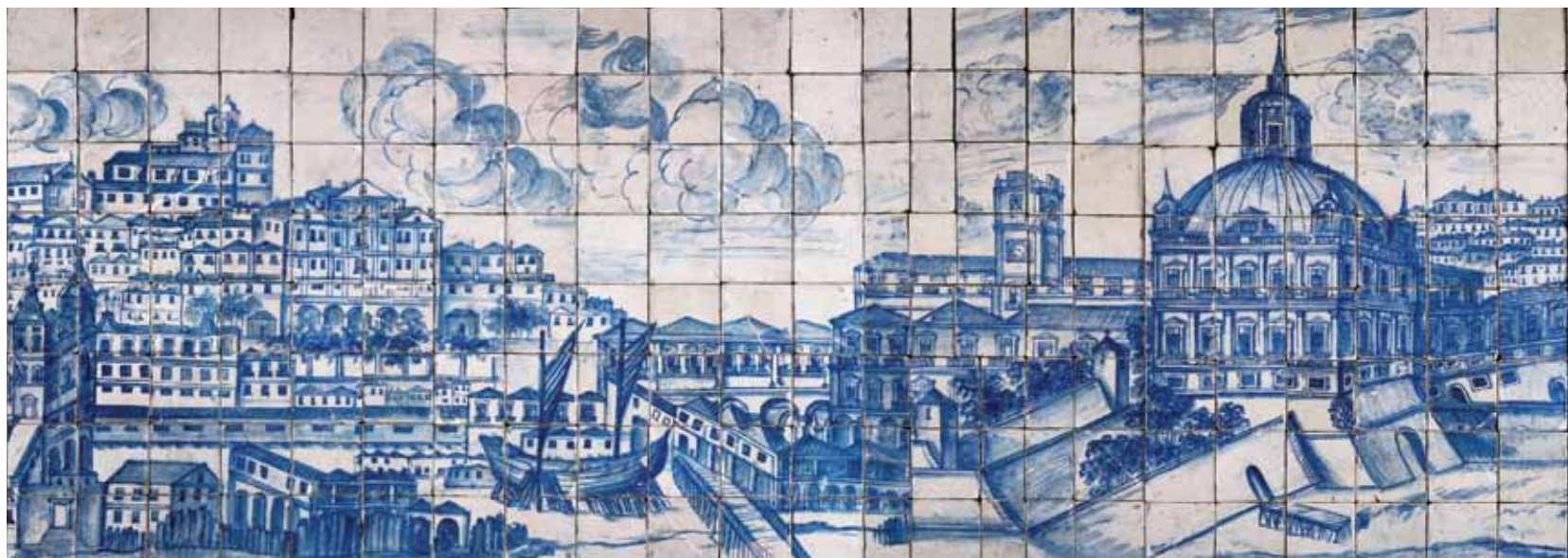
LISBOA – Escola de Belas-Artes da Universidade da Pensilvânia



LISBOA – Hospital de São José (Escada Nobre, 3.º patamar)



LISBOA – Antigo Convento de Madre de Deus (Museu Nacional do Azulejo)



LISBOA – Antigo Convento de Madre de Deus (Museu Nacional do Azulejo) (Vista de Lisboa, pormenor)



Conjunto A



Conjunto B

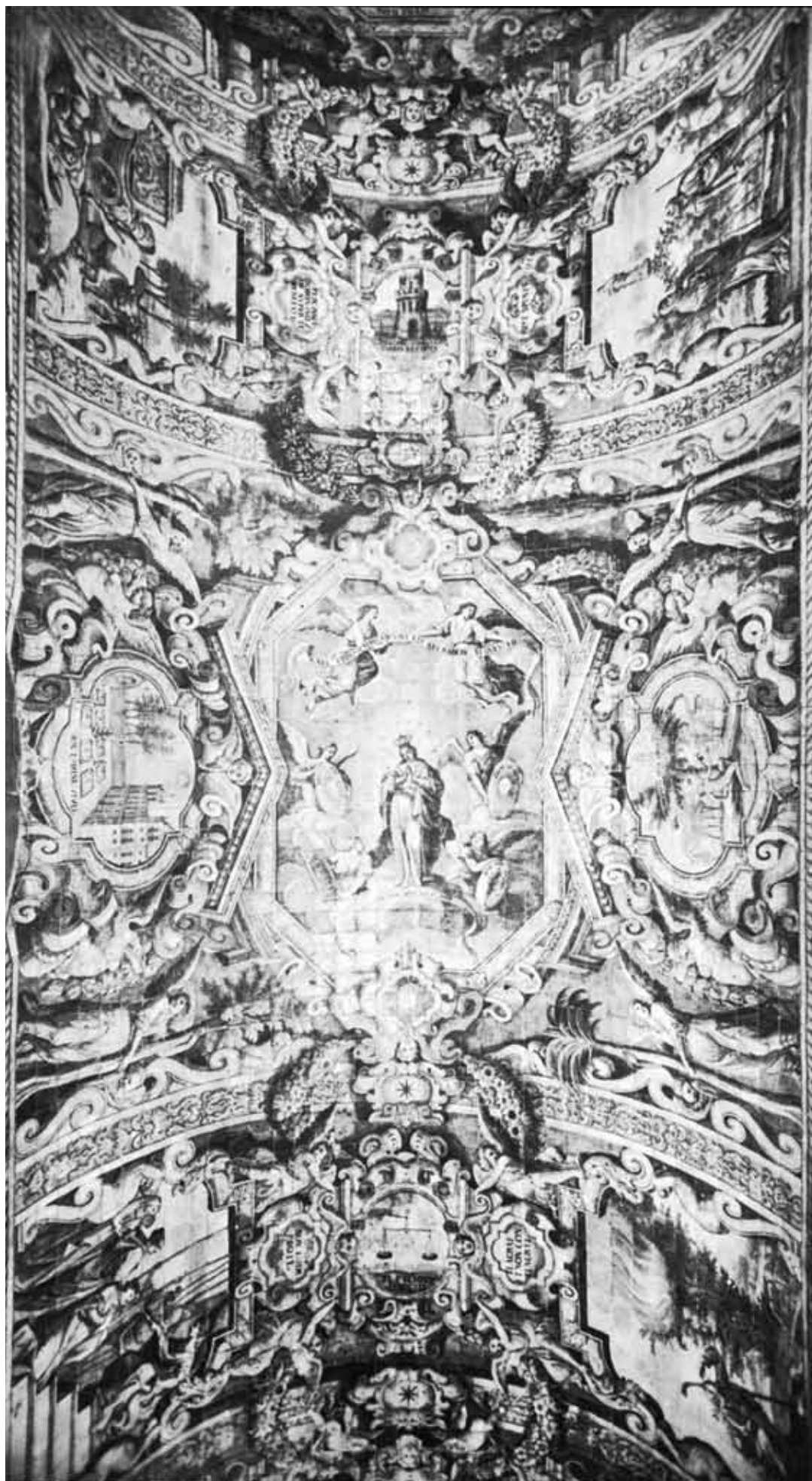




LISBOA – Antigo Convento de Madre de Deus (Museu Nacional do Azulejo)

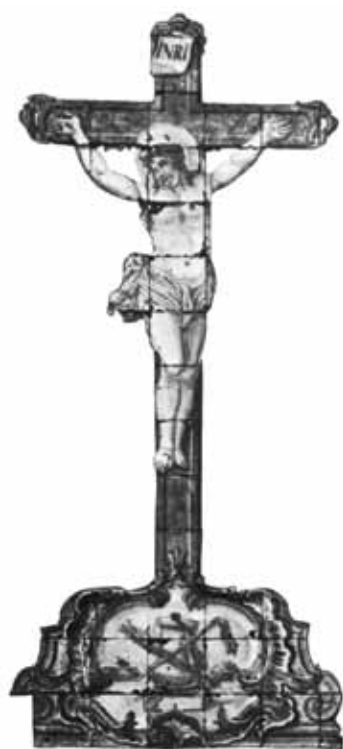
LISBOA – Museu Agrícola do Ultramar





LISBOA – Antigo
Convento de Jesus

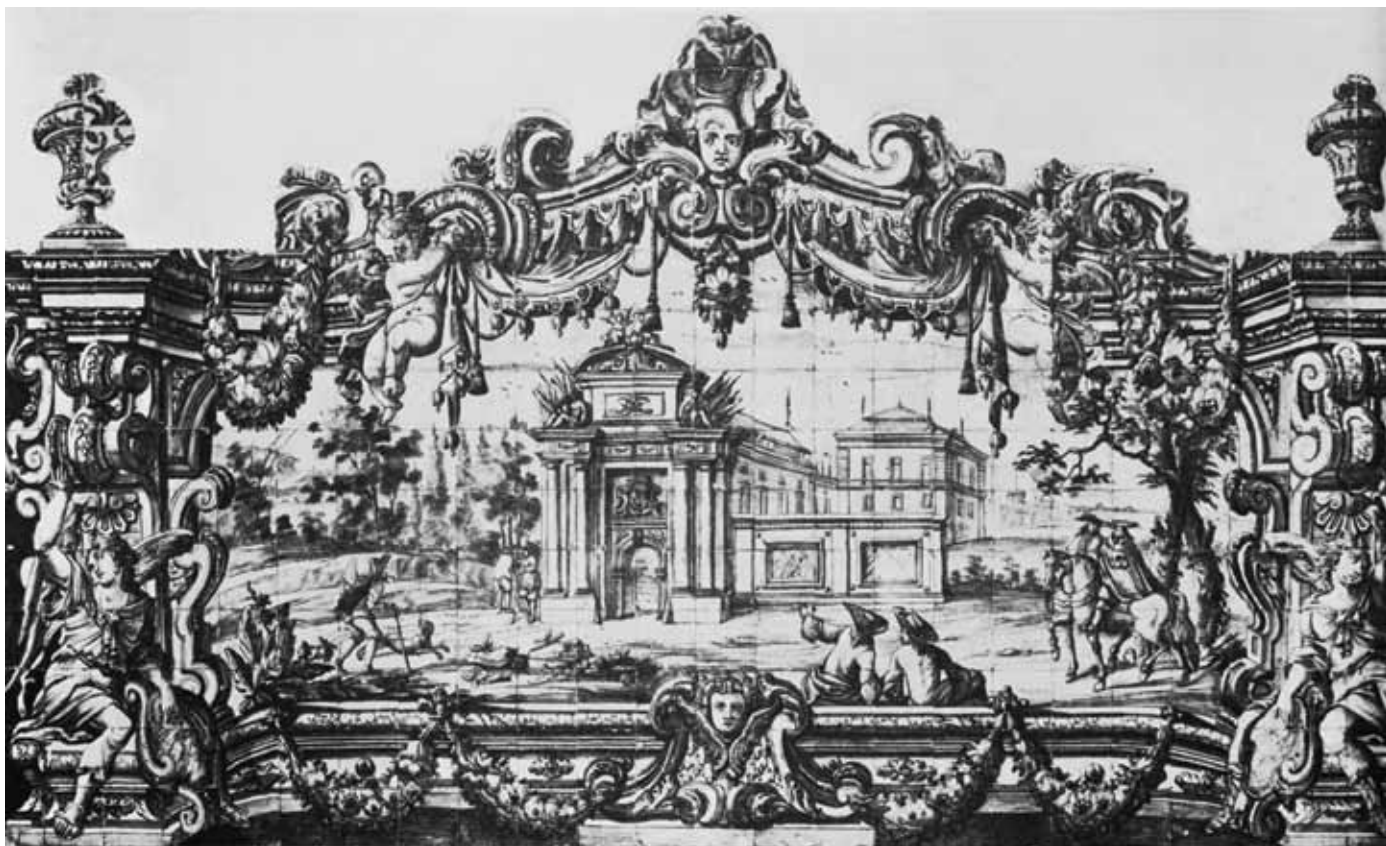
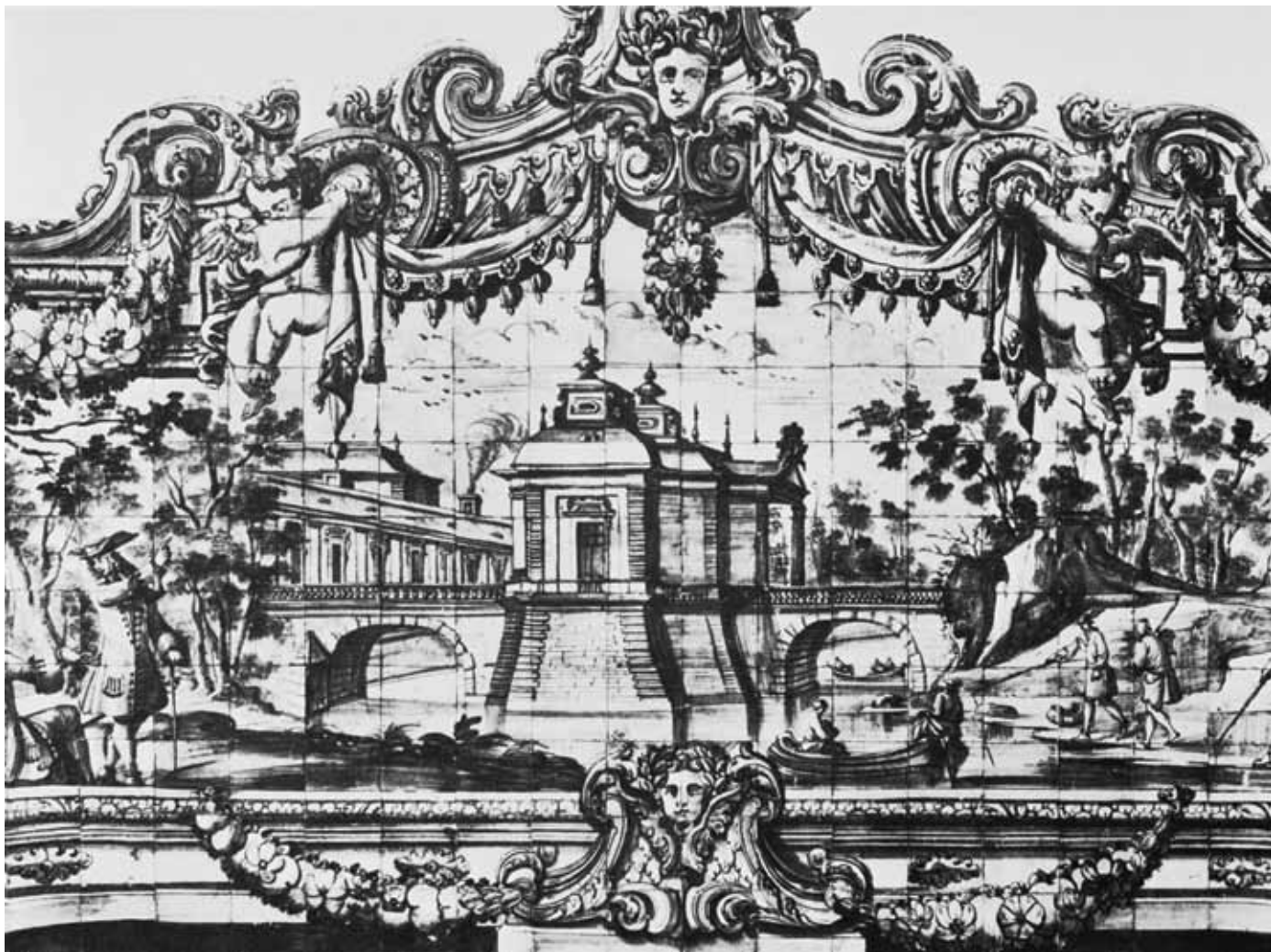


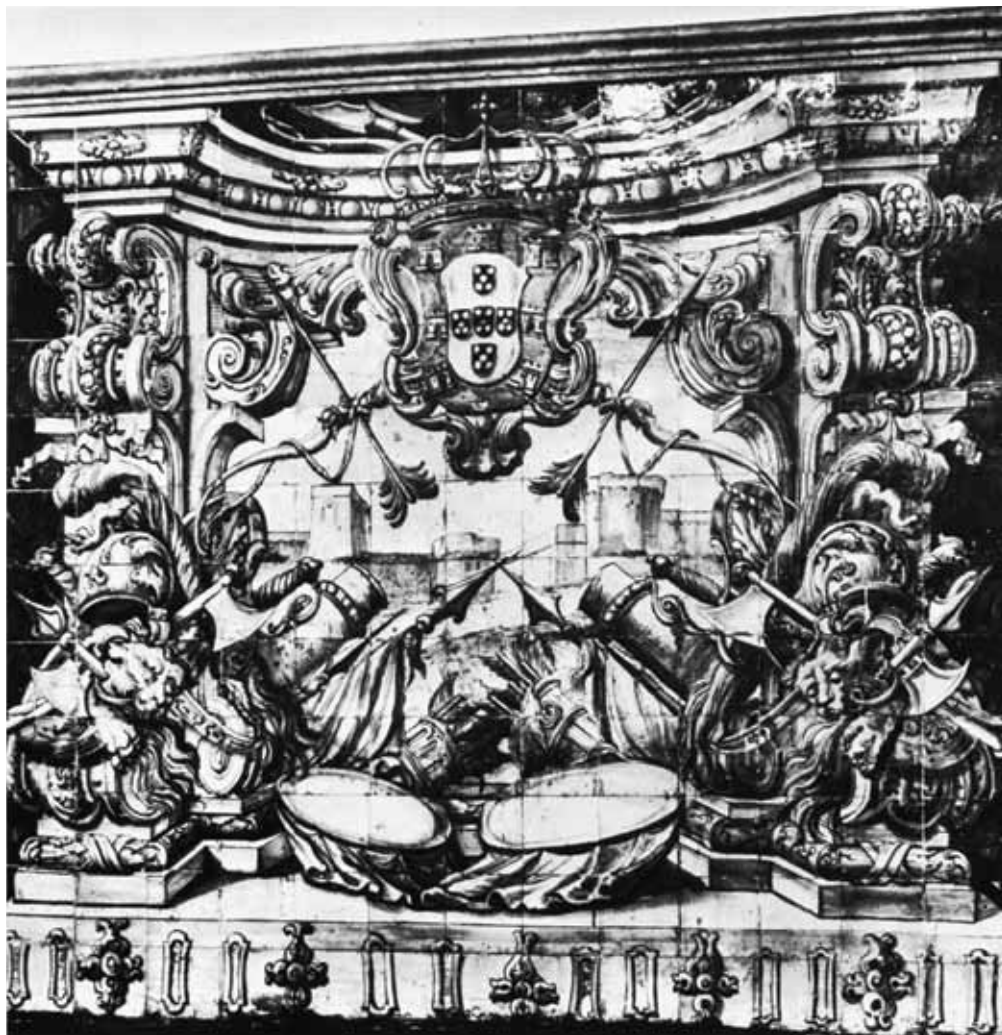


LISBOA – Rua do
Pregoeiro, n.º 2 e 4



LISBOA – Convento de São Domingos de Benfica





LISBOA – Museu Militar



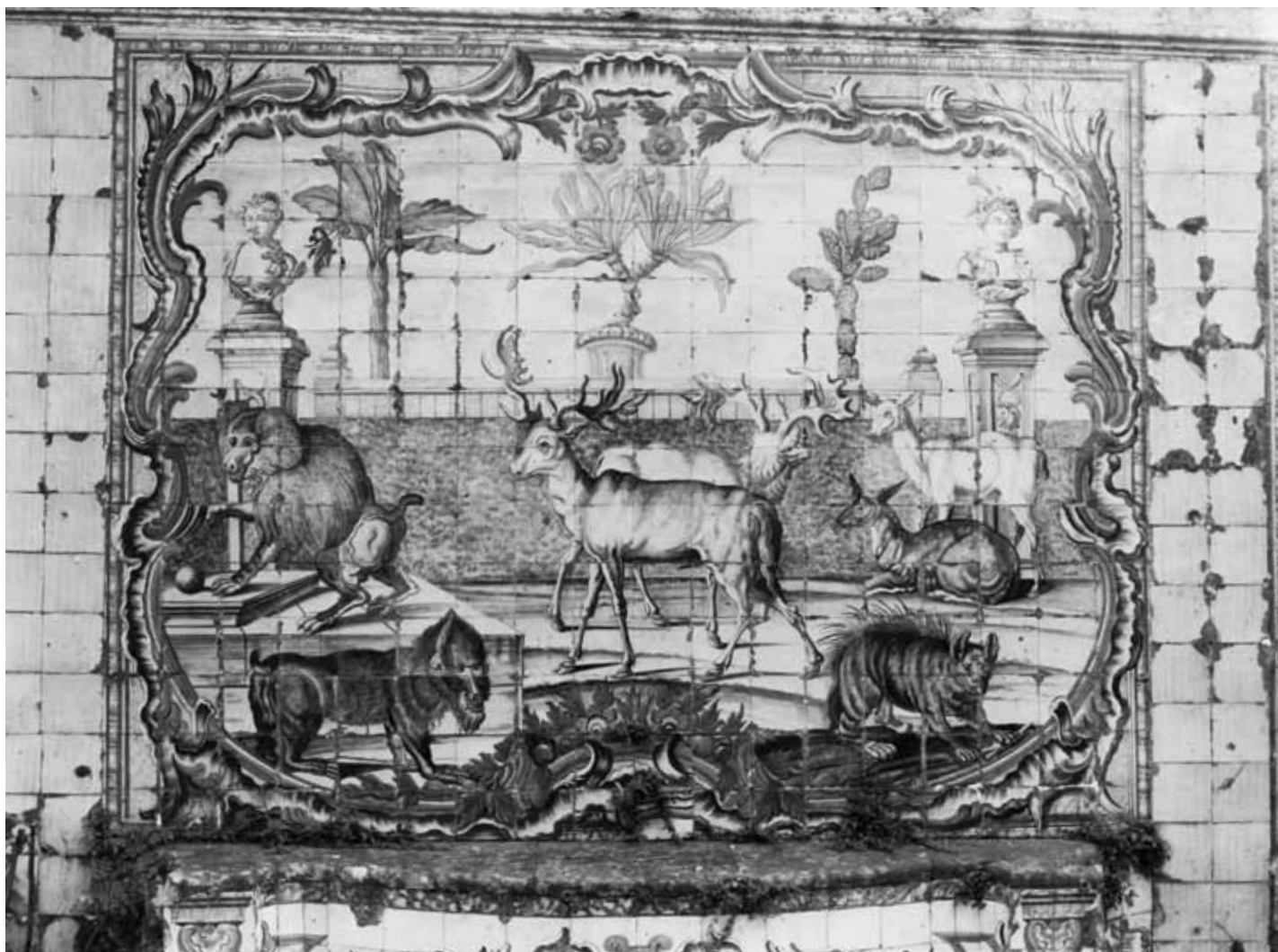
LISBOA – Palácio
da Família Centeno



LISBOA – Quinta dos Coruchéus



LISBOA – Antigo Palácio dos Marqueses de Minas



LUMIAR – Quinta dos Azulejos



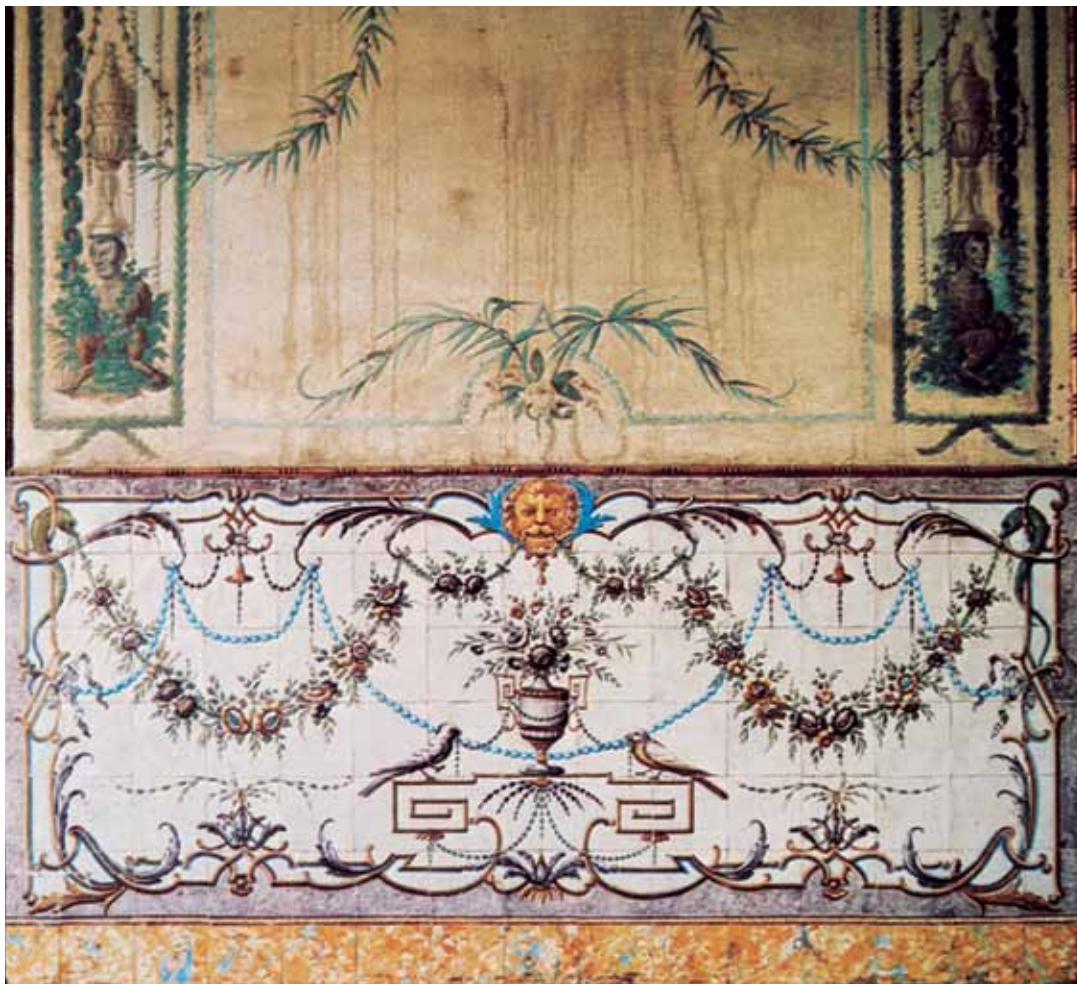


ODIVELAS – Instituto Feminino de Educação e Trabalho

LOURES – Quinta do Correio-Mor







CAXIAS – Palácio da Quinta Real

COLARES – Nossa Senhora da Peninha



PORTO SALVO – Ermida de Nossa Senhora





SINTRA – Paço da Vila (Sala dos Brasões)

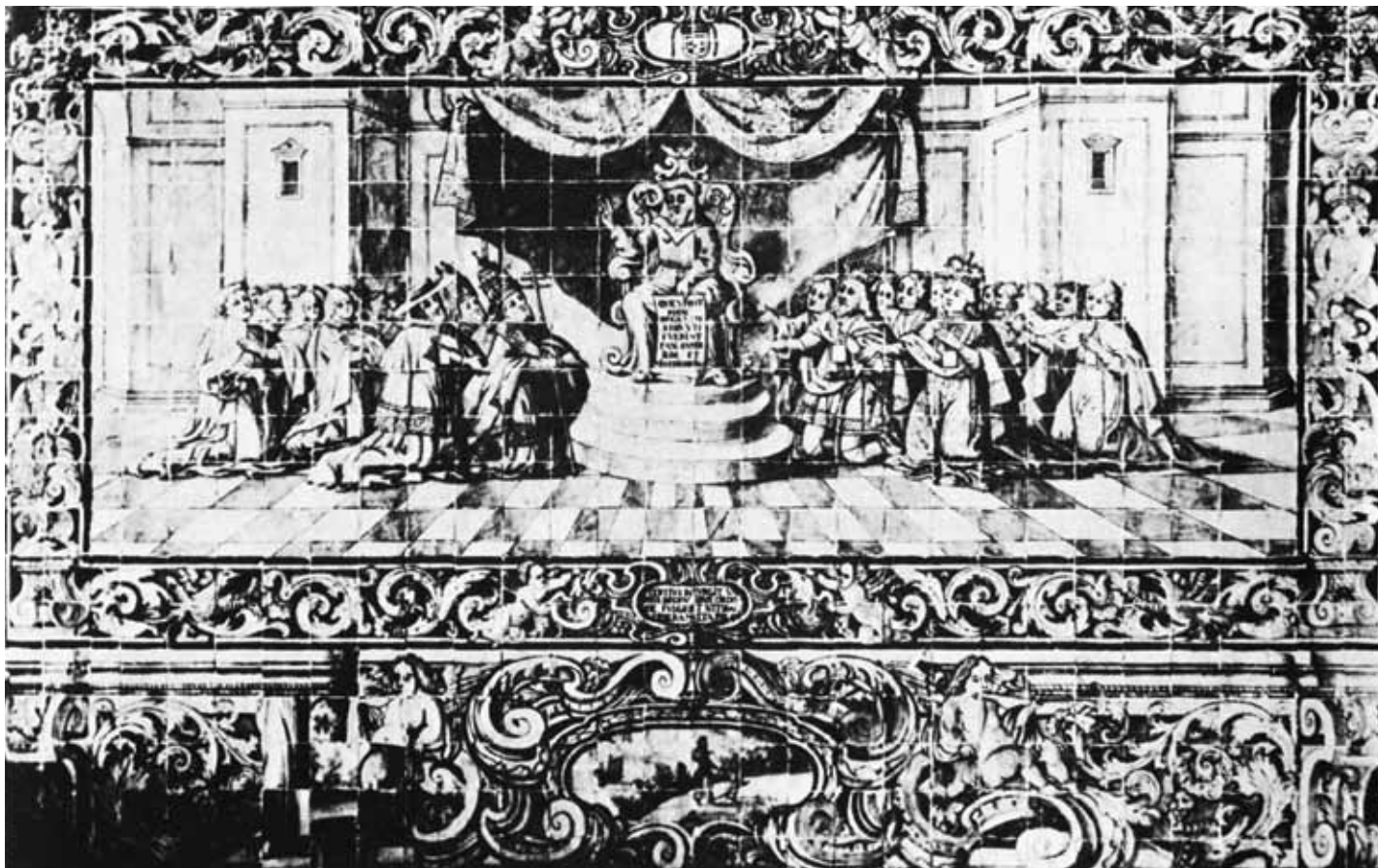




TORRES VEDRAS – Igreja da Santa Casa da Misericórdia

TORRES VEDRAS – Antigo Convento da Graça

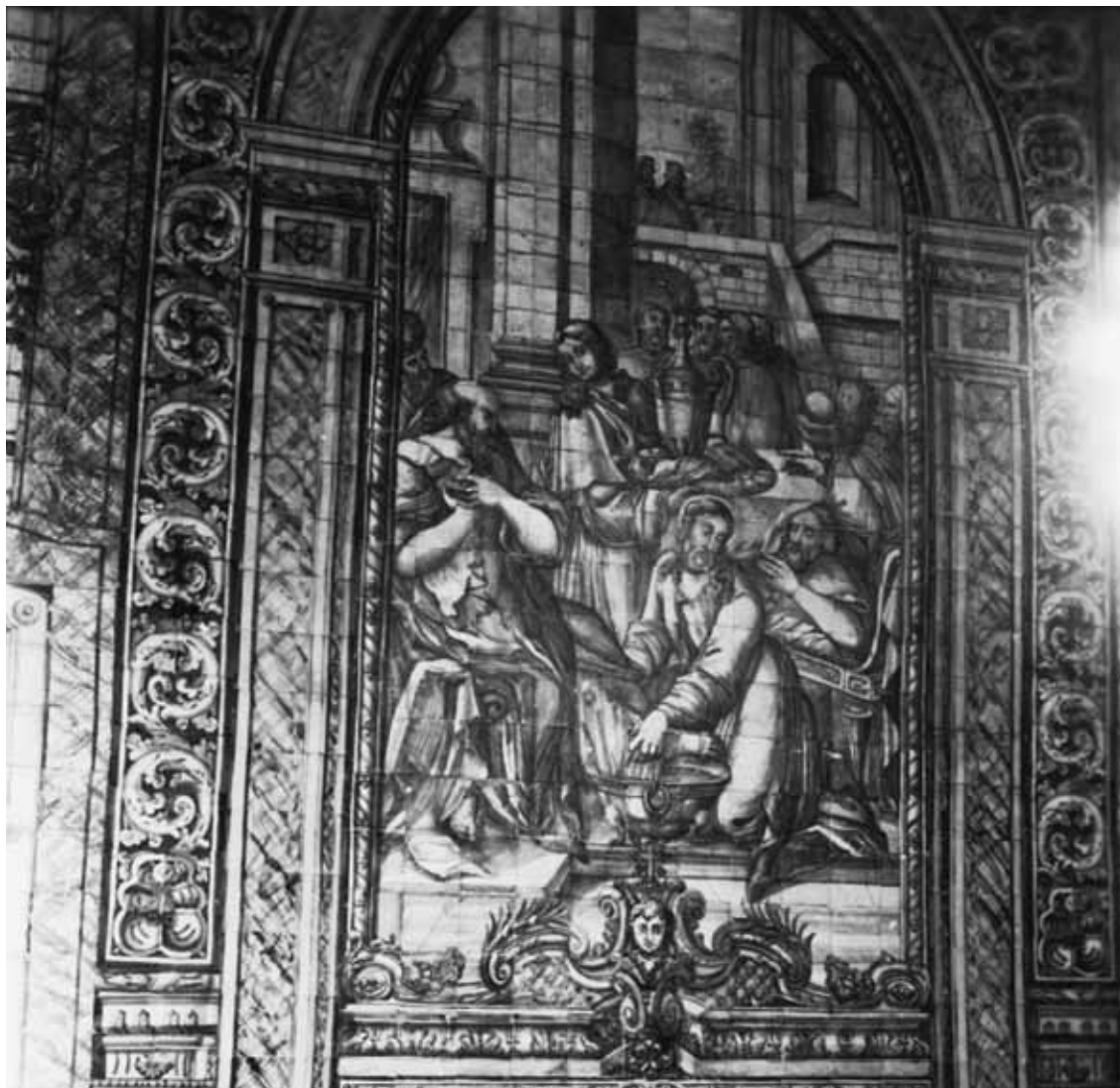




SANTARÉM – Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

SANTARÉM – Seminário





SARDOAL – Igreja da Misericórdia

SARDOAL – Igreja Matriz de São Tiago e São Mateus

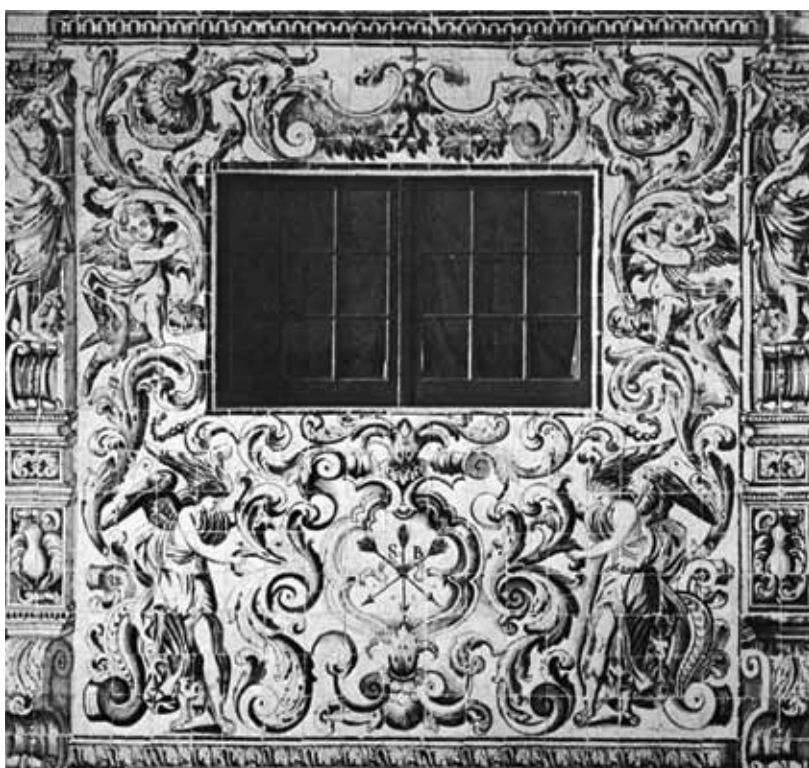








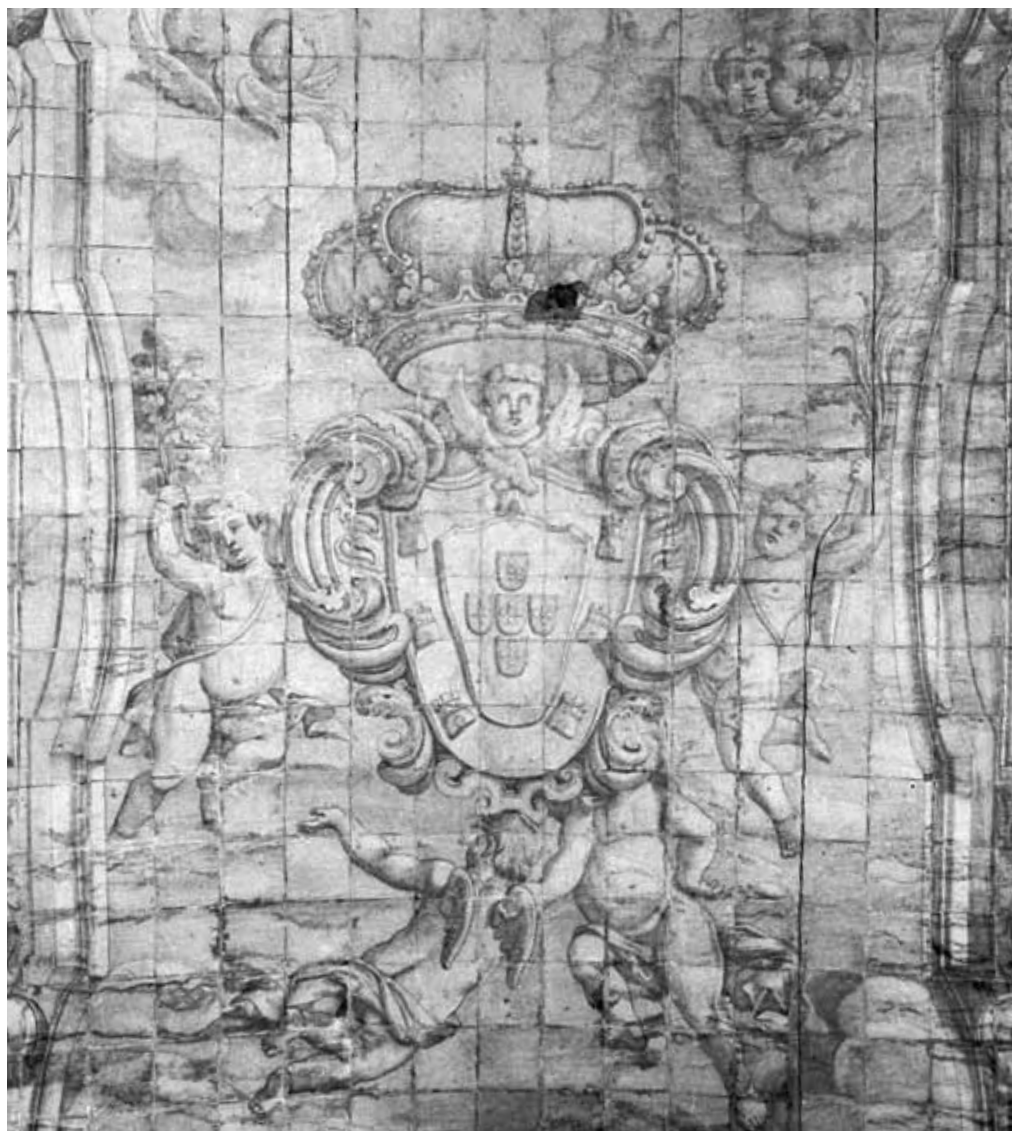
SEIXAL – Quinta da Trindade



ALMADA – Seminário Patriarcal de São Paulo



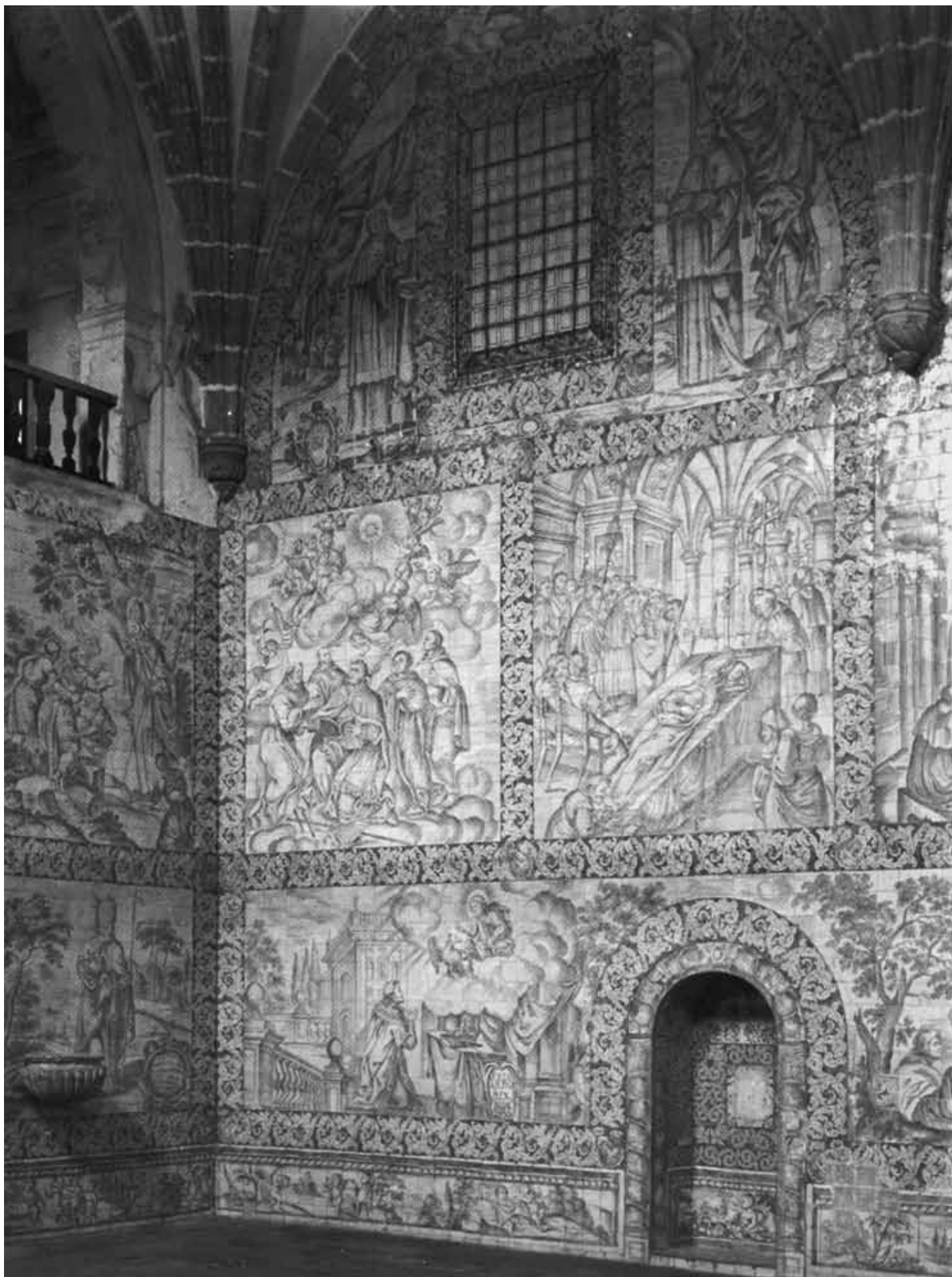
SETÚBAL – Corpo Santo (interior e escadaria)



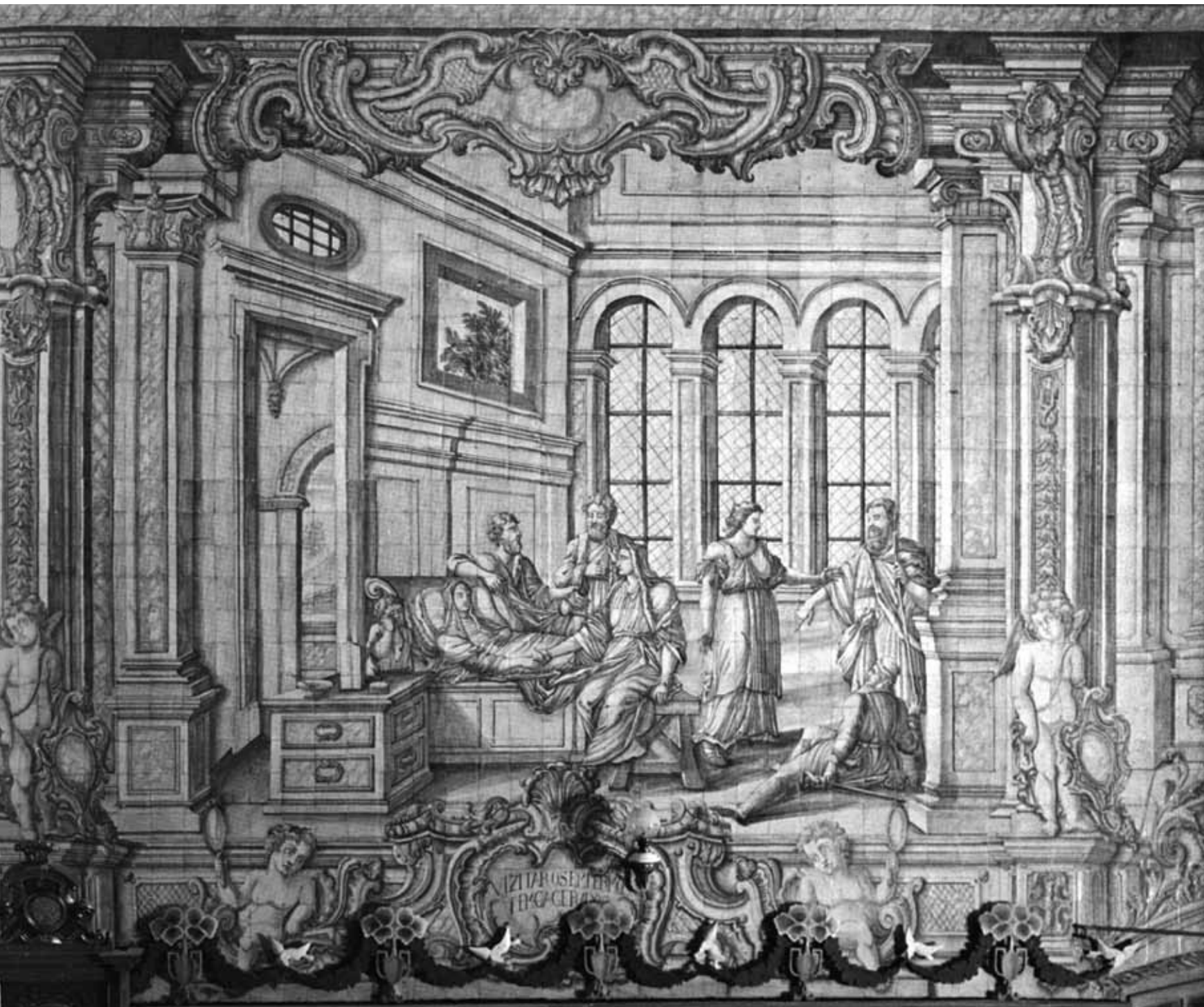


FRONTEIRA – Igreja de Nossa Senhora dos Mártires

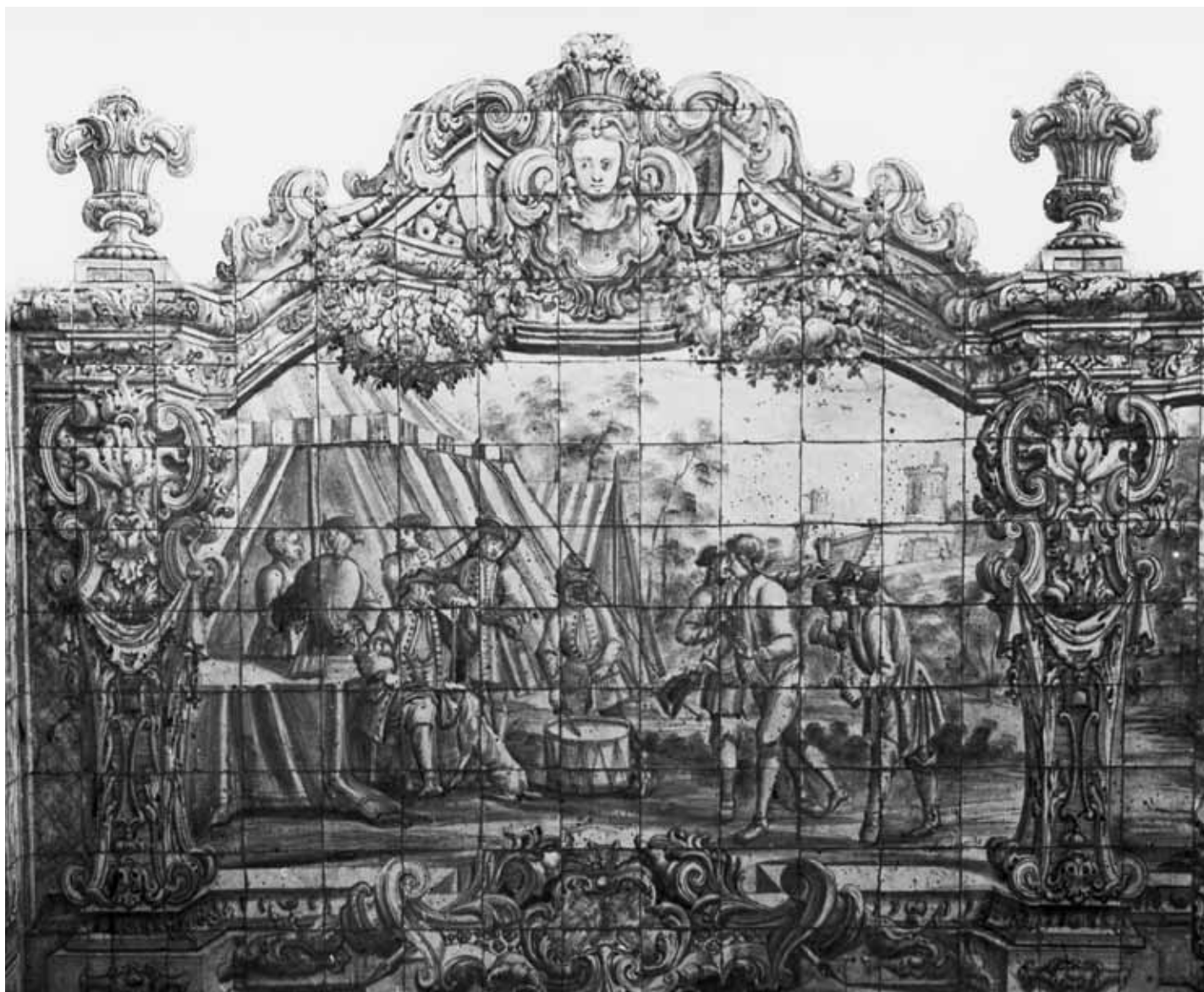




ARRAIOLOS – Igreja do antigo Convento dos Lóios

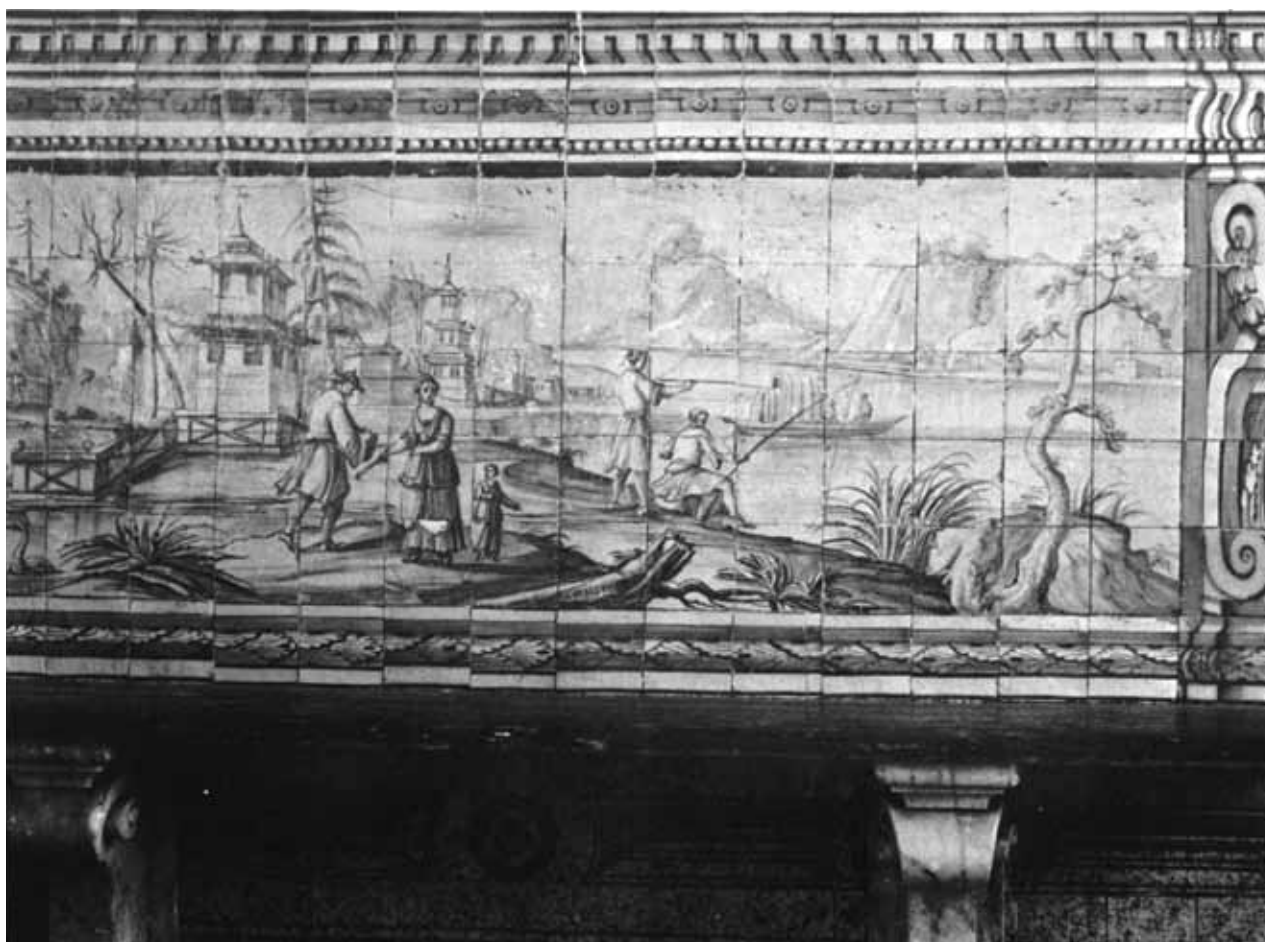
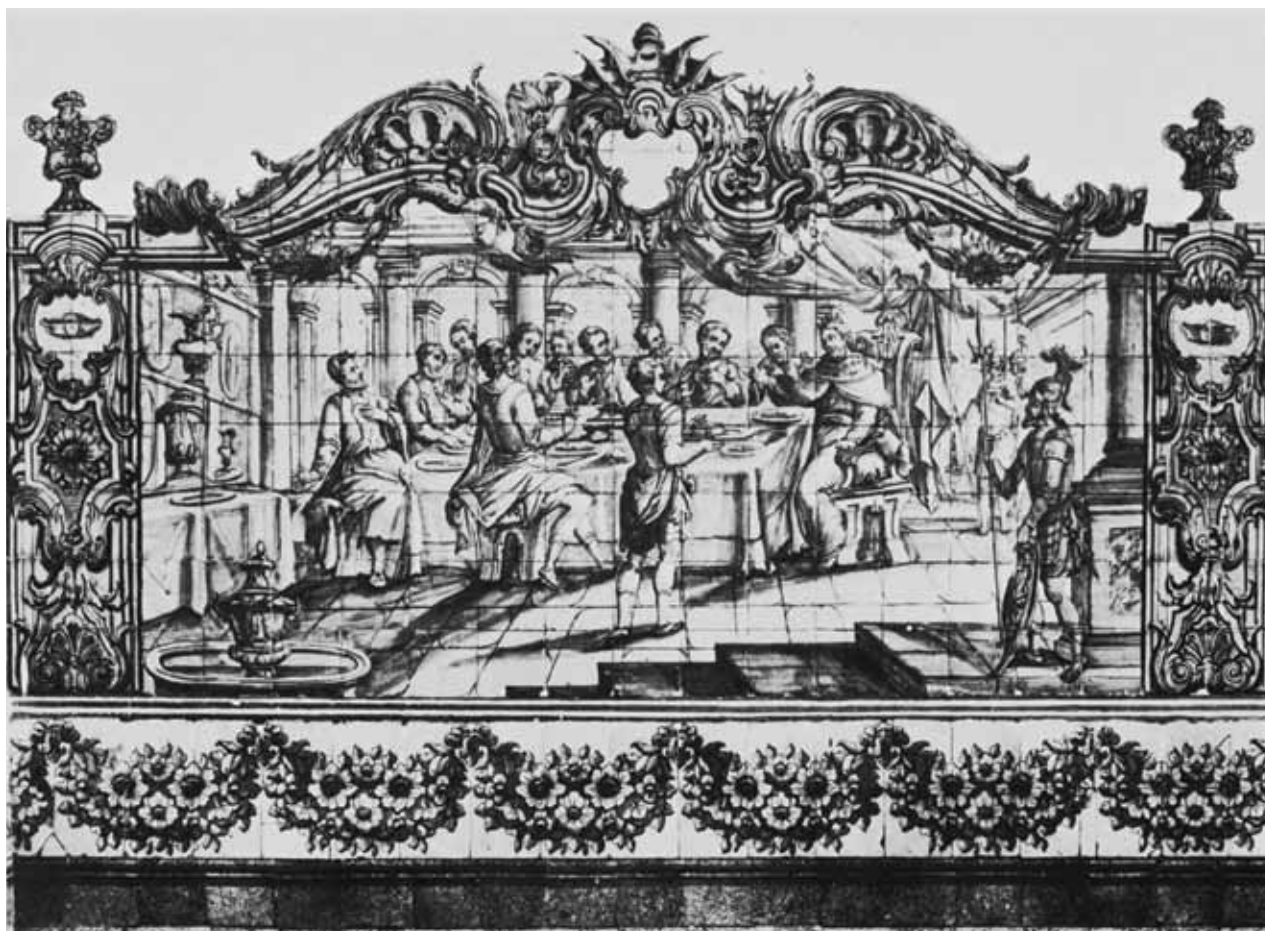


ARRAIOLOS – Igreja da Misericórdia





ESTREMOZ – Antiga Igreja da Misericórdia





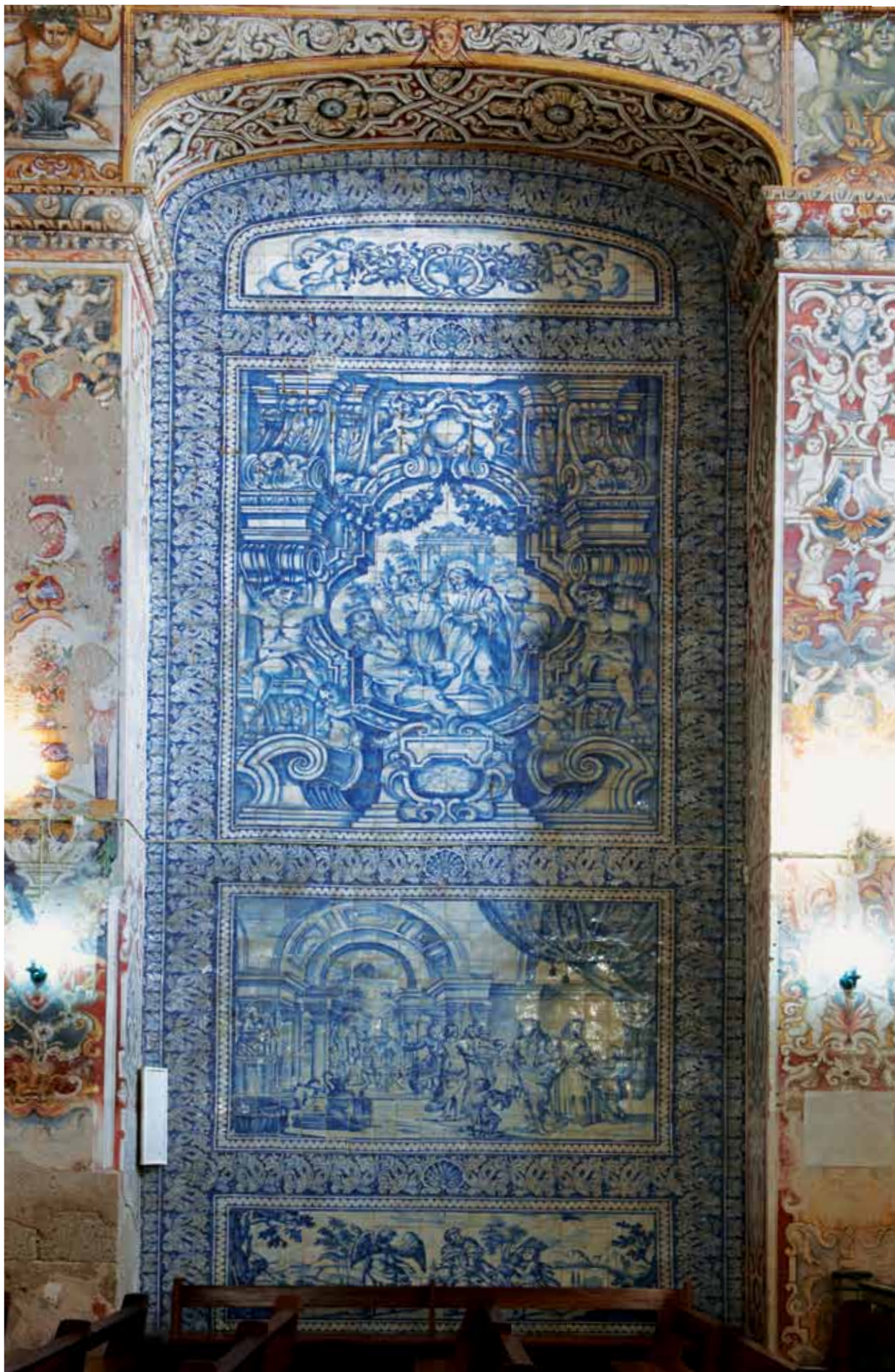
ÉVORA – Igreja do antigo Convento dos Lóios



ÉVORA – Capela de Nossa Senhora da Cabeça

ÉVORA – Igreja da Misericórdia







SERRA D'OSSA – Antigo Convento de São Paulo



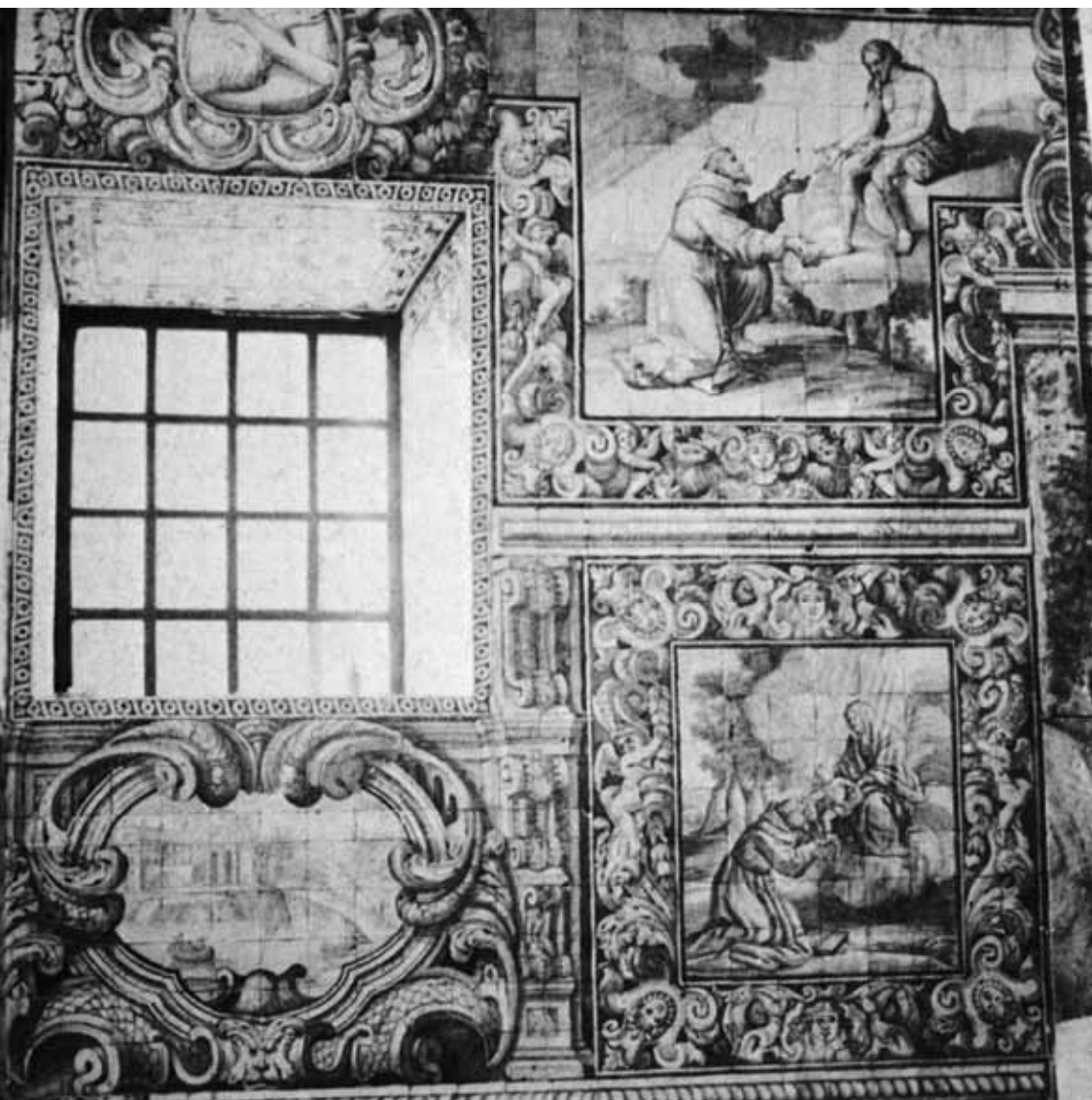
VILA VIÇOSA – Igreja de Nossa Senhora da Conceição



CASTRO VERDE – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



SAFARA – Igreja de Nossa Senhora da Assunção



SERPA – Igreja do Bom Pastor

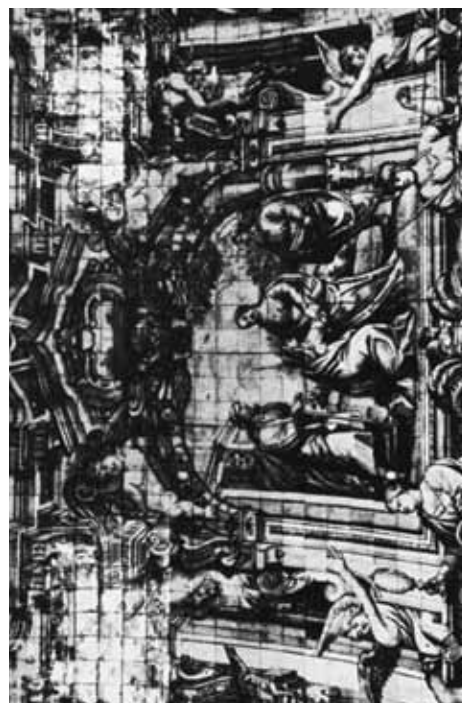
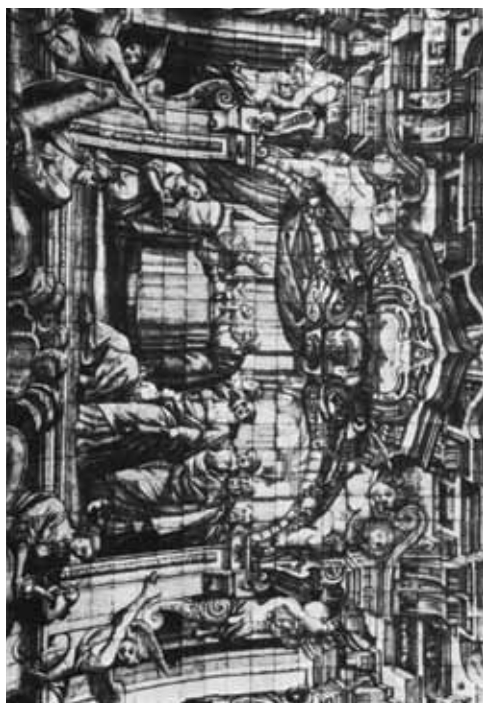


FARO – Igreja do Pé da Cruz





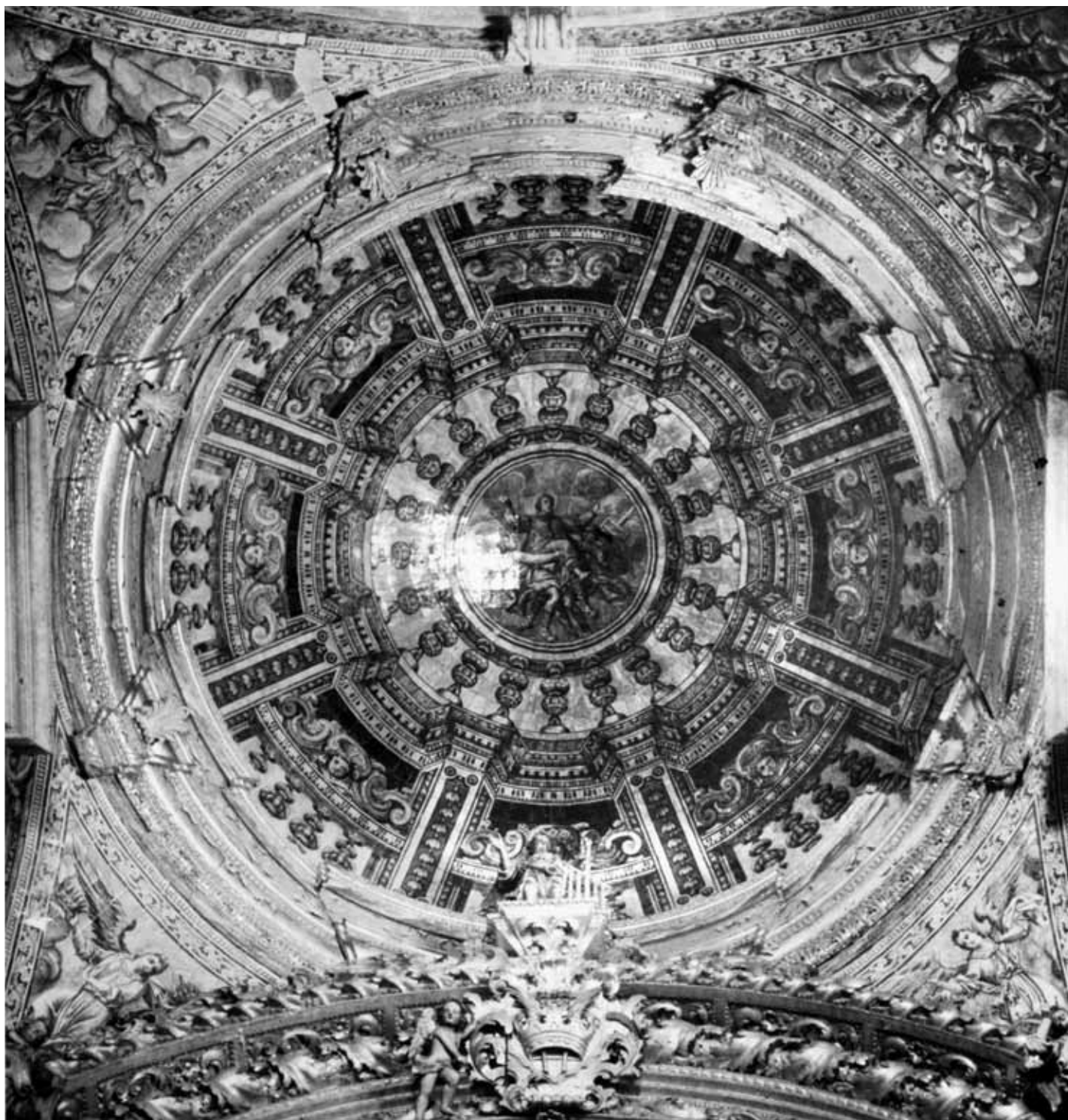
FARO – Paço Episcopal



FARO – Igreja da Ordem Terceira de São Francisco







ALMANCIL – Igreja Matriz de São Lourenço

Página anterior

ESTÔMBAR – Igreja Matriz de São Tiago

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, 2000** – AFONSO, José Ferrão – *A Rua das Fores no Século XI. Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*. Porto: FAUP Publicações, 2000.
- AFFREIXO, 1993** – AFFREIXO, J. M. Graça – *Memória Histórico-Económica do Concelho de Serpa*. Edição fac-similada da 1.ª ed. de 1884. Beja, 1993.
- AFFREIXO, 1996** – AFFREIXO, J. M. Graça, – *Memória Histórico-Económica do Concelho de Serpa*. Serpa: 1996.
- ALBUQUERQUE, 2006** – ALBUQUERQUE, Amélia – «Mosteiro de Santa Maria de Salzedas. *Sic Transit gloria monasterii*», in *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, vol. 2, pp. 48-61.
- ALCÂNTARA, 1980** – ALCÂNTARA, Dora – *Azulejos Portugueses em São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1980.
- ALCÂNTARA, 1999** – ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva – «Azulejos e o Gabinete de Belas-Artes», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1999, n.º 3/7, pp. 101-108.
- ALCIATO, 1993** – ALCIATO – *Emblemas*. Edición y comentario: Santiago Sebastián, Prólogo de Aurora Egido, traducción de Pilar Pedraza. Madrid: Akal Ediciones, 1993, 2.ª ed. [Arte e Estética, 2].
- ALEIXO, 2000** – ALEIXO, Ana Teresa dos Reis – *O Azulejo enquanto Pólo Dinamizador e Adjectivador do Espaço Arquitectónico Religioso. A Capela da Fortaleza de S. Filipe em Setúbal*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: [Ed. do Autor], 2000, 2 vols.
- ALMEIDA, 1921** – ALMEIDA, Fialho de – *Estâncias de Arte e de Saudade*. Lisboa, 1921.
- ALMEIDA, 1960** – ALMEIDA, Jerónimo de – *Os Azulejos da Igreja de São Dâmaso de Guimarães*. Guimarães, 1960.
- ALMEIDA, 1976** – ALMEIDA, José António Ferreira de – *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa, 1976.
- ALMEIDA, 1983a** – ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *A Anunciação na Arte Medieval em Portugal. Estudo Iconográfico*. Porto: Instituto de História da Arte – Faculdade de Letras do Porto, 1983.
- ALMEIDA, 1983b** – ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *O Presépio na Arte Medieval: Iconografia*. Porto: Instituto de História da Arte – Faculdade de Letras do Porto, 1983.
- ALMEIDA, 1986** – ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – «Geografia da arquitectura românica», in *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Ed. Alfa, 1986, vol. 3.
- ALMEIDA, 1987** – ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Alto Minho*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- ALMEIDA, 1990** – ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Barcelos*. Lisboa: Editorial Presença, 1990, 1.ª ed. [Cidades e Vilas de Portugal, 9].
- ALMEIDA, 1997** – ALMEIDA, Manuel Costa Gaio Tavares de – *Da Nossa Senhora da Penha de França, A Protectora dos Grandolenses, Subsídios para Uma Monografia – II*. Grândola: Câmara Municipal de Grândola, 1997.
- ALMEIDA, 2001** – ALMEIDA, António José de – «Iconografia insólita, em Aveiro: Santos Alados», in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: FLUP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2001, pp. 111-115.
- ALMEIDA, 2004** – ALMEIDA, Patrícia Cristina Teixeira Roque de – *O Azulejo do Século XVIII na Arquitectura das Ordens de S. Bento e de S. Francisco no Entre Douro e Minho*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: [Ed. do Autor], 2004, 4 vols.
- ALMEIDA, 2004a** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Varandas de ferro no Porto do século XVIII», in *Actas do II Congresso Internacional de História da Arte. 2001. Portugal: Encruzilhada de Culturas, das Artes e das Sensibilidades*. Coimbra: Almedina, 2004, pp. 777-789.
- ALMEIDA, 2005** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Apontamentos sobre a iconografia dos eremitas na azulejaria setecentista», in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2005, 1.ª série, vol. 4.

- ALMEIDA, 2006a** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Devoções em azulejo na Fábrica da Pólvora de Barcarena», in *A Escalada do Trimestre. Monografia do Museu da Pólvora Negra de Barcarena*. Oeiras: Museu da Pólvora Negra – C. M. Oeiras, Outubro de 2006, n.º 9.
- ALMEIDA, 2006b** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Capela de S. João Baptista, claustro da Sé», in *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, vol. 1, pp. 236-237.
- ALMEIDA, 2006c** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Capela de Santo António e Capela de S. Bento. Igreja do Convento de Santa Cruz», in *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, vol. 1, pp. 238-241.
- ALMEIDA, 2007a** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «A abordagem das fontes iconográficas da azulejaria portuguesa», in *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação – Museu Nacional do Azulejo, 2007, pp. 107-117.
- ALMEIDA, 2007b** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Azulejaria do claustro do Cemitério do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Os painéis perdidos», in revista *Estudos Património*. Lisboa: IPPAR, 2007, n.º 10, pp. 71-80.
- ALMEIDA, 2008** – ALMEIDA, Patrícia Roque de – «Um painel de azulejos da antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena. Estudo iconográfico», in *Revista do Museu da Pólvora Negra de Barcarena*. Oeiras: Museu da Pólvora Negra – C. M. Oeiras, 2008, n.º 3.
- ALVES, 1959** – ALVES, Alexandre – «A igreja da Misericórdia de Mangualde», in revista *Beira Alta – Arquivo Provincial*. Viseu, 1959, vol. XVIII, fascs. I e II, 1.º e 2.º trimestres.
- ALVES, 1965** – ALVES, Alexandre – «Igrejas e capelas públicas e particulares da Diocese de Viseu nos séculos XVII, XVIII e XIX», in *Beira Alta*. Viseu, 1965, vol. XXIV, p. 65.
- ALVES, 1971** – ALVES, Alexandre – *Novas Acheegas para a História da Arte na Diocese de Viseu*. Separata da *Revista Beira Alta*. Viseu, 1971.
- ALVES, 1972** – ALVES, Alexandre – «O Palácio dos Paes do Amaral. Condes da Anadia de Mangualde. A sua história e as suas preciosidades», in revista *Beira Alta*. Viseu, 1972, pp. 72-88.
- ALVES, 1976** – ALVES, Alexandre – «Esculturas de Laprade na Diocese de Viseu», in revista *Beira Alta*. Viseu, 1976, vol. 35, fasc. IV.
- ALVES, 1988** – ALVES, Alexandre – *Igreja dos Terceiros de S. Francisco*. Viseu: Ed. da Santa Casa da Misericórdia de Viseu, 1988.
- ALVES, 1991** – ALVES, Alexandre – «O Convento de S. Francisco do Monte de Orgens», in revista *Beira Alta*. 1991, vol. 3, pp. 397-400.
- ALVES, 1993a** – ALVES, Jofre de Lima – *De Conventos a Hospitais. Evolução Secular dos Mosteiros de Santo António dos Capuchos e Nossa Senhora do Desterro (1570-1993)*. Lisboa: C. M. Lisboa, 1993.
- ALVES, 1993b** – ALVES, Alexandre – *A Igreja da Misericórdia de Mangualde*. Mangualde: Edição da Santa Casa da Misericórdia de Mangualde, 1993.
- ALVES, 1993c** – ALVES, Alexandre – *Memória Histórico-Docamental da Capela de Nossa Senhora dos Remédios em Viseu*. Viseu, 1993.
- ALVES, 1995** – ALVES, Alexandre – *A Sé Catedral de Santa Maria de Viseu*. Viseu, 1995.
- ALVES, 2000** – ALVES, Lourenço – *Arquitetura Religiosa do Alto Minho. Século XVIII ao Século XIX*. Viana do Castelo: Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas – Instituto Católico, 2000, vol. II.
- ALVES, 2001** – ALVES, Alexandre – *Artistas e Artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*. Viseu, vols. I e II, 2001.
- ALVES, 2007** – ALVES, Pe. Carlos Fernando Póvoa – *Subsídios para a História de Alhos Vedros*. Alhos Vedros: Igreja Paroquial de Alhos Vedros, 2007 [3.ª ed.].
- ALVES e VALE, 1965** – ALVES, Alexandre, e VALE, Lucena e – «Mobiliário artístico de Viseu. Igreja da Ordem Terceira do Carmo», in *Beira Alta*. Viseu, 1965, vol. XXIV, 125 e segs.
- AMARAL, 1963a** – AMARAL, J. M. Corte Real e – *A Quinta das Bicas, os seus Azulejos e o Dr. João Cabral de Melo*. Lisboa: Scarpa, 1963.
- AMARAL, 1961** – AMARAL, João – *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*. Lamego: Tipografia Moderna, 1961.
- AMARAL, 1963b** – AMARAL, João – «Azulejos da Capela de S. Nicolau no claustro da Sé de Lamego», in *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*. Porto, 1963, vol. XII, n.º 2, pp. 51-53.
- AMARAL, 2003a** – AMARAL, A. Ferreira, MATA, A. Maria Reis da, COSTA, J. Dias, SANTOS, J. Carlos dos, e COSTA, M. João Dias – «Mosteiro de S. Martinho de Tibães – Histórias de recuperação», in revista *Património Estudos*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2003, n.º 4, pp. 33-39.
- AMARAL, 2003b** – AMARAL, Adriana – «Santa Maria de Pombeiro: Sinopse de uma intervenção», in revista *Património Estudos*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2003, n.º 5, pp. 107-111.
- AMORIM, 1996** – AMORIM, Inês – *A Cerâmica de Aveiro no Séc. XVIII: Das Olarias à Fábrica de Louça Fina*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras, 1996, 2.ª série, pp. 403-422.
- ANDRADE, 1948** – ANDRADE, Ferreira de – *A Freguesia de Salliga*. Lisboa, 1948, vol. I.
- ANTUNES, 2007** – ANTUNES, Manuel Engrácia – *Assentos. Encomendantes e Utilizadores na Igreja Monástica Beneditina no Norte de Portugal: Séculos XVII a XIX*. Dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à FLUP. Porto: Ed. do Autor, 2007, 3 vols.
- ARAGÃO, 1878** – ARAGÃO, Teixeira de – *A Capela dos Túmulos do Extinto Convento de São Francisco. O Ocidente*, 1878.
- ARAÚJO, 1936** – ARAÚJO, José Rosa de – «Azulejos curiosos», in *Alto Minho*. Viana, 1936, n.º 4.

- ARAÚJO, 1942** – ARAÚJO, José Rosa de – *Como Viviam as Freiras de S. Bento?*. Separata de *A Aurora do Lima*, n.º 49 a 56. Viana do Castelo: [s. n.], 1942.
- ARAÚJO, 1954** – ARAÚJO, José Rosa de – «As Obras de Misericórdia de Viana», in *Viana do Castelo*, de 21 e 28 de Março, 4 e 11 de Abril de 1954.
- ARAÚJO, 1962** – ARAÚJO, Ilídio – *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa, 1962.
- ARAÚJO, 1963** – ARAÚJO, José Rosa de – *Património Artístico de Viana do Castelo. A Igreja da Santa Casa da Misericórdia*. Viana do Castelo, 1963.
- ARAÚJO, 1968a** – ARAÚJO, José Rosa – «Os azulejos de Viana», in *O Comércio do Porto*. 24 de Dezembro de 1968.
- ARAÚJO, 1968b** – ARAÚJO, José Rosa – «Um fresco de S. Telmo», in suplemento «Cultura e Arte» do jornal *O Comércio do Porto*. 13 de Agosto de 1968.
- ARAÚJO, 1983** – ARAÚJO, José Rosa – *A Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, 1983, 2.ª ed.
- ARAÚJO, 1991** – ARAÚJO, José Rosa de – «A “serração da Velha”», in *Estudos Regionais. Revista de Cultura do Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1991, n.º 9, pp. 87-94.
- ARAÚJO, 1996** – ARAÚJO, Teresa Alves de – *A Tipologia do Órgão na Obra de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1996, 3 vols.
- ARAÚJO, 1999** – ARAÚJO, António de Sousa – «D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga e a sua primeira visita “ad Limina” (1709)», in *Itinerarium. Revista Quadrimestral de Cultura*. Braga: Ed. Franciscana, Setembro-Dezembro de 1999, ano XLV, n.º 165, p. 405.
- ARAÚJO, 2000** – ARAÚJO, António de Sousa – «D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga e a sua terceira visita “ad Limina” (1723)», in *Itinerarium. Revista Quadrimestral de Cultura*. Braga: Ed. Franciscana, Janeiro-Abril de 2000, ano XLVI, n.º 166, p. 117.
- ARAÚJO et al., 1989** – ARAÚJO, Abreu, e FONSECA, Álvaro – *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Guimarães: Associação dos Antigos Alunos das Oficinas de S. José, imp. 1989.
- ARCOS, 1972** – ARCOS, Conde dos – *Caparica através dos Séculos*. Almada: Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Almada, 1972.
- ARRIFES, 1996** – ARRIFES, Marco – «Azulejos do jardim da Enfermaria (Palácio Mesquitela)», in *Colégio Militar*. Lisboa, Junho de 1996, n.º 181, pp. 24-28.
- ARROTEIA, NEVES e SEMEDO, 1989** – ARROTEIA, Jorge Carvalho, NEVES, Amaro, e SEMEDO, Enio – *Aveiro – do Vouga ao Buçaco*. Lisboa, 1989.
- ARRUDA, 1989** – ARRUDA, Luísa de Orey Capucho – «O retrato de D. João V na Portaria de S. Vicente de Fora: Um retrato barroco a azul e branco», in *Claro-Escuro. Revista de Estudos Barrocos*. Lisboa: Quimera, 1989, pp. 13-18.
- ARRUDA, 1993** – ARRUDA, Luísa de Orey Capucho – *Azulejaria Barroca Portuguesa: Figuras de Convite* (fotos de Luís Pavão). Lisboa: Inapa, 1993 [História da arte].
- ARRUDA, 1998** – ARRUDA, Luísa de Orey Capucho – *Caminho do Oriente: Guia do Azulejo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998 [Guias do Caminho do Oriente].
- ARRUDA e COELHO, 2004** – ARRUDA, Luísa de Orey Capucho, e COELHO, Teresa Campos – *Convento de São Paulo de Serra de Ossa*. Lisboa: Edições Inapa, 2004.
- ATANÁSIO, 1990** – ATANÁSIO, Manuel Mendes – «Um ciclo de azulejos em Coimbra e o *Speculum Carmelitanum*. *Lecturas de Historia del Arte*. [S. l.]: [s. n.], 1990, n.º 2, pp. 309-311.
- AURORA, 1956** – AURORA, Conde d’ – *O Solar de Bertandos*. Separata da revista *Lusitana*, n.º 8. Porto, 1956.
- AURORA, 1959** – AURORA, Conde d’ – *Roteiro da Ribeira Lima*. Porto, 1959.
- AZEVEDO, 1845** – AZEVEDO, Torcato Peixoto de – *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães... em 1692*. Porto: Typographia da Revista, 1845.
- AZEVEDO, 1956** – AZEVEDO, Carlos – *O Natal na Pintura Portuguesa*. [s. d. s. n. s. l.]. Separata da revista *Panorama*. Lisboa, 1956.
- AZEVEDO et al., 1962 e 1963** – AZEVEDO, Carlos (dir.) et al. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Textos de Raul Proença, Julieta Ferrão e Adriano de Gusmão. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1962, vol. I, 1963, vols. II, III e IV.
- AZEVEDO, 1969** – AZEVEDO, Carlos – *Solares Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.
- AZEVEDO, 1991** – AZEVEDO, José Correia de – *Inventário Artístico Ilustrado de Portugal. Minho. Douro Litoral*. Lisboa: Edições Nova Gesta, 1991, vols. 1 e 3.
- AZEVEDO, 1996** – AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Roteiro do Culto Antonino na Diocese do Porto*. Porto: Fundação Manuel Leão, 1996.
- AZEVEDO, 1998** – AZEVEDO, Carlos Moreira – *Vigor da Imaculada. Visões de Arte e Piedade*. Porto: Paróquia Senhora da Conceição, 1998.
- AZEVEDO, 2001a** – AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, 4 vols.
- AZEVEDO, 2001b** – AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, 3 vols.
- AZEVEDO, 2005** – AZEVEDO, Carlos A. Moreira et al. – *O Mártil: Corpo Ferido na Árvore: Catálogo da Exposição Comemorativa dos 500 Anos da Festa das Fogaceiras em Honra de São Sebastião*. Coordenação de Carlos A. Moreira Azevedo, fotos de José Eduardo Cunha [et al.], textos de Anísio Franco [et al.]. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal, 2005.
- BAIÃO, 1735** – BAIÃO, José Pereira – *Epitome Chrono-Genealogico e Critico da Vida, Virtudes e Milagres do Prodigioso Portugaluez S. Antonio de Lisboa, Illustrado com ponderações, e Elogios em lingua Castelhana pelo P. M. Fr. Miguel Pacheco Religioso da Ordem de Christo [...]*. Lisboa Occidental: Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1735.

- BARATA, 1955** – BARATA, António – *Azulejos no Brasil, Séculos XVII, XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Comércio, 1955.
- BARBOSA, 1858** – BARBOSA, Vilhena – *Ilustração Luso-Brasileira*. 1858, vol. II, p. 322.
- BARREIRA, 1934** – BARREIRA, João – «Azulejos policromos de figura avulsa», in revista *Feira da Ladra*. Lisboa, 1934, t. VI.
- BARREIROS, 1919** – BARREIROS, Manuel Aguiar – *A Igreja de Vilar de Frades no Concelho de Barcelos*, Porto, 1919.
- BARREIROS, 1922a** – BARREIROS, Manuel de Aguiar – *A Catedral de Santa Maria de Braga*. Porto, 1922.
- BARREIROS, 1922b** – BARREIROS, Manuel de Aguiar – *A Capela os Coimbras, Dedicada a Nossa Senhora da Conceição da Guia em Braga*. Porto: Marques Abreu, 1922.
- BARREIROS, 1927** – BARREIROS, Manuel de Aguiar – *Braga: A Catedral, a Capela dos Coimbras, e a Capela de S. Frutuoso*. Porto: Marques Abreu, 1927 [A Arte em Portugal, 2].
- BARREIROS, 1954** – BARREIROS, Cónego Manuel de Aguiar – *Ensaaios Iconográficos. Exposição Mariana*. Braga: [esc. Tip. da Oficina de S. José], 1954.
- BARREIROS, 1955** – BARREIROS, Manuel Aguiar de – «Nossa Senhora nos seus emblemas ou símbolos e nas suas figuras», in *Theologica*. Braga: Seminário Conciliar, 1955, vol. I, fascs. III e IV.
- BARROCA, 2000** – BARROCA, Mário Jorge – *Corpus Epigráfico Medieval Português*. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, t. 2, pp. 1320-1323.
- BASTO, 1940** – BASTO, Artur de Magalhães – «A Sé do Porto. Documentos inéditos relativos à sua igreja», in *Boletim Cultural*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1940, vol. III, n.º 2.
- BASTO, 1963** – BASTO, Artur de Magalhães – *Apontamentos para Um Dicionário de Artistas e Artífices Que Trabalharam no Porto do Século XVI ao Século XVIII*. Porto: CMP – Gabinete de História da Cidade, col. Documentos e Memórias para a História da Cidade do Porto, 1963.
- BASTO, 1964** – BASTO, Artur de Magalhães – *Apontamentos para Um Dicionário de Artistas e Artífices Que Trabalharam no Porto no Século XVIII*. Porto: CMP – Gabinete de História da Cidade [col. Documentos e Memórias para a História da Cidade do Porto], 1964.
- BELÉM, 1750** – BELÉM, Fr. Jeronymo de – *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia do Nosso Serafico Padre S. Francisco, Em que se trata de sua Origem, progressos, e Fundações de seus conventos*. [...]. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1750.
- BELINO, 1900** – BELINO, Albano – *Arqueologia Cristã*. Lisboa, 1900, p. 83.
- BELINQUETE, 1996** – BELINQUETE, José Martins – *As Carmelitas em Aveiro Ontem e Hoje*. Aveiro, 1996.
- BNL, 1924 e 1927** – BIBLIOTECA Nacional de Lisboa – *Guia de Portugal*. Texto de Raul Proença. Lisboa: BNL, 1924, vol. I, e 1927, vol. II.
- BILOU, 2006** – BILOU, Francisco (coord.) – *Convento do Espinheiro, Memória e Património*. SPPTH, 2006.
- BINNEY, 1987** – BINNEY, Marcus – *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: Difel, 1987.
- BORGES, 1987** – BORGES, Nelson Correia – *Coimbra e Região*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- BORGES, 1992** – BORGES, Nelson Correia – *Arte Monástica em Lervão – Sombras e Realidade: Das Origens a 1737*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte. Coimbra, 1992, 3 vols.
- BORGES, 2001** – BORGES, Ana Maria de Mira, e MARINO, Luís – «A Ermida de Nossa Senhora da Assunção da Messejana», in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Junho de 2001.
- BORGES, 2001a** – BORGES, Nelson Correia – «Valências novas para formas velhas: o claustro barroco», in *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. A Arte no Mundo Português nos Séculos XVI-XVII-XVIII*. Coordenação de Francisco Lameira, Faro, 25-29 de Setembro de 2001. Faro: Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Departamento de História, Arqueologia e Património, s. d., pp. 359-372.
- BORGES, 2003** – BORGES, Nelson Correia – «Colégio de Santo Agostinho – Espaços monásticos-escolares», in *Homenagem da Misericórdia de Coimbra a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)*. Coimbra/Viseu: Polimage Editores/SCMC, 2003.
- BORRELA, 1988** – BORRELA, Leonel, *Beja – Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição*. Beja: Arquivo de Beja, 1988.
- BORRELA, 1995** – BORRELA, Leonel – «Igreja de S. Tiago Maior», in *Diário do Alentejo*. 16 de Setembro de 1995.
- BOTELHO, 2001** – BOTELHO, João Alpuim – «A representação das Obras da Misericórdia nos azulejos da Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo», in *I Congresso das Misericórdias do Alto Minho*. Viana do Castelo, 2001, pp. 178-203.
- BRANCO, 1981** – BRANCO, Fernando Castelo – *Guimarães nos Meados do Século XVIII*. Separata das *Actas do Congresso Histórico Guimarães e a Colegiada*. Guimarães, 1981.
- BRANDÃO, 1924-33** – BRANDÃO, Mário – *O Colégio das Artes*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924-33, 2 vols.
- BRANDÃO, 1962** – BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – «Retábulo-mor da Igreja de S. Francisco de Guimarães», in *Museu*. Porto: [s. n.], Junho de 1962, 2.ª série, n.º 4.
- BRANDÃO, 1984** – BRANDÃO, Domingos de Pinho – *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e Diocese do Porto*. Porto, 1984.
- BRANDÃO, 2001** – BRANDÃO, Mariana Viterbo – *Pousadas de Portugal. Três Estudos de Caso: Pousadas de S. Dinis, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Ed. do Autor, 2001.

- BRITO, 1949** – BRITO, Alberto da Rocha – «Imagens de Portugal. Afonso Henriques em Santa Cruz de Coimbra», in revista *Museu*. Porto, 1949, vol. V, n.º 13-14, pp. 226-230.
- BRITO, 1949a** – BRITO, Alberto da Rocha – «À margem dum quadro de Josefa de Óbidos. A Virgem do Leite e S. Bernardo», in boletim *Estremadura*. Lisboa, 1949, série II, n.º 21, pp. 271-300.
- BRITO, 1949b** – BRITO, Alberto da Rocha – «A vida de S. Bernardo em azulejos eborenses», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1949, ano VI, n.ºs 17-18, pp. 349-350.
- BRITO, 1950** – BRITO, Alberto da Rocha – *A Vida de S. Bernardo em Azulejos Eborenses*. Separata de *A Cidade de Évora*. Évora: Bertrand, 1950.
- BRITO, 1951** – BRITO, Alberto da Rocha – «Jean de Rouen et le Miracle de la Lactation de Saint Bernard», in revista *Aesculape*. Paris, 1951.
- BRITO, 1948** – BRITO, Diogo de Castro e – «Igreja de Santo Amaro de Beja», in *Arquivo de Beja*. Beja: 1948, vol. 5.
- BRITO, 1950** – BRITO, Maria Fernanda Constante de – «Memórias ressuscitadas da antiga Guimarães, pelo Padre Torquato Peixoto de Azevedo. Achezas para um estudo comparativo de 3 versões desta obra», in *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e a sua Colegiada*. Guimarães, 1981.
- BUCHO, 1994** – BUCHO, Domingos – *Mosteiro de São Bernardo de Portalegre – Estudo Histórico-Arquitectónico: Propostas de Recuperação e Valorização do património Edificado*. Portalegre: 1994.
- CABRAL, 1929** – CABRAL, Jerónimo – *Memória Explicativa dos Principais Azulejos do Ginásio do Colégio Militar*. Lisboa, 1929.
- CABRAL, 1971** – CABRAL, João – *Arquivos de Serpa*. Serpa: 1971.
- CABRAL, 1991** – CABRAL, Luiz d'Almeida – *História da Notável Vila de Moura*. Moura, 1991 [manuscrito do século XVIII, n.º 151 da Biblioteca da Universidade de Coimbra].
- CAEIRO, 1940** – CAEIRO, Bento – *Santo Aleixo da Restauração, a Aldeia Heróica da Restauração de Portugal*. Moura, 1940.
- CAEIRO, 1990** – CAEIRO, Francisco da Gama – *Santo António de Lisboa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1990, 2 vols.
- CALADO, 1940** – CALADO, Rafael Salinas – *Alter do Chão – Uma das Vilas Mais Interessantes do Alentejo*. Lisboa: 1940.
- CALADO, 1982** – CALADO, Rafael – *O Azulejo em Portugal*. Agenda do Crédito Predial Português, Lisboa, 1982.
- CALADO, 1986** – CALADO, Rafael, *Cinco Séculos do Azulejo em Portugal*, Correios e Telecomunicações, 1986.
- CALADO, 1992** – CALADO, Margarida – *Arte e Sociedade no Reinado de D. João V*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte. Lisboa: 1992, 12 vols.
- CALADO, 1993** – CALADO, Margarida – *Azeitão*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- CALADO et al., 1998** – CALADO, Rafael Salinas, MANGUCCI, António Celso, PINTO, Luís Fernandes, e FERREIRA, Paula – *O Revestimento Cerâmico na Arquitectura em Portugal. The Tile in the Architecture in Portugal*. Lisboa: Estar Editora, 1998.
- CALADO et al., 2004** – CALADO, Rafael Salinas, FERNANDES, Isabel Maria, e OLIVEIRA, José António – «Colecção de azulejaria do Museu de Alberto Sampaio: o Núcleo Hispano-Mourisco», in *Actas do III Congresso Histórico de Guimarães. D. Manuel e a Sua Época. 24 a 27 de Outubro de 2001*. Guimarães: Câmara Municipal, 2004, vol. IV, pp. 351-386.
- CALDAS, 1887** – CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira – *O Mosteiro de Rendufe da extincta Ordem Benedictina devorado pelas chamas em 29 de Julho de 1877*. Pereira-Caldas. [Braga: s. n.], 1877.
- CALDAS, 1990** – CALDAS, João Vieira, GOMES, Paulo Varela – *Viana do Castelo*. Lisboa: Editorial Presença, 1990 [Cidades e vilas de Portugal, 10].
- CALDAS, 1996** – CALDAS, Pe. António José Ferreira – *Guimarães. Apointamentos para a Sua História*. 1.ª ed. 1882-1884. Guimarães: C. M. – Sociedade Martins Sarmento, 1996.
- CALDAS, 2005** – CALDAS, João Vieira – «“Casas nobres” de Viana», in revista *Monumentos*, 2005, n.º 22, pp. 172-181.
- CÂMARA, 1999** – CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – *Azulejaria Barroca em Évora: Um Inventário*. Évora: Universidade de Évora – Centro de História da Arte, 1999.
- CÂMARA, 1999b** – CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – «Azulejaria e vivência exterior na segunda metade do século XVIII: os exemplos de Queluz e da Quinta dos Azulejos», in *Simpósio Internacional Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Braga, 1999, pp. 341-345.
- CÂMARA, 2000** – CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – *A Arte de Bem Viver. A Encenação do Quotidiano na Azulejaria Portuguesa da Segunda Metade de Setecentos*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta, 2000, 3 vols.
- CÂMARA, 2005a** – CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da – *A Arte de Bem Viver: A Encenação do Quotidiano na 2.ª Metade de Setecentos*. Lisboa: FCT/FGC, 2005.
- CÂMARA, 2005b** – «Uma breve nota sobre a azulejaria do Palácio Rebelo de Andrade – Ceia», in revista *Olisipo*, Grupo Amigos de Lisboa, Janeiro-Dezembro de 2004, n.º 20/1, Lisboa, 2005, pp. 85-92.
- CÂMARA, 2006** – «Portuguese Baroque art in Colonial Brazil: the heritage of 18th century azulejos», in *Europe and the World in European Historiography*. Edited by Csaba Levai. Edizioni Plus Pisa University Press, 2006, vol. I, pp. 267-281.
- CÂMARA, 2007a** – «A Brigada de Estudos e Azulejaria. Génese de um Inventário do Azulejo em Portugal». Catálogo da exposição. João Miguel Santos Simões. 1907-1972. 2007, pp. 145-155.
- CÂMARA, 2007b** – «Exoticism and imagination in the 18th century Portuguese tiles: some examples in the Lisbon area», in *Sights and Insights. Interactive Images of Europe and the Wider World*. Edited by Mary N. Harris. Edizioni Plus, 2007, vol. II, pp. 34-43.
- CÂMARA, 2007c** – *A Azulejaria do Século XVIII: Espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa*. Porto: Editora Civilização, 2007.

- CÂMARA, 2008** – «O retrato cerâmico. Modelos de representação na azulejaria portuguesa do século XVIII», in *Problematizar a História. Estudos de História Moderna em Homenagem a Maria do Rosário Themudo Barata*. (coord. Ana Leal Faria, Isabel Drumond Braga), Caleidoscópio, Lisboa, 2007, pp. 731-755.
- CÂMARA, 2008** – *Inventário do Património em Azulejo no Concelho do Montijo*. Coordenação científica e colaborações de Rosário Salema e Isabel Pires. 2008,
- CAMELO, 1957** – CAMELO, Francisco Xavier Pereira (?) – «Tratado histórico. Catálogo dos priores do real Mosteiro da Costa (Guimarães)», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal de Guimarães, 1957, vol. XIX, n.º 1-4.
- CAMPELO, 2008** – CAMPELO, Joana – «Registos de santos em azulejo: aproximação às fontes gravadas», in *Revista de Artes Decorativas*. Porto: UCP, Escola das Artes, 2008, pp. 171-182.
- CAMPOS, 1956** – CAMPOS, Correia de – *A Virgem na Arte Nacional*. Braga: Oficinas de S. José, 1956.
- CAMPOS, 1991** – CAMPOS, Teresa Lima de, «Application des règles iconographiques aux azulejos portugais du XVII^{ème} siècle», in *Azulejos*. Catálogo da exposição apresentada na Europalia'91. Bruxelas: Europalia'91, 1991, pp. 37-40.
- CAMPOS, 1999** – CAMPOS, Teresa – «Prefigurações Marianas no Convento da Madre de Deus», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1999, n.º 3-7, pp. 109-116.
- CANELAS, 1965** – CANELAS, Carlos – «História dos conventos de Beja», in *Arquivo de Beja*. Beja: 1965.
- CAPELA, s. d.** – CAPELA, José Viriato – *Viana na 2.^a Metade do Século XVIII: Em Torno de Um Processo de Decadência e Subalternização Comercial*. [S. l.: s. n., s. d.].
- CAPELA, 1913** – CAPELA, Manuel Martins – *Em Lembrança da Extinta Igreja dos Remédios de Braga*. Typ. A Vapor dos «Echos do Minho», 1913.
- CAPELA e NUNES, 1993** – CAPELA, José Viriato, e NUNES, João A. – *O Concelho de Barcelos do Antigo Regime à Primeira República: Fontes para o Seu Estudo*. Barcelos: [s. n.], 1983.
- CARAPINHA e TEIXEIRA, 2003** – CARAPINHA, Aurora, e TEIXEIRA, J. Monterroso – *A Utopia com os Pés na Terra. Gonçalo Ribeiro Telles*. 2003.
- CARDONA, 1997** – CARDONA, Paula Cristina Machado – *O Perfil Artístico das Confrarias em Ponte de Lima na Época Moderna*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Porto, 1997, 3 vols.
- CARDONA, 2004** – CARDONA, Paula Cristina Machado – *A Actividade Mecenática das Confrarias nas Matrizes do Vale do Lima nos séc. XVII a XIX*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto: Ed. do Autor, 2004, 4 vols.
- CARDOSO, 1936** – CARDOSO, Nuno Catarino – *Azulejos Portugueses dos Séculos XVI a XX*. Lisboa: N. C. Cardoso, 1936 [Arte portuguesa].
- CARDOSO, 1937** – CARDOSO, Nuno Catarino – *Registos de Azulejos e Lápides Brasonadas*. Lisboa: Ed. do Autor, 1937.
- CARDOSO, 1955** – CARDOSO, Nuno Catarino – *Azulejos de Figura Avulsa Nacionais e Holandeses*. Lisboa: N. C. Cardoso, 1955 [Arte portuguesa, 2].
- CARDOSO, 1995** – CARDOSO, Anabela dos Santos Ramos – *Casas Solarengas do Concelho de Mangualde*. Mangualde, 1995.
- CARITA, 1999** – CARITA, Rui – «A pompa e aparato das sacristias ultramarinas portuguesas», in *Oceanos. Azulejos de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Outubro de 1998-Março de 1999, n.º 36-37, pp. 114-124.
- CARO TORRES, 1629** – CARO TORRES, Francisco – *História de las Ordenes Militares de Santiago, Calatrava y Alcantara*. Madrid, 1629, fls. 5v, 6 e 8v.
- CARRUSCA, 2001a** – CARRUSCA, Susana – «A ermida de São Lourenço dos Matos: um sermão imagético no Algarve barroco», in *Al-ulya. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé: C. M. de Loulé, 2001, n.º 8, pp. 283-263.
- CARRUSCA, 2001b** – CARRUSCA, Susana – *Loulé – O Património Artístico*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 2001, p. 109.
- CARRUSCA, 2004** – CARRUSCA, Susana – *A Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, Um Estudo Monográfico (1713-1878)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2004.
- CARRUSCA, 2006** – CARRUSCA, Susana – «A igreja da venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo», in revista *Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março de 2006, n.º 24, pp. 98-105.
- CARVALHO, 1933** – CARVALHO, Amadeu Ferraz de – «Azulejos da Universidade», in *Revista Cerâmica e Edificação*. Lisboa: Amadeu Cotrim Garcez, 1933, n.º 12, ano I.
- CARVALHO, 1910** – CARVALHO, Francisco Augusto Martins de – *Algumas Horas na Minha Livraria*. Coimbra: Tipografia Nacional, 1910.
- CARVALHO, 1921** – CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de – *A Cerâmica Coimbrã no Século XVI*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.
- CARVALHO, 1964** – CARVALHO, Ayres de Carvalho – «Novas revelações para a história do barroco em Portugal», in *Boletim Belas Artes*. Lisboa, 1964, 2.^a série, n.º 20, p. 65.
- CARVALHO, 1970a** – CARVALHO, Almeida – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense. Convento de Setúbal*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1970, vol. IV, I parte.
- CARVALHO, 1970b** – CARVALHO, Almeida – *Acontecimentos, Lendas e Tradições da Região Setubalense. Convento de Setúbal*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 1970, vol. IV, II parte.
- CARVALHO, 1977** – CARVALHO, Ayres de – *Catálogo da Coleção de Desenho*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa – Presidência do Concelho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura – Direcção-Geral do Património Cultural, 1977.
- CARVALHO, 1983** – CARVALHO, Teresa Martins de (coord.) – *Paço de Palmeira*. Lisboa: Banco Português do Atlântico, imp. 1983.

- CARVALHO, 1989** – CARVALHO, Abílio Pereira – *História de Uma Confraria (1677-1855)*. Castro Verde, 1989.
- CARVALHO, 2003** – CARVALHO, Rosário Salema de – «O programa artístico da Ermida do Rei Salvador do Mundo em Castelo de Vide no contexto da Arte Barroca», in *Artis, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, Instituto de História da Arte, n.º 2, 2003.
- CARVALHO, 2005** – CARVALHO, António de – *Vida e Memória do Largo das Almas*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005.
- CARVALHO, 2007a** – CARVALHO, Rosário Salema de – «A investigação em Portugal na área da azulejaria. O inventário e classificação (1972-2006)», in *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação – Museu Nacional do Azulejo, 2007, pp. 107-117.
- CARVALHO, 2007b** – CARVALHO, Maria do Rosário Salema Cordeiro de – ... *Por Amor de Deus. Representação das Obras da Misericórdia, em Painéis de Azulejo, nos Espaços das Confrarias da Misericórdia, no Portugal Setecentista*. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, 2007, 2 vols.
- CARVALHO, 2008** – CARVALHO, Rosário Salema de – «A renovação do conteúdo funerário e outras iconografias. O programa azulejar de época barroca, na igreja do Convento de São Bernardo de Portalegre», in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre, n.º 15 (nova série), 2008.
- CASIMIRO, 2004** – CASIMIRO, Luís Alberto – *A Anunciação do Senhor na Pintura Quinhentista Portuguesa (1500-1550): Análise Geométrica, Iconográfica e Significado Iconológico*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Ed. do Autor, 2004, 2 vols.
- CASTEL-BRANCO, 2002** – CASTEL-BRANCO, Cristina (coord.) – *Jardins com História: Poesia atrás dos Muros*. Lisboa: INAPA, 2002.
- CASTRO, 1978** – CASTRO, Francisco Cyrne – «Os Púlpitos das Igrejas de Viana», in *Caderno Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da C. M., 1978, t. I, p. 67.
- CASTRO, 1996** – CASTRO, Maria de Fátima – «Aspectos da vida conventual das religiosas de S. Bento da vila de Barcelos através de uma devasa de 1744», in *Barcelos Revista*. Barcelos: Câmara Municipal, 1995, 2.ª série, n.º 7, 1996, pp. 43-76.
- CASTRO e SEBASTIAN, 2003** – CASTRO, A. S., e SEBASTIAN, L. – «A faiança de revestimento dos séculos XVII e XVIII no mosteiro de S. João de Tarouca (intervenção arqueológica 1998-2001)», in *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos, 2003, n.º 4, pp. 168-179.
- CERIMÓNIAS, 1927** – CERIMÓNIAS, Pe. António José – *Azulejos da Igreja da Misericórdia de Chaves (Sua Tradução e Explicação)*. Braga, 1927.
- CHABY, 2000** – CHABY, João Pedro, MARQUES, Tiago Pires, e PINTO, Paulo Mendes – *Registos de Santos em Azulejos. Inventário e Abordagem: Religiosidade e Urbanismo*, separata de *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/Colibri, 2000, 52, pp. 147-154.
- CHAVES, 1916** – CHAVES, Luís – «Visitas de estudo. III – O Mosteiro da Serra de Ossa», in boletim *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1916, vol. XXI.
- CHEVALIER e GHEEERBRANT, 1982** – CHEVALIER, Jean, e GHEEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Lisboa: Teorema, 1982.
- CHICÓ, 1981** – CHICÓ, Mário – *A Arquitectura Gótica em Portugal*. Lisboa, 1981, 3.ª ed.
- CIDRAES, 2005** – CIDRAES, M. Lourdes – *Os Painéis da Rainha*. Edições Colibri: Câmara Municipal de Estremoz, 2005.
- CIDRAES, 2008** – CIDRAES, M. de Lourdes – *A Tradição Lendária de Afonso Henriques e as Memórias do Rei Fundador em Castro Verde*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, 2008.
- CLETO e FARO, 2000** – CLETO, Joel, e FARO, Suzana – «Campanário da Igreja de S. Francisco, Vinhais. Uma figueira para a eternidade», in *O Comércio do Porto. Revista Domingo*. Porto, 6 de Fevereiro de 2000, pp. 21-22.
- C. M., 1934** – C. M. (Cardoso Martha), – «Nótulas de viagem», in revista *Feira da Ladra*. Lisboa, 1934, t. VI, pp. 87-88., p. 232.
- C. M., 1935** – C. M. (Cardoso Martha) – «Nótulas de viagem. V. – Epigrafia espichelense», in revista *Feira da Ladra*. Lisboa, 1935, t. VII, p. 110.
- CML, 1962** – CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – *Temas de Lisboa na Iluminura e no Azulejo*. Lisboa, 1962, p. 17 (n.ºs 25 e 26); 3.º Salão de Antiguidades. Catálogo Oficial (Lisboa, 1966) – «Relação dos Coleccionadores» e estampa.
- COCHERIL, 1972** – COCHERIL, Maur – *Notes sur l'architecture et le décor dans les abbayes cisterciennes de Portugal*. Paris, 1972.
- COCHERIL, 1974** – COCHERIL, Maur – *Les azulejos de l'abbaye cistercienne de Cós, en Estremadura*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- COCHERIL, 1986** – COCHERIL, Maur – *Routier des abbayes cisterciennes du Portugal*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- COELHO-SOARES, 2005-07** – COELHO-SOARES, Antónia – «Para o inventário do património azulejar de Setúbal: "registos" de azulejos setecentistas em edifícios civis», in *Musa, Museus, Arqueologia & outros Patrimónios*. Setúbal: FIDS/MAEDS, 2005-07, 2, pp. 133-148.
- CONCEIÇÃO, 1740** – CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da – *Claustro Franciscano, Erecto no domínio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezesseis Venerabilissimas Columnas. Expoem-se sua origem e estado presente. A de seus Conventos, e Mosteiros, Annos de suas fundações, Hospícios, Perfecturas, Recolhimentos, Paroquias, e Missoens, dos quaes se dá individual notícia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros e Terceiras, que vivem Collegialmente, tanto em Portugal, como em suas conquistas*. Lisboa: Offic. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

- CONCEIÇÃO, 1983** – CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos – *Condeixa-a-Nova*. Coimbra: [s. n.], 1983.
- CORDEIRO, 1936-38** – CORDEIRO, Luciano – «Cartas de Paço de Arcos», in *Revista de Arqueologia*, 1936-38, vol. III.
- CORREIA, 1914** – CORREIA, Vergílio – *Azulejos Datados*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1914 [ou «Azulejos datados», in boletim *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 1915, vol. XX, pp. 206-210; Idem, Lisboa, 1922, pp. 82-87; Idem, Coimbra, 1956, pp. 86-92].
- CORREIA, 1917** – CORREIA, Vergílio – «A Família Oliveira Bernardes», in revista *A Águia*. Porto, 1917, n.º 71-72.
- CORREIA, 1917a** – CORREIA, Vergílio – «Azulejos de Arraiolos, Os Lóios – 1700», in revista *Atlântida*. Lisboa, 1917, vol. V, ano II, n.º 19, pp. 577-580.
- CORREIA, 1918a** – CORREIA, Vergílio – «Oleiros e pintores de louça e azulejos, de Lisboa. Olarias (Anjos)», in *Atlântida. Mensário Artístico literário e Social para Portugal e Brasil*. [S. l.: s. n.], 1918, vol. VIII, n.º 29-30, pp. 531-540.
- CORREIA, 1918b** – CORREIA, Vergílio – «Azulejadores e pintores de azulejos, de Lisboa. Olarias de Santa Catarina e Santos», in *A Águia*. Porto, 1918, 2.ª série, vol. XIII, n.º 77-78.
- CORREIA, 1920** – CORREIA, Vergílio – *Arte e Arqueologia: Estudos, Impressões, Críticas & Comentários*. Lisboa: [s. n.], 1920.
- CORREIA, 1922** – CORREIA, Vergílio – *Azulejos Datados* (1.ª Série). Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1922, 2.ª ed.
- CORREIA, 1923** – CORREIA, Vergílio – *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923 [Subsídios para a história da arte portuguesa, 11].
- CORREIA, 1932** – CORREIA, Vergílio – «As obras da Universidade durante o reitorado do Doutor Nuno Silva Teles [o 1.º]», in *Biblos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1932, vol. VIII.
- CORREIA, 1933** – CORREIA, Vergílio – «Página de Coimbra – Azulejos de figura avulsa em Coimbra», in revista *Cerâmica e Edificação*. Lisboa: Amadeu Cotrim Garcez, 1933, n.º 10, ano I.
- CORREIA, 1936** – CORREIA, Vergílio – *Diário de Coimbra*. 16 de Outubro de 1936.
- CORREIA, 1946-78** – CORREIA, Vergílio – *Obras*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1946-78, 2 vols.
- CORREIA, 1972** – CORREIA, Vergílio – *Obras*. Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. IV, 1972.
- CORREIA, 1987** – CORREIA, José Eduardo Horta – *A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987.
- CORREIA, 1991** – CORREIA, Francisco Carvalho – *A Igreja Matriz de Santo Tirso*. Santo Tirso: Câmara Municipal, cop. 1991.
- CORREIA, 1992** – CORREIA, Ana Paula – «Contribuição para o estudo das fontes de inspiração dos azulejos figurativos da Quinta da Bacalhoa», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1992, n.º 2, pp. 9-19.
- CORREIA, 1993** – CORREIA, José Eduardo Horta – «A arquitectura – maneirismo e “estilo chão”», in *História da Arte em Portugal, o Maneirismo*. 1.ª ed. 1986. Lisboa: Publicações Alfa, 1993, vol. 7.
- CORREIA, 1998** – CORREIA, F. Carvalho – «O Mosteiro de Santo Tirso. Uma tentativa de periodização», in *Os Beneditinos na Europa*. 1.º Congresso Internacional, 23-26 de Novembro de 1995, organização da C. M. de Santo Tirso. Santo Tirso: C. M., 1998, pp. 11-24.
- CORREIA, 1999** – CORREIA, Ana Paula – «Estampa e azulejo no Palácio Fronteira», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1999, n.º 3-7, pp. 5-22.
- CORREIA, 1998-99** – CORREIA, Ana Paula – «Palácios, azulejos e metamorfoses», in revista *Oceanos. Azulejos de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Outubro de 1998-Março de 1999, n.º 36-37, pp. 179-210.
- CORREIA, 2001** – CORREIA, Ana Paula Rebelo – «Questões de iconografia e fontes de inspiração. As *Metamorfoses* de Ovídio e a *Eneida* de Virgílio», in *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: FLUP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2001, pp. 81-86.
- CORREIA e SILVA, 2004** – CORREIA, Ana Paula, e SILVA, Carolina Nunes – «Azulejaria de interior na Baixa pombalina: um contributo para o seu estudo», in *Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2004, 21, pp. 184-195.
- CORREIA, 2005** – CORREIA, Ana Paula – *Histoires en Azulejos: Miroir et Memoire de la Gravure européenne. Azulejos barroques à thème mythologique dans l'architecture civile de Lisbonne. Iconographie et sources d'inspiration*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte. Lovaina: Faculté de Philosophie et Lettres – Université Catholique de Louvain, 2005.
- CORREIA, 2006** – CORREIA, Ana Paula Rebelo – «Um ciclo do profeta Elias no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Contributo para o estudo iconográfico», in *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, 2006, n.º 25.
- CORREIA, 2007** – CORREIA, Ana Paula Rebelo – «Mitologia greco-romana nos azulejos da Casa Museu Verdades», in *Revista de História da Arte*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2007, n.º 3, pp. 199-221.
- CORREIA e GONÇALVES, 1952** – CORREIA, Vergílio, e GONÇALVES, A. Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1952.
- CORTEZ, 1946** – CORTEZ, Russel – «Vila do Conde e os seus azulejos», in jornal *Renovação*. Vila do Conde, 4 de Abril de 1946.
- COSTA, no prelo** – COSTA, Alexandrina – «Iconografia antoniana: contribuições para o estudo da sua génese», in *Actas do III Colóquio de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva*, 2009. Lisboa: FRESS/Escola Superior de Artes Decorativas, no prelo.
- COSTA, 1706** – COSTA, António Carvalho da – *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do famoso Reyno de Portugal*, ... Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706, 2 ts.

- COSTA, 1979, 1984 e 1986** – COSTA, M. Gonçalves – *História do Bispado e da Cidade de Lamego*. Lamego: [s. n.], 1979, 1984 e 1986, vols. III, IV e V.
- COSTA, 1979** – COSTA, Luís – *A Igreja de S. Vitor. Alguns Elementos para a História desta Igreja*. Braga, 1979.
- COSTA, 1982** – COSTA, Pe. Avelino Jesus da – «Mosteiro de Santa Maria de Miranda», in *Terra de Valdevez*, 1982, n.º 4, pp. 73-151.
- COSTA, 1986** – COSTA, Joaquim Morais – *III Centenário da Fundação da Igreja de S. Victor*. Braga: [s. n.], 1986.
- COSTA, 1991** – COSTA, Luís – *A Igreja Paroquial de S. Vicente*. Braga: APPACDM, 1991.
- COSTA, 1994** – COSTA, Pe. Avelino Jesus da – *O Culto de São Bento na Terra de Valdevez (Subsídios para Uma Monografia do Concelho)*. Braga: INIC, 1984.
- COSTA, 1996** – COSTA, João José Alves da – *O Termo de Castro Verde, Um Contributo para a Sua História*. Castro Verde, 1996.
- COSTA, 2001** – COSTA, Agostinho Rebelo da – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, 1.ª ed. 1789. Lisboa: Frenesi, 2001.
- COSTA, 2004** – COSTA, Margarida Sofia Jordão – *As Quintas da Campina de Faro Levantamento e Caracterização, Relatório de Estágio de Arquitectura Paisagista*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Engenharia e Recursos Naturais, 2004, vol. I.
- COSTA, 2002** – COSTA, Maria João Dias da – «A cerca do Mosteiro de S. Martinho de Tibães», in revista *Património Estudos*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, n.º 2, 2002.
- COUTINHO, 1889** – COUTINHO, João António Rodrigues de Azevedo – *Descrição do Santuário e Romaria de N.ª S.ª do Porto d'Ave*. Braga, 1889.
- CRAESBEECK, 1992** – CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da Província do Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 1992.
- CRAVEIRO, 2002** – CRAVEIRO, Maria de Lurdes dos Anjos – *O Renascimento em Coimbra – Modelos e Programas Arquitectónicos*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: [Ed. do Autor], 2002.
- CRUZ, 1946** – CRUZ, António – *Os Azulejos da Sé do Porto*, separata do *Boletim Cultural da CMP*. 1946, vol. IX, n.º 3-4.
- CRUZ, 1947** – CRUZ, António – *Os Azulejos da Sé do Porto*. Porto, 1947.
- CRUZ, 1976** – CRUZ, Manuel Braga da – «A Sé de Braga. Apon-tamentos», in revista *Bracara Augusta*. Braga, 1976, vol. 30, n.º 70.
- CUNHA, 1989** – CUNHA, D. Rodrigo da – *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*/Dom Rodrigo da Cunha, nota de apresentação de José Marques. Fac-símile da edição de Braga: Manoel Cardoso, 1634-1635. Braga: [Barbosa & Xavier], 1989, 2 vols.
- CUNHA, 1994a** – CUNHA, António – «A Casa do Barreiro», in revista *Límia. Revista Regional*. Ponte de Lima, ano I, n.º 3, Fevereiro de 1994.
- CUNHA, 1994b** – CUNHA, António – «A Casa do Baganheiro», in revista *Límia. Revista Regional*. Ponte de Lima, ano I, n.º 4, Março de 1994, pp. 24-26.
- CUNHA, 1997** – CUNHA, Eugénia, LOPES, Maria Conceição, SILVA, Ana Maria, e UMBELINO, Cláudia – «Intervenção arqueológica de emergência no Convento de São Francisco – Beja», in *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia Urbana*. 1997.
- CUSTÓDIO, 1999** – CUSTÓDIO, Jorge – «A Quinta da Fábrica: a Real Fábrica de Atanados de João Mendes de Faria e sucessores», in *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, n.º 8, pp. 95-126.
- DACIANO, 1948** – DACIANO, Bertino, FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, e NEVES, Serafim das – *Azurara (Concelho de Vila do Conde). Subsídios para a Sua Monografia*. Porto: Junta da Província do Douro Litoral, 1948.
- DACIANO, 1953** – DACIANO, Bertino, FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha, e NEVES, Serafim das – *Subsídios para Uma Monografia de Vila do Conde*. Porto: Junta da Província do Douro Litoral, 1953.
- DAMÁSIO, 1852** – António Joaquim Damásio – *Tombamento dos Bens Imóveis da Santa Casa da Misericórdia da Baía*. 1852.
- DAMÁSIO, 1989-93** – DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro, FERNANDES, José Queiroga, e SILVA, Armando Barreiros Malheiro da – *Casas Armoriadas do Concelho de Arcos de Valdevez*. Arcos de Valdevez: C. M., 1989-93, 3 vols.
- DAUPIÁS, 1958** – DAUPIÁS, Nuno D'Alcochete – *Inventaire des Archives de l'Eglise Saint Louis-des-Français*, separata do *Bulletin des Études Portugaises*. [S. l.]: Bertrand, t. 21, 1958.
- DIAS, 1960** – DIAS, José Sebastião da Silva – *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal. Séculos XVI a XVIII*. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos, 1960, 2 vols.
- DIAS, 1978** – DIAS, Pedro – *A Igreja do Convento de Jesus de Setúbal na Evolução da Arquitectura Manuelina*. Lisboa: [s. n.], 1978.
- DIAS, 1986** – DIAS, Pedro – *História da Arte em Portugal – O Gótico*. Lisboa: 1986, vol. 4.
- DIAS, 1989** – DIAS, Ana Pereira – *O Mosteiro de São Bento da Vitória: Espaço e Música, 1597-1800*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal. Porto: FLUP, 1999.
- DIAS, 1993** – DIAS, José Amadeu Coelho – *O Mosteiro de Tibães e a Reforma dos Beneditinos Portugueses no Séc. XVI*, separata da *Revista de História do Centro de História da Universidade do Porto*. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1993, vol. XII.
- DIAS, 1994a** – DIAS, Pedro – *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: ENATUR, 1994.
- DIAS, 1994b** – DIAS, Pedro – «Arquitectura mudéjar portuguesa: tentativa de sistematização», in *Mare Liberum*. Dezembro de 1994, n.º 8.

- DIAS, 2001a** – DIAS, José Amadeu Coelho – *Religião e Simbólica. O Sonho da Escada de Jacob*. Porto: Granito Editores e Livreiros, 2001.
- DIAS, 2001b** – DIAS, Geraldo, José Amadeu Coelho – «Benedictinos. Época Moderna», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Direcção de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, vol. 1, pp. 205-208.
- DIAS, 2001c** – DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho – «Os Beneditinos, Tibães e o Barroco. Entre o esplendor da arte e a emoção religiosa», in *Barroco: Actas [do] II Congresso Internacional*, Junho de 2001, Porto-Vila Real-Aveiro-Arouca. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, pp. 291-306.
- DIAS, 2002** – DIAS, Pedro – *A Universidade de Coimbra: Nota Histórica*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2002.
- DIAS e ARNAUT, 1983** – DIAS, Pedro, e ARNAUT, Salvador Dias – *Penela. História e Arte*. Penela: Câmara Municipal, 1983.
- DIAS e GONÇALVES, 2004** – DIAS, Pedro, e GONÇALVES, António Nogueira – *O Património Artístico da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Gráfica Editora, 2004.
- DIAS e PEREIRA, 1983** – DIAS, Pedro, e PEREIRA, João Victor G. da Silva, *Cantanhede. A Terra e as Suas Gentes*. Cantanhede: Câmara Municipal de Cantanhede, 1983.
- DIETTERLIN, 1968** – DIETTERLIN, Wendel – *The fastastic engravings of Wendel Dietterlin: text on his architecture*. Reprodução da edição de 1598. Nova Iorque: Dover Publications, 1968 [The Dover Pictorial Archives].
- DUARTE e MANGUCCI, 1992** – DUARTE, Ana Luísa, e MANGUCCI, Celso – «Azulejos: quem os cuida?», in *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, Dezembro de 1992, II série, n.º 1, pp. 69-73.
- DUBY, 1997** – DUBY, Georges – *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. Lisboa: Asa, 1997.
- DUCHET-SUCHAUT, 1994** – DUCHET-SUCHAUT, Gaston – *La Bible et les Saints: Guide Iconographique*. Paris: Flammarion, 1994.
- EÇA, 1990** – EÇA, Teresa de Almeida – *Museu dos Biscaínhos: Guia-Roteiro*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1990.
- ENCABO Y VALENCIANO, 1993** – ENCABO Y VALENCIANO, Maria Cecília – *O Mosteiro de Rendufe – Propriedade e Produção Agrícola: 1629-1674 e 1713-1822*. Tese de Mestrado em História Moderna. Porto: Universidade do Porto, 1993.
- ESPANCA, s. d.** – ESPANCA, Túlio – «Notícia dos edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo», in *A Cidade de Évora*. [S. d.], Ano XVI, n.ºs 41-42.
- ESPANCA, 1958** – ESPANCA, Túlio – «A Rainha D. Leonor e a Misericórdia de Évora», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1958, anos XIV-XV, n.ºs 39-40.
- ESPANCA, 1961** – ESPANCA, Túlio – «História da Casa de Cadaval», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1961, anos XVII-XVIII, n.ºs 43-44.
- ESPANCA, 1966** – ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966, vol. VII.
- ESPANCA, 1967** – ESPANCA, Túlio – «Miscelânea alentejana», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal, 1967, 1.ª série, anos XXII-XXIV, n.ºs 48-50.
- ESPANCA, 1970** – ESPANCA, Túlio – «Mosteiros de Vila Viçosa», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal 1970, 1.ª série, n.º 53, pp. 15-184.
- ESPANCA, 1970a** – ESPANCA, Túlio – «Miscelânea alentejana», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal, 1970, 1.ª série, anos XXV-XXVI, n.ºs 51-52.
- ESPANCA, 1972** – ESPANCA, Túlio – *Casas Antigas de Évora; Supressão do Mosteiro de Sta. Clara; Convento da Serra d'Ossa; Notícia de Quatro Igrejas Comendatórias da Ordem de Avis*, separata de *A Cidade de Évora*. Évora: Livraria Nazareth, n.º 55, 1972 [Cadernos de história e arte eborense, 27].
- ESPANCA, 1974** – ESPANCA, Túlio – *Destroçar do Mosteiro de Santa Mónica de Évora; A Comenda de Vera Cruz de Marmelar; Real Convento de S. Francisco de Estremoz; Figuras Gradadas e Casario Antigo dos Arruamentos de Vila Viçosa*. Separata de *A Cidade de Évora*, n.º 57]. Évora: Livraria Nazareth, 1974 [Cadernos de história e arte eborense, 29].
- ESPANCA, 1975** – ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1975, vol. VIII.
- ESPANCA, 1976a** – ESPANCA, Túlio – *O Convento de Nossa Senhora do Paraíso de Évora; Achegas Iconográficas para a História da Pintura Mural no Distrito de Évora; Evolução Artística dos Paços do Concelho de Vila Viçosa, Redondo e Borba; Vida, Morte e Ressurreição do Mosteiro de Santo António de Montemor-o-Novo*, separata de *A Cidade de Évora*. Évora: Livraria Nazareth, 1976 [Cadernos de história e arte eborense, 28].
- ESPANCA, 1976b** – ESPANCA, Túlio – «Matriz de S. Salvador de Alcáçovas», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal, 1976, 1.ª série, n.º 59, pp. 211-224.
- ESPANCA, 1978** – ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora. Zona Sul*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1978, vol. IX.
- ESPANCA, 1984** – ESPANCA, Túlio – «Nova Miscelânea Documentos Notariais inéditos e Artistas Alentejanos dos séculos XVI, XVII e XVIII», *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 67, 1984, pp. 114-115.
- ESPANCA, 1992** – ESPANCA, Túlio – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Beja*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1992.
- ESPERANÇA, 1656** – ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, & augmentos no estado primeiro de Custodia*. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656, vol. 1.

- ESPERANÇA, 1666** – ESPERANÇA, Fr. Manuel da – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal. Segunda parte, que conta os seus progressos no Estado de tres Custodias, principio de Provincia, & Reforma Observante, & augmentos no estado primeiro de Custodia*. Lisboa: Officina de Antonio Craesbeecke de Mello, 1666, vol. 2.
- EUSÉBIO, no prelo** – EUSÉBIO, Joaquim – «Subsídios para o estudo da utilização das gravuras como fonte iconográfica na azulejaria portuguesa do século XVIII. O ciclo de azulejos sobre a vida de Santa Clara da igreja do Convento do Lourçal», in *Actas do III Colóquio de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva*, 2009. Lisboa: FRESS/Escola Superior de Artes Decorativas, no prelo.
- EUSÉBIO, 2002** – EUSÉBIO, Maria de Fátima dos Prazeres – *Retábulos Joaninos no Concelho de Viseu*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1998. Viseu: Eden Gráfico, 2002, 3 vols.
- EUSÉBIO et al., 2005a** – EUSÉBIO, Maria de Fátima dos Prazeres, e MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses – *Arqueologia e Arte no Concelho de Nelas*. Nelas: Câmara Municipal, 2005.
- EUSÉBIO, 2005b** – EUSÉBIO, Maria de Fátima dos Prazeres – *A Talha Barroca na Diocese de Viseu*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Ed. do Autor, 2005.
- EUSÉBIO, 2006** – EUSÉBIO, Maria de Fátima – *A Capela de Nossa Senhora da Esperança. A Obra de Arte Total num Depoimento de Fé*. Viseu: Fundação Mariana Seixas, 2006.
- FALCÃO, 1990** – FALCÃO, José António – «Azulejaria setecentista do Real Convento de Jesus de Setúbal. Alguns aspectos históricos e iconográficos», in *Actas do V Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte. Relaciones Artísticas entre la Península Ibérica y América*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1990.
- FCCG, 1964** – FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- FALCÃO, 1991** – FALCÃO, José António, «O tesouro da Basílica Real de Castro Verde», in *Diário do Alentejo*, 22 de Fevereiro de 1991.
- FALCÃO e PEREIRA, s. d.** – FALCÃO, José António, e PEREIRA, Ricardo Estêvão – *Tesouro da Igreja de Nossa Senhora da Sala. Sines*. Folheto informativo, s. d.
- FARIA, 1994** – FARIA, Francisco Leite de – *Santa Clara e as Clarissas em Portugal*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro – Presidência do Conselho de Ministros – Secretaria de Estado da Cultura, 1994.
- FARIA e BRITO, 2008** – FARIA, Daniela Carvalho, e BRITO, Patrícia Gameiro de (colab.) – *Paço de Palmeira*. Lisboa: Fundação Millennium BCP, 2008.
- FAUVRELLE, 2001** – FAUVRELLE, Natália – *Quintas do Douro: As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Porto, 2001.
- FEIO, 1920** – FEIO, Alberto – *A Biblioteca Pública de Braga: Notas Históricas*. Braga, 1920.
- FEIO, 1923** – FEIO, Alberto – *A Catedral de Braga e a Capela dos «Coimbras»: Itens contra os Erros e Fantasias do Sr. P. e Manuel d'Aguiar Barreiros*. Braga: [Tip. do Arquivo Distrital], 1923.
- FELGUEIRAS, 1981** – FELGUEIRAS, Guilherme – «O azulejo em Viana do Castelo e seu termo», in *Cadernos Vianenses*. Viana do Castelo: C. M. Viana do Castelo, 1981, t. VI, pp. 196-213.
- FERNANDES, 1989** – FERNANDES, M. Antonino – *Felgueiras de Ontem e de Hoje*. Felgueiras: C. M., 1989.
- FERNANDES, 1990** – FERNANDES, Francisco J. Carneiro – *Viana Monumental e Artística – Espaço Urbano e Património*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Estaleiros Navais, 1990.
- FERNANDES, 2000** – FERNANDES, Carla Varela – *A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Tavira, 2000.
- FERNANDES, 2000a** – FERNANDES, Francisco José Carneiro – *O Azulejo: Um Olhar no Alto Minho e Baixo Minho*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 2000.
- FERNANDES, 2003** – FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *A Igreja de S. João Baptista de Alcochete*. Alcochete: Câmara Municipal de Alcochete, 2003.
- FERNANDES e OLIVEIRA, 2004** – FERNANDES, Isabel Maria, e OLIVEIRA, José António – «Convento de Santa Clara de Guimarães», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2004, II série, vol. V, pp. 11-178.
- FERREIRA, 1928a** – FERREIRA, (Monsenh) J. Augusto – *Ermida de Nossa Senhora do Socorro, Vila do Conde*. Vila do Conde, 1928, ano I, n.º 5.
- FERREIRA, 1928b** – FERREIRA, Monsenh) J. Augusto – «Ermida de N.ª Sr.ª da Guia e São Julião», in revista *Vila do Conde*, Vila do Conde, 1928, ano I.
- FERREIRA, 1932** – FERREIRA, (Monsenh) J. Augusto – *Fastos Episcopais da Sé Primacial de Braga. (século III-XX)*. Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1932, 4 vols.
- FERREIRA, 1937** – FERREIRA, J. Bethencourt – «Os estigmas de S. Francisco de Assis», in revista *Prisma*. Porto: s. l., 1937, ano I, n.º 4.
- FERREIRA, 1976** – FERREIRA, Maria Georgina – «Catálogo do Cartório do Colégio de Nossa Senhora da Graça», in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1976, vol. II.
- FERREIRA, 1980-83** – FERREIRA, Lobo – «A Capela Nova e a Irmandade dos Clérigos», in *Tellus*. Vila Real, n.º 7, 1980, e n.º 8, 1983.
- FERREIRA, 1982** – FERREIRA, Manuel Avelino – *A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço: História de Uma Igreja na História de Barcelos*. Barcelos-Braga: Mesa da Confraria de Nossa Senhora do Terço: Liv. Cruz, 1982.
- FERREIRA, 1996** – FERREIRA, Patrícia da Costa – *O Colégio de Santo Agostinho*. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCT da Universidade de Coimbra. Coimbra: [s. n.], 1996.

- FERREIRA, 1999** – FERREIRA, Delfim Bismarck – *Casa e Capela de Santo António em Albergaria-a-Velha – Século XVIII*. Porto, 1999.
- FERREIRA-ALVES e FERREIRA-ALVES, 1978** – FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B., e FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *Subsídios para o Estudo Histórico-Artístico do Mosteiro de São João de Pendurada (1629-1822)*. Porto: Instituto Italiano di Cultura in Portugal – Secção do Porto, 1978.
- FERREIRA-ALVES, 1984** – FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – *A Construção da Nova Fachada e o Acréscimo da Igreja de São Paulo de Vila Real*. Porto, 1984.
- FERREIRA-ALVES, 1989** – FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas, Clientela, Materiais e Técnica)*. Porto: Arquivo Histórico-CMP, 1989, 2 vols.
- FERREIRA-ALVES, 1989-90** – FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *O Porto na Época dos Almadás – Arquitectura: Obras Públicas*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1988-90, 2 vols.
- FERREIRA-ALVES, 1992a** – FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *As Duas Igrejas do Mosteiro de São Bento da Avé-Maria do Porto*. Separata de *I Congreso Internacional del Monacato Femenino en España, Portugal y América: 1492-1992*. S. l.: J. J. F. Alves, 1992, pp. 745-754.
- FERREIRA-ALVES, 1997** – FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – «Duas nótulas para a História da Arte», in *Portugalia*. Porto: Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996-97, nova série, vols. XVII-XVIII, pp. 293-295.
- FERREIRA-ALVES, 2001a** – FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A Escola de Talha Portuense e a Sua Influência no Norte de Portugal*. Lisboa: INAPA, 2001 [Coleção Portucale].
- FERREIRA-ALVES, 2001b** – FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – «A Casa do Cabido e a sua talha: algumas reflexões», in *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2001, n.º 14, pp. 20-25.
- FERREIRA-ALVES, 2003** – FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – «Elementos para o estudo da arquitectura das duas primeiras capelas da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto», in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, I série, vol. 2, pp. 347-364.
- FIGUEIREDO, 1982** – FIGUEIREDO, Matilde Pessoa de – «Da cerâmica coimbrã. Uns notáveis azulejos do Museu Nacional Machado de Castro», in *A Cerâmica de Coimbra*. Coimbra: Comissão para a Coordenação da Região Centro, 1982.
- FIGUEIREDO, 2008** – FIGUEIREDO, Ana Paula Valente – *Os Conventos Franciscanos da Real Província da Conceição*. Tese de Doutoramento em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Ed. do Autor, 2008, 2 vols.
- FLOR, 2002** – FLOR, Susana Maria Munhá Antunes Calado Varela de Almeida – *Marcos da Cruz e a Pintura Portuguesa do Século XVII. «Do seu tempo fazia parêlha aos de mais...»*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2002, 2 vols.
- FLORES, 1990** – FLORES, Alexandre M. – *Almada Antiga e Moderna – Roteiro Iconográfico*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1990, vol. III.
- FLORIDO, 1967** – FLORIDO, Abel Montenegro – «O convento de Santa Cruz de Lamego», in *Colóquio. Revista de Letras e Artes*. Lisboa, 1967, n.º 42, pp. 30-31.
- FONSECA, 2001-02** – FONSECA, Jorge – «Os negros de Faro e a Confraria de Nossa Senhora do Rosário», in *Anais do Município de Faro*. 2001-02, p. 119, vols. XXXI-XXXII.
- FONSECA, 2000** – FONSECA, Ana Cristina – «A fundação do Mosteiro de S. João de Tarouca e de Santa Maria de Alcobaca no programa iconográfico e artístico dos azulejos setecentistas», in *Actas do Colóquio Internacional Cister-Espaços, Territórios, Paisagens*. Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos, 2000, vol. II, pp. 433-442.
- FRAGA SAMPEDRO, 1994** – FRAGA SAMPEDRO, Maria Dolores – «S. Francisco de Guimarães: Análise de su programa iconográfico a la luz de los textos de S. Buonaventura», in *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1994, vol. 104, pp. 141-211.
- FRANCO, 1992** – FRANCO, Anísio – «António de Oliveira Bernardes e a unidade decorativa do espaço barroco», in *Jerónimos. 4 Séculos de Pintura*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, vol. 2.
- FRANCO, 1983** – FRANCO, Matilde Sousa (org. de) – *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra: O Valioso Álbum da Reforma Pombalina*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1983.
- FREITAS, 1890** – FREITAS, Bernardino José de Senna – *Memórias de Braga contendo muitos e interessantes escriptos extrahidos e recopilados de diferentes archivos, assim de obras raras, como de manuscritos ainda ineditos e Descrição de pedras inscripccionais*. Braga: Imprensa Catholica, 1890, 5 vols.
- FREITAS, 1939** – FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e – «As capelas de S. Domingos do Porto», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: C.M.P., 1939, vol. II, fasc. I, Março, pp. 51-68, fasc. II, Junho, pp. 187-209, fasc. III, Setembro, pp. 345-349.
- FREITAS, 1973** – FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e – «Talha e azulejos da 1.ª metade do século XVIII em Azurara, Vila do Conde», in *Bracara Augusta*. Braga: C. M. Braga, 1973, vol. 27, t. 1, pp. 298-309.
- FREITAS, 1988** – FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – *Vila do Conde. Memórias Paroquiais de 1758*. Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*. Vila do Conde: C. M. Vila do Conde, 1988, nova série, n.º 2, Julho de 1988.
- FREITAS, 1999** – FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e – «O Convento e a Igreja dos Franciscanos [de Azurara]», in *Vila do Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal, 1999 [Cadernos. História local, 3], p. 85.
- FREITAS, 2003** – FREITAS, Ana de – «Intervenções de conservação e restauro da Igreja de Santa Maria de Pombeiro», in *revista Património Estudos*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2003, n.º 5, pp. 112-118.

- FREITAS, s. d.** – FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e – «O Convento de Nossa Senhora da Encarnação em Vila do Conde», in *História Local*. Vila do Conde, s. d., 4.
- FREITAS, 1995** – FREITAS, Maria João Lynce da Costa Pais de – *Iconografia da Memória na Azulejaria do Século XVIII: 4 Estações, 4 Elementos e 4 Partes do Mundo*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1995, 2 vols.
- FREIXO, 1996** – FREIXO, J. M. Graça – *Memória Histórico-Económica de Serpa*. Serpa, 1996.
- FRIAS, 2006** – FRIAS, Duarte – «A pintura de caixotões entre Lamego e Tarouca», in *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, vol. 2, pp. 62 e segs.
- GAMA, 1954** – GAMA, Eurico – *A Santa Casa da Misericórdia de Elvas*. Elvas: Misericórdia de Elvas, 1954.
- GAMA, 1965** – GAMA, Eurico – *O Senhor Jesus da Piedade de Elvas*. Elvas: Casa Ibérica, 1965.
- GAMA, 1985** – GAMA, Eurico – *Azulejaria Elvense*. Elvas: s. n., 1985.
- GARCIA, 1923** – GARCIA, Prudêncio Quintino – *Documentos para as Biografias dos Artistas de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1923.
- GARCÍA ARRANZ, 2000-01** – GARCÍA ARRANZ, José Julio – «Un programa emblemático de exaltación mariana: los azulejos de la ermita da Memória en el sitio de Nazaré (Portugal)», in *Norba-Arte*. 2000-01, XX-XXI, pp. 59-76.
- GARCÍA ARRANZ, 2004** – GARCÍA ARRANZ, José Julio – «Las Obras de Misericórdia y la emblemática: los azulejos de la iglesia de la Santa Casa da Misericórdia en Évora (Portugal)», in *Florilegio de Estudios de Emblemática – Actas del VI Congreso Internacional de Emblemática de The Society for Emblem Studies*. La Coruña: Sociedad de Cultura Valle Inclán, 2004.
- GOMES, 1895** – GOMES, J. A. Marques – *Catálogo da Exposição de Arte Religiosa no Colégio de Santa Joana Princesa em Benefício dos Pobres de Aveiro*. Aveiro, 1895.
- GOMES, 1934** – GOMES, Armando Sousa – «Azulejos portugueses», in revista *Feira da Ladra*. Lisboa, 1934, t. VI.
- GOMES, 1999** – GOMES, Ana Malhoa – «Mosteiro da Serra do Pilar – Conservação do Património Azulejar: Problema da Remoção de Azulejos», in revista *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, Setembro de 1999, n.º 9.
- GOMES, 2007** – GOMES, Eunice de Jesus Alfaiate – *Setúbal, Percursos e Leituras na Conservação e Valorização do Património Cultural*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007.
- GOMES, 2001** – GOMES, Paulo Varela – *A Planta Centralizada. Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVII*. Porto: FAUP Publicações, 2001.
- GONÇALVES, 1898** – GONÇALVES, António Augusto – «Breve noção sobre a história da cerâmica em Coimbra», in *Estudo Chimico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna* [LEPIERRE, Charles de (autoria de)]. Lisboa: [S. n.], 1898 [2.ª ed., 1912].
- GONÇALVES, 1905** – GONÇALVES, António Augusto – «Breve história da cerâmica de Coimbra», in *Estudo sobre o Actual Estado da Indústria Cerâmica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.
- GONÇALVES, 1959** – GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Aveiro Sul*, 1959, t. VI.
- GONÇALVES, 1960** – GONÇALVES, Flávio – «O “privilegio sabatino” na arte portuguesa», in revista *4 Ventos*. Braga, 1960, 2.ª série, vol. II, n.º 5-6, pp. 35-46.
- GONÇALVES, 1962a** – GONÇALVES, Flávio – «Em torno da iconografia das Nove Irmãs Gémeas», in *Boletim Cultural*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1962, nota 46.
- GONÇALVES, 1962b** – GONÇALVES, Flávio – «Iconografia trinitária», in revista *O Tripeiro*. Porto: [s. n.], 1962, 6.ª série.
- GONÇALVES, 1963** – GONÇALVES, Flávio – *O Retábulo de Santiago*. Lisboa, 1963.
- GONÇALVES, 1963a** – GONÇALVES, Flávio – «A representação artística dos Mártires de Marrocos», in revista *Museu*. Porto: [s. n.], 1963, 2.ª série, 6.
- GONÇALVES, 1963b** – GONÇALVES, Flávio – «Erros de iconografia num catálogo do Museu Regional de Beja», in suplemento «Cultura e Arte» do jornal *O Comércio do Porto*. Porto, 27 de Agosto de 1963.
- GONÇALVES, 1963c** – GONÇALVES, Flávio – «O “privilegio sabatino” na arte alentejana», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1963, n.º 45-46, pp. 5-16.
- GONÇALVES, 1963d** – GONÇALVES, Flávio – «Reflexos iconográficos de uma devoção portuense», in revista *O Tripeiro*. Porto, 1963, 6.ª série, ano III, pp. 197-201.
- GONÇALVES, 1964** – GONÇALVES, Flávio – «Uma série de painéis do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde», in *Vila do Conde*. Barcelos: Tip. «Vitória», 1964, n.º 5.
- GONÇALVES, 1970** – GONÇALVES, Flávio – *A Construção da Actual Casa do Cabido da Sé do Porto*. [Porto]: Liv. Fernando Machado, imp. 1970.
- GONÇALVES, 1972** – GONÇALVES, Flávio – «A data e a origem dos azulejos do claustro da Sé do Porto», in suplemento «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*. Porto, 8 de Fevereiro, 14 de Março, 11 de Abril e 11 de Julho de 1972.
- GONÇALVES, 1973** – GONÇALVES, Flávio – *Breve Ensaio sobre a Iconografia da Pintura Religiosa em Portugal*. Lisboa: [s. n.], 1973.
- GONÇALVES, 1977** – GONÇALVES, Flávio – «A sineta da Capela de N.ª Sr.ª da Guia», in *Boletim Cultural do Ginásio Clube Vilacondense*. Vila do Conde, 1977, n.º 2.
- GONÇALVES, 1980** – GONÇALVES, António Nogueira – *O Paço e a Igreja de São Marcos*. Coimbra: Epartur, 1980.
- GONÇALVES, 1981** – GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Aveiro Norte*, 1981.
- GONÇALVES, 1981** – GONÇALVES, Flávio – «A talha na arte religiosa de Guimarães», in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães, 1981, actas, vol. 4.

- GONÇALVES, 1984** – GONÇALVES, Flávio – *As Obras Setecentistas da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Peniche e o Seu Enquadramento na Arte Portuguesa da Primeira Metade do Século XVIII*. Separata do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Instituto de História de Arte, 1984, 3.ª série, 89 [Arte em Portugal, 2].
- GONÇALVES, 1986** – GONÇALVES, Flávio – «A Árvore de Jessé na arte portuguesa», in *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: [Faculdade de Letras do Porto], 1986, II série, vol. III, pp. 213-238.
- GONÇALVES, 1987** – GONÇALVES, Flávio – *A Data e o Autor dos Azulejos do Claustro da Sé do Porto*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras, 1987, II série, vol. IV, pp. 257-267.
- GONÇALVES, 1990** – GONÇALVES, Flávio – *História da Arte: Iconografia e Crítica*. [Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, imp. 1990 [Arte e Artistas].
- GONÇALVES, 1991** – GONÇALVES, António Nogueira – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Nordeste*. 1991.
- GONÇALVES, 1999** – GONÇALVES, Catarina Valença – *A Pintura Mural no Concelho de Alvito – Séculos XVI a XVII*. Alvito, 1999.
- GONÇALVES e CASTRO, 1983** – GONÇALVES, António Nogueira, e CASTRO, Aníbal Pinto de – *Vamos Conhecer a Igreja de Cernache*. Cernache: União Desportiva Recreativa de Cernache, 1983.
- GONÇALVES e CORREIA, 1947** – GONÇALVES, António Nogueira, e CORREIA, Vergílio – *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1947.
- GONÇALVES e CORREIA, 1952** – GONÇALVES, António Nogueira, e CORREIA, Vergílio – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1952.
- GOULART, 2004** – GOULART, Artur – «O ciclo de frescos com Sibilas e Profetas da igreja de Nossa Senhora de Machede (c. 1604-1625) e o seu programa iconológico», in *Artis*. Lisboa: FLUL, 2004, n.º 3, pp. 211-238.
- GOUVEIA, 1658** – GOUVEIA, Fr. António de – *História de la vida, muerte y milagros del Glorioso Patriarca S. Juan de Dios*. Lisboa, 1658.
- GUIMARÃES, 1872** – GUIMARÃES, J. Ribeiro – *Sumário de Vária História*. Lisboa, 1872, vol. I, pp. 204-205.
- GUERRA, 1891** – GUERRA, Luís de Figueiredo – «A fábrica de louça de Viana em Darque», in *Arquivo Vianense*, Viana do Castelo, 1891, vol. I, n.º 5.
- GUERRA, 1898** – GUERRA, L. de Figueiredo – *Exposição de Arte Ornamental do Districto de Viana em Agosto e Setembro de 1896 em Benefício das Obras do Monte de Santa Luzia. Catalogo descriptivo de L. de Figueiredo Guerra*. Viana do Castelo: [s.n.], 1898.
- GUERRA, 1969** – GUERRA, Luiz de Bívar – *Documentos para a História da Arte em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. 5.
- GUIMARÃES, 1895** – GUIMARÃES, Oliveira (Abade de Tagilde) – *Guimarães e Santo António*. Guimarães: Editores Freitas & C.ª, 1895.
- GUIMARÃES, 1926** – GUIMARÃES, Alfredo – *Mobiliário Artístico Português: Elementos para a Sua História*. II. *Guimarães*. Vila Nova de Gaia: Sociedade Editorial Pátria, 1935.
- GUIMARÃES, 1926a** – GUIMARÃES, Alfredo – «Azulejos de Guimarães», in *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, Janeiro-Março de 1926, 36 (1), pp. 46-53.
- GUIMARÃES, 1932** – GUIMARÃES, Feliciano – *Azulejos de Figura Avulsa*. Gaia: Edições Pátria, 1932.
- GUIMARÃES, 1934** – GUIMARÃES, Feliciano – *Os Azulejos de Refóios*. Viana do Castelo: Tip. Gutenberg Ltd., 1934.
- GUIMARÃES, 1940** – GUIMARÃES, Alfredo – *Guimarães. Guia de Turismo*. Braga: C. M. Braga, 1940.
- GUIMARÃES, 1986** – GUIMARÃES, Agostinho – «Azulejos do Porto. Núcleos avulsos IV», in *O Tripeiro*. Porto, 1986, nova série, ano V, n.º 7.
- GUIMARÃES, 1997** – GUIMARÃES, Agostinho – *Azulejos de Guimarães*. Guimarães: [s. n.], 1997.
- HENRIQUES, 2003** – HENRIQUES, Paulo – «Os azulejos da Real Fábrica de Louça: do Rococó aos Ecletismos», in *Real Fábrica de Louça ao Rato*. Catálogo da exposição. Lisboa-Porto: Museu Nacional do Azulejo – Museu Nacional Soares dos Reis, 2003, pp. 448-489.
- HENRIQUES, 2004** – HENRIQUES, Paulo – *Lisbonne avant le tremblement de terre le panneau (1700-1725) du musée de l'Azulejo: anthologie de textes sur Lisbonne*. Lisboa: Gótica, 2004.
- HILDYARD, 1999** – HILDYARD, Robin – *European Ceramics*. Victoria & Albert Museum. Londres: V & A Publications, 1999.
- HOMEM, 2001** – HOMEM, Paula Menino – «A Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo: um contributo para a sua preservação», in *I Congresso das Misericórdias do Alto Minho*. Viana do Castelo, 2001, pp. 208-214.
- JAIME et al., 2005** – JAIME, Artur, MARTINS, Hugo, e TELES, Sílvia – «Igreja do Mosteiro de Landim: reconhecimento, reflexão, recuperação», in *Monumentos*, Março de 2005, 22, pp. 192-199.
- JONGE, 1971** – JONGE, C. H. de – *Dutch Tiles*. Londres: Pall Mall Press, 1971.
- JOSÉ, 1760** – JOSÉ, Fr. Pedro de Jesus Maria – *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal*, 1760.
- KEIL, 1921** – KEIL, Luís – «As obras da sacristia da Madre de Deus em 1746», in *Boletim de Arte e Arqueologia*. Lisboa, 1921, n.º 1.
- KEIL, 1943** – KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1943, vol. I.

- KUBLER, 2005** – KUBLER, George – *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)*. Lisboa: Nova Vega, 2.^a ed., 2005.
- LALANDA, 2001** – LALANDA, Maria Margarida S. N. – «Clarissas (Ordem de Santa Clara)», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, dir. de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, vol. C-I, pp. 353-354.
- LAMAS, 1924** – LAMAS, Artur – *A Quinta de Diogo de Mendonça no Sítio da Junqueira*. Lisboa: Tipografia do Comercio, 1924.
- LAMAS, 1925** – LAMAS, Artur – *A Casa Nobre de Lazaro Leitão no Sítio da Junqueira (extra-muros da antiga Lisboa)*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1925.
- LAMEIRA e SERRA, s. d.** – LAMEIRA, Francisco I. C., e SERRA, Pedro – *Ermida de Nossa Senhora da Conceição*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, s. d.
- LAMEIRA e SERRA, s. d.** – LAMEIRA, Francisco, e SERRA, Pedro – *Igreja Matriz de Alte*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, s. d.
- LAMEIRA, s. d.** – LAMEIRA, Francisco, I. C. – *A Igreja Matriz de Estombar*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa, s. d.
- LAMEIRA e SERRA, s. d.** – LAMEIRA, Francisco I. C., e SERRA, Pedro – *Igreja Matriz de São Clemente*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, s. d.
- LAMEIRA e SERRA, s. d.** – LAMEIRA, Francisco I. C., e SERRA, Pedro – *Igreja Matriz de S. Lourenço de Almancil*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, s. d.
- LAMEIRA, 1988** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *Itinerário do Barroco no Algarve*. Secretaria de Estado da Cultura, 1988.
- LAMEIRA, 1995** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *O Paço Episcopal*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1995.
- LAMEIRA, 1996a** – LAMEIRA, Francisco Ildefonso – *Roteiro das Igrejas de Tavira*. Região de Turismo do Algarve, 1996.
- LAMEIRA, 1996b** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *A Igreja Matriz de Alvor*. Câmara Municipal de Portimão, 1996.
- LAMEIRA, 1997a** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *FARO Edificações Notáveis*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1997.
- LAMEIRA, 1997b** – LAMEIRA, Francisco, I. C. – *A Igreja Matriz de São Pedro*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1997.
- LAMEIRA, 1998** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *A Igreja do Antigo Convento de Santo António dos Capuchos*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1998.
- LAMEIRA, 1999** – LAMEIRA, Francisco Ildefonso – *A Igreja da Misericórdia de Tavira*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira, 1999.
- LAMEIRA e SERRA, 2000a** – LAMEIRA, Francisco I. C., e SERRA, Pedro – *A Ermida de Nossa Senhora da Piedade*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 2000.
- LAMEIRA, 2000b** – LAMEIRA, Francisco I. C. – *A Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000.
- LAMEIRA, 2000c** – LAMEIRA, Francisco, I. C. – *A Igreja da Sé*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000.
- LAMEIRA, 2000d** – LAMEIRA, Francisco, Ildefonso – *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 165.
- LANÇA, 2000** – LANÇA, José Maria Tapadinha – «O Colégio do Carmo de Coimbra através da História», in *Carmelo Lusitano*. Lisboa: [s. n.], 2000, n.º 18.
- LARANJO, 1990** – LARANJO, F. J. Cordeiro – *Cidade de Lamego. Igreja Catedral*. Lamego, 1990.
- LARANJO, 1992** – LARANJO, F. J. Cordeiro – *Igreja do Convento de Santa Cruz*. Lamego, 1992.
- LEAL, 1990** – LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias*. Fac-símile da edição de Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1873-90. Lisboa: Cota d'Armas, 1990.
- LEÃO, 1999** – LEÃO, Manuel – *A Cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 1999.
- LEÃO, 2005** – LEÃO, Manuel – *A Arte em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2005.
- LEITE, 1991** – LEITE, Ana Cristina – *Castelo Branco*. Lisboa: Editora Presença, 1991, p. 36.
- LEIRIA e NASCIMENTO, 1995** – LEIRIA e NASCIMENTO – *Antiguidades, Objectos de Arte, Pintura Moderna, Pintura Contemporânea e Importante Colecção de Azulejos do Comandante Ernesto Vilhena*. Catálogo de leilão. Lisboa: Leiria e Nascimento, Março de 1995.
- LEIRIA e NASCIMENTO, 1995b** – LEIRIA e NASCIMENTO – *Importante Leilão. Colecção Comandante Ernesto Vilhena* [catálogo de leilão]. Lisboa: Leiria e Nascimento, Novembro de 1995.
- LEMONS, 1977** – LEMOS, Miguel Roque de Reis – *Anais Municipais de Ponte de Lima*. Ponte de Lima: C. M., 1977, 2.^a ed.
- LÉON, 1993** – LÉON, Fernando Ponce de – «Os painéis de azulejo sobre Santa Teresa de Jesus do Convento de Santa Marta», in revista *Museu*. Porto, 1993, IV série, n.º 1, pp. 161-181.
- LEROUX, 1991** – LEROUX, Gérard (org.) – *São Bernardo (1090-1990): Catálogo Bibliográfico e Iconográfico*. Lisboa: BN, 1991 [Biblioteca Nacional, Catálogo, 34].
- LIMA, s. d.** – LIMA, Fernando de Castro Pires de (dir. literária) – *A Virgem em Portugal*. Porto: Edições Ouro, Lda., s. d., 2 vols.
- LIMA, 1942** – LIMA, José Fragoso de – *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 1942. Moura, 1988.
- LIMA, 1960** – LIMA, José Fragoso de – «O edifício dos Quarteis de Moura é um dos monumentos mais valiosos do Baixo Alentejo», in *Jornal de Moura*. 16 de Janeiro de 1960.
- LINS, 2002** – LINS, Eugénio de Ávila – *Arquitectura dos Mosteiros Beneditinos no Brasil. Século XVI a XIX*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto, 2002, 3 vols.

- LISBOA, 2001** – LISBOA, Frei Marcos de – *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*. Reed. facsimilada da imp. de 1619. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da UP, 2001, 3 vols.
- LOBATO, 1983** – LOBATO, João Rodrigues – *Aljustrel, Monografia*. Aljustrel, 1983.
- LOBO, 1999a** – LOBO, Rui Pedro – *Os Colégios de Jesus, das Artes e de São Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano*. Coimbra: Ed. Depart. Arq., 1999.
- LOBO, 1999b** – LOBO, Rui Pedro – *Santa Cruz de Coimbra e a Rua da Sofia. Arquitectura e Urbanismo no Século XVI*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentadas à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Coimbra: [s. n.], 1999.
- LOBO, 2006** – LOBO, Susana – *Pousadas de Portugal. Reflexos da Arquitectura Portuguesa no Século XX*. Coimbra: Imprensa Universitária de Coimbra, 2006.
- LOBO, 2008** – LOBO, Rui – «O colégio jesuíta de Santiago, em Elvas», in *Monumentos*. IHRU, n.º 28, Dezembro de 2008, pp. 120-127.
- LOPES, 1983** – LOPES, Vítor Sousa – *O Azulejo no Século XVIII: Breve Apontamento*. Lisboa: Direcção-Geral da Divulgação, imp. 1983 [Cadernos de Divulgação, 1].
- LOPES, 1997** – LOPES, Roger Teixeira – «Colóquio angélico ou a Anunciação na pintura portuguesa 1500-1550», in *Páginas da História da Diocese de Bragança. Congresso Histórico 450 Anos de Fundação. Actas*. Bragança: Comissão de Arte Sacra Bragança-Miranda, 1997, pp. 619-668.
- LOPES, 1999** – LOPES, Vítor Sousa – «Contribuição para o conhecimento da actividade fabril do azulejo em Portugal», in *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 1999, n.º 8, IV série.
- LOPES, 2001** – LOPES, Vítor Sousa – *Estudos de Azulejaria*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- LOPES, 2001a** – LOPES, Vítor Sousa – *Testemunho nas Paredes – Ensaio de Azulejaria*. Lisboa: ACD Editores, 2001.
- LOPES e BASTOS, 2004** – LOPES, Fernando Peixoto, e BASTOS, Margarida Almeida – «Registos de santos em azulejo do município de Lisboa. Algumas considerações», in *Olisipo*. Lisboa: Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa», 2004, II série, n.º 20-21, pp. 95-105.
- MACHADO, 1922** – MACHADO, Cyrillo – *Colecção de Memórias relativas às vistas dos Pintores, e escultores, architetos, e gravadores Portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*. Notas de J. M. Teixeira de Carvalho e de Vergílio Correia. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922 [Subsídios para a História da Arte Portuguesa, V].
- MACHADO, 1987** – MACHADO, João Saavedra – *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: Séculos XVI-XVIII*. Caldas da Rainha: Museu José Malhoa – IPPAR, 1987.
- MACHADO, 1990-92** – MACHADO, Ana Maria Goulão – «Azulejaria coimbrã ao tempo da reforma pombalina», in *Arquivo Coimbrão*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1990-92, vol. XXXIII-XXXIV.
- MACHADO, 1992** – MACHADO, Ana Goulão – «A produção de azulejos da fábrica da tela vidrada ao tempo da reforma pombalina», in *Actas do Colóquio. A Universidade e a Arte 1290-1990*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História da Arte, 1992.
- MACHADO, 1995** – MACHADO, José Alberto Simões Gomes – *André Gonçalves: Pintura do Barroco Português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora, 1992. Lisboa: Estampa, 1995 [Teoria da arte, 17].
- MACHADO, 1996** – MACHADO, Ana Maria Goulão – «Azulejaria coimbrã ao tempo da reforma pombalina: a Fábrica de Telha Vidrada», in *Oficinas Regionais – Actas do VI Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia/Instituto Politécnico de Tomar, 1996.
- MACHADO, 1998** – MACHADO, Ana Maria Goulão – «Azulejaria dos séculos XVII e XVIII», in *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, 1998, n.º 8.
- MACIAS, 1986** – MACIAS, Santiago – «As muralhas medievais de Moura», in *Arquivo de Beja*. Beja, 1986, vol. III, 2.ª série.
- MACIAS, 1993** – MACIAS, Santiago – «Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico», in *Arqueologia Medieval*. Mértola, 1993, n.º 2.
- MADAHIL, 1957** – MADAHIL, A. G. da Rocha – «Iconografia da Infanta Santa Joana», in *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, 1957, vol. XXIII, n.º 90-91.
- MAIA, 1998-99** – MAIA, Pedro Moacir – «Uma visão panorâmica da azulejaria e iconografia na igreja e no Convento da Ordem Terceira de São Francisco, em Salvador, Bahia», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1998-99, n.º 36-37, pp. 88-99.
- MÂLE, 1951** – MALE, Émile – *L'Art Religieux de la fin du XVI^e siècle, du XVII^e siècle et du XVIII^e siècle. Étude sur l'iconographie après le Concile de Trente*. Paris, 1951, 2.ª ed.
- MALHOA, MONTEIRO e PAIS, 1996** – MALHOA, Manuela, MONTEIRO, J. Pedro, e PAIS, Alexandre – «Revestimentos azulejares do Convento dos Grilos no Porto», in revista *Monumentos*. Lisboa, 1996, n.º 5, pp. 57-67.
- MALHÔA, 1998** – MALHÔA, Manuela – «Conservação do património azulejar: problema da remoção de azulejos», in revista *Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Setembro de 1998, pp. 70-75.
- MALHÔA, 2003** – MALHÔA, Manuela – «Conservação do património azulejar. Estudo de caso: Igreja do Pópulo, Braga», in *A Intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*. Porto, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2003, pp. 159-163.
- MANGUCCI, 1993** – MANGUCCI, António Celso – «O registo de azulejos de N.ª Sr.ª do Cabo», in *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, Julho de 1993, II série, n.º 2, pp. 126-130.
- MANGUCCI, 1996** – MANGUCCI, António Celso – «Olarias de louça e azulejos da freguesia de Santos-o-Velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII», in *Al-madan*, Outubro de 1996, II série, n.º 5.

- MANGUCCI, 1998a** – MANGUCCI, António Celso – *Quinta de Nossa Senhora da Piedade. História do seu Palácio, Jardins e Azulejos*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1998.
- MANGUCCI, 1998b** – MANGUCCI, António Celso – «Imagens da China. Fontes gráficas para os azulejos do Sobralinho», in *Al-madan*, Outubro de 1998, II série, n.º 7, pp. 141-145.
- MANGUCCI, 1999** – MANGUCCI, António Celso – «A manufatura e a pintura de azulejos em Portugal: da produção das primeiras faianças à grande indústria oitocentista», in *O Revestimento Cerâmico na Arquitectura em Portugal*. Lisboa: Estar Editora, 1999.
- MANGUCCI, 2002** – MANGUCCI, António Celso – «A talha, os azulejos e a pintura na Igreja da Misericórdia de Évora». Comunicação apresentada nas Jornadas de Estudo *As Misericórdias como Fonte de Cultura*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 2002 [Editado em formato digital].
- MANGUCCI, 2003a** – MANGUCCI, António Celso – «A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa», in *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, 2003.
- MANGUCCI, 2003b** – MANGUCCI, Celso, «A estratégia de Bartolomeu Antunes: mestre ladrilhador do Paço (1688-1753)», in *Al-Madan*, Dezembro 2003, II série, n.º 12, pp. 135-148.
- MANGUCCI, 2005** – MANGUCCI, António Celso – «As gravuras de Nicolas Lancet e os azulejos da Quinta da Trindade, no Seixal», in *Al-Madan*. Almada, 2005, II série, n.º 13, pp. 113-118.
- MANGUCCI, 2008** – MANGUCCI, Celso – «Francisco da Silva, António de Oliveira Bernardes e Francisco Lopes Mendes na Igreja da Misericórdia de Évora», in *CENÁCULO, Boletim on line do Museu de Évora*. Setembro 2008, n.º 3, pp. 3-18. <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/numero3/ContentDetail.aspx?id=281>
- MANIQUE, 1949** – MANIQUE, Luís de Pina – *A Arte Manuelina na Arquitectura de Alvíto*. Lisboa: 1949.
- MANDROUX-FRANÇA, 1974** – MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse – *Information artistique et «mass-media» au XVIII^e siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal*. Separata de *Bracara Augusta*, 27. Braga: Livraria Cruz, 1974.
- MARADO, 2006** – MARADO, Catarina Almeida – *Antigos Conventos do Algarve, Um Percorso pelo Património da Região*. Edições Colibri, 2006.
- MARGGRAF, 1991** – MARGGRAF, Rainier – «Les Carreaux de faïence hollandais au Portugal», in *Azulejos*. Catálogo da exposição apresentada na Europolia'91. Bruxelas: Europolia'91, 1991, pp. 31-39.
- MARKL, 1992** – MARKL, Dagoberto – «Fernão Gomes no Mosteiro dos Jerónimos», in *Jerónimos. 4 Séculos de Pintura*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, vol. 2, pp. 114-129.
- MARQUES, 2004** – MARQUES, Alexandra – «Mosteiro de Santa Marinha da Costa», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2004, série II, vol. V, pp. 205-230.
- MARTINS, 1944** – MARTINS, Rocha – «Registos e painéis de azulejos», in *Diário de Notícias*, 13 de Setembro de 1944.
- MARTINS, 1986** – MARTINS, Fausto Sanches – *O Colégio de S. Lourenço: 1560-1774*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Porto: [Ed. do Autor], 1986.
- MARTINS, 1988** – MARTINS, Fausto Sanches – *Estudo Iconográfico do Retábulo-Sacrário da Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Caminha*. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: FLUP, 1988, pp. 337-364, II série, vol. V, Porto, 1988.
- MARTINS, 1994** – MARTINS, Fausto Sanches – *A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542-1759: Cronologia, Artistas, Espaços*. Porto: [s. n.], 1994, 2 vols.
- MARTINS, 1997a** – MARTINS, Maria Filomena – *Azulejos do Juncal. Contributos para a História do Azulejo em Portugal*. Rio Maior: Editorial Diferença, 1997.
- MARTINS, 1997b** – MARTINS, Maria Filomena Silva, e FABIÃO, Francisco – *Azulejos do Juncal: Contributos para a História do Azulejo em Portugal*. [s. l.]: Editorial Diferença, 1997.
- MARTINS, 1998** – MARTINS, Fausto Sanches – «Colunas triunfais da Igreja de S. Gonçalo de Amarante. Interpretação Simbólica, Iconográfica e Iconológica», in *Actas do Congresso Histórico de Amarante. Reconstruir a Memória*. Amarante: [s. n.], 1998.
- MARTINS, 2000a** – MARTINS, Fausto Sanches – «Os santos protectores à luz da hagiologia», in revista *Museu*. Porto, 2000, IV série, n.º 9, pp. 173-192.
- MARTINS, 2000b** – MARTINS, Fausto Sanches – «Vicissitudes da construção do Colégio das Artes», in *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, pp. 525-537.
- MARTINS, 2001a** – MARTINS, Fausto Sanches – *Azulejaria Portuense*. Porto: Edições INAPA, 2001, Coleção Portucale.
- MARTINS, 2001b** – MARTINS, Fausto Sanches – «Do Colégio de S. Lourenço ao Seminário Maior da Sé do Porto», in *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2001, n.º 14, pp. 64-67.
- MARTINS, 2002** – MARTINS, Fausto Sanches – «Speculum Humanae Salvationis. Estudo iconográfico e iconológico – o sacrário de prata da Sé do Porto», in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras – Universidade do Porto, 2002, vol. 1, pp. 173-202.
- MARTINS, 2003** – MARTINS, Fausto S. – «Aspectos polémicos dos painéis de S. Vicente: ritual e iconografia», in *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, I série, vol. 2, pp. 267-290.
- MARTINS, s. d.** – MARTINS, Fausto – «Afinidades e divergências na concepção espacial entre o mosteiro beneditino e o colégio jesuíta», in revista *Polígrafia*. Centro de Estudos Domingos Pinho Brandão, n.º 9-10.

- MASCARENHAS, 1957** – MASCARENHAS, J. Fernandes – «A figura de S. Gonçalo de Lagos glorificada nos azulejos do Convento da Graça de Torres Vedras», in jornal *Povo Algarvio*. Tavira, 8 de Abril de 1957.
- MASSON, 1930** – MASSON, Louis – «Miracle de la Lactation de Saint Bernard», in revista *Aesculape*. Paris, 1930, n.º 3.
- MATA, 1991** – MATA, José Avelino Silva e – *Anais de Moura*. Edição fac-similada da edição de 1855. 1991.
- MATA, 2002** – MATA, Aida Reis da – «Fragmentos do Mosteiro de S. Martinho de Tibães», in revista *Património Estudos*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2002, n.º 2.
- MATA e COSTA, 1988** – MATA, Aida Maria Reis da, e COSTA, Maria João Sousa Lopes Dias – *Mosteiro de Tibães*. Braga: Instituto Português do Património Cultural, 1988.
- MATA e COSTA, 1998** – MATA, Aida Maria Reis da, e COSTA, Maria João Sousa Lopes Dias – *Mosteiro de Tibães*. Braga: Instituto Português do Património Cultural, 1998, 3.ª ed.
- MATA e OLIVEIRA, 1996** – MATA, Aida, e OLIVEIRA, Paulo João – «Tibães e a síntese das artes na época barroca. O testemunho dos cronistas», in *Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 1999, vol. II, pp. 521-528/Actas do Congresso. Braga: Museu Nogueira da Silva – Mosteiro de S. Martinho de Tibães, 11-14 de Junho de 1996, 2 vols.
- MATIAS e MORAIS, 1990-91** – MATIAS, Ana Luisa Bellino Pereira Mendes, e MORAIS, Clarisse Maria Valentim – *Iconografia Beneditina*. Porto: [Ed. dos Autores – Seminário de História da Arte – Universidade Portucalense Infante Dom Henrique], 1990-91.
- MATOS, 1931** – MATOS, Armando de – *As Armas da Capela dos Coimbras*. Gaia: Apolino, 1931.
- MATOS, 2007** – MATOS, Fernando Mota de – «Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave/Via Sacra», in *Portugal: Património/coordenação de Álvaro Duarte de Almeida e Duarte Belo*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2007, vol. I.
- MATOS, 1995** – MATOS, Pe. Jorge Manuel Marques de – *Igrejas e Capelas de Campo Maior*. Campo Maior: Paróquias de Campo Maior, 1995.
- MATTOSO, 1980** – MATTOSO, José (dir. de) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 8 vols.
- MECO, 1979** – MECO, José – *Azulejos de Gabriel del Barco na Região de Lisboa*, separata do *Boletim Cultural Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1979, n.º 85.
- MECO, 1980** – MECO, José – *O Pintor de Azulejos Manuel dos Santos: Definição e Análise da Obra*, separata do *Boletim Cultural Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa, Assembleia Distrital de Lisboa, 1980, n.º 86.
- MECO, 1981** – MECO, José – *A Azulejaria do Palácio da Independência, em Lisboa*. Separata do *Boletim Cultural Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1981, n.º 87.
- MECO, 1984** – MECO, José (coord.) – *Azulejos de Lisboa*. Câmara Municipal. Lisboa: C. M., 1984.
- MECO, 1985** – MECO, José – *Azulejaria Portuguesa*. [Venda Nova, Amadora]: Bertrand, cop. 1985. [Património português].
- MECO e ATAÍDE, 1986** – MECO, José, Maia – *A Igreja de Nossa Senhora do Loreto*. Lisboa: Embaixada de Itália/Instituto Italiano de Cultura, 1986.
- MECO, 1989** – MECO, José – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, cop. 1989.
- MECO, 1992** – MECO, José – «A azulejaria e a cerâmica escultórica nos Jerónimos», in *Jerónimos. 4 Séculos de Pintura*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, vol. 1, pp. 108-125.
- MECO, 1994** – MECO, José – «Lisboa barroca. Da Restauração ao Terramoto de 1755. A talha e o azulejo na valorização da arquitectura», in *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Lisboa'94 – Livros Horizonte, 1994.
- MECO, 1995** – MECO, José – *Iconografia Antoniana no Azulejo Português*, pp. 47-58, in «O Santo do Menino Jesus: Santo António, Arte e História». Organização do Comissariado das Comemorações Antonianas. Lisboa: Instituto Português de Museus – ICEP, 1995, vol. 3.
- MECO, 1997** – MECO, José – «Azulejos de Policarpo de Oliveira Bernardes no Convento da Serra de Ossa», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1997, n.º 1.
- MECO, 1998** – MECO, José – «Os frontais de altar quinhentistas e seiscentistas de azulejo. Do mudejarismo à influência orientais», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 1998, pp. 11-96.
- MECO, 1998-99a** – MECO, José – «A expansão da azulejaria portuguesa», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-99, n.º 36-37, pp. 8-19.
- MECO, 1998-99b** – MECO, José – «Azulejaria portuguesa na Bahia», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-99, n.º 36-37, pp. 52-87.
- MECO, 1999** – MECO, José – «Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto van Veen, Rubens», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1999, n.º 3/7, pp. 23-60.
- MECO, 2002a** – MECO, José – «Azulejaria», in *Roteiro da Exposição Permanente do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Museu Arqueológico do Carmo, 2002, pp. 127-133.
- MECO, 2002b** – MECO, José – «Azulejos e outras artes», in revista *Monumentos*, Lisboa, DGEMN, Setembro de 2002, n.º 17.
- MECO, 2005** – MECO, José – «Os azulejos do antigo Colégio de Jesus, dos Meninos Órfãos», in *O Colégio dos Meninos Órfãos da Mouraria*. Lisboa: Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier (1506-2006), 2005.
- MECO, 2006** – MECO, José, «Azulejos na cidade de Faro», in revista *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, Março de 2006, n.º 24.
- MECO, 2008** – MECO, José – «A integração do azulejo na arquitectura de Elvas», in revista *Monumentos*. Lisboa, IHRU, Dezembro de 2008, n.º 28, pp. 128-137.

- MEDINAS, 1994** – MEDINAS, Victor Joaquim Fialho – *A Arquitectura Capucha da Província da Piedade. Lisboa*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 1994.
- MEIRELES, 1942** – MEIRELES, Fr. António da Assunção – *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1942.
- MELO, 1995** – MELO, Magno – «Manuel Furtado e a pintura de tectos joaninos em Braga», in *Minia*. Braga: ASPA, 1995, 3.ª série, n.º 3, pp. 157-188.
- MELO, 1996** – MELO, Magno – *A Pintura de Tectos em Perspectiva no Portugal de D. João V (1706-1750)*. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1996, 2 vols.
- MELO, 1992** – MELO, Maria Teresa Osório de – *O Mosteiro Beneditino de Santa Maria de Semide*. Coimbra: Minerva, 1992.
- MELLO, s. d.** – MELLO, Adelino António das Neves e – *História da Cerâmica em Coimbra: Apontamentos*. Lisboa: Portugal, s. d., 2.ª ed.
- MELO, 1974** – MELO, Amílcar – «Lisboa: Azulejo: Santos tutelares: Em defesa dos registos em azulejos», in *Tempos Idos, Coleção de Gravuras Portuguesas*. Organização e edição de Camacho Pereira. Lisboa: Rotep, 1974, ano XIII, n.º 52 (?).
- MEN, s. d.** – Ministério da Educação Nacional – *Museu do Azulejo (Madre de Deus)*. Lisboa, s. d.
- MENDEIROS, 1959** – MENDEIROS, José Filipe – «O Humanismo da Universidade de Évora», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1959, ano XVI, n.ºs 41-42.
- MENDEIROS, 2000** – MENDEIROS, José Filipe – *Igreja da Misericórdia de Évora*. Évora: Gráfica Eborense, 3.ª ed., 2000.
- MENDEIROS, 2002** – MENDEIROS, José Filipe – *Os Azulejos da Universidade de Évora*. Évora: Universidade de Évora, 2002.
- MENDES, 2002** – MENDES, António Manuel Nunes Rosa – *Damiano António de Lemos Faria e Castro (1715-1789). Cultura e Política no Algarve Setecentista*. Dissertação de Doutoramento em História Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro, 2002.
- MESQUITA, 1998** – MESQUITA, Henrique – «Antropologia de Santo António à luz de autores portugueses», in *Itinerarium*. Revista Quadrimestral de Cultura. Braga: Ed. Franciscana, Janeiro-Abril de 1998, ano XLIV, n.º 160, pp. 27-58.
- MESTRE, 1984** – MESTRE, Joaquim M. Figueira – *Azulejaria de Beja*. Beja: Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja, [1984]. Separata do *Arquivo de Beja*, vol. II, 2.ª série.
- MESTRE, 1986** – MESTRE, Joaquim M. Figueira – *A Quinta da Morgeralda e os Seus Azulejos*. Separata do *Diário do Alentejo*. Beja: Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja, [D.L. 1986]. 1985.
- MESTRE, 1993** – MESTRE, Joaquim Figueira – *Beja. Olhares sobre a Cidade*. Beja: Câmara Municipal de Beja, 1993.
- MILHEIRO, 2000** – MILHEIRO, Maria Manuela de Campos – *Braga: A Cidade e a Festa no Século XVIII*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte em Portugal apresentada à FLUP. Porto: Ed. do Autor, 2000, 3 vols.
- MIRANDA, 1997-98** – MIRANDA, Ana Paula – «O Mosteiro de S. Bento da Avé Maria», in *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*. Porto, 1997-98, série III, n.º 15-16, pp. 222-224.
- MOITA, s. d.** – MOITA, Luiz – «A arte do azulejo em Portugal», in *Olisipo*, s. d., pp. 1-3.
- MONTEIRO, 1906a** – MONTEIRO, Manuel – «Prodígios de S. Bernardo em Azulejo», in *Portugália*. Porto: Imprensa Portuguesa, t. 2, 1906.
- MONTEIRO, 1906b** – MONTEIRO, Manuel – «Azulejos de figura avulsa», in *Serões*, 1906, n.º 13, pp. 14-20.
- MONTEIRO, 1991** – MONTEIRO, João Pedro – «Os vasos floridos do Convento de Nossa Senhora da Esperança em Lisboa», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1991, n.º 1, pp. 36-37.
- MONTEIRO, 1992** – MONTEIRO, João Pedro – «Iconografia de São Tiago em azulejos setecentistas», in *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1992, n.º 2, pp. 22-37.
- MONTEIRO, 1998** – MONTEIRO, Florival Baião – *Azulejaria do Convento de N.ª Sr.ª da Conceição de Beja*. Lisboa: [s. n.], 1998.
- MONTEIRO, 1998-99** – MONTEIRO, João Pedro – «O frontal de altar da Capela de Nossa Senhora da Piedade, Jaboatão, Pernambuco», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-99, n.º 36-37, pp. 158-176.
- MONTEIRO, 2001** – MONTEIRO, João Pedro – *O Azulejo no Porto – The tiles in Oporto*. Texto de João Pedro Monteiro, fotos de Estúdios Matos, Miguel Carvalho, tradução Língua Franca, Maria Eugénia Gameiro, colaboração de Ana Cristina Pereira Coutinho. Lisboa: Estar, 2001, 1.ª ed.
- MONTEIRO, 2001a** – MONTEIRO, Florival Baioa – *A Azulejaria do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja*. Beja: Região de Turismo Planície Dourada, 2001.
- MORAIS, 1981** – MORAIS, Adelino Tito de – «Artistas que trabalharam na Ordem Terceira de Ponte de Lima», in *I Colóquio Galaico-Minhoto*, Ponte de Lima, 1981, vol. 2.
- MORAIS, 1996** – MORAIS, Pedro Teixeira – «Convento de S. Francisco do Monte: passado e presente... Que futuro?», in *Estudos Regionais. Revista de Cultura do Alto Minho. Centro de Estudos Regionais*, n.º 16, 1996. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1996, pp. 217-228.
- MOREIRA, 1986** – MOREIRA, Rafael – «Do rigor técnico à urgência prática: a arquitectura militar», in *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, vol. 8.
- MOURA, 1998** – MOURA, Carlos Alberto Louzeiro – «Da figuração à decoração. O percurso artístico dos mosteiros cistercienses em Portugal entre os séculos XVI e XVIII», in *Arte de Cister em Portugal e Galiza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1998, pp. 328-375.

- MOUTA, s. d.** – MOUTA, J. Henriques – *Pintores de Viseu: escola ou dinastia?*. S. l.: s. n., s. d., p. 60.
- Mural da História, «Conservação e restauro das pinturas murais do Convento de São Francisco em Beja», in revista *Monumentos*. Lisboa: DGEMN, Setembro de 1995, n.º 3, pp. 72-77.
- MUSEU DA CIDADE** – «Registos de Santos», <http://museudacidade.pt/Lisboa/itinerariosculturais/Paginas/Os-registos-de-azulejos.aspx>
- Santo António: Exposição de Registos*. Catálogo de exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Departamento de Serviços Gerais, 2007.
- MNAA, 1947** – Museu Nacional de Arte Antiga – 6.^a *Exposição Temporária. Azulejos*. Catálogo. Lisboa, 1947.
- NEVES, 1957** – NEVES, Francisco Ferreira – «A fundação e extinção do convento das carmelitas descalças de Aveiro», in *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, 1957, XXIII, pp. 241-257.
- NEVES, 1958** – NEVES, Francisco Ferreira – «A fundação do Convento de Jesus de Aveiro. O gérmen do Convento», in *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, 1958, XXIV, pp. 199-216.
- NEVES, 1965** – NEVES, P. Serafim Gonçalves das – *Breve Notícia Histórica e Etnográfica de Azurara (Vila do Conde)*. Azurara: [s. n.], 1965, 8.^a ed.
- NEVES, 1992** – NEVES, Joaquim Pacheco – «Breve estudo sobre os azulejos de Vila do Conde», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*. Vila do Conde: C. M., 1992, n.º 9.
- NOBRE, 1957** – NOBRE, Antero – *O Pescador Que Quis Ser Monge e Foi Santo*. Separata do jornal *Povo Algarvio*. Távira, 1957, pp. 155-157.
- NÓBREGA, 1972** – NÓBREGA, Vaz Osório da – *Pedras de Armas Tumulares do Distrito de Braga*. Braga, 1972.
- NOGUEIRA e MARTINS, 2004** – NOGUEIRA, Lénia, e MARTINS, Patrícia – *Paróquia e Igreja de São Sebastião de Setúbal: História e Arte*. Setúbal: Paróquia de S. Sebastião, 2004.
- NORTON, 1888** – NORTON, Mendes – *Oeuvres d'Art de Raphael au Monastere de Refoios do Lima en Portugal*. Lisbonne, 1888.
- NOVAES, 1913** – NOVAES, Manuel Pereira de – *Anacrisis Histórial*. IV. *Collecção de manuscritos inéditos agora dados à estampa*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1913 e segs.
- NUNES, 1999** – NUNES, Graça Soares – «A agricultura do século XIX em algumas quintas da região de Vila Franca de Xira», in *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, n.º 8, pp. 175-204.
- OLIVEIRA, 1923** – OLIVEIRA, Luís Augusto de – «Azulejos do Convento de Santo António de rades capuchos», in *Almanaque de Ponte de Lima*. Ponte de Lima, 1924, ano 5.º, 1923, pp. 248-255.
- OLIVEIRA, 1962** – OLIVEIRA, Manuel Alves de – «A propósito do retábulo-mor da igreja de S. Francisco de Guimarães», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1962, vol. XXII, n.º 1-4.
- OLIVEIRA, 1970** – OLIVEIRA, Aurélio de Araújo – *Tibães (1630-1680: Estudo Sócio-Económico de Uma Abadia Beneditina do Noroeste Português*. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1970.
- OLIVEIRA, 1973** – OLIVEIRA, Aurélio de Araújo – *Elementos para a História do Barroco no Noroeste Português*. Porto: Faculdade de Letras, 1973.
- OLIVEIRA, 1974** – OLIVEIRA, Aurélio de – *A Abadia de Tibães e o Seu Domínio*. Porto: FLUP, 1974.
- OLIVEIRA, 1991** – OLIVEIRA, Aurélio – «Os Beneditinos e o caminho do Barroco», in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. 2, pp. 153-166.
- OLIVEIRA, 1992** – OLIVEIRA, Eduardo – «Arte religiosa e artistas em Braga – 1870-1920», in revista *Itinerarium*. Braga: [s. n.], 1992, ano XXXVIII, n.º 142.
- OLIVEIRA, 1993** – OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre o Século XVIII em Braga: História e Arte*. Braga: APPACDM, 1993.
- OLIVEIRA, 1994** – OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O Edifício do Convento do Salvador: do Mosteiro de Freiras ao Lar Conde de Agrolongo*. Braga: Lar Conde de Agrolongo, 1994.
- OLIVEIRA, 1996** – OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *Estudos sobre Braga e o Minho nos Séculos XVII-XVIII: História e Arte*. Prefácio de Vítor Serrão. Braga: APPACDM, 1996.
- OLIVEIRA, 1999a** – OLIVEIRA, Eduardo – «A Sé de Braga e D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728)», in *Actas do Simpósio Internacional «Struggle for Synthesis»*. A *Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Braga, 1999, pp. 239-252.
- OLIVEIRA, 1999b** – OLIVEIRA, Eduardo – *Braga, Percursos e Memórias de Granito e Oiro*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- OLIVEIRA, 2002** – OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O Recolhimento de Santa Maria Madalena e S. Gonçalo ou das Convertidas*. Braga: Governo Civil, 2002.
- OLIVEIRA et al., 1996** – OLIVEIRA, António José, SOUSA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de – *Fragmentos da Vida e Obra de Pedro Coelho, Mestre Escultor e Entalhador de São João de Gondar (Séculos XVII-XVIII)*. Braga: SPA, 1996, pp. 77-107.
- OLIVEIRA et al., 1997a** – OLIVEIRA, António José, e SOUSA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de – *Artistas Bracarense Que Trabalharam em Guimarães e Seu Termo no Século XVIII*. Separata da revista *Minia*. [Braga]: Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural, 1997, n.º 5, 3.^a série.
- OLIVEIRA et al., 1997b** – OLIVEIRA, António José, e OLIVEIRA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de Sousa – *Amaro José Farto, Pedreiro Galego na Arquitectura Vimaranesa do Séc. XVIII*. Separata da *Revista de Guimarães*. [s. l.]: [s. n.], 1997, vol. 107, pp. 167-202.
- OLIVEIRA et al., 2001** – OLIVEIRA, António José, e OLIVEIRA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de Sousa – «Os lampadários do Altar de Santo António da Igreja de S. Francisco de Guimarães», in *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2001, IV série, n.º 10, pp. 95-103.
- OLIVEIRA et al., 2003** – OLIVEIRA, António José, e OLIVEIRA, Lúcia Márcia Cardoso Correia de Sousa – «A talha da igreja do Convento de Santa Clara de Guimarães», in *Barroco: Actas [do] II Congresso Internacional*. Junho de 2001

- Porto-Vila Real-Aveiro-Arouca. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, pp. 119-140.
- OSSWALD, 2006** – OSSWALD, Maria Cristina – «S. Francisco Xavier no Oriente. Aspectos de devoção e iconografia», in *Conferência Internacional S. Francisco Xavier – Nos 500 Anos do Nascimento de S. Francisco Xavier*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto – Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2006.
- OZORIO, 1993** – OZORIO, João de Noronha – *A Capela Mor de São Francisco de Vila do Conde*. Separata do *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde*. Vila do Conde: C. M., Dezembro de 1993, nova série, n.º 12,.
- PAIS, 1963** – PAIS, Silva – *Barreiro Antigo e Moderno*. Barreiro, 1963.
- PAIS, 1998** – PAIS, Alexandre Manuel Nobre da Silva – *Presépios Portugueses Monumentais do Século XVIII em Terracota*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1998, 2 vols.
- PAIS, 1998-99** – PAIS, Alexandre Nobre – «“O Theatro Moral da Vida Humana” no Convento de São Francisco da Bahia», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-99, n.º 36-37, pp. 100-113.
- PAIS, 1995-99** – PAIS, Alexandre – «A Imagem de S. Bernardo em Azulejos do Mosteiro de Santa Maria de Cós», in *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- PAIS, 2007** – PAIS, Alexandre – «Inquietações da alma: reflexões sobre o simbolismo presente nos temas coadjuvantes de núcleos azulejares portugueses», in *Revista de História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2007, n.º 3, pp. 182-197.
- PAIS, PACHECO e COROADO, 2007** – PAIS, Alexandre Nobre, PACHECO, António, e COROADO, João – *Cerâmica de Coimbra. Do Século XVI-XX*. [s. l.]: Edições Inapa, 2007.
- PAIS e PEREIRA, 2000** – PAIS, Alexandre Nobre, e PEREIRA, João Castel-Branco – «Iconografia de S. Bernardo na azulejaria portuguesa do século XVII», in *Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos Séculos XVI, XVII e XVIII. Actas*. Colóquio, 23-27 de Novembro de 1994, Mosteiro de Alcobaça. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2000, pp. 225-232.
- PARRA, 1994** – PARRA, Júlio – *Azulejos: Painéis do Século XVI ao Século XX*. Coordenação de Nuno Vassallo e Silva, fotos de José Pedro Alboim Borges, Vítor Silva. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 1994 [Património artístico, histórico e cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1].
- PASSOS, 1956** – PASSOS, Carlos de – *O Mosteiro e a Igreja de Santo Tirso*. Separata de *O Concelho de Santo Tirso*, Boletim Cultural da C. M. de Santo Tirso. [s. l.]: C. M. Santo Tirso, 1956.
- PATRÃO, 1992** – PATRÃO, José Dias Heitor – «Igreja do Senhor do Bonfim de Portalegre (Séc. XIII)», in *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, 1992, n.º 7, nova série.
- PATRÃO, 2002** – PATRÃO, José Dias Heitor – *Portalegre, Fundação da Cidade e do Bispado. Levantamento e Progresso da Catedral*. Lisboa: Colibri, 2002.
- PEIXOTO, 1902** – PEIXOTO, Rosa – *Guia do Museu Municipal do Porto*. Porto: Typographia central, 1902.
- PEREIRA, 1867** – PEREIRA, Domingos Joaquim – *Memória Histórica da Villa de Barcelos. Barcelinhos e Villa Nova de Famalicão*. Viana do Castelo, 1867.
- PEREIRA, 1886-96** – PEREIRA, Gabriel – *Estudos Eborenses*. Évora: Minerva Eborense, 1886-96, n.º 1-37.
- PEREIRA, 1889** – PEREIRA, Gabriel – «S. Domingos de Benfica», in *Revista Arqueológica*. Lisboa, 1889, vol. III, p. 100.
- PEREIRA, 1905** – PEREIRA, Gabriel – *De Benfica à Quinta do Correio-Mor*. Lisboa, 1905.
- PEREIRA, 1906** – PEREIRA, Gabriel – *Torres Vedras. Notas d'Arte e Arqueologia*. Lisboa, 1906 [Texto reimpresso em *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa, 1910].
- PEREIRA, 1910** – PEREIRA, Gabriel – *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*. Lisboa, 1910.
- PEREIRA, 1906** – PEREIRA, Esteves, RODRIGUES, Guilherme – *Portugal-Dicionário*. Lisboa: 1906, vol. II.
- PEREIRA e RODRIGUES, 1909** – PEREIRA, Esteves, e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal Dicionário*. Lisboa, 1909, vol. IV.
- PEREIRA e RODRIGUES, 1912** – PEREIRA, Esteves, e RODRIGUES, Guilherme – *Portugal Dicionário*. Lisboa, 1912, vol. VI.
- PEREIRA, 1989** – PEREIRA, J. Fernandes (dir.) – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença, 1989.
- PEREIRA, 1997** – PEREIRA, Ana Maria Magalhães de Sousa – *Da Casa Grande dos Pelames à Casa Nova da Rua Dom Gualdim*. Dissertação de Mestrado. Porto: FLUP, 1997.
- PEREIRA, 1998** – PEREIRA, J. Fernandes – «Cister, a arquitectura e a cultura artística na época moderna», in *Arte de Cister em Portugal e Galiza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1998, pp. 230-279.
- PEREIRA, 1999** – PEREIRA, João Castel-Branco – «Azulejos neoclássicos», in *Oceanos. Azulejos de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Março de 1999, n.º 36-37, pp. 211-237.
- PEREIRA, 2001** – PEREIRA, Ana Maria M. de Sousa – *A Capela de S. Geraldo da Sé de Braga*. Braga: Cabido Metropolitano e Primacial da Sé de Braga – Militiae Sanctae Mariae – Associação Tertio Millennio, 2001.
- PEREIRA et al., 1997** – PEREIRA, João Castel-Branco (coord.) et al. – *Cerâmica Neoclássica em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1997.
- PESTANA e FILIPE, 2009** – PESTANA, Manuel Inácio, e FILIPE, Carlos – *Vila Viçosa – História, Arte e Tradição*. Lisboa: Colibri, 2009.
- PIMENTA, 1940** – PIMENTA, Alfredo – «O Mosteiro da Madre de Deus de Guimaraens em 1776», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal de Guimarães, 1940.
- PIMENTEL, 2000** – PIMENTEL, António Filipe – «Cidade do saber/cidade do poder. A arquitectura da Reforma», in *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coordenação de Ana Cristina Araújo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000.

- PIMENTEL, 2002** – PIMENTEL, António Filipe – *A Morada da Sabedoria. O Paço Real de Coimbra: Das Origens ao Estabelecimento da Universidade*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: [Ed. do Autor], 2002.
- PINA, 2001** – PINA, Fernando Correia – *Fronteira, Subsídios para Uma Monografia*. Fronteira: Câmara Municipal de Fronteira, 2001.
- PINHO, 2000** – PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de – *O Mosteiro de São Bento de Ave Maria do Porto: 1518/1899. Uma Arquitectura no Século XVIII*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2000, 2 vols.
- PIRES, 1899** – PIRES, António Tomás – *Materiais para a História da Vida Urbana Portuguesa*. Separata da Sociedade de Geografia. Lisboa, 1899.
- PIRES, 1924-26** – PIRES, António Pequito Caldeira – *História do Palácio Nacional de Queluz*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924-26, 2 vols.
- PORTELA e QUEIROZ, 2002** – PORTELA, Ana Margarida, e QUEIROZ, Francisco – «Contributos para a história da arquitectura e do urbanismo em Montemor-o-Novo, do século XVI ao século XIX: I – O Convento de Nossa Senhora da Saudação; II – O Cemitério de S. Francisco», in *Almansi*. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2002, 2.ª série, n.º 1, pp. 55-143.
- PORTTELA, 1882** – PORTTELA, M. M. – *Notícia dos Monumentos Nacionais e Edifícios e lugares notáveis do concelho de Setúbal*. Lisboa: Typographia de Mattos Moreira & Cardoso, 1882.
- PRAZERES, 1685-96** – PRAZERES, Frei João dos – *O Príncipe dos Patriarcas São Bento*. Lisboa, 1685-1696 [2 ts., 1 vol.].
- PROENÇA e DIONÍSIO, 1932** – PROENÇA, Raul, e DIONÍSIO, Santana – *Guia de Portugal: Extremadura, Alentejo, Algarve*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1927.
- PROENÇA, 1988** – PROENÇA, Maria José – *A Ordem Terceira Franciscana em Braga e Sua Igreja*. Braga: [s. n.], 1998.
- QUARESMA, 1995** – QUARESMA, Maria Clementina de Carvalho – *Inventário Artístico de Portugal: Cidade do Porto*. Lisboa: ANBA, 1995.
- QUEIROZ, 1907** – QUEIROZ, José – *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa, 1907, 1.ª ed.
- QUEIROZ, 1913** – QUEIROZ, José – *Olarias do Monte Synai*. Lisboa: Typographia Castro Irmão, 1913.
- QUEIROZ, 1916** – QUEIROZ, José – «Louça e azulejos de Torres Vedras», in revista *Terra Portuguesa*. Lisboa, 1916, vol. I, n.º 2.
- QUEIROZ, 1948 e 2002** – QUEIROZ, José – *Cerâmica Portuguesa*. Lisboa: [s. n.], 1948, 2 vols., 2.ª ed. (2002, 4.ª ed., Editorial Presença).
- QUEIRÓS, 2006** – QUEIRÓS, Carla Sofia Ferreira – *A Importância da Sede do Bispado de Lamego na Difusão da Estética Retabular: Tipologias e Gramática Decorativa nos Séculos XVII-XVIII*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: [Ed. do Autor], 2006.
- QUIGNARD, 1992** – QUIGNARD, Pascal – *A Fronteira*. Tradução de Pedro Tamen, fotos de Nicolas Sapieta e Paulo Cintra, texto sobre azulejos do jardim de José Meco. Lisboa: Quetzal editores, 1992.
- QUINTAS, 1993** – QUINTAS, Maria da Conceição – *Monografia da Freguesia de S. Julião*. Setúbal: Junta de Freguesia de S. Julião, 1993.
- RACZYNSKI, 1846** – RACZYNSKI, A. – *Les Arts en Portugal*. Paris, 1846.
- RAPOSO, 1995** – RAPOSO, Isabel – *Alte na Roda do Tempo*. Alte: Casa do Povo de Alte, 1995, p. 134.
- RAPOSO e REIS, 1994** – RAPOSO, Francisco Hipólito, e REIS, António Estácio dos – «Os azulejos náuticos da Quinta de São Lourenço», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Março de 1994, n.º 17, pp. 109-115.
- RÉAU, 1955-58** – RÉAU, Louis – *Iconographie de l'art chrétien*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955, 6 vols.
- RÉAU, 2000** – RÉAU, Louis – *Iconografia del Arte Cristiano*, 2000, 2.ª ed., vol. 1, t. 2.
- REGRA DE OURO, 2003** – REGRA DE OURO, Sociedade de Restauradores – «Intervenção de conservação e restauro na grade do arco-cruzeiro do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro», in revista *Estudos Património*. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2003, n.º 5, pp. 119-121.
- REIS, 1981** – REIS, António Matos – «As faianças Viana...», in *Actas do I Congresso Galaico-Minhoto*, Setembro de 1981.
- REIS, 1982** – REIS, António de Matos – *Introdução ao Estudo da Faiança de Viana*. Viana do Castelo: [s. n.], 1982 (Viana do Castelo: Gráf. Casa dos Rapazes).
- REIS, 1984** – REIS, António de Matos – «Os azulejos neo-clássicos da Casa das Cortinhas», in revista *Terras de Val de Vez. Boletim Cultural*. Arcos de Valdevez: GEPA – Grupo de Estudos do Património Arcuense, 1984, n.º 7, pp. 59-62.
- REIS, 1988** – REIS, António de Matos – «O património artístico do Mosteiro de Refóios do Lima», in *Subsídios para a História do Convento de Refóios*. Ponte de Lima, 1988, pp. 37-51.
- REIS, 1989** – REIS, António de Matos – «As igrejas de Santo António dos Frades e de S. Francisco dos Terceiros, em Ponte de Lima», in *Estudos Regionais. Revista de Cultura do Alto Minho. Centro de Estudos Regionais*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1989, n.º 6, pp. 5-14.
- REIS, 1990** – REIS, António de Matos – «A arte na arquidiocese de Braga sob a égide do arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728): o estilo, as obras e os artistas», in *Actas do Congresso Internacional IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. II. A Catedral de Braga na História e na Arte (Séculos XII-XIX)*. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia, Braga – Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1990, vol. II, t. 2, pp. 373 e segs.
- REIS, 1993** – REIS, António de Matos – «Viana, a cidade através do tempo», in *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da C. M., 1993, t. XVI, pp. 13-30.

- REIS, 1995** – REIS, António de Matos – «Caminhos da História da Arte no Noroeste de Portugal no primeiro quartel do século XVIII», in *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da C. M., 1995, t. 19.
- REIS, 2000** – REIS, António de Matos – *Ponte de Lima no Tempo e no Espaço*. Ponte de Lima: C. M., 2000.
- REIS, 2001** – REIS, António Matos – «As faianças de Prado (e não de Monte Sinai)», in *Minia*. Braga: ASPA, 2001, n.º 8-9, pp. 131-140.
- RELATÓRIO DE A. FUSCHINI E F. SERPA** – *Arquivo de Beja*. 1944, vol. 1.
- REMA, 1982** – REMA, Henrique Pinto (org.) – *Álbum Comemorativo do 750º Aniversário da Morte de Santo António 1231-1981*. Lisboa: Edição da Igreja – Casa de Santo António, 1982.
- REMA, 1982** – REMA, Henrique Pinto, OFM – *Santo António de Lisboa*. Introdução e selecção de textos de Francisco da Gama Caeiro. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.
- RESENDE, 2006** – RESENDE, Nuno (coord.) – *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, 2 vols.
- RIBADENEYRA, 1704** – Ribadeneyra, Pe. Pedro de – *Fios Sanctorum*. Lisboa, 1704, pp. 399-413.
- RIBEIRO, 1911** – RIBEIRO, Victor, «Ceramistas do século XVIII», in *Arquivo Histórico Português*. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1911, vol. IX, pp. 1-8.
- RIBEIRO, 1915** – RIBEIRO, Victor – *Arquivo da Misericórdia de Lisboa*. Coimbra, 1915.
- RIBEIRO, 1937** – RIBEIRO, Luciano – *A Igreja de S. Simão em Vila Fresca de Azeitão*. Separata do II Volume dos *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 1937.
- RIBEIRO, 1946** – RIBEIRO, Bartolomeu, OFM – *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular. Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da Província dos Santos Mártires de Marrocos*. Residência de Leixões, 1946.
- RIBEIRO, 1952** – RIBEIRO, Bartolomeu, OFM – *Os Terceiros Franciscanos em Portugal. Sete Séculos da Sua História*. Braga: Tip. Missões Franciscanas, 1952.
- RIBEIRO, 1990a** – RIBEIRO, Bartolomeu, OFM – *Convento de Santo António de Varatojo/Frei Bartolomeu Ribeiro*. Braga: [s. n.], 1990.
- RIBEIRO, 1990b** – RIBEIRO, Pe. José Manuel Oliveira – «A Igreja de S. Dâmaso de Guimarães», in *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães, 1990, vol. XLI, pp. 61-94.
- RIBEIRO, 1999a** – RIBEIRO, José Alberto – «A capela sepulcral dos Ataíde no Convento de Santo António da Castanheira», in *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, n.º 8, pp. 7-18.
- RIBEIRO, 1999b** – RIBEIRO, José Alberto – «O Palácio do Sobralinho ou a reinvenção de um paço nobre do século XVII», in *Cira Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1999, n.º 8, pp. 83-92.
- ROCHA, 1994a** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Altars e Invocações na Sé de Braga: A Formação de Um Espaço Contra-Reformista*, 1994.
- ROCHA, 1994b** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – «Altars e imaginária num convento de monjas beneditinas», in revista *Poligrafia*. Centro de Estudos Domingos Pinho Brandão, 1994, n.º 3, pp. 99-113.
- ROCHA, 1994c** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Arquitectura Civil e Religiosa de Braga nos Séculos XVII e XVIII. Os Homens e as Obras*. Braga, 1994, Col. Centro de Estudos D. Domingos Pinho Brandão – Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2.
- ROCHA, 1995** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Dirigismo na Produção da Imaginária Religiosa nos Séculos XVI-XVIII: As Constituições Sinodais*. Separata da revista *Museu*, 4.ª série, n.º 3, 1995. [S. l.: s. n.], 1996, pp. 187-202.
- ROCHA, 1996** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e Arquitecto de Braga. 1693-1751*. Porto: Colecção Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1996.
- ROCHA, 1999** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – «Obras no Convento de Santa Ana de Viana do Castelo: séculos XVII-XVIII», in *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: In Memoriam*. Porto: FLUP, [1999], vol. 2, pp. 289-311.
- ROCHA, 2003** – ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Das Construções e das Reconstruções: A Memória de Um Mosteiro. Santa Maria de Arouca – Séc. XVII/XX*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à FLUP. Porto, 2003, 3 vols.
- ROCHA, 2008** – ROCHA, Luzia – «*Al Zulajju*: Music in the ceramic tiles of São Vicente de Fora Monastery in Lisbon», in *Music in Art*. Nova Iorque: Research Center for Music Iconography, The City University of New York, Primavera-Outono de 2008, vol. XXXIII, n.º 1-2, pp. 301-315.
- RODRIGUES, 1875** – RODRIGUES, Francisco de Assis Rodrigues – *Dicionário Técnico e Histórico de Pintura, Escultura, Arquitectura e Gravura*. Lisboa, 1875.
- RODRIGUES, 1982** – RODRIGUES, Alice Correia Coutinho – «O Convento de Santo António da Pedreira em Coimbra – Inventário dos seus bens ao tempo da sua extinção (1834)», in *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra: AUC, 1982, vol. IV.
- RODRIGUES, 1987** – RODRIGUES, F. de Matos – *Os Azulejos Setecentistas do Convento de Brancanes em Setúbal actual B. S. S.* [S. l.: s. n.], 1987.
- RODRIGUES e PEREIRA, 1988** – RODRIGUES, Jorge, e PEREIRA, Paulo – *Portalegre*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- RODRIGUES e PEREIRA, 1989** – RODRIGUES, Jorge, e PEREIRA, Paulo – *Guia Artístico do Crato*. Crato: Câmara Municipal do Crato, 1989.
- RODRIGUES e PEREIRA, 1996** – RODRIGUES, Jorge, e PEREIRA, Mário – *Elvas*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

- RODRIGUES, 2003** – RODRIGUES, António Manuel Carvalho – *Da Arte de Miranda, Subsídios para Uma Monografia Artística dos Principais Monumentos do Concelho de Miranda do Corvo*. Miranda do Corvo: Câmara Municipal de Miranda do Corvo, 2003.
- RODRIGUES et al., 2006** – RODRIGUES, Américo; PEREIRA, Varico; e SÁ, Hugo – *Guião Turístico de Nossa Senhora do Porto de Ave*. Turel – Turismo Cultural e Religioso, 2006.
- RODRIGUEZ DE LA FLOR, 1995** – RODRIGUEZ DE LA FLOR, Fernando – *Emblemas: lecturas del a imagen simbolica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- RODRIGUEZ FRANCO e SORIA, 2000** – RODRIGUEZ FRANCO, Servando, e SORIA, Pepe – *Olivenza, Una visita guiada*. Olivenza: Venero Libreria, 2000.
- ROMBA, 2001-02** – ROMBA, Sandra – *A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Faro*. Trabalho de Seminário Licenciatura em Estudos Portugueses. Faro: Universidade do Algarve, 2001-02.
- ROSA, 1966** – ROSA, José António Pinheiro e – *Arte Sacra em Tavira*. Tavira, 1966, p. 80.
- ROSA, 1969** – ROSA, José António Pinheiro e – «A Igreja de Santo António dos Capuchos de Faro (Museu Arqueológico)», in *Anais do Município de Faro*. Faro, 1969.
- ROSAS, 1996** – ROSAS, Lúcia – *Monumentos Pátrios: A Arquitectura Religiosa Medieval – Património e Restauro (1835-1929)*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à FLUP. Porto, 1996, 2 vols.
- RUÃO, 1996** – RUÃO, Carlos – *Arquitectura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*. Coimbra: Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra – EN Electricidade do Norte, S.A., 1996.
- SABO, 1998** – SABO, Rioletta – *Azulejos Arte e História: Azulejaria de Palácios, Jardins e Igrejas em Lisboa e Arredores*. Lisboa: INAPA, 1998.
- SALAVESSA, 1996** – SALAVESSA, Eunice – *Igreja de São Paulo de Vila Real. Subsídios para a Sua Reabilitação e o Seu Restauro*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1996, Série Didáctica – Ciências Aplicadas, n.º 89.
- SALDANHA, 1989** – SALDANHA, Nuno – «A vida de José do Egípto de André Gonçalves. Iconografia, paisagem e ideal clássico de paisagem», in *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa: [Assembleia Distrital de Lisboa], 1989, 2 (91).
- SALDANHA, 1995** – SALDANHA, Nuno – *Poéticas da Imagem. A Pintura nas Ideias Estéticas da Idade Moderna*. Lisboa: Caminho, 1995 (col. Universitária).
- SALLES, 1924** – SALLES, Pe. Ernesto – «Cerâmica Portuguesa», in *Arqueologia e História*, III, 1924.
- SALLES, 1925** – SALLES, Pe. Ernesto – *Nosso Senhor dos Passos da Graça (de Lisboa). Estudo Histórico da Sua Irmandade com o Título de «Santa Cruz e Passos»*. Lisboa, 1925.
- SALLES, 1934** – SALLES, Pe. Ernesto – «Cerâmica portuguesa», in *Arqueologia e História*. Lisboa, 1934, vol. III.
- SALVADO, 1976** – SALVADO, António – *Elementos para Um Inventário Artístico do Distrito de Castelo Branco*. Castelo Branco: Secretaria de Estado da Cultura, Direcção-Geral do Património Cultural, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 1976.
- SANTA MARIA, 1707-23** – SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano, e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pre-gadores e dos devotos da mesma Senhora....* Lisboa: Off. António Pedrozo Galvão, 1707-23.
- SANTIAGO, 1762** – SANTIAGO, Fr. F. de – *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade da mais estreita, e regular Observancia do Serafico Padre S. Francisco do Instituto dos Descalços no Reino de Portugal*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1762.
- SANTOS, 1957** – SANTOS, Reinaldo dos – *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Ed. Sul, imp. 1957.
- SANTOS, 1958** – SANTOS, Manuel Tavares dos – *Castelo Branco na História e na Arte*. Porto, 1958.
- SANTOS, 1995** – SANTOS, Manuela de Alcântara – «Para uma biografia do mestre escultor e entalhador Ambrósio Coelho», in *Minia*. Braga: ASPA, 1995, 3.ª série, ano III, pp. 123-156.
- SANTOS, 2007** – SANTOS, Diana Gonçalves dos – *Azulejaria dos Séculos XVII e XVIII na Arquitectura dos Colégios das Ordens Religiosas em Coimbra*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2007, 2 vols.
- SANTOS, no preloa** – SANTOS, Diana Gonçalves dos – «Azulejaria setecentista do Colégio de Santo António da Pedreira [OFM] em Coimbra: aspectos iconográficos e iconológicos», in *Actas do Congreso Internacional El Viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su Legado (1214-2014)*. Córdoba: Asociacion Hispanica de Estudios Franciscanos.
- SANTOS, no prelob** – SANTOS, Diana Gonçalves dos – «Azulejaria tardobarroca dos colégios das ordens religiosas de Coimbra: circunstâncias de encomenda e de produção artística», in *Actas do IV Seminário Internacional Luso-Brasileiro. A Encomenda. O Artista. A Obra*. Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.
- SANTOS, no preloc** – SANTOS, Diana Gonçalves dos – «Salvador de Sousa, pintor de azulejo. Contributo para o conhecimento da sua actividade a partir de uma nota de arrendamento (1760)», in *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SANTOS, no prelod** – SANTOS, Diana Gonçalves dos – «A gravura europeia e azulejaria setecentista dos colégios universitários das ordens religiosas em Coimbra. Três núcleos *in situ* em análise», in *Actas do III Colóquio de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva*, 2009. Lisboa: FRESS/Escola Superior de Artes Decorativas.
- SÃO TOMÁS, 1974** – SÃO TOMÁS, Frei Leão de – *Benedictina Lusitana*. Edição fac-similada do original de 1651; introdução e notas de José Mattoso. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, 2 tomos.
- SAPORITI, 2006** – SAPORITI, Teresa – *Azulejaria do Distrito de Portalegre*. Lisboa: [s. n.], 2006.

- SAPORITI, 2008** – SAPORITI, Teresa – *Azulejos do Mosteiro de São Bernardo em Portalegre*. Lisboa: [s. n.], 2008.
- SARAIVA, 1975** – SARAIVA, Carlota – *Contribuição para o Estudo dos Azulejos do Instituto de Odivelas*. Lisboa, 1975.
- SEBASTIÁN, 1991** – SEBASTIÁN, Santiago – «Iconografia del Claustro Barroco en Portugal, Espana e Iberoamérica», in *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil do Porto, 1991, vol. 2, pp. 403-418.
- SEBASTIÁN, 1991a** – SEBASTIÁN, Santiago – *Los Emblemas del Camino Real de la Cruz de Van Haeften*. Separata do *Boletín del Museo e Instituto Camon Aznar*, 1991, XLIV (5-64).
- SEQUEIRA e ROCHA JÚNIOR, 1924** – SEQUEIRA, Gustavo Matos, e ROCHA JÚNIOR – *Oliveira*. Lisboa: Portugalíia, imp. 1924, pp. 90-91, 92 e 93.
- SEQUEIRA, 1950** – SEQUEIRA, Gustavo Matos – *Palácios e Solares Portuguezes*. Porto: Livraria Lello, 1950.
- SEQUEIRA, 1967-83** – SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terramoto, Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa*. Reimpressão. Lisboa: Academia das Ciências, 1967-83, 4 vols.
- SERPA, s. d.** – SERPA, J. Gonçalves – *Enciclopédia Diocesana*. Beja: Ed. do Autor, s. d.
- SERRÃO, 1997** – SERRÃO, Vítor – *Sesimbra Monumental e Artística*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.
- SERRÃO, 1983** – SERRÃO, Vítor – *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores*. Lisboa: INCM, 1983.
- SERRÃO e DACOS, 1992** – SERRÃO, Vítor, e DACOS, Nicole – «Do grotesco ao brutesco. As artes ornamentais e o fantástico em Portugal (séculos XVI a XVIII)», in *Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – IPPC – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, pp. 37-53.
- SERRÃO, 1992a** – SERRÃO, Vítor – «Quadros da Vida de S. Francisco Xavier», in *Oceanos*, n.º 12. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, Nov 1992, pp. 55-69.
- SERRÃO, 1993** – SERRÃO, Vítor – *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1993.
- SERRÃO, 1996a** – SERRÃO, Vítor – «As oficinas de Guimarães nos séculos XVI-XVIII e as colecções de pintura do Museu de Alberto Sampaio», in *A Coleção de Pintura do Museu de Alberto Sampaio*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1996, p. 89-147.
- SERRÃO, 1996b** – SERRÃO, Vítor – «António Pereira Ravasco, ou a influência francesa na arte do tempo de D. Pedro II», in *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: In Memoriam*. Porto: FLUP, 1996, vol. 2, pp. 347-362.
- SERRÃO, 1997** – SERRÃO, Vítor – «O conceito de totalidade nos espaços do Barroco Nacional: a obra da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja (1672-1698)», in *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: 1996-97, 5.ª série, n.º 21-22.
- SERRÃO, 1998a** – SERRÃO, Vítor – «Sobre a iconografia da Mater Omnium: a pintura de intuitos assistenciais nas Misericórdias durante o século XVI», in *Oceanus*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Julho-Setembro de 1998, n.º 35, pp. 134-144.
- SERRÃO, 1998b** – SERRÃO, Vítor – *André de Padilha e a Pintura Quinhentista entre o Minho e a Galiza*. Lisboa, 1998.
- SERRÃO, 2003** – SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 2003, vol. 4.
- SERRÃO, 2006** – SERRÃO, Vítor – «A arte da pintura na Diocese de Lamego (séculos XVI-XVIII)», in *O Compasso da Terra: A Arte enquanto Caminho para Deus*. Lamego: Diocese de Lamego, 2006, vol. 1.
- SERRÃO, LAMEIRA e FALCÃO, 2007** – SERRÃO, Vítor, LAMEIRA, Francisco, e FALCÃO, José António – *A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres em Beja: Arte e História de Um Espaço Barroco (1672-1698)*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007.
- SERRÃO e MECO, 2007** – SERRÃO, Vítor, e MECO, José – *Palmela Histórico-Artística: Um Inventário do Património Artístico Concelhio*. Lisboa/Palmela: Edições Colibri/Câmara Municipal de Lisboa, 2007.
- S. GREGÓRIO MAGNO, 1993** – S. GREGÓRIO MAGNO – *São Bento: II Livro dos Diálogos de S. Gregório*. Tradução de Gabriel de Sousa, apresentação de Geraldo Amadeu Coelho Dias. Porto / Santo Tirso: Mosteiro de S. Bento da Vitória / Ora & Labora, 1993.
- SILVA, s. d.** – SILVA, Félix Caetano da – *Apontamentos Vários sobre as Memórias da História da Cidade de Beja*. Ms. 8019, BNL.
- SILVA, 1958** – SILVA, António Lambert Pereira da – *Nobres Casas de Portugal*. Porto, 1958, vol. 1., s. d., vols. 2 e 3.
- SILVA, 1986** – SILVA, Francisco Liberato Teles de Castro e – *Duas Palavras sobre Pavimentos*. Lisboa, 1986, p. 210.
- SILVA, 1987** – SILVA, José Custódio Vieira da – *A Igreja de Jesus de Setúbal*. Setúbal: Salpa – Associação para a Salvaguarda do Património Cultural e Natural da Região de Setúbal, 1987.
- SILVA, 1989** – SILVA, José Custódio Vieira da – *O Tardo-gótico em Portugal – a Arquitectura no Alentejo*. Lisboa, 1989.
- SILVA, 1990** – SILVA, José Custódio Vieira da – *Setúbal*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- SILVA, DAMÁSIO e FERNANDES, 1996** – SILVA, Armando Barreiros Malheiro da, DAMÁSIO, Luís Pimenta de Castro, e FERNANDES, José Queiroga – «O Convento de S. Bento dos Arcos. Breves subsídios para o seu estudo histórico e artístico», in *Estudos Regionais. Revista de Cultura do Alto Minho. Centro de Estudos Regionais*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais, 1996, n.º 17, pp. 33-74.
- SILVA, 1997** – SILVA, Maria Joana Corte-Real Lencart e – *O Costumeiro de Pombeiro: Uma Comunidade Beneditina no Séc. XIII*. Tese de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Lisboa: Estampa, 1997 (Histórias de Portugal, 35).

- SILVA, 1998** – SILVA, Ilídio Jorge Costa Pereira da – *A Significação dos Espaços Privados nas Comunidades Cenobíticas: Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra entre 1527 e 1640 e até 1834*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1998.
- SILVA, 2000** – SILVA, Luísa Maria de Moura Rodrigues – *A Construção do Novo Mosteiro de Santa Clara de Coimbra: 1647-1769. Da Decisão à Conclusão: Obras e Arquitectos*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Ed. do Autor, 2000.
- SILVA et al., 2002** – SILVA, Teresa Parra, GOMES, Maria Manuela Malhoa, e SILVA, Armando Roque da – *São Bento Renascido. Conservação e Restauro dos Azulejos do Palácio de São Bento*. Lisboa: Assembleia da República, 2002.
- SILVEIRA e AFONSO, 2008** – SILVEIRA, Cláudia, e AFONSO, Fátima – «Carta do património do concelho do Seixal. A Quinta da Trindade, Imóvel de Interesse Público, no Seixal», in *Ecomuseu Informação, Boletim Trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal*. Seixal: Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal, Abril-Maio-Junho de 2008, n.º 47 (ed. On-line).
- SILVEIRA, 1941** – SILVEIRA, Luís – *Colecção de Desenhos da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*. Évora, 1941.
- SILVEIRA, 1945** – SILVEIRA, Luís – «Desenhos antigos da Biblioteca de Évora», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1945, Setembro-Dezembro, n.º 9-10, pp. 3-15.
- SIMÕES 1943** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «A intenção decorativa do azulejo», in *Litoral*. 1943, n.º 3, pp. 279-268.
- SIMÕES, 1944** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Alguns azulejos de Évora», in *A Cidade de Évora*, Dezembro de 1943, n.º 5, pp. 3-17; Março de 1944, n.º 6, pp. 78-86; Junho-Setembro de 1944, n.ºs 7-8, ano II, pp. 41-52; Setembro-Dezembro de 1945, n.ºs 9-10, ano III, pp. 91-104.
- SIMÕES 1944a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejos Arcaicos em Portugal*. Separata da comunicação apresentada ao Congresso para o Progresso das Ciências em Córdoba. Asociacion Española para el Progreso de las Ciencias, 1944, t. XVIII.
- SIMÕES, 1944b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos de Beja», in *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal de Beja, vol. I, n.º 4, pp. 309-323.
- SIMÕES, 1944c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Antwerpesche tegles van omstrecks 1558 in Portugal», in *Antwerpens Koninklike Oubeidkundige Kring*. Em colaboração com VAN HERCK, Ch. Jaarboek XX-XXI, Antuérpia, 1944.
- SIMÕES, 1945a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Alguns azulejos de Évora», in *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1945, 2.ª série, vol. III, n.ºs 1-2.
- SIMÕES, 1945b** – SANTOS, J. M. dos Santos – *Os Azulejos do Paço de Vila Viçosa*. Lisboa: Ed. Fundação da Casa de Bragança, Prémio José de Figueiredo / Academia Nacional de Belas-Artes, 1945.
- SIMÕES 1945c** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Presépios em azulejo», in *Mocidade Portuguesa Feminina*. Lisboa, Dezembro de 1945.
- SIMÕES, 1946a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Panneaux de majolique au Portugal», in revista *Faenza*. Faenza: Stabilimento Grafico, 1946, pp. 3-6.
- SIMÕES, 1946b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos iconográficos no Museu de Lisboa», in revista *Faenza. Bolletino del Museo Internazionale delle ceramiche in Faenza*. Faenza, 1946, ano XXXIV, fasc. I, pp. 110-111.
- SIMÕES, 1946c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Maioliche flamminghe e spagnole in Portogallo» in *Faenza – Bolletino del Museo Internazionale delle Ceramiche in Faenza*, ano XXXII, fasc. II, Faenza, 1946.
- SIMÕES, 1947a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus Azulejos*. Figueira da Foz: Ed. Museu Municipal Dr. Santos Rocha, 1947.
- SIMÕES 1947b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejos – 6.º Exposição Temporária de Azulejos do Museu Nacional de Arte Antiga*. Catálogo da exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1947.
- SIMÕES 1947c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Considerações sobre a colecção de azulejaria do Museu Nacional de Arte Antiga», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, 1947, vol. I, n.º 2, pp. 86-94.
- SIMÕES, 1948a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Os azulejos holandeses do Palácio Saldanha», in revista *Belas-Artes. Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa, 1948, 2.ª série, n.º 1.
- SIMÕES, 1948b** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Azulejos iconográficos no Museu de Lisboa», *Faenza – Bolletino del Musco Internazional del Ceramiche in Faenza*. Faenza, 1948, ano XXXIV, fasc. I, pp. 110-111.
- SIMÕES, 1949a** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Le rôle de la decoration cerâmique dans l'architecture portugaise des XVII-XVIII siècles», in *XVI Congrès International d'Histoire de l'Art*. Lisboa/Porto, 1949, vol. II, pp. 287-288.
- SIMÕES 1949b** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Os mais antigos azulejos algarvios», in *Correio do Sul*. Faro, 14 de Julho de 1949, n.º 1656.
- SIMÕES, 1949c** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Os notáveis azulejos da Igreja de São Lourenço de Almancil», in *Correio do Sul*. Faro, 28 de Julho de 1949, n.º 1657.
- SIMÕES, 1949e** – SANTOS, J. M. dos Santos – «O notável revestimento de azulejo figurado de uma capela da Sé de Faro», in *Correio do Sul*. Faro, 4 de Agosto de 1949, n.º 1657.
- SIMÕES, 1949f** – SANTOS, J. M. dos Santos – «O problema dos azulejos da Igreja de S. Francisco de Faro», in *Correio do Sul*. Faro, 14 de Agosto de 1949, n.º 1659.
- SIMÕES, 1949g** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Excertos de um estudo inédito. II – Os notáveis azulejos da igreja de São Lourenço de Almancil e da capela de Nossa Senhora da Conceição de Loulé», in *Correio do Sul*. Faro, 28 de Julho de 1949.
- SIMÕES, 1949h** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Excertos de um estudo inédito. IV – O problema dos azulejos da igreja de S. Francisco de Faro», in *Correio do Sul*. Faro, 18 de Agosto de 1949.

- SIMÕES, 1949j** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Excertos de um estudo inédito. V – Os azulejos das igrejas matrizes de Estombar e S. Clemente de Loulé», in *Correio do Sul*. Faro, 25 de Agosto de 1949, p. 4.
- SIMÕES, 1955** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Les carreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne*. Haia: Imp. Nac. des Pays-Bas, 1955.
- SIMÕES, 1956** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos in a land of many colours», in *Connoisseur*. 1956, vol. LXXXVII, n.º 551, pp. 15-21.
- SIMÕES, 1957** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Itinerário de azulejos», in *Revista do Auto-Clube Médico Português*. Lisboa, 1957, n.º 5, ano II, pp. 12-13.
- SIMÕES, 1958a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Majólicas italianas no Museu de Arte Antiga», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: MNAA, Março de 1958.
- SIMÕES, 1958b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Breves notas sobre algumas igrejas azulejadas dos arredores de Lisboa», in *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa, 1958, 2.ª série, n.º 12, pp. 5-11.
- SIMÕES, 1959c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejaria no Brasil». Comunicação ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Baía. In *Revista Património Histórico-Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, 1959, n.º 14, pp. 9-18.
- SIMÕES, 1959d** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos holandeses no convento de Santo António do Recife», in *Cadernos de Arte do Nordeste*. Recife: Amigos da DPHAN, 1959 n.º 3.
- SIMÕES, 1959e** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Frontales de altar de azulejo en la Mezquita Catedral de Córdoba», in *Archivo Español de Arte*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Instituto Diego Velazquez, 1959, n.º 125-128, t. XXXII pp. 39-57.
- SIMÕES 1959f** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Les Carreaux céramiques hollandais au Portugal et en Espagne*. Haia: Martinus Nijhoff, 1959.
- SIMÕES 1959g** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Mais azulejos holandeses em Portugal», in *Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa, 1959, 2.ª série, n.º 13-14, pp. 53-61.
- SIMÕES, 1960a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Majólica Italiana do Paço de Vila Viçosa*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1960.
- SIMÕES, 1960b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Velhos azulejos holandeses no mundo português», in *Boletim do Auto-Clube Médico Português*. Lisboa, Dezembro de 1960, ano XVIII, 2.ª série, n.º 4, pp. 14-17.
- SIMÕES, 1960c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Presença e continuidade do azulejo português no Brasil», in *Colóquio-Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junho de 1960, n.º 9, pp. 16-21.
- SIMÕES, 1961a** – SANTOS, J. M. dos Santos – «Azulejos», in *Diário de Notícias*. 29 de Abril de 1961, p. 2.
- SIMÕES, 1961b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «A azulejaria no norte do país», in *Guia de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. IV, pp. 58-60.
- SIMÕES, 1961c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «A azulejaria na Madeira», in *Boletim da Junta-Geral do Distrito Autónomo do Funchal*. Funchal, 1961, n.º 5, pp. 3-10.
- SIMÕES, 1961e** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos de Tomar», in *Novidades*. 30 de Abril de 1961, pp. 5-8.
- SIMÕES, 1961g** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Iconografia olisiponense em azulejos», in *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*. Lisboa, 1961, ano XXXIV, n.º 95, pp. 115-134.
- SIMÕES, 1961h** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Iconografia Olisiponense em Azulejos*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita, 1961.
- SIMÕES, 1961i** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «O panorama do azulejo em Portugal», in *Revista Insulana*. Ponta Delgada, 1961, vol. XVII, pp. 117-120.
- SIMÕES, 1962a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Breves Notas sobre Alguns Azulejos de Barcelos*. Barcelos: [s. n.], 1962.
- SIMÕES, 1962b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Da exposição temporária de azulejaria ao Museu do Azulejo (1945-1961)», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa, vol. IV, n.º 3, pp. 21-28.
- SIMÕES 1962c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Da montagem e apresentação museológica de azulejos», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa, 1962, vol. IV, n.º 4, pp. 37-42.
- SIMÕES, 1963a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963 [Corpus de Azulejaria Portuguesa].
- SIMÕES, 1963b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejos de Olivença», in *Olivença – Boletim do Grupo Amigos de Olivença*. Olivença, 1963, n.º 7-8, pp. 23-25.
- SIMÕES, 1963c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Decorative tiles (azulejos) in Azores», in *New York Herald Tribune*. Paris, 11 de Dezembro de 1963.
- SIMÕES, 1963d** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *A Quinta das Bicas, os Seus Azulejos e o Dr. João Cabral de Melo*. Lisboa: Scarpa, 1963.
- SIMÕES, 1964a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *O Azulejo como Factor de Atracção Turística*. Texto policopiado. Lisboa, 1964.
- SIMÕES, 1964b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «The tiles of Spain and Portugal», in *Fliesen*. Coordenação de Anne Berendsen. Munique, 1964, pp. 62-64.
- SIMÕES, 1964c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «The influence of Dutch tiles in Portugal and Brasil», in *Fliesen*. Coordenação de Anne Berendsen. Munique, pp. 177-185.
- SIMÕES, 1965a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria Portuguesa no Brasil: 1500-1822*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965 [Corpus de Azulejaria Portuguesa, 2].
- SIMÕES, 1965b** – SIMÕES, J. M. dos Santos, – «In einem lande der vielen farben», in *Portugal 1965*. Lisboa: Ed. Diário de Lisboa, 1965, pp. 106-113.
- SIMÕES, 1965c** – SIMÕES, J. M. dos Santos, – «Azulejos dos séculos XVII e XVIII», in *Bazar*. Lisboa, Dezembro de 1965, pp. 36-40.
- SIMÕES, 1965d** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejo», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1965, vol. III.

- SIMÕES, 1966** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «O Museu do Azulejo no Convento da Madre de Deus – 1963/1964», in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa, 2.ª série, vol. V, n.º 2, pp. 64-65.
- SIMÕES, 1967a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejaria portuguesa no Brasil», in *O Instituto*. Coimbra de 1967, vols. 129-130, pp. 103-106.
- SIMÕES, 1967b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «A propósito dos azulejos do Paço do Saldanha», in *A Tarde*. São Salvador da Baía, 8 de Julho de 1967.
- SIMÕES, 1967c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Le musée des «Azulejos» de Lisbonne», in *Faenza – Bollettino del Museo Internazionale del Ceramiche in Faenza*. Faenza, 1967, ano LIII, fasc. 2-3-4-5, pp. 64-65.
- SIMÕES, 1967d** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Le musée des «Azulejos» de Lisbonne», in *Faenza – Bollettino del Museo Internazionale del Ceramiche in Faenza*. Faenza, ano LIII, fasc. 2-3-4-5, pp. 64-65.
- SIMÕES, 1969a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, vol. III [Corpus da Azulejaria Portuguesa].
- SIMÕES, 1969b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Mais azulejos portugueses no Brasil», in *Colóquio-Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Abril de 1969, n.º 53, pp. 10-12.
- SIMÕES, 1970** – SIMÕES, J. M. – «Azulejos de Bartolomeu Antunes», in *Boletim da Academia de Belas-Artes*. Lisboa, 1970, 2.ª série, n.º 24-26, p. 98.
- SIMÕES, 1971a** – SIMÕES, J. M. – *Azulejos as aesthetimetric indexes*. Texto policopiado da comunicação ao 1.º Simpósio Internacional sobre Azulejaria. Lisboa, 1971.
- SIMÕES, 1971b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria Portuguesa do Século XVII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, 2 vols. [Corpus de Azulejaria Portuguesa, 1971].
- SIMÕES, 1972** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejo». Texto introdutório da *Agenda Cidla de 1972*. Lisboa: CIDLA/Combustíveis e Domésticos SARL, 1972, pp. 1-2.
- SIMÕES, 1973a** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Azulejo», in *Dicionário da Pintura Universal*. Lisboa: Estúdios Cor, 2.ª ed., vol. III, pp. 45-48.
- SIMÕES, 1973b** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Gabriel del Barco», in *Dicionário da Pintura Universal*. Lisboa: Estúdios Cor, 2.ª ed., vol. III, p. 51.
- SIMÕES, 1973c** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Cerâmica», in *Dicionário da Pintura Universal*. Lisboa: Estúdios Cor, 2.ª ed., vol. III, pp. 82-83.
- SIMÕES, 1973d** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Palácio Ducal de Vila Viçosa*. Separata de *Palácios Portugueses*. Lisboa: Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1973, 1.º vol.
- SIMÕES, 1979** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Azulejaria Portuguesa do Século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979 [Corpus de Azulejaria Portuguesa].
- SIMÕES, 1982** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Maioliche e porcellane portoghesi», in *Le Ceramiche in Europa dal Medioevo al 1925 – Itália, Francia, Spagna, Portogallo*. Coordenação de Alvar González-Palacios. Milão: Grupo Editoriale Fabbrì, 1982.
- SIMÕES, 1998-99** – SIMÕES, J. M. dos Santos – «Iconografia lisboeta em azulejos no Brasil. Vistas de Lisboa em painéis de azulejos na cidade do Salvador», in *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998-1999, n.º 36-37, pp. 20-51.
- SIMÕES, 2001** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Estudos de Azulejaria*. Recolha de textos, organização, apresentação, notas e bibliografia por Vítor Sousa Lopes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001 (Presenças da Imagem), pp. 95-102.
- SIMÕES, 2002** – SIMÕES, J. M. dos Santos – *Estudos de Azulejaria*. Recolha de textos, organização, apresentação, notas e bibliografia de Vítor Sousa Lopes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Junho de 2002.
- SIMÕES, 2007** – SIMÕES, João Miguel – *Borba. Património da Vila Branca*. Lisboa: Colibri/Câmara Municipal de Borba, 2007.
- SMITH, s. d.** – SMITH, Robert C. – *Frei José de Santo António Vilaça Escultor Beneditino do Séc. XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2 vols.
- SMITH, 1963a** – SMITH, Robert C. – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1963.
- SMITH, 1963b** – SMITH, Robert C. – «Três obras primas da talha algarvia», in *Revista Shell*. N.º 374, 1963.
- SMITH, 1966a** – SMITH, Robert C. – *Nicolau Nasoni: Arquitecto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte, cop. 1966.
- SMITH, 1966b** – SMITH, Robert C. – «A igreja de S. Bento da Vitória», in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: CMP, 1966, vol. XXIX, n.º 1-2, pp. 240-242.
- SMITH, 1968a** – SMITH, Robert C. – *Frei Cipriano da Cruz, escultor de Tibães: elementos para o estudo do Barroco em Portugal*. Porto: Civilização, 1968.
- SMITH, 1968b** – SMITH, Robert C. – *Cadeiras de Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1968.
- SMITH, 1968c** – SMITH, Robert C. – *A Igreja de S. Bento da Vitória, do Porto à Luz dos «Estados» de Tibães*. Porto: Livraria Fernando Machado [D.L.1968].
- SMITH, 1968d** – SMITH, Robert C. – *The Art of Portugal, 1500-1800*. Londres/Nova Iorque, 1968.
- SMITH, 1968e** – SMITH, Robert C. – «A Casa da Câmara de Braga (1753-1756)», in *Bracara Augusta*. Braga: C. M. Braga, 1968.
- SMITH, 1968f** – SMITH, Robert C. – «Azulejos of Cascais», in *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*. Nova Iorque, 1968, vol. II, n.º 4, pp. 3-13.
- SMITH, 1970** – SMITH, Robert C. – *Marceliano de Araújo Escultor Bracarense*. Porto: Nelita Editora, 1970.
- SMITH, 1971** – SMITH, Robert C. – *Santo André de Rendufe: Subsídios para a História da sua Igreja durante o Século XVIII*. Separata da revista *Bracara Augusta*, 23. Braga: [s. n, D.L. 1971].

- SMITH, 1972a** – SMITH, Robert C. – *Três Estudos Bracarenses*. Braga: Livraria Cruz, 1972.
- SMITH, 1972b** – SMITH, Robert C. – «Dois estudos beneditinos», in *Boletim de Belas Artes*, Lisboa, 1972, 2.ª série, n.º 27.
- SMITH, 1973a** – SMITH, Robert C. – «French models for portuguese tiles», in revista *Apollo*. Londres, 1973, vol. 97, n.º 134.
- SMITH, 1973b** – SMITH, Robert C. – *André Soares: Arquitecto do Minho*. [Lisboa]: Livros Horizonte, imp. 1973 [Estudos de arte].
- SMITH, 1974a** – SMITH, Robert C. – *Agostinho Marques: Enxambrador da Cónega*. [Porto]: Civilização, 1974.
- SMITH, 1974b** – SMITH, Robert C. – *Nicolau Nasoni: 1691-1773*. Braga: [s. n.], 1974.
- SMITH, 1975a** – SMITH, Robert C. – *O «Bronze Dourado» em Braga e no Porto: 1600-1800*. Separata da revista *Bracara Augusta*, 29. Braga: Oficina Gráfica da Livraria Cruz, 1975.
- SMITH, 1975b** – SMITH, Robert C. – «Some Lisbon Tiles in Estremoz», in *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*. Nova Iorque-Fali, 1975, vol. IX, n.º 2, pp. 3-4.
- SOARES, 1940** – SOARES, Ernesto Soares – *História da Gravura Artística em Portugal*. Lisboa, 1940, t. I.
- SOARES, 1975** – SOARES, Ernesto – *Inventário da Coleção de Estampas. Série Preta*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa – Ministério da Educação e Cultura – Secretaria de Estado da Cultura e Educação Permanente – Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 1975, vol. I.
- SOARES, 1996** – SOARES, Ivone da Paz – «Queixas da destruição de Braga», in *Minia*. Braga: ASPA, 1996, 3.ª série, ano IV, pp. 167-186.
- SOBRAL, 1994** – SOBRAL, Luís de Moura – *Pintura e Poesia na Época Barroca: A Homenagem da Academia dos Singulares a Bento Coelho da Silveira*. Lisboa: Estampa, 1994 [Teoria da Arte, 12].
- SOBRAL, 1996** – SOBRAL, Luís de Moura – *Do Sentido das Imagens: Ensaio sobre Pintura Barroca Portuguesa e Outros Temas Ibéricos*. Lisboa: Estampa, 1996 [Teoria da arte, 18].
- SOBRAL, 1998a** – SOBRAL, Luís de Moura – «Narrativa, história e mito em Santa Maria do Bouro», in *Arte de Cister em Portugal e Galiza*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1998, pp. 432-465.
- SOBRAL, 1998b** – SOBRAL, Luís de Moura (coord.) – *Bento Coelho e a Cultura do Seu Tempo: 1620-1708*. Catálogo da exposição. Lisboa: IPPAR, 1998.
- SOBRAL, 1999a** – SOBRAL, Luís de Moura – «Bel composto: a obra de arte total do primeiro Barroco português», in *Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Actas do Congresso realizado em 11-14 de Junho de 1996, Braga, Museu Nogueira da Silva – Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 1999, vol. I, pp. 303 e segs.
- SOBRAL, 1999b** – SOBRAL, Luís de Moura – «Tota Pulchra Est Amica Mea. Simbolismo e narração num programa imaculista de António de Oliveira Bernardes», in revista *Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, 1999, n.º 3/7, pp. 71-90.
- SOBRAL, 2000a** – SOBRAL, Luís de Moura – «Os ciclos de S. Bento e S. Bernardo na capela-mor de Santa Maria do Bouro: sentido e narratividade», in *Arte e Arquitectura nas Abadias Cistercienses nos Séculos XVI, XVII e XVIII*. Actas do colóquio, 23-27 de Novembro de 1994, Mosteiro de Alcobaça. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 2000, pp. 233-246.
- SOBRAL, 2000b** – SOBRAL, Luís de Moura, «A Capela do Deserto de Alcobaça: estilo, narração e simbolismo», in *Actas do Colóquio Internacional Cister – Espaços, Territórios, Paisagens*. Lisboa: MC – IPPAR, 2000, vol. II, pp. 407-424.
- SOBRAL, 2001** – SOBRAL, Carlos, e MATIAS, José – *Património Edificado de Santiago do Cacém: Breve Inventário*. Edições Colibri/Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2001.
- SOBRAL, 2002** – SOBRAL, Luís de Moura – «Narração e simbolismo franciscano nos ciclos da Madre de Deus», in *Igreja da Madre de Deus. Campanha de Intervenção de Conservação e Restauro*. Lisboa: Instituto Português de Museus – Instituto Português de Conservação e Restauro – Museu Nacional do Azulejo, 2002, pp. 28 e segs.
- SOBRAL, 2004** – SOBRAL, Luís de Moura – *Pintura Portuguesa do Século XVII. História, Lendas, Narrativas*. Catálogo da exposição no Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa: Ministério da Cultura – IPM – MNAA, 2004.
- SOEIRO, 1994** – SOEIRO, Teresa – *Penafiel*. Lisboa: Presença, 1994.
- SOLEDADE, 1709** – SOLEDADE, Fr. Fernando da – *Historia Serafica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Lisboa: Officina de Manoel Joseph Lopes Freyre, 1709, ts. III-IV.
- SOLEDADE, 1721** – SOLEDADE, Fr. Fernando da – *Historia Serafica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal...* Lisboa: Officina de António Pedrozo Galram, 1721, t. V.
- SOLEDADE, 1990** – SOLEDADE, Arnaldo – *Sines. Terra de Vasco da Gama*. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1990.
- SOROMENHO, 1998** – SOROMENHO, Miguel – «Contributos para a História da Arte no Alto Minho nos Séculos XVII e XVIII», in *Cadernos Vianenses. Notícia do Passado e do Presente da Região de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Pelouro da Cultura da C. M., 1998, t. 23, pp. 221-242.
- SOUSA, 1966** – SOUSA, José Maria Cordeiro de – *Colectânea Olisiponense*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1966, vol. III.
- SOUSA, 1981** – SOUSA, D. Gabriel de, OSB – «O Mosteiro de Rendufe na Congregação Beneditina Portuguesa», in *Bracara Augusta*. Braga: C. M. Braga, 1981, vol. XXV.
- SOUSA, 1984** – SOUSA, D. Gabriel de, e GOMES, Carlos Aguiar – *O Mosteiro de Santa Maria de Miranda e os Seus Abades*. Arcos de Valdevez: C. M. Arcos de Valdevez, 1984.
- SOUSA, 1997** – SOUSA, J. J. Rigaud de – «Subsídios para o inventário artístico da freguesia de Santa Lucrécia de Algeriz (Braga)», in *Minia*. Braga, 1997, n.º 5, III série, pp. 247-261.
- SOUZA, 1999** – SOUZA, Catarina Vasconcellos e – «Casa de Santar. Arte vinícola em ambiente secular», in *Espaços*, 1999, n.º 7.

- SOUTO, 1969** – SOUTO, Meyrelles – *Os Azulejos do Convento da Graça de Lisboa*. Separata da *Revista Municipal*. Lisboa: [s.n.], 1969.
- STOOP, 1986** – STOOP, Anne de – *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*. [Porto]: Civilização Editora, 1986.
- STOOP, 1993** – STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho*. Porto: Civilização, 1993.
- S. VITORES, 1645** – S. VITORES, Fr. Alonso – *El Sol del Occidente N. G.^{mo} P.^e S. Benito Principe de todos los Monges, Patriarca de las Religiones todas. Comentarios sobre su santa Regla*. Escribiolos Sl R.^{mo} P.^e M.^e Fr. Alonso de S. Vitores Genera que fue de la religion de San Benito, predicador de su Magestad y Calificador de la suprema y general Inquision. Madrid: Gregorio Rodriguez, 1645, 2 ts.
- TAVARES, 1986** – TAVARES, José Carlos de Athayde de – *Amaras Osórios Senhores da Casa de Almeidinha*. Lisboa, 1986.
- TAVARES, 1990** – TAVARES, Jorge Campos – *Dicionário de Santos: Hagiológico, Iconográfico de Atributos, de Artes e Profissões, de Padroados, de Compositores, de Música Religiosa*. Porto: Lello & Irmão, imp. 1990.
- TÁVORA, s. d.** – TÁVORA, Fernando – «Convento de Refóios do Lima», in *ARCHITÉCTI*. Lisboa, s. d., n.º 13, pp. 70-103.
- TÁVORA, 1985** – TÁVORA, Fernando – *Guimarães do Passado e do Presente*. Guimarães: C. M./Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- TEIXEIRA, 2000** – TEIXEIRA, Fernando José – *Convento de S. Francisco [de] Guimarães*. Texto de Fernando José Teixeira, revisão de Agostinho Gomes Fernandes Guimarães, fotografia de Francisco Machado, Foto Beleza. [S. l.: s. n.], L. 2000.
- TEIXEIRA, 1991** – TEIXEIRA, José Monterroso (coord.) – *O Triunfo do Barroco*. [Organização] Centro Cultural de Belém. Exposição apresentada em Bruxelas, 1991, no âmbito da Europália'91 Portugal. [Lisboa]: CCB, D.L. 1993.
- TEIXEIRA, 2004** – TEIXEIRA, Vítor Rui Gomes – *O Movimento da Observância Franciscana em Portugal (1392-1517): História, Cultura e Património de Uma Experiência de Reforma Religiosa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2004, 3 vols.
- TELLES, 1896** – TELLES, Liberato – *Duas Palavras sobre Pavimentos*. Lisboa, 1896.
- TELMO, 2001-02** – TELMO, Maria Margarida Costa – *Os Azulejos Setecentistas do Paço Episcopal de Faro*. Trabalho de Seminário da Licenciatura em Estudos Portugueses. Faro: Universidade do Algarve, 2001-02.
- TEODORO VALLECILLO, 1991** – TEODORO VALLECILLO, Miguel Ángel – *Arte Religioso en Olivenza*. Diputación Provincial de Badajoz, 1991.
- TEODORO VALLECILLO, 1999** – TEODORO VALLECILLO, Miguel Ángel – *Olivenza en su Historia*. 1999.
- TÉRCIO, 1997** – TÉRCIO, Daniel – *Dança e Azulejaria no Teatro do Mundo*. Dissertação de Doutoramento em História da Dança em Portugal apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, orientada por Ana Paula Batalha, Fevereiro de 1997. Lisboa: Edições INAPA, 1999.
- THADIM, 1764** – THADIM, Manuel José da Silva – *Diário Bracarense das Epocas, Fausto, e Annaes mais remarcaveis, e successos dignos de mençam, que succederam em Braga, Lisboa, e mais partes de Portugal, e Cortes da Europa. Para se escreverem as Memorias Ecclesiasticas dos Arcebispos Primazes desde o principio do seculo XVI athe o meyo do seculo XVIII*. [...]. Braga, 1764. ADB, ms. 1054 e ms. 1055.
- TORRES, 1993** – TORRES, Cláudio, e BOIÇA, Joaquim. «A cabeça – relicário de Casével», in *Arqueologia Medieval*. Mértola, 1993, n.º 2.
- TORRINHA, 1962-63** – TORRINHA, Joaquim Soeiro – «Azulejaria antiga de Vila Viçosa», in *A Cidade de Évora*. Évora: Comissão Municipal de Turismo de Évora, 1962-63, n.º 45-46, pp. 113-137.
- TORRINHA, 1963** – TORRINHA, Joaquim Soeiro – «Azulejaria antiga de Vila Viçosa», in revista *A Cidade de Évora*. Évora, 1963, anos XIX e XX, n.ºs 45-46, p. 132.
- TORRINHA, 1989** – TORRINHA, Joaquim Francisco Soeiro – «Azulejaria antiga em Olivença», in *Encontros, Revista hispano-portuguesa de investigadores en Ciências Humanas y Sociales*. Olivenza: Ayuntamiento de Olivenza/Universidad Popular Oliventina. Centro de Estudios Ibéricos Agostinho da Silva, 1989, n.º 2.
- TORRINHA, 1992** – TORRINHA, Joaquim F. S. – «Azulejaria antiga do distrito de Portalegre», in *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas de Portalegre, 1992, n.º 7 (nova série), pp. 129-144.
- TRENS, 1947** – TRENS, Manuel – *Maria. Iconografia de la Virgen en el arte español*. Madrid, 1947, p. 474.
- TRIBE, 1993** – TRIBE, Tânia Costa – «As artes como imagem do mundo no azulejo do século XVIII», in *Callipole*. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, n.º 1, 1993.
- TRIGUEIROS, 1998** – TRIGUEIROS, António Júlio Limpo, FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e, e LACERDA, Maria da Conceição Cardoso Pereira de – *Barcelos Histórico, Monumental e Artístico*. Braga: Edições APPACDM, 1998.
- TRINDADE, 1981** – TRINDADE, Diamantino Sanches – *Castelo de Vide. Arquitectura Religiosa, Subsídio para o Estudo das Riquezas Artísticas de Portugal*. Lisboa: Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1981, vol. I.
- VALE, 1949** – VALE, A. de Lucena e – *Viseu Monumental e Artístico*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 1949.
- VALE, 1986** – VALE, Manuel Gonçalves – «Algumas notas para a história do extinto convento de São Bento de Viana», in *Centro de Estudos Regionais – Boletim Cultural*. Viana do Castelo, 1986, n.º 3, pp. 33-56.
- VALE, 1987** – VALE, Manuel Gonçalves – «Algumas notas para a história do Mosteiro de São Bento de Viana», in *Centro de Estudos Regionais – Boletim Cultural*. Viana do Castelo, 1987, pp. 19-52.
- VALE, 1991** – VALE, Manuel Gonçalves – «Um retábulo seiscentista na Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo», in *Estudos Regionais*. Barcelos, 1991, n.º 9, pp. 29-38.

- VALÉRIO, 1993** – VALÉRIO, António João Feio – *Alvito: O Espaço e os Homens (1251-1640)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, 1993.
- VALÉRIO, 1994** – VALÉRIO, António João – *Arte e História na Concelho de Alvito, Guia para Uma Visita*. Alvito: Câmara Municipal, 1994.
- VAN LEMMEN, 1994** – VAN LEMMEN, Hans – *Azulejos na Arquitectura*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- VASCONCELOS, 1932** – VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de – «O edifício do Colégio Novo», in *Correio de Coimbra*. Coimbra, 1932, n.º 545-546.
- VASCONCELOS, 1938** – VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de – «Os colégios universitários de Coimbra (fundados de 1539 a 1779)», in *Escritos Vários Relativos à Universidade Dionisiana*. Reedição em 1987 preparada por Manuel Augusto Rodrigues e editada pelo Arquivo da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1938, vol. I.
- VASCONCELOS, 1883-84** – VASCONCELOS, Joaquim de – «Cerâmica portuguesa. Subsídios históricos», in *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Porto, 1883, vol. III, n.º 2, pp. 79-81 e n.º 5, p. 224 [ou pp. 3-4 da separata, Porto, 1884].
- VASCONCELOS, 1914** – VASCONCELOS, Joaquim de – «Azulejos historiados», in *Arte Religiosa em Portugal*. Porto: [s. l.], 1914, fasc. 2.
- VASCONCELOS, 1923 e 1924** – VASCONCELOS José Leite de – «Azulejos etnográficos», in *Boletim de Etnografia*. Lisboa, 1923, n.º 2, pp. 55-56, e 1924, n.º 3, pp. 13-14.
- VELOSO e ALMASQUÉ, 1996** – VELOSO, A. J. Barros, e ALMASQUÉ, Isabel – *História e Azulejos. Hospitais Cíveis de Lisboa*. Lisboa: INAPA, 1996 [Col. História e arte].
- VELOSO, s. d.** – VELOSO, Cónego Manuel de Oliveira – *Guia da Igreja do Pópulo. Braga – Portugal*. Revisão de Franklim da Neiva Soares. Braga: Ordem Terceira da SS.^{ma} Trindade da Igreja do Pópulo, s. d.
- VERÃO, 2009** – VERÃO, Maria Teresa Canhoto – *Os Azulejos do Mosteiro de São Bento de Cástris de Évora. O Ciclo Bernardino e o Seu Significado*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2009.
- VIANA, 1941-46** – VIANA, Abel – «Estudo», in *Arquivo de Beja*. 1941-46, vols. 1-3.
- VIANA, 1949** – VIANA, Abel – «Visigótico de Beja», in *Arquivo de Beja*. 1949, vol. 6.
- VIANA, 1950** – VIANA, Abel et al. – *Guia Turístico de Beja*. 1950.
- VINHAS, 1996** – VINHAS, Joaquim Alves – «A Igreja de Nossa Senhora do Terço de Barcelos, na história da arte dos inícios do século XVIII. Iconografia dos seus emblemas», in *Revista de Barcelos*. Barcelos: C. M. Barcelos, 1996, 2.ª série, n.º 7.
- VINHAS, 1998** – VINHAS, Joaquim Alves – *A Igreja e Convento de Vilar de Frades: Das Origens da Congregação dos Cônegos Regrantes de Seculares de S. João Evangelista (Lóios) à Extinção do Convento 1425-1834*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1998.
- VITERBO, 1903** – VITERBO, Sousa – *Notícias de Alguns Pintores Portugueses*. Lisboa, 1903, 1.ª série, p. 118.
- VITERBO, 1906** – VITERBO, Sousa – *Notícia de Alguns Pintores Portugueses*. Lisboa, 1906, 2.ª série.
- VITERBO, 1909** – VITERBO, Sousa – *A Jardinagem em Portugal*. Coimbra, 1909, 2.ª série, pp. 86-91 e 132-139.
- VITERBO, 1911** – VITERBO, Francisco Marques de Sousa – *Notícias de Alguns Pintores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911.
- VITORINO, 1958** – VITORINO, Pedro – *Notas de Arqueologia Portuense*. Prefácio de Alberto Saavedra. Porto: Câmara Municipal [D.L. 1958], [Documentos e memórias para a história do Porto, 28].
- VORAGINE, 1960** – VORAGINE, Jacques de – *La Légende Dorée*. Introdução de Teodor de Wyzewa. Paris, 1960, t. I, p. 311.
- VV. AA., s. d.** – VV. AA. – *Azulejos: the stunning tile heritage of Portugal 1600-1986*. Presented Anglo-Portuguese Foundation, org. Port. Ministry of Foreign Affairs, Port. Ministry of Educ. and Culture, Museu da Cidade, Lisbon / London: Barbican Centre, [s. d.]. Catálogo da exposição, Novembro de 1986-Janeiro de 1987.
- VV. AA., 1948** – VV. AA. – *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa, 1948.
- VV. AA., 1959** – VV. AA. – *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Monumentos, Igr. de S. Lourenço V. Nog.^{ra} de Azeitão*. Ministério das Obras Públicas, Setembro de 1959, n.º 97.
- VV. AA., 1980** – VV. AA. – *Azulejos: Cinco Séculos de Azulejo em Portugal*. Catálogo da exposição. Museu Nacional do Azulejo. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbenkian, Setembro-Outubro de 1980.
- VV. AA., 1981** – VV. AA. – *Catálogo do Museu Martins Sarmento*. Guimarães: Fundação Martins Sarmento, 1981.
- VV. AA., 1895** – VV. AA. – *Catálogo da Exposição de Arte Religiosa no Colégio de Santa Joana Princesa em Benefício dos Pobres de Aveiro*. Texto de J. A. Marques Gomes. Aveiro, 1895.
- VV. AA., 1982** – VV. AA. – *A Cerâmica em Coimbra*. Jornadas realizadas em Coimbra de 15 a 17 de Janeiro de 1981. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1982.
- VV. AA., 1982-99** – VV. AA. – *The Illustrated Barscht*. Nova Iorque: Abaris Books, 1982-99.
- VV. AA., 1989** – VV. AA. – *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto – Governo Civil, 1989, 2 vols.
- VV. AA., 1991** – VV. AA. – *Les portugais au Brésil: l'art dans la vie quotidienne*. Catálogo da exposição apresentada na Europa-lia'91. Bruxelas: Europalia'91, 1991.
- VV. AA., 1992a** – VV. AA. – *Jerónimos. 4 Séculos de Pintura*. Catálogo da exposição (direcção de Isabel Cruz Almeida). Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Mosteiro dos Jerónimos, 1992, 2 vols.

- VV. AA., 1992b – VV. AA. – *Caza da Sancta Misericórdia de Setúbal – História e Arte*. Catálogo da exposição. Setúbal: Santa Casa da Misericórdia de Setúbal, [1992].
- VV. AA., 1992c – VV. AA. – *The emblem in Renaissance and Baroque Europe: tradition and variety: selected papers of the Glasgow International Emblem Conference*. Edited by Alison Adams and Anthony J. Harper, International Emblem Conference, Glasgow, 1990. Leiden: E. J. Brill, 1992.
- VV. AA., 1992d – VV. AA. – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- VV. AA., 1993a – VV. AA. – *Núcleo Visigótico, Catálogo da Inauguração do Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja*. Museu Regional de Beja/Assembleia Distrital de Beja, 1993.
- VV. AA., 1994 – VV. AA. – *Os Azulejos de Willem van der Kloet em Portugal*. Textos de Rainer Margra, Ruth Oldenziel e Jan Daan van Dam. Lisboa: Electa/Lisboa Capital da Cultura'94, 1994.
- VV. AA., 1994a – VV. AA. – *Fontes Franciscanas I. São Francisco de Assis. Escritos-Biografias-Documentos*. Coordenação de Fr. Manuel Marques Pinto. Braga: Editorial Franciscana, 1994, 2.ª ed.
- VV. AA., 1996a – VV. AA. – *Fontes Franciscanas II. Santa Clara de Assis. Escritos-Biografias-Documentos*. Tradução, introdução, notas e índices de Fr. José António Correia Pereira, OFM, e introdução às *Cartas de Santa Clara* pela Irmã Maria Victoria Trivino, OSC. Braga: Editorial Franciscana, 1996, 2.ª ed.
- VV. AA., 1996b – VV. AA. – *Josefa de Óbidos e o Tempo do Barroco*. Coordenação de Vítor Serrão, textos de V. Serrão, Luís de Moura Sobral, Ana Hatherly e Alfonso Pleguezelo. Lisboa: IPPC – Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 1996.
- VV. AA., 1996c – VV. AA. – *Actas do Congresso Internacional «Pensamento e Testemunho: 8.º Centenário do Nascimento de Santo António»*. Braga: Faculdade de Teologia, 1996, 2 vols.
- VV. AA., 1997 – VV. AA. – *O Mosteiro de S. Bento da Vitória: 400 Anos*. Organização do Arquivo Distrital do Porto – Ordem De São Bento – Mosteiro de S. Bento da Vitória. Porto: Arquivo Distrital, D.L. 1997.
- VV. AA., 1998a – VV. AA. – *As Idades do Azul*. Feira Internacional de Artesanato – FIL, 4 a 12 de Junho de 1998. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional – Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 1998.
- VV. AA., 1998b – VV. AA. – *Fontes Franciscanas III. Santo António de Lisboa. Biografias e Sermões*. Braga: Editorial Franciscana, 1998, vols. 2 e 3.
- VV. AA., 1998c – VV. AA. – *Memória e Futuro, Continuidades Barrocas. Conservação e Restauro. Igreja de Santo António de Iguarassu*. Coordenação de Maria João Espírito Santo Bustorff Silva. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1998.
- VV. AA., 1999 – VV. AA. – *Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII*. Actas do congresso «Struggle for Synthesis. A Obra de Arte Total nos Séculos XVII e XVIII», Braga, Museu Nogueira da Silva – Mosteiro de S. Martinho de Tibães, 11-14 de Junho de 1996. Lisboa: Ministério da Cultura – IPPAR, 1999, 2 vols.
- VV. AA., 1999 – VV. AA. – *Actas do II Congresso Internacional sobre El Cister en Galicia y en Portugal*. Orense, 1998. Ourense, 1999, 4 vols.
- VV. AA., 2000 – VV. AA. – *CRISTO Fonte de Esperança. Catálogo da Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000*. 17 de Junho a 17 de Setembro. Porto: Diocese do Porto, 2000.
- VV. AA., 2000a – VV. AA. – *Monumentos. Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2000, n.º 13.
- VV. AA., 2002a – VV. AA. – *Igreja da Madre de Deus. Campanha de Intervenção de Conservação e Restauro*. Lisboa: Instituto Português de Museus – Instituto Português de Conservação e Restauro – Museu Nacional do Azulejo, 2002.
- VV. AA., 2002b – VV. AA. – *I Congresso sobre a Diocese do Porto Tempos e Lugares de Memória. Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão. Actas*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2002, 2 vols.
- VV. AA., 2002c – VV. AA. – *500 Anos – Santa Casa da Misericórdia de Estremoz, 1502-2002*. Estremoz: Santa Casa da Misericórdia, 2002.
- VV. AA., 2003a – VV. AA. – *A Igreja de S. João Baptista de Alcochete*. Alcochete: Câmara Municipal de Alcochete, 2003.
- VV. AA., 2003b – VV. AA. – *Real Fábrica de Louça ao Rato*. Catálogo da exposição. Lisboa/Porto: Museu Nacional do Azulejo/Museu Nacional Soares dos Reis, 2003.
- VV. AA., 2007 – VV. AA. – *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação – Museu Nacional do Azulejo, 2007.
- VV. AA., 2008a – VV. AA. – *Arte Sacra no Concelho De Estremoz – Santa Maria, Santo André e Evoramonte*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2008.
- VV. AA., 2008b – VV. AA. – *Arte Sacra no Norte Alentejano*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2008.
- VV. AA., 2008c – VV. AA. – *Arte Sacra nos Concelhos de Elvas, Monforte e Sousel*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2008.
- VV. AA., 2009 – VV. AA. – *Património Azulejar Religioso de Setúbal e Azeitão*. Setúbal: LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, 2009, vol. I.
- XAVIER, 1991 – XAVIER, Pedro Amaral – *A Iconografia Funerária no Barroco e o Túmulo do Bispo de Miranda na Capela da Vista Alegre*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, 1991.

- IHRU** – «Antigo Mosteiro de Bom Jesus/Igreja de Santo António», www.monumentos.pt, 1996.
- «Casa e Capela de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2001.
- «Capela da Misericórdia do Barreiro/Capela de Santo António», www.monumentos.pt, 1999.
- «Capela de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 1996-2005.
- «Capela de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2006.
- «Capela de Nossa Senhora da Piedade», www.monumentos.pt, 1994-2006.
- «Capela da Santa Casa da Misericórdia de Alhos Vedros», www.monumentos.pt, 1993.
- «Capela de São Roque», www.monumentos.pt, 2004.
- «Capela das Termas de Monchique/Capela das Caldas de Monchique/Capela de Santa Teresa», www.monumentos.pt, 2000.
- «Casa Museu Nogueira da Silva», www.monumentos.pt, 2004.
- «Casa de Nossa Senhora da Aurora», www.monumento.pt, 1996-2006.
- «Casa da Quinta do Esteval», www.monumento.pt, 1998.
- «Casa de Santar», www.monumentos.pt, 1998.
- «Casa de Santo António do Buraquinho», www.monumentos.pt, 2009.
- «Casa do Soito e Paço dos Cunhas», www.monumentos.pt, 1996.
- «Convento de Almiara/Mosteiro de Verride», www.monumentos.pt, 1999.
- «Convento dos Capuchos/Convento dos Capuchos da Invocação de Nossa Senhora da Piedade/Convento dos Capuchos e Igreja de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 2001.
- «Convento e Igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora», www.monumentos.pt, 1995-2004.
- «Convento da Madre de Deus da Verderena», www.monumentos.pt, 1999.
- «Convento do Pópulo», www.monumentos.pt, 1999-2004.
- «Convento de São Francisco/Igreja de Santa Cristina», www.monumentos.pt, 2001.
- «Fonte de São João Baptista/Fonte de São Jorge», www.monumentos.pt, 1997.
- «Igreja do Bom Sucesso», www.monumentos.pt, 1995.
- «Igreja, Casa e Fonte de Nossa Senhora da Graça/Ermita de Nossa Senhora da Graça», www.monumentos.pt, 2000.
- «Igreja e Convento de Nossa Senhora do Carmo», www.monumentos.pt, 1992-2004.
- «Igreja Matriz de Açores/Igreja de Santa Maria de Açor», www.monumentos.pt, 2002.
- «Igreja Matriz do Cercal», www.monumentos.pt, 1999.
- «Igreja Matriz de Chaves/Igreja de Santa Maria Maior», www.monumentos.pt, 1994-2004.
- «Igreja Matriz de Ega/Igreja de Nossa Senhora da Graça», www.monumentos.pt, 1992-2000.
- «Igreja Matriz do Monte da Caparica/Igreja de Nossa Senhora do Monte/Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Monte/Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Concórdia», www.monumentos.pt, 2001.
- «Igreja Matriz de Santa Cruz», www.monumentos.pt, 1999.
- «Igreja Matriz da Tocha/Igreja de Nossa Senhora da Tocha», www.monumentos.pt, 2005.
- «Igreja da Misericórdia de Pereira e Casa do Despacho», www.monumentos.pt, 1992-2004.

(*) Todas as referências web foram consultadas entre 2008 e 2010.

- «Igreja de Nossa Senhora da Assunção», www.monumentos.pt, 1996.
- «Igreja de Nossa Senhora da Conceição/Museu Rainha Dona Leonor/Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição», www.monumentos.pt, 1993-97.
- «Igreja de Nossa Senhora do Monte/Igreja de Vale do Guiso», www.monumentos.pt, 1998.
- «Igreja Nossa Senhora do Rosário», www.monumentos.pt, 1999.
- «Igreja Paroquial de São Martinho do Bispo», www.monumentos.pt, 2007.
- «Igreja Paroquial de Mira/Igreja de São Tomé», www.monumentos.pt, 1984-93.
- «Igreja Paroquial de São Vicente», www.monumentos.pt.
- «Igreja Paroquial de Vila Nova de Gaia/Igreja de Santa Marinha», www.monumentos.pt
- «Igreja da Santa Casa da Misericórdia», www.monumentos.pt, 1997.
- «Igreja de São Brás», www.monumentos.pt, 1999.
- «Igreja de São Paulo/Igreja dos Clérigos/Capela Nova», www.monumentos.pt, 2004-06.
- «Igreja de São Salvador», www.monumentos.pt, 2003.
- «Mosteiro de Refóios do Lima, e os azulejos que revestem algumas das suas paredes», www.monumentos.pt, 1992-1996.
- «Solar dos Azevedos», www.monumentos.pt, 1994.
- «Mosteiro de Santa Maria de Semide/Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção», www.monumentos.pt, 1994-2006.
- «Paço de Maiorca/Paço dos Viscondes de Maiorca», www.monumentos.pt, 2002.
- «Palácio Anadia/Solar dos Pais de Amaral», www.monumentos.pt, 2006.
- «Palácio Pombal/Palácio dos Carvalhos», www.monumentos.pt, 1994-2001.
- «Palácio do Raio», www.monumentos.pt, 1994.
- «Quinta da Fidalga/Quinta do Salema/Quinta de Vale de Grou/Quinta de Vasco da Gama», www.monumentos.pt, 2001-05.
- «Quinta do Paço do Monsul/ Quinta do Monsul», www.monumentos.pt, 2001.
- «Sé de Lamego», www.monumentos.pt, 1998-2002.
- «Sé do Porto», www.monumentos.pt, 1994-2004.
- «Seminário Patriarcal de São Paulo», www.monumentos.pt, 1995.
- «Solar do Barreiro/Casa do Barreiro», www.monumentos.pt, 2000.
- «Solar de Bertandos», www.monumentos.pt, 1992-2002.
- «Solar dos Condes de Prime/Casa do Cimo da Vila/Casa dos Ernestos/Conservatório Regional de Música», www.monumentos.pt, 1996.
- «Solar de Cortegaça», www.monumentos.pt, 1997.
- «Solar da Rede/Pousada de Mesão Frio», www.monumentos.pt, 2004.
- «Solar dos Viscondes de Castelo Branco/Edifício da Câmara Municipal de Castelo Branco», www.monumentos.pt, 1994.

VALONGO – <http://sweet.ua.pt/~isca5780/Valongo.htm>.

ÍNDICES

Onomástico

Iconográfico

Cronológico

ÍNDICE ONOMÁSTICO^(*)

Abreu, António de, azulejador – 24

Abreu, José Francisco de – 419⁽¹¹¹⁴⁾, 539⁽¹⁴⁰⁶⁾

Aerd, R. V. Anden, gravador – 46

Afonso III, D. – 491⁽¹¹¹⁶⁾

Albuquerque, Brás de – 472

Albuquerque, Rebelo de – 230

Almeida, Domingos de – 25, 25⁽³⁴⁾, 462⁽⁹⁹⁰⁾, 506⁽¹²⁰⁵⁾, 510⁽¹²²⁹⁾, 551⁽¹⁴⁵⁵⁾, 554⁽¹⁴⁵⁸⁾, 562⁽¹⁴⁸⁷⁾

Almeida, Mário de, azulejador – 463⁽⁹⁹⁷⁾

Almeida, Prof. Dr. Fernando de – 323

Almeida, Sebastião de – 25, 25⁽³⁹⁾, 272, 420⁽⁸⁸⁸⁾

Almeida, Valentim de, pintor de azulejos – 25, 29⁽⁷³⁾, 38⁽¹⁴⁵⁾, 99, 138⁽³³⁵⁾, 152⁽³⁹⁵⁾, 169⁽⁴⁴³⁾, 243⁽⁶³¹⁾, 246⁽⁶³⁴⁾, 403, 403⁽⁸⁶⁰⁾, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 464, 490⁽¹¹⁰⁶⁾, 490⁽¹¹¹¹⁾, 491⁽¹¹¹⁸⁾, 520⁽¹²⁸⁴⁾, 552, 552⁽¹⁴⁵⁶⁾, 554⁽¹⁴⁵⁹⁾

Álvares, Baltazar, – 484⁽¹⁰⁷⁰⁾

Alves, Alexandre – 167⁽⁴³⁴⁾, 167⁽⁴³⁵⁾, 168⁽⁴³⁶⁾, 169⁽⁴⁴⁴⁾, 171⁽⁴⁵²⁾, 171⁽⁴⁵³⁾, 171⁽⁴⁵⁴⁾, 171⁽⁴⁵⁶⁾, 172⁽⁴⁵⁹⁾, 173⁽⁴⁶⁰⁾, 173⁽⁴⁶²⁾, 175⁽⁴⁷³⁾, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 179⁽⁴⁸⁷⁾, 180⁽⁴⁸⁹⁾, 181⁽⁴⁹¹⁾, 181⁽⁴⁹⁶⁾, 182⁽⁴⁹⁸⁾, 183⁽⁵⁰²⁾

Alves, Marieta – 24⁽³³⁾

Amado, João – 550

Amaral, Gaspar Pais do – 170

Amaral, João – 170⁽⁴⁴⁷⁾, 170⁽⁴⁴⁸⁾

Amaral, Manuel Osório do – 170, 171⁽⁴⁵²⁾

Amaral, Simão Paes do – 171, 171⁽⁴⁵³⁾

Andrade, G. Rebelo de (arquitecto) – 559⁽¹⁴⁷⁹⁾

Anjos, Frei Miguel dos – 492⁽¹¹²³⁾

António, Dionizio, assentador – 109⁽²³⁹⁾

António, Infante D. – 451⁽⁹⁵⁵⁾

António, Pedro, fornecedor de azulejos – 25, 27, 31, 282⁽⁶⁸⁵⁾

Antunes, António, mestre do ofício de oleiro de azulejo e mestre-ladrilhador – 23⁽²⁷⁾, 25, 25⁽⁴⁵⁾, 26⁽⁴⁸⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 128⁽³⁰⁸⁾

Antunes, Bartolomeu, azulejador – 6, 25⁽³⁹⁾, 26, 26⁽⁴⁸⁾, 27⁽⁵⁷⁾, 29, 29⁽⁷⁶⁾, 29⁽⁷⁷⁾, 32⁽⁹⁶⁾, 36⁽¹²⁰⁾, 38⁽¹⁴⁵⁾, 96⁽¹⁹⁰⁾, 105, 109⁽²⁴¹⁾, 109⁽²⁴⁴⁾, 123⁽²⁸⁷⁾, 137, 138, 151, 151⁽³⁹⁰⁾, 162, 168, 178, 229, 239⁽⁶¹⁹⁾, 239⁽⁶²⁰⁾, 246, 249, 249⁽⁶³⁹⁾, 259, 273, 277, 333⁽⁷⁵¹⁾, 336⁽⁷⁵⁷⁾, 343, 349, 353, 356, 366, 385, 394, 395, 404, 406, 413, 422, 422⁽⁸⁹¹⁾, 452, 462, 471⁽¹⁰²¹⁾, 489⁽¹¹⁰²⁾, 490, 531, 535, 536, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾, 552

Antunes, João (arquitecto) – 186⁽⁵¹¹⁾, 345⁽⁷⁷³⁾, 464, 478⁽¹⁰⁴⁴⁾

Antunes, João (negociante de azulejos) – 363

Antunes, João, mestre do ofício de azulejador – 26, 469⁽¹⁰⁰⁹⁾, 470⁽¹⁰¹⁵⁾, 492⁽¹¹²³⁾

Antunes, José (negociante de azulejos) – 348, 348⁽⁷⁸¹⁾, 368⁽⁸¹⁴⁾

Aquila, Petrus, gravador – 44

Araújo, Francisco Ferreira de – 21, 33⁽¹⁰³⁾

Araújo, José Ferreira de – 21, 33⁽¹⁰³⁾

Araújo, José Rosa de – 7⁽²⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 93⁽¹⁷⁹⁾, 96⁽¹⁸⁸⁾, 96⁽¹⁹⁴⁾, 96⁽¹⁹⁵⁾, 97⁽¹⁹⁶⁾, 97⁽¹⁹⁷⁾, 101⁽²¹³⁾, 101⁽²¹⁴⁾, 101⁽²¹⁵⁾, 132⁽³¹⁸⁾

Araújo, Norberto de – 275⁽⁶⁷⁵⁾, 303

Argote de Molina, Gonzalo – 46

Arriaga, Júlio Mardel de – 333

Arronches, Fr. Athanazio de – 292

Atanázio, Manuel Mendes – 202⁽⁵⁴⁶⁾

(*) Foram mantidos os nomes dos autores mencionados em nota à semelhança da edição original.

Aurora, Conde d' – 92 ⁽¹⁷³⁾, 93, 93 ⁽¹⁷⁷⁾

Aveiras, Duque de – 337

Aveiro, Duque de – 186 ⁽⁵¹⁰⁾

Aviler, C. A. – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Azevedo Coutinho, D. Maria Rosa de Sá – 383, 384

Azevedo Coutinho, João António Rodrigues de – 142 ⁽³⁵⁶⁾

Azevedo, Carlos de – 92 ⁽¹⁷³⁾, 93 ⁽¹⁷⁷⁾, 96 ⁽¹⁹¹⁾, 108 ⁽²³⁸⁾, 168 ⁽⁴³⁸⁾, 174 ⁽⁴⁶⁷⁾, 178 ⁽⁴⁸⁴⁾

Baccarelli, Vicente – 105

Badalocchio, Sisto – 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 136 ⁽³²⁶⁾

Bandeira, Jacinto Fernandes (Barão de Porto Covo) – 347

Baptista, Maria Teresa – 20, 20 ⁽¹³⁾

Barata, Mário – 36, 36 ⁽¹¹⁷⁾

Barbé, Jean Baptiste – 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 49 ⁽¹⁵⁰⁾, 199

Barbosa Maciéis – 96 ⁽¹⁸⁸⁾, 99

Barcelos, Fr. Inocêncio de – 292

Barco, Gabriel del, pintor – 19-25, 38 ⁽¹⁴⁰⁾, 95, 95 ⁽¹⁸⁶⁾, 127, 127 ⁽²⁹⁸⁾, 128 ⁽³⁰²⁾, 173, 188, 189, 189 ⁽⁵¹⁶⁾, 260, 182, 284 ⁽⁶⁹¹⁾, 286, 296, 332, 340, 348, 393, 441, 441 ⁽⁹²⁶⁾, 443, 443 ⁽⁹²⁸⁾, 453, 470 ⁽¹⁰¹⁴⁾, 486 ⁽¹⁰⁸⁰⁾, 495, 497 ⁽¹¹⁴⁸⁾, 501, 503, 503 ⁽¹¹⁹⁶⁾, 504, 505, 509, 519 ⁽¹²⁷⁴⁾, 529, 529 ⁽¹³⁶⁵⁾, 530, 531, 537, 543, 549

Barreira, João – 101 ⁽²¹⁰⁾

Barreiros, Manuel de Aguiar – 104 ⁽²²⁵⁾, 115 ⁽²²⁶⁾, 176 ⁽⁴⁷⁶⁾

Barros, Francisco Xavier de, mestre-ladrilhador – 26

Barros, Thomé de, azulejador – 516 ⁽¹²⁵⁷⁾

Bassi, Jacob, gravador – 44

Battistini – 263, 312, 391 ⁽⁸³⁹⁾, 397

Baumgartner, Johann Wolfgang – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Belino, Albano – 130 ⁽³¹¹⁾

Bella, Staffano della, desenhador – 45

Bérain, Jean – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Berardo, Fundação – 94 ⁽¹⁸⁴⁾

Bernardes, António de Oliveira. *Vide* Oliveira Bernardes, António.

Bernardes, Policarpo de Oliveira. *Vide* Oliveira Bernardes, Policarpo.

Bibiena, Ferdinando Galli – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Bigaglia, (Nicola) – 337

Bívar Guerra, Luiz de – 37 ⁽¹²⁹⁾, 282 ⁽⁶⁸⁶⁾

Blomswert, Boetius Van – 50 ⁽¹⁴⁹⁾

Blondel, Jacques-François – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Bobone, Eng.º Manuel – 369 ⁽⁸¹⁵⁾

Boitaca, mestre – 477 ⁽¹⁰⁴¹⁾, 500 ⁽¹¹⁷⁰⁾

Bol, Hans, desenhador – 46

Bollini, António Pimenta, pintor – 255 ⁽⁶⁴³⁾

Borges, Antão – 557 ⁽¹⁴⁷¹⁾, 558 ⁽¹⁴⁷²⁾

Borges, Manuel, azulejador – 6, 7 ⁽²⁾, 26, 27 ⁽⁵³⁾, 30, 33, 91 ⁽¹⁶⁷⁾, 96 ⁽¹⁹⁵⁾, 242, 298, 298 ⁽⁷¹⁶⁾, 356, 325, 525 ⁽¹³⁴¹⁾, 526 ⁽¹³⁴¹⁾, 554 ⁽¹⁴⁵⁸⁾

Botelho, João Luís – 518 ⁽¹²⁶⁷⁾

Boucher, Jean – 420 ⁽⁸⁸⁸⁾

Boumeester, Cornelis – 14, 23, 85, 86

Braamcamp – 14

Bragança, D. José, Arcebispo Primaz – 93, 122 ⁽²⁸⁴⁾, 123, 130, 143 ⁽³⁵⁷⁾, 159 ⁽⁴¹⁴⁾

Brandão, Mariano – 463 ⁽⁹⁹⁷⁾

Brandão, P.º Dr. Domingos Pinho – 23, 127 ⁽²⁹⁸⁾, 142 ⁽³⁵⁰⁾, 142 ⁽³⁵²⁾, 154 ⁽⁴⁰⁴⁾, 154 ⁽⁴⁰⁶⁾

Braubil, G. B., desenhador – 45

Brill, Paul – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Brioso, Manuel da Costa – 27, 38, 212, 214

Briseux, Charles-Étienne – 48 ⁽¹⁴⁹⁾

Brites, D. – 543

Brites, Dr. Luzitano – 94 ⁽¹⁸⁴⁾

Brito, Alberto da Rocha – 207 ⁽⁵⁵⁶⁾

Brito, João de, Bispo – 169

Brito, Joaquim de, pintor de azulejos – 27, 30 ⁽⁸¹⁾, 282 ⁽⁶⁸⁵⁾, 528 ⁽¹³⁵⁹⁾, 544 ⁽¹⁴²⁸⁾

Bruneto, Tomaz – 378

Brunfaut, Jules – 469 ⁽¹⁰⁰⁸⁾

Burnay, Jean Henri – 469 ⁽¹⁰⁰⁸⁾

Cabral Madeira, Joaquim – 46, 285 ⁽⁶⁹⁴⁾

Calado, Rafael Salinas – 30 ⁽⁸³⁾, 483 ⁽¹⁰⁶³⁾

Caldas, António José Ferreira – 99 ⁽²⁰¹⁾, 139 ⁽³³⁹⁾, 141 ⁽³⁴⁸⁾, 142 ⁽³⁵⁰⁾, 142 ⁽³⁵²⁾

Caldas, João Rodrigues – 334

Caldas, Luís Rodrigues – 334

Caldeira Pires – 29, 37, 407

Callot, Jacques – 48 ⁽¹⁴⁹⁾, 50 ⁽¹⁴⁹⁾

Camelo, Francisco Xavier Pereira – 140 ⁽³⁴¹⁾

- Cão, Pereira** – 264, 269, 349
- Caprioli, Alipandro** – 48⁽¹⁴⁹⁾, 133⁽³²³⁾
- Caracci** – 46
- Caranoglio, B., pintor** – 45
- Caratoni, Hier., gravador** – 44
- Cardoso, Martha** – 409⁽⁸⁷¹⁾
- Cardoso, Nuno Catarino** – 118⁽²⁷⁴⁾, 130⁽³¹⁰⁾, 242⁽⁶²⁷⁾, 264⁽⁶⁵⁶⁾, 265⁽⁶⁵⁷⁾, 268, 275⁽⁶⁷⁵⁾, 300⁽⁷²²⁾, 379⁽⁸²⁸⁾, 390⁽⁸³⁸⁾, 417⁽⁸⁷⁸⁾, 438⁽⁹²⁰⁾, 479⁽¹⁰⁸⁴⁾, 503⁽¹¹⁹¹⁾, 504⁽¹¹⁹⁷⁾, 506⁽¹²⁰⁶⁾, 524⁽¹³³⁶⁾, 530⁽¹³⁷¹⁾, 539⁽¹⁴⁰⁹⁾, 542⁽¹⁴²¹⁾, 549⁽¹⁴⁴⁴⁾, 555⁽¹⁴⁶³⁾, 555⁽¹⁴⁶⁴⁾, 558⁽¹⁴⁷³⁾, 559⁽¹⁴⁷⁶⁾, 563⁽¹⁴⁹³⁾
- Cardoso, Silvério** – 398
- Carino, Pedro, desenhador** – 45
- Carlos Reis** – 408
- Carracci, Agostino** – 48⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾
- Carracci, Annibale** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 109⁽²⁴²⁾, 117⁽²⁷⁰⁾, 189⁽⁵¹⁷⁾
- Carvalho, Iria Gonçalves do** – 497⁽¹¹⁴⁹⁾
- Carvalho, Amadeu Ferraz de** – 27⁽⁵⁴⁾, 38, 38⁽¹⁴³⁾, 214, 214⁽²⁷⁵⁾, 214⁽²⁷⁷⁾
- Carvalho, Ayres de** – 302⁽⁷²⁷⁾, 501⁽¹¹⁷⁴⁾
- Carvalho, João Baptista, pintor** – 34
- Carvalho, João Diogo de Barros Leitão** – 28
- Carvalho, Manuel Nunes de, fornecedor de azulejos** – 25, 27, 31, 282⁽⁶⁸⁵⁾
- Carvalho, Pedro Alexandrino** – 480⁽¹⁰⁵²⁾
- Carvalho, Sebastião de** – 340
- Carvalho, Sousa** – 38, 39, 45, 166, 172⁽⁴⁵⁹⁾, 178, 180, 186, 188, 214, 223, 225
- Castilho, João de** – 480⁽¹⁰⁵²⁾
- Castilho, Júlio de** – 269, 332, 351, 351⁽⁷⁹²⁾, 352, 374
- Castro e Silva, Francisco Liberato Teles de. Vide Teles, Liberato.**
- Castro Maia, Raimundo (Rio de Janeiro)** – 46
- Castro, Conde D. Álvaro Pires de** – 503⁽¹¹⁹⁶⁾
- Castro, Damião António de Lemos Faria e** – 550⁽¹⁴⁴⁸⁾
- Castro, V. D. Fr. Agostinho de** – 292
- Celano, Tomás** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾
- Chagas, Frei António das** – 475
- Chanterene, Nicolau** – 495
- Ciamberlano, Lucas, gravador** – 44
- Cocheril, Maur** – 48⁽¹⁴⁹⁾, 102⁽²¹⁷⁾, 102⁽²¹⁹⁾, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 176⁽⁴⁷⁷⁾, 177⁽⁴⁷⁹⁾, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 236⁽⁶¹³⁾, 237⁽⁶¹⁷⁾, 496⁽¹¹⁴⁶⁾, 528⁽¹³⁵⁹⁾
- Coelho, Adriano Júlio** – 349
- Coelho, Ambrósio** – 97
- Coelho, Armando** – 398
- Coelho, Cláudio** – 417
- Coimbra, D. João de** – 112
- Colbert** – 5
- Collaert, Adriaen** – 15, 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 154⁽⁴⁰⁶⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾
- Collignon, gravador** – 45
- Constança, D.** – 471
- Cordeiro de Sousa, J. M.** – 21⁽¹⁷⁾
- Cordeiro, Luciano** – 399, 399⁽⁸⁴⁹⁾, 399⁽⁸⁵¹⁾
- Correia, Vergílio** – 16, 19, 20⁽¹⁵⁾, 25, 27, 29, 32, 35, 37, 38, 73⁽¹⁵⁶⁾, 96⁽¹⁹⁵⁾, 262, 298, 383⁽⁸³²⁾, 387, 393⁽⁸⁴⁴⁾, 404, 405, 406⁽⁸⁶⁴⁾, 447⁽⁹³⁴⁾, 449⁽⁹⁴⁶⁾, 460, 498⁽¹¹⁵¹⁾, 504⁽¹¹⁹⁷⁾
- Cort, Cornelis** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 92⁽¹⁷¹⁾, 112⁽²⁵⁵⁾, 116⁽²⁶⁹⁾, 136⁽³²⁶⁾, 492⁽¹¹²³⁾
- Cortez, Russel** – 158⁽⁴¹³⁾, 159⁽⁴¹⁵⁾, 179
- Costa Rosado, Manuel da** – 29, 37
- Costa, Alberto da, mestre-oleiro** – 21⁽¹⁸⁾, 27
- Costa, António, oficial de oleiro** – 27⁽⁶⁰⁾, 31
- Costa, Braz da** – 21
- Costa, Francisco da, oleiro** – 31
- Costa, Francisco Jorge da** – 28, 28⁽⁶²⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾, 418⁽⁸⁸²⁾, 436⁽⁹¹⁶⁾, 451⁽⁹⁵⁷⁾, 475⁽¹⁰³⁵⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 481⁽¹⁰⁵⁶⁾, 484⁽¹⁰⁶⁹⁾, 489⁽¹¹⁰⁴⁾, 492⁽¹¹²¹⁾
- Costa, Inácio, oleiro** – 21⁽¹⁸⁾
- Costa, João Neto da (ladrilhador)** – 23⁽²⁷⁾, 31⁽⁹²⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 128⁽³⁰²⁾, 153, 153⁽³⁹⁷⁾
- Costa, José da, azulejador** – 28, 280⁽⁶⁸⁰⁾, 281⁽⁶⁸¹⁾
- Costa, Manuel da (I), pintor de azulejos** – 28, 31, 142⁽³⁵²⁾
- Costa, Manuel da (II), mestre-oleiro de pintado** – 28, 30, 291⁽⁷⁰⁵⁾
- Costa, Manuel, pintor de louça** – 21⁽¹⁸⁾
- Costa, P.º A. Carvalho da** – 349⁽⁷⁸³⁾
- Costa, Pedro da, oficial do ofício de oleiro** – 27
- Costa, Valentim da, azulejador** – 28, 33
- Cotto, R. m. Do. Vide Couto, Raimundo do.**
- Coutinho, João (bispo do Algarve)** – 536⁽¹³⁹⁰⁾, 552⁽¹⁴⁵⁶⁾

- Coutinho, João António Rodrigues de Azevedo. *Vide* Azevedo Coutinho, João António Rodrigues de.
- Coutinho, João da Fonseca Achioli – 498
- Couto, Raimundo do – 21⁽²⁰⁾, 23, 29, 29⁽⁷⁰⁾
- Cramer, António – 472, 473
- Cristóvão Aires – 384
- Cruz, António – 370, 153
- Cruz, Manuel Braga da – 130
- Cruz, Manuel da, azulejador – 38, 214
- Cruz, Marcos da, pintor – 20, 21
- Cruz, V. P.^e João da – 292
- Cunego, Aloysio, gravador – 44
- Cunha e Freitas, Eugenio de Andréa da – 37⁽¹²⁷⁾, 155⁽⁴⁰⁸⁾, 186⁽⁵¹⁰⁾
- Cunha, Alfredo da – 337
- D. Maria Rosa de Sá Azevedo Coutinho. *Vide*: Azevedo Coutinho, D. Maria Rosa de Sá.
- Damasio, António Joaquim – 36⁽¹¹⁵⁾
- Daniel – 29
- Dantas da Cunha, Domingos – 21, 22, 349
- Daupias, Nuno – 20⁽¹¹⁾
- Davenport, Nancy – 275⁽⁶⁷²⁾
- Delphinus, C., pintor – 45
- Demarne, gravador – 45, 49⁽¹⁴⁹⁾
- Deus, João de – 29, 460⁽⁹⁷⁹⁾
- Dias, F. J. – 264
- Dias, Rui – 506⁽¹²⁰⁵⁾
- Dorigny, Michel – 47⁽¹⁴⁹⁾
- Du Monceau, Henri-Louis Duhamel – 48⁽¹⁴⁹⁾
- Duarte, Bartolomeu – 488
- Duarte, João – 503⁽¹¹⁹⁶⁾
- Duarte, Manuel (mestre de pedraria) – 503⁽¹¹⁹⁶⁾
- Dürer, Albrecht – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 112⁽²⁵⁵⁾, 115⁽²⁶⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾
- Elvas, Fr. António de – 292
- Engelbrecht, Martin – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 195, 477⁽¹⁰⁴¹⁾
- Estaço, B. João – 292
- Estremoz, Beato João de – 292
- Faria, Duarte de – 123⁽²⁸⁶⁾
- Faria, Joaquim José Monteiro de – 29
- Faro, Artur Porto de Melo e, Conde de Monte Real – 333
- Favacho, João – 480⁽¹⁰⁵²⁾
- Femine, Júlio César de – 405
- Fernando, D. (Bispo de Évora) – 538
- Fernando, Infante D. – 543
- Ferrão, Bernardo – 75⁽¹⁶⁰⁾
- Ferrão, Julieta – 256⁽⁶⁴⁵⁾
- Ferraz de Carvalho, Amadeu – 38, 214
- Ferreira, J. Bethencourt – 149⁽³⁸⁰⁾
- Ferreira, Sebastião Gomes – 29
- Fialho, João António Júdice – 550⁽¹⁴⁴⁹⁾
- Figueira, Pedro – 32, 543⁽¹⁴²⁴⁾
- Figueiredo, Dr. José de – 333
- Florido, Abel Montenegro – 169⁽⁴⁴⁰⁾
- Fonseca, João da (oleiro) – 213
- Fosse, De la, pintor – 47
- Fragoso, Gaspar (cavaleiro) – 497⁽¹¹⁴⁷⁾
- Fragoso, João, oficial de oleiro – 31
- Frei Agostinho de Santa Maria – 20⁽¹²⁾, 204⁽⁵⁴⁹⁾, 262⁽⁶⁵⁴⁾, 263⁽⁶⁵⁵⁾
- Freitas, Bernardino José de Sena – 115⁽²⁶²⁾, 116⁽²⁶⁷⁾
- Freitas, Jordão de – 333
- Freitas, Nicolau de, pintor de azulejos – 25, 26, 29, 29⁽⁷⁶⁾, 109, 109⁽²⁴⁴⁾, 118⁽²⁷⁴⁾, 124, 239⁽⁶¹⁹⁾, 282⁽⁶⁸⁹⁾, 422, 437⁽⁹¹⁸⁾, 451⁽⁹⁵³⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 471⁽¹⁰²¹⁾, 491⁽¹¹¹⁹⁾, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 523⁽¹³³³⁾, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾
- Frey, Jacob, gravador – 46
- Frothingham, Alice – 281
- Galle, Cornelis – 15, 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 177⁽⁴⁷⁸⁾, 199
- Galle, Johannes – 46, 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾
- Galle, Philippe, gravador – 46, 197
- Gama, D. Simão da (bispo do Algarve) – 549, 550⁽¹⁴⁴⁷⁾
- Gama, Fernão Gomes – 469
- Garcez de Brito, D. Francisca Antónia Xavier de Lara e Sousa – 199
- Garcez, Teixeira – 442
- Garcia, Prudêncio Quintino – 30⁽⁸²⁾, 36, 36⁽¹¹³⁾, 38, 38⁽¹³⁹⁾, 38⁽¹⁴⁴⁾, 214, 214⁽⁵⁷⁶⁾, 214⁽⁵⁷⁷⁾
- Gativanda, R.^a do Gorgistão – 292

Giancarli, Poliphilo, desenhador – 44 Gildemester – 14

Godinho, António Manuel – 28, 30, 402

Goes, Bernardo António de Oliveira – 30, 30⁽⁸⁰⁾

Goes, Manuel António de, pintor de azulejos – 30

Góis, José de, mestre-azulejador – 30, 30⁽⁸²⁾

Goltzius – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 154⁽⁴⁰⁶⁾

Gomes, António, oficial de azulejador – 30

Gomes, J. A. Marques – 186⁽⁵¹⁰⁾

Gomes, Joaquim (azulejador) – 506⁽¹²⁰⁵⁾

Gomes, Manuel – 7⁽²⁾, 30, 96⁽¹⁹⁵⁾, 97

Gonçalves Crespo – 384

Gonçalves, A. A. – 36⁽¹¹³⁾, 38⁽¹³⁹⁾

Gonçalves, A. Nogueira – 36⁽¹¹⁶⁾, 142⁽³⁵⁰⁾, 185⁽⁵⁰⁴⁾, 185⁽⁵⁰⁶⁾, 186⁽⁵¹⁰⁾, 186⁽⁵¹¹⁾, 187⁽⁵¹³⁾, 188⁽⁵¹⁵⁾, 189⁽⁵¹⁶⁾, 194⁽⁵³¹⁾, 214⁽⁵⁷⁹⁾, 217⁽⁵⁸³⁾, 222⁽⁵⁸⁹⁾

Gonçalves, Adrião, mestre-ladrilhador – 25

Gonçalves, André – 47⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 513⁽¹²³⁸⁾

Gonçalves, Cláudio – 420⁽⁸⁸⁸⁾

Gonçalves, Flávio – 23, 25⁽³⁸⁾, 38⁽¹³⁴⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 71⁽¹⁵²⁾, 97, 97⁽¹⁹⁸⁾, 110, 127⁽²⁹⁸⁾, 128⁽³⁰²⁾, 136⁽³²⁴⁾, 137, 140, 246⁽⁶³⁵⁾

Gouveia, Fr. António de – 301⁽⁷²⁴⁾

Göz, Gottfried Bernhard – 48, 102⁽²¹⁹⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾

Graaf, G. D. – 85, 86

Graça, V. P. Fr. Pedro da – 292

Gualter, oleiro – 30, 179

Guarini, Guarino – 4

Guerra, Luís de Figueiredo da – 96

Guerra, Luiz de Bívar – 37⁽¹²⁹⁾, 282⁽⁶⁸⁶⁾

Guimarães, Agostinho – 138, 138⁽³³⁵⁾, 138⁽³³⁶⁾, 150⁽³⁸⁶⁾, 151⁽³⁸⁸⁾

Guimarães, Alfredo – 140, 140⁽³⁴¹⁾, 141⁽³⁴⁶⁾

Guimarães, Feliciano – 27, 38, 71⁽¹⁵²⁾, 93⁽¹⁷⁹⁾, 207⁽⁵⁵⁵⁾, 73⁽¹⁵⁶⁾, 73⁽¹⁵⁷⁾, 74⁽¹⁵⁸⁾, 94⁽¹⁸¹⁾, 94⁽¹⁸⁴⁾, 100, 100⁽²⁰⁸⁾, 100⁽²⁰⁹⁾, 101, 101⁽²¹⁰⁾, 101⁽²¹¹⁾, 214, 214⁽⁵⁷⁶⁾, 214⁽⁵⁷⁷⁾

Guizenrode (?), Padre Inácio de – 96⁽¹⁸⁸⁾

Gusmão, Adriano de – 264⁽⁶⁵⁶⁾, 265⁽⁶⁵⁷⁾, 379⁽⁸²⁸⁾, 401⁽⁸⁵³⁾, 407⁽⁸⁶⁶⁾, 411⁽⁸⁷³⁾, 414⁽⁸⁷⁵⁾, 416⁽⁸⁷⁶⁾, 417⁽⁸⁷⁹⁾

Habermann, Franz Xaver – 48⁽¹⁴⁹⁾, 123⁽²⁸⁴⁾

Heemskerck, Maarten van, gravador – 46

Henrique, Cardeal D. – 503⁽¹¹⁹⁶⁾, 519⁽¹²⁷⁷⁾

Henriques, Barnabé – 512⁽¹²³³⁾

Henriques, Luís Gomes – 27

Himalaia, Padre – 394⁽⁸⁴⁵⁾

Homens, Frei João de Nossa Senhora Mãe dos – 477⁽¹⁰⁴¹⁾

Hondis, J. – 85, 284⁽⁶⁹²⁾

Hondius, H. – 284

Hooghe, Romeyn de – 85

Horta, B. P.º Fr. Luís da – 292

Humblot, A. – 419⁽⁸⁸⁴⁾

Iolland, G. gravador – 46

Jaime, Duque de Bragança, D. – 140⁽³⁴¹⁾

Jan Pluis – 85⁽¹⁶⁴⁾

João I Duque de Bragança, D. – 541⁽¹⁴¹⁶⁾

João III, D. – 140, 474⁽¹⁰³⁰⁾, 503⁽¹¹⁹⁶⁾

João IV, D. – 297, 306, 474⁽¹⁰³⁰⁾, 540⁽¹⁴¹⁴⁾

João V, D. – 24, 106, 249, 302⁽⁷²⁷⁾, 305, 325, 337, 451⁽⁹⁵⁵⁾, 454, 488⁽¹⁰⁹⁸⁾, 508⁽¹²¹³⁾, 513⁽¹²³⁸⁾, 557⁽¹⁴⁷¹⁾

João, Gregório, oficial de ladrilhador – 31

João, Manuel, oficial de oleiro – 31

Jode, Gérard de – 46

Jode, Peter de, gravador – 46

Jollain, Gérard, gravador – 46

Jonge, Dr.º C. H. de – 85⁽¹⁶⁴⁾

Jorge, Domingos, mestre-ladrilhador – 30, 31

Jorge, Domingos, mestre-oleiro – 31

Jorge, Duque de Coimbra, D. – 480⁽¹⁰⁵¹⁾

Jorge, Manuel, mestre oleiro – 31

José I, D. – 325, 326

José, Bernardo, oficial de pintor de azulejos – 31

José, Ricardo – 30, 31, 282⁽⁶⁸⁵⁾

Jouvenet, Jean, gravador – 45, 46, 259

Keil, Luís – 28⁽⁶⁵⁾, 483⁽¹⁰⁶²⁾, 483⁽¹⁰⁶³⁾, 483⁽¹⁰⁶⁵⁾, 484⁽¹⁰⁶⁷⁾, 484⁽¹⁰⁶⁹⁾, 484⁽¹⁰⁷⁰⁾, 484⁽¹⁰⁷²⁾, 485⁽¹⁰⁷³⁾, 486⁽¹⁰⁷⁸⁾, 486⁽¹⁰⁷⁹⁾, 487⁽¹⁰⁸⁶⁾, 487⁽¹⁰⁸⁷⁾, 488⁽¹⁰⁹⁶⁾, 488⁽¹⁰⁹⁹⁾, 491⁽¹¹¹⁶⁾, 491⁽¹¹¹⁹⁾, 493⁽¹¹²⁸⁾, 493⁽¹¹²⁹⁾, 493⁽¹¹³²⁾, 494⁽¹¹³⁶⁾, 495⁽¹¹⁴⁰⁾, 495⁽¹¹⁴²⁾, 496⁽¹¹⁴⁶⁾, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 497⁽¹¹⁴⁹⁾, 497⁽¹¹⁵⁰⁾, 498⁽¹¹⁵¹⁾, 498⁽¹¹⁵⁴⁾, 499⁽¹¹⁶⁵⁾, 500⁽¹¹⁶⁹⁾

Klauber, Joseph Sebastian e Joseph Baptist – 48⁽¹⁴⁹⁾

Kloet, van der – 15, 23, 112, 281

Korf, Dingeman – 72

- Laan, A. van der** – 85
- Lamas, Arthur** – 26⁽⁵¹⁾, 28⁽⁶⁴⁾, 280⁽⁶⁸⁰⁾, 359⁽⁸⁰²⁾
- Lammelin, Adrien** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 202
- Lancret, Nicolas** – 469⁽¹⁰⁰⁸⁾
- Lanfranco, Giovanni** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 112⁽²⁵⁵⁾, 136⁽³²⁶⁾, 144⁽³⁶⁴⁾
- Laprade, Claude** – 188
- Larmessin, Nicolas** – 469⁽¹⁰⁰⁸⁾
- Le Clerc, Sebastien** – 48⁽¹⁴⁹⁾
- Le Pautre, Jean** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 136⁽³²⁶⁾, 344⁽⁷⁷²⁾
- Leal, Pinho** – 178⁽⁴⁸⁴⁾, 179⁽⁴⁸⁵⁾, 266⁽⁶⁶²⁾, 340
- Leitão, Eng.º José Manuel** – 113⁽²⁵⁶⁾, 271⁽⁶⁶⁷⁾
- Leitão, Lázaro** – 280, 280⁽⁶⁸⁰⁾
- Leite, José** – 341
- Lencastre, D. Isabel de** – 539
- Lencastre, Duque D. Jorge de** – 484⁽¹⁰⁷⁰⁾
- Lescole, Miguel** – 127
- Lima e Melo, Inês Helena de** – 351
- Lima, António Felgueiras, Cónego** – 99
- Lima, Durval Pires de** – 275⁽⁶⁷⁵⁾
- Lino, Raul** – 268, 282⁽⁶⁸⁶⁾, 469, 487⁽¹⁰⁸⁷⁾, 509⁽¹²¹⁹⁾
- Lisboa, B. Fr. Álvaro de** – 292
- Lisboa, V. Fr. Gaspar de** – 292
- Lobo, Sebastião da Gama** – 469
- Lons, D.** – 85
- Lucena, Armando de** – 469⁽¹⁰⁰⁷⁾
- Ludovice, João Frederico (arquitecto)** – 4, 324, 376
- Ludovice, João Pedro** – 337, 347
- Luís** – 21
- Luís XIV** – 5
- Luís, Infante D.** – 140⁽³⁴¹⁾, 503⁽¹¹⁹⁶⁾, 510⁽¹²²⁷⁾
- Luís, José, oficial de pintor** – 31
- Lusignan, D. António de São Payo Melo e Castro Moniz Torres de, (Conde de São Payo)** – 470
- Lusitano, Francisco Vieira** – 351, 351⁽⁷⁹²⁾
- Machado, Cyrillo Wolkmar** – 30, 30⁽⁷⁹⁾
- Machado, Francisco Magalhães, OTSF** – 143⁽³⁵⁷⁾
- Maciel, João Barbosa Teixeira** – 99
- Madahil, A. G. da Rocha** – 186⁽⁵¹¹⁾
- Madeira, Capitão Jerónimo Cabral** – 285⁽⁶⁹⁴⁾
- Magalhães, Basto, A. de** – 31⁽⁹²⁾, 37⁽¹²⁴⁾, 152⁽³⁹⁵⁾, 153⁽³⁹⁸⁾, 154⁽⁴⁰³⁾, 187⁽⁵¹³⁾
- Malagrida, Padre** – 480⁽¹⁰⁵⁰⁾
- Mâle, Émile** – 286⁽⁶⁹⁷⁾, 555⁽¹⁴⁶²⁾
- Mallery, Karel von** – 49⁽¹⁴⁹⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾
- Mander, van** – 15⁽⁷⁾
- Manuel I, D.** – 474⁽¹⁰³⁰⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 480⁽¹⁰⁵²⁾, 481⁽¹⁰⁵⁵⁾, 510⁽¹²²⁷⁾, 515⁽¹²⁵⁰⁾, 543
- Manuel, D. Manuel de Moura** – 188, 189
- Maratta, Carlo, gravador** – 44, 405, 405⁽⁸⁶³⁾
- Mardel, Júlio** – 333, 333⁽⁷⁵⁰⁾
- Marne, gravador** – 47
- Marqueses de Tancos** – 21⁽²⁰⁾, 29
- Martins, Gaspar** – 556⁽¹⁴⁶⁸⁾
- Martins, Manuel** – 554⁽¹⁴⁵⁹⁾, 557⁽¹⁴⁷¹⁾
- Martins, Pedro, fornecedor de azulejos** – 25, 27, 30, 282⁽⁶⁸⁵⁾
- Mascarenhas, D. António de** – 340
- Mascarenhas, D. Vasco (1.º Conde de Óbidos)** – 340
- Mascarenhas, J. Fernandes** – 58⁽¹⁵¹⁾, 414⁽⁸⁷⁵⁾
- Matos, Francisco de** – 14
- Matos, Marçal de** – 14
- Mazarino** – 5
- Mazo, Pedro, azulejador** – 30, 31, 282⁽⁶⁸⁵⁾
- Meco, José** – 22⁽²⁶⁾, 25⁽³⁴⁾, 25⁽³⁸⁾, 25⁽³⁹⁾, 26⁽⁴⁸⁾, 27⁽⁵²⁾, 27⁽⁵⁵⁾, 28⁽⁶²⁾, 29⁽⁷⁶⁾, 32⁽⁹⁷⁾, 32⁽¹⁰⁰⁾, 34⁽¹⁰⁸⁾, 35⁽¹¹¹⁾, 36⁽¹¹⁴⁾, 36⁽¹¹⁸⁾, 37⁽¹²⁸⁾, 38⁽¹³⁴⁾, 38⁽¹³⁶⁾, 38⁽¹⁴⁰⁾, 47⁽¹⁴⁹⁾, 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 58⁽¹⁵¹⁾, 91⁽¹⁷⁰⁾, 93⁽¹⁷⁹⁾, 94⁽¹⁸⁴⁾, 95⁽¹⁸⁶⁾, 96⁽¹⁸⁹⁾, 97⁽¹⁹⁸⁾, 99⁽²⁰²⁾, 101, 101⁽²¹⁵⁾, 102⁽²¹⁸⁾, 108⁽²³⁶⁾, 109⁽²⁴⁴⁾, 111⁽²⁴⁹⁾, 112⁽²⁵⁴⁾, 113⁽²⁵⁶⁾, 130⁽³¹³⁾, 131⁽³¹⁶⁾, 138⁽³³⁵⁾, 139⁽³⁴⁰⁾, 141⁽³⁴⁸⁾, 142⁽³⁵¹⁾, 142⁽³⁵⁴⁾, 143⁽³⁵⁷⁾, 151⁽³⁸⁸⁾, 154⁽⁴⁰²⁾, 155⁽⁴⁰⁸⁾, 159⁽⁴¹⁵⁾, 162⁽⁴²⁴⁾, 169⁽⁴⁴³⁾, 175⁽⁴⁷³⁾, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 181⁽⁴⁹⁵⁾, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 183⁽⁵⁰²⁾, 187⁽⁵¹³⁾, 189⁽⁵¹⁶⁾, 209⁽⁵⁶⁰⁾, 236⁽⁶¹²⁾, 236⁽⁶¹⁵⁾, 239⁽⁶¹⁹⁾, 239⁽⁶²⁰⁾, 241⁽⁶²²⁾, 241⁽⁶²⁴⁾, 242⁽⁶²⁶⁾, 242⁽⁶²⁹⁾, 243⁽⁶³²⁾, 246⁽⁶³⁴⁾, 246⁽⁶³⁶⁾, 247⁽⁶³⁸⁾, 251⁽⁶⁴¹⁾, 251⁽⁶⁴²⁾, 285⁽⁶⁹³⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾, 339⁽⁷⁶²⁾, 359⁽⁸⁰³⁾, 396⁽⁸⁴⁷⁾, 419⁽⁸⁸³⁾, 420⁽⁸⁸⁷⁾, 422⁽⁸⁹²⁾, 423⁽⁸⁹³⁾, 423⁽⁸⁹⁵⁾, 429⁽⁹⁰⁶⁾, 436⁽⁹¹⁶⁾, 438⁽⁹²¹⁾, 441⁽⁹²⁶⁾, 443⁽⁹²⁸⁾, 447⁽⁹³⁶⁾, 449⁽⁹⁴⁷⁾, 451⁽⁹⁵⁵⁾, 462⁽⁹⁹⁰⁾, 463⁽⁹⁹⁶⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 464⁽⁹⁹⁸⁾, 465⁽⁹⁹⁹⁾, 471⁽¹⁰²¹⁾, 475⁽¹⁰³⁵⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 478⁽¹⁰⁴⁴⁾, 481⁽¹⁰⁵⁴⁾, 484⁽¹⁰⁶⁹⁾, 488⁽¹⁰⁹⁵⁾, 488⁽¹⁰⁹⁸⁾, 489⁽¹¹⁰⁴⁾, 490⁽¹¹⁰⁶⁾, 490⁽¹¹¹¹⁾, 491⁽¹¹¹⁵⁾, 491⁽¹¹¹⁸⁾, 491⁽¹¹¹⁹⁾, 492⁽¹¹²¹⁾, 492⁽¹¹²⁵⁾, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 501⁽¹¹⁷⁸⁾, 501⁽¹¹⁸⁰⁾, 506⁽¹²⁰⁵⁾, 509⁽¹²¹⁹⁾, 513⁽¹²³⁸⁾, 518⁽¹²⁶⁹⁾, 519⁽¹²⁷²⁾, 520⁽¹²⁸⁴⁾, 523⁽¹³³³⁾, 529⁽¹³⁶³⁾, 537⁽¹³⁹¹⁾, 550⁽¹⁴⁴⁷⁾, 551⁽¹⁴⁵³⁾, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾, 554⁽¹⁴⁵⁸⁾, 554⁽¹⁴⁵⁹⁾, 554⁽¹⁴⁶⁰⁾, 562⁽¹⁴⁸⁷⁾
- Meira, Alberto** – 100⁽²⁰⁹⁾

- Meissonnier – 350
- Melo, B. Fr. Nicolau de – 292
- Melo, D. João das Neves de Sá e – 184, 194
- Melo, D. Jorge de – 495, 496
- Melo, D. Pedro José de – 297⁽⁷¹³⁾
- Melo, D. Rodrigo Afonso de – 524⁽¹³³⁴⁾
- Melo, Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e – 138⁽³³⁴⁾, 168⁽⁴³⁸⁾
- Melo, Sebastião José de Carvalho e (Marquês de Pombal) – 8, 199⁽⁵⁴³⁾, 200⁽⁵⁴³⁾, 340, 396, 407
- Mendes Norton – 94⁽¹⁸⁴⁾
- Mendes Pinto, Maria Helena e Vítor – 39⁽¹⁴⁷⁾
- Mendes, Padre Diogo – 481⁽¹⁰⁵⁴⁾
- Mendonça, Manuel Furtado de, pintor de tectos – 110, 137
- Menezes, V. D. Fr. Aleixo – 292
- Merlen, L. J. van – 29⁽⁷²⁾
- Miei, J., pintor – 45
- Miette, J., pintor – 45
- Miguéis, Rodrigues – 388
- Mitelli, Giuseppe Maria – 48⁽¹⁴⁹⁾
- Mochetti, Alex., gravador – 44
- Moira, António Gonçalves de, pintor – 26⁽⁴⁹⁾
- Moita, Dr.^a Irisalva – 351
- Moitte, gravador – 47
- Monbasilio, pintor – 45
- Montagnano, Paulo – 44
- Monteiro, José Luís – 333
- Monteiro, Manuel – 71⁽¹⁵²⁾, 100, 124, 144
- Morais, João – 559⁽¹⁴⁷⁹⁾
- Moreira, Alexandre Pinto, mestre-ensamblador – 140⁽³³⁴⁾
- Morghan, G., gravador – 44
- Moser, Jorge de – 20⁽¹⁰⁾, 33⁽¹⁰⁴⁾, 37⁽¹³²⁾, 318⁽⁷³⁴⁾
- Moura, D. Mécia de – 533
- Mouta, J. Henriques – 175⁽⁴⁷²⁾
- Nadal, Jerónimo – 49⁽¹⁴⁹⁾, 189⁽⁵¹⁸⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 481⁽¹⁰⁵⁴⁾
- Napolitano, Pietro António Prisco – 45
- Nasoni, Nicolau – 4
- Nassau, João Maurício de – 72
- Natividade, B. P.^e Fr. António da – 292
- Nazareth, B. P.^e Fr. Manuel de – 292
- Negreiros, Manuel da Costa – 322
- Neto, João (ou João Neto da Costa), mestre-azulejador – 23⁽²⁷⁾, 31⁽⁹²⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 128⁽³⁰²⁾, 153, 153⁽³⁹⁷⁾
- Neves, Agostinha das – 20, 20⁽¹²⁾, 20⁽¹³⁾
- Neves, Dr. Sousa – 234
- Nieuhoff, Jean – 419⁽⁸⁸⁴⁾
- Nobre, Antero – 414⁽⁸⁷⁵⁾
- Nooms, Rainier – 85
- Norte Júnior, Joaquim Manuel – 550⁽¹⁴⁴⁹⁾
- Nunes de Oliveira, João – 26⁽⁴⁸⁾, 32
- Nunes, Domingos – 32, 460⁽⁹⁷⁹⁾
- Nunes, João (mestre ladrilhador) – 32⁽⁹⁶⁾, 336⁽⁷⁵⁷⁾
- O'Neill, Jorge – 263, 268
- Oliveira Bernardes, António, pintor de azulejos – 33, 105, 247
- Oliveira Bernardes, Escola de – 146, 344, 404, 516⁽¹²⁵⁹⁾
- Oliveira Bernardes, Inácio de, pintor – 33
- Oliveira Bernardes, José de, pintor – 33⁽¹⁰⁵⁾
- Oliveira Bernardes, Policarpo – 4, 26, 32, 33, 34, 34⁽¹⁰⁸⁾, 35, 96⁽¹⁸⁸⁾, 96⁽¹⁹⁵⁾, 97, 97⁽¹⁹⁵⁾, 99, 103, 116, 116⁽²⁶⁷⁾, 140, 140⁽³⁴¹⁾, 169, 170, 247⁽⁶³⁸⁾, 253, 266, 278, 399, 400, 423⁽⁸⁹⁵⁾, 435, 459⁽⁹⁷⁴⁾, 492, 492⁽¹¹²⁵⁾, 514, 518, 526⁽¹³⁴¹⁾, 526⁽¹³⁴⁶⁾, 537⁽¹³⁹²⁾, 539, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾, 543, 545, 547, 548, 553, 554, 554⁽¹⁴⁵⁸⁾, 557⁽¹⁴⁷¹⁾, 558⁽¹⁴⁷⁴⁾
- Oliveira, António de, pintor de azulejos – 20, 20⁽¹⁵⁾, 21, 21⁽¹⁸⁾, 23, 26, 28⁽⁶⁹⁾, 29, 32, 32⁽¹⁰⁰⁾, 32⁽¹⁰³⁾, 33, 34, 38, 47⁽¹⁴⁹⁾, 48⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 97, 97⁽¹⁹⁵⁾, 105, 116⁽²⁶⁹⁾, 118, 119, 125, 127, 129, 130, 130⁽³¹⁰⁾, 130⁽³¹¹⁾, 131, 161⁽⁴²²⁾, 238, 242, 242⁽⁶²⁹⁾, 247, 262, 263, 267, 271, 278, 284, 290, 300, 302, 328, 329, 344, 356, 368, 399⁽⁸⁵¹⁾, 400⁽⁸⁵³⁾, 403, 404, 405, 406⁽⁸⁶⁴⁾, 420, 435, 446, 447⁽⁹³⁴⁾, 458, 459⁽⁹⁷⁴⁾, 471, 472, 475⁽¹⁰³²⁾, 479, 481⁽¹⁰⁵⁴⁾, 498⁽¹¹⁵¹⁾, 501, 510⁽¹¹²⁶⁾, 511, 518⁽¹²⁶⁹⁾, 526, 526⁽¹³⁴¹⁾, 541⁽¹⁴¹⁵⁾, 542, 543⁽¹⁴²⁴⁾
- Oliveira, Francisco de Paula e – 32, 32⁽⁹⁷⁾, 297⁽⁷¹¹⁾
- Oliveira, João de, mestre-ladrilhador – 32
- Oliveira, Luís Augusto de – 91⁽¹⁶⁷⁾, 93⁽¹⁷⁹⁾
- Oliveira, Manuel de – 32⁽⁹⁹⁾, 99⁽²⁰¹⁾, 438⁽⁹¹⁹⁾, 464, 554⁽¹⁴⁵⁸⁾
- Oliveira, Mateus Vicente de – 337
- Oort, Jan van – 15, 21, 23, 49⁽¹⁴⁹⁾, 290
- Oppenordt, Gilles Marie – 48⁽¹⁴⁹⁾, 350
- Oudry, Jean Baptiste – 48⁽¹⁴⁹⁾, 309, 310⁽⁷³³⁾, 311
- Padilha, André, pintor – 97

Paiva, Agostinho de, oleiro e pintor de azulejos – 36, 36⁽¹¹³⁾, 36⁽¹¹⁴⁾, 182⁽⁴⁹⁸⁾, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 183⁽⁵⁰¹⁾, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 208⁽⁵⁵⁹⁾, 213

Palma, Manuel de Borges, mestre-azulejador – 26, 27, 27⁽⁵³⁾

Paluzzi, Giovanni Marco, gravador – 45

Pardo, Giraldo Fernandes do – 541⁽¹⁴¹⁶⁾

Passe, Crispin van de, gravador – 46, 48⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾

Passeri, Bernardino – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾, 133⁽³²³⁾

Passos Dias, Manuel de, pintor de azulejos – 36

Pedro II, D. – 45, 123, 305, 469⁽¹⁰⁰⁹⁾, 471⁽¹⁰¹⁸⁾, 475

Pedro, S., pintor de azulejos – 36

Pegado, João Pereira – 543⁽¹⁴²⁴⁾

Peixoto, Rocha – 71, 71⁽¹⁵²⁾, 149⁽³⁸¹⁾

Peixoto, Rocha – 71, 71⁽¹⁵²⁾, 149⁽³⁸¹⁾

Pellemon, Paulo – 35, 35⁽¹¹⁰⁾

Pellemon, Phelippe – 35, 35⁽¹¹⁰⁾

Pena Firme, V. Fr. Aleixo de – 292

Pereira, António – 21, 23⁽²⁹⁾, 31, 36⁽¹¹⁸⁾, 297⁽⁷¹³⁾, 299, 404, 411, 419, 419⁽⁸⁸³⁾, 439, 549, 549⁽¹⁴⁴⁴⁾, 550⁽¹⁴⁴⁷⁾

Pereira, Bento (carpinteiro) – 105⁽²²⁸⁾

Pereira, D. Nuno Álvares – 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 497⁽¹¹⁴⁹⁾, 499⁽¹¹⁶⁴⁾, 499⁽¹¹⁶⁸⁾, 510⁽¹²²⁸⁾

Pereira, F. L. – 221

Pereira, Gabriel – 19, 27, 300⁽⁷²²⁾, 417⁽⁸⁷⁹⁾, 526⁽¹³⁴⁸⁾, 527⁽¹³⁴⁹⁾, 530⁽¹³⁷¹⁾

Pereira, Justa Rodrigues – 477⁽¹⁰⁴¹⁾

Pereira, Vitória (pintor de azulejos) – 357

Perrier, Francisco, gravador – 46

Pessanha, Dr. José de – 253, 333

Petit, Picart – 374, 375

Petrini, Joan, gravador – 44

Pezzano, Nicolaum – 46

Picart, Bernard – 316⁽⁷³⁴⁾, 318⁽⁷³⁴⁾, 374

Piedade, Frei António da – 265⁽⁶⁵⁸⁾

Pilarte, André (mestre-pedreiro) – 562⁽¹⁴⁸⁷⁾

Pillement, Jean – 48⁽¹⁴⁹⁾, 350

Pimentel, Fernando Mesquita – 214⁽⁵⁷⁷⁾, 510, 511

Pinheiro, José dos Santos – 36, 36⁽¹²⁰⁾, 282⁽⁶⁸⁵⁾

Pinto, Francisco – 472

Pinto, José, oficial de pintor – 37

Pires de Lima, Durval – 275⁽⁶⁷⁵⁾

Pires, A. Tomas – 25⁽⁴³⁾

Pires, Caldeira – 29, 37, 407

Pires, Luís Gomes – 174

Pires, Luís Gomes – 174

Pluis, Jan – 85

PMP – 35, 35⁽¹¹¹⁾, 36⁽¹¹²⁾, 95, 96⁽¹⁸⁸⁾, 96⁽¹⁸⁹⁾, 102⁽²¹⁷⁾, 105, 106, 110, 110⁽²⁴⁶⁾, 112, 132, 133, 133⁽³¹⁹⁾, 138, 138, 139, 141, 159, 159⁽⁴¹⁵⁾, 169, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 187, 234, 246, 265, 266, 271, 279, 293, 318, 323, 323⁽⁷⁴⁰⁾, 336, 343, 343⁽⁷⁶⁸⁾, 344⁽⁷⁷¹⁾, 356, 360, 368, 375, 389, 407, 407⁽⁸⁶⁸⁾, 411, 412, 416, 416⁽⁸⁷⁷⁾, 417, 418, 419, 420, 423, 428, 429, 438, 438⁽⁹²¹⁾, 441, 447⁽⁹³⁵⁾, 450, 452, 452⁽⁹⁵⁹⁾, 459, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 471⁽¹⁰²¹⁾, 474, 476, 476⁽¹⁰³⁹⁾, 480, 499, 499⁽¹¹⁶⁸⁾, 508, 517, 529, 536, 537, 537⁽¹³⁹²⁾, 537⁽¹³⁹³⁾, 537⁽¹³⁹⁶⁾, 545⁽¹⁴³³⁾, 558

Polizano, Lelio Mancini – 49⁽¹⁴⁹⁾

Portugal, Maria de – 391

Poussin, Nicolas – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 154⁽⁴⁰⁶⁾

Prazeres, Fr. João dos, OSB – 48⁽¹⁴⁹⁾, 107, 107⁽²³⁵⁾, 182⁽⁴⁹⁷⁾

Proença, Raul – 379⁽⁸²⁸⁾, 414⁽⁸⁷⁵⁾, 416⁽⁸⁷⁶⁾, 417⁽⁸⁷⁸⁾, 417⁽⁸⁷⁹⁾, 552⁽¹⁴⁵⁵⁾, 555⁽¹⁴⁶³⁾, 555⁽¹⁴⁶⁴⁾

Queiroz, José – 19, 23⁽²⁷⁾, 23⁽³⁰⁾, 25, 25⁽⁴¹⁾, 25⁽⁴²⁾, 26⁽⁴⁹⁾, 27⁽⁵⁹⁾, 28⁽⁶⁶⁾, 30, 30⁽⁸⁴⁾, 31⁽⁸⁷⁾, 31⁽⁸⁸⁾, 32⁽⁹⁸⁾, 37⁽¹²²⁾, 39⁽¹⁴⁶⁾, 81, 94⁽¹⁸⁴⁾, 94⁽¹⁸⁵⁾, 96⁽¹⁹⁵⁾, 109⁽²⁴³⁾, 118⁽²⁷⁵⁾, 124⁽²⁸⁹⁾, 128⁽³⁰³⁾, 169⁽⁴⁴⁴⁾, 170⁽⁴⁴⁸⁾, 175⁽⁴⁷²⁾, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 200⁽⁵⁴³⁾, 200⁽⁵⁴⁴⁾, 226⁽⁵⁹⁴⁾, 226⁽⁵⁹⁵⁾, 235⁽⁶¹⁰⁾, 242⁽⁶²⁷⁾, 253, 265, 265⁽⁶⁶⁰⁾, 266, 268, 268⁽⁶⁶⁴⁾, 271, 273, 275⁽⁶⁷⁴⁾, 275⁽⁶⁷⁵⁾, 275⁽⁶⁷⁸⁾, 298⁽⁷¹⁴⁾, 300⁽⁷²²⁾, 303, 306, 318⁽⁷³⁴⁾, 323⁽⁷³⁸⁾, 333, 349, 352, 378⁽⁸²⁴⁾, 401, 401⁽⁸⁵³⁾, 402, 407⁽⁸⁶⁶⁾, 414⁽⁸⁷⁵⁾, 416⁽⁸⁷⁶⁾, 417⁽⁸⁷⁹⁾, 421⁽⁸⁸⁹⁾, 435, 435⁽⁹¹³⁾, 451⁽⁹⁵⁴⁾, 459, 459⁽⁹⁷⁵⁾, 511⁽¹²³⁰⁾, 520⁽¹²⁸²⁾, 524⁽¹³³⁶⁾, 525⁽¹³³⁹⁾, 526⁽¹³⁴⁸⁾, 530⁽¹³⁷¹⁾, 542⁽¹⁴²⁰⁾, 555⁽¹⁴⁶³⁾, 555⁽¹⁴⁶⁴⁾, 563⁽¹⁴⁹³⁾

Raczynski, conde de – 14⁽⁵⁾, 520⁽¹²⁸²⁾, 524⁽¹³³⁶⁾

Raimondi, Marcantoni, gravador – 44, 48⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾

Raio, Miguel José, Visconde de São Lázaro – 123⁽²⁸⁶⁾

Ramalho, José Rodrigues – 479

Ramirez, Garcia – 23

Ramos, Manuel, pintor de azulejos – 31

Real, Diogo de Mendonça Corte – 272

Real, Mário Guedes – 383

Réau, Louis – 115⁽²⁶⁶⁾, 116⁽²⁶⁹⁾, 119⁽²⁷⁷⁾, 120⁽²⁷⁹⁾, 125⁽²⁹⁷⁾, 129⁽³⁰⁹⁾, 136⁽³²⁶⁾, 142⁽³⁵⁴⁾, 164⁽⁴²⁹⁾, 168⁽⁴³⁹⁾, 170⁽⁴⁴⁷⁾, 183⁽⁵⁰⁰⁾, 241⁽⁶²¹⁾, 256⁽⁶⁴⁵⁾, 286⁽⁶⁹⁸⁾, 300⁽⁷¹⁹⁾, 392⁽⁸⁴²⁾, 419⁽⁸⁸⁵⁾, 451⁽⁹⁵³⁾, 452⁽⁹⁵⁸⁾, 489⁽¹¹⁰²⁾, 500⁽¹¹⁶⁹⁾, 503⁽¹¹⁹¹⁾, 515⁽¹²⁵⁴⁾, 563⁽¹⁴⁹¹⁾

Redelio, A. C. – 477⁽¹⁰⁴¹⁾

Rendeiro, D. Frei Francisco (Bispo) – 551⁽¹⁴⁵³⁾

Ribadeneyra, P.º Pedro de – 49⁽¹⁴⁹⁾, 199, 301⁽⁷²⁴⁾

Ribeiro, Vitor – 26, 26⁽⁵⁰⁾, 27⁽⁵⁶⁾, 27⁽⁵⁸⁾, 30, 30⁽⁸⁵⁾, 31⁽⁹¹⁾, 36⁽¹¹⁹⁾, 397⁽⁸⁴⁸⁾, 402, 402⁽⁸⁵⁶⁾

Rifarto, António Vital – 37, 37⁽¹²⁶⁾, 37⁽¹²⁷⁾, 37⁽¹²⁸⁾, 110, 152⁽³⁹⁵⁾, 153, 154, 155⁽⁴⁰⁸⁾, 186⁽⁵¹⁰⁾, 205, 206, 209⁽⁵⁰⁾

Ripa, Cesare – 44, 50⁽¹⁴⁹⁾

Rocheffort, Pedro Mansart – 35, 35⁽¹¹⁰⁾

Rodrigues, António (arquitecto) – 463⁽⁹⁹⁷⁾

Rodrigues, António, azulejador – 32, 37, 282

Rodrigues, Luís – 526⁽¹³⁴⁵⁾

Rodrigues, Manuel (mestre pedreiro) – 506⁽¹²⁰⁵⁾

Roiz, António – ladrilhador – 417

Roiz, Inácio (oleiro) – 213

Roiz, Joaquim, ladrilhador – 37

Rosado, Manuel da Costa – 29, 37

Rossi, Domenico de – 44

Rossi, Giovanni de – 44

Roy, Henry de – 45

Ruão, João de – 112, 208

Rubens, Jacobus de – 44

Rubens, Peter Paul – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 143, 159⁽⁴¹⁵⁾, 183, 189⁽⁵¹⁹⁾, 199, 242, 242⁽⁶³⁰⁾, 481⁽¹⁰⁵⁵⁾, 484, 552

Russel, Cortês – 30, 179

Sadeler I, Jan – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 116⁽²⁶⁹⁾, 179

Sadeler II, Aegidius – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 116⁽²⁶⁹⁾

Sadeler, Raphael – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾, 179

Salazar, Abel – 160

Sales, Francisco de – 420⁽⁸⁸⁸⁾

Sales, P.º Ernesto – 28⁽⁶⁸⁾

Sant'Ana, V. P.º Fr. Diogo de – 292

Santa Maria, Frei Agostinho de – 204⁽⁵⁴⁹⁾, 262

Santa Maria, Frei Lourenço de (Bispo do Algarve) – 551, 551⁽¹⁴⁵³⁾

Santar, Condes de – 354

Santo Agostinho, B. P.º Guilherme de – 292

Santos, Armando Vieira – 373

Santos, Francisco dos, mestre de azulejos – 38

Santos, Joaquim dos, mestre-azulejador – 268⁽⁶⁶⁴⁾

Santos, Manuel dos, pintor de azulejos – 24⁽³²⁾, 38⁽¹³⁴⁾, 142, 304⁽⁷³⁰⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾, 339⁽⁷⁶²⁾, 441⁽⁹²⁵⁾, 452⁽⁹⁵⁹⁾, 501, 501⁽¹¹⁷⁹⁾, 501⁽¹¹⁸⁰⁾, 509⁽¹²¹⁹⁾, 509⁽¹²³⁾, 519⁽¹²⁷²⁾

Santos, Manuel Tavares – 231

Santos, Reynaldo dos – 23, 97⁽¹⁹⁵⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 140⁽³⁴¹⁾, 405, 504⁽¹¹⁹⁷⁾, 524⁽¹³³⁶⁾, 528⁽¹³⁵⁹⁾

Santos, Teotónio dos – 38⁽¹³⁶⁾, 101, 102⁽²¹⁸⁾, 142, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 246⁽⁶³⁶⁾, 447⁽⁹³⁶⁾, 464, 471⁽¹⁰²¹⁾, 513⁽¹²³⁸⁾, 526⁽¹³⁴¹⁾, 529⁽¹³⁶³⁾, 554⁽¹⁴⁵⁹⁾

Sanzio, Rafael – 49⁽¹⁴⁹⁾, 136⁽³²⁶⁾, 408

Sanzio, Rafael – 49⁽¹⁴⁹⁾, 136⁽³²⁶⁾, 408

Saraiva, Carlota Abrantes – 383⁽⁸³¹⁾

Sarmento, Martins – 139, 139⁽³³⁷⁾

Savery, R. – 85

Scalzi, Luigi, desenhador – 45

Scheffler, Thomas – 50⁽¹⁴⁹⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾

Schoor, Gillis van – 49⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾

Sedulius – 49⁽¹⁴⁹⁾

Sequeira, Gustavo de Matos – 19

Sequeira, Manuel de – 31

Serra, Vitorino Manuel da, pintor de azulejos – 39

Serrão, Vítor – 22⁽²⁶⁾, 25⁽³⁴⁾, 29⁽⁷⁰⁾, 29⁽⁷⁶⁾, 32⁽⁹⁹⁾, 32⁽¹⁰⁰⁾, 34⁽¹⁰⁸⁾, 35⁽¹¹¹⁾, 36⁽¹¹⁸⁾, 38⁽¹³⁴⁾, 47⁽¹⁴⁹⁾, 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 58⁽¹⁵¹⁾, 96⁽¹⁹⁰⁾, 97⁽¹⁹⁶⁾, 97⁽¹⁹⁷⁾, 116⁽²⁶⁹⁾, 123⁽²⁸⁶⁾, 136⁽³²⁶⁾, 139⁽³⁴⁰⁾, 159⁽⁴¹⁵⁾, 164⁽⁴³⁰⁾, 176⁽⁴⁷⁷⁾, 177⁽⁴⁸⁰⁾, 183⁽⁵⁰²⁾, 186⁽⁵¹¹⁾, 239⁽⁶¹⁹⁾, 239⁽⁶²⁰⁾, 429⁽⁹⁰⁶⁾, 242⁽⁶²⁹⁾, 243⁽⁶³¹⁾, 420⁽⁸⁸⁷⁾, 429⁽⁹⁰⁶⁾, 438⁽⁹¹⁹⁾, 438⁽⁹²¹⁾, 441⁽⁹²⁶⁾, 451⁽⁹⁵⁷⁾, 463⁽⁹⁹⁶⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 464⁽⁹⁹⁸⁾, 465⁽⁹⁹⁹⁾, 470⁽¹⁰⁰⁹⁾, 470⁽¹⁰¹¹⁾, 470⁽¹⁰¹³⁾, 470⁽¹⁰¹⁵⁾, 470⁽¹⁰¹⁶⁾, 471⁽¹⁰¹⁷⁾, 417⁽¹⁰¹⁸⁾, 471⁽¹⁰²⁰⁾, 471⁽¹⁰²¹⁾, 472⁽¹⁰²³⁾, 478⁽¹⁰⁴⁴⁾, 481⁽¹⁰⁵⁴⁾, 492⁽¹¹²³⁾, 543⁽¹⁴²⁴⁾, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾

Silva e Souza, José Roiz da – 242

Silva, Augusto Vieira da – 287⁽⁷⁰⁰⁾

Silva, Braz da, mestre-ladrilhador – 38

Silva, D. António Pereira da (bispo) – 550⁽¹⁴⁴⁷⁾

Silva, Diogo, mestre-ladrilhador – 38

Silva, Joaquim da – 242

Silva, José da – 242

Silva, Manuel da, pintor – 38⁽¹⁴⁰⁾, 182⁽⁴⁹⁸⁾, 182⁽⁴⁹⁹⁾

Silva, Manuel Fernandes da, mestre-pedreiro e arquitecto – 110, 115, 122⁽²⁸¹⁾, 124, 125, 128

Silva, Manuel Teles da (1.º Marquês de Alegrete, 2.º Conde de Vilar Maior) – 347

Silva, Marques da, Arquitecto – 139

Silva, Nogueira da – 112, 113 ⁽²⁵⁶⁾, 137 ⁽³³³⁾

Silva, Pedro da (Vice-Rei da Índia) – 560 ⁽¹⁴⁸¹⁾

Silva, Teodósio da, mestre-ladrilhador – 38

Silveira, Bento Coelho da – 20 ⁽¹⁴⁾, 117 ⁽²⁷⁰⁾, 189 ⁽⁵¹⁹⁾, 285 ⁽⁶⁹⁵⁾

Silveira, Luís – 32, 32 ⁽⁹³⁾, 32 ⁽⁹⁴⁾, 282 ⁽⁶⁸⁷⁾

Simões, J. M. dos Santos – 13 ⁽³⁾, 13 ⁽⁴⁾, 21 ⁽¹⁶⁾, 21 ⁽¹⁹⁾, 24 ⁽³¹⁾, 25 ⁽⁴⁴⁾, 27, 27 ⁽⁵³⁾, 31 ⁽⁹²⁾, 38 ⁽¹³⁴⁾, 47 ⁽¹⁴⁹⁾, 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 50 ⁽¹⁴⁹⁾, 71 ⁽¹⁵²⁾, 72 ⁽¹⁵³⁾, 72 ⁽¹⁵⁴⁾, 75 ⁽¹⁶¹⁾, 80, 82 ⁽¹⁶³⁾, 86 ⁽¹⁶⁵⁾, 87 ⁽¹⁶⁶⁾, 88, 91 ⁽¹⁶⁷⁾, 95 ⁽¹⁸⁶⁾, 97, 97 ⁽¹⁹⁵⁾, 101, 102, 104 ⁽²²⁷⁾, 105 ⁽²³⁰⁾, 105 ⁽²³²⁾, 109 ⁽²⁴³⁾, 110, 110 ⁽²⁴⁶⁾, 111, 113 ⁽²⁵⁶⁾, 116, 124, 125, 127 ⁽²⁹⁸⁾, 130 ⁽³¹⁰⁾, 132 ⁽³¹⁸⁾, 137, 144, 144 ⁽³⁶¹⁾, 150, 150 ⁽³⁸⁶⁾, 152 ⁽³⁹⁵⁾, 156 ⁽⁴⁰⁹⁾, 157, 162 ⁽⁴²³⁾, 163, 172 ⁽⁴⁵⁹⁾, 179 ⁽⁴⁸⁶⁾, 181 ⁽⁴⁹²⁾, 187 ⁽⁵¹²⁾, 188 ⁽⁵¹⁴⁾, 192 ⁽⁵²⁵⁾, 196, 197, 198 ⁽⁵³⁸⁾, 201, 204 ⁽⁵⁴⁹⁾, 206 ⁽⁵⁵³⁾, 208 ⁽⁵⁵⁹⁾, 209 ⁽⁵⁵⁹⁾, 209 ⁽⁵⁶³⁾, 211, 214 ⁽⁵⁷⁷⁾, 217 ⁽⁵⁸³⁾, 221 ⁽⁵⁸⁸⁾, 222 ⁽⁵⁸⁹⁾, 223 ⁽⁵⁹⁰⁾, 224, 224 ⁽⁵⁹²⁾, 226 ⁽⁵⁹⁵⁾, 241 ⁽⁶²²⁾, 241 ⁽⁶²⁴⁾, 242 ⁽⁶²⁸⁾, 260 ⁽⁶⁴⁸⁾, 262 ⁽⁶⁵²⁾, 271 ⁽⁶⁶⁷⁾, 282 ⁽⁶⁸³⁾, 286 ⁽⁶⁹⁶⁾, 287 ⁽⁷⁰⁰⁾, 297 ⁽⁷¹²⁾, 297 ⁽⁷¹³⁾, 318 ⁽⁷³⁴⁾, 323 ⁽⁷³⁹⁾, 360 ⁽⁸⁰⁶⁾, 382 ⁽⁸³⁰⁾, 396 ⁽⁸⁴⁶⁾, 407 ⁽⁸⁶⁹⁾, 409 ⁽⁸⁷⁰⁾, 411 ⁽⁸⁷³⁾, 416 ⁽⁸⁷⁷⁾, 420 ⁽⁸⁸⁶⁾, 441 ⁽⁹²⁵⁾, 448 ⁽⁹⁴⁰⁾, 463 ⁽⁹⁹⁶⁾, 463 ⁽⁹⁹⁷⁾, 470 ⁽¹⁰¹⁴⁾, 476 ⁽¹⁰³⁸⁾, 478 ⁽¹⁰⁴⁵⁾, 487 ⁽¹⁰⁸⁸⁾, 500 ⁽¹¹⁷⁵⁾, 501 ⁽¹¹⁷⁸⁾, 503 ⁽¹¹⁹¹⁾, 511 ⁽¹²³⁰⁾, 520 ⁽¹²⁸²⁾, 524 ⁽¹³³⁶⁾, 525 ⁽¹³³⁹⁾, 525 ⁽¹³⁴¹⁾, 526 ⁽¹³⁴²⁾, 526 ⁽¹³⁴⁸⁾, 527, 528 ⁽¹³⁵⁸⁾, 528 ⁽¹³⁵⁹⁾, 530 ⁽¹³⁷¹⁾, 531 ⁽¹³⁷⁶⁾, 542 ⁽¹⁴²¹⁾, 542 ⁽¹⁴²²⁾, 549 ⁽¹⁴⁴⁷⁾, 550 ⁽¹⁴⁴⁸⁾, 553 ⁽¹⁴⁵⁷⁾, 555 ⁽¹⁴⁶²⁾, 555 ⁽¹⁴⁶³⁾, 555 ⁽¹⁴⁶⁵⁾, 556 ⁽¹⁴⁶⁶⁾, 557 ⁽¹⁴⁷⁰⁾, 558 ⁽¹⁴⁷³⁾, 558 ⁽¹⁴⁷⁴⁾, 559 ⁽¹⁴⁷⁶⁾

Simonneau, Louis, gravador – 45, 46

Sinel de Cordes – 14, 22 ⁽²²⁾

Smith, Robert C. – 23, 23 ⁽²⁷⁾, 24 ⁽³²⁾, 25 ⁽³⁷⁾, 25 ⁽⁴⁴⁾, 28 ⁽⁶³⁾, 31 ⁽⁹²⁾, 36 ⁽¹¹²⁾, 38 ⁽¹³⁴⁾, 48 ⁽¹⁴⁹⁾, 94 ⁽¹⁸⁵⁾, 96 ⁽¹⁸⁸⁾, 97 ⁽¹⁹⁶⁾, 102 ⁽²¹⁷⁾, 102 ⁽²¹⁹⁾, 103 ⁽²²¹⁾, 105 ⁽²³²⁾, 108 ⁽²³⁶⁾, 110 ⁽²⁴⁶⁾, 115 ⁽²⁶⁴⁾, 115 ⁽²⁶⁵⁾, 118 ⁽²⁷⁶⁾, 120 ⁽²⁷⁹⁾, 123 ⁽²⁸⁴⁾, 123 ⁽²⁸⁶⁾, 123 ⁽²⁸⁷⁾, 127 ⁽²⁹⁸⁾, 128, 128 ⁽³⁰¹⁾, 128 ⁽³⁰⁵⁾, 131 ⁽³¹⁶⁾, 133 ⁽³¹⁹⁾, 133 ⁽³²⁰⁾, 133 ⁽³²¹⁾, 136, 137 ⁽³³⁰⁾, 137 ⁽³³²⁾, 144 ⁽³⁶²⁾, 144 ⁽³⁶³⁾, 149 ⁽³⁷⁷⁾, 149 ⁽³⁷⁸⁾, 150 ⁽³⁸²⁾, 151 ⁽³⁸⁷⁾, 152 ⁽³⁹⁵⁾, 153 ⁽³⁹⁷⁾, 154 ⁽⁴⁰⁴⁾, 154 ⁽⁴⁰⁵⁾, 154 ⁽⁴⁰⁶⁾, 164 ⁽⁴³⁰⁾, 181 ⁽⁴⁹³⁾, 183 ⁽⁵⁰²⁾, 251 ⁽⁶⁴⁰⁾, 265 ⁽⁶⁵⁷⁾, 275 ⁽⁶⁷²⁾, 286 ⁽⁶⁹⁶⁾, 300 ⁽⁷²¹⁾, 300 ⁽⁷²²⁾, 303 ⁽⁷²⁸⁾, 304 ⁽⁷³⁰⁾, 323 ⁽⁷⁴⁰⁾, 325 ⁽⁷⁴¹⁾, 407 ⁽⁸⁶⁸⁾, 409 ⁽⁸⁷¹⁾, 416 ⁽⁸⁷⁶⁾, 441 ⁽⁹²⁵⁾, 476 ⁽¹⁰³⁸⁾, 501 ⁽¹¹⁷⁹⁾, 504 ⁽¹¹⁹⁷⁾, 509 ⁽¹²²³⁾, 510 ⁽¹²²⁵⁾, 510 ⁽¹²²⁶⁾, 520 ⁽¹²⁸²⁾, 524 ⁽¹³³⁶⁾, 537 ⁽¹³⁹⁹⁾, 542 ⁽¹⁴²²⁾, 556 ⁽¹⁴⁶⁸⁾

Soares, D. Diogo – 337

Soares, Ernesto – 417 ⁽⁸⁷⁹⁾

Solha, D. Francisco António (construtor de órgãos) – 175

Sousa, D. Francisco de – 343 ⁽⁷⁶⁷⁾, 470 ⁽¹⁰¹⁵⁾

Sousa, D. Francisco de (Marquês de Minas) – 343 ⁽⁷⁶⁷⁾

Sousa, D. João de, (Grão-Prior do Crato) – 127, 470 ⁽¹⁰¹⁵⁾

Sousa, D. João Luís de (Arcebispo) – 126

Sousa, J. M. Cordeiro de – 21 ⁽¹⁷⁾

Sousa, Manuel de – 124, 124 ⁽²⁹²⁾

Sousa, Salvador de, pintor de azulejos – 38, 38 ⁽¹⁴⁵⁾, 214, 214 ⁽⁵⁷⁷⁾

Souto, Meyrelles do – 292 ⁽⁷⁰⁶⁾

Souza, José Roiz da Silva – 242

Spirito, pintor – 45

Stradanus, Johannes, gravador – 46, 281

Sucesso, João António Valente – 399

Suizzero, Giovanni – 50 ⁽¹⁴⁹⁾, 506 ⁽¹²⁰⁵⁾

Tasniere, G. gravador – 45

Távora, D. Lourenço Pires de – 456

Távora, Fernando, arquitecto – 94 ⁽¹⁸¹⁾, 140, 140 ⁽³⁴²⁾

Teixeira Gomes (legado) – 199

Teixeira, Manuel de Sousa – 557 ⁽¹⁴⁷¹⁾

Teles, D. Rodrigo de Moura, Arcebispo Primaz – 106, 114, 115, 115, 116, 116 ⁽²⁶⁷⁾, 122 ⁽²⁸⁴⁾, 125, 130, 131, 139, 139 ⁽³³⁹⁾

Telles, Liberato – 19, 29, 118 ⁽²⁷³⁾, 303, 345 ⁽⁷⁷⁴⁾, 450 ⁽⁹⁵²⁾

Tempesta, Antonio – 48 ⁽¹⁴⁹⁾, 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 102 ⁽²¹⁹⁾, 136 ⁽³²⁶⁾

Teodósio de Bragança, Dom (Arcebispo de Évora) – 531 ⁽¹³⁷⁴⁾, 539

Teodósio II, Duque de Bragança – 483, 539 ⁽¹⁴¹⁰⁾, 540, 541

Teodósio III, Duque de Bragança – 506 ⁽¹²⁰⁵⁾

Terzi, Filipe – 479 ⁽¹⁰⁴⁹⁾

Thadim, Manuel José da Silva – 108 ⁽²³⁶⁾, 114 ⁽²⁵⁸⁾, 115 ⁽²⁶⁴⁾, 116 ⁽²⁶⁷⁾, 131 ⁽³¹⁶⁾, 139 ⁽³³⁹⁾

Tomassin, Philippe – 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 117 ⁽²⁷⁰⁾

Tournes, Jean de – 46

Trancoso, Miguel – 269

Valente, Vicente Afonso – 420 ⁽⁸⁸⁸⁾

Vamproet, António – 385

Vanvessem – 14

Vardom, João – 526 ⁽¹³⁴⁵⁾

Vasconcelos, Diogo de Mendes de – 483 ⁽¹⁰⁶³⁾

Vasconcelos, Joaquim de – 29, 29 ⁽⁷⁷⁾, 96 ⁽¹⁹⁵⁾, 130 ⁽³¹¹⁾, 470 ⁽¹⁰¹⁰⁾, 528 ⁽¹³⁵⁷⁾

Vasconcelos, Jorge Cabedo de – 464

Vasconcelos, José Leite de – 205 ⁽⁵⁵⁰⁾, 303 ⁽⁷²⁸⁾

Vasconcelos, Padre Mendo Rodrigues de – 540

Vaz de Carvalho, D. Maria Amália – 384

Vaz de Carvalho, José – 383

Veen, Otto van – 50 ⁽¹⁴⁹⁾, 356

Vernet – 231, 370

Verwer, A. de – 85

Victorino, José, azulejador – 39, 562⁽¹⁴⁸⁶⁾

Vidal, Prior Dionísio Francisco – 560⁽¹⁴⁸²⁾

Viegas, D. João (arcebispo de Braga) – 558⁽¹⁴⁷⁴⁾

Vieira, Custódio, fabricante de azulejos – 39

Vilaça, (arquitecto) – 263

Vilalobos, Manuel Pinto, engenheiro – 99⁽²⁰¹⁾, 125

Vilas Boas, Joaquim Paes de – 104⁽²²⁸⁾

Vilhena, Comandante Ernesto – 82⁽¹⁶³⁾

Villamena, Francesco – 49⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾

Visscher, C. J. – 85

Viterbo, Sousa – 7⁽²⁾, 14⁽⁵⁾, 19, 20, 27, 30, 30⁽⁸⁶⁾, 32⁽¹⁰²⁾, 34⁽¹⁰⁷⁾, 39⁽¹⁴⁸⁾, 96⁽¹⁹⁵⁾, 99⁽²⁰⁰⁾, 130⁽³¹¹⁾, 247⁽⁶³⁷⁾, 270⁽⁶⁶⁶⁾, 300⁽⁷²²⁾, 352, 353, 353⁽⁷⁹⁷⁾, 383⁽⁸³³⁾, 393⁽⁸⁴⁴⁾, 399⁽⁸⁵¹⁾, 401⁽⁸⁵³⁾, 524⁽¹³³⁶⁾, 525⁽¹³³⁹⁾, 526⁽¹³⁴⁸⁾, 530⁽¹³⁷¹⁾

Vitorino, Pedro – 149⁽³⁸¹⁾, 150⁽³⁸⁴⁾

Von Mallery, Karel – 49⁽¹⁴⁹⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾

Vos, Marten de, desenhador – 49⁽¹⁴⁹⁾, 116⁽²⁶⁹⁾

Vouet, Simon – 47⁽¹⁴⁹⁾

Vroom – 15⁽⁷⁾

Watteau, Antoine – 48⁽¹⁴⁹⁾, 420⁽⁸⁸⁸⁾

Wierix, António, gravador – 46, 49⁽¹⁴⁹⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾

Wierix, Jerónimo(Hieronimus), gravador – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 117⁽²⁷⁰⁾, 189⁽⁵¹⁸⁾, 199, 464⁽⁹⁹⁷⁾

Wildens, J. – 284

Zapatta, Bartolomeo – 45, 172⁽⁴⁵⁸⁾

Zuccaro, Federico – 49⁽¹⁴⁹⁾, 92⁽¹⁷¹⁾

ÍNDICE ICONOGRÁFICO

ANTIGO TESTAMENTO

Abraão e Melquisedec – 563⁽¹⁴⁹¹⁾

Adão e Eva – 50⁽¹⁴⁹⁾, 111, 112, 112⁽²²⁵⁾, 221, 488, 502⁽¹¹⁸⁹⁾, 513

Antigo Testamento – 49⁽¹⁴⁹⁾, 112⁽²⁵⁵⁾, 136⁽³²⁶⁾, 144, 152, 160, 171⁽⁴⁵⁵⁾, 211, 216, 248, 250, 254, 265, 267, 299, 301, 438, 461, 472, 498, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 530⁽¹³⁶⁹⁾, 535⁽¹³⁸⁹⁾

Aparição do Anjo a Zacarias – 460⁽⁹⁸⁰⁾, 490, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Aparição no Monte Sinai – 15, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Arca da Aliança – 47, 184, 194, 250, 420, 433, 519⁽¹²⁷⁴⁾

Arca de Noé – 47, 49⁽¹⁴⁹⁾, 144, 144⁽³⁶⁵⁾, 193

Babilônia – 161

Balaão – 521⁽¹³⁰⁹⁾

Caim e Abel – 112, 112⁽²⁵⁵⁾

Caleb – 521⁽¹³⁰⁹⁾

Cântico dos Cânticos – 96⁽¹⁸⁸⁾, 115, 133, 138, 138⁽³³⁴⁾, 149⁽³⁷⁹⁾, 152, 152⁽³⁹⁵⁾, 153, 175⁽⁴⁷³⁾, 230, 234, 246, 247, 250, 257, 290, 325, 378, 384, 401, 420, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 456, 537

Castidade de José – 47

Ceia de Emaús – 278, 511⁽¹²³¹⁾

Conquista de Jerusalém – 299

Construção da Arca de Noé – 47, 49⁽¹⁴⁹⁾, 144, 144⁽³⁶⁵⁾, 193

Construção da Torre de Babel – 47

Criação do Céu e da Terra – 47

Criação do Homem – 467

Criação do Mundo – 111, 112, 520

Criação do Sol e da Lua – 47

Criação dos Animais – 47, 112, 112⁽²⁵⁵⁾, 144

Dança de Salomé – 240, 429

Daniel na Fossa dos Leões – 502⁽¹¹⁸⁷⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 531

David – 15, 49⁽¹⁴⁹⁾, 98, 123, 153, 167, 194, 276, 298, 321, 472⁽¹⁰²⁶⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 490, 490⁽¹¹⁰⁸⁾, 494⁽¹¹³⁷⁾, 499⁽¹¹⁶³⁾, 502⁽¹¹⁸⁴⁾, 513, 532, 559

David e Golias – 321

David perante Saul – 194

Deus Aparecendo a Moisés – 47

Deus Separando a Luz das Trevas – 47

Elias – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 100⁽²⁰⁷⁾, 200, 201, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 202, 377, 417, 512, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Ester – 191, 378, 498, 498⁽¹¹⁵⁶⁾, 516⁽¹²⁵⁷⁾, 523⁽¹³³³⁾

Êxodo – 250, 265, 282, 498, 499

Expulsão do Paraíso – 111, 112, 112⁽²⁵⁵⁾

Gênesis – 49⁽¹⁴⁹⁾, 111, 112, 136⁽³²⁶⁾, 312

História de Tobias – 23, 98, 271, 453, 502⁽¹¹⁸⁵⁾, 537

Isaac Benzendo Jacob – 47, 276

Isaí – 502⁽¹¹⁸⁴⁾

Isaías – 291, 494⁽¹¹³⁷⁾

Isboseth – 521⁽¹³⁰⁹⁾

Jacob (Isaac) – 47, 49⁽¹⁴⁹⁾, 136, 137, 145, 157, 276, 312

Jardim do Éden – 112

Jeremias – 494, 494⁽¹¹³⁷⁾

Job – 97, 145

Jonas e a Baleia – 15, 498

Jorão – 501⁽¹¹⁸¹⁾

José do Egito – 15, 49⁽¹⁴⁹⁾, 97, 133, 136, 136⁽³²⁶⁾, 137, 321, 322, 339, 387, 521, 521⁽¹³⁰⁷⁾, 537

José e a Mulher de Putifar – 136, 321, 521⁽¹³⁰⁷⁾

José Vendido pelos Irmãos – 47, 136, 276, 521⁽¹³⁰⁷⁾

Josué – 250, 265, 276, 503⁽¹¹⁹¹⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Josué Mandando parar o Sol – 250, 503⁽¹¹⁹¹⁾

Judite e Asmodeu – 253

Judite e Holofernes – 191, 253, 487, 193, 498, 498⁽¹¹⁵⁵⁾, 510⁽¹²²⁴⁾, 515, 516⁽¹²⁵⁷⁾, 523⁽¹³³³⁾

Livro de Ester – 191, 378

Livro de Josué – 265

Livro de Judite – 191, 378

Livro de Raquel – 191

Loth – 502, 502⁽¹¹⁸⁶⁾

Macabeus – 98

Moisés e a Serpente de Bronze – 147, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Moisés e a Terra Prometida – 282

Moisés Salvo das Águas – 47, 299

Moisés, Fazendo Brotar a Água no Deserto – 98, 147, 243, 250, 282, 328, 461, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 502⁽¹¹⁸⁷⁾, 530

Morte de Abimelech – 267, 276

Morte de Goliath – 282

Nascimento de Adão e Eva – 111

Ocozías – 501⁽¹¹⁸¹⁾

Patriarcas – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 101, 107, 144, 318⁽⁷³⁴⁾, 408

Profetas – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 201, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 202, 247, 266, 267, 274, 275⁽⁶⁷²⁾, 291, 494, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾

Punição de Adão – 47

Queda de Adão – 47

Queda do Maná – 160, 160, 171, 171⁽⁴⁵⁵⁾, 248, 250, 328, 463, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 563, 563⁽¹⁴⁹¹⁾

Rebeca – 501, 501⁽¹¹⁸³⁾

Ruth – 145, 563⁽¹⁴⁹¹⁾

Ruth e Booz – 145

Sacrifício de Abraão – 256, 468, 145

Salomão e a Rainha do Sabá – 194, 276

Samaritana – 36, 133, 161, 403, 536, 548,

Sansão – 319, 513

Serpente de Bronze – 248, 250, 285, 433, 461, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 530

Sodoma – 161

Sonho do Faraó – 47, 137, 521⁽¹³⁰⁷⁾

Sulamita – 234, 384, 464

Tábuas da Lei – 433

Tentação de Eva – 111, 112, 112⁽²⁵⁵⁾, 221, 488

Tomada de Jericó – 503, 503⁽¹¹⁹¹⁾

Trombetas de Jericó – 282

Vida de Abigail – 191, 472⁽¹⁰²⁶⁾

Vida de Abraão – 98, 256, 276, 431, 468, 494⁽¹¹³⁷⁾, 501⁽¹¹⁸³⁾, 521, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 563⁽¹⁴⁹¹⁾

Vida de Débora – 191

Vida de Jacob – 312

Vida de José do Egípto – 15, 49⁽¹⁴⁹⁾, 133, 136, 136⁽³²⁶⁾, 387, 537

Vida de Judite – 515

Vida de Moisés – 47, 49⁽¹⁴⁹⁾, 98, 276, 431, 433, 464⁽⁹⁹⁶⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾

Vida de Sara – 191

Vida de Tobias – 23, 537

Visão do Sol – 433

Vitelo de Ouro – 47

Zacarias – 116⁽²⁶⁹⁾, 460⁽⁹⁸⁰⁾, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 490, 494⁽¹¹³⁷⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾

NOVO TESTAMENTO

Adoração dos Anjos – 236, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 547

Adoração dos Magos – 49⁽¹⁴⁹⁾, 99, 103, 109, 116⁽²⁶⁹⁾, 139, 143⁽³⁵⁷⁾, 146, 155, 156, 159, 165, 183, 189, 190, 192, 192⁽⁵²⁶⁾, 194, 196, 218, 220, 226, 229, 291, 230, 232, 245, 250, 276, 343⁽⁷⁶⁹⁾, 368, 389, 392, 402, 409, 411, 412, 427, 433, 439, 447, 450, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 471⁽¹⁰²⁰⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 482, 498, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 515⁽¹²⁵⁶⁾, 516, 519⁽¹²⁷⁶⁾, 532, 536, 546, 558, 559, 562

Adoração dos Pastores – 50⁽¹⁴⁹⁾, 103, 115, 139, 143⁽³⁵⁷⁾, 146, 154, 156, 159, 165, 167, 174⁽⁴⁷¹⁾, 179, 189, 190, 192, 192⁽⁵²⁶⁾, 196, 218, 220, 226, 230, 232, 238, 244, 245, 247, 250, 251, 274, 291, 296, 368, 389, 392, 402, 405, 409, 411, 412, 413, 417, 418, 427, 433, 439, 447⁽⁹³⁶⁾, 450, 460, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 494⁽¹¹³³⁾, 498, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 515⁽¹²⁵⁶⁾, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 519⁽¹²⁷⁶⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 532, 536, 546, 558, 559

Agnus Dei – 98, 176⁽⁴⁷⁷⁾, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 480⁽¹⁰⁵⁰⁾, 482⁽¹⁰⁶⁰⁾, 508⁽¹²¹⁷⁾

Almas do Purgatório – 83, 121, 147, 167, 254, 297⁽⁷¹²⁾, 326⁽⁷⁴²⁾, 392, 425, 476⁽¹⁰³⁷⁾, 488, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 508, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾, 554, 554⁽¹⁴⁵⁹⁾

Anunciação a Santa Isabel – 240

Apresentação no Templo – 99, 104, 139, 155, 156, 190, 218, 220, 230, 245, 250, 393, 433, 442, 447, 460, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462⁽⁹⁸⁹⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 487, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 532, 534, 536

Ascensão da Virgem – 266, 444, 487

Batismo – 50⁽¹⁴⁹⁾, 127, 141, 165, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 218, 221, 226, 226, 241, 246, 247, 338, 363, 375, 381, 383, 392, 393, 394, 424, 443, 447⁽⁹³⁷⁾, 448, 449⁽⁹⁴⁷⁾, 456, 458, 460, 461, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 465, 468, 476, 491, 495, 496, 496⁽¹¹⁴⁴⁾, 497, 515, 516, 536, 538, 545

Beijo de Judas – 229, 281, 291, 294, 333⁽⁷⁵¹⁾, 406, 445

Bodas de Caná – 104, 161, 171, 211, 250, 253, 468, 511⁽¹²²⁹⁾, 536

Calvário – 162, 174⁽⁴⁷¹⁾, 179⁽⁴⁸⁶⁾, 181, 181⁽⁴⁹⁴⁾, 189, 218, 233, 260, 279, 280, 286, 291, 301, 333⁽⁷⁵¹⁾, 388, 403, 445, 449, 484, 488, 490, 492⁽¹¹²³⁾, 493, 517, 540, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾

Ceia – 32, 134, 219, 225, 232, 251, 406, 432, 463⁽⁹⁹⁷⁾, 495, 499, 503, 525, 561

Cenáculo – 175, 403, 468, 509⁽¹²²¹⁾, 560, 563

Circuncisão – 99, 103, 115, 143⁽³⁵⁷⁾, 155, 156, 218, 220, 226, 229, 230, 240, 263, 276, 409, 413, 430, 447, 447⁽⁹³⁶⁾, 455, 460, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 482, 490, 494⁽¹¹³³⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 515⁽¹²⁵⁶⁾, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 532, 558, 559

Concílio – 99, 119, 127, 131, 442, 528⁽¹³⁶⁰⁾

Conversão de Saul – 420

Cordeiro Místico – 98, 176⁽⁴⁷⁷⁾, 177, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 276, 424, 429, 443, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 482⁽¹⁰⁶⁰⁾, 505⁽¹²⁰³⁾

Coroa de Espinhos – 105⁽²²⁹⁾, 147, 169⁽⁴⁴⁵⁾, 175⁽⁴⁷⁴⁾, 200, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 281, 294, 295, 295⁽⁷⁰⁹⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾, 385, 404, 406, 443, 445, 514⁽¹²⁴⁹⁾, 517

Crucificação – 169⁽⁴⁴⁵⁾, 281, 334, 430, 444, 450⁽⁹⁵¹⁾, 483⁽¹⁰⁶⁴⁾, 514⁽¹²⁴⁶⁾

Deposição no Túmulo – 112, 333⁽⁷⁵¹⁾, 492, 492⁽¹¹²³⁾, 492⁽¹¹²⁵⁾

Descida da Cruz – 169, 280⁽⁶⁸⁰⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾, 395, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 514, 552, 552⁽¹⁴⁵⁶⁾

Disputa – 256, 451⁽⁹⁵⁷⁾, 518⁽¹²⁶⁸⁾

Ecce Homo – 165, 291, 333⁽⁷⁵¹⁾, 493

Entrada em Jerusalém – 175, 175⁽⁴⁷⁴⁾, 211, 253, 494, 499

Evangelhos, citações e Passos dos – 161, 162, 206, 214

Filho Pródigo – 98, 190, 529⁽¹³⁶⁵⁾, 530, 530⁽¹³⁶⁹⁾, 530⁽¹³⁷⁰⁾

Flagelação – 95⁽¹⁸⁷⁾, 105⁽²²⁹⁾, 128, 147, 164, 169⁽⁴⁴⁵⁾, 171, 174⁽⁴⁷¹⁾, 200, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 211, 218, 229, 291, 301, 333⁽⁷⁵¹⁾, 404, 406, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 493, 524⁽¹³³⁸⁾, 534, 556

Glória – 220

Gólgota – 189

História Sagrada – 275

Lava-Pés – 162, 251, 333⁽⁷⁵¹⁾, 381, 403, 406, 432, 440, 495, 525, 560, 562, 563

Marta e Maria – 331

Milagre da Multiplicação dos Pães – 98, 157, 162, 171⁽⁴⁵⁵⁾, 353, 406, 468, 555

Milagre da pesca – 338

Nascimento da Virgem – 49⁽¹⁴⁹⁾, 99, 115, 143⁽³⁵⁷⁾, 156, 190, 192⁽⁵²⁶⁾, 193, 218, 222, 229, 245, 246, 248, 266, 301, 328, 378, 410, 412, 413, 434, 444, 447, 447⁽⁹³⁶⁾, 455, 460, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 482, 483, 483⁽¹⁰⁶⁶⁾, 487, 490, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 517, 524⁽¹³³⁸⁾, 526, 530⁽¹³⁷²⁾, 532, 539⁽¹⁴⁰⁷⁾, 559

Nicodemus – 280⁽⁶⁸⁰⁾, 281, 494, 494⁽¹¹³⁷⁾, 511⁽¹²³¹⁾

Novo Testamento – 253, 472, 481⁽¹⁰⁵⁴⁾, 525, 525⁽¹³⁴⁰⁾

Paixão – 98, 105, 105⁽²²⁹⁾, 108, 120, 146, 154, 164, 165, 169, 174, 175⁽⁴⁷⁴⁾, 181, 200, 208, 216, 216, 218, 225⁽⁵⁹³⁾, 229, 229⁽⁶⁰⁰⁾, 243, 249, 250, 268, 273, 279, 281, 291, 294, 297, 331, 333⁽⁷⁵¹⁾, 386, 395, 403, 404, 409, 438, 440, 443, 444, 445, 451, 462, 484, 490, 492⁽¹¹²³⁾, 493, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 514, 517, 524⁽¹³³⁸⁾, 539⁽¹⁴⁰⁸⁾, 540, 546, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾

Parábolas – 161, 190, 387, 481, 501⁽¹¹⁸²⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 555

Pentecostes – 104, 158, 158, 247, 251, 451⁽⁹⁵⁷⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 484, 502⁽¹¹⁸⁵⁾, 517, 532, 555

Presépio – 378, 515⁽¹²⁵³⁾, 519⁽¹²⁷⁶⁾

Prisão de Cristo – 105⁽²²⁹⁾, 147, 160, 243, 273, 279, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 500⁽¹¹⁷⁴⁾

Quatro Evangelistas – 95, 156, 160, 160, 168, 338, 432, 471, 516, 537, 537⁽¹³⁹²⁾, 560

Ressurreição – 112, 130, 161, 187, 228, 249, 273, 356, 446, 541, 554

Ressurreição de Lázaro – 161, 211, 253, 331, 525, 525⁽¹³⁴⁰⁾

Sagrada Família – 104, 112⁽²⁵⁵⁾, 123, 155, 156, 176, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 179, 183⁽⁵⁰⁰⁾, 193, 193⁽⁵²⁹⁾, 218, 235, 235⁽⁶¹¹⁾, 263, 372, 389, 400, 400⁽⁸⁵²⁾, 411, 430, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 478, 496, 515⁽¹²⁵⁶⁾, 538, 543

Sermão da Montanha – 157, 247, 264, 525

Sonho de São José – 50⁽¹⁴⁹⁾, 143⁽³⁵⁷⁾, 154, 154⁽⁴⁰⁶⁾, 156, 169, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 368, 518, 532, 536

Subida da Cruz – 280⁽⁶⁸⁰⁾, 333⁽⁷⁵¹⁾

Sudário – 105⁽²²⁹⁾

Três Marias – 500⁽¹¹⁷¹⁾, 505

Verónica – 120, 165, 169, 174⁽⁴⁷¹⁾, 297, 443, 444, 490, 490⁽¹¹⁰⁹⁾, 492, 492⁽¹¹²³⁾, 492⁽¹¹²⁴⁾

Via Sacra – 105, 108, 160, 181, 181⁽⁴⁹⁴⁾, 185, 187, 207, 221, 227, 273, 280, 449⁽⁹⁹⁴⁾, 495, 527, 546, 559, 560⁽¹⁴⁸¹⁾

JESUS CRISTO

- Aparição de Cristo a Santa Rita – 151
- Aparição de Cristo a São Pedro – 182
- Aparição do Menino Jesus a Santo António – 187
- Ascensão do Senhor – 378
- Bom Jesus da Cruz – 50⁽¹⁴⁹⁾
- Bom Pastor – 112, 182⁽⁴⁹⁹⁾
- Cristo – 95⁽¹⁸⁷⁾, 98, 99, 104, 105⁽²²⁹⁾, 108, 109⁽²⁴⁰⁾, 111, 117, 119, 120, 131, 132, 133, 144, 147, 151, 151⁽³⁸⁹⁾, 156, 157, 160, 162, 164, 164, 177, 181, 182, 182⁽⁴⁹⁷⁾, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 186, 191, 196, 202, 205, 206⁽⁵⁵²⁾, 208, 216, 218, 219, 225, 225⁽⁵⁹³⁾, 229⁽⁶⁰⁰⁾, 233, 260, 273, 276, 281, 286, 286⁽⁶⁹⁸⁾, 291, 294, 295, 306, 328, 338, 369, 375, 377, 385, 401, 424, 439, 443, 447⁽⁹³⁶⁾, 447⁽⁹³⁷⁾, 447⁽⁹³⁹⁾, 448, 452⁽⁹⁵⁸⁾, 459⁽⁹⁷⁵⁾, 463⁽⁹⁹⁷⁾, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 465, 474, 474⁽¹⁰³¹⁾, 476, 483⁽¹⁰⁶⁴⁾, 485⁽¹⁰⁷⁵⁾, 486, 486⁽¹⁰⁸⁰⁾, 487⁽¹⁰⁹³⁾, 489⁽¹¹⁰³⁾, 491, 492, 492⁽¹¹²³⁾, 492⁽¹¹²⁵⁾, 495, 496, 496⁽¹¹⁴⁴⁾, 497, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 500⁽¹¹⁷³⁾, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 510⁽¹²²⁴⁾, 511⁽¹²³¹⁾, 514, 514⁽¹²⁴⁰⁾, 514⁽¹²⁴⁴⁾, 516, 518, 519, 524⁽¹³³⁸⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 528⁽¹³⁶¹⁾, 530⁽¹³⁶⁹⁾, 536, 537⁽¹³⁹²⁾, 538, 540, 544, 545, 548, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾, 552, 552⁽¹⁴⁵⁶⁾, 555, 560, 560⁽¹⁴⁸¹⁾, 561, 562
- Cristo, Deus Pai, Espírito Santo – 369, 514⁽¹²⁴⁰⁾
- Cristo e a Mulher Adúltera – 50⁽¹⁴⁹⁾, 98, 162
- Cristo Entregando as Chaves a São Pedro – 182, 182⁽⁴⁹⁸⁾
- Cristo na Coluna – 105⁽²²⁹⁾, 108, 174⁽⁴⁷¹⁾, 279, 291, 443, 500⁽¹¹⁷⁴⁾
- Cristo Salvando São Pedro – 164
- Jesus ante Caifás – 218, 333⁽⁷⁵⁰⁾, 279, 445, 484
- Jesus Crucificado – 151, 156, 205, 253, 286, 286⁽⁶⁹⁸⁾, 404, 524, 551, 551⁽¹⁴⁵⁴⁾, 559
- Jesus Distribuindo os Pães – 536
- Jesus e a Samaritana – 133, 147, 464, 548
- Jesus em Casa de Marta e Maria – 184, 500⁽¹¹⁷³⁾
- Jesus entre as Ciganas – 487⁽¹⁰⁸⁹⁾, 490⁽¹¹⁰⁵⁾, 496, 515⁽¹²⁵⁶⁾
- Jesus entre as Crianças – 253
- Jesus entre os Doutores – 97, 104, 143⁽³⁵⁷⁾, 156, 159, 215, 216, 263, 265, 276, 402, 430, 433, 447⁽⁹³⁶⁾, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 465, 511⁽¹²²⁹⁾, 516, 518, 534, 536, 555
- Jesus Expulsando os Vendilhões do Templo – 494, 525⁽¹³⁴⁰⁾
- Jesus Falando aos Discípulos – 147
- Jesus, Maria e José – 143, 167
- Jesus Cura um Hidrópico – 162
- Jesus na Barca – 278

- Jesus na Sinagoga – 413, 525
- Jesus no Horto – 50⁽¹⁴⁹⁾, 105⁽²²⁹⁾, 157, 171, 174⁽⁴⁷¹⁾, 211, 218, 229, 270, 279, 291, 294, 333⁽⁷⁵¹⁾, 406, 445, 484, 493, 500⁽¹¹⁷²⁾, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 524⁽¹³³⁸⁾
- Jesus no Monte das Oliveiras – 147, 534
- Jesus Orando – 166
- Jesus Perante Pilatos, ou na Varanda de Pilatos – 270, 294, 333⁽⁷⁵¹⁾, 444, 494, 494⁽¹¹³⁴⁾, 524⁽¹³³⁸⁾
- José de Arimateia – 280⁽⁶⁸⁰⁾, 511⁽¹²³¹⁾
- Menino Jesus – 119, 120, 122, 142, 158, 159, 179, 187, 189, 240, 268, 301, 393, 482, 518⁽¹²⁶⁸⁾
- Pecadora Arrependida Secando os Pés de Cristo com os seus cabelos – 500⁽¹¹⁷³⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 530⁽¹³⁶⁹⁾
- Senhor do Bonfim – 487, 503
- Senhor da Cana Verde – 98, 105⁽²²⁹⁾, 164, 174⁽⁴⁷¹⁾
- Senhor Jesus dos Terramotos – 518⁽¹²⁶⁵⁾
- Senhor dos Passos – 298
- Símbolos da Paixão – 105, 105⁽²²⁹⁾, 108, 169⁽⁴⁴⁵⁾, 175⁽⁴⁷⁴⁾, 216, 281, 291, 294, 490⁽¹¹⁰⁹⁾, 492⁽¹¹²³⁾, 492⁽¹¹²⁴⁾, 517, 537⁽¹³⁹⁴⁾, 539⁽¹⁴⁰⁸⁾
- Santíssima Trindade – 118, 119, 120, 149, 293, 417, 447⁽⁹³⁹⁾, 514⁽¹²⁴²⁾, 539, 557⁽¹⁴⁷¹⁾
- Transfiguração – 482⁽¹⁰⁵⁹⁾
- Última Ceia – 162, 196, 471, 496, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 533
- Vida de Cristo – 97, 99, 132, 156, 218, 225, 260, 401, 406, 460, 494, 519, 519⁽¹²⁷³⁾, 530⁽¹³⁶⁹⁾, 544, 561

NOSSA SENHORA

- Anunciação – 99, 103, 116, 138⁽³³⁵⁾, 143⁽³⁵⁷⁾, 156, 159, 165, 167, 179, 189, 190, 192⁽⁵²⁶⁾, 193, 193⁽⁵²⁹⁾, 209, 215, 216, 218, 220, 222, 226, 229, 244, 232, 234, 235, 238, 240, 244, 245, 246, 247, 249, 260, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 291, 296, 328, 334, 343⁽⁷⁶⁹⁾, 392, 398, 404, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 418, 427, 429, 431, 433, 434, 447⁽⁹³⁶⁾, 448⁽⁹⁴⁰⁾, 450, 459, 460, 461, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 461⁽⁹⁸⁸⁾, 464, 465, 467, 471⁽¹⁰²⁰⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 479⁽¹⁰⁴⁹⁾, 483⁽¹⁰⁶⁶⁾, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 508, 510, 511⁽¹²²⁹⁾, 516, 516⁽¹²⁵⁷⁾, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 519⁽¹²⁷⁶⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 532, 533, 534, 539⁽¹⁴⁰⁷⁾, 549, 558
- Aparição da Virgem a São Bernardo – 247, 392⁽⁸⁴²⁾, 542⁽¹⁴²⁰⁾
- Aparição de Nossa Senhora da Conceição a um Santo – 194
- Aparição do Espírito Santo à Virgem – 193

Apresentação de Nossa Senhora no Templo – 99, 103, 116, 116⁽²⁶⁹⁾, 138⁽³⁵⁵⁾, 143⁽³⁵⁷⁾, 146, 159, 179⁽⁴⁸⁶⁾, 189, 189⁽⁵¹⁹⁾, 218, 222, 229, 234, 247, 249, 254, 274, 276, 279, 291, 328, 334, 404, 412, 413, 418, 431, 434, 444, 447⁽⁹³⁶⁾, 448, 459, 460, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462, 462⁽⁹⁸⁹⁾, 471⁽¹⁰²⁰⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 483, 483⁽¹⁰⁶⁶⁾, 487⁽¹⁰⁹⁰⁾, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 494⁽¹¹³³⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 516, 517, 524⁽¹³³⁸⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 530⁽¹³⁷²⁾, 532, 539⁽¹⁴⁰⁷⁾, 540⁽¹⁴¹²⁾, 555, 559

Assunção – 50⁽¹⁴⁹⁾, 104, 143, 143⁽³⁵⁷⁾, 146, 152, 156, 162, 162⁽⁴²⁴⁾, 189, 194, 242, 246, 247, 265, 265⁽⁶⁶¹⁾, 274, 279, 378, 413, 432, 457⁽⁹⁶⁹⁾, 459, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 479⁽¹⁰⁴⁹⁾, 481⁽¹⁰⁵⁵⁾, 482, 484, 493⁽¹¹²⁶⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 517, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 532, 555, 559

Casamento de Nossa Senhora – 99, 116, 159, 165, 169, 220, 229, 238, 247, 249, 274, 277, 279, 291, 328, 368, 389, 413, 418, 431, 448, 460, 461, 490, 524⁽¹³³⁸⁾, 559

Coroação de Nossa Senhora – 104, 149, 196, 232, 266, 432, 448, 508, 514⁽¹²⁴⁰⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 526⁽¹³⁴⁶⁾, 532, 539, 558

Descanso na Fuga para o Egito – 104, 146, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 232, 263, 400, 412, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 486⁽¹⁰⁸⁰⁾, 487⁽¹⁰⁸⁹⁾, 496, 498⁽¹¹⁵²⁾, 536, 549

Desposórios, Esponsórios – 103, 139, 143⁽³⁵⁷⁾, 155, 156, 189, 189⁽⁵¹⁹⁾, 190, 222, 232, 276, 318⁽⁷³³⁾, 334, 404, 408, 411, 434, 448, 447⁽⁹³⁶⁾, 467, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 482, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 511⁽¹²³⁰⁾, 516, 518, 526, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 532, 536, 543

Dormição – 104, 143⁽³⁵⁷⁾, 158, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 493⁽¹¹²⁶⁾, 532

Educação da Virgem – 103, 123, 143⁽³⁵⁷⁾, 155, 162, 244, 444, 448, 460, 467, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾

Fuga para o Egito – 49⁽¹⁴⁹⁾, 104, 123, 139, 143⁽³⁵⁷⁾, 155, 156, 159, 166, 176, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 183, 189, 190, 218, 226, 229, 235, 244, 245, 263, 274, 343⁽⁷⁶⁹⁾, 378, 380, 389, 400, 402, 411, 412, 413, 442, 447⁽⁹³⁶⁾, 448, 460, 461, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 465, 468, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 486⁽¹⁰⁸⁰⁾, 487, 490⁽¹¹⁰⁵⁾, 498, 498⁽¹¹⁵²⁾, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 511⁽¹²²⁹⁾, 515⁽¹²⁵⁶⁾, 516, 516⁽¹²⁵⁷⁾, 518, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁶⁾, 532, 536, 549

Morte da Virgem – 245, 328⁽⁷⁴⁵⁾, 490, 511⁽¹²²⁹⁾, 516

Morte de Nossa Senhora – 274, 389, 409

Nascimento de Nossa Senhora – 116⁽²⁶⁹⁾, 220, 232, 238, 247, 276, 279, 291, 334, 404, 418, 431, 448, 472, 486, 516, 516⁽¹²⁷⁴⁾, 533, 536, 555

Natividade – 46, 99, 109, 116⁽²⁶⁹⁾, 117, 143⁽³⁵⁷⁾, 154, 156, 176⁽⁴⁷⁶⁾, 196, 222, 234, 273, 284⁽⁶⁹¹⁾, 418, 447, 479⁽¹⁰⁴⁹⁾, 518⁽¹²⁶⁸⁾

Nossa Senhora – 192, 245, 256, 266, 285, 298, 331

Nossa Senhora com o Menino – 119, 158, 159, 164, 196, 263, 326⁽⁷⁴³⁾, 338, 361, 392, 400, 446, 450, 453, 454, 457, 458, 459, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 464, 474, 478, 480⁽¹⁰⁵⁰⁾, 481, 486, 487, 511, 526, 531, 532, 533, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾, 548, 561

Nossa Senhora da Atalaia – 459

Nossa Senhora da Boa Viagem – 86, 389, 390

Nossa Senhora da Conceição – 91, 92, 100⁽²⁰⁷⁾, 113, 115, 123, 162, 192, 194, 219, 222, 245, 246, 264, 269, 290, 305, 324, 363, 369, 378, 388, 408, 410, 419, 430, 432, 436, 448, 453, 459⁽⁹⁷⁷⁾, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 464, 466, 471, 473, 478, 481, 483⁽¹⁰⁶⁶⁾, 488, 493⁽¹¹²⁶⁾, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 527, 531, 531

Nossa Senhora da Conceição da Penha de França – 122

Nossa Senhora da Estrela – 493⁽¹¹²⁶⁾, 493⁽¹¹²⁷⁾, 493⁽¹¹²⁸⁾

Nossa Senhora da Glória – 432

Nossa Senhora da Graça – 284, 547

Nossa Senhora da Guia – 158

Nossa Senhora da Lapa – 389

Nossa Senhora da Misericórdia – 98, 250, 284⁽⁶⁹⁰⁾, 416, 423, 476⁽¹⁰³⁷⁾, 511⁽¹²³¹⁾

Nossa Senhora da Nazaré – 266, 475

Nossa Senhora da Penha de França – 324, 386, 474

Nossa Senhora da Peninha – 347

Nossa Senhora da Piedade – 195, 338, 476⁽¹⁰³⁷⁾, 489⁽¹¹⁰⁴⁾

Nossa Senhora da Salvação – 296

Nossa Senhora da Vitória – 378

Nossa Senhora dando o rosário a São Domingos – 256, 286, 425, 446, 478, 481

Nossa Senhora das Almas – 555

Nossa Senhora das Brotas – 527, 527⁽¹³⁴⁹⁾

Nossa Senhora das Dores – 167, 233, 268, 389, 553

Nossa Senhora do Cabo – 450, 470, 470⁽¹⁰¹⁰⁾

Nossa Senhora do Carmo – 229, 277, 357, 361, 386, 392, 404, 452, 490, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 511, 538, 546, 554, 562

Nossa Senhora do Livramento – 217

Nossa Senhora do Pé da Cruz – 233, 416

Nossa Senhora do Pilar – 158, 158, 159, 440, 447⁽⁹³⁵⁾, 486⁽¹⁰⁸¹⁾

Nossa Senhora do Pópulo – 119

Nossa Senhora do Resgate – 479

Nossa Senhora do Rosário – 143⁽³⁵⁷⁾, 286, 298, 385, 425, 453, 457, 458, 460, 491, 532

Nossa Senhora dos Anjos – 475

Nossa Senhora dos Remédios – 391

Nossa Senhora Mãe dos Homens – 527

Regina Angelorum – 162, 477⁽¹⁰⁴¹⁾

Regresso da Sagrada Família/Regresso do Egito – 104, 155, 156, 176, 179, 183⁽⁵⁰⁰⁾, 235⁽⁶¹¹⁾, 400⁽⁸⁵²⁾, 562

Símbolos marianos – 50⁽¹⁴⁹⁾, 96⁽¹⁹⁰⁾, 115, 123, 146, 159, 169, 192, 192⁽⁵²⁶⁾, 217, 218, 225, 227, 229, 230, 247, 255, 256, 267, 275, 297⁽⁷¹³⁾, 334, 338, 343⁽⁷⁶⁹⁾, 350, 365, 389, 400, 410, 411, 418, 439, 442, 448⁽⁹⁴⁰⁾, 450⁽⁹⁵¹⁾, 458, 462, 462⁽⁹⁸⁹⁾, 467, 469, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 474, 477, 479⁽¹⁰⁴⁹⁾, 482⁽¹⁰⁵⁷⁾, 487⁽¹⁰⁹¹⁾, 488⁽¹⁰⁹⁸⁾, 496, 499⁽¹¹⁶⁶⁾, 503⁽¹¹⁹⁶⁾, 507, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 533, 535, 542, 544, 549

Vida de Nossa Senhora – 99, 103, 116, 123, 139, 143, 144, 149, 194, 249, 260, 271, 391, 448, 477

Virgem da Anunciação – 193

Virgem no Templo – 165, 448

Visitação – 100, 103, 116, 116⁽²⁶⁹⁾, 138⁽³³⁵⁾, 143⁽³⁵⁷⁾, 155, 156, 162, 165, 171, 179, 179⁽⁴⁸⁶⁾, 189, 189⁽⁵¹⁹⁾, 190, 192⁽⁵²⁶⁾, 193, 209, 218, 220, 222, 226, 232, 234, 235, 238, 245, 247, 249, 250, 276, 278, 279, 284, 291, 296, 392, 412, 418, 423, 427, 429, 429⁽⁹⁰⁷⁾, 433, 434, 447⁽⁹³⁶⁾, 448, 450, 455, 457⁽⁹⁷⁰⁾, 459⁽⁹⁷⁵⁾, 460, 461, 461⁽⁹⁸⁶⁾, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 471⁽¹⁰²⁰⁾, 479⁽¹⁰⁴⁷⁾, 482, 487, 490, 494⁽¹¹³³⁾, 497⁽¹¹⁴⁸⁾, 499⁽¹¹⁶⁷⁾, 508, 511⁽¹²²⁹⁾, 516⁽¹²⁵⁷⁾, 518, 518⁽¹²⁶⁸⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 519⁽¹²⁷⁶⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 532, 534, 536, 539⁽¹⁴⁰⁷⁾, 543, 549, 558

Visitação a Santa Isabel – 146, 328, 448

ICONOGRAFIA DOS SANTOS

Santa Ágata – 500⁽¹¹⁷⁴⁾

Santa Ana e a Virgem – 244, 370, 493

Santa Antonina – 331

Santa Apolónia – 118, 243

Santa Bárbara – 171, 370, 519

Santa Basalisa – 480

Santa Brígida – 30, 179, 331

Santa Catarina – 154, 243, 295, 331, 452⁽⁹⁵⁸⁾, 473, 506⁽¹²⁰⁷⁾

Santa Cecília – 255

Santa Clara – 23, 49⁽¹⁴⁹⁾, 92, 180, 203, 249, 296, 297⁽⁷¹¹⁾, 338, 538, 553

Santa Escolástica – 101, 136, 137, 182, 182⁽⁴⁹⁷⁾

Santa Eufémia – 126

Santa Genoveva – 431

Santa Gertrudes – 377

Santa Helena – 393

Santa Inês – 243

Santa Iria – 387, 412, 513⁽¹²³⁸⁾

Santa Isabel – 100, 116⁽²⁶⁹⁾, 146, 189⁽⁵¹⁹⁾, 203, 240, 328, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 482, 490, 490⁽¹¹¹¹⁾, 490⁽¹¹¹²⁾, 490⁽¹¹¹³⁾, 493, 493⁽¹¹³⁰⁾, 513⁽¹²³⁸⁾

Santa Isabel de Hungria – 125, 264, 296⁽⁷¹¹⁾, 515

Santa Isabel de Portugal – 264, 515

Santa Joana – 186

Santa Justa – 507

Santa Liberata – 127

Santa Luzia – 243, 331, 500⁽¹¹⁷⁴⁾

Santa Marciana – 127

Santa Maria Egípcíaca – 50⁽¹⁴⁹⁾, 179, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 251

Santa Maria Madalena – 161, 233, 234, 251, 389, 431, 459⁽⁹⁷⁵⁾, 479, 505, 505⁽¹²⁰⁴⁾, 514⁽¹²⁴⁹⁾, 537⁽¹³⁹⁵⁾, 562

Santa Margarida de Cortona – 125, 377, 535

Santa Margarida de Pazzia – 295

Santa Marinha – 127

Santa Marta – 258

Santa Mónica – 118, 120, 288

Santa Quitéria – 109⁽²⁴⁰⁾, 126

Santa Rita – 109⁽²⁴⁰⁾, 118, 121, 151, 151⁽³⁸⁹⁾, 270, 377, 393, 432, 435, 544

Santa Rita de Cássia – 120, 524⁽¹³³⁸⁾, 544

Santa Rosa – 446

Santa Rosa de Viterbo – 125, 535

Santa Rosália – 156, 396

Santa Senhorinha – 126

Santa Taís – 50⁽¹⁴⁹⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾

Santa Teresa (de Jesus ou de Ávila) – 469

Santa Teresinha (do Menino Jesus) – 370

Santiago – 417, 428, 447⁽⁹³⁵⁾, 451, 505⁽¹²⁰⁴⁾, 555

Santo Agostinho – 118, 118, 118⁽²⁷⁴⁾, 119, 151⁽³⁸⁹⁾, 194, 228⁽⁵⁹⁸⁾, 238, 285, 285⁽⁶⁹⁵⁾, 292, 293, 295, 327, 328, 331, 349, 447⁽⁹³⁸⁾, 475, 514, 519, 519⁽¹²⁷⁵⁾, 524⁽¹³³⁷⁾, 524⁽¹³³⁸⁾, 528, 537⁽¹³⁹²⁾, 540

Santo Alípio – 119

Santo Amaro – 456, 543, 544

Santo André – 269

Santo Antão – 50⁽¹⁴⁹⁾, 189, 282⁽⁶⁸⁷⁾, 508⁽¹²¹⁴⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 537, 537⁽¹³⁹²⁾

Santo Antão Abade – 127

Santo António – 29, 47⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 122, 142, 142, 159, 169, 174, 174⁽⁴⁷¹⁾, 178, 180, 187, 187, 188, 188⁽⁵¹⁴⁾, 194, 195, 195, 196, 197, 200, 206, 208, 209, 212, 217, 222, 228, 242, 244, 246, 248, 249, 254, 261, 264, 265, 268, 269, 270, 279, 296, 296⁽⁷¹¹⁾, 297⁽⁷¹³⁾, 298, 331, 338, 348, 356, 361, 370, 375, 384, 386, 387, 388, 392, 422, 428, 430, 435, 436, 443, 446, 446⁽⁹³⁰⁾, 450, 450, 453, 453, 456, 457, 466, 471, 473, 478, 484, 486, 487⁽¹⁰⁸³⁾, 490, 499, 514, 514⁽¹²⁴⁴⁾, 527, 533, 536⁽¹³⁹⁰⁾, 537, 537⁽¹³⁹²⁾, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾, 543, 546, 552, 552⁽¹⁴⁵⁶⁾, 556⁽¹⁴⁶⁸⁾

Santo Efrânio – 509

Santo Efremo – 432

Santo Elias – 48⁽¹⁴⁹⁾, 49⁽¹⁴⁹⁾, 100⁽²⁰⁷⁾, 200, 201, 201⁽⁵⁴⁵⁾, 202, 377, 417, 512, 521⁽¹³⁰⁹⁾,

Santo Estêvão – 416, 461

Santo Inácio – 49⁽¹⁴⁹⁾, 198, 282, 377

Santo Inácio de Loiola – 49⁽¹⁴⁹⁾, 199, 282⁽⁶⁸⁷⁾, 288, 457

Santo Onofre – 431, 509

Santos Franciscanos – 265, 297⁽⁷¹³⁾, 323,

São Agatão – 563

São Asisoló – 126

São Ausberto – 126

São Bartolomeu – 171, 295, 392

São Basílio – 432

São Bazílio, Arcebispo – 126

São Benedito – 244

São Bento – 48⁽¹⁴⁹⁾, 101, 101, 105, 105⁽²³⁰⁾, 105⁽²³¹⁾, 106, 107, 107⁽²³⁵⁾, 122⁽²⁸³⁾, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 181, 181⁽⁴⁹⁴⁾, 182, 182⁽⁴⁹⁷⁾, 286, 299, 431, 480⁽¹⁰⁵⁰⁾, 496, 528, 542

São Bento de Núrsia – 106, 122⁽²⁸³⁾, 133, 149, 169⁽⁴⁴⁰⁾

São Bernardino de Siena – 295, 297⁽⁷¹³⁾, 419

São Bernardo – 48⁽¹⁴⁹⁾, 102, 102, 102⁽²¹⁹⁾, 122, 177⁽⁴⁷⁹⁾, 237, 247, 392⁽⁸⁴²⁾, 487⁽¹⁰⁸⁵⁾, 496, 518, 528⁽¹³⁵⁹⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 542⁽¹⁴²⁰⁾, 550

São Boaventura – 117⁽²⁷⁰⁾, 264, 297⁽⁷¹³⁾

São Bonifácio – 119

São Brás – 450

São Brissos – 509

São Bruno – 432

São Cristóvão – 189, 241, 256, 268, 500, 500⁽¹¹⁷⁴⁾

São Cucufate – 127

São Dâmaso – 141, 563⁽¹⁴⁹²⁾

São Diogo – 243, 297, 427, 485, 498

São Dionísio – 563

São Domingos – 105, 188, 219, 251, 256, 286, 299⁽⁷¹⁸⁾, 300, 300⁽⁷¹⁹⁾, 384, 386, 392, 424, 425, 439, 446, 452, 478, 481, 489, 491, 491⁽¹¹¹⁷⁾, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 515⁽¹²⁵⁵⁾, 554

São Eduardo de Inglaterra – 504

São Escoto – 262

São Estanislau de Kostka – 288

São Eustáquio – 504

São Felistorcão – 126

São Filipe – 232, 479⁽¹⁰⁴⁹⁾

São Filipe Néri – 510

São Francisco – 49⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 92, 116, 116, 117, 117⁽²⁷⁰⁾, 123⁽²⁸⁴⁾, 125, 138, 143, 149, 150⁽³⁸⁶⁾, 180, 180, 181, 188, 188⁽⁵¹⁴⁾, 203, 204, 208, 222, 228, 238, 244, 248, 249, 255, 256, 257, 265, 286, 286⁽⁶⁹⁷⁾, 286⁽⁶⁹⁸⁾, 296, 297⁽⁷¹²⁾, 297⁽⁷¹³⁾, 298, 300⁽⁷²⁰⁾, 375, 420, 422, 436, 437, 437⁽⁹¹⁸⁾, 438, 439, 443, 446, 447⁽⁹³⁵⁾, 450, 456, 457, 470⁽¹⁰¹⁵⁾, 471, 476⁽¹⁰³⁹⁾, 485, 485⁽¹⁰⁷⁵⁾, 487⁽¹⁰⁸⁵⁾, 488, 489, 489⁽¹¹⁰²⁾, 489⁽¹¹⁰³⁾, 491, 497⁽¹¹⁴⁷⁾, 500, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 503, 512, 515, 515⁽¹²⁵³⁾, 515⁽¹²⁵⁴⁾, 515⁽¹²⁵⁵⁾, 524, 526, 528⁽¹³⁶¹⁾, 529⁽¹³⁶²⁾, 531, 531⁽¹³⁷⁸⁾, 532, 535, 536⁽¹³⁹⁰⁾, 538, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾, 543, 547, 550, 553, 554

São Francisco de Borja – 477, 478, 527

São Francisco de Paula – 381, 509, 550⁽¹⁴⁴⁷⁾

São Francisco Xavier – 49⁽¹⁴⁹⁾, 79, 96, 96⁽¹⁹⁰⁾, 199, 282, 285, 288, 289

São Fulgêncio – 119, 432

São Gabriel – 460⁽⁹⁸⁰⁾, 462⁽⁹⁸⁸⁾, 487⁽¹⁰⁸⁵⁾

São Geraldo – 129, 131, 131⁽³¹⁷⁾

São Gonçalo – 127

São Gonçalo de Amarante – 188

São Gonçalo de Lagos – 227, 414, 415

São Gregório – 109⁽²³⁹⁾, 442

São Inácio B. – 504

São Ivo – 264

São Jacinto – 239, 491

São Jacob de Marca – 297⁽⁷¹³⁾

São Jerónimo – 150, 150⁽³⁸⁶⁾, 189, 205, 261, 367, 377, 505⁽¹²⁰²⁾, 509, 519, 519⁽¹²⁷⁵⁾, 523, 539⁽¹⁴⁰⁵⁾

São João – 95, 156, 168⁽⁴³⁹⁾, 160, 177, 233, 240, 241, 261, 263, 325, 393, 463⁽⁹⁹⁷⁾, 482, 490

São João Baptista – 100, 151, 155, 159, 167, 171, 176, 176⁽⁴⁷⁷⁾, 177⁽⁴⁷⁹⁾, 182, 182⁽⁴⁹⁹⁾, 240, 244, 269, 282, 282⁽⁶⁸⁷⁾, 298, 353, 357, 363, 396, 413, 424, 429, 432, 443, 447, 447⁽⁹³⁷⁾, 448⁽⁹⁴⁰⁾, 449⁽⁹⁴⁷⁾, 457⁽⁹⁷⁰⁾, 458, 466, 466⁽¹⁰⁰³⁾, 472, 480, 490⁽¹¹¹¹⁾, 495, 496, 496⁽¹¹⁴⁴⁾, 498, 500⁽¹¹⁷⁴⁾, 505⁽¹²⁰⁴⁾, 514⁽¹²⁴⁹⁾, 521⁽¹³⁰⁹⁾, 537⁽¹³⁹³⁾

São João Capristano – 243

São João da Cruz – 291

São João da Mata – 331

São João de Deus – 301 ⁽⁷²⁴⁾, 534

São João Evangelista – 157, 168 ⁽⁴³⁹⁾, 176 ⁽⁴⁷⁷⁾, 209, 246, 389, 390, 419, 419 ⁽⁸⁸⁵⁾, 432, 447 ⁽⁹³⁸⁾, 505, 505 ⁽¹²⁰³⁾, 505 ⁽¹²⁰⁴⁾, 509 ⁽¹²²¹⁾, 514 ⁽¹²⁴⁷⁾, 537 ⁽¹³⁹³⁾

São Joaquim – 100, 116 ⁽²⁶⁹⁾, 155, 244, 298, 408, 444, 453, 479 ⁽¹⁰⁴⁷⁾

São Jorge – 256 ⁽⁶⁴⁵⁾, 333, 425, 463, 466 ⁽¹⁰⁰³⁾, 478

São José – 15, 50 ⁽¹⁴⁹⁾, 100, 104, 139, 139 ⁽³⁴⁰⁾, 143 ⁽³⁵⁷⁾, 154, 154, 154 ⁽⁴⁰⁶⁾, 155, 156, 167, 169, 169 ⁽⁴⁴⁴⁾, 176 ⁽⁴⁷⁶⁾, 189, 189 ⁽⁵¹⁹⁾, 244, 246, 263, 268, 276, 291, 297 ⁽⁷¹²⁾, 298, 325, 347, 368, 370, 384, 386, 389, 400, 412, 430, 448, 461 ⁽⁹⁸⁶⁾, 461 ⁽⁹⁸⁸⁾, 462 ⁽⁹⁸⁸⁾, 464, 466, 467, 481, 482, 515 ⁽¹²⁵⁶⁾, 518, 524 ⁽¹³³⁸⁾, 530 ⁽¹³⁷²⁾, 532, 536, 547, 561

São Judas – 232

São Julião – 480

São Leodicisio – 126

São Lourenço – 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 141, 236, 328, 342, 454, 460, 460 ⁽⁹⁸³⁾, 557, 557 ⁽¹⁴⁷¹⁾, 558 ⁽¹⁴⁷¹⁾, 564

São Lourenço Justiniano – 504, 504 ⁽¹²⁰⁰⁾, 505 ⁽¹²⁰²⁾, 524

São Lucas – 43, 95, 156, 157, 160, 214, 261, 455, 468, 482, 514 ⁽¹²⁴⁸⁾

São Luís – 264, 386

São Luís Bispo – 297 ⁽⁷¹²⁾

São Luís de França – 264, 535, 547

São Macário – 509

São Marçal – 178, 261, 268, 269, 338, 357, 361, 381, 450, 457, 478, 524

São Marcos – 95, 156, 157, 209, 261, 419, 464 ⁽⁹⁹⁷⁾, 482, 514 ⁽¹²⁴⁸⁾

São Martinho – 171, 219, 238

São Mateus – 95, 157, 160, 236, 261, 455, 482

São Matias – 233

São Mauro – 106, 122 ⁽²⁸³⁾, 134

São Maximino – 385

São Miguel – 147, 152, 167, 244, 297 ⁽⁷¹²⁾, 326 ⁽⁷⁴²⁾, 391, 425, 531, 425, 531, 538, 539 ⁽¹⁴⁰⁵⁾, 545, 554

São Miguel Arcanjo – 330, 333 ⁽⁷⁵¹⁾, 478, 533

São Narciso – 126

São Nicolau de Bari – 131, 170 ⁽⁴⁴⁷⁾, 274

São Nicolau Tolentino – 120, 121, 122 ⁽²⁸⁰⁾, 151 ⁽³⁸⁹⁾, 227, 331

São Paterno – 127

São Paulo – 101 ⁽²¹¹⁾, 138, 164 ⁽⁴²⁹⁾, 190, 232, 302, 394, 427, 447 ⁽⁹³⁵⁾, 451 ⁽⁹⁵⁷⁾, 499, 508 ⁽¹²¹⁴⁾, 525 ⁽¹³⁴⁰⁾, 537 ⁽¹³⁹²⁾

São Paulo Eremita – 50 ⁽¹⁴⁹⁾, 180, 189, 302, 480 ⁽¹⁰⁵⁰⁾, 508, 534, 547

São Pedro – 43, 49 ⁽¹⁴⁹⁾, 73 ⁽¹⁵⁷⁾, 98, 101 ⁽²¹¹⁾, 131, 133, 164, 164 ⁽⁴²⁹⁾, 182, 182 ⁽⁴⁹⁷⁾, 182 ⁽⁴⁹⁸⁾, 189, 190, 206, 210, 211, 218, 232, 243, 270, 288, 378, 387, 389, 390, 394, 408, 413, 417, 419, 430, 447 ⁽⁹³⁵⁾, 451 ⁽⁹⁵⁷⁾, 463, 463 ⁽⁹⁹⁷⁾, 464 ⁽⁹⁹⁷⁾, 481 ⁽¹⁰⁵⁴⁾, 493, 500, 500 ⁽¹¹⁷⁴⁾, 505, 505 ⁽¹²⁰⁴⁾, 509, 509 ⁽¹²²¹⁾, 517

São Pedro de Alcântara – 257, 297, 302, 302 ⁽⁷²⁵⁾, 458

São Pedro de Rates – 130, 130, 130 ⁽³¹⁰⁾, 131

São Pedro Gonçalves – 266

São Plácido – 106, 122 ⁽²⁸³⁾, 134, 145

São Policarpo – 505 ⁽¹²⁰²⁾

São Possídio – 119

São Profuturo – 126

São Rafael – 377

São Romão – 114, 134, 145, 169 ⁽⁴⁴¹⁾, 427

São Roque – 125, 244, 333 ⁽⁷⁵¹⁾, 396

São Rosendo – 126

São Salamão – 126

São Sebastião – 95, 95 ⁽¹⁸⁷⁾, 125, 125, 126, 238, 239, 261, 263, 280, 296 ⁽⁷¹¹⁾, 298, 326, 447 ⁽⁹³⁵⁾, 460, 468

São Simão – 119, 164 ⁽⁴²⁹⁾, 171, 241 ⁽⁶²¹⁾, 451 ⁽⁹⁵⁷⁾, 464 ⁽⁹⁹⁷⁾

São Simão Stock – 392, 511, 554

São Telésforo – 563 ⁽¹⁴⁹²⁾

São Tello – 143

São Teotónio – 143, 183, 183 ⁽⁵⁰¹⁾

São Tiago – 94, 108, 159, 233, 331, 428 ⁽⁹⁰⁴⁾, 440, 440 ⁽⁹²³⁾, 446, 447, 474, 474 ⁽¹⁰³¹⁾, 545

São Tiago Maior – 451 ⁽⁹⁵³⁾, 471, 486, 505, 505 ⁽¹²⁰⁴⁾

São Tomás de Aquino – 188, 520 ⁽¹²⁸⁹⁾

São Tomé – 273

São Vicente – 129, 302

São Vítor – 94, 127, 128, 128 ⁽³⁰¹⁾, 130

São Vicente Ferrer – 392

TEMAS DIVERSOS

Álbum – 46, 47, 48, 172 (458), 200 (543), 200 (543), 318

Alegorias – 45, 48 (149), 53, 75, 140, 152, 191, 192, 200, 259, 260, 285 (693), 286, 290 (704), 335, 336, 339, 349, 353, 360, 362, 372, 373, 375, 376, 378, 379, 383, 385, 388, 395, 407, 423, 452, 454, 506, 557

Atributos – 95, 105 (229), 142, 156, 167, 168 (439), 169 (445), 176 (477), 218, 295, 317 (734), 327, 457, 544

Artísticos, científicos e literários – 44, 45, 46, 123, 140, 140, 259, 270, 284, 297 (713), 323, 344, 347, 358, 361, 367, 373, 374, 375, 377, 388, 521, 522, 522, 522 (1311), 522 (1313), 522 (1318)

Batalha – 22, 44, 48 (149), 85, 86, 113, 140, 141, 152, 175, 206, 270, 283, 284, 293, 299, 313, 332, 333, 343, 344, 349, 368, 374, 385, 387, 398, 425, 438, 451 (953), 454, 469, 486, 490, 491, 499 (1168), 503, 510, 512, 522 (1311), 555, 555 (1462)

Benedictinos – 107, 107 (235), 136, 137, 146 (367), 181

Beneditinas – 48 (149), 106, 181 (494), 182 (497)

Caçadas – 4, 24, 44, 46, 48 (149), 99, 99, 103, 104, 110, 123, 123, 124, 132, 140, 141, 149, 152, 153, 154, 159 (415), 164, 172 (456), 173, 173, 174, 175, 178, 195, 197, 197 (537), 205, 207, 209 (559), 213 (573), 230 (604), 235, 243, 246, 247, 257, 260, 261, 269, 270, 278, 281, 283, 297 (712), 297 (713), 304, 308, 310, 313, 314, 315, 316, 320, 323, 326, 330, 332, 336, 337, 337, 339, 340, 343, 344, 344 (772), 345, 346, 346 (776), 347, 348, 356, 357, 358, 360, 361, 363, 364, 365, 367, 368, 369, 371, 372, 372, 373, 374, 375, 377, 380, 390, 393, 394, 401, 402, 406, 407, 411, 412, 420 (888), 421, 423, 424, 433, 444, 463, 464, 466 (1002), 469, 469 (1008), 470, 471, 476, 486, 487, 489, 492, 493, 495, 495 (1142), 496, 497, 498, 510, 510 (1224), 512, 517, 517, 520 (1287), 523, 537, 538, 544

Carmelitas – 48 (149), 186, 186 (510), 271, 297

Cenas frívolas, Festas galantes – 24, 48 (149), 123, 124, 140, 150, 154, 160, 178, 183, 213 (573), 214, 272, 280, 281, 334, 336, 337, 338, 340, 341, 346 (776), 348, 351, 361, 372, 375, 376, 380, 382, 384, 390, 401, 411, 412, 434, 444, 454, 470 (1009), 471, 496, 497 (1149), 509, 512 (1234), 513 (1238), 520 (1287)

Cenas marítimas e portuárias – 48 (195), 85, 86, 87, 123, 281, 337, 339 (762), 340, 346, 347, 349, 360, 361, 365, 368, 374, 377, 380, 398, 407, 420 (888), 493, 497 (1149), 520 (1287), 523 (1329)

Cenas régias – 177 (478)

Cister – 48 (149), 50 (149), 176 (476), 225, 495, 496, 528 (1360)

Clarissas – 249, 477 (1041), 539, 543

Cónegos Regrantes de Santo Agostinho – 93, 94 (181), 119, 140 (341), 143 (358), 148 (371), 156, 159, 183 (501), 216 (580), 302

Congregação dos Monges Negros de São Bento – 48 (149), 102, 136

Cenas cristológicas – 49 (149), 50 (149), 97, 120, 154, 161, 165 (432), 216, 217, 297 (713), 482 (1060)

Desacato – 249, 383

Dominicanos – 299, 300 (719), 424, 450 (951)

Emblemas – 44, 50 (149), 74, 96, 105, 106, 115, 146, 146 (366), 165, 169, 171, 181, 186, 188, 192, 206, 211 (569), 215, 216, 218, 220, 225, 227, 230, 234, 247, 250, 254, 256, 264, 273, 275, 276, 279, 285, 286, 296, 324, 328, 348, 365, 370, 377, 389, 390, 395, 400, 408, 409, 410, 411, 412, 417, 418, 438, 439, 442, 443, 445, 451, 452, 454, 462, 469, 474, 477, 482, 484, 486, 490, 491, 495 (1139), 498 (1152), 499, 505, 508, 522 (1317), 526 (1341), 526 (1347), 535, 535 (1386), 542, 544, 548, 549, 551, 551 (1454), 557

Eremitas – 50 (149), 100, 115, 117, 122, 122 (280), 122 (282), 133, 140, 150 (386), 155, 159, 179, 180 (490), 187 (512), 188 (514), 199, 213 (573), 215, 295 (709), 298 (716), 448, 449 (945), 454 (963), 470 (1015), 475, 479 (1049), 480 (1050), 487, 489 (1101), 490, 496, 518, 525 (1340), 526 (1341), 537, 537 (1394), 539 (1405), 540 (1412)

Eremitas de Santo Agostinho – 122, 122 (280)

Ermitões – 15, 115, 122, 150, 180, 186, 188, 189, 194, 231, 235, 238, 239, 249, 250, 266, 270, 290, 295, 299, 336, 347, 380, 384, 387, 389, 434, 438, 440, 442, 444, 445, 446, 449, 454, 472, 476, 481, 528

Fábulas – 44, 48 (149), 306 (732), 309, 310, 310 (733)

Franciscanos – 49 (149), 91 (168), 152 (393), 160 (419), 164 (427), 173 (462), 188 (514), 195 (532), 203, 254, 255, 265, 297 (713), 323, 388, 458, 476 (1039), 485 (1075), 533, 535, 535 (1386)

Heráldicos – 120, 169, 172, 189, 199, 199, 203, 205, 220, 231, 237, 239, 241, 264, 282, 285 (693), 297 (713), 300, 305, 317 (734), 318 (734), 322, 324, 326, 340, 341, 344, 348, 349, 406, 408, 434, 436, 452, 469, 473, 476 (1037), 488 (1098), 491, 491 (1117), 496, 504, 505, 513 (1238), 518, 528, 528 (1361), 543, 545

Históricos – 86, 104, 105, 124, 152, 175, 183, 186, 206, 253, 283, 287, 291, 305, 306, 336, 385, 391, 439, 499, 545, 553

Holandês – 13, 14, 15, 16, 21, 24, 72, 73, 73 (159), 85, 87, 132, 185, 189, 224, 224 (592), 230, 243, 246, 255, 263, 272, 282, 284, 286, 336, 343, 377, 379, 390, 398, 454, 520, 522

Lóios, Conventos dos – 19, 21, 21 (21), 22, 23, 26, 27, 29, 33, 80, 108, 109 (239), 524, 530

Mártires de Marrocos – 91, 91 (168), 253

Metamorfoses – 48 (149), 153, 153 (399), 172, 172 (459), 271, 336, 341, 344 (772), 407

Mitológicos – 43, 44, 45, 48 (149), 99, 154, 171, 172 (459), 260, 269, 271, 272, 297 (713), 311, 312, 329, 335, 338, 339, 340, 341, 343, 344, 351, 352, 353, 360, 361, 367, 370, 373, 374, 381, 383, 396, 401 (854), 404, 407, 420 (888), 466 (1002), 486

Obras de Misericórdia – 44, 50⁽¹⁴⁹⁾, 92, 92, 92⁽¹⁷⁵⁾, 93, 97, 97⁽¹⁹⁵⁾, 161, 171⁽⁴⁵⁶⁾, 423, 427, 436, 459, 459⁽⁹⁷⁴⁾, 459⁽⁹⁷⁵⁾, 460, 460⁽⁹⁸¹⁾, 501, 501⁽¹¹⁸¹⁾, 501⁽¹¹⁸²⁾, 501⁽¹¹⁸³⁾, 507, 511, 511⁽¹²³¹⁾, 525⁽¹³⁴⁰⁾, 515, 547

Paisagens:

Cenas agrícolas, campestres e pastoris – 48⁽¹⁴⁹⁾, 104, 110, 123, 124, 140, 152, 153, 163, 164, 171, 180, 187, 195, 198, 205, 209, 209⁽⁵⁵⁹⁾, 213⁽⁵⁷³⁾, 224, 224, 271, 269, 297⁽⁷¹²⁾, 297⁽⁷¹³⁾, 312, 314, 316, 318, 330⁽⁷⁴⁶⁾, 332, 339⁽⁷⁶²⁾, 340, 345, 345⁽⁷⁷³⁾, 346, 346⁽⁷⁷⁶⁾, 354, 360, 361, 361, 367, 373, 375, 377, 380, 388, 397, 407, 410, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 440, 442, 444, 466, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 470⁽¹⁰⁰⁹⁾, 485, 512, 523, 541, 561

Portos fluviais, docas, estivadores – 48⁽¹⁹⁵⁾, 85, 99, 110, 124, 132, 160, 163, 164, 281, 330, 370, 407, 490

Porteiros ou Figuras de Convite – 8, 35⁽¹¹¹⁾, 38⁽¹⁴⁵⁾, 130, 131, 164, 172, 256, 256⁽⁶⁴⁴⁾, 332⁽⁷⁴⁹⁾, 338, 347, 348, 360⁽⁸⁰⁶⁾, 366, 368, 372, 381, 383, 388, 402, 430⁽⁹¹⁰⁾, 436⁽⁹¹⁷⁾, 445, 445⁽⁹²⁹⁾, 457, 464, 470⁽¹⁰⁰⁹⁾, 471, 474, 520, 520⁽¹²⁸⁴⁾, 521, 556, 556⁽¹⁴⁶⁷⁾

Quatro Elementos – 43, 172⁽⁴⁵⁹⁾, 198, 210, 332, 335, 407, 469, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾, 520

Quatro Estações – 43, 152, 154, 154⁽⁴⁰¹⁾, 174, 231, 269, 285⁽⁶⁹³⁾, 356, 371, 373, 384, 388, 395, 407, 469, 469⁽¹⁰⁰⁸⁾

Recolhimento – 114, 139, 187⁽⁵¹²⁾, 294, 294⁽⁷⁰⁷⁾, 295, 329, 346, 356

Santuário – 48⁽¹⁴⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 100, 103⁽²²⁴⁾, 142, 143⁽³⁵⁷⁾, 204⁽⁵⁴⁹⁾, 247, 258, 262, 265, 399, 403, 461, 470, 470, 531, 539⁽¹⁴⁰⁶⁾

Terceiros (ou Ordem Terceira) – 25⁽³⁴⁾, 32⁽⁹⁹⁾, 50⁽¹⁴⁹⁾, 86, 109, 118⁽²⁷⁴⁾, 124, 150, 150⁽³⁸⁶⁾, 152⁽³⁹³⁾, 157, 161⁽⁴¹⁹⁾, 188⁽⁵¹⁴⁾, 197, 206, 210, 255, 318, 324, 437⁽⁹¹⁸⁾, 515, 515⁽¹²⁵⁴⁾, 528, 532, 533, 535, 535⁽¹³⁸⁴⁾, 553, 553⁽¹⁴⁵⁸⁾

Torre – 47, 95, 96, 115, 123, 159, 165, 180, 211⁽⁵⁶⁹⁾, 217, 276, 281, 282, 291, 305, 308, 327, 333, 383, 400, 423, 429, 448, 473, 477, 487⁽¹⁰⁹¹⁾, 499⁽¹¹⁶⁶⁾, 511⁽¹²³¹⁾, 519⁽¹²⁷⁴⁾, 549

Vistas de Lisboa – 86, 277, 281, 287, 323

Virtudes – 43, 44, 102⁽²¹⁹⁾, 137, 162⁽⁴²³⁾, 192, 247, 395, 452, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 557⁽¹⁴⁷¹⁾, 558⁽¹⁴⁷¹⁾

ÍNDICE CRONOLÓGICO^(*)

- 1628** – 44, 279
- 1686-99** – 262
- 1690** – 20, 21, 22, 23, 286
- 1690-1700** – 286
- 1692** – 23⁽²⁷⁾, 25⁽³⁸⁾, 127⁽²⁹⁸⁾, 393, 393⁽⁸⁴⁴⁾, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 443, 486⁽¹⁰⁸¹⁾, 488⁽¹⁰⁹⁶⁾
- 1692-1700** – 296
- 1695-1700** – 549
- 1696** – 213, 470⁽¹⁰¹⁴⁾
- 1697** – 22, 25, 33, 95, 193⁽⁵²⁷⁾, 332
- 1698** – 22, 44, 48, 189, 481, 543
- 1699** – 19, 198⁽⁵³⁸⁾, 340, 205⁽⁵⁴⁹⁾, 262, 270, 530
- 1700** – 23, 33, 137, 165⁽⁴³¹⁾, 173, 240, 244, 453, 470, 504, 541, 549
- 1701** – 20⁽¹³⁾, 26, 30, 36, 73⁽¹⁵⁷⁾, 101, 213, 288, 469⁽¹⁰⁰⁹⁾, 470⁽¹⁰¹⁰⁾
- 1702** – 30, 33⁽¹⁰⁵⁾, 36, 124, 129, 132, 223, 204, 223, 213, 440⁽⁹²⁴⁾, 493⁽¹¹²⁷⁾, 510⁽¹²²⁶⁾, 514
- 1706** – 253, 352, 452, 453, 501⁽¹¹⁷⁹⁾, 509
- 1707** – 20⁽¹²⁾, 36, 113, 140, 210, 211, 470⁽¹⁰¹⁰⁾
- 1710** – 142, 177, 325, 372, 421, 441, 470
- 1710-15** – 499, 526
- 1710-30** – 407
- 1711** – 34, 351, 405, 524, 541
- 1712** – 511
- 1713** – 102⁽²¹⁷⁾, 105, 420
- 1714** – 96⁽¹⁸⁸⁾, 222, 237, 388, 441, 508
- 1715** – 14, 102⁽²¹⁸⁾, 129, 130, 254, 278, 290, 328, 343, 387, 449⁽⁹⁴⁶⁾, 455, 473, 492⁽¹¹²⁵⁾, 517⁽¹²⁶⁰⁾, 562
- 1715-18** – 267
- 1715-20** – 323, 498, 540
- 1715-25** – 537⁽¹³⁹⁶⁾
- 1716** – 92, 237, 241, 525, 525⁽¹³⁴¹⁾, 526⁽¹³⁴¹⁾, 533
- 1717** – 116, 125, 130, 138, 139
- 1717-20** – 492, 155⁽⁴⁰⁶⁾, 169, 177, 177⁽⁴⁷⁷⁾, 302, 398, 403, 455⁽⁹⁶⁴⁾, 539
- 1718-20** – 423
- 1718-22** – 343
- 1718-23** – 472
- 1719** – 165, 268, 461, 514, 552, 555
- 1719-20** – 459⁽⁹⁷⁴⁾
- 1720** – 87, 102, 132, 138, 141, 170, 183, 244, 265, 271, 279, 290, 293, 322, 323, 344, 360, 389, 393, 407, 418, 424, 427, 438, 439, 442, 446, 447, 452, 458, 471, 472, 480, 481, 417, 529⁽¹³⁶³⁾, 537, 553, 558, 560
- 1720-25** – 96, 146, 266, 299, 345, 450, 508, 547
- 1720-30** – 142, 186, 234, 283, 284, 294, 336, 351, 404, 433, 558
- 1720-40** – 421
- 1721** – 103, 116⁽²⁶⁹⁾, 265, 428, 459, 471⁽¹⁰¹⁸⁾
- 1721-26** – 511
- 1722** – 7, 21, 24, 27, 28, 30, 96⁽¹⁹⁵⁾, 114, 130⁽³¹²⁾, 133⁽³¹⁹⁾, 153, 182⁽⁴⁹⁸⁾, 183⁽⁵⁰⁰⁾, 316, 492, 549⁽¹⁴⁴⁷⁾, 557⁽¹⁴⁷¹⁾
- 1723** – 429, 438, 501
- 1724** – 26, 29, 36, 38, 110, 171, 171⁽⁴⁵³⁾, 416, 429⁽⁹⁰⁵⁾, 451⁽⁹⁵⁵⁾, 487

(*) Neste novo índice remissivo não foi feita a distinção entre «datado na peça», o «datado documentalmente» e o atribuído. Este índice remeterá para todas as ocorrências apenas de datas.

- 1725 – 110⁽²⁴⁶⁾, 143, 169, 234, 269, 297, 356, 357, 412, 416, 449⁽⁹⁴⁶⁾, 474, 536
- 1725-30 – 101, 330, 267, 408, 411, 434, 513, 529
- 1726 – 91, 142⁽³⁵²⁾, 337, 443, 444, 526, 564
- 1727 – 169, 536⁽¹³⁹⁰⁾, 545⁽¹⁴³³⁾
- 1728 – 205, 485⁽¹⁰⁷³⁾, 490⁽¹¹⁰⁷⁾
- 1728-30 – 513
- 1729 – 25, 30, 35⁽¹¹⁰⁾, 37, 38⁽¹⁴⁵⁾, 128, 128⁽³⁰⁷⁾, 129, 152⁽³⁹⁵⁾, 171⁽⁴⁵³⁾, 179, 266
- 1729-31 – 403⁽⁸⁶⁰⁾
- 1730 – 116, 118, 152, 169, 182, 216, 235, 239, 254, 285, 286, 322, 232, 341, 345, 366, 373, 375, 382, 390, 394, 408, 412, 419, 422, 423, 428, 435, 438, 447, 449, 451, 461, 470, 470⁽¹⁰¹⁰⁾, 470⁽¹⁰¹⁵⁾, 480, 494, 500, 507, 524⁽¹³³⁸⁾, 528, 533, 537, 545, 552, 556, 557, 560
- 1730-35 – 404, 417, 452
- 1730-40 – 92, 128, 166, 170, 181, 206, 270, 298, 318⁽⁷³⁴⁾, 325, 391, 409, 410, 425, 431, 451⁽⁹⁵⁵⁾, 457, 464⁽⁹⁹⁷⁾, 468, 475, 487, 514
- 1730-50 – 379
- 1732 – 32, 33, 58, 80, 96⁽¹⁸⁸⁾, 161⁽⁴²²⁾, 352, 392, 463⁽⁹⁹⁶⁾, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 483⁽¹⁰⁶³⁾, 347
- 1733 – 29, 35, 37, 80, 83, 115⁽²⁶⁵⁾, 147, 152⁽³⁹⁵⁾, 153, 199, 238, 420, 550⁽¹⁴⁴⁸⁾
- 1734 – 29, 34, 35, 36, 37, 124, 180⁽⁴⁸⁹⁾, 280, 348, 397⁽⁸⁴⁸⁾, 348, 400, 401⁽⁸⁵⁴⁾, 463⁽⁹⁹⁶⁾
- 1735 – 137, 142⁽³⁵³⁾, 161, 168, 292, 340, 382, 422, 501⁽¹¹⁸⁰⁾
- 1735-37 – 535
- 1735-40 – 306⁽⁷³²⁾, 374
- 1735-45 – 249, 403
- 1736 – 26, 29, 29⁽⁷⁷⁾, 33, 34, 35, 80, 109⁽²⁴¹⁾, 128, 137, 479, 526, 526⁽¹³⁴⁸⁾
- 1738 – 34, 37, 154, 179, 210, 40, 471, 483
- 1738-40 – 483
- 1739 – 124⁽²⁹²⁾, 179, 184, 232, 495, 483⁽¹⁰⁶⁵⁾, 553
- 1739-42 – 140⁽³⁴²⁾
- 1740 – 91⁽¹⁶⁷⁾, 94, 108, 122, 138, 146, 148, 155, 162, 165, 172⁽⁴⁵⁹⁾, 176, 177, 186, 187, 190, 198, 200, 220, 227, 228, 235, 243, 246, 248, 255, 257, 272, 273, 277, 283, 286, 288, 294, 296, 297, 298, 299, 302, 311, 326, 328, 330, 337, 339, 352, 353, 354, 366, 368, 381, 383, 384, 385, 387, 399, 401, 404, 410, 412, 413, 423, 429, 430, 431, 432, 438, 443, 446, 457, 458, 462, 463, 470, 477, 478, 483, 485, 490, 498, 503, 509⁽¹²²⁰⁾, 513⁽¹²³⁸⁾, 528, 530, 531, 532, 535, 538, 545, 547, 551, 552, 553, 554
- 1740-45 – 239, 308
- 1740-50 – 87, 113, 115, 120⁽²⁷⁹⁾, 140, 147, 239, 260, 266, 267, 319, 323, 325, 387, 390, 394, 395, 408, 412, 514
- 1740-50 – 226
- 1741 – 27, 35, 49⁽¹⁴⁹⁾, 123, 151, 296, 542, 543
- 1742 – 26, 80, 83, 85, 95⁽¹⁸⁶⁾, 109, 130, 179⁽⁴⁸⁷⁾, 232, 237, 280, 454, 557, 560⁽¹⁴⁸²⁾
- 1743 – 142⁽³⁵²⁾, 161, 161⁽⁴²¹⁾, 239⁽⁶¹⁹⁾, 485, 486, 527⁽¹³⁴⁹⁾, 534, 555
- 1743-44 – 93⁽¹⁷⁹⁾
- 1744 – 26, 27, 28, 29, 80, 83, 142, 281⁽⁶⁸¹⁾, 322, 325⁽⁷⁴¹⁾, 383, 523
- 1745 – 176, 182, 208, 234, 239, 244, 259, 284, 366, 395, 410⁽⁸⁷²⁾, 419, 424, 430, 433, 462, 463, 485, 524⁽¹³³³⁾, 536, 539, 558⁽¹⁴⁷⁵⁾, 559
- 1745-46 – 232
- 1745-50 – 180, 188, 288, 365, 406, 422, 491
- 1746 – 28, 49, 142⁽³⁵²⁾, 158, 171⁽⁴⁵⁴⁾, 181, 280⁽⁶⁸⁰⁾, 281⁽⁶⁸¹⁾, 520
- 1747 – 140⁽³⁴¹⁾, 141, 184, 185, 211, 352, 417, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 427⁽⁸⁹⁹⁾, 463⁽⁹⁹⁷⁾, 520
- 1748 – 140⁽³⁴¹⁾, 178⁽⁴⁸⁴⁾, 225, 264, 264⁽⁶⁵⁶⁾, 391, 487, 510⁽¹²²⁵⁾, 518, 528⁽¹³⁵⁷⁾, 563
- 1749 – 96, 104, 136⁽³²⁶⁾, 181, 200, 205, 369, 413, 460, 521, 521⁽¹³⁰⁷⁾, 527
- 1750 – 115, 156, 160, 164, 167, 172, 173, 178, 192, 193, 219, 229, 234, 244, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 273, 287, 298, 306⁽⁷³²⁾, 326, 330, 338, 345⁽⁷⁷³⁾, 353, 356, 360, 363, 367, 370, 372, 376, 379, 387, 388, 389, 392, 410, 413, 420, 421, 427, 430, 444, 454, 657, 482, 486, 488, 490, 491, 493, 494, 497, 500, 509⁽¹²²¹⁾, 514, 515⁽¹²⁵²⁾, 531, 532, 539, 547, 562
- 1750-55 – 228, 245
- 1750-60 – 92, 113, 143, 147, 211, 231, 286, 387, 398, 409, 445, 457, 468, 537⁽¹³⁹⁵⁾, 542
- 1751 – 200, 268⁽⁶⁶³⁾, 417, 446, 459
- 1752 – 48⁽¹⁴⁸⁾, 80, 109⁽²³⁹⁾, 160, 235, 279, 392⁽⁸⁴⁰⁾, 420⁽⁸⁸⁸⁾, 448, 527, 551⁽¹⁵⁴³⁾, 527
- 1753 – 25, 26⁽⁴⁸⁾, 48⁽¹⁴⁸⁾, 124, 354, 506
- 1754 – 83, 122⁽²⁸¹⁾, 396, 524
- 1755 – 122⁽²⁸¹⁾, 165, 169, 242, 428, 518, 553
- 1755-60 – 285⁽⁶⁹³⁾, 384
- 1755-70 – 111
- 1755-84 – 407
- 1756 – 32, 37, 83, 215, 216, 282⁽⁶⁸⁶⁾, 294⁽⁷⁰⁷⁾, 539⁽¹⁴⁰⁶⁾
- 1757 – 181⁽⁴⁹¹⁾, 280, 325, 467, 477
- 1757-85 – 218

1758 – 37, 81, 83, 150, 205, 282⁽⁶⁸⁶⁾, 285, 325, 338, 385, 535,
514⁽¹²⁴⁵⁾, 470⁽¹⁰¹¹⁾, 542⁽¹⁴¹⁹⁾, 546⁽¹⁴³⁷⁾

1758-61 – 150

1760 – 123, 166, 168, 182, 194, 195, 197, 206, 210, 216, 220, 229,
244, 248, 249, 251, 274, 296, 353, 354, 366, 372, 377, 389,
394, 401, 402, 423, 425, 434, 442, 444, 450, 454, 484, 499,
515, 517, 527, 536, 551⁽¹⁴⁵³⁾, 562

1760-65 – 489

1760-70 – 113, 286, 331, 345, 356, 362, 375, 377, 388, 534, 560

1760-75 – 236

1760-80 – 421, 433

1761 – 25⁽³⁴⁾, 38, 268⁽⁶⁶⁴⁾, 554⁽¹⁴⁵⁸⁾

1762 – 277, 392

1763 – 81, 160, 167⁽⁴³⁴⁾, 181⁽⁴⁹¹⁾, 192

1765 – 28, 29, 81, 114, 208, 275, 334

1765-68 – 528⁽¹³⁶⁰⁾

1766 – 160, 174, 174⁽⁴⁷⁰⁾, 175, 220, 431

1767 – 214⁽⁵⁷⁷⁾, 353, 404⁽⁸⁶¹⁾, 458

1768 – 31, 175, 256, 338, 516⁽¹²⁵⁷⁾

1769 – 254, 282 323, 432, 442, 532

1770 – 122⁽²⁸³⁾, 133⁽³²⁰⁾, 194, 200, 203, 212, 219, 223, 225, 244,
271, 299, 301, 324, 337, 349, 353, 366, 367, 368, 375, 378, 379,
386, 390, 396, 402, 403, 418, 431, 433, 440, 452, 454, 463,
470⁽¹⁰⁰⁹⁾, 481, 489, 507⁽¹²¹¹⁾, 510, 540⁽¹⁴¹¹⁾, 543

1770-75 – 272, 359, 413

1770-80 – 156, 166, 178, 180, 228, 231, 322, 361, 406, 424, 456,
457, 490, 535

1770-90 – 379

1771 – 358, 408, 435

1773 – 32, 38, 81, 214⁽⁵⁷⁷⁾, 282⁽⁶⁸⁵⁾, 328, 460⁽⁹⁷⁹⁾

1774 – 81, 74, 94⁽¹⁸⁵⁾, 214⁽⁵⁷⁷⁾, 227, 494⁽¹¹³⁶⁾

1775 – 214, 214⁽⁵⁷⁷⁾, 275, 282⁽⁶⁸⁵⁾

1775-80 – 118, 257, 393

1775-85 – 373

1777 – 29, 37, 81, 160, 370

1778 – 282⁽⁶⁸⁵⁾, 450, 456

1778-79 – 480

1780 – 122, 163, 186, 190, 212, 1780, 220, 221, 225, 233, 250,
255, 257, 272, 279, 290, 291, 302, 324, 331, 333⁽⁷⁵¹⁾, 348, 354,
357, 362, 371, 373, 375, 384, 390, 409, 411, 418, 420, 445,
447, 451, 457, 474, 477, 484, 485, 488, 495, 508, 519⁽¹²⁷⁵⁾,
541, 545, 553

1780-90 – 194, 203, 241, 260, 268, 354, 365, 397, 407, 428, 457,
458

1781 – 32⁽⁹⁷⁾, 235, 256, 477, 477⁽¹⁰⁴¹⁾, 560⁽¹⁴⁸²⁾, 507, 560

1782 – 81, 154⁽⁴⁰⁵⁾, 358, 480⁽¹⁰⁵²⁾, 528⁽¹³⁶⁰⁾, 451⁽⁹⁵⁷⁾

1782-83 – 480⁽¹⁰⁵²⁾

1782-85 – 528⁽¹³⁶⁰⁾

1784 – 28, 30, 37, 38, 39, 200, 214, 218, 226, 327, 407, 378

1787 – 28, 30, 82, 275, 402

1788 – 82, 167⁽⁴³⁵⁾, 233, 378

1789 – 389, 390

1790 – 174⁽⁴⁶⁶⁾, 217, 188, 275, 286, 324, 325, 361, 363, 366, 368,
372, 374, 397, 398, 410, 417, 431, 456, 465, 479, 480, 491,
546, 548

1790-95 – 465

1790-1800 – 82, 83, 91, 164, 357, 394, 454

1792 – 536

1795 – 82, 230, 436, 466

1795-1800 – 82, 436, 466

1796 – 82, 200

1800 – 207, 272, 287, 249, 410, 453, 466

1800-05 – 94

1800-10 – 439⁽⁹²²⁾

1801 – 227, 354, 519⁽¹²⁷¹⁾

1904 – 227

